



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

João Victor da Mota Uzer Lima

*Make America Paranoid Again: Reconquista do conspiracionismo e
decadência das instituições do conhecimento nos Estados Unidos*
(1989 - 2016)

São Gonçalo

2024

João Victor da Mota Uzer Lima

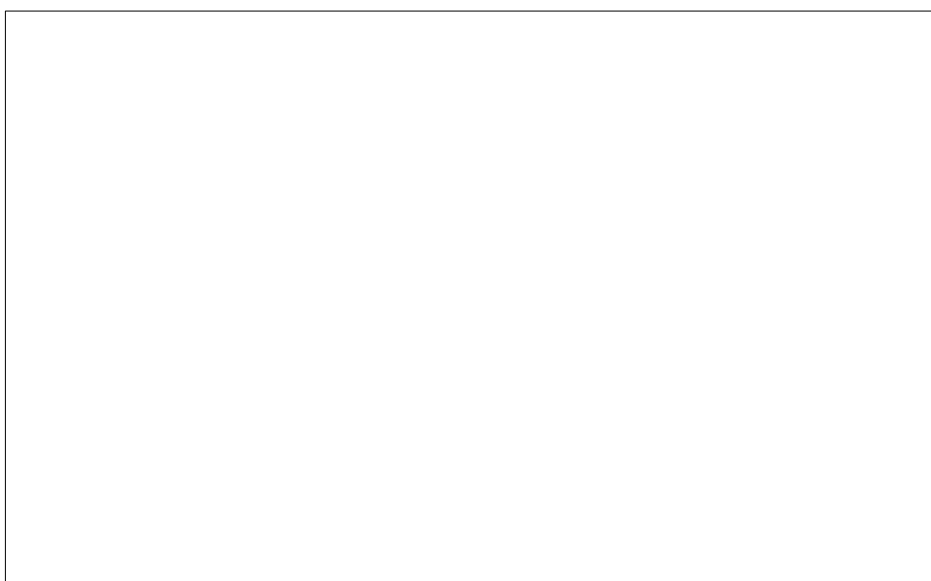
Make America Paranoid Again: Reconquista do conspiracionismo e decadência das instituições do conhecimento nos Estados Unidos (1989 – 2016)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão

São Gonçalo
2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D



Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

João Victor da Mota Uzer Lima

***“Make America Paranoid Again”*: Reconquista do conspiracionismo e decadência das instituições do conhecimento nos Estados Unidos (1989 – 2016)**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em ____ de _____ de _____.
Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Bernardo Kocher (Arguidor)
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dra. Monica Piccolo Almeida Chaves (Arguidora)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof. Dra. Martina Spohr Gonçalves (Arguidora)
Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ)

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo de Castro (Arguidor)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida (Suplente)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho conta com mais de duzentas mil palavras, mas os parágrafos mais complexos são justamente os iniciais dos agradecimentos. Não que eu não tenha a quem agradecer, ao contrário, o dilema é: como fazer justiça a pessoas tão especiais e significativas para a construção desse trabalho com simples palavras?

Primeiramente, o fundamental, a base. Não há agradecimento o suficiente para a minha família. Ao meu pai Laerte e minha mãe Ana Lúcia, um obrigado especial por toda a dedicação e apoio que dispensaram aos filhos por todos esses anos. Não consigo imaginar onde chegaria sem o apoio de vocês. O mesmo pode ser dito para a Ivy, meu amor, que me acompanha por toda minha trajetória acadêmica. Um obrigado pela paciência, amor e companheirismo que tem me dado todos esses anos. Se minha família me dá base para alcançar meus objetivos, é você quem me dá os motivos.

Um obrigado aos professores do PPGHS. Quando fiz a entrevista para o ingresso no doutorado encontrei na banca o professor Rui Aniceto e Helenice Rocha, ambos professores da graduação que me instruíram no essencial da pesquisa acadêmica, me passando o passo a passo da elaboração de resumos, resenhas e afins. Também estavam na banca o professor Eduardo Scheidt e a professora Catia Antônia Silva, com os quais tive esclarecedoras aulas durante o mestrado e doutorado. Ou seja, o agradecimento aos professores do Programa vai muito além dos anos de doutorado, mas contempla toda a minha formação. A UERJ me ensinou a pensar, e devo isso a cada um de vocês. E, claro, ao meu orientador Rafael Brandão, não tenho palavras para agradecer. Ele que sempre me foi paciente e atencioso, desde a elaboração de meu pré-projeto de mestrado (depois de eu abordá-lo subitamente nos corredores da faculdade com nada além de uma vaga ideia de pesquisa na cabeça, uma década atrás), até a realização dessa tese. Um agradecimento ainda aos professores Ricardo Figueiredo de Castro, Martina Spohr Gonçalves, Monica Piccolo Almeida Chaves e Bernardo Kocher, por aceitarem compor a banca de defesa. Ao professor Bernardo, em especial, figura presente nas qualificações e defesas do mestrado e (agora) doutorado.

Por fim, um agradecimento também aos colegas da turma de doutorado: André, Camila, Carlos, Helber, JP, Marlon, Pedro, Reinaldo e Thaís. Aflições e desesperos com prazos e datas sempre parecem menores quando compartilhados. Mas as alegrias também são amplificadas. Parabéns a todos nós.

Descobriram que a Terra é plana
e as pessoas chatas.
[José D'Assunção Barros]

Quem poderia imaginar que depois do século XX viria logo a
seguir o século XI?
[Amos Oz]

o súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto
nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe
diferença entre o fato e a ficção (isto é a realidade da
experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os
critérios do pensamento)
[Hannah Arendt]

RESUMO

LIMA, João Victor da Mota Uzer. “*Make America Paranoid Again*”: reconquista do conspiracionismo e decadência das instituições do conhecimento nos Estados Unidos (1989 - 2016). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta tese examina as relações entre Estado, think tanks e universidades nos Estados Unidos entre 1989 e 2016, destacando como as políticas do pós-Guerra Fria e da Guerra ao Terror sistematizaram e institucionalizaram a negação do conhecimento e a disseminação de informações falsas como política estatal, e como essa dinâmica influenciou a ascensão da extrema direita. O trabalho investiga como agentes do Estado e do conhecimento (incluindo acadêmicos, cientistas e jornalistas) contribuíram para a popularização e produção de teorias conspiratórias, desconstruindo a Ordem do Conhecimento estadunidense na transição dos séculos XX para XXI. Esta desconstrução, no entanto, teve início com a ascensão das redes de comunicação da direita, através de think tanks como o American Enterprise Institute, Hoover Institution, John Birch Society e a Heritage Foundation, que se promoveram politicamente ao capitalizarem com base em teorias conspiratórias e paranoias políticas, deslegitimando o conhecimento acadêmico. Assim, através da análise das publicações dessas organizações e de suas inserções na política e na academia, a pesquisa observa a gradual construção da Ordem do Conhecimento nos Estados Unidos, destacando a relação entre think tanks, universidades e o Estado neste processo. Em seguida, remonta as redes estabelecidas entre acadêmicos, políticos e empresários para analisar como estas incentivaram o pensamento conspiratório na promoção de suas agendas. Dessa forma, a pesquisa busca demonstrar como o movimento conservador/conspiratório do século XXI, que alcançou a Casa Branca, em 2016, com a eleição de Donald Trump, está inserido em uma tradição de conspiração estadunidense.

Palavras-Chave: Think tanks; Universidades; Teorias da conspiração; Extrema-Direita; Conservadorismo.

ABSTRACT

LIMA, João Victor da Mota Uzer. “*Make America Paranoid Again*”: reconquista do conspiracionismo e decadência das instituições do conhecimento nos Estados Unidos (1989 - 2016). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This work examines the relations between the state, think tanks and universities in the United States between 1989 and 2016, highlighting how post-Cold War and War on Terror policies systematized and institutionalized the denial of knowledge and the dissemination of false information as state policy. The work investigates how state and knowledge agents (including academics, scientists and journalists) contributed to the popularization and production of conspiracy theories, deconstructing the American Knowledge Order in the transition from the 20th to the 21st centuries. This deconstruction, however, began with the rise of right-wing communication networks, through think tanks such as the American Enterprise Institute, Hoover Institution, John Birch Society and the Heritage Foundation, which promoted themselves politically by capitalizing on conspiracy theories and political paranoia, delegitimizing academic knowledge. Thus, through the analysis of the publications of these organizations and their insertion in politics and academia, the research observes the gradual construction of the Knowledge Order in the United States, highlighting the relationship between think tanks, universities and the State in this process. It then traces the networks established between academics, politicians and businesspeople to analyze how they encouraged conspiratorial thinking to promote their agendas. In this way, the research seeks to demonstrate how the conservative/conspiratorial movement of the 21st century, which reached the White House in 2016 with the election of Donald Trump, is inserted in a tradition of American conspiracy.

Keywords: Think tanks; Universities; Conspiracy theories; Far-Right; Conservatism

Índice de figuras:

Figura 1: Índice Flesch dos discursos presidenciais (Hoover – G. W. Bush).....	156
Figura 2: Charge do cartunista Tony Auth, publicada em maio de 1989.....	210
Figura 3: Notas dos discursos presidenciais no Flash Kincaid Reading Ease (de Reagan até G. W. Bush).....	276
Figura 4: Idade ideal para compreender os discursos presidenciais (de Reagan até G. W. Bush)	277
Figura 5: Modelo da construção retórica da guerra, de Antonio Reyes-Rodríguez.....	286
Figura 6: Comparação de imagens de 2004 e 2007 de Osama Bin Laden.....	316
Figura 7: Flyer de evento promovido pelo PNACitizen.....	322
Figura 8: Capa da revista The New Yorker, julho de 2008.....	342
Figura 9: Percentual de adultos em lares de baixa, média e alta renda nos Estados Unidos (1971 – 2015).....	398

Índice de tabelas:

Tabela 1: Menções nominais aos think tanks no congresso por décadas (1950 – 1989).....	179
Tabela 2: Grandes think tanks fundados nas décadas de 1970 e 1980.....	203
Tabela 3: Maiores problemas enfrentados pelos Estados Unidos em 2011, segundo os estadunidenses.....	370
<i>Tabela 4: Percentual da aceitação do público estadunidense às teorias da conspiração em 2011.....</i>	<i>380</i>
Tabela 5: Visão estadunidense sobre as políticas de combate à desigualdade racial (2016). .	401
Tabela 6: Percentual de republicanos e democratas com ensino superior (1992 – 2016).....	402
Tabela 7: Comparativo entre os discursos de anúncio de candidatura dos presidentes entre 1992 e 2016.....	415
Tabela 8: Religiosidade nos Estados Unidos, por grupo étnico (2014).....	432
Tabela 9: Motivos para apoiar Trump, segundo seus apoiadores (2016).....	433
Tabela 10: Percepção do público sobre a Direita Alternativa (2016).....	458

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 ESTRUTURAS, EVENTOS E HISTÓRIA SOCIAL: FLEXÕES TEMPORAIS.....	23
1.1 Conhecimento como categoria estrutural.....	25
1.1.1 Conhecimento e história social.....	26
1.1.2 Estado e Conhecimento.....	32
1.2 “Agentes” vs “Sistemas”.....	35
1.2.1 Autoridades do saber: universidades e think tanks.....	38
1.2.2 Universidades e think tanks na economia do capital científico.....	54
2 A LONGA CONSTRUÇÃO DA ORDEM DO CONHECIMENTO E DO SISTEMA DE IGNORÂNCIA ESTADUNIDENSE (1637-1950).....	66
2.1 As autoridades do saber.....	67
2.1.1 As rachaduras nos alicerces da torre de marfim: da igreja ao mercado.....	69
2.1.2 Pensadores independentes e filantropos: “siga o dinheiro”.....	88
2.1.3 A batalha dos laboratórios: os tanques de ideias, pela guerra e pela política.....	103
2.2 O sistema de ignorância.....	117
2.2.1 Tradição e conspiração: o conspiracionismo como parte da identidade política americana.....	118
2.2.2 Podando o conhecimento: do evangelho da riqueza ao o medo vermelho.....	134
3. A CONSTRUÇÃO POLÍTICA DO CONSPIRACIONISMO PARA O SÉCULO XXI....	152
3.1 A longa caminhada do neoconservadorismo: Ascensão.....	154
3.1.1 Os bazares de ideias: o anti-intelectualismo e o combustível para think tanks conservadores.....	155
3.1.2 Projeto para os anos 1980: o império do mal.....	176
3.2 A longa caminhada do neoconservadorismo: Queda.....	198
3.2.1 O fim da Guerra fria: o fim da história e a nova ordem mundial.....	199
3.2.2 Globalização: Nova desordem mundial?.....	220
4 O NEGACIONISMO COMO POLÍTICA DE ESTADO.....	240
4.1 Recalibrando a máquina de negação.....	240
4.1.1 “The Way Things Ought to Be”, “He Should Just Go”.....	241
4.1.2 As novas “Rules of Engagement”: a perda do “selo”.....	254
4.2 O Anti-intelectualismo presidencial.....	261

4.2.1 Bush fala: um anti-intelectualismo “passivo”.....	265
4.3 Tambores e gritos de guerra.....	280
4.3.1 A retórica (Republicana) de guerra.....	286
4.3.2 “Who Benefits?”: A guerra contra os fatos.....	302
5. A CONQUISTA DA INDIGNAÇÃO: CONSTRUÇÃO DA CRISE DE LEGITIMIDADE	
.....	329
5.1 “ <i>Renewing American Leadership</i> ”.....	330
5.1.1 “Is the War Lost?”: O legado Bush.....	331
5.1.2 “This is Change?”.....	340
5.2 “ <i>We are the 99%</i> ”: a crise subprime.....	354
5.2.1 “The End of the Free Market?”: a crise e os movimentos políticos.....	356
5.2.2 “The Shocking Truth”: a conquista da indignação (e da desconfiança).....	379
6. A BREVE CONSTRUÇÃO DA DESORDEM DO CONHECIMENTO NOS ESTADOS	
UNIDOS.....	395
6.1 <i>Make America Paranoid Again</i>	397
6.1.1 As mudanças do legado Obama.....	397
6.1.2 O momento trumpista.....	408
6.2 A Direita Unida.....	422
6.2.1 “Onward, Christian Soldiers”: Reações dos religiosos.....	424
6.2.1 “Is There a Real Alternative to the Ideas of Trumpism?”: reações dos “defensores	
do livre mercado”.....	435
6.2.3 “Is Trump Our Last Chance?”: reações dos conspiracionistas.....	450
CONCLUSÕES.....	468
FONTES PRIMÁRIAS.....	485
BIBLIOGRAFIA.....	519
Apêndice A.....	547
Apêndice B.....	551
Apêndice C.....	586

INTRODUÇÃO

No primeiro debate das eleições presidenciais de 2016, a candidata democrata Hillary Clinton e o candidato republicano Donald Trump se cumprimentaram com o protocolar aperto de mãos. Clinton ainda perguntou um informal “Como você está, Donald?”. No entanto, o tradicional aperto de mãos entre os candidatos foi ignorado no segundo debate, sendo substituído por um aceno e ocorrendo apenas ao final do debate¹. Já no terceiro e último debate, os candidatos nem mesmo se entreolharam ao entrarem ou saírem do palco. Essa pequena quebra de protocolo, causada pela crescente animosidade entre os candidatos, já demonstra uma degradação nas ritualísticas associadas às atividades políticas nos Estados Unidos.

René Remond, refletindo sobre o interesse dos historiadores em investigar os fenômenos eleitorais, observou como as eleições tendem a exercer um papel ritmador dos regimes políticos. Os pleitos seriam rituais que legitimam um poder. Mesmo quando não são efetuados pelo tempo constitucionalmente previsto, exercem uma sensação de periodização. O que proporciona uma dinâmica de antiguidade e continuidade². As campanhas políticas também apresentam-se como pontos de interesse de investigação, uma vez que apresentam estratégias, posturas e movimentações de agentes na promoção de uma agenda. Outra característica das eleições que tendem a interessar os historiadores é a forma como tendem a modificar as relações de forças em uma sociedade, a composição dos governos ou mesmo o funcionamento das instituições políticas. Em suma, conforme Remond, as eleições podem ser compreendidas como uma espécie de termômetro do “espírito público”³.

Em outubro de 2008, ou seja, um mês antes das eleições, o candidato pelo partido Republicano, o então senador John McCain, respondeu a perguntas de seu eleitorado em Waukesha, Wisconsin. Um homem, para vibração da audiência, queixou-se:

Eu estou bravo. Estou muito bravo. E o que vai te surpreender, não é a economia. São os socialistas tomando conta do nosso país [...] Quando temos um Obama, [Nancy]

¹ABC NEWS. Donald Trump, Hillary Clinton Don't Shake Hands to Start Debate. *ABC News*, October 9, 2016. Disponível em: < <https://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-hillary-clinton-shake-hands-start-debate/story?id=42688757> > Acesso em 02 jun. 2024.

²RÉMOND, René; ROCHA, Dora. *Por uma história política*. Editora UFRJ, 1996. p. 38.

³Ibid. p. 41

Pelosi e o resto dos *hooligans* lá em cima indo governar este país, temos que ter a nossa cabeça examinada. Já é hora de vocês dois [McCain e Sarah Palin] nos representarem⁴.

McCain apoiou a raiva do homem a usou para apontar as falhas da política democrata para combater a Crise *subprime*, no entanto, não mencionou a acusação de que havia uma conquista socialista em curso. Pouco depois, em um comício em Minnesota, um homem declarou-se com medo de Obama, a quem acusou de ter conexões com terrorismo doméstico. McCain, dessa vez em defesa de seu concorrente, atestou: “Ele é uma pessoa descente, de quem você não deve ter medo”⁵. A resposta foi recebida com vaias. Pouco depois, uma senhora voltou ao assunto: “Eu não acredito que eu possa confiar em Obama. Eu tenho lido sobre ele, ele não é... ele não é... Ele é árabe. Ele não é...”. McCain tomou o microfone da eleitora: “Ele é um homem de família decente [e] cidadão com quem tenho divergências sobre questões fundamentais, e é disso que se trata a campanha”⁶. Após a fala de McCain tomar os jornais, Obama agradeceu o oponente: “agradeço por ele ter lembrado que podemos discordar e ao mesmo tempo sermos respeitosos uns com os outros”⁷.

A estratégia política empregada pela campanha de Donald Trump, anos depois, foi diametralmente oposta a estabelecida por McCain. Trump não só endossou as diversas teorias da conspiração a respeito de seus adversários, como, com frequência, os atacou e difamou pessoalmente. Se o pleito entre McCain e Obama foi enfrentado pelos candidatos (mesmo que não pelo eleitorado) como uma disputa entre cavalheiros, o mesmo não pode ser dito sobre o pleito de 2016 no qual Clinton e Trump eram tratados explicitamente como inimigos.

Conforme Bourdieu, “O Estado é a instância de legitimação por excelência que consagra, soleniza, ratifica, registra.”⁸, sendo um instrumento de “produção e reprodução do consenso, encarregado de regulações morais”⁹. Nesse sentido os rituais, cerimônias e tradições exercem funções legitimadoras. Conforme Steven Lukes, os rituais das eleições

⁴HENRY, Ed; HORNECK, Ed. Rage rising on the McCain campaign trail. *CNN politics*. 2008. Disponível em: < <https://edition.cnn.com/2008/POLITICS/10/10/mccain.crowd/>> Acesso em 02 jun. 2024.

⁵CNN. Flashback: McCain tells supporter Obama is 'a decent.... Youtube. 19 de fev. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJjenjANqAk&list=WL&index=4>> Acesso em 02 jun. 2024.

⁶Ibid.

⁷CBS EVENING NEWS. Remembering John McCain's defense of Barack Obama during 2008 campaign. Youtube. 27 de ago. de 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M0u3QJrtgEM>> Acesso em 02 jun. 2024.

⁸BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 217

⁹Ibid. p. 221

(igualmente os das legislaturas, dos tribunais e da administração pública em geral), desempenham um papel significativo de legitimação de paradigmas políticos que contribuem para a estabilidade do sistema político¹⁰. Ou seja, a fragilidade desses rituais em um sistema político é sintoma da fragilidade do sistema em si.

A difamação e os ataques diretos aos oponentes políticos não são, de forma alguma, uma característica do século XXI. Como será exemplificado ao longo do trabalho, desde o início da república as propagandas políticas acusaram seus opositores de associações com criminosos, traidores, terroristas e mais. Porém, os rituais eleitorais e políticos estadunidenses, como será discutido, foram estabelecidos na Religião Civil com fortes elementos religiosos, fazendo da “democracia Americana” um ideal quase “sagrado”, ideal esse reproduzido pelos candidatos. Trump, antes e depois de seu mandato, descredibilizou todo o “sagrado” sistema eleitoral, chegando a incentivar atos de terrorismo doméstico. Mas o empresário, embora tenha se tornado o símbolo, não deve ser encarado como a personificação da conturbada política estadunidense dos anos 2010 – 2020. O “momento trumpista” foi, na prática, o resultado de crises políticas e econômicas, cujas raízes remontam ao início dos anos 2000.

Este trabalho tem como ponto focal as relações entre Estado, *think tanks* e universidades nos Estados Unidos entre 1989 e 2016, reconhecendo nas políticas pós-Guerra Fria, e da Guerra ao Terror, a sistematização e institucionalização da negação do conhecimento e da disseminação de informações falsas como política estatal. Portanto, procura investigar como “agentes do Estado” (na política) e “agentes do conhecimento” (não só acadêmicos e cientistas, mas também jornalistas), atuaram (ou não) na popularização e produção de teorias conspiratórias e afins na desconstrução da Ordem do Conhecimento estadunidense na virada dos séculos XX para o XXI. Esta desconstrução foi iniciada com o estabelecimento das redes de comunicação da direita (através de seus *think tanks*, como o *American Enterprise Institute*, a *Hoover Institution*, a *John Birch Society*, a *Heritage Foundation* e outras), que capitalizaram em cima de teorias conspiratórias e paranoias políticas (e, no processo, deslegitimaram o conhecimento acadêmico) para se promoverem politicamente.

Porém, nos capítulos iniciais efetua-se um recuo considerável até o período colonial estadunidense. Embora possa parecer uma recaída ao “ídolo das origens”, o longo recorte tem um objetivo prático. Não se tem aqui pretensões de divagar sobre as “origens do

¹⁰LUKES, Steven. Political ritual and social integration. *Sociology*, v. 9, n. 2, p. 289-308, 1975.

conspiracionismo na América” ou “do anti-intelectualismo”, mas sim de demonstrar como essas práticas foram manifestadas em diferentes contextos históricos por distintos agentes. Como será argumentado mais adiante, as instituições do conhecimento são moldadas socialmente e, através de ações de “grupos de interesse”, ajudam a modelar a ordem (ou desordem) do conhecimento em um determinado contexto. Mesmo que este recorte temático seja da virada para o XXI, reconhece-se que os eventos analisados nesse período estão alinhados com estruturas de repetição e estruturas de longo prazo que ajudam a dar sentido aos eventos. O trabalho é dividido em seis capítulos. Os dois primeiros voltados para a construção histórica do “conhecimento” nos Estados Unidos. Os demais investigam como o “conhecimento” (e a negação dele) foi usado em contextos eleitorais, da década de 1930 até 2016, demonstrando não só as mudanças de poder entre diferentes grupos, mas as singulares interações entre eles.

O primeiro capítulo é dedicado a discutir as relações da temporalidade histórica através das reflexões de Reinhart Koseleck, propondo o estudo do “conhecimento” como categoria estrutural de uma sociedade. O propósito é explicitar como a análise estrutural e eventual da história auxiliam na investigação dos acontecimentos políticos em longos recortes, o que explicita momentos de rupturas e continuidades em estruturas (sociais, políticas e afins). O capítulo divide-se em dois. A primeira parte discute as dinâmicas entre as análises estruturais e eventuais da História, salientando como o “conhecimento” não só pode ser compreendido como categoria estrutural, como tem sido objeto da História desde os Annales. Além, partindo principalmente de Pierre Boudieu, discute-se como o Estado moderno foi baseado na “dominação pelo conhecimento”, não só usando-o para formular políticas, mas também exercendo o controle sobre a produção do conhecimento como uma espécie de poder. A segunda parte do capítulo discute a dicotomia entre “agente” e “sistema” na perspectiva de uma análise estrutural da sociedade. A proposta é demonstrar como Universidades e Think tanks, apesar de serem instituições primariamente voltadas para a produção e difusão de conhecimento (embora, como será discutido, essa noção nos think tanks tenha sido encoberta), são também instituições inerentemente relacionadas com as estruturas políticas.

No Segundo capítulo procuramos traçar como as instituições do conhecimento se consolidaram nos Estados Unidos. Remontamos os movimentos políticos e religiosos que efetivaram suas construções, com a finalidade de ilustrar como a relação entre a sociedade e

as instituições produtoras de conhecimento (e com o conhecimento em si) modificou-se com o tempo. Este capítulo foi dividido em duas partes. A primeira trata da formação das universidades nos Estados Unidos. Desde suas fundações no século XVII, com forte presença religiosa, até os primeiras décadas do século XX, com a ascensão da figura do pesquisador como agente político. A posposta é salientar a gradual mudança na estrutura epistêmica estadunidense. A segunda parte do capítulo trata da formação do sistema de ignorância nos Estados Unidos, isso é, das estratégias (políticas e sociais) para controlar ou inibir a produção ou disseminação de conhecimento. A influência intelectual puritana colonial formou o sistema de ignorância a partir de uma visão de mundo que depois veio a ser secularizada pela revolução de independência. Muito da visão de mundo puritana foi cristalizada em atitudes civis e mesmo na constituição. Assim, procura-se demonstrar como o sistema de ignorância foi moldado ao longo dos anos nos Estados Unidos e esteve presente na formação das instituições de conhecimento.

No Terceiro capítulo analisamos como a negação do conhecimento estadunidense foi politizado pelas instituições do conhecimento (em especial, pelos think tanks conservadores), para isso foi dividido em duas partes. A primeira parte investiga a relação dos think tanks conservadores dos anos 1940 – 1960 com o conspiracionismo e negacionismo científico, para demonstrar como o conspiracionismo (manifestado no anticomunismo exacerbado) foi instrumentalizado como “cola” para reunir diferentes correntes das direitas estadunidenses. Ao final da década de 1950, o conservadorismo estadunidense reorganizou-se em torno de suas instituições privadas de conhecimento, e com auxílio de diversos setores da sociedade (de políticos, acadêmicos e empresários) uma “frente conservadora” foi estabelecida, popularizando o conceito de “conservador” e depois “neoconservador”. Este capítulo analisa como esse exercício foi feito por uma união de forças externas ao partido republicano, tendo a campanha de Barry Goldwater (1964) como marco. Aqui, procura-se demonstrar como a visão de mundo conservadora (de forte influência conspiratória) foi racionalizada por determinados grupos, mas também fomentou grupos radicais (como a *John Birch Society*) a seguir promovendo desconfiança e negacionismo científico. A segunda parte do capítulo analisa como o final dos anos 1980 e início dos 1990, com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, foram determinantes para a reformulação da política internacional estadunidense, observando como os think tanks atuaram nesse período. Além, investigamos

também como teorias conspiratórias foram circuladas nesse período, atacando não só o Estado, mas também think tanks, popularizando teorias da conspiração. O propósito é demonstrar como o conspiracionismo se tornou importante artimanha política (especialmente conservadora) ao longo dos anos 1980 e 1990.

No quarto capítulo procuramos analisar como o conspiracionismo e a negação científica foi utilizada nos Estados Unidos na virada para os anos 2000, sendo popularizada no pós-onze de setembro. Este capítulo se divide em três. A primeira parte demonstra como os teóricos da conspiração organizaram seus argumentos contrários à administração Clinton e utilizaram de novas tecnologias de informação para se promoverem. Além disso, investiga os engenheiros das políticas neoconservadoras que foram adotadas pela Casa Branca após o Onze de Setembro, para demonstrar como as políticas adotadas pela administração George Walker Bush possuíam em sua retórica traços de discursos conspiratórios e paranoicos mesmo antes dos ataques terroristas de Onze de Setembro. A segunda parte é dedicada a investigação da construção do anti-intelectualismo de George W. Bush. Analisando principalmente seus discursos e posicionamentos públicos, (mas também suas políticas), o objetivo aqui é de demonstrar como, mesmo quando agia supostamente a favor da ciência, Bush o fazia “anti-intelectualmente”. A terceira parte analisa como a administração Bush utilizou de uma estratégia política anteriormente elaborada para construir uma narrativa de guerra que sustentasse a invasão ao Afeganistão e, depois, ao Iraque. A proposta é demonstrar que, como seus arquitetos anos antes, a retórica de guerra empregada por Bush (bem como suas políticas em defesa da guerra) carregavam elementos conspiracionais.

O quinto capítulo discute como os eventos da crise *subprime* e a eleição de Barack Obama foram utilizadas por agentes das direitas na promoção de teorias da conspiração, minando ainda mais a confiança em um Estado já fragilizado pela crise econômica. O objetivo deste capítulo é remontar como as redes de empresários, políticos e acadêmicos mobilizaram-se nesse contexto, aproveitando-se (e por vezes, incentivando) a desordem social, promovendo ideias anti-intelectuais. O capítulo divide-se em duas partes. A primeira investiga o “legado Bush” e tem a proposta de analisar as respostas à eleição de Obama dos grupos tradicionalmente alinhados ao conservadorismo. A segunda parte do capítulo é dedicado a demonstrar como os opositores de Obama promoveram um estado de insatisfação social e

política, minando a credibilidade do Estado e dando voz a grupos periféricos e levantando bandeiras e teorias conspiratórias.

O sexto e último capítulo analisa a ascensão política de Donald Trump através das publicações das diferentes correntes que compunham o conservadorismo estadunidense desde os anos 1960. Dividido em duas partes. A primeira dedica-se a analisar o contexto social e político que gerou a insatisfação instrumentalizada pelos agentes institucionais das direitas na promoção de suas agendas. O desemprego, o encolhimento da classe média, o acirramento de tensões raciais e afins. Além, discute-se as diferenças entre o candidato Donald Trump os presidentes antecessores. Trump apresentou-se como a única solução possível para o problema que as instituições do conhecimento das direitas há décadas acusavam de existir. O objetivo é salientar como Trump construiu para si uma figura de salvador personalizado para o conturbado contexto estabelecido. A segunda parte aborda como as correntes das direitas receberam a candidatura de Trump e usaram de seus meios (publicações, comícios e afins) para promovê-lo ou antagonizá-lo.

Em linhas gerais, o trabalho foi desenvolvido a partir de uma gama variada de fontes. Recorremos aos relatórios e publicações das universidades (como Harvard, Yale, Stanford e mais) e dos think tanks (como *Council on Foreign Relations*, *American Enterprise Institute*, *Hoover Institution*, *Heritage Foundation*, *Project for the New American Century*, e mais), para traçar suas filiações e posicionamentos nos diferentes dilemas e agendas presentes nos diferentes contextos analisados. Também recorremos a uma série de publicações oficiais, como diversos discursos presidenciais (de George Washington até Donald Trump); relatórios de comissões, como os *Report of the President's Research Committee on Social Trends* (1933), *A Nation At Risk* (1983), *Commission Report* (2004), *Report of the Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction* (2005), *The Iraq Study Group Report* (2006), e mais; além de registros de sessões do Congresso e do Senado, disponíveis pelo *Congressional Records* e documentos oficiais emitidos pela Casa Branca. Lançamos mão, ainda, de uma série de pesquisa de opinião, análises (conduzidas por agentes como a *Pew Research Center* e *Academic Freedom Monitoring Project*) e publicações de jornas e revistas (como *The New York Times*, *Washington Post*, *BBC*, *CNN*, *New Yorker* e mais), sobre tudo para traçar e ilustrar os panoramas sociais, político e econômico de diferentes épocas. Por fim, uma série de publicações de teóricos da conspiração foram

analisados e consultados, como as publicações de John Robison, James Perloff e William Cooper. E de agentes mais contemporâneos, como Rush Limbaugh e Alex Jones. Além, recorremos também a publicações de instituições como a *John Birch Society*, *George C. Marshall Institute*, *Scholars for 9/11 Truth* e *Architects & Engineers for 9/11 Truth* e mais. Por fim, publicações de “think tanks” da direita alternativa, como o *VDARE.com* e *American Renaissance* também compõem o corpus de documentos analisados desse trabalho. Em suma, buscou-se incorporar uma gama distinta de fontes a fim de melhor investigar as conexões (pessoais, profissionais e intelectuais) entre os agentes/instituições que, em diferentes contextos, moldaram a ordem (por vezes desordem) do conhecimento estadunidense.

Em suma, o trabalho busca demonstrar como o pensamento conspiratório pode ser compreendido como parte da identidade política estadunidense, sendo um traço da estrutura epistêmica do país. Embora tenha se tornado mais saliente no pós-Guerra Fria, foi artimanha política presente em cada processo eleitoral desde os anos 1930, sendo, inclusive, um fator crucial para a união das direitas nas décadas de 1950 e 1960. O que se procura demonstrar é que apesar de ter sido sistematizado e institucionalizado apenas nos anos 1990, o conspiracionismo e a negação científica nos Estados Unidos estão presentes em todos os grandes representantes político-ideológico estadunidenses (especialmente na direita), manifestando-se com diferentes graus, em contextos diferentes. Nesse sentido, a emergência da Direita Alternativa e a eleição de Donald Trump podem ser compreendidos não como um fenômeno específico do século XXI, causado pela popularidade de novas tecnologias de informação, mas sim como uma reconstrução readaptado de todo um “ecossistema epistêmico” para um novo contexto.

1 ESTRUTURAS, EVENTOS E HISTÓRIA SOCIAL: FLEXÕES TEMPORAIS

De acordo com Reinhart Koselleck, os tempos históricos são dotados de sucessões temporais diferentes dos “ritmos temporais regidos pela Natureza”.¹¹ Na proposta de dar uma alternativa às tradicionais leituras temporais da história (linear ou cíclica), Koselleck propõe a leitura através de camadas (ou estratos). Segundo o autor, o tempo histórico pode ser articulado através de duas categorias: os *eventos* (ou singularidades, em algumas traduções) e as *estruturas*.

Os *eventos* seriam acontecimentos experimentados pelos próprios contemporâneos. Isto é, experiências, com unidades de sentidos, que poderiam ser registradas e narradas.¹² No entanto, um evento só é reconhecido como tal uma vez que se encontra dentro de uma cronologia natural. É preciso que haja um pano de fundo no qual diferentes acontecimentos deem sentido ao evento. Portanto, para que um acontecimento (ou um conjunto de acontecimentos) seja reconhecido como um evento histórico, é preciso que haja uma mínima noção de “antes” e “depois”.¹³ As circunstâncias que levaram ao evento (ou as que se dão durante o evento) podem ser estendidas e suas consequências permanecerem mesmo que “presas” por suas “sucessões temporais”. O exemplo que Koselleck aponta são os acontecimentos de 1989. A queda do muro de Berlim foi um evento no sentido koselleckiano, pois representou uma reviravolta singular na história política, estabelecendo forças que – embora presentes – encontravam-se “represadas”.¹⁴ Em linhas gerais, eventos só poderiam ser reconhecidos através de uma análise diacrônica, ligada aos acontecimentos.

As *estruturas*, por outro lado, seriam circunstâncias que não se limitam à organização segundo a restrita sucessão de eventos passados. São de maior duração e estabilidade, suscetíveis a alterações em prazos mais longos.¹⁵ Dessa forma, a linearidade de narrativa indispensável para a análise de eventos, é menos significativa na análise de estruturas. Mudanças estruturais são lentas e graduais. Eventos históricos podem (e com frequência são) responsáveis por mudanças estruturais, mas estas são lentas e a consolidação da mudança

¹¹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ, 2006, p. 122.

¹² Ibid., p. 133.

¹³ Ibid., p. 134.

¹⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 21.

¹⁵ Idem. *Op. Cit.* 2006, p. 136.

pode ocorrer muito depois do evento. Koselleck novamente utiliza dos acontecimentos de 1989 como exemplo. Todos os trâmites políticos e legais que extinguiram a Alemanha Oriental (componentes do evento “queda do muro de Berlim”) foram realizados em um curto espaço de tempo. Mas um ato político e diplomático, por melhor executado que tenha sido, não modificou de imediato as condições econômicas, dificuldades sociais, posturas mentais entre outras questões, dos cidadãos afetados pela medida.¹⁶ Estas estruturas, portanto, embora possam parecer estáticas, estão em constante mudança, mesmo que lenta e gradual. Sendo assim, apenas com um recorte longo poderemos reconhecer aproximadamente os momentos em que essas estruturas começam a apresentar mudanças (sejam elas relacionadas a eventos ou não).

Outra característica relevante das estruturas é a possibilidade de tornarem-se pré-condicionais para eventos. São as chamadas *estruturas de repetição*. Koselleck utiliza de uma metáfora, comparando esta dinâmica com a de um carteiro pontual. Embora sejamos incapazes de predizer o que ele nos entregará, se serão notícias boas ou ruins, sabemos que horas ele chegará.¹⁷ Um bom exemplo – e observado ao longo desse trabalho – são os rituais eleitorais estadunidenses. Mas que um ato político, o processo eleitoral reconhece uma série de atividades (prévias, debates e afins) que articulam diversos setores da sociedade, desde políticos, mídia até acadêmicos. Os eventos decorrentes das campanhas eleitorais ou das eleições só são possíveis através dessas repetições.

É a “estrita sucessão de acontecimentos passados”¹⁸ que, de acordo com Koselleck, dá sentido às *estruturas*. Portanto, para analisar como a relação entre as universidades e os *think tanks* nos Estados Unidos do século XXI foi usada no contexto da ascensão da direita alternativa e da popularização da negação científica no discurso político, é preciso compreender a construção histórica de estruturas de conhecimento, de poder político, de poder religioso e do pensamento conspiratório e como estas estruturas se relacionam.

Em suma, como resume Koselleck, “aquilo em na linguagem cotidiana podemos definir como longo, médio e curto prazo exige uma complexa teoria do tempo histórico”¹⁹. Portanto, se há aqui um recorte longo para analisar uma amostra de tempo curta, é por reconhecermos

¹⁶ Idem. *Op. Cit.* 2014, p. 23.

¹⁷ Ibid., p. 21.

¹⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.* 2006, p. 135.

¹⁹ Idem. *Op. Cit.* 2014. p. 25.

traços de elementos, nessa amostra, que só podem ser compreendidos a partir de uma estrutura de longo prazo. Estrutura essa que só tem sentido mediante os eventos que a consolidaram e/ou modificaram.

1.1 Conhecimento como categoria estrutural

Conforme Robert Darnton, “toda era foi uma era da informação, cada uma a sua própria forma”.²⁰ Toda sociedade possui e possuiu sua própria forma de produzir, coletar, consumir, reproduzir, organizar e usar informação. No entanto, coletar informação não significa produzir conhecimento. Segundo Peter Burke, “é válido pensar na informação como algo cru, e no conhecimento como algo cozido”.²¹ O conhecimento seria, portanto, o resultado de um processo pelo qual a informação é criticada, verificada, comparada, classificada e sistematizada. Sendo assim, pode-se compreender o “conhecimento” como uma “estrutura epistêmica”, considerando as circunstâncias de longo ou médio prazo que organizam a produção, distribuição e consumo (político, econômico ou social) do conhecimento em um determinado recorte social e/ou temporal.

Em diferentes culturas – ou mesmo dentro delas – existem diferentes tipos de conhecimentos: abstrato e concreto, puro e aplicado, implícito e explícito, popular ou adquirido, local e universal, e mais. O próprio sentido etimológico do termo varia de acordo com local e cultura. Em grego antigo diferenciava-se “saber como” (*techne*) de “saber que” (*episteme*), que por sua vez era diferente de “prática” (*praxis*). No latim separava-se “saber que” (*scientia*) de “saber como” (*ars*). Em alemão diferencia-se “conhecimento pela experiência” (*erkenntnis*) de “conhecimento acadêmico” (*wissenschaft*). E no francês separa-se “conhecimento” (*savoir*) de “conhecimento especializado” (*connaissance*)²². Portanto, quando nos referimos a conhecimento não nos remetemos unicamente ao conhecimento acadêmico tradicional, mas sim a todo produto de um processo sistemático que tem a informação como objeto. Sendo assim diversas visões de mundo e manifestações culturais – como lendas populares, mitos, folclores ou mesmo elementos religiosamente embasados –

²⁰ DARNTON, Robert. An Early Information Society: News and the Media in Eighteenth-Century Paris. *American Historical Review*. February 2000, p. 1.

²¹ BURKE, Peter. *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora UNESP, 2016. p. 19.

²² *Ibid.*, p. 21.

poderiam ser englobados em algum conceito de “conhecimento”. Nas palavras de Burke: “para os historiadores, assim como para os sociólogos ou antropólogos, não há utilidade em fazer distinção entre conhecimento e crença”²³.

Os mitos gregos, por exemplo, estavam próximos da literatura que da religião, e como tal, não se limitavam a uma relação causal com a sociedade, mas sim uma fonte de propagação de informação e conhecimento, conforme definiu Paul Veyne: “O mito não é um modo específico de pensamento; não é outra coisa senão o conhecimento pela informação”²⁴. Mesmo as primeiras cidades-estados da história humana só foram possíveis mediante uma série de recursos comuns – como água ou terra produtiva –, mas também por uma composição jurídica que se fundamentou numa solidariedade religiosa, militar e cultural que contribuiu para o modo de vida adotado, e que, em conjunto, consolidou “o princípio arcaico da dominação da comunidade”²⁵. No Egito antigo, uma verdadeira “ciência faraônica” – que englobava agricultura, arquitetura, aritmética, medicina e anatomia – era produzida, classificada, organizada empiricamente e aplicada na economia e na cultura²⁶. A cidade de Veneza, no início da idade média, tornou-se ímã e cresceu irrestritamente. Por volta do ano 1000, os venezianos já dominavam o mar Adriático e controlavam a rota marítima para o oriente. Essa abundância comercial e crescimento populacional levou a criação de uma burocracia especial – recibos e controle de vendas – que ajudasse a administrar as cidades²⁷. A relação entre conhecimento/informação e controle/dominação é antiga, mas foi só ao início do século XX, que elementos sociais que influenciam a construção de conhecimento chamaram a atenção de sociólogos e deu-se o início ao que Peter Burke denominou como “primeira fase do que viria a ficar conhecido como ‘sociologia do conhecimento’”²⁸. Na História não foi diferente.

1.1.1 Conhecimento e história social

²³ BURKE, Peter. Escrevendo a história do conhecimento no Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, jul.-set. 2018, p. 3.

²⁴ VAYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 34.

²⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *A cidade-estado antiga*. Editora Ática, 1985. p. 78.

²⁶ _____. *O Egito antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 40.

²⁷ SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 185.

²⁸ BURKE, Peter. Op. Cit. 2016. p. 24.

Em certo sentido, o “conhecimento” tem sido objeto da história social por gerações. Segundo Lynn Hunt, “na história, o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado e a escola dos ‘Annales’ por outro.”.²⁹ Na escola dos Annales, a influência da sociologia durkheimiana, weberiana e marxista levou a história a compreender as relações sociais – e a formação das identidades e identidades coletivas – como objetos históricos. Lucien Febvre cunhou a expressão “aparelhagem mental” a fim de denominar um conjunto de elementos usados por um indivíduo em uma comunidade para se comunicar, englobando, então, “formas de percepção, expressão, ação, as técnicas e a língua de uma sociedade”, o que Marc Bloch denominou “representações coletivas”.³⁰ No final dos anos de 1960 e início de 1970, em crítica aos modelos “macroexplicativos”, a historiografia francesa voltou seus estudos para o que compreendia ser “as ‘*mentalités*’”. A influência de Braudel, em forma de pensar o tempo histórico, proporcionou aos historiadores das mentalidades os mecanismos para observar padrões de comportamento, de um determinado grupo, em uma longa duração denominando “história das mentalidades”. No entanto, houve uma “renovação” nos Annales. Observou-se a entrada de historiadores como Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, Marc Ferro e, mais tarde, Jacques Revel. Além disso, historiadores como Roger Chartier e Jacques Revel, rejeitam a caracterização de *mentalités* como parte do chamado terceiro nível de experiência histórica”.³¹

Já na historiografia de língua inglesa, durante os anos 1960, ascendeu a chamada história das ideias. Tendo John Pocock e Quentin Skinner como grandes expoentes, no que veio a ser denominada Escola de Cambridge, os historiadores das ideias procuraram extrair significados em enunciados, obras e discursos do pensamento medieval e moderno.³² Estes defendiam que a análise de uma sentença deveria ceder lugar à análise “do ato de fala, do uso da linguagem em determinado contexto”³³ e de seus fins, de acordo com as normas

²⁹ HUNT, Lynn. Introdução: História, Cultura e Texto. In: _____. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.2.

³⁰ VANDERLEI, Sílvia Kalina; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo. Ed. Contexto, 2009, p.279.

³¹ HUNT, Lynn. *Op. cit.*, p.9.

³² ÁGOAS, Frederico. História das ideias, história das ciências humanas e sociologia do conhecimento. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 24, n. 2, p. 465-482, 2017, p. 472.

³³ JASMIN, Marcelo Gantus. História dos Conceitos e Teoria Política e Social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 20, nº 57, fev. 2005, p. 28.

linguísticas do contexto em que a sentença se inseriria. Embora tenham descartado que o “resgate da intenção” do autor devesse ser a principal preocupação do historiador – já que “há intenções e significados que, por ausência de informação contextual, não podem ser recuperados”³⁴ –, os historiadores das ideias compreendiam que a história da teoria política deveria ser compreendida como uma “história de ideologias”. Desta forma, a história das ideias pode se voltar para uma história dos discursos, aproximando-se ainda mais da história cultural – se na literatura –, e da nova história política – se nos discursos acerca do político e da “cultura política”.

À mesma época, na historiografia alemã, desenvolveu-se a chamada História dos Conceitos ou História Conceitual (*Begriffsgeschichte*). A História Conceitual estuda as mudanças, as apropriações, feitas de um conceito no decorrer de sua história, tendo na sua metodologia uma influência da História das Terminologias, da gramática, da filologia, da onomasiologia e da semasiologia.³⁵ De acordo com os historiadores dos conceitos, os conceitos sociais e políticos não variam unicamente de acordo com seu campo semântico, mas também de acordo com as conjunturas temporais embutidos em si. Os conceitos evidenciam uma possível continuidade ou descontinuidade histórica social, refletidas na linguagem, fazendo com que o conceito carregue em si “uma referência ao intervalo de tempo que ele projeta”,³⁶ destacando no estudo dos conceitos a noção de “faixas temporais”.

Verifica-se que diversas correntes historiográficas ao longo das décadas se aproximaram e utilizaram de ferramentas interpretativas que poderiam ser contempladas por algum conceito de “conhecimento”. Na história social com a “aparelhagem mental” ou as “mentalidades”; na História política com as “ideologias”; na história dos livros e da leitura, a história intelectual, a história da ciência, ou mesmo a história das religiões. No entanto, a história do conhecimento como corrente historiográfica se desenvolveu principalmente a partir de outras duas, a história do livro e a história da ciência.³⁷

A guinada da história das ciências em direção a uma história do conhecimento, segundo Burke, se deu por três desafios. O primeiro procurava resolver questões anacrônicas, como o

³⁴ Ibid., p. 31.

³⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.* 2006, p. 98.

³⁶ MOTZKIN, Gabriel. A intuição de Koselleck acerca do tempo na história. in: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JUNIOR, João. (org.) *História dos Conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: editora PUC-Rio, Edições Loyola. 2006, p. 77.

³⁷ BURKE, Peter. *Op. Cit.* 2016. p. 16.

conceito de ciência moderna trata-se, sobretudo, de um conceito do século XIX, aplicá-lo a contextos anteriores implicaria num anacronismo. O segundo problema desenvolveu-se a partir dos interesses de acadêmicos por estudos da cultura popular, incluindo conhecimentos práticos como de artesãos ou curandeiros. Por fim, o terceiro problema surge pela necessidade de discutir conquistas intelectuais de culturas não ocidentais que não se encaixem nos modelos ocidentais de ciência.³⁸

Assim, uma história do conhecimento se difere da história das ciências pois engloba conhecimentos e habilidades práticas.³⁹ Além disso, discute o que as comunidades estudadas reconhecem como conhecimento – e não o que o autor ou pesquisador denominaria como tal – sendo assim, uma história do conhecimento pode englobar estudos sobre magia, bruxaria, religião e afins.⁴⁰

Ao mesmo tempo, uma história do conhecimento necessariamente envolve o estudo de diferentes tipos de especialistas, dentro e fora da universidade. O termo “intelectual” é normalmente empregado para denominar escritores, pesquisadores ou eruditos que se posicionem sobre questões políticas.⁴¹ No entanto, a abordagem de uma história do conhecimento difere-se da história intelectual por dar ênfase não nos intelectuais como indivíduos, movimento ou classe, mas nas instituições do conhecimento – universidades, escolas, bibliotecas, jornais e afins – nas quais estes intelectuais atuam.⁴² Conforme Burke, as principais instituições de conhecimento componentes de uma determinada sociedade constituem um sistema (ordem). Observar este sistema é observar como uma sociedade constrói conhecimento sobre e para si. Segundo Peter Burke:

O ponto essencial é que as principais formas e instituições de conhecimento encontradas em uma determinada cultura, somadas aos valores a elas associadas, constituem em sistema: escolas, universidades, arquivos, laboratórios, museus, redações de jornal e assim por diante [...]. As ordens não são planejadas, mas formadas pelos valores da cultura bem como pela interação entre as organizações fundadas para fins específicos.⁴³

³⁸ Ibid. p 17.

³⁹ Idem. Escrevendo a história do conhecimento no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, jul.-set. 2018. p. 2.

⁴⁰ Idem. *Uma história social do conhecimento: de Guttemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 20.

⁴¹ Idem. *Op. Cit.* 2016, p. 51.

⁴² Idem. *Op. Cit.* 2018, p. 2.

⁴³ Idem. *Op. Cit.* 2016, p. 55.

Este sistema não é planejado, mas formado pelos valores culturais da sociedade, assim como pelas interações entre as instituições de conhecimento (universidades, bibliotecas, museus, imprensa, editoras e afins). Na China antiga, por exemplo, os “intelectuais” tinham apoio do governo nos estudos da natureza, coisa que não ocorria na Grécia antiga. No entanto, os gregos já carregavam uma tradição de discussão e debate. Em Roma, poderíamos dizer que a história era escrita por senadores e para senadores. Na era medieval europeia, por outro lado, era escrita por monges e para monges.⁴⁴ E na França do século XIX, escritores como Victor Hugo, Théophile Gautier e Gustave Flaubert recebiam pensões ou cargos honoríficos do governo.⁴⁵ Desta forma, observa-se como a Ordem do conhecimento faz parte de um sistema sociocultural e político. Assim, conforme Burke:

Na China tradicional, por exemplo, o sistema foi dominado pelo confucionismo e pelos concursos públicos. No Império Otomano, a ordem do conhecimento era dominada pelo Islã e, mais especificamente, pelas escolas muçulmanas ou *medreses*. Na União Soviética, era comandada pelo Marxismo e pela Academia de Ciências.⁴⁶

Sendo assim, sem um conceito de “ordem do conhecimento” (ou afins, como “sistema”, “regime” ou “cultura”), a comparação entre conhecimentos em diferentes sociedades e tempos seria consideravelmente mais árduo.⁴⁷ No entanto, mesmo com a adoção deste conceito como ferramenta interpretativa da sociedade, devido à abrangência que o conceito de conhecimento pode alcançar, é preciso que haja de antemão uma definição de que conhecimento será trabalhado, ou mesmo, qual ordem do conhecimento será analisada. Conforme Burke demonstra, usando o caso brasileiro como exemplo:

O conceito de uma única ordem ou cultura de conhecimento no Brasil talvez seja sistemático demais, privilegiando conexões e encontros e negligenciando lacunas e “desencontros” entre os conhecimentos locais; por exemplo, os conhecimentos indígenas, obviamente, foram e são segregados por idioma e espaço. Talvez fosse sábio distinguir a ordem de conhecimento dominante da subordinada, submissa ou subalterna, porém seria sem dúvida um erro tratar até mesmo a ordem dominante como monolítica. A esfera acadêmica é apenas parte da ordem dominante e, dentro dela, há pouca comunicação entre as “duas culturas” das humanidades e das ciências naturais.⁴⁸

⁴⁴ Ibid., p. 57

⁴⁵ DARNTON, Robert, *Op. Cit.*, 2010, p. 306.

⁴⁶ BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2016, p. 55.

⁴⁷ Ibid., p. 57.

⁴⁸ Idem. *Op. Cit.*, 2018, p. 4.

Conforme Burke, as ideias do que são ou não “conhecimentos” são, portanto, desenvolvidas e endossadas por organizações e instituições do conhecimento (universidades, *think tanks*, bibliotecas, museus, jornais e afins) e estão suscetíveis a mudanças de acordo com eventos. Nos Estados Unidos, por exemplo, a formação do sistema de ensino superior fundamentou-se na colônia puritana. Em 1636 foi fundado o núcleo do que depois viria a ser a Universidade de Harvard.⁴⁹ De fato, a maioria das universidades que hoje compõem a chamada *Ivy League*,⁵⁰ foram fundadas nos séculos XVII e XVIII. A preocupação puritana com a educação fez das treze colônias uma das regiões com menores índices de analfabetismo nos séculos XVII e XVIII, comparados ao restante da América ou à Europa.⁵¹ Parte dessa noção baseava-se na crença de que a educação seria uma forma de manter a comunidade coesa e alinhada aos ideais religiosos do Estado. No entanto, os acontecimentos (do evento) da revolução impactaram as instituições do conhecimento, o que representou – a longo e médio prazo – mudanças na Ordem do conhecimento.

Como atestou Armstrong, no mundo “pré-moderno” a religião permeava todos os aspectos da vida.⁵² Os puritanos da Nova Inglaterra exerceram importante papel na formação da estrutura política e epistemológica estadunidense no período colonial e revolucionário. Mas como observou Pocock, a “dimensão apocalíptica” da política – característica do período colonial – não foi predominante na revolução. Nas palavras do autor, “os norte-americanos dessa geração [os revolucionários] viam-se a si mesmos como homens livres em armas, manifestando uma virtude patriótica, antes que como santos vivendo sob a Aliança”.⁵³ Como observa Pocock, embora a “dimensão apocalíptica” não fosse recorrente entre os revolucionários, manteve-se presente integrando um “humanismo cívico *Old whig*” pela qual “o cidadão sentia amiúde a necessidade, para sua autodramatização, do contexto apocalíptico”.⁵⁴ Enquanto os revolucionários defendiam que a fé e a religião deveriam ser

⁴⁹ RESENDE, Erica. *Americanidade, puritanismo e política externa: a reprodução da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, p. 227.

⁵⁰ Universidade de Harvard (1636); Universidade Brown (1764); Universidade Yale (1701); Universidade da Pensilvânia (1740); Universidade de Princeton (1746); Universidade de Columbia (1754); Dartmouth College (1769); Universidade Cornell (1865).

⁵¹ KARNAL, Leandro, et. al. (org.). *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 50

⁵² ARMSTRONG, Karen. *Campos de sangue: religião e a história da violência*. Editora Companhia das Letras, 2016. p. 11

⁵³ POCOCK, John. *O momento maquiaveliano: o pensamento político florentino e a tradição republicana atlântica*. Niterói.: Eduff, 2021, p. 542.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 543.

instâncias particulares e autônomas, essencialmente separadas das responsabilidades do Estado, os evangélicos de tradição puritana acreditavam que podiam fundar uma sociedade fundamentada em valores cristãos. Essa dualidade, por sua vez, foi cravada na forma como as instituições do conhecimento atuavam.

O crescimento do capitalismo e a marcha para o oeste no século XIX; a Primeira Guerra mundial; a crise dos anos 1930; a Segunda Guerra e outros acontecimentos, são eventos que impactaram as instituições do conhecimento e modificaram a forma como a sociedade estadunidense produz conhecimento.

Neste trabalho são abordados, majoritariamente, os conhecimentos acadêmicos e científicos produzidos nos Estados Unidos ao longo do século XX e inícios do XXI, dando ênfase nas instituições de conhecimento (universidades e *think tanks*), suas produções e atores, e em como elas interagem. As tradições religiosas são trabalhadas, principalmente nas seções iniciais, para demonstrar como esta “ordem de conhecimento puritano” – como os valores, crenças e instituições da América colonial – fundamentaram uma forma de pensar a política e a ciência nos Estados Unidos que, embora tenha mudado, manteve resquícios em diferentes setores da sociedade estadunidense, incluindo em instituições do conhecimento.

1.1.2 Estado e Conhecimento

Mais que um desenvolvimento histórico, argumenta Bobbio, o Estado é estudado por si próprio, em suas funções, mecanismos e etc. No estudo da filosofia política são reconhecidos três tipos de investigação: 1) da melhor forma de governo; 2) dos fundamentos do poder político e do Estado, e consequentemente, de sua justificativa e legitimação; e 3) da essência da “politicidade”.⁵⁵

Em linhas gerais, verifica-se como poder do Estado é exercido através da força e do consenso. E, em especial neste último, o uso de informação e conhecimento é essencial. Em *O Progresso do Conhecimento* (1605), Francis Bacon define que o domínio é digno e eficaz conforme a qualidade do dominado, não do dominador, “o domínio que outorga o conhecimento é ainda mais alto que o domínio sobre a vontade: porque é um domínio sobre a

⁵⁵ BOBBIO, Norberto. *Estado Governo e Sociedade*, por uma teoria geral da política. São Paulo: Paz e Terra. 2004, p. 55.

razão, a fé e o entendimento do homem, que são a parte mais elevada do espírito, e que à própria vontade dão lei”.⁵⁶ O *Leviatã* de Hobbes (1651) afirma que no estado natural o homem vive em guerra permanente, na qual todos são inimigos de todos, mas que “a ciência é sapiência”,⁵⁷ sendo ciência compreendida como o acúmulo de conhecimento.

Já no século XIX, Max Weber definiu que o poder do Estado moderno estava na burocracia, na capacidade administrativa da máquina pública. Os Estados modernos “eliminaram” a “administração feudal, patrimonial, patriciana, ou de outros dignitários que exercem o poder de forma honorária ou hereditária, e a substituí por funcionários civis”.⁵⁸ Parte deste processo que consolidou o Estado esteve fundamentado nas ciências. Aos poucos, ainda segundo Weber, o pensamento mágico foi substituído por um pensar cientificamente, tanto no Estado (com a substituição dos domínios igreja pelos domínios burocráticos, no processo reconhecido como secularização), quanto na Igreja (com uma doutrina eclesial mais voltada para a ética), o que Weber denominou de desencantamento do mundo.⁵⁹ Burke resume: “conforme a famosa definição de Max Weber, ‘a administração burocrática significa essencialmente a dominação através do conhecimento’”.⁶⁰

Como demonstrou Santiago Castro-Gómez, todo o projeto de governabilidade fundado nos Estados Modernos balizou-se no conhecimento técnico e científico para exercer a dominação. Segundo o autor,

O Estado é entendido como a esfera em que todos os interesses encontrados na sociedade podem chegar a uma “síntese”, isto é, como o locus capaz de formular metas coletivas, válidas para todos. Para isso se exige a aplicação estrita de “critérios racionais” que permitam ao Estado canalizar os desejos, os interesses e as emoções dos cidadãos em direção às metas definidas por ele mesmo. Isto significa que o Estado moderno não somente adquire o monopólio da violência, mas que usa dela para “dirigir” racionalmente as atividades dos cidadãos, de acordo com critérios estabelecidos cientificamente de antemão.⁶¹

⁵⁶ BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 92.

⁵⁷ HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. São Paulo: Marins Fontes, 2003, p. 45.

⁵⁸ WEBER, Max. Parlamentarismo E Governo Numa Alemanha Reconstruída. In: *Os Economistas*. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1997, p. 39.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 160-181.

⁶⁰ BURKE, Peter. *Uma história Social do Conhecimento. II* da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 156.

⁶¹ CASTRO-GOMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005, p. 170.

Sem os recursos das ciências sociais, o Estado moderno não teria competência de exercer controle sobre as vidas, definindo metas coletivas. Tão pouco construiria uma noção de identidade e cidadania, numa identidade cultural.⁶² Assim, as técnicas e conceitos desenvolvidos no âmbito das ciências sociais e humanas representavam ferramentas “na medida em que eram capazes de legitimar as políticas reguladoras do Estado”.⁶³ Através delas, criaram-se línguas comuns, mitos de criação, heróis nacionais, símbolos patrióticos e culturais, remodelou-se cidades, definiu-se uma identidade cultural nacional, delimitou-se fronteiras, e etc.

Conforme Pierre Bourdieu, o Estado pode ser compreendido como resultante da junção de três diferentes tipos de capital: “capital cultural”, “capital econômico” e “capital de força física”.⁶⁴ O controle sobre a força (o “capital da força”) se daria em duas formas: pelo monopólio da violência física e pelo monopólio da violência simbólica. A primeira manifestar-se-ia institucionalizada pelos instrumentos de coerção (polícia e exército), seriam as instituições com mandato para garantir a ordem, progressivamente separadas do mundo social comum. Aqui, a violência física não poderia mais ser aplicada a não ser por um grupo especializado, com mandato especial para esse fim, claramente identificado no âmbito da sociedade, centralizado e disciplinado.⁶⁵ Já o monopólio da violência simbólica se daria pela detenção de um “capital cultural” que possibilitaria ao Estado encarnar no campo da subjetividade, nas estruturas e formas “mentais estruturais”. Ou seja, o Estado detendo o “capital cultural” realizaria uma hegemonização no modo de fala, escrita, comunicação, entre outras formas de simbolismos presentes no social. Nas palavras de Bourdieu, “o Estado molda as estruturas mentais e impõe princípios de visão e de divisão comuns”.⁶⁶ Segundo Bourdieu,⁶⁷ “a cultura é unificadora”, e é através dos sistemas educacionais que esta padronização essencial para manutenção do Estado se consolida. Sobre o papel da educação e das escolas na construção do poder do Estado, o autor observa:

É, sobretudo por meio da Escola que, com a generalização da educação primária durante o século XIX, exerce-se a ação unificadora do Estado na questão cultural,

⁶² Ibid.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ BOURDIEU. Pierre. *Razões práticas*, sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996, p. 99.

⁶⁵ Ibid., p. 100.

⁶⁶ Ibid., p. 105.

⁶⁷ Ibid.

elemento fundamental da construção do Estado-nação. A criação da sociedade nacional acompanha a afirmação da possibilidade da educação universal: todos os indivíduos são iguais perante a lei, o Estado tem o dever de fazer deles cidadãos, dotados dos meios culturais de exercer ativamente seus direitos civis.⁶⁸

Com a modernidade e a ascensão do “poder pelo conhecimento”, como observa Bourdieu, a “retórica de cientificidade” contribui para a construção de uma “mitologia científica”, que, “aflora por debaixo da ação do aparelho científico”.⁶⁹ Esta mitologia, resumidamente, estabelece níveis simples de esquemas comparativos, sem demonstrá-los em suas análises. Recaindo, portanto, nos “aparelhos científicos” para legitimar-se, numa “verdadeira estrutura fantasmagórica que sustenta toda a ‘teoria’”.⁷⁰

Neste aspecto, pode-se observar as ações dos *think tanks* e universidades na estrutura política. Além de suas atuações diretas (com seus agentes servindo como consultores a afins), as “mitologias científicas” estabelecidas e mantidas por essas instituições moldaram ações políticas relevantes. Como afirma Bourdieu, “enquanto pré-visões, estas mitologias ‘científicas’ podem produzir sua própria verificação caso consigam se impor à crença coletiva e criar, por sua virtude mobilizadora, as condições de sua própria realização”.⁷¹

1.2 “Agentes” vs “Sistemas”

Como provoca Koselleck, “a velha tríade *lugar, tempo e pessoa* também está presente na obra do historiador”.⁷² Na ocasião, o autor criticava o historicismo e a crença da isenção do historiador em seu trabalho, porém, essa tríade também é reconhecida dentro da análise historiográfica. Como define Marc Bloch, a história não tem o passado como objeto, mas o homem. Segundo o autor, “o historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”.⁷³ E, como resume Edward Carr, os homens estudados pela história não existiram ou agiram em um vácuo, mas sim em contextos e sob estímulos específicos de suas sociedades, em um determinado recorte temporal.⁷⁴

⁶⁸ Ibid., p. 105-106.

⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, v. 116, 1996, p. 180.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ Ibid., p. 114.

⁷² KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.* 2006, p. 161.

⁷³ BLOCH, Marc. *Apologia a história* ou O Ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 54.

⁷⁴ CARR, Edward. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 34

Em linhas gerais, como resume Koselleck, a história social investiga as formações das sociedades ou as estruturas constitucionais, bem como investiga as relações entre grupos, classes e camadas sociais, e as circunstâncias nas quais ocorrem determinados eventos, focalizando estruturas de longo e médio prazo.⁷⁵ De certa forma, Koselleck, de maneira crítica, observa que “já não há nada que escape de ser escolhido pelos historiadores”.⁷⁶ Assim, ao mesmo passo em que a história “expandiu-se” para investigar as relações de trabalho, a história dos salários, dos preços, a história dos parentescos, da família, da infância ou mesmo da morte, a história social estaria paulatinamente “excluindo a narrativa histórica estritamente vinculada aos eventos”.⁷⁷

Como discutiu Peter Burke, essa distinção entre “estrutura” e “evento” na produção historiográfica remonta própria escola dos Annales.⁷⁸ Conforme Burke, se por um lado os defensores da “análise estrutural” afirmavam que uma análise sobre eventos “passa por cima de aspectos importantes do passado, que ela simplesmente é incapaz de conciliar”,⁷⁹ por outro, os defensores da “narrativa eventual” da história argumentavam que uma análise estrutural seria “estática e, assim, em certo sentido, não-histórica”.⁸⁰ Além disso, os primeiros argumentariam que uma narrativa eventual tenderia ao individualismo, muitas vezes personificando entidades coletivas;⁸¹ enquanto os segundos responderiam que a análise estrutural recorreria a explicações generalistas demais.⁸² O resultado desse embate foi, conforme Burke, o surgimento de diferentes técnicas e estratégias, desde a descrição densa até a micronarrativa. O próprio Peter Burke encontrou-se diante desse problema na tentativa de escrever uma história social do conhecimento. Segundo o autor,

Em primeiro lugar, o termo “social” é evidentemente problemático [...] Os pensadores individuais que se destacam nas histórias intelectuais não serão excluídos – realmente exerceram influência, e nas páginas a seguir serão mencionados quase oitocentos deles [...] Ainda assim, os protagonistas deste estudo são o que os sociólogos chamam de “grupos portadores de conhecimento”, sobretudo, mas não exclusivamente, pequenos grupos de contato direto, e de

⁷⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.*, 2006, p. 97.

⁷⁶ Idem. *Op. Cit.* 2014. p. 296.

⁷⁷ Ibid., p. 295.

⁷⁸ BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 2001, p. 328.

⁷⁹ Ibid., p. 330.

⁸⁰ Ibid., p. 331.

⁸¹ Ibid., p. 332.

⁸² Ibid.

“instituições geradoras de conhecimento”, entendidas como grupos de indivíduos que se encontram regularmente em vista de objetivos em comuns.⁸³

Em linhas gerais, os críticos de uma narrativa “histórica eventual”, “tópica” e “diacrônica” – como afirmou Burke – tendiam a afirmar que esta narrativa seria resumida a relatar acontecimentos e acompanhar indivíduos notáveis (em uma “história tradicional”), mas como argumenta Koselleck, não se pode fazer uma análise estrutural sem considerar os eventos que compõem, transformam ou fundamentam estas estruturas, da mesma forma em que não se pode analisar eventos e acontecimentos sem considerar as estruturas que as possibilitam.

Como defende Koselleck, uma história estritamente “estrutural” jamais poderia explicar suficientemente a batalha de Leuthen, em especial, como Frederico o Grande venceu a batalha como venceu. O autor argumenta que a composição do exército, o recrutamento, o conhecimento de guerra de Frederico II na tradição militar prussiana e afins são, elementos essenciais para compreender o evento. Mas, ao mesmo tempo, o evento ganhou aspectos estruturais na mesma medida em que suas consequências impactaram a tradição do Estado prussiano.⁸⁴

Um bom exemplo, que é abordado neste trabalho, é o Onze de Setembro de 2001. Os acontecimentos configuram um evento koselleckiano na medida em que só podem ser razoavelmente explicados através de uma observação diacrônica, e os acontecimentos imprimem uma clara noção de “antes” e “depois”. Um análise puramente “eventual”, portanto, se limitaria a narrar não só os acontecimentos do dia dos ataques, mas também as condições que tornaram os ataques possíveis, as dinâmicas políticas estadunidenses para o Oriente Médio antes e depois dos ataques; as ações de agentes como George Bush, Donald Rumsfeld, Dick Cheney ou Colin Powell; e afins. Por outro lado, uma análise “estrutural” observaria o impacto das políticas de segurança pública no sistema legal (na estrutura legal e política); o crescimento do discurso religioso em razão das narrativas sobre a Guerra ao Terror (considerando a estrutura religiosa e política); o crescimento do pensamento conspiratório na política e a popularização do negacionismo (considerando as estruturas epistêmicas e políticas); entre outras questões. Porém, como ressalta Koselleck, eventos e estruturas são

⁸³ Idem. *Op. Cit.*, 2012, p. 11.

⁸⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.* 2006, p. 140.

entrelaçados.⁸⁵ Para analisar as mudanças nas políticas internas e externas do governo Bush, fazendo uma análise dos documentos de segurança nacional, por exemplo, é preciso considerar a influência da agenda neoconservadora. Mas também é preciso ponderar as ações e impactos de agentes como Rumsfeld, Bush e Cheney; bem como de agentes como a CIA ou FBI; ou mais, como o *American Enterprise Institute*.

Sendo assim, para analisar como as instituições do conhecimento estadunidenses influenciaram (ou não) na popularização do negacionismo científico e conspiracionismo políticos (usados por grupos de direita nos Estados Unidos) entre os anos 2001 e 2016, de tal forma a impactar a Ordem do Conhecimento estadunidense, é preciso analisar os eventos e agentes destes movimentos, mas também daqueles eventos que fundamentaram a Ordem do Conhecimento em mudança.

1.2.1 Autoridades do saber: universidades e think tanks

Conforme Peter Burke, alguns indivíduos, grupos ou instituições tornaram-se “autoridades” e concentram o poder de legitimar a produção do conhecimento. Estas autoridades atuam para autorizar ou rejeitar conhecimentos, definir o que é conhecimento útil e inútil, o que é válido ou não, o que é confiável ou duvidoso. Por vezes, definir mesmo o que é ciência.⁸⁶

Desde a Idade Média, as universidades são reconhecidas como locais de conhecimento ou “espaços de saber”, mas as instituições de ensino superior do século XXI, muito se diferem de suas contrapartes medievais. Ao longo do século XIX, três modelos de universidades emergiram e balizaram as instituições de ensino e pesquisa modernas, que são os modelos francês, alemão e estadunidense.⁸⁷

Na França, só na Terceira República, em 1896, que instituições isoladas começaram a construir uma federação de unidades independentes. Começou-se a criar a separação entre “grandes escolas”, voltada para pesquisa e formação das elites intelectuais, e as universidades,

⁸⁵ Idem. *Op. Cit.* 2014, p. 307.

⁸⁶ BURKE, Peter. *Op. Cit.* 2016. p. 32.

⁸⁷ PAULA, Maria de Fátima de. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 1, mar. 2009, p. 65.

responsáveis por um ensino mais massificado.⁸⁸ Na Alemanha, o marco foi a criação da Universidade de Berlim, em 1810. No modelo alemão, o planejamento e desempenho da universidade deveria ser autônomo, embora sua existência dependesse do Estado.⁸⁹ Logo, o Estado que impedisse a liberdade de ensino e pesquisa da universidade impediria a própria razão de ser da instituição. Assim, na Europa, o modelo alemão apresentava uma associação essencial entre pesquisa e ensino, enquanto o modelo francês apresentava uma separação. No entanto, ambos voltados para o Estado.

Já o modelo estadunidense apresentou uma abordagem mais voltada para o consumo, numa dissociação do Estado. Numa forma empresarial, as universidades estadunidenses procuraram “atender aos interesses imediatos do setor produtivo, do Estado e da sociedade, produzindo especialistas, conhecimento tecnológico e aplicado, pesquisas de interesse utilitário, assim como serviços de uma maneira geral”.⁹⁰ Entretanto, vale ressaltar que ao longo de sua história, as universidades “privadas” norte-americanas passaram a receber “um apoio muito substancial na forma de bolsas de pesquisa, ajuda a estudantes e assim por diante dos governos federal e estadual, para não mencionar doações sem impostos que vêm de indivíduos, fundações e empresas”.⁹¹ Desta forma, embora concentrem ainda a imagem de “autoridades” do conhecimento voltada ao setor privado, as universidades estadunidenses são majoritariamente mantidas com apoio estatal e integram parte da economia geral.

No entanto, a fundação das universidades nos Estados Unidos remonta ao século XVII. A educação nos “Estados Unidos Colônia” era motivada por um caráter religioso, mas não clerical. Para formar novos elementos para a direção religiosa estabeleceram-se instituições de ensino superior.⁹² No entanto – esse elemento será melhor aprofundado na subseção seguinte –, ao longo do século XIX, as universidades estadunidenses remodelaram-se, se voltando para um modelo de pesquisa e ensino semelhante ao adotado na Europa, incorporando um *ethos* para a atividade acadêmica.

⁸⁸ Ibid., p. 74.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Ibid., p. 78.

⁹¹ VITZ, Paul. The future of the university: from postmodern to transmodern. In: JEFFREY, David Lyle; MANGANIELLO, Dominic (orgs.). *Rethinking the Future of the University*. Ottawa: University of Ottawa Press. 1998, p. 105

⁹² KARNAL, Leandro. *Op. Cit.* 2016. p 48-49.

Como afirma Burke, (e é devidamente explorado no capítulo 2, subseção 2.1.2 – Pensadores independentes e filantropos: “siga o dinheiro”), a ordem do conhecimento estadunidense passou por uma mudança ao longo do século XX com a emergência de instituições de pesquisa, que depois foram denominadas *think tanks*, “ofuscando” o domínio que as universidades concentravam desde o final do século XIX.⁹³

Se por um lado, a ideia de Universidade é bem definida e difundida, o conceito de *think tank* é “essencialmente contestado”.⁹⁴ De acordo com o relatório *Global Go To Think Tank Index*, de 2020, *think tanks* são instituições de análise de políticas públicas, que geram pesquisas e publicações sobre questões nacionais e internacionais, para orientar a política. Podem ser instituições independentes, estruturadas como órgãos permanentes, ou afiliadas a instituições públicas ou privadas.⁹⁵ Em muitos casos, *think tanks* apresentam-se como pontes entre a comunidade acadêmica e os formuladores de políticas públicas no Estado. Ao mesmo passo, apresentam-se também como serviço ao interesse público ao se manifestarem como uma “voz independente que traduz a pesquisa aplicada e básica em uma linguagem compreensível”.⁹⁶

A característica de “contestado” do conceito de *think tank* não vem necessariamente de suas definições, mas de suas amplitudes. Ao mesmo tempo em que são instituições bem definidas e organizadas, os *think tanks* possuem padrões variados em diferentes países. Em muitos aspectos esse tipo de instituição adaptou-se a variedades culturais, políticas, sociais, históricas e econômicas.⁹⁷ Assim, suas definições, ações e atribuições são variadas de acordo com o recorte contextual e temporal. Em um recorte global, o *Global Go To Think Tank Index* reconheceu sete categorias: 1) autônomo e independente, que possui independência significativa de qualquer grupo de interesse ou doador; 2) quase independente, aquele autônomo, mas controlado por algum grupo de interesse, doador ou agência contratante; 3) afiliado governamental, aquele que faz parte formal de estrutura de um governo; 4) quase governamental, aquele fundado por agente do governo e que recebe fundos e contratos do

⁹³ BURKE, Peter. *Op. Cit.* 2016. p. 56.

⁹⁴ MEDVETZ, Thomas. *Think tanks as an emergent field*. New York: Social Science Research Council, 2008, p. 2.

⁹⁵ MCGANN, James G. 2020. *Global Go To Think Tank Index Report*. University of Pennsylvania 2021, p. 10.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 10.

⁹⁷ URRUTIA, Oliveira. The role of think tanks in the definition and application of defense policies and strategies. *Revista del Instituto Español de Estudios Estratégicos*, n. 2, 2013, p. 3.

Estado, mas não integra parte formal do governo; 5) afiliado a universidade, centro de pesquisa política sediado em uma universidade; 6) afiliado a partido político, aquele formalmente afiliado com um partido político; 7) corporativista (por lucro), aquele centro de pesquisa voltado para o lucro, afiliado a uma corporação ou empresa.⁹⁸

Em linhas gerais, por hora, pode-se definir *think tanks* como organizações de relativa independência, que produzem conhecimento com a finalidade de influenciar o processo político, construir consenso (e dissenso). Sendo assim, influenciar a agenda e a opinião pública tornam-se as atividades finais dessas instituições. Como define Urrutia, “a produção de ideias, bem como a capacidade de influenciar, são características inerentes aos *think tanks*”.⁹⁹

E as estratégias empregadas para esses objetivos são variadas. Diversos *think tanks* promovem jantares, conferências, seminários e encontros em empresas ou universidades. Outra estratégia comum são as publicações. A maioria dos *think tanks* estadunidenses possuem suas próprias editoras e publicam seus próprios periódicos.¹⁰⁰ Além, os membros dos *think tanks* com frequência ocupam espaço na mídia através de colunas de jornais e participações em programas de TV. Por fim, *think tanks*, em especial nos Estados Unidos, procuram manter relações próximas com membros do Congresso, com juízes federais e representantes de órgãos estaduais. Não raramente estes especialistas são convocados para depor como testemunhas em audiências no Congresso, ao mesmo tempo, membros do Congresso são convidados para falar em eventos promovidos por *think tanks*.¹⁰¹

Por se tratarem de instituições antigas, mas, ao mesmo tempo, maleáveis a diferentes contextos, até hoje há certa dificuldade em estabelecer um conceito universal para “*think tank*”. De acordo com Juliana Hauck, os conceitos mais tradicionais (estadunidenses) não são suficientes para definir as variações de *think tanks* em outras realidades nacionais.¹⁰² Além disso, mesmo nos Estados Unidos, frente às mudanças que estas instituições passaram ao longo do tempo, os conceitos estabelecidos décadas passadas se tornaram obsoletos. “Nesse

⁹⁸ MCGANN, James. *Op. Cit.*, 2021.

⁹⁹ URRUTIA, Oliveira. *Op. Cit.*, p. 5.

¹⁰⁰ MCGANN, James. *Think tanks and policy advice*. The US. Foreign Policy. Pennsylvania: Research Institute, 2005, p 16.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 17-18.

¹⁰² HAUCK, Juliana Cristina Rosa. What are 'think tanks'? Revisiting the dilemma of the definition. *Brazilian Political Science Review*, v. 11, 2017, p. 1.

sentido, além da insensibilidade da matriz conceitual tradicional às especificidades locais, verifica-se uma inadequação histórica do conceito tornando obsoletos seus atributos clássicos, mesmo no contexto de sua origem”.¹⁰³ Mas, apesar disso, conforme Hauck, dois atributos são constantes nas diferentes definições: a autonomia organizacional e financeira (em relação ao governo) e engajamento central e amplo na condução de pesquisas.¹⁰⁴

Como coloca Medvetz, *think tanks* são um “objeto obscuro”.¹⁰⁵ Defini-los como uma “classe” distinta da academia, da política ou do mercado, acaba por dar independência para essas organizações que, na prática, convergem os interesses de diferentes grupos nestas três esferas. Mesmo nos Estados Unidos, onde a premissa pela suposta independência e imparcialidade dos *think tanks* tende a ser mais aceita, adotar as organizações como pertencentes a uma “classe” própria ignoraria a evolução dessas instituições no país, que seriam, nas palavras de Medvetz, uma “descendência genética de estados, partidos, mercados e universidades”.¹⁰⁶ Em suma, argumenta Medvetz, “think tank” devem ser entendido não como um tipo distinto de organização em si, mas como um “dispositivo organizacional” que reúne as autoridades políticas, econômicas e acadêmicas (científicas) de outras instituições já estabelecidas. Embora tenham se desenvolvido consideravelmente ao longo do século XX, os *think tanks* como instituições atuam em um hibridismo.¹⁰⁷ Aglutinam agentes e poderes originários de diferentes campos (como o campo político, econômico, acadêmico/científico e social), para influenciar especialmente o campo político.

Conforme Diana Stone, a noção de que *think tanks* são instituição essencialmente separadas do Estado e de interesses privados (para manter sua autonomia e “imparcialidade”) é uma característica de *think tanks* ocidentais (em especial dos Estados Unidos). Sendo assim, em contextos diferentes muitas organizações que operam no governo podem ser compreendidas (e em muitos casos são) como *think tanks*.¹⁰⁸ Ainda conforme Stone, a percepção contemporânea sobre os *think tanks* fundamentou-se em três grandes mitos: o de

¹⁰³ Ibid., p. 3.

¹⁰⁴ Ibid., p. 4.

¹⁰⁵ MEDVETZ. Thomas. *Op. Cit.* 2008, p. 2.

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷ Ibid., p. 10.

¹⁰⁸ Ibid., p. 10.

que servem à comunidade; que são conexões imparciais entre a sociedade e a academia; e de que apenas “pensam”, ou seja, não agem.¹⁰⁹

O primeiro mito, no entanto, é desmentido considerando as filiações e atividades das organizações. *Think tanks* precisam sempre atrair novos talentos e manter grandes nomes entre seus quadros, a fim de manter-se relevante. Além, procuram também integrantes políticos e burocratas para promover a reputação da instituição. Por fim, as campanhas por arrecadação de fundos são preocupações constantes.¹¹⁰ Em suma, embora muitos *think tanks* se apresentem como “agentes educacionais” ou “promotores de políticas sociais”, suas ligações são mais próximas de empresas privadas e agências governamentais que com o “público”.

De forma semelhante, o segundo mito é confrontado considerando as atividades e produções. *Think tanks*, em muitos casos, sustentam a missão de “servir aos interesses públicos” como “ferramentas” de informação. Porém, Stone aponta, raramente procuram demonstrar como suas publicações ou ações “esclareceram” o debate público.¹¹¹ Não haveria, segundo a autora, um diálogo, mas sim uma via de mão única.¹¹² Em linhas gerais, o “público” seria entendido como uma “audiência” para a qual a produção é transmitida. Além disso, a própria estrutura organizacional seria excludente, desde os locais em que funcionam até os jargões e vestimentas.¹¹³ Por fim, a constante necessidade de manter-se relevante e economicamente viável separaria a organização do “interesse público”.¹¹⁴

Por fim, o terceiro e último mito é desmentido uma vez que *think tanks* vão além do simples “pensar”. Em linhas gerais, conforme Teixeira, embora “pensar” seja uma das funções primárias dessas instituições, elas também “fazem”.¹¹⁵ É neste sentido que Stone aplica o termo *Think-and-do Tanks*. Grande parte dessas organizações possuem programas, promovem ensaios políticos, avaliações e monitoramento, organizam eventos, dedicam-se a treinamento de pessoal, produzem documentários televisivos, etc.¹¹⁶ Além disso, atuam reciclando,

¹⁰⁹ STONE, Diana. Recycling Bins, Garbage Cans or Think Tanks? Three Myths Regarding Policy Analysis Institutes. *Public Administration*, v. 85, Issue 2, 2007, p. 263.

¹¹⁰ Ibid., p. 278.

¹¹¹ Ibid., p. 321.

¹¹² Ibid., p. 322.

¹¹³ Ibid., p. 324.

¹¹⁴ Ibid., p. 326.

¹¹⁵ TEIXEIRA, Tatiana. *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA*. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p. 110.

¹¹⁶ STONE, Diana. *Op. Cit.* 2008, p. 279.

editando e sintetizando estudos acadêmicos relevantes para as suas áreas de atuação, traduzindo para formatos midiáticos ideias densas e teorias abstratas.¹¹⁷ Em suma, pode-se dizer que *think tanks* “pensam”, mas que suas funções vão muito além, uma vez que desempenham um papel relevante no processo político, definindo debates e promovendo pautas, além de traçarem uma linha entre o “perito” e o “não perito” quanto a assuntos de ordem política e ou econômica.¹¹⁸

Think tanks possuem uma longa história na formulação de políticas (internas e externas) nos Estados Unidos. Conforme Teixeira, estas instituições foram, por muito tempo, interpretadas como “naturais”, se não exclusivas, dos Estados Unidos devido à cultura organizacional e política estadunidense, tida como descentralizada e rica em pontos de acesso.¹¹⁹

James McGann atribui o surgimento de *think tanks* a uma tradição filantrópica corporativa estadunidense, característica da “Era progressista”.¹²⁰ Conforme será abordado na seção seguinte, (subseção 2.2.2 – Podando o conhecimento: do evangelho da riqueza ao o medo vermelho), ao final do século XIX e início do XX, homens como Andrew Carnegie e John Rockefeller investiram financeiramente na construção de universidades e institutos de pesquisa. Muitos industriais, munidos por uma “fé no conhecimento” (mas também no lucro), investiram em instituições com o propósito de “levar conhecimento” ao processo de tomadas de decisões e “ajudar o governo a pensar”.¹²¹ James Smith argumenta que *think tanks* nos Estados Unidos surgiram de uma “longa busca por uma ciência da sociedade e da política”,¹²² elaborada por uma “elite intelectual e política” do início do século XX.¹²³ Em linhas gerais, neste primeiro momento, *think tanks* estabeleciam-se como canais entre a sociedade civil e o governo, considerando que esta comunicação era quase inexistente.¹²⁴

Por outro lado, as posturas e imagens dessas instituições modificaram-se consideravelmente após a Segunda Guerra Mundial. Conforme será abordado na seção 3

¹¹⁷ Ibid., p. 280.

¹¹⁸ Ibid., p. 281.

¹¹⁹ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit.* 2007, p. 111.

¹²⁰ CGANN, J.; WEAVER, R (Org.). *Think tanks and civil societies: catalysts for ideas and action.* New Brunswick / Londres: Transactions Publishers, 2002, p. 5.

¹²¹ Ibid., p. 5.

¹²² SMITH, James. *The idea brokers: think tanks and the rise of the new policy elite.* New York: The Free Press, 1991, p. 15.

¹²³ Ibid.

¹²⁴ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit.* 2007, p. 129

(subseção 3.1.1 – Os bazares de ideias: o anti-intelectualismo e o combustível para think tanks conservadores), entre os anos 1930 e 1970, a relação entre *think tanks* e o Estado (bem como a relação de *think tanks* com o público), sofreu grande alteração. Diferente das instituições do século XIX e início do XX, os *think tanks* populares de meados do século voltaram suas pesquisas para políticas públicas e com pesado investimento estatal.¹²⁵ Já o efervescente cenário cultural estadunidense das décadas de 1960 e 1970 – com a guerra do Vietnã, a luta pelos direitos civis, etc. – levou muitas instituições a agirem diretamente como promotoras de políticas, ou mesmo, arquitetas de projetos sociais. Como ressalta Medvetz, o crescimento de meios de comunicação de massa (como a TV a cabo e canais 24 horas de notícias), *think tanks* estadunidenses tornaram-se mais competitivos, especializados e abertamente ideológicos.¹²⁶ Verdadeiros “centros de ideias” ou “salas de guerra”. De fato, a própria popularização do termo *think tank* para definir essas organizações remonta este período e essa mudança. Conforme McGann e Weaver, o termo *think tanks* remete a um espaço no qual (durante um conflito militar) especialistas – militares e civis –, reuniam-se para desenvolver estratégias e avaliar planos de ataque. Em suma, um lugar de segurança (*tank*) no qual se pudesse pensar (*think*) na melhor estratégia possível. O termo tornou-se popular para referenciar estas organizações ao longo da década de 1960 e 1970.¹²⁷

Em suma, como conclui Tatiana Teixeira, com o tempo, empresários perceberam que financiar um acadêmico renomado ou ex-membro da casa branca na publicação de um livro sobre algum assunto específico, era uma boa forma de produzir e espelhar suas ideias.¹²⁸

Dessa forma, os *think tanks* elaboraram uma junção entre estratégias e técnicas de marketing com desenvolvimento de pesquisas políticas. A busca por influenciar o debate público – seja através de publicações ou pela inserção de membros em serviços e cargos governamentais – ganhou novos contornos. Assim, mais que produtores de pesquisas dedicados a “ajudar o governo a pensar” os *think tanks* populares dos anos 1960 e 1970 tornaram-se atores políticos nitidamente declarados. Tem-se a emergência dos *Advocacy think tanks*. Como define McGann, *Advocacy think tanks* seriam aqueles que atuariam promovendo um ponto de vista e cujas análises e posições partem de uma postura partidária.

¹²⁵ Ibid., p. 134.

¹²⁶ MEDVETZ, Thomas. Think Tanks. In: RITZER, George (Ed). *Blackwell encyclopedia of sociology*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2007, p. 101.

¹²⁷ MCGANN, J.; WEAVER, R. *Op. Cit.*, 2002, p. 5.

¹²⁸ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit.*, 2007, p. 140.

Teriam como característica a presença de uma missão definida por uma ideologia, moral ou partido, e como missão, apoiar ou defender (por vezes, a atacando), uma causa, ideologia ou partido.¹²⁹ Muitos dos *think tanks* considerados neste trabalho enquadram-se nessa categoria: o *American Enterprise Institute* (1948); a *Hoover Institution* (criada em 1919 e reformulada em 1937); a *John Birch Society* (1958); o *Project for a New American Century* (1997), entre outros.

Portanto, em linhas gerais, *think tanks* seriam instituições historicamente relacionadas com o Estado (mesmo que, por vezes, supostamente assumindo apenas o papel de “servir ao Estado”), mas também às empresas privadas. Portanto, a noção de imparcialidade dessas instituições deve sempre ser posta em perspectiva, seja em relação a seus doadores (privados ou governamentais) ou membros (jornalistas, acadêmicos e/ou políticos).

Uma perspectiva empregada para analisar as ações dos *think tanks* baseia-se na teoria das elites, que tem suas raízes nos estudos de Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto. Essa teoria postula a existência de uma minoria que exerce controle sobre a maioria, mantendo sua influência por meio de diversos mecanismos e estratégias.¹³⁰ Mesmo que se compreenda um “ativismo político das massas”,¹³¹ não se poderia ignorar as “elites que moldam as principais diretrizes históricas”. Segundo essa abordagem, as sociedades se desenvolvem em duas classes distintas: os governantes (também conhecidos como classe política, elite ou dirigente) e os governados (a massa). A primeira é caracterizada como uma minoria detentora do monopólio do poder, enquanto a segunda é considerada submissa.

Antonio Gramsci, crítico dessa perspectiva, afirmou que “os conceitos políticos desse autor [Mosca] são vagos e imprecisos, e seus princípios de técnica política são abstratos, incluindo a noção de ‘classe política’”.¹³² Segundo a visão de Gramsci, o Estado se organiza em dois planos distintos: a sociedade política, composta por instituições de coerção e violência (os aparelhos repressivos do Estado) que servem para manter as classes dominantes no poder; e a sociedade civil, constituída por organizações sociais não governamentais (os

¹²⁹ MCGANN, James. *Op. Cit.*, 2005, p. 8.

¹³⁰ GRYNSZPAN, Mario. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 41. jan./jun. 1996, p. 27.

¹³¹ GIMENES, Éder Rodrigo. Teoria das elites e as elites do poder: considerações sobre a relevância dos teóricos clássicos e de Wright Mills aos estudos de cultura política e democracia. *Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR*. v. 2, n. 2, 2001, p. 126.

¹³² SCHLESENER, Anita Helena. A crítica de Gramsci à Teoria das Elites: Pareto, Mosca e Michels e a democracia burguesa. In: *V Colóquio Internacional Marx Engels*. Campinas, 2007, v. 1. p. 5.

aparelhos privados de hegemonia), responsáveis por desenvolver ideologias com o objetivo de estabelecer uma hegemonia (como partidos políticos, jornais, escolas, entre outros).¹³³ Gramsci também argumentou que os intelectuais não constituem uma classe separada, mas estão intrinsecamente ligados a todas as classes que desempenham funções na produção econômica, sendo denominados de “intelectuais orgânicos”.¹³⁴ Thomaz Medvetz observa que os *think tanks* buscam estabelecer parcerias com universidades, agências governamentais e grupos de mídia na tentativa de acumular autoridade e influência, refletindo a projeção dessas instituições.¹³⁵ Portanto, os membros que compõem o corpo de especialistas de um *think tank* são frequentemente compostos por jornalistas, professores universitários, pesquisadores, funcionários públicos, grandes empresários e outros profissionais que se enquadram na definição de intelectuais orgânicos de Gramsci. Além disso, os *think tanks* desempenham um papel crucial na consolidação de ideias políticas, podendo ser considerados parte dos aparelhos privados de hegemonia.

Outra perspectiva de análise considera as ações e organizações dos *think tanks*, especialmente nos Estados Unidos, sob a ótica do pluralismo.¹³⁶ A perspectiva pluralista se refere a um modelo de sociedade composta por diversos atores que operam nos centros de poder, muitas vezes em conflito entre si.¹³⁷ Por um longo período, os *think tanks* foram reconhecidos como instituições típicas dos Estados Unidos devido ao ambiente político descentralizado, pluralista e altamente dinâmico do país.¹³⁸ Essas instituições desempenharam um papel significativo ao longo da história norte-americana, sendo reconhecidas como fontes de autoridade intelectual em diversos contextos e por diferentes grupos de influência, como procuramos demonstrar ao longo deste estudo. Nessa abordagem, as ações dos *think tanks* nos Estados Unidos podem ser interpretadas como reflexos do sistema democrático desse país, que apresenta múltiplos centros de poder e uma variedade de agentes políticos ativos.¹³⁹

¹³³ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 10.

¹³⁴ Ibid., p. 12.

¹³⁵ MEDVETZ, Thomas. *Op. Cit*, 2008, p 6.

¹³⁶ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit*. 2007. p. 39.

¹³⁷ BOBBIO, Norberto. Pluralismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília/Linha Gráfica, 1991. v. 1, p. 928.

¹³⁸ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit*, 2007. p. 111

¹³⁹ Ibid., p. 36.

No entanto, como Inderjeet Parmar chama atenção, estas teorias tradicionais (pluralista, marxistas ou das elites) tendem a assumir uma noção de um Estado fraco. Segundo Parmar, nestas perspectivas o Estado é tratado como um árbitro relativamente neutro responsável por intermediar as exigências de grupos de interesse concorrentes. Em certos casos, o Estado fraco chega a ser representado como um instrumento inerte manuseado por uma classe social específica, como artefato manipulado por grupos privados poderosos.¹⁴⁰ Analisando trabalhos sobre a atuação do *Council on Foreign Relations*, Parmar faz a denúncia de trabalhos que categoricamente assumiam que o CFR controlava o próprio Estado.¹⁴¹ Em certa medida, uma análise que recai sobre a ideia de Estado fraco corre o risco de aproximar-se de análises teórico-conspiratórias que sustentam a existência de um “estado profundo”, um conjunto de indivíduos trabalhando no semi-anonimato para “promover seus próprios interesses contra os das autoridades governamentais”.¹⁴² De fato, diversas teorias conspiratórias do século XX e XXI tomam ações de *think tanks* como o CFR como parte de uma agenda promovida por uma “elite global”.

Seguindo uma abordagem da história do conhecimento, este trabalho busca uma ênfase não nos intelectuais como agentes (classe ou movimento), mas nas instituições às quais eles se filiam.¹⁴³ Porém, isso não implica dizer que o agente é desconsiderado. Como Burke argumenta, um “sistema de conhecimento” inclui os papéis disponíveis aos indivíduos, a forma pela qual o conhecimento é transmitido, os critérios de avaliação de desempenho, e mais. Este “sistema” seria “como uma rede de oportunidades e restrições, as quais nem sempre estão visíveis para os agentes”.¹⁴⁴ Embora a Ordem do Conhecimento de uma sociedade não seja planejada, mas construída a partir da relação entre estabelecida entre diferentes instituições do conhecimento, as dinâmicas e culturas organizacionais dessas instituições podem ser planejadas.

Estudando o sistema universitário francês, Bourdieu desenvolveu os conceitos de *habitus*, *field* (campo) e *capital*, com os quais analisou as condições de ingresso e relações

¹⁴⁰ PARMAR, Inderjeet. The issue of state power: the council on foreign relations as a case study. *Journal of American Studies*, v. 29, n. 1, 1995, p. 74.

¹⁴¹ Ibid., p. 75.

¹⁴² FITZGERALD, Ian. *Estado Profundo*. Brasil: Pé da Letra, 2021, p. 11.

¹⁴³ BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2018, p. 2.

¹⁴⁴ Ibid., p. 168.

entre as posições dos indivíduos no *fiel* – chamando por vezes de *Battlefield* (campo de batalha) acadêmico – e as estratégias e formas de poder acadêmico.¹⁴⁵ Conforme Karl Maton,

Formalmente, Bourdieu define *habitus* como uma propriedade do agente social [...] É uma “estrutura” na medida em que é sistematicamente ordenada em vez de aleatória ou não padronizada [...] O *habitus* é assim estruturado por condições de existência e gera práticas, crenças, percepções, sentimentos e assim por diante de acordo com sua própria estrutura. [...] (*habitus* + *Capital*) + *field* = prática. Essa equação pode ser desempacotada da seguinte forma: a prática resulta das relações entre as disposições (*habitus*) e a posição de alguém em um campo (*capital*), dentro do estado de jogo atual dessa arena social (*field*).¹⁴⁶

Além disso, especificamente sobre a ciência, Bourdieu definiu que a relação de forças é efetuada sobretudo através das relações de conhecimento e comunicação. O Capital Científico trata-se de um conjunto de propriedades e produtos de atos de conhecimento e reconhecimento entre os envolvidos. Segundo Bourdieu, “o peso simbólico de um cientista tende a variar segundo o valor distintivo dos seus contributos e a originalidade que os pares recorrentes reconhecem ao seu contributo distintivo”.¹⁴⁷ Bourdieu, através do que denominou “sociologia reflexiva”, voltou-se para seu próprio trabalho e para o de seus contemporâneos¹⁴⁸ para questionar os usos e relações sociais da ciência e reconheceu no campo científico um mundo social. Para Bourdieu,

O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou demandas externas.¹⁴⁹

Assim, Bourdieu demonstra como no “mundo da ciência” existem relações de poder, concentração ou monopólio de força, relações sociais de dominação, e mais. Além dos custos econômicos que a atividade científica exige, estas relações de poder e força também impactam o grau de autonomia da atividade.¹⁵⁰

¹⁴⁵ Idem. *Op. Cit.*, 2016, p. 24.

¹⁴⁶ MATON, Karl. *Habitus*. In: GRELFELL, Michael. *Pierre Bourdieu Key Concepts*. Acumen Publishing Limited. Stocksfield, 2008, p. 51.

¹⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 79-80.

¹⁴⁸ BURKE, Peter. *Op. Cit.* 2016. p. 24.

¹⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. *Os Usos Sociais da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 21-22.

¹⁵⁰ Ibid., p. 34.

Como aponta Thomas Medvetz, *think tanks* vivem em um ciclo contraditório e interminável. Por um lado, procuram-se manter distantes de universidades, agências lobistas, redes jornalísticas e afins, para salvaguardar a imagem de independência (política e ideológica). Por outro, precisam das autoridades que personalidades e agentes destas organizações acumulam e projetam.¹⁵¹ Assim, *think tanks* vivem em um interminável movimento contraditório de desapego e associação a organizações acadêmicas (universidades, grupos de pesquisa, laboratórios e afins) e políticas.

Embora as universidades ainda mantenham a imagem de “autoridade” do conhecimento, esta imagem foi corroída ao longo dos anos. Conforme Slaughter e Leslie, a globalização política e econômica desestabilizou os padrões de trabalho profissional universitário desenvolvidos no século XX.¹⁵²

Segundo John Kekes, o que fundamenta a existência de uma universidade é a busca pela verdade. Estas instituições buscariam este objetivo através das pesquisas e do ensino.¹⁵³ Argumento similar encontra-se o de Gerald Chan. Chan afirma que a universidade moderna emergiu quando passou a incorporar pesquisar, além do ensino. E, com esta dinâmica, as universidades passaram a integrar a sociedade de forma mais direta. Conforme Chan,

Com as inovações, surgiram empregos e força para economia. O vínculo é tão estreito que agora existe uma nova geografia de empregos que é distinta da antiga geografia moldada pela manufatura e finanças. Cidades com fortes universidades de pesquisa serão fortes centros econômicos do futuro¹⁵⁴

Mas, para Kekes, diversas práticas corromperiam este propósito, pois acadêmicos, com frequência, abririam mão da “busca pela verdade” para assegurar financiamento e cargos ou para publicar artigos e livros.¹⁵⁵ Kekes afirma que estes comportamentos não são respostas às demandas externas, o que distanciaria ainda mais as universidades de seu propósito de contribuir para a sociedade através da busca pela verdade. E que estas práticas podem “ser

¹⁵¹ MEDVETZ, Thomas. *Op. Cit.* 2008, p. 6.

¹⁵² SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry L. *Academic capitalism: politics, policies, and the entrepreneurial university*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997, p. 6.

¹⁵³ KEKES, John. *Academic Corruption. The Monist* 79 (4), 1996, p. 564.

¹⁵⁴ CHAN, Gerald. *Research University in Today's Society*. UCL Press, 2017, p. 13.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 565.

inspirados pela política de esquerda, pelo interesse acadêmico ou pela ganância pelo poder que consome muitos acadêmicos”.¹⁵⁶

Numa crítica mais direta às instituições e não aos acadêmicos, Richard Vedder afirmou que as universidades estadunidenses teriam seus desempenhos diminutos se comparados aos de instituições privadas (como *think tanks*).¹⁵⁷ Além disso, as universidades receberiam bolsas e subsídios específicos que cobririam pesquisas, não precisando, portanto, de investimento estatal. Para Vedder, existem três mitos que são usados para defender o apoio financeiro governamental a uma universidade.¹⁵⁸

O primeiro mito seria o do efeito da “externalidade positiva”, que defende que as universidades têm um efeito positivo socialmente, considerando um “transbordamento”. Ou seja, que os benefícios seriam aproveitados por indivíduos além dos que efetivamente estiveram na universidade. Nesta teoria, considera-se que, por exemplo, “uma população bem-educada, provavelmente tomará decisões mais informadas sobre políticas públicas”,¹⁵⁹ o que seria convertido em um benefício para a sociedade como um todo.

O segundo mito defenderia que a educação superior é um passo importante para ascensão social. Com incentivos financeiros – principalmente estatais – camadas mais baixas da sociedade podem almejar uma educação universitária e consequentemente alcançar empregos melhores e ter uma melhor igualdade de oportunidades, proporcionando assim uma mobilidade social.¹⁶⁰

E o terceiro e último mito, diz que as universidades têm funções que vão além do ensino. Que pesquisas universitárias muitas vezes levam ao desenvolvimento de vacinas ou medicamentos, de inovações tecnológicas ou mesmo de obras de arte. No entanto, Vedder contra-argumenta que os efeitos negativos também “transbordam”, como “um exagero do politicamente correto” que poderia sufocar ou reduzir a liberdade de expressão.¹⁶¹ Vedder ainda afirma que compreender a educação superior como mecanismo para a mobilidade social não implica a injeção de verba pública nas universidades, que, no máximo, este argumento

¹⁵⁶ Ibid. p. 566.

¹⁵⁷ VEDDER, Richard K. *Going broke by degree: why college costs too much*. Washington, D.C: The AEI Press. 2004, p. 18.

¹⁵⁸ Ibid., p. 20.

¹⁵⁹ Ibid.

¹⁶⁰ Ibid., p. 21

¹⁶¹ Ibid.

“defende a assistência aos estudantes, e não às instituições, que muitas vezes usam fundos para fins não pretendidos pelos doadores”.¹⁶² Por fim, o autor conclui que embora as universidades sejam importantes produtoras de pesquisa, o desempenho das universidades americanas no campo diminuiu na mesma proporção em que empresas privadas ascenderam ao mesmo propósito (como laboratórios e *think tanks*).¹⁶³ Que as universidades recebem bolsas e subsídios específicos que cobrem pesquisas. E que “algumas pesquisas universitárias são relativamente triviais e improdutivas, feitas mais para promover os membros do corpo docente do que realmente expandindo o estoque de conhecimento humano”.¹⁶⁴ Vale destacar que Richard Vedder é historiador e economista, professor da Universidade de Ohio. Foi membro de diferentes *think tanks*, entre eles do *American Enterprise Institute*, pelo qual publicou diversas obras criticando o sistema universitário estadunidense, como o livro *Going Broke By Degree*.¹⁶⁵

A “corrosão” da imagem das universidades estadunidenses como produtoras de conhecimento é mais evidente na forma como as instituições são vistas pelo público geral. Segundo dados do *PewResearch Center*, em 2011:

47% [dos estadunidenses] dizem que o objetivo principal de uma educação universitária é ensinar habilidades e conhecimentos relacionados ao trabalho, enquanto 39% dizem que é para ajudar um estudante cresce pessoal e intelectualmente; para o restante ambas as missões são igualmente importantes. Os graduados colocam mais ênfase no crescimento intelectual; aqueles que não são graduados colocar mais ênfase na preparação de carreira.¹⁶⁶

Os próprios presidentes das universidades estadunidenses divergiram sobre a missão das instituições. Cerca de 51% afirmou que o propósito da universidade é de contribuir para o crescimento intelectual do aluno, enquanto, para 48% ajudar e treinar o aluno para o sucesso no mercado de trabalho era o principal propósito da universidade. Ainda, quando questionados sobre o principal papel das universidades na sociedade, 40% afirmou ser o de preparar os estudantes para se tornarem membros produtivos da força de trabalho; 28% declarou ser o de construir cidadãos responsáveis; e, para 21%, o papel da universidade era o

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ Ibid. p. 22.

¹⁶⁴ Ibid. p. 23.

¹⁶⁵ OPEN TO DEBATE. Richard k. Vedder. Disponível em: <<https://opentodebate.org/debaters/richard-k-vedder/>> Acesso em: 10 set. 2023.

¹⁶⁶ TAYLOR, Paul; et al. *Is college worth it?* Washington: Pew Social and Demographic Trends, 2011, p. 2.

de assegurar que todos estudantes tenham igual acesso à educação universitária.¹⁶⁷ Ou seja, nos Estados Unidos, a universidade como produtora de conhecimento – que possui grupos de estudos, especialistas, publica livros e artigos acerca de temas cientificamente relevantes e contribui para o crescimento intelectual de seus alunos – é sobreposta pela visão da universidade como “curso preparatório” ou “impressora de diploma”. Em 2016, o governador Wisconsin, nos Estados Unidos, propôs alterar a declaração de missão do Sistema da Universidade do Estado para incluir afirmação de que a missão do sistema seria de desenvolver recursos humanos para atender às necessidades da força de trabalho do estado. A proposta ainda excluía da declaração de missão as propostas de ampliar o conhecimento e sua aplicação, e de servir e estimular a sociedade.¹⁶⁸

A principal crítica feita às universidades estadunidenses – ainda segundo o estudo do *PewResearch Center* –, foi o alto custo: 75% dos estadunidenses afirmavam que a educação superior era cara demais para a maioria.¹⁶⁹ Segundo Vedder, ao longo da década de 2000, “os custos dos cursos subiram bem mais que o dobro da taxa de inflação e, ajustando-se à inflação, as taxas superam o dobro do que eram uma geração atrás. De fato, os custos dos cursos estão aumentando mais rapidamente do que a renda familiar”.¹⁷⁰ E esta foi uma das razões que levou alguns estadunidenses a estudarem fora. Em 2016, o custo médio de uma educação superior nos Estados Unidos foi de 9.410 dólares em uma universidade pública e 32.405 em uma instituição de ensino particular. No mesmo período, na Europa, nas universidades que não são públicas, o custo médio foi de 2.225 dólares¹⁷¹.

O fato é que, ao avançar do século XXI, como argumentam Slaughter e Leslie:

Embora as invenções que alimentam as economias pós-industriais provavelmente sejam feitas por cientistas e engenheiros, MBAs e advogados, cientistas da computação e da informação, os ganhos de produtividade incorporados por essas descobertas podem reduzir a demanda por profissionais altamente qualificados. Um diploma universitário não garante mais um bom emprego.¹⁷²

¹⁶⁷ Ibid., p. 15.

¹⁶⁸ CHAN, Gerald. *Op. Cit.*, 2017, p. 18.

¹⁶⁹ TAYLOR, Paul. *Op. Cit.*, 2011, p. 6.

¹⁷⁰ VEDDER, Richard. Twelve inconvenient truths about American higher education. *Center for College Affordability and Productivity*. 2012, p. 1.

¹⁷¹ LOBOSCO, Kate. Americans are moving to Europe for free college degrees. *CNN*. February, 23, 2016.

Disponível em: < <https://money.cnn.com/2016/02/23/pf/college/free-college-europe/index.html> >. Acesso em 09 fev. 2023.

¹⁷² SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry. *Op. Cit.*, 1997, p. 51.

A relação entre conhecimento e poder (político) passa também pela universidade. Seja através de agentes políticos que passaram por essas instituições (como jornalistas, especialistas em políticas públicas, consultores, redatores de discursos, pesquisadores, e demais profissionais que se enquadrariam nos mais variados conceitos de “intelectuais”), ou pelas instituições em si.

Em linhas gerais, como dito no início do texto, este trabalho não busca elaborar uma “origem do conspiracionismo na América”, mas sim uma análise sobre como a relação entre Universidades e *think tanks*, com o Estado, nos Estados Unidos foi deteriorada na medida em que conspiracionismo alçou relevância política. Em outros termos, procura-se observar como a transformação na Ordem do Conhecimento no século XXI, em direção à negação do conhecimento, foi promovida através das interações entre instituições do conhecimento com o Estado na medida em que o “conhecimento” (e sua negação) foi instrumentalizado politicamente.

1.2.2 Universidades e think tanks na economia do capital científico

Quando o capitão Alfred Dreyfus foi acusado de traição por divulgar segredos militares franceses aos alemães, episódio que ficou conhecido como “Caso Dreyfus (1894-1906)”, o romancista Émile Zola liderou o grupo que defendia a inocência do capitão. Foi neste contexto que o termo “*intellectuel*” foi empregado pela primeira vez em língua francesa para denominar o erudito que se posicionava politicamente.¹⁷³ Seu primeiro registro foi no *Manifeste des intellectuels*, publicado no diário “Aurore” em janeiro de 1898. No russo, no entanto, já existia o termo “*intelligentsia*” ou “*inteligencijs*” que, ao mesmo modelo, era empregado para denominar o escritor ou erudito que se opunha aos regimes dos czares,¹⁷⁴ mas pouco depois passou a ser utilizado para designar “a classe culta, a categoria das pessoas que têm, em todas as sociedades, uma instrução superior”.¹⁷⁵

De acordo com Bourdieu, para a análise da produção intelectual, é necessário perceber a relação do criador (intelectual) com sua obra, e a relação de ambos com o sistema de relações

¹⁷³ BURKE, Peter. *Op. Cit.* 2016, p. 51.

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ MARLETTI, Carlo. Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de Política*. v. 2. Brasília: UnB, 1998, p. 637.

sociais “em que a criação se realiza como ato de comunicação, ou, com mais precisão, pela posição do criador na estrutura do campo intelectual”.¹⁷⁶ No entanto, para isso, é preciso que exista uma autonomia relativa que permita o “campo intelectual” ser um sistema regido por leis próprias.¹⁷⁷ E foi no século XIX, pelo movimento romântico, que a libertação da intenção criativa da arte ganha suas primeiras afirmações.¹⁷⁸ No entanto, ainda segundo Bourdieu:

Esta nova definição revolucionária da vocação do intelectual e de seu papel na a sociedade nem sempre foi percebida como tal, em virtude de levar à formação do sistema de representações e valores constitutivos da definição social do intelectual que nossa sociedade admite como óbvio.¹⁷⁹

Na perspectiva de Bourdieu, foi no contexto do Caso Dreyfuss e das ações de Zola que o “homem de letras”, gozando de independência (entendendo por independência a liberdade para construir um sistema próprio, o campo, regido por suas próprias leis), utilizou sua “autoridade específica” a serviço de uma causa política. “Para isso era-lhe necessário produzir uma figura nova, a do intelectual, inventando para o artista uma missão de subversão profética, inseparavelmente intelectual e política”.¹⁸⁰ Assim:

Paradoxalmente, é a autonomia do campo intelectual que torna possível o ato inaugural de um escritor que, em nome das normas próprias do campo literário, intervém no campo político, constituindo-se, assim, como intelectual. [...] o intelectual constitui-se como tal intervindo no campo político em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes.¹⁸¹

Portanto, é pelo acumulo de capital específico dentro de seu próprio campo e pelo uso deste no campo político, que, segundo Bourdieu, o intelectual é definido. E é neste ponto que se fundamenta a crítica aos “intelectuais da mídia”, aqueles criados pela e para a mídia, sem, portanto, pertencer ao “campo intelectual”. Conforme provoca Bourdieu, “Sartre não acumulou o seu capital simbólico assinando petições, conduzindo manifestações ou vendendo

¹⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. *Campo del poder y campo intelectual*. Montresor, 2002, p. 9.

¹⁷⁷ Ibid., p. 10.

¹⁷⁸ Ibid., p. 13.

¹⁷⁹ Ibid., p. 13.

¹⁸⁰ Idem. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 150.

¹⁸¹ Ibid., p. 150.

o *Libération* na rua, menos ainda aparecendo na televisão, mas escrevendo romances, peças de teatro e obras filosóficas”.¹⁸²

É neste ponto que se encontra o mesmo dilema encontrado por Burke em elaborar uma história do conhecimento. A relação entre “pensadores individuais” (intelectuais) e “grupos portadores de conhecimento” (universidades, *think tanks*, laboratórios, grupos de estudo, e afins). Se, por um lado, não existe “pensador independente” realmente independente – considerando, como resumiu Carr, que nenhum homem existe no vácuo ¹⁸³ –, por outro, a complexa relação entre instituições do conhecimento (neste trabalho, especialmente universidades e *think tanks*) movimenta uma economia de diferentes capitais (capital científico, político, econômico e mais), que podem ser “aproveitados” por estes agentes no campo político.

Conforme dito anteriormente, na sociologia de Bourdieu, a autonomia de um campo é estabelecida conforme este se torna independente do mundo externo às suas atividades. Todo campo é, por excelência, um campo de forças e lutas. Os agentes (no campo econômico, as empresas e lobistas; no político, os partidos e afins; e na ciência, os acadêmicos e pesquisadores) atuam criando espaços e mantendo relações objetivas entre os agentes que lá se encontram.¹⁸⁴ Seria o conjunto das relações objetivas entre os agentes que determinaria o que estes podem ou não fazer. Tem-se, aqui, uma aproximação com o que Burke chamou de “sistema de conhecimento”,¹⁸⁵ ou seja, o conjunto de práticas de um determinado campo (utilizando os termos de Bourdieu), estabelecido pelos agentes deste campo. Bourdieu exemplifica: no campo científico, para sua atividade-fim (ou seja, a pesquisa), os agentes precisam estar de acordo com os “princípios de verificação da conformidade ao ‘real’, acerca dos métodos comuns de validação de teses e de hipóteses”.¹⁸⁶

E a influência de agentes políticos no campo científico (seja direto, com a nomeação de cargos; ou indiretos, com politização de pesquisas), por exemplo, seria um indício de uma perda de autonomia. Segundo Bourdieu,

¹⁸² DA SILVA, Juremir Machado. Pierre Bourdieu: os mandamentos do intelectual. *Revista FAMECOS*, v. 6, n. 10, 1999, p. 1-16.

¹⁸³ CARR, Edward. *Op. Cit.*, 1974.

¹⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 2004, p. 23.

¹⁸⁵ BURKE, Peter. *Op. Cit.* 2016, p. 168.

¹⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.*, 2004, p. 33.

Isso significa que a “politização” de uma disciplina não é indício de uma grande autonomia, e uma das maiores dificuldades encontradas pelas ciências sociais para chegar à autonomia é o fato de que pessoas pouco competentes, do ponto de vista de normas específicas, possam sempre intervir em nome de princípios heterônomos sem serem imediatamente desqualificadas.¹⁸⁷

De acordo com o autor, o campo universitário ganhou autonomia ao longo do século XIX, na medida em que os agentes (professores universitários, administradores e afins) se distanciaram do “notável diretamente nomeado pelo poder político” e se tornaram mestres selecionados e especializados, separados por uma atividade profissional.¹⁸⁸ E, movidos por um ideal propriamente universitário (e científico), distanciaram-se do campo intelectual, se profissionalizando em uma metodologia específica. Este movimento é tratado neste trabalho na seção 2, subseção 2.1.1 – As rachaduras nos alicerces da torre de marfim: da igreja ao mercado.

Sendo um campo de batalha, o poder dos agentes no campo universitário se daria, sobretudo, pelo acúmulo de capital científico. Esse, de acordo com Bourdieu, se manifestaria em dois tipos: 1) o capital científico “puro”, isso é, o “prestígio” adquirido diante dos pares através das contribuições reconhecidas, publicações, invenções e descobertas; 2) o capital científico institucionalizado, aquele adquirido através da ocupação de cargos e posições importantes em instituições científicas.¹⁸⁹

O capital científico “puro” seria, na visão comum, relacionado ao indivíduo e seus “dons”, de forma que se torna de difícil transmissão. Por sua vez, o capital científico institucionalizado teria as mesmas regras que qualquer outro capital burocrático. Mesmo que, na maioria das vezes, tenha que assumir um grau de “eleição”, o recrutamento pode ser elaborado de forma a beneficiar determinado candidato pré-ajustado.¹⁹⁰

Além disso, a atividade científica implica também necessidades econômicas, seja em um sentido individual (o pesquisador precisa manter-se economicamente) ou profissional (fundos e investimentos para a compra de material e realização da pesquisa). Sendo assim, o Campo Científico Universitário nunca é completamente autônomo. Um bom exemplo (que é abordado na seção 2, subseção 2.2.2 - Podando o conhecimento: do evangelho da riqueza ao

¹⁸⁷ Ibid., p. 22

¹⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Florianópolis: Editora UFSC, 2017, p. 65.

¹⁸⁹ Idem. *Op. Cit.*, 2004, p. 35.

¹⁹⁰ Ibid., p. 37.

o medo vermelho) é o caso de Edward Alsworth Ross, professor da Universidade de Stanford, que em 1900 sofreu perseguição administrativa – encabeçada pela chefe do conselho administrativo da universidade – por criticar abertamente aos escândalos sobre uso de mão de obra chinesa na ferrovia que financiava a universidade. Em termos de Bourdieu, pode-se dizer que Ross usou de seu Capital Específico fora de seu Campo, o que definiria atividade do “intelectual”. Em represália, recebeu antagonismo do conselho administrativo (detentor de capital burocrático), e do presidente da universidade (de capital científico institucionalizado). Como ressalta Bourdieu, embora o crédito científico (adquirido pelo capital científico “puro”) possa, em alguns casos, assegurar uma forma de consagração política,¹⁹¹ em vida de regra, o “verdadeiro poder” universitário estaria no “acúmulo de posições que permitem controlar outras posições e seus ocupantes”,¹⁹² ou seja, no capital científico institucionalizado.

Por esta economia de capital científico, pode-se observar as relações de aproximação e de separação, como definiu Medvetz, entre *think tanks* e universidades. Um exemplo pode ser encontrado nos relatos de Howard Wiarda sobre seu tempo como pesquisador do *American Enterprise Institute* e no *Foreign Policy Research Institute*.

Em 1981, Wiarda, historiador, foi recrutado para assumir um cargo de pesquisador sênior no AEI. Na época, lecionava na Universidade de Massachusetts, tendo o cargo de professor efetivo. Considerando a verba, o prestígio e o poder político que o *think tank* acumulava na época – Wiarda menciona que quem o recrutou pessoalmente foi Jeane Kirkpatrick, embaixador dos Estados Unidos na ONU –, a oferta pareceu uma oportunidade ímpar de trabalho.¹⁹³ Wiarda relutou em abrir mão de seu cargo na Universidade de Massachusetts, mas a distância geográfica o impedia de manter ambas posições. A solução foi pedir licença não remunerada da Universidade, que foi repetidamente prorrogada. Uma vez efetivado como pesquisador do AEI, Wiarda passou a gozar de verba para pesquisa, para publicação, para viagem, e muito mais. Não só teve facilidades para produzir, mas também para publicar. Wiarda relata a prática de “livros instantâneos”, definidos como: “aqueles em que pegamos um grupo de artigos inéditos ou artigos publicados anteriormente, os

¹⁹¹ Ibid., p. 40.

¹⁹² Idem. *Op. Cit.*, 2017, p. 103.

¹⁹³ WIARDA, Howard J. *Think tanks and foreign policy: The Foreign Policy Research Institute and presidential politics*. Lexington Books, 2010, p. 11.

organizamos em capítulos, escrevemos uma introdução e uma conclusão e os publicamos como livros editados”.¹⁹⁴

Especialista em relações internacionais, Wiarda já acumulava um prestígio acadêmico quando foi recrutado. Além de professor efetivo da Universidade de Massachusetts, havia sido professor visitante em Harvard, no MIT e em Georgetown.¹⁹⁵ Seu primeiro livro, sua tese de doutoramento, havido sido publicado em 1969. Contava ainda com diversas publicações na área de relações internacionais e estudos políticos. Ou seja, Wiarda já mantinha um considerável acúmulo de capital científico, tanto pelas posições que ocupou quanto pela sua produção intelectual. Sobre seu tempo na academia (1965-1981), Wiarda relata a existência de uma “frustração” por parte dos pesquisadores:

Na UMass e em outras instituições acadêmicas às quais eu estava afiliado (incluindo as de Washington, D.C.), a frustração era grande porque, embora o corpo docente tivesse conhecimento e experiência consideráveis, ninguém no governo jamais os pedia conselhos. Aqui estavam eles com informações especializadas sobre países, regiões e áreas temáticas obscuras, mas ninguém jamais os procurou para obter conselhos. Para muitos dos meus colegas, isso foi extremamente frustrante.¹⁹⁶

Mesmo entre acadêmicos de universidades localizadas em Washington, a troca entre academia e política era diminuta.¹⁹⁷ Wiarda apontou para o fato da escrita acadêmica ser reconhecida como abstrata e teórica demais para a política, uma vez que políticos precisariam soar decisivos e sólidos, com respostas “sobre como votar ou como proceder hoje, agora”.¹⁹⁸ Outra característica que distanciaria o acadêmico universitário de atuar na política, segundo Wiarda, seria o desconhecimento desses sobre a burocracia estatal, os detalhes do dia a dia das casas do poder legislativo e os “altos e baixos políticos, quem está dentro e quem está fora, a ascensão e queda de facções políticas rivais”¹⁹⁹, etc. Em outros termos, os acadêmicos habituados às dinâmicas do campo universitário teriam dificuldade em se adequar às especificidades do campo político.

¹⁹⁴ Ibid., p. 87.

¹⁹⁵ WILSON CENTER. Howard J Wiarda. Página de pessoal. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/person/howard-j-wiarda>>. Acesso em: 10 set. 2023.

¹⁹⁶ WIARDA, Howard. Op. Cit. 2010. p. 32.

¹⁹⁷ Ibid.

¹⁹⁸ Ibid.

¹⁹⁹ Ibid.

Como discutido anteriormente, os campos possuem conjuntos de práticas que são definidas de acordo com os agentes. No campo universitário, há rituais referentes a performance, escrita, fala, etc., que são próprios deste campo, conjunto de crenças, percepções e práticas (*habitus*). O mesmo pode ser dito sobre o campo político. O mito de que *think tanks* são pontes entre o conhecimento acadêmico e a sociedade fundamenta-se justamente na existência dessas práticas, nas diferenças entre os campos político e universitário. Wiarda assume que precisou adaptar sua redação para uma linguagem mais voltada para o jornalismo e aprender a “como mobilizar aliados e construir apoio político” para sustentar suas opções políticas.²⁰⁰

Como agentes, *think tanks* atuam no campo político apropriando-se de capitais científicos acumulado por seus membros. Wiarda revela que o prestígio do qual gozava por ter um nome consolidado na academia, o facilitou nas atividades com o *think tank*. Segundo ele, “pude obter o apoio de colegas acadêmicos, atraí-los para dar seriedade acadêmica e uma lista de palestrantes de peso às nossas conferências, e ter os meus convites para que colaborassem nos meus vários projetos respondidos favoravelmente”.²⁰¹ Porém, ao definirem-se como pontes entre a academia e a sociedade/política, afirmam-se como “tradutores” do conhecimento e não como produtores. No entanto, verifica-se que muitas produções de *think tanks* – direta ou indiretamente – tem impacto não só na política, mas também nos debates realizados na academia. Um exemplo (devidamente abordado na seção 3, subseção 3.2.1 - O fim da Guerra fria: O fim da história e a nova ordem mundial) é a promoção das teorias do Fim da História e do Choque de Civilizações.

A publicação é uma preocupação comum entre os acadêmicos universitários quanto dos *think tanks*. Ao mesmo passo que *think tanks* precisam publicar e atrair acadêmicos para fundamentar uma autoridade intelectual, reforçar sua presença como ator político e atrair investidores, acadêmicos universitários precisam publicar para manter-se relevante em suas áreas de atuação a fim de conseguir bolsas e gratificações. As universidades, nos Estados Unidos, bem como *think tanks*, precisam de financiamento da iniciativa privada. Em certa medida, a máxima “publique ou pereça”, aplica-se tanto aos *think tanks* quanto às universidades de pesquisa. Considerando, por exemplo, a fonte de renda operacional de

²⁰⁰ Ibid., p. 33.

²⁰¹ Ibid., p. 34.

Harvard no ano fiscal de 2010, as doações foram responsáveis 35% da renda. Patrocínios representaram a segunda maior fatia (21%).²⁰² Em setores especializados esse cenário é ainda mais forte. Na *Radcliffe Institute for Advanced Study at Harvard University*, por exemplo, uma instituição de Harvard focada na pós-graduação e pesquisa nas áreas de humanidades, ciências, ciências sociais e artes, as doações representaram 83% da verba operacional do ano fiscal de 2010.²⁰³ Ou seja, como mencionado acima, o campo científico universitário não é autônomo na medida em que depende da influência de outro campo para sua manutenção. Mas, ao mesmo tempo, o acúmulo de capital científico puro (neste caso, publicações e pesquisas) não só depende de financiamento como também pode ser convertido em verba para a universidade.

Mas a publicação é uma parte da publicidade. No caso dos *think tanks*, Wiarda relata a existência de formas mais “sutis” e “obscuras” de atuação, como conversas de telefone, seminários internos, conversas entre colegas e afins. Os *think tanks*, por exemplo, com frequência elaboram de jantares, almoços e cafés com congressistas, jornalistas e funcionários da Casa Branca. A televisão também foi, durante a década de 1980, grande promotora dos *think tanks*, o AEI mantinha um escritório próprio para gerenciar a participação de seus membros em programas de TV.²⁰⁴ Em certa medida, o acúmulo de capital praticado por esses acadêmicos por intermédio dos *think tanks* aproxima-se do que Bourdieu observou no “intelectual da mídia”, ou seja, aquele que promove sua relevância não pelo acúmulo de capital específico (artístico ou, no caso de pesquisadores e acadêmicos, científico), mas pelo capital social. Nas palavras de Wiarda, “através das muitas aparições televisivas dos seus acadêmicos, da sua proximidade com o poder e da tomada de decisões, e da porta giratória que leva muitos acadêmicos da AEI ao alto governo, uma influência direta na política”.²⁰⁵

A economia do capital científico entre as Universidades e os *think tanks* (além dos capitais políticos e sociais) podem ser chaves interpretativas para compreender a forma como estas instituições interagem entre si.

Uma das estratégias apontadas por Bourdieu para o estudo da economia do capital científico segue a análise dos *indicadores do capital de poder universitário*.²⁰⁶ Levantando a

²⁰² HARVARD UNIVERSITY. *Financial Report: Fiscal Year 2010*. Massachusetts: Harvard, 2010, p. 4.

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ WIARDA, Howard. Op. Cit. 2010, p. 41.

²⁰⁵ Ibid., p. 147.

²⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. 2017, p. 254.

biografia de determinado agente no campo universitário (pesquisador, professor ou administrados), pode-se observar suas filiações e qualificar suas posições nas instituições que integrou. Aqui, considera-se não só sua posição como pesquisador ou professor (*Fellow, Senior, Instructor, Assistant, Associate, Visiting, Emeritus*, etc.), mas também sua posição administrativa (*Trustee, Board member, Committee member, President, Dean*). Além disso, ainda seguindo a análise de Bourdieu, a filiação do agente ganha maior valor universitário quando este possui associações com institutos ou instituições de pesquisa. Aqui, vale a ressalva, nos referimos a instituições como – no cenário estadunidense – a *American Academy of Arts and Sciences*, a *American Philosophical Society* e afins. *Think tanks*, embora sejam instituições de pesquisa e acumulem – conforme o relato de Wiarda – prestígio no campo da pesquisa, suas características específicas nos Estados Unidos distanciam as instituições do campo científico acadêmico.

Em muitos aspectos *think tanks* são agentes dentro do campo acadêmico e científico. Seja através de seus membros que acumulam funções e cargos em instituições de ensino superior, seja por meio de suas doações e parcerias com centros universitários. Da mesma forma, são agentes no campo político, ao influenciarem políticos de carreira, associarem-se a formadores de opinião, etc. Ao mesmo tempo em que são instituições que alimentam a produção acadêmica e científica (e também se alimentam delas), são riscos para a autonomia do campo científico.

Como observou Donald Abelson, não muito tempo atrás, diretores de *think tanks* e administradores de universidades tendiam a celebrar e promover as publicações e estudos que aumentavam o prestígio de suas instituições. Porém, ao início do século XXI, ao mesmo passo em que a competição por financiamento foi intensificada, as prioridades dos encarregados por essas tradicionais instituições de conhecimento mudaram.²⁰⁷ Nas palavras de Abelson, “na era da corporatização, os números importam”.²⁰⁸ Muitas instituições passaram a adotar uma postura corporativa, e, no processo, passaram a medir seu sucesso a partir de métricas de “indicadores de desempenho”. Segundo Donald Abelson,

²⁰⁷ ABELSON, Donald E. Old world, new world: the evolution and influence of foreign affairs think-tanks. *International Affairs*, v. 90, n. 1, 2014. p. 141.

²⁰⁸ Ibid.

Em um esforço para atrair potenciais doadores e manter felizes aqueles que já contribuíram generosamente, os think-tanks prestam muita atenção ao seu perfil na mídia. Eles também acompanham de perto o número de publicações que foram baixadas de seus sites; o número de visitas aos seus sites; e quantos de seus funcionários serviram em vários cargos governamentais.²⁰⁹

Para muitos *think tanks*, esses números são subsídios para convencer doadores a manter ou aumentar investimentos. O relatório anual do *Council on Foreign Relations*, de 2010, se orgulha de ter um “site premiado”, com “mais de 375.000 usuários”.²¹⁰ Ao longo dos anos 2000, o relatório passou a listar as atividades online do CFR na seção “comunicação”, em 2004, o site ganhou destaque com uma coluna “renovando o CFR.org”, comunicando mudanças no site. No ano seguinte, o relatório do presidente Peter Peterson afirmou que o “CFR.org será o ‘primeiro balcão’ para informações e análises de política externa”.²¹¹ Em 2010, o site passou a ter uma coluna “CFR.org” no relatório para listar suas atividades e conquistas que, em 2012, tornou-se “CFR Online”. O mesmo movimento pode ser observado na *Heritage Foundation* – que no relatório de 2010 ostenta “mais de 6,8 milhões de visitantes únicos no ano e mais de 2 milhões de page views mensais”²¹² em seu site recém-remodelado – e no *American Enterprise Institute* que, no relatório do mesmo ano, alega ter duplicado a sua audiência ao transmitir ao vivo as atividades da instituição através de seu website.²¹³

Segundo os relatórios da *Global go to think tanks*, 621 novos *think tanks* foram criados na América do Norte e na Europa, entre 2008 e 2016. E este não foi um crescimento fora do comum. Só nos Estados Unidos, o número de *think tanks* mais que duplicou desde a década de 1980. A relação tradicional entre *think tanks* e universidades, dentro da ordem do conhecimento estadunidense, modelou-se de acordo com o tempo. Mesmo que por vezes conflitantes, a relação de aproximação e distanciamento entre *think tanks* e universidades ordenou os legítimos usos (e desusos) políticos do conhecimento. Em certa medida, a relação

²⁰⁹ Ibid.

²¹⁰ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2010*. July 1, 2009–June 30, 2010. New York: Council on Foreign Relations. 2010. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em: 10 set. 2023.

²¹¹ Idem. *Annual Report 2014*. July 1, 2013–June 30, New York: Council on Foreign Relations, 2014. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em: 10 set. 2023.

²¹² HERITAGE FOUNDATION. *2010 annual report*. Washington: The Heritage Foundation. 2010.

²¹³ AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *2010 annual report*. Washington: American Enterprise Institute, 2010.

entre estas instituições é percebível através da comparação entre os três mitos do *think tanks* (desmentidos por Stone) e os “três mitos” das universidades (atacados por Vedder).

Os “mitos” das universidades as retratam como instituições de ensino e pesquisa com importante contribuição social, com funções que vão além do ensino. Essa percepção, segundo Vedder, seria errada ou ao menos ineficiente. Ao mesmo tempo, os mitos dos *think tanks* os retratam como instituições de pesquisa e ensino (mesmo que não formalmente estabelecida como tal), com importante papel social de ligar a academia e a sociedade. Percepções que, como demonstrou Stone, não condizem com a realidade. Observa-se como os “seis mitos” possuem os mesmos objetivos de consagrar as instituições como legítimas produtoras de conhecimento e atores sociais. Ou seja, os mitos construídos para os *think tanks*, em certa medida, buscam remontar os “mitos” das universidades.

Nas palavras de Stone, “o pior destino para um think tank é ser visto como produtor de uma análise não confiável ou desleixada”.²¹⁴ Esse reconhecimento como analistas políticos e acadêmicos (ou, ao menos, academicamente treinados) tornou-se parte da noção geral de “*think tanks*”. Como ressalta Medvetz, ascender ao posto de “*think tank*” é declarar que se está acima do simples promotor de política baseada em interesses e próprios (ou de terceiros), é reivindicar o prestígio e autoridade intelectual de organizações do conhecimento.²¹⁵ Porém, mesmo que *think tanks* produzam mitos e projetem imagens de instituições de pesquisa, a aproximação entre universidades e *think tanks* (por autoridades intelectuais e apoio financeiro) é um ponto de fragilidade para a autonomia do Campo científico universitário.

Outro indicador observável é o de *capital de poder e de prestígio científico*.²¹⁶ Aqui, considera-se tanto o volume quanto o impacto (na medida do possível) da produção científica de determinado acadêmico. A direção ou mesmo participação em centros, programas e grupos de pesquisas universitários (como o *Program on Constitutional Government*, de Harvard). Por fim, consideramos também indicador de prestígio científico o recebimento de prêmios, bolsas e medalhas.

Os *indicadores do capital de notoriedade intelectual* ²¹⁷ são quantificados através da publicação de livros de divulgação, matérias de jornais e revistas populares, mas, também

²¹⁴ STONE, Diana. *Op. Cit.*, 2007, p. 275.

²¹⁵ MEDVETZ, Thomaz. *Op. Cit.* 2008, p. 3

²¹⁶ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 2017, p. 256.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 260.

através da participação de professores e pesquisadores em programas de televisão e afins. O capital de notoriedade intelectual diferencia-se do capital científico e universitário na medida em que se distancia do campo universitário. Aqui o que se observa é o poder de influência e inserção social que determinado pesquisador ou professor acumula. Portanto, consideramos as publicações e pesquisas elaboradas através de *think tanks* como elementos de notoriedade intelectual, uma vez que – em via de regra – o trabalho dos *think tanks* tende a procurar influenciar políticas públicas.

Por fim, consideramos também os *indicadores do capital político ou econômico* e os *indicadores das posições políticas*. A atividade acadêmica pressupõe despesas econômicas. Este é, inclusive, um dos elementos de disputa no campo universitário, uma vez que o detentor do capital científico institucionalizado costuma concentrar o poder de conceder bolsas e cargos. Neste cenário, o nepotismo torna-se uma estratégia adotada por determinados grupos para manter posições dentro da estrutura burocrática. Sobre o acúmulo de capital científico e a obtenção de poder econômico e político, Bourdieu ressalta,

Se ocorre que a acumulação de um forte crédito científico (junto aos pares) favorece de modo contínuo e em geral tardiamente (quer dizer, quando já é tarde demais), a obtenção dos poderes econômicos e políticos (da parte dos poderes administrativos, políticos etc.) a conversão do capital político (específico) em poder científico é (infelizmente!) mais fácil e mais rápido, sobretudo para os que ocupam posições médias nas duas distribuições (do prestígio e do poder).²¹⁸

Como a autonomia de um campo é assegurada conforme este é protegido contra “intrusões” de agentes externos (de outros campos) – e conforme é capaz de assegurar e impor sanções positivas ou negativas ²¹⁹ –, as necessidades econômicas da produção científica podem representar perda de autonomia para os campos universitários e científicos.

Em suma, compreende-se neste trabalho que diferentes grupos e agentes, em diferentes contextos, agiram (através do acúmulo de capitais científicos, econômicos, políticos, sociais, culturais e afins) no decorrer de eventos históricos nos Estados Unidos que impactaram a estrutura do conhecimento no país. Como dito anteriormente, embora o conceito de conhecimento seja amplo, este trabalho adota o termo seguindo a definição de Burke de conhecimento como resultado do processo pelo qual a informação é processada, classificada,

²¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 2004, p. 38-39.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 35.

criticada e verificada sistematicamente, pautando, portanto, o conhecimento acadêmico e científico, em especial ao longo do século XIX. Neste sentido, as instituições que efetivam essas práticas (de processar, classificar e afins) tornam-se protagonistas, sendo a dinâmica da relação entre elas o que define a Ordem do Conhecimento.

Portanto, procura-se, a princípio, elaborar uma análise sobre a construção da estrutura do conhecimento dos Estados Unidos (numa construção histórica da Ordem do Conhecimento estadunidense) para demonstrar com a ação de diferentes agentes (no campo acadêmico, jornalístico, político, econômico, etc.) agiram ao longo dos anos 2000 desconstruindo as bases dessa estrutura, elaborando uma “desordem do conhecimento”, terreno fértil para a popularização e crescimento da direita alternativa.

2 A LONGA CONSTRUÇÃO DA ORDEM DO CONHECIMENTO E DO SISTEMA DE IGNORÂNCIA ESTADUNIDENSE (1637-1950)

Conforme bem definiu Tatiana Teixeira, “a ambiguidade é a chave explicativa para compreender os Estados Unidos da América”.²²⁰ Trata-se de uma sociedade tradicionalmente conservadora, mas com ideais liberais clássicos em sua formação. Uma nação em que ao mesmo tempo em que a “lei permite que o povo faça ‘tudo’, a religião o impede de ousar”.²²¹ Uma sociedade em que valores particulares são tomados como universais e valores religiosos e morais são tomados como princípios políticos.²²² E, como veremos adiante, na qual a tradição religiosa proporcionou a construção de diversas universidades, ainda que com considerável repressão política e religiosa praticada pelos mesmos atores educacionais. Por fim, uma sociedade que, ao mesmo tempo em que o empreendedorismo empresarial liberal do século XIX fomentou o investimento em pesquisa acadêmica, desenvolveu técnicas legais para frear e controlar a divulgação e promoção do conhecimento.

Este princípio ambíguo remete à própria formação do país. A nação fundamentou-se a partir de uma revolução essencialmente conservadora – visto que não houve um rompimento com as instituições políticas, valores ou princípios econômicos da metrópole –,²²³ e de um

²²⁰ TEIXEIRA, Tatiana. *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA*. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p. 64.

²²¹ Ibid., p. 64

²²² Ibid., p. 64.

²²³ Ibid., p.64.

movimento de independência que, ao início, não almejava a ruptura com a metrópole. Conforme Charless Carroll, um dos signatários da declaração de independência:

Éramos fortemente ligados de coração à mãe-pátria; mas ela forçou-nos aos poucos a nos separar dela [...] Sem dúvida não imaginávamos que as coisas iriam tão longe! Mesmo quando assinamos a Declaração de independência, pensávamos que a Grã-Bretanha, apavorada com essa iniciativa, buscaria aproximar-se de nós, e que ainda poderíamos torna a ser bons amigos. Mas os ingleses puxaram sua ponta e nós a nossa.²²⁴

Mesmo após a assinatura do tratado de Paris, em 1783, no qual a Inglaterra reconheceu a independência das treze colônias, com exceção da própria ex-metrópole, nenhuma outra nação consentiu a existência da nova república americana.²²⁵ Estes Estados independentes, porém unidos, compartilhavam uma língua comum e um sistema de crença majoritariamente cristão, mas as distâncias geográficas e a falta de uma figura central nacional dificultaram a criação de uma unidade. E mesmo a união contra os ingleses “não significou em tempo algum um sentimento nacional de fato”²²⁶.

De acordo com Antonio Tota, não se pode falar em “americanos” antes da independência das treze colônias em 1779, ou mesmo em algumas décadas após a conquista. As colônias que se tornaram “estados unidos” formaram uma associação, “uma confederação parecida com a atual União Europeia”.²²⁷ O “estadunidense” é um povo que nasce antes de sua nação. *E pluribus unum* (de muitos, um), um dos lemas do país que estampa muitos dos símbolos oficiais, ilustra esta relação contraditória da fundação da nação.²²⁸

Nesta seção, procuramos traçar como as instituições do conhecimento se consolidaram nos Estados Unidos, remontando aos movimentos políticos e religiosos que efetivaram suas construções. A primeira parte volta-se para a formação das instituições do conhecimento (universidades e *think tanks*), ressaltando as suas ligações com os agentes políticos. A segunda parte foca não na forma como as organizações reformularam-se em cada período, mas como a dinâmica entre elas contribuiu para a construção de um “anti-intelectualismo” e uma negação ou controle da produção do conhecimento. Portanto, nesse capítulo procuramos remontar a

²²⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Viagens aos Estados Unidos*. São Paulo: Hedra, 2010, p. 98.

²²⁵ TOTA, Antonio. *Os americanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

²²⁶ KARNAL, Leandro. A formação da nação. In: KARNAL, Leandro [et. al.]. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 92.

²²⁷ Ibid.

²²⁸ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2007, p. 92.

longa ordem do conhecimento estadunidense, desde 1637 até 1950, bem como os sistemas de ignorância desenvolvidos e promovidos desde então.

2.1 As autoridades do saber

Desde a Idade Média, as universidades são reconhecidas como locais de conhecimento por deterem a imagem de “autoridades” e possuírem o poder de legitimar, rejeitar ou autorizar conhecimentos; de definir se ideias são úteis ou inúteis, heterodoxas ou ortodoxas; ou mesmo de definir se determinado conhecimento é ciência ou não.²²⁹ Numa forma empresarial, as universidades estadunidenses procuraram “atender aos interesses imediatos do setor produtivo, do Estado e da sociedade, produzindo especialistas, conhecimento tecnológico e aplicado, pesquisas de interesse utilitário, assim como serviços de uma maneira geral”.²³⁰ Entretanto, vale ressaltar que as universidades “privadas” estadunidenses “recebem um apoio muito substancial na forma de bolsas de pesquisa, ajuda a estudantes e assim por diante dos governos federal e estadual”.²³¹ Mas o surgimento destas instituições muito difere da forma em que se popularizaram no século XIX.

Os *think tanks*, por outro lado, como define Diana Stone, são instituições de pesquisas políticas independentes e sem fins lucrativos.²³² Pensar os *think tanks*, nas palavras de Tatiana Teixeira, é “refletir sobre o valor das ideias, sobre o papel dos intelectuais e especialistas e sobre sua relação com a política e o poder”.²³³ Na prática, a maioria dos *think tanks* atuam como ferramentas de disseminação de ideias no sistema político e nos fóruns internacionais. Nelas, o processo de troca de ideias e construção de diálogos é constante. Assim, os *think tanks* e seus especialistas agem para dar sentido e legitimar políticas e ideias lançando mão da retórica da autoridade intelectual.²³⁴ Em suma, os *think tanks* representam uma convergência

²²⁹ BURKE, Peter. *O que é história do conhecimento*. São Paulo: Ed. UNESP, 2016, p. 32.

²³⁰ Ibid., p. 78.

²³¹ VITZ, Paul. The Future Of The University: From Postmodern To Transmodern. In: JEFFREY, David Lyle; MANGANIELLO, Dominic (orgs.). *Rethinking the future of the University*. Ottawa: University of Ottawa Press, 1998, p. 105.

²³² STONE, Diane. Think tank transnationalisation and non-profit analysis, advice and advocacy. *Global Society*, vol. 14, n. 2, pp. 153-172, 2000.

²³³ TEIXEIRA, Tatiana. Op. Cit., 2007, p. 31.

²³⁴ Idem. A influência dos think tanks no governo Bush e no início da era Obama. *II Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa San Tiago Dantas*. São Paulo, 2009, pp. 2-4.

entre academia, indústria e política deslocada do governo, e tem sido cada vez mais uma ferramenta de divulgação de ideias e formação de consensos e, por vezes, dissenso.

Tais instituições teriam se tornado praticamente indispensáveis para a carreira política nos Estados Unidos. Embora haja a crença – por parte do público – e a promessa – por parte das instituições – no não partidarismo e na independência política e financeira dos *think tanks*, isto deve ser posto em perspectiva. Sendo instituições privadas, sem fins lucrativos e que não contam com apoio governamental – o que auxilia na construção da imagem de independência – mantêm-se, principalmente, por meio de doações de empresas e grupos com perfil empresarial. Nesta dinâmica de produção de conhecimento, “se doadores não gostarem dos resultados, eles são inclinados a mover seu dinheiro para um *think tank* mais compatível”.²³⁵ Em outras palavras, *think tanks* podem ser compreendidos como potenciais produtores de conhecimento por demanda.

Neste tópico, traçamos o histórico da formação das universidades nos Estados Unidos e de suas relações com o governo, empresários e com instituições de pesquisa independentes. Aqui, temos por objetivo demonstrar a forma como estas instituições tradicionalmente se relacionam a fim de representar como algumas dessas características tradicionais foram preservadas e outras subtraídas na formação das Universidades e *Think Tanks* modernos.

2.1.1 As rachaduras nos alicerces da torre de marfim: da igreja ao mercado

Conforme salienta Erica Resende, os puritanos não se reconheciam como expulsos da Inglaterra, mas como colonizadores que optaram por partir. Essa característica se tornou um veículo ideológico fundamental para a noção de responsabilidade social como missão. Convictos que mantinham o monopólio da verdade, os puritanos reconheciam o continente europeu como “impurificável” e, em nome da fé, procuraram estabelecer uma sociedade onde a verdade única da bíblia reinasse e prosperasse.²³⁶ A identidade e coesão do grupo passava por uma ideia religiosa de moral coletiva na qual o erro de um indivíduo comprometeria toda

²³⁵ SILVERSTEIN, Ken. *Pay-to-Play Think Tanks: Institutional Corruption and the Industry of Ideas*. Safera Center for Ethics at Harvard University. 2014.

²³⁶ RESENDE, Erica. *Americanidade, puritanismo e política externa: a reprodução da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2012, p. 229.

a comunidade.²³⁷ E conforme as novas famílias se instauravam, a educação das novas gerações passou a ser uma nova preocupação. Escolas foram então fundadas e regras estabelecidas. Na colônia puritana, a religião era o centro no qual os elementos da vida civil circundavam. A educação, mesmo que não clerical, visava à alfabetização para que os jovens pudessem ler a bíblia. A preocupação puritana com a educação fez das treze colônias uma das regiões com menores índices de analfabetismo nos séculos XVII e XVIII, comparados ao restante da América ou à Europa,²³⁸ mas sem perder suas motivações religiosas.

De acordo com Roger Geiger, os primeiros esboços de uma instituição de ensino superior nos Estados Unidos foram dados na cidade de Cambridge, no estado de Massachusetts. Havia um crescente receio de que as novas gerações estivessem perdendo os valores morais tradicionais, diante do crescimento de um puritanismo revisitado. Assim, a faculdade deveria reafirmar os preceitos e valores puritanos tradicionais, a missão seria de “produzir ministros com a interpretação adequada do puritanismo”.²³⁹ Conforme Resende, é importante ressaltar que “a maioria dos puritanos da Nova Inglaterra eram, majoritariamente, oriundos de classes esclarecidas, ou seja, com conhecimento das letras clássicas, da teologia, da filosofia e das ciências da natureza”.²⁴⁰ De fato, segundo Kathryn Van Spanckeren, “entre 1630 e 1690, havia tantos colonos diplomados em universidades no nordeste dos Estados Unidos, na região da Nova Inglaterra, quanto no país mãe”.²⁴¹ A educação era parte da religião; e a religião, parte da política.

Sob a tutela de Nathaniel Eaton, a faculdade começou a funcionar. No entanto, fechou suas portas em um ano. Eaton tinha o hábito de agredir fisicamente seus pupilos, ações as quais a comunidade e os alunos negligenciavam, mas tornaram-se públicas quando um funcionário foi por ele agredido. Porém, pouco antes de ser oficialmente desativada, a instituição chamou atenção do pastor John Harvard, que doou metade de sua propriedade e toda a sua biblioteca para a faculdade. Seis meses depois, com a faculdade fechada, o Tribunal Geral determinou que a faculdade, quando reaberta, deveria se chamar *Harvard College*.²⁴²

²³⁷ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.* 2016, p. 47.

²³⁸ *Ibid.*, p. 50.

²³⁹ GEIGER, Roger L. *The History of American Higher Education*. Princeton University Press, 2014, p. 2.

²⁴⁰ RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 233.

²⁴¹ VAN SPANCKEREN, Kathryn. *Perfil da literatura americana*. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, 1994, p. 7.

²⁴² GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 2.

Foi só em 1640, sob o comando de Henry Dunster, considerado o primeiro presidente de Harvard, que a instituição tomou forma. Dunster modelou o currículo baseado em Oxford e Cambridge. Os principais competentes eram a filosofia (lógica, ética e política) e línguas clássicas. Inicialmente, a proposta da *Harvard College* era de transmitir as artes liberais em um primeiro grau, pois eram consideradas essenciais para a cultura de “um cavalheiro”. Aquele que desejasse obter o grau de clérigo (pastor ou ministro religioso) teria um segundo grau, o de “mestre em artes”. O que se destacava no currículo de Harvard era a predominância, em seus anos iniciais, da literatura, lógica e teologia. Os “assuntos científicos” eram apenas tangenciados.²⁴³

Até 1700, 12% dos formandos de Harvard vinham de New Haven (Connecticut). Em 1660, o estado tentou fundar uma faculdade própria. Contudo, sem apoio e alunos, o projeto não vingou. Foi apenas no final do século que, com apoio do governo de Massachusetts, o projeto tomou forma. Todo o processo foi elaborado em conjunto com uma ala mais conservadora de Harvard.²⁴⁴ A universidade de Massachusetts, embora primariamente puritana, havia caminhado para uma independência acadêmica. A instituição passou por uma reforma, liderada por jovens acadêmicos de uma vertente “liberal” do puritanismo. Increase Mather, importante reverendo do período colonial, sentiu-se forçado a deixar o cargo de presidente de Harvard ao confrontar as reformas. A universidade de New Haven começou a ser idealizada como uma instituição onde “a Juventude pode ser instruída nas Artes e Ciências que, através da bênção de Deus Todo-Poderoso, pode ser habilitada para emprego público na Igreja e no Estado Civil”.²⁴⁵ Em 1701, a universidade recebeu sua carta. No documento lê-se:

CONSIDERANDO que várias pessoas bem-dispostas e de espírito público de sua sincera consideração e zelo por defender e propagar a religião protestante cristã por uma sucessão de homens instruídos e ortodoxos expressaram por petição seus desejos sinceros de que a liberdade e privilégios sejam concedidos a certos empresários para a fundação, dotação adequada e ordenação de uma Escola Colegiada dentro de sua de Connecticut, de vossa majestade, onde a Juventude pode ser instruída nas Artes e Ciências que, por meio da bênção de Deus Todo-Poderoso, podem ser habilitadas para emprego público tanto na Igreja quanto no Estado Civil.²⁴⁶

²⁴³ Ibid., p. 3.

²⁴⁴ Ibid., p. 5.

²⁴⁵ Ibid., p. 8.

²⁴⁶ YALE. Act for liberty to erect a collegiate school, 1701. In: *The Yale Corporation charter and legislation*. Published by the University New Haven, 1976.

A universidade exigia que seus estudantes pudessem ler Virgílio e trechos da bíblia em grego. Era preciso escrever latim e saber aritmética. E, principalmente, era exigido que o estudante “levasse uma vida inofensiva”. O presidente da universidade deveria rezar no auditório toda manhã e toda tarde. E quem praticasse os crimes de furto, falsificação ou fornicação era punido com a expulsão.²⁴⁷ Ainda em seu estado embrionário, a Universidade de New Heaven recebeu uma grande doação de Elihu Yale, um comerciante que fez fortuna com o comércio da Índia. Em 1718, 17 anos após sua fundação oficial, a universidade recebeu a doação e foi renomeada para *Yale College*.²⁴⁸

Assim, a primeira universidade dos Estados Unidos surgiu através da junção entre ministros puritanos, políticos e homens de negócios a fim de educar as novas gerações de colonos nos valores e crenças tradicionais do puritanismo. Quando a universidade começou a ganhar independência acadêmica e reformar o currículo, sob a influência de um “puritanismo liberal”, desmembrou-se para a criação de outra universidade que reforçava o projeto inicial da primeira. Portanto, as universidades estadunidenses nasceram de um esforço privado e estritamente religioso. A preocupação com a educação da juventude era tão cara aos colonos puritanos que, até 1764, foram estabelecidas sete instituições de ensino superior: Harvard, 1636, em Massachusetts; William and Mary, 1693, na Virgínia; Yale, 1701, em Connecticut; Princeton, 1746, em Nova Jersey; Universidade da Pensilvânia, 1754, Pensilvânia; Columbia, 1754, em Nova York; e Brown, 1764, em Rhode Island.²⁴⁹ Com exceção de William and Mary, todas as outras estavam localizadas na região da Nova Inglaterra.

Segundo Antonio Tota, em finais do século XVII e início do XVIII, como reflexo do crescimento populacional, desenvolveu-se nas colônias da Nova Inglaterra, “um iluminismo menos materialista do que o europeu”, que compreendia que Deus havia dado aos humanos o poder de compreender e estudar os fenômenos da natureza.²⁵⁰ Assim, a ciência passou a ser compreendida como uma dádiva. Logo, “razão e religião” fundiram-se. O movimento que se seguiu foi posteriormente denominado de “Grande Despertar” (1730-1740). Os pastores que integraram este movimento compreendiam que haviam sido designados por Deus para guiarem os crentes de volta para a verdadeira fé. Os ministros mais tradicionais, por outro

²⁴⁷ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 48-49.

²⁴⁸ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 9.

²⁴⁹ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.* 2016, p. 50.

²⁵⁰ TOTA, Antonio. *Op. Cit.* 2009, p. 42.

lado, diziam que esta nova geração não tinha fé suficiente para guiar os crentes²⁵¹. O “Grande Despertar” teve como característica os pastores itinerantes que viajavam pregando de cidade em cidade, estimulando o surgimento de diversas seitas protestantes, em que os crentes começavam a questionar a autoridade das igrejas.²⁵² Mas, apesar de distanciar-se dos dogmas puritanos tradicionais de severo controle da comunidade, este movimento tinha uma semelhança com o movimento anterior: a crença de que os “americanos” tinham uma missão para com Deus, fazendo da “América” uma providência divina.²⁵³

O período revolucionário que culminou com a independência do país, em 1776, de influência iluminista, impactou as organizações do conhecimento, colocando em xeque a função tradicional das universidades puritanas. Após a independência, os debates acerca da redação da Constituição formaram basicamente dois grupos: os federalistas (que defendiam e faziam propagandas a favor da Constituição e da instauração de um governo centralizado), e os anti-federalistas ou confederalistas, (que se opunham à Constituição e defendiam maior liberdade para os estados, independentemente de um poder central).²⁵⁴ Para os líderes puritanos, a influência dos ideais revolucionários favoreceria o crescente número de vertentes do protestantismo, vistos como resultado de uma “infidelidade religiosa”. Desde a Revolução, ideais iluministas e liberais se popularizaram nas antigas colônias da Nova Inglaterra, e “até mesmo os cidadãos de Connecticut estavam lendo as obras de pensadores e escritores do Iluminismo, como Thomas Paine e Voltaire”.²⁵⁵

Harvard e Yale não ficaram alheias aos confrontos religiosos que os puritanos enfrentavam. Quando ideias iluministas e liberais combinaram-se e confrontavam-se com tradições religiosas puritanas, novos movimentos reformistas se formaram, entre eles a escola unitarista (que pregava Deus como um ser benevolente e arquiteto de um universo racional e negava a doutrina da trindade, compreendendo a figura divina como una). Esta vertente cresceu nos finais do século XVIII e tomou a *Harvard Divinity School*. Por outro lado, o

²⁵¹ Ibid., p. 33.

²⁵² KARNAL, Leandro. *Op. Cit.* 2016, p. 55.

²⁵³ TOTA, Antonio. *Op. Cit.* 2009, p. 33.

²⁵⁴ Enquanto os federalistas eram acusados por teóricos conspiratórios anti-federalistas de tramar para construir um governo central tirânico (o que resultou na *Bill of Rights*), federalistas influentes passaram a desenvolver suas próprias teorias conspiratórias. Esse ponto será melhor trabalhado ao longo do próximo tópico. TOTA. Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 65.

²⁵⁵ HOFSTADTER, Richards. *The Paranoid Style in American Politics, and others Essays*. Harvard University Press, 1964, p. 13.

reverendo Timothy Dwight IV – já na época renomado poeta, pastor e educador –, crítico a este movimento, defendia a vertente calvinista que via o homem como pecador e depravado, portanto, de postura mais conservadora, dando mais ênfase no moralismo que na doutrina.²⁵⁶ Dwight foi convidado, em 1795, a assumir a presidência da Universidade de Yale. A princípio, o reverendo recusou o convite alegando que a universidade estava em péssimo estado e que o corpo de alunos era pequeno, enquanto a imoralidade no campus era alta. No entanto, acabou assumindo o cargo. Em 1789, portanto antes de assumir Yale, Dwight redigiu e proferiu o discurso *The Duty of Americans in the Present Crisis*, no qual afirmava:

Os pecados desses inimigos de Cristo e dos cristãos são em números e graus que zombam de relatos e descrições. Toda a malícia e ateísmo do Dragão, a crueldade e rapacidade da Besta e a fraude e engano do falso Profeta podem gerar, ou realizar, aumentar a lista. Nenhum interesse pessoal ou nacional do homem foi deixado de lado; nenhum sentimento ímpio, ou ação, contra Deus foi poupado... Devemos nós, meus irmãos, tornar-nos participantes destes pecados? Devemos apresentá-los em nosso governo, nossas escolas, nossas famílias? Devem nossos filhos tornar-se discípulos de Voltaire e os dragões de Marat; ou nossas filhas, as concubinas dos Illuminati?²⁵⁷

Assim, verifica-se que, nos Estados Unidos colonial, a ordem de conhecimento vigente era cristã puritana. Suas instituições religiosas e políticas se fundiam. A preocupação com a educação levou a colônia a altos índices de alfabetização e a um número considerável de instituições de ensino superior. No entanto, a religião e a educação eram explícitas formas de controle social ideológico. Porém, com a revolução americana, as premissas liberais republicanas impactaram as estruturas puritanas tradicionais, incluindo as universidades.

Como ressaltam Johnson e Freeman, ao início dos anos 1800, os Estados Unidos presenciou a primeira campanha presidencial a ser contestada. Ao final, saiu eleito o republicano Thomas Jefferson, que foi visto por muitos “como uma indicação da crescente maré de liberalismo da América e seu desafio aos conservadores federalistas da ‘ordem Permanente’”.²⁵⁸ Dwight era também um defensor do federalismo e acreditava no poder de um governo federal forte. Em Yale, “sua interação constante com os alunos e seu controle sobre o ensino teológico fizeram dele uma influência onipresente no campus, fazendo com

²⁵⁶ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 118.

²⁵⁷ JOHNSON, Layne; FREEMAN, Joanne B. *Yale College as “a little temple:” Timothy Dwight, the Revival of 1802, and an Evolving Relationship between Liberalism and Religion*. Yale Department of History. Yale Senior Essay (April 2, 2012). p. 2.

²⁵⁸ *Ibid.*, p. 6.

que a eventual evolução de sua própria ideologia impactasse substancialmente a vida do aluno”.²⁵⁹ Toda uma geração de alunos cresceu dentro de uma resposta federalista a um aumento do liberalismo e a mudanças em vertentes do protestantismo. Nas palavras do professor Benjamin Silliman, que na época lecionava na universidade, “Yale tornou-se ‘um pequeno templo’ onde ‘a oração e o louvor parecem ser a alegria da maior parte dos alunos’”.²⁶⁰ Assim, com as ações de Dwight, os federalistas começaram a “democratizar toda a sua ideologia”.²⁶¹ Timothy Dwight veio a ser conhecido como “papa federalista da Nova Inglaterra”.²⁶²

Enquanto Yale resistia ao liberalismo e às reformas religiosas, Harvard tornou-se a primeira grande universidade republicana. A universidade havia recebido a sua autoridade pela coroa inglesa. Com a independência e o desligamento legal da colônia com a antiga metrópole, a universidade perdeu sua legitimidade. No entanto, o governador de Massachusetts, John Adams (ex-aluno de Harvard e que chegou a presidir o país entre 1797 e 1801) promulgou a primeira Constituição estadual, que contava com um capítulo dedicado exclusivamente à universidade. O documento atestava:

Declara-se que o Presidente e os membros do Harvard College [...] terão, manterão, usarão, exercerão e desfrutarão de todos os poderes, autoridades, direitos, liberdades, privilégios, imunidades e franquias, que agora têm ou são direito de ter, manter, usar, exercer e desfrutar. [...] Sabedoria, e conhecimento, bem como virtude, difundidos geralmente entre o corpo do povo, sendo necessários para a preservação de seus direitos e liberdades; e como estas dependem da difusão das oportunidades e vantagens da educação nas várias partes do país, e entre as diferentes ordens do povo, será dever dos legisladores e magistrados, em todos os períodos futuros desta comunidade, zelar pelos interesses da literatura e das ciências, e todos os seus seminários; especialmente a universidade em Cambridge.²⁶³

A única mudança no estatuto da universidade substituiu o conselho de supervisores. Os mesmos seis ministros que compunham o conselho administrativo da universidade

²⁵⁹ Ibid., p. 8.

²⁶⁰ Ibid., p. 3.

²⁶¹ Ibid., p. 7.

²⁶² IMHOLT, Robert J. Timothy Dwight, Federalist Pope of Connecticut. *The New England Quarterly*, vol. 73, n. 3, 2000, p. 386.

²⁶³ THE GENERAL COURT OF THE COMMONWEALTH OF MASSACHUSETTS. Massachusetts Constitution. Disponível em: <<https://malegislature.gov/laws/constitution#chapterVSectionI>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

continuaram, mas passaram a ser supervisionados por um conselho composto principalmente de funcionários públicos (e não de pastores).²⁶⁴

Conforme Edward Shils, as universidades colônias dos Estados Unidos colonial ascenderam como referências de instituições de difusão de conhecimento, não de produção de conhecimento.²⁶⁵ Devido a sua natureza religiosa, de foco principal no ensino, a produção de conhecimento (de ciência) nos Estados Unidos se deu fora da universidade, no que Shils denominou de “cientista amador”.²⁶⁶

Eram poucos os que dispunham de recursos para estudar, pesquisar e produzir através de seus próprios meios, bibliotecas ou laboratórios. Enquanto instituições europeias, como as universidades alemãs, abrigavam e financiavam jovens acadêmicos, as instituições estadunidenses cobravam de seus alunos, as estadunidenses, segundo Shils, estavam cientes de sua condição periférica na produção acadêmica em relação aos europeus.²⁶⁷ Embora existisse um grande número de formados, a maioria era absorvida pelo serviço público, clerical ou comercial. Os poucos que se dedicavam à carreira acadêmica (pesquisa científica), e tinham recursos para isso, tendiam a ir para a Europa.²⁶⁸ Assim, no limiar do século XIX e no vácuo da produção científica nas universidades, as instituições de pesquisa “amadoras” ganharam espaço nos Estados Unidos.

A primeira instituição de pesquisa privada foi a *American Philosophical Society* (APS), em 1743, na Filadélfia, Pensilvânia. Fundada por Benjamin Franklin e modelada na *Royal Society of London*, a instituição reunia “cientistas amadores” com a missão de “promover o conhecimento útil”. Este era compreendido como englobando as áreas de agricultura, etnografia, geografia, cartografia e tecnologia.²⁶⁹ Inspirados pela APS, em 1780, John Adams e James Bowdoin fundaram, no estado de Massachusetts, a *American Academy of Arts and Sciences*. Com “espírito patriota” ainda remanescente do esforço de independência, a criação de uma associação de artes e ciência se fez sob a alegação que o país precisaria fazer ciência em seu próprio nome. Além dos fundadores James Bowdoin, governador de

²⁶⁴ GEIGER, Roger. Op. Cit., 2014, p. 93.

²⁶⁵ SHILS, Edward. *Order of learning: essays on the contemporary university*. Abingdon: Routledge, 2018.

²⁶⁶ Ibid., p. 1.

²⁶⁷ Ibid., p. 3.

²⁶⁸ Ibid., p. 4.

²⁶⁹ GOODMAN, Roy E. Benjamin Franklin's Legacy: Printed Materials from Before 1870 Relating to Chinese Culture, Geography, Language, and Science at the American Philosophical Society in Philadelphia. *Journal of East Asian Libraries*, v. 1986, n. 80, 1986, p. 2.

Massachusetts (1785-1787), e John Adams, primeiro vice-presidente (1789-1797) e depois segundo presidente norte-americano (1797-1801), a Academia contou com nomes importantes como: John Hancock, governador de Massachusetts (1780-1786 e 1787-1793); Benjamin Franklin, governador da Pensilvânia (1785-1788); e Thomas Jefferson, vice-presidente do país (1798-1781) e depois presidente (1801-1809).²⁷⁰ A primeira pesquisa financiada pela instituição, em 1780, foi uma excursão até a ilha de Islesboro (hoje parte do estado do Maine) para observar um eclipse solar, em colaboração com a Universidade de Harvard.²⁷¹ Outras instituições com moldes e objetivos semelhantes foram fundadas ao longo do século XIX, como a *American Geographical Society* (1851), em Nova York e a *Philosophical Society of Washington* (1871), em Washington, D.C.

O “fazer ciência”, portanto, foi promovido por sociedades e clubes sem associações acadêmicas diretas. Mesmo ao final do século XVIII, com o crescimento populacional e com a influência do pensamento liberal (até mesmo em vertentes do puritanismo) nas universidades reformadas, as instituições independentes de pesquisa continuaram a se proliferar, atuando em parceria com as universidades. No entanto, enquanto estas instituições independentes eram privadas (geridas por uma constituição própria, financiada por doações e supervisionada por seus próprios membros), as universidades estavam subordinadas aos governos dos estados. Portanto, embora tenham sido fundadas em parceria entre homens da igreja e homens de negócios, as universidades nos Estados Unidos eram reconhecidas como instituições públicas que tinham sua legitimidade (de conceder diplomas) atestada pelo estado.

Quando o país obteve sua independência, o estado de Massachusetts concedeu para a Harvard a autonomia acadêmica e política (interna), e fez dela “uma instituição republicana, com funcionários do governo e senadores sentados no conselho de supervisores”.²⁷² Em 1810, o governo do estado – de maioria federalista – reconstruiu o conselho de supervisores, exonerando os funcionários públicos e os substituindo por quinze nomes sugeridos pelo conselho administrativo da universidade. Ou seja, os pastores que geriam Harvard receberam o poder para escolher seus supervisores. Dois anos depois, com a gestão do estado em maioria

²⁷⁰ BATES, Ralph S. The American Academy of Arts and Sciences. *The Scientific Monthly*, v. 54, n. 3, 1942, p. 267.

²⁷¹ Ibid., p. 268

²⁷² GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 160.

republicana, a lei foi revogada e o antigo conselho foi restabelecido.²⁷³ Em outros termos, as disputas entre Republicanos e Federalistas influenciava na gestão das universidades. Assim:

Quando as faculdades se alinharam com um único partido, elas se tornaram vulneráveis a rivalidades políticas, como aconteceu em Harvard. [...] Os eventos da década de 1810 minaram as relações tácitas entre faculdades e estados. Harvard foi considerada por muito tempo como uma instituição de Massachusetts, mas depois da confusão dos Conselhos de Supervisores, o estado e o público foram mais frequentemente antagônicos do que favoráveis. Na Virgínia, William & Mary perdeu seu status especial por má administração e os projetos de Thomas Jefferson para criar uma nova universidade estadual. Em Connecticut, a associação de Yale com federalistas estaduais trouxe subsídios intermitentes e bloqueou o estabelecimento de faculdades concorrentes.²⁷⁴

Nesse sentido, as universidades, embora instituições privadas, possuíam fortes conexões locais que por vezes beneficiavam as instituições, mas por vezes prejudicavam. Problemas dos quais os clubes, associações e sociedades não sofriam. Portanto, além das universidades tradicionais terem sido criadas dentro de uma proposta de usar a educação como ferramenta para tornar a sociedade e comunidade homogênea (dentro da perspectiva puritana do século XVII), as disputas sociais, políticas e religiosas dos anos seguintes fragilizaram as administrações das instituições. E a escalada de tensões e disputas entre Federalistas e Republicanos (confederalistas), que resultou na Guerra Civil (1861-1865), reconfigurou o quadro de poder político no país e também impactou as instituições de conhecimento, principalmente o período pós-guerra.

Em um novo contexto de aceleração do desenvolvimento econômico no norte, devastação e deslocamento no sul, e colonização do oeste, os usos sociais e políticos do conhecimento tomaram novas formas. Durante o conflito, a experiência para as universidades foi diferente conforme o lado em que estavam. As universidades do sul praticamente deixaram de funcionar devido aos esforços humanos de guerra. No norte, houve uma onda de patriotismo, mas consideravelmente menor que no sul. Além disso, um sexto dos graduandos de Harvard e Yale lutaram pela confederação. Mas, segundo Geiger, o período de reconstrução que seguiu o fim do conflito ajudou a promover a ideia de “conhecimento útil”.²⁷⁵

²⁷³ Ibid., p. 160.

²⁷⁴ Ibid., p. 161.

²⁷⁵ Ibid., p. 162.

Conforme Tatiana Teixeira, o país passou por um período de modernização que o colocou como uma das maiores potências industriais do globo.²⁷⁶ Estima-se que na virada do século XIX para o XX, os Estados Unidos concentravam aproximadamente um terço de todas as vias férreas do mundo. Entre 1896 e 1898, cerca de 13% da renda nacional foi investida na industrialização e na ascensão de bancos de investimento centralizados em Wall Street. Surgiram grandes corporações que, em busca de rentabilidade, firmavam acordos estabelecendo cartéis.²⁷⁷ Munidos por uma “fé no conhecimento”, os estadunidenses teriam desenvolvido um “espírito progressista” que fundamentou a marcha para o oeste, a expansão das fronteiras e o destino manifesto.

Este investimento industrial, somado à tradição de “cientistas amadores”, levou a criação da figura do “grande inventor”, um indivíduo de ímpar genialidade que sozinho em seu laboratório constrói aparatos tecnológicos revolucionários.²⁷⁸ O inventor Alexander Bell, em 1883, relançou a revista *Science*, que trazia em seu primeiro editorial a afirmação de que “a pesquisa é igualmente genuína quando a verdade por ela descoberta é utilizável em benefício da humanidade”.²⁷⁹ No mesmo período, o senador Henry Clay proclamou o termo *self-made man*, em defesa de tarifas que beneficiassem “homens empreendedores, que adquiriram qualquer riqueza que possuam por meio de trabalho paciente e diligente”.²⁸⁰ Por sua vez, a relação entre indústria, mercado e conhecimento levou à criação de laboratórios de pesquisa voltados especificamente para pesquisas industriais.²⁸¹ Ao início do século XX, empresas como a *General Electric*, a *Eastman Kodak* e *Bell Telephones* já possuíam laboratórios próprios.²⁸² A noção de “conhecimento útil”, institucionalizada nos Estados Unidos pela APS, em 1743, foi engolida pelo mercado. Mas as universidades não ficaram alheias às novas “funções do conhecimento”.

No Oeste, Leland Stanford, empresário da construção ferroviária, doou parte de sua fortuna para a construção da Universidade de Stanford, em 1885, para que “o Oeste não

²⁷⁶ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit.* 2007, p. 128.

²⁷⁷ PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 176.

²⁷⁸ FERNANDES, Luiz; MORAIS, Marcus. Os EUA no século XIX. In: KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 152.

²⁷⁹ BURKE, Peter. *Uma história Social do Conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 145.

²⁸⁰ CLAY, Henry. The American System. In: WOLFF, Wendy. *The Senate 1789-1989: Classic Speeches 1830-1993*. U.S. Government Printing Office, pp. 83-116.

²⁸¹ BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2012, p. 148.

²⁸² *Ibid.*, p. 148.

ficasse para sempre como terra de aventureiros, subjugado pela inteligência do leste”.²⁸³ Na Califórnia, em 1891, o político Amos Throop também realizou doações para a construção da Universidade Throop que, nos primeiros quinze anos, atendeu à comunidade local, lecionando desde artes liberais até zoologia, com ênfase na formação profissional. Entre 1919 e 1921, a universidade passou por uma reforma, com um crescimento de receita, elaborou uma nova filosofia educacional dando ênfase na engenharia. A Universidade Throop então, inspirada no MIT, adotou o nome de Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech).

No Leste, em 1832, no estado de Nova York, Andrew Dickson White fundou a Universidade de Cornell. Modelada inicialmente na Universidade da Virgínia, Cornell apresentava um modelo norteado nos estudos práticos e teóricos e uma liberdade para que os alunos escolhessem seus cursos de estudo.²⁸⁴ Cornell ainda introduziu o conceito de campos adicionais. Portanto, a universidade foi a primeira a adotar um modelo de sistema eletivo, acreditando na escolha dos alunos no lugar de um curso estritamente rígido.

Em Massachusetts, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) foi fundado em 1861 como uma instituição politécnica com o lema “*Mens et Manus*” e a missão de “atrair os mais talentosos alunos do país (e do exterior), fornecendo com precisão o ‘estado da arte científico-tecnológico’, estimulando-os precocemente no espírito empreendedor”.²⁸⁵ Em Baltimore, em 1876, foi fundada a Universidade Johns Hopkins, considerada a primeira grande universidade de pesquisa estadunidense. Em sua ata de registro declarava que a universidade “provê ensino avançado, não profissional em vários departamentos de literatura e ciência”.²⁸⁶ O primeiro reitor da universidade explicitou que o critério para seleção dos docentes seria a “dedicação do candidato a alguma linha de estudos específica e a certeza de sua excelência nessa especialidade”.²⁸⁷

O conselho de supervisão de Harvard, frustrado depois de duas décadas de liderança ineficaz e pouco reconhecimento, almejando uma modernização, buscou por Charles W. Eliot, em 1869. Com forte ênfase no ensino, as reformas aplicadas por Eliot levaram a três implicações: 1) uma maior liberdade do aluno na escolha de disciplinas (inspirado em

²⁸³ ALVAREZ, Rodrigo. *No país de Obama*. Nova Fronteira, 2009, p. 120.

²⁸⁴ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 316.

²⁸⁵ FAVA-DE-MORAES, Flavio. Universidade, inovação e impacto socioeconômico. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, pp. 8-11, 2000.

²⁸⁶ BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2012, p. 167.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 215.

Cornell); 2) a construção de um sistema eletivo, e 3), uma valorização dos professores e das faculdades. Harvard passou a contar com escolas profissionalizantes e, em 1870, o estatuto da universidade chegou a ser revisitado para estabelecer um reitor para cada escola/faculdade profissionalizante.²⁸⁸ Em 1900, Harvard concedeu 964 diplomas, sendo a maioria em bacharelado em Arte (404), Direito (126) e Medicina (120). Em 1905, foram 1078 diplomas, mais uma vez com Artes (427) e Direito (170) à frente, mas com o bacharelado em Ciências (91) em terceiro. Além disso, em 1905 foi concedido o primeiro diploma em engenharia metalúrgica e, no ano seguinte, em engenharia de mineração. Entre 1905 e 1910 foram concedidos 50 diplomas de mestrado em engenharia elétrica, 34 em engenharia civil e 13 em engenharia mecânica, além de 31 diplomas em engenharia de mineração.²⁸⁹ Estes números eram ainda bem inferiores aos cursos clássicos (medicina, artes e direito), mas apresentam um claro crescimento do interesse em “estudos práticos” e “conhecimento útil”.

Assim, segundo Geige, Cornell, Harvard e Johns Hopkins, na virada do século XIX para o XX, estabeleceram os moldes para as universidades estadunidenses, com suas estruturas institucionais (com liberdades administrativas), curriculares (com a liberdade dos alunos em montar suas grades de estudos) e investimento em pesquisa especializada. De acordo com Shils, foi neste período de “profissionalização” que as universidades se firmaram como autoridades do conhecimento nos Estados Unidos e que os docentes passaram a serem também pesquisadores. Parte disso se deu pela formação de uma rede. Jovens acadêmicos, recém-formados, com frequência aceitavam cargos em outras universidades, mas sem desfazer por completo a relação com sua instituição de origem (orientadores, professores e pesquisadores). Com o crescimento no número de instituições, criou-se uma identificação translocal através de uma pluralidade de conexões,²⁹⁰ desfazendo parcialmente a noção da universidade como uma instituição estadual. A proliferação de publicações e editoras universitárias também auxiliou na complexificação dessa rede. Johns Hopkins, Cornell,

²⁸⁸ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 320.

²⁸⁹ HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1905-1906. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018311\\$353i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018311$353i)>. Acesso em: 14 de mar 2022; HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1909-1910. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018383\\$281i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018383$281i)>. Acesso em: 14 mar. 2022; HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1914-1915. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018508\\$320i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018508$320i)>. Acesso em: 14 de mar. 2022.

²⁹⁰ SHILS, Edward. *Op. Cit.*, 2018, p. 8.

Columbia, Harvard, todas possuíam editoras próprias inicialmente elaboradas para publicação dos trabalhos dos profissionais das universidades. Em vez de causar uma centralidade de ideias, a circulação das revistas e livros editados pelas editoras das universidades deram às instituições autoridades adicionais.²⁹¹ Houve, portanto, o neste período, movimento pela autonomia do campo acadêmico-científico estadunidense, formalizando suas normas e padrões. Mas “autonomia”, não necessariamente se traduz em independência.

Por outro lado, em uma sociedade cada vez mais voltada para a “praticidade” e para o “empreendedorismo”, as universidades – com seus cursos técnicos ou profissionalizantes – tornaram-se também ferramentas para fornecer a condição de crescimento econômico.²⁹² Logo, ao mesmo tempo em que “alimentavam” o mercado, investiam em pesquisas científicas. Dessa forma:

Elas poderiam explorar, com todo o respeito dos buscadores sinceros da verdade fundamental em uma época de convicção teológica vacilante, mas de seriedade inabalável. Isso não apenas aumentou seu prestígio em uma sociedade ostensivamente prática, mas produziu resultados científicos e acadêmicos que impunham respeito. Na sociedade americana supostamente prática e “materialista” do período após a Guerra Civil, ainda havia uma profunda piedade que havia deixado de ser monopolizada pelas doutrinas do cristianismo eclesiástico. A seriedade com que o conhecimento fundamental foi perseguido despertou a admiração dos possuídos por essa piedade duradoura. As universidades puderam, por sua preocupação com o aprendizado fundamental, ser, em certo sentido, as herdeiras das igrejas. Instituições mais especializadas e práticas não poderiam reivindicar essa herança vital e o consequente apoio de patronos privados e legislaturas estaduais.²⁹³

No entanto, conforme sustenta Thomas Piketty, “o capitalismo produz automaticamente desigualdades insustentáveis”.²⁹⁴ A “era progressista”, de considerável crescimento industrial e intelectual, foi acompanhada de um igualmente considerável crescimento de desigualdade social. A indústria alimentou-se de uma massiva mão de obra proveniente, principalmente, de imigrantes. Estima-se que entre 1865 e 1915, o país recebeu 25 milhões de imigrantes, quatro vezes mais que nos 50 anos anteriores. Cidades do meio-oeste, como Cleveland e Detroit, tornaram-se não só os municípios mais dinâmicos economicamente, mas também os mais etnicamente diversos. Essa diversidade, de acordo com Lässig, suscitou uma sensação de

²⁹¹ Ibid., p. 26.

²⁹² Ibid., p. 8.

²⁹³ Ibid., p. 9.

²⁹⁴ PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 10.

insegurança e ameaça à coesão social²⁹⁵, espírito semelhante ao explicitado por colonos puritanos séculos antes.

Com a eclosão da guerra na Europa (1914-1918), esse argumento tomou tons cada vez mais nacionalistas. A resposta foi semelhante à adotada séculos antes. Detroit, já em 1915, lançou uma campanha para ensinar o inglês aos imigrantes. Os apoiadores dessa iniciativa eram as empresas, associações industriais, câmaras de comércio, clubes militares, entre outras instituições.²⁹⁶ Foi também nesse período que muitos elementos da “Religião Civil”²⁹⁷ cristalizaram-se na prática política do estadunidense. O juramento de fidelidade à nação, a comemoração do dia da bandeira, a prática de ficar de pé durante a execução do hino nacional, são exemplos. Segundo Sean Purdy, “um patriotismo coercitivo se desenvolveu, elogiando principalmente tradições anglo-saxônicas e brancas”.²⁹⁸

Nas universidades, uma geração de cientistas sociais – como John Dewey, Thorstein Veblen e Walter Lippmann²⁹⁹ – propuseram programas de intervenção social para combater a desigualdade. Sob os mandatos presidenciais de Theodore Roosevelt (1904-1908) e William Taft (1908-1912), uma série de comissões e leis foram estabelecidas para investigar e regular o comportamento industrial.³⁰⁰

Em 1915 a indústria estadunidense deu um considerável salto, graças à guerra na Europa. Encomendas tanto da Inglaterra e França, como da Alemanha, esquentou ainda mais o sistema industrial.³⁰¹ Para as universidades, o conflito representava uma inconveniência. O relatório de Harvard (1914-1915) relata alguns problemas. O departamento de química fora o mais atingido:

A guerra europeia teve um efeito muito direto sobre a administração empresarial do laboratório. Desde o estabelecimento do Laboratório, praticamente todos os aparelhos e produtos químicos orgânicos, e a maioria dos produtos químicos inorgânicos, são importados da Alemanha com isenção de impostos.³⁰²

²⁹⁵ PURDY, Sean. *Op. Cit.*, 2016, p. 179.

²⁹⁶ LÄSSIG, Simone. The history of knowledge and the expansion of the historical research agenda. *Bulletin of the GHI Washington*, Issue 59, Fall. 2016.

²⁹⁷ Esse conceito será melhor aprofundado no tópico 2.2 - *O sistema de ignorância*.

²⁹⁸ PURDY, Sean. *Op. Cit.*, p. 179.

²⁹⁹ Respectivamente: Doutor pela Johns Hopkins e professor da Universidade de Michigan; formado pela John Hopkins, Doutor por Yale e professor da Universidade de Chicago e formado por Harvard.

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 190- 191.

³⁰¹ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009. 175.

³⁰² HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1914-1915. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018508\\$1i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018508$1i)>. Acesso em:

O departamento de Direito também se queixou que “a guerra interferiu seriamente na produção de livros jurídicos, não apenas na Europa, mas também na América”. A sua biblioteca apontou que “poucos livros foram encomendados do exterior, e nem todos vieram”. E, por fim, o observatório meteorológico culpou o conflito pelo fim de “todos os planos de cooperação internacional, em relação às pesquisas de altos níveis”.³⁰³

Conforme Giovanni Arrighi, entre 1850 e 1914, os investimentos no exterior e empréstimos de longo prazo aos Estados Unidos somaram três bilhões de dólares. No mesmo período, o país fez pagamentos líquidos de juros e dividendos, em sua maior parte à Inglaterra. O resultado foi um aumento na dívida externa de US\$ 200 milhões, em 1843, para US\$ 3,7 bilhões, em 1914. Porém, a demanda britânica por armamento, em 1915, deu início à erosão dos direitos britânicos e da renda produzida nos Estados Unidos. Os ativos britânicos foram liquidados na Bolsa de Valores de Nova York e quando os EUA enfim entraram no conflito, em 1917, suspenderam as restrições aos empréstimos à Grã-Bretanha.³⁰⁴ Wilson foi reeleito em 1916, exatamente com a plataforma de manter-se fora do conflito. Em janeiro de 1917, pronunciou no Senado um discurso pedindo “paz sem vencedores” e propondo a criação de uma entidade chamada Liga das Nações:³⁰⁵

Meros acordos podem não tornar a paz segura. Será absolutamente necessário que seja criada uma força como garantia da permanência do assentamento muito maior do que a força de qualquer nação agora engajada ou qualquer aliança até então formada ou projetada que nenhuma nação, nenhuma combinação provável de nações poderia enfrentar ou resistir.³⁰⁶

No entanto, rapidamente a guerra tornou-se um conflito pela “democracia e liberdade”. Em abril, quando a guerra foi declarada, o Wilson afirmou que os ataques de submarinos alemães contra navios comerciais (incluindo estadunidenses) eram “uma guerra contra a humanidade”, contra “todas as nações”. O motivo da declaração de guerra contra a Alemanha,

20 mar. 2022.

³⁰³ Ibid.

³⁰⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996, p. 278-279.

³⁰⁵ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 179.

³⁰⁶ WILSON, Woodrow. "A World League for Peace". Speech. January 22, 1917. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-22-1917-world-league-peace-speech>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

portanto, não seria “vingança ou a afirmação vitoriosa só poder físico da nação, mas apenas a reivindicação do direito, do direito humano”.³⁰⁷

Diversos comitês e órgãos foram criados para fortalecer e legitimar o esforço de guerra. O *Committee for Public Information* tornou-se a fonte oficial de notícias do governo, agindo como uma câmara de compensação para informações oficiais sobre a guerra. O CPI era responsável pela coordenação da comunicação de agências governamentais, como a Marinha e o Exército, mas também não governamentais, como a Cruz Vermelha.³⁰⁸ Mas, mais do que isso, o CPI foi o grande vetor de propaganda. Conforme Clayton Funk:

A CPI recrutou artistas, acadêmicos e jornalistas em 1917 para mobilizar a opinião pública americana em apoio ao esforço de guerra. Eles transmitiram um corpo uniforme de conhecimento patriótico para baixo e para fora para o público, como o que foi chamado de “americanismo”.³⁰⁹

Wilson chegou a declarar “não é um exército que devemos formar e treinar para a guerra, é uma nação”.³¹⁰ A campanha teve efeito popular. Milhares de voluntários distribuíram mais de 75 milhões de panfletos e pôsteres.³¹¹ No entanto, ao mesmo tempo, a Lei de Sedição estabeleceu duras punições para quem fosse considerado desleal ou criticasse o governo ofensivamente.³¹²

Nas universidades, as instalações passaram a abrigar treinamentos militares e os currículos dos estudantes foram alterados para voltarem-se para questões de guerra. Assim, “as reformas universitárias históricas de pensamento livre e oportunidade educacional, estabelecidas no final do século XIX por Charles Eliot de Harvard e Andrew White de Cornell, foram deixadas de lado em favor da liberdade interpretada como educação patriótica”.³¹³ O presidente de Harvard, em seu relatório de 1916-1917, queixou-se:

³⁰⁷ Idem. Address to Congress Requesting a Declaration of War Against Germany". April 22, 1917. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-2-1917-address-congress-requesting-declaration-war>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

³⁰⁸ BENSON, Krystina. The Committee on Public Information: A transmedia war propaganda campaign. *Cultural Science Journal*, vol. 5, n. 2, 2012.

³⁰⁹ FUNK, Clayton. The Committee on Public Information and the mobilization of public opinion in the United States during World War I: The effects on education and artists. *Journal of Social Theory in Art Education*, vol. 14, n. 1, 1994.

³¹⁰ BENSON, Krystina. The Committee on Public Information: A transmedia war propaganda campaign. *Cultural Science Journal*, v. 5, n. 2, pp. 62-86, 2012.

³¹¹ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 180.

³¹² *Ibid.*, p. 181.

³¹³ FUNK, Clayton. *Op. Cit.*, 1994, p. 130.

O último relatório contém um breve relato do esforço que está sendo feito para elaborar, com a aprovação do Departamento de Guerra, um curso de treinamento para o Departamento, considerando a quantidade de exercícios e compreendendo um grau de trabalho intelectual que justifique o seu tratamento como eletiva no currículo da faculdade. [...] o problema apresentado era dar o máximo de ajuda ao país sem deixar de lado nenhuma parte do trabalho educacional pelo qual a Universidade existe.³¹⁴

Em outubro de 1918, 140.000 universitários em mais de 500 campi, foram colocados no serviço ativo do Exército.³¹⁵ Outro reflexo foi o crescimento de concessões de diplomas em áreas “técnicas” relativas à guerra. Em 1916, Harvard formou a primeira turma em bacharelado em engenharia civil e em engenharia elétrica (os cursos de mestrado na área já existiam desde 1910). Entre 1916 e 1919, foram concedidos 87 diplomas em engenharia Civil e 104 em engenharia elétrica. Em comparação, no mesmo período, os bacharelados em artes e direito (dois dos mais tradicionais e concedidos) sofreram uma queda de 443 para 176, e de 168 para 33, respectivamente.³¹⁶

Além do corpo discente, o corpo docente das universidades também foi atingido pelos esforços de guerra. Através do *National Research Council* (NRC), pesquisadores e professores foram empregados em laboratórios governamentais, em que pesquisas de guerra eram produzidas. Segundo Geiger, “cientistas da universidade fizeram contribuições notáveis para detecção de submarinos, alcance de som e comunicações, entre outras áreas”.³¹⁷ Interagindo com pesquisadores de bases industriais – como das instalações de pesquisa das AT&T e *General Electric* – e organizando estratégias em cooperação com instituições não governamentais – como a *Carnegie Institute* –, o NRC integrou pesquisa de base e pesquisa aplicada aos acadêmicos e cientistas industriais.

Ao fim da guerra houve, segundo Geiger, um entusiasmo no ensino superior pelo tipo de trabalho coordenado realizado durante o conflito. O NRC não foi dissolvido; ao contrário, a proposta era de que o conselho mantivesse seu trabalho de coordenação no pós-guerra. No

³¹⁴ HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1916-1917. Harvard University. Disponível: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018586\\$1i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018586$1i)>. Acesso em: 22 abr. 2022.

³¹⁵ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 425.

³¹⁶ HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1918-1919. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018612\\$262i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018612$262i)>. Acesso em: 23 abr. 2022.

³¹⁷ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 426.

entanto, líderes das universidades rejeitaram o envolvimento do governo federal nas produções acadêmicas, preferindo uma coordenação privada, através de entidades independentes.³¹⁸

Economicamente, a indústria estadunidense que vinha de um crescimento, enfrentou uma complicação no início da Primeira Guerra. O país não só precisava estabelecer uma organização para fornecer materiais para seus aliados, como também precisava prover suprimentos para um exército próprio. Além disso, era preciso atender às necessidades dos civis no mercado interno. Em um sistema de livre mercado, cada uma das forças competia entre si pelas empresas e suprimentos. Só no exército existiam três agências de compras diferentes. Essa multiplicação de demanda (por matéria-prima, por combustível e por produtos industrializados) resultou uma escalada de preços e escassez de materiais.³¹⁹ Para contornar a crise, o governo de Wilson instituiu o *War Industries Board* (WIB). O conselho tinha a missão de organizar o fornecimento de matéria-prima, fixar preços e coordenar a produção das fábricas.³²⁰ Como resumem Bruce e Smith, “a nação voltando-se para os técnicos foi consequência do fracasso do mercado em produzir efetivamente as necessidades da guerra”.³²¹ O que, na prática, faz da WIB um órgão de cooperação entre industriais, acadêmicos e políticos para combater as “dificuldades enfrentadas pelo Estado em gerar a necessária cooperação do setor privado”.³²²

Do ponto de vista econômico, para os Estados Unidos, a guerra foi um sucesso. Ao fim do conflito, o país conseguiu reaver alguns dos investimentos maciços que tinha financiado a infraestrutura de sua economia no século XIX. Além disso, havia acumulado crédito.³²³ Por outro lado, do ponto de vista da política internacional, houve uma divergência de estratégias.

Segundo Cristina Pecequillo, o plano da administração Wilson para a política internacional no pós-guerra era de construir um império informal no hemisfério e no pacífico. O wilsonianismo, ou o idealismo wilsoniano, trabalharia a partir da reconstrução da Europa para estabelecer mecanismos capazes de tornar o mundo mais seguro de acordo com a “visão

³¹⁸ Ibid., p. 427.

³¹⁹ BRUCE, Kyle; SMITH, Adam. Scientific management and the American planning experience of WWI: The case of the War Industries Board. *History of Economics Review*, vol. 23, n. 1, pp. 37-60, 1995.

³²⁰ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 182.

³²¹ BRUCE, Kyle; SMITH. *Op. Cit.*, 2015, p. 40.

³²² Ibid., p. 42.

³²³ PIKETTY, Thomas. *Op. Cit.* 2014, p. 10.

americana”. Ou seja, através de uma política externa atuante, procurar-se-ia a construção de uma ordem para tornar universais os conceitos de “liberdade” e “democracia”, além de construir uma noção de cooperação internacional.³²⁴ Pensando esta estratégia, Wilson organizou um grupo para planejar as ações e posições de negociação na conferência de paz. Conhecido como *The Inquiry*, esse grupo reuniu: Edward House, diplomata e homem de confiança do presidente Wilson; o advogado Allen Dulles; o historiador, professor e diretor da biblioteca de Harvard, Archibald Coolidge; o banqueiro do grupo Morgan, Thomas Lamont; o jornalista Hamilton Fish Armstrong, entre outros acadêmicos, empresários e políticos.³²⁵ De acordo com Hugo Assman, foi House quem, em 1919, reuniu no Hotel Majestic, em Paris, o *The Inquiry* para discutir os resultados da Conferência de Paris, que ocorreu em janeiro daquele ano e moldou os termos do tratado de Versalhes. Assim, o grupo marcou a primeira vez em que a presidência dos Estados Unidos usou de uma equipe de estudiosos, não ligados diretamente ao governo, para planejar a política externa.³²⁶ No entanto, o peso das tradições unilateralistas e isolacionistas dos Estados Unidos minaram os planos wilsonianos.³²⁷

Assim, a Primeira Guerra Mundial exerceu mudanças fundamentais nas universidades nos Estados Unidos, impactando as principais instituições da estrutura epistêmica estadunidense do período. Academicamente, professores e estudantes tornaram-se soldados; professores mais velhos e cientistas mudaram suas áreas de estudos para tópicos mais “úteis ao esforço de guerra”; a química, a metalurgia e a engenharia ganharam mais ênfase e chamaram atenção de acadêmicos; historiadores, linguistas, economistas e outros estudiosos das humanidades foram convocados para trabalharem em criptografias e problemas de direito internacional. As estruturas internas, principalmente a financeira, também saiu modificada. As universidades dos Estados Unidos continuaram a ser estaduais ou provinciais com apoio primário dos governos, tendo apenas doações pontuais de empresários e personalidades e recebendo a taxa que os alunos pagavam. Foi, apesar de tudo, um período de considerável desenvolvimento de capital científico (tanto puro quanto institucionalizado). No entanto,

³²⁴ PECEQUILO, Cristina. Estados Unidos da América, política externa. In: KOCHER, Bernardo (org.). *Globalização: atores, ideais e instituições*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011, p.118.

³²⁵ DREIFUSS, René. *A internacional capitalista*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, p. 32.

³²⁶ ASSMANN, Hugo. Como se interpenetram o Conselho de Relações Exteriores, o Círculo Bilderberg e a Comissão Trilateral. In: ASSMAN, Hugo (org.). *A Trilateral, nova fase do capitalismo mundial*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 29.

³²⁷ PECEQUILO, Cristina. *Op. Cit.*, 2011, p. 118.

durante o conflito, algumas universidades passaram a firmar acordos com fundações filantrópicas privadas para fins específicos. Conforme Shills, “o resultado disso foi que cientistas e acadêmicos na década de 1920 estavam começando a olhar além dos limites de suas próprias universidades para obter os recursos necessários para suas pesquisas”.³²⁸

2.1.2 Pensadores independentes e filantropos: “siga o dinheiro”

Ao início do século XX, industriais e filantropos financiaram a criação de institutos de pesquisas e mesmo universidades. O “barão do aço” de Pittsburgh, Andrew Carnegie, cético em relação às faculdades, fundou uma escola técnica em 1900. Logo, tornou-se o Instituto Carnegie de Pittsburgh, reestruturada e renomeada, em 1902, como *Carnegie-Mellon University*. No mesmo ano foi fundada a *Carnegie Institute for Science*. Quase ao mesmo tempo, o “barão do petróleo”, John D. Rockefeller, que em 1889 financiou a Universidade de Chicago, fundou o *Rockefeller Institute for Medical Research*, que veio a se tornar a *Rockefeller University*.³²⁹ Como colocado por James McGann, os *think tanks* possuem uma importante tradição na formulação de políticas domésticas e internacionais nos Estados Unidos e podem ser compreendidos como filhos das instituições filantrópicas da “era progressista”.³³⁰

No período pré-guerra, inspirados pelo cientificismo e pela “fé no conhecimento”, estes homens de negócios tentavam empregar uma administração científica no governo. Na administração de William Taft, a *Comission on Economy and Efficiency* foi instaurada para fiscalizar e controlar o orçamento do estado. A comissão elaborou vinte relatórios, incluindo o *The Need for a National Budget*, de 1912, com cerca de 600 páginas. Verifica-se aqui uma tentativa de – ainda no ímpeto do “conhecimento útil” da “Era progressista” – de transformar Capital Científico em Capital Político. No entanto, sem sucesso. Taft não teve tempo para implementar a reforma orçamentária e Wilson, seu sucessor, não demonstrou entusiasmo pela reforma que encontrou resistência no Congresso. De fato, como aponta Smith, o governo não oferecia um ambiente que estimulasse o trabalho acadêmico:

³²⁸ SHILLS, Edward. *Op. Cit.*, 2018, p. 51.

³²⁹ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 480.

³³⁰ MCGANN, James G. *Think Tanks and Policy Advice in the United States*. New York: Routledge, 2007.

Praticamente a partir do momento em que o governo federal procurou pela primeira vez empregar especialistas por suas habilidades técnicas e *insights* na política, foi necessário inventar mecanismos sociais para obter os serviços dos mais talentosos cientistas sociais. Para o trabalho em comissões, como a *U.S. Industrial Commission* e a *Country life Commission* de Theodore Roosevelt de 1908, ou com as conferências da Casa Branca, especialistas foram convocados para o serviço em uma base *ad hoc*. Mas, na maioria das vezes, como os carreiristas capacitados e com formação estatística eram competentes para realizar o trabalho rotineiro nos órgãos federais, a necessidade do governo federal de profissionais universitários foi mínima na década de 1900.³³¹

Wilson, apesar de ter sido presidente e professor de Yale, nutria forte resistência aos acadêmicos. O presidente acreditava que a crescente proeminência de intelectuais e especialistas ameaçava a democracia, uma vez que tornariam os problemas sociais mais complexos e acabariam por afastar o cidadão do debate político.³³²

Os membros da *Comission on Economy and Efficiency*, para manter suas ideias vivas e presentes, fundaram em 1916, em Washington, o *Institute for Governament Research*,³³³ entidade que se apresentava como uma instituição filantrópica com objetivo de promover pesquisas que auxiliassem o governo. Entre os membros do instituto estavam Charles Eliot, ex-presidente de Harvard; Felix Frankfurter, da Escola de Direito de Harvard; Arthur Twining Hadley, presidente de Yale; Theodore Vail, presidente da *American Telephone and Telegraph*; e, presidindo, Robert Brookins, empresário e membro do conselho administrativo da Universidade de Washington.

Conforme Smith, a corporação Rockefeller procurava por novos investimentos e cogitou a criação de um instituto de pesquisas em economia, aos moldes do *Rockefeller Institute for Medical Research*, encontrando no *Institute for Governament Research* uma alternativa. No entanto, as reformas e medidas governamentais para controle dos trustes e monopólios impactou diretamente esses homens de negócios. A família Rockefeller, em especial, envolveu-se em uma série de batalhas judiciais. Assim, graças à forte presença das indústrias Rockefeller, o *Institute for Governament Research* foi alvo de uma teoria conspiratória que defendia que o instituto era, na verdade, uma ferramenta da família Rockefeller para “virar o jogo” e investigar o governo.³³⁴

³³¹ SMITH, James A. *Idea brokers: think tanks and the rise of the new policy elite*. Simon and Schuster, 1993, p. 33.

³³² Ibid., p. 5

³³³ Ibid., p. 52.

³³⁴ Ibid., p. 53.

Destino semelhante ao *Comission on Economy and Efficiency* teve o *The Inquiry*, promovido por Wilson no pós-guerra. Após a reunião no Hotel Majestic, foi estabelecido o Instituto Anglo Saxão de Relações Exteriores, com o propósito de promover a cooperação no atlântico e uma maior participação dos Estados Unidos no cenário mundial. O instituto contava com uma seção norte-americana, denominada *American Institute for International Affairs*, e com a seção inglesa, *Royal Institute for International Affairs*.³³⁵ No entanto, com a recusa do Congresso estadunidense em retificar o tratado de Versalhes, impedindo a entrada do país na Liga das Nações, os planos internacionalistas do Instituto Anglo Saxão de Relações Exteriores foram frustrados. A seção inglesa tornou-se o *Chatham House*, mas a seção estadunidense foi fundida com outra instituição já existente, o *Council on Foreign Relations* (CFR).

Fundado como um “*Gentlemen’s Club*” com foco econômico e político, o CFR reunia pouco mais de 100 membros – investidores de Wall Street e advogados – através de encontros, jantares e conferências com diplomatas ou embaixadores.³³⁶ O CFR tinha por presidente honorário Elihu Root, ex-secretário de Guerra (1899-1904) e de Estado (1905-1909), além de advogado de *Wall Street*. O presidente efetivo era o também advogado de Nova York, Lindsay Russell; e o presidente da Comissão de Finanças era Alexander Hemphill, presidente do banco *Guaranty Trust*.³³⁷ Com grande atividade entre 1918 e 1919, o CFR teve seu dinamismo reduzido durante os anos de 1920, quando seus dirigentes sugeriram uma fusão com o *American Institute for International Affairs*.

Sendo assim, no contexto do pré-Primeira Guerra, na “era progressista”, filantropos e industriais voltaram-se para instituições de pesquisas a fim de promover o “conhecimento útil”. Ou seja, a estrutura epistêmica, distanciada da estrutura religiosa desde a Revolução de Independência, aproximou-se de vez da estrutura econômica e da política. Durante a guerra, o Estado fez uso dos intelectuais e acadêmicos através de suas agências, estreitando o espaço entre “academia” e “política”. Mas, ao final do conflito, com a recusa das universidades em se manter atreladas ao governo de forma centralizada, efetivou-se uma separação já tradicional. Assim, os acordos e mecanismos que conectaram políticos e especialistas para as tomadas de

³³⁵ DREIFUSS, René. *Op. Cit.*, 1987, p. 32.

³³⁶ SHOUP, Laurence. *Wall Street’s think tank: the Council on Foreign Relations and the empire of neoliberal geopolitics 1976–2014*. Nova York: Monthly Review Press, 2015, p. 12.

³³⁷ SHOUP, Laurence. MINTER, William. *Imperial Brain Trust. The Council on Foreign Relations & United States Foreign Policy*. New York: Monthly Review Press, 1987, p. 15.

decisões começam de maneira informal.³³⁸ A conexão entre academia e política só foi estabelecida ao longo do século XX, com a intermediação do setor privado. Industriais e filantropos que investiram em instituições durante a guerra assumiram o papel de consumidores e promotores do conhecimento produzido por acadêmicos. A grande distinção dessas instituições para as associações de pesquisa independentes do século XVIII e dos laboratórios de pesquisa industriais (mantidos por empresas) estava no fato de que estas instituições, além de promover pesquisas nas áreas de política e economia, atuavam nos ramos legislativos e executivos do governo. Sob a bandeira de “trazer conhecimento para tomada de decisão”, os funcionários ligados a essas instituições se propunham a “ajudar o governo a pensar”. Ou seja, as aproximações conexões entre a estrutura epistêmica e a estrutura política – desde a separação de ambas da estrutura religiosa – se deu por intermédio de “instituições privadas do conhecimento”, mais próximas do mercado que da academia. De acordo com Teixeira, essas instituições eram formadas majoritariamente por acadêmicos e afins. Mas, diferente de laboratórios ou clubes independentes, eram organizadas como universidades, em departamentos e com o compromisso de preservar a liberdade acadêmica.³³⁹ Eram, na prática, representantes de uma adoção do “ethos” acadêmico (que define campo) por agentes do mercado.

Foi só na administração de Herbert Hoover (1929-1933) que o trabalho acadêmico voltou a ser usado diretamente pelo gabinete presidencial. Segundo Smith, em 1921, Hoover – então secretário do Comércio – iniciou uma longa experiência de cooperação entre acadêmicos e industriais para estudar a economia. Acreditando que “a nação precisava de melhores dados e uma compreensão mais profunda do ciclo econômico”,³⁴⁰ Hoover contatou fundações em Nova York para promover uma série de análises sobre a sociedade e a economia. Com especial participação do *National Bureau of Economic Research* (NBER)³⁴¹ – uma instituição não governamental idealizada e fundada por Wesley Mitchell e Edwin Francis Gay, em 1920 – a comissão ordenada por Hoover contou com o auxílio de diversas

³³⁸ SMITH, James A. *Op. Cit.*, 1993, p. 10.

³³⁹ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit.*, 2007, p. 131.

³⁴⁰ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 69.

³⁴¹ Vale ressaltar que o NBER recebeu consideráveis investimentos dos grupos Carnegie e Rockefeller em seus primeiros anos de existência. SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 63; THE NATIONAL BUREAU OF ECONOMIC RESEARCH. History. Disponível em: <<https://www.nber.org/about-nber/history>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

universidades, organizações empresariais, profissionais trabalhistas e mesmo órgãos governamentais. Com seu relatório final publicado em 1929, a comissão “aplauiu o que parecia a todos uma década de progresso na gestão econômica”.³⁴²

No pós-Primeira Guerra, o país passou por um período de crescimento. A produção industrial cresceu 60% e a renda *per capita* aumentou cerca de 1/3. Os avanços tecnológicos foram empregados nos processos de industriais. Na indústria automobilística, a linha de montagem mecanizada otimizou a produção. Nas comunicações, o rádio e o telégrafo tornaram-se populares. Eletrodomésticos e outros bens de consumo duráveis foram barateados.³⁴³ Apesar da grande concentração de renda, Hoover afirmou em seu discurso de posse:

Emergimos das perdas da Grande Guerra e da reconstrução que a seguiu com virilidade e força vincadas. A partir dessa força, contribuímos para a recuperação e o progresso do mundo [...]. Mas todo esse avanço majestoso não deve obscurecer os perigos constantes dos quais o autogoverno deve ser salvaguardado [...] Proponho nomear uma comissão nacional para uma investigação minuciosa de toda a estrutura de nosso sistema federal de jurisprudência, para incluir o método de execução da décima oitava emenda e as causas de abuso sob ela. Seu objetivo será fazer as recomendações para a reorganização da administração das leis federais e do processo judicial, conforme necessário [...]. Há um campo igualmente importante de cooperação do Governo Federal com a multiplicidade de agências, estaduais, municipais e privado, no desenvolvimento sistemático daqueles processos que afetam diretamente a saúde pública, o lazer, a educação e o lar [...] Em nenhuma nação as instituições do progresso estão mais avançadas. Em nenhuma nação os frutos da realização são mais seguros. [...] Não tenho medo do futuro do nosso país. É brilhante com esperança.³⁴⁴

Neste período, as universidades experimentaram um crescimento no número de alunos. Com o número de candidaturas aumentando, as universidades precisaram desenvolver diferentes formas de seleção. Harvard, Yale e Princeton, por exemplo, tornaram-se, conscientemente, instituições de ensino superior voltadas para a elite³⁴⁵.

Antes de 1920, cada uma das universidades exigia uma série de exames de admissão. Nesta época a figura do diretor de admissão ganhou poder. Cotas e bolsas tornaram-se uma parte paralela do trabalho. Definiram-se concepções de o que se esperava do candidato a

³⁴² SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 69.

³⁴³ PURDY, Sean. *Op. Cit.* 2016, p. 198.

³⁴⁴ HOOVER, Herbert. Inaugural Address. March 4, 1929. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1929-inaugural-address>>. Acesso em: 16 mar 2022.

³⁴⁵ GEIGER, Roger. *Op. Cit.*, 2014, p. 448.

respeito de “caráter, personalidade e liderança”, procurando promover mais objetividade ao processo, através de uma pesquisa institucional sobre o registro de aluno, Yale calculou um “grau previsto” que os candidatos deveriam alcançar. Solicitando, em seguida, um “teste de QI”, que veio a se tornar o *Scholastic Aptitude Test* (SAT), em 1926.³⁴⁶ Portanto, enquanto as universidades – como *instituições de pesquisa* – distanciavam-se do estado e voltavam-se para institutos, laboratórios e agências independentes, as universidades – como *instituições de ensino* – voltavam-se ainda mais para a elite econômica.

Na presidência, Hoover pôs em prática parte de sua proposta e expandiu a iniciativa de estimular pesquisas para a formulação de políticas públicas. Em meados de 1929, pouco antes da crise estourar, o presidente ordenou uma ampla pesquisa nacional. Deu-se início a uma série de reuniões, muitas vezes com a presença do próprio presidente, com pessoas de interesse que poderiam ser recrutadas para o comitê, incluindo executivos da *Rockefeller Foundation*. Hoover compreendia o trabalho do comitê – que recebeu o nome de *President's Research Committee on Social Trends* – como sendo “a primeira declaração completa de fato social já apresentada como guia para políticas públicas”,³⁴⁷ e planejava usar as descobertas para guiar as políticas de seu segundo mandato. O relatório final, com mais de 1500 páginas, foi finalizado e publicado em 1933. No documento lê-se:

O primeiro terço do século XX foi repleto de eventos marcantes e repleto de problemas de grande variedade e complexidade. [...] Com esses eventos vieram problemas nacionais que demandam urgentemente atenção em muitas frentes. [...] O resultado foi que surpreendentes contrastes em organização e desorganização podem ser encontrados lado a lado na vida americana: esplêndida proficiência técnica em algum arranha-céu incrível e atraso monstruoso em alguma favela igualmente incrível [...] O significado do presente estudo da mudança social não deve ser encontrado apenas na análise das tendências separadas, muitos dos quais já foram examinados antes, mas em sua inter-relação no esforço de olhar para a América como um todo, como uma união nacional cujas partes muitas vezes são isoladas, não apenas em estudos científicos, mas em assuntos cotidianos.³⁴⁸

Sobre a economia:

A organização econômica, pelo menos em parte, foi progressivamente ajustada à invenção mecânica, como mostram os notáveis ganhos nos registros de produtividade por trabalhador. [...] Mas há muitos ajustes a serem feitos dentro de

³⁴⁶ Ibid., p. 452.

³⁴⁷ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 70.

³⁴⁸ *RECENT SOCIAL TRENDS IN THE UNITED STATES*: Report of the President's Research Committee on Social Trends. McGraw-hill book company: New York and London. 1933. p. XI-XIII.

outras partes da organização econômica. O fluxo de crédito não está sincronizado com o fluxo de produção. Há desastres recorrentes no ciclo de negócios. As organizações de empregadores mudaram mais rapidamente do que as organizações de empregados. Um conjunto especial de problemas econômicos é aquele ocasionado pela transformação na agricultura devido à ciência, a eletricidade e a gasolina, e ao crescimento das agências de comunicação. Outro foco de desajustes tem seu centro em nossas ideias de propriedade, distribuição de riqueza e pobreza, novas formas de problemas seculares.³⁴⁹

Em linhas gerais, o relatório apontou que mesmo antes da crise de 1929, o desemprego crescia consideravelmente. Afirmou ser preciso uma “mudança na distribuição de renda que colocasse mais poder de compra nas mãos dos assalariados aumentaria enormemente o mercado de muitos produtos básicos e forneceria vagas para todos os trabalhadores competentes”.³⁵⁰ Chamou atenção para as novas tecnologias empregadas na indústria e como afetavam a força de trabalho. Abordou os temas sindicais, operários e questionou as frouxas leis anti-monopólio; e, por fim, ainda defendeu a implementação de um seguro social.³⁵¹

Na academia, o relatório recebeu boas críticas, sobretudo a respeito do volume e rigor empregado na pesquisa. Na imprensa, contudo, as críticas foram mais duras. Um editorial da *Richmond Times Dispatch* colocou o relatório como um manual para evitar a revolução econômica. O *The Washington Post*, mais enfático, afirmou que o relatório não passava de “socialismo como remédio para a crise”, além de ser de uma frágil ideologia tecnocrata.³⁵² Em suma, o relatório foi recebido como resultado de um grande esforço de cooperação entre estado e academia, mas que – embora cumprisse sua proposta de analisar a sociedade estadunidense densamente – pouco contribuía para solucionar problemas sociais e econômicos tão latentes como os provocados pela já presente crise de 1929.

O candidato democrata à presidência de 1932, Franklin D. Roosevelt, trouxe em sua plataforma grandes críticas a forma como o republicano Hoover vinha conduzindo a política econômica. Durante a campanha, Samuel Rosenmam, advogado e juiz que aconselhou Roosevelt quando era governador, não reconhecendo nenhuma proposta promissora para lidar com a crise vinda da comunidade empresarial, adiantou que o candidato precisaria de ajuda intelectual para a campanha. Formou-se, assim, o *Brain Trust*. O grupo (originalmente formado por Rexford Tugwell, especialista em política agrária; Adolf Berle, especialista em

³⁴⁹ Ibid., p. XIV.

³⁵⁰ Ibid., p. XXVIII.

³⁵¹ Ibid., p. LIV.

³⁵² SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 71.

direito corporativo e finanças; e Raymond Moley, especialista em direito penal; todos eles professores da Universidade de Colúmbia) foi idealizado como um “último recurso”.³⁵³

O grupo foi dissolvido pouco depois da vitória nas urnas, mas o termo tornou-se um símbolo da receptividade de Roosevelt a novas ideias.³⁵⁴ Por outro lado, em discurso ao *Gridiron Club*, em 1933, Hoover, que pouco antes recorria a suas próprias comissões de pesquisa, afirmou: “Eu não poderia pedir ajuda aos chamados intelectuais com seu registro ininterrupto de total abstinência de alegria construtiva ao longo de toda a história nacional”.³⁵⁵

Assim, ao derrotar Hoover e assumir o salão oval em 1933, Roosevelt possuía um diagnóstico para a crise.³⁵⁶ Em seu discurso de posse (redigido por Moley), afirmou:

Nossa maior tarefa primordial é colocar as pessoas para trabalhar. [...] em nosso progresso para a retomada do trabalho, exigimos duas salvaguardas contra o retorno dos males da velha ordem: deve haver uma fiscalização rigorosa de todos os bancos e créditos e investimentos, para que haja fim à especulação com dinheiro alheio; e deve haver provisão para uma moeda adequada, mas sólida.³⁵⁷

De acordo com Flávio Limoncic, embora o presidente tivesse em mente que a competição irrestrita do capitalismo liberal defendida e praticada pelos republicanos ao longo dos anos 1920 precisava ser superada, diferentes setores da sociedade tinham ideias distintas de como contornar a crise. Em busca de apoio amplo, o governo propôs um programa de recuperação em torno da *National Industrial Recovery Act* (NIRA), que propunha a criação de códigos de competição supervisionados pelo Estado, em diferentes setores indústrias.³⁵⁸

Nos primeiros 100 dias, o projeto, que recebeu o título de *New Deal*, lançou uma gama de programas de reformas setoriais na economia, visando, principalmente, à criação de condições para a formação de uma poupança interna e recuperação de investimentos. Foram implantadas medidas como a *Emergency Banking Act* e a *Agricultural Adjustment Act* (criado e dirigido por Tugwell), visando regular o sistema financeiro e agrícola. Do ponto de vista

³⁵³ Ibid., p. 74.

³⁵⁴ Ibid., p. 76.

³⁵⁵ HOOVER. Herbert. *Address to the Gridiron Club*. April 09, 1932. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsbl.edu/documents/address-the-gridiron-club-5>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

³⁵⁶ LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal: Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, p. 151.

³⁵⁷ ROOSEVELT. Franklin. *First Inaugural Address*. March 4, 1933. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1933-first-inaugural-address>>. Acesso em: 15 mar. 022.

³⁵⁸ LIMONCIC, Flávio. *Op. Cit.*, 2003, p. 152.

emergencial, criou-se uma rede de assistência social através de agências e programas, como os *Civilian Conservation Corps* (CCC), a *Federal Emergency Relief Administration* (FERA) e a *Civil Works Administration* (CWA).³⁵⁹ Ademais, criou-se o *Commerce Department's Business Advisory Council*, reunindo representantes de empresas como: *General Electric*; *RJ Reynolds Tobacco Company*; *Brown Brothers & Co*; *National Steel Corporation*, entre outras.

No entanto, a criação de agências como estas gerou uma tensão com a oposição. Setores conservadores protestaram contra a manutenção do déficit público como instrumento de criação de empregos e renda. Conforme aponta Limonic, “para alguns, o *New Deal* nada mais seria do que o nome americano para o comunismo, e seu objetivo último era retirar dos que tinham para dar aos que não tinham”.³⁶⁰ Já em 1934, passado o caos inicial da depressão, o *New York Times* começou a publicar reportagens contra a manutenção dos programas:

“O período emergencial terminou”. Declarou o representante Snell de Nova York, líder da minoria na Câmara, em depoimento a uma rádio esta semana. Ele exigiu, desse modo, a revogação das leis de emergência e a extinção das agências federais que as estivessem administrando.³⁶¹

Para os opositores do *New Deal*, a intervenção federal representava uma ameaça às liberdades individuais. Para muitos, qualquer forma de governo que propusesse uma intervenção na vida social abriria caminho para um projeto revolucionário.³⁶² O programa do Partido Republicano, na convenção de Nova York, de 1934, declarou:

Nós condenamos: 1) o solapar da forma Americana de governo e a perturbação de nosso sistema econômico; 2) a destruição do estado e dos direitos locais e responsabilidades; 3) uma economia planejada e controlada de concepção vinda de fora imposta e administrada por uma ditadura todo poderosa; 4) a invasão do campo da iniciativa privada pelo governo e manipulada por homens inexperientes; 5) a instalação de uma enorme, incompetente, arrogante e incontrolável burocracia; 6) a decadência do serviço civil; 7) a destruição em massa de teorias acadêmicas contrárias às leis e forças naturais; 8) a promoção de monopólios, a destruição da competição, a fixação dos preços pelo governo; [...] 10) Gasto imprudente do dinheiro do povo sem pensar nos cálculos orçamentários [...]; 13) a tentativa de redistribuir riqueza pela destruição da mesma.³⁶³

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ Ibid.

³⁶¹ NEW YORK TIMES, 29 de abril de 1934. Seção: watch-tower. 'Parties come to grips over emergency's end'. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1934/04/29/archives/parties-come-to-grips-over-emergencys-end-republicans-insisting-it.html>>. Acesso em 15 mar. 2022.

³⁶² POGGI, Tatiana. Os opositores conservadores do New Deal. *Revista Eletrônica da Anphlac*, n. 7, 2008, p. 47.

³⁶³ NEW YORK TIMES, 29 de setembro de 1934. 'Platform adopted by the Republicans at their State convention in Rochester'. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1934/09/29/archives/platform-adopted-by-republicans-at-their-state-convention-in-rochester.html>>.

Grandes conglomerados industriais como a *Sun Oil Company* e a *DuPont*, bem como grandes empresas, como a *Sears*, mostravam-se contrárias às medidas reconhecidas como intervenções governamentais. Como coloca Tatiana Poggi, “o capital industrial voltado para o mercado interno rapidamente se organizou juntamente com conservadores dos partidos Republicano e Democrata e já em 1934 fundam a *American Liberty League (ALL)*”.³⁶⁴

A AAL procurava corrigir o que considerava um desequilíbrio na administração política do país. Argumentava que as empresas, “que carregam a responsabilidade pelos contracheques do emprego privado”, tinham pouca voz no governo.³⁶⁵ Desde o princípio, a AAL usou a imprensa popular e o rádio para fazer a promoção de suas ideias. Embora se auto-proclamasse “apartidária”, os membros da Liga eram abertamente opositores ao *New Deal* e, no início de 1936, transformara-se num dos grupos mais conservadores da política estadunidense.³⁶⁶ De fato, durante seus primeiros anos de existência, tornou-se a porta-voz do Partido Republicano. A Liga atuou fazendo lobby e, por diversas vezes, apelou ao Congresso pela oposição às medidas e políticas que, em sua visão, ameaçava a Constituição e os direitos a propriedade.³⁶⁷

A primeira tentativa de entrar na política foi realizada nas eleições de 1936, quando a ALL apoiou a candidatura de Alf Landon, executivo do petróleo e governador do Kansas. A campanha de Roosevelt pela reeleição transformou-se num confronto direto com a Liga. Landon chegou a ser acusado de ser uma “‘marionete’ das ‘dinastias Morgan, Rockefeller e DuPont’”.³⁶⁸ Conforme Glória Hicks, a crença da Liga no individualismo estadunidense e na plataforma pelo “sonho americano” não apresentavam soluções ou alternativas concretas para o cenário político e econômico, o que dificultou a construção de uma frente de oposição robusta. A vitória de Roosevelt representou uma dura derrota para a ALL.³⁶⁹ Mas, conforme afirma Tatiana Poggi, “o legado mais importante da *American Liberty League*, acreditamos,

[the-republicans-at-their-state-convention-in.html](#)>. Acesso em 15 mar. 2022.

³⁶⁴ POGGI, Tatiana. *Op. Cit.*, 2008, p. 47.

³⁶⁵ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Invisible hands: the businessmen's crusade against the new deal*. WW Norton & Company, 2010.

³⁶⁶ HICKS, Gloria. American Liberty League. In: CARLISLE, Rodney P. *Encyclopedia of politics*. Sage, 2005, v. 2., p. 510.

³⁶⁷ Ibid.

³⁶⁸ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 21.

³⁶⁹ HICKS, Gloria. *Op. Cit.*, 2005, p. 510.

tenha sido o aumento progressivo de uma tensão gerada dentro do partido Republicano a época da hegemonia do reformismo Democrata”.³⁷⁰

A dificuldade da Liga em unir os republicanos contra Roosevelt evidenciou o crescimento dos Republicanos adeptos ao reformismo democrata. Na ocasião, o *New York Times* questionou:

Deve o *Grand Old Party* [partido Republicano] virar as costas, confiando na casualidade política para restaurar mais uma vez seu prestígio e poder sem alterações orgânicas? Deve este tentar vencer o *New Deal* em seu próprio jogo, afastando a velha guarda e oferecendo ao eleitorado um liberalismo temperado, como rejeitado em 1912? Deve, ao contrário, expurgar-se de todas as teorias e práticas avançadas e se tornar um partido verdadeiramente conservador, abraçando a luta pelos direitos estaduais e pelo individualismo crescente? Ou deve se permitir sucumbir sem maiores lutas ao esquecimento, na esperança de que de suas cinzas poderá emergir um novo e mais vigoroso partido com um novo nome e uma nova proposta?³⁷¹

Houve uma cisão dentro do Partido Republicano. De um lado, aqueles levemente inclinados a aceitar algumas propostas do programa democrata; de outro, um descontentamento completo com o programa, porém, com um tom nostálgico num desejo de retornar aos tempos de ouro do livre mercado. Assim, houve um confronto entre a “velha guarda” e a “renovação”. Enquanto a “renovação” caminhou para um reformismo, a “velha guarda” deu origem a um novo conservadorismo.³⁷²

Em finais da década de 1930, superada a depressão (mas não o *New Deal*), a visibilidade dada aos especialistas nas tomadas de decisões públicas, de acordo com Smith, tomou o imaginário público. Até então, nos Estados Unidos, a autoridade dos intelectuais diante da política residia na afirmação de “apartidarismo”. As instituições de pesquisa dos anos 1910 e 1920 que se propunham a pesquisar e “auxiliar” o governo (como nos casos do *Institute for Government Research*, *Council on Foreign Relations*, *National Bureau of Economic Research*, etc.), procuraram preservar essa imagem, como se seus especialistas, nas palavras de Smith, fossem apenas “descobridores de fatos que buscavam conciliar diferenças

³⁷⁰ POGGI, Tatiana Silva. *Neofascismo em cena: o avanço conservador norte-americano e o caso da National Alliance*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008, p. 52.

³⁷¹ NEW YORK TIMES. ‘*The Republicans face a great decision*’. 20 de junho de 1937. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1937/06/20/archives/the-republicans-face-a-great-decision-shall-the-party-carry-on-and.html>> Acesso em 18 mar. 2022.

³⁷² POGGI, Tatiana. *Op. Cit.*, 2008, p. 54.

ideológicas de ‘valor’”.³⁷³ Por outro lado, ao longo dos anos 1930, os especialistas foram alçados para o primeiro plano de “tomadores de decisões”, tornaram-se abertamente político-partidários (como nos casos do *Brain Trust* e da *American Liberty League*).

Como os homens de negócios das duas primeiras décadas do século XX uniram-se em instituições filantrópicas privadas, e como a oposição de finais dos anos 20 e início dos 30 uniram seus especialistas para guiar as campanhas e planos de governo, a direita estadunidense dos anos 1940, em especial o seu novo conservadorismo, uniu-se em suas próprias instituições.

Em 1938 foi fundado em Nova York o *American Enterprise Association* (AEA). Com a missão de promover “maior conhecimento público e compreensão das vantagens sociais e econômicas acumuladas para o povo americano através da manutenção do sistema de livre e competitiva empresa”,³⁷⁴ o AEA contava com apoio de companhias farmacêuticas como *Eli Lilly* e *Bristol-Myers*; de empresas automobilísticas como *Chrysler*; e de bancos e investidoras como *Chemical Bank* e *Paine Webber*.

Nascido de uma resposta ao *New Deal*, o AEA, segundo Tatiana Teixeira, dedicava-se a “preservar e fortalecer as fundações da liberdade – identificada como governo limitado, iniciativa privada, instituições culturais e políticas vitais – e uma forte política externa e defesa nacional”,³⁷⁵ através da promoção de pesquisas, publicações e debates. Em 1943, conforme a Segunda Guerra engrossava na Europa, o AEA mudou sua sede para Washington para manter-se mais próximo do centro de poder político. Apesar de denominar-se “apartidária”, o AEA tornou-se uma instituição abertamente alinhada aos ideais e valores republicanos, em especial aos defendidos pela “velha guarda”.

O *New Deal* e a gradual mudança da função social do acadêmico nos Estados Unidos também impactou as universidades. Conforme Geiger, os anos da depressão pouco afetaram as universidades estruturalmente.³⁷⁶ Desde o final da Primeira Guerra, as universidades procuravam incorporar novos campos de conhecimento em expansão, incentivavam o corpo docente a pesquisar e buscavam novas fontes de financiamento externo. A crise fez acentuar esse movimento, aproximando ainda mais as universidades de instituições filantrópicas e

³⁷³ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 94.

³⁷⁴ THE AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *History of AEI*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090708195505/http://www.aei.org/history>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

³⁷⁵ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. Cit.*, 2007, p. 202.

³⁷⁶ GEIGER, Roger. *Op. Cit.* 2014. p. 506.

conglomerados industriais. Assim, “faculdades e universidades, em geral, emergiram da década financeiramente enfraquecidas, mas academicamente mais desenvolvidas”.³⁷⁷ Mas, ao longo da década de 1930, a cultura política nos *campi* foi inflamada.

Ao decorrer da crise, o número de alunos decaiu com o tempo, mas a maioria era composta por estudantes que mantinha emprego de meio período e não viva nas universidades. Ou seja, a perda de alunos não impactou diretamente a vida nos *campi*. Ao longo dos anos 1920, a vida política universitária era avessa aos movimentos estudantis. Conforme Geiger, a Liga dos Jovens Comunistas dos Estados Unidos, por orientação do Comitê Soviético, concentrava-se nos proletários e movimentos sindicais, desdenhando dos estudantes universitários.³⁷⁸ A Ameaça Vermelha do pós-Primeira Guerra (e, em especial após a Revolução Russa) ajudou a dispersar os socialistas dos Estados Unidos e a revolução bolchevique dividiu opiniões.

Em 1921 foi fundada a *League for Industrial Democracy* (LID). Organizada por socialistas anti-soviéticos, a LID foi a sucessora do *Intercollegiate Socialist Society* (ISS), uma organização socialista de estudantes fundada em 1905 por Upton Sinclair, Walter Lippmann, Clarence Darrow e Jack London. Com o crescente anti-socialismo, a ISS tornou-se LID, mas seguiu atuando apresentando palestras sobre princípios econômicos e socialistas e organizando interessados em grupos de estudo, mesmo sem muito impacto.³⁷⁹ Foi só em 1931, com a controversa supressão de um jornal radical na *The City College of New York* que as primeiras mobilizações, principalmente marxistas, atraiu atenção. No mesmo ano, foi criada a *National Student League* (NSL) e sua primeira convenção, no ano seguinte, recebeu representantes de vinte e cinco faculdades.³⁸⁰

A existência da NSL estimulou a LID que, em 1933, passou a se denominar *Student League for Industrial Democracy* (SLID). Com a tensão da guerra na Europa, os movimentos estudantis alinharam-se na causa anti-guerra. Segundo Greige, o movimento estudantil, que carregava uma mensagem alheia ao pacifismo fundamentada numa crítica ao envolvimento dos Estados Unidos na Primeira Guerra mundial, a “grande traição de 1917” promoveu o imperialismo econômico, a especulação capitalista e a supressão de liberdades civis.³⁸¹

³⁷⁷ Ibid., p. 508.

³⁷⁸ Ibid., p. 510.

³⁷⁹ Ibid., p. 511.

³⁸⁰ Ibid., p. 513.

³⁸¹ Ibid., p. 514.

Através de palestras e greves, a NSL e a SLID demonstraram considerável poder de organização. Em março de 1935, o *Student Action*, jornal da SLID trazia a convocatória para mais uma greve:

Em vista dos alarmantes preparativos para a guerra em todo o mundo, queremos tornar nosso terceiro protesto de forma inequívoca. Uma greve é reconhecida como uma atitude amarga e de último recurso. É isso que a torna notícia. É isso que lhe dá força. É por isso que a escolhemos. Nossa greve estudantil no ano passado foi primeira página do *New York Times* [...]. Contra quem estamos em greve? Quando um operário faz greve, é contra seu chefe e, portanto, as pessoas supõem que quando os alunos fazem greve é contra seus professores ou diretores. Nossa greve de abril, no entanto, é em primeiro lugar contra as forças em nosso governo que trouxeram o maior orçamento militar em tempos de paz.³⁸²

O poder de organização das sociedades estudantis assustou administradores das universidades que passaram a tomar medidas para “proteger os alunos do contágio de ideias comunistas ou socialistas”,³⁸³ reportando ao governo federal informações sobre alunos considerados radicais.

Ao final de 1935, a NSL e SLID formaram a *American Student Union* (ASU). Identificando-se como “liberal”, a ASU defendia maiores benefícios para os estudantes, direitos civis e solidarizava com movimentos trabalhistas. Mesmo as universidades mais tradicionais e elitistas, como Harvard, apresentavam movimentos estudantis alinhados aos liberais. A eleição de 1936 relevou que a maioria dos votos universitários (48,3%) foi para Roosevelt.³⁸⁴

Assim, o período do pós-Primeira Guerra e da Grande depressão representou um momento importante para como o conhecimento científico e o acadêmico foi utilizado politicamente nos Estados Unidos. O movimento tecnocrata, iniciado na “era progressista” e que ganhou fôlego no decorrer da Primeira Guerra, impactou estruturalmente as universidades com a criação de cursos mais técnicos. Posteriormente, instigou Hoover a seguir com seu *President's Research Committee on Social Trends*, levando os cientistas e acadêmicos para dentro do governo, como consultores e conselheiros. A imagem alinhada a estes era de cientistas que estariam “buscando a verdade”. Diversas instituições criadas nesse período

³⁸² STUDENT ACTION. Why a Strike? Student Action. *Student League for Industrial Democracy*. March 25, 1935.

³⁸³ GREIGER, James. *Op. Cit.*, 2014, p. 512.

³⁸⁴ *Ibid.*, p. 514.

seguiram mantendo essa imagem. Por outro lado, a crise de 1929 e o impacto popular do *Brain Trust* de Roosevelt, levou os cientistas para o primeiro plano político, por vezes adotando papéis de liderança em projetos governamentais. Ao mesmo tempo, os opositores do *New Deal* organizaram-se em associações de empresários para influenciar diretamente na tomada de decisões políticas. O *American Liberty League* é um exemplo precoce, mas o *American Enterprise Association* representa como o “novo conservadorismo” recorreu aos institutos de pesquisa independentes para promover seus interesses.

Desta forma, verifica-se como a academia e o mercado (industriais, banqueiros e investidores) uniram-se por interesse mútuo. Enquanto pesquisadores e universidades buscavam investimento para suas pesquisas e laboratórios, homens de negócios buscavam nos acadêmicos o respaldo científico para a promoção de suas ideias e interesses. Já nas universidades, o corpo estudantil, através dos movimentos e associações, voltou-se mais para o Partido Democrata, cada vez mais associado ao socialismo por conta das políticas intervencionistas do *New Deal*. Mas a Segunda Guerra mundial e o envolvimento dos Estados Unidos no conflito trouxeram uma nova dinâmica entre as instituições das estruturas política, econômica e epistêmica, além de um novo termo para estas “instituições independentes”, que “copiavam” o “ethos” acadêmico para apresentarem-se como legítimas instituições de conhecimento: *Think Tanks*.

2.1.3 A batalha dos laboratórios: os tanques de ideias, pela guerra e pela política

Em dezembro de 1941, ao declarar guerra ao Japão, o presidente Roosevelt, em discurso, afirmou que:

O verdadeiro objetivo que buscamos está muito acima e além do feio campo de batalha. Quando recorremos à força, como agora devemos fazer, estamos determinados a que essa força seja direcionada tanto para o bem supremo quanto contra o mal imediato. Nós, americanos, não somos destruidores - somos construtores [...]. Estamos agora no meio de uma guerra, não por conquista, não por vingança, mas por um mundo em que esta nação, e tudo o que esta nação representa, estará seguro para nossos filhos.³⁸⁵

³⁸⁵ ROOSEVELT. Franklin. Fireside Chat 19: On the War with Japan. December 9, 1941. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/december-9-1941-fireside-chat-19-war-japan>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

Quatro anos depois, o presidente Harry Truman (1945-1953) discursou a respeito da bomba atômica lançada em Hiroshima:

Os japoneses começaram a guerra do ar em Pearl Harbor. E nós demos o troco muitas vezes. E ainda não é o fim. Com esta bomba, adicionamos agora um novo e revolucionário aumento de destruição para complementar o crescente poder de nossas forças armadas. Essas bombas, em sua forma atual, estão agora em produção, e formas ainda mais poderosas estão em desenvolvimento. [...] A batalha dos laboratórios trouxe riscos fatais para nós, assim como as batalhas do ar, da terra e do mar, e agora vencemos a batalha dos laboratórios como vencemos as outras batalhas.³⁸⁶

Como colocado por Purdy, “os Estados Unidos saíram da [segunda] guerra como líderes militares e econômicos do mundo”.³⁸⁷ Antes dos ataques à Pearl Harbor, o governo estadunidense já se preparava para a guerra com investimentos em estruturas militares (o suficiente para instigar o sentimento anti-guerra dos movimentos estudantis) e com exportações para os Aliados. Nas palavras de Arrighi, “Os Estados Unidos atuaram como oficina do esforço de guerra dos Aliados e como celeiro e oficina da reconstrução europeia do pós-guerra”.³⁸⁸ Em 1938, a renda nacional estadunidense era aproximadamente idêntica à soma das rendas da Grã-Bretanha, França, Itália e Alemanha, e quase três vezes maior que a da União Soviética. Mas, a partir de 1948, equivalia a mais do dobro da renda da soma dos países citados e mais de seis vezes a dos soviéticos.³⁸⁹ A guerra na Europa demonstrava aos Estados Unidos que era possível crescer economicamente em meio ao caos sistêmico, mas também colocou em xeque o isolacionismo político.³⁹⁰

Desde o final da Primeira Guerra, elites econômicas dos Estados Unidos tentavam persuadir os políticos a tomar posturas mais internacionalistas. Conexões interpessoais eram portas de acesso relativamente fáceis para esta elite com o apoio do salão oval. Herbert Hoover fora um dos membros fundadores do *American Institute for International Affairs* e seu secretário de Estado, Henry Stimson, foi membro do CFR.³⁹¹ Norman Davis, vice-presidente (1933-1936) e depois presidente (1936-1944) do CFR, era amigo do secretário de Estado

³⁸⁶ TRUMAN, Harry. Statement by the President Announcing the Use of the A-Bomb at Hiroshima. August 6, 1945. Disponível em: < <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/august-6-1945-statement-president-announcing-use-bomb>>. Acesso em 10 mai. 2022.

³⁸⁷ PURDY, Sean. *Op. Cit.*, 2016, p. 218.

³⁸⁸ ARRIGHI, Giovanni. *Op. Cit.*, 1996, p. 284.

³⁸⁹ Ibid.

³⁹⁰ Ibid.

³⁹¹ SHOUP, Laurence. *Op. Cit.*, 2015, p. 23.

Cordell Hull e do próprio Roosevelt.³⁹² Mas, na democracia estadunidense, como identificado por Tocqueville no século XVIII, para “guiar a política” é preciso também “guiar a opinião pública”.

O fracasso do “*The Inquiry*” de Wilson em construir a ponte e colocar os Estados Unidos na Liga das Nações, não impediu o grupo de continuar. Logo após a fusão com o *Council on Foreign Relations*, a instituição lançou sua revista, a *Foreign Affairs*. Lançada em 1922 a revista trouxe em sua publicação de estreia um ensaio por Elihu Root sobre o papel dos Estados Unidos como potência mundial, e que, por isso, precisava formar um público crítico e informado para acompanhar os assuntos internacionais e também para compreender o próprio governo.³⁹³ O editorial afirmava, ainda, que o propósito do periódico seria de “guiar a opinião pública americana” (*guide American opinion*), sem se identificar com nenhuma escola de pensamento.³⁹⁴ Afirmava-se, também, como um “fórum não partidário para artigos sobre o mundo, e apresentando visões divergentes para que os leitores pudessem refletir”.³⁹⁵

O idealizador da revista, Edwin Gay (tesoureiro e membro fundador do CFR que, anos antes, junto de Wesley Mitchell, havia fundado o *National Bureau of Economic Research*), convidou Archibald Cary Coolidge (professor de Harvard, participante do “*The Inquiry*” a da Conferência de Paris, em 1919) para assumir a revista. No entanto, Coolidge não abdicou de seu trabalho em Harvard, assumindo a revista com a exigência de ter um assistente em tempo integral.³⁹⁶ Gay, que na época também editava o jornal *New York Evening Post*, sugeriu o nome de Hamilton Fish Armstrong, jovem repórter do jornal. Armstrong assumiu a revista após a morte de Coolidge em 1928. Sob a sua direção, a *Foreign Affairs* tomou, ainda mais, a postura de “educadora”.

Armstrong, formado em Princeton, pertencia a uma emergente escola do jornalismo que compreendia a imprensa como parte da “revolução na arte da democracia” e forma de “construir o consenso”.³⁹⁷ Principal expoente dessa corrente, Walter Lippman (o mesmo que, ainda estudante em Harvard, fundou, em 1905, a *Intercollegiate Socialist Society*), afirmava:

³⁹² SHOUP, Laurence; MINTER, William. *Op. Cit.*, 1987, p. 26.

³⁹³ ROOT, Elihu. A requisite for the success of popular diplomacy. *Foreign Affairs*, vol. 1, n. 1, September, 1922.

³⁹⁴ GROSE, Peter. *Continuing the Inquiry. the Council on Foreign Relations from 1921 to 1996*. New York: Council on Foreign Relations, 2006, p. 10.

³⁹⁵ Ibid., p. 12.

³⁹⁶ SHOUP, Laurence. *Op. Cit.*, 2015, p. 12.

³⁹⁷ Ibid.

A teoria ortodoxa sustenta que a opinião pública constitui um julgamento moral sobre um grupo de fatos. A teoria que estou sugerindo é que, no estado atual da educação, a opinião pública é principalmente uma versão moralizada e codificada dos fatos. Estou argumentando que o padrão de estereótipos no centro de nossos códigos determina em grande parte que grupo de fatos veremos e sob que luz os veremos. Por isso, com a melhor vontade do mundo, a política noticiosa de um periódico tende a apoiar sua política editorial; por que um capitalista vê um conjunto de fatos e certos aspectos da natureza humana, literalmente os vê; seu oponente socialista outro conjunto e outros aspectos, e por que cada um considera o outro como irracional ou perverso, quando a diferença real entre eles é uma diferença de percepção.³⁹⁸

Chamado por Noam Chomsky de “o reitor do jornalismo estadunidense”,³⁹⁹ Lippmann defendia a imprensa como forma de influenciar a opinião pública, admitindo que o público poderia ser manipulado caso se conseguisse manipular a percepção sobre o mundo. Lippmann acreditava, ainda, que as pessoas tendiam a crer melhor nas ficções do que na realidade.⁴⁰⁰ Amigo próximo de Lippman, Armstrong incorporou esses preceitos na *Foreign Affairs*. Lippmann, inclusive, colaborou diversas vezes para a revista até 1937, quando, por motivos pessoais, rompeu amizade com Armstrong.⁴⁰¹

Ainda em 1936, Hamilton Armstrong e Allen Dulles (membro do CFR que assumiu como diretor da CIA entre 1953 e 1961) publicaram pelo CFR o livro *Can We Be Neutral?*, em que atacavam a noção isolacionista de que a América poderia manter-se separada dos conflitos na Europa e a Ásia.⁴⁰² O livro foi citado no Congresso pelo senador Long, do estado de Illinois, no ano seguinte:

Senhor Presidente, sua Comissão de Relações Exteriores, a quem foi atribuída a tarefa de preparar e apresentar para sua consideração um projeto de lei estabelecendo uma política de neutralidade permanente dos Estados Unidos, trabalhou muito e arduamente, e está trazendo a você hoje na forma de projeto de lei suas sugestões e recomendações [...] Não posso chamar sua atenção para o fato de que em nenhum lugar deste projeto de lei você encontrará qualquer coisa que possa ser interpretada como conferindo ao Presidente o poder de declarar guerra. Na verdade, o Chefe do Executivo já tem uma margem de discricionariedade muito maior do que a que lhe é concedida neste projeto de lei. O Sr. Allen W. Dulles e o Sr. Hamilton Fish Armstrong, autoridades reconhecidas em direito internacional e

³⁹⁸ LIPPMANN, Walter; CURTIS, Michael. *Public opinion*. Londres: Routledge, 2017, p. 81.

³⁹⁹ CHOMSKY, Noam. *Necessary illusions: Thought control in democratic societies*. House of Anansi, 1995.

⁴⁰⁰ MCBRIDE, David; LIPPMANN, Walter. In: CARLISLE, Rodney P. *Encyclopedia of politics*. Sage, 2005, p. 283.

⁴⁰¹ LYNN, Kenneth. Versions of Walter Lippmann. Commentary. October 1980. Disponível em: <<https://www.commentary.org/articles/kenneth-lynn/versions-of-walter-lippmann/>>. Acesso em: 12 mai. 2022.

⁴⁰² GROSE, Peter. *Op. Cit.*, 2006, p. 21.

neutralidade, comentando sobre este assunto em seu livro, intitulado “*Can We Be Neutral?*” tem isto a dizer: “Nenhuma legislação do Congresso é necessária. Adotar tal política é claramente da competência do Executivo, que está autorizado a conduzir as relações externas. esta ação tenderia a estabelecê-la como uma política nacional e não como um expediente aplicado a uma situação particular por uma administração”.⁴⁰³

Em junho de 1940, Lewis Douglas, presidente da *Mutual Life Insurance*, promoveu um encontro de indivíduos que tinham interesse em envolver os Estados Unidos na guerra. O objetivo do encontro seria o de estabelecer uma organização central que ajudasse diferentes grupos que tivessem o mesmo objetivo. Foi decidido que France Miller (do CFR) seria o diretor da empreitada. Duas semanas depois, o grupo voltou a se reunir, e – com conselhos de Henry R. Luce (dono da *Time Magazine*), John L. Balderston (funcionário do *Public Information Bureau*, da Grã-Bretanha), Allen Dulles, Hamilton F. Armstrong, entre outros – foi decidido “esquentar” Washington.⁴⁰⁴ Ainda 1939, líderes do CFR se reuniram com o secretário de Estado adjunto, George Messersmith, (também membro do *Council*), para oferecer os serviços da instituição no planejamento do pós-guerra.⁴⁰⁵ Os membros do CFR julgavam que o Departamento de Estado tinha poucos planos e recursos para este planejamento. Com receio de que fosse tomada uma decisão pelo isolacionismo (como após a Primeira Guerra), o CFR propôs uma iniciativa semelhante ao “*The Inquiry*”: “um programa de análise independente para guiar a política externa nos anos pós-guerra”.⁴⁰⁶

Mas a “opinião pública” só foi efetivamente contornada a favor da guerra após Pearl Harbor. Conforme Arrighi, a manutenção da postura isolacionista dependia da crença na segurança nacional inviolável. Com os ataques à base no Havaí, Roosevelt conseguiu usar os

⁴⁰³ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. Congressional Record. March 12, 1937 Vol. 81, Part 2 -Bound Edition 75th Congress - 1st Session. p. 2183. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1937/03/12/house-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22Hamilton+fish+Armstrong%5C%22%22%2C%22%5C%22Hamilton%22%2C%22fish%22%2C%22Armstrong%5C%22%22%5D%7D&s=5&r=34>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

⁴⁰⁴ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. Congressional Record. December 16, 1940 Vol. 86, Part 12. Bound Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1940/12/16/senate-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22Hamilton+fish+Armstrong%5C%22%22%2C%22%5C%22Hamilton%22%2C%22fish%22%2C%22Armstrong%5C%22%22%5D%7D&s=5&r=33>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

⁴⁰⁵ DOMHOFF, William. The Council on Foreign Relations and the Grand Area: case studies on the origins of the IMF and the Vietnam War. *Class, Race and Corporate Power*, vol. 2, article 1, 2014, p. 5.

⁴⁰⁶ GROSE, Peter. *Op. Cit.*, 2006, p. 23.

sentimentos nacionalistas.⁴⁰⁷ Em mensagem ao Congresso solicitando a declaração de guerra, o presidente afirmou:

Não importa quanto tempo demore para superarmos essa invasão premeditada, o povo americano em seu poder justo vencerá até a vitória absoluta. Acredito que interpreto a vontade do Congresso e do povo quando afirmo que não apenas nos defenderemos ao máximo, mas garantiremos com toda a certeza que essa forma de traição nunca mais nos colocará em perigo. Hostilidades existem. Não há dúvida de que nosso povo, nosso território e nossos interesses estão em grave perigo. Com confiança em nossas forças armadas - com a determinação ilimitada de nosso povo - obteremos o triunfo inevitável, então Deus nos ajude. Peço que o Congresso declare que desde o ataque não provocado e covarde do Japão no domingo, 7 de dezembro de 1941, existe um estado de guerra entre os Estados Unidos e o Império Japonês.⁴⁰⁸

Segundo Schurman, a visão de Roosevelt para a política internacional seria de internacionalizar o *New Deal*. A ideia balizava-se na crença de que grandes governos deveriam gastar com liberdade para garantir a segurança e o progresso. Assim, a ajuda dos Estados Unidos a países em crise no pós-guerra teria o mesmo efeito que os programas de bem-estar social promovidos pelo *New Deal*.⁴⁰⁹

Em 1940, de acordo com Smith, os Estados Unidos gastaram cerca de 100 milhões de dólares em pesquisa e desenvolvimento. Aproximadamente um terço só em agricultura e um quarto para pesquisas militares.⁴¹⁰ A mobilização de cientistas e acadêmicos de todas as áreas promovidas pelo *New Deal* construiu uma rede de profissionais a serviço em diferentes agências do governo. Quando a mobilização de guerra foi oficialmente iniciada, um verdadeiro exército de economistas, historiadores, linguistas, sociólogos, químicos e físicos já estava a postos. Ao final da guerra, em 1945, o investimento do governo com pesquisa e desenvolvimento chegou a 1,5 bilhão, boa parte para a pesquisa da bomba atômica.⁴¹¹ Mas a forma com que universidades e institutos de pesquisa atuaram com o governo no esforço intelectual de guerra foi diferente da adotada durante a Primeira Guerra.

Conforme Geiger, ao início de 1940, James Conant (na época presidente de Harvard) foi convidado por Vannervar Bush (que tinha recentemente assumido o *Carnegie Institute* de

⁴⁰⁷ ARRIGHI, Giovanni. *Op. Cit.*, 1996, p. 285.

⁴⁰⁸ ROOSEVELT, Franklin. Address to Congress Requesting a Declaration of War. December 8, 1941.

Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/december-8-1941-address-congress-requesting-declaration-war>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

⁴⁰⁹ SCHURMAN, Franz. *The Logic Power: an into the currents, and contradictions politics*. Nova York: Pantheon Books, 1974, p. 68.

⁴¹⁰ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 99.

⁴¹¹ *Ibid.*, p. 100.

Washington) para auxiliar na composição de um novo projeto de mobilização das instituições científicas na defesa nacional. Mas, diferente do projeto adotada na Primeira Guerra, a nova proposta previa assinatura de contratos para serviços específicos.⁴¹² Bush levou a proposta até o presidente Roosevelt que, em 1941, assinou a criação da *National Defense Research Committee* (NDRC), como parte do Conselho de Defesa Nacional.

Ao final da Primeira Guerra, apesar da aproximação governamental com o meio universitário e do considerável investimento em pesquisas, as universidades distanciaram-se das agências governamentais receando a existência de uma agência reguladora. Nos anos pré-*New Deal* acreditava-se que “permitir o envolvimento do governo na pesquisa universitária só traria a intrusão de considerações políticas e uma diminuição da eficácia da ciência”.⁴¹³ Mas as dificuldades dos anos da depressão e a ascensão de pesquisadores para a primeira linha do governo, ajudou a desconstruir essa imagem. O NDRC era presidido por Vannevar Bush (presidente do *Carnegie Institute*) e composto por: James B. Conant (presidente de *Harvard*), Harold G. Bowen (diretor do *Naval Research Laboratory*), Karl Taylor Compton (presidente do *MIT*), Frank B. Jewett (presidente da mesa de diretores do *Bell Laboratories* e presidente da *National Academy of Sciences*) e Richard C. Tolman (Reitor da Caltech). De acordo com Geiger, os indivíduos reunidos por Bush na NDRC representavam uma “nova geração de liderança na ciência americana, que emergiu durante as difíceis condições da década de 1930”.⁴¹⁴

Durante seu primeiro ano de existência a NDRC passou a necessitar de doações diretas do Congresso. Para driblar a burocracia, foi criado o *Office of Strategic Research and Development* (OSRD), com Bush na diretoria. De natureza enxuta e emergencial o OSRD conseguia firmar acordos com várias universidades, efetivando relacionamentos diferentes. Os acordos previam que as universidades fossem reembolsadas pelos custos de pesquisa voltada para a guerra, bem como forneciam subsídios para despesas gerais. O OSRD chegou a ser responsável por cerca de metade da folha de pagamento de universidades com as quais firmou acordo de cooperação. E mesmo essas instituições eram livres para receber doações ou firmar contratos com outros órgãos do governo ou do setor privado.⁴¹⁵

⁴¹² GEIGER, Roger. *Research & Relevant Knowledge: american research universities since World War II*. New York: Oxford University Press, 1993, p. 3.

⁴¹³ Ibid., p. 4.

⁴¹⁴ Ibid., p. 4.

⁴¹⁵ Ibid., p. 5.

Mas o grande diferencial estabelecido por este sistema estava na forma como os contratos especificavam que o serviço contratado era a pesquisa e não necessariamente seu resultado. Ou seja, os documentos elaborados em geral (relatórios, relatos de pesquisa, artigos e mais), não eram comprometidos por contrato. Em tese, o pesquisador era livre para publicar suas descobertas. Mesmo o projeto pelo desenvolvimento da bomba atômica (que, como colocado pelo presidente Truman, veio a vencer a batalha dos laboratórios) foi iniciado de forma descentralizada.

A pesquisa por energia atômica foi intensificada em 1940. O NDRC começou a se questionar se era possível ou não elaborar uma bomba atômica e quão caro a elaboração seria. Pesquisas preliminares consolidaram a teoria e jurisdição foi transferida para o Corpo de Engenheiros do Exército do Distrito de Manhattan. Em seus primeiros 12 meses de existência, o Projeto Manhattan foi executado de forma pulverizada em diferentes universidades: Berkeley, Columbia, Wisconsin, Harvard e Cornell além do *Chicago Metallurgical Lab*. Só em 1943 que as atividades passaram a ser centralizadas no Laboratório de Armas Especiais em Los Alamos, no Novo México.⁴¹⁶

Esse modelo de contrato incentivou não somente a construção de laboratório de pesquisa, mas também de grupos de conselheiros que, em seus próprios laboratórios, desenvolviam suas pesquisas e, com os resultados, aconselhavam as tomadas de decisões sobre a guerra. Grupos estes que, na gíria de guerra, eram referidos como tanques de ideias (*think tanks*). Nos anos finais da guerra, o OSRD começou a questionar como essa dinâmica de interação poderia ser mantida nos anos de paz.

Edward Bowles, (cientista do Laboratório de Radiação do MIT que, junto dos engenheiros Arthur Raymond e Frank Collbohm, ambos da *Douglas Aircraft Corporation*, trabalhou num projeto para o desenvolvimento de um novo radar), propôs uma pesquisa para aperfeiçoar foguetes intercontinentais. A *Douglas Aircraft Corporation* adotou o projeto e, com um investimento de 10 milhões do fundo de pesquisas militares, um pequeno grupo começou a trabalhar no projeto que foi nomeado de RAND (acrônimo para *Research and Development*). Porém, o projeto cresceu em proporção e saiu dos planos empresa. Então, o grupo de pesquisadores, que já somavam 150 profissionais, com o apoio da força aérea e empréstimo da *Ford Foundation*, fundaram, em 1948, a *RAND Corporation*. Tratava-se de

⁴¹⁶ Ibid., p. 8-9.

uma instituição não governamental de pesquisa e de atuação independente, sendo a primeira a ser denominada, oficialmente, como *think tank*.⁴¹⁷

Como resume Smith:

A criação de organizações de pesquisa por contrato no pós-guerra alterou fundamentalmente a relação entre especialistas e a formulação de políticas públicas. Quase todas as agências governamentais agora podiam ter reservatórios semi-permanentes de especialistas externos sob seu comando. [...] O protótipo foi a *RAND Corporation*. [...] O sucesso do modelo RAND inspirou um bando de outras novas empresas de pesquisa que trabalharam ao longo das décadas de 1950 e 1960.⁴¹⁸

Ao mesmo tempo, a classe empresarial estadunidense e suas respectivas instituições de pesquisa promoveram suas próprias “batalhas dos laboratórios”. Logo após a reunião com o secretário de Estado George Messersmith, o CFR promoveu o *Studies of American Interests in the War and the Peace*, popularmente chamado de *War and Peace Studies Program*. O programa não visava apenas à elaboração de uma estratégia para levar os EUA para a guerra (e para a vitória), mas principalmente projetava uma visão para um pós-guerra de soberania estadunidense.

Ao longo de cinco anos, o programa reuniu 100 membros (entre acadêmicos e empresários) em mais de 250 encontros e produziu mais de 600 relatórios para o Departamento de Estado, todos classificados como “confidenciais”.⁴¹⁹ O mais relevante destes talvez tenha sido o memorando apresentado ao presidente Roosevelt, em julho de 1941, meses antes da declaração de guerra. O documento trazia a visão do CFR para o pós-guerra e definia a necessidade da elaboração de uma “Grande Área” geopolítica de influência – em especial no sul da Ásia – que os Estados Unidos deveriam assegurar.⁴²⁰ Em 1940, o CFR havia publicado o relatório *Geographical Distribution of United States Foreign Trade: A Study in National Interests* no qual ressaltava a importância da exportação de produtos manufaturados e das exportações agrícolas, destacando o crescimento da Ásia no cenário econômico mundial.⁴²¹ Logo, para garantir o crescimento da economia estadunidense no pós-guerra, seria preciso asseverar que o Japão não fechasse o mercado asiático ao país. De fato, para William

⁴¹⁷ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 114-115.

⁴¹⁸ *Ibid.*, p. 113.

⁴¹⁹ GROSE, Peter. *Op. Cit.*, 2006, p. 23.

⁴²⁰ DREIFUSS, René. *Op. Cit.*, 1987, p. 35.

⁴²¹ DOMHOFF, William. *Op. Cit.*, 2014, p. 28.

Domhoff, os planos desenvolvidos entre 1940 e 1944 pelo *War and Peace Studies Program* também proporcionaram o ímpeto que eventualmente teria levado à Guerra do Vietnã:

Uma vez que esta definição do interesse nacional em termos de defesa da “Grande Área” precedeu o da ameaça soviética e chinesa, a importância atribuída ao Vietnã não pode ser atribuída unicamente a uma aversão ao comunismo ou ao medo de um bloco URSS-China, que não se desenvolveu até 1949.⁴²²

Ademais, o plano previa a criação de uma instituição financeira nacional, para estabilizar a moeda estadunidense e, de um órgão internacional, para facilitar investimentos e empréstimos em nações em desenvolvimento. Segundo Domhoff, essa iniciativa foi precursora da criação do FMI, em dezembro de 1945.⁴²³

Por fim, o CFR também desempenhou papel importante na decisão do uso das bombas atômicas. Foi o secretário de Guerra, conselheiro do presidente Roosevelt para questões atômicas e chefe do comitê especial do presidente Truman, Henry Stimson, também membro do CFR, quem recomendou o uso da bomba.⁴²⁴

No entanto, enquanto parte da classe empresarial viu no fim da guerra uma oportunidade de garantir mercado internacional na reconstrução da Europa e no investimento e empréstimo para nações em crescimento na Ásia e na América do Sul, outra parte começou a preocupar-se com o modelo de produção nos Estados Unidos. Durante o conflito, através de instituições reguladoras criadas no período de recuperação da Crise de 1929, os preços foram controlados, mercadorias foram racionadas e a inflação foi contida. Mas no esforço de guerra, a capacidade de produção expandiu e as memórias da depressão geraram preocupações a respeito do período pós-guerra. De acordo com Smith,

Os gastos federais representavam mais da metade do produto nacional em 1944. O que aconteceria quando os gastos militares fossem reduzidos? Como seriam encontrados 30 milhões de empregos - 10 milhões para militares que retornam e 20 milhões para funcionários civis em indústrias relacionadas à guerra?⁴²⁵

As mais tradicionais instituições independentes de pesquisa em economia política – como a *Brookings Institute* e a *National Bureau of Economic Research* – demonstraram

⁴²² Ibid.

⁴²³ Ibid., p. 10.

⁴²⁴ SHOUP, Laurence; MINTER, William. *Op. Cit.*, 1987, p. 33.

⁴²⁵ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 103.

preocupação em como evitar uma nova depressão. Conforme Smith, os acadêmicos afiliados a estas instituições reconheciam que para manter um nível de emprego e produção saudável no pós-guerra seria necessário a adoção de uma “economia mista”, mas não conseguiam chegar ao consenso de qual deveria ser o verdadeiro papel do Estado nessa “economia mista”.⁴²⁶

Sob a liderança de Harold G Moulton, a *Brookings Institute* tomou uma postura conservadora, apostando contra os defensores do *New Deal*, tanto no Congresso quanto na comunidade empresarial.⁴²⁷ No entanto, ao mesmo passo que a *Brookings* se tornava a principal voz contra o pensamento keynesiano, uma nova instituição emergiu. O *Committee for Economic Development* (CED) foi criada em 1943 por empresários que serviram juntos ao *Commerce Department's Business Advisory Council*, criado dez anos antes como uma resposta à depressão. A missão do CED era de reunir pesquisadores, economistas, empresários e políticos favoráveis ao *New Deal*. O CED foi apresentado ao Senado em junho de 1943, pelo secretário Adjunto de Comércio para pequenas empresas:

O *Committee for Economic Development* não é um comitê governamental. É um grupo privado, apolítico, voluntário e sem fins lucrativos, formado exclusivamente por homens e mulheres de negócios liderados por Paul Hoffman, presidente da *Studebaker Corporation*. [...] Uma das tarefas de C. E. D. é educar cada empresa, cada pequeno interesse empresarial em cada pequena comunidade, para que comece agora a fazer seu próprio planejamento pós-guerra. O Secretário Adjunto de Comércio para Pequenas Empresas não teria problemas em colaborar com este grupo nesse objetivo.⁴²⁸

Conforme Smith, o CED representou uma nova forma de organização política de pesquisa. Embora não fosse mantida por nenhuma empresa em específico (como a *Rockefeller Foundation* e o *Carnegie Foundation*), também não era uma instituição financiada através de doações e filiações e capitaneada por um presidente com experiência acadêmica (como a *Brookings* ou o CFR): tratava-se de uma organização comandada por homens de negócios⁴²⁹

⁴²⁶ Ibid., p. 103.

⁴²⁷ Ibid., p. 104.

⁴²⁸ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. Congressional Record. June 11, 1943, vol. 89, part 4 - Bound Edition, p. 5691. Disponível: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1943/06/11/senate-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22Committee+for+Economic+Development%5C%22%22%2C%22%5C%22Committee%22%2C%22for%22%2C%22Economic%22%2C%22Development%5C%22%22%5D%7D&s=1&r=3>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

⁴²⁹ SMITH, James. Op. Cit., 1993, p. 107.

Por outro lado, as instituições conservadoras dos opositores do *New Deal* viam os crescentes gastos estatais em governos democratas com desconfiança, em especial o *American Enterprise Association*. Segundo Stahl, a instituição adotou a retórica de “instituição de pesquisa independente”, “livre”, “apolítica” e como uma “livre iniciativa” de cidadãos, por dois grandes motivos: 1) a retórica ligava-se à noção de “livre mercado” e “empreendedorismo”, ligando a noção de “liberdade” aos conceitos conservadores, e; 2) apresentando-se como instituição de pesquisa independente e não partidária, no momento de sua fundação, o AEA foi visto pela receita federal como “organização educacional sem fins lucrativos” (seção 101, subseção 6), o que a isentava de impostos regulamentados pela *Lobbying Act*.⁴³⁰

No início de suas atividades, o AEA atuava a partir de duas estratégias: 1) através do recrutamento de jovens para educá-los no pensamento conservador; e 2) influenciando políticos de forma direta a favor de pautas conservadoras. Conforme Stahl, esses jovens recrutados pelo AEA formavam dois grupos: 1) aqueles que já tinham interesse na “visão de mundo conservadora”; e 2) aqueles que eram formados por conservadores dentro da própria instituição. Assim, o AEA formava jovens não apenas através de publicações panfletárias, mas envolvendo-os em uma cultura.⁴³¹ Por outro lado, a outra estratégia de atuação encarava maiores problemas. A instituição montou um grupo de especialistas (jornalistas e economistas) para elaborar textos a serem publicados ou veiculados. Muitos dos membros do AEA, no entanto, elaboravam seus próprios textos. Mas, apesar da iniciativa, segundo Smith, aos finais dos anos 1940, o AEA manteve-se como uma instituição de pouca influência, funcionando efetivamente como um “club de almoço de alto nível”. Os trabalhos do CED, com economistas renomados, ofuscaram outras instituições.

Diferente de Smith, Stahl ressalta a atuação da instituição, ao início dos anos 1940, como pequena, mas efetiva. De acordo com este autor, apesar do orçamento relativamente baixo, o AEA foi requisitado por mais de duzentos congressistas, chegando a ter sua própria caixa de correspondência para que seus associados pudessem receber suas publicações mais rapidamente.⁴³² Contudo, a atividade mais “agressiva” gerou consequências. Em 1950, o

⁴³⁰ STAHL, Jason. *Right moves: the conservative think tank in American political culture since 1945*. UNC Press Books, 2016, p. 15.

⁴³¹ Ibid., p. 17.

⁴³² Ibid., p. 21.

Comitê de atividades de lobby do Congresso passou a circular uma nota exigindo que os congressistas fornecessem:

a este comitê as seguintes informações para o período de 1º de janeiro de 1947 até a data [...] Despesas de viagem [...] Manutenção do escritório de Washington [...] Despesas com material impresso ou duplicado [...] O comitê especificamente deseja que você inclua todas as despesas relacionadas às seguintes organizações: 1. *American Enterprise Association*. 2. *America's Future, Inc.* 3. *Committee for Constitutional Government, Inc.* 4. *Constitutional Educational League*. 5. *Constitution and Free Enterprise Foundation*. 6. *Economists National Committee for Monetary Policy*. 7. *Foundation for Economic Education*. 8. *Public Affairs Institute*.⁴³³

O Comitê levantou as atividades do AEA até os anos 1950, acusando a instituição de não atender as demandas para se qualificar como “instituição educacional apartidária”. O orçamento anual, entre 1947 e 1949, era de modestos 17,000 dólares, e contava com diversas pequenas doações de instituições diferentes. No entanto, 78% de todas as doações provinham das sete maiores doadoras. Já a partir de 1949 foram as doações de grandes empresas que chamaram a atenção. Naquele ano os maiores doadores do AEA foram: *General Motors* (7,500 dólares); *Ford Motor Company* (5,000 dólares) e *DuPont* (5,000 dólares)⁴³⁴. Somando, só eles, mais que o orçamento médio dos anos anteriores.

A lei que regulamentava a atividade de lobismo, de 1946, definia “lobista” como aquele que direta ou indiretamente tenta influenciar a aprovação ou não, de qualquer esforço de legislação.⁴³⁵ O Comitê chamou atenção para a posição supostamente apartidária do AEA, argumentando que a instituição trabalhava defendendo interesses de grandes empresários, e que usava a premissa da “liberdade acadêmica” para promover uma “panfletagem unilateral”⁴³⁶ O Comitê recomendou, que o AEA fosse registrado pelo *Federal Lobbying Act*, mas essa recomendação não foi atendida, o que, segundo Stahl, salvou a instituição financeiramente, pois as taxas de impostos levariam o AEA à falência.⁴³⁷

⁴³³ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. Congressional Record. June 8, 1950, vol. 96, part 6 - Bound Edition, p. 8339. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1950/06/08/housesection?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22american+enterprise+association%5C%22%22%2C%22%5C%222american%22%2C%22enterprise%22%2C%22association%5C%22%22%5D%7D&s=6&r=4>>. Acesso em 05 jun. 2022.

⁴³⁴ STAHL, Jason. *Op. Cit.*, 2016, p. 22.

⁴³⁵ WINTER-BERGER, Robert. *Corrupção em Washington*. São Paulo: Editora Artenova, 1973, p. 17.

⁴³⁶ STAHL, Jason. *Op. Cit.*, 2016, p. 23.

⁴³⁷ Ibid.

Assim, ao início dos anos 1950, o AEA decidiu uma última tentativa de tornar-se mais influente em Washington e salvar-se de uma possível falência. Sob a liderança de Allen D. Marshall, diretor da *General Eletrics*, os economistas W. Glenn Campbell e William J. Baroody (os dois membros do Câmara Americana de Comércio) foram contratados.⁴³⁸ Com suas expertises, o AEA formou seu próprio corpo permanente de conselheiros acadêmicos. De acordo com Stahl, o AEA tornou-se a primeira organização a “se adequar aos parâmetros modernos do que significa ser um ‘*think tank* conservador’”.⁴³⁹

Para Smith, o ponto de virada para o AEA foi a chegada de Baroody. As instituições conservadoras compreendiam o processo político através da noção de “livre concorrência” na qual a melhor ideia prevaleceria. No entanto, Baroody reconheceu que a realidade observada de sua perspectiva não correspondia a sua expectativa. Onde a maioria das instituições conservadoras enxergava um *establishment liberal*, Baroody reconheceu a existência de uma indústria de ideias de esquerda que se esticava desde os departamentos de Ciências Sociais das universidades – onde o material bruto intelectual (as ideias) era minerado – até as agências de pesquisas do governo. Estas ideias eram enfim refinadas e publicadas pela mídia.⁴⁴⁰ Ou seja, se o “mercado das ideias” no cenário político, deveria seguir o modelo do livre mercado, Baroody conjecturou a existência de um monopólio da esquerda sobre as ideias políticas. O AEA, então, reestruturou-se para combater esse monopólio.

Um ano após a chegada de Marshall e Baroody, o AEA apresentou um ganho de 31% em sua renda anual. Pela influência de Baroody, a instituição passou a investir mais em publicações, aumentando seu público-alvo, mirando não apenas em políticos, mas também no público geral. A reformulação do AEA manteve a instituição como um *think tank* conservador, mas mascarou o seu perfil partidário. Além da reformulação de foco nas publicações, o AEA passou a incorporar em suas análises argumentos “pró” e “contra” para cada legislação em análise. Além disso, passou a oferecer serviços pontuais e personalizados. Assim, um político diante de uma medida, precisando de argumentos contra ou a favor, podia contratar esse serviço e receber uma análise especializada sobre o assunto. O senador republicano Barry

⁴³⁸ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 175.

⁴³⁹ STAHL, Jason. *Op. Cit.*, 2016, p. 14.

⁴⁴⁰ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1993, p. 178.

Goldwater foi ativo “cliente” desse serviço, chegando a desenvolver uma amizade pessoal com Baroody.⁴⁴¹

Embora ainda mantivesse uma postura conservadora, o material do AEA já não apresentava o caráter anti-estatista característico dos opositores do *New Deal*, fato que desagradou os doadores mais conservadores da instituição, acusando a instituição de vender o discurso conservador com uma “mensagem aguada”.⁴⁴² Mas a nova postura do AEA inaugurou uma nova forma de atuação para grupos de pesquisa independentes. Enxergando o processo político através da “livre concorrência”, a reforma promovida por Marshall, Campbell e Baroody tornou o AEA uma espécie de “varejista de ideias”.

Assim, ao fim da Segunda Guerra mundial e ao longo do período pós-guerra, a relação entre universidades e Estado desenvolveu-se de forma pontual. Através do NDRC e do OSRD, o Estado investiu na pesquisa científica sem manter relações diretas e concretas com as instituições. O resultado foi a formação de grupos de pesquisas pontuais, denominados *think tanks*.

Para a classe empresarial, o novo cenário internacional representou uma oportunidade. Grandes conglomerados viram o mercado asiático e europeu em aberto, e através de suas instituições de pesquisa (em especial o CFR, de grande influência no período) efetivou a sua influência na classe política. Internamente, o medo de uma nova depressão guiou a pauta de estudo dos economistas. Em suma, enquanto a comunidade acadêmica envolveu-se num acordo com o Estado preservando a sua liberdade de pesquisa e recebendo investimento considerável, com grupos de estudo baseados nas, mas não necessariamente vinculados às universidades, a comunidade empresarial organizou-se em *think tanks* e se aproximou ainda mais da comunidade política, exercendo um forte poder de influência. Ao mesmo passo, em finais dos anos 1950 e início dos 1960, esses *think tanks* se voltaram para o público geral de uma forma mais aberta. Os movimentos populistas e conservadores dos anos 1960 e 1970 (com nomes como Berry Goldwater e Irvin Kristol) usaram da estratégia de “livre mercado de ideias”, inaugurada pelo AEA. Ou seja, enquanto a academia fechou-se em seus especialistas e em contratos pontuais, o conhecimento acadêmico passou a ser veiculado abertamente por

⁴⁴¹ STAHL, Jason. *Op. Cit.*, 2016, p. 16.

⁴⁴² Ibid.

instituições de pesquisa independentes para atingir seus objetivos políticos, visando tanto à classe política quanto ao público geral.

2.2 O sistema de ignorância

Nos anos 1980, o *American Enterprise Institute* estava em crise. Com dificuldades financeiras, o *think tank* conservador se viu obrigado a dispensar uma série de pesquisadores. Entre os dispensados estava Howard J. Wiarda. Formado em história pela Universidade de Michigan, Wiarda trabalhou durante alguns anos para o AEI, especializando-se em *think tanks* e suas influências políticas. Quando foi dispensado por corte de pessoal, continuou atuando em Washington, frequentando a instituição e trabalhando para outros *think tanks*. Interessando em escrever sobre a crise institucional no AEI, Wiarda esboçou uma ideia. Considerando os eventos “tão bizarros que pensei que minhas categorias usuais de ciências sociais não poderiam capturar tudo o que acontecia”,⁴⁴³ decidiu escrever uma obra de ficção. Ao contar seus planos para sua esposa Iêda Siqueira Wiarda – pesquisadora da Universidade da Georgia e especialista em políticas públicas e relações internacionais – recebeu a resposta: “Bem, você escreve ficção em seus escritos acadêmicos há anos, por que não faz isso a sério agora?”.⁴⁴⁴

Desde que existe conhecimento, existe negação do conhecimento. Ao mesmo tempo em que toda sociedade desenvolve seus mecanismos de produção, coleta e processamento de informação, desenvolve suas ferramentas de controle e destruição. O “não conhecimento”, assim como o “conhecimento”, é poder. Conforme Peter Burke, este fenômeno se denomina Sistemas de Ignorância. Este conceito engloba o conhecimento que é desconhecido ou deliberadamente ignorado por uma sociedade⁴⁴⁵. Seja por inacessibilidade, por censura, por destruição de livros ou documentos, ou mesmo pela disseminação de conhecimento falso⁴⁴⁶.

No âmbito político, usa-se até os dias atuais o eufemismo “confidencial”. Durante a Segunda Guerra, mapas produzidos pela União Soviética deliberadamente mostravam informações incorretas como medida antiespionagem.⁴⁴⁷ A destruição do conhecimento

⁴⁴³ WIARDA, Howard J. *Think Tanks and Foreign Policy: the Foreign Policy Research Institute and Presidential Politics*. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2010.

⁴⁴⁴ Ibid., p. 52.

⁴⁴⁵ BURKE, Peter, *Op. Cit.* 2016. p. 63.

⁴⁴⁶ Idem. 2012, p. 183.

⁴⁴⁷ BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2012, p. 183.

também exerce um papel nesse sistema. Em 1977, o FBI destruiu 300 mil páginas de documentos sobre indivíduos classificados como “desviados sexuais”. Os registros do regime belga no Congo foram deliberadamente destruídos a partir de 1908. E, no Brasil, em 1890, Ruy Barbosa determinou a destruição de diversos registros da escravidão.⁴⁴⁸

Mas, o “não conhecimento” e a “ignorância” foram (e são) importantes ferramentas políticas para a promoção de ideologias. A noção de que uma elite “detentora do conhecimento” lideraria os demais para a prosperidade esteve por trás de defesas da colonização, escravidão, expansionismo territorial, genocídio, etc. Esta mesma noção esteve presente na sociedade puritana colonial estadunidense. A premissa jeremiada de vigilância e punição, que usava da educação como ferramenta unificadora, era exercida a partir de figuras religiosas (e políticas) proeminentes, de modo que afrontar essa “elite” era afrontar o sistema que legitimava o conhecimento. Quando confrontados, os puritanos coloniais não hesitaram em promover desinformação e teorias conspiratórias para defender-se. De fato, boa parte de sua visão de mundo messiânica fundamentava-se a partir da promoção da negação do conhecimento.

Neste tópico procuramos traçar como a relação entre Universidades, Instituições de pesquisa independentes, Estado e Classe empresarial promoveu o sistema de ignorância nos Estados Unidos no período entre 1637 e 1950.

2.2.1 Tradição e conspiração: o conspiracionismo como parte da identidade política americana

Como dito no tópico anterior, a religião era o cerne da vida política e intelectual das colônias norte-americanas. Consequentemente, foi o também cerne do anti-intelectualismo. De fato, conforme colocado por Richards Hofstadter:

É a certas peculiaridades da vida religiosa americana — sobretudo à falta de estabelecimentos institucionais firmes, hospitaleiros para os intelectuais e ao sectarismo competitivo de suas denominações evangélicas — que o anti-intelectualismo americano deve muito de sua força e difusão.⁴⁴⁹

⁴⁴⁸ Ibid., p. 186.

⁴⁴⁹ HOFSTADTER, Richard. *Anti-intellectualism in American Life*. Vintage, 1963, p. 56.

Mesmo quando as instituições começaram a se consolidar, esse princípio religioso se manteve. Henry Dunster – o primeiro presidente de Harvard e responsável por organizar o currículo da universidade em seus primeiros anos de existência formal – foi destituído do cargo por uma razão teológica. Dunster acreditava não haver justificativa para o batismo infantil, mas a crença de que o batismo seria um compromisso religioso adulto era considerada uma heresia pelos puritanos. Conforme Geiger, “Dunster poderia ter mantido a presidência se tivesse mantido suas crenças para si mesmo”, mas ao tornar sua opinião pública, foi perseguido sob a alegação de que “ninguém deveria ensinar na escola ou faculdade quem ‘se manifestasse inseguro na fé’”⁴⁵⁰.

Mas foi o caso de Salém que marcou os primeiros momentos em que a paranoia e o medo social foram usados politicamente na sociedade estadunidense. Conforme Stefanie Mills, os puritanos tinham construído na América uma sociedade dedicada a Deus e de construção do paraíso na terra. Era um “um experimento social para provar que uma sociedade poderia ser governada apenas pela palavra de Deus, sem a necessidade de leis seculares”.⁴⁵¹ Segundo Van Arragon, em 1684, o rei Carlos II revogou a lei que autorizava a auto-governabilidade na província de Massachusetts. A autoridade que antes era dos governadores eleitos localmente passou a ser uma indicação da coroa. Em 1686, Edmund Andros, católico, chegou na província para assumir o cargo. Temendo que sua liberdade religiosa fosse posta em risco, líderes puritanos fizeram retaliações, promovendo mentiras e acusando Andros de corrupção. Increase Mathers foi enviado para renegociar com o Rei em 1688 (portanto, poucos depois de assumir Harvard, em 1681), no entanto, o rei foi deposto naquele mesmo ano.⁴⁵² Com a queda do rei, os puritanos em Massachusetts declararam que Andros já não possuía autoridade. Assim, em 1689, a liderança puritana em Boston derrubou o governador. Em 1691, Increase Mather retornou com uma nova lei, “que reformulou irrevogavelmente a vida política puritana”.⁴⁵³ Em suma, como resume Van Arragon, “os líderes puritanos construíram, a partir de uma mistura potente de rumores e teorias da

⁴⁵⁰ GEIGER, Roger. Op. Cit., 2014, p. 5.

⁴⁵¹ MILLS, Stefanie. The Belief in Evil and Its Redefinition during the Salem Witch Trials. In: ZANINI, Claudio; BHUIYAN, Lima (orgS.) *This Thing of Darkness: Shedding Light on Evil*. Inter-Disciplinary Press, 2016, p. 16.

⁴⁵² VAN ARRAGON, William. Puritans. In: KNIGHT, Peter (org.). *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol. 1, A–L. ABC CLIO, 2003, p. 600.

⁴⁵³ Ibid., p. 601.

conspiração, uma justificativa ideológica para derrubar Andros, pela qual esperavam reconstituir a autoridade e as instituições políticas de que desfrutavam sob a antiga lei”.⁴⁵⁴

Quando a “pandemia de bruxas” em Salém irrompeu, a colônia estava sem um líder devidamente instituído que poderia efetivar um tribunal legal. Assim, foi só após a chegada de William Phips, ao final de 1692, que os processos puderam seguir legalmente. O primeiro julgamento, realizado pouco depois da chegada de Phips, produziu a primeira sentença de morte. Anteriormente, várias mulheres foram perseguidas e presas, mas nenhuma condenada. No mesmo mês, mais cinco julgamentos e cinco condenações à morte. No mês seguinte, outros seis julgamentos e cinco execuções. Liderados por Increase Mathers, pastores puritanos exigiram um cuidado mais crítico quanto ao uso das provas. Conforme Paul Boyer, “Increase Mather fez um desafio aberto e contundente ao Tribunal de Oyer e Terminer. O ponto principal do sermão foi transmitido em uma única frase: ‘seria melhor que dez suspeitas de bruxas escapassem, do que uma pessoa inocente fosse condenada’”.⁴⁵⁵ Por pressão dos pastores, nas palavras de Mills, “em vez de ‘se esgotar’, como tantos outros julgamentos, os julgamentos de Salém foram encerrados abruptamente por decreto governamental”.⁴⁵⁶ E, logo em sequência, numa medida protetiva, Phips declarou que nenhum xerife, carcereiro ou carrasco poderia ser responsabilizados por qualquer ação realizada dentro da lei.

Ainda no século XVII, o “surto” foi interpretado como uma conspiração satânica que tramaria tomar o controle do país. Cotton Mathers (filho de Increase Mathers e, diferente do pai, favorável aos tribunais) foi um dos que defendeu essa tese e a imortalizou em seu *Wonders of the Invisible World*, de 1693. Para LiBrizzi, os aldeões de Salém viam as bruxas como uma rede coordenada com ligações em classes altas em Boston. Conforme o autor, “dizia-se que as bruxas se reuniam secretamente para planejar a derrubada do país e estabelecer uma nova forma diabólica de governo”.⁴⁵⁷

Na virada do século VII para o XVIII, foi o descontentamento de conservadores puritanos com o crescimento de uma vertente mais “liberal”, de influência humanista do puritanismo, que levou uma série de acadêmicos (e pastores), incluindo o presidente Increase Mather, a romper com Harvard e fundar Yale. Mas a autoridade intelectual (e política) do

⁴⁵⁴ Ibid., p. 601.

⁴⁵⁵ BOYER, Paul. *Salem possessed*. Harvard University Press, 1976, p. 17.

⁴⁵⁶ MILLS, Sefanie. *Op. Cit.*, 2016, p. 97.

⁴⁵⁷ LIBRIZZI, Marcus. Salem Witch Trials. In: KNIGHT, Peter (org.) *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol 1 A–L. ABC CLIO, 2003, p. 639.

pastor puritano só começou a ser questionada socialmente na metade do século XVIII. Como aponta Hofstadter, o primeiro momento em que a educação clerical foi diretamente repudiada ocorreu durante o “Grande Despertar”.

Entre as décadas de 1730 e 1740, como um reflexo do número de colonos, as igrejas congregacionistas da Nova Inglaterra perderam espaço. Muitos dos novos colonos vinham de correntes diferentes de cristianismo (como batistas) ou não tinham filiação ou hábito de frequentar igrejas. A Igreja puritana tradicional tomou ares de “repositórios maçantes da fé correta das classes estabelecidas”.⁴⁵⁸ O movimento do “Grande Despertar”, com seus pastores itinerantes, promovia críticas aos pastores congregacionistas tradicionais. George Whitefield, notório pastor reformista, afirmou que “a razão pela qual as congregações estão tão mortas é porque os homens-mortos pregam para elas”.⁴⁵⁹

Os congregacionais tradicionais tendiam a criticar os pastores itinerantes e populares pela falta de estudo formal. Segundo aqueles, a leitura correta da Bíblia constituía parte fundamental da religião, e a crença de que o “possuidor do Espírito poderia, sem estudo e sem aprendizado, interpretar a palavra de Deus efetivamente o suficiente para ser um agente da salvação de outros”, configurava uma heresia.⁴⁶⁰ Reformistas radicais chegaram a promover queima pública de livros. Os conservadores temiam que o aberto desprezo dos reformistas com o estudo formal se voltaria para um ataque à fonte desses estudos, as universidades. Este é, segundo Hofstadter, o que resume o caráter do anti-intelectualismo puritano reformista: “se era mais importante obter uma compreensão historicamente correta e racional da Bíblia – e, portanto, da palavra de Deus – ou desenvolver uma emoção adequada, um senso adequado de convicção interior e de relação com Deus”.⁴⁶¹ Ou seja, a dicotomia entre análise racional ou emocional da Bíblia.

Mas, de uma forma mais arraigada, o puritanismo colonial promoveu o anti-intelectualismo e o pensamento conspiratório de uma forma mais direta e seminal. De acordo com Erica Resende, “o discurso de americanidade exige a reprodução da ideologia que o

⁴⁵⁸ HOSTADTER, Richard. *Op. Cit.*, 1963, p. 65.

⁴⁵⁹ *Ibid.* p. 64.

⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 66.

⁴⁶¹ *Ibid.*, p. 67.

sustenta e lhe dá sentido específico: o puritanismo”⁴⁶² colonial, principalmente o “jeremíada”.⁴⁶³

Em termos gerais, a ruptura com a Igreja inglesa se deu não por questões morais, mas, principalmente, estruturais. Enquanto a Igreja alegava ter o monopólio sobre a interpretação da Bíblia, o puritano pregava a descentralização (elemento que incentivou o estudo bíblico e, conseqüentemente, o “estudo formal”). Sendo assim, numa cruzada para purificar a fé, os puritanos reconheceram-se como grupo social distinto e isolado, consolidando uma imagem de “povo eleito”.⁴⁶⁴

A relação entre pessoal/individual e coletivo dava-se de forma peculiar. Se por um lado, cada indivíduo era responsável pela sua própria salvação, pois “cada alma deveria prestar contas a Deus no Julgamento final”,⁴⁶⁵ a comunidade exigia, por outro, que todos se unissem num só grupo para restabelecer a aliança entre homem e Deus. Cabia ao governo, portanto, legislar sobre os comportamentos dos indivíduos que compunham a congregação. Os líderes deveriam exercer o poder através do controle das condutas sociais e também através dos exemplos pessoais.⁴⁶⁶ Assim, na colônia puritana, estabeleceu-se que somente os membros da Igreja poderiam votar ou ter cargos públicos, que a Igreja estaria obrigatoriamente presente nas cerimônias, atuando em conjunto com o Estado na punição dos desobedientes.⁴⁶⁷

Conforme demonstrou Erica Resende, esta visão de mundo estava sustentada, principalmente, no livro bíblico do profeta Jeremias. Segundo Resende, o jeremíada tem como princípio a lamentação do estado de degeneração do povo, a exaltação às ações que assegurem a redenção e o alerta ao mal onipresente. Nos Estados Unidos colônia, essa visão agia como instrumento de controle e mobilização social, articulando os sentimentos de medo e esperança. Ao início do século XVII os discursos puritanos enfatizavam a condição de povo eleito, e do projeto de construir uma “nova Canaã” por uma “divina providência”. Através de analogias ao Velho Testamento (como a comparação da peregrinação no deserto em direção à terra prometida, liderada por Moisés, com as viagens marítimas em direção ao “novo mundo”), o discurso jeremíada puritano convocava a congregação a exaltar um passado

⁴⁶² RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 272.

⁴⁶³ Doutrina baseada no profeta Jeremias.

⁴⁶⁴ RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 221.

⁴⁶⁵ *Ibid.*, p. 231.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 231.

⁴⁶⁷ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 51.

mítico ao mesmo passo que exigia um comprometimento com a doutrina para evitar um futuro catastrófico. A manutenção desta retórica permitia que os indivíduos dessem “sentido à realidade e a si próprios somente enquanto existisse adversidade, ou perigo”.⁴⁶⁸

Segundo Resende, “o pensamento ‘jeremiada’ fornecia uma válvula de escape eficiente para liberação de tensões acumuladas na ordem social”,⁴⁶⁹ sendo usado como estratégia para lidar com a insegurança e ansiedade e convertê-la em forma de unir a comunidade. O discurso jeremiada puritano convocava a congregação a exaltar um passado mítico ao mesmo passo que exigia um comprometimento com a doutrina para evitar um futuro catastrófico. Mas, ao final do mesmo século, os discursos enfatizavam um futuro sombrio e fazia denúncias ao abandono da fé da geração atual, exaltando as primeiras gerações.⁴⁷⁰

Portanto, o pensamento puritano jeremiada, que permeava as instituições de poder (Igreja, Estado, universidades), carregava em si uma visão de mundo conspiratória. Foi através dela que os julgamentos de Salém seguiram; que a disputa entre “puritanos liberais” e conservadores levou à criação de novas universidades; e que a disputa entre revisionistas e congregacionistas tradicionais se deu durante o “Grande Despertar”. No entanto, deve-se destacar que em nenhum desses embates havia uma vertente que não compactuasse com a visão jeremiada. Tanto os “liberais” quanto os “revisionistas”, que pregavam mudanças na política religiosa (e, conseqüentemente, educacional e política), faziam por acreditar que o modelo tradicional falhava em cumprir a missão de tornar a América uma “nova Canaã”.

Estes dois elementos, o pensamento conspiratório e a noção de “povo eleito”, fizeram-se presentes na Revolução Americana (1765-1783). Segundo Markus Hünemörder, em torno de 1763, houve um movimento por parte da coroa de instalar na colônia um bispo anglicano, o que gerou protestos por parte dos colonos, em especial em Massachusetts. Para estes, segundo Hünemörder, a presença de Igreja anglicana era a evidência de uma conspiração eclesiástica para minar a liberdade religiosa na América.⁴⁷¹ Em 1763, o rei George III decretou a proibição do acesso dos colonos a várias regiões indígenas, reconhecendo ainda a soberania destes em áreas como o Mississippi, freando a política expansionista que os colonos vinham

⁴⁶⁸ RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 241.

⁴⁶⁹ *Ibid.*, p. 237.

⁴⁷⁰ *Ibid.*, p. 241.

⁴⁷¹ HÜNEMÖRDER, Markus. American Revolution. KNIGHT, Peter (org.) *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol. 1 A–L. ABC CLIO, 2003, p. 59.

empregando.⁴⁷² No ano seguinte, decretou a Lei da Moeda, que proibia os bancos da colônia de emitirem moeda própria. No mesmo ano, instaurou-se a Lei do Açúcar, que aumentava os impostos sobre o melaço. Em 1765, promulgou-se a Lei do Selo, pela qual todos os livros, revistas, jornais, cartas e mesmo documentos oficiais foram obrigados a possuir um carimbo que comprovava o recolhimento do imposto.⁴⁷³ Conforme Antonio Tota, os colonos americanos reconheciam-se como cidadãos britânicos e acreditavam que só poderiam ser taxados através de suas próprias assembleias. O consenso era de que “os colonos juraram fidelidade ao rei, mas não aceitavam o imposto”.⁴⁷⁴ De acordo com Hünemörder, os colonos estavam dispostos a conceder ao Parlamento inglês o direito de arrecadar dinheiro das colônias, mas as pesadas medidas estavam se sobrepondo às tradições de autogoverno que os americanos estavam acostumados. Segundo Hünemörder, vários colonos passaram a circular a teoria de que as leis eram, na verdade:

Um passo inicial em um plano maior elaborado por golpistas dentro do governo inglês a fim de destruir os direitos dos ingleses na América. Alguns até sentiram que o verdadeiro objetivo da Lei do Selo era fomentar uma rebelião na América, que seria posteriormente esmagada militarmente e permitiria a instalação de um governo despótico.⁴⁷⁵

Se por um lado os colonos se reconheciam como membros do Império britânico e tinham por intuito permanecerem reconhecidos como tal, por outro, alimentada pela forma conspiratória de ver a política, acreditavam “que as crises sucessivas não eram o resultado de um mal-entendido ou de um conflito político normal sobre interesses negociáveis”, mas sim crises “deliberadamente planejadas por um poderoso grupo do governo inglês para colocar a América de joelhos”.⁴⁷⁶

Conforme Hünemörder, as leis foram rebatizadas pelos colonos como “Leis Intoleráveis” e vistas por alguns como um esforço deliberado para sufocar a colônia economicamente e preparar a América para a implantação de um governo despótico. Segundo o autor, “em 1774, muitos líderes coloniais proeminentes e moderados, incluindo Thomas Jefferson, George Washington, George Mason e John Dickinson, estavam convencidos de que

⁴⁷² KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 76.

⁴⁷³ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 35.

⁴⁷⁴ *Ibid.*, p. 35.

⁴⁷⁵ HÜNEMÖRDER, Markus. *Op. Cit.*, 2003, p. 61.

⁴⁷⁶ *Ibid.*, p. 60.

as políticas inglesas eram deliberadamente planejadas para acabar com a liberdade política na América”.⁴⁷⁷ Elaborada por Thomas Jefferson, John Adams e Benjamin Franklin, em 1776, a declaração de independência afirma:

Quando, no curso dos acontecimentos humanos, se torna necessário para um povo dissolver o vínculo político que o mantinha ligado a um outro, e assumir entre as potências da terra a situação separada e igual a que as leis da natureza e o Deus da natureza lhe dão direito, um decoroso respeito às opiniões da humanidade exige que ele declare as causas que o impelem à separação. [...] Consideramos essas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. Para garantir esses direitos, os governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados. Sempre que qualquer forma de governo se torna destrutiva a esses fins, é direito do povo alterá-lo ou aboli-lo e instituir um novo governo, estabelecendo seus alicerces sobre tais princípios e organizando seus poderes de tal forma que os mesmos parecem mais propensos a afetar sua Segurança e Felicidade. [...] Mas, quando uma longa sucessão de abusos e usurpações, persegue invariavelmente o mesmo objeto, evidencia um desígnio de reduzi-los ao despotismo absoluto, é seu direito, é seu dever derrubar tal Governo, e prover novos Guardas para sua segurança futura [...]. Em cada estágio dessas opressões, pedimos reparação nos termos mais humildes: Nossas repetidas petições foram respondidas apenas por repetidas injúrias. Um Príncipe cujo caráter é assim marcado por todos os atos que podem definir um Tirano, é inadequado para governar um povo livre. [...] Nós, portanto, os Representantes dos Estados Unidos da América, em Congresso Geral, reunidos, apelando ao Juiz Supremo do mundo pela retidão de nossas intenções, solenemente publicamos e declaramos em nome do bom povo dessas colônias e pela autoridade que ele nos conferiu, que estas Colônias Unidas são, e por direito devem sê-lo, Estados livres e independentes.⁴⁷⁸

O documento afirma que todos os homens nascem iguais e possuem direitos naturais (dados pelo criador), como a liberdade e o direito de buscar a felicidade. A escolha pela independência, segundo o documento, residia na acusação de que o governo inglês buscava controlar, se não destruir, estes direitos. Segundo Resende, após a independência, surgiu no senso comum americano a ideia de que a Inglaterra havia abandonado o seu papel, projetado por Deus, para com os povos do mundo.⁴⁷⁹ Por outro lado, ao longo do período colonial, o pensamento puritano já vinha imbuindo ao povo da (e na) América deste papel. Essa referência religiosa e essa compreensão do papel de agente divino também apareceram no primeiro discurso presidencial, proferido por George Washington em 1789:

⁴⁷⁷ Ibid., p. 60.

⁴⁷⁸ NATIONAL ARCHIVES. Declaration of Independence: A Transcription. Disponível em: <<https://www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript>>. Acesso em 22 jun. 2022.

⁴⁷⁹ RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 269.

Seria peculiarmente impróprio omitir neste primeiro Ato oficial, minhas súplicas fervorosas àquele Ser Todo-Poderoso que governa o Universo, que preside os Conselhos das Nações, e cujos auxílios providenciais podem suprir todos os defeitos humanos, que sua bênção possa consagrar as liberdades e felicidade do povo dos Estados Unidos, um governo instituído por eles mesmos para esses fins essenciais [...] Nenhum povo pode ser obrigado a reconhecer e adorar a mão invisível, que conduz os negócios dos homens, mais do que o povo dos Estados Unidos. Cada passo pelo qual avançaram ao caráter de uma nação independente, parece ter sido distinguido por algum sinal de ação providencial.⁴⁸⁰

No mesmo ano, a pedido de ambas as casas do Congresso, o presidente Washington decretou o dia 26 de novembro como feriado nacional, para ser, conforme o discurso, “um dia de agradecimento público (ação de graças) e oração a ser guardado, reconhecendo com o coração agradecido os muitos sinais de favores do Deus Todo-poderoso”.⁴⁸¹ Estes são alguns dos elementos que, segundo Robert Bellah, fundamentam a existência de uma “religião civil”.

De acordo com Bellah há, desde os primeiros anos da república, uma coleção de símbolos, crenças e rituais que consagraram e institucionalizaram uma coletividade. A concepção de uma Religião Civil não é própria dos EUA e Bellah usa um conceito desenvolvido por Rousseau. Para este, há, nos Estados, uma profissão de fé cujos artigos cabem ao soberano fixar, não como dogmas religiosos, mas como “sentimentos de sociabilidade sem os quais é impossível ser bom cidadão ou súdito”.⁴⁸² Ainda segundo Rousseau, os dogmas desta religião civil devem ser simples e pouco numerosos. E apresentam-se em duas naturezas: os dogmas positivos e negativos. Os primeiros compreendem a existência de uma divindade poderosa, benevolente, providente, inteligente, justa, que castiga os maus e protege a santidade do contrato social e das leis. Os segundos resumem-se apenas na intolerância.

Conforme Tocqueville, nos Estados Unidos do século XIX, a religião seria uma das principais causas para a manutenção das instituições políticas no país, pois embora o cristianismo ou a Igreja não exercessem poder direto, os americanos naturalizaram “grandes números de verdades morais” derivados da religião cristã.⁴⁸³

⁴⁸⁰ WASHINGTON. George. First Inaugural Address. April 30, 1789. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-30-1789-first-inaugural-address>>. Acesso em: 22 jun 2022.

⁴⁸¹ WASHINGTON. George. Thanksgiving Proclamation. October 3, 1789. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/october-3-1789-thanksgiving-proclamation>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁴⁸² ROUSSEAU. Jean-Jaques. *O Contrato Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 165.

⁴⁸³ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 9

Sem ideias comuns, não há ação comum, e sem ação comum existem homens, mas não um corpo social. Para que haja sociedade e, com maior razão, para que essa sociedade prospere, é necessário pois que todos os espíritos dos cidadãos estejam sempre reunidos e mantidos juntos por algumas ideias principais.⁴⁸⁴

Desta forma, para o autor, “a religião se confunde, pois, com todos os hábitos nacionais e com todos os sentimentos que a pátria faz nascer, o que lhe proporciona uma força particular”.⁴⁸⁵ Essa “religião civil”, portanto, não se construiu nos Estados Unidos se sobrepondo à tradição cristã colonial, ou se apresentando como substituta. Ao contrário, conforme Bellah, há uma divisão de funções bastante claras entre a religião civil e o cristianismo:

Sob a doutrina da liberdade religiosa, uma esfera excepcionalmente ampla de piedade pessoal e ação social voluntária foi deixada para as igrejas. Mas as igrejas não deviam controlar o estado nem ser controladas por ele. O magistrado nacional, quaisquer que sejam suas visões religiosas particulares, opera sob as rubricas da religião civil, enquanto ele estiver em sua capacidade oficial.⁴⁸⁶

Para Bellah, os usos consecutivos de referências religiosas em pronunciamentos presidências não são simples cerimonialismo ou formalismo, mas indicam a continuidade da religião civil. Nem Washington, Adams ou Jefferson (os três primeiros presidentes) mencionaram “Cristo” ou “Jesus”, mas utilizaram diversas denominações para “Deus” (*God, Being in whose hands we are, Almighty Being who rules over the universe, Heaven, etc.*)⁴⁸⁷. No entanto, as analogias com Israel e o povo escolhido foram mais diretas, como nos discursos puritanos coloniais. O segundo discurso de posse de Thomas Jefferson, de 1804, afirma:

Precisarei, também, do favor daquele Ser em cujas mãos estamos, que conduziu nossos antepassados, como na Israel da antiguidade, de sua terra natal, e os plantou em um país que flui com todas as necessidades e confortos da vida; que cobriu nossa infância com sua providência, e nossos anos mais maduros com sua sabedoria e poder; e a cuja bondade, eu peço que você se junte a mim em súplicas, para que ele ilumine as mentes de seus servos, guie seus conselhos e faça prosperar suas medidas, que tudo o que eles fizerem resulte em seu bem e garanta a paz, amizade e aprovação de todas as nações.⁴⁸⁸

⁴⁸⁴ Ibid., p. 9

⁴⁸⁵ Ibidem. p. 6.

⁴⁸⁶ BELLAH, Robert. Civil religion in America. *Dædalus*, Fall, 2005, p. 46.

⁴⁸⁷ Do inglês: Deus, Ser em cujas mãos estamos, Ser Todo-Poderoso que governa o universo, paraíso.

Conforme apresenta Resende, a “religião civil americana” não se trata de uma religião em sentido estrito, tampouco se trata de um patriotismo elevado à categoria de fé. Trata-se de um discurso, que mescla elementos religiosos e nacionalistas, que balizou a noção de identidade naquele país. Ideias como “nação e religião”, “público e privado”, “missão e redenção”, são trabalhados dentro de uma ótica cultural identitária específica.⁴⁸⁹ Esses valores religiosos cristalizados como valores nacionais alicerçaram as ideias de “americano” e “não americano” antes mesmo dos Estados Unidos se consolidar como nação.

Assim, o puritanismo atuou como pano de fundo ideológico dos marcos identitários que consolidaram a ideia de nação americana e de “americanidade”. Os ideais de “Farol do mundo”, de “Destino Manifesto” e até de “líder do mundo livre” estariam balizados na noção de América e americanidade como “instrumentos da realização do desejo de Deus para a humanidade”.⁴⁹⁰ O juramento da bandeira sob a proteção de Deus, o feriado de Dia de Ação de Graças, o juramento diante da bíblia em tribunais, o dizer “*In God We Trust*” nas cédulas de dólar, o hino nacional ⁴⁹¹ são evidências da introjeção de elementos religiosos na vida política. Porém, ao mesmo tempo, as visões puritanas jeremiada do mundo de caráter conspiratório, também foram naturalizadas nos ideais de “americanidade”. A própria declaração de independência de 1776 apresenta evidências de uma adaptação secular das bases puritanas quando afirma existirem “direitos suscetíveis de serem intuídos pela razão humana, de um Deus criador dos homens e de um pacto entre governados e governo, cujo objetivo seria a promoção de um projeto comum em benefício de futuras gerações”.⁴⁹²

Ou seja, a concepção de “bem” contra “mal” ou de “americano” contra “não-americano”, mais do que perspectivas políticas internacionais de contextos de crise (como na Guerra Fria ou na “Guerra ao Terror”), apresenta bases ideológicas tradicionais. A defesa da “América”, dos “ideais americanos” em ameaça por inimigos internos ou externo – que comprometeriam o futuro dos Estados Unidos e do mundo –, como veremos adiante,

⁴⁸⁸ JEFFERSON, Thomas. *Second Inaugural Address*. March 4, 1805. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1805-second-inaugural-address>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

⁴⁸⁹ RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 273.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p. 270.

⁴⁹¹ *When our land is illumined / With Liberty's smile / If a foe from within / Strike a blow at her glory [...] By the millions unchained / Who our birthright have gained / We will keep her bright blazon / Forever unstained [...] Blest with victory and peace / May the heaven-rescued land / Praise the Power that has made / And preserved us a nation / Then conquer we must / When our cause it is just / And this be our motto: In God is our trust.*

⁴⁹² RESENDE, Erica. *Op. Cit.*, 2012, p. 272.

características das teorias conspiratórias dos séculos XX e XXI, também apresentam bases ideológicas tradicionais da própria noção de “América” introjetada na vida política e cristalizada pela Religião Civil.

Conforme Bellah, até a Guerra de Secessão (1861-1865), a religião civil americana concentrava-se nos eventos da revolução pela independência, fazendo alusões ao Êxodo (como os antigos discursos puritanos), e tratando a Declaração de Independência e a Constituição como “escrituras sagradas”. Contudo, a Guerra Civil também levantou novas questões a respeito dos símbolos nacionais.⁴⁹³ Segundo Robert Goldberg, nas décadas que se seguiram à declaração de independência, a disputa interna por controle se desenrolou entre ataques e acusações conspiratórias. Grupos eram tachados de “contrarrevolucionários aristocráticos” enquanto outros foram acusados de praticar “*Mobcracy*”.⁴⁹⁴ Os debates acerca da Constituição – entre federalistas e anti-federalistas (ou confederalistas) – promoveu suas próprias teorias conspiratórias. De acordo com James Fisher, delegados de Nova York protestavam alegando que a Convenção Constitucional não revisaria os artigos da Constituição já estabelecidos, mas criaria uma nova constituição.

Editores de jornais, em sua maioria federalistas, deixavam editoriais ou refutações antifederalistas nas salas de imprensa ou deturpavam grosseiramente as opiniões da oposição. [...] O federalista *New Hampshire Spy* disse a um estado fortemente antifederalista que nenhum oponente da Constituição existia em toda a Nova Inglaterra. [...] Os anti-federalistas frequentemente concluíam que a Constituição havia sido elaborada para moldar um governo administrado pela elite para escravizar o povo. O “Fazendeiro Federal” da Pensilvânia viu na Constituição uma monarquia prestes a acontecer, porque muitos dos ricos eram considerados secretamente apegados aos princípios da monarquia e da aristocracia.⁴⁹⁵

Em suma, segundo Fisher, os federalistas propunham uma Constituição nacional que substituísse as constituições estaduais. Por outro lado, os confederalistas temiam que uma autoridade centralizada representasse um retrocesso aos tempos coloniais nos quais eram subordinados a um rei.⁴⁹⁶ Por fim, a Constituição foi aprovada, mas não sem emendas, sendo a

⁴⁹³ BELLAH, Robert. *Op. Cit.*, 2005, p. 47.

⁴⁹⁴ De “*Mob*”, do inglês, multidão. GOLDBERG, Allan. Conspiracy Theories in America: a historical overview. In: KNIGHT, Peter (org.). *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol. 1, A–L. ABC CLIO, 2003, p. 3.

⁴⁹⁵ FISHER, James. Anti-federalists. In: GOLDBERG, Allan. Conspiracy Theories in America: A Historical Overview. In: KNIGHT, Peter (org) *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol. 1, A–L. ABC CLIO, 2003, p. 73.

⁴⁹⁶ *Ibid.*

Bill of Rights (as dez primeiras), as mais famosas delas. O documento é aberto com a seguinte declaração:

As Convenções de vários Estados, tendo em o momento de sua adoção da Constituição, expressado um desejo, a fim de evitar má interpretação ou abuso de seus poderes, que ainda mais declaratórias e restritivas cláusulas devem ser adicionadas: E como estendendo o terreno da confiança pública no Governo, será melhor zelar pelos fins benéficos de sua instituição.⁴⁹⁷

A primeira emenda garante a liberdade de expressão, de imprensa, de reunião e de credo. A segunda assegura o direito de ter e portar armas. A quarta emenda defende a propriedade privada “contra buscas e apreensões irracionais”. Tanto a Constituição quanto a *Bill of Rights*, que se tornaram símbolos da “liberdade americana”, foram, segundo Tota, baseadas na crença na liberdade do ser humano para escolher onde e como viver.⁴⁹⁸ Mas para Fisher, a *Bill of Rights* trata-se do resultado do medo de uma conspiração federalista⁴⁹⁹

A diferença de projetos para a nação era, em parte, resultado da diferença entre os Estados do sul e do norte e da falta de uma unidade nacional.⁵⁰⁰ Até 1790, a União não tinha uma capital, a sede administrativa não era fixa. Conforme Tota, a cidade de Washington foi fundada como um monumento para “americanizar e ‘inventar tradições’”.⁵⁰¹

O avanço para o interior do país também gerava conflitos. Nos anos que seguiram a independência, o país cresceu em mais de três estados e os americanos, por sua vez, ocupavam territórios que iam desde a Florida (província espanhola), até o pacífico (de território mexicano). A expansão se deu de tal forma que, em meados só século XIX, o país já somava 31 estados (de treze colônias originais) e mais de 23 milhões de habitantes.⁵⁰² E conforme anexava territórios e se expandia, as disparidades entre norte e sul se intensificavam. Em seu diário de viagem, Tocqueville transcreve um diálogo com um advogado de Baltimore, Maryland, de 1831:

⁴⁹⁷ NATIONAL ARCHIVES. *The Bill of Rights: A Transcription*. Disponível em: <<https://www.archives.gov/founding-docs/bill-of-rights-transcript>>. Disponível em: 05 jul. 2022.

⁴⁹⁸ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 68.

⁴⁹⁹ FISHER, James. *Op. Cit.*, 2003, p. 75.

⁵⁰⁰ RODRIGUES, Victor Emanuel. *Independência, Constituição E Emendas Constitucionais Nos Estados Unidos: aspectos institucionais e sociais do processo revolucionário*. Dissertação (Mestrado em Direito), Universidade de Lisboa, 2019, p. 32.

⁵⁰¹ TOTA, Antonio. *Op. Cit.*, 2009, p. 86.

⁵⁰² Ibid., p. 92-95.

O que distingue o Norte é o espírito empreendedor... o que distingue o Sul é o espírito aristocrático (*spirit of chivalry*). Os modos do habitante do Sul são francos, abertos; ele é excitável, até mesmo irritável, suscetível quanto à honra. O homem da Nova Inglaterra é frio, calculista, paciente. Enquanto estiver na casa de um homem do sul, sois bem-vindo; partilha convosco todos os prazeres de sua casa. O homem do Norte, depois de vos receber, começa a refletir se não poderia negociar convosco.⁵⁰³

Sobre o mesmo assunto, Tocqueville relata a resposta de um advogado do Alabama:

Nós, homens do Sul, talvez tenhamos mais meios naturais que os do Norte; mas somos bem menos ativos e, sobretudo, menos perseverantes. Nossa instrução é muito negligenciada. Não existe entre nós qualquer sistema regular de ensino. Um terço da nossa população não sabe ler. [...] há entre nós infinitamente menos moralidade do que no Norte. Mas o sentimento religioso propriamente dito talvez seja aqui exaltado. No Norte, há religião; aqui, fanatismo.⁵⁰⁴

Quincy Adams, presidente dos Estados Unidos entre 1825 e 1829, também entrevistado por Tocqueville, afirmou existirem duas grandes influências sobre o caráter dos americanos: no norte, “as doutrinas religiosas e políticas dos primeiros fundadores da Nova Inglaterra”⁵⁰⁵, e no sul, a escravidão.

Em suma, em termos populacionais, o norte era maior. No entanto, politicamente, o sul tinha mais força e representantes.⁵⁰⁶ As principais forças políticas divergiam sobre a forma de governo: federalista ou confederalista. No campo da religião, embora fosse de maioria cristã, as diferentes vertentes do protestantismo representavam conflitos. As fronteiras, por sua vez, estavam incertas. Guerras entre indígenas e vizinhos (como o México) e negociações com potências coloniais (como a Espanha e França) mudavam as disposições fronteiriças. O que, por sua vez, reacrescia o debate da escravidão, questionando se os novos territórios conquistados deveriam ou não ser escravocratas como o sul. Exceto pela sua história comum (como a luta contra os britânicos) e sua língua, os Estados dos “Estados Unidos” não cultivavam muitas semelhanças. Por isso a religião civil praticada pelos primeiros presidentes fazia referência a imagens religiosas vagas (sem nunca mencionar exatamente “Deus”), aos ícones da independência e aos “pais fundadores”.

O movimento do Segundo Grande Despertar (1790-1840) desencadeou uma campanha pela transformação da lei e da política nos Estados Unidos. De acordo com Geoffrey Stone,

⁵⁰³ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Op. Cit.*, 2010, p. 96.

⁵⁰⁴ *Ibid.*, p. 105-106.

⁵⁰⁵ *Ibid.*, p. 84-85.

⁵⁰⁶ KARNAL, Leandro. *Op. Cit.*, 2016, p. 130.

semelhante ao primeiro movimento, o Segundo Grande Despertar trouxe os pastores itinerantes e marcou o ressurgimento pelo entusiasmo religioso, pois: “milhões de americanos ‘nasceram de novo’ em reuniões de avivamento carregadas de emoção”.⁵⁰⁷ No entanto, em vez de apontar suas críticas aos clérigos e congregações tradicionais, o Segundo Grande Despertar reconheceu o republicanismo de influência iluminista como um alerta.

A eleição de Thomas Jefferson, em 1800, foi interpretada como um sinal de que a nação corria risco de uma “queda ao ateísmo” e “uma deterioração espiritual”.⁵⁰⁸ As críticas às instituições do Estado (visto como “pouco cristão”) produziu um novo abolicionismo radical. Antes da revolução, igrejas puritanas tendiam a apoiar o abolicionismo, mas, com a independência consolidada e as fricções entre federalistas e confederalistas acerca da Constituição (incluindo o abolicionismo e a condição escravocrata em territórios recém-independentes), muitas congregações tradicionais passaram a “condenar a escravidão em teoria”, mas tratando-a como um assunto político e não religioso, limitando-se apenas a defender um “tratamento cristão dos escravos e sua conversão”.⁵⁰⁹ Os reformistas acusavam as igrejas de negligenciar suas responsabilidades morais para com o dilema que dividia a América, um “nação Cristã”.⁵¹⁰

Conforme aponta Jeffrey Pasley, o movimento abolicionista usou desta estratégia de “persuasão moral” e desenvolveu uma campanha agressiva na mídia para converter mais estadunidenses brancos para a causa. A *American Anti-Slavery Society* foi fundada em 1833 com este princípio e contou com o apoio financeiro de grandes famílias de empresários, como a Tappan, de Nova York. Ao longo dos anos 1830, jornais antiescravistas, revistas, panfletos, palestras, músicas, peças, romances, etc foram lançados. Em reação, escravocratas sulistas na Carolina do Sul, liderados pelo ex-governador John Lyde Wilson, roubaram um lote de correspondência abolicionista do chefe de correios em 1835 e fizeram uma fogueira, aplaudida por cerca de dois mil espectadores.⁵¹¹ O levante na Carolina do Sul deu fôlego aos sulistas, que passaram a defender que havia um plano do norte para controlar as suas liberdades. Essa “conspiração anti-conspiratória” promoveu uma série de motins anti-

⁵⁰⁷ STONE, Geoffrey. The Second Great Awakening: a Christian Nation. *Ga. St. UL Rev.*, vol. 26, 2009, p. 1307.

⁵⁰⁸ Ibid., p. 1305.

⁵⁰⁹ Ibid., p. 1332.

⁵¹⁰ Ibid., p. 1307.

⁵¹¹ PASLEY, jeffrey. Abolicionism. KNIGHT, Peter (org.). *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol. 1 A–L. ABC CLIO, 2003, p. 29.

abolicionistas nos estados independentes entre 1834 e 1837, culminando no motim de 1837, no Illinois, que matou o editor abolicionista e ministro presbiteriano Elijah Lovejoy. A partir da década de 1840, a estratégia pela persuasão moral perdeu adeptos, mas a perseguição anti-abolicionistas promovida no sul não perdeu força. Em 1856, o professor Benjamin Sherwood Hedrick, da Universidade da Carolina do Norte, foi forçado a deixar seu emprego após admitir que poderia ter votado no Partido Republicano (defensor do abolicionismo).⁵¹² Neste contexto, com a eleição de Abraham Lincoln em 1860, nas palavras de Pasley, “os paranoicos da Carolina do Sul não viram escolha a não ser fazer o que ameaçavam fazer há anos, separar-se da União”.⁵¹³

Assim como os símbolos da independência foram “canonizados” na religião civil, os símbolos da Guerra Civil foram “canonizados” ou “demonizados”. A morte, o sacrifício e o renascimento tornaram-se elementos da Região Civil, simbolizadas na vida e morte de Lincoln. Bellah aponta como os símbolos que até então fundamentavam a Religião Civil eram de origens hebraicas, mas a imagem construída sobre Lincoln e o fim da guerra evocaram imagens cristãs como a de Jesus Cristo. A ideia de “salvador”, “guerreiro da liberdade” e “mártir” ligou-se às imagens dos soldados feridos ou mortos na guerra.⁵¹⁴ A introjeção dessa imagem na Região Civil estadunidense potencializou a noção jeremiada de missão para com Deus/América.

Portanto, a visão de mundo puritana jeremiada – que enxergava a religião (educação e política) através de um pensamento conspiratório que justificava a falha em construir um “paraíso na terra” através da acusação de degradação moral das novas gerações ou por ação externa de um inimigo, ao mesmo passo em que idolatrava as gerações anteriores como exemplo – foi cristalizada na Religião Civil a partir da independência, e passou a fundamentar mitos e símbolos nacionais. A própria “luta pela independência” apresenta elementos jeremiadas ao usar as acusações de que a metrópole mantinha um plano para subjugar as liberdades – atribuídas por Deus – da colônia. Os símbolos, personagens e mitos construídos através desse processo, consolidaram na Religião Civil uma imagem de “América” e “americano” associada à “liberdade”, “livre mercado”, “anti-imperialismo”, “igualdade” e mais.

⁵¹² Ibid., p. 30.

⁵¹³ Ibid., p. 32.

⁵¹⁴ BELLAH, Robert. *Op. Cit.*, 2005, p. 50.

As disputas políticas que levaram à Guerra Civil também carregaram elementos da visão de mundo jeremiada. Tanto a desconfiança em um poder central (confederalista) quanto à defesa pela emancipação escravocrata (federalista) carregavam discursos de que a ação do outro impedia o crescimento do país. O famoso discurso de Lincoln sobre a “Casa dividida” afirma essa ideia: “Acredito que este governo não pode durar, permanentemente meio escravo e meio livre. Não espero que a União seja dissolvida - não espero que a casa caia - mas espero que deixe de ser dividida. Vai se tornar tudo uma coisa, ou tudo outra”.⁵¹⁵ Com o fim do conflito e a morte de Lincoln, símbolos, mitos e personagens foram novamente representados na Religião Civil internalizando as noções de “salvador”, “mártir”, “sacrifício”, etc. Conforme colocam Roberto Sirvent e Danny Haiphong,

O colonizador americano assumiu historicamente a identidade de um lutador da liberdade que heroicamente liberta seus súditos depois de garantir a liberdade para si mesmo. Essa identidade foi atribuída a ícones históricos como Abraham Lincoln. Histórias de Lincoln muitas vezes concluem que foi ele quem libertou escravos africanos durante o período da Guerra Civil.⁵¹⁶

Nesse sentido, considerável parte da identidade estadunidense (o que se define como “americano”) advém de uma visão de mundo puritana e conspiratória. Como veremos ao longo do trabalho, diversas políticas públicas foram tomadas e reforçadas através dessa visão de mundo até os dias atuais.

2.2.2 Podando o conhecimento: do evangelho da riqueza ao o medo vermelho

Em seu ensaio intitulado *The Gospel of Wealth*, de 1889, Andrew Carnegie afirma que:

Aqueles que administram com sabedoria devem, de fato, ser sábios, pois um dos sérios obstáculos ao aprimoramento de nossa raça é a caridade indiscriminada. Era melhor para a humanidade que milhões de ricos fossem jogados no mar do que gastos para encorajar os preguiçosos, os bêbados, os indignos. De cada mil dólares gastos na chamada caridade hoje, é provável que US\$ 950 sejam gastos imprudentemente; gasto, de fato, para produzir os mesmos males que se propõe a mitigar ou curar [...] Ao fazer caridade, a principal consideração deve ser ajudar

⁵¹⁵ LINCOLN, Abraham. *A House Divided Speech*. June, 16, 1858. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/june-16-1858-house-divided-speech>>. Acesso em: 10 jul. /2022.

⁵¹⁶ SIRVENT, Roberto; HAIPHONG, Danny. *American Exceptionalism and American Innocence: A People's History of Fake News - From the Revolutionary War to the War on Terror*. Simon and Schuster, 2019, p. 58.

aqueles que se ajudam; fornecer parte dos meios pelos quais aqueles que desejam melhorar podem fazê-lo; dar àqueles que desejam usar os auxílios pelos quais eles podem se levantar; para ajudar, mas raramente ou nunca para fazer tudo.⁵¹⁷

Por sua vez, John Rockefeller, em seu livro *Random Reminiscences of Men and Events*, de 1909, coloca:

Ao estudar homens ricos, vejo apenas uma maneira pela qual eles podem obter um equivalente real para o dinheiro gasto, e isso é cultivar o gosto por dar onde o dinheiro pode produzir um efeito que será uma gratificação duradoura. [...] A melhor filantropia, a ajuda que faz mais bem e menos mal, a ajuda que nutre a civilização em sua raiz, que mais amplamente dissemina a saúde, a retidão e a felicidade, não é o que se costuma chamar de caridade. É, em minha opinião, o investimento de esforço, tempo ou dinheiro, cuidadosamente considerado em relação ao poder de empregar pessoas a um salário remunerador, para expandir e desenvolver os recursos disponíveis e dar oportunidade para progresso e trabalho saudável onde não existia antes. Nenhuma mera doação de dinheiro é comparável a isso em seus resultados duradouros e benéficos.⁵¹⁸

Tanto Carnegie quanto Rockefeller, como vimos, estavam inseridos no contexto da “era progressista”. Suas fundações e empresas foram responsáveis por investir em diversas iniciativas governamentais e privadas de conhecimento. Fundaram universidades e instituições que vieram a se tornar *think tanks* sob a noção de promoção de “conhecimento útil”. No entanto, conforme Soma Hewa, o investimento na ciência como forma de filantropia, característico da “era progressista”, esteve balizado numa visão puritana de caridade. O autor argumenta que este ímpeto já esteve presente em Benjamin Franklin no início do século XVIII e em Cotton Mathers no século XVII. Mathers preocupava-se com a glorificação da ociosidade e da esmola, em 1698 afirmou em um sermão que “Em vez de exortá-los a aumentar sua caridade, prefiro proferir uma exortação (...) para que você não abuse de sua caridade aplicando-a mal”.⁵¹⁹ Franklin foi opositor às leis dos pobres alegando que algumas medidas de bem-estar social teriam características de esmola. Segundo ele, a prevenção da pobreza e da miséria seriam mais importantes que o alívio delas:

Sou a favor dos pobres, mas discordo quanto aos meios. Acho que a melhor maneira de fazer o bem aos pobres é não deixá-los fáceis na pobreza, mas liderá-los ou expulsá-los dela⁵²⁰. Em suma, embora as instituições filantrópicas tenham se

⁵¹⁷ CARNEGIE, Andrew. The gospel of wealth. *The North American Review*, vol. 183, n. 599, 1906, p. 526-527.

⁵¹⁸ ROCKEFELLER, John D. *Random reminiscences of men and events*. The Minerva Group, Inc., 2003.

⁵¹⁹ HEWA, Soma. The Protestant Personality and Higher Education: American Philanthropy beyond the Progressive Era. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, v. 12, n. 1, 1998, p. 136.

⁵²⁰ Ibid., p. 136.

popularizado e proliferado no início do século XIX, “a base ideológica particular dessas instituições que inspiraram filantropos individuais durante a Era Progressista remonta à origem da república.”⁵²¹

Conforme demonstrado por Max Weber, o protestantismo (na Europa e na América) fundiu-se ao capitalismo construindo um *ethos*, um conjunto de valores éticos e morais (originários da religião) que foram além de uma expressão econômica. Neste princípio, o sucesso econômico estaria relacionado ao sentido geral de dever profissional. Nas palavras de Weber: “Ganhar dinheiro, dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e eficiência em vocação”.⁵²² Weber usa Benjamin Franklin como exemplo: “as atitudes morais de Franklin são coloridas pelo utilitarismo. A honestidade é útil porque assegura o crédito; do mesmo modo a pontualidade, a laboriosidade, a frugalidade, e, esta é a razão pela qual são virtudes”.⁵²³ Assim, a ética protestante racionalizou a diligência para com o trabalho (e o enriquecimento) através de uma leitura religiosa na qual o lucro e o sucesso seriam resultados de um “chamado”. Os valores religiosos teriam sido fundidos aos econômicos de forma que o lucro passou a ser reconhecido como um meio de “glorificar a Deus”.

Por outro lado, como sustenta Hewa, a ética protestante condenava a ostentação e auto-indulgência, “O uso pessoal da riqueza deve ser limitado aos requisitos essenciais da vida (...). A personalidade protestante deve desafiar todas as tentações de buscar a felicidade pessoal”.⁵²⁴ O que, por sua vez, ecoa o princípio jeremiada de comunidade e de vigilância. O discurso de Carnegie, em seu ensaio, adota essa perspectiva ao explicitar como a caridade não deve ser gratuita, mas sim pensada numa lógica de investimento, de forma que o dinheiro doado possa gerar ganhos maiores para a sociedade. Rockefeller, na inauguração da Universidade de Chicago, discursou: “O bom Deus me deu meu dinheiro e como eu poderia retê-lo de a Universidade de Chicago?”.⁵²⁵ Haveria, portanto, uma contradição. Se por um lado o lucro e enriquecimento era visto como resultado de uma vida digna, a ostentação e acumulação

⁵²¹ Ibid., p. 138.

⁵²² WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editorial, 1967, p. 33.

⁵²³ Ibid., p. 32.

⁵²⁴ HEWA, Soma. *Op. Cit.* 1998. p. 143.

⁵²⁵ Ibid., p. 157.

exacerbada era vista como uma falha junto a comunidade. Por isso a preocupação puritana (e republicana, depois) em “caridade”.

No entanto, a mesma relação entre religião e economia que fomentou o capitalismo estadunidense e levou à criação de diversas instituições de pesquisa, formou uma dinâmica de controle do conhecimento denominado por Peter Drahos e John Braithwaite como “feudalismo informacional”. Segundo os autores:

Existem conexões entre o projeto de feudalismo da informação que descrevemos nestas páginas e o feudalismo medieval, pois ambos envolvem uma redistribuição de direitos de propriedade. No caso do feudalismo medieval, a relação do senhor com a terra e os vassalos era uma relação de grande desigualdade. [...] A redistribuição dos direitos de propriedade no caso do feudalismo da informação envolve uma transferência de bens de conhecimento do patrimônio intelectual para mãos privadas. Essas mãos pertencem a conglomerados de mídia e corporações integradas de ciências da vida, em vez de cientistas e autores individuais.⁵²⁶

A virada do século representou para os Estados Unidos um momento de forte industrialização. Neste contexto, a pesquisa passou a ser compreendida como parte vital de um projeto para que as empresas pudessem crescer. Laboratórios institucionais foram criados a fim de produzir conhecimento a ser implementado na produção de cada indústria. O primeiro laboratório privado, criado literalmente para ser uma “casa de ideias”, foi o de Thomas Edison, em 1876,⁵²⁷ fundador da *Edison Electric Company*. A meta de produção no laboratório de Edison era: “uma invenção menor a cada dez dias e uma grande a cada seis meses ou mais”,⁵²⁸ e uma vez que um conhecimento, descoberta ou invenção fosse feita, aquilo deveria se transformar em um produto, o que exigia a interação entre cientistas e especialistas em mercado. Este modelo foi seguido pela DuPont que integrou o trabalho científico ao processo de produção, criando, em 1902, o *Eastern Laboratory* e, no ano seguinte, o *Experimental Station*. Cada um dos laboratórios possuía funções bem definidas; o primeiro se dedicava a investigar problemas científicos aplicados; e o segundo voltava-se para pesquisas básicas na área de explosivos, reconhecida como essencial para manter a liderança da empresa nos negócios, em especial seus contratos com as forças armadas.⁵²⁹ Este modelo

⁵²⁶ DRAHOS, Peter; BRAITHWAITE, John. *Information feudalism: Who owns the knowledge economy?* Routledge, 2017, p. 2.

⁵²⁷ Ibid., p. 40.

⁵²⁸ Ibid., p. 40.

⁵²⁹ Ibid., p. 41.

de produção integrou outras atividades além da industrial ou comercial. O financista J.P. Morgan, fundador do banco *J. S. Morgan & Co.*, foi investidor massivo do laboratório de Edison. Advogados, jornalistas e mais foram empregados em empresas que passaram a ser organizadas como multissetoriais. As universidades passaram por reformas, aproximando-se mais do modelo científico industrial. Grandes corporações, como a *DuPont*, passaram a ver o meio universitário como criadouros, assim, “os fundos corporativos fluíram para as universidades”.⁵³⁰ No entanto, muitos dos laboratórios privados eram melhores equipados e jovens cientistas foram atraídos por uma carreira com salários maiores e melhores condições de pesquisa. O investimento em pesquisa foi tamanho que, “entre 1921 e 1941, o número de laboratórios de pesquisa industrial passou de 300 para 2.200. Esses laboratórios empregavam mais de 70.000 pesquisadores”.⁵³¹ Acrescenta-se o fato de que o primeiro ganhador do prêmio Nobel, C J Davisson, era funcionário do laboratório Edison.

Assim, o “espírito do capitalismo” (imbuído de uma religiosidade protestante que normatizou valores religiosos como requisitos para o sucesso) em sua busca pelo lucro, somado ao efervescente cientificismo industrial, fomentou a investigação científica nos Estados Unidos. Ou seja, a valorização do Capital Científico por agentes econômicos esteve também relacionado à valores religiosos tradicionais, reimaginados para o novo contexto do capitalismo estadunidense.

No entanto, essa mesma busca por lucro levou com que as empresas criassem ferramentas para defender suas produções intelectuais, como o processo de patentes. Assim:

Para os cientistas individuais que participaram dos sistemas emergentes de pesquisa científica industrial, havia apenas um pequeno demônio escondido entre os detalhes organizacionais corporativos que governavam suas vidas. Antes que eles pudessem publicar qualquer coisa, eles tinham que esclarecer com os advogados. Os advogados muitas vezes diziam não ou limitavam o que podiam publicar. Os cientistas logo aprenderam que toda comunicação científica com pessoas de fora tinha que ser examinada por seus departamentos jurídicos.⁵³²

De acordo com Peter Drahos e John Braithwaite, os cientistas industriais haviam se juntado a um sistema que já não reconhecia o conhecimento como bem público.⁵³³ Além

⁵³⁰ Ibid., p. 41.

⁵³¹ Ibid., p. 41.

⁵³² Ibid., p. 42.

⁵³³ Ibid., p. 42.

disso, mesmo os industriais filantropos que doavam e investiam em instituições de pesquisa sem relações diretas com suas empresas, também não o faziam unicamente por uma “fé no conhecimento”. Se o crescimento de laboratórios de pesquisas indústrias estava inserido num processo de recolocação do conhecimento científico a favor do mercado, as instituições filantrópicas e suas doações – as universidades e institutos de pesquisa – estavam relacionadas também a uma releitura de uma ética protestante/capitalista (dentro de uma modernidade de crescimento populacional e industrial acentuado) na qual a doação “sem propósito” era desencorajada.

No início do século XX, construiu-se nos Estados Unidos uma verdadeira “indústria do conhecimento”. Laboratórios (por vezes terceirizados) produziam pesquisas que depois eram patenteadas e comercializadas. No entanto, apesar do crescimento em números, 75% dos cientistas industriais estavam concentrados em apenas cinco indústrias: química, engenharia elétrica, petrolífera, maquinário pesado e borracheira. Cada um desses ramos contava com uma gigante, como a *DuPont*, *General Electric*, *General Motors*, *United States Rubber and Goodrich*, além de várias empresas subsidiárias da *Standard Oil*.⁵³⁴ Não por coincidência, neste período, as universidades passaram a valorizar cursos das ciências da terra em seus currículos⁵³⁵.

Assim como os conglomerados industriais desenvolveram seus mecanismos de controle e cooperação (com cartéis, monopólios, *trustes*, etc.), o mercado do conhecimento assumiu dimensões cooperativas e competitivas. Em 1929, por exemplo, a *DuPont* firmou um acordo de divisão de patente com a *Imperial Chemical Industries* (ICI), do Reino Unido. Em tese, um acordo de cooperação e de compartimento de conhecimento técnico. Na prática, contudo, o que ficou acordado foi uma divisão espacial de atuação das empresas. A *DuPont* ganhou poder sobre o território da América do Norte e do Sul, tendo monopólio pelas técnicas, pesquisas e consequentemente produtos desenvolvidos pelas duas empresas, enquanto a ICI recebeu o Império Britânico.⁵³⁶ Construiu-se, assim, um cartel de conhecimento químico protegido por direitos de propriedade intelectual.

Esse poder sobre a propriedade intelectual foi internalizado na sociedade de forma ampla, para além da “indústria do conhecimento”. Em 1908, um grupo de atores de Nova

⁵³⁴ Ibid., p. 52.

⁵³⁵ Como discutido no tópico 2.1.2 - *As rachaduras nos alicerces da torre de marfim: da igreja ao mercado*.

⁵³⁶ DRAHOS, Peter; BRAITHWAITE, John. *Op. Cit.* 2017, p. 53.

York formou a *Motion Picture Patents Company*, uma empresa *pool* de patentes. Apenas os membros da empresa recebiam as licenças para produzir os filmes. Um grupo de independentes mudou-se para a Califórnia (onde os custos de produção eram menores) para produzir seus próprios filmes, estalaram-se em um lugar chamado *Hollywood*.⁵³⁷ Conforme Drahos e Braithwaite, esse fenômeno se espalhou durante o período entreguerras. Constituiu-se o cartel da borracha, do nitrogênio, do alumínio, do magnésio e da luz elétrica. Todos entrelaçados pelo fio dos acordos de propriedade intelectual.

Assim, por um lado, a perspectiva de uma patente rentável atraiu inventores independentes nos Estados Unidos, produzindo a imagem de grandes gênios revolucionários da tecnologia, reforçando os valores protestantes no “espírito capitalista” e criando e promovendo a imagem do empreendedor e do *self-made man*. Por outro, contraditoriamente, o sistema de proteção de propriedade intelectual efetivou a construção de grandes conglomerados de conhecimento que, ao invés promover uma circulação de ideias, efetivou um feudalismo informacional. Portanto, pode-se compreender que a valorização do Capital Científico por agentes empresariais na virada para o século XX, foi promovido por: 1) uma perspectiva empresarial, investindo em laboratórios e pesquisas próprias para as empresas; 2) alinhado a uma justificativa moral, elaborando uma releitura da crítica à caridade e à políticas de bem-estar social; e 3) em uma perspectiva política e ideológica, promovendo os princípios do livre mercado.

Além disso, o poder do Capital Econômico sobre a produção científica e acadêmica foi além do controle sobre a propriedade intelectual, atacando a própria liberdade acadêmica. A virada do século marcou também a modernização das instituições de ensino superior, tanto curricularmente quanto institucionalmente. A figura do professor pesquisador, PhD, se popularizou nos Estados Unidos e as questões referentes à liberdade acadêmica começaram a ser elaboradas conforme essa nova “classe”⁵³⁸ estabelecia a identidade e autonomia de seu Campo. No entanto, como dito anteriormente, autonomia não implica necessariamente em independência.

Professores já haviam sido perseguidos academicamente devido as suas visões políticas – como o já citado caso de Benjamin Sherwood Hendrick, expulso da Universidade da

⁵³⁷ Ibid., p. 54.

⁵³⁸ SCHRECKER, Ellen W. *No ivory tower: McCarthyism and the universities*. Oxford University Press, 200 Madison Avenue, New York, 1986, p. 14.

Carolina do Norte em 1856 após declarar voto no Partido Republicano. No entanto, no final do século XIX e início do XX, a intrínseca relação entre grandes indústrias e universidades começou a ameaçar a liberdade acadêmica.

Em 1886, após uma palestra crítica a respeito do comportamento das industriais estadunidenses durante a crise estabelecida depois do bombardeio anarquista em Haymarket, o economista Henry Carter Adams perdeu seu emprego em Cornell – universidade na qual discursou. Temendo perder também o seu emprego na Universidade do Michigan, Adams evitou tornar público o motivo de sua demissão e enviou uma carta ao presidente da instituição, admitindo seu erro e reafirmando não ser extremista. Adams não foi demitido e eventualmente recebeu o cargo de professor titular, no entanto, passou a carreira investigando temas considerados “neutros” e “frios”. Os economistas, ele argumentaria, “deveriam evitar o papel dos reformadores e se concentrar em usar seus conhecimentos para resolver problemas técnicos”.⁵³⁹

Pouco tempo depois, o também economista Richard T. Ely precisou voltar atrás em suas opiniões políticas para preservar seu emprego. Ely lecionava na *John Hopkins* e na Universidade de Winsconsin (e havia fundado a *American Economic Association*).⁵⁴⁰ Abertamente declarado parte da “esquerda cristã”, Ely escrevia textos populares. Em 1894, membros do conselho da Universidade de Wisconsin passaram a acusar Ely de ser apoiador de greves e boicotes, e de receber sindicalistas em sua própria casa. Uma comissão foi armada para investigar a relação do professor com movimentos sindicais. Temendo o desemprego, Ely limitou-se a se defender, demonstrando como os argumentos contra si eram infundados, e reafirmando o seu conservadorismo.⁵⁴¹ Segundo Schrecker,

Ely havia vencido, mas apenas aceitando a autoridade dos Regentes para censurar suas opiniões políticas e, mais significativamente, aceitando uma noção restrita de comportamento acadêmico apropriado [...] Ele parou de escrever para um público popular e desenvolveu um nicho acadêmico apropriado para si mesmo no campo relativamente obscuro da economia.⁵⁴²

No ano seguinte, Edward W. Bemis foi demitido da Universidade de Chicago, após uma série de afirmações contrárias à indústria ferroviária. Bemis advogava a favor da concessão

⁵³⁹ Ibid., p. 15.

⁵⁴⁰ Ibid., p. 15.

⁵⁴¹ Ibid. p. 16

⁵⁴² Ibid.

pública das ferrovias, o que lhe rendeu a antipatia da administração da universidade. Vale lembrar que a Universidade de Chicago havia sido fundada e era financiada pela família Rockefeller, que mantinha relações estreitas com a indústria ferroviária. Diferente de Adams e Ely, Bemis não manteve o assunto em sigilo; ao contrário, tornou público o motivo de sua demissão. Em resposta à universidade, atacou a credibilidade acadêmica de Bemis, que teve dificuldade em conseguir uma nova posição em outra instituição, sendo forçado a abandonar meio acadêmico.⁵⁴³

Já em 1900, Edward Alsworth Ross sofreu uma forte perseguição da Universidade de Stanford, após uma série de palestras denunciando a indústria ferroviária e a imigração chinesa. O conselho administrativo da universidade, na época, repousava nas mãos de Jane Stanford, viúva de Leland Stanford (fundador da universidade e ex-presidente da *Central Pacific Railroad* e da *Southern Pacific*). O presidente da universidade, que até então havia protegido o professor, considerando sua reputação, forçou Ross a se demitir, temendo que a própria existência da universidade fosse colocada em risco. No entanto, diferente dos casos anteriores, a demissão de Ross tornou-se pública e ganhou notoriedade. Diversos membros da universidade se demitiram em solidariedade, chegando-se a espalhar um boicote à universidade. Porém, os funcionários foram facilmente substituídos e o boicote teve pouco efeito. Após o escândalo, Ross conseguiu apenas uma posição temporária na modesta Universidade de Nebraska.⁵⁴⁴

Assim, em 1915, foi fundada a *American Association of University Professors* (AAUP). Contando com membros da *American Economic Associations* e funcionários de Stanford que presenciaram os casos de Ely e Ross – o primeiro-secretário da instituição foi Arthur Lovejoy, filósofo e historiador que abandonou Stanford em solidariedade a Ross –, a AAUP trazia como missão “desenvolver padrões profissionais”. A Declaração de Princípios da instituição foi assinada por 13 acadêmicos (incluindo Ely) das universidades de: Columbia, Cornell, Brown, Wisconsin, Yale, Princeton, Columbia, California, Johns Hopkins, Washington, Harvard e Indiana. De acordo com o documento:

A liberdade acadêmica [...] compreende três elementos: liberdade de investigação e pesquisa; liberdade de ensino dentro da universidade ou faculdade; e liberdade de expressão e ação extramuros. [...] A segunda e a terceira fases da liberdade

⁵⁴³ Ibid., p. 17.

⁵⁴⁴ Ibid., p. 17.

acadêmica estão intimamente relacionadas, e muitas vezes são distinguidas. A terceira, no entanto, tem uma importância própria, pois ultimamente talvez tenha sido motivo de dificuldades e controvérsias com mais frequência do que a questão da liberdade do ensino intra-acadêmico.⁵⁴⁵

O documento questiona diretamente o envolvimento dos conselhos administrativos sobre questões acadêmicas. Apontava que poderiam existir instituições criadas e mantidas por entidades específicas a fim de promover uma doutrina, mas que estas instituições não vinham promovendo a liberdade acadêmica essencial para a produção científica:

Se uma igreja ou denominação religiosa estabeleceu um colégio para ser governado por um conselho de curadores, com o expresse entendimento de que o colégio será usado como instrumento de propaganda [...] os administradores têm o direito de exigir que tudo seja subordinado a isso fim. Se, mais uma vez, como aconteceu neste país, um rico fabricante estabelece uma escola especial em uma universidade para ensinar, entre outras coisas, as vantagens de uma tarifa protecionista [...]. Todas essas são instituições essencialmente privadas, no sentido moral. Eles não aceitam, pelo menos em relação a um assunto específico, os princípios da liberdade de investigação, de opinião e de ensino; e sua finalidade não é avançar o conhecimento pela pesquisa irrestrita e discussão irrestrita de investigadores imparciais, mas sim subsidiar a promoção das opiniões das pessoas [...]. Tais instituições são raras, porém, e estão se tornando cada vez mais raras. Ainda temos, de fato, faculdades sob os auspícios denominacionais; mas muito poucos deles impõem a seus administradores a responsabilidade pela disseminação de doutrinas específicas [...]. É, então, um pré-requisito para a realização da medida adequada de liberdade acadêmica nas instituições americanas de ensino, que todos os conselhos de administração devem entender - como muitos já entendem - as plenas implicações da distinção entre propriedade privada e uma confiança pública.⁵⁴⁶

A Declaração de Princípios da AAUP chegava a afirmar que a intromissão externa na liberdade acadêmica poderia ameaçar a própria razão de ser de uma universidade. Segundo o documento, uma universidade funcionava sob três princípios: 1) promover a investigação e avançar o conhecimento humano; 2) fornecer instruções gerais aos alunos; 3) Desenvolver especialistas para diversos ramos do serviço público.⁵⁴⁷ Para o documento ficava “claro, então,

⁵⁴⁵ AMERICAN ASSOCIATION OF UNIVERSITY PROFESSORS. *Declaration of Principles on Academic Freedom and Academic Tenure*. American Association of University Professors. 1915. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjFprOUkMT4AhXBqpUCHXmjAMQQFnoECAGQAw&url=https%3A%2F%2Fwww.aaup.org%2FNR%2Frdonlyres%2FA6520A9D-0A9A-47B3-B550-C006B5B224E7%2F0%2F1915Declaration.pdf&usg=AOvVaw1n8bpW32R8Htkco1Z_4d5ur>. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁵⁴⁶ Ibid., p. 293.

⁵⁴⁷ Ibid., p. 292-295.

que a universidade não pode cumprir sua tríplice função sem aceitar e fazer valer ao máximo o princípio da liberdade acadêmica”.⁵⁴⁸

No entanto, a instituição teve pouca força. A instabilidade da profissão, a fragmentação do campo, a insegurança financeira, entre outros problemas, impediram que a AAUP tivesse ações mais impactantes, além emitir declarações, sem ameaçar os empregos de seus membros.⁵⁴⁹

Ainda em 1915, a instituição encarou o primeiro escândalo. Na Universidade da Pensilvânia, Scott Nearing, um socialista radical, proferiu uma série de declarações contrárias aos abusos industriais. Apesar de ser chefe do departamento de Economia e lecionar na universidade há mais de nove anos, após uma recomendação anônima, o conselho administrativo decidiu não renovar o contrato do professor. O corpo docente emitiu uma recomendação ao conselho administrativo pedindo a recontração de Nearing, sendo ignorado. A demissão repentina e a recusa em ouvir a recomendação revoltou o corpo docente. Segundo Schrecker, “embora eles não compartilhassem as opiniões políticas de Nearing, eles lutaram contra sua demissão”.⁵⁵⁰ Em duas semanas, a AAUP elaborou um comitê, liderado por Lovejoy, para investigar o caso. A princípio, o conselho administrativo da universidade recusou-se a se pronunciar, mas, após a pressão externa, a universidade emitiu uma declaração admitindo que a demissão de Nearing havia sido uma decisão política, de cima para baixo, tomada a partir da postura ideológica do professor. A repercussão negativa levou a universidade a, ao final do ano, emitir novas diretrizes para contratação e demissão do corpo docente e uma revisão dos procedimentos legais relativos a demissões.

No entanto, apesar da publicidade e impacto do caso Nearing, o resultado não foi positivo para o professor. Nearing recebeu diversas mensagens de apoio, mas apenas uma única oferta de emprego: a da Universidade de Toledo, uma faculdade municipal de forte influência trabalhista no conselho administrativo. Nela, Nearing lecionou por dois anos até ser demitido por opor-se à Primeira Guerra Mundial.⁵⁵¹

Assim, embora o período reconhecido como “era progressista” tenha desenvolvido o parque industrial e científico dos Estados Unidos, este mesmo investimento promoveu

⁵⁴⁸ Ibid., p. 296.

⁵⁴⁹ SCHRECKER, Ellen. *Op. Cit.*, 1986, p. 19.

⁵⁵⁰ Ibid., p. 19-20.

⁵⁵¹ Ibid., p. 21.

mecanismos de censura e controle da disseminação do conhecimento e mesmo de uma perseguição política, limitando a liberdade acadêmica. Ou seja, na mesma medida em que o Capital Científico foi valorizado, o poder do Capital Econômico sobre as instituições do conhecimento foi usado para reprimir os agentes do conhecimento, evitando que os detentores desse Capital Científico (seja puro ou institucionalizado) manifestassem esse Capital específico fora de seus Campos (o que, por definições de Bourdieu, qualificaria o trabalho de um intelectual). Em outros termos, os empresários e capitalistas do século XIX e início do XX, apesar de investirem em ciência, promoveram um anti-intelectualismo, reprimindo os cientistas.

Como demonstramos, embora o mercado tenha se aproximado da ciência e dos cientistas ainda no final de século XIX, a aproximação da academia com a política só se consolidou de fato no período do *New Deal*. Segundo Hofstadter:

Nunca houve uma harmonia tão completa entre a causa popular na política e o estado de espírito dominante dos intelectuais. [...] Na era do New Deal, as causas eram ainda mais envolventes, e a necessidade de os intelectuais desempenharem um papel prático era maior do que qualquer um poderia prever nos dias de Wilson e Theodore Roosevelt.⁵⁵²

A criação do *Brain Trust*, a contratação de acadêmicos e professores como consultores, além da criação de agências reguladoras que empregaram advogados, jornalistas e economistas (que, dependendo da conceitualização, podem ser compreendidos como “intelectuais”), modificou a imagem do pesquisador e acadêmico frente ao público geral. No entanto, pondera Hofstadter, os opositores do *New Deal* fizeram uma “hostilidade febril raramente vista na política americana”.⁵⁵³ Ademais, essa noção de que “os professores estão administrando as coisas” gerou, mesmo entre os adeptos do *New Deal*, uma onda de desconfiança sobre “em quem confiar” para contornar a crise, o que “que despertou e acelerou as antigas tradições do anti-intelectualismo”.⁵⁵⁴

Os opositores do *New Deal*, ao mesmo tempo em que se organizaram em suas próprias instituições (como na *American Liberty League* e *American Enterprise Association*), promoveram uma campanha contra a imagem dos “intelectuais”. Exagerando a influência

⁵⁵² HOFSTADER, Richard. *Op. Cit.* 1963, p. 195

⁵⁵³ *Ibid.*, p. 195.

⁵⁵⁴ *Ibid.*, p. 198.

destes na política do Partido Democrata, a direita estadunidense passou a retratar os pesquisadores e consultores como experimentalistas, “impráticos”, irresponsáveis, arrogantes e conspiradores.⁵⁵⁵ Já em 1933, a revista *Saturday Evening Post* colecionava comentários contra a atuação de acadêmicos na política:

Um bando de professores saiu de suas salas de aula e jogou no turbilhão do *New Deal*. Muito autoconsciente; arrogantes buscadores de publicidade para si mesmos agora têm a chance de obtê-la; ávidos autoexpressionistas se aquecendo como gatos diante de uma lareira em suas novas distinções... Os homens que correm e perguntam com entusiasmo: “O que o dólar vai fazer?” Como se fizesse a menor diferença para eles o que o dólar faz - nenhum deles pode juntar cem dólares de qualquer tipo [...]. Nenhum homem pensativo pode escapar da conclusão de que muitas das ideias e planos do cérebro são baseados na ideologia russa... Alguém deveria contar a esses jovens intelectuais e professores brilhantes os fatos da vida empresarial. A cegueira não traz lucros e prosperidade, e moeda sólida não cresce sob repolhos.⁵⁵⁶

A campanha anti-intelectual por parte dos opositores do *New Deal* reforçava essa postura apontando para a influência socialista dos intelectuais. A promoção do anti-intelectualismo desenvolveu-se de tal forma que, mesmo aqueles que criticavam as aspirações políticas da direita – acusando os conservadores de não defender a construção de uma economia capitalista competitiva, mas sim o monopólio –, enxergavam a existência de uma influência marxista na intelectualidade. No livro *Who Owns America? A new declaration of independence*, de 1936, os editores Herbert Agar e Allen Tate afirmam:

Nenhum país pode ser reformado pelas pessoas que o odeiam - um fato que nossos intelectuais de esquerda tendem a ignorar. Os inimigos podem fornecer críticas úteis; eles podem mostrar as fraudes e injustiças que corroem a sociedade. Eles podem até persuadir os homens a derrubar um mundo que adoeceu com a injustiça. Mas somente aqueles que têm afeição pelo ideal nacional podem persuadir um povo a se reformar. Acreditamos que o ideal americano ainda é um dos melhores atos da imaginação do homem. Acreditamos que o homem comum em toda a América ainda é movido por esse ideal como por nenhuma outra promessa. [...] Mas quando ele vê todas as boas palavras associadas à América aplicadas a todas as características ruins da plutocracia cosmopolita, ele começa a sentir que talvez todo o esforço tenha sido um erro. Mais alguns jantares da Liga da Liberdade e o homem comum se voltará contra a liberdade. [...] Hoje esse sonho é ridicularizado por dois grupos: primeiro, pelos comunistas, que dizem que qualquer tentativa de realizá-lo deve ser em vão, pois a tentativa contraria as leis de Marx; segundo, pelos amigos das Grandes

⁵⁵⁵ Ibid., p. 199.

⁵⁵⁶ HOFSTADER, Richard. *Op. Cit.*, 1963, p. 200.

Empresas, que desonram o sonho dizendo que ele foi realizado, que hoje ele está sobre nós.⁵⁵⁷

Não só os intelectuais foram associados ao comunismo, como toda a política do *New Deal*. O representante da Pensilvânia, Robert Rich (republicano), declarou: “Roosevelt é um socialista, não um democrata”. O senador republicano Simeon Fess (Ohio), afirmou que o “*New Deal* agora é um socialismo de estado indisfarçado”. O também senador republicano, Thomas Schall, de Minnesota, colocou Roosevelt como sendo o “primeiro presidente comunista dos Estados Unidos”.⁵⁵⁸ Em seu discurso na convenção de Syracuse, de 1936, Roosevelt respondeu:

Indivíduos e grupos estão procurando fazer do comunismo uma questão em uma eleição onde o comunismo não é uma controvérsia entre os dois principais partidos. [...] Não há diferença entre os grandes partidos quanto ao que pensam sobre o comunismo. Mas há uma diferença muito grande entre os dois partidos no que eles fazem sobre o comunismo. [...] O comunismo é uma manifestação da agitação social que sempre vem com o desajuste econômico generalizado. Nós, no Partido Democrata, não nos contentamos apenas em denunciar essa ameaça. Fomos realistas o suficiente para enfrentá-lo.⁵⁵⁹

De fato, a influência da esquerda proliferou-se nos anos da depressão. De acordo com Hellen Schrecker, até a década de 1930, o comunismo⁵⁶⁰ nos Estados Unidos caracterizava-se como uma “subcultura política, uma constelação vagamente estruturada de indivíduos e organizações de esquerda”⁵⁶¹ que tinha no Partido Comunista um núcleo institucional. No entanto, as dificuldades da crise e a ascensão do fascismo na Europa fomentaram um sentido de urgência e de pacifismo que foram capitalizados por movimentos estudantis de esquerda.

⁵⁵⁷ AGAR, Herbert; TATE, Allen. *Who owns America: A new declaration of independence*. Houghton Mifflin and company, Boston, 1936, p. vi.

⁵⁵⁸ MICHAELS, Jonathan. *McCarthyism: the realities, delusions and politics behind the 1950s red scare*. Routledge, 2017, p. 77.

⁵⁵⁹ ROOSEVELT, Franklin. *Address at the Democratic State Convention*, Syracuse, N.Y. September 29, 1936. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-democratic-state-convention-syracuse-ny>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

⁵⁶⁰ No entanto deve-se fazer uma ressalva. Conforme Schrecker coloca, o comunismo nos Estados Unidos (bem como em outras partes do mundo) desenvolveu-se de formas distintas em épocas e regiões diferentes. Se por um lado o Partido Comunista foi uma “organização disciplinada e antidemocrática”, com ligações soviéticas e com o objetivo de aplicar as prescrições da União Soviética nos Estados Unidos; por outro foi uma instituição política e social que estimulou diversos movimentos sociais nas décadas de 1930 e 1940. Além, nem todos indivíduos (acadêmicos ou não) que se reconheciam à esquerda foram propriamente comunistas, e mais, mesmo os que se definiam como tal não foram necessariamente parte do partido. A autora faz distinção entre “Comunismo” com letra maiúscula e “comunismo” para distinguir esses grupos. SCHRECKER, Ellen. *Many are the crimes: McCarthyism in America*. Princeton University Press, 1999, p. 23.

⁵⁶¹ SCHRECKER, Ellen. *Op. cit.* 1999, p. 23.

Em 1933, na Universidade de Columbia, 52% dos estudantes declararam que não lutariam a menos que os Estados Unidos fossem invadidos e 31% se declararam pacifistas absolutos.⁵⁶² Assim, estes movimentos conseguiram canalizar esses sentimentos em uma luta organizada que não só influenciou toda uma geração de acadêmicos (em formação) à atividade política, como incentivou os professores de esquerda a se organizarem também. Conforme Schrecker:

O apelo inicial do comunismo para algumas dessas pessoas foi sua pretensão de oferecer uma ideologia, um sistema intelectual que acima de tudo parecia explicar o caos social que eles viam ao seu redor. É importante reconhecer que os acadêmicos, como intelectuais, têm uma necessidade mais forte do que a maioria das pessoas de dar sentido às suas vidas. Para eles, portanto, o lado intelectual do comunismo, sua tentativa de fornecer uma análise sistemática do fracasso muito óbvio do capitalismo durante a Depressão, foi uma de suas principais atrações.⁵⁶³

Estima-se que 1/3 das turmas de 1933 graduou-se no desemprego ou subemprego. Muitos alunos, oriundos da classe média baixa, que viam a universidade como “um canal conveniente para um status e segurança mais elevados”, encontraram-se desamparados.⁵⁶⁴ Segundo Schrecker, “o retrocesso em suas expectativas proporcionado pela Depressão foi, para muitas dessas pessoas, profundamente radical”.⁵⁶⁵ A carreira acadêmica tornou-se uma maneira pela qual os estudantes talentosos poderiam evitar o desemprego. Em 1935 foram concedidos 26% Phs a mais que em 1931. No entanto, a projeção para a carreira era desanimadora: de acordo com a AAUP, 84% das instituições de ensino superior cortaram os salários dos professores em aproximadamente 15%.⁵⁶⁶ Segundo Schrecker, este foi um cenário favorável para a promoção do comunismo e da esquerda como um todo no meio acadêmico⁵⁶⁷.

Ao final dos anos 1930, o Partido Comunista lançou uma frente popular, diminuindo seu caráter revolucionário e adaptando símbolos americanos, associando as imagens de Jefferson, Jackson e Lincoln com as de Marx, Engels e Lênin.⁵⁶⁸ No entanto, a declaração do pacto nazi-soviético de não agressão, de 1939, deteriorou as relações que o Partido Comunista dos Estados Unidos vinha construindo com os democratas. Entre 1939 e 1940, a adesão ao Partido

⁵⁶² SCHRECKER, Ellen. *Op. cit.* 1986, p. 28.

⁵⁶³ *Ibid.*, p. 31.

⁵⁶⁴ *Ibid.*, p. 32.

⁵⁶⁵ *Ibid.*, p. 29.

⁵⁶⁶ *Ibid.*, p. 29.

⁵⁶⁷ SCHRECKER, Ellen. *Op. Cit.*, 1999, p. 8.

⁵⁶⁸ *Ibid.*, p. 15.

caiu 15% e o recrutamento de novos membros caiu 75%.⁵⁶⁹ Embora a relação tenha melhorado novamente quando Hitler invadiu a União Soviética, a desconfiança dos democratas para com o compromisso anti-fascista dos comunistas foi perdida. De acordo com Michaels, “a perda do partido de seus aliados liberais e seus ataques abertos ao governo Roosevelt o expuseram a uma séria repressão”.⁵⁷⁰

Mas a adoção do anti-comunismo no governo de Roosevelt não foi uma decisão abrupta após o Pacto Nazi-soviético. Embora não enxergasse no Partido Comunista uma ameaça direta, o presidente tinha poucas reservas em reprimi-lo se houvesse interferência na segurança nacional ou em sua carreira política. O principal nome do anti-comunismo nos anos 1930 e 1940 foi do diretor do FBI, John Edgar Hoover. Em 1934, a pedido do presidente, Hoover passou a monitorar atividades de grupos supostamente nazistas, dois anos depois, mais uma vez a mando presidencial, os comunistas foram incluídos no monitoramento.⁵⁷¹ O que fez engrossar a perseguição aos comunistas nos finais dos anos 1930 não foi a ameaça revolucionária, mas as constantes alegações da direita de que o congresso e o *New Deal* estavam sob influência comunista. A criação do *Special House Committee on Un-American Activities* (HUAC), presidido por Martin Dies, em 1938, deu aos opositores do *New Deal* um veículo institucional para atacar o governo. Como coloca Schrecker, a administração Roosevelt “acabou se sentindo compelida a fazer algo para provar que não era brando com o comunismo”.⁵⁷² Mais uma vez, a liberdade acadêmica e a segurança dos empregos dos professores e pesquisadores universitários foram colocadas em risco, dessa vez não pelos interesses dos conselhos administrativos, mas por agências governamentais.

Associações e grupos de esquerda não-comunistas, como a *American Civil Liberties Union* (ACLU), distanciaram-se do Partido Comunista e expulsaram os comunistas de seus quadros. A promulgação da *Alien Registration Act* (1940) deu ao governo maiores poderes para a nova “caçada aos vermelhos”. A lei procurava “proibir certas atividades subversivas; alterar certas disposições da lei com respeito à admissão e deportação de estrangeiros; exigir a

⁵⁶⁹ MICHAELS, Jonathan. *Op. Cit.*, 2017, p. 96.

⁵⁷⁰ *Ibid.*, p. 96.

⁵⁷¹ SCHRECKER, Ellen. *Op. Cit.* 1999, p. 88.

⁵⁷² *Ibid.*, p. 89.

coleta de impressões digitais e registro de estrangeiros”.⁵⁷³ Mas, além disso, servia de ferramenta coercitiva para com a sociedade como um todo:

Lei de Registro de Estrangeiros de 1940 Estatutos em Geral dos Estados Unidos (76º Congresso) [...] TÍTULO I Seção 1. (a) Será ilegal para qualquer pessoa, com a intenção de interferir, prejudicar ou influenciar a lealdade, moral ou disciplina das forças militares ou navais dos Estados Unidos— [...] Sec. 2. (a) Será ilegal para qualquer pessoa— (1) conscientemente ou voluntariamente advogar, encorajar, aconselhar ou ensinar o dever, necessidade, conveniência ou propriedade de derrubar ou destruir qualquer governo nos Estados Unidos pela força ou violência [...] (2) com a intenção de causar a derrubada ou destruição de qualquer governo nos Estados Unidos, imprimir, publicar, editar, emitir, circular, vender, distribuir ou exibir publicamente qualquer material escrito ou impresso defendendo, aconselhando ou ensinando o dever, necessidade, conveniência ou propriedade de derrubar ou destruir qualquer governo [...] (3) organizar ou ajudar a organizar qualquer sociedade, grupo ou assembleia de pessoas que ensinem, defendam ou encorajem a derrubada ou destruição de qualquer governo nos Estados Unidos [...] Sec. 3. É ilegal que qualquer pessoa tente cometer ou conspirar para cometer qualquer dos atos proibidos pelas disposições deste título. [...] Sec. 4. Qualquer material escrito ou impresso do caráter descrito na seção 1 ou seção 2 desta Lei, que se destina a ser usado em violação desta Lei, pode ser retirado de qualquer casa ou outro local em que possa ser encontrado.⁵⁷⁴

Na prática, a nova lei abria precedente para contradizer a *Bill os Rights*, tanto nos direitos de livre expressão, quanto de reunião e de propriedade privada.

Estados – como a Califórnia, Texas e Nova York – formaram seus próprios comitês. Em Nova York, foi estabelecido o *Joint Legislative Committee on the State Education System* (1941), um comitê conjunto do Senado e da Assembleia do estado com o objetivo de combater a doutrinação comunista no ensino público. Até 1942, o comitê de Nova York interrogou mais de 500 professores, alunos e funcionários. O relatório final identificou 69 professores como comunistas e acusou mais de 400 professores e funcionários de serem radicais.⁵⁷⁵ No entanto, apenas cerca de 30 perderam seus empregos e somente um caso foi tratado como doutrinação em sala de aula, a maior parte das perseguições foram atreladas às filiações partidárias dos profissionais.⁵⁷⁶ Segundo Schrecker, embora muito acadêmicos fossem conhecidos comunistas, membros do Partido, havia um certo consenso em recusar a

⁵⁷³ UNITED STATES OF AMERICA. *Alien Registration Act of 1940*, p. 1. Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwia2qP3lcT4AhVvq5UCHXrbB1EQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Floveman.sdsu.edu%2Fdocs%2F1940AlienRegistrationAct.pdf&usg=AOvVaw3qhFAI5Yju9yzaAN8EWWBm>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

⁵⁷⁴ Ibid., p. 1-3.

⁵⁷⁵ MICHAELS, Jonathan. *Op. Cit.*, 2017, p. 98.

⁵⁷⁶ Ibid.

usar as salas de aulas para doutrinação. Nesse sentido, “o recrutamento aberto de estudantes era considerado inaceitável e os professores comunistas geralmente tentavam não deixar que suas opiniões políticas afetassem seu ensino”.⁵⁷⁷

Os opositores do *New Deal* conseguiram, com sucesso, associar os acadêmicos, especialistas, cientistas e intelectuais em geral com “a esquerda”, e, conseqüentemente, com “o inimigo”. O período Roosevelt, de acordo com Schrecker, foi o ensaio para o “macarthismo”. O cenário de desconfiança da Guerra Fria e perseguição aos intelectuais afetaram as eleições de 1952 e estabeleceram um espaço favorável para o crescimento de *think tanks* conservadores usando o anti-intelectualismo e o conspiracionismo como adubos.

Portanto, os anos entre 1930 e 1950 podem ser reconhecidos como o momento no qual a ciência e a academia (bem como seus agentes) foram amplamente consagrados politicamente e economicamente. Porém, na mesma medida em que o acúmulo de Capital Científico passou a ser efetivamente utilizado nos campos políticos e sociais, também foi utilizado a negação científica e a perseguição ao acadêmico. A aproximação das instituições do conhecimento com as da estrutura política novamente fragilizou a autonomia das instituições de conhecimento estadunidenses. Em suma, não foi o medo de uma efetiva revolução que motivou a perseguição aos comunistas (fortemente associados às universidades), mas sim a defesa das frequentes alegações (promovidas pela direita) de que o governo federal em si era comunista. E foi o anticomunismo, institucionalizado pelo Estado neste contexto, o elemento catalisador para a efetivação do movimento unificador das direitas estadunidenses nas décadas seguintes.

⁵⁷⁷ SCHRECKER, Ellen. *Op. Cit.*, 1986, p. 42.

3. A CONSTRUÇÃO POLÍTICA DO CONSPIRACIONISMO PARA O SÉCULO XXI

Segundo Brian Keeley, uma teoria da conspiração caracteriza-se como uma proposta de uma explicação para eventos históricos causados pela ação de um grupo pequeno de pessoas que agem em segredo. Para o autor, uma teoria conspiratória utiliza-se do termo “teoria” para explicar acontecimentos com bases supostamente racionais. Suas principais características seriam: 1) ser uma explicação contrária a algumas reconhecidas como oficiais ou óbvias; 2) ter as verdadeiras intenções por trás da conspiração invariavelmente nefasta; 3) procurar unir eventos aparentemente não relacionados; 4) ter as verdades por trás dos eventos explicadas pelas teorias como segredos bem guardados, mesmo que os conspiradores sejam pessoas públicas; 5) ter como principais ferramentas os “dados errantes”. Estes, segundo o autor, são os dados que não são explicados pelas versões oficiais ou que, se explicados, as contradizem. Keeley ainda ressalta que este tipo de pensamento é tentador, pois, aparentemente, ele apresenta explicações que contemplam tanto os “dados oficiais” quanto os “errantes”, sendo, portanto, uma explicação mais completa⁵⁷⁸.

De forma semelhante, Michael Barkun conceitua a crença conspiratória como a crença de que uma organização, constituída por indivíduos ou grupos, atua secretamente para atingir objetivos maléficos. Esta visão de mundo compreende que nada acontece por acaso; que nada é o que parece ser; e que tudo está conectado. Nesse sentido, “uma visão do mundo conspirador implica um universo governado pelo design e não por acaso”⁵⁷⁹. O autor afirma ainda que o conspiracionismo é, em primeiro lugar, uma explicação política que se propõem a identificar e localizar locais de poderes – tomados como ocultos – e expô-los a fim de “iluminar a tomada de decisões anteriores”. Além disso, o caráter político deste tipo de pensamento é reafirmado pela longa tradição de alinhamento com agentes ou organizações políticas. No entanto, Barkun aponta como a base deste pensamento apoia-se na luta contra o “mal”.

Já para Joseph Uscinski, o pensamento conspiratório seria “uma explicação de eventos

⁵⁷⁸ KEELEY, Brian. Of Conspiracy Theorie. *The Journal Of Philosophy*, Vol. XCVI, nº3, New York, March 1999, p. 116-120.

⁵⁷⁹ BARKUN, Michael. *A Culture of Conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America*. Berkeley / Los Angeles: University Of California Press, 20 03, p. 3-4.

históricos, contínuos ou futuros que citam como principal fator causal um grupo de pessoas poderosas, os conspiradores, agindo em segredo para seu próprio benefício contra o bem comum.”⁵⁸⁰ Porém, o autor observa que “grupos sem poder raramente são acusados de conspirar. Se são, é porque se supõe que eles têm muito mais poder do que realmente têm”⁵⁸¹. Assim, a faceta mais importante numa teoria da conspiração seria o poder, a relação de poder. Para Uscinski, esta pode ser uma explicação da razão destas teorias serem tão populares, apesar de continuarem a ter uma “reputação terrível” e serem tratadas pela maioria das pessoas com “ceticismo aberto ou escárnio absoluto”.

Os três autores apresentam definições muito semelhantes, mas com ênfases distintas. Keeley, em 1999, reconheceu a natureza de “luta contra o mal” presente no pensamento conspiratório estadunidense, mas apresentou como de maior relevância a forma como estas “teorias” trabalham os dados. Por outro lado, as teorias abordadas por Barkun, em 2003, dizem respeito ao milenarismo; Nova Ordem Mundial; Iluminatis; e outras teorias que, eventualmente, professam o fim dos tempos. O autor ressaltou que desde o assassinato de John F. Kennedy, em 1963, surgiu uma verdadeira indústria caseira de conspiracionismo. Esse movimento construiu uma “subcultura conspiratória”, que aparece em tempos de crise e, muitas vezes, se liga à “religião heterodoxa, crenças ocultas e esotéricas, política radical e ciência marginal”⁵⁸². Por fim, Uscinski, em 2017, focou-se no caráter político das teorias da conspiração, chegando a reconhecê-las como ferramentas com as quais grupos marginalizados ou fracos podem atacar grupos maiores em defesa própria. Assim, Uscinski denominou teóricos notórios, como David Ickle e Alex Jones, como “empreendedores”. Em suma, a grande maioria das teorias da conspiração contradiz explicações comuns para eventos públicos e históricos, desconfiando da política. Assim, o pensamento conspiratório aproxima-se mais de um produto de uma visão paranoica e fantasiosa da política do que do resultado da disseminação de desinformação. Conforme Eric Oliver e Thomas J. Wood:

Não apenas metade da população americana concorda com, pelo menos, uma conspiração de uma lista restrita de teorias de conspiração oferecidas, mas também grandes porções da população exibem uma forte inclinação a acreditar que existem forças intencionais invisíveis e que a história é dirigida por um maniqueísta luta

⁵⁸⁰ USCINSKI, Joseph. *The Study of Conspiracy Theories. Argumenta*. University of Sassari, 2017, p. 3.

⁵⁸¹ *Ibid.*, p. 3.

⁵⁸² BARKUN, Michael. *Op. Cit.*, 2003, p. 3-4.

entre o bem e o mal, particularmente na alta proporção de americanos que acreditam que estamos vivendo no “fim dos tempos” bíblico.⁵⁸³

Parte dessa “predisposição” ao conspiracionismo nos Estados Unidos está relacionada a construção de uma visão de mundo herdada do pensamento jeremiada colonial, secularizado nos símbolos nacionais, como apontamos no capítulo anterior desta tese. Porém, como ressaltou Barkun, houve ao longo dos anos 1960 a promoção de uma “indústria” da conspiração.

Neste capítulo procuraremos demonstrar como o conservadorismo estadunidense formou-se nos anos 1960 através da ação de think tanks, a partir da “defesa do livre mercado”, dos “valores cristãos” e do combate ao comunismo. Neste contexto do pós-guerra, o pensamento maniqueísta jeremiada de “nós” contra “eles”, e da noção de que o inimigo trama contra “a América” foi sistematizado e institucionalizado pela direita conservadora. No entanto, ao final da Guerra Fria e com o fim do bloco soviético, o vácuo de poder desestabilizou essa já tradicional visão de mundo, com a globalização e a noção de um “governo mundial”. Este capítulo foi dividido em duas partes, a primeira discute da ascensão (intelectual e política) do conservadorismo nos anos 1960 e 1970 e a segunda trata da queda a partir dos anos 1980.

3.1 A longa caminhada do neoconservadorismo: Ascensão

Ao final da década de 1950, o conservadorismo estadunidense reorganizou-se em torno de suas instituições privadas de conhecimento, estabelecendo e popularizando os conceitos de “conservador” e depois “neoconservador”. Este tópico analisa a forma como empresários, políticos e acadêmicos opositores do *New Deal* organizaram-se a fim de consolidar uma “frente conservadora” na política. Tendo a campanha de Barry Goldwater como marco, observamos como a “união” deu-se a partir da promoção de três princípios: 1) a defesa do livre mercado; 2) a defesa dos valores religiosos (cristãos); e 3) o anticomunismo. O objetivo aqui é remontar a rede de conexões entre empresários, institutos de pesquisa, acadêmicos e

⁵⁸³ OLIVER, J. Eric; WOOD, Thomas J. Conspiracy Theories and the Paranoid Style(s) of Mass Opinion. *American Journal of Political Science*, Vol. 58, nº 4, October, 2014, p. 964.

políticos para ilustrar como a retórica conservadora modelou-se em cima de uma visão de mundo conspiratória.

3.1.1 Os bazares de ideias: o anti-intelectualismo e o combustível para think tanks conservadores

Conforme aponta Hofstadter, Adlai Stevenson foi vítima de ataques anti-intelectuais por parte da direita nas eleições de 1952. Segundo o autor, o candidato democrata à presidência tinha um apelo de “herói trágico”, que gerou um contraste com a postura do governo de Harry Truman (1945 – 1943), devido ao “estilo letrado” de Stevenson.⁵⁸⁴ Em seu discurso de aceitação pela nomeação, o candidato democrata afirmou:

Aceito sua indicação e seu programa. Eu teria preferido ouvir essas palavras proferidas por um homem mais forte, mais sábio e melhor do que eu. Mas depois de ouvir o discurso do presidente, até me sinto melhor comigo mesmo. [...] Eu pedi ao Pai Misericordioso - o Pai de todos nós - para deixar este cálice passar de mim, mas de tal responsabilidade tão temida não se tem medo, interesse próprio ou em falsa humildade. Então, “se este cálice não passar de mim”, eu – “se eu não o beber, seja feita a Tua vontade”. [...] homens melhores do que eu estavam à mão para esta poderosa tarefa, e devo a vocês e a eles todos os recursos de mente e força que possuo para tornar seu ato hoje bom para nosso país e para nosso partido. [...] Nossos problemas estão todos à nossa frente. Alguns nos chamarão de apaziguadores; outros dirão que somos o partido da guerra. Alguns dirão que somos reacionários; outros dirão que defendemos o socialismo. Haverá inevitável - os gritos inevitáveis de “jogue os patifes fora”, “é hora de mudar”, e assim por diante. [...] Espero e rezo para que nós, democratas, ganhando ou perdendo, possamos fazer campanha não como uma cruzada para exterminar o partido adversário, como nossos oponentes parecem preferir, mas como uma grande oportunidade para educar e elevar um povo cujo destino é Liderança. [...] As pessoas são sábias, mais sábias do que os republicanos pensam. E o Partido Democrata é o Partido do Povo – não o Partido dos Trabalhadores, nem o Partido dos Agricultores, nem o Partido dos Empregadores – é o Partido de ninguém porque é o Partido de todos.⁵⁸⁵

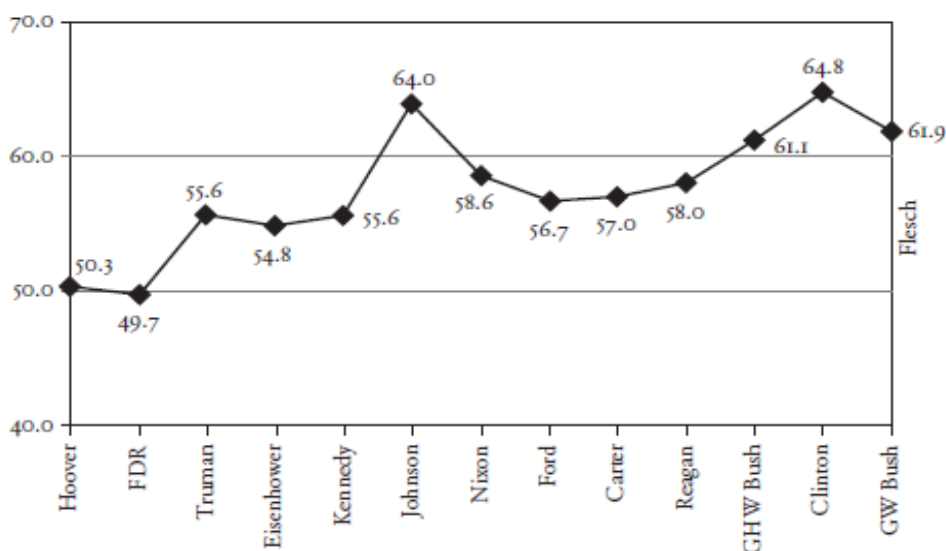
Submetendo os discursos de aceitação de indicação de Stevenson e de Eisenhower ao *Flesch Kincaid Grade Level* e *Flesch Kincaid Reading Ease*, verificamos que o discurso de

⁵⁸⁴ HOFSTADTER, Richard. *Anti-intellectualism in American Life*. Vintage, 1963, p. 202.

⁵⁸⁵ STEVENSON, Adlai. *Speech Accepting the Democratic Presidential Nomination*, 26 July 1952 Chicago, Disponível em: <<https://www.americanrhetoric.com/speeches/adlaistevenson1952dnc.html>> Acesso em: 10 out 2022.

Stevenson apresenta-se ligeiramente mais complexo, contendo 75 sentenças; 1.757 palavras; 186 palavras complexas numa média de 23,43 palavras por sentença. O discurso de Eisenhower, por sua vez, contou com 51 sentenças em 1.121 palavras; 128 palavras complexas, numa média de 21,98 palavras por sentença. Considerando o *Gunning Fog Score*, ambos foram considerados “difíceis de ler”, tendo o de Stevenson marcado 13 pontos e o de Eisenhower, 12,5⁵⁸⁶. Em suma, o discurso do candidato democrata atingiu uma média de 61.8 no *Flesch*, estando no nível de entendimento de um jovem de 16 a 17 anos; o do candidato republicano atingiu 51.9, estando no nível de um jovem de 15 a 16.

Submetendo os discursos (falados e escritos) dos presidentes desde Hoover (1929 – 1933) até Bush (2001 – 2009) aos mesmos testes, Elvin Lim elaborou uma tabela demonstrando como o discurso presidencial simplificou-se com o tempo. De acordo com Lim, em um espaço de menos de oitenta anos, “a legibilidade da retórica presidencial se transformou do nível universitário para o nível da oitava série”.⁵⁸⁷



⁵⁸⁶ O *Gunning fog Score* (ou índice Gunning fog) é um teste de legibilidade para a escrita em inglês que estima os anos de educação formal de que um indivíduo precisa para compreender o texto na primeira leitura. O teste considera o número de palavras complexas por sentença (considerando palavra complexa aquelas que contêm três ou mais sílabas). É considerado um texto difícil aquele que atinge mais de 12 pontos.

⁵⁸⁷ LIM, Elvin T. *The anti-intellectual presidency: The decline of presidential rhetoric from George Washington to George W. Bush*. Oxford University Press, 2008, p. 37.

Fonte: LIM, Elvin T. *The anti-intellectual presidency: The decline of presidential rhetoric from George Washington to George W. Bush*. Oxford University Press, 2008.

Nota-se uma diferença significativa entre Truman e o seu antecessor. No entanto, deve-se ressaltar, como aponta Lim, que a adoção de uma linguagem mais coloquial ou simples não implica, necessariamente, em uma atitude anti-intelectual. Estas foram propostas retóricas deliberadamente elaboradas, voltadas para um populismo. Conforme Lim, “Truman, por exemplo, buscava um toque ‘caseiro’ em seus discursos; Nixon pediu ‘linguagem dos caminheiros’; Reagan, pela ‘prosa muscular do dia a dia’; e a orientação constante de Clinton para seus redatores de discursos era ‘torná-lo mais falado’”.⁵⁸⁸ A crescente “coloquialidade” nos discursos oficiais estaria relacionada à própria mudança na propaganda política. Mudança essa questionada por Stevenson: “Espero e rezo para que nós, democratas, ganhando ou perdendo, possamos fazer campanha não como uma cruzada para exterminar o partido adversário, como nossos oponentes parecem preferir”.⁵⁸⁹

Stevenson havia sido testemunha de caráter para Alger Hiss, acusado, em 1946, de ser espião soviético na década de 1930, e de perjúrio em 1950, fornecendo munição aos adversários políticos para associá-lo ao “comunismo radical”. Além disso, o apoio que o democrata recebia das universidades era visto com desconfiança. O *Chicago Tribune* estampou em suas páginas: “Harvard diz a Indiana como votar”. A matéria insinuava que Stevenson estava sendo controlado por Arthur M. Schlesinger Jr (historiador de Harvard que servia de redator de discursos e conselheiro para o candidato democrata).⁵⁹⁰ O *New York Daily News*, por sua vez, respondeu ao manifesto assinado por professora da Universidade de Colúmbia – que elogiava Stevenson e criticava Eisenhower – definindo os professores como “*Pinkos*”. Como colocado por Hofstadter

Um jornal do meio-oeste observou com mais calma que a oposição dos estudantes e professores de Columbia trabalharia a favor de Eisenhower porque todos sabiam que os universitários “tiveram suas mentes infiltradas com fortes ideias socialistas de esquerda, bem como com lealdades comunistas definitivas”. Tal apoio apenas amaldiçoou Stevenson. “Stevenson, o intelectual, deve compartilhar os pontos de vista de seus conselheiros ou não os teria selecionado. Um voto para Eisenhower, o americano comum, é um voto para a democracia”⁵⁹¹.

⁵⁸⁸ Ibid., p.47.

⁵⁸⁹ STEVENSON. Adlai. *Op. Cit.*, 1952.

⁵⁹⁰ HOFSTADTER, Richard. *Op. Cit.*, 1963, p. 206

⁵⁹¹ Ibid., p. 207.

Assim, os intelectuais “abraçaram Stevenson com uma prontidão e uma unanimidade que parecia sem paralelo na história americana”.⁵⁹² No entanto, a Guerra da Coreia (1950 – 1953), a paranoia comunista – que advogava a existência de comunistas infiltrados no governo federal – e as propagandas da direita que associavam os intelectuais, acadêmicos e cientistas com o comunismo, penderam a eleição para Eisenhower. Contudo, apesar do presente anti-intelectualismo na postura do presidente, em 1954, em um encontro com republicanos na Califórnia, chegou a afirmar: “Ouvi uma definição de intelectual que achei muito interessante: um homem que usa mais palavras do que o necessário para dizer mais do que sabe”⁵⁹³.

Dessa forma, pesquisadores e professores foram desacreditados não necessariamente por suas posturas ou ações, tão pouco por suas produções (Capital Científico Puro), mas pelo simples fato de possuírem algum grau de Capital Científico Institucionalizado. No entanto, esse “anti-intelectualismo” promovido pelo anticomunismo não tinha a ciência em si como alvo, mas as instituições que seriam “tomadas por comunistas”. Conforme Hofstadter, o governo Eisenhower, fez “uso estratégico considerável de especialistas; e os líderes republicanos também mostraram interesse no que chamaram de ‘utilização’ de acadêmicos amigáveis”⁵⁹⁴. Foi nesse contexto que os principais think tanks conservadores começaram a se tornar personagens políticos.

Até aqui, tratamos de “conservadores”, “novos conservadores”, “opositores do New Deal” e mesmo “ala liberal dos republicanos”, para ilustrar os grupos que, de algum modo, apresentavam-se no espectro político à direita, defendendo um conservadorismo econômico político e social (opondo-se, especialmente, ao New Deal), além de um anticomunismo exacerbado. No entanto, essas vozes não necessariamente eram uníssonas. Isso se deu, principalmente, pelo fato de que os movimentos conservadores desenvolvidos em resposta às políticas liberais dos anos 1930 agruparam-se em três grandes grupos: os libertários, os tradicionalistas e os anticomunistas intervencionistas⁵⁹⁵. Até os anos 1950, faltava-lhes uma

⁵⁹² Ibid., p. 203.

⁵⁹³ EISENHOWER. Dwight D. *Remarks at the Breakfast in Los Angeles* Given by Republican Groups of Southern California. September 24, 1954. Disponível em <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-breakfast-los-angeles-given-republican-groups-southern-california>> . Acesso em: 10 out 2022

⁵⁹⁴ HOFSTADTER. Richard. *Op. Cit.*, 1963, p. 210.

⁵⁹⁵ VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. Revisitando os think tanks na ascensão do conservadorismo estadunidense: American Enterprise Institute e Heritage Foundation. *Perspectivas: Revista de*

“ideologia própria, ou mesmo uma ‘cola’ que as unisse e as fizesse mais identificáveis aos olhos da população e dos partidos políticos”⁵⁹⁶. E essa “cola” foi moldada a partir de três princípios: 1) aversão ao bem-estar social e ao poder do Estado sobre a economia; 2) retomada da moralidade e das tradições religiosas; e 3) combate ao comunismo.

Desde os anos 1930, os *think tanks* conservadores atuavam no primeiro princípio. Foi a partir dos anos 1950, contudo, que estas instituições efetivamente apresentaram-se como atores políticos, promovendo também os outros dois princípios. A já citada reformulação do *American Enterprise Association* (AEA), encabeçada por Marshall, Campbell e Baroody – que implementou a noção de “livre concorrência” na produção intelectual da instituição –, transformou o AEA não apenas em uma das instituições mais requisitadas por políticos de Washington (cerca de 85% do Senado e 73% da Câmara dos Representantes recebiam as análises legislativas da AEA),⁵⁹⁷ como reestruturou os cofres da instituição.

A visão de Baroody de que a hegemonia da esquerda nas universidades deveria ser combatida alinhou-se com as demandas políticas das eleições de 1953. Quando o conselho administrativo do AEA se reuniu, já em 1960, concordou-se em expandir o impacto dos estudos elaborados na instituição, enviando-os para “bibliotecas universitárias e mais pessoas do mundo jornalístico, professores de ciência política, economia e departamentos de ciências sociais afins de faculdades e universidades”⁵⁹⁸. Em 1962, o think tank foi renomeado para *American Enterprise Institute for Public Policy Research*, ou apenas *American Enterprise Institute* (AEI), como é conhecido até hoje.

Na mesma época, Campbell foi convidado para reformular outro tradicional think tank conservador, o *The Hoover Institution on War, Revolution, and Peace*. Em 1919, Herbert Hoover (ex-aluno de Stanford) doou 50 mil dólares à universidade para a construção de um projeto que coletasse e armazenasse documentos referentes a Primeira Guerra. Por quase quarenta anos, a *Hoover War Library* atuou como uma instância da Universidade de Stanford, exercendo um trabalho de curadoria. Poucas pesquisas foram desenvolvidas. Em 1920, com financiamento da *Rockefeller Foundation*, a biblioteca promoveu o primeiro estudo sistemático sobre a União Soviética. E aos finais de 1940 e início de 1950, com financiamento

Ciências Sociais, v. 54, 2019, p. 110-111.

⁵⁹⁶ Ibid., p. 12

⁵⁹⁷ STAHL, Jason. *Right moves: the conservative think tank in American political culture since 1945*. UNC Press Books, 2016, p. 31.

⁵⁹⁸ Ibid.

da *Carnegie Foundation*, fomentou pesquisas sobre revoluções e relações internacionais⁵⁹⁹. No entanto, ao final da década de 1950 houve uma mudança de orientação e organização da instituição. Sob influência do próprio Hoover, o status de biblioteca foi oficialmente redefinido e a *Hoover War Library* tornou-se *The Hoover Institution on War, Revolution, and Peace*, uma instituição de pesquisa independente, reportando diretamente ao conselho de administrativo de Stanford e não mais ao presidente da universidade. Essa mudança se deu para dar à instituição um caráter mais ativo. Na ocasião, Hoover declarou que era preciso “demonstrar os males da doutrina de Karl Marx – seja o comunismo, socialismo, materialismo econômico ou ateísmo – para proteger o meio de vida americano desse tipo de ideologia, suas conspirações, e para reafirmar a validade do sistema americano”⁶⁰⁰. Escolhido pessoalmente por Hebert Hoover, o nome de Campbell para liderar a reorganização do instituto foi sugerido por Raymond Moley, membro chave do Brain Trust de Roosevelt e um dos principais nomes da construção do New Deal⁶⁰¹.

Além disso, destaca-se ainda as criações da *Foundation for Economic Education* (FEE) e da *Mont Pelerin Society* (MPS). Fundada em 1946, dentre outros, por Leonard Read, Donaldson Brown (executivo e diretor corporativo da *DuPont* e da *General Motors Corporation*), Alfred Kohlberg (que depois veio a integrar também a *John Birch Society*), a FEE é considerada o primeiro *think tank* dedicado exclusivamente à promoção do livre mercado.

Os economistas Friedrich Hayek e Ludwig von Mises foram associados do FEE. Hayek chegou a definir a instituição como “a defesa de nossa civilização contra erro intelectual”⁶⁰². Por outro lado, diferente dos outros *think tanks* (que, por definição, procuravam promover suas ideias e influenciar as políticas), a *Mont Pelerin Society* foi idealizada por Hayek como uma “organização que servisse como um espaço de livre investigação intelectual, onde cientistas sociais e pensadores especialistas dedicados à ideia do livre mercado pudessem se reunir para discutir e refinar seu pensamento”⁶⁰³. Tendo nomes como os de Karl Popper,

⁵⁹⁹ SMITH, James. *The idea brokers: think tanks and the rise of the new policy elite*. New York: The Free Press, 1991, p. 158.

⁶⁰⁰ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991, p. 186.

⁶⁰¹ Ibid.

⁶⁰² HAYEK, Friedrich A. The Defense of Our Civilization Against Intellectual Error. *Freeman-new series-foundation for economic education*, vol. 54, 2004, p. 8-9.

⁶⁰³ PHILLIPS-FEIN. Kim. Business Conservatives and the Mont Pèlerin Society. In: MIROWSKI. Philip: *The Road from Mont Pèlerin*. Harvard University Press, 2009, p. 281.

Ludwig von Mises, Milton Friedman e já citado Friedrich Hayek entre seus fundadores, a sociedade trouxe em sua declaração de princípios o seguinte:

Os valores centrais da civilização estão em perigo. Em grandes extensões da superfície da Terra, as condições essenciais da dignidade humana e da liberdade já desapareceram. Em outros, estão sob constante ameaça pelo desenvolvimento das tendências atuais da política. [...] Mesmo aquele bem mais precioso do homem ocidental, a liberdade de pensamento e expressão, está ameaçado pela disseminação de credos que, reivindicando o privilégio da tolerância quando em posição de minoria, buscam apenas estabelecer uma posição de poder. [...] Sustenta ainda que eles foram fomentados por um declínio da crença na propriedade privada e no mercado competitivo; pois sem o poder e a iniciativa difusos associados a essas instituições é difícil imaginar uma sociedade em que a liberdade possa ser efetivamente preservada. [...] O grupo não aspira a fazer propaganda. Não procura estabelecer nenhuma ortodoxia meticulosa e dificultadora. Não se alinha com nenhum partido em particular. Seu objetivo é unicamente, facilitando a troca de pontos de vista entre mentes inspiradas por certos ideais e amplas concepções comuns, contribuir para a preservação e melhoria da sociedade livre.⁶⁰⁴

Embora a sociedade declarasse nenhum interesse em atuar politicamente ou de se associar a nenhum partido, como ressalta Phillips-Fein, “as linhas entre o conservadorismo empresarial e o mundo da vida intelectual não podem ser traçadas com tanta clareza”. Além das associações de Hayke e Mises com a FEE, e da relação de Friedman com o AEI (que passou a integrar o quadro de conselheiros acadêmicos a partir de 1956, após as reformas de Baroody)⁶⁰⁵, a primeira reunião do MPS nos Estados Unidos foi promovida quase que por esforço único de Jasper Crane, ex-executivo da *DuPont Company*, na arrecadação de recursos⁶⁰⁶. Além disso, foi devido às influências de John Van Sickle e da *Rockefeller Foundation* que Mises se estalou nos Estados Unidos.

A vida começou a melhorar para Mises quando sua antiga conexão com John Van Sickle e a Fundação Rockefeller levou a uma pequena doação anual via *National Bureau of Economic Research*, uma doação que começou em janeiro de 1941 e foi renovada até 1944. Dessas doações surgiram duas obras importantes, os primeiros livros de Mises escritos em inglês, ambos publicados pela *Yale University Press*.⁶⁰⁷

⁶⁰⁴ THE MONT PELERIN SOCIETY. *Statement of Aims*. Disponível em: <<https://www.montpelerin.org/event/429dba23-fc64-4838-aea3-b847011022a4/websitePage:6950c74b-5d9b-41cc-8da1-3e1991c14ac5>>. Acesso: 10 out 2022.

⁶⁰⁵ BOWMAN. Karlyn. *Milton Friedman and AEI*. AEIdeas. July 31, 2012. Disponível em: <<https://www.aei.org/society-and-culture/free-enterprise/milton-friedman-and-aei/>>. Acesso em: 10 out 2022.

⁶⁰⁶ PHILLIPS-FEIN. Kim. *Op. Cit.*, 2009, p. 282.

⁶⁰⁷ ROTHBARD, Murray Newton. *Ludwig von Mises: Scholar, creator, hero*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1988, p. 46

Como ressalva Phillips-Fein, apontar os relacionamentos entre os empresários e as organizações e intelectuais do livre mercado dos anos 1950 não implica afirmar que as ideias e publicações de Mises, Hayke ou Friedman foram diretamente influenciadas pelo financiamento de homens como Crane ou Rockefeller. No entanto, demonstra como os empresários conservadores dos Estados Unidos viam o desenvolvimento e popularização de uma filosofia do livre mercado com interesse⁶⁰⁸.

A primeira tentativa dos opositores do New Deal em estabelecer uma organização política a favor do livre mercado, a *American Liberty League* (em 1934), havia falhado em evitar a reeleição de Roosevelt em 1936, justamente por não conseguir atrair apoio popular e intelectual. Como observa Phillips-Fein, “os jornalistas a retrataram como uma organização dominada por poucas pessoas muito ricas, lutando para proteger seus interesses de classe”⁶⁰⁹. Mas, ao associar a promoção do livre mercado ao anticomunismo e aos valores tradicionais religiosos, criou-se um embate no qual um dos lados representava um governo totalitário, associados a uma concentração de poder estatal e ateia; e o outro representava um governo democrático, de estado mínimo, defensor das liberdades individuais, do livre mercado e da religião cristã⁶¹⁰.

Como demonstra George Nash, os anos do pós-guerra aninharam nos Estados Unidos o reavivamento da fé. Em 1940, menos de 50% da população era membro de alguma igreja; em 1955, esse número já havia subido para 60%⁶¹¹. Assim, a presença da religião impactou fortemente na formação das organizações políticas estadunidenses. A “identidade nacional” e a noção de “excepcionalismo americano” estiveram fundamentadas numa percepção puritana do mundo. Por muito tempo, essa forma de pensar legitimou as disputas políticas, apontando um inimigo ou um dever contra o “mal no mundo”. As referências religiosas eram abordadas metaforicamente ou alegoricamente, fazendo associações com a própria história estadunidense. No entanto, ao final da Segunda Guerra Mundial, a noção de “mal no mundo” tornou-se mais evidente e as referências menos anedóticas. O presidente Eisenhower abriu seu discurso inaugural de 1953 realizando uma oração e afirmando que “as forças do bem e do

⁶⁰⁸ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2009, p. 282.

⁶⁰⁹ Ibid.

⁶¹⁰ VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. *Op. Cit.*, 2019, p.1123.

⁶¹¹ NASH, George H. *The conservative intellectual movement in America since 1945*. Open Road Media, 2014, p. 66.

mal estão reunidas, armadas e opostas como raramente antes na história”⁶¹². Alguns anos antes William Buckley Jr havia declarado: “Eu mesmo acredito que o duelo entre cristianismo e ateísmo é o mais importante do mundo”⁶¹³.

Os opositores do New Deal e os novos conservadores abraçaram esse revivalismo religiosos. Distanciando-se de um “evangelho social” ou “puritanismo liberal”⁶¹⁴, aproximaram-se de uma ortodoxia cristã quase católica, dando ênfase em fatores morais e comportamentais em “respeito pelo cavalheirismo [...] encorajado uma visão mais positiva da Idade Média”⁶¹⁵. Revivendo, inclusive, teorias e filosofias políticas antigas e clássicas. Leo Strauss foi um dos grandes nomes dessa corrente. Strauss – membro da *Rockefeller Foundation* desde 1932 e, na época, professor da Universidade de Chicago – argumentava que a filosofia política antiga se fundamentava “na lei natural racional e enfatizado os deveres do homem”⁶¹⁶, e mostrava-se profundamente preocupada com a “virtude”, buscando a “verdade” sem medo de fazer julgamentos de valor. Por outro lado, a filosofia política moderna estaria preocupada demais com o “individualismo” e apresentaria pouca convicção na “busca pela verdade”, argumentando que a verdade universal nem mesmo existiria. Em tese, a abordagem de Strauss criticava o relativismo e advogava por uma adoção metodológica mais positivista para a investigação científica na ciência política, mas, na prática, promoveu uma descrença no método científico. William Buckley Jr., por exemplo, disse que “Strauss ensinou duas lições indispensáveis: que havia uma relação entre o senso comum e a lei natural, e que as ‘abordagens científicas da epistemologia’ eram ‘terrivelmente enganosas’”⁶¹⁷. Irving Kristol, na época editor da revista *Encounter*, chegou em conclusões semelhantes, conforme colocado em seu ensaio sobre a visão política de Maquiavel de 1954 que:

De ciência ou método científico, ele [Maquiavel] não sabia nada. O que ele tinha era intuição, não do método científico, mas da realidade humana como ela apareceria se fosse simplesmente um objeto do método científico. É uma visão intuitiva que nunca foi superada por sua clareza, nem mesmo por nossa “ciência política”, que não tem a coragem de seus princípios e cerimoniosamente marca o tempo sempre que seu

⁶¹² EISENHOWER, Dwight D. *First Inaugural Address*. January 20, 1953. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-1953-first-inaugural-address>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶¹³ NASH. George. *Op. Cit.*, 2014, p. 67.

⁶¹⁴ Ibid., p. 67

⁶¹⁵ Ibid.

⁶¹⁶ Ibid., p. 68.

⁶¹⁷ Ibid., p. 67.

método ameaça aproximá-la daquela terra de ninguém em que não há “dever”, exceto o que “é”⁶¹⁸.

Em 1955, Walter Lippman também contribuiu com o seu ensaio *Essays in the Public Philosophy*, no qual argumenta que para evitar as ameaças “demoníacas” como o hitlerismo e o leninismo, as instituições deveriam ser fortalecidas por um renascimento da “lei natural – a ‘filosofia pública’ ou filosofia da civilidade”⁶¹⁹. Mesmo a *Mont Pelerin Society* foi originalmente idealizada com o nome de *Acton-Toqueville Society* em homenagem a John Dalberg-Acton e Alexis de Tocqueville.⁶²⁰

As motivações de Jasper Crane para levar a MPS para os Estados Unidos também possuía suas raízes na religião. Crane, junto de Howard Pew (presidente da *Sun Oil*) assumiu no início dos anos 1940 uma posição de liderança no Conselho Nacional das Igrejas, uma organização que se dedicava a “recuperar o controle da igreja protestantes da esquerda”. Como colocado por Phillips-Fein:

Crane escreveu a um amigo em 1945, ele ficou profundamente impressionado com a ideia de outro amigo de que “o cristianismo fez pouco progresso até que no segundo século teve os escritos do Novo Testamento; O comunismo não chegou a lugar nenhum até que Marx escreveu *Das Kapital* (lida por muito poucas pessoas no início, mas gradualmente ganhando enorme influência); O nacional-socialismo precisava do *Mein Kampf* para ser eficaz.” Crane estava procurando, como ele disse, o “Novo Testamento do capitalismo”, a “Bíblia” da livre iniciativa⁶²¹.

Por fim, a promoção do livre mercado e a defesa dos valores religiosos (cristãos) tradicionais alinharam-se com a promoção do anticomunismo, iniciado no governo Roosevelt, e inflamado nos anos 1950 pelo macarthismo.

Em 1953, a *Special House Committee on Un-American Activities* (HUAC) voltou-se para o ensino superior. Conforme Schrecker, o primeiro alvo do comitê foi Harvard, pois o seu “prestígio garantia publicidade”⁶²². Além disso, a quantidade de pessoas da universidade que passaram pelo Partido Comunista nos anos 1930 e 40 garantiam um bom número de

⁶¹⁸ KRISTOL, Irving. Niccolò Machiavelli. in: KRISTOL, Irving. *The Neoconservative persuasion: selected essays*, 1942-2009. Hachette UK, 2011, p. 35.

⁶¹⁹ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 69.

⁶²⁰ THE MONT PELERIN SOCIETY. *Statement of Aims*. Disponível em: <<https://www.montpelerin.org/event/429dba23-fc64-4838-aea3-b847011022a4/websitePage:6950c74b-5d9b-41cc-8da1-3e1991c14ac5>>. Acesso: 10 out. 2022.

⁶²¹ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2009, p. 285.

⁶²² SCHRECKER, Ellen W. *No Ivory Tower: McCarthyism and the universities*. Oxford University Press, 200 Madison Avenue, New York, NY 10016, 1986, p. 194.

testemunhas em potencial para encontrar “comunistas radicais”. No entanto, muitos desses eram, na época, jovens estudiosos que agora buscavam apenas construir suas carreiras. As investidas do comitê tornavam-se um estorvo para a comunidade acadêmica.

Em Harvard, o comitê encontrou pouca resistência⁶²³. Foi em Michigan que a caça aos comunistas fez mais ataques às liberdades acadêmicas. A universidade estava ciente de que seria alvo. Semanas antes da HUAC iniciar suas investigações em Harvard, um jornal de Detroit estampou que a Universidade do Michigan estava na mira do Comitê. O presidente da universidade, Harlan Hatcher, enviou um telegrama ao Comitê assegurando que a universidade estaria à disposição para cooperar. O comunicado foi repassado aos funcionários, mas três professores se dispuseram a enfrentar o comitê: Chandler Davis, Clemente Markert e Mark Nickerson⁶²⁴. Os dois últimos basearam suas defesas na quinta emenda da constituição⁶²⁵, enquanto Davis baseou-se na primeira⁶²⁶. Segundo o próprio Nickerson, a adoção de uma defesa na quinta emenda nublaria a questão principal da acusação, enquanto uma defesa na primeira (baseada no direito de livre expressão), embora mais adequada, levaria a um processo mais longo⁶²⁷. A investigação resumiu-se em dois princípios: a filiação do acadêmico ao Partido Comunista e a disposição em responder perguntas sobre a filiação. Conforme Scherck, os investigadores compartilhavam a visão “então padrão do Partido Comunista como uma conspiração cujos membros estavam completamente sob a disciplina do Partido”⁶²⁸. Os três professores desafiaram essa crença e negaram qualquer intenção em derrubar o governo. Markert foi desligado da universidade, proibido de lecionar, sendo readmitido poucos anos depois. Nickerson foi despedido sob a alegação de que “ainda era um ‘comunista em espírito’”⁶²⁹. Por fim, Davis foi preso, passando seis meses em cárcere.

⁶²³ Ibid.

⁶²⁴ Ibid., p. 219.

⁶²⁵ Nenhuma pessoa poderá responder por um crime capital, ou outro crime infame, a menos que em uma apresentação ou acusação de um Grande Júri, exceto em casos surgidos nas forças terrestres ou navais, ou na milícia, quando em serviço real a tempo de Guerra ou perigo público; nem qualquer pessoa estará sujeita à mesma ofensa e por duas vezes com risco de vida ou integridade física; nem será obrigado em qualquer processo criminal a ser testemunha contra si mesmo, nem ser privado da vida, da liberdade ou dos bens, sem o devido processo legal; nem a propriedade privada será levada ao uso público, sem justa compensação.

⁶²⁶ O congresso não deverá fazer qualquer lei a respeito de um estabelecimento de religião, ou proibir o seu livre exercício; ou restringindo a liberdade de expressão, ou da imprensa; ou o direito das pessoas de se reunirem pacificamente, e de fazerem pedidos ao governo para que sejam feitas reparações de queixas.

⁶²⁷ SCHRECKER, Ellen. *Op. Cit.* 1986, p. 222.

⁶²⁸ Ibid.

⁶²⁹ Ibid., p. 228.

Mas a suposta hegemonia da esquerda nas universidades, além de promover a caça às bruxas vermelhas, movimentou a classe empresarial que financiava as instituições e fomentou a formação de novos think tanks. A *John Olin Foudation* foi fundada em 1953 por John Olin (presidente da *Olin Industries*), reproduzindo a noção do “evangelho da riqueza”, direcionando a maior parte de suas doações a hospitais, museus e outras instituições⁶³⁰. No entanto, ao final da década de 1950, o anti-intelectualismo da caça aos comunistas introduziu a *John Olin Foundation* na rede de “contrainteligência” conservadora. Estima-se que, entre 1958 e 1966, a instituição serviu como banco para a Agência de Inteligência Central (CIA), lavando cerca de 1,95 milhão de dólares em publicações anticomunistas⁶³¹. Em 1967, a relação entre a agência e a instituição veio a público, levando a CIA a desistir oficialmente do programa.

No entanto, a instituição que melhor exemplifica a adoção de uma visão de mundo conspiratória e anti-intelectual nas instituições conservadores dos anos 1950 é a *John Birch Society* (JBS).

Segundo Michael H. Carriere, em dezembro de 1958, após uma palestra para onze empresários do estado de Indiana, Robert Welch fundou a *John Birch Society*. Welch, ex-fabricante de doces, demonstrou seu descontentamento com a liderança republicana moderada (o mesmo movimento que orientou a reformulação do AEA, para o descontentamento dos partidários mais conservadores, como apontado anteriormente). Welch passou expressar a crença de que havia uma “conspiração comunista” ameaçando derrubar o capitalismo e a orientar suas críticas não apenas contra democratas e liberais, mais também contra conservadores famosos como William F. Buckley Jr. A Sociedade recém-criada para expor essa conspiração recebeu o nome de um capitão estadunidense morto por chineses no final da Segunda Guerra, tomado por Welch como a “primeira vítima” da Guerra Fria⁶³². Portanto, conforme Chip Berlet e Matthew Lyon, a *John Birch* esteve diretamente relacionada à tradição empresarial anti *New Deal*, fazendo uma oposição ao internacionalismo, ao imposto de renda e às políticas de bem-estar social. Ainda em 1959, promoveu a campanha “*Get us out*

⁶³⁰ MAYER, Jane. *Dark money: the hidden history of the billionaires behind the rise of the radical right*. New York: Anchor Bokks, 2017, p. 94.

⁶³¹ Ibid., p. 125.

⁶³² CARRIERE, Michael H. John Birch Society. in: KNIGHT, Peter (Ed.). *Conspiracy theories in American history: an encyclopedia*. Abc-clio, 2003, p. 373.

of UN”, alegando que o real objetivo da formação das Nações Unidas era formular um “governo mundial”⁶³³.

A sociedade ganhou notoriedade nos anos seguintes. Ao início dos anos 1960, a JBS somava 1.500 membros; em setembro do mesmo ano eram mais de 6.000⁶³⁴; já em 1962 contava com 60.000 membros e 1,5 milhão de dólares em receita⁶³⁵. Vale ressaltar ainda que ao longo dos anos 1960, Welch foi membro do Conselho Administrativo do FEE⁶³⁶.

A visão de mundo conspiratória professada pela JBS demonstra como o pensamento jeremiada colonial foi projetado no mundo político, especialmente no conservadorismo. Conforme Carriere:

Para Welch e seus seguidores, os Estados Unidos estavam travando uma batalha perdida contra essa conspiração global. Se os Estados Unidos eram de fato a nação mais forte do planeta, mas seus líderes não conseguiram conter a disseminação do comunismo, então esses mesmos líderes devem estar consciente ou inconscientemente em conluio com os comunistas⁶³⁷.

No entanto, na mesma medida em que o conservadorismo, na promoção do livre mercado e do anticomunismo, saía das salas de reuniões dos empresários e entrava na academia e nas igrejas, ele se fragmentava e gerava contendas entre seus apoiadores. A escritora Ayn Rand, autora das obras *A Nascente* e *A Revolta de Atlas*, escreveu a Leonard Read (fundador do FEE) em 1946: “Considero você o único homem em meu conhecimento que tem a capacidade de traduzir ideias abstratas em ação prática e se tornar um grande executor de grandes princípios”⁶³⁸. Apoiadora do FEE em seu início, Rand rompeu com a instituição por alegar que esta falhava em combater o “coletivismo”, isto é, “a ideia de que as pessoas deveriam se dedicar a uma ideia de ‘bem comum’, que elas eram obrigadas a ajudar os pobres e os menos afortunados”⁶³⁹. Rand passou a promover um forte repúdio a qualquer reivindicação ética fora dos interesses próprios e individuais. Tal filosofia repugnou conservadores tradicionais como William Buckley Jr e Whittaker Chambers. Este último

⁶³³ BERLET, Chip; LYONS, Matthew N. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. Guilford Publications, 2018, p. 238.

⁶³⁴ Ibid.

⁶³⁵ CARRIERE, Michael. *Op. Cit.*, 2003, p. 274.

⁶³⁶ MAYER, Jane. *Op. Cit.*, 2017, p. 44.

⁶³⁷ CARRIERE, Michael. *Op. Cit.*, 2003, p. 273.

⁶³⁸ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Invisible hands: The Businessmen's crusade against the new Deal*. WW Norton & Company, 2010, p. 72.

⁶³⁹ Ibid., p. 73

acusou o trabalho de Rand de ser “estridente e dogmático”, argumentando que um “renascimento dos valores religiosos precisava estar no cerne de qualquer conservadorismo verdadeiro”⁶⁴⁰.

Havia, portanto, uma cisão no projeto. Por um lado, os defensores do livre mercado (como Hayek, Mises e Rand) defendiam o Estado mínimo em todos os sentidos, não apenas no seu aspecto econômico. Por outro, para os conservadores de origem religiosa (como Buckley ou Crane), o Estado deveria ser mínimo para uma liberdade na área econômica, mas forte o suficiente para zelar pelos valores morais⁶⁴¹.

A união dessas vertentes veio pelos trabalhos de Buckley e Frank Meyer, através da *National Review*. Reconhecida como a mais influente revista política da segunda metade do século XX, a *National Review* foi fundada em 1955, agregando diferentes vertentes do conservadorismo. Muitos dos colaboradores da revista eram defensores de abordagens variadas (libertarianismo, anti-estadismo, liberalismo clássico, anti-comunismo, etc.). Buckley, como editor, gastou quantidades extraordinárias de energia pessoal mediando entre as muitas pessoas de extremos humores e ideologias que ocupavam as cadeiras editoriais de seu jornal⁶⁴². Essa gama de propostas diferentes criou um “composto instável” das três vertentes do conservadorismo⁶⁴³.

O fusionismo foi desenvolvido a partir do entendimento de que a liberdade individual e a preocupação com a moralidade e a religião não eram antagônicas, mas complementares. De acordo com Vidal e Wietchikoski:

O fusionismo é um produto de determinados indivíduos que conscientemente forçavam uma identificação entre as vertentes libertária, tradicionalista e anticomunista do conservadorismo e as legitimava por intermédio de artifícios vários, seja por meio de artigos e de debates publicados, seja pela construção e divulgação da NR. A importância dessa revista não pode ser menosprezada. Ao articular as diferentes vertentes do movimento conservador, ela contribuiu para a própria definição dessa ideologia⁶⁴⁴.

⁶⁴⁰ Ibid., p. 74

⁶⁴¹ VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. *Op. Cit.*, 2019, p. 1114.

⁶⁴² SIVEK, Susan Currie. Editing conservatism: How National Review magazine framed and mobilized a political movement. *Mass Communication and Society*, v. 11, n. 3, 2008, p. 251.

⁶⁴³ Ibid.

⁶⁴⁴ VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. *Op. Cit.*, 2019, p.1115.

De acordo com Nash, três fatores contribuíram para o sucesso do fusionismo. Primeiro, havia a demanda por uma base de princípios coesa na qual acreditar. E, embora discordassem em alguns pontos, “talvez eles estivessem cansados de brigas entre facções; mais provavelmente eles estavam cada vez mais conscientes da necessidade de evitar o anti-estatismo quixotesco ou o autoritarismo rabugento”⁶⁴⁵. Segundo, ao tentar harmonizar as vertentes do conservadorismo, o fusionismo contou com o auxílio do anticomunismo. Por fim, em terceiro, quando se distanciaram das disputas teóricas, “muitas vezes descobriam que não era tão difícil identificar o que eles representavam, afinal”⁶⁴⁶. Assim, a fusão não teria sido uma realização de um grupo em específico, mas sim o reconhecimento de que o “conservadorismo era ‘uma casa de muitas moradas’”⁶⁴⁷.

Os campi universitários também presenciaram o levante conservador. Medford Stanton Evans, na época editor da *Yale Daily News* (tradicional jornal da universidade que teve Buckley como editor nos anos 1950), que pouco depois veio a integrar a *National Review*, relatou:

De repente, pesquisas presidenciais nos campi americanos mostraram que os estudantes se inclinavam fortemente para os republicanos. No Big Ten, o vice-presidente Nixon muitas vezes conseguiu maiorias de dois para um sobre o senador Kennedy. Mesmo em Michigan, um estado pró-Kennedy, Nixon carregou os votos dos colegiais. Na Virgínia, Nixon liderou quase todas as pesquisas do campus, compilando uma maioria de 259-86⁶⁴⁸.

Ainda em 1960, a *Young Americans for Freedom* (YAF) foi formada por Buckley para “dar aos jovens uma voz conservadora independente e um meio de organização para a ação política”⁶⁴⁹. A esquerda reagiu com uma crescente de publicações sobre o conservadorismo, a “direita radical”, a *John Birch Society* e o senador Goldwater.⁶⁵⁰ Na mesma época, a *League for Industrial Democracy* (LID) – organização estudantil de esquerda reformulada a partir da *Intercollegiate Socialist Society*, fundada em 1905, tendo entre seus fundadores um jovem Walter Lippman – reformulou-se novamente, tornando-se a *Students for a Democratic Society*

⁶⁴⁵ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 69.

⁶⁴⁶ *Ibid.*, p. 172.

⁶⁴⁷ Referência a passagem bíblica João 14: 2-6: “In my Father's house are many mansions: if it were not so, I would have told you. I go to prepare a place for you.” No português: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar” *Ibid.* p. 173.

⁶⁴⁸ EVANS, Medford Stanton. *Revolt on the Campus*. Greenwood Press, 1961, p. 35.

⁶⁴⁹ WATERS, Robert. *Young Americans for Freedom*. in: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *American Conservatism: an Encyclopedia*. Open Road Media, 2014, p. 1096.

⁶⁵⁰ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 69 e 174.

(SDS). Nas palavras de Aryeh Neier, líder da organização na época: “‘Liga Estudantil para a Democracia Industrial’ parecia o que era: uma sobra de uma era anterior”⁶⁵¹.

A YAF encontrou seu apoio entre os estudantes universitários, mas também sofreu com as diferentes correntes do conservadorismo. O controle pela organização esteve em disputa entre apoiadores de Nelson Rockefeller (governador de Nova York e defensor de um “republicanismo liberal”), fusionistas (como o próprio Buckley, fundador) e membros da *John Birch Society* (de aspecto mais conspiratório). Por fim, “os conservadores ao estilo da *National Review* venceram, empurrando sua marca de ‘fusão’” e a “liderança acabou expurgando os Birchers em 1965, temendo que seu extremismo destruísse a eficácia do grupo”⁶⁵². No centro dessa disputa, Evans observou que o conservadorismo nos campi, longe de ser uma revolta de geração, representava o surgimento de uma geração que, fiel à crença de seus pais, desafiava o “clima liberal predominante”⁶⁵³.

Mas o aparente sucesso do fusionismo em agregar e popularizar o conservadorismo não significou necessariamente um ganho de poder político para esse grupo. Este aspecto só foi alcançado ao longo da década de 1960, em especial ao ganhar proeminência no Partido Republicano com a nomeação de Barry Goldwater para concorrer à presidência em 1964⁶⁵⁴.

Por recomendação de Robert Welch (JBS), Goldwater, senador pelo estado do Arizona (de 1953/1965 e depois de 1967/1987), publicou, em 1960, o livro *The Conscience of a Conservative*. Com 125 páginas, o tratado político de Goldwater vendeu 85.000 cópias em seu primeiro mês. Três meses depois entrou para a lista de best-sellers do *New York Times*, chegando a vender mais de 3 milhões de exemplares e tornando-se uma das obras políticas mais populares da década de 1960. O livro foi escrito por Leo Brent Bozell (jornalista formado em Yale e cunhado de Buckley) em regime de *ghostwriting*. Bozell serviu como redator de discursos para Goldwater na década de 1950 e era, ele mesmo, um conservador⁶⁵⁵. Na obra, lê-se:

“Nós, liberais” [esquerda], dizem eles, “estamos interessados nas pessoas. Nossa preocupação é com os seres humanos, enquanto vocês, conservadores, estão

⁶⁵¹ NEIER, Aryeh. *Taking liberties: four decades in the struggle for rights*. PublicAffairs, 2003, p. XX.

⁶⁵² WATERS, Robert. *Op. Cit.*, 2014, p. 1098.

⁶⁵³ NASH, George. *Op. Cit.* 2014, p. 69 e 175.

⁶⁵⁴ VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. *Op. Cit.*, 2019, p. 1116.

⁶⁵⁵ LEE, Edward. *Conscience of a Conservative*. In: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 232.

preocupados com a preservação de privilégios econômicos e status”. Dê um passo adiante e os liberais transformarão as acusações em um argumento de classe: são as pessoas pequenas que nos preocupam, não os “malfeitores da grande riqueza”. [...] O conservadorismo não é uma teoria econômica, embora tenha implicações econômicas. O sapato está precisamente no outro pé: é o socialismo que subordina todas as outras considerações ao bem-estar material do homem. É o conservadorismo que coloca as coisas materiais em seu devido lugar – que tem uma visão estruturada do ser humano e da sociedade humana, na qual a economia desempenha apenas um papel subsidiário. A diferença fundamental entre os conservadores e os liberais de hoje é que os conservadores levam em conta o homem como um todo, enquanto os liberais tendem a olhar apenas para o lado material da natureza do homem. O conservador acredita que o homem é, em parte, uma criatura econômica, animal; mas que ele também é uma criatura espiritual com necessidades espirituais e desejos espirituais. [...] O bem mais sagrado do homem é sua alma individual – que tem um lado imortal, mas também mortal.⁶⁵⁶

A obra de Goldwater (ou de Bozell) exemplifica como a junção dos três princípios deu ao conservadorismo não apenas uma autoridade intelectual (ao integrar acadêmicos e pesquisadores da economia para repensar alternativas para as políticas dos subsequentes governos democratas), mas também revestiu essas políticas de uma autoridade moral religiosa. Tudo amarrado pelo anticomunismo e pela defesa da propriedade do indivíduo (material e espiritual).

A popularidade de Goldwater o colocou nos holofotes. Ainda em 1961, Frederick Clifton White e William Rusher (o primeiro, consultor político especializado em organizar empresários e o segundo editor da *National Review*) reuniram-se em Nova York e deram início a um plano para a indicação republicana para 1964, a proposta era de indicar um “verdadeiro conservador”. O nome de Goldwater foi bem-aceito entre os “homens de negócios”. John William Middendorf, na época um banqueiro de investimentos, escreveu ao candidato afirmando que o apoio ficava cada vez mais forte, mesmo em Manhattan, centro do Estado de Nova York, que tinha Nelson Rockefeller como governador

Assim, a campanha por Goldwater começou a ganhar fôlego mesmo antes do candidato apresentar formalmente sua candidatura⁶⁵⁷. O senador ainda recebeu o apoio dos intelectuais do livre mercado. Goldwater, que há muito já recorria ao AEI para orientação acadêmica, recebeu seu próprio brain trust encabeçado por Baroody e contando com os recursos da instituição. Baroody chegou a distanciar-se do AEI para seguir o candidato pelo país, escrevendo seus discursos e elaborando estratégias. Porém, em 1965, depois da campanha, o

⁶⁵⁶ GOLDWATER, Barry M. *The Conscience of a Conservative*. Princeton University Press, 2021, p. 17-18.

⁶⁵⁷ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 131.

St. Louis Post-Dispatch divulgou que o então presidente do AEI não só foi mantido na folha de pagamento do think tank, no período em que fez campanha por Goldwater, como também recebeu um aumento de quatro mil dólares⁶⁵⁸. O envolvimento do AEI com a campanha do candidato republicano voltou a levantar questionamentos acerca da suposta imparcialidade das publicações, ameaçando novamente o instituto de perder seus status de instituição educacional e, conseqüentemente, perder seu direito a isenção de impostos⁶⁵⁹.

O Congresso e a Receita Federal elaboraram inquéritos para definir se o AEI tinha ferido esses princípios. Nenhuma das investigações teve consequências graves. A Receita reconheceu o AEI como instituição educacional, mas as investigações levaram a instituição a adotar políticas mais “moderadas”. Assim como nos anos 1950, para evitar a falência, o então AEA elaborou um panfleto que discutia “os dois lados” das medidas debatidas. Em 1965, inaugurou sua série de “Debate Racional”, que colocava liberais e conservadores para discutir. Ao vencer as primárias, o senador afirmou em seu discurso de aceitação de candidatura:

O bom Deus levantou esta poderosa República para ser um lar para os corajosos e para florescer como a terra dos livres – não para estagnar no pântano do coletivismo, para não se encolher diante do valentão do comunismo. [...] Agora, meus compatriotas americanos, a maré corre contra a liberdade. Nosso povo tem seguido falsos profetas. Devemos, e devemos, voltar aos caminhos comprovados [...]. Durante quatro anos fúteis, a administração que substituiremos distorceu e perdeu essa fé. [...] Foi a liderança republicana sob Dwight Eisenhower que manteve a paz, e passou para este governo o mais poderoso arsenal de defesa que o mundo já conheceu [...]. Foi durante aqueles anos republicanos que o impulso do imperialismo comunista foi mitigado. [...] E eu não preciso lembrá-lo - mas eu vou - que foi durante os anos democratas que nossa força para impedir a guerra parou, e até entrou em declínio planejado [...] A causa republicana exige que nós rotulemos o comunismo como o principal perturbador da paz no mundo de hoje. [...] Em 1858, Abraham Lincoln disse isso sobre o Partido Republicano - e eu o cito, porque ele provavelmente poderia ter dito isso durante a última semana ou algo assim: “Era composto de elementos tensos, discordantes e até hostis” em 1858. No entanto, todos esses elementos concordavam com um objetivo primordial: deter o progresso da escravidão e colocá-la no curso da extinção final. [...] Relembro que o extremismo na defesa da liberdade não é vício. E deixe-me lembrá-lo também que a moderação na busca da justiça não é virtude⁶⁶⁰.

O discurso de Goldwater apresenta fortes elementos da visão de mundo puritana jeremiada, como o uso de referências religiosas para fundamentar a missão da “América”.

⁶⁵⁸ Ibid. p. 164.

⁶⁵⁹ ANDREWS, Cory. *Baroody, William* in: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p 92.

⁶⁶⁰ GOLDWATER, Barry. Acceptance Speech. 1964. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/daily/may98/goldwaterspeech.htm>>. Acesso em: 10 out 2022.

Acusa a atual geração (democrata) de falhar com essa missão. Aponta seus líderes do passado como exemplo a serem seguidos (Lincoln e Eisenhower) e classifica o inimigo de forma clara e objetiva (o comunismo). Por fim, ainda apresenta a síntese do fusionismo recorrendo ao anticomunismo como sentimento agregador. A campanha de Goldwater é frequentemente apontada como o clímax do movimento conservador dos anos 1960⁶⁶¹. Foi o movimento que institucionalizou o conservadorismo dentro do Partido Republicano e ajudou a apresentar ao público votante os preceitos do conservadorismo:

Enquanto o liberalismo [a esquerda] defendia uma maior atuação do governo federal na construção de redes de proteção e de estado de bem-estar social, o conservadorismo atentava para o agigantamento do governo e para a necessidade de restringi-lo a seu papel de mero fornecedor de serviços essenciais para a manutenção e a defesa da nação; enquanto o liberalismo defendia os direitos das minorias (fossem elas mulheres, afrodescendentes, homossexuais, etc.), o conservadorismo focava-se na necessidade de se valorizar tradições, valores cristãos e a família; por fim, enquanto o liberalismo defendia uma política externa multilateral, levando-se em conta a necessidade de concertação internacional, o conservadorismo pregava o intervencionismo autônomo que preservaria a soberania nacional nos assuntos externos. Assim, essa dicotomia *liberal x conservador* em praticamente todas as esferas políticas teve seu início nessa mesma candidatura⁶⁶².

Verifica-se, portanto, que a campanha por Goldwater foi um projeto externo ao Partido Republicano promovido por uma rede conservadora buscando uma unidade. Iniciado por William Rusher (da *National Review*); endossado por John William Middelndorf (que chegou a ser tesoureiro do comitê de campanha); auxiliado por diversos membros do AEI que pediram licença para trabalhar nos comitês (incluindo Baroody) e com substancial apoio da JBS. A YAF organizou um comício para Goldwater no *Madison Square Garden* que reuniu mais de 18.500 pessoas⁶⁶³.

Por um lado, representava a união do liberalismo clássico com o libertarianismo. Como o próprio Middelndorf descreveu a Leonard Read (do FEE), em 1964, o “movimento Goldwater’ era nada menos que um ‘movimento libertário incorporando os ideais de Ludwig von Mises’ e Friedrich von Hayek, entre outros pensadores. Foi mais do que uma jogada política; para empresários como Middelndorf, era uma causa”⁶⁶⁴. Por outro lado, o anticomunismo e antiestatismo da campanha deu aos Birchers um veículo pelo qual atacar o

⁶⁶¹ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 69 e 276.

⁶⁶² VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. *Op. Cit.*, 2019, p. 1121.

⁶⁶³ WATERS, Robert. *Op. Cit.*, 2014, p. 1097.

⁶⁶⁴ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p 117.

crescimento do comunismo nos Estados Unidos (a família Rockefeller e o *Eastern Establishment*)⁶⁶⁵.

Embora Goldwater tenha sido derrotado nas urnas, o movimento conservador não perdeu fôlego. Ao contrário, foi no final da década de 1960 e ao longo dos anos 70, que algumas das principais vozes conservadoras se estabeleceram de vez. Algumas perduram até os dias atuais.

Ainda em 1964 foi criada a *American Conservative Union* (ACU), uma organização lobista que hoje se identifica como a organização conservadora original da nação⁶⁶⁶.

Também em 1964 foi fundada a *The Conservative Book Club* (CBC), um serviço que mensalmente enviava para seus membros um portfólio com uma seleção de publicações de conservadores que poderiam ser compradas por correio. Em seu segundo ano de existência o CBC já comercializava mais de 20.000 livros por mês⁶⁶⁷. Ativo até hoje, o CBC se declara “a luz orientadora para os amantes de livros conservadores”⁶⁶⁸.

Em 1966, com investimento do AEI, foi ao ar o *Firing Line*. Apresentado por Buckley, o programa tornou-se o mais longo com o mesmo apresentador da história da televisão estadunidense, perdurando até 1999⁶⁶⁹. Em 2018, o programa voltou a ser exibido, apresentado por Margaret Claire Hoover.

Em 1965, Irvil Kristol e Daniel Bell lançaram a *Public Interest*, uma revista de política e sociedade que se tornou, nos anos seguintes, um dos principais expoentes contra a “contracultura”⁶⁷⁰. A fundação da revista é considerada como o início do movimento neoconservador na política estadunidense, uma reação ao *Nova Esquerda*. Com financiamento inicial provido por Warren Manshel, (que nos anos 1970 veio a lançar a revista *Foreign Policy*, com Samuel Huntington e com apoio da *Carnegie Endowment for International Peace*), a *Public Interest* foi lançada com modestos 1.200 exemplares. Mas, pouco depois,

⁶⁶⁵ BERLET, Chip; LYONS, Matthew N. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. Guilford Publications, 2018, p. 240.

⁶⁶⁶ AMERICAN CONSERVATIVE UNION. *Who We Are*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20161019202226/http://conservative.org/who-we-are>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶⁶⁷ EDWARDS, Lee; EDWARDS, Anne. How Publishers (and Readers) Learned to Love Conservative Books. *The Daily Signal*. April 13, 2015. Disponível em: <<https://www.dailysignal.com/2015/04/13/how-publishers-and-readers-learned-to-love-conservative-books/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶⁶⁸ CONSERVATIVE BOOK CLUB. *What is CBC?* Disponível em: <<https://www.conservativebookclub.com/what-is-cbc>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶⁶⁹ HOVELER JR, David. *Buckley, William F., Jr.* in: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 139.

⁶⁷⁰ Idem. Kristol, Irving. In: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 575.

passaria a receber financiamento de fundações como a *Smith Richardson Foundation* e a *John Olin Foudation*. Esta última, anos depois, financiou a pesquisa de Samuel Huntington e a publicação de sua tese *O Choque de Civilizações*⁶⁷¹.

Portanto, o novo conservadorismo definido ao longo dos anos de 1950 e 1960, formou-se a partir dos princípios da promoção do livre mercado; da defesa de valores religiosos cristãos e do anticomunismo. O medo de sucumbir ao comunismo e perder suas liberdades, ou de ser proibido de professar sua fé, sustentava comportamentos ou discursos que podem ser compreendidos como anti-intelectuais ou paranoicos/conspiratórios. Esses princípios não passaram despercebidos pela própria direita estadunidense. Daniel Bell, poucos anos antes de fundar a *Public Interest* com Kristol, afirmou:

Acredito que a direita radical é apenas uma pequena minoria, mas ganha força a partir das confusões dentro do mundo do conservadorismo em relação ao caráter mutável da vida americana. O que a direita como um todo teme é a erosão de sua própria posição social, o colapso de seu poder, a crescente incompreensibilidade de um mundo [...] O estoque psicológico da direita radical repousa em um apelo triplo: o colapso da fibra moral nos Estados Unidos; uma teoria da conspiração de um “aparelho de controle” no governo que está vendendo o país; e uma previsão detalhada sobre a “tomada” comunista dos Estados Unidos [...] Assim como os pregadores “entusiasmados” do fundamentalismo batista prediziam com certeza bíblica a data do fim do mundo, assim também os fundamentalistas da direita radical fazem suas próprias previsões sobre o fim da liberdade nos Estados Unidos⁶⁷².

O ensaio de Bell demonstra que a ignição para o movimento do conservadorismo por uma união (que culminou na campanha de Goldwater) não se deu por uma unidade ideológica. Ao contrário, a “unidade ideológica” foi o resultado do movimento. A ignição teria sido a revolta política, a desconfiança no estado e o medo. Outro ponto que Bell destaca é a dificuldade estadunidense em adaptar-se às novas necessidades devido a sua tradição religiosa e política. Conforme o autor:

O americano foi marcado por seu senso de realização, [...] a América sempre foi “orientada para o futuro”. [...] O americano “faz” a si mesmo e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo, a sociedade e a natureza [...]. A América sempre esteve em primeiro lugar. Tinha os prédios mais altos, as maiores barragens, as maiores cidades. [...] Essa peculiar inversão americana do protestantismo, o estilo moralizante, encontrou seu foco na ideia de reforma, mas foi a reforma do indivíduo, não das instituições sociais [...]. Na política, o resíduo moralista levou a julgamentos em preto e branco: se algo estava errado, o indivíduo era o culpado [...]. Mas o século americano rapidamente desapareceu. [...] a principal constatação dos últimos

⁶⁷¹ KRISTOL, Irving. Forty good years. *Public Interest*, n. 159, 2005, p. 5.

⁶⁷² BELL, Daniel. Dispossessed. In: BELL, Daniel. (Ed.). *The radical right*. Routledge, 2017, p. 2.

trinta anos é que não o indivíduo, mas as coletividades - corporações, sindicatos, organizações agrícolas, grupos de pressão - tornaram-se as unidades da ação social, e que os direitos individuais em muitos casos derivam de grupos direitos, e em outros se fundiram com eles⁶⁷³

Esses elementos evocariam o sentimento que Bell classificou como “despossuído”, ou seja, o sentimento de que a “América” estava sendo arrancada do “americano”. O movimento conservador, segundo um de seus próprios teóricos, seria, portanto, uma resposta a esse sentimento. Uma tentativa de, nas palavras de Hofstadter, “recuperá-lo e evitar o efeito final de subvenção”, já que, “as velhas virtudes americanas já foram corroídas por cosmopolitas e intelectuais; o velho capitalismo competitivo tem sido gradualmente minado por esquemas socialistas”⁶⁷⁴.

Em suma, pode-se considerar que desde os anos 1920 encontra-se uma proeminência de instituições alinhadas primariamente com os defensores do livre mercado. O *Council on Foreign Relations* (1921), a *American Liberty League* (1934) são exemplos. Mas foi ao longo dos anos 1940 – ou seja, após o reconhecimento do Capital Científico, tanto por agentes do mercado quanto por agentes da política – que ganhou peso. O *American Enterprise Association* (1938), a *Foudation for Economic Education* (1946) e a *Mount Pelerim Society* (1947) são exemplos de organizações fundadas por e para acadêmicos e empresários promoverem ideias em defesa do livre mercado. E, após o movimento fusionista, os defensores do livre mercado mantiveram certa proeminência na paisagem institucional da estrutura epistêmica, em relação às outras “alas” das direitas, com a emergência das *National Review* (1955), do *Young Americans for Freedom* (1960), do *Conservative Book Club* (1964), do *The Firing Line* (1966 – 1999), da *Public Interest* (1965) e mais. Além da reformulação da *Hoover War Library* na *Hoover Institution* (1959) e do AEA em *American Enterprise Institute* (1962). Cada instituição apresentava suas próprias atividades e características, mas que se encontravam não só no caráter ideológico, mas na “endofagia” e no “nepotismo”. Por exemplo, Glenn Campbell foi convidado a assumir a *Hoover Institution* logo na sua fundação devido seu trabalho junto ao AEI. O economista Milton Friedman tornou-se membro da *Hoover Institution* (1977) após anos de serviços ao *Mount Pelerim Society*. Irvil Kristol, que junto de Daniel Bell fundou a *Public Interest*, foi depois filiado de longa data do *American*

⁶⁷³ Ibid., p. 16-18.

⁶⁷⁴ HOFSTADTER, Richard. *The paranoid style in American politics*. Vintage, 2012, p. 23.

Enterprise Institute (1972 – 1999). William Buckley Jr, fundador da *National Review*, foi importante ator nas fundações da *Young Americans for Freedom* e da *American Conservative Union*, além de apresentar o programa *Firing Line* por décadas. Por sua vez, Medford Stanton Evans, que fundou a *Young Americans for Freedom*, foi editor da *National Review* (1960 – 1973) e presidente da *American Conservative Union*, na década de 1970. Porém, reconhecer a predominância das instituições dos Defensores do Livre Mercado não significa reconhecer que as demais “alas” não possuíam suas instituições de conhecimento.

3.1.2 Projeto para os anos 1980: o império do mal

Em 1964, durante a campanha de Goldwater, o ainda ator Ronald Reagan, discursou a favor do candidato afirmando que:

Tenho uma sensação incômoda de que essa prosperidade não seja algo em que possamos basear nossas esperanças para o futuro. [...] Esta é a questão desta eleição: se acreditamos em nossa capacidade de autogoverno ou se abandonamos a revolução americana e confessamos que há uma elite intelectual em uma capital distante, que pode planejar nossas vidas melhor do que podemos planejá-las nós mesmos. [...] Quanto à paz que preserváramos [...]. Estamos em guerra com o inimigo mais perigoso que já enfrentou a humanidade em sua longa escalada do pântano às estrelas, e tem sido dito que se perdermos essa guerra, com isso perderemos este caminho de liberdade. Nossa, a história registrará com o maior espanto que aqueles que mais tinham a perder, fizeram o mínimo para impedir que isso acontecesse. Bem, acho que é hora de nos perguntarmos se ainda conhecemos as liberdades que nos foram pretendidas pelos Pais Fundadores. [...] Acho que somos por uma organização internacional, onde as nações do mundo podem buscar a paz. [...] Acho que somos contra a hipocrisia de atacar nossos aliados porque aqui e ali eles se agarram a uma colônia, enquanto nós nos envolvemos em uma conspiração do silêncio e nunca abrimos nossas bocas sobre os milhões de escravos nas colônias soviéticas nas nações satélites. [...] Acho que estamos ajudando nossos aliados, compartilhando nossas bênçãos materiais com aquelas nações que compartilham de nossas crenças fundamentais, mas somos contra distribuir dinheiro governo ao governo, criando burocracia, senão socialismo, tudo pelo mundo⁶⁷⁵.

Seu ataque ao governo Johnson chamou atenção de investidores que passaram a considerar a imagem de Ronald Reagan (ator e apresentador de TV) como uma alternativa para o governo da Califórnia. Sua vitória sobre o democrata Pat Bown, em 1966, levou a dois mandatos agitados como governador⁶⁷⁶. Uma década depois, Reagan anunciou sua

⁶⁷⁵ REAGAN, Ronald. *A time for Choosing*. October 27, 1964. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/october-27-1964-time-choosing>>. Acesso em: 10 out. 2022

⁶⁷⁶ MOLESKY, Mark. Reagan, Ronald. In: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 925.

candidatura à Casa Branca, com propostas de recuperar a saúde da economia estadunidense, reduzindo impostos, incentivando a iniciativa privada e criando empregos, além de repensar os gastos sociais herdados do *New Deal*, prometendo uma “diminuição” do Estado. Sobre a política externa, Reagan propunha mudar fundamentalmente o poder e status dos Estados Unidos na Guerra Fria, dizendo que “a década de 1980 colocará fortes pressões sobre os Estados Unidos e seus aliados”, pois “As negociações com a União Soviética nunca devem se tornar um apaziguamento”⁶⁷⁷.

Segundo Nash, a década de 1970 foi de uma vitória simbólica para o movimento conservador. James Buckley – irmão de William Buckley – foi eleito senador de Nova York (de tradição liberal [à esquerda]) pelo Partido Conservador. A *Young Americans for Freedom* (YAF) celebrou seu décimo aniversário somando 50.000 membros, um contraste considerável com os aproximadamente 100 que fundaram a organização em 1960. A *National Review* contava com mais de 100.000 assinantes. O *Conservative Book Club* concentrava 30.000 membros. A *American Conservative Union* tornou-se um eficaz lobby com 60.000 membros. Os partidários do conservadorismo alcançaram as redes de televisão e rádio. O programa *Firing Line* venceu o *Emmy* em 1969⁶⁷⁸.

Ao longo da década de 1970, o conservadorismo tomou como mote a defesa ativa contra a União Soviética e um ataque à política de apaziguamento. Tal postura levou a uma crítica forte não apenas ao democrata de Jimmy Carter (1977 – 1981), já no final da década, mas também nos governos republicanos de Nixon (1969 – 1974) e Ford (1974 – 1977)⁶⁷⁹. E o novo conservadorismo proporcionou uma nova ótica às demandas conservadoras a respeito do “*establishment* liberal”. Irving Kristol, em específico, atuou como mediador entre as instituições de pesquisas conservadoras baseadas em Washington e as fontes de financiamento. E forneceu suprimento intelectual através de novos argumentos⁶⁸⁰.

Como colocado por Smith, em um alinhamento com o projeto de Baroody para o AEI, Kristol defendia que universidades, think tanks e fundações em geral eram instituições “geradores” e “legitimadores” de ideias. Além disso, argumentava que estas tinham perdido – e mesmo se tornado hostis – aos “valores americanos”. As ciências sociais, em especial, era

⁶⁷⁷ Ibid., p. 595.

⁶⁷⁸ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 325-326.

⁶⁷⁹ VIDAL, Camila Felix; WIETCHIKOSKI, Luciana. *Op. Cit.*, 2019, p. 1118.

⁶⁸⁰ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991, p. 180.

vista como tomada por uma tradição antiburguesa da esquerda. O próprio Kristol “não queria ciência e racionalismo, mas uma nova fé, ou melhor, uma renovação da velha fé no capitalismo”⁶⁸¹. Assim, os “defensores do capitalismo” precisariam não apenas construir suas fundações, como vinham fazendo desde os anos 1930, mas precisariam também “comprar a luta” e “entrar na guerra”, “levando a batalha para dentro das universidades e, com o tempo, para burocracia política”⁶⁸². Kristol passou a integrar o corpo de especialistas do AEI a partir de 1972.

Foi nos anos 1970 que o projeto de Baroody para o AEI, de fato, tomou corpo. Com a chegada do novo conservadorismo, o movimento conservador ganhou força potencial. Os especialistas que foram reunidos no AEI, por exemplo, não se propunham a “diagnosticar” males da sociedade ou praticar uma “engenharia social”. Eram pesquisadores profissionais que conscientemente engajavam debates políticos. Enquanto think tanks tradicionais (de teor acadêmico) como o CFR ou a *Brookings Institution* focavam em publicações longas e alinhavam-se com professores universitários e políticos, o AEI reforçou sua proposta de publicações curtas e rápidas (supostamente imparciais por apresentarem “os dois lados” quando discutiam uma política), iniciadas nos anos 1950 quando ainda era chamado de AEA. Além, disso começaram a investir em programas de rádio e TV e aumentaram as suas publicações seriadas. Enquanto o CFR publicava a *Foreign Affair* bimensalmente, o AEI publicava a *Regulation*, *Public Opinion*, *Foreign and Defense Policy Review* e a *The AEI Economist*⁶⁸³.

Uma observação que ressalta o poder de inserção do AEI na política estadunidense nos anos 1970 e 1980 é a recorrência de referências normais aos think tank no congresso.

Tabela 1: Menções nominais aos think tanks no congresso por décadas (1950 – 1989)

	1950 – 59	1960 – 69	1970 – 79	1980 – 89
Brookings Institution	19	81	178	114
Council on Foreign Relations	30	144	330	187
American Enterprise	28	77	461	536

⁶⁸¹ Ibid.

⁶⁸² Ibid., p. 181.

⁶⁸³ Ibid., p. 183.

Institute				
Hoover Institution	x	112	267	198
John Birch Society	x	495	219	80
Heritage Foundation	x	x	69	479

Fonte: U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks.. Disponível em: <<https://www.congress.gov>>. Acesso em 10 out. 2022.

Levantando os registros do congresso estadunidense, verificamos um crescimento considerável de menções a think tanks como um todo⁶⁸⁴. Durante os anos 1950, observa-se um equilíbrio entre as instituições. O AEI, nos anos 1950, ainda sob o nome de *American Enterprise Association*, deu início a sua reformulação para adotar uma postura menos parcial, como foi apresentado no capítulo anterior. O CFR, por outro lado, foi criado nos anos 1920 tendo essa postura acadêmica e “imparcial” como parte de sua identidade. Assim como a *Brookings Institution*. Nos anos 1960, o CFR despontou entre as outras duas. Durante a Segunda Guerra e os anos 1950, o CFR aproximou-se do governo federal através de suas comissões e de suas ligações interpessoais. Por outro lado, em meados da década, a campanha de Goldwater levantou a ação dos think tanks conservadores e observamos a escansão da *Hoover Institution* e da *John Birch Society*.

Lembramos que o esforço fusionista procurava equilibrar o apoio da direita radicalizada da JBS. Ao mesmo tempo em que queriam assegurar o seu apoio, os conservadores procuravam desvencilhar-se do conspiracionismo exacerbado. Ao longo dos anos 1970, a JBS seguiu sua missão de alertar os Estados Unidos sobre a tomada comunista. Em 1971, lançou o livro *None Dare Call it Conspiracy*, por Garry Allen, historiador formado por Stanford, e Larry Abraham, empresário e, assim como Allen, membro da JBS). A obra faz um ataque direto à academia:

[...] acadêmicos seguem o rebanho do mundo acadêmico como muitas pessoas seguem a moda; nadar contra a corrente implica em ostracismo social e profissional. O mesmo acontece na grande mídia. [...] Os esquerdistas da torre do reino da Torre de Marfim e os formadores de opinião do establishment toleraram até maoístas, mas ser conservador – e pior: conservador proponente da visão conspiratória – é terminantemente proibido⁶⁸⁵.

⁶⁸⁴ Disponível em: <<https://www.congress.gov>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶⁸⁵ ALLEN, Gary; ABRAHAM, Larry. *Política, ideologia e conspirações*. Tradução de Eduardo Levy. Barueri-SP: Faro Editorial, 2017, p. 12.

Os autores alegam que a crise dos anos 1930 foi orquestrada por uma elite financeira internacional para facilitar a implementação do comunismo no país:

Pensar que o crash de 1929 foi acidental ou resultado de estupidez afronta qualquer lógica; ele foi, ao contrário, engendrado cientificamente. Os banqueiros internacionais que tanto promovem as políticas inflacionárias quando bancaram a propaganda que bombardeou o mercado de ações representavam muitas gerações de conhecimento acumulado, e jamais teriam metido os pés pelas mãos na Grande Depressão⁶⁸⁶.

Os nomes por trás dessa conspiração eram os de John Rockefeller, J. P. Morgan, Edward House, Woodrow Wilson, entre outros. Muitos, com envolvimento direto com o CFR. Segundo os autores, era “objetivo confesso” do CFR o de “abolir a Constituição americana e substituir a outrora república do país por um governo mundial”⁶⁸⁷. A influência da qual o CFR gozou no período pós-guerra foi usado como exemplo da existência da conspiração. No Congresso, o senador John Schmitz – que foi convidado para escrever o prefácio – defendeu e promoveu o livro diversas vezes. Em junho de 1972 defendeu:

No outono passado, concordei em escrever a introdução de um livro muito interessante e significativo de Gary Allen, intitulado “Ninguém ousa chamá-lo de conspiração”, que em breve apresentarei a vocês na moda serial no RECORD. Ele explora as evidências de um plano e padrão combinados nos muitos reveses que a liberdade, a lei e a fé sofreram neste século. Este livro incluía uma previsão de que, como virtualmente todos os outros sobre este assunto, seria atacado pela Liga Anti-Difamação [...] uma organização que, como William Buckley disse uma vez, frequentemente se envolve em difamação⁶⁸⁸.

No mesmo mês, voltou a mencionar a obra:

Todos vocês estão nesta capital há tempo suficiente para saber que há mais no que se passa no governo do que aparenta, que existem “rodas dentro de rodas” e forças em ação que preferem a escuridão à luz do dia. [...]. Eu recomendo o livro do Sr. Allen não apenas para meus colegas que compartilham muitas de minhas opiniões políticas, mas para aqueles entre vocês geralmente considerados “de esquerda”, porque alguns de vocês estão particularmente cientes de que forças conspiratórias estão operando em Washington⁶⁸⁹.

⁶⁸⁶ Ibid., p. 59.

⁶⁸⁷ Ibid., p. 80.

⁶⁸⁸ SMITH, James. Op. Cit. 1991. U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. June 19, 1972 Vol. 118, Part 17. Disponível em: <<https://www.congress.gov/boundcongressional-record/1972/06/19/extensions-of-remarks-section?p=0>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁶⁸⁹ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. June 28, 1972, Vol. 118, Part 18. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1972/06/28/extensions-of-remarks-section?p=0>>. Acesso em: 10 out. 2022.

Em seguida, deu início à leitura da introdução do livro e, nos meses seguintes, leu ao Congresso o livro inteiro, capítulo por capítulo. No entanto, observamos uma queda considerável nas menções à sociedade no Congresso. Nos anos 1970, o AEI tomou a dianteira que foi assegurada na década seguinte. De acordo com Nash, em meados da década os conservadores já haviam estabelecido uma presença na “praça pública”⁶⁹⁰. Com a inserção de novas vozes (de um novo conservadorismo, como Bell e Kristol), o movimento conservador conseguiu desvencilhar-se da “extrema direita conspiratória” do JBS e consolidar-se como força política. Em 1976, Kristol publicou o ensaio *What Is a “Neoconservative”?* No qual definia o novo conservadorismo como:

1) nada hostil à ideia de um estado de bem-estar social, mas é crítico da versão da Grande Sociedade desse estado de bem-estar social. [...] Em suma, sendo a favor do estado de bem-estar social, opõe-se ao estado paternalista. [...] 2) respeita muito o — é justo dizer que aprendeu a ter muito respeito pelo — poder do mercado de responder eficientemente às realidades econômicas, preservando o máximo grau de liberdade individual. [...] 3) respeita os valores e instituições tradicionais: religião, família, “alta cultura da civilização ocidental” [...] Os neoconservadores estão bem cientes de que os valores e instituições tradicionais mudam com o tempo, mas preferem que essa mudança seja gradual e orgânica. [...] 4) O neoconservadorismo afirma a ideia tradicional americana de igualdade, mas rejeita o igualitarismo — a igualdade de condição para todos os cidadãos — como um objetivo adequado para o governo perseguir [...] 5) Na política externa, o neoconservadorismo acredita que a democracia americana não é provavelmente sobreviverá por muito tempo em um mundo que é esmagadoramente hostil aos valores americanos, mesmo porque nossas transações (econômicas e diplomáticas) com outras nações estão fadadas a ter um impacto profundo em nosso próprio sistema econômico e político doméstico⁶⁹¹.

Dos opositores do New Deal dos anos 1940 até os fusionistas dos anos 1960, o anti-intelectualismo deu o tom das críticas. O pensamento conspiratório, sobretudo anticomunista, foi o motor dos ataques aos intelectuais (nas universidades) e dos apelos às emoções (que Stevenson condenou). Mesmo quando se uniam em suas instituições de conhecimento, faziam para montar uma “contrainteligência” para combater o comunismo. O sucesso da geração de 1970 (que conseguiu eleger Reagan) veio justamente por conseguir efetivar o plano que Baroody tinha para o AEI desde os finais da década de 1950, o de montar um “bazar de ideias”. Nos anos 1970, nas palavras de Smith: “Baroody e seus colegas conservadores começaram a tornar o consumidor um pouco mais cauteloso com todas as mercadorias

⁶⁹⁰ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 344.

⁶⁹¹ KRISTOL, Irving. *Op. Cit.*, 2011, p. 148.

intelectuais”⁶⁹². Esta “primeira geração neoconservadora” definiu-se, sobretudo, a partir de suas produções acadêmicas e textuais.

Em 1981, os Estados Unidos entrariam naquilo que seria denominado por alguns como “Revolução Reagan”. Segundo Nash, na década de 1980, os conservadores conseguiram transferir suas ideias para a prática⁶⁹³.

Além do trabalho de divulgação promovido pelos neoconservadores através dos think tanks a direita estadunidense contou, nos anos 1970, com o ressurgimento da “nova direita”⁶⁹⁴. Antes chamada de “direita religiosa”, a “nova direita” foi, inicialmente, um movimento popular de protesto de cidadãos (protestantes, evangélicos e pentecostais, católicos e judeus ortodoxos) preocupados com o que ficou conhecido como “questões sociais”: aborto, oração nas escolas, pornografia, drogas, crime, “desvio sexual”, vulgarização do entretenimento de massa, entre outras questões⁶⁹⁵. Assim:

Convencido de que a sociedade americana estava em um estado de declínio moral vertiginoso, e que o humanismo secular - em outras palavras, o liberalismo moderno - era a causa fundamental dessa decadência, a Nova Direita exortou seus seguidores politicamente quiescentes a entrar na arena pública em defesa dos valores morais tradicionais.⁶⁹⁶

Em 1977, já preparando a campanha, Reagan discursou à *American Conservative Union*, explicando que queria manter o apoio da base republicana. Apelou para os apoiadores do livre mercado dizendo que pretendia manter os impostos baixos. Mas também acenou para “questões sociais”. Segundo Raymond Walters, seu “objetivo era combinar os dois principais segmentos do conservadorismo americano contemporâneo em um todo politicamente eficaz”⁶⁹⁷. Quando o já candidato venceu as primárias republicanas em 1980, a *National Review* publicou em seu editorial:

Reagan tem sido nosso candidato favorito por quase tanto tempo quanto nós somos sua revista favorita, e nos regozijamos este ano com sua nova demonstração da força que ele mostrou desde 1966: um poder silencioso para atrair os eleitores a seu favor, um gênio para estabelecendo o conservadorismo como o verdadeiro ‘centro vital’ da

⁶⁹² SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991, p. 184.

⁶⁹³ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 344.

⁶⁹⁴ Ibid.

⁶⁹⁵ Ibid., p. 354.

⁶⁹⁶ Ibid.

⁶⁹⁷ WOLTERS, Raymond. New Right. In: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 740.

política americana⁶⁹⁸.

A eleição (e governo) de Reagan pode ser compreendida como a conjuração dos três princípios da geração conservadora dos anos 1960: a defesa do livre mercado; a defesa dos ideais religiosos; e o anticomunismo. A própria figura política de Reagan em si é um exemplo do trabalho desses grupos. Nos anos 1930 e 1940, ele definia-se como um liberal e fervoroso defensor de Roosevelt. Ao início da Guerra Fria, alegou publicamente não ter muito conhecimento sobre o comunismo. O anticomunismo só começou a surgir no futuro presidente quando foi confrontado por um grupo de comunistas no Sindicato de Atores, que o ameaçaram de nunca mais aparecer em um filme caso se pronunciasse diante de uma questão trabalhista controversa que estava sendo debatida⁶⁹⁹. A guinada em direção ao conservadorismo se deu ao longo dos anos 1950, principalmente pela influência dos trabalhos de Friedrich von Hayek e Whittaker Chambers. O primeiro, como vimos, foi importante figura dos defensores do livre mercado e atuou junto à Universidade de Chicago, *Mont Pelerin Society* e AEI. O segundo foi um ex-espião soviético que, após desertar, tornou-se importante personagem dos julgamentos *House Un-American Activities Committee* (HUAC). O seu livro *Witness* – uma mistura de autobiografia com denúncias sobre os perigos do comunismo –, de 1952, tornou-se um best-seller. Chambers passou a integrar o corpo da revista *National Review* em 1957⁷⁰⁰.

Embora o fusionismo de Buckley e o novo conservadorismo de Kristol tenham conseguido, com relativo sucesso, se separar do conspiracionismo exacerbado da *John Birch Society*, o anticorporativismo que emergiu da contracultura estadunidense recolocou o medo e a desconfiança na linha de frente dos conservadores, tanto dos defensores do livre mercado, quanto da “direita religiosa”.

Na virada da década de 1960 para 1970, ativistas anti-guerra do Vietnã começaram a atacar e empresas estadunidenses a fim de expor o papel da comunidade corporativa na guerra. A reunião anual da *Honeywell Corporation* de 1970 foi invadida por centenas de

⁶⁹⁸ SAMUEL, Robert. Conservative intellectuals and the Reagan–Gorbachev summits. *Cold war history*, v. 12, n. 1, 2012, p. 137.

⁶⁹⁹ Ibid., p. 137.

⁷⁰⁰ HAYWARD, Stephen. *Chambers, Whittaker*. In: ROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 186.

jovens que zombavam do presidente da empresa. O encontro foi adiado depois de apenas quinze minutos.

Segundo Kim Phillips-Fein, a empresa mais atacada pela contracultura estadunidense dos anos 1960 e 1970, foi a *Bank of America*. Em 1970, uma agência bancária próxima a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara foi queimada. Nos anos seguintes, agências foram atingidas por bombas caseiras por todo o país. Sedes de empresas como a *Mobil Oil* e IBM também foram alvos de ataques⁷⁰¹. Além disso, o movimento ambientalista, que assim como o anticorporativismo cresceu nos campi universitários, acusava os grandes conglomerados industriais de “envenenar a terra, o ar e a água do país”⁷⁰². E movimentos pelo direito do consumidor acusava as empresas de “de manipular os consumidores para comprar produtos perigosos”⁷⁰³. Conforme Phillips-Fein:

Nos campi universitários, os alunos que pareciam concorrer a cargos respeitáveis de gerentes júnior, em vez disso, ocupavam prédios (como na Universidade de Columbia em 1968) e lideraram manifestações. Estudantes universitários de todos os tipos de escolas protestaram contra a guerra, às vezes (como em Kent State e Jackson State) enfrentando violência mortal por isso. Um estudo feito pela Oklahoma Christian University em 1973 descobriu que os alunos de graduação davam aos empresários as classificações mais baixas em padrões éticos; metade de todos os veteranos se identificaram como esquerdistas, em comparação com um terço de todos os calouros⁷⁰⁴.

O relatório anual do presidente de Harvard apontou, em 1969, fazia dois anos que havia um “pequeno grupo de aspirantes a revolucionários” que viviam “em um mundo de fantasia” e acreditavam “que os Estados Unidos é um território fértil para esse tipo de violência infernal”⁷⁰⁵. O relatório de 1971 declarava a universidade presenciou ataques violentos ao *Center for International Affairs*. Relata também hostilidades entre membros da *Students for a Democratic Society* e o reitor, e ataques em diferentes partes do campus. Nathan Pusey, o presidente da universidade, lamentou:

É uma história vergonhosa na medida em que os responsáveis sejam a membros de uma geração que professa *insights* superiores, sensibilidade elevada e viva

⁷⁰¹ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 149.

⁷⁰² Ibid., p. 150.

⁷⁰³ Ibid.

⁷⁰⁴ Ibid., p. 151.

⁷⁰⁵ HARVARD UNIVERSITY. *Report of the President and the Treasurer of Harvard College 1968-1969*.

Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268822\\$7i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268822$7i)>. Acesso em: 10 out. 2022

preocupação humana [...] Além disso, os atos mais repreensíveis, o “*trashing*” e o bombardeio, parecem inteiramente, pelo menos muito em grande parte, de não harvards.⁷⁰⁶

Em 1972, Donald Kendall, CEO da *PepsiCo*, acusou os jovens estadunidenses de “analfabetismo econômico” em meio a um discurso de formatura na *Western Kentucky University*. Um ano depois, o CEO e co-fundador da *Hewlett-Packard* (HP), David Packard, defendeu em reunião do Comitê pelo Apoio Corporativo às Universidades Americanas que os empresários parassem de fazer doações irrestritas às universidades, pois “uma ‘minoridade militante’ do corpo docente havia assumido o controle da maioria dos campi”⁷⁰⁷. Em vez disso, Packard sugeriu que o empresariado financiasse estritamente programas que “contribuam de alguma maneira específica para nossas empresas individuais ou para o bem-estar geral de nosso sistema de livre empresa”⁷⁰⁸.

Nos anos 1970, a própria dinâmica de produção das universidades começou a ser questionada. Como vimos, desde o final da Primeira Guerra, as universidades e as instituições privadas aproximaram-se. O cientista reconheceu que não precisava mais esperar verba da universidade para financiar suas pesquisas e que o recurso poderia vir de uma instituição parceira. Além disso, desde o final dos anos 1950, o relacionamento entre universidades, instituições privadas e governo se deu seguindo sobretudo o modelo de contrato por projeto – como o estabelecido pela *National Defense Research Committee* (NDRC) de James Conant (Harvard) e Vannevar Bush (Carnegie Institute) durante a Segunda Guerra.

Contudo, ao longo dos anos, parte da comunidade acadêmica começou a criticar esse modelo, acusando-o de agredir a própria razão de ser da universidade. Se uma universidade tem por finalidade o avanço do conhecimento humano, instruir alunos e desenvolver especialistas para ramos públicos (como definiu a AAUP décadas antes)⁷⁰⁹, ao receber financiamento para desenvolver pesquisas específicas, a universidade comprometeria sua missão:

De acordo com ativistas sociais, o ensino superior serviu à sociedade apenas

⁷⁰⁶ HARVARD UNIVERSITY. *Report of the President and the Treasurer of Harvard College 1970 – 1971*. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824\\$59i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824$59i)>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷⁰⁷ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p.159.

⁷⁰⁸ Ibid.

⁷⁰⁹ Ibid., p. 292-295.

aceitando passivamente a agenda apresentada por agências governamentais, corporações e outros interesses poderosos. Ao seguir essa política, os funcionários acadêmicos atingiram o cúmulo da hipocrisia quando proclamaram a neutralidade de suas instituições. Na verdade, disseram os ativistas, as universidades se comportavam como “armas de aluguel”, dispostas a promover as ambições de qualquer grupo com poder e dinheiro suficientes para cumprir suas ordens⁷¹⁰.

Na década de 1970 – além do já tradicional estigma de antro esquerdista, estabelecido ao longo dos anos 1950 – as universidades estadunidenses encararam determinados questionamentos: 1) as instituições deviriam dedicar-se à pesquisa por contra própria e beneficiar a sociedade indiretamente, através do avanço do conhecimento e da educação; 2) ou deveriam continuar a atender às demandas econômicas, sociais e políticas, através de serviços, programas e acordos de cooperação com o setor privado e com o governo? 3) Ou, ainda, deveriam emancipar-se e definir suas próprias agendas de reforma? Segundo Derek Bok, três grupos emergiram desse debate: os tradicionalistas; os entusiastas da pluralidade; e os ativistas reformadores. Todos defendiam que a universidade deveria servir à comunidade, mas diferiam sobre a atividade e contribuições que instituições externas poderiam ter⁷¹¹.

A tese tradicionalista tendia a culpar as medidas multiculturais pelos problemas enfrentados no ensino superior. De fato, nos anos 1960 e 1970, houve uma tentativa das administrações das instituições de educação para promover mais diversidade. Na década de 1960, as universidades receberam um maior número de estudantes negros. A dificuldade de integração entre alunos brancos e negros (muitos, de ambos os grupos, nunca tinham tido nenhum tipo de experiência com outro grupo étnico) gerou nos campi os conflitos que eram experimentados na sociedade que lutava por direitos civis⁷¹². Assim:

Os alunos brancos nem sempre ajudavam a tornar o campus acolhedor. Alguns proferiram insultos raciais ou instaram os negros a sair. As fraternidades frequentemente excluía as minorias e ocasionalmente ofendiam ao parodiar a cultura afro-americana. Mesmo brancos bem-intencionados, tentando ser amigáveis, muitas vezes pareciam condescendentes ao falar apenas sobre questões de minorias ou artistas negros e estrelas do esporte, como se seus colegas de classe mais escura não pudessem ter interesses alheios à raça⁷¹³.

⁷¹⁰ BOK, Derek Curtis. *Beyond the Ivory Tower*. Harvard University Press, 1982, p. 66.

⁷¹¹ Ibid.

⁷¹² Ibid., p. 67.

⁷¹³ BOK, Derek. *Our Underachieving Colleges*. Princeton University Press, 2009, p. 158.

A resposta institucional veio em forma de programas de conscientização racial para calouros⁷¹⁴. O discurso administrativo era de que a diversidade era necessária. O relatório do Comitê de Admissão de Harvard, em 1968, resumiu o problema pela perspectiva da administração:

O que podemos fazer para ajudar os jovens estudantes a crescer naturalmente e com orgulho de seus talentos particulares e culturais? [...] Estamos aumentando nossos esforços para procurar candidatos em áreas onde os mitos de Harvard (muito rica, muito radical, muito aristocrática, muito anárquica, muito grande, muito paternalista) historicamente desencorajaram os estudantes de se candidatarem. Cruzar algumas fronteiras culturais e étnicas – e ser acreditado – requer pessoas especiais com origens muitas vezes especiais, [...] queremos diversidade porque há diferença na palavra, e meninos educados em quatro anos (ou dezesseis anos) de homogeneidade não são qualificados para lidar com os problemas que este país e o mundo agora enfrentam⁷¹⁵.

No relatório de 1970, o Comitê voltou a debater a questão:

Nas faculdades americanas como um todo há pouca representação além da classe média, fermentada por não mais do que uma representação simbólica de ricos ou pobres e raramente ambos. O Estudo Dunlop de 1968 relatou que 85 a 90 por cento de todos os segmentos de faculdades de professores a assistentes de ensino sentiam que havia de fato uma diversidade marcante entre os alunos do Harvard College e que essa diversidade era intelectualmente estimulante⁷¹⁶.

Mas estas políticas eram vistas por outros como problemáticas e não benéficas. Em abril de 1969, aproximadamente oitenta alunos negros – com os punhos cerrados erguidos em saudação ao poder negro – marcharam para fora do sindicato de estudantes da universidade de Cornell:

À frente da formação estava um estudante que se autodenominava “Ministro da Defesa” da Sociedade Afro-Americana de Cornell. Amarrada no peito, no estilo Pancho Villa, estava uma bandoleira em forma de faixa cravejada de cartuchos de bala. Segurando com indiferença na mão direita, com a coronha apoiada no quadril, estava um rifle reluzente⁷¹⁷.

⁷¹⁴ Ibid.

⁷¹⁵ HARVARD UNIVERSITY. Admission and Scholarship Committee. Harvard University. *Report of the President of Harvard College and reports of departments*. 1967-1968. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268820\\$109i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268820$109i)>. Acesso: em 10 out. 2022.

⁷¹⁶ HARVARD UNIVERSITY. Admission and Scholarship Committee. Harvard University. *Report of the President of Harvard College and reports of departments*. 1969-1970. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824\\$99i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824$99i)>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷¹⁷ BOK, Derek. *Op. Cit.*, 2009, p. 92.

John Olin, ex-aluno da universidade, viu na ocasião que os alunos de Cornell, “como os da maioria das grandes universidades, eram hostis aos homens de negócios e à iniciativa empresarial, e de fato começaram a questionar os ideais da própria nação”⁷¹⁸. A *John Olin Foundation* começou a financiar uma série de publicações para “reorientar as inclinações políticas” no ensino superior⁷¹⁹, vendo seu compromisso com o combate à “hegemonia liberal” (da esquerda) no ensino superior – bem como com a promoção de valores conservadores – como um dever patriótico. O empresariado estadunidense acreditava que “os jovens radicais da Nova Esquerda haviam declarado guerra aos negócios”⁷²⁰.

Em 1977 a Universidade de Colúmbia ofereceu a Henry Kissinger uma cadeira especial na faculdade de relações internacionais. Nos dias que seguiram ao anúncio, alunos e professores da universidade protestaram contra a nomeação, citando o envolvimento de Kissinger na invasão do Camboja e no prolongamento da Guerra do Vietnã. Kissinger recusou o convite, mas a reação da comunidade na universidade reafirmou o questionamento acerca da liberdade de expressão, da liberdade acadêmica⁷²¹, e principalmente, da receptividade acadêmica às figuras políticas e empresariais. Em 1972, Baroody reuniu-se com o *Business Council* na Virgínia. O *Council* era formado por um grupo de empresários que se reuniam periodicamente para discutir economia, mas que se apresentavam como alheios a questões de natureza política. Os presidentes do *Council* na época foram: Albert L. Nickerson, da *Mobil Oil* (1967-68); Fred J. Borch, da *General Electric* (1969-70); William M. Batten, da *J.C. Penney Company* (1971-72); e David Packard, da *Hewlett-Packard* (1973-74)⁷²².

Baroody defendeu que o empresariado estadunidense estava em perigo, que ambientalistas e outros ativistas estavam promovendo uma ofensiva contra o “*framework* institucional da sociedade livre”. O presidente do AEI defendeu a tese de que para lutar os

⁷¹⁸ MILLER, John Jos. *A gift of freedom: How the John M. Olin Foundation changed America*. Encounter Books, 2022, p. 120.

⁷¹⁹ O projeto manteve-se ao longo dos anos 1980 e 1990. A fundação financiou o *talk show Firing Line* (1966-1999), de William F. Buckley Jr; financiou os trabalhos de Allen Bloom (na publicação do livro *The Closing of the American Mind*, de 1987, no qual Bloom critica o relativismo das universidades estadunidenses, atacando a “cultura jovem”, chegando a definir o rock como uma fantasia de masturbação ininterrupta e comercialmente pré-embalada) e Dinesh D’Souza (com o livro *Illiberal Education*, de 1998, no qual ataca o que chama de “politicamente correto”). MILLER, John. *Op. Cit.* 2022, p. 132.

⁷²⁰ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.* 2010, p. 155.

⁷²¹ BOK, Derek Curtis. *Op. Cit.*, 1982, p. 17.

⁷²² THE BUSINESS COUNCIL. Our Group. Disponível em: <<https://businesscouncil.com/about-us/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

empresários não podia depender de lobistas que trabalhassem por trás das câmeras, precisavam influenciar a “formação da atitude pública”⁷²³.

Baroody finalizou como ele sempre fazia, lembrando ao público que para romper o “monopólio virtual na formação da opinião pública”, de posse da esquerda, o empresariado estadunidense tinha que contribuir com os centros de pesquisas de políticas pública que compartilhassem “a crença nos valores fundamentais da livre sociedade”. [...] Como Baroody escreveu em outro contexto, o AEI e seus doadores estavam engajados em nada menos que uma “batalha pelas mentes dos homens”⁷²⁴.

Mas setores mais conservadores estavam descontentes com os rumos que o AEI tomava. Em 1970, Patrick Buchanan (funcionário da Casa Branca de Nixon) escreveu o memorando *Media Memorandum For The President* no qual afirmava:

Reflexões à beira do leito após quinze dias de leitura do [*Washington*] *Post* e Resumos de notícias do *Times* e assistindo as redes. Como nos conduzimos e o que podemos esperar. 1. A mídia, a esquerda, a comunidade acadêmica liberal [esquerda], as pombas do Senado - - que atropelamos e derrotamos em novembro - em uma das ofensivas políticas mais eficazes da memória recente, recuperaram a iniciativa. [...] Há mérito no presidente e funcionários se colocarem à disposição de estudantes e outros grupos com pontos de vista diferentes - - mas o mérito reside apenas na impressão pública transmitida; que estamos ouvindo. [...] As universidades, sob ataque de seus próprios líderes estudantis e corpos estudantis, muitas dessas instituições capitularam e se permitiram se politizar. [...] Irving Kristol, Henry Kissinger fizeram uma observação que precisa ser refeita. A de que não precisamos de diálogo e consulta – o que os Estados Unidos precisam é de uma vitória⁷²⁵.

No ano seguinte, Lewis F. Powell, Jr., advogado que tinha acabado de deixar a presidência do Conselho de Educação do Estado de Virgínia, escreveu à Câmara de Comércio dos Estados Unidos o memorando *Attack on American Free Enterprise System*. No documento, Powell não só apontava como o sistema educacional estadunidense era hostil ao empresariado (e à própria “liberdade americana”), mas também apresentou alternativas. No documento lê-se:

Nenhuma pessoa ponderada pode questionar que o sistema econômico americano

⁷²³ PHILLIPS-FEIN, Kim. Op. Cit., 2010, p. 149.

⁷²⁴ Ibid., p. 169.

⁷²⁵ BUCHANAN, Patrick. *Media Memorandum for the President*. May 21, 1970. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjR0J601936AhWMGbkGH5VmDWAQFnoECAoQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.nixonlibrary.gov%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Fvirtuallibrary%2Fdocuments%2Fjan10%2F025.pdf&usg=AOvVaw2kCBhOjQydKp9iUsKDVYev>>. Acesso em: 10 out. 2022.

está sob amplo ataque. [...] Sempre houve quem se opusesse ao sistema americano, preferindo o socialismo ou alguma forma de estatismo (comunismo ou fascismo) [...]. Não estamos lidando com ataques esporádicos ou isolados de relativamente poucos extremistas ou mesmo do quadro socialista minoritário. Em vez disso, o ataque ao sistema empresarial tem uma base ampla e consistente. [...] Poucas coisas são mais santificadas na vida americana do que a liberdade acadêmica. Seria fatal atacar isso como um princípio. Mas se a liberdade acadêmica deve manter as qualidades de —abertural, —justiçal e —equilíbrio! [...] A responsabilidade final pela integridade intelectual no campus deve permanecer nas administrações e instalações de nossas faculdades e universidades. Mas organizações como a Câmara podem ajudar e ativar mudanças construtivas de muitas maneiras [...]. Chegar ao campus e às escolas secundárias é vital para o longo prazo. Alcançar o público em geral pode ser mais importante a curto prazo. O primeiro essencial é estabelecer as equipes de eminentes estudiosos, escritores e oradores, que farão o pensamento, a análise, a escrita e a fala. [...] Entre os meios mais óbvios estão os seguintes: [...] Televisão [...] Jornais Acadêmicos [...] Livros, Brochuras e Panfletos [...] Anúncios Pagos⁷²⁶.

Pouco depois da reeleição de Nixon, em 1972, Buchanan voltou a atacar o “establishment liberal” e a apelar para o movimento conservador. Este novo memorando argumentava que os conservadores precisavam de um instituto que estivesse fora do governo e que, assim, pudesse ser um “repositório” das ideias políticas. E mais: precisava ser abertamente partidário⁷²⁷.

O memorando de Powell causou considerável impacto (os de Buchanan, confidenciais, só se tornaram público anos depois). De acordo com Kim Phillips-Fein, Joseph Coors – que apoiou Goldwater em 1964 após comover-se com o discurso de Reagan – foi um dos impactados⁷²⁸. Quando lecionou na Universidade do Colorado, Coors travou uma luta contra os “radicais” da Nova Esquerda no campus. Chegou a pedir que o cargo de professor efetivo fosse negado a um professor que havia atuado como conselheiro para alunos da *Students for a Democratic Society* (SDS). Coors financiou o jornal conservador do campus e circulou artigos da revista da *John Birch Society* entre seus colegas professores⁷²⁹. Após ler o memorando de Powell, Coors enviou uma carta ao senador Gordon Allott oferecendo “investir em causas conservadoras”. Joseph Coors, além de engenheiro químico, era herdeiro da cervejaria *Coors Brewing Company*.

⁷²⁶ POWELL Jr., Lewis. *Attack on American Free Enterprise System*. August 23. 1971. Disponível em: <<https://scholarlycommons.law.wlu.edu/powellmemo/1/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷²⁷ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 167.

⁷²⁸ Ibid.

⁷²⁹ Ibid.

Paul Weyrich, assessor de imprensa do senador Allott, recebeu a carta de Coors e viu a oportunidade de agir. Nas palavras de Phillips-Fein, Weyrich “era um brilhante e feroz assessor de imprensa, conservador católico da classe trabalhadora de Wisconsin, que se descrevia abertamente como um ‘radical’ que estava ‘trabalhando para derrubar a atual estrutura de poder’”⁷³⁰. Coors e Weyrich, desmotivados pela postura “apartidária” do AEI e pela política de opinar sobre as pautas discutidas no congresso só após suas resoluções (uma proposta instaurada após os inquéritos levantados pelo apoio do AEI à campanha de Goldwater), organizaram-se para criar um novo think tank. A orientação deste seria de agir fazendo lobby direto com membros do Congresso. Uma instituição que não apenas “pensasse”, mas que também “fizesse”⁷³¹. Em 1973, com Weyrich na presidência, é fundada a *Heritage Foundation*.

Além de Coors e Weyrich, o terceiro nome da fundação da Heritage foi o de Edwin Feulner. Graduado pela *Regis University in Denver* e Phd pela *University of Edinburgh*, Feulner foi para Washington como bolsista pela *Center for Strategic and International Studies* (CSIS) e depois, pela *Hoover Institution*. Seu primeiro trabalho na capital foi junto ao secretário de Defesa, Melvin Laird, onde trabalhou com David Abshire e William Baroody (antes deste ingressar no AEI)⁷³². Na década de 1970, Feulner trabalhava como assistente administrativo do representante Philip Crane e como diretor executivo do Comitê de Estudos Republicanos na Câmara dos Representantes.

Como dois de seus principais fundadores eram funcionários do Senado, as conexões políticas do novo think tank eram mais diretas e explícitas. E mesmo com a crise pós caso Watergate, a Heritage cresceu. Seu orçamento passou de 413.000 de dólares em 1974 para um milhão, em 1976. Grande parte do trabalho da instituição em seus primeiros anos de existência foi concentrado em combater a regulamentações governamentais, tributações e afins.

Sob a liderança de Fauler, a *Heritage* expandiu suas operações e aumentou drasticamente o seu perfil. Ao final da década, o think tank oferecia alternativas políticas em diversas questões domésticas. Na política externa, as publicações da Heritage exigiam um

⁷³⁰ MAYER, Jane. *Op. Cit.*, 2017, p. 78.

⁷³¹ Ibid.

⁷³² BERKOWITZ, Herb. Feulner, Edwin J. In: ROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 377.

confronto direto com a União Soviética⁷³³. Ao início da década de 1980, a Heritage já era um “peso-pesado” em políticas públicas, com aproximadamente 180 funcionários, e com uma receita anual de mais de 40 milhões de dólares. Tornou-se a principal instituição da direita estadunidense, representando tanto o liberal clássico do livre mercado, o libertário, o tradicionalista, quanto o novo conservador. A Heritage passou a ser considerada a “base de origem” para “establishment conservador” de Washington⁷³⁴, o “centro nervoso da Revolução Reagan”⁷³⁵.

Por fim, além do anticorporativismo dos movimentos estudantis e da contracultura dos anos 1960 e 1970, outro fenômeno emergido deste contexto auxiliou na promoção do medo e insegurança na “Nova direita” (em especial na “direita religiosa”), o “medo da ciência”.

O uso da bomba atômica reinaugurou um debate relativamente antigo: o da responsabilidade social do cientista. Ao início dos anos 1920 – ainda no “embalo” da “era progressista” – a fim de potencializar a queima de combustível, o químico Thomas Midgley Jr sintetizou uma fórmula de gasolina a base de chumbo. Funcionário da *General Eletric* na época, Midgley fundou a *Ethyl Gasoline Corporation* (em conjunto com a *General Motors* e a *Standard Oil Company*).

Com a popularização da nova fórmula, a emissão de chumbo (altamente tóxico), cresceu significativamente. Ao longo dos anos 1960, especialistas em saúde pública começaram a defender a proibição da comercialização da gasolina com chumbo. Por outro lado, acadêmicos ligados a indústria defendiam que durante toda a história do homem nesta terra, ele teve chumbo em seu corpo. Ele teve chumbo em sua comida, ele teve chumbo em sua água potável⁷³⁶. Ou seja, agentes do mercado recorreram abertamente ao Capital Científico não só para produzir suas riquezas, mas também para protegê-las. Só nos anos 1970 que os primeiros processos legais começaram a ser abertos. Mesmo quando o combustível foi banido dos Estados Unidos, em 1976, a decisão do tribunal dizia; “Só recentemente começamos a avaliar o perigo representado pela modificação não regulamentada do mundo ao nosso redor”⁷³⁷.

⁷³³ SCHNEIDER, Gregory. L. Heritage Foundation. In: ROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *Op. Cit.*, 2014, p. 465.

⁷³⁴ BERKOWITZ, Herb. *Op. Cit.*, 2014, p. 378.

⁷³⁵ NASH, George. *Op. Cit.*, 2014, p. 348.

⁷³⁶ KOVARIK, William. Ethyl-leaded gasoline: how a classic occupational disease became an international public health disaster. *International journal of occupational and environmental health*, v. 11, n. 4, p. 384- 397, 2005.

⁷³⁷ Ibid.

A questão acerca da responsabilidade do pesquisador sobre os efeitos de suas descobertas levantou suspeita sobre a atividade científica. O caso da *Ethyl Gasoline Corporation* representou a responsabilidade através da indústria, mas as notícias sobre os experimentos nazistas em campos de concentração, e a própria aplicação da bomba atômica por parte dos Estados Unidos, representavam uma responsabilidade através do Estado.

A percepção de que a “ciência estava indo longe demais” popularizou-se. Em 1975, em conferência em Asilmar, na Califórnia, foi concordada uma moratória em todas as pesquisas de DNA recombinados, até que os riscos pudessem ser exaustivamente estudados. Porém, mesmo com esta ação preventiva, a reação do público foi alarmante. “Histórias de jornais apareceram em várias cidades descrevendo as terríveis consequências de novos organismos terríveis soltos sobre a terra”⁷³⁸. Segundo Bok:

Nas ciências naturais, as pessoas temiam que os cientistas pudessem conduzir seus experimentos com pouca atenção à segurança dos funcionários ou aos riscos mais amplos de radiação e resíduos tóxicos. Na medicina e nas ciências sociais, os jornais traziam matérias que falavam de esforços para realizar experimentos em seres humanos sem seu consentimento ou invadir sua privacidade por meio de dissimulação e engano para observar seu comportamento mais íntimo.⁷³⁹

Em 1971, o polêmico experimento de Philip Zimbardo – que simulava o ambiente prisional para investigar o comportamento dos envolvidos – gerou debates sobre ética na produção científica, uma vez que foi preciso interrompê-lo diante de torturas e agressões praticadas por participantes. O experimento ficou conhecido como *Stanford prison experiment*. Além disso, em 1975 foi a público denúncias acerca do projeto MKUltra, promovido pela CIA que, ao longo das décadas de 1950 e 1960, promoveu experimentos com drogas em seres humanos, muitas vezes recorrendo a torturas. Como coloca Bok:

Além desses problemas, havia preocupações ainda mais profundas sobre os efeitos de novas descobertas. Em um país subitamente consciente do impacto da tecnologia na qualidade do ar, da água, do solo e da própria vida, mais e mais pessoas começaram a se perguntar se o ritmo das novas descobertas não havia superado a velocidade com que a sociedade conseguia assimilar a inovação. Em suma, desde meados da década de 1970, o público tornou-se muito menos inclinado a considerar a pesquisa científica como uma bênção absoluta⁷⁴⁰.

⁷³⁸ BOK, Derek Curtis. *Op. Cit.*, 1982, p. 169.

⁷³⁹ *Ibid.*, p. 170.

⁷⁴⁰ *Ibid.*, p. 172.

Desde o fim da Segunda Guerra, o movimento religioso (cristão) nos Estados Unidos cresceu. Como vimos, houve uma revitalização da noção puritana de “mal no mundo” que foi projetada por grupos da direita para atacar os resquícios do New Deal. Porém, como aponta Jeremy Hatfield, faltava aos diversos grupos religiosos uma liderança que os tornassem uma força política nacional.

Ao longo dos anos 1960 e 1970, por outro lado, “vários eventos importantes, tendências e figuras carismáticas lançaram as bases para o surgimento de tal movimento e moldaram fundamentalmente a consciência política dos evangélicos”⁷⁴¹. A Guerra do Vietnã dividiu ainda mais os evangélicos. Se por um lado a tradição pacifista do cristianismo estadunidense criticava a guerra como “guerra injusta”; por outro, a ala fundamentalista (de influência puritana jeremiada) via a guerra como “arte integrante da guerra santa dos Estados Unidos contra a disseminação do comunismo no exterior”⁷⁴². Os soldados fariam a obra de Deus através do campo de batalha. Além disso, as lembranças da Segunda Guerra mundial, o medo de um inverno nuclear e as notícias do Vietnã, reforçaram o discurso milenarista fundamentalista de que “a verdadeira paz não viria até o retorno de Cristo”⁷⁴³. Com a popularização do televangelismo, estes pastores e apresentadores construíram uma base para o ativismo político, cultivaram o consumo de livros, músicas e filmes evangélicos, fundindo entretenimento com evangelismo.

A emergente desconfiança da ciência em um mundo que, pela visão milenarista aproximava-se do fim, reacendeu um velho sentimento de insegurança. Desde o século XIX, a “ciência moderna” foi recebida por fundamentalistas religiosos como uma forma de ataque⁷⁴⁴. Em especial, com a “modernização” das universidades que, como vimos, foram fundadas e usadas por uma elite puritana como ferramentas de homogenização:

As mudanças na educação americana eram as principais preocupações dos fundamentalistas. No final do século XIX, algumas universidades americanas proeminentes não mais professavam uma identidade explicitamente cristã. A universidade americana moderna abraçou a ciência e sua ênfase na capacidade da razão humana para resolver problemas complexos. A *Origem das Espécies*, de Charles Darwin, publicado em 1859, introduziu a teoria da evolução. Para muitos observadores, o trabalho de Darwin desafiou a interpretação literal da história da

⁷⁴¹ HATFIELD, Jeremy R. *For God and Country: The Religious Right, the Reagan Administration, and the Cold War*. Ohio University, 2013, p. 69.

⁷⁴² Ibid., p. 69-70.

⁷⁴³ Ibid.

⁷⁴⁴ Ibid., p. 37.

criação do livro de Gênesis⁷⁴⁵.

Nos anos 1970, o debate sobre o ensino do criacionismo nas escolas públicas tomou parte das campanhas políticas. A administração estadual de Reagan na Califórnia havia advogado contra o ensino da evolução no estado. Já em campanha para a Casa Branca, o candidato confirmou sua crença. “Ele pronunciou que ‘grandes falhas’ existiam na teoria evolucionária e que as escolas públicas deveriam, portanto, ensinar a ‘história bíblica da criação’ também”⁷⁴⁶. Segundo Hatfield, a organização política/eclesiástica de maior visibilidade do período foi a *The Moral Majority*, de Jerry Falwell. Nas palavras de Hatfield, “a *The Moral Majority* era, na verdade, um conglomerado de quatro organizações diferentes operando sob a mesma bandeira. A *The Moral Majority, Inc.* foi a principal organização que tratou de organizar os evangélicos em ação política”⁷⁴⁷.

A organização tornou-se a mais bem-ordenada e financiada rede cristã, principalmente devido à popularidade de Falwell, personalidade da televisão. Em 1979, o programa “*Old Time Gospel Hour*” alcançava cerca de 18 milhões de pessoas. A receita anual da congregação de Falwell era de aproximadamente 30 milhões de dólares.

Reconhecendo o potencial de reunir os evangélicos através de Falwell, Paul Weyrich (*Heritage Foundation*) e Richard Viguerie (*Young Americans for Freedom – YAF*), procuraram o pastor. Em suma, quando a corrida eleitoral de 1980 começou, “um vasto e bem financiado aparato estava em funcionamento para fazer campanha para candidatos conservadores”. Neste contexto, a “Nova Direita Cristã” tomou Ronald Reagan como candidato na esperança de que ele pudesse se tornar o líder dos evangélicos na política, em direção à “Terra Prometida”⁷⁴⁸.

Mas esta visão profética e milenarista – além de conspiratória – de anticomunismo, representava também uma questão para as relações internacionais. Segundo Cristina Pecequillo, a política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria dedicou-se a duas posturas: a Construção de Ordem e a Contenção. A primeira, atuando para a construção de uma estrutura política e econômica mundial aos moldes da democracia e capitalismo estadunidense, assumiu uma posição ativa e cooperativa; já a segunda, promovendo um

⁷⁴⁵ Ibid., p. 38.

⁷⁴⁶ MOONEY, Chris. *The Republican war on science*. Hachette UK, 2007, p. 53.

⁷⁴⁷ HATFIELD, Jeremy R. *Op. Cit.*, 2013, p. 139

⁷⁴⁸ Ibid.

combate ao comunismo num nível ideológico e político, impediu o adversário – a União Soviética – de expandir-se⁷⁴⁹.

Conforme Chomsky, a base da política externa norte-americana para a Guerra Fria era claramente delineada. Através de uma primazia econômica e militar os Estados Unidos preparavam-se para assumir um papel de potência global⁷⁵⁰. Desenvolveu-se a noção de “macroárea”, região compreendida como “estrategicamente necessária ao controle mundial”, que deveria ser subordinada aos interesses da Casa Branca. Este “bloco” se estenderia de partes da Alemanha, até o extremo Oriente (Japão, Coreia, Vietnã e mais), além da América Latina. Proposta que teve sua origem no CFR, ainda durante a Segunda guerra, como vimos.

Ainda segundo Chomsky, a primeira iniciativa para este projeto foi o Plano Marshall. A reconstrução do capitalismo europeu e japonês era tomada como essencial para a ordem econômica estadunidense. Através deste Plano, estabeleceu-se um padrão triangular de comércio pelo qual “a Europa obtinha dólares através da aquisição norte-americana de matérias-primas em suas colônias. Assim, o acesso europeu (e japonês) aos mercados e matérias-primas do Terceiro Mundo foi um componente essencial” para o mercado estadunidense⁷⁵¹.

O papel do “Terceiro Mundo”, nesse contexto, seria de “atender às necessidades das sociedades industrializadas”, a posição estadunidense para a América Latina era, portanto, de “proteção de nossos recursos”, o que fazia do nacionalismo uma ameaça⁷⁵². Mas ao longo dos anos 1960, as ascensões econômicas da Alemanha e do Japão disputaram mercado com os Estados Unidos, ao passo em que este último se deparou com orçamentos comprometidos com a Guerra do Vietnã (1955-1977). Ainda na mesma década, as manifestações sociais, sinalizaram um desgaste popular da “democracia liberal e dos padrões ideológicos culturais vigentes” e colocaram em voga questões relativas aos direitos de minorias e dos direitos humanos. Na década seguinte, a crise do petróleo trouxe consigo os debates sobre matrizes energéticas e ambientalismo.

Quando chegou ao poder em 1980, a “nova direita reaganiana” substituiu agendas relacionadas aos direitos civis, pelo combate ao narcotráfico e o terrorismo. A liberdade e a

⁷⁴⁹ PECEQUILLO, Cristina. Engajamento e expansão. in: KOCHER, Bernardo. *Globalização: atores, ideias e instituições*. Rio de Janeiro: Maud, 2011, p. 108.

⁷⁵⁰ CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 65.

⁷⁵¹ Ibid., p. 68.

⁷⁵² Ibid., p. 70.

democracia (manifestada, em linhas gerais, pela elaboração de eleições periódicas) tomaram ares de valores universais que precisavam ser exportados tanto para a Europa (regiões da Alemanha e leste europeu), quanto para o Oriente e a América Latina, numa retórica anticomunista revestida de caráter humanitário⁷⁵³.

O governo Reagan interrompeu a política de empréstimos para a América Latina, que vinha financiando avanços e crescimentos industriais. Tal iniciativa gerou a crise da dívida, acompanhada de uma desaceleração do crescimento da economia da região⁷⁵⁴. Para Chomsky, a era Reagan representou um avanço na democracia capitalista e para o projeto dos Estados Unidos do pós-Segunda Guerra⁷⁵⁵. Os projetos de industrialização do “Terceiro Mundo” foram aos poucos inviabilizados e as revoluções de caráter anti-imperialistas, contidas; a produção capitalista flexibilizou-se, articulada no toyotismo; o dólar passou por um processo de revalorização; os *déficits* públicos foram controlados; e as hostilidades com a URSS foram retomadas⁷⁵⁶. Este último, com uma utilidade especial, nas palavras de Chomsky:

Quando havia a necessidade de um estímulo do governo para uma economia vacilante ou para fomentar tecnologias novas e dispendiosas, as autoridades estatais podiam invocar as hordas russas em marcha, a fim de induzir a população a ampliar os subsídios para a indústria de ponta através do Pentágono. [...] Em linhas muito gerais, o Império do Mal era invocado quando isso se fazia necessário para a administração da economia interna e para o controle do sistema mundial⁷⁵⁷.

O termo “Império do Mal” surgiu no discurso proferido na Convenção Anual da Associação Nacional de Evangélicos, em 1983. Reagan recebeu o convite no final do ano anterior e começou a preparar um discurso – junto de seu redator presidencial – que articulasse o conservadorismo social à política externa. No discurso, Reagan usou da Religião Civil, recorrendo aos pais fundadores, chegando a afirmar entender a frase de Abraham Lincoln que dizia: “Muitas vezes caí de joelhos pela convicção avassaladora de que não tinha outro lugar para ir”. Afirmou, ainda, que os compromissos com a liberdade (tanto no aspecto individual como numa democracia) estavam diretamente relacionados à fé cristã, citando a frase “Se não quisermos ser governados por Deus, devemos ser governados por tiranos”, de William Penn, outro pai fundador. Em seguida reconheceu a existência do que chamou de

⁷⁵³ VISENTINI, Paulo. *O Caótico Século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015, p. 14.

⁷⁵⁴ MAMIGONIAN, Armen. América Latina. In: KOCHER, Bernardo. *Op. Cit.*, 2011, p. 23.

⁷⁵⁵ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.*, 2003, p. 102.

⁷⁵⁶ KOCHER, Bernardo. Globalização. In: KOCHER, Bernardo. *Op. Cit.*, 2011, p. 152.

⁷⁵⁷ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.*, 2003, p. 121.

“fenomenologia do mal ou, como diriam os teólogos, a doutrina do pecado”, naquele contexto, relacionando-o ao comunismo. Ressaltou, também, a importância da luta contra o comunismo citando uma conversa com um pai que teria dito: “Prefiro ver minhas filhas morrerem agora, ainda crendo em Deus, do que elas cresçam sob o comunismo e um dia morram sem mais crer em Deus”. E, por fim, faz de Guerra Fria uma luta entre “bem e mal” na qual o “Império do mal” era a União Soviética⁷⁵⁸. Segundo Robert Waters, Reagan talvez tenha sido o primeiro presidente a enxergar na Guerra Fria algo mais que um esforço internacional para conter o avanço de uma potência agressiva. Reagan acreditava que a União Soviética era “produto de uma ideologia milenar implacável que buscava a dominação mundial”⁷⁵⁹ não diferente das ideias professadas pela JBS.

3.2 A longa caminhada do neoconservadorismo: Queda

No início dos anos 1990 um adesivo de para-choques tornou-se popular nos Estados Unidos. Dizia: “Americanos de verdade compram carros americanos”. O problema com essa afirmação, de acordo com Benjamin Barber, era definir o que tornava um carro “americano”. Segundo o autor, a Chevrolet fabricava seus carros no México, usando peças importadas dos Estados Unidos. A Ford, fabricava na Alemanha com mão de obra turca. A Toyota mantinha centros de análise de projetos na Califórnia e montadoras no Kentucky com operários americanos⁷⁶⁰. Neste tópico tratamos do período pós-Guerra Fria. O aparente fim da dicotomia ideológica entre “capitalismo” e “comunismo” por um lado foi apresentado como vitória do “mercado” que se tornava “global”, por outro representava o risco de uma dominação quase imperial que em determinados grupos (aqui, na direita conservadora estadunidense) afetou sua identidade nacional e fomentou teorias conspiratórias.

3.2.1 O fim da Guerra fria: o fim da história e a nova ordem mundial

⁷⁵⁸ REAGAN, Ronald. "Evil Empire" Speech. March 8, 1983. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-8-1983-evil-empire-speech>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷⁵⁹ WATERS, Robert. Anticommunism. In: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *American Conservatism: An Encyclopedia*. Open Road Media, 2014, p. 72.

⁷⁶⁰ BARBER, Benjamin. *Jihad X Mcmundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 57.

Apesar da eleição de Ronald Reagan ter sido recebida como um grande sucesso pelos conservadores, Edwin Feulner (presidente da *Heritage*) não gastou tempo em celebrar. Conforme Smith, reconhecendo que os primeiros cem dias de governo eram cruciais para qualquer administração, a *Heritage Foundation* pôs-se em ação. Após apenas uma semana da eleição, Feulner entregou a Edwining Meese (chefe da equipe de transição da Casa Branca) o relatório *Mandate for Leadership*, com mais de mil páginas. O relatório tornou-se a “planta” para os ativistas conservadores que se enxergavam recebendo seu espaço ao sol, depois de longos anos⁷⁶¹.

Embora os anos 1960 e 1970 tenham um relativo equilíbrio na representação entre republicanos e democratas na Casa Branca (Com os democratas John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson, entre 1961 até 1969; com os republicanos Richard Nixon e Gerald Ford, de 1969 a 1977; e, por fim, com o democrata Jimmy Carter, de 1977 a 1981), foi nos anos 1980 que os conservadores começaram a enxergar uma quebra no “*establishment* liberal”.

Mesmo quando lideravam o poder executivo, os conservadores ainda se viam como minoria. Segundo Smith, alguns membros da administração Nixon pensavam estar cercados por uma teia de burocracia tecida por think tanks liberais (esquerda)⁷⁶². Ao longo dos anos 1970, o *Council on Foreign Relations* teve David Rockefeller como presidente e foi definido pelos conservadores como uma instituição de esquerda. Os mais radicais, como os membros da *John Birch Society*, como vimos, chegavam a colocar o CFR como epicentro da dominação comunista nos Estados Unidos. E mesmo os think tanks conservadores mais tradicionais, como o *American Enterprise Institute*, eram acusados de não serem ativistas o suficiente.

Howard Wiarda, acadêmico que ingressou no AEI em 1981, relata: “Durante meu tempo lá, a AEI era conservadora, mas diversa e pluralista, com muitos republicanos moderados a liberais como eu e um número surpreendente de democratas”⁷⁶³. Os membros do governo, até Reagan, eram hostis a agências de pesquisas externas e chegavam a pedir que a *Internal Revenue Service* (agência da receita federal), perseguisse think tanks como o *Brookings Institute*, a exemplo do CFR, reconhecida como dominado pela esquerda⁷⁶⁴. Conforme Smith: “A noção de um governo de esquerda ‘no exílio’, assombrava os membros da equipe de

⁷⁶¹ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991, p. 195.

⁷⁶² Ibid., p. 196.

⁷⁶³ WIARDA, Howard J. *Conservative brain trust: the rise, fall, and rise again of the American Enterprise Institute*. Lexington Books, 2009, p. 235.

⁷⁶⁴ Ibid. p. 196.

Nixon, assim como o medo de que eles não tivessem conquistado o controle da burocracia federal mesmo depois de quatro anos no cargo”⁷⁶⁵. A *Heritage* surgiu para ocupar esse “vácuo” de “apoio acadêmico conservador” e tornou-se tão relevante e icônico para o conservadorismo dos anos 1980 como o *Brain Trust* de Roosevelt foi para o *New Deal*.

Apesar do surgimento e crescimento da *Heritage*, o orçamento anual do AEI entre 1970 e 1980, não foi prejudicado. Ao contrário, aumentou de aproximadamente um milhão de dólares, para 10 milhões. Só a *Olin Foundation* doou milhares de dólares para o think tank formar uma campanha contra o aumento do imposto imobiliário. Olin temia que a lei fosse uma manobra “socialista” e que seu patrimônio fosse liquidado após a sua morte⁷⁶⁶. A postura bipartidária e supostamente imparcial deu ao AEI acesso a mais fundos:

A AEI poderia angariar o apoio de doadores moderados e mais conservadores ao mesmo tempo. Por exemplo, a Fundação Ford, muitas vezes ridicularizada pelos conservadores, deu à AEI uma doação de US\$ 300.000 em 1972, enquanto a Lilly Endowment doou US\$ 500.000 mais ou menos na mesma época. A organização ganhou patrocinadores políticos proeminentes e respeitáveis. O presidente Gerald Ford participou de uma reunião do conselho de administração em 1975, junto com Alan Greenspan, presidente do Conselho de Assessores Econômicos, e prometeu seu apoio (“Gostaria de fazer tudo o que puder para ajudar”)⁷⁶⁷.

Wiarda relata que, ao início da década de 1980, a estrutura do AEI era invejável:

Quando cheguei ao AEI em 1981, havia duas coisas que me impressionaram mais do que qualquer outra. A primeira foi a enorme quantidade de acesso, conexões e entradas que a AEI e seus acadêmicos desfrutavam em todos os níveis de formulação de políticas: mídia, grupos de interesse e governo. A segunda era a riqueza e o luxo do lugar: os altos salários, aquela elegante sala de jantar da AEI, os benefícios maravilhosos, a equipe soberba, a rica conta de viagem, os privilégios ilimitados de telefone e cópia, minha própria secretária e assistente de pesquisa. Comparado com as instalações esfarrapadas da minha universidade natal, na AEI eu achava que estava no paraíso dos acadêmicos. Meus ex-colegas de universidade, e até colegas de outros think tanks menos bem dotados de Washington, estavam verdes de inveja⁷⁶⁸.

Porém, já em 1982, o número de publicações foi diminuído e a revisão orçamentária revelou que quase toda a receita estava direcionada aos custos fixos e despesas gerais, sobrando pouco para os projetos de pesquisa. Em 1983, por intermédio do relatório de contas anuais, os acadêmicos descobriram que a administração não vinha aplicando o valor

⁷⁶⁵ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991, p. 197.

⁷⁶⁶ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 169.

⁷⁶⁷ Ibid. p. 170.

⁷⁶⁸ WIARDA, Howard. *Op. Cit.*, 2009, p. 235.

combinado em seus fundos de aposentadoria – acordo previsto por contrato. Os descontentes levaram o assunto direto ao Conselho Administrativo, questionando a administração de Baroody Jr. e chegando a exigir sua demissão. Baroody Jr assumiu a presidência do AEI apenas em 1978, após a aposentadoria de seu pai, que morreu em 1980. Com o escândalo, o presidente manteve seu emprego e os depósitos voltaram, mas “o episódio deixou um legado de desconfiança por parte dos estudiosos da qual a equipe sênior, incluindo o próprio Baroody Jr, nunca se recuperou”⁷⁶⁹.

Pouco depois, membros catedráticos⁷⁷⁰ descobriram que os financiamentos externos de suas cátedras estavam sendo desviados para cobrir despesas operacionais do think tank. Novamente o caso foi levado ao Conselho Administrativo, mas o agravante foi que muito dos membros do conselho eram representantes das empresas que financiavam essas cátedras, como Bill Butcher, do *Chase Bank*, e Richard Madden, da *Potlatch Corporation*. Em outras palavras, era o dinheiro deles que estava sendo desviado⁷⁷¹. O AEI encolheu. Além das demissões, o orçamento para pesquisas e publicações foi cortado. Em 1985, foi reduzido para 10.000 dólares, considerado insuficiente para publicações ou grandes projetos. No início de 1986, Baroody Jr anunciou que o orçamento geral do think tank seria 11,5 milhões de dólares, um milhão a menos que do ano anterior, e 3,5 milhões a menos que três anos antes. A insegurança dos cargos, os constantes cortes de verba e a desconfiança na capacidade administrativa do presidente transformaram o AEI num ambiente de trabalho hostil. Como relata Wiarda:

Minha sensação era que a AEI estava à beira de uma revolta em grande escala; ou isso ou um colapso nervoso. As coisas pareciam estar caminhando para um clímax: a maioria no Comitê de Acadêmicos agora queria que Bill [William Baroody Jr] se fosse e até mesmo seus defensores mais fortes até aquele ponto agora eram neutros⁷⁷².

De acordo com Wairda, um dos elementos que levou à decadência do que havia sido o maior think tank conservador, foi juntamente a aparente vitória conservadora. Após a campanha de Goldwater, o interesse empresarial em investir na promoção de ideias conservadora – principalmente na defesa do livre mercado – cresceu. Em 1970, o AEI contava

⁷⁶⁹ Ibid., p. 25-35.

⁷⁷⁰ Que possuíam *Endowed Chair*: Cátedras financiadas diretamente por empresas externas.

⁷⁷¹ WIARDA, Howard. *Op. Cit.*, 2009, p. 239.

⁷⁷² Ibid. p. 242.

com pouco mais de dez acadêmicos e um orçamento de aproximadamente um milhão de dólares. Ao início dos anos 1980, eram setenta acadêmicos e 12 milhões em orçamento. Em 1976, o think tank possuía dez centros de pesquisa; nos anos 1980, eram mais de vinte.

Com perspectiva de crescimento, o AEI atuou muitas vezes contando com investimentos que ainda não tinha. Baroody Jr assumiu que “havia aprovado projetos para os quais o Instituto não dispunha de recursos financeiros”⁷⁷³. No entanto, ao longo dos anos 1980, os investimentos caíram. Para investigar o motivo, o think tank elaborou uma pesquisa junto de seus doadores tradicionais e descobriu que os empresários doavam mais durante governos democratas por sentirem-se ameaçados. “Com Reagan na Casa Branca, eles raciocinaram: ‘nossos caras estão no poder de qualquer maneira, então por que devemos dar ao AEI?’”⁷⁷⁴. Além, o surgimento da *Heritage* com seu posicionamento mais direto atraiu investimentos de instituições como a *Olin Foundation* – tradicional companheira do AEI. E doações para projetos específicos torram-se mais frequentes que doações diretas ao think tank.

Desde os anos 1950, Baroody (pai) estruturou o think tank para uma guerra de ideias, no entanto, a eleição de Reagan representou uma vitória nessa guerra. O AEI precisava deixar de ser “tanque de ideias” no sentido militar, ou encontrar uma nova guerra. Em 1979, como documentou Phillips-Fein, Barry Goldwater escreveu:

Hoje, enquanto estou no Senado no ano de 1979, é interessante para mim, assistir liberais [esquerda], moderados e conservadores lutando entre si para ver quem pode sair por cima mais rápido contra os assuntos que falei. Com tanto fervor e tanto sobre 1964... Agora que quase todos os princípios que defendi em 1964 se tornaram o evangelho de toda a extensão do espectro da política, realmente não resta muito mais⁷⁷⁵.

Os anos 1970 e 1980 foram testemunhas do surgimento de vários novos think tanks, das mais variadas especializações e posições políticas. Esse crescimento não só representou uma maior competitividade no “mercado de ideias”, como, conforme Smith, “tentou mover o debate intelectual para outro nível”⁷⁷⁶. Ao mesmo tempo, só em 1978, quase dois mil associações comerciais corporativas (que compreendiam várias empresas em um conjunto)

⁷⁷³ Ibid. p. 249.

⁷⁷⁴ WIARDA, Howard. *Op. Cit.*, 2009, p. 241.

⁷⁷⁵ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 203.

⁷⁷⁶ SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991, p. 216.

registraram lobistas junto ao Congresso. O número de empresas individuais subiu de 175, registrado em 1971, para 650, no final da década⁷⁷⁷.

Tabela 2: Grandes think tanks fundados nas décadas de 1970 e 1980

Nomes	Ano de fundação
Joint Center for Political and Economic Studies	1970
Institute for Contemporary Studies - ICS	1972
Center on Defense Information	1972
Ethics and Public Policy Center	1976
Rockford Institute	1976
Cato Institute	1977
Institute for Research on the Economics of Taxation	1977
Center for Economic Policy Studies renomeado Manhattan Institute for Policy Research	1978 e 1981
Foreign Policy Institute - junto à universidade John Hopkins	1980
Center on Budget and Policy Priorities	1981
Institute for EastWest Studies	1981
Institute for International Economics	1981
Center for National Policy	1981
National Center for Policy Analysis	1983
Center for Democracy	1984
Competitive Enterprise Institute	1984
Economic Policy Institute	1986
Independent Institute	1986
Center for Strategic and International Studies - CSIS (1962, junto da Georgetown University, independente em 1987)	1987
Progressive Policy Institute	1989
Center for the New West	1989

Fonte: SMITH, James. *Op. Cit.*, 1991.

Reagan foi eleito com a promessa de diminuir o Estado. O inimigo interno para os anos 1980 não seria combatido por uma “guerra de ideias”, mas sim por uma “guerra cultural”, tendo a educação como um dos campos de batalha.

Quando concorria ao cargo de governador, segundo Gary Clabaugh, Ronald Reagan aproveitou-se das disputas políticas existentes nos campi da Universidade da Califórnia.

⁷⁷⁷ PHILLIPS-FEIN, Kim. *Op. Cit.*, 2010, p. 182.

Chegou a exigir uma investigação legislativa sobre o comunismo e a má conduta sexual dos estudantes. Depois de eleito, Reagan pediu o fim das mensalidades gratuitas para estudantes universitários estaduais; efetuou um corte de 20% no financiamento estadual para o ensino superior; e declarou diversas vezes que “o Estado ‘não deve subsidiar a curiosidade intelectual’”⁷⁷⁸. No Salão Oval, o presidente Reagan também fez cortes no orçamento da educação. Quando eleito, a parcela federal para a educação era de 12%; quando deixou a Casa Branca, era de 6%. Ou seja, nos oito anos de administração Reagan, o orçamento federal para educação foi cortado pela metade. Além, defendeu a oração em escolas públicas e exigiu uma ênfase na “educação de valores”⁷⁷⁹.

Em 1984, discursando para alunos da Universidade de Fudan, na China, o presidente Reagan tentou conciliar melhorias sociais promovidas pela pesquisa científica e avanços tecnológicos com a promoção de valores tradicionais:

Meus próprios dias, anos, de faculdade aconteceram cerca de 50 anos atrás. Foi um momento difícil na América então. [...] Mas aqui estamos nós 50 anos depois, e nosso povo, o povo americano, desfruta de um padrão de vida inimaginável naquela época [...] Mas a chave para todo esse progresso não foram os minerais, a eletricidade, ou materiais de construção, mas a capacidade humana de inteligência, imaginação e admiração e a oportunidade de colocar todos eles em uso. [...] Me formei em economia e, portanto, meus estudos certamente contribuíram para o que estou fazendo agora. (Risos) [...] Houve um período em que havia uma espécie de espírito rebelde em nossa terra, e muitos jovens - não a maioria, mas o suficiente para formar uma multidão - estavam um pouco desiludidos e queriam jogar fora todos os valores do passado, todas as coisas em que aprendemos a acreditar. E, vocês sabem, isso é verdade para todas as gerações. [...] Não joguem fora os valores que foram testados ao longo do tempo e que provaram ao longo dos séculos que são valores básicos essenciais à civilização e ao que chamamos de civilização⁷⁸⁰.

Ao início do governo, o secretário de Educação, Terrel Bell, conseguiu elaborar um gabinete para investigar como a educação pública estava sendo empregada no país (a proposta inicial era para uma Comissão, mas não foi autorizada pelo presidente). Segundo Curtis Good, o consenso entre os conservadores era de que a educação precária era responsável pelo desemprego⁷⁸¹. O gabinete contou com 18 membros, entre eles: Glenn T. Seaborg (Professor

⁷⁷⁸ CLABAUGH, Gary K. The educational legacy of Ronald Reagan. *Educational Horizons*, v. 82, n. 4, p. 256-259, 2004, p. 258.

⁷⁷⁹ Ibid.

⁷⁸⁰ REAGAN, Ronald. Remarks in a Fudan University Classroom. April 30, 1984. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-30-1984-remarks-fudan-universityclassroom>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷⁸¹ GOOD, Curtis J. A nation at risk: Committee members speak their mind. *American Educational History Journal*, v. 37, n. 1/2, p. 367, 2010, p. 368.

Universitário de Química da Universidade da Califórnia e Prêmio Nobel); A. Bartlett Giamatti (Presidente da Universidade de Yale); Gerald Holton (Professor de Física Mallinckrodt e Professor de História da Ciência na Universidade de Harvard); William O. Baker (Ex-presidente do Conselho de Administração da Bell Telephone Laboratories); e, presidindo, David P. Gardner (Presidente da Universidade de Utah). O relatório final, chamado *A Nation at Risk: The Imperative for Educational Reform*, foi publicado em 1983. No documento lê-se:

O mundo é de fato uma aldeia global. Vivemos entre concorrentes determinados, bem-educados e fortemente motivados [...] A posição dos Estados Unidos no mundo pode ter sido razoavelmente segura com apenas alguns homens e mulheres excepcionalmente bem treinados. Não mais [...] Conhecimento, aprendizado, informação e inteligência qualificada são as novas matérias-primas do comércio internacional e hoje estão se espalhando pelo mundo tão vigorosamente quanto antes as drogas milagrosas, os fertilizantes sintéticos e o jeans azul⁷⁸².

Temos aqui a defesa de uma educação utilitária, voltada exclusivamente para a capacitação profissional e atendimento ao mercado. Nos debates presidenciais de 1985, a educação foi tema. A defesa dos valores tradicionais foi substituída pela defesa da economia.

Metade – um em cada dois estudantes universitários em tempo integral nos Estados Unidos está recebendo alguma forma de ajuda federal. Mas lá, novamente, encontramos pessoas que, no governo anterior, famílias que não tinham limite de renda ainda eram elegíveis para empréstimos universitários com juros baixos. Não achamos isso certo. E assim, estabelecemos um padrão de que esses empréstimos e subsídios são direcionados às pessoas que, de outra forma, não poderiam ir para a faculdade, de tão baixa renda familiar⁷⁸³.

O *Nation at Risk* foi mencionado por Reagan junto de suas supostas conquistas no campo da economia:

Todas as coisas que eu disse que faríamos, desde a inflação caindo, as taxas de juros caindo, o desemprego caindo, todas essas coisas que fizemos. E acho que isso é algo que o povo americano vê. Acho que eles também sabem que tivemos uma comissão que veio há um ano com uma recomendação sobre educação – sobre excelência em educação. E hoje, sem o envolvimento do Governo Federal além de repassar a eles, aos distritos escolares, as palavras daquela comissão, encontramos 35 Estados com mutirões agora tratando de seus problemas educacionais⁷⁸⁴.

⁷⁸² GARDNER, David P. et al. *A Nation At Risk: The Imperative For Educational Reform. An Open Letter to the American People. A Report to the Nation and the Secretary of Education*, 1983.

⁷⁸³ REAGAN, Ronald. *Debate with Walter Mondale* (Domestic Issues). October 7, 1984. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/october-7-1984-debate-walter-mondaledomestic-issues>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷⁸⁴ Ibid.

Verifica-se, portanto, que ao longo dos anos 1980, a educação (tanto básica como superior) foi alvo de críticas, não mais por ser associada ao comunismo (como dos anos 1940 aos 1970), mas, principalmente, por supostamente atacar os “valores tradicionais cristãos” e ser responsável por uma crise econômica. Ou seja, foi criticada não pelos anticomunistas, mas pelos “defensores do livre mercado” e pela nova direita religiosa. O anticomunismo foi fortemente apontado para a política externa (com aspectos conspiratórios jeremiada, como apresentado no tópico anterior).

Segundo Chomsky, ao início da administração Reagan, a ameaça da União Soviética foi manipulada para o alcance dos objetivos junto ao “Terceiro Mundo”. A Nicarágua, por exemplo, foi apresentada como dominada por um governo “totalitário” em uma “ditadura comunista”. Os grupos anticomunistas que ficaram conhecidos como “Contra” foram apoiados pelos Estados Unidos na revolução (1979 – 1990). Ainda conforme Chomsky, a intervenção militar estadunidense foi feita em nome da democracia. Ao mesmo tempo, fez com que “as elites receptivas aos interesses norte-americanos prevalecessem”⁷⁸⁵. Além disso, a Casa Branca também forneceu apoio aos *mujahidins* afegãos na guerra contra a União Soviética (1979 – 1989). Em seu discurso à União de 1985, Reagan afirmou:

A ditadura sandinista da Nicarágua, com total apoio do bloco cubano-soviético, não apenas persegue seu povo, a Igreja, e nega a liberdade de imprensa, mas arma e fornece bases para terroristas comunistas que atacam estados vizinhos. O apoio aos combatentes da liberdade é autodefesa e totalmente consistente com as Cartas da OEA e da ONU⁷⁸⁶.

No entanto, como pondera Heather Gregg, a diferença entre um guerreiro da liberdade e um terrorista é subjetiva. Os Contra também violavam os direitos humanos e atacavam cidades e vilarejos simpatizantes aos sandinistas⁷⁸⁷. Mas a guerra ao terrorismo também se tornou importante parte da política externa da administração Reagan. De acordo com Gregg, o sucesso da Revolução Iraniana (1978 – 1979) e a popularização do islamismo xiita no Oriente Médio criou uma nova turbulência na região. Em 1979, estudantes e militantes revolucionários tomaram a embaixada dos EUA no Irã, fazendo 52 reféns americanos. Em

⁷⁸⁵ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.* 2003, p. 146.

⁷⁸⁶ REAGAN, Ronald. *State of the Union Address*. February 6, 1985. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/february-6-1985-state-union-address>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷⁸⁷ GREGG, Heather S. Reagan and Terrorism. In: JOHNS, Andrew L. (Ed.). *A Companion to Ronald Reagan*. John Wiley & Sons, 2015, p. 362.

1982, o presidente da *American University* em Beirute foi sequestrado. Em 1983, o recémformado *Hezbollah* bombardeou a embaixada dos EUA. Em dezembro do mesmo ano, um grupo xiita chamado *Al Dawa* atacou a embaixada dos EUA no Kuwait. Em 1984, os revolucionários xiitas sequestraram um voo da *Kuwait Airways*, e mataram dois funcionários federais dos EUA. Em junho do mesmo ano, revolucionários xiitas também sequestraram outro voo, desta *TWA* na Itália e o desviaram para Beirute. Os sequestradores torturaram e mataram um mergulhador da Marinha dos EUA e mantiveram 39 passageiros como reféns. E talvez o caso mais relevante, em março de 1984, o chefe da estação da CIA foi sequestrado no Líbano, torturado e morto⁷⁸⁸.

Os ataques estadunidenses, por outro lado, foram mais pontuais, sendo o mais relevante o ataque aéreo ao Líbano em 1986, após o ataque terrorista na à discoteca *La Belle* em Berlim. Na ocasião Reagan afirmou: “Acreditamos que essa ação preventiva contra suas instalações terroristas não apenas diminuirá a capacidade do Coronel Kadafi de exportar terror, mas também fornecerá incentivos e razões para alterar seu comportamento criminoso”⁷⁸⁹.

Assim, de acordo com Gregg, Reagan lutou duas guerras enquanto presidente: uma ideológica, contra a promoção do comunismo, e outra contra estados e grupos terroristas⁷⁹⁰. Porém, outra guerra foi igualmente relevante para a política externa estadunidense no final da administração Reagan, a guerra às drogas. O fim da década de 1980 foi acompanhado pela diminuição das tensões da Guerra Fria, o que, nas palavras de Chomsky, foi recebido como uma benção e como um problema pela elite estadunidense. Se por um lado a falta do poder da União Soviética à beira do colapso abriria mercado em áreas da Europa Oriental e Central, a ausência de um inimigo externo bem definido dificultaria o controle do público interno pela política do medo⁷⁹¹. Em 1989, o *Wall Street Journal* questionou o “inquietante aspecto da paz”, ameaçando os recursos financeiros militares, importante ferramenta de gestão econômica dos Estados Unidos na época⁷⁹². Nas palavras de Chomsky: “entra em cena o cartel de Medellín”⁷⁹³.

⁷⁸⁸ Ibid., p. 364-365.

⁷⁸⁹ REAGAN, Ronald. Speech to the Nation on Air Strikes Against Libya. April 14, 1986. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-14-1986-speech-nation-air-strikesagainst-libya>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁷⁹⁰ GREGG, Heather S. *Op. Cit.*, 2015, p. 359.

⁷⁹¹ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.*, 2003, p. 134.

⁷⁹² Ibid., p. 144.

⁷⁹³ Ibid., p. 151.

A defesa contra a ameaça deve gerar o espírito marcial adequado na população, que deve dar rédea livre a seus governantes, para que eles adotem políticas de motivação diferente, e tolerar a erosão das liberdades civis, benefício colateral de importância particular para os adeptos reacionários do estatismo que se mascaram de conservadores⁷⁹⁴.

A “guerra às drogas” foi iniciada ainda na administração Nixon, em 1971, quando o então presidente declarou que o uso abusivo de drogas era o inimigo público número um do país. No entanto, segundo Jeremy Kuzmarov, a “guerra” foi institucionalizada pelos governos Carter e Reagan em resposta ao crescimento da importação de cocaína, droga caracterizada pela revista *Time* como a “droga champanhe dos ricos”⁷⁹⁵. Reagan com frequência argumentava que o uso de drogas quase destruiu a juventude dos Estados Unidos nos anos 1960 e, por isso, precisava ser erradicada para que o prestígio global do país pudesse ser recuperado⁷⁹⁶. Em discurso, em 1986, o presidente afirmou:

Nancy [Primeira dama] vai se juntar a mim porque a mensagem desta noite não é minha, mas nossa. E falamos com vocês não apenas como concidadãos, mas como pais e avós e vizinhos preocupados. [...] E enquanto o abuso de drogas e álcool atravessa todas as gerações, é especialmente prejudicial para os jovens de quem nosso futuro depende. [...] Apesar de nossos melhores esforços, a cocaína ilegal está chegando ao nosso país em níveis alarmantes, e 4 a 5 milhões de pessoas a consomem regularmente. [...] O abuso de drogas custa a você e seus compatriotas americanos pelo menos US\$ 60 bilhões por ano. [...] Então, por exemplo, se seu amigo ou vizinho ou familiar tem problema com drogas ou álcool, não vire para o outro lado. Vá para a ajuda dele ou dela. Envolve outras pessoas com você - clubes, grupos de serviço e organizações comunitárias - e forneça apoio e força. [...] Ser amigo dos outros é a melhor forma de ser amigo de nós mesmos. É hora, como Nancy disse, de a América “apenas dizer não” às drogas⁷⁹⁷.

A administração Reagan aumentou o financiamento do FBI e da *Drug Enforcement Administration* (DEA), criada na década de 1970, ajudou a estabelecer um sistema de controle de fronteiras e autorizou a CIA a produzir informações sobre o tráfico de drogas. Reagan ainda pressionou o Congresso a aprovar uma emenda para a Lei *Posse Comitatus* (1878) para autorizar as Forças Armadas a atuar junto de oficiais civis na execução das leis anti-drogas.

⁷⁹⁴ Ibid.

⁷⁹⁵ KUZMAROV, Jeremy. The Reagan Revolution and the war on drugs. In: KENDALL, John George. A Companion to Ronald Reagan. *Reference Reviews*, 2015, p. 239.

⁷⁹⁶ Ibid., p. 131.

⁷⁹⁷ REAGAN, Ronald. *Speech to the Nation on the Campaign Against Drug Abuse*. September 14, 1986.

Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-14-1986-speech-nation-campaign-against-drug-abuse>>. Acesso em: 10 out. 2022.

Em razão disso, o Pentágono auxiliou com o uso de sofisticados equipamentos como helicópteros e embarcações militares⁷⁹⁸. De acordo com Kuzmarov, estima-se que o país tenha gasto mais de 23 bilhões de dólares na “guerra às drogas”, um contraste com a retórica de reduzir os gastos do governo. Isso se deu principalmente pelo fato de que a “guerra às drogas” de Reagan ser parte de uma ofensiva ideológica. Seu objetivo primário era de desacreditar os movimentos da década de 1960 e “restaurar” o “clima de conformidade e patriotismo da era pós-Segunda Guerra Mundial”⁷⁹⁹.

Porém, as ações da administração Reagan no Oriente Médio e na América Latina renderam ao presidente um Watergate para chamar de seu. Na segunda metade dos anos 1980, membros do Conselho Nacional de Segurança (NSC) e da CIA praticaram trocas de armas por reféns no Irã, apesar do embargo de armas do governo. Ao mesmo tempo, também foi organizado um financiamento privado aos Contra, na Nicarágua. Tudo sem o apoio e consentimento do Congresso. O caso ficou conhecido como *Iran-Contra Affair*. Conforme Neil Denslow, críticos na época acusaram a ação de ser um golpe liderado por Reagan contra o Congresso, porém, uma visão mais branda se popularizou: a de que o escândalo foi fruto da má gestão do presidente e de sua ignorância quanto aos assuntos de relações internacionais.

Membros do gabinete do secretário de Estado George Shultz e do secretário de Defesa Casper Weinberg foram responsabilizados⁸⁰⁰. Em dezembro de 1986, uma comissão foi estabelecida para investigar o escândalo. Liderada pelo senador John Tower, a comissão recebeu o nome de *Tower Commission*. Em fevereiro do ano seguinte, o relatório da comissão foi publicado e, embora tenha reconhecido a ilegalidade da ação, responsabilizou William Casey (diretor da CIA) por não ter assumido a operação e notificado o presidente e o Congresso. No mês seguinte Reagan se pronunciou:

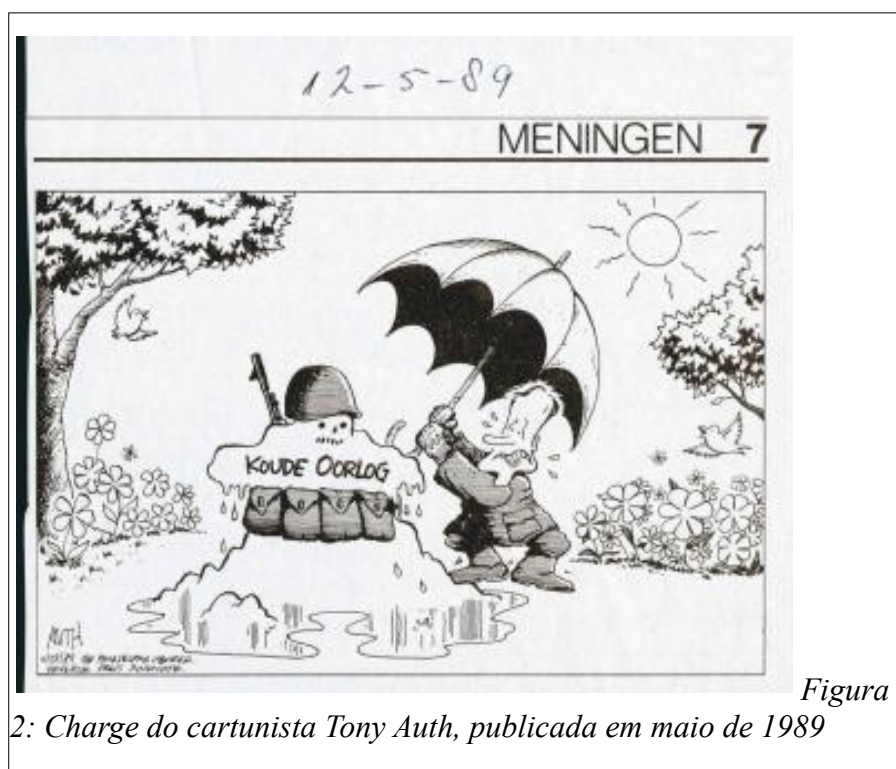
Há alguns meses eu disse ao povo americano que não trocava armas por reféns. Meu coração e minhas melhores intenções ainda me dizem que isso é verdade, mas os fatos e as evidências me dizem que não é. Como a Comissão Tower relatou, o que começou como uma abertura estratégica para o Irã se deteriorou, em sua implementação, em troca de armas por reféns. Isso vai de encontro às minhas próprias crenças, à política de administração e à estratégia original que tínhamos em mente. Há razões pelas quais isso aconteceu, mas não há desculpas. Isso foi um erro⁸⁰¹.

⁷⁹⁸ KUZMAROV, Jeremy. *Op. Cit.*, 2015, p. 241.

⁷⁹⁹ Ibid.

⁸⁰⁰ DESLOW, Neil. *Iran-Contra*. In: KNIGHT, Peter (org.). *Op. Cit.*, 2003, p. 353.

O Congresso estabeleceu seu próprio comitê e promoveu uma série de audições. O coronel Oliver North, da NSC, ao longo das audições, argumentou que havia agido como um patriota na luta contra o comunismo⁸⁰². Embora as audiências tenham chamado bastante atenção, quando terminaram em 1988, o assunto foi esquecido. Nas eleições de 1988 o escândalo não foi uma questão para o candidato republicano, o vice-presidente de Reagan, George Herbert Walker Bush. A questão para a política externa do sucessor de Reagan foi outra. A charge do cartunista Tony Auth, publicada em maio de 1989, ilustra o dilema que o sucessor de Reagan teve que enfrentar. A imagem ilustra George H. W. Bush, com um guarda-sol tentando desesperadamente evitar que o boneco de neve chamado “Guerra Fria” derretesse.



⁸⁰¹ REAGAN, Ronald. *Address to the Nation on Iran-Contra*. March 4, 1987. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1987-address-nation-iran-contra>> Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁰² DESLOW, Neil. *Op. Cit.*, 2003, p. 351.

Fonte: AUTH, Tony. Untitled. 1989, May 12. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10622/30051001263828?locatt=view:level2>> Acesso em 10 out. 2022.

Conforme Chomsky, com o vácuo do poder soviético e a falta dos inimigos no horizonte que ajudasse a alinhar a opinião pública contra uma ameaça, “a guerra contra as drogas era uma escolha natural para a cruzada seguinte”⁸⁰³. A “guerra” foi então continuada e intensificada pela administração G. H. W. Bush. A população carcerária triplicou entre 1980 e 1993, devido ao aumento no número de condenações e pela aplicação de sentenças mais longas de acordo com a legislação antidrogas⁸⁰⁴. Em seu primeiro pronunciamento televisivo, direto do salão oval, o presidente G. H. W. Bush – segurando uma embalagem com crack – declarou: “Todos nós concordamos que a nova grande ameaça doméstica que nossa nação encara são as drogas”⁸⁰⁵.

Em junho de 1988, a *Heritage* publicou o relatório *Why America is Losing the War on Drugs*. Assinado por Jeffrey Eisenach, o documento alegava que apesar do investimento no combate às drogas, o uso continuou a crescer, bem como a criminalidade e corrupção. Assim, a defesa pela legalização das drogas – defendida tanto por conservadores como William Buckley e liberais como Marion Barry – seria reflexo de uma frustração da população.

A questão financeira foi destacada no relatório. Eisenach demonstrou como em total o governo federal gastaria aproximadamente 2.5 bilhões de dólares em leis de antidrogas em 1988, um valor muito superior aos 806 milhões dispensados à causa em 1981. Só em educação antidrogas e programas de prevenção, foram investidos 117 milhões em 1981; já em 1988, a projeção era de 454 milhões. O relatório não defendia a legalização, mas advogava em favor de gastos mais conscientes nos programas.

No ano seguinte, a *Heritage*, novamente com Eisenach, voltou a produzir sobre o assunto⁸⁰⁶. O relatório *Winning the war on drugs* retomou as discussões sobre os valores gastos nos programas, chamou atenção para o fato de que as crianças e os jovens eram os

⁸⁰³ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.*, 2003, p. 252.

⁸⁰⁴ TONRY, Michael. Race and the War on Drugs. *U. Chi. Legal F.*, 1994, p. 25.

⁸⁰⁵ BUSH, George H. W. *Presidential Address on National Drug Policy*. September 5, 1989. Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?8921-1/president-bush-address-national-drug-policy >>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁰⁶ EISENACH, Jeffrey A. *Why America Is Losing the Drug War*. The Heritage Foundation Backgrander, n. 656. June 9, 1988. Disponível em: <<https://www.heritage.org/civil-society/report/why-america-losing-the-drug-war>>. Acesso em: 10 out. 2022.

mais afetados, e voltou a afirmar que o crescimento do consumo de drogas é acompanhado pela criminalidade. Porém, este relatório também destacou as relações entre consumo de drogas e suicídio adolescente. No mais, se propôs a apresentar alternativas para “vencer a guerra às drogas” como: fortalecer o sistema criminal; repelir leis pela legalização; encorajar o setor privado a promover testes de drogas; repensar programas de reabilitação”⁸⁰⁷.

Menos de um ano depois, foi publicado o *Drug Legalization: Myth vs reality*. Este relatório é listado como um “update” do publicado em 1988 e 1989 e traz um total de oito argumentos contra a legalização e a favor da manutenção da “guerra às drogas”, são esses: 1) as políticas atuais não estão falhando em reduzir o consumo de drogas; 2) drogas nem sempre foram parte da sociedade estadunidense, houve uma explosão do consumo durante as décadas de 1960 e 1970; 3) a legalização não eliminaria os crimes relacionados ao consumo, os crimes (estupros, assaltos, tiroteios) são relacionados ao consumo da droga, não à ilegalidade; 4) as políticas não infringem os direitos civis, o governo tem dever legítimo de combater o uso de uma “substância tóxica”; 5) drogas ilícitas não são menos perigosas que drogas lícitas; 6) uso de drogas não é um “crime sem vítimas”; 7) a proibição não cria novos traficantes, a legalização diminuiria os preços e drogas mais baratas levaria ao crescimento de usuários; 8) as políticas atuais não são desleixadas e a verba não seria melhor aproveitada na educação, o governo federal gasta menos de três cents de cada estado e governo local em políticas antidrogas⁸⁰⁸.

Os três relatórios traziam uma série de argumentos ligados à moralidade, respaldados por números e percentuais de gastos de verba federal. Enquanto o primeiro (1988) ataca a política antidroga como dispendiosa demais e relaciona o crescimento do uso de drogas com o crescimento da criminalidade, o último (1990) alega que as despesas são controladas e que o consumo de drogas tem decaído. A *Heritage* conseguiu defender a mesma causa com dois relatórios diferentes, com posturas diferentes e argumentos em partes contraditórios.

O exemplo dos relatórios de Eisenach ilustra bem a produção intelectual promovida por diversos think tanks dos anos 1980 a diante. A antiga concepção de Baroody de produzir um

⁸⁰⁷ _____. *Winning the war on drugs*. The Heritage Foundation Backgrander. Update. July 7. 1989. Disponível em: <<https://www.heritage.org/public-health/report/winning-the-drug-war-what-the-states-can-do>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁰⁸ _____. *Drug Legalization: Myths vs. Reality*. The Heritage Foundation Backgrander. Update, n. 122. January 25, 1990. Disponível em: <<https://www.heritage.org/crime-and-justice/report/drug-legalizationmyths-vs-reality>>. Acesso em: 10 out. 2022.

“mercado de ideias”, no qual as leis do livre mercado – de oferta e procura – comandariam a produção, é observável na *Heritage*. Como coloca Tatiana Teixeira, “os críticos [da *Heritage*] afirmam que se trata, na verdade, de uma loja de conveniência de ideias, com material de qualidade duvidosa, mas com incontestável e incrível capacidade de marketing”⁸⁰⁹.

Neste princípio, ao longo de toda a década de 1980, o think tank elaborou uma série de publicações acerca das “guerras” travadas por Reagan: contra o comunismo e contra o terrorismo. Por vezes, os assuntos se misturavam. Em *The Sandinista War on Human Rights* (1983) é apresentado como os comunistas perseguem inocentes. O assunto volta a ser debatido em *The Battle for Democracy in Nicaragua* (1984), no qual a guerra civil é retratada como uma guerra pela democracia contra o comunismo. Já *Nicaragua's Terrorist Connection* (1986) afirma que Sandinistas possuíam conexões com diversos países do Oriente Médio que lutavam contra o “imperialismo yankee”. Além disso, *What is in Risk in El Salvador* (1989) afirma que a eleição de Farabundo Marti (marxista) representava um retrocesso para a democracia no continente americano. Em *In the U.S. War on Terrosim, Iran is the Enemy* (1985) é argumentado que o Irã tem travado uma guerra “não tradicional” contra os Estados Unidos. *Afghan Freedom Fighters Still Need U.S. Help* (1985) declara que os Estados Unidos deveriam investir mais contra a presença soviética no oriente médio, auxiliando os *mujahidins* no Afeganistão e “deixar claro a Gorbachev que não lhe permitirá coagir o Paquistão”. O assunto volta em *Updating U.S. Strategy for Helping Afghan Freedom Fighters* (1986), alegando que os “guerreiros da liberdade” do Afeganistão precisam de mais treinamento e pedindo “alocação de ajuda dos EUA a grupos de resistência afegãos”. Já *High Stakes for the U.S. in the Persian Gulf* (1987), chama atenção para a presença soviética na região e a aproximação iraquiana no Kuwait, argumenta que os Estados Unidos precisariam “tomar medidas para proteger seus interesses vitais no Golfo Pérsico, o livre fluxo de todo o petróleo do Golfo Pérsico”. Por fim, em *Responding to the Soviet Challenge in Persian Gulf* (1989) é dito que a União Soviética tem manipulado o antiamericanismo do Irã revolucionário, e que a presença estadunidense na região deveria ser assegurada devida sua importância estratégica e abundância em petróleo⁸¹⁰.

⁸⁰⁹ TEIXEIRA, Tatiana. *Op. cit.*, 2007, p. 210.

⁸¹⁰ Estes e mais textos podem ser consultados em: <https://www.heritage.org/search?contains=war%20on%20drugs%20and%20terrorism&range_start=1980-01-01&range_end=1989-12-31>. Acesso em: 10 out. 2022.

Esta preocupação que o *Heritage* passou a demonstrar pela segurança do petróleo do Oriente Médio ao fim da década de 1980, já estava presente no CFR no início da mesma década. Em 1981 a *Foreign Affairs* publicou *The Purposes of American Power*, por Robert Tucker, no qual a dominação da região petrolífera no Oriente Médio era uma necessidade diante do risco de os Estados Unidos perder o acesso à região.

Ao longo dos anos 1970 o *Council on Foreign Relations* passou por reformulações. Os movimentos pelos direitos das mulheres pressionaram o *Council*. De acordo com George Gavrilis, a primeira vez que o CFR discutiu a admissão de mulheres foi em 1954, mas a moção foi negada pela diretoria. Só no final da década de 1960 que, com vitória dos votos dos membros mais jovens, a situação foi revertida⁸¹¹. Em 1971, segundo Grose, 18 mulheres foram convidadas para participar do CFR. Além da pouca diferença de gênero, a pouca diferença de idade começou a ser uma questão. A idade média dos 1.600 membros do CFR, no início da década, era de 58 anos. Houve uma tentativa de renovar os membros e, cinco anos depois, 28% dos membros haviam sido eleitos nos últimos três anos⁸¹². O perfil dos membros também mudou. A presença de empresários, banqueiros e financistas em geral caiu ligeiramente (de 28 para 25%), enquanto a de acadêmicos, professores e representantes de mídia aumentou. A idade média dos membros mais novos era de 47 anos, dez anos mais jovens que os membros antigos⁸¹³. Por fim, a chegada de Bayless Manning – reitor da faculdade de direito da Universidade de Stanford – para a presidência do CFR mudou a estrutura administrativa da instituição. Manning elaborou novas estratégias de gestão e modificou a estrutura de eleição interna. Os membros da equipe ou o amavam ou não gostavam dele, mas nenhum era indiferente ao seu estilo de gestão⁸¹⁴.

Manning bateu de frente especialmente com Hamilton Fish Armstrong, editor da *Foreign Affairs*. Armstrong, comandando a revista desde praticamente sua fundação, tinha considerável poder junto aos membros do CFR. Nas palavras de Gavrilis:

Por cinquenta anos, Armstrong encheu as páginas da *Foreign Affairs* enquanto dirigia as agendas do *Council* nos Programas de Estudos e nas reuniões. A

⁸¹¹ GAVRILIS, George. *The Council on Foreign Relations: A Short History*. The Council on Foreign Relations. New York: CFR, 2021, p. 65.

⁸¹² GROSE, Peter. *Continuing the Inquiry*. The Council on Foreign Relations from 1921 to 1996. New York: Council on Foreign Relations, 2006, p. 57.

⁸¹³ Ibid., p. 59.

⁸¹⁴ GAVRILIS, George. *Op. Cit.*, 2021, p. 70.

popularidade da revista e o poder de Armstrong em toda a organização naqueles anos foram o rabo que abanou o cachorro que era CFR. A certa altura, Armstrong pediu a Franklin D. Roosevelt que considerasse se tornar presidente do *Council*. Ele escreveu muitas cartas para a primeira-ministra indiana Indira Gandhi por mais de uma década, pedindo que ela participasse das atividades do *Council* e escrevesse para a revista; ele exigiu que Samuel Huntington, professor de governo da Universidade de Harvard, escrevesse textos mais claros e curtos; e ele baniu Hans Morgenthau e o jornalista e comentarista político vencedor do Prêmio Pulitzer Walter Lippmann das páginas da revista⁸¹⁵.

Mas a recusa de Manning em receber seus conselhos e direções, frustrou Armstrong que, em 1970, anunciou sua aposentadoria. O presidente do conselho administrativo do CFR, David Rockefeller, convidou William P. Bundy – velho amigo da família – para assumir o cargo. Vale mencionar que o convite foi feito informalmente em uma reunião entre amigos na casa do presidente de Harvard, Nathan Marsh Pusey, para assistir a uma partida de futebol entre os times de Harvard e Yale. Bundy havia contribuído para o fundo de defesa de Alger Hiss no caso Hiss-Chambers nos anos 1950, na mesma década começou a trabalhar na CIA, e na década seguinte foi diretor da *Commission on National Goals* do presidente Eisenhower.

A nomeação de Bundy gerou conflitos dentro do CFR, sendo criticado pelas suas conexões com o departamento de Defesa e chamado de “criminoso de guerra”. Por outro lado, os membros que defenderam a nomeação acusaram os dissidentes de “esquerdistas McCarthistas”⁸¹⁶. Bundy assumiu a revista e liderou a editoração até 1984.

Ainda no início da década de 1970, a revista fez uma pequena mudança em sua missão. Em 1922, foi definido pelo editorial assinado por Elihu Root que o objetivo da revista seria de “guiar a opinião pública”. Porém, com o estabelecimento do “mercado de ideias”, o novo objetivo da revista tornou-se de “informar a opinião pública”. Uma mudança sutil, mas que reflete a mudança do consumo de pesquisas e produções dos think tanks que se estabeleceu ao longo da mesma década. Segundo os Peter Rose:

O interesse público nas relações internacionais não precisa mais de orientação ou estímulo, como Elihu Root argumentou em 1922. O americano típico não precisa mais ouvir que os acontecimentos em todo o mundo refletem em sua vida diária. Mas o público atarefado procura e precisa de informações confiáveis e sem verniz.⁸¹⁷

⁸¹⁵ Ibid., p. 71.

⁸¹⁶ GROSE, Peter. *Op. Cit.*, 2006, p. 50-51.

⁸¹⁷ Ibid., p. 55.

Além disso, a revista começou a sofrer com a concorrência, em especial após a popularização da *Foreign Policy*⁸¹⁸, fundada por Samuel Huntington e Warren Demian Manshel e publicada pela *Carnegie Endowment for International Peace*. O caráter denso e acadêmico da *Foreign Affairs* foi reconhecido como uma dificuldade para sua popularização, principalmente competindo com publicações curtas e efêmeras de think tanks como o AEI e *Heritage*. E, apesar do prestígio que a revista acumulava, sua circulação começou a cair.

Em 1985 William G. Hyland foi convidado para substituir Bundy na edição da revista. Hyland havia servido na administração Nixon, trabalhando diretamente com Henry Kissinger. Após assumir a revista, Hyland relatou ter recebido uma ligação do ex-presidente dizendo: “[O CFR] É um lugar terrível, mas estou feliz que você esteja fazendo isso”⁸¹⁹. Nixon havia sido membro do *Council* nos anos 1950, mas desligou-se da organização nos anos 1960. Como coloca Gavrilis, “Hyland encontrou Nixon depois que alguns números foram publicados, o ex-presidente deu outro golpe: ‘Você é um bom editor. A revista é muito boa. Claro, ninguém lê’”⁸²⁰. Como mencionamos, ao longo dos anos 1960 e 1970, o anticomunismo do conservadorismo (em especial o explicitamente conspiratório da *John Birch Society*), colocou o CFR como parte central do plano comunista para os Estados Unidos. E na visão política conservadora, o CFR encontrava-se mais próximo da esquerda que da direita. Ao avançar dos anos 1980, mesmo recuperando-se de uma crise financeira e com sua revista em baixa o CFR não perdeu a característica mais marcante da organização desde sua fundação, o seu poder de inserção no Estado. Ao início de 1987, um grupo de delegados foi enviado para a União Soviética para uma série de reuniões com Mikhail Gorbachev e outras personalidades. Acompanhados por Jeane J. Kirkpatrick – representante permanente dos Estados Unidos nas Nações Unidas no governo Reagan – estavam: Peter Tarnoff (presidente do CFR), Peter Peterson (presidente do conselho administrativo do CFR), William Hyland e outros membros do *Council*⁸²¹.

As mudanças pelas quais os think tanks passaram diante da consolidação do mercado de ideias impactou as instituições financeiramente, academicamente e estruturalmente. Houve uma evidente guinada em direção a academia a fim de ocupar esse “mercado”. Mesmo o CFR,

⁸¹⁸ GAVRILIS, George. *Op. Cit.*, 2021, p. 75.

⁸¹⁹ *Ibid.*, p. 90.

⁸²⁰ *Ibid.*

⁸²¹ *Ibid.* p. 93.

com tradição bancueira e financeira, mudou levemente seu perfil. Há, portanto, um novo momento de “valorização” do Capital Científico sem que tenha havido uma efetiva valorização da ciência como campo. Isso é, diante da consolidação do mercado de ideias, os think tanks (como instituições tanto da estrutura econômica quanto da epistêmica) voltara-se para a academia buscando não o acadêmico ou a ciência, mas seu prestígio.

Mas o final da década de 1980 e início dos 1990 trouxeram novos problemas. Entre 1989 e 1991, a União Soviética foi desfeita e o muro de Berlim foi derrubado. O mundo testemunhou o Massacre da Praça da Paz Celestial, a invasão iraquiana no Kuwait e a guerra civil na Iugoslávia. Este período, como vimos, representou um desafio e uma oportunidade para a administração de G. W. H. Bush, mas também foi o momento de recolocação para várias instituições de pesquisa. Como relata George Garlverils:

O desaparecimento da União Soviética desencadeou uma crise existencial no *Council* [CFR], assim como em muitas outras organizações e institutos, do Departamento de Estado à *Brookings Institution* e ao *Harriman Institute for Soviet Studies* da *Columbia University*: Quem ou o que estudaremos agora? Será este o fim da história ou o início de uma era unipolar dominada pelos Estados Unidos? O Japão será o próximo rival? Como podem acabar as guerras civis? Como evitar o colapso do Estado? Como mantemos as instalações nucleares soviéticas seguras? Como redefinimos as organizações internacionais?⁸²²

Conforme Josep Fontana, a queda dos regimes no leste europeu “pareceu o momento adequado para fundamentar um novo e duradouro consenso que devia deixar firmemente assentada a convicção de que toda tentativa de subverter a ordem estabelecida era inútil”⁸²³.

Em 1988, o economista Francis Fukuyama foi convidado por Nathan Tarcov e Allan Bloom para discursar no *John Olin Center*, em Chicago. Deste encontro, originou-se o artigo *The End of History?* O texto foi publicado na revista *National Interest*, graças aos trabalhos de Owen Harries, seu editor. A revista havia sido fundada em 1985 por Harries, Irvil Kristol e Robert Tucker. Logo após a publicação, artigos discutindo a tese foram publicados na mesma revista, entre eles, Kristol, Bloom e Samuel Huntington⁸²⁴.

Em seguida à tese do artigo foi transformada em livro com o auxílio de Erwin Glikes, presidente da editora *Free Press*.⁸²⁵ Em linhas gerais, a tese de Fukuyama defendia que o

⁸²² Ibid. p. 96.

⁸²³ FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998, p. 17.

⁸²⁴ Ibid. p. 18.

⁸²⁵ FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 13.

liberalismo estava acompanhado da liberdade e da democracia e que este modelo seria, portanto, o “melhor” para os países – nas palavras do autor – civilizados⁸²⁶. A queda do muro de Berlim foi tomada como exemplo da superioridade do capitalismo liberal frente aos demais modelos político-econômicos. Fukuyama argumenta

Dos diferentes tipos de regimes surgidos no curso da história da humanidade, desde as monarquias e aristocracias até as tecnocracias religiosas e as ditaduras fascistas e comunistas deste século, a única forma de governo que sobreviveu intacta até o fim do século XX foi a democracia liberal⁸²⁷.

Nos agradecimentos da obra, publicada em 1992, Fukuyama cita nominalmente, Abram Shulsky e James Thompson, o primeiro membro e o segundo presidente da *RAND Corporation*⁸²⁸.

Na mesma época, o Pentágono desenvolveu o *Defense Planning Guidance*. O documento, de caráter sigiloso, defendia que os Estados Unidos deveriam assegurar o posto de única superpotência global. Dessa forma, deveriam impedir que qualquer poder hostil emergisse em espaços estratégicos. Mais especificamente, no Oriente Médio. Os Estados Unidos deveriam permanecer presente como poder dominante para certificar o acesso ao petróleo. O documento foi desenvolvido por Paul Wolfowitz, Lewis Libby, Zalmay Khalilzad e Andrew Marshall (todos subordinados a Dick Cheney e membros do CFR)⁸²⁹.

O governo norte-americano pôs-se a buscar uma legitimidade para a instauração de uma nova organização diplomática mundial que favorecesse um mundo mono polarizado. Como demonstra Paulo Visentini, a ONU foi ferramenta dessa busca. Do meado dos anos 1980 em diante, o poder dos Estados Unidos cresceu na instituição e 13 intervenções em países foram realizadas entre 1988 e 1993, o mesmo número de intervenções realizadas entre 1945 e 1987⁸³⁰. Foi neste contexto que o presidente George H. W Bush anunciou a existência de uma “nova ordem mundial”. Como colocado no dia 11 de setembro de 1990:

Desses tempos difíceis, nosso quinto objetivo – uma nova ordem mundial – pode emergir: uma nova era – mais livre da ameaça do terror, mais forte na busca da justiça e mais segura na busca da paz. [...] Centenas de gerações procuraram este caminho indescritível para a paz, enquanto mil guerras assolavam a extensão do

⁸²⁶ Ibid., p. 7.

⁸²⁷ Ibid., p. 80.

⁸²⁸ Ibid., p. 11.

⁸²⁹ Para mais detalhes sobre as filiações desses atores, consultar apêndices B e C.

⁸³⁰ VISENTINI, Paulo. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015, p. 71.

esforço humano. Hoje esse novo mundo está lutando para nascer, um mundo bem diferente daquele que conhecemos. Um mundo onde o Estado de Direito suplanta o domínio da selva. Um mundo em que as nações reconheçam a responsabilidade compartilhada pela liberdade e justiça. Um mundo onde os fortes respeitem os direitos dos fracos⁸³¹

De acordo com Bart Kessler, o termo foi rapidamente adotado no léxico político estadunidense, mas não houve consenso sobre seu significado. Segundo o autor, três interpretações de como a nova ordem mundial seriam abordadas foram debatidas: 1) Realista, com foco no equilíbrio de poderes entre Estados; 2) Globalista, com foco em uma organização internacional mediadora, como a ONU; e 3) Idealista, com caráter retórico, ilustrando “mudança”⁸³².

Segundo Visentini, a proposta apresentada por Bush remetia a construção de uma agenda internacional implementada por organizações internacionais. O objetivo seria, portanto, de construir uma ordem de “paz mundial”⁸³³. Bush remete ao assunto quando discursa sobre a invasão iraquiana no Kuwait, menos de um ano depois de ter cunhado o termo:

Somos americanos, parte de algo maior do que nós mesmos. Por dois séculos, fizemos o trabalho duro da liberdade. E esta noite, nós lideramos o mundo para enfrentar uma ameaça à decência e à humanidade. O que está em jogo é mais do que um pequeno país; é uma grande ideia: uma nova ordem mundial, onde diversas nações se unam em uma causa comum para alcançar as aspirações universais da humanidade — paz e segurança, liberdade e o estado de direito⁸³⁴.

Embora seja um termo dos anos 1990, apresentado como proposta para o mundo pós-Guerra Fria, o cerne dessa visão de mundo e política internacional encontra-se – de acordo com Kessler – nos anos 1950, no CFR. Walter Sharp, líder de um dos grupos de estudos do *War and Peace Studies Program* escreveu sobre o que chamou de “fetichismo popular pela soberania”. Sharp afirmou que populações de países soberanos gerariam resistência a intervenções intencionais de outros países. A alternativa para “driblar” essa resistência seria a

⁸³¹ BUSH, George Herbert Walker. *Address Before a Joint Session of Congress*. September 11, 1990. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-11-1990-address-joint-session-congress>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸³² KESSLER, Bart R. *Bush's New World Order: The Meaning Behind the Words*. Air command and staff collmaxwell afb al, 1997, p. 8.

⁸³³ VISENTINI, Paulo. *Op. Cit.*, 2015, p. 73.

⁸³⁴ BUSH, George Herbert Walker. *State of the Union Address*. January 29, 1991. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-29-1991-state-union-address>>. Acesso em: 10 out. 2022.

instauração de uma “sociedade internacional que seja fisicamente segura, economicamente estável e culturalmente livre”⁸³⁵. Além disso, o programa recomendou que esta organização realizasse um papel fiscalizador e policial. Uma política internacional focada da belicosidade foi reconhecida como prejudicial⁸³⁶. Assim, conclui Kessler:

O *War and Peace Studies* formulou, portanto, uma visão fundamental de uma nova ordem mundial de soberania transitória, auxiliada pela interdependência econômica; segurança coletiva mantendo a ordem internacional por meio de uma força policial multinacional sob autoridade centralizada; e, uma mudança de ações unilaterais baseadas apenas em interesses nacionais para o apoio de ações coletivas baseadas em interesses comuns, especialmente contra “nações agressoras”⁸³⁷.

No entanto, esta proposta de suposta interação internacional confrontava a visão de mundo conservadora tradicional. Com exceção dos mais conspiratórios, como do JBS – que via a ONU e a Nova Ordem Mundial como a dominação comunista global – a proposta de “fim da história” e vitória capitalista apresentava um problema para os movimentos conservadores. Dos três pilares que uniram os movimentos, dois encontravam-se em crise. Os anticomunistas viram o desaparecimento de seu maior rival; os defensores dos valores tradicionais e os religiosos viram na globalização a alternativa para uma nova ameaça. A antiga “guerra cultural” ganhou novos contornos, apresentou-se a “guerra entre civilizações”, ou até mesmo contra “a Nova ordem Mundial”.

3.2.2 Globalização: Nova desordem mundial?

Em dezembro de 1991, Irvil Kristol discursou no AEI sobre o futuro do capitalismo no mundo pós-Guerra Fria: “O socialismo está morto, mas as versões do impulso coletivista vivem. Você não precisa ser socialista para desconfiar ou até mesmo destruir uma economia de mercado”⁸³⁸. Enquanto Fukuyama desenvolvia o “Fim da história?” e o CFR debatia a “Nova Ordem Mundial”, Kristol argumentava que a “morte do socialismo” não implicava a vitória do capitalismo:

⁸³⁵ SCHULZINGER. Robert D, *The Wise Men of Foreign Affairs*. New York: Columbia University Press, 1984, p. 85.

⁸³⁶ KESSLER, Bart. *Op. Cit.*, 1999, p. 26.

⁸³⁷ *Ibid.*, p. 28.

⁸³⁸ KRISTOL. Irving. *The Capitalist Future*. The Heritage Foundation. Speech. December 04, 1991. Disponível em: <<https://www.aei.org/research-products/speech/the-capitalist-future/>>. Acesso em 10 out. 2022.

Para aqueles de nós que se preocupam com uma economia de livre mercado e algo que pode ser chamado de sociedade livre, esse desafio do liberalismo contemporâneo sobrevive à morte do socialismo. A boa notícia é que este é um desafio que temos enfrentado no último meio século e que temos ficado cada vez melhores em enfrentá-lo, mais agressivos em criticar a agenda liberal em termos intelectualmente coerentes⁸³⁹.

Mas, apesar disso, Kristol reconheceu que “as pessoas em todas as democracias, e também na maioria dos outros países, decidiram que a economia de mercado é de longe a mais desejável de todas as alternativas possíveis”⁸⁴⁰. De forma que o grande problema a ser enfrentado pelos conservadores e defensores do livre mercado para a “nova era” não seria de ordem econômica ou política, mas cultural:

Vivemos, então, uma revolução cultural que a certa altura ameaçou se tornar uma revolução política - esse ponto de fulgor foi experimentado durante a revolução estudantil dos anos 1960 [...] Também levou rápida e decisivamente à captura do poder Partido Democrata por sua ala esquerda em 1972, importando assim uma espécie de polarização permanente na política americana. [...] De uma cultura dissidente, para uma contracultura, chegamos finalmente a uma anticultura niilista. Essa anticultura permite que os pós-modernistas abolissem a distinção entre o que costumava ser chamado de arte “intelectual” – também costumava ser chamado de “cultura” sem equívocos – e cultura “popular”⁸⁴¹.

A maior “agressão” da pós-modernidade seria, conforme Kristol, a desconstrução de valores tradicionais herdados das religiões. Embora as religiões tenham sido afastadas das organizações diretas de poder, seus valores e símbolos foram secularizados. Segundo Kristol, acreditava-se que “a filosofia racional poderia ser invocada para chegar a um código que, se não fosse idêntico ao da religião, fosse suficientemente congruente com ele”⁸⁴². Porém, o “racionalismo secular foi incapaz de produzir um código moral convincente e autojustificativo”⁸⁴³. E, na prática, houve uma negação do “racionalismo secular e humanismo secular em favor de um relativismo e/ou niilismo intelectual e moral”⁸⁴⁴.

Em outubro do ano seguinte, Kim Holmes – diretor do *Foreign Policy Studies*, da *Heritage Foundation* – discursou na *Heritage* sobre as novas tendências dos estudos de

⁸³⁹ Ibid.

⁸⁴⁰ Ibid.

⁸⁴¹ Ibid.

⁸⁴² Ibid.

⁸⁴³ Ibid.

⁸⁴⁴ Ibid.

relações internacionais. O discurso foi transcrito e publicado na série *The Heritage Lectures*. Holmes argumentou que falar de relações internacionais estava “fora de moda” e que mesmo os especialistas falavam em uma espécie de “relações internacionais relaxadas”, citando a “O fim da História?” e a “nova ordem mundial”. Porém, longe do “éden” da paz mundial, o fim da união soviética teria dado lugar a um mundo com mais de vinte países armados com mísseis balísticos, Holmes cita a Líbia, Ira, Iraque, Síria, Afeganistão, China, Coreia, entre outros. Além de países com possíveis novos arsenais nucleares, novamente Síria, Iraque, Coreia do norte, Ira e outros. Nas palavras de Holmes: “O perigo é que algum ditador irracional, como Saddam Hussein, poderia adquirir o poder de ameaçar o solo dos Estados Unidos”⁸⁴⁵. Ou pior, fornecer este arsenal a grupos terroristas.

É o melhor e o pior dos tempos, usando o velho clichê de Charles Dickens. Embora os americanos não enfrentem mais o pesadelo nuclear do ataque soviético, um dia terão que lidar com inúmeras ameaças nucleares de países do Terceiro Mundo. [...] É um mundo novo, tudo bem. Não podemos voltar o relógio para os dias de isolacionismo. Mas também não podemos ser líderes mundiais no velho sentido do mundo, porque o mundo, como o conhecemos, está se fragmentando⁸⁴⁶.

Na *Foreign Affairs*, também em 1992, Joseph Nye publicou o artigo *What New World Order?* no qual também teceu suas críticas às noções de “nova ordem mundial” e “fim da história?”. De acordo com Nye, a “velha ordem mundial” oferecia uma certa “estabilidade” para as organizações internacionais. O autor argumentou que diversos conflitos no “terceiro mundo” foram evitados ou reduzidos quando pressionados pelas superpotências: “Na verdade, alguns especialistas acreditam que uma União Soviética mais forte nunca teria permitido que seu cliente iraquiano invadisse o Kuwait”⁸⁴⁷. Assim como Kristol, Nye argumentava que a queda do socialismo não implica a vitória do capitalismo:

Não há um único concorrente ao capitalismo liberal como uma ideologia abrangente. Mais do que o fim da história, o mundo pós-Guerra Fria está testemunhando um retorno da história na diversidade de fontes de conflito internacional. O capitalismo liberal tem muitos concorrentes, ainda que fragmentados. Exemplos incluem o neomaoísmo indígena do movimento de guerrilha Sendero Luminoso do Peru, as muitas variantes do fundamentalismo islâmico e a ascensão do nacionalismo

⁸⁴⁵ HOLMES, Kim. *The New World Disorder* The Heritage Lectures. The Heritage Foundation. October 30, 1992. Disponível em: <<https://www.heritage.org/europe/report/the-new-world-disorder>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁴⁶ Ibid.

⁸⁴⁷ NYE, Joseph S. What new world order? *Foreign Affairs*, v. 71, n. 2, p. 83-96, 1992, p. 84.

étnico⁸⁴⁸.

Em linhas gerais, os diferentes debates promovidos pelos think tanks sobre o fim da ordem bipolar do mundo reconheciam que o fim da União Soviética construiu um mundo “descentralizado”. No entanto, fora do “campo ideológico”, essa perspectiva já havia sido considerada.

De acordo com Giovanni Arrighi, a corrida armamentista da Guerra Fria foi essencial para resolver o problema de liquidez da economia mundial. O auxílio militar estadunidense a governos estrangeiros, e os gastos militares no exterior forneceram a liquidez necessária à economia global para que ela se expandisse. Os anos 1960 e 1970 avançaram de tal forma que “o ritmo de expansão da economia mundial capitalista como um todo foi excepcional”⁸⁴⁹.

Porém, ao final dos anos 1960, os Estados Unidos enfrentaram uma crise interna. Militarmente, sofreram sérias baixas com a Guerra do Vietnã; monetariamente, o sistema da *Federal Reserve* teve dificuldade em manter e regular a emissão de dólar. Apenas entre 1970 e 1978, o valor somado dos investimentos estadunidenses no exterior mais do que duplicou (de 78 bilhões de dólares para 168 bilhões), porém, o investimento de “não americanos”, majoritariamente europeus, mais que triplicou (de 72 bilhões para 222 bilhões). O que representou um crescimento de 48% para 58% da fração “não americana” na economia global⁸⁵⁰.

Esta transnacionalização do capital ocorreu em um contexto de pressão intensa nos preços de compra de insumos primários, o petróleo com prioridade⁸⁵¹. Porém, os maiores consumidores de petróleo eram exatamente os próprios Estados capitalistas e a produção concentravam-se em países do “Terceiro Mundo”. A busca pela segurança energética intensificou ainda mais a concorrência intercapitalista e alimentou a contínua expansão monetária. Ao final da década de 1970, conclui Arrighi, o governo dos Estados Unidos encontrava-se diante de um conflito com uma comunidade financeira diversa e cosmopolita. A resposta do governo resultou no que o autor denominou “*belle époque* da era Reagan”⁸⁵².

⁸⁴⁸ Ibid., p. 85.

⁸⁴⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 1996, p. 307.

⁸⁵⁰ Ibid., p. 315.

⁸⁵¹ Ibid.

⁸⁵² Ibid., p. 325.

Contradizendo uma série de propostas de campanha, o governo Reagan – sob a bandeira de “diminuir o Estado” e controlar a gestão pública – aumentou o deficit do orçamento federal de 74 bilhões de dólares para um trilhão. A dívida pública em 1991 havia triplicado, batendo quatro trilhões⁸⁵³. Além disso, a resistência em interferir nas políticas monetárias e o desprezo por uma moeda forte também foram abandonadas:

Trabalhar de mãos dadas com as altas finanças privadas significava abandonar quase tudo o que o governo norte-americano havia representado durante quase meio século, não apenas nas questões monetárias, mas também sociais. Esse tipo de rompimento com as tradições não era um passo fácil [...] a razão [de ser dado] não foi simplesmente que se estivesse se armando uma grande crise de confiança no dólar [...] a razão mais convincente de todas foi que a busca do governo norte-americano para aumentar seu poder por outros meios estava gerando retornos⁸⁵⁴.

Por fim, ainda segundo Arrighi, foi no final dos anos 1980 que o FMI foi autorizado a agir como ministério das finanças mundiais e – já no governo Bush – a ONU passou a exercer o papel de “ministério de policiamento mundial”⁸⁵⁵. Desta forma, antes mesmo da queda do muro de Berlim, a perspectiva tanto política quanto econômica para a ordem mundial seria de combinar o internacionalismo econômico-financeiro ou empresarial com a abertura de empresas *offshore*, com as soberanias políticas e territoriais dos Estados modernos⁸⁵⁶.

Neste contexto, em outubro de 1992, Samuel Huntington foi convidado para discursar no AEI. Sua fala recebeu o título de “O Choque de Civilizações?” Não muito diferente das demais críticas e teorias elaboradas na época, Huntington afirmou que:

A fonte fundamental de conflito no mundo pós-Guerra Fria não será primariamente ideológica ou econômica, mas cultural [...] os principais conflitos da política global ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. [...] Por uma civilização, quero dizer o nível mais amplo de identidade cultural além daquele que distingue os humanos de outras espécies. [...] As características culturais são menos mutáveis e menos facilmente resolvidas do que as políticas e econômicas. Na antiga União Soviética, os comunistas podem se tornar democratas; mas os russos não podem se tornar estonianos⁸⁵⁷.

No entanto, a teoria de Huntington chamou a atenção da *John Olin Foundation*. Como demonstra Mayer Jane, a *Olin Foundation*, desde a década de 1970, financiou dezenas de

⁸⁵³ Ibid., p. 328.

⁸⁵⁴ Ibid., p. 331.

⁸⁵⁵ Ibid., p. 343.

⁸⁵⁶ Ibid.

⁸⁵⁷ HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations*. American Enterprise Institute. Event, October 19, 1992. Disponível em: <<https://www.aei.org/events/the-clash-of-civilizations/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

professores universitários. Ao avançar dos anos 1980 e 1990 a presença da instituição no ensino superior se intensificou. Com a proposta de combater a “hegemonia da esquerda no ensino superior”, diversas bolsas de estudo foram concedidas para “estudantes de direito ambiciosos com pouca ou nenhuma expectativa”⁸⁵⁸. Programas de pesquisa que se propunham a analisar e produzir sobre relações internacionais, economia e polícia interna também receberam verbas. O *Program on Constitutional Government*, fundado em 1985 por Harvey Mansfield e Irvil Kristol, recebeu um total de 3,3 milhões de dólares da *Olin Foudation*. E o *John M. Olin Institute for Strategic Studies*, criado em 1989 e comandado por Huntington, recebeu 8,4 milhões⁸⁵⁹. Ambos programas da universidade de Harvard. De acordo com Mayer:

A fundação acompanhou aqueles que passaram pelo programa Olin de Huntington, observando com orgulho que muitos entraram no serviço público e na academia. Entre 1990 e 2001, cinquenta e seis dos oitenta e oito bolsistas da Olin no programa de Harvard continuaram a lecionar na Universidade de Chicago, Cornell, Dartmouth, Georgetown, Harvard, MIT, Penn e Yale. Muitos outros se tornaram figuras públicas no governo, think tanks e a mídia⁸⁶⁰.

Portanto, quando Huntington apresentou sua tese do Choque de Civilizações publicamente pela primeira vez, suas ligações com a *Olin Foundation* já estavam consolidadas. Após sua fala no AEI, Huntington elaborou a sua tese como parte do projeto *The Changing Security Environment and American National Interests*, publicado pela *John M. Olin Institute for Strategic Studies*, em 1993. A série contou com quatro ensaios. O primeiro, com o título de *New Modes and Ordes: State and Statecraft in a Changing World*, assinado por Michael Lind, ex-membro da *Heritage* (1988/1990), e na época editor da *National Interest*. O segundo, intitulado *Interesting Times*, por Russell Seitz, professor de Harvard e afiliado ao *Olin Institute for Strategic Studies*. O terceiro, com o título *The New American Intelligence: an Epiphany*, por Charles G. Cogan, ex-membro da CIA (1954/1991) na época também professor de Harvard e afiliado ao *Olin Institute for Strategic Studies*. E, por fim, o *The Clash of Civilizations?*, de Huntington, fechou a série.

Segundo Josep Fontana, a tese de Huntington foi promovida pela Olin após a constatação de que a tese do fim da História (que se tornava livro na mesma época, em 1992)

⁸⁵⁸ CADY, Erin. The John M. Olin Fellowships and the Advancement of Conservatism in Legal Academia. *Harv. JL & Pub. Pol'y*, v. 39, 2016, p. 929.

⁸⁵⁹ MAYER, Jane. *Op. Cit.*, 2017, p. 105.

⁸⁶⁰ *Ibid.* p. 105.

perdia força. Nas palavras de Fontana, “Fukuyama saía rapidamente de moda, porque, entre outras razões, contra suas predições, os conflitos e os enfrentamentos continuavam presentes num mundo em que não estava claro que a história havia acabado”⁸⁶¹. A estratégia adotada para promover a nova tese foi a mesma elaborada para a anterior: a publicação em uma revista de grande circulação. Em 1993, o artigo *The Clash of Civilizations?* foi publicado pela *Foreign Affairs*, do CFR. Como o próprio autor do artigo relata:

Segundo os editores da *Foreign Affairs*, nos últimos três anos [este texto foi escrito em 1996] esse artigo provocou mais debates do que qualquer outro por eles publicado desde a década de 1940. Não há dúvida de que ele foi por três anos um motivo de discussão mais forte do que qualquer outro artigo que já escrevi [...] as pessoas ficam impressionadas, intrigadas, indignadas amedrontadas ou perplexas por meu argumento de que a dimensão central e mais perigosa da política mundial que estava emergindo seria o conflito entre grupos de civilizações diferentes⁸⁶².

A tese foi amplamente difundida. Ainda no ano de 1993, só a *Foreign Affairs* publicou oito artigos sobre o tema, incluindo um novo texto do próprio Huntington defendendo-se de críticas⁸⁶³. Em 1996 foi publicado o livro. No prefácio, Huntington agradece as contribuições de Michael Desch, Robert Keohane e Fareed Zakaria. Desch era na época professor da Universidade da Califórnia (1991/1996) e diretor-assistente e pesquisador sênior da *John M. Olin Institute for Strategic Studies*, de Harvard (1993/1998). Ex-membro da *John Olin Center*, em 2021 ingressou no CFR, liderando o grupo *The U.S. Pivot to Asia and American Grand Strategy*⁸⁶⁴. Keohane lecionava em Harvard na época (1985/1996) e era ex-membro do CFR (1968/1969)⁸⁶⁵. Por fim, Zakaria havia sido aluno de Huntington em Harvard e na época atuava como editor-chefe da *Foreign Affairs*, posição que assumiu em 1992. Huntington ainda declara que a produção só foi possível pelo financiamento da *John Olin Foundation* e da *Smith Richardson Foundation*⁸⁶⁶.

⁸⁶¹ FONTANA, Josep. *Op. Cit.*, 1998, p. 20.

⁸⁶² HUNTINGTON, Samuel. *O Choque de Civilizações e a recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p. 8.

⁸⁶³ FOREIGN AFFAIRS. *The Clash of Civilizations: The Debate*. New York: The Council on Foreign Relations, 2001.

⁸⁶⁴ NOTRE DAME INTERNATIONAL SECURITY CENTER. NDISC's Michael Desch Named to Council on Foreign Relations Study Group on U.S.-China Relations. October 13, 2021. Disponível em: <<https://ndisc.nd.edu/news-events/news/ndiscs-michael-desch-named-to-council-on-foreign-relations-study-group-on-u-s-china-relations/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁶⁵ PRINCETON. Robert O. Keohane Bio. Disponível em: <<https://scholar.princeton.edu/rkeohane>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁶⁶ HUNTINGTON, Samuel. *Op. Cit.*, 1996, p.13.

Em linhas gerais, a tese de Huntington – mais aprofundada que a apresentada inicialmente em 1992 – afirma que a natureza dos conflitos internacionais na história pode ser compreendida de forma periódica. Assim, até a Revolução Francesa os conflitos entre estados foram travados predominantemente entre príncipes, reis e imperadores. Porém, com a Revolução, deu-se início ao fenômeno do exército nacional. Enquanto em estados monárquicos os conflitos eram travados pelos caprichos dos governantes (por poder ou comércio), após 1799 e até a Primeira Guerra Mundial os conflitos entre estados passaram a responder anseios “nacionalistas”. Porém, essa dinâmica voltou a mudar após 1917, com a Revolução Russa. Após esta revolução, os sentimentos nacionalistas que moviam os conflitos teriam sido substituídos por “ideologias”. Primeiramente entre o fascismo, o comunismo e a democracia liberal e, em um segundo momento, apenas entre o comunismo e a democracia⁸⁶⁷. Por fim, com a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética, as distinções mais relevantes entre Estados estariam não na economia ou ideologia política, mas sim nas diferenças culturais⁸⁶⁸. A tese compreendia “civilização” como uma entidade cultural, não ligada à etnia ou nacionalidade, de forma que poder-se-ia ter povos de uma mesma “raça” divididos em diferentes civilizações. Foram listadas nove grandes civilizações: Ocidental; Africana; Islâmica; Sínica; Hindu, Latino-Americana e Japonesa. A distinção entre civilizações seria, sobre tudo, de valores e crenças estruturais. Neste princípio, Huntington conclui que a civilização islâmica estaria em “rota de colisão” com a ocidental⁸⁶⁹. Segundo o autor:

Alguns ocidentais, dentre eles o presidente Bill Clinton, têm afirmado que o Ocidente não tem problemas com o Islã, mas apenas com os violentos extremistas fundamentalistas islâmicos. Mil e quatrocentos anos de História provam o contrário. As relações entre o Islamismo e o Cristianismo, tanto Ortodoxo como Ocidental, foram frequentemente tempestuosas. [...] Atualmente, os amigos íntimos do Ocidente no mundo islâmico são com o Kuwait, Arábia Saudita e os emirados do Golfo – dependentes militarmente dos Estados Unidos –, ou com o Egito e Argélia – deles dependentes economicamente.⁸⁷⁰

⁸⁶⁷ Ibid., p. 60.

⁸⁶⁸ Ibid.

⁸⁶⁹ Ibid.

⁸⁷⁰ Ibid., p. 262-269.

O termo entrou para o léxico político estadunidense com sucesso. Em julho de 1993, o senador republicano Richard Lugar disse o seguinte para defender uma política externa mais forte:

O NED [*National Endowment for Democracy*] está envolvido em projetos muito controversos no Oriente Médio. Qual deve ser o futuro da democracia no Kuwait, por exemplo? Muitos americanos estão interessados nisso. [...] Pode ser, Sr. Presidente, que o futuro da política externa do país se resuma à forma como lidamos com esse choque de civilizações de que falam Samuel Huntington e outras pessoas. Por todas essas razões, Senhor Presidente, esta é uma questão séria e uma votação importante. Espero que os senadores apoiem o *National Endowment*⁸⁷¹.

Em setembro do mesmo ano, nas discussões sobre a substituição de política de contenção pela de “alargamento” (que veio a se tornar a *National Security Strategy of Engagement and Enlargement*), o texto de Anthony Lake, na época Conselheiro de Segurança Nacional, foi apresentado no Congresso:

Vim falar com vocês hoje porque acredito que as políticas de nossa nação em relação ao mundo se encontram em uma encruzilhada histórica [...] não chegamos nem ao fim da história nem a um choque de civilizações, mas a um momento de imensa democracia e oportunidade empreendedora. Não devemos desperdiçá-lo⁸⁷².

Já em setembro de 1995, o senador do Partido Republicano, Daniel Moynihan, falou ao Senado sobre a importância do *Fulbright Program*, um programa de promoção de bolsas de estudos fundado em 1946 pelo senador William Fulbright e financiado pelo *Bureau of Educational and Cultural Affairs*. Moynihan ressaltou a necessidade de investimentos em programas de estudos internacionais e solicitou que sua fala no evento aniversário do programa fosse registrada no *Congressional Record*. Em suas palavras: “Comecei a sentir então o poder do marxismo como uma ideia, a inevitabilidade do choque de civilizações – o totalitário, o liberal – você poderia ler de qualquer maneira, e alguns o fizeram”⁸⁷³. E em julho

⁸⁷¹ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Senate Pages*. July 28, 1993 Vol. 139, Part 12, Bound Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1993/07/28/senate-section?p=0>>. Acesso em: 10 out. 2022

⁸⁷² U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. September 29, 1993 Vol. 139, Part 16, Bound Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1993/09/29/extensions-of-remarks-section?p=0>>. Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁷³ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. The contribution of the fulbright program. September 29, 1995 - Issue: Vol. 141, nº 154, Daily Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-141/issue-154/senate-section/article/S14698-3?q=>> Acesso em: 10 out. 2022.

do ano seguinte, Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel (1996 – 1999), discursou ao Senado dos Estados Unidos dizendo:

Queremos paz com todos os nossos vizinhos. Não temos nenhuma discussão com eles que não possa ser resolvida por meios pacíficos, nem, devo dizer, temos uma discussão com o Islã. Rejeitamos a tese do inevitável choque de civilizações. Não concordamos com a ideia de que o Islã substituiu o comunismo como o novo rival do Ocidente, porque nosso conflito é específico.⁸⁷⁴

Observando os nomes tanto institucionais quanto pessoais mobilizados para tornar a tese de Huntington pública, reconhecemos o quão complexa e intrínseca se tornou a relação entre universidades e instituições privadas de pesquisa nos Estados Unidos. Entre concordantes e discordantes (e interpretações equivocadas), o termo e a tese tornaram-se referências para discutir relações internacionais ao final do século XX.

Como vimos, a perspectiva de uma economia global já estava presente nos meios empresariais desde o meado da década de 1970, mas foi ao longo dos anos 1980 que ganhou nome: “globalização”. Em um primeiro momento, o termo foi adotado como parte de uma visão ideológica de vitória do capitalismo sobre o comunismo.⁸⁷⁵ De acordo com Julia Corvaglia, aqueles que defendiam a abertura de um “mercado global” argumentavam que o fenômeno conduziria o mundo a um acesso à ciência, ao crescimento econômico e à cultura. Por outro lado, havia aqueles que sustentavam a ideia de que a globalização poderia levar ao desaparecimento de diversidades culturais, à concentração de riquezas e até mesmo ao fim de Estados soberanos⁸⁷⁶. Como questionou Fredric Jameson:

Que espécie de autonomia nacional perdem as demais nações nesta nova ordem mundial? [...] não seria simplesmente uma luta entre vários nacionalismos, na qual os interesses globais dos Estados Unidos representam apenas o nacionalismo americano? [...] A padronização da cultura mundial, com a aniquilação das culturas populares e tradicionais locais para abrir caminho para a televisão americana, a música, a comida, as roupas e os filmes americanos, é percebida por muitos analistas como a essência mesma da globalização⁸⁷⁷.

⁸⁷⁴ U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Address by his excellency, binyamin netanyahu, prime minister of israel. July 10, 1996 - Issue: Vol. 142, nº. 101, Daily Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-142/issue-101/housesection/article/H7160-1?q>> Acesso em: 10 out. 2022.

⁸⁷⁵ KOCHER, Bernardo. Globalização. In: KOCHER, Bernardo, *Op. Cit.*, 2011, p. 151.

⁸⁷⁶ CORVAGLIA, Julian. Globalização [3] In: KOCHER, Bernardo. *Op. Cit.*, 2011, p. 156.

⁸⁷⁷ JAMISON, Fredric. Globalização e estratégia política. In: SADER, Emir. *Contracorrente: o melhor da New Left Review* em 2000, 2001, p. 136.

De acordo com Milton Santos, “quando se fala em Mundo, está se falando, sobretudo, em Mercado que hoje, ao contrário de ontem, atravessa tudo, inclusive a consciência das pessoas”⁸⁷⁸. Muito além de “integrar economia”, e “promover cultura”, o fenômeno entraria em conflito com as soberanias dos Estados. O avanço da globalização transformaria o “Estado territorial” em “territórios transacionais”⁸⁷⁹. Como coloca Santos:

Mundo é o do mercado universal e dos governos mundiais. O FMI, o Banco Mundial, o GATT, as organizações internacionais, as Universidades mundiais, as Fundações que estimulam com dinheiro forte a pesquisa, fazem parte do governo mundial, que pretendem implantar, dando fundamento à globalização perversa e aos ataques que hoje se fazem, na prática e na ideologia, ao Estado Territorial⁸⁸⁰.

Eric Hobsbawm demonstrou como a fricção entre “local” e “global” influencia símbolos identitários ao observar a ação do mercado do futebol. Segundo o autor, desde que se tornou um esporte de massa, o futebol passou a articular as identidades locais (nos clubes que muitas vezes representam cidades ou bairros, levando seus nomes) e nacionais (nas seleções nacionais). Mas com o advento da televisão e da integração de um mercado global ao longo dos anos 1980, criou-se uma incompatibilidade entre os interesses econômicos dos dirigentes e os sentimentos populares. Em resultado, uma minoria de jogadores que compõem os grandes clubes europeus é da nacionalidade do clube. Ao mesmo tempo, estes clubes tendem a priorizar competições internacionais. Já as seleções nacionais tornaram-se compostas por jogadores que, nas palavras de Hobsbawm, “jogam em clubes estrangeiros, que perdem dinheiro a cada dia em que se ausentam, durante o período mínimo necessário para que treinem e joguem com suas seleções”⁸⁸¹.

Portanto, os conflitos internacionais que se formavam ao fim dos anos 1980 não se davam apenas por “diferenças civilizacionais”, mas por resistência a implementação não só de elementos culturais, mas políticos e econômicos que podiam contradizer ou fragilizar as soberanias dos países “do terceiro mundo”. Um fenômeno que Benjamin Barber denominou “Jihad vs McMundo”⁸⁸².

⁸⁷⁸ SANTOS, Milton. O retorno do território. *OSAL: Observatorio Social de América Latina*. Año 6, n. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 259.

⁸⁷⁹ Ibid., p. 259.

⁸⁸⁰ Ibid., p. 255.

⁸⁸¹ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007, p. 94.

⁸⁸² BARBER, Benjamin R. *Jihad x McMundo: como o globalismo e o tribalismo estão transformando o mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

De acordo com Barber, as teorias analíticas para as relações internacionais nos finais dos anos 1980 e inícios dos 1990, resumiam-se em dois cenários possíveis: 1) uma contínua disputa entre Estados cada vez mais “tribalizados”, lançando culturas contraculturas, povos contra povos e tribos contra tribos (como a Choque de Civilizações); ou 2) um “triunfo” tecnológico em um “futuro em tons pastéis” no qual as demandas econômicas e ecológicas foram uniformizadas e os povos “enfeitiçados” na lógica do consumo instantâneo (como a Fim da História ou a Nova Ordem Mundial)⁸⁸³. A primeira “revendo” uma Babel e a segunda uma Disneylândia. No entanto, para Barber, as duas hipóteses estavam certas e erradas ao mesmo tempo. Ao mesmo passo em que a economia global se tornou mais cosmopolita e progressivamente descentralizada (com a crescente participação do mercado asiático e do “terceiro mundo”), as políticas e disputas regionais foram intensificadas. Os movimentos alterglobalistas dos anos 1990 são bons exemplos.

Segundo Michael Löwy o movimento altermundialista (ou alterglobalista) foi o fenômeno mais importante de manifestação anti-sistêmica do final do século XX. Eram movimentos associados a sindicatos operários e movimentos camponeses, ONGs, movimento de mulheres, e mais, caracterizados principalmente por serem uma rede descentralizada, múltipla, diversa e heterogênea. Estes movimentos ganharam notoriedade em meados da década de 1990, a partir da revolta dos indígenas Chiapas, no México⁸⁸⁴. No final da década de 1980 iniciou-se nesse país um amplo programa de privatizações que, de acordo com José Carlos Lima de Souza, levando à desnacionalização da economia mexicana. A vulnerabilidade externa levou à crise sócio-política e à ascensão do movimento zapatista (ou neozapatismo), que “trouxe à tona o caráter antidemocrático e truculento dos governos neoliberais”⁸⁸⁵.

De acordo com Löwy, a dinâmica do movimento alterglobalista compreendia três momentos: a negatividade da resistência, as proposições concretas, e a utopia de um outro mundo. O primeiro momento caracteriza-se por uma rejeição, um protesto contra o estado vigente. As manifestações contra a OMC de Seattle, em 1999, não foram elaboradas como uma crítica ou negação à globalização, mas sim contra a forma capitalista e liberal, contra a “*Corporate globalization* com o seu cortejo de injustiças e catástrofes”⁸⁸⁶, assim como o

⁸⁸³ Ibid., p. 35-36.

⁸⁸⁴ LÖWY, Michael. Negatividade e utopia do movimento altermundialista. *Lutas sociais*, n. 19/20, 2008, p. 34.

⁸⁸⁵ SOUZA, José Carlos Lima. Movimento Zapatista. In: KOCHER, Bernardo. *Op. Cit.*, 2011, p. 211.

⁸⁸⁶ LÖWY, Michael. *Op. Cit.*, 2008, p. 34.

movimento zapatista de 1994. O segundo momento, o das *proposições concretas*, caracteriza-se pela construção de pautas. Embora cada força política em cada região e contexto tenha elaborado suas próprias reivindicações autonomamente, Löwy observou a recorrência de pautas como: abolição da dívida do “Terceiro Mundo”; direito dos povos à própria alimentação; igualdade efetiva entre homens e mulheres; defesa e extensão dos serviços públicos; prioridade à saúde, à educação e à cultura; proteção do meio ambiente, e etc. E, o último momento, a *utopia*, caracterizava-se por ser não apenas uma crítica e proposta de correção dos excessos capitalista/industrial, mas também de “sonhar, e de lutar por uma outra civilização, um outro paradigma econômico e social, uma outra forma de viver juntos no planeta”⁸⁸⁷. Por fim, Löwy afirma que o valor essencial da utopia alterglobalista seria a democracia:

A ideia de democracia participativa, como forma superior do exercício da cidadania para além dos limites dos sistemas representativos tradicionais – porque permitindo à população exercer diretamente o seu poder de decisão e de controle – é um dos temas centrais do movimento⁸⁸⁸.

A crítica era de que o capital (capital internacional, mercado, conglomerados industriais e mais), na globalização capitalista neoliberal, estava substituindo os valores de liberdade, igualdade e fraternidade das revoluções liberais do passado. A utopia alterglobalista, segundo Löwy, propunha retomar os valores tradicionais fazendo da liberdade não só a liberdade de expressão, organização e pensamento contra a tirania do monarca (ou do fascista), mas também contra a tirania do mercado financeiro e da elite bancária. A igualdade, não apenas entre ricos e pobres diante da lei, mas entre nações, etnias e entre homens e mulheres. E, enfim, a fraternidade não deveria se limitar aos “irmãos”, mas se estender a uma noção de solidariedade, exercendo uma cooperação, ajuda mútua e compartilhamento entre povos. A “fraternidade” viria com a “diversidade”⁸⁸⁹.

Em suma, os movimentos alterglobalistas (que também vieram a ser reconhecidos como Movimentos pela justiça Global) propunham uma justaposição da lógica unificadora de atores econômicos com a lógica plural de vários atores regionais. A proposta seria de traduzir práticas locais em contextos mais amplos, evitando organizações hierárquicas, preferindo a

⁸⁸⁷ Ibid., p. 36.

⁸⁸⁸ Ibid., p. 37.

⁸⁸⁹ Ibid.

autonomia de cada região.⁸⁹⁰ Ou seja, uma resposta direta ao que Barber chamou de McMundo, mas não exatamente um “choque de civilizações”. Este debate entre “local” e “global”, “governo mundial” e “choque de civilizações” impactou também a Ordem de conhecimento nos Estados Unidos. A “tradição de conspiração” mobilizou uma série de teorias conspiratórias ao longo da história. Desde a fundação das treze colônias, o pensamento jeremiada colonial auxiliou na construção de uma visão de mundo conspiratória. Mesmo após a revolução de independência e a separação oficial entre igreja e Estado, premissas dessa forma de ver a política foram secularizadas e entraram para os rituais políticos e civis do país. A concepção de que há um inimigo (interno ou externo) à espreita para minar o poder ou corromper os ideais da “América”, original dessa visão de mundo, fundamentou diversas atitudes políticas. O medo de uma “dominação global” é antigo.

Em meados do século XIX o pastor britânico John Nelson Darby passou a professar que no fim dos tempos o Anticristo se tornaria o líder de uma organização mundial ditatorial e, com o poder, procuraria garantir a construção do mundo para Satanás⁸⁹¹. Nos Estados Unidos, essa visão de mundo começou a reverberar no início dos anos 1920 com protestos de religiosos contra a Liga das Nações, enxergada como a “instituição que aguardava a mão controladora do Anticristo”⁸⁹². Nas décadas seguintes, Gerald Burton Winrod – pastor estadunidense, pró nazista e antisemita – foi grande defensor e promotor dessa visão de mundo. Como destaca Barkun, o mito sobre o Anticristo retrata a figura como controladora, que apresentar-se-ia como um pacificador e como tal seria aceito pela população (mundial) e seus “desígnios diabólicos permaneceriam ocultos até que ele alcançasse o poder total”⁸⁹³. Com o avançar dos anos 1980, a popularização de tecnologias de comunicação – tão caras à “nova direita religiosa” na eleição de Reagan, como vimos – potencializou a capacidade de dominação do Anticristo.

As comunicações eletrônicas, especialmente a televisão, poderiam criar celebridades globais instantâneas, enquanto os computadores e a microeletrônica ofereciam os meios para monitorar e controlar o comportamento e o comércio. De fato, para

⁸⁹⁰ BEER, Andreas. Just (ice) Smiling? Masks and Masking in the Occupy-Wall Street Protests. *European journal of American studies*, n. 13-4, 2018, p. 16.

⁸⁹¹ BARKUN, Michael. *A culture of conspiracy: Apocalyptic visions in contemporary America*. Univ of California Press, 2013, p. 42.

⁸⁹² Ibid., p. 42.

⁸⁹³ Ibid., p. 44.

alguns, o Anticristo e o computador passaram a ser virtualmente intercambiáveis⁸⁹⁴.

De acordo com Barkun, um resultado importante desse processo de mutação da imagem do Anticristo foi de que, para muitos grupos religiosos, o Anticristo deixou de ser entendido como um indivíduo, mas passou a representar também um “sistema de controle”⁸⁹⁵. Assim, grupos religiosos extremistas reconheceram na fala de George H. W. Bush sobre a “nova ordem mundial” um anúncio de que a “rede de forças do Anticristo avançou tanto que eles poderiam arriscar falar sobre isso publicamente”⁸⁹⁶. Mas o caráter religioso da teoria conspiratória contra a dominação global, que veio a ser batizada de “nova ordem mundial”, corresponde apenas a uma de suas vertentes, a religiosa. A outra vertente, a secular, manifestou-se a partir da “ameaça Illuminati” e é igualmente antiga.

A teoria de que havia uma sociedade secreta ordenando os acontecimentos do mundo tornou-se popular principalmente a partir dos trabalhos de John Robison e Abbé Barruel. O livro *Proofs of a Conspiracy*, de Robison, publicado em 1798 procurava demonstrar como a Revolução Francesa havia sido o resultado de um plano dos Illuminati e maçons para derrubar todos os governos e religiões e estabelecer um governo mundial. Ainda em 1798 uma cópia do livro foi enviada a George Washington. Sobre o assunto, o presidente comentou:

Não era minha intenção duvidar que as Doutrinas dos Illuminati e os princípios do jacobinismo não tivessem se espalhado nos Estados Unidos. Pelo contrário, ninguém está mais plenamente satisfeito com esse fato do que eu. A ideia que eu queria transmitir era que eu não acreditava que as Lojas de Maçons deste País tivessem, como Sociedades, se esforçado para propagar os princípios diabólicos do primeiro, ou os princípios perniciosos do último (se eles são suscetíveis de separação). Que Indivíduos deles possam ter feito isso, e que o fundador, ou instrumento empregado para fundar, as Sociedades Democráticas nos Estados Unidos, possa ter tido esses objetivos – e realmente tinha em vista a separação do Povo de seu Governo, é muito evidente para ser questionado⁸⁹⁷.

No entanto, a crença na “ameaça Illuminati” foi melhor aceita entre os religiosos da Nova Inglaterra. Como ilustra Hofstadter em 1789, Jedidiah Morse, pastor de Massachusetts, pregava:

Meios secretos e sistemáticos foram adotados e trocados, com zelo e atividade, por

⁸⁹⁴ Ibid.

⁸⁹⁵ Ibid.

⁸⁹⁶ Ibid., p. 45.

⁸⁹⁷ NATIONAL ARCHIVES. Founder Online. Disponível em: <<https://founders.archives.gov/documents/Washington/06-02-02-0435>>. Acesso em 10 out. 2022.

homens perversos e astutos, em países estrangeiros, para minar o fundamento desta religião [cristianismo], e derrubar seus altares, e assim privar o mundo de sua influência benigna na sociedade... Esses conspiradores e filósofos ímpios efetuaram completamente seus propósitos em grande parte da Europa. e gabar-se de seus meios de realizar seus planos em todas as partes da cristandade, gloriar-se na certeza de seu sucesso e desafiar a oposição⁸⁹⁸.

De acordo com Hofstadter, notícias da Revolução Francesa geraram desconfiança e pânico entre os religiosos na Nova Inglaterra sobre a democracia recém-instaurada nos Estados Unidos. Autoridades religiosas (e acadêmicas, como vimos, a academia só se desvincula da autoridade religiosa na segunda metade do século XIX) temiam que a “América” tinha sido vítima de uma “trama jacobina desencadeada pelo iluminismo”⁸⁹⁹. Defensor dessa hipótese, Timothy Dwight, inspirou-se em Morse para entregar seu discurso *The Duty of Americans in the Present Crisis* contra a influência iluminista (e Illuminati) na política estadunidense. Para Hofstadter, embora tenha sido diluído com o tempo, esse pânico crescido no final dos anos 1780 limitado a região da Nova Inglaterra, ajudou a fundamentar junto aos religiosos a crença de que haveria um plano externo para dominar os Estados Unidos. O que deu início a junção da vertente religiosa (Anticristo) com a secular (Illuminati) da teoria da “nova ordem mundial”.

Na Inglaterra do século XX, especialmente no período entreguerras, os trabalhos de Nesta Webster e Edith Starr Miller ecoaram entre os defensores dessa teoria. Webster e Miller argumentaram que a história mundial só poderia ser entendida corretamente como o produto das maquinações das sociedades secretas e que os judeus eram centrais para essas atividades⁹⁰⁰. Essas ideias atravessaram o atlântico e encontraram um interlocutor em Gerald Burton Winrod que passou a definir Adam Weishaupt (fundador da Ordem Illuminati da Baviera) como um “demônio humano” e a argumentar que “o comunismo na União Soviética era meramente a manifestação mais recente do Iluminismo. ‘Karl Marx editou [sic] seus ensinamentos a partir dos escritos de Adam Weishaupt’”⁹⁰¹. Com o final da Segunda Guerra e início da Guerra Fria, o aspecto antissemita foi vagamente deixado de lado. No entanto, o anticomunismo dos anos 1950 passou a povoar as explicações da teoria da conspiração. Myron Fagan, escritor e roteirista, foi um grande promotor dessa crença:

⁸⁹⁸ HOFSTADTER, Richard. *Op. Cit.* 2012, p. 9.

⁸⁹⁹ Ibid.

⁹⁰⁰ BARKUN Michel. *Op. Cit.*, 2013, p. 48.

⁹⁰¹ Ibid. p. 49.

A questão de como e por que as Nações Unidas são o cerne da grande conspiração para destruir a soberania dos Estados Unidos e a escravização do povo americano dentro de uma ditadura mundial da ONU é um mistério completo e desconhecido para a grande maioria do povo americano. A razão para esse desconhecimento do perigo assustador para nosso país e para todo o mundo livre é simples. Os cérebros por trás dessa grande conspiração têm controle absoluto de todos os nossos meios de comunicação de massa, especialmente televisão, rádio, imprensa e Hollywood. [...] Esta trama satânica foi lançada na década de 1760, quando surgiu pela primeira vez sob o nome de Illuminati [...] Nos Estados Unidos, imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, eles estabeleceram o que chamaram de Council on Foreign Relations, comumente chamado de CFR, e esse CFR é na verdade os Illuminati nos Estados Unidos e sua hierarquia⁹⁰².

Nos anos 1960, Fagan alegou que os debates e as lutas pelos direitos civis fariam parte do plano da esquerda (e dos Illuminati) para a dominação mundial:

Foi em Hollywood que tomei conhecimento disso [a trama para fazer do Negro um instrumento para a destruição de nossa nação], quando vi atores Brancos sendo substituídos por negros em papéis que só os Brancos poderiam representar adequadamente. [...] Eu vi seções de roteiros serem revisados de modo que aparentemente indispensável negros pudesse representar [...] Eu não entendia por que o negro tinha se tornado um favorito em Hollywood [...] Ao longo dos anos, quando eu tinha uma peça ou um filme que exigia um negro, eu sem hesitar empreguei um [...] vi produtores, diretores e roteiristas colocando palavras na boca de negros ignorantes, palavras que eles mal conseguiam pronunciar, menos ainda entender [...] Fiquei intrigado [...] Claro, todos os magnatas e Diretores eram Comunistas declarados⁹⁰³.

A *John Birch Society* institucionalizou-se a partir desses princípios e tornou-se o principal expoente dessas teorias dos anos 1950 aos 1970. O já citado *None Dare Call it Conspiracy*, de 1971, afirma:

Quem quer que acredite que grandes acontecimentos mundiais são resultados de planejamento é ridicularizado por crer em “teoria da conspiração da história” [...]. Na verdade, existem apenas duas teorias da história: ou as coisas acontecem por acidente sem que ninguém as tenha planejado nem causado ou acontecem porque *foram* [grifo no original] planejadas e causadas por alguém. Na realidade é a teoria acidental da história que deve ser ridicularizada. Caso contrário, como se explica que todo novo governo comete os mesmos erros dos governos anteriores?⁹⁰⁴

⁹⁰² FAGAN, Myron C. *The Illuminati and the Counsel on Foreign Relations*. [s.d]. p.2 Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjlsv_xpe_6AhVDIbkGHcB_DEEQFnoECBYQAQ&url=https%3A%2F%2Fhighlanderjuan.com%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2019%2F03%2FMyron-Fagan-The-Illuminati-and-the-Council-on-Foreign-Relations-1.pdf&usq=AOvVaw30Ja3z_NiMQ_1xp0-iTHU_s>.

Acesso em: 10 out. 2022.

⁹⁰³ Idem. *Civil Rights: Most Sinister Tool Of The Great Conspiracy*. CPA Book publisher. [s.d], p. 1-2.

⁹⁰⁴ ALLEN, Gary; ABRAHAM, Larry. *Op. Cit.*, 2017, p 11.

Sobre Marx, o livro coloca:

Karl Marx foi contratado para escrever *O manifesto comunista*, um pega trouxas demagógico para atrair as massas, por um misterioso grupo que se autodenominavam a Liga dos Homens Justos. Na realidade, *O manifesto comunista* já estava em circulação havia muito tempo quando o nome de Marx passou a ter reconhecimento suficiente para estabelecer sua autoria do material revolucionário. Tudo o que ele fez de fato foi atualizar e codificar com exatidão os mesmos planos e princípios revolucionários escritos setenta anos antes por Adam Weishaupt [...] A Liga dos Homens Justos era simplesmente uma extensão dos Illuminati⁹⁰⁵.

Para a estes grupos (que inclui a JBS) o anticomunismo ia além da defesa dos Estados Unidos ou da democracia. A União Soviética, Marx, o CFR e o comunismo como ideologia eram ferramentas de uma sociedade secreta satânica. A Guerra Fria tratava-se literalmente de uma luta do “bem” contra o “mal”. A ameaça não seria uma dominação *do* comunismo, mas *através do* comunismo. Em 1988, James Perloff publicou *The Shadow Of Power: The Council On Foreign Relations And The American Decline* no qual repercutia a teoria de que o CFR seria um braço do comunismo internacional para instaurar uma “nova ordem mundial”. Na obra lê-se: “Nós, americanos, devemos fazer uma escolha-liberdade ou nova ordem mundial. Se esperarmos demais, uma crise nacional pode nos levar à decisão errada de forma irrevogável. Talvez com a ajuda da *The John Birch Society*, possamos frustrar os fins do globalismo”⁹⁰⁶. Assinando o prefácio do livro, o ex-congressista (republicano) James Edmund Jeffries afirmou: “O livro é especialmente único porque não apenas descreve dezenas de eventos subnotificados, mas os elucida mostrando seu fio condutor: a influência do establishment internacionalista dos Estados Unidos”⁹⁰⁷. Até 1990 a obra recebeu 5 edições somando 60 mil cópias produzidas, sendo 40 mil datadas entre novembro de 1989 e junho 1990.

O anticomunismo como política pública e visão de mundo nos anos 1950 até 1980 promovia em si uma paranoia política e social. A perseguição e professores e personalidades políticas são exemplos. E além, a noção de que há um poderoso inimigo externo (e por vezes interno) arquitetando a queda dos Estados Unidos, reverberava a visão de mundo jeremiada. No entanto, o movimento conservador dos anos 1960 e depois 1980 inseriram o

⁹⁰⁵ Ibid., p. 29.

⁹⁰⁶ PERLOFF, James. *The Shadow Of Power: The Council On Foreign Relations And The American Decline*. Western Island Publisher: Winsconsin, 1990, p. 221.

⁹⁰⁷ Ibid., p. 11

anticomunismo como parte da identidade conservadora estadunidense. O caso da JBS nos exemplifica como essa teoria da “nova ordem mundial”, original do século XVIII, foi bem recebida pela extrema direita. Primeiro entre os religiosos e depois (com a junção das vertentes secular e religiosa da teoria), entre os políticos e empresários. Como resumiu Barkun:

A penetração das teorias da superconspiração dos Illuminati nos círculos fundamentalistas e de direita era previsível. O primeiro os considerou uma demonstração vívida dos feitos do diabo, enquanto o último os usou para conceituar uma literatura astuta e transformadora da “Nova Era”. A Nova Era é uma construção descrita de várias maneiras em termos de contracultura, auto-realização, neopaganismo e espiritualidade interior⁹⁰⁸.

Assim, ainda conforme Barkun, o fim da União Soviética representou uma mudança também para o pensamento conspiratório. “A União Soviética não era simplesmente um inimigo, era o inimigo, o império do mal contra o qual todos os recursos americanos e do ‘mundo livre’ foram mobilizados”⁹⁰⁹. No mesmo ano em que Bush usou o termo “nova ordem mundial”, Milton William Cooper publicou seu livro *Behold a Pale Horse*. De acordo com Barkun, o livro de Cooper apresenta a mais complexa superconspiração (incluindo extraterrestres) e tornou-se uma das obras mais influentes no campo. Cooper remonta as origens “diabólicas” da teoria, classificando-a como “luciferiana” e aponta que o termo “*Novus Ordo Seclorum*”, impresso na nota de dólar, significa “nova ordem mundial”⁹¹⁰. Além, categoricamente afirmar: “o *Council on Foreign Relations* controla nosso governo”, “O objetivo do *Council on Foreign Relations* é uma Nova Ordem Mundial” e “George Bush é membro do CFR”⁹¹¹. Cooper alega que os “verdadeiros patriotas” são perseguidos:

O governo federal direcionou suas atividades de inteligência contra um grupo de americanos. Na página 166, a primeira classificação listada é de direitistas e grupos anticomunistas. E o primeiro grupo na página 167 sobre vigilância do Exército lista a *John Birch Society* como o alvo número 1 e os *Young Americans for Freedom* como o alvo número 2. Portanto, o grupo de cidadãos norte-americanos considerados o maior inimigo dos Estados Unidos, pelo governo federal, neste momento, é o patriota conservador, e aqueles que fazem valer a Constituição e os direitos individuais⁹¹².

⁹⁰⁸ BARKUN Michel. *Op. Cit.*, 2013, p. 57.

⁹⁰⁹ Ibid., p. 63.

⁹¹⁰ Ibid., p. 60.

⁹¹¹ COOPER, William. *Behold a pale Horse*. Light Technology Publishing, 1991, p. 85.

⁹¹² Ibid., p. 149.

Embora tenha ganhado os holofotes nos anos 1960, se tornado parte importante da identidade conservadora, esta visão de mundo foi marginalizada e perdeu espaço político. Ao final dos anos 1980 a visão de mundo bipolarizada, subitamente tornou-se inviável⁹¹³. No entanto, respaldada pela “tradição de conspiração”, não se tornou obsoleta, readaptou-se. Se por um lado os think tanks foram mobilizados pelo governo e empresários para discutir as implicações de uma “nova ordem mundial”, a direita conservadora mais voltada para o conspiracionismo tradicional (que possuía seu próprio think tank), mobilizou-se para imputar em think tanks (em especial no CFR) e no próprio governo estadunidense o velho inimigo a ser combatido.

⁹¹³ BARKUN Michel. *Op. Cit.*, 2013, p. 63.

4 O NEGACIONISMO COMO POLÍTICA DE ESTADO

Já nos finais de seu próprio mandato, em 1992, o então presidente George H. W. Bush perdoou vários dos participantes do escândalo Irã-Contra, incluindo alguns réus que nem chegaram a ter seus julgamentos marcados. Na ocasião, comentando o perdão presidencial, o roteirista Steve Tesich usou o termo “pós-verdade” em um artigo para a revista *The Nation* para criticar a escolha do presidente – e da imprensa – em ignorar os fatos e provas do envolvimento de vários funcionários do governo no escândalo. O artigo de Tesich é considerado a primeira aparição do termo na mídia e diz: “nós, como povo livre, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo pós-verdade”⁹¹⁴. Mesmo que este conceito só tenha sido devidamente debatido e adotado mais de uma década depois, é sintomático que seu registro oficial date do início dos anos 1990.

Neste capítulo discutiremos como o pensamento conspiratório popularizou-se nos Estados Unidos na virada do século XXI, atacando tanto a academia e os think tanks quanto o Estado. O Onze de Setembro de 2001 foi um evento histórico de impacto ímpar na história do país, contudo muito de seus efeitos e respostas apresentam raízes mais antigas.

4.1 Recalibrando a máquina de negação

A virada dos anos 1980 para a década de 1990 foi, como visto, marcada por desafios tanto para as instituições que compunham a ordem do conhecimento quanto para os agentes que promoviam o sistema de ignorância nos Estados Unidos. A mudança nos paradigmas internacionais, com o fim da polaridade da Guerra Fria, levou com que governos e instituições de pesquisa agissem em conjunto para racionalizar esse novo contexto. Ao mesmo tempo, empresários e investidores buscaram nos think tanks alternativas para produção de pesquisas que ajudassem a promover uma política de livre mercado amplo, para aproveitar os espaços abertos pelo vácuo de poder deixado pela União Soviética. Por fim, os conservadores extremistas e teóricos da conspiração perderam seu tradicional adversário, e buscaram nos

⁹¹⁴ TESICH, Steve. A government of lies (political ethics). *The Nation*, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992. Disponível em: <<https://www.thefreelibrary.com/A+government+of+lies.-a011665982>>. Acesso em: 24 mai 2023.

mesmos think tanks e no próprio governo os responsáveis pela degradação moral e econômica dos Estados Unidos.

Portanto, com o fim da Guerra Fria, a aparente união das direitas perdeu seu principal ponto em comum. O fusionismo dos anos 1950 que fundamentou o ressurgimento do conservadorismo junto ao Partido Republicano foi, como discutido, elaborado a partir de três grandes correntes: a defesa do livre mercado (com nomes como Friedrich Hayek e Ludwig von Mises); do conservadorismo religioso (como William Buckley); e o anticomunismo (com a *John Birch Society* como principal expoente) como fator de união. Porém, com as mudanças políticas em décadas, com o crescimento no número de atores⁹¹⁵, as mudanças tecnológicas de comunicação e, por fim, com a queda da União Soviética, as diferenças entre as correntes ficaram mais evidentes.

4.1.1 “*The Way Things Ought to Be*”, “*He Should Just Go*”

Em 1992, o radialista e comentarista político Rush Hudson Limbaugh III publicou seu primeiro livro, *The Way Things Ought to Be*. Um compilado de ensaios sobre os Estados Unidos, a esquerda, a “guerra cultural”, o feminismo e muitos outros tópicos dos quais Rush abordava em seu programa de rádio *The Rush Limbaugh Show*. Um ano depois, publicou o segundo livro, *See, I Told you So*. Na obra lê-se:

Nosso país é inerentemente mau. Toda a ideia da América é corrupta. A história desta nação está repleta de exemplos de opressão e genocídio. A história dos Estados Unidos é o imperialismo cultural - como um bando de homens brancos reprimidos impôs sua vontade e seus valores a povos indígenas pacíficos, escravos negros da África e mulheres. Não, não se preocupe. Rush não se tornou um esquerdista. O parágrafo acima, porém, resume o que está sendo ensinado hoje sobre a história americana na faculdade média ou campus universitário. Por que? O que torna o sistema educacional tão hostil à América? Porque, nos últimos vinte e cinco anos, um grupo relativamente pequeno e raivoso de radicais antiamericanos abriu caminho para posições de poder na academia. E enquanto eles pregam sobre os males do “imperialismo cultural”, eles próprios são, ironicamente, os praticantes finais dela⁹¹⁶.

⁹¹⁵ Vide o número de think tanks criados nos anos 1970 / 1980, tabela 2. p. 191.

⁹¹⁶ LIMBAUGH, Rush H.; HARTLEY-MARGOLIN, David. *See, I told you so*. New York: Pocket Books, 1993. p. 66.

De acordo com Doug Makenzie, desde o início dos anos 1980 Limbaugh acumulou prestígio em seu programa de rádio no Kansas. Mas sua carreira decolou no final da década quando assumiu um programa de rádio em Nova York de alcance nacional. Em pouco tempo o programa já alcançava mais de 600 estações de rádio. Limbaugh protagonizou uma revolução na mídia de massa. Enquanto programas de televisão ganhavam popularidade, o apresentador conseguiu construir um público amplo e cativo para seu programa radiofônico, elevando o rádio a “um status na mídia igual ao da televisão ou do jornal”⁹¹⁷. Com o sucesso, Limbaugh recebeu um programa de televisão em 206 estações, alcançando 98% do país. Ao final de 1992, começou ainda a publicar boletins mensais. Juntos, seus dois livros totalizaram mais de nove milhões de cópias⁹¹⁸.

Rush foi definido como um “artista e ator político”⁹¹⁹. Com uma postura exagerada e irreverente (com direito a uso bravatas e efeitos sonoros, o que o diferenciava de comunicadores tradicionais do conservadorismo, como William Buckley), os programas de Limbaugh alcançaram vasto público. O que, em si, já caracterizava seu poder como agente político. Porém, suas influências foram além. Mary Matalin, diretora política de George H. W. Bush, em 1994, chegou a dizer que não se podia subestimar ou exagerar o poder de Rush Limbaugh⁹²⁰. Ao início dos anos 1990, Limbaugh foi convidado a participar como comentarista político de vários programas e suas opiniões foram publicadas por jornais como *New York Times* e *Los Angeles Times*. Limbaugh chegou a ser anunciado por Reagan como “a voz número um do conservadorismo no nosso país”⁹²¹. Porém, como aponta Mary Strom Larson, a postura de Limbaugh carregava sérios problemas: 1) Seus programas eram grandes monólogos. Enquanto programas tradicionais como o *Firing Line*, de Buckley, promoviam debates e entrevistas comentadas (mesmo que tendenciosas), os programas de Limbaugh não recebiam convidados e ligações, e quando o fazia, promoviam diálogos “altamente orquestrados”, o que gerava ao público uma “ilusão de transação”⁹²² na qual Limbaugh com frequência “derrotava” o argumento da “esquerda”. 2) A postura política de Limbaugh era

⁹¹⁷ MACKENZIE, Doug. Rush Limbaugh. in: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *American Conservatism: An Encyclopedia*. Open Road Media, 2014, p. 613.

⁹¹⁸ Ibid.

⁹¹⁹ LARSON, Mary Strom. Rush Limbaugh broadcast demagogue. *Journal of Radio Studies*, 4:1,1997, p. 190.

⁹²⁰ Ibid.

⁹²¹ Ibid., p. 195

⁹²² Ibid., p. 195

belicosa e manipuladora. Seus argumentos buscavam sempre “derrotar os liberais e suas agendas”. Em 1995, um de seus boletins informativos foi um documento especial intitulado “Como derrotar um esquerdista”. Como observa Larson, não dizia “discutir com” ou “debater”, mas sim “derrotar”⁹²³. Se nos anos 1950 o democrata Stevenson queixou-se que seus adversários políticos estavam mais interessados em “exterminar o adversário” que em “vencer o adversário”, aqui as coisas ficaram mais explícitas. Por fim, 3) Limbaugh apresentava um real desprezo aos fatos. Com frequência citava informações e pesquisas inexistentes, dados sem nenhuma fonte ou, simplesmente, fazia afirmações falsas. Em janeiro de 1994, Limbaugh afirmou que as investigações do caso Irã-Contra não encontraram evidências de atividades criminosas, mesmo que seis envolvidos tivessem confessado e sido condenados. No mesmo ano, afirmou que os mais pobres nos Estados Unidos tinham uma renda familiar melhor que a família média europeia, porém, na época, a média de ganho anual dos mais pobres nos Estados Unidos era de 5 mil dólares enquanto a do europeu médio era de 20 mil⁹²⁴.

Limbaugh fazia ainda ataques diretos aos cientistas e pesquisadores. Em *The Way Things Ought to Be* afirmou:

Cientistas lixo estão surgindo em todos os lugares. Alguns anos atrás, os antropólogos anunciaram que a mãe da civilização era uma mulher negra que viveu no sul da África há cerca de 250.000 anos. Isso deveria dar grande autoestima à comunidade negra. Eles andavam por aí dizendo aos brancos e outros: “Você veio de nossa mãe. Somos responsáveis por você estarem aqui. Somos mais espertos do que você. Você veio de nós”. Bem, agora somos informados de que havia raízes e árvores genealógicas que os antropólogos não conseguiram explorar, então essa mulher pode não ser tão importante, afinal. O ponto que quero enfatizar aqui é que vocês devem pensar por si mesmos. Não pense automaticamente que você é um idiota ou desqualificado para expressar uma opinião apenas porque você não tem um Ph.D. em ciência⁹²⁵.

Em *See I Told You So* voltou a atacar a comunidade científica:

Se você quisesse se tornar um professor, ouviria Jaime Escalante, que ensinou cálculo avançado com sucesso para crianças hispânicas desfavorecidas no leste de Los Angeles; ou algum professor universitário de cabeça pontuda, abrigado no ambiente politicamente correto da academia e familiarizado com todas as teorias

⁹²³ Ibid.

⁹²⁴ Ibid., p. 196.

⁹²⁵ LIMBAUGH, Rush H. *The way things ought to be*. New York: Pocket Books. 1992, p. 162

educacionais mais recentes? [...] Acredito no que acredito sobre a América e a oportunidade de iniciativa e realização individual porque vivi isso. Ao contrário de Robert B. Reichhhhh, Laura D'Andrea Tyson, presidente do Conselho de Consultores Econômicos do governo Clinton e outros membros do círculo íntimo de Bill Clinton, não sou um teórico. Não escrevi trabalhos de conclusão de curso sobre autoaperfeiçoamento. Não escrevi uma tese de doutorado sobre livre iniciativa. Humildemente falando, como Doutor em Democracia, *Eu sou* [grifo no original] livre iniciativa. E eu opero no mundo real, não na atmosfera isolada da academia da torre de marfim⁹²⁶.

Rush Limbaugh é um dos primeiros grandes expoentes de um anti-intelectualismo beligerante que foi abraçado pelas redes de comunicação de massa. Suas bravatas, seu comportamento circense, seu desprezo por fatos ou fontes, seu ataque ao “inimigo”, seu apelo ao emocional e ao medo, são exemplos de uma forma de discurso político anti-intelectual que (embora tenha raízes no conspiracionismo e paranoia política típica jeremiada estadunidense), foi sistematizado através das mídias de massa, gerando maior efeito. Em termos de conteúdo, as teorias e afirmações políticas feitas por Limbaugh não diferenciam muito das professadas pela *John Birch Society* entre os anos 1950 e 1970. Porém, em termos de meios e alcance, teve outra importância. Se o “mercado de ideias” se consolidou (como o AEI planejou ao longo dos anos 1950 e 1970, rompendo o “monopólio” da esquerda sobre este “mercado”), poderíamos compreender agentes como Limbaugh como “muambeiros” com produtos baratos, de procedência duvida, mas de fácil venda.

Limbaugh foi severo opositor dos democratas ao início dos anos 1990. Alegou ter escrito seu segundo livro pois a obra “destrói as mentiras do governo Clinton que são rotineiramente encobertas pela mídia dominante.”⁹²⁷ Ainda sobre as eleições, Limbaugh diz: “O Sr. Clinton e seus colegas da *Ivy League* estão agora relativamente livres para usar este país como seu grande experimento de laboratório. Todos os seus teoremas serão testados, com a América e todos os americanos (não apenas os ricos) como cobaias.”⁹²⁸

Para os teóricos da conspiração, as eleições de 1992 foram uma farsa. De um lado, estava George H W Bush, um republicano, ex-membro do governo Reagan, mas membro do *Council on Foreign Relations*, portanto, membro da “elite globalista”. Do outro, Bill Clinton, um democrata da elite global, também membro do CFR. William Jasper, jornalista que desde 1976 trabalhava e publicava pela JBS, em 1992, publicou *Global Tyranny, step by step*, no

⁹²⁶ Ibid., p. 23-25.

⁹²⁷ LIMBAUGH, Rush H. *See, I told you so*. New York: Pocket Books, 1993, p. XIV.

⁹²⁸ Ibid., p. XV.

qual denunciava o “poder oculto” do CFR. Jasper alegava que desde Dwight D. Eisenhower o CFR “controla” a Casa Branca. A prova seria o número de membros de profissionais do think tank trabalhando diretamente com o gabinete presidencial, tendo, inclusive, presidentes em exercício como membros⁹²⁹. Sobre as eleições de 1992, Jasper ataca os democratas:

Bill Clinton escolheu o extremista ambiental senador Al Gore para vice-presidente. Membro da GLOBE (*Global Legislators Organization for a Balanced Environment*) e líder da delegação do Senado dos EUA na Cúpula da Terra, Gore também é autor do best-seller de eco-besteira *Earth in the Balance*. Nesse volume, Gore pede um “Plano Marshall Global” sob o qual os ambientalistas da ONU ditarão a energia global e a política industrial, o controle populacional e a redistribuição da riqueza mundial. [...] Seu curso chama por intervencionista global políticas “servindo ao princípio organizador central de salvar o meio ambiente global”. Também exige novos impostos sobre petróleo, carvão, minerais e madeira, e a eliminação do inimigo mais temido da Terra, o motor de combustão interna⁹³⁰.

O anti-ambientalismo ganhou força nesse círculo, juntando o conspiracionismo da “elite global” com os ataques aos cientistas. Limbaugh afirmou:

Apesar da histeria de alguns pseudocientistas, não há razões para acreditar no aquecimento global. [...] Ele [o movimento ambientalista] é sobre pânico. É sobre medo. Trata-se de incutir na população americana terror, pavor e apreensão sobre o futuro. Trata-se de fazer você pensar que seu modo de vida está “destruindo o mundo”⁹³¹.

De acordo com Sheila Cavanagh, Robert Hahn e Robert Stavins⁹³², a política ambiental da administração Clinton pode ser analisada a partir de cinco temas: 1) As metas ambientais tornaram-se mais rigorosas e a qualidade geral ambiental melhorou. Segundo os autores, a administração elaborou propostas para reduzir subsídios para exportação de recursos em terras públicas. Além disso, houve uma mudança no foco do Serviço Florestal de produção de madeira para proteção de recursos. Estima-se que 60 milhões de acres de florestas federais foram retiradas dos limites de construção de estradas. Em linhas gerais, a qualidade ambiental apresentou melhoras, com maior qualidade de água e ar, continuando uma tendência iniciada nos anos 1970. 2) A eficiência econômica emergiu como objetivo central para debates sobre

⁹²⁹ JASPER, William. *Global Tyranny-Step by Step: The United Nations and the Emerging New World Order*. Aware Journalism, 1992.

⁹³⁰ Ibid., p. 241.

⁹³¹ LIMBAUGH, Rush. *Op. Cit.*, 1993, p. 172

⁹³² CAVANAGH, Sheila M.; HAHN, Robert W.; STAVINS, Robert N. *National environmental policy during the Clinton years*. Nota di Lavoro, 2002.

regulamentos ambientais, enquanto as análises de custo-benefício tornaram-se controversas. Em linhas gerais, os benefícios da regulamentação da poluição excederam os custos, embora o quadro geral ainda fosse de confusão sobre a eficiência da regulamentação sobre poluição do ar. 3) Os debates sobre “custo efetividade” ganharam espaço no discurso público. A administração Clinton promoveu iniciativas baseadas no mercado, como o programa de comércio de licenças de dióxido de enxofre, e apoiou programas de licenças negociáveis para reduzir emissões de gases de efeito estufa. 4) O governo deu ênfase na expansão da divulgação de informações sobre programas ambientais e voluntários. A *Environmental Protection Agency* (EPA), expandiu a lista de produtos químicos presentes no *Toxic Release Inventory* (TRI). Por fim, 5) A EPA reduziu o papel da análise econômica nas tomadas de decisões sobre políticas ambientais e foi mais atuante que nunca. Sob a direção de Carol Browner (nomeada por Clinton para a EPA em 1992 e definida pelo *Washington Post* como tendo “a mente e a formação de uma advogada, mas a alma de um ativista”⁹³³), a agência tratava as análises econômicas através das relações “custo eficácia”, e não através das noções de “investimento” ou simples “custo”⁹³⁴.

De acordo com David Michaels, até o início da década de 1990, o governo estadunidense manteve um certo consenso sobre o problema ambiental causado pelas emissões de gases de efeito estufa. Ambos partidos reconheciam o problema⁹³⁵. A própria EPA foi fundada na década de 1970 pelo republicano Nixon. No entanto, a “ala conspiratória” dos republicanos conservadores adotou o tópico para fazer oposição aos democratas. Defender ou condenar políticas ambientais tornou-se uma declaração ideológica⁹³⁶. Porém, isso não implicava necessariamente em dizer que havia uma simples dicotomia entre “negacionistas republicanos” contra “ambientalistas democratas”. Como reconhece Michaels, nas eleições de 2000 entre Bush e Al-Gore, ambos candidatos reconheciam a importância do problema da emissão de gases do efeito estufa, mas nutriam interpretações e posições distintas:

⁹³³ KENWORTHY, Tom. Activist ex-aide to gore tapped to direct epa. The Whashington Post. December 23, 1992. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1992/12/12/activist-ex-aide-to-gore-tapped-to-direct-epa/c53baf94-c10b-4773-8a99-acbe12fc830a/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹³⁴ CAVANAGH, Sheila M.; HAHN, Robert W.; STAVINS, Robert N. *Op. Cit.*, 2002.

⁹³⁵ MICHAELS, David. *The triumph of doubt: dark money and the science of deception*. Oxford University Press, 2020, p. 186.

⁹³⁶ *Ibid.*, p. 1897.

[O debate] rapidamente degenerou em um confronto sem barreiras entre uma aliança de ideólogos libertários do livre mercado, financiados pela indústria de combustíveis fósseis e aqueles com a temeridade de sugerir que outros fatores além dos lucros de uma indústria — saúde pública, saúde planetária — devem ser priorizados. A oposição aos esforços para limitar as emissões de gases do efeito estufa tornou-se uma prancha oficial na plataforma do Partido Republicano⁹³⁷.

Os aspectos destacados por Cavanagh, Hahn e Stavins demonstram como o debate público voltou-se não para a “existência ou não” do aquecimento global, mas sim sobre os custos e necessidades de combatê-lo. Este conspiracionismo negacionista representado por Jasper e Limbaugh não representava os republicanos, ao menos não publicamente.

Em 1992 o *George C. Marshall Institute* publicou o relatório *Global Warming and Ozone Hole Controversies: A Challenge to Scientific Judgment*. Fundado em 1984 por Frederick Seitz, Robert Jastrow e William Nierenberg, o instituto atuou nos anos 1980 como defensor das políticas de defesa de Ronald Reagan. Envolto na Guerra Fria, defendia que movimentos antinucleares e ambientalistas eram, no melhor dos casos, ingênuos e, no pior, marxistas. O jornalista George Will (ex-editor da *National Review* e, na época, colunista do *Washington post*) se queixou em 1992: “Alguns ambientalistas são ‘árvores verdes com raízes vermelhas’. É o sonho socialista – vidas ascéticas rigorosamente reguladas por uma vanguarda de visionários mandões”⁹³⁸. De acordo com David Michael, na virada da década, o *Marshall Institute* trabalhava para construir uma imagem de incerteza sobre a ciência e de que os custos para promover políticas ambientais eram elevados demais. Distorcendo evidências, as posições do think tank foram logo superadas, mas suas estratégias popularizam-se⁹³⁹.

A pauta ambiental (ou melhor, anti-ambiental) atendia, portanto, tanto os “Defensores do livre mercado” quando os “conspiracionistas”. E, na promoção de suas ideias, os argumentos se embaralhavam. Os conservadores – ou, ao menos os opositores dos Democratas – conseguiram certo sucesso ao “sequestrar” a pauta ambiental para o livre mercado (discutindo os gastos) e para o conspiracionismo (negando a ciência). Ou seja, se nas décadas anteriores os “Defensores do livre mercado” e seus think tanks se apropriaram do Capital Científico para legitimar cientificamente suas agendas, mas sem fazer efetiva

⁹³⁷ Ibid., p. 186.

⁹³⁸ DAWSON, Bill. The Beat: The Roots of Conservatives' Environmental View. *Society of Environmental Journalists*. November 15, 2008. Disponível em: <<https://www.sej.org/publications/sejournal/the-beat-the-roots-conservatives-environmental-view>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹³⁹ MARSHA, David. *Op. Cit.*, 2000, p. 189

aproximação com a acadêmica, a estratégia para os anos 1990 foi de gozar do prestígio acadêmico (Capital Científico), mas, simultaneamente, colocá-lo em xeque.

No campo da política externa, a política dos anos 1990 foi guiada pelo *National Security Strategy of Engagement and Enlargement* (Política do Alargamento e Engajamento). Segundo Paulo Visentini⁹⁴⁰, os democratas reconheciam que os Estados Unidos precisavam de um papel e liderança, no entanto, eram mais propensos ao multiculturalismo e viam a liderança estadunidense como voltada a gerenciar valores e condutas compatíveis com os idealizados no país. A estratégia, chamada de “*soft power*”, pregava a diminuição do valor militar da segurança nacional e caminhava para uma ampliação econômica a partir da promoção da democracia no exterior, “preenchendo os lugares vagos”⁹⁴¹ pela influência da extinta União Soviética. Nessa “nova era”, os Estados Unidos liderariam o mundo para uma profunda mudança, buscando expandir os ideais democráticos de forma menos beligerante.

Em uma “nova’ nova ordem mundial”, a administração Clinton assinou o *North American Free Trade Act* (NAFTA), efetivando um mercado comum com México e Canadá, em 1993. No ano seguinte, estabeleceu a *World Trade Organization* (Organização Mundial do Comércio) e, em 1996, desregulamentou a exploração industrial de telecomunicações, incluindo não só televisão e telefones, mas também “subindústrias de cabo e satélite que se tornaram tão importantes para a nova economia da informação”⁹⁴². A agenda neoliberal de Clinton foi acentuada de tal forma que Gerstle provoca: “Em seus dois mandatos, Clinton pode ter feito mais para promover a desregulamentação do que o próprio Reagan”⁹⁴³.

Mas o plano não foi bem recebido pelos conservadores. Em janeiro de 1998, o *Project for the New American Century* (Projeto para o Novo Século Americano ou PNAC) enviou ao presidente Bill Clinton uma carta aberta defendendo uma nova abordagem para as relações com o Iraque, exigindo uma invasão para assegurar a liberdade de nações amigas⁹⁴⁴. Fundado em 1997, o PNAC apresentava-se como um think tank conservador com o objetivo de

⁹⁴⁰ VISENTINI, Paulo. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015, p. 76-77.

⁹⁴¹ GUIMARÃES, Cesar. A política externa dos Estados Unidos, da primazia ao extremismo. *Estudos Avançados*, v. 16, n. 46, 2002, p. 54.

⁹⁴² GERSTLE, Gary. The rise and fall (?) of America's neoliberal order. *Transactions of the Royal Historical Society*, v. 28, 2018, p. 256.

⁹⁴³ Ibidem.

⁹⁴⁴ PROJECT FOR THE NEW AMERICAN CENTURY. *Letter to President Clinton on Iraq*, January 26, 1998. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20050203005542/http://www.newamericancentury.org/iraqlintonletter.htm>>. Acesso em 20 nov. 2023.

promover os Estados Unidos a uma nova potência mundial. Em sua declaração de princípios, afirmava seus principais objetivos:

- Precisamos aumentar significativamente nossos gastos de defesa para cumprir nossas responsabilidades globais do presente e modernizar nossas armas para o futuro.
- Precisamos fortalecer nossos laços com aliados democráticos e desafiar os regimes hostis a nossos interesses.
- Precisamos promover no exterior a nossa causa da liberdade política e econômica.
- Precisamos aceitar a responsabilidade do papel insubstituível que cabe à América no sentido de preservar e ampliar uma ordem internacional favorável a nossa segurança, nossa prosperidade e nossos princípios.⁹⁴⁵

Pode-se reconhecer dois grandes grupos dentre os signatários do PNAC: um, reunindo políticos e funcionários públicos e, outro, reunindo acadêmicos, diplomatas e jornalistas. No primeiro encontravam-se: Eliot Abrams, Gary Bauer, William Bennett, John Ellis “Jeb” Bush, Richard “Dick” Cheney, Steve Forbes, Irve Lewis “Scooter” Libby, Dan Quayle, Peter Rodman, Harry Rowen, Donald Rumsfeld, Frank Gaffney, Vin Weber e Paul Wolfowitz. No segundo: Eliot Cohen, Midge Decter, Paula Dobriansky, Aaron Friedberg, Francis Fukuyama, Fred Iklé, Donald Kagan, Zalmay Khalilzad, Norman Podhoretz, Stephen Peter Rosen, George Weigel e Frank Gaffney⁹⁴⁶.

Nota-se uma presença considerável de membros do *Council on Foreign Relations* em ambos os grupos. Abrams, Cohen, Decter, Dobriansky, Friedberg, Fukuyama, Iklé, Khalilzad, Libby, Podhoretz, Rodman, Rosen, Rowen, Weber, Weigel e Wolfowitz eram listados como membros do CFR pelo relatório de 1997, sendo Rose nomeado no mesmo ano⁹⁴⁷. Encontravam-se ainda ex-membros, como Cheney que chegou a compor o conselho administrativo do think tank nos anos 1980. Outras instituições também apareciam, como a *Heritage Foundation* (com Bennett, “Jeb” Bush e Decter, membro do conselho administrativo), a *Hudson Institute* (com Quayle e Podhoretz), a *Family Research Council* (em Bauer) e o *Center for Strategic and International Studies* (em Iklé).

⁹⁴⁵ Idem. *Statement of Principles*. June 3, 1997. Disponível em : <<https://web.archive.org/web/20050203004656/http://www.newamericancentury.org/statementofprinciples.htm>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁴⁶ Ibidem.

⁹⁴⁷ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 1997*. July 1, 1996, jun. 30, 1997. New York: Council on Foreign Relations. 1997. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 20 nov. 2023.

Além deste aspecto, vale apontar a relação entre alguns nomes com instituições de ensino superior. Donald Kagan era ex-reitor de Yale; Cohen lecionava na *Paul H. Nitze School of Advanced International Studies*, da *John Hopkins University*, escola da qual Wolfowitz era reitor. Friedberg era diretor do *Center of International Studies* de Princeton; Fukuyama lecionava na *George Mason University* e Rosen era diretor da *John M. Olin Institute for Strategic Studies* da *Harvard's Department of Government*. Dos nomes citados nesse parágrafo, com exceção de Kagan, todos eram membros do CFR⁹⁴⁸.

A carta ao presidente Clinton de 1998, a primeira publicação da instituição, argumentava que a “segurança do mundo no início do século XXI” dependeria da forma com a qual o presidente dos Estados Unidos lidaria com Saddam Hussein, no Iraque. Partindo do princípio que o líder iraquiano possuía (ou, estava em meios de possuir) armas de destruição em massa, o PNAC recomendava uma ação militar, “já que a diplomacia está claramente falhando”⁹⁴⁹. O objetivo dos Estados Unidos para o Oriente Médio deveria ser o de “remover Saddam Hussein e seu regime do poder”⁹⁵⁰. A carta foi assinada por quatorze nomes, sendo os dez repetidos da declaração de princípios (Abrams, Bennett, Dobriansky, Fukuyama, Kagan, Khalilzad, Rodman, Rumsfeld, Weber e Wolfowitz). Dentre os novos, destacavam-se: Richard L. Armitage (ex-membro da Secretaria de Defesa), John Bolton (assistente de James Baker, secretário-geral da ONU ao Saara Ocidental), William Kristol (presidente da *New Citizenship Project* e membro do conselho de administradores da *Manhattan Institute for Policy Research*), Richard Perle (ex-Secretário Adjunto de Defesa para Assuntos Estratégicos Globais), William Schneider, Jr. (ex-Subsecretário de Estado), R. James Woolsey (Diretor da *Central Intelligence Agency*, membro do CFR) e Robert B. Zoellick (vice-presidente executivo e conselheiro geral da *Fannie Mae*, professor da cátedra John M. Olin de Segurança Nacional na Academia Naval dos EUA e membro do conselho administrativo do CFR)⁹⁵¹.

As estratégias e objetivos do PNAC estavam traçados anos antes de sua fundação. Em 1992, o *New York Times* vazou trechos de um relatório produzido pelo Pentágono. Assinado por Paul Wolfowitz, Lewis Libby, Zalmay Khalilzad e Andrew Marshall (todos futuros signatários do PNAC e membro do CFR), o *Defense Planning Guidance* do secretário de

⁹⁴⁸ Para mais detalhes sobre as filiações dos agentes do PNAC, consultar Apêndices B e C.

⁹⁴⁹ PROJECT FOR A NEW AMERICAN CENTER. *Op. Cit.*, 1998.

⁹⁵⁰ Ibid.

⁹⁵¹ Ibid.

Defesa, Dick Cheney, explicitamente defendia que os Estados Unidos deveriam se certificar que seriam a única superpotência no mundo pós-Guerra Fria. Não por uma “nova ordem mundial” neoliberal, mas impondo a força militar se necessário. O documento chamava especial atenção para o Oriente Médio e afirma que os Estados Unidos precisariam impor presença na região para preservar o acesso às reservas de petróleo⁹⁵².

No ano seguinte, o *Defense Strategy for the 1990's: The Regional Defense Strategy* do Pentágono (assinado por Cheney) declarou que a Guerra do Golfo (1990 – 1991) aconteceu para preservar a posição estratégica dos Estados Unidos no Oriente Médio. O relatório argumentava que, embora Hussein não tivesse sido derrubado, sua força militar foi consideravelmente danificada, o que o impediria de monopolizar – através da força – os recursos energéticos da região. A solução seria, portanto, manter uma presença na região, mas através de ajuda humanitária e assistência à segurança para evitar o surgimento de outro agressor “não democrático”⁹⁵³. O documento afirmava ainda: “Nós [os Estados Unidos] trazemos a esta tarefa nossa influência moral considerável como a principal democracia do mundo”⁹⁵⁴.

Observa-se, portanto, que desde o início dos anos 1990 – ou seja, logo ao final da Guerra Fria – os novos conservadores já se voltavam para o Oriente Médio, numa justificativa pragmática e estratégia: ter o acesso ao petróleo. Mas em sua justificativa moral, não se balizava mais na promoção da democracia contra o comunismo (como se sustentava até Reagan), mas sim na defesa da democracia como um todo contra o totalitarismo indefinido. Notava-se, novamente, ecos do pensamento jeremiada. A base da argumentação moral se dava pelo fato de os Estados Unidos serem “a maior democracia” e terem, por isso, uma obrigação moral em promovê-la através de constante vigilância ou mesmo força. Mas, além disso, trazia, ainda, um resquício da paranoia política característica do puritanismo jeremiada. Se pelo lado pragmático a carta ao presidente de 1998 é um chamado claro para a ação contra um tirano em ascensão (para defender a democracia, mas também o acesso ao petróleo), a justificativa moral repousava na crença de que a não tomada de ação causaria a decadência dos Estados Unidos. A carta diretamente culpava, ainda, a atual geração pela criação dos problemas:

⁹⁵² TYLER, Patrick. U.S. strategy plan calls for insuring no rivals develop. *The New York Times*. New York, March, 1992.

⁹⁵³ OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE WASHINGTON DC. *Defense Strategy for the 1990's: The Regional Defense Strategy*. Washington: US Department of Defense. January 1993, p. 8.

⁹⁵⁴ Ibidem.

“estamos convencidos de que a atual política americana em relação ao Iraque não está dando certo e que em breve poderemos enfrentar uma ameaça no Oriente Médio mais séria do que qualquer outra que conhecemos desde o fim da Guerra Fria.”⁹⁵⁵

Os “defensores do livre mercado”, portanto, encontravam-se também entre a “nova ordem mundial”, o “fim da história” e o “choque de Civilizações”. A primeira maturada no CFR ao final da década de 1980; a segunda bancada pela *John Olin Foundation*; e a terceira financiada pela mesma fundação, mas pensada no AEI e tornada pública pelo CFR. Embora tivessem contradições umas com as outras, as três teses fundamentavam-se na promoção do livre mercado e da “democracia” como um dever civilizacional e moral dos Estados Unidos. O mesmo princípio foi depois expresso no PNAC (de forte presença do CFR). Por outro lado, a direita religiosa (ou a “nova direita”) – que sustentou Reagan no início dos anos 1980 – continuava a apegar-se em pautas morais e de costumes, como legalização de aborto e educação sexual, e encontrou no escândalo Lewinsky uma nova bandeira.

A “ala conspiratória” da direita estadunidense já vinha há tempos se promovendo através de pautas morais, alegando que políticas dos Democratas fomentavam o sexo entre jovens e até crianças. Uma dessas acusações recaía sobre a política de disponibilizar preservativos em escolas. Limbaugh escreveu em *The Way Things Ought to Be* um texto com título “Camisinha: o novo diploma” no qual afirmava:

A distribuição de preservativos sanciona, até mesmo encoraja, a atividade sexual, que na adolescência tende a ser promíscua e relega a segundo plano a lição mais importante a ser ensinada: a abstinência. Uma análise de toda a lógica de distribuição de preservativos também fornece um vislumbre do que há de errado com a educação pública hoje⁹⁵⁶.

Ao início de 1998 o presidente Clinton foi alvo de uma denúncia de assédio. A acusação de que Clinton mantinha um relacionamento extraconjugal com a estagiária Monica Lewinsky levantou uma série de acusações de agressões sexuais – que teriam sido encobertas – realizadas desde quando Clinton era governador do estado do Arkansas⁹⁵⁷. No entanto, mesmo no decorrer do escândalo e das investigações que levariam ao processo de impeachment, os

⁹⁵⁵ PROJECT FOR A NEW AMERICAN CENTER. *Op. Cit.*, 1998.

⁹⁵⁶ LIMBAUGH. Rush. *Op. Cit.*, 1993, p. 130

⁹⁵⁷ NEWTON, Michael. *The encyclopedia of conspiracies and conspiracy theories*. Checkmark books, 2006, p. 79.

índices de aprovação do presidente não caíram. Líderes republicanos chegaram a questionar as pesquisas e negá-las⁹⁵⁸. O congressista republicano Bill McCollum, do Comitê Judiciário da Câmara afirmou: “Estamos determinados a fazer isso [investigação] de forma justa e objetiva e não ouvir as pesquisas de forma alguma”⁹⁵⁹. Henry Hyde, o presidente do comitê, também se pronunciou: “Somos muito abençoados por viver em uma nação de leis, não governada por pesquisas de opinião influenciadas por tendências políticas.”⁹⁶⁰

Ao final de 1998, uma pesquisa da *Pew Research Center* demonstrou que Clinton ainda recebia apoio público, 57% dos entrevistados afirmaram que teriam uma opinião desfavorável ao Congresso caso desse início ao processo de impeachment. Outros 62% chegaram a afirmar que as ações do presidente não eram graves a ponto de exigir tal recurso. Por outro lado, 64% disseram não gostar pessoalmente do presidente⁹⁶¹. Por fim as denúncias do escândalo reverberaram mais entre os Republicanos que, de acordo com a pesquisa, davam mais ênfase à moralidade. Um total de 63% dos republicanos discutia a moralidade dos acontecimentos, enquanto os índices entre democratas eram de 42%⁹⁶².

Em 5 de janeiro de 1999 – dois dias antes do começo do julgamento de impeachment pelo Senado – James Glassman publicou o artigo *He Should Just Go*, pelo AEI. Em um ataque direto ao presidente, Classman afirma: “elegância, no entanto, não é o forte de Bill Clinton; ele é amplamente alheio à dimensão moral, em oposição à dimensão sentimental. E assim, ele lê as pesquisas, reúne as tropas e fica”⁹⁶³. Em linhas gerais o autor defendia que Clinton – independente do resultado do processo – deveria renunciar. Dizia, ainda, que outros democratas, citando Al Gore, viveriam para sempre com a ideia de que comprometeram seus padrões morais. Em suma: “Clinton manchou a presidência. Não só a nação pode viver sem ele, como será melhor com sua partida, que dará uma lição de moral”⁹⁶⁴. Em menos de dez dias, também pelo AEI, foi publicado o artigo *Can't Aim High? Aim Below the Belt*, por

⁹⁵⁸ Ibid.

⁹⁵⁹ Ibid.

⁹⁶⁰ ROSENBAUM, David. G.O.P Says it Ignores Critical poll on inquiry. *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1998/09/27/us/gop-says-it-ignores-critical-polls-on-inquiry.html>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁶¹ PEW RESEARCH CENTER. *Gop. Image Improves, but congressional race remains close*. *Pew Research Center*, September 10, 1998. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/1998/09/10/gop-image-improves-but-congressional-race-remains-close/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁶² Ibid.

⁹⁶³ GLASSMAN, James. *He Should Just Go*. American Enterprise Institute, Article. January 05, 1999. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/he-should-just-go/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁶⁴ Ibid.

Norman Ornstein. Em linhas gerais Ornstein criticava não Clinton ou os democratas, mas a forma geral como o caso vinha sendo conduzido, o que, segundo o autor, evidenciava uma mudança no cenário político:

Nos últimos 25 anos, Washington tem sido caracterizado por uma amarga guerra partidária e ideológica, uma espécie de rixa de sangue tribal conhecida por pessoas de dentro como “a criminalização das diferenças políticas”. Incluiu o uso de alegações de delitos ou violações éticas para espancar, danificar ou destruir líderes proeminentes da parte oposta, exigindo investigações criminais em cada passo, pedindo a pena de morte para qualquer ofensa, juntamente com o uso de ações civis para acertar as contas, pontuar pontos e descobrir informações embaraçosas através do processo de descoberta⁹⁶⁵.

De certa forma, a denúncia de Ornstein remonta a crítica feita por Adlai Stevenson nas eleições de 1952. O candidato derrotado dizia ter sido alvo de uma série de ataques diretos as suas filiações com acadêmicos e pesquisadores (na ocasião, associados ao comunismo) como forma de desqualificá-lo moralmente para o pleito. Porém, há uma distinção evidente nas posições de Stevenson e de Ornstein quase cinquenta anos depois. Embora ambos tenham denunciado uma forma “imoral” de fazer política, Stevenson dizia ser alvo; já Ornstein – embora reconhecesse que Clinton fosse o “alvo da vez” –, sustentava que não havia como saber “quem deu o primeiro tiro”, dizendo que “Certamente, na era Reagan/Bush, os democratas exploraram os casos do secretário de Defesa nomeado John Tower”⁹⁶⁶.

Uma das justificativas para que os Democratas não tenham perdido grande apoio após o escândalo pode estar na própria cobertura midiática dos acontecimentos. Conforme Regina Lawrence e Lance Bennett concluem, a ampla cobertura sensacionalista do caso fez com que o valor de entretenimento do escândalo se tornasse maior que o seu valor político⁹⁶⁷. Todas as narrativas de drama, poder e sexo no Salão Oval foram impulsionadas nas “notícias sensacionalistas”⁹⁶⁸. Além, de acordo com Bruce Williams e Michael Carpini, o escândalo ilustra uma mudança fundamental na mídia estadunidense, a perda do papel de “guardião” da

⁹⁶⁵ ORNSTEIN, Norman. Can't aim high? Aim below the belt. USA Today. American Enterprise Institute. January 14, 1999. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/cant-aim-high-aim-below-the-belt/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁶⁶ Ibid.

⁹⁶⁷ Ibid.

⁹⁶⁸ LAWRENCE, Regina G.; BENNETT, W. Lance. Rethinking media politics and public opinion: Reactions to the Clinton-Lewinsky scandal. *Political Science Quarterly*, v. 116, n. 3, p. 425-446, 2001.

“grande mídia”⁹⁶⁹.

4.1.2 As novas “*Rules of Engagement*”: a perda do “selo”

Segundo Williams e Carpini, as novas tecnologias de comunicação desenvolvidas e empregadas ao longo dos anos 1970 e 1980 modificaram não só o “*ethos*” do jornalismo, mas a forma como seu conteúdo era consumido. A percepção desenvolvida e consolidada nos anos 1930 de jornalismo como responsável pela promoção da opinião pública (professada por Walter Lippmann e Hamilton Armstrong) entrou em declínio na medida em que as novas tecnologias de comunicação descentralizavam os meios de notícias⁹⁷⁰. Com TVs a cabo, canais especializados em notícias, a acessibilidade de videocassetes para gravação de programas, a internet, entre outros, houve um maior volume de informações disponíveis, aumento na velocidade de propagação de informações e – principalmente – uma maior liberdade de consumo, dando ao expectador o controle sobre quais notícias assistir e quando. Essas mudanças, concluem os autores, “tornaram difícil manter a distinção sempre artificial entre assuntos públicos e ‘mero’ entretenimento.”⁹⁷¹ Rush Limbaugh é, como demonstramos acima, resultado desse fenômeno. Devido a essa “descentralização” da informação, argumentam Williams e Carpini, o escândalo Lewinsky não afetou agressivamente a imagem pública de Clinton fora dos círculos republicanos, apesar da cobertura midiática⁹⁷².

Em janeiro de 1998, Hillary Clinton afirmou que o escândalo era, na verdade, parte de uma “grande conspiração da direita” contra seu marido. A família Clinton de fato foi alvo de diferentes teorias da conspiração no início dos anos 1990. Em 1992, Joel Bainerman publicou o livro *Crimes of a President* no qual denunciava o envolvimento direto de George W. H. Bush e de Ronald Reagan com traficantes de armas. Bainerman alegou que o governo federal recrutou traficantes de drogas, como Barry Seal, para traficar armas e treinar rebeldes na Nicarágua. Uma das portas de entradas nos Estados Unidos seria em Mena Arkansas, através de uma pequena pista de pouso que Seal utilizava. Quando Clinton, então governador daquele Estado, se recusou a iniciar uma investigação sobre a conspiração de Mena, ele também foi

⁹⁶⁹ WILLIAMS, Bruce; DELLI CARPINI, Michael. Unchained reaction: The collapse of media gatekeeping and the Clinton-Lewinsky scandal. *Journalism*, v. 1, n. 1, p. 61-85, 2000.

⁹⁷⁰ Ibid., p. 64.

⁹⁷¹ Ibid., p. 65.

⁹⁷² Ibid.

acusado de integrar o esquema. Larry Nichols, ex-funcionário da administração estadual de Arkansas, que trabalhou para Clinton entre 1988 e 1990, afirmou em diversas entrevistas que possuía evidências de que Clinton usou o aeroporto de Mena para contrabando de drogas e que por isso corria risco de ser assassinado⁹⁷³.

Assassinatos políticos compunham considerável parcela das teorias de conspiração sobre a família Clinton. Em 1993, quando o FBI invadiu o complexo que abrigava a seita religiosa *Branch Davidians*, em Waco, Texas, as autoridades federais alegaram que o incêndio e tiroteios que resultaram em mais de oitenta mortes (incluindo a do líder da seita) foram causadas pelos religiosos. Porém, diversos documentários (como o indicado ao Oscar *Waco: The Rules of Engagement*, de 1997) revelaram que o FBI usou botijões de gases inflamáveis para promover o incêndio, e que o ato fora encoberto pela administração Clinton. Uma teoria da conspiração emergiu alegando que três dos quatro agentes mortos no confronto eram guarda-costas pessoais de Clinton que foram enviados para a invasão para serem mortos⁹⁷⁴. O suicídio de Vince Foster (Conselheiro da Casa Branca) em 1993 foi apontado também como queima de arquivo, já que Foster era sócio da *Rose Law Firm*, de Hillary Clinton, e arquivos pessoais haviam desaparecido de seu escritório. Da mesma forma era tratada a morte do secretário de Comércio, Ron Brown, em um acidente de avião em 1996, em que também se levantou a suspeita de queima de arquivo. A falta de raios-X da cabeça do secretário seria prova de que ele, na verdade, havia sido executado. Em 1994, o documentário *Clinton Chronicles* – da cineasta e produtora cristã Pat Matrisciana – acusou Clinton de assassinar um investigador de Arkansas para impedi-lo de divulgar evidências de assédios sexuais do presidente. No mesmo ano, trechos do documentário foram exibidos no programa de televisão a cabo *Old Time Gospel Hour*, de Jerry Falwell (Cofundador da *Moral Majority*). Teóricos da conspiração – como o radialista Dave Emory – calculavam que as estatísticas de mortes durante os mandatos Clinton eram elevadas demais para serem “simples coincidências”. O site *Clinton Body Count* chegou a ser fundado, listando e contabilizando os supostos assassinatos cometidos a mando da família Clinton⁹⁷⁵.

Vale destacar que a mesma tecnologia que, de acordo com Williams e Carpini,

⁹⁷³ GIRARD, Philippe. Clinton, Bill and Hillaryin. In: KNIGHT, Peter (Ed.). *Conspiracy theories in American history: An encyclopedia*. Abc-clio, 2003, p. 175.

⁹⁷⁴ Ibid., p. 176.

⁹⁷⁵ MCHORNEY. Chris. Clinton Body Count. In: KNIGHT, Peter (Ed.). *Conspiracy theories in American history: An encyclopedia*. Abc-clio, 2003, p. 177.

“blindou” parcialmente a imagem de Bill Clinton frente ao público no escândalo Lewinsky, possibilitou o crescimento das teorias conspiratórias a respeito do presidente e sua família. Muitas dessas ideias eram compartilhadas e debatidas através de programas de rádios e talk-shows (como os de Dave Emory), com apresentadores cativantes e teatrais (como Rush Limbaugh) ou através de fóruns e correntes de e-mails na internet.

Nas eleições de 2000, entre George W. Bush e Al Gore, a internet firmou-se como fonte de informação eleitoral. Um relatório da *Pew Research Center* revelou que um a cada cinco eleitores recorreram a internet como principal fonte de informação política⁹⁷⁶. O número de usuários de internet que recorreram à rede nas eleições subiu de 22% em 1996 para 33% em 2000. A subida entre o “público geral” – ou seja, pessoas que não utilizavam a internet no dia a dia, mas recorreram à rede para se informar politicamente –, foi ainda mais vertiginosa, de 4% para 18%. Embora a televisão tenha se mantido como principal fonte de informação eleitoral (apresentando um crescimento de 72% em 1996 para 83% em 2000), houve um crescimento da TV a cabo (de 21% para 41%) em detrimento da “TV aberta” (de 36% para 23%). Já o uso da internet como fonte de informação eleitoral, como um todo, subiu de 3% para 10%⁹⁷⁷. Os “porquês” também apresentaram variações consideráveis. Em 2000 54% dos eleitores responderam que buscavam informações na internet pois “era mais conveniente”, em contraste com os 45% de 1996. Por outro lado, aqueles que responderam “porque reflete minhas opiniões” caiu de 24% para 6%⁹⁷⁸. Portanto, ou o público votante passou a consumir, na internet, informações mais variadas ou deixou de reconhecer que consumia apenas o que corroborava a sua visão de mundo.

Por fim, a pesquisa revelou ainda que os Republicanos possuíam vantagem no ativismo online em relação aos Democratas. Dos eleitores que se declararam Republicanos, 29% admitiram participar de correntes de e-mails apoiando ou se opondo a um candidato. Entre os Democratas, o número foi de 20%⁹⁷⁹. Além disso, os Republicanos também eram maioria em participações de pesquisas online (39% contra 31%) e na doação para os sites dos candidatos

⁹⁷⁶ RAINIE, Lee. Internet Election News Audience Seeks Convenience, Familiar Names. *Pew Research Center*. December 3, 2000. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/internet/2000/12/03/internet-election-news-audience-seeks-convenience-familiar-names/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁷⁷ Ibid.

⁹⁷⁸ Ibid.

⁹⁷⁹ Ibid.

(6% contra 3%)⁹⁸⁰.

Como colocado por Manuel Castells, a revolução nas tecnologias da informação no pós-Guerra Fria promoveu uma nova dinâmica para a sociedade, com a chamada sociedade em rede⁹⁸¹. E a internet tornou-se parte relevante dessa sociedade, mesmo em seu estado inicial. Ainda segundo Castells, a internet “horizontalizou” a comunicação, possibilitando a conexão direta entre “provedor” da informação e “receptor” sem, necessariamente, precisar de um intermediário. Enquanto essa dinâmica favorece o volume e velocidade de disseminação de informações, ela prejudica a checagem da veracidade. Conforme Johanna Smit, tradicionalmente as entidades custodiadoras (como arquivos, bibliotecas, mas também universidades e afins) ou promotoras (como redes de jornais e canais de comunicação) de informação representavam um “selo” na informação consultada ou promovida:

A informação disponibilizada por uma instituição passa a ser uma informação “que existe”, ou seja, que é socialmente considerada existente, importante e potencialmente útil para alguém, ou alguma instituição, em algum momento, próximo ou distante. A informação institucionalizada carrega um “selo de qualidade”, pois é fruto de opções e foi considerada digna de ser preservada⁹⁸².

Mesmo que os meios de comunicação em si não garantissem a veracidade da informação, o caráter institucional e não personalizado promovia um grau de confiabilidade, disponibilizando um “rosto” ou “marca” a ser culpabilizado caso a informação promovida fosse publicamente comprovada mentirosa⁹⁸³. Como exemplifica Andrew Keen, “quando um artigo se apresenta sob a bandeira de um jornal respeitado, sabemos que foi examinada por uma equipe de editores tarimbados e com anos de experiência”⁹⁸⁴. A “descentralização” da informação rompeu com esse princípio o que, em certa medida, favoreceu teóricos da conspiração.

No entanto, deve-se ressaltar que reconhecer que teóricos da conspiração se beneficiaram da internet não implica dizer que a internet popularizou o conspiracionismo nos

⁹⁸⁰ Ibid.

⁹⁸¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação. Economia sociedade e cultura v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 17.

⁹⁸² SMIT, Johanna Wilhelmina. A informação na Ciência da Informação. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 3, n. 2, 2012, p. 84-101.

⁹⁸³ ARAÚJO, Carlos Alberto. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, jan./abr. 2021, p. 13.

⁹⁸⁴ KEEN, Andrew. *O Culto do Amador*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007, p. 54.

Estados Unidos. Como demonstrado ao longo desse trabalho, o conspiracionismo e paranoia política são partes integrantes da cultura e identidade política estadunidense, estando presente em toda a história do país. As tecnologias de comunicação foram ferramentas utilizadas por grupos para promover suas visões de mundo paranoicas e conspiratórias, não causadoras delas. No período colonial, os promotores de teorias conspiratórias eram majoritariamente os pastores e magistrados (como Timothy Dwight ou Cotton Mather) que usavam seus discursos e publicações para promover suas ideias. O mesmo pode ser dito dos filantropos e “cientistas amadores” do século XIX, dos opositores do *New Deal* (como a JBS) ao longo dos anos 1950, 1960 e 1970. Depois, com a popularização da TV por assinatura, dos televangelistas dos anos 1980, e etc. Como observa Joseph Uscinski, “a Internet pode ser perigosa quando convence as pessoas de informações falsas, mas as pessoas podem ser convencidas de ideias sem a ajuda da Internet.”⁹⁸⁵. Portanto, o que é preciso destacar é que a internet ajudou a disponibilizar teorias da conspiração para grandes públicos, seja ele receptivo ou não:

Além daquelas pessoas que procuram e estão predispostas a informações conspiratórias, outras pessoas podem ser expostas a teorias da conspiração na Internet e aceitar essas teorias porque ainda não ouviram uma história oficial concorrente. Nesse caso, a Internet pode convencer as pessoas de uma teoria da conspiração e, mesmo depois de receberem informações confiáveis, essa teoria da conspiração ainda pode influenciar suas crenças⁹⁸⁶.

Ainda de acordo com Uscinski, não há evidências que apontem a internet como responsável por um crescimento da popularidade do pensamento conspiratório⁹⁸⁷. Porém, como ressalta Butter, ao longo dos anos 1970 e 1990, apesar de dispor de novas tecnologias de comunicação, os teóricos da conspiração abraçaram sua marginalização e construíram audiências cativas⁹⁸⁸. Através de programas de rádios, livros, documentários e correntes de e-mail, circulavam suas ideias, mas de forma limitada. Portanto, ao início dos anos 1990, há evidências da popularização de um outro fenômeno, o do radicalismo. De acordo com Cass Sunstein⁹⁸⁹ indivíduos tendem ao extremismo conforme se relacionam em grupos com as

⁹⁸⁵ USCINSKI, Joseph E.; DEWITT, Darin; ATKINSON, Matthew D. A web of conspiracy? internet and conspiracy theory. In: *Handbook of conspiracy theory and contemporary religion*. Brill, 2018, p. 112.

⁹⁸⁶ Ibid., p. 111.

⁹⁸⁷ Ibid.

⁹⁸⁸ BUTTER, Michael. Conspiracy theories in American history. In: _____. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. Routledge 2020.

⁹⁸⁹ SUNSTEIN, Cass. *A era do radicalismo*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2010, p. 6-9.

mesmas opiniões. Além, grupos também se tornaram mais homogêneos. Sunstein conclui:

A polarização grupal frequentemente ocorre por causa dos erros das pessoas em ajustarem suas reações às composições tendenciosas dos grupos em que se encontram. Agimos como se aqueles grupos refletissem uma soma imparcial de informação, mesmo quando há tendência sistemática. Essa tendência pode nos causar muitos problemas em muitas áreas, deturpando nossos julgamentos não apenas sobre política, mas também sobre saúde, dinheiro e religião⁹⁹⁰.

Isto é, a homogeneização de opiniões dentro de um grupo tende a levar este grupo a ignorar ou desconfiar de toda e qualquer fonte de informação externa, ao mesmo passo em que acredita ter acesso à única fonte de informação “imparcial”. Este fenômeno foi denominado como “assimilação tendenciosa”. De acordo com Sunstein:

As pessoas frequentemente ignoram a poderosa evidência contrária. Alguns movimentos radicais prosperam mesmo quando seus membros estão cercados de informação que parece absolutamente inconsistente com suas crenças. Essa informação pode ser, e é, descartada como mera propaganda; na realidade, atribui-se à sua simples existência o fortalecimento das crenças radicais das pessoas⁹⁹¹.

Grupos extremados, envoltos em uma “assimilação tendenciosa”, reagirão negando qualquer informação que contradiga a sua crença, descartando-a como falsa. O confronto de evidências, na prática, acaba levando o extremista ainda mais ao extremo, fazendo-o crer ainda mais estar certo. O resultado é um descolamento do resto do mundo: “os membros do grupo passam a confiar exclusivamente uns nos outros para validar novas informações”⁹⁹². Em suma, em grupos extremados, não há diálogo, argumento ou evidência que legitime ou desminta uma informação, além da própria opinião do grupo.

Considerando este fenômeno, Uscinski reconheceu que, embora não possa dizer que a internet seja responsável pela popularização de teorias conspiratórias, sua dinâmica de informação (que tanto dispensa “mediadores”, quanto reúne grupos semelhantes) facilitou a construção de “uma câmara de eco de informações” pela qual os indivíduos, recebem “com relativa facilidade, informações que coincidem com suas crenças já conspiratórias”. O seja: “A Internet neste caso reforça uma visão conspiratória do mundo para essas pessoas que já são propensas”⁹⁹³.

⁹⁹⁰ Ibid., p. 33.

⁹⁹¹ Ibid., p. 47.

⁹⁹² Ibid., p. 48.

⁹⁹³ USCINSKI, Joseph E.; DEWITT, Darin; ATKINSON, Matthew. *Op. Cit.*, 2018.

Em síntese, ao longo dos anos 1990, a “ala defensora do livre mercado” da direita estadunidense debatia a melhor forma de garantir a soberania no mercado global. Os “anticomunistas” (sem comunistas explícitos), passaram a mirar com mais ênfase no próprio governo, na existência do “governo mundial” (em especial depois da fala do presidente G. H. W. Bush) e encontraram no anti-ambientalismo e anti-cientificismo as provas de suas crenças. E os “religiosos” juntaram-se aos “anticomunistas” para defender pautas morais contra os Democratas. Precisamos ressaltar, no entanto, como as três correntes atravessam umas às outras. A percepção dos novos conservadores (defensores do livre mercado) de que haveria uma responsabilidade moral imposta aos Estados Unidos na promoção e proteção da “democracia”, trazia fortes princípios religiosos. Remontando a noção de “povo eleito”. Ao mesmo tempo, expoentes da “direita conspiratória”, como Limbaugh, utilizava-se de pautas morais e de costumes para promover suas teses de que o governo mentia para o cidadão a fim de concentrar poder. E, embora os “defensores do livre mercado” não sustentassem abertamente um discurso conspiratório (como o dos anticomunistas), abraçavam as mesmas causas, como o antiambientalismo, e promoviam uma desconfiança na academia através de seus think tanks. Embora o novo conservadorismo (em sua mistura de “religião”, “liberalismo” e “conspiração”) parecesse sentir a falta da União Soviética, as três correntes mantiveram suas agendas bem claras ao longo do governo Clinton.

4.2 O Anti-intelectualismo presidencial

A corrida eleitoral que consagrou George W. Bush como quadragésimo terceiro presidente dos Estados Unidos durou 36 dias a mais e terminou na Suprema Corte. Porém, tão notório e significativo quanto seu fim, foi seu início. Segundo Gary Gragg, em 1998, depois de ser reeleito governador do Texas, Bush foi incitado por políticos a concorrer à Casa Branca. No entanto, relutou. De acordo com Gragg:

Na manhã de sua segunda posse como governador do Texas, Bush disse à mãe que ainda lutava contra a decisão [de concorrer à presidência]. Ela não foi simpática, sugerindo que seu filho deveria simplesmente decidir. O sermão da igreja naquele dia descreveu o chamado de Moisés por Deus para liderar seu povo do Egito. Durante o culto, a mãe de Bush se inclinou na direção dele e disse: “Ele está falando

com você”⁹⁹⁴.

Como governador, Bush apoiou um projeto de lei que exigia que os pais fossem notificados caso um menor de idade praticasse um aborto, minou um projeto de crime de ódio que buscava proteger lésbicas e gays, entre outros. Estes esforços em manter uma agenda conservadora tornou Bush próximo de um segmento eleitoral crescente, o cristão evangélico⁹⁹⁵.

Al Gore, a exemplo de Bush, vinha de uma família com tradicional envolvimento político e também possuía um diploma de uma escola da *Ivy League*. Porém, diferente do republicano, Gore era vice-presidente, ex-senador e um debatedor experiente. O democrata mantinha uma orientação acadêmica, voltada para os detalhes e especialista em políticas e, com frequência, “tentou retratar Bush como um amigo dos ricos com pouca experiência em governar, especialmente no nível federal.”⁹⁹⁶ Bush, por outro lado, focava-se em “grandes ideias, causas profundas, grandes iniciativas”⁹⁹⁷, e fazia esforços para pintar Gore como um *insider* de Washington “que fez grandes promessas e mostrou poucos resultados”⁹⁹⁸ e o associava ao escândalo Lewinsky, prometendo recuperar a “honra e dignidade” da Casa Branca. Boa parte do que fundamentava a postura de Bush era alicerçada numa ética religiosa.

O discurso pós-primárias de Bush era recheado pela ideologia jeremiada puritana, e salpicado pela Religião Civil. Logo no início, fez um apreço às gerações passadas como vitoriosas e fontes de inspiração da luta dos “escolhidos” contra o “mal”:

Meu pai foi o último presidente de uma grande geração. Uma geração de americanos que invadiu praias, libertou campos de concentração e nos livrou do mal. Alguns nunca voltaram para casa. Os que o fizeram colocaram suas medalhas nas gavetas, trabalharam e construíram em escala heroica... rodovias e universidades, subúrbios e fábricas, grandes cidades e grandes alianças – os fortes alicerces de um século americano. Agora a pergunta vem para os filhos e filhas dessa conquista... O que é pedido de nós?⁹⁹⁹.

⁹⁹⁴ GREGG II, Gary. George W. Bush: campaigns and elections. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/president/gwbush/campaigns-and-elections>>. Acesso em 20 nov. 2023.

⁹⁹⁵ ROUNTREE, Clarke. *George W. Bush: A Biography*. Bloomsbury Publishing USA, 2010, p. 63-64.

⁹⁹⁶ Ibid.

⁹⁹⁷ Ibid.

⁹⁹⁸ GREGG II, Gary. *Op. Cit.*

⁹⁹⁹ THE NEW YORK TIMES. Full text of Bush's acceptance speech. *The New York Times*. August 4, 2000.

Disponível em: <<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/library/politics/camp/080400wh-bush-speech.html>>. Acesso em 20 nov. 2023.

Ao mesmo tempo, fez um alerta sobre a eminente crise:

Tempos de abundância, como tempos de crise, são testes para o caráter americano. A prosperidade pode ser uma ferramenta em nossas mãos para construir e melhorar nosso país, ou pode ser uma droga em nosso sistema que embora nosso senso de urgência, de empatia, de dever. Nossas oportunidades são muito grandes, nossas vidas muito curtas para desperdiçar este momento¹⁰⁰⁰.

Ainda culpabilizou a “atual geração” (Clinton e Gore) de falhar em manter a “América” em seu destino de soberania mundial no mundo pós-Guerra Fria. O que, por sua vez, ecoa o princípio puritano de que a “América” está destinada a efetivar o “paraíso na terra” e, se não o faz, é por falha da atual geração ou sabotagem do “inimigo”. Segundo Bush,

Por oito anos, a administração Clinton-Gore passou por prosperidade. O caminho de menor resistência é sempre descer a colina. Mas o caminho da América é o caminho ascendente. Esta nação é ousada, decente e pronta para a mudança. [...] Há pouco mais de uma década, a Guerra Fria foi derretida e, com a liderança dos presidentes Reagan e Bush, esse muro caiu. Mas, em vez de aproveitar este momento, o governo Clinton-Gore o desperdiçou. Vimos uma erosão constante do poder americano e um exercício instável da influência americana. Nosso exército está com poucas peças, salários e moral. [...] Nossa geração tem a chance de recuperar alguns valores essenciais, para mostrar que crescemos antes de envelhecer. Mas quando chegou o momento da liderança, este governo não ensinou nossos filhos, mas os desiludiu¹⁰⁰¹.

Bush não deixa de citar os pais fundadores:

Quando Lewis Morris, de Nova York, estava prestes a assinar a Declaração de Independência, seu irmão desaconselhou, avisando que perderia todas as suas propriedades. Morris, um Fundador franco, respondeu... “Dane-se as consequências, me dê a caneta.” Essa é a eloquência da ação americana¹⁰⁰².

E, por fim, defendeu a excepcionalidade dos Estados Unidos e seu dever “ético” e “moral” em “liderar o mundo”.

O mundo precisa da força e liderança da América. E as forças armadas da América precisam de melhor equipamento, melhor treinamento e melhores salários. [...] Um grande governo não é a resposta, mas a alternativa à burocracia não é a indiferença. É colocar valores conservadores e ideias conservadoras no centro da luta por justiça e oportunidade. Devemos ajudar a proteger nossos filhos em nossas escolas e ruas, e finalmente e aplicando estritamente as leis de armas de nossa nação. Mas, acima de

¹⁰⁰⁰ Ibid.

¹⁰⁰¹ Ibid.

¹⁰⁰² Ibid.

tudo, devemos ensinar aos nossos filhos os valores que derrotam a violência. [...] Então, quando eu colocar minha mão sobre a Bíblia, vou jurar não apenas respeitar as leis de nossa terra, vou jurar defender a honra e dignidade do cargo para o qual fui eleito, que Deus me ajude¹⁰⁰³.

De acordo com Kevin Coel e David Domke, os discursos de Kennedy associavam “Deus” à “liberdade”. O mesmo ocorreu com Gerald Ford e Jimmy Carter nos anos 1970. Ao longo dos anos 1980 e início de 1990 – com Ronald Reagan e George W. H. Bush – as relações estabelecidas em discursos entre “Deus” e “liberdade” tomam “posturas proféticas”¹⁰⁰⁴. Já ao longo dos anos 1990, com Bill Clinton, as referências e citações foram mais comedidas, mas ainda presentes. Clinton, ao ser indicado pelo Partido Democrata para concorrer à presidência, em 1992, referiu-se duas vezes aos ensinamentos da “escritura” e usou terminologias religiosas propondo uma “nova aliança” para realizar a “visão e os valores do povo americano”¹⁰⁰⁵. Mas, segundo Coel e Domke, foi com George Walker Bush, ao longo dos anos 2000, que as referências divinas (relacionando “Deus” com “Liberdade”) se fizeram mais volumosas¹⁰⁰⁶. Em seu discurso de posse, após a longa corrida eleitoral, Bush afirmou:

Durante grande parte do século passado, a fé dos Estados Unidos na liberdade e na democracia foi uma rocha em um mar revolto. Agora é uma semente ao vento, criando raízes em muitas nações. Nossa fé democrática é mais do que o credo de nosso país, é a esperança inata de nossa humanidade, um ideal que carregamos, mas não possuímos, uma confiança que carregamos e transmitimos. E mesmo depois de quase 225 anos, ainda temos um longo caminho a percorrer. [...] Os inimigos da liberdade e de nosso país não devem se enganar: a América continua engajada no mundo pela história e por escolha, moldando um equilíbrio de poder que favorece a liberdade. Defenderemos nossos aliados e nossos interesses. Mostraremos propósito sem arrogância. Enfrentaremos a agressão e a má-fé com determinação e força. E a todas as nações, falaremos pelos valores que deram origem a nossa nação. [...] Às vezes, na vida, somos chamados para fazer grandes coisas. Mas, como disse um santo do nosso tempo, todos os dias somos chamados a fazer pequenas coisas com muito amor. As tarefas mais importantes de uma democracia são feitas por todos. [...] Os americanos são generosos, fortes e decentes, não porque acreditamos em nós mesmos, mas porque temos crenças além de nós mesmos. Quando falta esse espírito de cidadania, nenhum programa governamental pode substituí-lo. Quando esse espírito está presente, nenhum mal pode se opor a ele¹⁰⁰⁷.

¹⁰⁰³ Ibid.

¹⁰⁰⁴ COE, Kevin; DOMKE, David. Petitioners or prophets? Presidential discourse, God, and the ascendancy of religious conservatives. *Journal of Communication*, v. 56, n. 2, 2006, p. 321.

¹⁰⁰⁵ SMITH, Rogers M. Religious rhetoric and the ethics of public discourse: the case of George W. Bush. *Political Theory*, v. 36, n. 2, 2008, p. 281.

¹⁰⁰⁶ COE, Kevin; DOMKE, David. *Op. Cit.*, 2006.

¹⁰⁰⁷ BUSH, George W. *First inaugural address january 20, 2001*. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-2001-first-inaugural-address#dp-ex-pandable-text>>. Acesso em 20 nov. 2023.

Bush recorreu ao passado (em determinado momento chega a citar Thomas Jefferson e a Declaração da Independência), ao “espírito americano”, falou em “fê” na democracia e na promoção da liberdade como tarefa histórica dos Estados Unidos. Portanto, articulando a Religião Civil e promovendo ideais neoconservadores.

O internacionalismo de Bush, criticando a política externa de Clinton, procurava remontar aquele mundo unipolar no qual os Estados Unidos atuavam como liderança mundial. Mas, antes da eleição, Bush declarou que as forças militares não seriam a resposta para todas as situações difíceis da política externa. A sua equipe eleitoral criticou as ações de Clinton no Haiti e no Sri Lanka, alegando que o democrata havia falhado em “construir nações”¹⁰⁰⁸. Já em campanha, em 2000, Condoleezza Rice escreveu um artigo para a *Foreign Affairs* no qual afirmou que a política externa numa administração republicana certamente seria internacionalista, no entanto, com “base sólida do interesse nacional, não dos interesses de uma comunidade internacional ilusória”¹⁰⁰⁹.

4.2.1 Bush fala: um anti-intelectualismo “passivo”

De acordo com levantamento elaborado pela *Pew Research Center* sobre a cobertura dos primeiros 100 dias de mandato, a imprensa no primeiro mês tendia a retratar Bush como um administrador hábil, confortável com a burocracia de Washington¹⁰¹⁰. Um *insider* – em contraste da imagem de “homem do povo” –, que perseguia obstinadamente uma agenda ideológica sincera e conservadora. No entanto, no decorrer dos 60 dias seguintes, a cobertura ficou mais crítica e as reportagens sobre a competência administrativa diminuíram em relação às que enfatizavam a agenda ideológica¹⁰¹¹. Numa comparação com a cobertura da imprensa sobre os primeiros 100 dias de Clinton, a *Pew Research Center* concluiu que as reportagens sobre o democrata tendiam a retratá-lo como estratégico, e suas medidas como táticas. Por

¹⁰⁰⁸ HAAR, Roberta. Explaining George W. Bush’s Adoption of the Neoconservative Agenda after 9/11. *Politics & Policy*, Volume 38, No. 5 (2010), p. 965-990.

¹⁰⁰⁹ RICE, Condoleezza. Promoting the national interest. *Foreign Affairs*, p. 45-62, 2000.

¹⁰¹⁰ PEW RESEARCH CENTER. *The first 100 days*. Pew Research center report. April 30, 2001. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2001/04/30/the-first-100-days/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰¹¹ Ibid.

outro lado, as reportagens sobre o republicano tendiam a retratar suas medidas como genuínas expressões de sua visão de mundo:

De fato, uma das diferenças mais marcantes na cobertura geral dos dois presidentes é que quase um quarto (22%) de todas as histórias de Clinton foram enquadradas em torno de possíveis táticas, motivos e estratégias para o que ele fez. Para Bush, apenas 14% das histórias foram enquadradas em torno dessas questões. Em contraste, quase metade de todas as histórias de Bush, 48%, foram enquadradas como uma explicação para onde ele quer levar o país. Para Clinton, apenas cerca de um terço, apenas 35%, foram enquadrados em torno de sua agenda¹⁰¹².

Uma dessas medidas foi a rejeição ao Protocolo de Kyoto. Elaborado em 1997, o protocolo estabelece objetivos e metas de curto e longo prazo (2008 – 2012), para emissão de gases poluentes que aceleram o efeito estufa. Para entrar em vigor, o Protocolo precisou ser ratificado por ao menos 55 países, que deveriam representar ao menos 55% das emissões de todos os países industrializados¹⁰¹³. Ainda em 1997, o Senado norte-americano aprovou a resolução Byrd-Hagel (por uma votação de 95-0) que afirmava que a casa não ratificaria um tratado que compromettesse a emissão de gases do país sem que fosse exigido compromisso semelhante por parte de países em desenvolvimento¹⁰¹⁴. No entanto, apesar da resolução, o Protocolo de Kyoto foi simbolicamente assinado pelo vice-presidente Gore em 1998.

O primeiro ato da presidência Bush referente ao Protocolo (mesmo antes de anunciar a retirada do país) foi uma carta a quatro senadores, entre eles Chuck Hagel, da resolução Byrd-Hagel. Na carta, o presidente afirmou:

Apoio uma política energética nacional abrangente e equilibrada que leve em consideração a importância de melhorar a qualidade do ar. Consistente com essa abordagem equilibrada, pretendo trabalhar com o Congresso em uma estratégia de multi-poluentes para exigir que as usinas de energia reduzam as emissões de dióxido de enxofre, óxidos de nitrogênio e mercúrio. Qualquer estratégia incluiria a introdução gradual das reduções ao longo de um período de tempo razoável, proporcionando segurança regulatória e oferecendo incentivos baseados no mercado para ajudar a indústria a cumprir as metas. [...] continuaremos a examinar completamente as questões da mudança climática global - incluindo ciência, tecnologias, sistemas baseados no mercado e opções inovadoras para lidar com as concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera. Estou muito otimista de que, com o foco adequado e trabalhando com nossos amigos e aliados, seremos capazes de desenvolver tecnologias, incentivos de mercado e outras formas criativas de

¹⁰¹² Ibid.

¹⁰¹³ KAHN, Greg. The fate of the Kyoto Protocol under the Bush Administration. *Berkeley J. Int'l L.*, v. 21, 2003, p. 550.

¹⁰¹⁴ Ibid.

abordar a mudança climática global¹⁰¹⁵.

Sobre o Protocolo, a carta colocou o seguinte:

Como você sabe, me oponho ao Protocolo de Kyoto porque isenta oitenta por cento do mundo, incluindo grandes centros populacionais como China e Índia, do cumprimento e causaria sérios danos à economia dos EUA. A votação do Senado, 95-0, mostra que há um claro consenso de que o Protocolo de Kyoto é um meio injusto e ineficaz de abordar as preocupações com as mudanças climáticas globais¹⁰¹⁶.

Quando a administração Bush anunciou que sairia do Protocolo, em março de 2001, líderes do movimento *Environmental Justice* enviaram cartas ao presidente. Por um lado, expressavam uma profunda preocupação com o impacto social e ecológicas que as diretrizes ambientais do governo demonstravam; por outro, acusavam o presidente de favorecer empresas petrolíferas e exercer, no mínimo, uma “negligência ambiental”¹⁰¹⁷.

Na ocasião, Christine Whitman – membro do CFR e, na época, chefe da *U.S. Environmental Protection Agency* – afirmou não ter interesse em implementar o tratado. Condoleezza Rice – conselheira de Segurança Nacional – afirmou que o Protocolo estava morto. E poucos meses depois, o secretário de Estado, Colin Powell, declarou que o Protocolo, enquanto processo, não estava necessariamente morto, mas o tratado em si era falho e as exigências eram “irrealistas”, pois obrigavam os Estados Unidos a condições mais rígidas que os países da União Europeia¹⁰¹⁸. Ou seja, a postura presidencial oficial não era de negação da importância do acordo ou das mudanças climáticas, mas sim das condições impostas pelo Protocolo, definido como “injusto”. Os novos conservadores da administração Bush defendiam que o país não deveria balizar suas ações – mesmo ações internacionais – em organizações internacionais, mas sim em suas próprias necessidades. Acreditavam que os Estados Unidos, como vencedores da Guerra Fria, tinham esse direito.

¹⁰¹⁵ BUSH, George W. *Letter from the President to Senators Hagel, Helms, Craig, and Roberts*. The White House. March 13, 2001. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/03/20010314.html>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰¹⁶ Ibid.

¹⁰¹⁷ SOLOWAY, Mollie. Measuring Environmental Justice: Analysis of Progress under Presidents Bush, Obama, and Trump. *Envtl. L. Rep.*, v. 51, 2021, p. 10047.

¹⁰¹⁸ KAH, Gerg. *Op. Cit.*, 2003, p. 551.

Timothy Garston Ash, professor de Oxford e membro do *Hoover Institution*, relatou uma reunião que teve na Casa Branca no início de 2001:

De um lado, sentaram em cadeiras parecidas com tronos, o presidente e o vice-presidente, um mal humorado Dick Cheney. Do outro lado, sentaram-se a assessora para segurança nacional Condi Rice [...] e seu adjunto, Stephen Hadley. [...] Os convidados foram colocados em dois sofás grandes [...] eu, Lionel Barber, então editor para os Estados Unidos do *Financial Times*, e Felix Rohatyn, lenda financeira e ex-embaixador americano na França [...] Michael McFaul, também de Stanford e seu colega Thomas Graham, escolhido para falar sobre a Rússia [...] “Eis-me aqui diante de vocês, um texano simples”, disse Bush, numa abertura caracteristicamente autodepreciadora. [...] Suas suspeitas em relação à maioria das formas de internacionalismo liberal foi um tema corrente [...] Pareceu ainda menos satisfeito quando Lionel disse que os europeus temiam que os Estados Unidos pudessem mudar o “multilateralismo insensato para o unilateralismo insensato” [...] quando ele voltou ao assunto mais tarde, virou-se para Barber e disse algo como “Então isso é o que o seu multiculturalismo... ou multinacionalismo...” Ficamos ambos com a impressão de que ele queria dizer multilateralismo. Multiquaquerdiabodecoisa, seja lá o que for. [...] Quando Felix Rohatyn lhe contou que os alemães tinham “um projeto federalista” para a Europa, o presidente interrompeu: “Você pode definir projeto federalista?” [...] Sobre a maioria das questões relacionadas com a Europa, ele parecia ter uma mente aberta, para não dizer vazia [...]. Outro tema sobre qual ele tinha uma opinião firme, expressa longamente, era a mudança climática. De onde vinha, disse ele, no oeste do Texas, eles falam sobre Governo Mundial Único, “Pois bem, o encontrei! É o lobby ambientalista internacional” [...] um longo papo sobre a loucura dos verdes acabou neste veredicto: “Kyoto é melado”¹⁰¹⁹.

A justificativa oficial da administração Bush para se retirar do Protocolo de Kyoto se sustentava na política, não na negação científica. No entanto, mais que retórica protecionista, a postura de Bush apresentava um toque conspiratório na medida em que, cita Ash, acreditava que “eles querem nos ferrar”¹⁰²⁰.

Pouco depois, o AEI passou a publicar trabalhos a fim de construir uma imagem de incerteza acerca do aquecimento global, o que legitimaria as decisões do governo. Passados alguns meses, em junho, publicou o artigo *Bush Is Right on Global Warming*, em que Sallie Baliunas (da *Harvard College Observatory*) e James K. Glassman (membro da AEI e que em 2009 veio a tornar-se executivo da *George W. Bush Institute*) defendem que a postura “cautelosa” de Bush sobre a emissão de gases é acertada. Segundo os autores, era necessário sim investir em novas tecnologias para produção de energia limpa, mas que era preciso fazê-lo com responsabilidade. Mas, mais que isso, o artigo apresentava questionamentos sobre o

¹⁰¹⁹ ASH, Timothy Garton. *Os fatos são subversivos*: escritos políticos de uma década sem nome. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p. 216-218.

¹⁰²⁰ Ibid., p. 218.

fenômeno. Alegava que “a grande notícia, de acordo com a mídia, foi que a Terra ficou mais quente. Confirmado! Mas este é um não-evento.”¹⁰²¹ Os autores afirmavam que houve um período de aquecimento global entre 1890 e 1940, seguido por um resfriamento entre 1940 e 1970. Ainda lançavam mão de um relatório da *National Academy of Sciences* sobre a “dificuldade em entender as mudanças climáticas naturais”¹⁰²². O artigo não negava o fenômeno do aquecimento global, mas lança dúvidas sobre sua dinâmica. Tempos depois, trabalhos mais elaborados foram publicados, como o ensaio intitulado *Censorship and the Uncertain Science of Climate Change* de 2003, por Samuel Thornstrom. Outros argumentavam que não haveria um consenso acadêmico acerca do assunto, nem mesmo sobre suas origens e efeitos, como o artigo *Climate Change and Discounting the Future* de 2008 por David Weisbach, membro do AEI desde 2007. Em resultado dos esforços de *think tanks* como o AEI – segundo pesquisas realizadas pelo *Yale Project on Climate Change* – em 2008 71% dos americanos acreditavam que o aquecimento global era um fenômeno real, em 2010 este número caiu para 57%¹⁰²³.

Embora não tivesse uma postura abertamente anti-intelectual (como muitos presidentes antecessores, como visto) Bush cultivou uma imagem própria de desprezo pela “intelectualidade”. Frequentemente, com seu humor autodepreciativo, o presidente zombou de sua formação acadêmica na tentativa de projetar uma imagem de simplicidade. Em abril de 2001, em um evento de leitura promovido pela *Barbara Bush Foundation*, no Texas, o presidente discursou:

Ora, algumas pessoas acham que minha mãe abraçou a causa da alfabetização (risos) devido a um sentimento de culpa pela minha própria criação (risos). Essa é uma das razões pelas quais ela ficou tão feliz quando me casei com uma professora [...]. Eu disse está aqui em New Hampshire: “Valorizo a preservação. É o que você deve fazer quando concorre à presidência” (risos) “Você tem que preservar”. Vocês sabem, realmente não tenho a mínima ideia do que eu estava falando na ocasião. [...] E que tal isso como uma visão para política externa? “Quando estava crescendo, era um mundo perigoso. E nós sabíamos exatamente quem eles eram” (risos) “Éramos nós contra eles” (risos) “E estava claro para nós quem eles eram”

¹⁰²¹ GLASSMAN, James; BALIUNAS, Sallie. *Bush Is Right on Global Warming*. The Weekly Standard. American Enterprise Institute Article. Jun 25, 2001. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/bush-is-right-on-global-warming/> >. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰²² Ibid.

¹⁰²³ LEISEROWITZ, A., MAIBACH, E., ROSER-RENOUF, C. *Climate change in the American Mind: Americans' global warming beliefs and attitudes in January 2010*. Yale University and George Mason University. New Haven, CT: Yale Project on Climate Change, 2010, p. 2

(risos) “Hoje não estamos tão certos de quem eles são” (risos) “mas sabemos que eles estão lá” [...] Agora, senhoras e senhores, vocês têm que admitir que nas minhas frases eu vou onde nenhum homem foi antes (risos) Mas da maneira que eu vejo, sou uma bênção para a língua inglesa. Até cunhei palavras como: “disavaliar” (risos) e “hispanicamente” (risos) Expandi a definição das palavras ao usar “vulcanizar” quando queria dizer “polarizar” (risos) “grécio” quando queria dizer “grego”, “inebriante” quando queria dizer “hilariante” (risos) E em vez de “barreiras e tarifas”, disse “tarreiras e barifas” (risos)¹⁰²⁴

No mês seguinte, o presidente entregou um discurso aos formandos de Yale, universidade pela qual se formou:

Parabenizo todos os pais que estão aqui. É um dia glorioso quando seu filho se forma na faculdade. É um ótimo dia para você; é um ótimo dia para sua carteira. (Risos.) [...] Para aqueles de vocês [alunos] que receberam honras, prêmios e distinções, eu digo, muito bem. E para os alunos C (aplausos) eu digo, vocês também podem ser presidentes dos Estados Unidos. (Risos e aplausos.) Um diploma de Yale vale muito, como sempre lembro a Dick Cheney (risos) que estudou aqui, mas saiu um pouco mais cedo. Então agora sabemos -- se você se formar em Yale, você se torna presidente. Se desistir, será vice-presidente. (Risos.) [...] Meu antigo colega de classe, Dick Brodhead, o talentoso reitor desta grande universidade. (Aplausos.) Lembro-me dele como um jovem estudioso, um rapaz brilhante -- (risos) um trabalhador esforçado. Nós dois passamos muito tempo na Sterling Library, na sala de leitura, onde eles têm aqueles grandes sofás de couro. (Risos.) Tínhamos um entendimento mútuo - Dick não lia em voz alta e eu não roncava. (Risos.) [...] Eu estudei inglês aqui e fiz uma aula chamada “A História e Prática da Oratória Americana”, ministrada por Roland G. Osterwies. (Aplausos.) E, Presidente [Rick] Levin, quero dar crédito a quem merece. Quero que o mundo inteiro saiba disso, tudo o que sei sobre a palavra falada, aprendi aqui em Yale. (Risos.) [...] O que fica com você da faculdade é a parte de sua educação que você quase nunca percebe na época. São as expectativas e exemplos ao seu redor, os ideais em que você acredita e os amigos que você faz¹⁰²⁵.

A mensagem pretendida por Bush, de acordo com Elvin Lim, era de que seu sucesso político se deu por ter sido um aluno mediano (e não “apesar de”)¹⁰²⁶. O discurso do presidente relata como, em seu tempo de universidade, ele se divertiu, fez amigos, negligenciou todas as responsabilidades acadêmicas e, mesmo assim, tornou-se presidente. Seu sucesso político, continua Lim, seria a prova de que por trás das gafes públicas e das notas baixas, existia um homem inteligente. “E assim, em cada uma de suas facadas anti-

¹⁰²⁴ WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush*. Rio de Janeiro: Record. 2006, p. 31-33.

¹⁰²⁵ WASHINGTON POST. *Text: Presidente Bush speaks at Yale graduation*. On Politic. Washington Post. May 21, 2001. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/bushtext052101.htm>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰²⁶ LIM, Elvin T. *The anti-intellectual presidency: The decline of presidential rhetoric from George Washington to George W. Bush*. Oxford University Press, 2008.

intelectuais aparentemente ingênuas, sempre foram os processos complexos do intelecto (de outra pessoa) que foram denegridos e as escolhas simples e de bom senso de (sua) inteligência que foram elevadas”¹⁰²⁷.

Ao final de sua reunião na Casa Branca, Ash definiu Bush como uma mistura “desigual e instável”. Ao mesmo tempo “um cavalheiro da costa leste um tanto rígido e conservador” e um “cowboy texano precipitado”, portador de “uma inteligência rápida e empresarial”, mas, ao mesmo tempo, de uma “ignorância alarmante”¹⁰²⁸. Eliot Weinberger fez críticas mais ácidas:

O que se conhece sobre ele é exatamente o que ele não faz. Não lê livros, não vai ao cinema, não vê televisão nem ouve qualquer tipo de música. Apesar de sua riqueza, suas únicas viagens para o exterior foram para o México, onde passou férias numa praia [...] e as férias de verão na China, quando seu pai era embaixador, um tempo que ele declara ter passado tentando “namorar mulheres chinesas” [...] É praticamente impossível imaginar que um homem rico, vindo de uma família antiga e distinta da Nova Inglaterra, educado em Yale e Harvard, não tenha nunca pensado em visitar Paris [...] Se você examinar o interior da mente de Bush, encontrará um grande poço de petróleo¹⁰²⁹.

A imagem de anti-intelectual de Bush chegou a ser tema para as eleições. De acordo com relatório do *Pew Research Center*, a mídia contribuiu para consolidar essa imagem. Em linhas gerais, até metade de 2000, 29% das reportagens sobre Bush questionavam se o candidato era inteligente o suficiente ou não para assumir o cargo¹⁰³⁰. Além disso o estudo apontava que era comum que jornalistas fizessem acusações e comentários sobre a “inteligência de Bush” sem mencionar dados ou exemplos. E quando havia evidências apresentadas, 14% apontavam para a retórica de Bush, 12% para suas posições políticas. Apenas 6% das declarações faziam referências ao registro público do então candidato¹⁰³¹. Em defesa do já presidente, David Frum, ex-redator de discursos para Bush (e membro do AEI) descreveu que, apesar de sua dificuldade com a “palavra falada”, o presidente mantinha um olho clínico e uma fome de detalhes para seus textos. Frum dizia: “Bush raramente citava estatísticas quando falava. Mas ele exigiu que fossem incluídos na página. Uma frase como

¹⁰²⁷ Ibid., p. 22

¹⁰²⁸ ASH, Timothy Garton. Op. Cit. 2011, p. 220.

¹⁰²⁹ WEINBERGER, Eliot. Op. Cit. 2006, p. 20-87.

¹⁰³⁰ PEW RESEARCH CENTER. *Bush's Intelligence*. Pew Research Center. Report July 27, 2000. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/journalism/2000/07/27/bushs-intelligence/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰³¹ Ibid.

‘Estamos aumentando o apoio federal para a formação de professores’ provocaria a caneta de marcação em paroxismos de exasperação. Por quanto? de que? para quê?”¹⁰³²

Nos anos 1930 e 1950, em nome do anticomunismo, o anti-intelectualismo na política teve uma postura “ativa”, isso é, foi política de Estado na perseguição e censura de pesquisadores e professores. Inclusive, presidentes como Eisenhower falavam abertamente contra intelectuais. Nos anos 1980, com Reagan, o anti-intelectualismo político não integrou notória política de Estado, mas integrou parte da campanha ideológica e religiosa do presidente, manifestado, por exemplo, na defesa do ensino do criacionismo nas escolas públicas. Por outro lado, a postura anti-intelectual em Bush pode ser compreendida como “passiva”, isto é, não efetuando ataque direto à imagem do “intelectual”, “pesquisador” ou “cientistas” ou ao trabalho desses, mas o fazendo indiretamente. Mesmo quando a administração Bush agia supostamente a favor da comunidade científica, o fazia anti-intelectualmente.

Como aponta Chris Mooney, em campanha, Bush discursou na Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos em 2000. Na ocasião afirmou que o dinheiro público não deveria ser gasto para “financiar pesquisas que envolvam a destruição de embriões humanos vivos”¹⁰³³. Um evidente aceno para a comunidade religiosa pró-vida que associava diretamente o aborto às pesquisas com células-tronco. No entanto, republicanos mais progressistas – como o senador Orrin Hatch, do estado de Utah – se convenceram da importância das pesquisas, considerando seu ganho científico¹⁰³⁴. Em janeiro de 2000 – no “mês nacional da biotecnologia”, o senador discursou:

Ao chegarmos ao final do primeiro mês do novo milênio, gostaria de fazer algumas observações sobre a grande promessa da biotecnologia em benefício do público americano. [...] Pesquisadores de biotecnologia já deram passos dramáticos em confrontando algumas de nossas doenças mais devastadoras e trágicas, do câncer à esclerose múltipla e ao mal de Alzheimer. Avanços recentes na pesquisa com células-tronco embrionárias humanas nos deram motivos para prever curas para doenças como Parkinson, diabetes juvenil e lesões na medula espinhal¹⁰³⁵.

¹⁰³² LIM, Elvin. Op. Cit. 2006. Apud David Frum, *The Right Man: The Surprise Presidency of George W. Bush*. New York: Random House, 2003.

¹⁰³³ MOONEY, Chris. *The Republican war on science*. Hachette UK, 2007. p. 61.

¹⁰³⁴ Ibid. p. 60.

¹⁰³⁵ HATCH, Orrin. *National biotechnology month*; Congressional Record Vol. 146, No. 5. Senate. January 31, 2000. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-146/issue-5/senate-section/article/S144-2?q=%7B>> Acesso em 20 nov. 2023.

Em 2001, o gabinete presidencial se manifestou:

A questão é debatida dentro da igreja, com pessoas de diferentes fés, mesmo muitos da mesma fé chegando a conclusões diferentes. Muitas pessoas estão descobrindo que quanto mais sabem sobre a pesquisa com células-tronco, menos certeza têm sobre as conclusões éticas e morais corretas [...]. Com base em trabalhos preliminares com financiamento privado, os cientistas acreditam que mais pesquisas com células-tronco oferecem uma grande promessa que pode ajudar a melhorar a vida daqueles que sofrem de muitas doenças terríveis. [...] Você também deve saber que as células-tronco podem ser derivadas de outras fontes além dos embriões - de células adultas, de cordões umbilicais que são descartados após o nascimento dos bebês, de placenta humana. [...] No entanto, a maioria dos cientistas, pelo menos hoje, acredita que a pesquisa com células-tronco embrionárias é a mais promissora porque essas células têm potencial para se desenvolver em todos os tecidos do corpo. [...] Como resultado de pesquisas privadas, já existem mais de 60 linhagens de células-tronco geneticamente diversas. Eles foram criados a partir de embriões que já foram destruídos e têm a capacidade de se regenerar indefinidamente, criando oportunidades contínuas de pesquisa. Concluí que devemos permitir que fundos federais sejam usados para pesquisas sobre essas linhagens de células-tronco existentes, onde a decisão de vida ou morte já foi tomada¹⁰³⁶.

Em suma, o presidente falou em defesa do financiamento público para pesquisas com células troncos desde que fossem realizadas a partir de “linhagens celulares preexistentes”. Porém, na prática, houve um equívoco semântico que gerou desconfiança na comunidade científica. Como apontou Mooney, o pronunciamento de Bush referia-se à “derivação de células-tronco” e não exatamente à “linhagem”¹⁰³⁷. Derivações seriam as tentativas de produzir linhas de uma mesma origem, isso é, de uma amostra retirada de um embrião. Esta amostra sim, seguindo o argumento de Bush, deveria ser de “células pré existentes” ou “onde a decisão de vida ou morte já foi tomada”. Porém, as tentativas de produzirem linhas nem sempre surtem efeito. Quando Bush anunciou sua decisão, muitas linhas já eram usadas e laboratórios não tinham como saber de qual amostra a linhagem foi produzida. A administração Bush não sabia ou não se importava com a distinção entre os termos. Nas palavras de Mooney, “na falta de um conselheiro científico permanente na época [...] Bush foi

¹⁰³⁶ BUSH, George W. Presidente Discusses Stem Cell Research. The White House. August 9, 2001. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/08/20010809-2.html>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰³⁷ MOONEY, Chris. *Op. Cit.* 2007, p. 18.

à televisão nacional e anunciou aos americanos [...] uma política baseada em ficção científica.”¹⁰³⁸.

Porém, Bush não estava sozinho em sua decisão. No dia seguinte ao pronunciamento, o AEI publicou o artigo *The Principle's the Thing*, assinado pelo jornalista, teólogo e membro do AEI, Michael Novack. O autor conseguiu criticar a decisão do presidente e, ao mesmo tempo, elogiá-lo. Novack elogiou o discurso, qualificando-o como “maravilhoso”, “profundo”, “filosófico”, “extraordinariamente equilibrado” e “justo”. Comentou que a decisão do presidente foi “uma decisão moral que lhe parecia acertada”, sendo uma tentativa de manter “uma posição de princípios”, mas que acabou por “abrir mão do princípio” ao tentar “imitar sua aplicação [o uso de células-tronco] ao menor universo”. Por fim, finaliza o texto afirmando: “Vamos desejar a ele a força do braço daquele santo guerreiro incomumente corajoso de antigamente, cujo nome ele carrega”¹⁰³⁹. Alguns dias depois (no dia 16), o AEI voltou a comentar a fala do presidente. Em *Not a Comparison*, Ben Wattenber observava a atuação de Bush em seu início de mandato. O autor afirmou que “todo presidente, especialmente aqueles que vêm das fileiras do governo sem escala no Congresso, tem uma curva de aprendizado íngreme”. E esta curva em Bush não só estaria “subindo” como o faria “firmemente”. Sobre o discurso acerca das células-tronco, Wattenber observava que Bush “tomou sua própria decisão, um tanto contraditória a uma posição anterior”. No entanto, ressalva, que “a maioria de seus apoiadores lhe deu um passe”. Apesar de elogiar a “palestra impressionante”, o autor reconheceu um presidente “claramente nervoso”, porém, isso teria dado “mais peso à sua credibilidade”. Em uma ironia (proposital ou não), o presidente que meses antes gabava-se de ser um aluno mediano, na avaliação de Wattenber, tirou “notas altas em um dos principais trabalhos de um chefe do executivo: fazer que os americanos conversem juntos e civilizadamente”¹⁰⁴⁰.

Ao início de sua gestão, a Casa Branca de Bush pouco “conversou” com a comunidade acadêmica. Grandes posições políticas relativas à ciência (como posição sobre células-tronco, mudanças climáticas e afins) já eram explícitas e defendidas muito antes da oficialização dos cargos científicos importantes, como o do Comissário para a *Food and Drug Administration*

¹⁰³⁸ Ibid., p. 18-20.

¹⁰³⁹ NOVAK, Michael. *The ptinciple's the things*. American Enterprise Institute. Article. Agoust 10, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-principles-the-thing/>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰⁴⁰ WATTENBERG, Ben. *Not a Comparison*. American Enterprise Institute. Article. Agoust 16, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/not-a-comparison/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

(FDA), o diretor do *National Institutes of Health* ou mesmo o cargo de *Science Advisor to the President*¹⁰⁴¹.

No calor das discussões sobre os usos de células-tronco, ainda em agosto de 2001, Bush deu início ao *President's Council on Bioethics* com objetivo de “aconselhar o Presidente sobre questões bioéticas que possam surgir como consequência dos avanços na ciência e tecnologia biomédica”¹⁰⁴². O escolhido para capitanear o conselho foi Leon Kass, doutor em Bioquímica por Harvard, professor da *College and the Committee on Social Thought*, membro Sênior e diretor Associado da *John M. Olin Center for Inquiry into the Theory and Practice of Democracy* e ex-membro do AEI¹⁰⁴³. Entre os demais oito nomes que compunham o Conselho encontravam-se ainda mais um membro do AEI (Francis Fukuyama) e três membros do CFR (Charles Krauthammer, Michael J. Sandel e, novamente, Fukuyama). Embora o Conselho só tenha sido oficializado em novembro, pela Ordem Executiva 13.237, os nomes já estavam definidos desde agosto¹⁰⁴⁴. Por outro lado, a definição para o *Science Advisor to the President* demorou meses. Só em outubro de 2001 que John Marburger passou a liderar o quadro de cientistas da Casa Branca. Físico e diretor do *Brookhaven National Laboratory* desde 1998, Marburger teve pouco espaço no início da gestão Bush. O cargo de *Science Advisor to the President* foi criado em 1941 pelo presidente Roosevelt e ocupado pela primeira vez por Vannevar Bush (reitor do MIT e, na época, presidente da *Carnegie Institute*)¹⁰⁴⁵. Desde os anos 1970, o ocupante do cargo recebe também o posto de “assistente” do presidente, como conselheiro de segurança nacional. Mas, segundo o próprio Marburger, tal posto nunca foi oferecido a ele¹⁰⁴⁶.

Como reforça Lim, apontar uma postura anti-intelectual de um presidente não implica em dizer que o presidente (ou sua assessoria) seja estúpido ou inculto: “o presidente anti-intelectual é certamente inteligente ou, pelo menos, astuto o suficiente para reconhecer a

¹⁰⁴¹ MOONEY, Chris. *Op. Cit.* 2007, p. 260.

¹⁰⁴² THE WHITE HOUSE. Executive Order 13237. Creation of The President's Council on Bioethics, The White House. November 28, 2001. Disponível em: <<https://bioethicsarchive.georgetown.edu/pcbe/about/executive.html>>. Acesso em 20 nov., 2023

¹⁰⁴³ Foi Distinguished Fellow entre 1991-92 e depois novamente entre 1998-99. Tornando-se ainda membro sênior a partir de 2018. AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Leon R. Kass. AEI, Scholars. Disponível em: <<https://www.aei.org/profile/leon-r-kass/>>. Acesso em 2 nov. 2024.

¹⁰⁴⁴ MOONEY, Chris. *Op. Cit.* 2007, p. 261.

¹⁰⁴⁵ A criação do cargo estava inserida no contexto da Segunda Guerra mundial e do movimento de gestores de Think Tanks e Universidades para otimizar verbas públicas na produção de expansão de laboratórios e pesquisas. Esse período foi abordado no capítulo 2 desse trabalho.

¹⁰⁴⁶ MOONEY, Chris. *Op. Cit.* 2007, p. 261.

utilidade política de rejeitar publicamente as rumações ‘pomposas’ do intelectual e para afirmar a solidez do ‘bom senso’”¹⁰⁴⁷. David Frum descreveu Bush como sendo exímio editor:

Ele normalmente revisava seus discursos cedo pela manhã, logo depois da reunião de inteligência. Ele odiava repetições e redundâncias [...] Um dos meus primeiros trabalhos com ele incluía a frase “Eu vi com meus próprios olhos”. As palavras “com meus próprios olhos” estavam circuladas com um sarcástico “Duh” rabiscado ao lado. [...] Ele insistia numa lógica interna rigorosa. Se alguma frase estivesse fora de sua sequência apropriada, seria circulada num furioso laço de tinta e direcionada para o lugar certo com uma grande seta preta.¹⁰⁴⁸

De fato, se submetermos os *Inaugural Address* de 1981 até 2008 aos testes de legibilidade (como os já citados *Flesch Kincaid Reading Ease*, *Flesch Kincaid Grade Level*, e *Gunning Fog Score*) [Figura 3], verificamos que a complexidade dos discursos de Bush se manteve linear com o seu antecessor, com pequenas variações.

Fonte: Dados do Trabalho

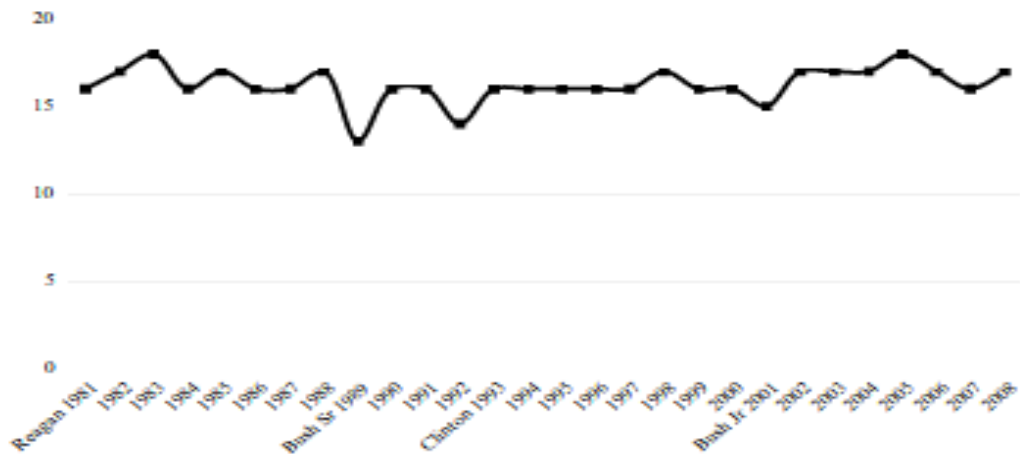
Essas variações ficam ainda menos perceptíveis quando destacamos o “*Grade Level*”

¹⁰⁴⁷ LIM, Elvin T. *Op. Cit.*, 2008.

¹⁰⁴⁸ FRUM, David. *The right man: The surprise presidency of George W. Bush*. Random House, 2003, p. 48.

dos discursos [Figura 4]. Isto é, o nível de escolaridade e idade ideal para compreender os discursos.

O que se verifica é uma leve subida na complexidade dos discursos, em especial a partir de 2004, seguido de uma queda. Embora esses números nos digam pouco (pois os discursos proferidos no recorte de mais de vinte anos possuem contextos e objetivos bem distintos), eles nos demonstram como, apesar de postar uma imagem pública anti-intelectual (com seu humor autodepreciativo, sua postura de “homem simples” e mais), a administração Bush tinha cuidado na elaboração de sua comunicação oficial. Esse “anti-intelectualismo passivo” mascarou um prático desprezo pela comunidade acadêmica (e não necessariamente um ataque).



Fonte: Dados do trabalho

No entanto, embora mantivesse certa distância da academia, aproximou-se consideravelmente de think tanks. Além do presidente e vice-presidente, o secretário de Estado, Colin Powell; a conselheira de Segurança Nacional, Condolizza Rice; a secretária do

Trabalho, Elaine Chao; a administradora da Agência de Proteção Ambiental, Christine Todd Whitman; e o Representante Comercial dos Estados Unidos, Robert Zoellick; todos eram membros do CFR¹⁰⁴⁹. Paul H. O'Neill deixou seu cargo de presidente da *RAND Corporation*, que ocupava desde 1997 (sendo membro do Conselho Administrativo desde 1988), para assumir como secretário de Tesouro. Em 2003, voltou à presidência quando, por desavenças políticas, foi substituído na Secretaria por John Snow¹⁰⁵⁰. Snow, por sua vez, deixou seu cargo na liderança da *CSX Corporation* (uma *holding company* do setor ferroviário) para assumir o cargo no governo. Entre 1973 e 1977, Snow ocupou diferentes funções no governo, atuando principalmente no setor de transportes. Formado em direito pela *George Washington University Law School*, em 1977 tornou-se professor de economia na Universidade da Virgínia e pesquisador do AEI¹⁰⁵¹. Neste período, publicou três livros pelo think tank¹⁰⁵². A exemplo do secretário de Tesouro, a secretária do Interior, Gale Norton, também apresentava o perfil de ex-acadêmica e funcionária pública, com experiência no setor privado. Norton havia trabalhado na administração pública federal e estadual (na Procuradoria-Geral do Colorado), sendo pesquisadora da *Hoover Institution* entre 1983 e 1984¹⁰⁵³. O diretor do Gabinete de Gestão e Orçamento, Mitch Daniels, começou sua carreira política como assistente do senador Richard Lugar, em 1977¹⁰⁵⁴. Entre 1987 e 1990, Daniels presidiu o *Hudson Institute*, deixando o cargo para integrar a *Eli Lilly and Company*¹⁰⁵⁵, empresa farmacêutica que financiou a construção do AEA (futuro AEI), ainda nos anos 1940.

Além da já citada *President's Council on Bioethics*, logo ao início do mandato Bush também criou a *White House Office of Faith-Based & Community Initiative*, com a missão de:

¹⁰⁴⁹ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2004*. July 1, 2003–June 30, 2004. New York: Council on Foreign Relations. 1997. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁵⁰ RAND CORPORATION. Statement about Paul H. O'neil, News Releases. April 18, 2020. Disponível em: <<https://www.rand.org/news/press/2020/04/18.html>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁵¹ MILLER CENTER. John W. Snow (2003-2006). *Miller Center*, U.S Presidents. Disponível em: <<https://millercenter.org/president/gwbush/essays/snow-2003-secretary-of-the-treasury>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁵² AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. John W. Snow Latest Work. *American Enterprise Institute*. Disponível em: <<https://www.aei.org/profile/john-w-snow/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁵³ INDEPENDENT INSTITUTE. Gale A. Norton. *Independent Institute*. Personal Detail. Disponível em: <https://www.independent.org/aboutus/person_detail.asp?id=4014>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁵⁴ Lugar, senador republicano, foi crítico da política externa de Bill Clinton e, no início dos anos 1990, usava a tese do Choque de Civilizações para defender sua posição por uma política externa mais forte. Ver capítulo 3, página 66.

¹⁰⁵⁵ PURDUE UNIVERSITY. Mitchel E. Daniels Jr. *Purdue University office of the president*. Disponível em: <<https://www.purdue.edu/president/mitch-daniels/about/biography.php>>. Acesso em 20 nov., 2023.

“garantir” que os investimentos federais em serviços sociais – sob administração estadual ou local – não praticassem discriminação; promover “maior apoio corporativo e filantrópico” aos programas de serviço social; e assegurar que a “liberdade religiosa dos beneficiários” fosse preservada¹⁰⁵⁶. A iniciativa foi brevemente capitaneada por Don Willett, jurista, ex-pesquisador da *Texas Public Policy Foundation*¹⁰⁵⁷ e do *Program for Research on Religion and Urban Civil Society*, da Universidade da Pensilvânia. Seguido por John J. DiIulio Jr, membro da *Brookings Institute*, fundando o *Brookings Center for Public Management*; e fundador e diretor do *Penn’s Robert A. Fox Leadership Program*, da Universidade da Pensilvânia, instituição na qual também lecionava¹⁰⁵⁸.

Portanto, embora a superfície pública de Bush fosse de um anti-intelectualismo quase carismático, seu gabinete foi ocupado por pesquisadores e ex-acadêmicos com experiência no setor privado e na vida política. Mesmo que o público tivesse, ainda em campanha, questionado a competência do presidente para assumir o cargo, no decorrer do mandato, “seu gabinete foi reconhecido por sua competência geral”¹⁰⁵⁹. Ou seja, embora publicamente (e verbalmente) o presidente Bush desprezasse o Capital Científico, politicamente foi cercado por indivíduos que possuíam relativo acúmulo.

Em suma, encontrava-se no início da administração Bush acenos para todos os três grandes grupos que compunham o “novo conservadorismo”. Os “defensores do livre mercado” eram acolhidos pelos impulsos militaristas de Colin Powell e Donald Rumsfeld, além de ter seus interesses alinhados com a defesa da soberania estadunidense no mundo (como vencedor da Guerra Fria) que negava acordos multilaterais, como o Protocolo de Kyoto. A presença do CFR, AEI e do PNAC nos ranques do governo demonstram o poder de inserção e prestígio que essas instituições acumularam ao longo dos anos.

A “ala religiosa” também recebeu atenção. Além de sua postura assumidamente cristã, Bush levou a religião para a estrutura do Estado. A *White House Office of Faith-Based &*

¹⁰⁵⁶ THE WHITE HOUSE. *White House Faith-based and community initiative*. The White House. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/government/fbci/president-initiative.html>>. Acesso em 20 nov. 2023.

¹⁰⁵⁷ Think tank conservador, fundado em 1989

¹⁰⁵⁸ PENN ARTS AND SCIENCES. *John Dilulio*. Penn Arts and Sciences, Political Science Department. Standing Faculty. Disponível em: <<https://live-sas-www-polisci.pantheon.sas.upenn.edu/people/standing-faculty/john-diulio>>. Acesso 20 nov., 2023.

¹⁰⁵⁹ GREGG, Gary. George W. Bush: Domestic Affairs. Miller Center. U.S Presidents. Disponível em: <<https://millercenter.org/president/gwbush/domestic-affairs>>. Acesso em 20 nov., 2023.

Community Initiative (OFBCI) foi a concretização da presença religiosa na política. Como visto, os investimentos em educação, saúde, ciência e afins eram desqualificados pelo capitalismo pré-New Deal. Ao longo do século XIX, investimentos em educação, saúde e ciência com frequência eram realizados por empresários e filantropos (como Andrew Carnegie e John Rockefeller) e alimentados por um “evangelho da riqueza”¹⁰⁶⁰. Ao mesmo passo, igrejas e instituições religiosas como um todo nutriam as provisões sociais e de bem-estar como parte de suas missões. Como aponta Lee Marsden¹⁰⁶¹, na década de 1940, o governo federal estava pouco envolvido em ações de promoção de bem-estar social. Os investimentos sociais por parte do Estado foram desqualificados pela direita como políticas comunistas, e “a relação entre a Igreja e o Estado, no fornecimento de apoio à sociedade, tornou-se mais conflituosa”¹⁰⁶². Os “defensores do livre mercado” argumentavam que o Estado deveria buscar oferecer um serviço público mais barato e eficiente e a solução seria terceirizar a promoção de bem-estar para gerar concorrência. Essa noção perdurou até os anos 1990. Em 1996, a *Charitable Choice* foi aprovada com apoio bipartidário. A proposta permita que instituições religiosas recebessem financiamento para atividades realizadas em nome do Estado¹⁰⁶³. Em 1997, o senador do Kansas, Sam Brownback (republicano), solicitou que fosse registrado nos anais do Senado o discurso que o também senador Spencer Abraham (republicano) havia proferido ao *Legatus*, grupo que definiu como “líderes empresariais católicos preocupados em trazer sua fé para suas vidas econômicas e públicas”¹⁰⁶⁴. No discurso de Abraham lê-se:

A provisão de *Charitable Choice* fará com que os estados considerem as organizações religiosas de forma igualitária e não discriminatória com as instituições privadas. As organizações religiosas não são mais obrigadas a remover “artes religiosas, ícones ou outros símbolos” para receber fundos federais. Eles também não são mais obrigados a mudar as práticas de contratação ou criar empresas separadas para receber contratos do governo. O único requisito que essas organizações devem atender é que não podem usar dinheiro do governo para adoração sectária, instrução ou atividades de proselitismo¹⁰⁶⁵.

¹⁰⁶⁰ Termo usado por Carnegie em seu manifesto de 1889 a favor de investimentos privados em educação, saúde e ciência, durante a “era progressista”, e não na “caridade”. Ver capítulo 2, tópico 2.2.2.

¹⁰⁶¹ MARSDEN, Lee. Bush, Obama and a faith-based US foreign policy. *International Affairs*, v. 88, n. 5, p. 953-974, 2012.

¹⁰⁶² Ibid., p. 958.

¹⁰⁶³ Ibid.

¹⁰⁶⁴ Ibid.

¹⁰⁶⁵ ABRAHAM, Spencer. *Christianity in public life today*. Congressional Record, v. 143, n. 149. Senate - October 30, 1997. Disponível em:

De acordo com Marsden, Bush era um idealista na eficiência das iniciativas baseadas em fé, acreditando genuinamente na capacidade de transformar os indivíduos através da religião. Embora não possamos qualificar a “fé” que o presidente nutria nestas iniciativas, podemos destacar que depois de criar a OFBCI, Bush criou iniciativas baseadas em fé em seis departamentos governamentais¹⁰⁶⁶.

Por fim, a “ala conspiratória” reconheceu acenos nas políticas externas unilaterais e anti-ambientais. Mas foi no pós-onze de setembro que essa parcela da nova direita ganhou espaço político, inclusive reorganizando-se em novas instituições.

4.3 Tambores e gritos de guerra

Florence Engoran estava na torre sul quando a torre norte foi atingida. “Saí do elevador e vi todos parados ao redor, confusos. Ouvi alguém dizer: ‘Um pequeno avião atingiu o outro prédio’”¹⁰⁶⁷. Mas todos voltariam aos seus afazeres até começarem a ver destroços em chamas caindo da torre ao lado seguidos pelos barulhos de explosões. Florence relatou que o pânico tomou conta do prédio e, embora continuassem a ouvir que “‘um pequeno avião atingiu o primeiro prédio. O incidente foi contido lá, vocês não precisam descer’, todos correram para as escadas”¹⁰⁶⁸. Por volta das oito e cinquenta da manhã, as redes de televisão ao redor do mundo interromperam suas programações para transmitir aquilo que era tratado ainda como um possível acidente aéreo¹⁰⁶⁹. Porém, minutos após o primeiro choque, o voo 175 da *United Airlines* atingiu a torre sul. O fogo, a fumaça, o barulho e o cheiro de combustível são salientados por Florence, que estava nas escadas na hora do impacto. Ela relata a confusão:

Todo mundo começou a gritar: “O que está acontecendo?!”. “Oh meu Deus, o que foi isso?!”. Diferentes pessoas dizendo: “Eles estão detonando bombas!”. As pessoas pegaram seus telefones celulares e tentaram ligar para suas famílias, mas outras

<<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-143/issue-149/senate-section/article/S11487-2>>.

Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁶⁶ MARS DEN, Lee. *Op. Cit.* 2012, p. 961.

¹⁰⁶⁷ HEILBRUN, Margaret. *Tower Stories: an oral history of 9/11*. California: Santa Monica Press, 2007, p. 48.

¹⁰⁶⁸ *Ibid.*

¹⁰⁶⁹ FERREIRA, Ruberval. 11 de setembro: a nomeação pela data e a mistificação dos conceitos de terrorismo e guerra como estratégia de constituição do discurso midiático-oficial. *ANTARES: Letras e Humanidades*, v. 4, n. 7, 2012, p. 109.

peças entraram em pânico e disseram: “Não! Pare de usar os telefones celulares. Talvez seja isso que está detonando as bombas enquanto descemos”¹⁰⁷⁰.

Em 1993, o complexo do *World Trade Center* havia sido alvo de ataques terroristas. A explosão de uma bomba escondida numa caminhonete Ryder na garagem de um dos prédios do complexo deixou um buraco de 60 por 30 metros, fazendo com que o teto da estação PATH desmoronasse¹⁰⁷¹, causando 6 mortes e pouco mais de 1000 feridos. Esse precedente levou alguns comentaristas das redes de televisão a deduzir que o choque na torre norte fosse na verdade um ataque terrorista. Além disso, desde 1996, Osama Bin Laden havia declarado guerra aos Estados Unidos em uma carta aberta na qual afirmava:

Não é segredo para vocês, meus irmãos, que o povo do Islã foi afligido pela opressão, hostilidade e injustiça por parte da aliança judaico-cristã e seus apoiadores. [...] Tudo isso aconteceu diante dos olhos e ouvidos do mundo, mas a flagrante arrogância imperial da América, sob a cobertura da imoral Organização das Nações Unidas, impediu os despossuídos de se armarem [...] Irmãos Muçulmanos da Arábia Saudita, faz algum sentido que nosso país seja o maior comprador de armas da América no mundo e o maior parceiro comercial da América na região, enquanto ao mesmo tempo os americanos estão ocupando a Arábia Saudita e apoiando - com dinheiro, armas e mão de obra - seus irmãos judeus na ocupação da Palestina e os assassinatos e expulsões de muçulmanos lá? [...] Homens do futuro radiante de nossa *umma* de Muhammad, levantem a bandeira da *jihad* bem alto contra a aliança judaico-americana que ocupou os lugares sagrados do Islã.¹⁰⁷²

Bin Laden e a Al-Qaeda já haviam realizados dois ataques contra os Estados Unidos, nas embaixadas do país nas cidades de Nairóbi (no Quênia) e de Daar-es-Salam (na Tanzânia)¹⁰⁷³. Portanto, quando o segundo avião atingiu a torre sul, nos meios de comunicação, a hipótese de um acidente logo foi descartada. Após colisão com a torre sul, as pontes e túneis que davam acesso à ilha de Manhattan foram fechados¹⁰⁷⁴. O medo se instaurou e a massiva cobertura midiática ajudou a perpetuar a insegurança, incitando uma “paranoia”. Anne Bahney, na época jornalista do *New York Times*, relata que no momento em que o segundo avião atingiu a torre sul, a rede de TV dividiu a tela e passou a mostrar

¹⁰⁷⁰ HEILBRUN, Margaret. *Op. Cit.* 2007, p. 50.

¹⁰⁷¹ CNN. 1993 World Trade Center Bombing Fast Facts. *CNN*. June 13, 2023. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2013/11/05/us/1993-world-trade-center-bombing-fast-facts/index.html>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁷² LADEN, Oussama Ben. *Messages to the world: The statements of Osama bin Laden*. Verso, 2005, p. 23-31.

¹⁰⁷³ FERREIRA, Ruberval. *Op. Cit.* 2012, p. 109.

¹⁰⁷⁴ *Ibid.*

imagens de dezoito cidades. Bahney afirmou ter ficado “com medo de que alguém viesse e dissesse: ‘Esses lugares também foram atingidos e eles estão assumindo o controle’”¹⁰⁷⁵.

Conforme afirma Erica Resende, “o que fazia sentido em 10 de setembro de 2001 deixou de fazer no dia seguinte”¹⁰⁷⁶. Segundo estimativas do *The National Institute of Standards and Technology*, o *World Trade Center* estava ocupado por aproximadamente 18.000 pessoas no momento em que o primeiro avião se chocou com a torre norte. O ataque deixou um total de 2.977 vítimas, sendo 2.052 civis que estavam em seus escritórios. Deste total, 1.942 fatalidades ocorreram acima das zonas de impactos dos aviões e apenas 110 mortes foram registradas abaixo¹⁰⁷⁷.

Não é exagero compreender os acontecimentos daquela manhã como uma crise na sociedade estadunidense. De acordo com Gianfranco Pasquino, uma crise define-se por: 1) um caráter de subitaneidade e imprevisibilidade; 2) uma duração limitada; e 3) um incidente no funcionamento do sistema vigente¹⁰⁷⁸. Todo o discurso de domínio da América foi posto em xeque e desacreditado. Como coloca Chomsky, foi a primeira vez desde 1841 que o território nacional estadunidense foi atacado, ou mesmo ameaçado¹⁰⁷⁹. Mais que perdas de vidas, toda a experiência gerou um sentimento de ruptura. “O tempo havia se partido e a data 11 de setembro de 2001 passou a significar algo único: o Onze de Setembro”¹⁰⁸⁰. Como indica Ruberval Ferreira, “Onze de Setembro” é um dêitico, ou seja, um elemento linguístico que por si só não possui sentido, mas faz referência à situações ou interlocutores. Portanto, definir um evento como o “Onze de setembro”, levanta problemas pois envolve disputas de sentidos, lutas por representações e tensões ideológicas:

A expressão “11 de setembro” aponta instantânea e simultaneamente, no imaginário de qualquer pessoa, para diversos objetos-de-discurso, tais como: atentados terroristas, Bin Laden, Al-Qaeda, Estados Unidos, mundo civilizado, Ocidente, estados delinquentes, fundamentalistas islâmicos, fanáticos religiosos, intolerância, novos conflitos mundiais, nova ameaça do mundo civilizado etc.¹⁰⁸¹

¹⁰⁷⁵ HEILBRUN, Margaret. *Op. Cit.* 2007, p. 137.

¹⁰⁷⁶ RESENDE, Erica. *Americanidade, puritanismo e política externa*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017. p. 121

¹⁰⁷⁷ THE NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. *Complete 9/11 Commission Report*. The National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States. August 21, 2004, p. 316. Disponível em: <<https://9-11commission.gov/report/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁷⁸ ASQUINO, Gianfranco. Crise. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1998, p. 305.

¹⁰⁷⁹ CHOMSKY, Noam. *9/11*. New York: Seven Stories. 2001.

¹⁰⁸⁰ RESENDE, Erica. *Op. Cit.* 2012, p. 121.

¹⁰⁸¹ PEREIRA, Ruberval. *Op. Cit.* 2012, p. 110.

Quando o segundo avião atingiu a torre sul, o presidente George W. Bush, que lia para alunos da escola primária Emma E. Booker, no estado da Flórida, foi interrompido por um assessor e logo em seguida convocou a imprensa local. Em seu rápido pronunciamento, o presidente afirmou: “o terrorismo contra nossa nação não continuará”¹⁰⁸². Por volta das dez horas da manhã, enquanto os repórteres anunciavam que um terceiro avião atingiu o Pentágono, a torre sul desabou. Mais ou menos na mesma hora em que os sequestradores do voo 93, da *United Airline* anunciaram a presença de uma bomba na aeronave. Mais tarde, através das investigações, descobriu-se que os passageiros tentaram tomar controle do voo e os sequestradores, trancados na cabine do piloto, derrubaram o avião temendo que os passageiros tivessem sucesso. Acredita-se que este voo saído de Nova Jersey tinha como alvo a Casa Branca ou o Capitólio¹⁰⁸³. Horas após o ataque, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) já havia identificado quase vinte sequestradores com base em documentos encontrados em bagagens. Ao final do dia, os Estados Unidos lamentavam mais de três mil mortes, e a imprensa já falava em “guerra ao terror”.

Como colocou Ladislau Dowbor, no pós-Guerra Fria, a segunda e a terceira potência econômica mundial (Alemanha e Japão) não tinham exércitos, resultado da Segunda Guerra (1939-1945)¹⁰⁸⁴. A China, que apresentava um crescimento considerável, ainda precisava de algumas décadas para se estabelecer como potência econômica mundial¹⁰⁸⁵. A Rússia, por sua vez, se organizava, mas ainda necessitava de mais tempo para se firmar no cenário internacional¹⁰⁸⁶. Por fim, a Europa, em processo de aglutinação, ainda cobria terreno para se aproximar economicamente dos Estados Unidos¹⁰⁸⁷. Este cenário internacional apresentava aos neoconservadores uma oportunidade de estabelecer o “Império Americano” e consolidar os Estados Unidos como única potência mundial. Mas foi só depois de duas administrações democratas que os *neocons* conseguiram retornar ao poder.

¹⁰⁸² WOODWARD, Bob. *Bush em Guerra*. São Paulo: Arx, 2003, p. 27-38.

¹⁰⁸³ Em setembro de 2002 o presidente Bush autorizou a criação do Memorial Nacional aos passageiros e tripulação do voo 93 da United Airlines que, nas palavras do presidente, “corajosamente, deram suas vidas, frustrando um ataque planejado contra a Capital da Nação e para outros fins”. THE NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. *Op. Cit.*, 2004.

¹⁰⁸⁴ DOWBOR, Ladislau. EUA: Novos Rumos. In: DOWBOR, Ladislau; Ianni, Octavio; Antas J., Ricardo Mendes: *Estados Unidos: A supremacia contestada*. São Paulo: Cortez Editora. 2003, p. 45.

¹⁰⁸⁵ Ibid.

¹⁰⁸⁶ Ibid.

¹⁰⁸⁷ Ibid.

O “Internacionalismo Diferenciado” de Bush priorizava o reposicionamento internacional a favor de uma hegemonia estadunidense acima das instituições internacionais, mas os planos dos neoconservadores já no governo ainda não tinham o respaldo que viriam a ter. Segundo Robert Haar, “durante os primeiros meses da administração Bush, o plano militar de neoconservadores para retirar Saddam Hussein do poder (como explicitado na carta do PNAC, de 1998) não encontrou apoiadores entusiastas”¹⁰⁸⁸. Porém, no dia 12 de setembro, em conferência de imprensa, Wolfowitz afirmou que compreendia os acontecimentos do dia anterior como um ato de guerra contra o povo americano e que não bastaria ir atrás dos perpetradores, mas sim ir atrás da fonte de apoio e do “país anfitrião” ou organização que fornecesse apoio aos grupos terroristas. Alguns dos nomes citados na conferência foram do Paquistão e Afeganistão¹⁰⁸⁹.

Segundo Haar, os ataques de Onze de Setembro estavam carregados de simbolismos, e o aspecto de crise exigia uma tomada de decisão rápida. Mas o ambiente político do pós-Onze de Setembro foi encarado como sem precedentes¹⁰⁹⁰. O único paralelo levantado na época foi com os ataques japoneses em Pearl Harbor. Mas a resposta ao ataque à base naval foi a declaração de guerra num contexto em que o mundo já estava em guerra e que o agressor era bem nítido e definido. O mesmo não podia ser dito do Onze de Setembro¹⁰⁹¹. Na noite do dia onze de setembro de 2001, o presidente discursou em rede nacional:

Um grande povo foi movido para defender uma grande nação. Ataques terroristas podem abalar as fundações de nossos maiores edifícios, mas não podem tocar a fundação da América [...] A América foi alvo de ataque porque somos o farol mais brilhante de liberdade e oportunidade do mundo. E ninguém vai impedir que essa luz brilhe. [...] Hoje, nossa nação viu o mal, o pior da natureza humana [...]. Este é um dia em que todos os americanos de todas as esferas da vida se unem em nossa determinação por justiça e paz. A América já derrotou os inimigos antes, e faremos isso desta vez. Nenhum de nós jamais esquecerá este dia. Mesmo assim, avançamos para defender a liberdade e tudo o que é bom e justo em nosso mundo¹⁰⁹².

¹⁰⁸⁸ HAAR, Robert. Explaining George W. Bush's adoption of the neoconservative agenda after 9/11. *Politics & Policy*, v. 38, n. 5, 2010, p. 972.

¹⁰⁸⁹ THE WASHINGTON POST. Text: Powell on U. S. Response to Attacks. The Washinton Post. Sptember 12, 2001. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/transcripts/powelltext_091201.html>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹⁰⁹⁰ HAAR, Roberta. *Op. Cit.* 2010, p. 966.

¹⁰⁹¹ Ibid. p. 968.

¹⁰⁹² BUSH, George Walker. Address to the Nation on the Terrorist Attacks, September 11, 2001. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-11-2001-address-nation-terrorist-attacks>>. Acesso em 20 nov., 2023.

Já no primeiro discurso após os ataques, Bush articulou a Religião Civil ao salientar o senso de solidariedade e comunidade entre os americanos e demonstrou traços do pensamento puritano jeremiada ao identificar o ataque como um ataque à liberdade e ao apontar o inimigo como “o mal”. Desde o “presumir que o Iraque não atacará novamente seria imprudente e irreal” (de George W. H. Bush, para justificar a invasão em 1991), até o “O terrorismo contra nossa nação não continuará”¹⁰⁹³ (de George W. Bush, logo após o Onze de Setembro) - passando pela carta do PNAC de 1998 – os olhos *neocons* já estavam voltados para o Oriente Médio desde os finais dos anos 1980. Ou seja, embora os acontecimentos de Onze de Setembro possam ser interpretados como eventos heurísticos, afinal, além se suas implicações teóricas e históricas, os quadros sociais e mentais – individuais e coletivos – foram abalados¹⁰⁹⁴, grande parte das suas consequências reforçaram tendências políticas esboçadas desde o início da década de 1990¹⁰⁹⁵. Em outros termos, o Onze de setembro foi um apito de aviso para que os tambores das guerras (do Afeganistão e, principalmente, do Iraque), que já estavam em aquecimento fazia décadas, comessem a tocar. Nas palavras de Dowbor: “Se não existisse o Bin Laden, seria preciso inventá-lo”¹⁰⁹⁶.

4.3.1 A retórica (Republicana) de guerra

Conforme Dawbor, após o Onze de Setembro, gerou-se nos Estados Unidos uma articulação da velha direita política, do conservadorismo religioso e de grandes corporações, formando “um núcleo relativamente fechado e extremamente poderoso”¹⁰⁹⁷. E com sucesso vendeu-se para a população a ideia de que o Iraque representava uma ameaça para os Estados Unidos, por terem armas de destruição em massa e por estarem ligados ao Onze de Setembro¹⁰⁹⁸. De acordo com Antonio Reyes-Rodríguez, a retórica republicana da guerra segue um modelo estabelecido em seis partes que se retroalimenta. Conforme a figura:

¹⁰⁹³ Nos originais: “to assume Iraq **will not** attack again would be unwise and unrealistic” e “Terrorism against our nation **will not** stand” (grifo nosso). Bob Woodward sugere que a escolha da palavra de Bush em 2001 foi deliberada para ecoar a fala de seu pai uma década antes. WOODWARD, Bob. *Bush em Guerra*. São Paulo: Arx, 2003.

¹⁰⁹⁴ IANNI, Octavio. Sociologia do terrorismo. in: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio. *Op. Cit.*, 2003, p. 14.

¹⁰⁹⁵ ANTES JR. Ricardo. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio. *Op. Cit.*, 2003, p. 15.

¹⁰⁹⁶ DOWBOR, Ladislau. *Op. Cit.* 2003, p. 45.

¹⁰⁹⁷ Ibid., p. 9.

¹⁰⁹⁸ Ibid.

Fonte: REYES-RODRÍGUEZ, Antonio. Speeches and declarations: a war of words. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, n. 19 (nov., 2006); pp. 365-386, 2006.

Primeiramente, cria-se uma estratégia que racionalize as fortes emoções suscitadas por eventos (invasão, ataque ou ameaça), fazendo com que os cidadãos incorporem um nacionalismo ou patriotismo que apoie a guerra a ser empreendida.

Ainda no Onze de setembro, Bush definiu os ataques como um “ato de guerra”. E, levando a opinião pública a ideia de “vingança contra os terroristas”, incitou um “ultra-nacionalismo” por parte do cidadão que o impediria de questionar a guerra¹⁰⁹⁹. Neste primeiro momento, além de “atos de guerra”, os ataques foram racionalizados como um ataque à “liberdade”. No entanto, sem definir o inimigo, a retórica de Bush promoveu uma ideia contraditória de defesa, de “ir à guerra pela paz”. Mas para que isso acontecesse, o país precisava estar unido¹¹⁰⁰. Este efeito foi estabelecido de tal forma que, pelo menos até 2004, como demonstra Dowbor, a relação entre “pró-americano” e “anti-americano” tornou-se ao mesmo tempo nítida e frágil, uma vez que os próprios cidadãos eram “acusados de anti-pátria tão pronto apresentassem dúvidas quanto à postura de seu governo”¹¹⁰¹. Eliot Weinberger apontou que críticas ao governo eram, por vezes, entendidas como atos de traição. Chegou-se a publicar, na internet, listas com nomes de professores universitários que criticavam o governo¹¹⁰². Em 2003, no estado de Washington, um garoto de 15 anos foi interrogado pelo serviço secreto por desenhar para a aula de artes uma charge representando o presidente Bush

¹⁰⁹⁹ REYES-RODRÍGUEZ, Antonio. Speeches and declarations: a war of words. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, n. 19, 2006, p. 366.

¹¹⁰⁰ Ibid. p. 368.

¹¹⁰¹ DOWBOR, Ladislau. *Op. Cit.*, 2003, p. 8

¹¹⁰² WEINBERGER. Eliot. *Op. Cit.*, 2006, p. 78.

como um demônio¹¹⁰³. Em Nova York, um senhor de 61 anos foi preso por invasão de propriedade após se recusar a deixar um estabelecimento por vestir uma camisa com os dizeres “Dê uma chance à paz”¹¹⁰⁴. No Novo México, um professor de educação física foi demitido após um aluno proclamar um poema antiguerra do Iraque no clube de poesia que ele organizava. O clube foi proibido e todos os poemas foram destruídos¹¹⁰⁵. No Texas, William Krar enviou a um amigo uma caixa com diversos documentos falsificados, no entanto, os correios cometeram um engano e entregaram a encomenda no endereço errado. O FBI foi acionado e descobriu, na residência de Krar, diversas metralhadoras automáticas, bombas de controle remoto, bombas tubulares e milhares de peças de munição. Krar, porém, não foi indiciado como terrorista, apesar de ser um defensor da supremacia branca. Por outro lado, Ansar Mahmood, um entregador de pizza, ficou preso por três anos após ter sido flagrado tirando fotos na margem do rio Hudson em Nova York. Mahmood não sabia que estava próximo da usina de tratamento de água¹¹⁰⁶.

De acordo com Brian Schmidt e Michael Williams, houve neste período uma instrumentalização do medo por parte de especialistas conservadores na *MSNBC* e na *Fox News*¹¹⁰⁷. O *Journal of Media Psychology* entrevistou 392 estudantes da Universidade do Texas com o objetivo de medir o tempo em que os participantes ficaram diante das imagens dos ataques transmitidos pelos canais de TV. Além disso, os pesquisadores solicitaram que os entrevistados classificassem os seus sentimentos referentes aos ataques em três categorias – *Sad* (triste), *Bad* (ansiedade e medo) e *Mad* (raiva) – durante seis dias. Em um primeiro momento, o índice de tristeza era de 9%; o de medo era de 11%; e o de raiva de 71%. No entanto, no decorrer da semana, a pesquisa demonstrou que – devido à longa exposição às imagens dos ataques – os índices de tristeza subiram para 19%; os de medo, para 24%; e os de raiva caíram para 31%. Especulou-se que o aumento do sentimento de insegurança nacional refletiu no aumento do índice de medo. E a solidariedade com as vítimas refletiu em um aumento no índice da tristeza¹¹⁰⁸. Destacando discursos presidenciais de 11 de setembro de

¹¹⁰³ Ibid., p. 80.

¹¹⁰⁴ Ibid., p. 81.

¹¹⁰⁵ Ibid., p. 80.

¹¹⁰⁶ Ibid., p. 159-185.

¹¹⁰⁷ SCHMIDT, Brian C.; WILLIAMS, Michael C. The Bush Doctrine and the Iraq War: neoconservatives versus realists. *Security Studies*, v. 17, n. 2, 2008, p. 197.

¹¹⁰⁸ Ibid., p. 200.

2001 até 17 de setembro de 2002, Erica Resende concluiu que o termo “*fear*” (medo), bem como “*threat*” (ameaça) e “*danger*” (perigo), foi usado em associação aos termos “*everywhere*” (todo lugar), “*ongoing*” (em progresso) e “*imminent*” (iminente). E os termos “*chaos*” (caos) e “*violence*” (violência), ao “*Against America*” (contra a América)¹¹⁰⁹.

Com a opinião pública inflamada e emocionada com os ataques sofridos, continua Reyes-Rodríguez, o próximo passo da construção retórica da guerra foi o de identificar e justificar o inimigo¹¹¹⁰. No contexto da Guerra ao Terror, esta etapa se concretizou no dia 20 de setembro, no qual Bush apresentou a Al-Qaeda como responsável. Em seu discurso foi definido o responsável, os motivos deste atacar e a justificativa do alvo:

As evidências que reunimos apontam para uma coleção de organizações terroristas vagamente afiliadas, conhecidas como Al-Qaeda [...] seu objetivo é reconstruir o mundo e impor suas crenças radicais [...]. Eles odeiam nossas liberdades: nossa liberdade de religião, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de votar e se reunir e discordar uns dos outros.¹¹¹¹

Como reforça Reyes-Rodríguez, esta justificativa inicial, embora fraca (o autor chega a chamá-la de irracional, afinal os Estados Unidos não era o único país democrático do mundo), foi aceita no contexto devido à racionalização dos traumas e medos feitos através das mídias¹¹¹². A presença estadunidense no Oriente Médio, as ações junto de Israel e o histórico da primeira Guerra do Golfo – que foram apresentados por Osama Bin Laden como justificativas para o ataque – foram sumariamente ignorados pela construção retórica da guerra. No levantamento elaborado por Resende, os termos “*enemies*” (inimigos) e “*radicalism*” (radicalismo) apareciam relacionados aos termos “*oppressors*” (opressores), “*hate freedom*” (odeiam a liberdade), “*hate America*” (odeiam América), “*against peace*” (contra a paz), “*cruel*” (cruel) e “*evil*” (mal)¹¹¹³.

Uma vez que o inimigo foi definido, apresentado e justificado (mesmo que vagamente), definiu-se o seu grau de “maldade”. O discurso então passou a demonizá-lo. Ecoando o

¹¹⁰⁹ RESENDE, Erica. *Op. Cit.* 2012, p. 193.

¹¹¹⁰ REYES-RODRÍGUEZ, Antonio. *Op. Cit.* 2006, p. 368.

¹¹¹¹ THE WASHINGTON POST. Text: Presidente Bush Addresses the Nation. september 20, 2001. *The Washington Post*. Disponível em:
<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials/attacked/transcripts/bushaddress_092001.html>

Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹¹² REYES RODRÍGUEZ. Antonio. *Op. Cit.* 2006, p. 371.

¹¹¹³ RESENDE. Erica. *Op. Cit.*, 2012. p. 193.

discurso sobre o “Império do Mal”, de Reagan, a administração Bush demonizou o adversário através da associação de palavras. Ainda no discurso de 20 de setembro, o presidente afirmou:

Eles são os mesmos assassinos indiciados por bombardear embaixadas americanas na Tanzânia e no Quênia e responsáveis pelo bombardeio do USS Cole [...] A Al-Qaeda está para o terror como a máfia está para o crime. Mas seu objetivo não é ganhar dinheiro; seu objetivo é reconstruir o mundo e impor suas crenças radicais às pessoas em todos os lugares [...] A diretriz dos terroristas os ordena a matar cristãos e judeus, matar todos os americanos e não fazer distinções entre militares e civis,¹¹¹⁴

Conforme Reyes-Rodríguez, o propósito era declarar que “os terroristas não fazem distinções em seus objetivos, ‘eles matam todo mundo’”. No entanto, este ‘todo mundo’ foi quebrado por nomear especificamente dois grupos religiosos particulares, americanos e civis.”¹¹¹⁵ O objetivo era, de acordo com Reyes-Rodríguez, de conduzir emocionalmente o público, chamando atenção para as vítimas civis. No levantamento de Resende, o termo “*evil*” (mal) aparece associado a “*real*” (real), “*threat to world peace*” (ameaça à paz mundial), “*enemy*” (inimigo) e “*barbaric*” (bárbaro). Os termos “*christian*” (cristão) e “*jews*” (judeu), a “*target of terrorists*” (alvo dos terroristas). E os de “*american people*” (povo americano) e “*America*” (América), a “*victim*” (vítima), “*under threat*” (sob ameaça), “*enemy of terrorists*” (inimigo dos terroristas), “*defender of freedom*” (defensor da liberdade) e “*civilized*” (civilizado) - além de termos como “*strong*” (forte), “*great*” (grande), “*leader*” (líder), “*free*” (livre) e “*united*” (unido)¹¹¹⁶. Além disso, a definição do inimigo na construção retórica da guerra até aqui possibilitava a definição de um “nós” contra “eles”. Atribuindo ao inimigo um caráter essencialmente maligno, “os processos de ‘divisão e rejeição’ retratam o inimigo indesejável o mais moralmente distante possível de ‘nós’ em questões de conduta”¹¹¹⁷. Como colocou Chomsky, “é necessário criar falsas impressões não apenas dos ‘Grandes Satãs’ da hora, mas também da nobreza ímpar de seus exorcistas”¹¹¹⁸. Ao destacar a maldade do outro, “eles”, ressalta-se, ao mesmo tempo, a bondade do “nós”, seus opostos.

¹¹¹⁴ THE WASHINGTON POST. Text: Presidente Bush Addresses the Nation. september 20, 2001. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials/attacked/transcripts/bushaddress_092001.html>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹¹⁵ REYES RODRÍGUEZ. Antonio. *Op. Cit.* 2006, p. 372.

¹¹¹⁶ RESENDE. Erica. *Op. Cit.* 2012, p. 193.

¹¹¹⁷ REYES RODRÍGUEZ. Antonio. *Op. Cit.* 2007, p. 373.

¹¹¹⁸ CHOMSKY. Noam. *Estados Fracassados*. São Paulo: Bertrand. 2009, p. 121.

Tendo racionalizado o medo dos ataques sofridos, definido o inimigo (o terrorismo de Bin Laden e da Al-Qaeda) e graduado seu nível de “maldade”, o próximo passo na construção retórica da guerra seria o de localizá-lo espacialmente. No mesmo discurso de 20 de setembro Bush afirmou:

Existem milhares desses terroristas em mais de 60 países. Eles são recrutados em suas próprias nações e bairros e levados para campos em lugares como o Afeganistão, onde são treinados em táticas de terror. [...] A liderança da Al-Qaeda tem grande influência no Afeganistão e apoia o regime do Talibã no controle da maior parte daquele país. No Afeganistão, vemos a visão da Al-Qaeda para o mundo¹¹¹⁹.

A justificativa para a guerra “contra o mal no mundo” não era tratada como uma empreitada estadunidense, mas sim, humanitária. Como aponta Reyes-Rodríguez, o sofrimento do povo afegão sob o comando Talibã tornou-se uma preocupação da retórica de guerra da administração Bush. Conforme o autor, “apesar de anos de domínio do Talibã neste país, repentinamente seu povo é definido por Bush neste ponto como sofrendo e necessitando de libertação”¹¹²⁰. Verifica-se que no levantamento de Resende o termo “*Muslim women and children*” (mulheres e crianças muçulmanas) aparece associado aos de: “*oppressed*” (oprimidos), “*on servitude*” (em servidão), “*in suffering*” (em sofrimento), “*seek liberation*” (buscam libertação), “*not free*” (sem liberdade) e similares¹¹²¹.

Por fim, após localizar o inimigo espacialmente, era necessário justificar a ação militar em si. Como a guerra se tornou uma “ação humanitária”, uma “defesa da civilização”, a ação que não poderia ser entendida como uma agressão. Há um esforço em tornar os Estados Unidos vítimas e legitimar suas ações belicosas como benfeitoras. Assim, atribui-se culpa¹¹²².

E esta noite os Estados Unidos da América fazem as seguintes exigências ao Talibã. Entregue às autoridades dos Estados Unidos todos os líderes da Al-Qaeda que se escondem em sua terra. Libere todos os estrangeiros, incluindo cidadãos americanos que você prendeu injustamente, [...] feche imediatamente e permanentemente todos os campos de treinamento de terroristas no Afeganistão. E entregue todo terrorista e toda pessoa e sua estrutura de apoio às autoridades apropriadas. Dê aos Estados Unidos acesso total aos campos de treinamento de terroristas, para que possamos ter

¹¹¹⁹ THE WASHINGTON POST. Text: Presidente Bush Addresses the Nation. september 20, 2001. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials/attacked/transcripts/bushaddress_092001.html>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹²⁰ REYES RODRÍGUEZ. Antonio. *Op. Cit.* 2007, p. 376.

¹¹²¹ RESENDE. Erica. *Op. Cit.* 2012, p. 192.

¹¹²² REYES RODRÍGUEZ, Antonio. *Op. Cit.*, p. 377

certeza de que eles não estão mais operando¹¹²³.

Ao fazer exigências, a construção retórica da guerra transferia responsabilidade numa tentativa de retratar justiça, “o governo dará aos talibãs uma chance de evitar o conflito militar.”¹¹²⁴. No dia 7 de outubro, menos de um mês após os ataques, a Guerra do Afeganistão foi iniciada. Na ocasião, o presidente discursou: “Mais de duas semanas atrás, dei aos líderes do Talibã uma série de demandas específicas [...] Nenhuma dessas demandas foi atendida. E agora o Talibã vai pagar o preço.”¹¹²⁵ A Guerra do Afeganistão foi apresentada como uma guerra de autodefesa, mas o Afeganistão não havia declarado guerra aos Estados Unidos ou organizado o Onze de Setembro. O território afegão, as autoridades Talibãs e o Estado afegão não eram propriamente os inimigos da Guerra ao Terror, nem mesmo da Guerra do Afeganistão. Ao menos não na retórica da guerra. O Estado Afegão era o perpetrador, o defensor dos agressores¹¹²⁶, o verdadeiro inimigo não era um Estado com capital e território que poderia ser invadido e tomado, mas sim uma rede de influência. Foi a “recusa em cooperar” que, aos olhos e discursos estadunidenses, tornou a invasão legítima. Assim, a guerra se iniciou, e conforme o conflito se assentava, bases militares eram instaladas no Quirguistão, Uzbequistão, Azerbaidjão, entre outros. Como observou Dowbor, “ao sul, está o Afeganistão. Ao norte, as grandes reservas de petróleo da região do mar Cáspio”¹¹²⁷.

Mas a construção retórica da guerra adotada por Bush não se limitava a delimitar um inimigo e justificar o ataque. Ela ainda preparava terreno para o próximo inimigo e o próximo ataque. Como coloca Reyes-Rodríguez, o passo seguinte seria o de ligar a atual ameaça com outros inimigos.

No discurso do dia Onze de Setembro, Iraque ou Saddam Hussein não foram mencionados. No pronunciamento de 20 de setembro, no qual o presidente apontou os responsáveis pelos atentados e os localiza no Afeganistão, o Iraque só foi mencionado referenciando à guerra do Kuwait. Hussein não foi citado. No discurso de outubro, Iraque e

¹¹²³ THE WASHINGTON POST. Text: Presidente Bush Addresses the Nation. september 20, 2001. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials/attacked/transcripts/bushaddress_092001.html>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹²⁴ REYES RODRÍGUEZ, Antonio. *Op. Cit.*, p. 378

¹¹²⁵ BUSH, George W. Address to the nation on operations in Afghanistan. In: _____. *Selected Speeches of President George W. Bush 2001 – 2008*. National Archives, 2011.1, p. 76

¹¹²⁶ QUIGLEY, John. The Afghanistan War and Self-Defense. *Val. UL Rev.*, v. 37, 2002, p. 545.

¹¹²⁷ DOWBOR, Ladislau. *Op. Cit.*, 2003, p. 43.

Hussein também não foram mencionados, mas Bush explicitou que a Guerra do Afeganistão ali iniciada seria apenas o início de uma campanha mais longa: “Hoje nos concentramos no Afeganistão, mas a batalha é mais ampla. [...] Se algum governo patrocina os bandidos e assassinos de inocentes, eles próprios se tornam bandidos e assassinos.”¹¹²⁸ Em setembro de 2002 “armas químicas” e “armas de destruição em massa” foram citados pela primeira vez pelo presidente:

À medida que nos encontramos, os terroristas estão planejando mais assassinatos - talvez no meu país, ou talvez no seu. [...] Esses mesmos terroristas estão em busca de armas de destruição em massa, as ferramentas para transformar seu ódio em holocausto. Pode-se esperar que eles usem armas químicas, biológicas e nucleares no momento em que forem capazes de fazê-lo [...]. Esta ameaça não pode ser ignorada. Esta ameaça não pode ser apaziguada¹¹²⁹.

Neste mesmo discurso, o presidente afirmou que “regimes que patrocinam o terror” são igualmente culpados pelas mortes, que pagariam o preço, e que “o Talibã agora está aprendendo esta lição”. Em dezembro – aos cadetes da *The Citadel, The Military College of South Carolina* – Bush utilizou o termo “*Rogue States*” pela primeira vez no contexto da Guerra ao Terror, afirmando que estes (não os nomeia) eram os mais prováveis fornecedores de armas químicas e de destruição em massa aos terroristas¹¹³⁰. Foi só em janeiro de 2003 que a ligação com o próximo inimigo ganhou nome.

Em seu *State of the Union Address*, Bush falou da vitória na campanha do Afeganistão: “A bandeira americana voa novamente sobre nossa embaixada em Cabul. Terroristas que antes ocupavam o Afeganistão agora ocupam celas na Baía de Guantánamo”¹¹³¹. Mas afirmaria que o que começou no Afeganistão estava longe de acabar.

Nossa nação continuará a ser firme, paciente e persistente na busca de dois grandes objetivos. Primeiro, vamos fechar campos terroristas, interromper planos terroristas e trazer terroristas para a justiça. E, em segundo lugar, devemos impedir que os terroristas e regimes que buscam armas químicas, biológicas ou nucleares ameacem

¹¹²⁸ BUSH, George W. *Op. Cit.*, 2011, p. 77.

¹¹²⁹ Idem. *Remarks at the UN General Assembly*. September 12, 2002. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-12-2002-remarks-un-general-assembly>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹³⁰ Idem. *Address at the Citadel*. In: BUSH, George Walker. *Op. Cit.*, 2011, p. 93.

¹¹³¹ Idem. *State of the Union Address*. January 28, 2003. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-28-2003-state-union-address>>. Acesso em 20 nov., 2023.

os Estados Unidos e o mundo. [...] Nosso segundo objetivo é impedir que regimes que patrocinam o terror ameacem a América ou nossos amigos e aliados com armas de destruição em massa¹¹³².

E estes regimes foram apresentados: Coreia do Norte, Irã e Iraque. Juntos, definiu Bush, estes países formariam o “Eixo do mal”. Por si, estes inimigos já são apresentados como ameaças: “Os Estados Unidos da América não permitirão que os regimes mais perigosos do mundo nos ameacem com as armas mais destrutivas do mundo.”¹¹³³ No entanto, conforme segue Reyes-Rodríguez, parte da estrutura da construção retórica da guerra era a ligação com o próximo inimigo. No entanto, não havia uma ligação direta entre Al-Qaeda e Saddam Hussein, ou do Iraque com o Onze de Setembro. Em seu discurso de janeiro de 2003, o máximo que Bush conseguiu foi afirmar que esses países “têm estado bem quietos desde 11 de setembro”.

Em discurso na Assembleia da ONU, em setembro de 2002, Bush relembrou a invasão iraquiana no Kuwait e apontou as diversas violações aos direitos humanos praticadas no Iraque. Afirmou que o país possuía armas de destruição em massa (que escondeu dos inspetores da ONU), e declarou: “se um regime encorajado fornecesse essas armas a aliados terroristas, os ataques de 11 de setembro seriam um prelúdio de horrores muito maiores.”¹¹³⁴ Ainda neste discurso o presidente afirmou: “Por herança e por escolha, os Estados Unidos da América assumirão essa posição.”¹¹³⁵ O ciclo: causa; identificação do inimigo; demonização; personificação; e justificativa, foi reiniciado.

Em fevereiro de 2003 – menos de um mês da invasão ao Iraque – Bush discursou no *American Enterprise Institute*. Neste discurso, verifica-se diversas etapas do modelo de construção retórica da guerra, agora apontada ao Iraque. O inimigo era bem delineado, Saddam Hussein, devidamente demonizado como um ditador que “mostrou o poder da tirania para espalhar discórdia e violência no Oriente Médio”¹¹³⁶. O medo e insegurança já vinha sendo estabelecido desde setembro de 2002, com, nas palavras de Chomsky, a mídia

¹¹³² Ibid.

¹¹³³ Ibid., p. 106.

¹¹³⁴ Idem. *Remarks at the UN General Assembly*. September 12, 2002. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-12-2002-remarks-un-general-assembly>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹³⁵ Ibid.

¹¹³⁶ BUSH, George W. *President George W. Bush Speaks at AEI's Annual Dinner*. American Enterprise Institute. Speech. February 28, 2003. Disponível em: <<https://www.aei.org/research-products/speech/president-george-w-bush-speaks-at-aeis-annual-dinner/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

transmitindo a “propaganda do governo sobre a ameaça à segurança dos Estados Unidos oferecida pelo Iraque, sua participação no Onze de setembro e nos demais atos de terrorismo”¹¹³⁷. E, a exemplo do que foi feito a respeito do Afeganistão, a culpa era atribuída ao outro: “Esperamos que o regime iraquiano atenda às demandas das Nações Unidas e se desarme, plena e pacificamente. Do contrário, estamos preparados para desarmar o Iraque pela força.”¹¹³⁸ Outros pontos do discurso de Bush ao AEI que valem destaque são: as menções nominais a Irving Kristol e Dick Cheney; o agradecimento aos serviços do AEI, que, segundo Bush, “por 60 anos, têm feito contribuições vitais”¹¹³⁹ ao país e ao governo; e a observação do presidente sobre defender os recursos naturais iraquianos de sabotagem.

Em março de 2003, a invasão ao Iraque foi executada. Alguns dias antes, Tony Blair, na época primeiro-ministro da Inglaterra, discursou:

Por que isso importa tanto? Porque o resultado deste problema irá agora determinar mais do que o destino do regime iraquiano e mais do que o futuro do povo iraquiano, por tanto tempo brutalizado por Saddam. Ele determinará a maneira como a Grã-Bretanha e o mundo enfrentam a ameaça à segurança central do século XXI; o desenvolvimento da ONU; a relação entre a Europa e os EUA; as relações dentro da UE e a forma como os EUA se relacionam com o resto do mundo. Isso determinará o padrão da política internacional para a próxima geração¹¹⁴⁰.

E no mesmo dia, Bush discursou:

Estamos agindo agora porque os riscos de inação seriam muito maiores. Em um ou cinco anos, o poder do Iraque de infligir danos a todas as nações livres seria multiplicado muitas vezes. Com essas capacidades, Saddam Hussein e seus aliados terroristas poderiam escolher o momento do conflito mortal em que são mais fortes. Escolhemos enfrentar essa ameaça agora onde ela surge, antes que possa aparecer repentinamente em nossos céus e cidades¹¹⁴¹.

Como observa Elvin Lim, enquanto o discurso de Blair articulou cinco razões estratégicas para a guerra ser empreendida, Bush focou-se em apenas uma, repetidas vezes. Apelando para o sentimento de medo e insegurança, Bush fez um discurso com uma “retórica

¹¹³⁷ CHOMSKY, Noam. Verdades e mitos sobre a invasão do Iraque. *Socialist Register*, p. 161-174, 2004, p. 169.

¹¹³⁸ BUSH, George W. Remarks on the future of Iraq. In: _____. *Op. Cit.* 2011, p. 170.

¹¹³⁹ Ibid.

¹¹⁴⁰ THE GARDIAN. Full Text: Tony Blair's speech. *The Guardian*. March 2003. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/politics/2003/mar/18/foreignpolicy.iraq1>>. Acesso em 02 nov., 2023.

¹¹⁴¹ THE NEW YORK TIMES. Text: Bush's Speech on Iraq. *The New York Times*. March 2003. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2003/03/18/politics/text-bushs-speech-on-iraq.html>>. Acesso em 20 nov., 2023.

apaixonada, assertiva e inspiradora que move o público”¹¹⁴². Esta preferência por emoções no lugar de razões e argumentos seria, ainda segundo Lim, evidências de uma adoção anti-intelectualismo no discurso da retórica da guerra em Bush¹¹⁴³. A mesma forma foi adotada no discurso de março de 2003, no qual o presidente anunciou o início da Guerra do Iraque:

Nossa nação entra neste conflito com relutância - mas nosso propósito é certo. O povo dos Estados Unidos e nossos amigos e aliados não viverão à mercê de um regime fora da lei que ameaça a paz com armas de assassinato em massa. Vamos enfrentar essa ameaça agora, com nosso Exército, Força Aérea, Marinha, Guarda Costeira e Fuzileiros Navais, para que não tenhamos que enfrentá-la mais tarde com exércitos de bombeiros e policiais e médicos nas ruas de nossas cidades. [...] Meus concidadãos, os perigos para o nosso país e para o mundo vão ser superados. Vamos passar por esse tempo de perigo e continuar o trabalho pela paz. Vamos defender nossa liberdade¹¹⁴⁴.

Mas a invasão ao Iraque só fez aumentar as linhas terroristas. Em outubro de 2002, George Tenet – diretor da CIA – discursou no Congresso, afirmando que uma invasão ao Iraque poderia levar Hussein a ajudar células terroristas islâmicas contra os Estados Unidos. Na mesma época, o Conselho de Segurança Nacional afirmou que uma invasão ao Iraque liderada pelos Estados Unidos poderia significar um fortalecimento do Islã político¹¹⁴⁵, o que geraria uma propensão a conflitos internos no Iraque. Em 2005, a CIA confirmou que o Iraque se tornou um ímã para militares islâmicos, em um movimento similar ao ocorrido no Afeganistão sob ocupação soviética nos 1980¹¹⁴⁶. Porém, de acordo com o *Pew Research Center*, ainda em janeiro de 2002, 73% dos estadunidenses apoiavam uma invasão ao Iraque. Outros 83% afirmavam que o ataque deveria ser efetuado caso descobrisse a ligação entre Saddam e o Onze de Setembro. Um total de 77% alegava que o ataque deveria ser feito pois o Iraque escondia armas de destruição em massa. E 75% entendia que o Iraque escondia terroristas¹¹⁴⁷. O que demonstrou “como a cobertura da mídia pré-invasão apresentou pouca avaliação crítica da narrativa ‘interna’”¹¹⁴⁸ e vendeu a narrativa do governo.

¹¹⁴² LIM, Elvin. *Op. Cit.*, 2008, p. 58.

¹¹⁴³ Ibid.

¹¹⁴⁴ Bush, George W. Address To the nation on military operations in Iraq. In: _____. *Op. Cit.*, 2011.

¹¹⁴⁵ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.*, 2009, p. 26.

¹¹⁴⁶ Ibid.

¹¹⁴⁷ PEW RESEARCH CENTER. *Americans Favor Force in Iraq, Somalia, Sudan and...* Pew Research Center. Report. January 22, 2002. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2002/01/22/other-important-findings-2/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁴⁸ LEWANDOWSKY, Stephan et al. Misinformation, disinformation, and violent conflict: From Iraq and the “War on Terror” to future threats to peace. *American Psychologist*, v. 68, n. 7, 2013, p. 489.

A mesma lógica da sequência de argumentos observada na retórica da guerra pode ser encontrada nas publicações do AEI. Logo no dia seguinte aos ataques o AEI publicou o artigo *Not Terrorism, but war*, de James K. Glassman. Jornalista formado por Harvard, colunista do *Washington Post* e membro do AEI desde 1996, Glassman defendeu no seu artigo que “O *New York Times* acertou: ‘E.U.A Atacado’”¹¹⁴⁹. Definiu os ataques como “uma invasão ao território dos Estados Unidos”¹¹⁵⁰. E afirmou que terroristas, por essência, praticavam o terror em nome de uma causa, como libertar prisioneiros ou forçar uma mudança de política para o Oriente Médio. Mas que os ataques de Onze de Setembro se deram porque “eles querem nos destruir. Eles odeiam nossa cultura, nossa economia, nosso estilo de vida. Eles querem matar americanos e deixar essa nação em ruínas. Eles querem destruir nossas liberdades”¹¹⁵¹. Portanto, os terroristas não deviam ser simplesmente compreendidos como “‘fanáticos’ ou pessoas cometendo ‘atos de violência sem sentido’”¹¹⁵². Glassman não deixa de lado um outro tópico relativo à guerra que estava em debate desde os anos 1990, “outra política que precisa ser examinada é a energética”¹¹⁵³. O jornalista foi categórico ao afirmar que os Estados Unidos precisavam “desenvolver seus próprios recursos, para nos dar a segurança necessária na economia movida a petróleo, gás, carvão e energia nuclear”¹¹⁵⁴. O texto de Glassman, portanto, enquadra-se no primeiro estágio da retórica da guerra, ele capitaliza em sentimentos exacerbados pelo choque, incitando um sentimento marcial. Deve-se destacar que, em 2003, Glassman foi nomeado para o *U.S. government's Advisory Board on Public Diplomacy in the Arab and Muslim World*. O grupo foi formado a pedido do Congresso como um subcomitê da *U.S. Advisory Commission on Public Diplomacy*, um painel bipartidário criado pelo Congresso e nomeado pelo Presidente. Dentre os demais membros encontravam-se: David Abshire (Embaixador na OTAN de 1983 a 1987 e membro do CFR); Diana Lady Dougan (membro do CFR); Harold Pachios (nomeado para o *U.S. Advisory Commission on Public Diplomacy* por Clinton ainda em 1993; membro do CFR); George R. Salem (membro do *College of Labor and Employment Lawyers* e membro do CFR); e Shibley Telhami

¹¹⁴⁹ GLASSMAN, James. Not Terrorism, but War. American Enterprise Institute, article September 12, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/not-terrorism-but-war/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁵⁰ Ibid.

¹¹⁵¹ Ibid.

¹¹⁵² Ibid.

¹¹⁵³ Ibid.

¹¹⁵⁴ Ibid.

(conselheiro da Missão dos EUA na ONU de 1990 a 91; membro do CFR), entre outros.

Pouco depois, no dia 15, o AEI publicou *Where Were You?* por William Schneider. O artigo, mais uma vez, capitalizava no medo. “Choque. Horror. Incompreensão. Isso pode ser comparado a qualquer experiência na memória coletiva americana?”¹¹⁵⁵, são as palavras que abriam o texto. Porém, diferente de Glassman, Schneider levantou números: “quase 90 por cento de homens e mulheres descrevem os ataques como ‘um ato de guerra contra os Estados Unidos’”¹¹⁵⁶. Dizia, ainda, que 70% dos americanos “acreditam que o exército dos EUA deveria contra-atacar as organizações terroristas responsáveis pelo ataque”¹¹⁵⁷, mas que “apenas um em cinco [americanos] acredita que os Estados Unidos deveriam atacar imediatamente”¹¹⁵⁸. O texto, apesar dos usos frequente de estatísticas e pesquisas de opinião, tem forte tom apelativo. Porém, Schneider não era um jornalista sensacionalista (aos moldes de Rush Limbaugh), mas um professor na Brandeis University, membro do CFR e ex pesquisado residente do AEI¹¹⁵⁹.

Diferente dos discursos oficiais, que só nomeou o Iraque como possível adversário no ano seguinte ao ataque, o AEI não tardou em identificá-lo. O artigo *The Iraq Connection*, por Laurie Mylroie, foi publicado no dia 13 de setembro. Autora do livro *Study of revenge: the first world trade center attack and saddam hussein's war against america*, de 2000 (relançado em 2001 pelo AEI), Mylroie já havia escrito em 1995 um artigo para a *National Interest* associando o Iraque aos ataques ao *World Trade Center* em 1993¹¹⁶⁰. Em seu artigo, de setembro de 2001, Mylroie afirmou: “Se Osama Bin Laden esteve envolvido no ataque terrorista de terça-feira, resta saber. No entanto, se isso for verdade, é extremamente improvável que ele tenha agido por conta própria.”¹¹⁶¹ A autora continua argumentando que Estados possuem mais capacidade de orquestrar ações terroristas que indivíduos, pois controlam territórios, mantêm embaixadas no exterior, transferem malotes diplomáticos e

¹¹⁵⁵ SCHNEIDER, William. Where were you? American Enterprise Institute. article. September 15, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/where-were-you/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁵⁶ Ibid.

¹¹⁵⁷ Ibid.

¹¹⁵⁸ Ibid.

¹¹⁵⁹ Ibid.

¹¹⁶⁰ MYLROIE, Laurie. The World Trade Center Bomb: who is Ramzi Yousef? and why it matters. *The National Interest*. Winter 1995/1996. Disponível em: <<https://irp.fas.org/world/iraq/956-tni.htm>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁶¹ Idem. *The Iraq Connection*. American Enterprise Institute. Article. September 13, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-iraqi-connection/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

afins. E, “os laços demonstrados da Al-Qaeda com a inteligência sudanesa levantam outra questão. O Iraque tem laços estreitos com o Sudão. O Sudão apoiou o Iraque durante a Guerra do Golfo”¹¹⁶². Portanto, desde já, membros do AEI já publicava textos apontando ao Iraque.

Já no dia 18 de setembro, Richard Perle publicou *States sponsors of terrorism should be wiped out, too*. No artigo, afirmava: “Mesmo que não soubéssemos ainda toda a história sobre as atrocidades da semana passada, nós sabemos o suficiente para agir, e para agir decisivamente.”¹¹⁶³ Neoconservador, Perle era servidor do *Defense Policy Board Advisory Committee* desde 1987, tornando-se seu presidente a partir de 2001. Foi signatário do PNAC, membro do AEI e também do CFR. O artigo de 18 de setembro era um chamado de guerra: “Regimes tem muitos motivos diferentes para apoiar o terrorismo [...] Afeganistão, Iraque, Irã e Síria, fazem porque eles concordam com as perspectivas fanáticas de seus protegidos. Saddam Hussein, louco pelo desejo de vingança, paga as famílias de homens-bomba”¹¹⁶⁴. Perle argumentava que seria de relativa dificuldade para os Estados Unidos encontrarem aliados, já que uma frente contra-terrorista não poderia incluir países que reprimissem seus cidadãos, violassem direitos humanos fundamentais e desprezasse os valores da “civilização ocidental”. Para ele, “a guerra contra o terrorismo é a guerra contra esses regimes”¹¹⁶⁵. Verifica-se outra etapa da construção retórica da guerra, a de identificação do inimigo.

Outro artigo que ilustrava essa mesma etapa é *The Real Threat*, por Michael Ledeen. Historiador, membro do AEI com relativa experiência em consultoria para o departamento de Defesa, Ledeen “critica” Bush afirmando que “apesar das palavras corajosas, o presidente ainda não deu uma missão clara para suas tropas”¹¹⁶⁶. O autor reconhece a dificuldade em categorizar o inimigo da Guerra ao Terror, visto que este não se configura como um Estado-Nação ou território soberano, mas sim como uma rede de cooperação. De fato, Ledeen acusou as narrativas que procuravam personificar o problema na figura de Bin Laden como uma tentativa de desviar a atenção do real problema, da “real ameaça”. Nas palavras do autor:

¹¹⁶² Ibid.

¹¹⁶³ PERLE, Richard. *State Sponsors of Terrorism Should Be Wiped Out, Too*. American Enterprise Institute. Article. September 18, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/state-sponsors-of-terrorism-should-be-wiped-out-too/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁶⁴ Ibid.

¹¹⁶⁵ Ibid.

¹¹⁶⁶ LEDEEN, Michael. *The Real Threat*. American Enterprise Institute. Article. September 18, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-real-threat/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

Pois, se acreditarmos que Bin Laden é a história toda, nós não perseveraremos contra o Iraque, o Irão e outros. Na verdade, poderíamos até trabalhar com estes regimes terroristas para apanhar Bin Laden, e não pensar nem por um minuto que Saddam e os aiatolas em Teerão não ficariam encantados em entregar-nos a sua cabeça. [...] O presidente não deve ser enganado por cartas de amor de déspotas e não dever dar importância às reivindicações de nossa comunidade de inteligência, a mesma multidão que não nos avisou em tempo hábil antes do 11 de setembro¹¹⁶⁷.

Em 7 de outubro, a guerra do Afeganistão foi iniciada e, em dezembro, Perle publicou o artigo *Should Iraq Be next?* No texto o autor afirmava que haveria uma segunda fase na guerra ao terror alegando que, sem ela, não haveria vitória. Perle continuava dizendo que a guerra ao terror não seria uma guerra contra a Al-Qaeda ou contra o Talibã, e que o topo da lista para a “fase dois” seria ocupado pelo Iraque¹¹⁶⁸. A motivação estaria alinhada ao fato de “que Saddam odeia os Estados Unidos [...]. Sabemos que Saddam Hussein tem arma de destruição em massa [...] Esperamos por Saddam e esperamos o melhor, esperamos e torcemos para que ele não faça o que sabemos que ele é capaz?”¹¹⁶⁹. Já em outro artigo, de janeiro de 2002, Perle foi assertivo já no título: *The United States must strike at Saddam Hussein*¹¹⁷⁰.

Diferente do AEI, o CFR apresentou uma postura menos belicosa. O relatório anual de 2002 – comentando as ações e publicações do think tank no ano de 2001, bem como as projeções para os anos seguintes – abria com a fala do presidente Leslie Gelb: “Prepare-se para um mundo novo e pior”¹¹⁷¹. A mensagem procurou enfatizar a importância que o think tank deveria desempenhar. Nas palavras de Gelb, a instituição deveria manter-se “imparcial e aliada da verdade”¹¹⁷², servindo como “recurso informativo” para a população e “apoiando o governo”.

Para se preparar para este “novo mundo pior”, em menos de uma semana após os ataques de Onze de Setembro, o CFR formou o *Task Force in Terrorism*. Encabeçado por

¹¹⁶⁷ Ibid.

¹¹⁶⁸ PERLE, Richard. *Should Iraq be Next?* American Enterprise Institute. Article. December 16, 2001.

Disponível: <<https://www.aei.org/articles/should-iraq-be-next/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁶⁹ Ibid.

¹¹⁷⁰ Idem. *The United States Must Strike at Saddam Hussein*. American Enterprise Institute. Article. January 01, 2002. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-united-states-must-strike-at-saddam-hussein/>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁷¹ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2002*. July 1, 2001 –June 30, 2002. New York: Council on Foreign Relations. 2002. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em: 22 nov., 2023.

¹¹⁷² Ibid., p. 12.

Carla Hills e Richard Holbrooke, o grupo contou com mais de 50 nomes de relevância no cenário político e diplomático estadunidense, incluindo ex-funcionários da Casa Branca, ganhadores do Nobel e um ex-presidente do Estado-Maior¹¹⁷³. Cada reunião, conforme o relatório, era iniciada por um *briefing* dado por um funcionário do governo ou especialista no assunto a ser discutido. Ao final dos debates, o grupo apresentou ao governo um documento com sugestões para como tocar a política externa nesse período¹¹⁷⁴.

Peter Peterson, presidente do conselho administrativo de CFR, demonstrou satisfação em contar com Carla Hills e Richard Hollbrooke na liderança da *Task Force*, e afirmou: “eles ajudam a assegurar a liderança futura da instituição”¹¹⁷⁵. Hills era advogada formada por Stanford e Yale, com experiência acadêmica (trabalhando como professor Adjunto da Universidade da Califórnia em Los Angeles, na década de 1970) e na política, com passagens no governo Ford e G. H. W. Bush¹¹⁷⁶. Tornou-se vice-presidente do CFR em 2001¹¹⁷⁷. Já Richard Hollbrooke havia acabado de deixar a posição de embaixador dos Estados Unidos na ONU. Holbrooke chegou a compor a mesa de diretores do CFR em três ocasiões (1991 – 1993; 1996 – 99; e voltando a assumir a posição em 2001)¹¹⁷⁸.

Antes dos ataques, o CFR já havia formado o *Task Force on State Department Reform*. Liderado por Frank Carlucci, o grupo concluiu que o Departamento de Estado era “atormetado por escassez de mão de obra, equipamentos antiquados e instalações dilapidadas e inseguras”¹¹⁷⁹. Carlucci e Gelb chegaram a ser convidados pelo Secretário de Estado, Colin Powell, para discutirem as suas recomendações¹¹⁸⁰. Deve-se destacar que Carlucci, além de dono de uma consistente carreira no Estado (com cargos nas administrações Nixon, Ford, Carter e Reagan, neste último como Secretário de Defesa, assumindo após o escândalo Irã-Contra), era também afiliado ao PNAC e membro do Conselho administrativo

¹¹⁷³ Ibid., p. 25.

¹¹⁷⁴ Ibid.

¹¹⁷⁵ Ibid.

¹¹⁷⁶ INTERNATIONAL CRISES GROUP. Carla A. Hills. International Crisiis Group. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090912061727/http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4235>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁷⁷ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Op. Cit.*, 2002, p. 80.

¹¹⁷⁸ Idem. *Annual Report 2001*. July 1, 2000 – June 30, 2001. New York: Council on Foreign Relations. 2002, p. 91. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁷⁹ Ibid., p. 7

¹¹⁸⁰ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Op. Cit.*, 2002, p. 11.

da *RAND Corporation*¹¹⁸¹.

Observa-se que as preocupações do CFR com a segurança nacional e a posição estadunidense no mundo antecedem aos ataques de Onze de Setembro. Para além da tese da Nova Ordem Mundial que, como vimos, o think tanks discutia desde o final dos anos 1980, ao longo dos anos 1990 o CFR advogou por uma presença “imperial” estadunidense no mundo. Em 1992, publicou o livro *The Imperial Temptation: the New World Order and America's Purpose*. Assinando a obra estavam Robert Tucker e David Hendrickson¹¹⁸². Em linhas gerais, seus autores defendiam a ideia de que os Estados Unidos deveriam assumir “um papel imperial sem cumprir os deveres clássicos da regra imperial”¹¹⁸³. Em outros termos, defendiam que o país deveria agir de forma imperialista, mas sem formar colônias. Tucker e Hendrickson chamavam especial atenção para o Oriente Médio.

Menos de seis meses após a invasão ao Afeganistão, a *Foreign Affairs* publicou o artigo *The Reluctant Imperialist: Terrorism, Failed States and the Case for American Empire*, por Sebastian Mallaby. O artigo defende que a Guerra ao Terror seria voltada aos “Estados Falidos”, países que representam algum vazio de poder e serviam de santuários aos terroristas. Segundo Mallaby, antes da Segunda Guerra Mundial, quando tais estados maniatavam preocupações ao cenário internacional, nações poderosas recorriam ao imperialismo como forma de neutralizá-los. Por fim o autor sustenta que, “à medida que a desordem nos países pobres se torna mais ameaçadora”¹¹⁸⁴, alguma medida precisaria ser tomada. Mallaby tornou-se membro do CFR em 2006 assumindo como Vice-Diretor de Estudos da *David Rockefeller Studies Program*¹¹⁸⁵.

A retórica de agir por “obrigação” relutantemente também se fez presente nos discursos de Bush. Os ataques ao Afeganistão e ao Iraque seriam justificados pela recusa dos países em cooperar com a guerra contraterrorista. Dois meses após a apresentação do Eixo do Mal, a

¹¹⁸¹ RAND CORPORATION. *The Carluccis Support RAND's Commitment to Follow the Research Wherever It Leads*. RAND Corporation. Donor Profile. Franl and Marcia Carlucci. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180419041009/https://www.rand.org/giving/donor-profiles/carlucci.html>>. Acesso em 20 nov., 2023.

¹¹⁸² TUCKER, Robert; HENDRICKSON, David. *The imperial temptation: the new world order and America's purpose*. Nova York: Council on Foreign Relations Press, 1992, p. 185.

¹¹⁸³ Ibid., p. 191.

¹¹⁸⁴ MALLABY, Sebastian. *The reluctant imperialist: terrorism, failed States and the case for American empire*. *Foreign Affairs*, v. 81, n. 2, March/April 2002, p. 3.

¹¹⁸⁵ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2006*. July 1, 2005 – June 30, 2006. New York: Council on Foreign Relations, 2006. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 05 nov., 2023.

Foreign Affair publicou o artigo *Next Stop Baghdad?*¹¹⁸⁶ O texto foi escrito pelo ex-membro da CIA (1988-1995); do *National Security Council* (1995 – 96 e 1999 – 2001) e membro do CFR e do AEI, Kenneth Pollack¹¹⁸⁷.

Embora apresentassem posturas distintas, os objetivos expressos nas publicações do AEI e do CFR eram semelhantes. Parte disso se explica pelo fato de ambos serem think tanks usados pela “ala defensora do livre mercado” que, na ocasião, apoiavam a guerra e executavam a retórica da guerra. Portanto, o modelo da retórica da guerra observado por Reyes Rodrigues fora aplicado pelo pesquisador nas políticas de Bush para a Guerra do Afeganistão e do Iraque, e, como verificado, encontrava-se também nas publicações do AEI e do CFR. Porém, como será visto a seguir, pode-se observar os mesmos padrões nos discursos de Reagan durante a Guerra Fria. Ao adotar o modelo de construção retórica de guerra (fazendo da guerra permanente), o governo Bush reproduziu o modelo de governo dos republicanos anteriores que “foram capazes de governar o país por doze anos e realizar programas internos com grande oposição pública recorrendo periodicamente ao botão do pânico”¹¹⁸⁸. Uma das principais estratégias para a manutenção deste “botão” é uma antiga, a desinformação e paranoia política.

4.3.2 “Who Benefits?”: A guerra contra os fatos

Conforme mencionamos no terceiro capítulo, o termo “império do mal” nasceu em um discurso na Convenção Anual da Associação Nacional de Evangélicos, em 1983. Reagan reconheceu a existência do que chamou de “fenomenologia do mal ou, como diriam os teólogos, a doutrina do pecado”, naquele contexto, relacionando-o ao comunismo. No dia 23 de março do mesmo ano, voltou ao assunto em discurso à nação sobre a segurança nacional:

Os soviéticos, por exemplo, têm armas nucleares precisas e poderosas suficientes para destruir praticamente todos os nossos mísseis no solo. Agora, isso não quer dizer que a União Soviética está planejando fazer guerra contra nós. Nem acredito que uma guerra seja inevitável — muito pelo contrário. Mas o que deve ser reconhecido é que

¹¹⁸⁶ POLLACK, Kenneth. Next Stop Baghdad. *Foreign Affairs*, v. 81, n. 8, March/April 2002.

¹¹⁸⁷ AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Kenneth Polack. American Enterprise Insitute. Scholars.

Disponível em: <<https://www.aei.org/profile/kenneth-pollack/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹¹⁸⁸ CHOMSKY. Noam. *Op. Cit.*, 2004, p. 168.

nossa segurança se baseia em estarmos preparados para enfrentar todas as ameaças¹¹⁸⁹.

Os soviéticos e o comunismo são apresentados como ameaças tanto literais (físicas) como ideológicas. Embora não apresente um ataque direto – como o Onze de Setembro – o discurso de Reagan procurou mobilizar os sentimentos estadunidenses para a ameaça ainda existente do “mal” do “comunismo”. E, para isso, recorreu a defesa dos valores cristãos estadunidenses, relacionando-os à própria defesa do país.

A segunda etapa, a identificação do adversário, aconteceu no discurso de 8 de março. A União Soviética e o comunismo foram representados como totalitários (em comparação com a “América” e a “democracia”, sinônimos de “liberdade”). E definidos como as grandes ameaças ao estilo de vida estadunidense: “os líderes soviéticos declararam aberta e publicamente que a única moralidade que eles reconhecem é aquela que promoverá sua causa, que é a revolução mundial.”¹¹⁹⁰ O risco de baixar a guarda foi reconhecido como demais.

A terceira etapa, a demonização, ocorreu constantemente. Ainda no discurso de 8 março 1983, foi dito: “rezemos pela salvação de todos aqueles que vivem naquela escuridão totalitária”. A demonização tomou caráter quase literal: “O marxismo-leninismo é na verdade a segunda fé mais antiga, proclamada pela primeira vez no Jardim do Éden com as palavras da tentação”. Além, no mesmo discurso, ressaltou a importância da luta contra o comunismo citando uma conversa que teria tido com um eleitor: “Prefiro ver minhas filhas morrerem agora, ainda crendo em Deus, do que elas cresçam sob o comunismo e um dia morram sem mais crer em Deus.”¹¹⁹¹. E, por fim, fez de Guerra Fria uma luta entre “bem e mal” na qual o “Império do mal” era a União Soviética.

A quarta etapa, personificação do inimigo, aconteceu já em 23 de março de 1983. A Nicarágua foi citada pela primeira vez como exemplo do poder comunista na América Central:

Esta terceira foto, que é a única desta série que foi divulgada anteriormente, mostra equipamentos militares soviéticos que chegaram à América Central. Este aeródromo

¹¹⁸⁹ REAGAN, Ronald. *Address to the Nation on National Security*. Miller Center. March 23, 1983. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-23-1983-address-nation-national-security>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹¹⁹⁰ Idem. *"Evil Empire" Speech*. Miller Center. March 8, 1983. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-8-1983-evil-empire-speech>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹¹⁹¹ Ibid.

com seus helicópteros MI-8, canhões antiaéreos e locais de caça protegidos é uma das várias instalações militares na Nicarágua que receberam equipamentos soviéticos canalizados através de Cuba e reflete o enorme acúmulo militar que está acontecendo naquele país¹¹⁹²

Enquanto o inimigo de Bush escondia-se sob um guarda-chuva conceitual de “terrorismo”, que representava grupos isolados com conexões, sem uma capital ou território definido para ser invadido, o inimigo da Reagan era tanto ideológico (o comunismo) quanto literal (a União Soviética). No entanto, uma guerra direta era impraticável. O presidente reconheceu isso publicamente afirmando que a paz era mantida pela força, na política da “dissuasão”, que significava, nas palavras do presidente: “garantir que qualquer adversário que pense em atacar os Estados Unidos, ou nossos aliados, ou nossos interesses vitais, conclua que os riscos para ele superam quaisquer ganhos potenciais.” Porém, a “parte ideológica” da guerra espacializou o inimigo na América Central, relacionando-o com a influência soviética. Além, personificou o adversário no grupo sandinista: “A revolução sandinista na Nicarágua acabou sendo apenas uma troca de um conjunto de governantes autocráticos por outro, e o povo ainda não tem liberdade, direitos democráticos e mais pobreza.”¹¹⁹³

A quinta etapa, a justificativa da guerra, foi relacionada a própria sobrevivência da “América”. Desde a apresentação da ameaça, a justificativa moral da guerra foi a autopreservação. De forma mais material, a respeito do poder soviético na Nicarágua, o discurso de 27 de abril afirma:

O novo exército da Nicarágua conta com 25.000 homens, apoiados por uma milícia de 50.000. É o maior exército da América Central, complementado por 2.000 militares cubanos e conselheiros de segurança. Está equipado com as armas mais modernas - dezenas de tanques de fabricação soviética, 800 caminhões soviéticos, obuses soviéticos de 152 milímetros, 100 canhões antiaéreos, além de aviões e helicópteros. Há milhares de conselheiros civis adicionais de Cuba, União Soviética, Alemanha Oriental, Líbia e da OLP. E somos atacados porque temos 55 treinadores militares em El Salvador¹¹⁹⁴.

¹¹⁹² Idem. *Address to the Nation on National Security*. Miller Center. March 23, 1983. Disponível em <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-23-1983-address-nation-national-security>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹¹⁹³ Ibid.

¹¹⁹⁴ Idem. *Address on Central America*. April 27, 1983 (c). Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-27-1983-address-central-america>>. Acesso em 05 de nov., de 2023.

Embora Reagan não tenha aplicado uma política bélica como Bush, chegando a invadir o território inimigo, sua abordagem para com a “guerra ao terrorismo” em seu tempo resultou no escândalo Irã-Contra e em manobras jurídicas para defender aqueles que contrabandearam armamentos em nome da “segurança nacional”.

Na segunda metade dos anos 1980, membros do Conselho Nacional de Segurança (NSC) e da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos praticaram trocas de armas por reféns no Irã, apesar do embargo de armas do governo. Ao mesmo tempo, também foi organizado um financiamento privado aos Contra, na Nicarágua, grupo rival dos sandinistas. Tudo sem o apoio e consciência do Congresso. O caso ficou conhecido como *Iran-Contra Affair*. Conforme Neil Denslow, críticos na época acusaram a ação de ser um golpe liderado por Reagan contra o Congresso. Porém, uma visão mais branda se popularizou: a de que o escândalo foi fruto da má gestão do presidente e de sua ignorância quanto aos assuntos de relações internacionais. Membros do gabinete do secretário de Estado George Shultz e do secretário de Defesa Casper Weinberg foram responsabilizados¹¹⁹⁵. Em dezembro de 1986, uma comissão foi estabelecida para investigar o escândalo. Liderada pelo senador John Tower, a comissão recebeu o nome de *Tower Commission*. Em fevereiro do ano seguinte o relatório da comissão foi publicado e, embora tenha reconhecido a ilegalidade da ação, responsabilizou William Casey (diretor da CIA) por não ter assumido a operação e notificado o presidente e o Congresso¹¹⁹⁶. No mês seguinte o então presidente Reagan se pronunciou:

Há alguns meses eu disse ao povo americano que não trocava armas por reféns. Meu coração e minhas melhores intenções ainda me dizem que isso é verdade, mas os fatos e as evidências me dizem que não é. Como a Comissão Tower relatou, o que começou como uma abertura estratégica para o Irã se deteriorou, em sua implementação, em troca de armas por reféns. Isso vai de encontro às minhas próprias crenças, à política de administração e à estratégia original que tínhamos em mente. Há razões pelas quais isso aconteceu, mas não há desculpas. Isso foi um erro¹¹⁹⁷.

¹¹⁹⁵ DENSLOW, Neil. Iran-Contra. In: KNIGHT, Peter (Ed.). *Conspiracy theories in American history: An encyclopedia*. Abc-clio, 2003. p. 353.

¹¹⁹⁶ Ibid.

¹¹⁹⁷ REAGAN, Ronald. *Address to the Nation on Iran-Contra*. March 4, 1987. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1987-address-nation-iran-contra>>. Acesso em 05 de nov., de 2023

O Congresso estabeleceu seu próprio comitê e promoveu uma série de audições. O coronel Oliver North, do NSC, ao longo das audições, argumentou que havia agido como um patriota na luta contra o comunismo¹¹⁹⁸. Embora as audiências tenham chamado bastante atenção, quando terminaram em 1988, o assunto foi esquecido e muitos documentos levantados pelas comissões, permaneceram sigilosos e não foram usados nos tribunais. Nas eleições de 1988, o escândalo não foi uma questão para o candidato republicano, o vice-presidente de Reagan, George Herbert Walker Bush. Já nos finais de seu próprio mandato, em 1992, o então presidente Bush perdoou vários dos participantes do escândalo, incluindo alguns réus que nem chegaram a ter seus julgamentos marcados. Na ocasião, comentando o perdão presidencial, o roteirista Steve Tesich usou o termo “pós-verdade” em um artigo para a revista *The Nation* para criticar a escolha do presidente – e da imprensa – em ignorar os fatos e provas do envolvimento de vários funcionários do governo no escândalo. O artigo de Teish é considerado a primeira aparição do termo na mídia, afirmando que “nós, como povo livre, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo pós-verdade”¹¹⁹⁹.

Verifica-se, portanto, que a retórica da guerra adotada pelos republicanos, tanto em Reagan quanto em Bush, necessita de uma argumentação que sustente e instrumentalize uma visão de mundo polarizada de “nós” contra “eles”, que não é rara nos Estados Unidos. Ao contrário. Como visto, a tradição puritana jeremiada – sobretudo na direita – sustentou uma visão de mundo paranoica. Ao adotar a retórica republicana de guerra, a administração Bush fez considerável uso dessa visão de mundo.

Ocultar conhecimento e promover conhecimento falso são antigas estratégias que, como apontou Peter Burke, foram recentemente renomeadas e retrabalhadas como “desinformação”¹²⁰⁰. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, formou-se na Inglaterra o “Comitê dos vinte”, com o único propósito de fornecer “informações inexatas” aos inimigos. Na União Soviética mapas mostravam cidades em locais deliberadamente errados como medidas de contra espionagem¹²⁰¹. Em contextos de guerra, a desinformação é

¹¹⁹⁸ DENSLOW, Neil. *Op. Cit.*, 2003, p. 352.

¹¹⁹⁹ BYRNES, Malcolm. The Iran-Contra Affair 30 Years Later: A Milestone in Post-Truth Politics. *National Security Archives*. Nov 25, 2016. Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/iran/2016-11-25/iran-contra-affair-30-years-later-milestone-post-truth-politics>> Acesso em 05 de nov.. 2023.

¹²⁰⁰ BURKE, Peter. *Uma história Social do Conhecimento: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 180.

¹²⁰¹ Ibid., p. 183.

usada como forma de ludibriar adversários, mas internamente, pode exercer função de propaganda.

Aqui vale fazer a distinção entre estes três termos: *disinformation*, *misinformation* e propaganda. Com frequência estes três são utilizados como sinônimos. Todos dizem respeito (ou fazem uso) a disseminação e circulação de informação falsa ou enganosa como sendo verdadeira¹²⁰², mas conceitualmente apresentam pequenas nuances relacionadas às suas naturezas e objetivos.

Disinformation refere-se a um conjunto de informações falsas deliberadamente forjadas e propagadas. Seu objetivo é unicamente enganar a audiência. *Misinformation*, por outro lado, diz respeito a uma informação falsa, mas que pode ou não ser circulada com o intuito de ludibriar a audiência¹²⁰³. Desta forma, uma notícia falsa, criada artificialmente imitando sites de notícias ou artigos científicos, que passou a ser disseminada no intuito de promover uma ideia ou ponto de vista, caracteriza-se como *Disinformation*. Por outro lado, uma notícia antiga que é resgatada e apresentada como atual, caracteriza-se como *Misinformation*. Nas palavras de Andrew Guess e Benjamin Lyons, “*Disinformation* é feito para enganar, enquanto *Misinformation* pode ser inadvertida ou não intencional”¹²⁰⁴.

Embora a *Disinformation* e *Misinformation* sejam fenômenos relativamente antigos, como ressaltam Deen Freelon e Chris Wells, as principais contribuições acadêmicas no estudo do fenômeno foram feitas a partir do ano de 2016¹²⁰⁵. Por outro lado, o estudo da propaganda política tem uma longa tradição na academia, principalmente referente aos anos 1940 e 1950 do século XX. Em seu estudo sobre o totalitarismo na Europa do século XX, Hannah Arendt apontou que em um governo constitucional, havendo liberdade de opinião, movimentos totalitários precisavam equilibrar suas ações entre promover o terror e a propaganda, já que o público ainda não estaria rigorosamente isolado de outras fontes de informação. Em um governo estritamente autoritário, propaganda e terror de Estado se confundem, mas “num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que

¹²⁰² GUESS, Andrew M.; LYONS, Benjamin A. Misinformation, disinformation, and online propaganda. *Social media and democracy: the state of the field, prospects for reform*, p. 10-33, 2020.

¹²⁰³ Ibid.

¹²⁰⁴ Ibid., p. 11

¹²⁰⁵ FREELON, Deen; WELLS, Chris. Disinformation as Political Communication, *Political Communication*, 37:2, 2020, p. 145-156.

comumente chamamos de propaganda”¹²⁰⁶. Maria Helena Capelato, em seu estudo sobre o Varguismo, definiu a propaganda política como estratégia para o exercício do poder em qualquer regime, mas mais poderoso em regimes de tendências autoritárias:

O poder político, nesses casos, conjuga o monopólio da força física e da força simbólica. Tenta suprimir, dos imaginários sociais, toda representação do passado, presente e futuro coletivos que seja distinta daquela que atesta a sua legitimidade e cauciona seu controle sobre o conjunto da vida coletiva¹²⁰⁷.

Já Noam Chomsky, analisando as ações do Estado norte-americano, reconheceu a propaganda política nos Estados Unidos sendo usada com sucesso já pelo governo do presidente Woodrow Wilson (1913 a 1921). Eleito com a plataforma “Paz sem Vitória” – que propunha o fim da Primeira Guerra Mundial, ainda em curso –, após assumir a Casa Branca, Wilson formou uma comissão de propaganda denominada Comissão Creel, que, com apoio de líderes empresariais e órgãos de mídia, em meses, conseguiu “transformar uma população pacifista numa população histérica e belicosa que queria destruir tudo o que fosse alemão, partir os alemães em pedaços, entrar na guerra e salvar o mundo”¹²⁰⁸. Um dos nomes envolvidos nesta comissão foi o de Walter Lippmann que defendia o que chamava de “revolução na arte da democracia” como forma de “construir o consenso”¹²⁰⁹. Segundo Lippmann:

A teoria ortodoxa sustenta que a opinião pública constitui um julgamento moral sobre um grupo de fatos. A teoria que estou sugerindo é que, no estado atual da educação, a opinião pública é principalmente uma versão moralizada e codificada dos fatos. Estou argumentando que o padrão de estereótipos no centro de nossos códigos determina em grande parte que grupo de fatos veremos e sob que luz os veremos. Por isso, com a melhor vontade do mundo, a política noticiosa de um periódico tende a apoiar sua política editorial; por que um capitalista vê um conjunto de fatos e certos aspectos da natureza humana, literalmente os vê; seu oponente socialista outro conjunto e outros aspectos, e por que cada um considera o outro como irracional ou perverso, quando a diferença real entre eles é uma diferença de percepção¹²¹⁰.

¹²⁰⁶ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013, p. 474-475.

¹²⁰⁷ CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 169.

¹²⁰⁸ CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2015, p. 7.

¹²⁰⁹ Ibid.

¹²¹⁰ LIPPMANN, Walter; CURTIS, Michael. *Public Opinion*. Routledge, 2017, p. 81.

Chamado por Chomsky de “o reitor do jornalismo estadunidense”¹²¹¹, Lippmann defendia a imprensa como forma de influenciar a opinião pública. Acreditava que o público tinha dificuldades em diferenciar o mundo ao seu redor de sua percepção. Desta forma, acreditava que o público poderia ser manipulado caso se conseguisse manipular a percepção do público sobre o mundo. Lippmann entendia que as pessoas tendiam a acreditar melhor nas ficções que na realidade¹²¹².

O período logo após os ataques de Onze de Setembro ilustra como a *Disinformation*, *Misinformation* e a propaganda são particularmente usadas em contextos de guerra. Em aproximadamente 18 meses, os Estados Unidos conseguiram elaborar uma narrativa que justificava a ação bélica baseada em afirmativas que foram posteriormente provadas falsas¹²¹³. Como visto, a construção retórica da guerra do governo Bush especializou os “terroristas” no Afeganistão e Iraque e justificou a agressão definindo os inimigos (talibãs e Hussein) como: 1) amigos dos terroristas; 2) envolvidos com o Onze de Setembro; e 3) antidemocráticos e opressores de seus próprios povos. Sobre o Iraque em especial, uma quarta definição: 4) possuidor de armas de destruição em massa. Esta retórica foi eficaz internamente em um primeiro momento. No entanto, internacionalmente, a guerra (até mesmo a ameaça iraquiana) não era consenso.

Em dezembro de 2002, a *Pew Research Center* divulgou que 84% dos estadunidenses acreditavam que o Iraque representava uma ameaça global. No Reino Unido e Alemanha, esses números eram de 85% e 82%. Na França e Rússia, porém, eram menores: 67% e 55% respectivamente. Nos Estados Unidos, 67% da população alegava que uma invasão ao Iraque se daria devido à ameaça que Hussein representava. No Reino Unido e na Alemanha, 45% e 39%. Na França e Rússia era de 21% e 15%. Por outro lado, 44% dos britânicos, 54% dos alemães, 75% dos franceses e 76% dos russos acreditavam que uma invasão ao Iraque se daria para controlar o petróleo da região. Por fim, enquanto 62% dos estadunidenses apoiavam o uso de força para remover Saddam Hussein do poder, no Reino Unido, Alemanha, França e Rússia esses números eram de 47%, 26%, 33% e 12%¹²¹⁴. Conforme Chomsky:

¹²¹¹ CHOMSKY, Noam. *Necessary illusions: Thought control in democratic societies*. House of Anansi, 1995.

¹²¹² MCBRIDE, David. Walter Lippmann. In: CARLISLE, Rodney P. *Encyclopedia of politics*. Sage, 2005, p. 283.

¹²¹³ LEWANDOWSKY, Stephan. Et al. Misinformation, disinformation, and violent conflict: From Iraq and the “War on Terror” to future threats to peace. *American Psychologist*, v. 68, n. 7, 2013, p. 487.

A maioria da população [estadunidense] rapidamente se convenceu de que o Iraque era uma ameaça iminente para a segurança dos EUA. Pouco depois, quase a metade estava convencida de que o Iraque era o responsável pelos ataques do 11 de setembro. [...] Após setembro de 2002, os EUA converteram-se no único país do mundo em que 60% da população adulta acreditava que o Iraque representava uma ameaça iminente para sua segurança¹²¹⁵.

Uma das explicações para este sucesso da narrativa da guerra, como apontou Lewandowsky, foi a falta de ceticismo na imprensa estadunidense quanto às afirmações presidenciais. Um levantamento acerca da cobertura de redes de televisão após o discurso do secretário Colin Powell na ONU, em fevereiro de 2003, apontou que das 393 fontes usadas pelas reportagens, 75% eram de funcionários do governo ou aposentados. Apenas um – o senador Edward Kennedy – expressou ceticismo quanto à invasão ao Iraque¹²¹⁶. Como demonstrou Lewandowsky:

Se o discurso público é dominado por uma narrativa, então para a maioria das pessoas qualquer informação narrativa-consoante adicional provavelmente será acreditada simplesmente porque é compatível com outras informações na memória. Além disso, a informação que é apresentada repetidamente torna-se particularmente difícil de desalojar por correção se mais tarde se revelar falsa¹²¹⁷.

Outra variável que explica a adoção de *Misinformation* e *Disinformation* como verdadeiras é a autoafirmação, ou seja, o “processo pelo qual as pessoas têm a oportunidade de afirmar seus valores morais básicos”¹²¹⁸. Uma vez que a narrativa se estabelece, a crença pode tornar-se tão arraigada que resiste mesmo sendo provada falsa posteriormente. E, ironicamente, informações factuais, mas adaptadas a uma visão de mundo, podem ser usadas para legitimar uma narrativa falsamente embasada. Como demonstrou Lewandowsky, conservadores que, ainda em 2003, foram informados de que o Iraque não dispunha de armas de destruição em massa, tornaram-se mais propensos a acreditar na existência das armas. De forma semelhante, grupos de centro-esquerda continuaram a acreditar que Bush tinha proibido a pesquisa com células-tronco, mesmo depois de serem informadas que esta afirmação era

¹²¹⁴ PEW RESEARCH CENTER. What the World thinks in 2002. Pew Research Center. Report. December 4, 2002. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2002/12/04/what-the-world-thinks-in-2002/>> Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²¹⁵ CHOMSKY, Noam. Verdades e mitos sobre a invasão do Iraque. *Socialist Register*, 2004. p. 169.

¹²¹⁶ LEWANDOWSKY, Stephan. *Op. Cit.*, 2013, p. 489.

¹²¹⁷ *Ibid.*, p. 490.

¹²¹⁸ *Ibid.*, p. 493.

falsa. Este efeito foi denominado como “efeito de tiro pela culatra” e foi usado para explicar os indivíduos que “contra-argumentam” qualquer informação que confronte sua visão de mundo, seja essa informação verdadeira ou falsa¹²¹⁹. Tem-se aqui mais um contexto facilitador do que Sunstein denominou “assimilação tendenciosa”, fenômeno que auxilia no acirramento de extremismos e promoção de teorias da conspiração.

Lewandowsky apontou que espectadores da *Fox News* estavam mais mal-informados quanto mais atenção prestavam às notícias¹²²⁰. Durante a Guerra do Iraque, a *Fox News* ganhou notoriedade com uma cobertura pró-Bush. Após o Onze de setembro, a rede tomou um pesado patriotismo. Conforme demonstrou Jonathan Morris, a Guerra do Iraque foi acompanhada de perto pela audiência estadunidense, especialmente pelos espectadores da *Fox News* que cobriu o evento com mais frequência. E, embora não se possa mensurar o real impacto da cobertura da mídia sobre a guerra no governo de Bush, um aspecto importante que impactava negativamente a imagem do presidente era o número de fatalidades entre soldados estadunidenses¹²²¹. E, com seu viés nacionalista, A *Fox News* reportava este número abaixo do real. Conforme Morris:

Embora não houvesse nenhum item da pesquisa que indicasse com que proximidade os entrevistados seguiam a cobertura de vítimas, havia um item que media o conhecimento do número de vítimas naquele momento. De toda a amostra, 57% dos entrevistados sabiam a resposta correta (entre quinhentos e mil soldados). 27% da amostra subestimou o número (menos de quinhentos), 9% superestimou (um a dois mil ou mais de dois mil) e 6% disseram não saber quantas mortes ocorreram. [...] Aqueles que assistem com frequência à *Fox News* têm mais probabilidade do que os não-espectadores de subestimar o número de mortos¹²²².

Ao longo de 2003, cresceu nos Estados Unidos a crença de que o Iraque tinha planos para espalhar varíola no país durante a guerra, tanto infectando soldados no Iraque quanto infectando cidadãos estadunidenses em casa, através de “delegados”. Defensora dessa tese foi a jornalista Judith Miller – repórter do *New York Times*, que, em 2008 ingressou na *Fox News*. Miller sustentava sua crença na relação entre a cientista russa Nelja Maltseva, do Instituto Russo de Preparações Virais, com o governo de Bagdá, em 1990. De acordo com Miller,

¹²¹⁹ Ibid., p. 491

¹²²⁰ Ibid., p. 491.

¹²²¹ MORRIS, Graig. 9/11truth. In: KNIGHT, Peter. *The encyclopedia of conspiracies and conspiracy theories*. Checkmark Books, 2006, p. 649

¹²²² Ibid., p. 71.

Maltseva teria vendido ao Iraque uma cepa de varíola que teria causado uma epidemia no Cazaquistão no início dos anos 1970. Maltseva faleceu em 2001, mas seus associados negaram a relação da virologista com o governo iraquiano, afirmando que Maltseva visitou o país apenas uma vez numa campanha global contra a varíola¹²²³.

O “*resgate da soldada Lynch*” é outro exemplo de como a *Misinformation* e *Disinformation* foram usadas pela mídia (neste caso com apoio do próprio exército) na construção retórica da guerra. Jessica Lynch servia como membro da Companhia de Manutenção, pelotão destinado a reparar equipamentos e veículos do Batalhão 5, 52d de combate antiaéreo. Designada para a função de escriturária de suprimentos, Lynch estava no comboio que se perdeu em direção a Bagdá e acabou isolado em território inimigo, próximo a cidade de Nasiriyah. Não sendo uma unidade destinada ao combate, os soldados da Companhia foram facilmente derrotados, muitos foram mortos e vários feitos prisioneiros¹²²⁴. Um ousado e dramático resgate de um soldado ferido e perdido atrás das linhas inimigas tornou-se uma peça de propaganda ideal para desviar as atenções públicas das dificuldades que a guerra vinha apresentando, além de gerar apoio ao esforço de guerra por incitar o nacionalismo. A Dra. Harith al-Houssona, que cuidou de Lynch no hospital em Nasiriyah, relatou que “ela tinha um braço quebrado, uma coxa quebrada e um tornozelo deslocado. Então eu fiz outro exame. Não havia [sinal de] tiro, nenhuma bala dentro de seu corpo, nenhuma facada – apenas RTA [*road traffic accident*]”¹²²⁵. Por volta de meia-noite, *Rangers* do Exército e *Seals* da Marinha invadiram o hospital e resgataram Lynch, levando-a até o helicóptero, tudo gravado por câmera de visão noturna¹²²⁶. Médicos e funcionários do hospital relataram o espanto:

Ouvimos barulho de helicópteros [...]. Ficamos surpresos. Por que fazer isso? Não havia militares, não havia soldados no hospital. [...]. Era como um filme de Hollywood. Eles gritaram, 'Vá, vá, vá', com armas e o som de explosões. Eles fizeram um show - um filme de ação como Sylvester Stallone ou Jackie Chan, com pulos e gritos, arrombando portas.¹²²⁷

¹²²³ WEINBERGER, Eliot. *Op. Cit.* 2006, p. 105- 106.

¹²²⁴ KUMAR, Deepa. War propaganda and the (ab) uses of women: Media constructions of the Jessica Lynch story. *Feminist Media Studies*, v. 4, n. 3, 2004, p. 299.

¹²²⁵ KAMPFNER, John. The Truth about Jessica. *The Guardian*. 15 may 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2003/may/15/iraq.usa2>>. Acesso em 05 de nov. 2023.

¹²²⁶ Ibid.

¹²²⁷ Ibid.

Como observou Deepar Kumar, Lynch tornou-se ao mesmo tempo vítima (donzela em perigo) e heroína. Por um lado, ela foi retratada como a “pequena” e “jovem” membro de uma unidade de não combatentes, vítima de uma emboscada, que precisou ser resgatada. Por outro, foi apresentada como uma não combatente que lutou bravamente¹²²⁸. O *Washington Post* estampou palavras supostamente de um relatório do exército que afirmavam que Lynch havia lutado e atirado em vários soldados inimigos até ficar sem munição. A história foi desmentida pela própria Lynch tempo depois, afirmando que na ocasião sua arma estava travada e que tudo que fez foi se esconder e orar¹²²⁹. O Pentágono afirmou que Lynch havia sido esfaqueada e baleada, e que em cárcere era torturada e agredida em sua cama de hospital. Tais afirmações foram desmentidas pelos funcionários do hospital. O mito do “resgate da soldada Lynch” – termos utilizados na imprensa de forma proposital para evocar o filme “O resgate do Soldado Ryan”¹²³⁰ – ao mesmo tempo em que funcionou como um “meio pelo qual uma guerra polêmica poderia ser discutida em termos emocionais, em vez de racionais”, tornou Lynch um “um símbolo da atitude ‘iluminada’ do Ocidente em relação às mulheres, justificando o argumento de que os EUA estavam ‘libertando’ o povo do Iraque”¹²³¹. O “resgate” tornou-se o evento com cobertura mais amplamente divulgado da guerra em 2003. Como demonstrou Kumar, em duas semanas após a operação, Lynch foi referenciada 919 vezes nos principais jornais dos Estados Unidos, em comparação, Tommy Franks (quem comandava a guerra no período) e Dick Cheney foram referenciados 639 e 549 vezes¹²³², respectivamente.

Em fevereiro de 2004 foi estabelecido o *Iraq Survey Group*, uma iniciativa da coalizão internacional para guerra ao terror, que reunia membros da OTAN. O grupo tinha por propósito encontrar as armas de destruição em massa que o Iraque supostamente possuía. Seu relatório foi entregue em setembro de 2004. Assinado por Charles Duelfer (que havia servido como presidente interino na Comissão Especial da ONU para o Iraque, de 1993 até 2000, e era membro do CFR), o relatório apresenta o seguinte logo em sua abertura:

No final das contas, este não é um produto da Comunidade de Inteligência. Pelo contrário, é o meu [de Duelfer] julgamento independente como Conselheiro Especial

¹²²⁸ KUMAR, Deepa. *Op. Cit.*, 2004, p. 299.

¹²²⁹ *Ibid.*, p. 301.

¹²³⁰ O’CONNELL, Aaron B. Saving Private Lynch: A hyperreal hero in an age of postmodern warfare. *War, Literature and the Arts*, v. 17, p. 1-2, 2005.

¹²³¹ KUMAR, Deepa. *Op. Cit.*, p. 299.

¹²³² *Ibid.*

do Diretor da Central de Inteligência sobre armas de destruição em massa no Iraque. Tive a ajuda de muitas pessoas, mas escolhi orientações e metodologias que não são típicas da comunidade de inteligência. No entanto, em decisões futuras, escolhi o quadro de referência delineado. Onde havia decisões a serem tomadas sobre interpretação ou julgamento, elas são minhas. Esta não será a última palavra sobre a experiência iraquiana com as armas de destruição em massa¹²³³.

O relatório de Duelfer, afirma categoricamente que:

Saddam queria recriar a capacidade de armas de destruição maciça do Iraque – que foi essencialmente destruída em 1991 – depois de as sanções terem sido removidas e a economia do Iraque estabilizada, mas provavelmente com uma combinação de capacidades diferente daquela que existia anteriormente. Saddam aspirava desenvolver uma capacidade nuclear – de forma incremental, independentemente da pressão internacional e dos riscos econômicos resultantes – mas pretendia concentrar-se nas capacidades de mísseis balísticos e de guerra química tática [...] O antigo regime não tinha nenhuma estratégia ou plano formal escrito para o renascimento das armas de destruição em massa após as sanções¹²³⁴.

Em suma, o relatório reconhece uma tradição iraquiana com armas de destruição em massa e armas químicas e que, embora o arsenal iraquiano tivesse sido extinto após a primeira Guerra do golfo, Saddam manifestava intenção de recriá-lo mesmo sob sanções internacionais. Em outros termos o relatório trata-se de um documento oficial, de caráter internacional que, na prática, atesta que o Iraque não possuía armas de destruição em massa.

Ainda em 2004 foi estabelecido também o *Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction*. Liderado por Laurence Silberman (ex-Juiz do Tribunal de Revisão de Vigilância de Inteligência Estrangeira dos Estados Unidos e, na época, membro do CFR) e Charles (Chuck) Robb (Senador e membro do CFR), o grupo contava ainda com: John McCain (na época, senador e membro do CFR); Lloyd Cutler (ex-conselheiro da Casa Branca dos presidentes Jimmy Carter e Bill Clinton e membro do CFR); Patricia Wald (juíza aposentada do Tribunal de Apelações do Capitólio); Rick Levin (na época presidente da Universidade de Yale); William Studeman (ex-vice-diretor da CIA, ex-diretor da Agência de Segurança Nacional e almirante aposentado); Charles Vest (ex-presidente do MIT); Henry S. Rowen (ex-secretário adjunto de Defesa para Assuntos de Segurança Internacional, presidente do Conselho Nacional de Inteligência, presidente da

¹²³³ CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. Comprehensive Report of the Special Advisor to the DCI on Iraq's WMD, with Addendums (Duelfer Report). Central Intelligence Agency. April 25, 2005. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/app/details/GPO-DUELFERREPORT>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²³⁴ Ibid.

RAND Corporation e membro do CFR)¹²³⁵. O relatório final, entregue ao presidente em março de 2005, com mais de 600 páginas, afirmava:

Embora os serviços de inteligência de muitas outras nações também pensassem que o Iraque tinha armas de destruição em massa, no final foram os Estados Unidos que colocaram a sua credibilidade em risco, tornando esta uma das falhas de inteligência mais públicas – e mais prejudiciais – dos últimos tempos. [...] Este fracasso foi em grande parte resultado de deficiências analíticas; os analistas de inteligência estavam demasiado apegados às suas suposições sobre as intenções de Saddam. [...] As avaliações da Comunidade de Inteligência sobre o Iraque foram, em suma, crivadas com erros [...] A maioria dos erros fundamentais foram cometidos e comunicados aos formuladores de políticas [...] A primeira lição é a de que a Comunidade de Inteligência não pode analisar e divulgar informações que não possui¹²³⁶

Mas Bush não foi o único a batalhar com os fatos no início do século XXI. Como discutido acima, os acontecimentos do Onze de Setembro compunham um evento histórico na sociedade estadunidense. Os sentimentos de ruptura, as reações sociais e políticas, as tomadas de decisões e mesmo na cultura pop¹²³⁷ caracterizaram mudanças nas estruturas políticas, sociais, religiosas, jurídicas, mercadológicas, epistêmicas, entre outras. Porém, como aponta Barkun, parte desse sentimento de ruptura não foi experimentado pelos teóricos da conspiração dos Estados Unidos¹²³⁸.

Embora a narrativa de guerra (oficial e apoiada por diferentes think tanks) apontasse para o Afeganistão e para o Iraque como respostas para a crise estabelecida pós-ataque, a corrente conspiratória construída ao longo dos anos 1960, e recalibrada nos anos 1990 para desconfiar diretamente se seu próprio governo, enxergou os acontecimentos como elementos basilares da antiga teoria da Nova Ordem Mundial.

¹²³⁵ COMMISSION ON THE INTELLIGENCE CAPABILITIES OF THE UNITED STATES REGARDING WEAPONS OF MASS DESTRUCTION. *Unclassified. Version of the Report of the Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction*. Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction. March 31, 2005. Disponível em: < <https://www.govinfo.gov/app/details/GPO-WMD> >. Acesso em 05 de nov., 2023, p. 4.

¹²³⁶ Ibid.

¹²³⁷ MATIN, Amy; CERABONE, Ron. How September 11 impacted and changed media and pop culture. *The New York Times*. September 11, 2021. Disponível em: <<https://www.canberratimes.com.au/story/7414061/after-911-the-imprint-left-on-pop-culture/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²³⁸ BARKUN, Michael. *A Culture of Conspiracy*. Apocalyptic Visions in Contemporary America. Berkeley and Los Angeles, California: University Of California Press, 2003, p. 158.

De acordo com Morris¹²³⁹, diferentes teorias conspiratórias emergiram depois dos ataques. As mais populares diziam que: 1) O governo estava ciente de que o ataque aconteceria e não o impediu para capitalizar com a tragédia; e 2) O governo foi o responsável pelos ataques.

A princípio, houve uma dificuldade de reconhecer em Osama Bin Laden a autoria dos ataques¹²⁴⁰. Alguns chegavam a afirmar que o terrorista nem mesmo existia. Como discute Beáta Sáfrany, desde os ataques, a rede de TV do Catar Al-Jazeera transmitiu diversos vídeos de Bin Laden. Estes vídeos levaram conspiracionistas a questionar as versões oficiais sobre os ataques. Em alguns vídeos, Bin Laden apareceria usando relógios e anéis (práticas supostamente proibidas pela fé islâmica). Outra alegação repousava na comparação entre aparições em vídeos de 2004 e de 2007, nas quais o “suposto terrorista” aparecia mais jovem em 2007 que em 2004¹²⁴¹.



Fonte: SÁFRANY, Beáta. 9/11 Conspiracy Theories. *Hungarian Journal of English and American Studies* (HJEAS), Spring, 2013, v. 19, n. 1, pp. 11-30.

¹²³⁹ MORRIS, Jonathan S. The Fox news factor. *Harvard international journal of press/politics*, v. 10, n. 3, p. 56-79, 2005, p. 649.

¹²⁴⁰ Ibid.

¹²⁴¹ SÁFRANY, Beáta. 9/11 Conspiracy Theories. *Hungarian Journal of English and American Studies* (HJEAS), Spring, 2013, v. 19, n. 1, pp. 11-30.

Ou seja, concluía-se que ou Bin Laden não levava sua religião a sério, ou não passava de um ator. Outra alegação usada para defender que os ataques foram uma ação interna apontava para supostas provas de que os sequestradores dos aviões “bebiam muito, adoravam carne de porco e visitaram clubes de *strip-tease* no dia anterior ao ataque”¹²⁴², e que, portanto, não seriam fanáticos religiosos, mas sim agentes americanos.

Conforme Barkun, a revista conservadora *Free American* reconheceu o papel de Bin Laden nos ataques, mas caracterizou as respostas antiterroristas como “meio de controlar os oponentes da Nova Ordem Mundial. A ‘defesa interna’ era apenas um disfarce para um ‘estado policial militar’”¹²⁴³. Milton William Cooper, que dez anos antes havia publicado seu livro *Behold a Pale Horse*, publicou o artigo *Who Benefits? The Question No One Dares to Ask!* em seu blog pessoal. No artigo, Cooper argumenta:

Os ataques terroristas ao *World Trade Center* e ao Pentágono? Posso afirmar que nenhuma nação árabe se beneficia. Posso dizer-lhe que nenhum muçulmano se beneficia. [...] Como a maioria dos americanos, olhei para o mundo árabe em busca da origem do ataque, não porque fosse a resposta mais óbvia, mas porque fui programado pela mídia para olhar apenas nessa direção [...]. Então, quem se beneficia? A resposta é óbvia e muito perturbadora. Todos os envolvidos no negócio petrolífero serão beneficiados, especialmente a família Bush e os seus parceiros comerciais. Todos no complexo industrial de defesa serão beneficiados. As Nações Unidas serão beneficiadas [...]. A tirania em nome da segurança beneficiará e governará o povo americano¹²⁴⁴.

Em novembro de 2001, Cooper faleceu vítima de um disparo após uma troca de tiro com o xerife em *Apache County*, Colorado. O teórico da conspiração era foragido da justiça, acusado de evasão fiscal e fraude bancária desde 1998. No entanto, embora seu paradeiro fosse conhecido, não houve tentativa de prisão, pois Cooper “era conhecido por andar armado e alegava que nunca seria capturado vivo.”¹²⁴⁵ A ação policial que levou Cooper a morte, contudo, não teve relação com sua evasão fiscal, mas sim devido uma acusação de agressão. Antes que as forças policiais chegassem, “Cooper enviou um e-mail aos amigos dizendo: ‘Vou ... tentar matar o máximo que puder antes que eles me matem’”¹²⁴⁶. Embora a ação

¹²⁴² Ibid.

¹²⁴³ BARKUN, Michael Op. Cit. 2003 p. 161.

¹²⁴⁴ COOPER, William. *Who Benefits? The question no one dares to ask!* Disponível em: <<https://www.islamawareness.net/Terrorist/Wtc/benefit.html>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁴⁵ BARKUN, Michael Op. Cit., 2003, p. 165.

¹²⁴⁶ The Southern Poverty Law Center. Conspiracy Theorist Slain in Police Shootout. SPLC. March 05, 2002. Disponível em: <<https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2002/conspiracy-theorist-slain->

policial não tivesse relação alguma com o governo federal, a morte de Cooper, em especial devido sua proximidade com o Onze de Setembro, foi tomada como execução por teóricos da conspiração. Hal Turner, radialista e teórico da conspiração, questionou em seu programa se Cooper havia sido “vítima de sua própria boca” ou de uma “armação”¹²⁴⁷

Alex Jones publicou em 2002 o livro *9-11: Descent Into Tyranny: the New World Order's Dark Plans to Turn Earth Into a Prison Planet*. Na obra, o futuro *podcaster* afirmou que não só Bush tinha conhecimento dos ataques, como os preparou. Além disso, Jones alegou que o CFR arquitetou o ataque para instaurar um “governo global”. Nas palavras de Jones: “Alguns anos atrás, o homem comum na rua se recusava a admitir a possibilidade de um governo mundial. Agora, esse mesmo indivíduo vai gritar: ‘Sim, existe um governo mundial, e precisamos dele para nos proteger do terrorismo!’”¹²⁴⁸.

Além dos motivos e perpetradores dos ataques serem questionados, os próprios acontecimentos também o foram. Como ressalta Resende, os ataques foram alçados à categoria de espetáculo. Não só foram transmitidos ao vivo, como foram registrados por dezenas de canais de notícias e gravações amadoras. Além de terem sido repetidamente reproduzidas não só por meios tradicionais, como também em blogs e *websites*¹²⁴⁹. Porém, a extensão dos registros e informações disponíveis, em vez de levar a uma melhor compreensão dos acontecimentos, fomentou a desconfiança, apontando possíveis provas de contradições e armações. As principais alegações foram, conforme Dave Thomas, de que: 1) as Torres desabaram em acelerações de queda livre, apesar da resistência dos andares inferiores; 2) explosivos de nanotermite e de nível militar foram encontrados na poeira das torres; 3) a Torre 7, que não foi atingida por um avião, desabou perfeitamente¹²⁵⁰. Cada uma das alegações foi desmentida pelo relatório da *9/11 Commission*. No entanto, ao longo da década, diversas organizações foram formadas para promover a “verdade” sobre o Onze de setembro. Muitas delas integrada por acadêmicos e profissionais de renome.

[police-shootout](#)>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁴⁷ BARKUN, Michael *Op. Cit.* 2003, p. 166.

¹²⁴⁸ JONES, Alex. *9-11: Descent Into Tyranny*. Hearthstone Publishing: Oklahoma. 2002, p. 6.

¹²⁴⁹ RESENDE, Erica. *Op. Cit.* 2012, p. 127.

¹²⁵⁰ THOMAS, Dave. The 9/11 Truth Movement: The Top Conspiracy Theory, a Decade Later. *Skeptical Inquirer*, v. 35, n. 4. 2011. Disponível em: <<https://skepticalinquirer.org/2011/07/the-911-truth-movement-the-top-conspiracy-theory-a-decade-later/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

Em junho de 2004 foi fundado o *911Truth.org*, uma organização que apresentava como missão:

Expor as mentiras oficiais e o encobrimento em torno dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001 [...]. Promover e, em parte, fornecer o que há de melhor em reportagem investigativa, pesquisa acadêmica e educação pública sobre as realidades reprimidas do 11 de setembro, suas consequências e exploração para fins políticos [...]. Procurar justiça e reparação para os injustiçados no dia 11 de setembro¹²⁵¹.

A organização reconhecendo a pluralidade das correntes conspiratórias que questionavam os acontecimentos do Onze de Setembro, reconheceu-se não como “uma coisa singular, mas um fluxo multifacetado sobre um terreno complexo”¹²⁵². Promovendo encontros e uma série de publicações online, a organização contou com nomes como: Paul Craig Roberts (Doutor pela *University of Virginia*, ex-editor associado do *The Wall Street Journal*, ex-pesquisador da *Hoover Institution*, e, na época, presidente da *Institute for Political Economy*)¹²⁵³; Peter Dale Scott (ex-diplomata canadense e professor de inglês na *University of California*, em Berkeley, e cofundador do *Peace and Conflict Studies Program*, também em Berkeley)¹²⁵⁴; David Ray Griffin (fundador do *Center for Process Studies*, um centro de pesquisa da *Claremont School of Theology*. Ex-pesquisador da *Cambridge University* e de Berkeley. E professor na *Claremont School of Theology* e *Claremont Graduate University*)¹²⁵⁵ entre outros professores universitários, pesquisadores, jornalistas e afins.

O físico Steven E. Jones, na época professor da *Brigham Young University* (BYU) e reconhecido no meio acadêmico por suas pesquisas sobre fusão catalisada por múons e geofusão, pouco depois dos ataques, passou a produzir artigos e vídeos defendendo a tese de que a queda das torres foi devida implosão controlada¹²⁵⁶. Em 2005, Steven Jones apresentou uma série de palestras em diferentes universidades e, por fim, depositou o artigo *Why Indeed Did the WTC Buildings Collapse?* no repositório da Universidade *Brigham Young*. Porém,

¹²⁵¹ 911TRUTH.ORG. Our Mission. *911truth.org*. Disponível em: <<https://911truth.org/mission/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁵² Idem. History of the 9-11 Truth Movement. *911truth.org*. May 1, 2004. Disponível em: <<https://911truth.org/history-911-truth-movement/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁵³ PAULCRAIGROBERTS.ORG. Paul Craig Roberts. Home Page. Disponível em: <<https://www.paulcraigroberts.org>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁵⁴ PETER DALE SCOTT. Home Page. Disponível em: <<https://www.peterdalescott.net>>. Acesso em 05 de nov. 2023.

¹²⁵⁵ 911TRUTH.ORG. Dr. David Ray Griffin. *911truth.org*. Disponível em: <<https://911truth.org/author/drg/page/2/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁵⁶ THOMAS, Dave. *Op. Cit.*, 2011.

esta publicação gerou desconforto junto à comunidade acadêmica da BYU, e a administração da universidade encontrou-se em um dilema. Por um lado, o professor acumulava considerável prestígio devido seu trabalho, desenvolvido por mais de vinte anos na universidade; por outro, a universidade reconhecia estar preocupada “com a natureza cada vez mais especulativa e acusatória dessas declarações do Dr. Jones. [...] A BYU continua preocupada porque os trabalhos do Dr. Jones sobre este tópico não foram publicados em espaços científicos apropriados.”¹²⁵⁷

Após ser afastado da BYU, James fundou a *Scholars for 9/11 Truth*, servindo como copresidente (junto de James H. Fetzer, professor na *University of Minnesota Duluth*). Porém, ainda em 2006, devido a disputas internas – Jones alegou que Fetzer caluniou suas pesquisas no próprio site da organização – Steven Jones se desligou da *Scholars for 9/11 Truth* e, junto de outros ex-membros, fundou a *Scholars for 9/11 Truth & Justice*¹²⁵⁸. No entanto, Jones não atuou administrativamente na nova organização. Além disso, na mesma época, foi coeditor da revista *Journal of 9/11 Studies*, um “periódico revisado por pares, somente eletrônico, que cobre pesquisas relacionadas aos eventos de 11 de setembro de 2001.”¹²⁵⁹

No mesmo período, o arquiteto Richard Gage fundou o *Architects & Engineers for 9/11 Truth (AE911Truth)*. Uma organização sem fins lucrativos, de arquitetos e engenheiros, com a missão de conduzir pesquisas e educar “o público sobre as evidências científicas relacionadas com a destruição das três torres do *World Trade Center*”¹²⁶⁰. Conforme Thomas, o *AE911Truth* “proporcionou aos ‘Truthers’ a capacidade de afirmar que milhares de profissionais de engenharia e arquitetura exigem uma nova investigação sobre a causa dos ataques”¹²⁶¹. O grupo passou a viajar o mundo apresentando trabalhos, coletivas de empresa e debates, em especial nos aniversários dos ataques.

¹²⁵⁷ KSL.COM. BYU Professor on Paid Leave for 9-11 Theory. *KSL.com*. September 8, 2006. Disponível em: <<https://www.ksl.com/article/476951/byu-professor-on-paid-leave-for-9-11-theory>>. Acesso em 05 de nov. 2023.

¹²⁵⁸ SCHOLARS FOR 9/11 TRUTH AND JUSTICE. Scholars for 9/11 Truth & Justice: Frequently Asked Questions. *Scholars for 9/11 Truth & Justice*. Disponível em: <<http://stj911.org/faq.html>>. Acesso em 05 de nov., de 2023.

¹²⁵⁹ JOURNAL OF 9/11 STUDIES. About. *Journal of 9/11 Studies*. Disponível em: <www.journalof911studies.com>. Acesso em 05 de nov., de 2023.

¹²⁶⁰ ARCHITECTS AND ENGINEERS FOR 9/11 TRUTH. Our mission. *Architects & Engineers for 9/11 Truth*. Disponível em: <<https://www.ae911truth.org/mission>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁶¹ THOMAS, Dave. *Op. Cit.*, 2011.

Em junho de 2006, o *Embassy Suites Hotel*, em Chicago, recebeu o *International Education and Strategy Conference for 9/11 Truth*. O jornal *New York Times* definiu o evento como “meio feira comercial, meio convenção política”¹²⁶², com mais de 500 participantes:

Um grupo que, em sua base, inclui professores, operadores de motosserra, mães, engenheiros, ativistas, vendedores de livros usados, entregadores de pizza, estudantes universitários, um ex-candidato marginal ao Senado dos Estados Unidos e um sujeito de cabelos compridos chamado hummux (pronuncia-se who-mook) que, intermitentemente, viveu em uma caverna por 15 anos¹²⁶³.

Michael Berger, na época diretor de imprensa da *911Truth.org*, que patrocinou o evento, disse: “Sentimos que neste momento fizemos muitas pesquisas sólidas, mas o público americano ainda não está informado”¹²⁶⁴.

Ainda em 2006, dois estudantes da *University of Texas* lançaram o site *Project for the New American Citizen*, como uma “organização não partidária dedicada a educar e capacitar os cidadãos de amanhã”¹²⁶⁵, com o objetivo de questionar as atividades e autoridades. O manifesto atestava que “acima de tudo, acreditamos que uma cidadania bem-educada é a melhor defesa contra a tirania.”¹²⁶⁶.

O projeto trazia a sigla PNAC propositalmente, como uma paródia ao *Project for the New American Century*, think tank o qual os estudantes definiam como “imperialista”. Além de manter fóruns de debate na internet, promover eventos e encontros, o projeto mantinha uma lista de links para documentários catalogada em 5 categorias: *Sptember 11, 2001*; *Bank/Currency*; *New Wolrd Order/Globalism*; *Secret Societies/Iluminati*; e *Health/Medice*¹²⁶⁷. O *PNACitizen* foi, portanto, um movimento conspiratório emergido de um corpo estudantil de uma universidade que, apoiado por uma série de acadêmicos, promoveu teorias da conspiração.

¹²⁶² FEUER, Alan. 500 Conspiracy Buffs Meet to Seek the Truth of 9/11. The New York Times. June 5, 2006. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2006/06/05/us/05conspiracy.html>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁶³ Ibid.

¹²⁶⁴ Ibid.

¹²⁶⁵ PROJECT FOR A NEW AMERICAN CITIZEN. What is A Project for a New AMerican Citicen? *Project for a New American Citizen*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070830034957/http://pnacitizen.org/what_is_pnac.php>. Acesso em 05 nov., 2023.

¹²⁶⁶ Ibid.

¹²⁶⁷ Idem. PNAC Documentary Film Categories. *Project for a new american citizen*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070829093439/http://pnacitizen.org/pnac_documentary_films.php>. Acesso em 05 de nov., 2023.



Fonte: PROJECT FOR A NEW AMERICAN CITIZEN. Events, Rebuilding America's Sense. *Project for a New American Citizen*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070901063540/http://www.pnacitizen.org/41407event.php>> Acesso em 5 nov. 2023.

Os casos do *Architects & Engineers for 9/11 Truth* e do *Scholars for 9/11 Truth* são exemplos de movimentos conspiratórios emergidos de dentro do campo acadêmico e científico. Diferente de teóricos “conspiratórios tradicionais” – de relevante alcance e forte teor anti-intelectual, mas marginais politicamente (como Rush Limbaugh, William Cooper e Alex Jones) – esses movimentos emergidos entre acadêmicos promoveram um verniz científico para as alegações conspiratórias. Michael Riley, repórter para o *The Denver Post*, relatou como o público se aproximava de figuras como Steve E. Jones após uma palestra na *University of Denver*:

Um homem com um “*Got Truth?*” na camiseta oferece a Jones uma explicação cuidadosa de pôr que os aviões que caíram no *World Trade Center* foram operados por controle remoto. Outro o questiona sobre o tamanho da pegada do acidente do Pentágono [...] “Posso apenas apertar sua mão?” uma mulher com um suéter vermelho largo pergunta a Jones. “Você está fazendo um trabalho tão importante.”¹²⁶⁸

É preciso, no entanto, destacar que havia uma diferença elementar na postura destas duas “alas” do conspiracionismo estadunidense no pós-onze de setembro. Enquanto os “conspiratórios tradicionais” dedicavam-se a apontar para o governo federal como culpado, os “conspiratórios da academia”, em um movimento semelhante ao executado por think tanks para contestar os debates sobre Mudanças Climáticas no início dos anos 2000 (em especial quando Bush anunciou a retirada dos EUA do protocolo de Kyoto), dedicavam-se a deslegitimar a “explicação oficial”. Steve Jones não proclamava abertamente que os ataques foram executados a mando do governo, mas limitava-se a dizer: “merece explicação. O que pedimos é mais estudos e uma grande investigação”¹²⁶⁹.

A iniciativa oficial de “grande investigação” tinha sido o *9/11 Commission*. Instaurado em novembro de 2002, a iniciativa explicitou em seu relatório final (publicado em 2004) que seu objetivo era de responder à questão de “como isso aconteceu e como podemos evitar que aconteça novamente?”¹²⁷⁰. Assim, ocuparam-se em investigar as circunstâncias que levaram ao ataque, incluindo as falhas de inteligência, de controle de fronteiras, de agências policiais, da aviação comercial e mais. O grupo contou com dez membros que assinaram o relatório; dois diretores, um conselheiro e mais 78 funcionários. E efetivou um exercício massivo de investigação, com mais de 2,5 milhões de documentos revisados e 1.200 entrevistas realizadas¹²⁷¹, que resultaram em um relatório de mais de 500 páginas com análises e recomendações. No entanto, o volume não impressionou os “teóricos da conspiração tradicionais”. Antes mesmo da Comissão finalizar seus trabalhos e publicar seu relatório, o *911truth.com* lançou o livro *Scamming America: The 9/11 Cover-Up Guide*, no qual criticava a ação da Comissão alegando que ela estava a serviço do governo com o objetivo de encobrir

¹²⁶⁸ RILEY, Michael. Backers hail 9/11 theorist’s speech. *The Denver Post*. October 29, 2006. Disponível em: <<https://www.denverpost.com/2006/10/29/backers-hail-911-theorists-speech/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁶⁹ Ibid.

¹²⁷⁰ THE NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. *Op. Cit.* 2004, p. XV

¹²⁷¹ Ibid., p. XV.

a participação deste nos ataques, ignorando deliberadamente uma série de questões levantadas pelas famílias das vítimas. Em determinada passagem a obra afirma:

É difícil descartar estas preocupações como “teoria da conspiração” quando muitos funcionários da administração Bush usaram a teoria da conspiração mais ultrajante de todas – a lenda de que Saddam apoiou os ataques de 11 de Setembro – como pretexto para invadir o Iraque¹²⁷².

O livro deslegitimou os trabalhos da Comissão chamando atenção para as ligações entre os membros da iniciativa e a administração Bush. Além disso, observa-se que dos dez membros que assinaram o relatório, cinco eram membros do CFR, incluindo Thomas Kean e Lee Hamillton, presidente e vice-presidente da Comissão. O diretor executivo era Philip Zeilikow, membro do CFR e da *Hoover Institution*. Em um artigo de 2005, o *911truth.com* acusa o CFR de guiar o país para guerras desde os anos 1950: “usaram o prestígio que a sua riqueza, sua posição social e a sua educação lhes proporcionaram para conduzir o seu país à falência e ao desastre militar”¹²⁷³.

Portanto, embora haja uma distinção elementar na postura dos “conspiratórios tradicionais” e dos “conspiratórios da academia”, na prática, ambas estratégias geram o mesmo efeito, o anti-intelectualismo e a desconfiança no Estado e nas agências de pesquisa. Mas, além, estas “alas” “tradicionais” e “acadêmicas” correspondem apenas a um grupo de conspiratórios que se manifestaram no pós-Onze de setembro. Conforme Barkun, pode-se reconhecer dois grupos: os “conspiratórios” (subdivididos nos dois grupos abordados nos parágrafos acima), e os “religiosos”¹²⁷⁴.

Como aponta Barkun, uma semana após os eventos do Onze de Setembro, a “ala” do “conspiracionismo religioso” já começou a elaborar análises sobre o fim dos tempos. O Oriente Médio é carregado de representações para as expectativas religiosas para o fim dos tempos e, nas palavras de Barkun: “Eles não tinham dúvidas de que os ataques tinham importância escatológica”¹²⁷⁵. Conforme Thomas Kidd¹²⁷⁶, embora os detalhes tenham

¹²⁷² 9/11 TRUTH.ORG. *Scamming America: The 9/11 Cover-Up Guide*. New York: NY 9/11Truth, 2004. p. 5.

¹²⁷³ SHAW, Charles. Gatekeepers of the So-Called Left. *911truth.org*. May 3, 2005. Disponível em: <<https://911truth.org/gatekeepers-so-called-left/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

¹²⁷⁴ BARKUN, Michael. *Op. Cit.*, 2003, p. 158.

¹²⁷⁵ Ibid.

¹²⁷⁶ KIDD, Thomas. *Islam in Apocalyptic Perspective*. Center for Christian Ethics at Baylor University. 2010, p. 46.

mudado com o tempo, os evangélicos estadunidenses especulam sobre a relação entre Islã e Fim do Mundo há muito tempo. Kidd aponta para como importantes reverendos do início do século XVIII produziam sobre a relação do cristianismo com outras religiões. Em 1723, o reverendo Jonathan Edwards (que em 1758 viria a se tornar presidente de *Yale*) elaborou suas reflexões sobre o livro das revelações, da Bíblia. Publicado como “*Notes on the Apocalypse*” o texto argumentava que o reino de Satanás seria composto de três partes: o falso reino cristão (o catolicismo romano), o reino do falso profeta (o islâmico) e, por fim, o reino pagão. Edwards defendia que no fim dos tempos, os três se uniriam, mas que seriam destruídos simultaneamente¹²⁷⁷.

De acordo com Kidd, diversos estudiosos religiosos estadunidenses dos séculos XVII e XVIII acreditavam que a maioria das profecias apocalípticas da Bíblia já haviam sido cumpridas. Um dos exemplos mais notáveis de profecia cumprida seria Apocalipse 9:2-3: (“E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar. E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra”). Segundo Kidd, uma interpretação comum era de que a passagem se referia ao islamismo¹²⁷⁸. O autor ainda aponta para a crença de que Apocalipse 16:12 (“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente”), referia-se à derrota do Império Otomano. Em 1798, Timothy Dwight (Já presidente de *Yale*) defendeu que o Islã perderia poder na Turquia e na Pérsia (hoje Irã) e que isso era uma confirmação de que a volta de Jesus se aproximava¹²⁷⁹.

Já ao início do século XX, a tomada britânica de Jerusalém foi interpretada através de Lucas 21:24, passagem que dizia que a cidade seria “pisada pelos gentios”, até que os tempos dos gentios se completasse. Assim, argumenta Kidd, as especulações proféticas sobre o retomo dos judeus à Palestina ganhou novas formas ao final da Primeira Guerra Mundial¹²⁸⁰. Com a independência de Israel e as guerras árabe-israelenses de 1948-1949, muitos evangélicos viram os acontecimentos pelas lentes apocalípticas e “passaram a ver os árabes

¹²⁷⁷ Idem. “Is It Worse to Follow Mahomet than the Devil?” *Early American Uses of Islam*. *Church history*, v. 72, n. 4, 2003, p. 784.

¹²⁷⁸ KIDD, Thomas. *Op. Cit.* 2010, p. 40.

¹²⁷⁹ Ibid.

¹²⁸⁰ Ibid. p. 41.

palestinos como estando do lado errado da história escatológica”¹²⁸¹. Kidd conclui que ao longo dos anos 1960, os evangélicos estadunidenses já haviam se acostumado a interpretar as notícias sobre o Oriente Médio como referências às profecias. A Guerra dos Seis Dias (1967) foi interpretada como o fim dos tempos dos gentios. Em 1971, o pastor Hal Lindsey publicou o livro *The Late Great Planet Earth* no qual afirmou que Israel estaria próximo de reconstruir o templo de Salomão e que o Domo da Rocha – que impediria a construção – seria destruído em um terremoto.

Segundo a Bíblia, a crise no Médio Oriente continuará a agravar-se até ameaçar a paz do mundo inteiro. O foco de todas as nações estará neste problema insolúvel e complexo que continua a levar o mundo ao precipício de um holocausto termonuclear. [...] É através de uma solução ingênua do problema do Médio Oriente que o Anticristo cumprirá a sua promessa de trazer a paz a um mundo aterrorizado pela guerra. Depois disso, ele rapidamente colocará todas as nações sob seu controle [...] Montando na crista do culto público, o ditador romano irá a Jerusalém e no Templo se proclamará como o Deus encarnado.¹²⁸²

Lindsey ainda afirma que na medida em que os Estados Unidos perdessem poder internacional, países europeus unir-se-iam. Os “Estados Unidos da Europa” seriam compostos por dez países. A União Europeia foi tomada por Lindsey como a “base” para esta “coligação mais poderosa do planeta” que impediria o “domínio comunista do mundo” e controlaria, “por um breve período, tanto a Rússia como a China Vermelha através do gênio personificado do Anticristo”, que se tornaria “o governante da confederação europeia.”¹²⁸³.

Lindsey apresentava o programa *International Intelligence Briefing*, veiculado pela rede de televisão evangélica *Trinity Broadcasting Network*. Também atuou como conselho executivo da *Christian Voice*, uma “agência de lobby político” e “organização educacional que representa os valores tradicionais americanos no Congresso e em todo o país”¹²⁸⁴. Fundada em 1978, a *Christian Voice* foi resultado dos esforços de Robert Grant, Pat Robertson e Paul Weyrich. Este último, cofundador dos think tanks *Heritage Foundation*, *Free Congress Foundation* e *American Legislative Exchange Council*. Além, cofundador do movimento *Moral Majority*. Kidd provoca afirmando que o sucesso de vendas de Lindsey acrescentou

¹²⁸¹ Ibid.

¹²⁸² LINDSEY, Hal; CARLSON, Carole. *The late great planet earth*. Zondervan, 1970, p. 151-152.

¹²⁸³ Ibid., p. 185.

¹²⁸⁴ CHSITIAN VOICE. About us. Christian Voice. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100108141928/http://www.christianvoiceonline.com/about/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

uma nova dinâmica nas previsões apocalípticas dos evangélicos estadunidenses, o comercialismo: “Uma série de escritores desde 1970, incluindo os mais famosos Tim LaHaye e Jerry Jenkins, os autores da série *Left Behind*, mostraram aos editores o potencial gigantesco dos livros populares sobre profecia”¹²⁸⁵.

Em resposta à Guerra de Yom Kippur (1974), o pastor e presidente do *Dallas Theological Seminary* John Walvoord publicou seu *Armageddon, Oil, and the Middle East Crisis*, livro no qual “aproveitou o interesse pelos acontecimentos mundiais daquela época como uma oportunidade única para mostrar como esses acontecimentos apontavam para o cenário bíblico para o fim dos tempos”¹²⁸⁶. Dezesesseis anos depois o livro foi reeditado para incluir os acontecimentos da Guerra do Golfo (1990-1991) e, novamente, em 2007 para incluir os acontecimentos da Guerra do Iraque. No prefácio da edição de 2007 chega-se a afirmar:

O Dr. Walvoord talvez tenha ficado menos chocado com os acontecimentos ocorridos em 11 de setembro de 2001 do que muitos de seus contemporâneos. Ele havia previsto a ascensão do terrorismo islâmico. Ele previu que o terrorismo e o acesso ao petróleo estariam no centro dos acontecimentos do fim dos tempos que abalariam o mundo¹²⁸⁷.

Como resume Kidd, o livro de Walvoord vendeu, ao todo, milhões de cópias e embora não tenha se distanciado das teorias proféticas anteriores, deu à questão do petróleo e à Organização dos Países Exportadores de Petróleo uma nova centralidade nos acontecimentos do fim dos tempos. “A ganância global pelo petróleo prepararia o caminho para uma aliança Europa/Médio Oriente que Walvoord chamou de ‘Confederação Mediterrânica’, a organização de nações que o Anticristo acabaria por governar”¹²⁸⁸.

Em suma, muito antes do Onze de Setembro, o Islã e o Oriente Médio desempenhavam papéis centrais na visão de mundo apocalíptica de uma parcela da população religiosa estadunidense. No entanto, os eventos de 2001, nas palavras de Kidd, “aguçaram a atenção dos conservadores protestantes para o Islã como nenhum outro acontecimento”¹²⁸⁹. Pouco

¹²⁸⁵ KIDD, Thomas. *Op. Cit.*, 2010, p. 51.

¹²⁸⁶ WALVOORD, John; WALVOORD, John. *Armageddon, oil, and the Middle East crisis*: JFW Publishing Trust, 2000, p. VIII.

¹²⁸⁷ *Ibid.*, p. VIII.

¹²⁸⁸ KIDD, Thomas. *Op. Cit.*, 2010, p. 52.

¹²⁸⁹ *Ibid.*, p. 48.

após o atentado, o reverendo Franklin Graham (na época presidente da *Billy Graham Evangelistic Association* e da *Samaritan's Purse*) chamou o Islã de “religião muito má e perversa”¹²⁹⁰. Jerry Falwell, cofundador da *Moral Majority*, apresentador do programa *The Old-Time Gospel Hour* e fundador da *Liberty University*, afirmou durante o programa *60 Minutes* que “Maomé era um terrorista”¹²⁹¹. Já o televangelista John Hagee reconheceu que “a Terceira Guerra Mundial havia começado e que aumentaria a partir deste dia até a Batalha do Armagedom”¹²⁹².

No entanto, o Islã não foi o único inimigo identificado. Ao *The 700 Club* (programa de televisão da *Christian Broadcasting Network*, na época apresentada por Pat Robertson) Falwell afirmou:

Eu realmente acredito que os pagãos, e os abortistas, e as feministas, e os gays e as lésbicas que estão tentando ativamente fazer disso um estilo de vida alternativo, a ACLU [*American Civil Liberties Union*], *People For the American Way*, todos eles que tentaram secularizar a América. Eu aponto o dedo na cara deles e digo 'você ajudou isso a acontecer' [...] Portanto, acredito que isso criou um ambiente que possivelmente fez com que Deus levantasse o véu de proteção que não permitiu que ninguém atacasse a América em nosso solo desde 1812.¹²⁹³

Em muitos aspectos, a retórica evangélica para racionalizar os ataques de Onze de Setembro reverberou o princípio jeremiada de ver o mundo. Nesta lógica, os ataques ocorreram por uma ação de um inimigo externo tramando contra a “América” (globalistas e afins a serviço do anticristo) ou pela falta de fé da “geração atual”.

O Onze de setembro, portanto, além de ser caracterizado como um evento histórico de importante impacto nas estruturas políticas, comerciais e jurídicas dos Estados Unidos, representou também grande impacto na estrutura epistêmica, influenciado o ressurgimento de diferentes teorias da conspiração e fomentando movimentos que professavam a desconfiança no Estado e nas instituições do conhecimento. Além, as políticas adotadas pela administração Bush referentes à construção retórica da guerra fizeram consideráveis usos de notícias falsas e

¹²⁹⁰ CAIR. Frank Graham claims Islam is “a Very Evil and Wicked Religion”. *CAIR*. November 19, 2001. Disponível em: <https://www.cair.com/press_releases/frank-graham-claims-islam-is-a-very-evil-and-wicked-religion/> Acesso em: 05 de nov., de 2023.

¹²⁹¹ KIDD, Thomas. *Op. Cit.*, 2010, p. 47.

¹²⁹² BARKUN, Michael. *Op. Cit.*, 2003, p. 159.

¹²⁹³ CNN. Falwell apologizes to gays, feminists, lesbians. *CNN*. September 14, 2001. Disponível em: < <https://web.archive.org/web/20130401182609/http://archives.cnn.com/2001/US/09/14/Falwell.apology/>>. Acesso em 05 de nov., 2023.

propagandas em estratégias que poderiam ser consideradas teorias da conspiração, sendo elas promovidas e, depois, desmentidas pelos próprios agentes governamentais.

5. A CONQUISTA DA INDIGNAÇÃO: CONSTRUÇÃO DA CRISE DE LEGITIMIDADE

Na Carolina do Norte, pouco antes das eleições de 2008, o jornalista Rodrigo Alvarez encontrou um grupo de jovens negros jogando basquete. Ao perguntar em quem os jovens votariam, recebeu a resposta: “Se você não vota no Obama você perde a ‘carteirinha de negro’”¹²⁹⁴. Já em Chicago, um grupo de mulheres brancas discutiam o candidato, uma delas afirmou: “Eu não acho que ele seja negro, Obama é multirracial, meio branco, meio negro.”¹²⁹⁵. No Mississippi, um jovem negro vendendo “bugigangas na beira da estrada” disse: “Apoiamos Obama... É hora de Mudança cara... Ele Conseguiu, cara... Primeiro presidente Negro americano...”¹²⁹⁶.

Na Flórida, Peggy Harmon, uma senhora branca num banco de igreja, disse: “Obama me apavora! Eu não entendo ele [...]. Pelo pouco que vi não tenho a menor ideia daquilo que ele pensa [...] O problema de Obama é que ninguém sabe direito no que ele acredita”¹²⁹⁷. Peggy referia-se aos diversos rumores de que Obama era islâmico. Em várias ocasiões a senhora da Flórida afirmou que o próximo presidente deveria ser um “homem de Deus”. O imã Hassam, chefe do centro islâmico de Cedar Rapids, em Iowa, disse: “muitas coisas que são ditas sobre o Islã, sobre nosso profeta, não são verdadeiras. São invenções com o objetivo de deixar as pessoas contra nós. E o mesmo aconteceu com Obama”¹²⁹⁸. Já no Estado de Indiana, o pastor Anthony afirmou: “Esse país precisa de Deus. [...] Tenho a clara visão de que Deus está abandonando a América”¹²⁹⁹.

Em Belmont, no estado de Nevada, um homem que passeava com seu detector de metais, se apresentou como Bob e se definiu como republicano, disse: “não gosto do Obama porque ele é liberal e os liberais gostam de tirar as nossas coisas e nossos direitos”¹³⁰⁰. Por outro lado, o ciclista Jean, do estado de Washington, definiu liberal como: “Alguém que não é cristão, que pensa por si próprio e questiona o que está acontecendo com o país. São pessoas

¹²⁹⁴ ALVAREZ, Rodrigo. *No país de Obama*. Nova Fronteira, 2009, p. 71.

¹²⁹⁵ Ibid., p. 59.

¹²⁹⁶ Ibid., p. 165.

¹²⁹⁷ Ibid., p. 36-38.

¹²⁹⁸ Ibid., p. 43.

¹²⁹⁹ Ibid., p. 145.

¹³⁰⁰ Ibid., p. 91.

conscientes dos problemas com o meio ambiente e que não estão satisfeitas com essa guerra em que estamos metidos.”¹³⁰¹. Já Lyle, homem branco e homossexual morador de São Francisco, disse ser anti-republicano por que “eles fazer política pensando no que ouvem na igreja. E eu não posso aceitar isso”¹³⁰².

Por fim, na frente da Casa Branca, Alvarez relata a presença de uma senhora sentada com cartazes acusando Bush de ser terrorista. “Nós não somos uma democracia [...] Somos uma máfia política controlada por conspiradores sionistas”¹³⁰³, ela respondeu ao jornalista.

A série de entrevistas realizadas pelo jornalista por todo o território estadunidense nas vésperas de eleição de 2008 apresenta um curioso recorte dos diferentes grupos e ideologias: as tensões raciais; os republicanos e os liberais, mutualmente se demonizando; os conservadores; a direita religiosa e os conspiracionistas, todos, nas palavras de Alvarez: “ora angustiados, ora eufóricos com o futuro dos Estados Unidos”¹³⁰⁴.

Neste capítulo discutiremos como a crise econômica dos anos 2010 foi utilizada por grupos conservadores (tanto dos “defensores do livre mercado”, quanto da direita religiosa e dos conspiracionistas) para inflamar a crise política, através da promoção de insegurança institucional e anti-intelectualismo. A eleição de Barack Obama foi, conforme veremos, o grande ponto de partida para a organização e forças políticas (e institucionais) que, mais tarde, formalizaram a Direita Alternativa, e tornando possível a eleição de Donald Trump.

5.1 “*Renewing American Leadership*”

Conforme Paulo Visentini, a eleição de Obama foi simbólica pois “ele era o oposto de Bush, uma resposta ao caos que lhe fora legado”¹³⁰⁵. Obama chamava por mudança. Em 2006, havia publicado o livro *The Audacity of Hope: Thoughts on Reclaiming the American Dream*, no qual o então senador expressou suas visões de mundo e valores que, depois, fundamentaram sua campanha. Seu *slogan* de campanha “Sim, nós podemos” era um atestado de esperança. Como colocado por Mária Kočnerová, a frase implicava: “sim, podemos fazer

¹³⁰¹ Ibid. p. 116.

¹³⁰² Ibid. p. 102.

¹³⁰³ Ibid. p. 162.

¹³⁰⁴ Ibid. p. 16.

¹³⁰⁵ VISENTINI, Paulo Fagundes. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro, RJ: Alta, 2015, p. 87.

qualquer coisa, só temos que fazer a escolha certa”¹³⁰⁶. Kočnerová ainda aponta para a formulação semântica do slogan. “Quando Obama usou o pronome ‘nós’ ao discursar, pensou em todos os americanos. Ele queria torná-los mais ativos e também queria torná-los responsáveis pelo futuro do país”¹³⁰⁷. Porém, para diferentes grupos, o chamado ecoou diferentemente.

5.1.1 “Is the War Lost?”: O legado Bush

Segundo Chomsky, a construção retórica da guerra do Iraque – que começou a tomar forma no início de 2002 – coincidiu com o início da campanha eleitoral para as eleições legislativas de novembro de 2002¹³⁰⁸. Nestas eleições, o partido republicano conseguiu 51 das 100 cadeiras no Senado e 229 das 435 da Câmara dos Representantes, as duas Câmaras do Congresso dos Estados Unidos¹³⁰⁹. Além disso, nas eleições para governadores realizadas na mesma época, os republicanos também foram maioria, com 27 estados contra 21 para o Partido Democrata. Conforme explicitou o responsável pela campanha do governo na época, Karl Rove, era preciso que a campanha republicana focasse na temática da segurança nacional e era necessário que a ameaça à sobrevivência nacional fosse iminente para que o presidente pudesse sobressair como vencedor a tempo das eleições de 2004¹³¹⁰. E assim, em maio de 2003 – dois meses após o início da guerra – a bordo do *USS Abraham Lincoln*, Bush entregou o discurso de missão cumprida.

Na batalha do Iraque, os Estados Unidos e nossos aliados prevaleceram [...] Nossa nação e nossa coalizão estão orgulhosas desta conquista, mas foram vocês, membros das Forças Armadas dos Estados Unidos, que a alcançaram [...]. Graças a você, nossa nação está mais segura. Por sua causa, o tirano caiu e o Iraque está livre¹³¹¹.

¹³⁰⁶ KOČNEROVÁ, mária; GRIGELOVÁ, petra; d’ureje, michal. Analysis of the idiolect of barack obama. *European journal of transformation studies*, v. 11, n. 1, 2023, p. 48.

¹³⁰⁷ Ibid. p.53.

¹³⁰⁸ CHOMSKY, Noam. Verdades e mitos sobre a invasão do Iraque. *Socialist Register*, 2004, p. 168.

¹³⁰⁹ TRANDAH, Jeff. “Statistics of the Congressional Election of November 5, 2002. *Compiled from Official Sources by Jeff Trandahl, Clerk of the House of Representatives. Corrected to May*, v. 1, p. 54.

¹³¹⁰ CHOMSKY, Noam. *Op. Cit*, 2004, p. 168.

¹³¹¹ BUSH, George W. Transcript of President Speech. *CNN.com*. May 02, 2003. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2003/US/05/01/bush.transcript/>>. Acesso em 04. mar. 2024.

O discurso de missão cumprida, como apontado por Chomsky, não foi efetivamente uma declaração de fim da guerra, mas o início da campanha presidencial de 2004¹³¹². Além disso, ele também continua o modelo da construção retórica da guerra ao afirmar que a batalha não está vencida. Embora não tenha feito diretamente a ligação com o próximo inimigo (como visto, o discurso de vitória sobre os Talibãs no Afeganistão foi dado em outubro de 2002, enquanto o Iraque só foi apresentado oficialmente como inimigo em 2003), há sempre um inimigo a ser combatido:

A batalha do Iraque é uma vitória na guerra ao terror que começou em 11 de setembro de 2001 e ainda continua [...]. Ao tentar transformar nossas cidades em campos de matança, terroristas e seus aliados acreditaram que poderiam destruir a resolver e forçar nossa retirada do mundo. Eles falharam. [...] Dezenove meses atrás prometi que os terroristas não escapariam à paciente justiça dos Estados Unidos. E até esta noite, quase metade dos principais agentes da Al Qaeda foram capturados ou mortos. [...] Nossa guerra contra o terror está ocorrendo de acordo com os princípios que deixei claros para todos. Qualquer pessoa envolvida na prática ou planejamento de ataques terroristas contra o povo americano se torna um inimigo deste país e um alvo da justiça americana. [...] Nosso compromisso com a liberdade é a tradição da América, declarada em nossa fundação, afirmada nas Quatro Liberdades de Franklin Roosevelt, afirmadas na Doutrina Truman e no desafio de Ronald Reagan a um império do mal¹³¹³.

A estratégia teve retorno. Embora a cobertura da mídia no final da corrida presidencial de 2004 tenha sido de maioria anti-Bush – o *Project for Excellence in Journalism* concluiu que mais da metade das histórias sobre Bush reportadas nos jornais eram de tom negativo¹³¹⁴ – o republicano foi reeleito num pleito com mais de 122 milhões de votantes, 17 milhões a mais que em 2000 (um aumento de 16%, o maior aumento percentual de votantes desde 1952)¹³¹⁵.

Como demonstrou Campbell, mesmo que a continuidade da Guerra do Iraque e o aumento das baixas tenham reforçado em muitos o sentimento de que a guerra era desnecessária, mal-executada, baseada em mentiras e afirmações falsas, motivada pelo petróleo e desnecessariamente cara, o sentimento de que a guerra era necessária, que os Estados Unidos estavam sob ameaça e que a guerra tinha por objetivo eliminar um regime

¹³¹² CHOMSKY, Noam. *Op. Cit.*, 2004, p. 168.

¹³¹³ BUSH, George. *Op. Cit.*, 2003.

¹³¹⁴ PEW RESEARCH CENTER. *The Dabert Effect*. Pew Research Center. Report. October 27, 2004. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2004/10/27/the-debate-effect/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³¹⁵ CAMPBELL, James E. Why Bush won the presidential election of 2004: Incumbency, ideology, terrorism, and turnout. *Political Science Quarterly*, v. 120, n. 2, p. 219-241, 2005.

brutal e ditatorial, era ainda popular¹³¹⁶. Além disso, a opinião sobre a guerra ao terrorismo (não especificamente a do Iraque) era favorável ao republicano.

A opinião sobre a guerra contra o terrorismo sempre favoreceu a reeleição do presidente Bush. Uma pesquisa Gallup no final de agosto (23-25) descobriu que Bush é o favorito em relação a Kerry no tratamento do terrorismo por uma margem de 54 a 37 por cento. As pesquisas de opinião revelaram de forma semelhante que Bush era mais confiável para lidar com o terrorismo por uma margem de 58% a 40%. Os dados da NES indicam que os eleitores aprovaram o tratamento de Bush na guerra contra o terrorismo por uma margem de 55 a 45 por cento. Quando questionados sobre qual partido faria um trabalho melhor ao lidar com a guerra contra o terror, os eleitores preferiram os republicanos aos democratas por uma margem de 45 a 27 por cento¹³¹⁷.

Mas a guerra ao terrorismo não foi o tópico que mais pesou na hora da votação em 2004. A *Pew Research Center*, pouco antes das eleições, perguntou aos estadunidenses o que importava mais na decisão do voto: 27% das respostas apontaram “valores morais”, 22% o Iraque e 21% a economia. “Terrorismo” apareceu em quarto, com 14% das respostas¹³¹⁸. Para a grande maioria dos entrevistados (44%), “valores morais” referiam-se a temas como casamento entre o mesmo sexo, aborto e uso de células troco (temas os quais Bush discutia desde seu mandato como governador do Texas). Apenas 18% relacionavam “valores morais” com “religião”. Porém, vale destacar que em 2000, apenas 14% do eleitorado se identificou como membro de uma “Direita Religiosa” e, dentre estes, 72% votaram em Bush. Já em 2004, 23% do total do eleitorado declarou-se religioso de alguma natureza cristã (evangélicos brancos, católicos, etc.), e entre eles Bush teve uma vantagem de 78%. O eleitorado religioso representou 35% de todos os votos de Bush em 2004¹³¹⁹. Observa-se também que Bush venceu em todos os quinze estados com maioria da população evangélica. Conforme concluem Rozell e Gupta:

A chave para o sucesso de Bush foi sua capacidade de mobilizar evangélicos conservadores e, ao mesmo tempo, atrair católicos que frequentam a igreja e muitos

¹³¹⁶ Ibid.

¹³¹⁷ Ibid. p. 225.

¹³¹⁸ PEW RESEARCH CENTER. *Voters Liked Campaign 2004, But Too Much 'Mud-Slinging'*. Pew Research Center, Report. November 11, 2004. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2004/11/11/voters-liked-campaign-2004-but-too-much-mud-slinging/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³¹⁹ ROZELL, Mark J. GRUPTA, Debasree Das. The “Values Vote”? Moral Issues and the 2004 Elections. In: GREEN, John C.; ROZELL, Mark J.; WILCOX, Clyde (Ed.). *The values campaign?: The christian right and the 2004 elections*. Georgetown University Press, 2006.

eleitores moderados. [...] Bush demonstrou capacidade de falar para públicos diferentes ao mesmo tempo. Em vez de discutir o aborto diretamente, ele usou frases como “a cultura da vida” para apelar aos conservadores sociais sem parecer ameaçar os moderados ao mesmo tempo¹³²⁰.

Após a vitória de Bush, 94% dos republicanos disseram estar satisfeitos com a eleição, e 53% da população votante (republicanos e democratas) se declarou feliz com a reeleição de Bush¹³²¹. No entanto, ao avançar do segundo mandato, com o prolongamento da guerra no Iraque e no Afeganistão, o gabinete presidencial foi alvo de mais críticas. No início de 2005, a administração Bush começou a perder a blindagem que recebeu após os ataques de Onze de Setembro¹³²². O apoio midiático e a construção do sentimento patriótico marcial (primeira parte da construção retórica da guerra), que já havia perdido fôlego antes das eleições, ficou mais escassa. Em 2005, Colin Powell e Paul Wolfowitz – dois dos responsáveis pelas decisões sobre a guerra desde antes dela ser promovida¹³²³ – já haviam deixado o governo. Em 2006, Donald Rumsfeld também se retirou, como uma tentativa de acalmar os críticos¹³²⁴. Porém, a continuidade da guerra afetou a nova administração Bush em outro ponto além da imagem frente ao público.

O orçamento da União para 2004 solicitou um aumento de 4,2%, somando 2,2 trilhões de dólares. O documento afirmava que o orçamento para 2004 tinha três prioridades: vencer a guerra ao terror, proteger o país contra o terrorismo, e gerar crescimento econômico a longo prazo. Fez-se um pedido de 41 bilhões para a Segurança Nacional e 4,7 bilhões de dólares foram reservados para o contraterrorismo¹³²⁵. O departamento de Estado relatou um aumento substancial nos gastos com assuntos externos com o objetivo de prestar “assistência em segurança” a países aliados contra o terrorismo. O congresso interveio, o orçamento da Segurança Interna caiu de 41 bilhões para 29,4 bilhões; e os gastos com a defesa foram de 373 para 368 bilhões¹³²⁶. Um relatório autorizado pelo Departamento do Tesouro concluiu que o

¹³²⁰ Ibid.

¹³²¹ PEW RESEARCH CENTER. *Op. Cit.*, nov. 2004.

¹³²² PECEQUILO, Cristina. A Era George W. Bush (2001/2007): os EUA e o Sistema Internacional. II *Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional - o Brasil e o mundo que vem aí*. Rio de Janeiro, 2007. p. 10

¹³²³ Conforme discutido em 4.1.1- “*The Way Things Ought to Be*”, “*He Should Just Go*”.

¹³²⁴ Ibid., p. 13.

¹³²⁵ BRIGHTMAN, Carol. *Insegurança Total: o mito da onipotência americana*. 2006, p. 209.

¹³²⁶ Ibid., p. 212.

orçamento para 2004 – mesmo após os cortes do congresso – aumentaria consideravelmente o déficit do orçamento federal que na época já somava 450 bilhões¹³²⁷.

O impacto econômico deixou o país em recessão e ainda em 2007 deu-se o início da crise *Subprime*, que veio a estourar em 2008. Nas palavras de Paulo Visentini: “O legado da Era Bush era amargo para seu sucessor”¹³²⁸.

Com o cansaço dos tambores de guerra, os “defensores do livre mercado” reorganizaram suas máquinas. Em 2006, o gabinete presidencial instituiu o *Iraq Study Group* (ISG). O grupo foi apresentado como uma iniciativa bipartidária, reunindo pesquisadores para oferecer conselhos sobre a política externa estadunidense no Iraque¹³²⁹. A iniciativa foi liderada James Baker III (repblicano) e Lee Hamilton (democrata). O primeiro, ex-secretário de Estado e do Tesouro e membro do CFR; o segundo ex-congressista, presidente da *House Intelligence Committee* (HPSCI), presidente da *House Select Committee to Investigate Covert Arms Transactions with Iran*, vice-presidente da *9/11 Comission*, e membro do CFR.

Os demais componentes do grupo eram: Sandra Day O'Connor, ex-Suprema Corte; Alan Simpson, senador; Vernon Jordan, advogado com notória aproximação com ex-presidente Clinton¹³³⁰, e na época diretor administrativo da *Lazard Freres & Co*¹³³¹; Leon Panetta, ex-chefe de gabinete da Casa Branca; William Perry, ex-secretário de Defesa, membro emérito da *Hoover Institution*¹³³² e do CFR¹³³³; Charles S. Robb, ex-governador e senador pela Virgínia, presidente da *Iraq Intelligence Commission* e membro do CFR¹³³⁴; Rudy Giuliani, ex-procurador-geral associado dos Estados Unidos e ex-prefeito da cidade de Nova York; e Robert Gates, ex-secretário de Defesa dos EUA e ex-diretor da CIA e membro do CFR.

¹³²⁷ Ibid., p. 220

¹³²⁸ VISENTINI, Paulo. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015, p. 87.

¹³²⁹ SHOUPI, Laurence. *Wall Street's think tank: the Council on Foreign Relations and the empire of neoliberal geopolitics 1976–2014*. Nova York: Monthly Review Press, 2015, p. 168.

¹³³⁰ GANGL, Jamei. et al. Vernon Jordan, civil rights leader and close ally of Bill Clinton, dies. *CNN*. March 2, 2021. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2021/03/02/politics/vernon-jordan-dies/index.html>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³³¹ BURKE, Minyonne. Vernon Jordan, civil rights icon and former Clinton adviser, dies at 85. *NBC News*. march 2, 2021. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/us-news/vernon-jordan-civil-rights-icon-former-clinton-adviser-dies-85-n1259265>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³³² HOOVER INSTITUTION, William J. Perry. About. Disponível em: <<https://www.hoover.org/profiles/william-j-perry>>. Acesso 04 mar. 2024.

¹³³³ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2006. July 1, 2005–June 30, 2006. New York: Council on Foreign Relations. 2006. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³³⁴ Idem.

Porém, Giuliani e Gates, por motivos distintos, renunciaram e em seus lugares foram apontados Edwin Meese, ex-procurador geral, ex-membro do conselho administrativo da *Hoover Institution* e membro da *Heritage Foundation*; e Lawrence Eagleburger, ex-secretário de Estado, membro do CFR. Em suma, dos doze membros nomeados, seis eram membros do CFR, incluindo presidentes; dois eram membros (ou ex) da *Hoover Institution*; e um da *Heritage Foundation*.

Conforme Laurence Shoup, o objetivo prático do ISG era de reafirmar as políticas já estabelecidas para o Iraque, combatendo os críticos do governo¹³³⁵. Embora tenha sido apresentado como uma iniciativa independente e bipartidária, na prática verificava-se a ocorrência dos mesmos nomes e grupos que, desde 2001, auxiliavam o governo Bush.

O relatório final do ISG, publicado em 2006, concluiu que o Iraque era vital para a estabilidade do Oriente Médio, sendo ainda “crítico para os interesses dos Estados Unidos”¹³³⁶. As reservas de petróleo não foram ignoradas pelo relatório, e o fato do país ser “uma base de operações para o terrorismo”¹³³⁷ foi o principal argumento, junto com o petróleo, para definir o Iraque como “peça central da política externa Americana”¹³³⁸.

Shoup chama atenção para como o relatório do ISG representava o consenso do CFR sobre as políticas para o Iraque¹³³⁹. Ainda em 2006, o CFR lançou o *Task Force on Energy and U.S. Foreign Policy*, defendendo em seu relatório que a falta de atenção à questão energética vinha minando a segurança nacional do país. Em suma, o relatório concluía que o consumo de petróleo deveria ser melhor regulado e que a “questão energética” deveria integrar a política externa de forma mais ativa¹³⁴⁰. Na presidência do *Task Force* estava John Mark Deutch, ex-*Director of Central Intelligence* (1995 – 1996), professor do MIT desde a década de 1970, ex-presidente da *Commission to Assess the Organization of the Federal Government to Combat the Proliferation of Weapons of Mass Destruction* (1998 – 1999), entre outros cargos¹³⁴¹. Já na

¹³³⁵ SHOUP, Lawrence. *Op. Cit.*, 2015.

¹³³⁶ THE IRAQ STUDY GROUP. *The Iraq Study Group Report*. Washington: United States Institute of Peace, December 6, 2006. p. 12

¹³³⁷ *Ibid.*

¹³³⁸ *Ibid.*

¹³³⁹ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2007. July 1, 2006 - June 30, 2007. New York: Council on Foreign Relations. 2007. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³⁴⁰ *Ibid.*

¹³⁴¹ MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY. John M. Deutch. Biografia. Disponível em: <<http://web.mit.edu/chemistry/deutch/biography.html>>. Acesso em 04 mar. 2024.

direção do *Task Force* esteve David Victor, na época diretor do *Program on Energy and Sustainable Development* da Universidade de *Stanford*.

Com a saída de Rumsfeld do governo em 2006, numa tentativa do gabinete presidencial em aplacar as críticas, quem assumiu a posição de Secretário de Defesa foi Robert Gates, membro ativo do CFR e ex membro do ISG. Segundo Shoup, a saída de Rumsfeld e Wolfowitz, propiciou que Gates iniciasse o plano previsto no CFR para o Iraque, aplicando um perfil mais modesto e menos agressivo¹³⁴². Haveria uma tentativa de preparar as forças nacionais iraquianas para então começar-se a retirada¹³⁴³.

O AEI não viu com bons olhos essa guinada da administração Bush em direção ao CFR e à saída gradual do Iraque. Em 2004, em defesa da manutenção da guerra e da própria imagem do presidente Bush, o AEI publicou *A Year After Iraq War, Most Americans Say Stay the Course*, por Karlyn Bowman. O artigo traz uma gama de pesquisas de opiniões para demonstrar que, apesar da queda de popularidade, o presidente Bush ainda mantinha o apoio popular nos assuntos referentes ao Iraque:

Voltando brevemente ao início de 2003, em praticamente todas as sondagens realizadas antes da guerra, 60 por cento ou mais apoiavam a decisão de ir para a guerra. Cerca de 20 por cento se opuseram fortemente. Para estes 20 por cento – o partido da paz – não importava se os Estados Unidos tinham a aprovação da ONU ou o apoio dos seus aliados. Para eles, não importava se Saddam Hussein tinha armas de destruição maciça. [...] Curiosamente, hoje, nas pesquisas de opinião de várias organizações, cerca de 20 por cento querem que as tropas dos EUA saiam agora. [...] Mas 48 por cento disseram que “deveriam ficar o tempo que for necessário para concluir o processo, mesmo que demore cinco anos”. [...] A falta de armas de destruição em massa afetou a credibilidade de Bush? Em todas as novas pesquisas, o presidente ainda recebe notas altas por sua honestidade e integridade, embora em algumas, esses estão em baixa desde o início de sua presidência¹³⁴⁴.

Um ano e meio depois, Bowman voltou a escrever ao AEI sobre o mesmo tópico. Em setembro de 2005 foi publicado *How Strong Is Sentiment Against the Iraq War?* Utilizando-se da mesma estratégia, o artigo se utilizava de pesquisas de opinião para demonstrar que a Guerra do Iraque ainda tinha apoio popular. Porém, em um tom menos otimista, o texto era

¹³⁴² SHOUP, Laurence. *Op. Cit.* 2015, p. 169

¹³⁴³ Ibid.

¹³⁴⁴ BOWMAN, Karlyn. *A Year After Iraq War, Most Americans Say Stay the Course*. *AEI article*. march 24, 2004. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/a-year-after-iraq-war-most-americans-say-stay-the-course/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

aberto com a seguinte frase: “No momento, as avaliações do presidente Bush sobre como lidar com a guerra no Iraque são decididamente negativas”¹³⁴⁵

Os dois artigos apresentam resultados bem distintos. Em 2005, 57% dos entrevistados desaprovavam a forma como Bush lidava com a guerra. 54% diziam que a guerra foi um erro. 26% defendiam a retirada imediata das tropas estadunidenses do Iraque, em 2003 esse número era de 14%. Porém, Bowman chama atenção para um outro número:

40 por cento dos entrevistados disseram confiar mais nos republicanos para concluir com sucesso o trabalho no Iraque, enquanto 28 por cento confiavam nos democratas. E quase ninguém acreditava que se as tropas dos EUA abandonassem o Iraque, a ameaça terrorista desapareceria¹³⁴⁶.

Ainda em 2005, o AEI publicou o relatório *The Economic Costs of the War in Iraq*, resultado da pesquisa realizada na *AEI-Brookings Joint Center for Regulatory Studies*, um centro de pesquisa conjunto do AEI com a *Brookings Institute*, criado em 1998 “em resposta às crescentes preocupações sobre os efeitos da regulamentação sobre os consumidores, as empresas e o governo”¹³⁴⁷. O relatório procurou levantar os custos reais do conflito considerando não apenas as verbas oficiais empregadas, mas também custos relativos a vidas perdidas, feridos, perda de produtividade civil das tropas da Guarda Nacional e da Reserva. Em linhas gerais, o montante final foi estimado em 255 bilhões de dólares para os Estados Unidos, 40 bilhões para os parceiros da coalizão e 134 bilhões para o Iraque. Projetando o mesmo cenário de guerra até 2015, o relatório concluiu que os gastos reais da guerra chegariam a 604 bilhões para os Estados Unidos, 95 bilhões para a coalizão e 306 bilhões para o Iraque, somando mais de 1 trilhão mundialmente¹³⁴⁸.

Apesar de apresentar números grandes, o relatório advogava em favor da guerra, alegando que a remoção de Saddam Hussein do poder diminuiu a chance de um novo Onze de Setembro, e que “um governo bem-sucedido, estável e democraticamente eleito no Iraque poderia produzir benefícios substanciais”¹³⁴⁹, como a redução do preço do petróleo. Por fim, o

¹³⁴⁵ Ibid.

¹³⁴⁶ Ibid.

¹³⁴⁷ AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. The AEI-Brookings Joint Center for Regulatory Studies. *AEI article*. November 01, 1998. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-aei-brookings-joint-center-for-regulatory-studies/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³⁴⁸ WALLSTEN, Scott; KOSEC, Katrina. The economic costs of the war in Iraq. *AEI-Brookings Joint Center Working Paper*, n. 05-19, 2005.

¹³⁴⁹ Ibid.

próprio relatório questionava seus resultados e mesmo sua metodologia: “Nossas estimativas são imprecisas. Os dados não são de alta qualidade e cada cálculo requer uma série de suposições”¹³⁵⁰. Em determinada passagem chegava a afirmar: “Além disso, mesmo os custos que podemos rentabilizar devem ser considerados com ceticismo”¹³⁵¹.

Em 2006, o AEI criticou o relatório do ISG. Em *We Must Not Leave Iraq*, Michael Rubin acusou o grupo de ser “repleto de realistas hostis à ideia de que permitir a liberdade deveria ser uma prioridade da política externa”¹³⁵². Defendeu a administração Bush da acusação de erros de inteligência afirmando que “presidentes e primeiros-ministros tomam decisões com as informações disponíveis” e que a inteligência “raramente está completa quando chega a hora de tomar uma decisão”¹³⁵³. Sobre as armas de destruição em massa, Rubin alegava que “havia uma crença quase universal” de que Saddam Hussein as possuía e que, além disso, demonstrava vontade de usá-las. “Ele pode ter blefado, mas as decisões devem ser tomadas com a inteligência disponível.”¹³⁵⁴. Por fim, faz uma pergunta retórica: “Foi um sonho tolo acreditar que era possível estabelecer a democracia no coração do Médio Oriente?”¹³⁵⁵

Por fim, já em 2007, foi publicado o *Is the War Lost?*, por Peter Wallison. Queixando-se da pressão que os democratas faziam para acelerar a retirada de tropas do Iraque, Wallison afirmava que se o Iraque falhasse em manter um governo democrático, “o Presidente Bush não será o único político a assumir a culpa.”¹³⁵⁶

Portanto, observa-se que a decisão pela retirada ou não das tropas, bem como a velocidade dessa retirada, foi tópico de discussão entre as camadas da direita estadunidense tradicionalmente alinhada aos “defensores do livre mercado”. O CFR que desde os anos 1990 advogava pelo ímpeto imperialista (mesmo que “relutante”), continuou reforçando a ideia da presença estadunidense no Oriente Médio, mas, diante do impasse político que a manutenção da guerra gerou, articulou seus acadêmicos e pesquisadores e propuseram uma “retirada estratégica” ou um “reposicionamento”. Porém, para os mais conservadores, como os

¹³⁵⁰ Ibid., p. 19.

¹³⁵¹ Ibid., p. 19

¹³⁵² RUBIN, Michael. *We Must Not Leave Iraq*. AEI article. December 08, 2006. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/we-must-not-leave-iraq/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³⁵³ Ibid.

¹³⁵⁴ Ibid.

¹³⁵⁵ Ibid.

¹³⁵⁶ WALLISON, Peter. *Is the War Lost?* AEI article. July 27, 2007. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/is-the-war-lost/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

membros do AEI, os arroubos nacionalistas (fortalecidos nos anos iniciais da guerra pelo Onze de Setembro) eram suficientes para sustentar o conflito. Mas a construção retórica da guerra, que antes sustentava-se pela paranoia e propaganda, encontrou-se sem apoio diante das acusações de mentiras ou, na melhor das hipóteses, “falhas de inteligência”. Embora o ideal neoconservador presente nas declarações de Bush (de tradição jeremiada, com forte apoio na noção de “povo eleito”) sustentasse a necessidade da guerra “pela democracia”, a administração presidencial usou dos recursos do CFR e adotou uma estratégia mais moderada. Porém, os esforços não surtiram efeitos imediatos. Foi se apresentando como um antídoto aos “excessos” da administração Bush que Barack Obama fez sua campanha¹³⁵⁷.

5.1.2 “This is Change?”

Assim como na eleição de Bush em 2004, a religião foi um tema recorrente na corrida eleitoral de 2008. No entanto, o enfoque foi distinto. Enquanto no pleito de 2004 os temas religiosos circulavam elementos morais dos candidatos e, especialmente, questões sociais como o aborto ou o casamento homoafetivo, no pleito de 2008 estes tópicos compuseram apenas 9% das notícias eleitorais relacionadas a religião¹³⁵⁸. A grande maioria das notícias (30%) discutiam o rumor de Obama ser muçulmano¹³⁵⁹.

Os rumores sobre a religião de Obama começaram por volta de 2004. Mas foi depois de uma entrevista, em junho de 2008, que canais e redes online de blogs anti-Obama começaram a circular a tese de que o candidato era, na verdade, muçulmano¹³⁶⁰. A campanha do democrata passou a prestar mais esforço em esclarecer os boatos. Alguns de seus críticos, sobretudo os conservadores, usaram este esforço como um sinal de que Obama romperia com sua promessa de “transcender a política de identidade”. Ainda em junho, num comício, a câmera que filmava a fala do candidato movimentou-se um pouco para tirar do quadro duas mulheres que usavam lenços na cabeça. A *Fox News* passou a veicular um vídeo no qual o

¹³⁵⁷ MCKCRISTEN, Trevor. Ten Years on Obama's War on Terrorism in rhetoric and practice. *International Affairs*, v. 87, n. 4, 2011, p. 781

¹³⁵⁸ PEW RESEARCH CENTER. How the News Media Covered Religion in the 2008 General Election. Report. November 20, 2008. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/journalism/2008/11/20/how-the-news-media-covered-religion-in-the-2008-general-election/>>. Acesso em 04 mar. 2024.

¹³⁵⁹ Ibid.

¹³⁶⁰ KIM, Jin Woo; KIM, Eunji. Identifying the effect of political rumor diffusion using variations in survey timing. *Quarterly Journal of Political Science*: Vol. 14: No. 3, 2018, p. 301.

suposto irmão de uma das mulheres afirmava que a campanha do democrata tentava se certificar de que “ninguém correlacionará uma garota muçulmana no fundo com ele [Obama] sendo muçulmano”¹³⁶¹.

Enquanto a campanha tentava desmentir os rumores, a imprensa tradicional circulou o boato alegando estar “esclarecendo os fatos”. No entanto, a cobertura da imprensa acabou por contribuir para o impacto geral ao simplesmente tornar público o boato (que originalmente circulava na internet) para a “opinião pública”¹³⁶². O melhor exemplo desse fenômeno talvez seja a controversa capa da revista *The New Yorker*, de julho de 2008. A capa trazia uma charge na qual Barack e Michelle Obama eram representados em vestimentas muçulmanas tradicionais, com sandálias e turbante, dentro do Salão Oval. Além disso, via-se um quadro de Osama Bin Laden e uma bandeira dos Estados Unidos no fogo da lareira.

O editor da revista alegou que a capa tinha o propósito de combater o rumor, ironizando e reduzindo ao absurdo a ideia de que Obama não só seria muçulmano, como também teria ligações com terroristas¹³⁶³. Mas a capa com o título de “A política do medo” atraiu e provocou mais a atenção. A campanha de democrata repreendeu publicamente a revista¹³⁶⁴. De acordo com Jin Woo Kim e Eunji Kim, por volta de setembro de 2008, a crença de que Obama era muçulmano subiu de 4 para 8 pontos percentuais¹³⁶⁵. Dados do *Pew Research Center* demonstram que os debates sobre a religião de Obama representou pouco impacto entre os votantes republicanos. Porém, os democratas que compartilharam essa crença apresentaram uma “probabilidade significativamente menor de apoiar Obama”¹³⁶⁶.

Os discursos que procuravam enquadrar Obama como muçulmano e, por extensão, conectá-lo com algum grupo terrorista, remontavam à retórica da guerra aplicada na Guerra ao Terrorismo ao colocá-lo ao lado dos “inimigos”. Além disso, como já destacamos, no pensamento conspiratório religioso, o islamismo, muito antes do Onze de Setembro, já era associado ao anticristo. Portanto, para certos grupos, a “demonização” do “inimigo” deu-se de forma quase literal.

¹³⁶¹ PEW RESEARCH CENTER. *Op. Cit.*, 2008.

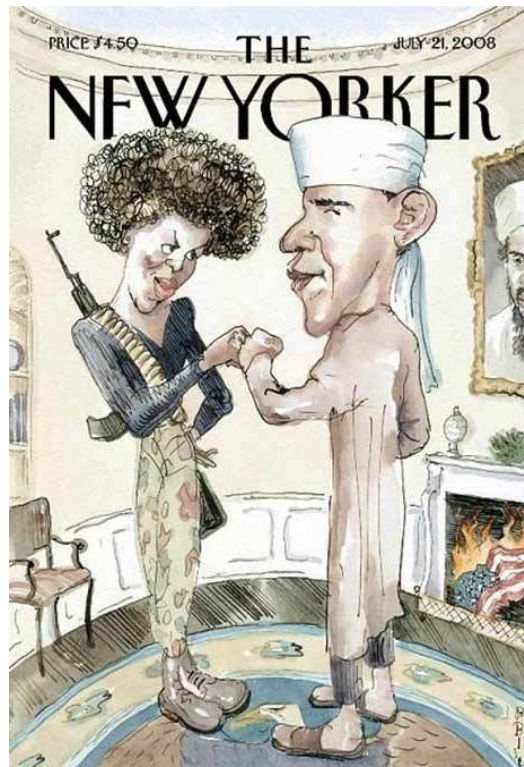
¹³⁶² *Ibid.*

¹³⁶³ NPR. 'New Yorker' Editor Defends Obama Cover. *NPR media*. July 14, 2008. Disponível em: <<https://www.npr.org/2008/07/14/92529393/new-yorker-editor-defends-obama-cover>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹³⁶⁴ PEW RESEARCH CENTER. *Op. Cit.*, 2008.

¹³⁶⁵ KIM, Jin Woo; KIM, Eunji. *Op. Cit.*, 2018, p. 293.

¹³⁶⁶ PEW RESEARCH CENTER. *Op. Cit.*, 2008.



Fonte: KELLY, Mary. 'I'm Just Trying To Make Myself Laugh': 'New Yorker' Artist Shares His Cover Stories. *NPR*. Author interviews. October 20, 2017. Disponível em: < <https://www.npr.org/2017/10/20/558777025/im-just-trying-to-make-myself-laugh-new-yorker-artist-shares-his-cover-stories> >. Acesso em 5 de mar. 2024.

Embora Bush tenha incluído em seus discursos passagens que desconectassem o islamismo da fonte do terrorismo, como demonstra Corinna Mullin, Obama foi mais sensível com o assunto que Bush.¹³⁶⁷ Em 2002, Bush afirmou:

O Islã é uma fé vibrante. Milhões de nossos concidadãos são muçulmanos. Respeitamos a fé. Honramos suas tradições, nosso inimigo não. Nosso inimigo não segue as grandes tradições do Islã. Eles sequestraram uma grande religião [...] O Islã é uma fé que traz conforto às pessoas. Inspira-as a levar uma vida com base na honestidade, justiça e compaixão¹³⁶⁸

No entanto, ao adotar um discurso menos belicoso e agressivo, Obama tratou o “terror”

¹³⁶⁷ MULLIN, Corinna. The US discourse on political Islam: is Obama's a truly post-‘war on terror’ administration?, *Critical Studies on Terrorism*, 4:2, 2011, p. 265.

¹³⁶⁸ THE WHITE HOUSE. Backgrounder: the president's quotes on islam . *The White House President George W. Bush*. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/ramadan/islam.html>>. Acesso em 05 mar. 2024.

como uma tática praticada pelo inimigo e não como “o inimigo”¹³⁶⁹. Em seu artigo *Renewing American Leadership*, na edição de agosto de 2007 da revista *Foreign Affairs*, Obama afirmou:

Para renovar a liderança americana no mundo, devemos forjar uma resposta global mais eficaz ao terrorismo que atingiu nossas costas em uma escala sem precedentes em 11 de setembro. De Bali a Londres, de Bagdá a Argel, de Mumbai a Mombaça a Madri, terroristas que rejeitam a modernidade, se opõem aos Estados Unidos e distorcem o Islã mataram e mutilaram dezenas de milhares de pessoas nesta década. [...] No mundo islâmico e além, combater os profetas do medo dos terroristas exigirá mais do que palestras sobre democracia. Precisamos aprofundar nosso conhecimento das circunstâncias e crenças que sustentam o extremismo. Um debate crucial está ocorrendo dentro do Islã. Alguns acreditam em um futuro de paz, tolerância, desenvolvimento e democratização. Outros abraçam uma intolerância rígida e violenta pela liberdade pessoal e pelo mundo em geral. Para capacitar as forças de moderação, os Estados Unidos devem fazer todos os esforços para exportar oportunidades - acesso à educação e saúde, comércio e investimento - e fornecer o tipo de apoio constante aos reformadores políticos e à sociedade civil que possibilitou nossa vitória na Guerra Fria. Nossas crenças se baseiam na esperança; os extremistas se apoiam no medo¹³⁷⁰.

De acordo com Richard Delgado, a política externa estadunidense vinha lidando com uma disputa interna no Islã. Uma facção “moderna” e “democratizante” contra uma facção conservadora e fundamentalista que abraçava a jihad e a Sharia e negava valores ocidentais, compreendendo-os como corruptos. Ao mesmo tempo em que a política externa estadunidense procurava fortalecer a primeira, prestava-se a combater a segunda. No entanto, essa missão encontrava dificuldades uma vez que o país não gozava de prestígio internacional¹³⁷¹. As questões internas que o país procurava promover como “modernas” e “democráticas”, eram compreendidas como insuficientes domesticamente, como o direito de minorias e mulheres. Segundo Delgado, as mazelas sociais dos Estados Unidos eram propagandas de facções conservadoras e fundamentalistas contra o “ocidente”¹³⁷². Conforme o autor:

Se nosso registro diário inclui reduções nos serviços de saúde da mulher, [...] leis estaduais que visam suprimir o voto negro e aumentar a desigualdade econômica entre as pessoas comuns e os super-ricos, por que as sociedades muçulmanas

¹³⁶⁹ MULLIN, Corinna. *Op. Cit.*, 2011, p. 265

¹³⁷⁰ OBAMA, Barack. *Renewing American Leadership*. *Foreign Affairs*, Vol. 86, No. 4 Jul. - Aug. 2007. pp. 2-16.

¹³⁷¹ DELGADO, Richard. Why Obama: An interest convergence explanation of the nation's first Black president. *Law & Ineq.*, v. 33, 2015, p. 345.

¹³⁷² *Ibid.*

deveriam imitar nosso exemplo?¹³⁷³

Delgado conclui, portanto, que para fortalecer o Islã “moderado” mundialmente, os Estados Unidos precisavam passar por um governo moderado, secular e tolerante. E este conjunto de fatores ajudaram na eleição do democrata, pois “um presidente de ascendência mista e educação cosmopolita poderia ajudar a América a avançar objetivos geopolíticos, econômicos e estratégicos vitais.”¹³⁷⁴

Como colocado por Pecequilo, Obama tentou se apresentar como comandante em chefe em todas as questões sensíveis aos eleitores e evitou chavões de campanha, criando um slogan que poderia ser repetido por secretários e assessores¹³⁷⁵. Em seu artigo para a *Foreign Affairs*, Obama mencionou que a nova liderança estadunidense deveria guiar-se pelo exemplo, pois: “Para construir um mundo melhor e mais livre, devemos primeiro nos comportar de maneira que reflita a decência e as aspirações do povo americano”¹³⁷⁶. E em seguida criticou as práticas de deportação, prisão arbitrária e tortura que surgiram na administração Bush. Mais adiante no artigo, afirmou que antes de atuar externamente, era preciso recobrar a segurança e confiança do próprio povo estadunidense¹³⁷⁷.

Em seu discurso de vitória, após a eleição, reconheceu a existência de uma divisão no país, mas enfatizou que “para aqueles americanos cujo apoio ainda preciso conquistar, posso não ter ganhado seu voto esta noite, mas ouço suas vozes. Preciso da tua ajuda. E eu serei seu presidente também”¹³⁷⁸. Fazendo uma referência a Abraham Lincoln (e exercendo a Religião Civil), Obama afirmou: “Não somos inimigos, mas amigos. Embora a paixão possa ter forçado, ela não deve quebrar nossos laços de afeição.”¹³⁷⁹ Além do discurso conciliador, Obama recorreu mais uma vez à Religião Civil e ao mito americano para “olhar para o futuro”. Usando Ann Nixon como exemplo, uma senhora de 106 anos, o democrata ressaltou momentos chaves da história política estadunidense para ilustrar como aquele também era um momento de transição:

¹³⁷³ Ibid.

¹³⁷⁴ Ibid.

¹³⁷⁵ PECEQUILO, Cristina. Obama, semana I: now we will. *Meridiano 47*, v. 10, n. 102, 2009. p. 11.

¹³⁷⁶ OBAMA, Barack. *Op. Cit.*, 2007, p. 10.

¹³⁷⁷ Ibid. p. 12.

¹³⁷⁸ OBAMA, Barack. Victory Speech. *NPR election 2008*. Transcript Of Barack Obama's Victory Speech. November 5, 2008. Disponível em: <<https://www.npr.org/2008/11/05/96624326/transcript-of-barack-obamas-victory-speech>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹³⁷⁹ Ibid.

Em uma época em que as vozes das mulheres eram silenciadas e suas esperanças rejeitadas, ela [Ann Nixon] viveu para vê-las se levantar e falar e alcançar a cédula. Sim, nós podemos. Quando havia desespero, durante a *dust bowl* e a depressão por todo o país, ela viu uma nação conquistar o próprio medo com um *New Deal*, novos empregos, um novo senso de propósito comum. Sim, nós podemos. Quando as bombas caíram em nosso porto e a tirania ameaçou o mundo, ela estava lá para testemunhar a ascensão de uma geração à grandeza, e uma democracia foi salva. Sim, nós podemos. Ela estava lá para ver os ônibus em Montgomery, as mangueiras em Birmingham, uma ponte em Selma e um pregador de Atlanta que disse a um povo que *We Shall Overcome*. Sim, nós podemos. [...] E neste ano, nesta eleição, ela tocou uma tela com o dedo e deu seu voto; porque depois de 106 anos na América, nos melhores e mais sombrios momentos, ela sabe como a América pode mudar. Sim, nós podemos. Portanto, esta noite, vamos nos perguntar: se nossos filhos viverem para ver o próximo século, [...] que mudança eles verão? E onde nos deparamos com cinismo e dúvida e aqueles que nos dizem que não podemos, responderemos com aquele credo atemporal que resume o espírito de um povo: Sim, nós podemos¹³⁸⁰.

Em seu discurso de posse, em janeiro de 2009, chamou atenção para o estado da economia, para a necessidade de criar empregos e construir uma base de crescimento, mencionando a necessidade de “restaurar a ciência ao seu devido lugar”¹³⁸¹. Apontou, ainda, para questões climáticas ao comprometer-se a “aproveitar o sol, os ventos e o solo”. E, por fim, substituiu seu slogan de campanha de “Sim, nós podemos” para “Nós faremos”¹³⁸².

Já em seu terceiro dia de mandato, ordenou que o centro de detenção da Baía de Guantánamo fosse fechado em um ano. Em fevereiro, determinou um aumento de quase 50% na tropa enviada ao Afeganistão. No final do mesmo mês, ordenou que a retirada de tropas de combate do Iraque fosse efetivada até agosto de 2010 e todas as restantes até dezembro do ano seguinte. Em junho, a Câmara aprovou a lei de limite e comércio que Obama defendia em favor de uma redução nas emissões de gases de efeito estufa. Como apontou James M. Lindsay, Obama começou seu mandato seguindo seu discurso de “podemos” para “faremos”, traduzindo metodicamente suas promessas de campanha em ações¹³⁸³. Segundo o *Pew Research Center*, os índices de aprovação do trabalho do presidente nos cem primeiros dias eram mais altos que os de seus antecessores. Enquanto Clinton e Bush mantiveram uma

¹³⁸⁰ Ibid.

¹³⁸¹ OBAMA, Barack. Inaugural Address January 20, 2009. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency=/presidential-speeches/january-20-2009-inaugural-address>>. Acesso em 05 de mar. 2024.

¹³⁸² Ibid.

¹³⁸³ LINDSAY, James M. George W. Bush, Barack Obama and the future of US global leadership. *International Affairs*, v. 87, n. 4, 2011, p.773.

média de 60% de aprovação, Obama manteve 73%¹³⁸⁴.

Internacionalmente, o presidente lançou uma série de iniciativas diplomáticas, visitando mais de vinte países só em 2009. Em Praga, em abril, discursou afirmando buscar a paz e a segurança de um mundo sem armas nucleares. Em junho, no Cairo, discursou acerca de seu desejo em construir um “novo começo” entre os Estados Unidos e os muçulmanos do mundo. Na Assembleia Geral da ONU, em setembro, disse buscar “em palavras e ação” uma nova “era de envolvimento com o mundo”¹³⁸⁵. Segundo Lindsay, a diplomacia de Obama tornou-o popular no exterior e ajudou a reformular a imagem dos Estados Unidos para o mundo¹³⁸⁶. O presidente recebeu o prêmio Nobel da Paz de 2009 pelos seus “extraordinários esforços para fortalecer a diplomacia internacional e a cooperação entre os povos”¹³⁸⁷.

A postura oficial de Obama foi de ruptura com as administrações anteriores. A cooperação internacional prestava importante papel nessa empreitada. No discurso de junho de 2009 no Cairo – fala que recebeu o título de *New Beginning* – o já presidente afirmou:

Encontramo-nos em uma época de tensão entre os Estados Unidos e os muçulmanos do mundo todo [...] A relação entre o Islã e o Ocidente abrange séculos de coexistência e cooperação, mas também de conflitos e guerras religiosas. [...] Além disso, a mudança avassaladora resultante da modernidade e da globalização levou muitos muçulmanos a verem o Ocidente como sendo hostil às tradições do Islã. Extremistas violentos exploraram essas tensões em uma minoria pequena, mas potente, de muçulmanos. [...] gerou mais medo e desconfiança. [...] Vim aqui em busca de um novo começo entre os Estados Unidos e os muçulmanos do mundo todo; um novo começo com base no interesse e no respeito mútuos; um novo começo baseado na verdade de que os Estados Unidos e o Islã não são excludentes e não precisam estar em competição¹³⁸⁸

Meses antes, em sua primeira entrevista na Casa Branca (concedida à rede de notícias árabe *Al Arabiya*), Obama havia declarado que seria seu trabalho “comunicar ao mundo muçulmano que os americanos não são seus inimigos”¹³⁸⁹. Em março de 2009, Hillary

¹³⁸⁴ PEW RESEARCH CENTER. Obama at 100 Days: Strong Job Approval, Even Higher Personal Ratings. Report. April 23, 2009. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2009/04/23/obama-at-100-days-strong-job-approval-even-higher-personal-ratings/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹³⁸⁵ OBAMA, Barack. *President Obama's Speech in Cairo: A New Beginning*: Washington. The White House, January 4, 2009. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/NewBeginning/transcripts>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹³⁸⁶ LINDSAY, James. Op. Cit. 2011. p. 774

¹³⁸⁷ THE NOBEL PRIZE. *The Nobel Peace Prize 2009*. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2009/summary/>>. Acesso em 05 mar 2024.

¹³⁸⁸ OBAMA, Barack. Op. Cit. 2009.

¹³⁸⁹ COWELL, Alan. On Arab TV Network, Obama Urges Dialogue. New York: *The New York Times*, January 27, 2009.

Clinton, então secretária de Estado, anunciou que a administração deixaria de empregar o termo “guerra ao terror”, abandonando a terminologia de Bush, alegando estar em curso uma remodelação da política para um perfil mais discreto¹³⁹⁰.

A eleição de Obama, portanto, representou uma reconfiguração nos agentes. Os “defensores do livre mercado” passaram por uma reconfiguração. Os neoconservadores – que se reuniam no PNAC e no AEI – que até então exerciam mais poder com maior inserção política, perderam gradativo espaço a partir de 2003, e um grupo “mais moderado” voltou a exercer mais influência, que estava presente no CFR. Vale destacar, no entanto, que o CFR nunca esteve exatamente alheio ao poder, mesmo quando perdia relevância (como nos anos 2000) ainda era eficiente em se manter no quadro de pessoal da Casa Branca.

O CFR foi receptivo à candidatura e vitória de Barack Obama. Em 2008, na edição de setembro/outubro, a revista *Foreign Affairs* publicou o artigo *The Next President: Mastering a Daunting Agenda*, por Richard Holbrooke. Meses antes de integrar oficialmente o governo Obama como *Special Representative for Afghanistan and Pakistan*, Holbrooke escreveu um texto comparando as propostas dos candidatos. Em linhas gerais, o artigo apresentava Obama como um candidato melhor preparado, alegando que

As propostas políticas de Obama – seja sobre alterações climáticas, energia, África, Cuba ou Irã – são mais avançadas; ele propõe ajustar políticas antigas e estáticas a realidades novas e em evolução. Ele enfatiza a necessidade da diplomacia como a melhor forma de aumentar o poder e a influência dos EUA. Sobre comércio, embora McCain acuse Obama de neoprotecionismo, na verdade, Obama defende a melhoria dos acordos comerciais para levar em conta elementos como a posição trabalhista e ambiental¹³⁹¹

Na mesma edição, foi publicado o *The Land of Hope Again? An Old Dream for a New America*, por Dominique Moïsi. No texto, o fundador do *Institut Français des Relations Internationales* e professor visitante em Harvard, argumentava que os Estados Unidos foram “aprisionados por uma cultura de medo”¹³⁹², reagindo insuficientemente ao Onze de Setembro e exageradamente depois:

¹³⁹⁰ MCKCRISTEN, Trevor. Ten Years on Obama's War on Terrorism in rhetoric and practice. *International Affairs*, v. 87, n. 4, 2011. 782.

¹³⁹¹ HOLBROOKE, Richard. The Next President. *Foreign Affairs*. Volume 87, Number 5. september/october 2008. Disponível em <<https://www.foreignaffairs.com/united-states/next-president>>. Acesso 05 mar. 2024.

¹³⁹² MOISI, Dominique. The Land of Hope Again?. *Foreign Affairs*, Volume 87, Number 5. September/October 2008. p 14. Disponível <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2008-09-01/land-hope-again>>. Acesso em 05 mar. 2024.

Os terroristas fanáticos não conseguiram derrotá-los, mas vocês estavam prestes a derrotar a si mesmos, violando os seus grandes princípios democráticos. Agora, você está prestes a eleger um novo presidente. Como não posso votar na sua eleição, sinto-me obrigado a escrever esta carta, pois a sua escolha presidencial é crucial não só para si, mas também para não-americanos como eu¹³⁹³.

Moïsi defendia que eleger Obama faria mais que restaurar a imagem do país no exterior.:

Hoje, a questão fundamental para vocês, americanos, é: quem entre o candidato da esperança, Obama, e o candidato do medo, McCain, pode ajudá-los melhor a enfrentar os novos desafios do século XXI, trazer à tona o o que há de melhor em você e encarnar a mensagem universalista de que seu país tanto precisa para restaurar sua posição no mundo?¹³⁹⁴

O relatório anual de 2009 apontou para a inserção do CFR na administração do recém-eleito presidente. Richard Hass, presidente do CFR, afirmou:

Como deveria acontecer durante as transições presidenciais, vários membros [*fellows*] deixaram o *Council* este ano para ingressar na administração Obama, enquanto vários novos ingressaram no CFR vindos da administração Bush. O fato de a administração Obama ter recrutado acadêmicos do *Council* para cargos importantes envolvendo política externa é uma prova da qualidade do Programa de Estudos aqui¹³⁹⁵

Já o AEI observou a candidatura e eleição de Obama por outra ótica. Em janeiro de 2008, Lawrence Lindsey publicou pelo AEI o artigo *What We Want in a President*. Ex-diretor da *National Economic Council* (2001 – 2000), Lindsey argumenta que “um quarto dos apoiantes de Barack Obama não pensava que ele estaria qualificado para ser presidente”¹³⁹⁶, o que revelaria como o público votante não estaria escolhendo alguém para liderar o país, mas sim expressando suas frustrações sobre a política ou sobre o outro candidato¹³⁹⁷. Lindsey reconhece que o trabalho no Salão Oval seria do tipo “*on-the-job training*”. No entanto, defendia que seria dever do eleitor votar em alguém que aprenda rápido e evite cometer erros.

¹³⁹³ Ibid. p. 140.

¹³⁹⁴ Ibid. p. 146.

¹³⁹⁵ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2009. July 1, 2009–June 30, 2010. New York: Council on Foreign Relations. 2010. p. 10. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹³⁹⁶ LINDSEY, Lawrence. What We Want in a President. *American Enterprise Institute*. article. january 02, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/what-we-want-in-a-president-2/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹³⁹⁷ Ibid.

Para isso, o autor elaborou três perguntas para verificar se o candidato seria apto: 1) O candidato enfrentou uma crise ou superou um grande revés na vida?; 2) o candidato teve diversas experiências de vida?; e 3) o candidato consegue distinguir entre um inimigo estrangeiro e um oponente político?¹³⁹⁸. De acordo com Lindsey, Johnson e Nixon falhariam na primeira e segunda pergunta. Por outro lado, Reagan se sairia bem em todas, em especial na terceira. Porém, não submeteu Bush às perguntas, tampouco o fez com Obama. O texto finaliza com a afirmação: “devemos pensar nas qualidades que o candidato traria para o Salão Oval e não apenas se seria ou não um bom candidato.”¹³⁹⁹.

No mês seguinte, Anne Applebaum publicou, pelo AEI, o artigo *America Wants to Kiss and Make Up*, no qual faz uma leitura, semelhante à de Lindsey, sobre o favoritismo de Obama. No texto, Applebaum afirma que aquele não seria “um ano eleitoral normal”. A principal característica seria o fato de o eleitorado procurar por “alternativas políticas radicais: forasteiros, dissidentes, pessoas que parecem e soam diferente não só de George W. Bush, mas também da atual liderança do congresso”¹⁴⁰⁰. Estariam procurando por nomes alheios ao *establishment*. O nome de Obama, continua Applebaum, se destacaria pelo fato dele ser o primeiro democrata a parecer genuinamente desinteressado em aproveitar-se de um anti-conservadorismo e anti-republicanismo. Ao mesmo tempo, Obama evitaria “apelar aos eleitores negros ou às minorias”, dando preferência a “pregar uma visão de uma América em que a cor já não seja um problema”¹⁴⁰¹. Nas palavras da autora:

Em vez de atacar a “vasta conspiração de direita”, ele [Obama] usa uma linguagem que invoca simultaneamente a constituição americana e a liturgia da igreja negra. Nesta atmosfera, até mesmo Hillary Clinton foi forçada a suavizar a sua linguagem. Ela fala repetidamente sobre o seu trabalho com senadores republicanos, fala frequentemente em “atravessar o corredor” para “fazer as coisas” e, em geral, tem jogado todas as cartas centristas. Para Hillary, o símbolo vivo da aspereza política da década de 1990 (ela é, de facto, a autora da frase “vasta conspiração de direita”), isto é extraordinário¹⁴⁰².

Outro fenômeno que levaria à vitória de Obama, ainda segundo o artigo, seria a vontade

¹³⁹⁸ Ibid.

¹³⁹⁹ Ibid.

¹⁴⁰⁰ APPLEBAUM, Anne. America Wants to Kiss and Make Up. *American Enterprise Institute* Article. February 03, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/america-wants-to-kiss-and-make-up/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁰¹ Ibid.

¹⁴⁰² Ibid.

dos estadunidenses em remodelar a imagem do país para a comunidade internacional. E, segundo Applebaum, “ironicamente, talvez o maior beneficiário do nosso anseio por respeito internacional tenha sido Obama”¹⁴⁰³ que receberia votos “por causa da mensagem sobre a América que a eleição de Obama enviaria ao mundo: não somos uma sociedade fechada e racista, temos a mente aberta em relação aos nossos políticos”¹⁴⁰⁴.

Ambos os textos do AEI apontam para o sucesso de Obama como algo externo ao candidato. O favoritismo do democrata se daria por ele ser uma oposição a uma política vista pelo público como insatisfatória e ultrapassada. Ou seja, uma vitória de Obama não seria a vitória de uma agenda, mas a derrota de outra. Seria uma vitória não pelos méritos do político, mas pelo resultado de um contexto de insatisfação. Enquanto o CFR representava Obama como um candidato preparado e competente, o AEI o fazia como uma consequência das insatisfações políticas geradas pela administração Bush. O relatório anual de 2008 do AEI comenta:

A eleição do primeiro presidente afro-americano da América é motivo de enorme orgulho nacional e a transição política apresenta muitas oportunidades para novos começos em Washington. Mas o Presidente Obama e o novo Congresso tomarão posse empenhados a iniciativas fiscais, de gastos e regulatórias cuja implementação levará a economia a um território desconhecido. E várias ameaças graves à segurança estão a tomar forma: não seremos deixados a enfrentar os nossos problemas internos sem serem perturbados¹⁴⁰⁵.

Enquanto o relatório do CFR viu a eleição de Obama como uma oportunidade, o AEI viu um desafio. Em suma, dentro da “ala defensora do livre mercado”, o fim da Guerra do Iraque e a eleição de Barack Obama representou uma cisão.

No entanto, para a “ala conspiratória” as relações de Obama com o Islã (reais ou imaginadas) era apenas uma das teorias sobre o democrata. Conforme Michael Butter, filho de imigrante queniano, Barack Hussein Obama também foi acusado de não ser americano e, consequentemente, não ser elegível para o cargo de presidente. Segundo Butter, uma parte considerável da base republicana estava convencida de que essa acusação era verdadeira¹⁴⁰⁶.

¹⁴⁰³ Ibid.

¹⁴⁰⁴ Ibid.

¹⁴⁰⁵ AMERICAM ENTERPRISE INSTITUTE. Annual report. Disponível em: <<https://www.aei.org/about/annual-report/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁰⁶ BUTTER, Michael. The birthers’ new world order: conspiracy theories about Barack Obama. In: CHRIST, Birte; OLSON, Greta. *Obama and the Paradigm Shift: measuring change*. Universitätsverlag Winter, 2012.

Butter aponta que essa teoria da conspiração começou a ganhar os holofotes em 2008. A campanha do presidente chegou a publicar a certidão de nascimento de Obama, mas os teóricos da conspiração acusaram o documento de ser falso. Mesmo após a publicação do documento, estima-se que 23% dos republicanos ainda estavam convencido que Obama não era nascido nos Estados Unidos¹⁴⁰⁷.

A teoria dos *Birthers*, por excelência, exige a existência de um complô maior de dominação que blinde o usurpador das eleições. Se um “não americano” se tornou presidente (o que é contra a lei), ele o fez por ser favorecido. A teoria *Birther* alinhou-se facilmente ao da Nova Ordem Mundial. No documentário *The Obama Deception: The Mask Comes Off*, de 2009, Alex Jones reconhece o já presidente como um simples fantoche da Nova Ordem Mundial. Ou seja, como observa Butter, a teoria *Birther* alimenta-se do mesmo medo de dominação externa professada pelo pensamento conspiratório e paranoico jeremiada. Tanto a Nova Ordem Mundial como a *Birther* expressam um latente medo de que “o sistema político americano não está mais funcionando como deveria e que pessoas têm sido traídas por aqueles no poder”¹⁴⁰⁸.

Em suma, a teoria *Birther* alinha-se com a da Nova Ordem Mundial na histórica fila de teorias da conspiração que se alimentam do medo para racionalizar a “degradação” e “derrota” da nação. No período colonial, foram os “inimigos da fé”, na base do pensamento jeremiada; no período revolucionário, o iluminismo, que eliminaria as religiões do mundo (dando início a que seria a teoria da Nova Ordem Mundial); nos anos 1930 – 1980, o comunismo cumpriu esse papel. Mas, como argumentado antes, no período pós-Guerra Fria, a falta da União Soviética fez com que os teóricos da conspiração voltassem seus olhos para o próprio governo de forma mais inquisitiva. No entanto, a teoria *Birther* traz para o século XXI uma característica que até então era marginal nestas teorias: o racismo e a xenofobia. Embora as teorias tradicionais (como a Nova Ordem Mundial) carregassem fortes elementos xenofóbicos e racistas (especialmente antissemita), como observa Butter, essas teorias tendiam a apontar para uma “elite capitalista interacional”, “genérica”, agindo nas sombras. Já a teoria *Birther* tem o caráter racial e xenofóbico já em sua razão de existir¹⁴⁰⁹.

Porém, a característica mais nociva politicamente da teoria *Birther* está no fato dela ter

¹⁴⁰⁷ Ibid., p. 236.

¹⁴⁰⁸ Ibid., p. 239.

¹⁴⁰⁹ Ibid.

sido mais popular que a Nova Ordem Mundial. Uma pesquisa realizada pela CNN em 2010, apontou que 42% dos entrevistados afirmavam que Obama havia nascido nos Estados Unidos, e 29% responderam “provavelmente”.¹⁴¹⁰ E 16% responderam que o presidente havia nascido em outro país. Separando os dados em partidos políticos, a pesquisa identificou que 64% dos democratas afirmaram que ele era estadunidense, o que, na prática significava que 1 em 3 democratas não tinham certeza sobre a nacionalidade do presidente. No Partido Republicano, 23% acreditavam que Obama havia nascido no país, enquanto 41% não.¹⁴¹¹ Em 2011, antes de se apresentar como candidato político, Donald Trump começou a apoiar a teoria chegando anunciar que faria uma doação de 5 milhões de dólares em troca de uma evidência de que o presidente havia nascido nos Estados Unidos¹⁴¹².

Para os teóricos da conspiração, Obama era mais um fantoche da elite global, uma tradição iniciada já na eleição de George H W. Bush quando tanto o republicano quanto o democrata Bill Clinton eram membros do CFR. Portanto, membros da “elite global”. Em novembro de 2008, o *911Truth.org* republicou em seu blog o artigo *This is Change? 20 Hawks, Clintonites and Neocons to Watch for in Obama’s White House*, por Jeremy Scahill. Scahill, que anos depois veio a fundar o podcast *Intercepted*, recebeu notoriedade nos anos 2000 escrevendo para o *Democracy Now!*, diretamente do Iraque. O artigo de Scahill, reaproveitado pelo *911Truth.org*, chamava atenção para o fato da política externa de Obama ser uma continuação da Doutrina Clinton, o que, citando Chomsky, chama de “Novo Militarismo Humanista”¹⁴¹³. Porém, o que Scahill considerou mais alarmante foi o fato de Obama fazer uso de frases e posturas típicas dos neoconservadores, como a defesa do uso de força unilateral dentro do Paquistão para assegurar os interesses dos Estados Unidos, rotular a Guarda Revolucionária do Irã como uma “organização terrorista”, propor a continuação da guerra contra as drogas, entre outras questões. Por fim, questionou a presença de alguns

¹⁴¹⁰ BUELER, Tim. CNN poll on Obama: 6 of 10 doubt U.S. birth story. *KLTV*. august 5, 2010. Disponível em: <<https://www.kltv.com/story/12932570/cnn-poll-on-obama-6-of-10-doubt-us-birth-story/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴¹¹ Ibid.

¹⁴¹² FAHRENTOLD, David. Trump said he’d give away \$5 million — or maybe \$50 million — for proof Obama was born in the U.S. Will he pay it? *The New York Times*. September 16. 2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/09/16/trump-said-hed-give-away-5-million-or-maybe-50-million-for-proof-obama-was-born-in-the-u-s-will-he-pay-it/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴¹³ SCAHILL, Jeremy. This is Change? 20 Hawks, Clintonites and Neocons to Watch for in Obama’s White House. *911Truth.org*. november 20, 2008. Disponível em: <<https://911truth.org/this-is-change-20-hawks-clintonites-and-neocons-to-watch-for-in-obamas-white-house/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

nomes na administração Obama. O primeiro nome destacado foi de Joe Biden, cujo “papel na invasão e ocupação do Iraque se destaca”¹⁴¹⁴. De acordo com Scahill:

Biden não é apenas mais um legislador democrata que agora considera “errado” o seu voto para autorizar o uso da força no Iraque; Biden foi, na verdade, um importante facilitador da guerra. [...] Biden foi então o gênio que promoveu apaixonadamente o plano ridículo de dividir o Iraque em três áreas baseadas na religião e na etnia, tentando balcanizar um dos estados árabes mais fortes do mundo. [...] “Ele faz parte do antigo establishment democrata”, diz a coronel reformada do Exército Ann Wright, a diplomata do Departamento de Estado que reabriu a embaixada dos EUA em Cabul em 2002. Biden, diz ela, “tem uma longa história com relações exteriores, [mas] não é o tipo de relações exteriores que eu quero.”¹⁴¹⁵

Outro nome destacado foi o de Hillary Clinton, que “não só votou pela autorização da guerra, mas também ajudou a campanha de propaganda da administração Bush antes da invasão”¹⁴¹⁶, e defendeu a narrativa de que Hussein mantinha armas de destruição em massa. A presença de Madeleine Albright, também gerou críticas. Scahill afirma que o “momento mais notório [de Albright] veio com o seu apoio entusiástico à guerra econômica contra a população civil do Iraque”¹⁴¹⁷. O artigo não faz menção, mas Albright foi diretora do CFR de 2004 até 2014¹⁴¹⁸. Richard Holbrooke, outro membro de CFR na época, também foi apontado como uma continuidade da política Bush:

No início de 2003, logo após o discurso do então secretário de Estado Colin Powell à ONU, onde apresentou à ONU o caso carregado de fraude do governo para a guerra (um discurso que Powell desde então chamou de “mancha” em sua reputação), Holbrooke disse: “Foi um trabalho magistral de diplomacia de Colin Powell e seus colegas, e não é necessária uma segunda votação para ir à guerra. ... Saddam é o líder governamental mais perigoso do mundo hoje, ele representa uma ameaça para a região, poderia representar uma ameaça maior se implantasse armas de destruição em massa, e temos o direito legítimo de agir.”¹⁴¹⁹

O artigo de Scahill finaliza afirmando que Obama tem a possibilidade de distanciar o país da mentalidade que o levou à guerra, mas que, para isso, seria preciso distanciar-se dos

¹⁴¹⁴ Ibid.

¹⁴¹⁵ Ibid.

¹⁴¹⁶ Ibid.

¹⁴¹⁷ Ibid.

¹⁴¹⁸ COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2014. July 1, 2014 - June 30, 2015. New York:

Council on Foreign Relations, 2015, p. 10. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴¹⁹ SCAHILL, Jeremy. *Op. Cit.*, 2008.

idealizadores dela¹⁴²⁰. E, embora isso não seja mencionado no texto, observa-se que dos 19 nomes listados por Scahill como evidências da continuidade de Clinton/Bush na administração Obama, 15 eram de membros do CFR. São eles: Madeleine Albright; Richard Holbrooke; Dennis Ross; Martin Indyk; Lee Hamilton; Susan Rice; Jami Miscik; John Kerry; William “Bill” Richardson; Robert Gates; Ivo H. Daalder; Sarah Sewall; Michele Flournoy; Wendy Sherman; e Thomas “Tom” Donilon¹⁴²¹. Esse tipo de poder de inserção do CFR (como dito, o think tanks está sempre presente no quadro de pessoal da Casa Branca, mesmo quando não protagonista das tomadas de decisões), alinha-se com as teorias de conspiração de que a instituição é parte de uma elite global imune a transição de poder.

Portanto, para a “ala conspiratória” nem o Onze de Setembro, a Guerra do Iraque ou a eleição de Barack Obama representaram qualquer sentimento de mudança ou ruptura. Ao contrário, eram evidências de que o “plano globalista”, proclamado publicamente nas eleições de 1988, seguia firme contra a “América”. Por outro lado, a mudança de “protagonistas” na “ala defensora do livre mercado” deparou-se com outro desafio. Nas palavras de Peterson, presidente do CFR: “o maior desafio econômico desde a crise dos anos 1930”. E, nesse contexto, a já fragilizada economia do Capital Científico realizada por agentes econômicos, políticos e científicos sofreu mais um golpe.

5.2 “*We are the 99%*”: a crise subprime

Entre 2000 e meados de 2005, o valor de mercado de casas nos Estados Unidos cresceu cerca de 50%. A partir de 2001, a combinação entre taxas hipotecárias baixas e o rápido crescimento do valor das casas, gerou uma explosão de novas construções e um amplo refinanciamento com saques de ações. Um indivíduo que, em 1997, obteve uma hipoteca de 7,7%, conseguia refinaranciar a taxa para 5,8% em 2003¹⁴²². Estimou-se que metade do crescimento do PIB do país no primeiro semestre de 2005 esteve de alguma forma relacionado ao setor imobiliário¹⁴²³. Os critérios para concessão de créditos foram aos poucos desconsiderados e a hipoteca *subprime* tornou-se acessível. Empréstimos para pessoas com

¹⁴²⁰ Ibid.

¹⁴²¹ Ibid.

¹⁴²² FELDSTEIN, Martin S. *Housing, credit markets and the business cycle*. National Bureau of Economic Research. October 2007.

¹⁴²³ SOROS, George. *O novo paradigma para os mercados financeiros*. Rio de Janeiro: Agir. 2008, p. 14.

pouca ou nenhuma documentação e “*Ninja*” (do inglês *no income, jobs or assets*) tornaram-se relativamente comuns. Os bancos, por sua vez, venderam as hipotecas dos mais riscos dentro de instrumentos de securitização chamados Obrigações Dívida Garantida (*Collateralized Debt Obligation*), que canalizavam os pagamentos de milhares de hipotecas para títulos com rendimentos e riscos ajustados para cada investidor. Assim, os empréstimos foram repassados para corretoras, “armazenados” por “banqueiros de hipotecas” e vendidos em blocos de investimento. Criou-se um sistema no qual era fácil e rápido criar títulos negociáveis que imitavam os riscos verdadeiros, mas não agregavam os custos de compra e agrupar empréstimos reais¹⁴²⁴. Porém, enquanto nos anos 2000 o estadunidense médio comprometia cerca de 3% dos gastos pessoais no refinanciamento de hipotecas, em 2006 esse número subiu para quase 10%¹⁴²⁵.

No dia 6 de agosto a *American Home Mortgage*, grande empresa de financiamento imobiliário dos Estados Unidos, pediu concordata depois de demitir diversos funcionários. A empresa alegou ser vítima de problemas que atingiam as financeiras do setor de crédito de hipotecas *subprime*. No dia 9, o *BNP Paribas*, grande banco francês, congelou três fundos de investimento no valor de 2 bilhões de euros devido ao problema no centro de crédito *subprime* nos Estados Unidos. Os mercados de crédito de curto prazo pararam, acompanhando o grande banco. O Banco Central Europeu investiu 95 bilhões no sistema bancário europeu na tentativa de aliviar a crise de crédito. O *Federal Reserve* dos Estados Unidos e o Banco Central do Japão tomaram medidas semelhantes. Entre 10 e 13 de agosto, o Banco Central Europeu, o *Federal Reserve* e o Banco Japonês voltaram a investir bilhões no sistema bancário. A *Countrywide Financial*, grande originadora de hipotecas dos Estados Unidos, em 17 de agosto, sacou da linha de crédito disponibilizada pela *Federal Reserve* num total de 11,5 bilhões de dólares. Em setembro, o maior banco de crédito imobiliário britânico, o *Northern Rock*, anunciou que estava à beira da insolvência¹⁴²⁶. O sistema bancário mundial caiu como dominó. A confiança do setor imobiliário decresceu em níveis recordes, os gastos e investimentos em construção civil, com ênfase na construção residencial, caiu

¹⁴²⁴ Ibid., p. 16-19.

¹⁴²⁵ GREENSPAN, Alan; KENNEDY, James E. Estimates of home mortgage originations, repayments, and debt on one-to-four-family residences. *FEDS Paper*, n. 41, 2005.

¹⁴²⁶ SOROS, George. *Op. Cit.*, 2008, p. 12 -13.

vertiginosamente¹⁴²⁷ nos Estados Unidos. Os preços das casas também entraram em queda, alcançando a menor taxa em mais de vinte anos¹⁴²⁸. Os três maiores bancos dos Estados Unidos – *Citigroup*, *Bank of America* e *JP Morgan Chase* – concordaram em um super-fundo de 75 bilhões para restaurar a confiança nos mercados de crédito. Em janeiro de 2008, o desemprego nos Estados Unidos aumentou consideravelmente, ao mesmo tempo em que foram registradas quedas no mercado de ações¹⁴²⁹. Em setembro de 2008 o *Lehman Brothers* – quarto maior banco de investimentos do país, com mais de 25 mil funcionários em todo mundo e até então considerado “grande demais para falir” – entrou com pedido de falência. O banco que em dezembro de 2007 era avaliado em 45,8 bilhões de dólares, viu-se obrigado a vender ativos em 2008 para angariar dinheiro à medida que pedidos de credos aumentavam. Em resultado, “os ativos de alta qualidade foram frequentemente vendidos a preços de liquidação, agravando um mercado globalmente deprimido e ansioso”¹⁴³⁰.

Os Estados Unidos presenciavam a maior crise financeira desde 1929. E, conforme Manuel Castells, as crises são momentos reveladores de falhas de um sistema. Assim, exercem uma mediação entre as tendências de uma sociedade e a consciência dos problemas e práticas que emergem¹⁴³¹. Como discutido no capítulo 2, foi durante a crise dos anos 1930 que se consolidaram os grupos que, nas décadas seguintes, formariam o “conservadorismo” moderno, unindo os “defensores do livre mercado” (tradicionalistas, libertários e mais) com os religiosos e conspiracionistas-anticomunistas. Foi, portanto, como resposta às políticas de combate à crise que grande parte das imagens sobre “direita” e “esquerda”, principalmente relacionadas aos partidos Republicano e Democrata, se desenvolveram. Foi também durante os anos da crise que a imagem do pesquisador acadêmico se modificou. O que antes era adotado principalmente como alheio às necessidades sociais (isso é, não se reconhecia o contato entre a política e a produção científica), modificou-se de modo a popularizar a imagem do pesquisador ou professor como conselheiro político. Sendo o grande exemplo, o

¹⁴²⁷ BBC NEWS. Fall in home building in the US. *BBC*. 30 November 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7121320.stm>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴²⁸ BBC NEWS. US house prices continue to slide. *BBC*. 27 November 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7115392.stm>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴²⁹ BBC NEWS. US shares slump on wor worries. *BBC*. 4 January 2008. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7171728.stm>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴³⁰ WIGGINS, Rosalind; PIONTEK, Thomas; METRICK, Andrew. The Lehman brothers bankruptcy a: overview. *Yale program on financial stability case study*, 2014.

¹⁴³¹ CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018. p. 17.

Brain Truth de Roosevelt. Porém, foi também em resposta aos “usos” de pesquisadores como conselheiros que a associação entre “universidade” e “comunismo” se popularizou. Em muitos aspectos, a crise de 2008 teve um impacto semelhante.

5.2.1 “*The End of the Free Market?*”: a crise e os movimentos políticos

Conforme Luiz Bresser-Pereira, a crise financeira de 2008 não foi uma crise econômica comum – recorrente em países em desenvolvimento até os anos 1990 que tentavam crescer com poupanças externas, gerando um déficit em conta-corrente –, mas sim uma crise no sistema bancário. Os Estados Unidos tinham um grande *déficit*, mas relativos aos gastos militares. A crise do *subprime* estabeleceu-se na desconfiança nos bancos e no mercado, assim como na economia como um todo¹⁴³². Sua causa primária foi a concessão de empréstimos hipotecários de forma quase irrestrita, para credores que tinham poucas ou nenhuma capacidade de pagar no momento em que as taxas comesçassem a subir. Como pontua Bresser-Pereira, a crise instaurou-se principalmente após o Tesouro norte-americano não ter evitado a falência do *Lehman Brothers*¹⁴³³. Por outro lado, o enfraquecimento da hegemonia estadunidense e as desconfianças geradas pela Guerra ao Terror, e em especial pela campanha do Iraque, deteriorou a confiança do consumidor na capacidade do Estado e do mercado de regular-se. A crise de 2008, além de uma crise financeira, promoveu uma crise de confiança.

Mas se a confiança na economia mostrava sinais de declínio, a confiança na política parecia melhorar com as eleições. Em vários aspectos a eleição de Barack Obama teve um significado considerável. Como discutido no tópico anterior, a vitória de Obama pareceu ser o caso de um promissor candidato negro ultrapassando as barreiras racistas institucionais. Mesmo os setores contrários à eleição do democrata (como o AEI) reconheceram que a eleição de Obama representava uma mudança de imagem. A ascensão de um presidente “mestiço” e de educação cosmopolita foi vista como um sinal de que os Estados Unidos estavam avançando uma agenda multilateral, moderada e aberta aos estrangeiros¹⁴³⁴.

No entanto, já no início de 2010, os esforços para estabilizar o Afeganistão levaram os

¹⁴³² BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos et al. A crise financeira de 2008. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 29, n. 1, p. 133-149, 2009.

¹⁴³³ Ibid.

¹⁴³⁴ DELGADO, Richard. Why Obama: An interest convergence explanation of the nation's first Black president. *Law & Ineq.*, v. 33, 2015, p. 367.

Estados Unidos a um compromisso mais fundo do que havia previsto inicialmente. O aumento de tropas em fevereiro de 2009 falhou em conter a maré Talibã. Internamente, a oposição pressionou e o forçou a reverter a decisão pelo fechamento de Guantánamo¹⁴³⁵. E, por fim, o estouro da crise *subprime* minguiu ainda mais o poder de liderança dos Estados Unidos, uma vez que os problemas econômicos do país foram “interpretados tanto no exterior quanto em casa como evidência de seu declínio”¹⁴³⁶.

O aumento no desemprego e os investimentos do governo no sistema financeiro para evitar falências – o governo dos Estados Unidos chegou a comprar 80% do *American International Group* –, só fez salientar a concentração de renda e a disparidade entre os mais ricos e os mais pobres dentro do sistema capitalista estadunidense. Entre 1998 e 2008, o crescimento cumulativo da produtividade subiu 30%, mas os salários subiram apenas 2%. No setor financeiro, o lucro subiu de 10%, na década de 1980, para 40%, em 2007, mas apenas 5% foi convertido para a força de trabalho. Nos anos 1990, os salários do estadunidense médio aumentaram 2%, enquanto a renda dos 5% mais ricos subiu 42%. Em comparação, nos anos 1980, o salário de um diretor executivo era 50 vezes maior que o do trabalhador médio, em 2010 foi 350 vezes maior. E 58% de todo o crescimento econômico das décadas 1990 e 2000, foi apropriado pelo 1% mais rico da sociedade¹⁴³⁷.

Já em fevereiro de 2008, o AEI publicou o artigo *Why the Crisis?*, por Allan Meltzer. No artigo, o ex membro do *Council of Economic Advisors* (1988–89), membro do AEI, professor da *Carnegie Mellon University* e futuro presidente da *Mont Pelerin Society* (2012–2014) argumentou que a procura por culpados pela crise poderia satisfazer o público ou a imprensa, mas que nada faria para a solução do problema ou para evitar que ele viesse a se repetir. Tampouco a regulação seria uma solução. Durante anos, argumenta Meltzer, os lucros dos operadores *subprime* foram grandes e as bonificações também, o que incentivou novos aumentos de bônus e melhores resultados para a empresa. O funcionário responsável por empréstimos e vendas via-se dentro de uma roda, conforme o autor: “deixar de jogar pode custar-lhe não apenas o seu bônus, mas também o seu emprego”¹⁴³⁸. A crise seria, portanto, o

¹⁴³⁵ LINDSAY, James. *Op. Cit.*, 2011. p. 776

¹⁴³⁶ *Ibidem.*, p. 777.

¹⁴³⁷ CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017, p. 130

¹⁴³⁸ MELTZER, Allan. *Why the Crisis?* *American Enterprise Institute article*. February 20, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/why-the-crisis-2/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

resultado da própria cultura de incentivos dos bancos que precisaria ser repensada, porém, sem a intermediação do governo, uma vez que “décadas de regulamentação para proteger a indústria de poupança e empréstimos terminaram com uma enorme fatura paga pelos contribuintes”¹⁴³⁹. O artigo é finalizado com a afirmação: “O capitalismo sem fracasso é como a religião sem pecado – simplesmente não funciona.”¹⁴⁴⁰

Por outro lado, no mês seguinte, foi publicado o *Regulations Are at the Root of U.S. Housing Mess* por Kevin Hassett. Embora o texto de Meltzer advogasse contra a regulamentação, não culpabilizava o governo pela crise. Porém, Hassett apresentou um entendimento distinto. Logo no início do texto afirma que foram os “políticos do governo começaram por esta confusão”¹⁴⁴¹ e que a narrativa de que a crise foi construída pela “oscilação irracional de preços resultante do mau comportamento dos gananciosos compradores de casas e da loucura das empresas”¹⁴⁴² que construiu uma “bolha”, era cômoda demais para os políticos. Hassett argumenta que diferentes políticas estaduais de planejamento de gestão de crescimento mobiliário desregulou o mercado de forma que em estados sem leis ou instituições de gestão de crescimento, uma casa média custaria cerca de 2,7 vezes o rendimento familiar, enquanto em estados com leis, esse número subiria para 5. Portanto Hassett é categórico: “a regulamentação governamental fora de controle deu início à confusão”¹⁴⁴³, sendo “as regulamentações que inibem a resposta da oferta aos preços mais elevados são os principais culpados”¹⁴⁴⁴.

Para enfrentar a crise, ainda em 17 de fevereiro de 2009, a Casa Branca lançou a *American Recovery and Reinvestment Act* (ARRA). O projeto visava a criação de empregos e o amortecimento da crise, fazendo investimentos públicos através de construções de infraestrutura – estradas, pontes, etc. – e de investimentos em educação, tecnologia e pesquisa científica. Além disso, procurava recapitalizar o sistema financeiro e reduzir impostos, estimou-se um corte de até 3.600 dólares de impostos no orçamento de uma família

¹⁴³⁹ Ibid.

¹⁴⁴⁰ Ibid.

¹⁴⁴¹ HASSETT, Kevin. Regulations Are at the Root of U.S. Housing Mess. *American Enterprise Institute Article*. Arch 17, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/regulations-are-at-the-root-of-u-s-housing-mess/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁴² Ibid.

¹⁴⁴³ Ibid.

¹⁴⁴⁴ Ibid.

estadunidense média¹⁴⁴⁵. No dia 24 de fevereiro o presidente discursou ao congresso:

Assim que tomei posse, pedi a este Congresso que me enviasse um plano de recuperação até ao Dia do Presidente [16 de fevereiro de 2009] que colocaria as pessoas de volta ao trabalho e colocaria dinheiro nos seus bolsos, não porque eu acredite num Estado grande – eu não – não porque eu não esteja ciente da enorme dívida que herdamos – eu estou. Apelei à ação porque não o fazer teria custado mais empregos e causado mais dificuldades. Na verdade, a falta de ação teria agravado o nosso défice a longo prazo, assegurando um fraco crescimento econômico durante anos. E é por isso que pressionei por uma ação rápida. E esta noite estou grato pelo resultado deste Congresso e tenho o prazer de dizer que a *American Recovery and Reinvestment Act* é agora lei¹⁴⁴⁶.

O AEI viu o projeto com ceticismo. Em junho, lançou uma nota intitulada *\$100 Billion: For Reform... or to Subsidize the Status Quo?*, na qual divulgava a criação de um grupo de trabalho chamado *Education Stimulus Watch* (ESW), com o propósito de supervisionar os gastos governamentais com educação propostos pelo ARRA. A nota, apoiando-se no princípio da transparência dos gastos públicos, esclarecia que o think tank de “apoio a esta causa, ajudando a manter um olho neste enorme conjunto de fundos.”¹⁴⁴⁷. O ESW foi designado para elaborar um relatório com uma “uma análise cuidadosa e imparcial da implementação da ARRA”¹⁴⁴⁸. O escolhido para liderar o grupo foi o Andy Smarick, ex-secretário adjunto para planejamento, avaliação e desenvolvimento de políticas do Departamento de Educação dos Estados Unidos e, na época, pesquisador adjunto do AEI¹⁴⁴⁹. No mês seguinte, Frederick Hess publicou pelo AEI o artigo *What's the Best Use of Stimulus Money?* no qual afirmou:

Em teoria, o dinheiro seria usado para reformas e não para subsidiar o status quo. No entanto, estou profundamente preocupado com o facto de estes dólares servirem para atenuar a modesta pressão fiscal que pode servir como pré-requisito para uma reforma transformadora. [...] Embora a economia tenha deflacionado junto com os valores das propriedades, os distritos escolares ainda vivem dentro de orçamentos construídos para uma economia de bolha. [...] Isto sugere a necessidade urgente de aperto de cinto e transformação; e quanto mais cedo, melhor. Infelizmente, a

¹⁴⁴⁵ SUMMERS, Lawrence H. Responding to an Historic Economic Crisis: The Obama Program. *Speech at the Brookings Institution*, 2009.

¹⁴⁴⁶ OBAMA, Barack. Address Before a Joint Session of Congress February 24, 2009. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/february-24-2009-address-joint-session-congress>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁴⁷ AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *\$100 Billion: For Reform . . . or to Subsidize the Status Quo?*. American Enterprise Institute Press. Jun 23, 2009. Disponível em: <<https://www.aei.org/press/100-billion-for-reform-or-to-subsidize-the-status-quo/>>. Acesso 05 mar. 2024.

¹⁴⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁴⁹ Ibid.

elaboração da lei de estímulo e a forma como o Departamento procedeu no cumprimento dessa lei significa que, na melhor das hipóteses, todas as despesas, excepto uma pequena percentagem, irão sustentar orçamentos estatais e distritais sobrecarregados e diminuir o apetite por mudanças significativas.¹⁴⁵⁰

O CFR, por outro lado, não se dedicou a investigar a crise financeira ou as ações do governo para enfrentá-la. No relatório de 2010, Richard Haass (presidente do CFR) chama atenção para as decisões “da administração Obama de aumentar os níveis de tropas no Afeganistão, as perspectivas para as relações dos EUA com uma China em ascensão, as tensões no Médio Oriente e as preocupações sobre o Irão e a Coreia do Norte”¹⁴⁵¹. Com foco em relações internacionais, a *Foreign Affairs* dedicou-se a publicar artigos sobre a China, o Irã e o Afeganistão. O primeiro texto a abordar diretamente o assunto da crise foi o *The Great Crash, 2008*, de Roger Altman, na edição de janeiro/fevereiro de 2009. Diferente das publicações do AEI que se propunham a promover um “anti-intervencionismo” o artigo de Altman procurava observar os impactos globais da crise. Mencionava que a crise era “grande revés geopolítico para os Estados Unidos e a Europa”¹⁴⁵², e que os governos não possuiriam a disposição nem o prestígio económico necessário para cumprir com seus respectivos papéis na política internacional¹⁴⁵³ e que, neste cenário, o único país beneficiado seria a China. E, mesmo que a resposta seja rápida e efetiva, “os mercados de capitais ocidentais não recuperarão a plena saúde durante anos.”¹⁴⁵⁴

A revista só volta ao assunto na edição de maio/junho de 2009 com o artigo *State Capitalism Comes of Age: The End of the Free Market?*, por Ian Bremmer. O texto destacava como as políticas de intervenções económicas empregadas por diferentes países, para combater a crise global, pode esconder um desprezo pela política do livre mercado. Bremmer argumentava que “uma intervenção estatal mais profunda numa economia significa que o desperdício burocrático, a ineficiência e a corrupção têm maior probabilidade de travar o crescimento.”¹⁴⁵⁵ Por fim, o artigo apontava para como a globalização se tornou uma justificativa retórica para a crise, e faz a seguinte previsão:

¹⁴⁵⁰ HESS, Frederick. What's the Best Use of Stimulus Money?. *American Enterprise Institute Article*. June 30, 2009. Disponível em < <https://www.aei.org/articles/whats-the-best-use-of-stimulus-money/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁵¹ Ibid.

¹⁴⁵² ALTMAN, Roger. The Great Crash, 2008. *Foreign Affairs*, v. 88, n 1. January/February 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2009-01-01/great-crash-2008>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁵³ Ibid.

¹⁴⁵⁴ Ibid.

Um número crescente de americanos passou a acreditar que a globalização transfere os seus empregos para outros países, diminui os seus salários e expõe os consumidores dos EUA a produtos estrangeiros de má qualidade. Em 2012, é provável que haja pelo menos um grande candidato presidencial dos EUA que se posicione numa plataforma neo-isolacionista, “*Buy American*”¹⁴⁵⁶.

Já em *Globalization in Retreat Further Geopolitical Consequences of the Financial Crisis*, da edição de julho/agosto de 2009, novamente por Roger Altman, é reconhecido como o impacto internacional da crise financeira distanciou os países: “O comércio global, os fluxos de capitais e a imigração estão em queda. Também não passou despercebido que as nações com sistemas financeiros isolados, como a China e a Índia, foram as que sofreram menos danos”¹⁴⁵⁷. Conforme Altman, o modelo anglo-saxão de capitalismo de livre mercado espalhou-se pelo mundo por cerca de 30 anos, e o papel do Estado, nesse tempo, esteve diminuindo e promovendo desregulamentações, privatizações e aberturas de fronteiras. No entanto, “a era da economia laissez-faire terminou”¹⁴⁵⁸ e a globalização entrou em retrocesso, tanto conceitualmente, quanto praticamente: “Grande parte do mundo vê-la [a globalização] agora como prejudicial. As nações, especialmente as em desenvolvimento, que abraçaram o aumento dos fluxos de capital e o comércio aberto foram particularmente prejudicadas”¹⁴⁵⁹.

Ou seja, enquanto as publicações do AEI tenderam a defender a agenda anti-intervencionista, o CFR procurou investigar os impactos geopolíticos internacionais da crise. Ao avançar do ano seguinte, o AEI manteve a postura. Em *Mistaken Assumptions*, de janeiro de 2010, Michael Barone argumentava que Obama tinha dois pressupostos: primeiro, que a crise econômica produziria uma maior procura, ou, pelo menos, aceitação, de um “estado grande”; e, segundo, que mostrar respeito e vontade de se envolver com os líderes de nações antes hostis aos Estados Unidos poderia produzir avanços em acordos mutuamente aceitáveis¹⁴⁶⁰. Porém, conforme Barone, ambas pressuposições estariam erradas. Seis dias

¹⁴⁵⁵ BREMMER, Ian. State Capitalism Comes of Age. *Foreign Affairs*. Vol 88, n. 3. May/June 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2009-05-01/state-capitalism-comes-age>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁵⁶ Ibid.

¹⁴⁵⁷ ALTMAN, Roger. Globalization in Retreat. *Foreign Affairs*. Vol 88, n. 4. July/August 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/world/globalization-retreat>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁵⁸ Ibid.

¹⁴⁵⁹ Ibid.

¹⁴⁶⁰ BARONE, Michael. Mistaken Assumptions. American Enterprise Institute Article. January 01, 2010. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/mistaken-assumptions/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

depois, Barone voltou a escrever. Em *Can Obama Change His Course—and Keep His Nerve?*, o autor volta a mencionar as duas pressuposições de Obama e pontua:

Todos nós já experimentamos a dissonância cognitiva que surge quando descobrimos que o mundo não funciona da maneira que presumimos que funcionaria. É difícil desistir de suas suposições e muitas vezes mais fácil acreditar que eventos e resultados inesperados foram uma aberração da norma que rapidamente retornaria ao que esperávamos. As correções no meio do caminho, nessas circunstâncias, são muitas vezes estranhas e difíceis de executar, ainda mais quando todos os olhos estão voltados para você e qualquer mudança de direção é objeto de comentários universais e críticas adversas¹⁴⁶¹.

Apesar dos protestos do AEI, pouco antes do final do mandato do presidente Obama em 2015, estimou-se que, com as medidas aditadas no ARRA: 1,6 milhão de empregos foram criados por ano, entre 2009 e 2012; as reduções de impostos alcançaram mais de 160 milhões trabalhadores; e a taxa de pobreza teria aumentado em 1,7% (e não em 0,5, conforme o registrado), levando 5,3 milhões de estadunidenses à pobreza em 2010¹⁴⁶². No entanto, como afirmou Lawrence H. Summers na ocasião do lançamento do plano: “Nossos problemas não foram feitos em um dia, um mês ou um ano, e não serão resolvidos rapidamente.”¹⁴⁶³ E a eleição de Obama que havia deixado uma marca de esperança em mudanças – como candidato, o próprio reforçou essa ideia –, perdeu apoio quando o presidente priorizou o socorro aos bancos¹⁴⁶⁴. Por mais que houvesse profissionais e funcionários do governo racionalizando a crise, afirmando que era preciso salvar o setor financeiro para salvar vidas, o tempo até as medidas surtirem, efeito (e o trabalho da oposição) gerou uma insatisfação tanto com o governo como com o mercado. Nas palavras de Castells:

Os mágicos das finanças passaram de objeto de inveja pública a alvo de desprezo universal. Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona. Sem confiança, o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela

¹⁴⁶¹ Ibid.

¹⁴⁶² COUNCIL OF ECONOMIC ADVISERS. *The Economic Impact Of The American Recovery And Reinvestment Act Five Years Later Final Report To Congress*. Executive Office Of The President. February 2014. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/administration/eop/cea/factsheets-reports>>. Acesso em 05 ma. 2024.

¹⁴⁶³ SUMMERS, Lawrence H. Responding to an Historic Economic Crisis: The Obama Program. *Speech at the Brookings Institution*, 2009.

¹⁴⁶⁴ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 22.

sobrevivência¹⁴⁶⁵.

A primeira expressão de indignação foi o surgimento do *Tea Party Movement*. Sua principal bandeira defendia temas libertários como a limitação do governo e a redução de impostos. Misturando populismo com libertarianismo, o movimento tornou-se um canal de mobilização para diferentes opositores do governo¹⁴⁶⁶. No entanto, analisando o perfil dos membros do movimento, Kevin Arceneaux e Stephen Nicholson concluíram que havia poucas evidências de que os apoiadores do *Tea Party* fossem predominantemente “trabalhadores pobres”. Em vez disso, os apoiadores do *Tea Party* tinham níveis de renda mais altos do que a população em geral.¹⁴⁶⁷ Junto de sua bandeira contra o governo, o movimento defendia posições conservadoras a respeito de assuntos como aborto e casamento homoafetivo. O perfil dos apoiadores, conforme Arceneaux e Nicholson, era de homens brancos, republicanos e conservadores. O movimento perdeu fôlego quando o envolvimento dos irmãos Koch se tornou público. Filhos de Fred Koch (cofundador da *John Birch Society*) e donos da Indústrias Koch, os irmãos Charles e David proporcionaram ao *Tea Party Movement* uma infraestrutura com recursos de *think tanks* e lobbies¹⁴⁶⁸. Porém, o envolvimento de uma grande empresa na fundação do movimento gerou uma imagem de causa manipulada¹⁴⁶⁹. Embora tenha perdido tração, o *Tea Party Movement* teve considerável impacto na política estadunidense, sua posição populista e contrária ao governo foi, de acordo com Oliver Jutel, um dos responsáveis pelos sucessos do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato¹⁴⁷⁰.

Foi em julho de 2011 que a revista *Adbuster* convocou: “#occupywallstreet. você está pronto para um movimento Tahrir?”¹⁴⁷¹. A convocatória fazia referência a ocupação da Praça Tahrir, no Egito, que em janeiro do mesmo ano havia reunido dezenas de milhares de manifestantes¹⁴⁷². Em dezembro de 2010, um jovem tunisiano ateou fogo em si mesmo em protesto contra a situação econômica, o descaso das autoridades e a brutalidade policial. O ato

¹⁴⁶⁵ Ibid., p. 17

¹⁴⁶⁶ Ibid., p. 130.

¹⁴⁶⁷ ARCENEUX, Kevin; NICHOLSON, Stephen P. Who wants to have a tea party? The who, what, and why of the Tea Party movement. *PS: Political Science & Politics*, v. 45, n. 4, p. 700-710, 2012.

¹⁴⁶⁸ JUTEL, Olivier. The liberal field of journalism and the political—The New York Times, Fox News and the Tea Party. *Journalism*, v. 17, n. 8, p. 1129-1145, 2016.

¹⁴⁶⁹ CASTELLS, Manuell. *Op. Cit.*, 2017, p. 130.

¹⁴⁷⁰ JUTEL, Olivier. *Op. Cit.*, 2016, p. 2.

¹⁴⁷¹ CASTELLS, Manuell. *Op. Cit.*, 2017, p. 131.

¹⁴⁷² Ibid., p. 58.

gerou levantes que foram reprimidos, levando a mais atos contra o autoritarismo. Usando a internet e as redes sociais digitais como ferramentas de organização e promoção de suas insatisfações, os manifestantes conseguiram com que o ditador Ben Ali perdesse o apoio do governo francês (que tinha desde sua ascensão ao poder nos finais da década 1980). Sem respaldo internacional, Ali deixou a Tunísia e refugiou-se na Arábia Saudita¹⁴⁷³. A vitória dos manifestantes tunisianos espalhou os levantes contra as autoridades pelo Marrocos e pelo Golfo Árabe. Como resume Visentini, a chamada Primavera Árabe “derrubou velhas oligarquias autoritárias que estavam no poder há décadas, tanto monarquias tradicionais como repúblicas modernizadoras. As manifestações se espalharam para o Egito e outros países”¹⁴⁷⁴. Além das manifestações e mudanças de governo no Egito e na Tunísia, houve guerras civis na Líbia, Iêmen e Síria.

De forma menos belicosa, o movimento que começou na Tunísia influenciou manifestantes na Espanha que estavam insatisfeitos com a forma como o governo encarava a crise do euro¹⁴⁷⁵. Com a taxa de desemprego de 47% entre os jovens e com o governo espanhol priorizando a recapitalização das instituições financeiras, grupos que, primariamente reuniam-se online, tomaram as revoltas do mundo árabe como exemplo e convocaram manifestações. Sem o apoio aberto de nenhum grupo político específico e sem uma liderança formal, em 15 de maio de 2011, 50 mil manifestantes marcharam em Madrid, 20 mil em Barcelona e 10 mil em Valência¹⁴⁷⁶. Em seguida, ocuparam as praças de *Puerta del Sol*, em Madrid, e a Praça *Catalunya*, em Barcelona. Na convocatória da *Adbuster* lê-se:

Uma mudança mundial nas táticas revolucionárias está em andamento agora e é um bom presságio para o futuro. O espírito desta nova tática, uma fusão de Tahrir com os acampamentos da Espanha. [...] A beleza desta nova fórmula, e o que torna esta nova tática excitante, é sua simplicidade pragmática: falamos uns com os outros em vários encontros físicos e assembléias virtuais de pessoas [...] e então saímos e tomamos uma praça de significado simbólico singular e colocamos nossas bundas na linha para que aconteça. Chegou a hora de implantar este estratagema emergente contra o maior corruptor de nossa democracia: Wall Street, a Gomorra financeira da América. [...] Em 17 de setembro, queremos ver 20.000 pessoas inundando a baixa Manhattan, montando tendas, cozinhas, barricadas pacíficas e ocupando Wall Street por alguns meses. Uma vez lá, repetiremos incessantemente uma simples exigência em uma pluralidade de vozes. [...] Exigimos que Barack Obama ordene uma

¹⁴⁷³ Ibid., p. 35.

¹⁴⁷⁴ VISENTINI, Paulo. *Op. Cit.*, 2015, p. 117.

¹⁴⁷⁵ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 15.

¹⁴⁷⁶ Ibid., p. 101.

Comissão Presidencial encarregada de acabar com a influência que o dinheiro tem sobre nossos representantes em Washington. É hora de DEMOCRACIA NÃO EMPRESÁRIOCRACIA [...]. Essa demanda parece capturar o clima nacional atual porque limpar a corrupção em Washington é algo que todos os americanos, de direita e de esquerda, desejam e podem apoiar. [...] Nosso governo seria forçado a escolher publicamente entre a vontade do povo e o lucro das corporações. [...] Isso poderia ser o início de toda uma nova dinâmica social na América, um passo além do movimento Tea Party¹⁴⁷⁷.

Aproximadamente mil pessoas marcharam por *Wall Street* e ocuparam a *Zuccotti Park* no dia 17¹⁴⁷⁸. A polícia agiu reprimindo as manifestações e, conforme a repressão se intensificou, o movimento mobilizou mais manifestantes. No dia 27 voltaram a se reunir em assembleia cerca de 2 mil pessoas, com a presença de intelectuais (como o professor e escritor Cornel West e o jornalista e documentarista Michael Moore) e de políticos, como o vereador Charles Barron. Em outubro, cerca de 5 mil pessoas tomaram a *Brooklyn Bridge*, e mais de 700 foram presas¹⁴⁷⁹. Poucos dias depois, com apoio de sindicatos, 15 mil manifestantes tomaram a *Zuccotti Park* e consolidaram a ocupação. Com o sucesso em *Wall Street*, diversas ocupações foram efetuadas em cidades em todo o país, como em Chicago, Boston, Washington, Atlanta, São Francisco, Los Angeles, Las Vegas e mais¹⁴⁸⁰.

Conforme Michael Gould-Wartofsky, convencionou-se na imprensa a imagem de que a ocupação das praças e espaços públicos foi motivada por uma única questão, a desigualdade de renda. De fato, esta era uma questão sensível aos manifestantes, mas, mais que isso, os “99%” colocavam-se contra o poder que o “1%” mantinha sobre a política e o mercado¹⁴⁸¹. Em 23 de setembro, a ocupação de *Wall Street* elaborou um documento (aprovado em assembleia) denominado Princípios de Solidariedade no qual resumia as demandas e críticas. O documento: 1) opõe-se contra qualquer prática de repressão; 2) chama atenção para a responsabilidade pessoal e coletiva; 3) destaca a necessidade de redefinir como a mão de obra é valorizada; 4) atesta a santidade da privacidade e a crença de que a educação é um direito humano; 5) e ainda discute a necessidade de engajamento democrático e transparente, e de

¹⁴⁷⁷ ECONOMIC SOCIOLOGY & POLITICAL ECONOMY. The original email that started Occupy Wall Street. *Economic Sociology & Political Economy*. December 27. 2014. Disponível em: <<https://economicsociology.org/2014/12/27/the-original-email-that-started-occupy-wall-street/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁷⁸ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 134.

¹⁴⁷⁹ Ibid.

¹⁴⁸⁰ Ibid., p. 135.

¹⁴⁸¹ GOULD-WARTOFSKY, Michael A. *The occupiers: The making of the 99 percent movement*. Oxford University Press, 2015, p. 8.

reconhecimento dos privilégios de indivíduos e a influência que podem exercer. Através destes princípios, a ocupação elaborou um piso de demandas. “É a partir dessas reivindicações que dizemos a todos os americanos e ao mundo: Basta! Quantas crises são necessárias? Nós somos os 99% e nos movemos para recuperar nosso futuro hipotecado”¹⁴⁸²

Alguns dias depois, também em assembleia, elaboraram a Declaração de Ocupação de Nova York:

Como um povo unido, reconhecemos a realidade: que o futuro da raça humana requer a cooperação de seus membros; que nosso sistema deve proteger nossos direitos e, diante da corrupção desse sistema, cabe aos indivíduos proteger seus próprios direitos e os de seus vizinhos; que um governo democrático obtém seu justo poder do povo, mas as corporações não buscam consentimento para extrair riqueza do povo e da Terra; e que nenhuma democracia verdadeira é alcançável quando o processo é determinado pelo poder econômico. Chegamos a você em um momento em que as corporações, que colocam o lucro sobre as pessoas, o interesse próprio sobre a justiça e a opressão sobre a igualdade, comandam nossos governos. Reunimo-nos aqui pacificamente, como é nosso direito, para que esses fatos sejam conhecidos¹⁴⁸³.

Foram listadas 23 queixas e críticas que vão desde a crise financeira e o despejo de moradores até a crueldade em teste com animais praticada por empresas. Criticou-se a discriminação no local de trabalho, a dívida estudantil, a terceirização da mão de obra, a influência de empresários em tribunais, a venda da privacidade como uma mercadoria por empresas de tecnologia, além de apontar para a prática de desinformação.

Em outubro de 2011, conforme dados da *Pew Research Center*, um mês após o início das manifestações, 39% dos estadunidenses demonstravam apoio ao movimento *Occupy*. Em contraste, o *Tea Party* apresentava uma rejeição de 44% (mesmo mantendo uma aprovação de 63% entre os republicanos)¹⁴⁸⁴. Embora o *Tea Party* tenha se tornado um movimento de maioria republicana e conservadora, não se pode dizer que o *Occupy* se tornou um movimento democrata. Manteve sim, um apoio de maioria democrata (52%), mas também de

¹⁴⁸² PRINCIPLES OF SOLIDARITY. Occupy wall street movment. September 17, 2011. Disponível em: <<https://declarationproject.org/?p=487>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁸³ REILEY, Peter. Declaration of the Occupation of New York City - Thomas Jefferson is Tough Act to Follow. *Forber*. October 05, 2011. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/peterjreilly/2011/10/05/declaration-of-the-occupation-of-new-york-city-thomas-jefferson-is-tough-act-to-follow/?sh=4a678eab210f>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁸⁴ PEW RESEARCH CENTER. *Public Divided Over Occupy Wall Street Movement*. Pew Research Center Report. October 24, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2011/10/24/public-divided-over-occupy-wall-street-movement/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

considerável presença independente (43%)¹⁴⁸⁵. A manifestação tendia a ser entendida como multicultural. Diferente do *Tea Party*, a renda da maioria dos manifestantes tendia a ser a renda média de um trabalhador estadunidense. Metade dos manifestantes possuíam emprego fixo, enquanto a outra metade dividia-se entre desempregados ou subempregados. A idade variava entre 20 e 40 anos, composto majoritariamente por jovens profissionais ou estudantes. Nas palavras de Castells: “Não era uma revolta no campus ou manifestação de uma contracultura cosmopolita. Era entoada por tantas vozes e sotaques quanto os presentes numa sociedade altamente diversificada e multicultural”¹⁴⁸⁶. Sendo assim, mais do que salientar as diferenças entre republicanos e democratas, os movimentos atingiram a imagem do mundo financeiro, e da política, aos olhos dos eleitores estadunidenses.

Conforme Russel Heimlich, em março de 2009, logo após o estouro da crise, 67% dos estadunidenses diziam que *Wall Street* se importava apenas com seu próprio dinheiro, mas 63% compreendia que, apesar disso, o mercado financeiro tinha um papel importante na economia do país¹⁴⁸⁷. Já em outubro de 2011, quase metade dos estadunidenses (47%) diziam que *Wall Street* prejudicava mais a economia que ajudava. E essa desconfiança no sistema financeiro se espalhava entre diferentes vertentes políticas¹⁴⁸⁸. Dentre os conservadores anti-governistas e “pró-mercado”, apenas 48% diziam que *Wall Street* ajudava a economia mais que prejudicava, 39% diziam que prejudicava mais. Além disso, 45% dos republicanos diziam que *Wall Street* mais prejudicava, e entre os democratas esse número era de 59%. O grupo que demonstrava maior apoio ao mercado financeiro era o Libertário, dos quais 56% defendiam que *Wall Street* mais ajudava a economia que prejudicava¹⁴⁸⁹. Seguindo esta linha, em 2011, a média móvel da confiança do estadunidense na polícia chegou ao menor índice da história (caindo de 21% em agosto para 17% em outubro) desde a crise da administração Clinton com o Haiti em 1994 (no qual o índice de confiança na política caiu para 19%)¹⁴⁹⁰.

Segundo Castells, a desconfiança no Estado (fenômeno que foi reconhecido por ele

¹⁴⁸⁵ Ibid.

¹⁴⁸⁶ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 138.

¹⁴⁸⁷ HEIMLICH, Russel. *Public Shows Wariness About Wall Street*. Pew Research Center. October 13, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2011/10/13/public-shows-wariness-about-wall-street/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁸⁸ Ibid.

¹⁴⁸⁹ Ibid.

¹⁴⁹⁰ RESEARCH CENTER. *Public Trust in Government: 1958-2023*. Pew Research Center Feature. September 19, 2023. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2023/09/19/public-trust-in-government-1958-2023/>>. Acesso 05 mar. 2024.

como ocorrido na Europa e nos Estados Unidos ao início dos anos 2010) foi resultado de vários processos que se reforçaram. A globalização da economia e as novas tecnologias de comunicação fragilizaram as economias nacionais e limitaram o poder de reação dos Estados-nação diante de problemas cada vez mais globais: crises financeiras, mudanças climáticas, terrorismo¹⁴⁹¹. Conforme Andreas Beer os movimentos de alterglobalização e de justiça global foram fundamentais para a construção dos movimentos *Occupy*. Não só porque os principais organizadores das ocupações (considerando as faixas etárias) foram politizados no período em que estes movimentos foram mais populares, mas principalmente porque muito de sua dinâmica de atuação e suas pautas eram semelhantes aos movimentos de uma década antes¹⁴⁹². Conforme discutido no tópico 3.2.2 Globalização: Nova desordem mundial? desta tese, a dinâmica do movimento alterglobalista compreendia três momentos: a *negatividade da resistência*, as *proposições concretas*, e a *utopia* de um outro mundo.

O movimento *Occupy* iniciou-se a partir da insatisfação com o estado vigente da economia e da política econômica, tendo como ponto de ignição a crise imobiliária. Mas, mais que isso, fundamentou-se na crítica à lógica do mercado financeiro e como esta lógica reforçava a desigualdade (*negatividade da resistência*).

Embora a Declaração de Ocupação de Nova York apresentasse mais queixas que propriamente demandas, as demandas das ocupações não eram poucas. Exigiam que a especulação financeira fosse controlada; que fosse promovida uma auditoria no *Federal Reserve*; que a desigualdade de rendimentos fosse reduzida; que as leis dos impostos passassem por uma reforma; que o socorro governamental a empresas fosse extinto; que o racismo, sexismo e xenofobia fossem combatidos; entre outras proposições. A variedade de demandas exprimia a ideia de que não havia unidade ou propósito, mas, conforme concluiu Castells, o movimento foi popular justamente por permanecer aberto a toda proposta¹⁴⁹³. O que, por sua vez, fundamentou a utopia da democracia plena e direta.

Foi através desta pluralidade de pautas, ausência de um líder carismático e de uma bandeira política que se uniu indignações e sonhos, ao mesmo tempo em que se evitou a política como usualmente era aplicada. As decisões do movimento eram tomadas em conjunto

¹⁴⁹¹ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2018, p. 15.

¹⁴⁹² BEER, Andreas. Just (ice) Smiling? Masks and Masking in the Occupy-Wall Street Protests. *European journal of American studies*, n. 13-4, 2018.

¹⁴⁹³ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 258.

através de assembleias abertas. Conforme Castells, “a maioria das pessoas simplesmente não confia no processo político tal como está agora estruturado, de modo que só contam consigo mesmas”¹⁴⁹⁴. O que caracterizava não só uma crítica ao modelo político/empresarial corrupto, mas também uma alternativa (*utopia*). Desta forma, como apontou Beer, os movimentos *Occupy* podem “ser vistos como uma adaptação das ideias propostas pelo movimento alterglobalização”¹⁴⁹⁵. E, assim como os movimentos dos anos 1990 não foram contra a globalização como fenômeno, mas sim contra a forma corporativista e neoliberal que vinha sendo aplicada, o movimento *Occupy* não eram exatamente contra o capitalismo como sistema, mas sim contra o capitalismo financeiro e sua influência na política.

Nos Estados Unidos, o período da crise *Subprime* foi fortemente ofensivo à política como um todo. Em 2011, uma pesquisa da *Pew Research Center* demonstrou como a imagem do Congresso caiu ao longo do ano. Em fevereiro, 36% dos entrevistados responderam que gostariam de ver a maior parte do Congresso reeleito. Já em dezembro, esse índice caiu para 20%¹⁴⁹⁶. Ambos os partidos foram mal avaliados. As lideranças do Partido Democrata foram aprovadas por 31%; já as lideranças republicanas foram aprovadas por 21%¹⁴⁹⁷.

Tabela 3: Maiores problemas enfrentados pelos Estados Unidos em 2011, segundo os estadunidenses.

Problema mais importante a ser enfrentado hoje pelos Estados Unidos?	Maio de 2011	Dezembro de 2011	Diferença
Insatisfação com o governo	4	10	6
Partidarismo/Partidos/Impasse	x	4	4
Distribuição de riqueza/Desigualdade	-	2	2
Falta de liderança	x	2	2
Educação/Escolas	2	3	1
Moralidade/Ética/Valores familiares	1	2	1
Segurança nacional	1	1	0
Guerra no Iraque/ Afeganistão	5	4	-1

¹⁴⁹⁴ Ibid., p. 158.

¹⁴⁹⁵ BEER, Andreas. *Op. Cit.*, 2018.

¹⁴⁹⁶ PEW RESEARCH CENTER. *Frustration with Congress Could Hurt Republican Incumbents*. Pew Research Center Report. December 15, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2011/12/15/frustration-with-congress-could-hurt-republican-incumbents/>>. Acesso em 05 mar. 2011.

¹⁴⁹⁷ Ibid.

Dívida nacional	10	9	-1
Custos de saúde/Acessibilidade	6	4	-2
Finanças/Dinheiro	5	2	-3
Desemprego	26	21	-5
Custos de energia	7	1	-6
Economia (geral)	28	19	-9

Fonte: Adaptado PEW RESEARCH CENTER. *Frustration with Congress Could Hurt Republican Incumbents*. Pew Research Center Report. December 15, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2011/12/15/frustration-with-congress-could-hurt-republican-incumbents/>>. Acesso em 05 mar. 2011.

A pesquisa revelou, ainda, que a economia se manteve como principal preocupação do estadunidense (apresentando um índice de 28% de respostas positivas em maio, e 19% em dezembro). Porém, embora tenha sido o tópico mais respondido em ambos os recortes, foi o que apresentou maior queda de importância (com uma diferença de 9 pontos percentuais). Por outro lado, os tópicos que apresentaram maior crescimento foram “insatisfação com o governo” (um crescente de 6 pontos) e “Partidarismo” (numa crescente de 4 pontos)

A visão do estadunidense sobre a prosperidade de seu país também apresentou queda. Em outra pesquisa, também de 2011, a *Pew Research Center* revelou que os estadunidenses reconheciam os Estados Unidos como uma grande nação, mas não como a maior delas. Demograficamente, os mais idosos (65+ anos) tenderam reconhecer os Estados Unidos como “acima de todos os outros países”, com um índice de 50%. Por outro lado, os mais jovens (18 – 29 anos) não só foram o menor índice entre os que viram o país “acima de todos os outros países” (27%), como foram os que mais reconheceram o país como “abaixo dos demais” (12%)¹⁴⁹⁸. Ideologicamente, a pesquisa constatou que:

Os conservadores convictos – que são fortemente antigovernamentais e pró-negócios – são os únicos em que a maioria (67%) afirma que os EUA estão acima de todas as outras nações. [...] O outro grupo republicano moderado [...] estão divididos igualmente: 49% dizem que os EUA estão acima de todos os outros países, enquanto quase o mesmo número (46%) diz que é um dos maiores países junto com alguns outros. [...] Grupos democratas - Liberais convictos (62%), Democratas da Nova Coligação (54%) [...] dizem que os EUA estão entre os maiores países¹⁴⁹⁹.

¹⁴⁹⁸ PEW RESEACRH CENTER. *U.S. Seen as Among the Greatest Nations, But Not Superior to All Others*. Pew Research Center Report. Jun 30, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2011/06/30/u-s-seen-as-among-the-greatest-nations-but-not-superior-to-all-others/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁴⁹⁹ Ibid.

Deve-se destacar que os dados da pesquisa foram levantados em março de 2011, meses antes dos inícios dos protestos *Occupy* e refletem o perfil dos manifestantes (jovens, de tendências à esquerda). Por outro lado, o reflexo conservador da insatisfação com o Estado foi distinto. Enquanto os think tanks dos “defensores do livre mercado” ocupavam-se em analisar a crise, o impacto internacional da mesma (em especial o AEI) em identificar os culpados, a “ala conspiratória” viu na crise e nos movimentos indícios de conspirações.

Em outubro de 2011, pouco após o início dos protestos de *Occupy*, Rush Limbaugh acusou os manifestantes de serem “ferramentas dos sindicatos democratas”¹⁵⁰⁰. Em seu programa de rádio afirmou:

Essas pessoas estão marchando por um Estado grande. Eles estão defendendo a reeleição de Obama. Eles estão marchando contra Wall Street. Quem está na cama com Obama? Wall Street. [...] Essas pessoas são ferramentas. São ferramentas abjetas. Eles são uma vergonha. [...] Esses protestos, só estou falando, tenho que rir. Eles são amadores e se acham muito durões. Eles pensam que são tão poderosos. O *establishment* que eles odeiam está apenas usando-os [...]. Estou lhe dizendo, é fascinante observar essas pessoas saindo e protestando exatamente contra aquilo em que estão votando¹⁵⁰¹.

No entanto, Limbaugh foi mais receptivo ao *Tea Party Movement*. Comparando os movimentos, Limbaugh acusou o *Occupy* de ser artificialmente inflado. Alegou que, em Sacramento, o grupo que estava ocupando uma praça não soube responder a uma repórter o motivo de estarem se manifestando. Limbaugh afirmou que um dos organizadores teria admitido “Sim, sim, eu - eu - terei que lhe dizer, algumas pessoas aqui são pagas. Não vou identificá-los para você, mas eles são.”¹⁵⁰² Por outro lado, o *Tea Party Movement* seria orgânico, pacífico e genuíno:

Você olha as fotos, digamos, do evento *Tea Party* de 12 de setembro em Washington. Você olha para vários eventos do *Tea Party* - e, a propósito, houve cerca de 300 eventos do *Tea Party*; nem uma prisão [...]. Achei que eles odiavam o *Tea Party* por todos os motivos óbvios: é orgânico, sem liderança, espontâneo e real. [...] Cada membro do *Tea Party* é um indivíduo sólido, a maioria deles trabalha, tira uma folga do trabalho para fazer o que está fazendo. Eles se opõem de forma dramática e dinâmica a tudo o que o Partido Democrata representa [...]. Portanto, o ciúme deles

¹⁵⁰⁰ LIMBAUGH, Rush. *Idiot Wall Street Protestors are Tools of Unions, Democrats*. The Rush Limbaugh Show. Oct 3, 2011. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2011/10/03/idiot_wall_street_protestors_are_tools_of_unions_democrats/>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵⁰¹ Ibid.

¹⁵⁰² Ibid.

os levou a criar essa imitação simulada, que é uma farsa¹⁵⁰³.

As principais críticas de Limbaugh sobre o *Occupy* eram de que: 1) o movimento era orquestrado pela administração Obama, com manifestantes pagos; e 2) as manifestações seriam contraditórias em si, pois acusariam o sistema bancário pela crise, mas ignoraria que este sistema teria financiado Obama. Ou seja, protestariam a favor do que teria causado a crise.

O que quero dizer é que você encontrará mais CEOs e diretores financeiros democratas ricos do que republicanos. Noventa por cento do dinheiro de *Wall Street* foi para Obama, contribuições de campanha, 2008. Noventa por cento dos titãs de *Wall Street* votam nos democratas. [...] É um mito que os republicanos sejam iguais à ganância das grandes empresas e ao corporativismo. É um mito¹⁵⁰⁴.

De acordo com o radialista, toda a crise seria positiva para Obama. Em março de 2010, Limbaugh acusou o governo Obama de praticar um assalto à “classe média”. Políticas de saúde, como o *Obama Care*, foram interpretadas como tentativas de controlar a “classe média”. Segundo Limbaugh, a administração não teria nenhum interesse em realizar verdadeiros cortes de impostos, pois precisaria controlar a “classe média” através de incentivos governamentais:

Ele [Obama] entende e todos os liberais entendem que é a classe média que detém a chave do seu poder [...]. Eles querem controlar. Eles não desejam governar. Eles querem controlar. A razão pela qual nunca haverá reduções significativas de impostos para a classe média, a razão pela qual de facto os impostos de toda a gente estão a subir, porque esta lei sobre cuidados de saúde, é que a esquerda, de Obama para baixo, não permitirá que a classe média suba a escada. A classe média deve ser a classe que recebe as esmolas do governo¹⁵⁰⁵.

E, nesta estratégia, a competitividade que caracterizaria o capitalismo liberal seria minado: “O único setor neste país que está a crescer neste momento é o governamental [...]”.

¹⁵⁰³ LIMBAUGH, Rush. *The Democrats Envy the Tea Party, So They Created a Bad Imitation*. The Rush Limbaugh Show. Oct 7, 2011. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2011/10/07/the_democrats_envy_the_tea_party_so_they_created_a_bad_imitation/> Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵⁰⁴ LIMBAUGH, Rush. *Example: How Class Warfare Works*. The Rush Limbaugh Show. Oct 11, 2011. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2011/10/11/example_how_class_warfare_works/>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵⁰⁵ LIMBAUGH, Rush. *Obama's Assoault on Middle Class*. The Rush Limbaugh Show. mar 22, 2010. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2010/03/22/obama_s_assault_on_middle_class/>. Acesso em 05 mar. 2024.

Trata-se literalmente de destruir a galinha dos ovos de ouro que levou à maior oportunidade de prosperidade para a maioria dos seres humanos na história da humanidade”¹⁵⁰⁶. No mês seguinte, Limbaugh acusou Obama de criar a recessão para “criar uma subclasse permanente através de mais e mais gastos, extensão dos benefícios de desemprego, e tudo o mais”¹⁵⁰⁷, e afirmou que a crise seria revertida nas vésperas das eleições de 2012.

Já em 2011, comentando o movimento *Occupy*, Limbaugh discutiu com um suposto ouvinte sobre os motivos da crise. O ouvinte saudou o *Tea Party Movement* e confessou querer “ser um capitalista”, mas queixou-se que lobistas, antigas conexões e “todas essas coisas”, estariam “matando o capitalismo”. Limbaugh, por sua vez, saiu em defesa do empresariado:

Você está falando nas generalizações mais amplas que já ouvi. Então agora todos os executivos corporativos são saqueadores. Todos eles roubam. Todos eles fazem parte da boa e velha rede. Não importa de que negócio estamos falando, não importa o que produzam, não importa o que aconteça, todos os executivos são corruptos. Eles não fazem nada além de roubar; eles não fazem nada além de manipular o jogo para si mesmos. Por que você não pode começar a pensar no Partido Democrata desta forma? [...] O Partido Democrata está matando o capitalismo. A esquerda americana, o socialismo e Barack Obama estão a matar o capitalismo. [...] O capitalismo está sob ataque do Partido Democrata, de Barack Obama e da esquerda americana mundial. Se pessoas fora de uma empresa podem dizer às pessoas quanto pagar, isso não é capitalismo. Se você, como funcionário, deseja ter alguma palavra a dizer sobre o que o seu CEO faz, não estamos falando de capitalismo. Estamos falando de outra coisa se você quiser esse tipo de controle¹⁵⁰⁸

O site *InfoWars*, fundado por Alex Jones em 1999, também apontou os movimentos *Occupy* como ligados à administração Obama. Paul Joseph Watson publicou pelo site, em 10 de outubro de 2011, o artigo ‘*Occupy*’ *Forms Alliance With Obama Lobby Group*. Watson denuncia a associação entre os movimentos e o Partido Democrata, apontado para o fato do “site oficial” do movimento ter publicado uma aliança formal com a filial de Nova Jersey da *American Federation of Teachers*, grupo que, segundo o autor, não só teria financiado a campanha de Obama (doando 1,9 milhão de dólares), como se beneficiaria dos investimentos em educação previstos no ARRA¹⁵⁰⁹. Bem como Limbaugh, Watson também salienta a

¹⁵⁰⁶ Ibid.

¹⁵⁰⁷ LIMBAUGH, Rush. Obama’s Recession Continues. The Rush Limbaugh Show. Abr 12, 2010. Disponível em <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2010/04/12/the_obama_recession_continues/>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵⁰⁸ LIMBAUGH, Rush. *Example: How Class Warfare Works*. Op. Cit. 2011.

¹⁵⁰⁹ WATSON, Paul Joseph. ‘Occupy’ Forms Alliance With Obama Lobby Group. *Infowars*. October 10, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/occupy-forms-alliance-with-obama-lobby-group/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

suposta “ironia” do movimento se aproximar do partido democrata: “É claro que a ironia dos líderes do ‘*Occupy Wall Street*’ que procuram alianças com grupos de frente da campanha de Obama é o facto de o próprio Obama ser a criatura definitiva de Wall Street.”¹⁵¹⁰

Alguns dias depois, no dia 15, foi publicado pelo *InfoWars* o artigo *A Few Thoughts On The Occupy Wall Street Movement*, por Brian Rogers. No artigo Rogers questiona:

De repente, por todo o país, estudantes estão a questionar os seus professores de economia sobre o dogma padrão que lhes estão a ser ensinados e que está visivelmente a falhar à sua volta. Como podem os doutores que preparam a futura geração de líderes financeiros e económicos continuar a ensinar a doutrina keynesiana com uma cara séria? Como poderão defender os resgates e a enorme mão da *Federal Reserve* na manipulação dos preços dos ativos como algo que se assemelhe, mesmo que remotamente, ao capitalismo?¹⁵¹¹

Rogers argumenta que os responsáveis pela crise foram aqueles que defenderam uma intervenção política na *Federal Reserve*, que promoveu a inflação. No entanto, o autor não aponta para partidos políticos ou personalidades: “Ambos os partidos apoiam a intervenção monetária do *Federal Reserve*”¹⁵¹². Conforme Rogers:

Votar republicano? Os republicanos aumentaram a dívida de cerca de US\$ 5,6 trilhões em 2000 para mais de US\$ 10 trilhões em 2008 [...]. Votar democrata? Os Democratas apoiaram o resgate dos bancos, o financiamento de ruinosas guerras estrangeiras iniciadas pelos Republicanos. [...] Ambos os partidos não apoiam limites de mandato. Ambos os partidos apoiam leis liberais de financiamento de campanha. Ambos os partidos se curvam diante de Wall Street¹⁵¹³.

Para Rogers, a melhor opção de voto seria uma terceira, nem democrata ou republicana, mas a que representa a “primeira ameaça ao *status quo*”, o *Tea Party*¹⁵¹⁴. Para o autor, o movimento *Occupy* representava um simples “refinamento” do ideal original do *Tea Party*. O movimento, em si, seria uma representação do facto de que “não são apenas os especialistas financeiros como o Sr. Santelli que compreendem a corrupção e a corrupção que constituem o nosso sistema atual”¹⁵¹⁵.

¹⁵¹⁰ Ibid.

¹⁵¹¹ ROGER, Brian. *A Few Thoughts On The Occupy Wall Street Movement*. *Infowars*. October 15. 2011. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/a-few-thoughts-on-the-occupy-wall-street-movement/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵¹² Ibid.

¹⁵¹³ Ibid.

¹⁵¹⁴ Ibid.

¹⁵¹⁵ Ibidem.

Já em 18 de outubro, o site publicou o texto *Solid Evidence That Occupy Wall Street Is A Communist Movement Run By Socialists* que, de forma direta (em certa medida, ecoando o modelo da *John Birch Society*), acusa o movimento de ser comandado por comunistas:

Muitos dos manifestantes estão simplesmente zangados com os grandes bancos ou apenas querem que algo seja feito em relação à economia. Mas a verdade é que quando olhamos de perto os “organizadores”, a literatura e os objectivos declarados deste movimento, vemos socialismo e comunismo em todo o lado. [...] A maioria dos “líderes” de alguma forma são socialistas de um tipo ou de outro. Não deveria ser surpresa que o Partido Comunista dos EUA tenha apoiado oficialmente os protestos do Occupy Wall Street. Na verdade, os líderes comunistas têm falado em muitos dos protestos. [...] A verdade é que os objetivos do movimento Occupy Wall Street não são um grande mistério. Eles os colocaram lá fora para que todos pudessem ver. [...] o que os manifestantes estão exigindo é um governo federal muito maior, que tire dos ricos e que lhes dê muitas coisas de graça¹⁵¹⁶.

Em *Robin Hood Tax: Occupy Movement now marching straight into the globalist trap* (de 31 de outubro de 2011) foi apontado que o movimento perdeu seu rumo e que, na ânsia de combater o sistema financeiro, os manifestantes, pareciam “ter mordido a isca, puxando a multidão para o endosso de um sistema fiscal global, e um sistema a ser administrado... por um novo órgão governamental global”¹⁵¹⁷.

A *New American*, revista da *John Birch Society*, publicou em setembro de 2011 o artigo *Unions, Socialists Join Forces to “Occupy Wall Street”*, por Alex Newman. Newman, presidente da pequena empresa de consultoria de mídia e informação *Liberty Sentinel Media*, expressou preocupação ao identificar que “um número crescente de sindicatos, proeminentes defensores do grande governo e grupos socialistas” estariam se juntando às manifestações “*Occupy Wall Street*”¹⁵¹⁸. A situação seria ainda mais alarmante depois que “relatos alegarem que os chefes sindicais ligados à administração Obama estavam a conspirar para provocar o caos”¹⁵¹⁹. Newman resume:

¹⁵¹⁶ THE AMERICAN DREAM. Solid Evidence That Occupy Wall Street Is A Communist Movement Run By Socialists. *Infowars*. October 18, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/solid-evidence-that-occupy-wall-street-is-a-communist-movement-run-by-socialists-who-wish-to-bring-down-the-free-enterprise-system/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵¹⁷ HENNINGSEN, Patrick. Robin Hood Tax: Occupy Movement now marching straight into the globalist trap. *Infowars*. October 25, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/robin-hood-tax-occupy-movement-now-marching-straight-into-the-globalist-trap/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵¹⁸ NEWMAN, Alex. Unions, Socialists Join Forces to “Occupy Wall Street”. *The New American*. September 30, 2011. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/us/politics/unions-socialists-join-forces-to-occupy-wall-street/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵¹⁹ Ibid.

Os objetivos do movimento anti-Wall Street supostamente “sem liderança” permanecem um tanto obscuros – provavelmente propositalmente, segundo os críticos. Uma das exigências mais frequentemente citadas, no entanto, é que o governo restrinja os direitos de liberdade de expressão de empresas e organizações. [...] Mas em outras áreas, alguns ativistas conservadores acreditam ter encontrado um terreno comum. Alguns dos websites e organizações associadas à ocupação, por exemplo, atacaram mesmo a *Federal Reserve*, os resgates aos banqueiros e várias transferências de riqueza do governo para a elite. [...] Mas mais do que tudo, os manifestantes e ativistas parecem estar clamando por um governo maior e pelo fim do pouco que resta do mercado livre¹⁵²⁰

Já no mês seguinte, a revista publicou *Occupy Wall Street: A Drive for One-World Gov't?*, escrito por Raven Clabough. O artigo argumentava que os protestos, em vez de exigirem o fim da *Federal Reserve* (definida por Clabough como inconstitucional), pediam “a entrega da nossa soberania nacional aos globalistas”¹⁵²¹. O movimento, nessa ótica, seria uma artimanha da “elite globalista” para avançar sua agenda de governo mundial disfarçada de movimento democrático. As evidências estariam nas proximidades das agendas do movimento *Occupy* com as estabelecidas pela Assembleia Parlamentar das Nações Unidas. A assembleia apelaria pela “‘democratização’ das redes globalistas como o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio, o Banco Central Europeu e o Conselho de Segurança da ONU”¹⁵²², agentes internacionais que, na teoria da Nova Ordem Mundial, planejavam estabelecer um único governo global.

Em dezembro, o artigo *Occupy Wall Street: Lawlessness & Communist Revolution*, redigido por William Jasper, criticou a “mídia de esquerda” por esconder ou minimizar o fato de as manifestações possuírem “elementos extremos e radicais”¹⁵²³. Acusava, ainda, dela ignorar os problemas do *Occupy* e demonizar o *Tea Party*. De acordo com o autor, os protestos promovidos pelo *Tea Party*, mesmo que maiores, não registraram crimes (vandalismo, agressão roubo e afins). Além disso, os organizadores pagaram pelas licenças, pela polícia e pelo uso de banheiros químicos, e não usaram dinheiro do contribuinte. Por outro lado, os protestos *Occupy* teriam registrado diversos crimes (de vandalismo até estupro),

¹⁵²⁰ Ibid.

¹⁵²¹ CLABOUGH, Raven. *Occupy Wall Street: A Drive for One-World Gov't?*. The New American. October 20, 2011. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/us/politics/occupy-wall-street-a-drive-for-one-world-govt/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵²² Ibid.

¹⁵²³ JASPER, William. *Occupy Wall Street: Lawlessness & Communist Revolution*. The New American. November 18, 2011. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/us/politics/occupy-wall-street-lawlessness-communist-revolution/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

sendo ocupações “violentas, sem lei e criminosas que resultaram em vandalismo massivo, perturbação do trânsito e dos serviços governamentais e violação dos direitos de outros cidadãos que não partilham os objetivos dos manifestantes”¹⁵²⁴. Ao mesmo tempo, Jasper se queixava, de a “mídia da esquerda” ter feito vista grossa para a presença comunista no movimento *Occupy*, ao mesmo tempo em que procurava elementos extremistas no *Tea Party* e gritava “em falso horror sempre que pensava ter descoberto um sinal hipercrítico do presidente Obama, destemperado ou insensível. Isto era uma prova, insistiram, do racismo do *Tea Party* e das simpatias neonazis”¹⁵²⁵.

Por outro lado, o *911Truth.org* manteve-se a favor do movimento *Occupy*. No final de outubro de 2011, o site publicou um chamado:

Muitas vezes me perguntei quando é que decidiremos colectivamente que temos menos medo do Estado do que de viver num planeta sem árvores, sem água potável, sem terras aráveis, sem um pinga de justiça. Graças ao Occupy Wall Street (OWS) e todos os esforços relacionados, este momento está cada vez mais próximo a cada dia que passa [...]. Não são os mercenários voluntários em lugares como o Afeganistão que lutam pela nossa liberdade, são os *Occupy Wall Street*¹⁵²⁶

Quando a repressão policial violenta tomou as praças, as reações foram variadas. O *InfoWars* publicou o texto *The Police State Vs. Occupy Wall Street: This Is Not Going To End Well For Any Of Us*, ainda em novembro de 2011, alegando: “estamos acompanhando os primeiros rounds de uma luta de pesos pesados entre dois adversários extremamente determinados. O *Occupy Wall Street* não tem planos de perder esta luta e nem as autoridades”¹⁵²⁷. O texto afirmava que a resposta pela violência policial seria o agravamento dos protestos; que “seria bom se todos os protestos do *Occupy Wall Street* fossem 100% não violentos” e que “quando os manifestantes do *Occupy Wall Street* cometem atos de violência ou vandalismo, devemos denunciá-los.”¹⁵²⁸. Em suma, o texto condena a violência policial contra civis, mas não apoia o movimento *Occupy*, tão pouco presta qualquer tipo de

¹⁵²⁴ Ibid.

¹⁵²⁵ Ibid.

¹⁵²⁶ 911TRUTH.ORG. Occupy Participation: #SomeThingsAreBiggerThanAnyOfUs. *911Truth.org*. October 31, 2011. Disponível em: <<https://911truth.org/occupy-participation-somethingsarebiggerthananyofus/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵²⁷ THE ECONOMIC COLLAPSE. The Police State Vs. Occupy Wall Street: This Is Not Going To End Well For Any Of Us. *Infowars*, November 17, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/the-police-state-vs-occupy-wall-street-this-is-not-going-to-end-well-for-any-of-us/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵²⁸ Ibid.

solidariedade.

Alex Jones, em seu programa, comentou uma reportagem da *New York Post* intitulada *NYPD raidrs roust OWS rabble*. Jones caçoou da manchete afirmando que o termo *raiders* (do inglês “invasores” ou “saqueadores”) significaria “piratas” e o termo *rabble* (multidão) significaria “escória criminoso”. Em suma, Jones afirmava que quando Obama não conseguiu mais controlar o movimento, o presidente ordenou o fim dos protestos. Nas palavras de Jones:

A mídia disse: “Sim. Ataque os americanos que estão tentando exercer a Primeira Emenda. Nós amamos a Praça da Paz Celestial. A propósito, banqueiros pegam nossas contas bancárias e nos estuprem também”. E o sistema diz: “pode apostar que nós vamos te machucar também”. E eles dizem: “obrigado”¹⁵²⁹

Em fevereiro de 2012, o *InfoWars* alegou – em *Homeland Security Feared ‘Occupy Wall Street’ Violence* – que o *Department of Homeland Security* estava atuando com uma “polícia secreta” para “investigar atividade política”, o que seria mais um “exemplo de como a agência federal, que foi criada sob os auspícios de proteger os Estados Unidos de ataques terroristas, está principalmente preocupada em manter o controle sobre os cidadãos”¹⁵³⁰. No entanto, o *9/11truth.org* saiu em defesa dos manifestantes. Ainda no início de novembro, o site publicou uma reportagem elaborada pelo jornal *Raw Story* com o título *Watch: ‘Occupy Oakland’ protester shot by rubber bullet while filming cops*. O texto questiona a resposta violenta da polícia às manifestações em Oakland, uma vez que “o evento tenha sido em grande parte pacífico”¹⁵³¹. A polícia efetuou mais de 100 prisões, porém a maioria era de manifestantes que se recusaram a “deixar o espaço público”¹⁵³².

Poucos dias depois, o *9/11truth.org* publicou o texto *This Beat Down is for Your Health – the Money Party Must Stop Occupy Movements*. O artigo chamou o prefeito de Portland, Sam Adams, de ser uma “ferramenta do Establishment”. Além disso, acusou a imprensa – citando diretamente o *New York Times* – de ser “propagandista frequente do Partido do

¹⁵²⁹ JONES, Alex. On Occupy Wall Street. *Infowars* November 15, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y_JS49S6aLY>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵³⁰ WATSON, Paul Joseph. *Homeland Security Feared ‘Occupy Wall Street’ Violence*. *Infowars* february 29, 2012. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/homeland-security-feared-occupy-wall-street-violence/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵³¹ WEBSTER, Stephen. *Watch: ‘Occupy Oakland’ protester shot by rubber bullet while filming cops*. *911Truth.org*. November 7, 2011. Disponível em: <<https://911truth.org/occupy-protester-shot-rubber-bullet-filming-cops/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵³² Ibid.

dinheiro”. Em suma, o artigo defendeu que os “fascistas do partido do dinheiro” usavam a violência policial e a mídia para calar os americanos que estavam “exercendo a primeira emenda”¹⁵³³.

Deve-se destacar, portanto, que embora o conservadorismo estadunidense, desde a década de 1930, apresente na gênese de sua visão de mundo uma perspectiva que pode ser compreendida como conspiratória, o teórico da conspiração não é essencialmente ou exclusivamente um conservador. A *John Birch Society*, Rush Limbaugh, *InfoWars* e afins, são representantes de uma “ala conspiratória” do conservadorismo estadunidense que produz e reproduz teorias da conspiração que corroboram com suas visões de mundo e projetos políticos. Tanto Limbaugh, a *John Birch* quanto o *InfoWars*, interpretaram as manifestações do *Occupy* como artimanhas políticas da esquerda e endossaram o *Tea Party Movement* como a alternativa adequada. Porém, os membros do *Occupy* não estiveram imunes a reproduzir discursos que poderiam ser compreendidos como paranoicos e conspiratórios.

5.2.2 “The Shocking Truth”: a conquista da indignação (e da desconfiança)

Com o objetivo de examinar a natureza do conspiracionismo no público estadunidense em 2011, Eric Oliver e Thomas Wood apresentaram uma lista com uma série de teorias da conspiração às quais o público responderia com “Conheço”, “Concordo fortemente”, “Concordo”, “Indiferente”, “Discordo” e “Discordo fortemente”. Observa-se que as respostas negativas (juntando os números de respostas “Discordo fortemente” com as “Discordo”) foram consideravelmente maiores que as positivas. Por outro lado, os números revelam que algumas teorias eram extremamente populares. A mais popular (isto é, a com maiores respostas de “Conheço”) foi a *Birther* (94%), seguida pela *Truther* (67%). Por outro lado, a que constou com maior aceitação (juntando os números de respostas “Concordo fortemente” com as “Concordo”) foi a de que a crise financeira era uma armação política de uma pequena elite bancária¹⁵³⁴.

¹⁵³³ COLLINS, Michael. This Beat Down is for Your Health – the Money Party Must Stop Occupy Movements. *911Truth.org*. November 14, 2011. Disponível em: <<https://911truth.org/this-beat-down-is-for-your-health-the-money-party-must-stop-occupy-movements/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

¹⁵³⁴ OLIVER, J. Eric; WOOD, Thomas J. Conspiracy Theories and the Paranoid Style(s) of Mass Opinion. *American Journal of Political Science*, v. 58, n. 4, October 2014, p. 952–966.

Tabela 4: Percentual da aceitação do público estadunidense às teorias da conspiração em 2011.

Teoria da Conspiração	Conheço	Concordo	Discordo
O presidente Barack Obama não nasceu realmente nos Estados Unidos.	94	24	52
Certos funcionários do governo dos Estados Unidos planejaram os ataques de 11 de setembro.	67	19	59
A crise financeira foi orquestrada por um grupo de banqueiros de <i>Wall Street</i> .	47	25	37
A invasão do Iraque foi impulsionada por empresas petrolíferas e judeus em Israel.	44	19	49
O bilionário George Soros está por trás de uma conspiração para desestabilizar o governo americano.	31	19	37
Os rastros de vapor deixados por aeronaves são agentes químicos.	17	9	63

Fonte: Adaptado de OLIVER, J. Eric; WOOD, Thomas J. Conspiracy Theories and the Paranoid Style(s) of Mass Opinion. *American Journal of Political Science*, v. 58, n. 4, October 2014, p. 952–966.

Oliver e Wood concluíram ainda que existem teorias conspiratórias “genéricas” que imputam culpa ao Estado e a “agentes secretos” para explicar os acontecimentos; e teorias “ideologicamente guiadas”, que se sustentam em visões de mundo representativas de uma ideologia específica. Sendo, essa última, a mais comum entre republicanos¹⁵³⁵.

Como discutido anteriormente, uma das características centrais que definem uma teoria da conspiração é seu atributo moral. Segundo Brian Keeley e Michael Barkun, para o teórico da conspiração, o conspirador é essencialmente alguém maligno¹⁵³⁶. O julgamento de bruxas em Salém culpou a “elite satânica de Boston” e sua “rede de bruxas” pelos surtos. Os confederados acusaram os federalistas de serem *iluminatis* satânicos, com o objetivo de destruir a fé cristã. O anticomunismo dos anos 1930 – 1980 acusou o comunismo de ser uma ideologia satânica. A teoria da Nova Ordem Mundial desenvolveu-se em um tronco religiosos (derivado da leitura bíblica do anticristo) e um laico (derivada do anticomunismo). O *Clinton*

¹⁵³⁵ Ibid.

¹⁵³⁶ BARKUN, Michael. *Op. Cit.* 2003, p. 3-4.

Body Count acusava a família Clinton, entre outras coisas, de pedofilia. Os *911truthers* acusaram o governo de promover o atentado para promover medo e instaurar o governo global; entre outros¹⁵³⁷.

O valor moral de “luta do bem contra o mal” das teorias da conspiração dialoga com a visão de mundo conservadora tanto pelo aspecto do anticomunismo, do religioso (herdada da noção de “povo eleito” jeremiada), quanto do nacionalista (da excepcionalidade americana, igualmente herdada da tradição jeremiada). Além disso, como visto, o conspiracionismo foi instrumento de união do conservadorismo nos anos 1950 a 1970. Portanto, uma maior incidência de pensamento conspiratório entre conservadores nos Estados Unidos é explicada não só pelas afinidades ideológicas, mas também pela construção ativa de think tanks e comunicadores conservadores ao longo da segunda metade do século XX.

No entanto, Oliver e Wood concluíram que, em 2011, mais da metade dos estadunidenses (55%) concordavam com, ao menos, uma teoria da conspiração¹⁵³⁸, e que, apesar da maior incidência entre republicanos, o pensamento conspiratório era encontrado em qualquer espectro político. Parte da causa desse efeito pode ser encontrada tanto nos eventos que levaram ao movimento *Occupy*, quanto no movimento em si.

Como observou Tim Aistrophe, “apesar de todas as suas boas intenções, o *Occupy* é prejudicado por um estilo paranoico de populismo que vê elites nefastas por trás de tudo.”¹⁵³⁹ A jornalista Naomi Wolf, que foi detida por 30 minutos em uma cela após desobedecer a ordens policiais, escreveu para o *The Guardian*, o artigo *The shocking truth about the crackdown on Occupy*. No texto, Wolf critica as respostas desproporcionais da polícia em diferentes acampamentos. A jornalista afirmou ter reconhecido três grandes agendas entre os manifestantes: 1) tirar o dinheiro da política, isso é, rever a legislação que permite o investimento privado em campanhas políticas; 2) reformar o sistema bancário, a fim de prevenir fraudes e manipulações; e 3) elaborar leis contra brechas que permitem que membros do Congresso aprovem legislações que afetem empresas das quais são investidores. Esta última demanda Wolf qualifica como a “mais reveladora”¹⁵⁴⁰. A jornalista, partindo do

¹⁵³⁷ Ibid.

¹⁵³⁸ OLIVER, Eric; WOOD, Thomas. *Op. Cit.*, 2014.

¹⁵³⁹ AISTROPE, Tim. Conspiracy discourse and the Occupy Movement. *Global Change, Peace & Security*, v. 25, n. 1, p. 113-118, 2013.

¹⁵⁴⁰ WOLF, Naomi. The shocking truth about the crackdown on Occupy. *The Guardian*. 25 november, 2011.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/nov/25/shocking-truth-about->

princípio de que o *Occupy* era fortemente vigiado e infiltrado pelo *Department of Home Security*, concluiu que as ações policiais severas foram orquestradas pelo Congresso (ou mesmo, especulou, pelo Presidente). O *Department of Home Security* não atuava de forma autônoma, nas palavras de Wolf, mas respondendo “a uma cadeia de comando: primeiro, ao representante de Nova Iorque, Peter King, chefe do subcomitê de segurança interna da Câmara, que naturalmente é influenciado pelos desejos e interesses dos seus colegas congressistas”¹⁵⁴¹, e como “abrir os livros sobre um sistema que permitiu aos membros do Congresso lucrar pessoalmente – e imensamente – com a sua própria legislação”¹⁵⁴², estava prestes a ser alcançado pelo movimento *Occupy*, entender as ações policiais para dissipar o movimento seria apenas uma questão de “ligar os pontos”¹⁵⁴³.

A teoria levantada pela jornalista aproximou-se da teoria da conspiração do Estado Profundo (também referenciado como Estado Paralelo ou Governo das Sombras). A teoria defende a existência de uma cúpula inerente ao Estado, imune ao revezamento de poder, que usa das instituições do governo para benefício próprio. Ou seja, independente de eleições ou nomeações, a “máquina” do Estado seria sempre gerida pelo mesmo grupo que abusaria do poder para angariar mais poder e garantir sua posição. Como salienta Robert Horwitz, o termo não é de origem estadunidense, mas sim turca¹⁵⁴⁴. De fato, quando assumiu o poder em 2014, o presidente da Turquia, Recep Erdoğan, confessou temer que o “estado profundo” não o deixaria governar¹⁵⁴⁵. No entanto, Ian Fitzgerald (jornalista e teórico da conspiração) ironizou que no governo dos Estados Unidos “tamanho é a proliferação de interesses investidos trabalhando para suas próprias agendas” que seria mais adequado renomeá-lo para “Estados Profundos Unidos da América”. Fitzgerald faz um histórico do “Estado Profundo”, remontando a prática da Grécia Antiga até os anos 2000. Nos Estados Unidos, o autor afirma que o “Estado Profundo” formou-se a partir do século XIX, com ação de empresários como John Rockefeller e J.P. Morgan, e consolidou-se com a eleição do “esquerdista Franklin D. Roosevelt”¹⁵⁴⁶. A teoria do Estado Profundo por vezes é associada à da Nova Ordem Mundial.

[crackdown-occupy](#)> Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁵⁴¹ Ibid.

¹⁵⁴² Ibid.

¹⁵⁴³ AISTROPE, Tim. *Op. Cit.*, 2013, p. 114.

¹⁵⁴⁴ HORWITZ, Robert B. Trump and the “deep state”. In: *The Trump Administration*. Routledge, 2022, p. 41-58.

¹⁵⁴⁵ FILKINS, Dexter. The Deep State. *The New Yorker*. March 4, 2012. Disponível em:

<<https://www.newyorker.com/magazine/2012/03/12/the-deep-state>> Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁵⁴⁶ FITZGERALD, Ian. *Estado Profundo*. Brasil: Pé da Letra. 2021, p.175-176.

Embora não empreguem o termo, diversas obras da virada da década de 1980/90 (como as citadas *Global Tyranny Step By Step*, de William F. Jasper; *Rule by Secrecy*, de Jim Marrs; *Shadow Of Power*, por James Perloff; e outras) pregavam a existência de agências e instituições agindo dentro do governo de forma secreta. Só o CFR, como visto, é acusado de compor o “Estado Profundo” desde a década de 1920.

Porém, deve-se destacar que a utilização do termo, em si, não necessariamente remete à teoria da conspiração. Mike Lofgren, funcionário do Congresso aposentado em 2011, descreveu o “Estado Profundo” da seguinte forma:

Existe o governo visível dos Estados Unidos [...] e há outro governo mais sombrio e indefinível que não é explicado na introdução a educação cívica [...]. Uma entidade híbrida de instituições públicas e privadas governando o país [...] amarrada, mas apenas intermitentemente controlada, pelo estado visível cujos líderes nós nominalmente escolhemos [...]. O Estado Profundo, como um conjunto de amígdalas infectadas, dificilmente é um design ideal, mas tornou-se ascendente sobre a nossa democracia representativa tradicional como resultado da acumulação gradual de circunstâncias históricas¹⁵⁴⁷.

Lofgren usa o termo, não para denunciar uma conspiração de um seletivo grupo de empresários que, secretamente, comandam os Estados Unidos e manipulam a máquina pública a seu favor, mas sim, para denominar a cultura política estadunidense, que cultivou em sua prática uma série de entidades, instituições, lobistas, consultores, think tanks e afins (amígdalas infectadas) que – de diferentes formas – influenciam as tomadas de decisões.

A afirmação de Wolf sobre as razões da repressão policial não necessariamente corrobora a teoria do Estado Profundo, mas chamava atenção para o conflito de interesse de congressistas. Ou seja, poderia ser uma denúncia de “amígdalas infectadas”. Porém, como demonstrou Aistrophe, “o consenso geral era que Wolf tinha sido enganada por fontes não confiáveis e depois ‘construiu uma conspiração maior sobre isso’”¹⁵⁴⁸. Apenas dois grupos apresentaram apoio às acusações de Wolf: “progressistas, geralmente simpáticos às preocupações dos manifestantes do *Occupy*.” e “grandes publicações conservadoras”¹⁵⁴⁹. De fato, trechos do artigo do *The Guardian* podem ser encontrados no site *InfoWars*¹⁵⁵⁰. Na

¹⁵⁴⁷ LOFGREN, Mike. *The deep state: The fall of the constitution and the rise of a shadow government*. Penguin, 2016, p. 32-33.

¹⁵⁴⁸ AISTROPE, Tim. *Op. Cit.*, 2013, p. 115.

¹⁵⁴⁹ Ibid.

¹⁵⁵⁰ Disponível em: <<https://archives.infowars.com/the-shocking-truth-about-the-crackdown-on-occupy/>> Acesso em 07 mar. 2024.

prática, o discurso sobre um “complô” do governo reverberou tanto entre os apoiadores do *Occupy* – como visto, de maioria democrata – quanto entre os republicanos conservadores conspiracionistas. Ou seja, dois grupos ideologicamente separados, de construções sociais e históricas (como visto) distintos, compartilharam brevemente a mesma lógica para pensar conspiratoriamente. Não por serem essencialmente semelhantes, mas por existirem simultaneamente no momento de descodificabilidade generalizada do Capital Científico e Político.

O pensamento conspiratório, como salienta Barkun, é uma visão de mundo que procura dar ordem aos acontecimentos políticos e à História¹⁵⁵¹. No início do século, o projeto de mundo global formou um mundo/mercado em rede que articulou elementos estruturais das sociedades que aparecem na política, na economia, nas finanças, nas comunicações, etc. No entanto, Castells argumentou que grande parte dos indivíduos, ainda alheios às formas como essa rede influencia essas estruturas, balizam os sentidos de suas vidas em “sistemas culturais específicos construídos por uma experiência comum: seus territórios, idiomas, suas culturas e histórias próprias, seu grupo étnico, sua nação, sua religião”¹⁵⁵². Em consequência, Hobsbawm apontou um declínio no ímpeto do cidadão em participar da política ou de exercer a cidadania¹⁵⁵³, ao mesmo passo que houve uma valorização maior de tradições culturais:

O Estado-nação, construído durante a Idade Moderna, entra em crise por sua tensão interna entre ser nodo de redes globais, nas quais se decide o destino de seus povos, e representar seus cidadãos, que não se resignam a deixar suas raízes históricas, geográficas e culturais nem a perder o controle sobre o próprio trabalho [...]. E na medida em que o Estado-nação, para fazer parte da Rede, tem que transcender o Eu, a representação dos humanos na construção política democrática baseada na comunidade definida pelo Estado-nação sofre uma profunda crise de legitimidade¹⁵⁵⁴

Portanto, consolidava-se socialmente um sentimento de que o Estado-nação se distanciava de seus compromissos, criando uma crise de representatividade, de legitimidade e de confiança. Só nos Estados Unidos, o Onze de Setembro, as guerras do Afeganistão e Iraque, a crise financeira e a inabilidade dos governos (tanto republicano quanto democrata) em contornar as dificuldades, geraram uma sensação de falha e incompetência do Estado. E,

¹⁵⁵¹ BARKUN, Michael. *Op. Cit.*, 2003, p. 3.

¹⁵⁵² CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2018, p. 70.

¹⁵⁵³ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007, p. 107.

¹⁵⁵⁴ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2018, p. 70-71.

conforme Castells, “sem confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência”¹⁵⁵⁵. Neste cenário de instabilidade e desconfiança no poder do Estado, verificou-se uma crescente desconfiança nos elementos e instituições que fundamentam o Estado. Como questiona Castells:

Quando os mecanismos de representação não funcionam adequadamente, quando poderes irresponsáveis, como instituições financeira e mídias corporativas, definem os termos e resultados da deliberação e das tomadas de decisão num campo limitado de opções, e quando importantes desvios de comportamento em relação às regras enviesadas do jogo estão sujeitos à intimidação pelas forças de segurança e por um judiciário nomeado por critérios políticos?¹⁵⁵⁶

Segundo Liesbet van Zoonen, quando não há confiança nas instituições, os indivíduos tendem a se comportarem de duas formas: 1) encontrando alguém a quem atribuir culpa, o que fundamenta a xenofobia ou teorias conspiratórias; ou 2) voltando-se para si mesmas como resposta, o que Zoonen denominou de eu-pistemologia. Assim,

Instituições de conhecimento como universidades e outras instituições de pesquisa e ensino, mas também governos e mídia dependem de pessoas que confiam que seus fatos e resultados sejam relevantes, imparciais e replicáveis; em outras palavras, eles esperam que as informações que saem dessas instituições sejam verdadeiras [...] No entanto, o próprio progresso criou novos problemas que somos muito menos capazes de gerenciar; o crescimento econômico também causa danos ambientais; (o desejo de) crescimento financeiro levou à crise bancária; a globalização também trouxe terrorismo; e ainda enfrentamos riscos mais tradicionais de doenças pandêmicas, desastres naturais e pobreza [...] As instituições que gostaríamos de recorrer para obter conhecimento e segurança sobre os riscos que enfrentamos, têm problemas próprios. Nossos governos obviamente não estão no controle, por exemplo, dos bancos. Além disso, muitos dos riscos atuais estão ligados a redes corporativas globais pouco claras que escapam à fácil prestação de contas. De fato, nem temos mais certeza se todos esses riscos são verdadeiros ¹⁵⁵⁷

Além da insatisfação, o advento da Web 2.0 ampliou o efeito da desconfiança e o poder de transmissão e união de teóricos da conspiração. Como discutido anteriormente¹⁵⁵⁸, a internet, no início da década de 1990, foi ferramenta para que teóricos da conspiração

¹⁵⁵⁵ Idem. *Op. Cit.*, 2017, p. 17.

¹⁵⁵⁶ Ibid., p. 167.

¹⁵⁵⁷ VAN ZOONEN, Liesbet. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.

¹⁵⁵⁸ Capítulo 4, tópico 4.1.2 A perda do “selo”.

desenvolvessem suas audiências de forma mais efetiva, com blogs e correntes de e-mails. E a emergência da Web 2.0 potencializou esse fenômeno.

De acordo com Juliano Spyer, o termo Web 2.0 é comumente usado como sinônimo de sites colaborativos (como *wikis*). Porém, essa é uma adoção simplificada do termo. Spyer esclarece que originalmente o termo era empregado para descrever sites ou aplicativos de baixa manutenção, cujo conteúdo não era alimentado necessariamente por um único indivíduo ou equipe (como em blogs), mas sim construído colaborativamente entre os usuários ou de forma combinada com outros sites¹⁵⁵⁹. Essa “nova internet” trouxe consigo não só uma nova forma de comunicação, mas também uma economia colaborativa em fóruns, comunicações instantâneas e síncronas (diferente de comunicações assíncronas, como e-mails) e redes sociais digitais.

Além, com os *smartphones* e a redes de internet moveis, como destaca André Lemos, a “mobilidade do usuário é ampliada pela mobilidade informacional”. Ou seja, não apenas o indivíduo pode consumir informação em deslocamento – como se fazia ouvindo rádio no carro, ou lendo em transportes públicos – como passou a ter a capacidade de produzir e distribuir informação em larga escala, de forma independente, durante seu deslocamento, configurando o desenvolvimento de uma “cultura de mobilidade”¹⁵⁶⁰.

Por fim, um outro elemento que a emergência da Web 2.0 ajudou a fomentar foi o anti-intelectualismo. Em 2005, três jovens de uma pequena cidade do norte do estado de Nova York juntaram pouco mais de 2 mil dólares e produziram o documentário *Loose Change*, promovendo a teoria *9/11truth*. Apesar do amadorismo sobre produção audiovisual e do pouco recurso, o documentário foi lançado e ganhou tração online, chegando em primeiro lugar no “top 100” do *Google Video*, sendo assistido 10 milhões de vezes só em seu primeiro ano¹⁵⁶¹. Um projeto como esse, até meados dos anos 2000, precisaria de uma equipe e estrutura melhor desenvolvida (como as que a *John Birch*, o Rush Limbaugh ou Alex Jones já dispunham) para ganhar vida. Mas, a facilidade de produção e promoção de informação pela Web 2.0, proporcionou a emergência de “teóricos da conspiração amadores”.

¹⁵⁵⁹ SPYER, Juliano. *Conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 28.

¹⁵⁶⁰ LEMOS, André. Cultura da Mobilidade. Revista *FAMECOS*. Porto Alegre, n. 40, dezembro de 2009, p. 28-35.

¹⁵⁶¹ KEEN, Andrew. *O culto ao amador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005, p. 68.

Peter Burke argumenta que a internet foi recebida como uma força democratizante, chegando a definir a “blogosfera” como “uma nova forma de esfera pública”¹⁵⁶². No entanto, observa-se que o desenvolvimento dessa “nova esfera” acompanhou os princípios da eu-pistemologia observados por Zoonen. No início dos anos 2000, 50% dos blogueiros nos Estados Unidos escreviam apenas sobre suas experiências¹⁵⁶³. E, os blogs mais populares eram os que ofereciam “teorias da conspiração sedutoras e platitudes *antiestablishment*”¹⁵⁶⁴.

Para além da “blogsfera”, os princípios da eu-pistemologia são encontrados em menores escalas nos principais sites emergentes do período. O *Youtube* ostentou o slogan “Transmita a si mesmo”. O *Facebook* incorporou em sua página inicial a frase “No que você está pensando?”. Como argumenta Eli Pariser, em maio de 2005, com a implementação da função “feed de notícias”, o site tornou-se mais um “um jornal personalizado com notícias sobre (e criado por) nossos amigos”¹⁵⁶⁵. Ao mesmo passo, grandes empresas jornalísticas apresentaram substancial perda de capital. Só o *New York Times Company* apresentou em 2006 uma queda de 69% em seus lucros. A *Time Inc* – publicadora de revistas como a *Time*, *People* e *Sport Illustrated* – demitiu mais de 300 funcionários em 2007, grande parte do corpo de editores¹⁵⁶⁶.

Mesmo os projetos que procuravam usufruir da colaboratividade da Web 2.0 para o desenvolvimento do conhecimento, como a *Wikipédia*, encontrou desafios. O projeto foi, no início dos anos 2000, o “carro-chefe da ciência-cidadã”.¹⁵⁶⁷ No entanto, ao abrir mão dos colaboradores para redigir os verbetes, permitindo com que o público o fizesse, o projeto abraçou o amadorismo, recebendo críticas¹⁵⁶⁸. Porém, o maior desafio da enciclopédia aberta e colaborativa não foi a falta de fontes e o amadorismo, mas sim o vandalismo e as interferências feitas por grupos¹⁵⁶⁹, buscando promover ideias ou difamar personalidades.

O processo de promoção de agendas anticientíficas também foi facilitado. Na década de 1950, quando os primeiros estudos começaram a vincular o consumo de cigarro com a ocorrência de câncer de pulmão, a indústria do tabaco promoveu uma iniciativa para refazer a

¹⁵⁶² BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2012, p. 340.

¹⁵⁶³ KEEN, Andrew. *Op. Cit.* 2005, p. 12.

¹⁵⁶⁴ *Ibid.*, p. 54

¹⁵⁶⁵ PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

¹⁵⁶⁶ KEEN, Andrew. *Op. Cit.*, 2005, p. 13

¹⁵⁶⁷ BURKE, Peter. *Op. Cit.*, 2012, p. 341.

¹⁵⁶⁸ *Ibid.*, p. 342.

¹⁵⁶⁹ *Ibid.*

imagem do produto e da própria indústria. Fundou-se o *Tobacco Industry Research Committee*, pois “precisavam de uma nova ciência”¹⁵⁷⁰. Já na década de 1960, quando a *Ethyl Gasoline Corporation* começou a enfrentar problemas devido ao uso de chumbo na fórmula de seu combustível, recorreu a uma série de acadêmicos para promover a defesa de seu produto¹⁵⁷¹. Por outro lado, em 2005, o *DCI Group* (empresa de relações-públicas) lançou anonimamente no *Youtube* um vídeo paródia do documentário *An Inconvenient Truth*, chamado *Al Gore's Penguin Army* no qual satirizava o fenômeno do aquecimento global e mudanças climáticas. A empresa de relações-públicas tinha entre seus maiores clientes a petroleira *Exxon Mobil*¹⁵⁷².

Em linhas gerais, a internet (a Web 2.0, em especial) tornou-se tão arraigada na sociedade contemporânea, integrando quase toda forma de comunicação (social, polícia, econômica e mesmo científica) que, já no início da primeira década do século XXI, Castells chegou a defini-la como: “o tecido de nossas vidas”¹⁵⁷³. O colaboracionismo (que abraçou o amadorismo), a facilidade de comunicação, o relativo anonimato, a mobilidade (tanto de usuário quanto de informação) são características da Web.20 que, em si, possibilitam a melhor promover de pensamento conspiratório e afins. Porém, a emergência dessa nova tecnologia (junto da nova forma de consumi-la) deu-se durante um contexto de subsequentes crises que levantaram desconfiças no aparato Estatal e científico.

O movimento *Occupy* só foi possível devido à Web 2.0, tanto pela mobilidade quanto pela colaboratividade. Como qualifica Castells, o movimento “nasceu digital”¹⁵⁷⁴. Além das primeiras chamadas terem sido feitas por Blogs, como o *Adbuster*, o movimento recebeu apoio de diversas redes de ativistas na internet¹⁵⁷⁵. E popularizou-se através das redes sociais digitais, em especial o Twitter. Como discutido por Zeynep Tufekci, a sociedade “pré internet” difere significativamente da “pós internet” de tal forma que afeta todos membros dessa sociedade. Segundo o autor, “uma sociedade impressa funciona através de uma ecologia de

¹⁵⁷⁰ MICHAELS, David. *The triumph of doubt: dark money and the science of deception*. Oxford University Press, 2020.

¹⁵⁷¹ KOVARIK, William. Ethyl-leaded gasoline: how a classic occupational disease became an international public health disaster. *International journal of occupational and environmental health*, v. 11, n. 4, p. 384-397, 2005.

¹⁵⁷² KEEN, Andrew. *Op. Cit.*, 2005, p. 21.

¹⁵⁷³ CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 7.

¹⁵⁷⁴ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 142.

¹⁵⁷⁵ Ibid.

mecanismos sociais diferentes de uma sociedade com uma esfera pública na Internet”¹⁵⁷⁶. O que inclui a forma que uma sociedade tem de demonstrar insatisfação:

Os protestos em rede do século XXI diferem em aspectos importantes dos movimentos do passado e muitas vezes operam com uma lógica diferente [...]. Por exemplo, a capacidade de usar ferramentas digitais para reunir rapidamente um grande número de manifestantes com um objetivo comum capacita movimentos [...]. Hoje em dia, graças às mídias digitais, manifestantes em diferentes locais podem interagir diretamente. O aumento das viagens globais também permite o estabelecimento de conexões interpessoais mais diretas¹⁵⁷⁷

No entanto, nas palavras de Castells, “a intensidade e relevância do movimento *Occupy Wall Street* [...] contrastam profundamente com seu pequeno impacto sobre o sistema político.”¹⁵⁷⁸ Um ano depois do fim dos protestos, o colunista do *New York Times* (e membro do CFR), Andrew Ross Sorkin, afirmou que o movimento seria apenas um “asterisco nos livros de história, se for mencionado”¹⁵⁷⁹. De fato, como constatou Castells, nenhuma mudança significativa no sistema político foi efetivada, com exceção de alguns nomes que demonstraram simpatia e apoio ao movimento (como o prefeito de Nova York, Bill de Blasio, que se reelegeu; e da ativista Kshama Sawant, eleita vereadora em Seattle), pouco ganho político direto foi reconhecido¹⁵⁸⁰. Por outro lado, os opositores do Partido Democrata foram mais sensíveis na integração das redes sociais ao trabalho de base. O *Tea Party Movement* tornou-se “uma força transformadora nesse sentido”¹⁵⁸¹.

Conforme Adreas Madestam, apesar de ser abertamente um movimento voltado para a direita, o *Tea Party*, na prática, atuou como um guarda-chuva para diferentes manifestações da direita, não sendo declaradamente um apoiador do Partido Republicano. Nas palavras de Madestam:

Os apoiantes do movimento reuniram-se numa coligação frouxa de organizações nacionais que variam no seu grau de centralização e foco ideológico. Embora o movimento seja unificado pela oposição ao governo federal dominado pelos

¹⁵⁷⁶ TUFEKCI, Zeynep. *Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest*. Yale University Press, 2017, p. 117.

¹⁵⁷⁷ *Ibid.*, p. xxiii e 84.

¹⁵⁷⁸ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2017, p. 217.

¹⁵⁷⁹ SORKIN, Andrew. *Occupy Wall Street: A Frenzy That Fizzled*. The New York Times. September 17, 2012. Disponível em: < <https://archive.nytimes.com/dealbook.nytimes.com/2012/09/17/occupy-wall-street-a-frenzy-that-fizzled/>> Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁵⁸⁰ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.* 2001. p. 218.

¹⁵⁸¹ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.* 2001. p. 218.

democratas e apoie principalmente os candidatos republicanos a cargos públicos, não é explicitamente partidário. Dito isto, existe um amplo consenso de que as emanações dos seus endossos e exaltações constituem um desejo de penumbra de mudar a política “para a direita”, numa direção conservadora generalizada¹⁵⁸².

Investigando o impacto do movimento nas eleições de 2010, Christopher Karpowitz apontou que, apesar de seu aparente crescimento e influência, o *Tea Party* não apresentou grande relevância nas eleições, com poucos candidatos endossados pelo movimento sendo eleitos. No entanto, assim como o *American Liberty League* falhou em evitar a reeleição de Roosevelt, mas foi bem-sucedido em reformar o Partido Republicano, o *Tea Party* “mudou o foco dos protestos públicos para a angariação de fundos e a construção de uma infraestrutura de movimento social”¹⁵⁸³. Leonard Zeskind dividiu a estrutura do movimento em três níveis: 1) o núcleo, composto por seis redes nacionais e milhares de grupos locais. Diversas organizações em nível estadual formaram-se ou adotaram a bandeira do *Tea Party*: o *Independence Caucus* (Nova York), o *Boston Tea Party* (Boston), o *FreedomWorks* (Washington) e o *Tea Party Express* (Califórnia) são exemplos. Somada a isso, líderes independentes – que não necessariamente eram apoiados pelo *Tea Party* e demais grupos – adotaram explicitamente o rótulo do movimento¹⁵⁸⁴; 2) o segundo nível, composto por milhões de membros e ativistas, que participam de manifestações; e 3) o terceiro nível, os apoiadores genéricos, que se identificam com o movimento e respondem ao seu favor em pesquisas de opinião¹⁵⁸⁵.

No entanto, é a forma como o movimento adotou a Web 2.0 que melhor o caracteriza. Conforme Tyler Branson, o movimento que veio a ser denominado como *Tea Party* começou como uma “confederação frouxa de blogueiros conservadores, cujos protestos dispersos por todo o país vinham ganhando força há meses”¹⁵⁸⁶. A união e o batismo foram efetivados já em fevereiro de 2009, com o comentarista político da CNBC Riock Santelli. Tratando do recém-lançado *Homeowners Affordability and Stability Plan*, programa do governo federal para

¹⁵⁸² MADESTAM, Andreas et al. Do political protests matter? evidence from the tea party movement. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 128, n. 4, p. 1633-1685, 2013.

¹⁵⁸³ Ibid. p. 7.

¹⁵⁸⁴ KARPOWITZ, Christopher F. et al. Tea time in America? The impact of the Tea Party movement on the 2010 midterm elections. *PS: Political Science & Politics*, v. 44, n. 2, p. 303-309, 2011. p. 304

¹⁵⁸⁵ ZESKIND, Leonard. A nation dispossessed: The Tea Party movement and race. *Critical Sociology*, v. 38, n. 4, p. 495-509, 2012.

¹⁵⁸⁶ BRANSON, Tyler. *Steeped in rhetoric: digital populism and the tea party movement*. Tese de Doutorado. University of Kansas, 2011, p. 42.

evitar a execução de hipotecas, Santelli acusou o governo de incentivar “mau comportamento” e desabafou, fazendo referência à Festa do Chá de Boston (1773): “Estamos pensando em fazer uma Festa do Chá de Chicago em julho. Todos vocês, capitalistas, que querem aparecer no Lago Michigan, vou começar a me organizar [...] vamos vender alguns títulos derivativos, o que vocês acham disso?”¹⁵⁸⁷. Em questão de horas o site *OfficialChicagoTeaParty.com* foi ao ar.

Além de sua origem virtual, Tyler Branson aponta para como a “identidade ‘Web 2.0’ do *Tea Party* se cruza com uma tradição de populismo, combinando a comunicação dos novos meios de comunicação com a retórica que descreve o *Tea Party* como pessoas ‘comuns’ confrontadas com inimigos ‘elitistas’ do país”¹⁵⁸⁸. Branson, aplicando o conceito de Michael Lee, enquadra a retórica populista em 4 características: 1) “povo” e “homem comum” são definidos em termos de força coletiva, transcendente tanto do individualismo como da razão; 2) há um “inimigo comum” contra o qual o povo se une; 3) os valores tradicionais são subvertidos pelo inimigo ou pela “corrupção do sistema”; e 4) o confronto “apocalítico” é a solução para a mudança revolucionária¹⁵⁸⁹.

As características conspiratórias e paranoicas do movimento não passaram despercebidas pelos seus contemporâneos. Em outubro de 2009, o jornalista Thomas Frank lançou mão do termo Estilo Paranoico de Hofstadter para criticar, entre outras coisas, o programa *Glenn Beck Show*, da *Fox News*, apresentado pelo apoiador do *Tea Party*, Glenn Beck:

A mentalidade conspiratória não é mais apenas para grupos políticos marginais; é um entretenimento fascinante. E está à nossa volta hoje, uma desordem com toda uma indústria a atuar como seu facilitador. A fonte de grande parte da atual epidemia de paranoia é, sem dúvida, o “Glenn Beck Show” da Fox News, que segue o roteiro de Hofstadter com notável fidelidade¹⁵⁹⁰.

Richard Kim, editor da revista *The Nation*, em março de 2010 descreveu os sites relacionados ao *Tea Party* como um “outro mundo”.

¹⁵⁸⁷ Ibid.

¹⁵⁸⁸ Ibid.

¹⁵⁸⁹ Ibid., p. 43.

¹⁵⁹⁰ FRANK, Thomas. From John Birches to Birthers. *The Wall Street Journal*. October 20, 2009. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB10001424052748704500604574485453143755952>>. Acesso em 07 mar. 2024.

A Esquerda gosta de dizer que um outro mundo é possível, mas eu nunca tive certeza disso até começar a ler sites de *Tea Party*. Lá, um governo de esquerdistas não só é possível, como está prestes a tomar o poder permanente, tendo quebrado o capitalismo americano e substituído-o por um Estado socialista. Nessa toca do coelho, Barack Obama e Rahm Emanuel são comunistas, e “A Esquerda” – que engloba todos, desde o Conselho de Liderança Democrática até aos sectários maoistas – é um exército disciplinado e quase onnipotente que marcha em sintonia com um plano mestre de décadas atrás. para a dominação chamada de “estratégia Cloward-Piven” ou, a partir de 20 de janeiro de 2009, “governo Cloward-Piven”. [...] é uma fantasia reacionária e paranoica. [...] E a reação instintiva da esquerda ao ouvir isso - rir disso como um mistério cômico do Scooby-Doo - não faz nada para embotar seu apelo ou limitar seu impacto. Para responder, infelizmente, temos que compreender, e isso significa passar pelo espelho¹⁵⁹¹.

Uma pesquisa de opinião da CBS concluiu que apenas 41% dos simpatizantes do *Tea Party* reconheciam Obama como nativo dos Estados Unidos; ou seja, 59 % dos simpatizantes do movimento eram adeptos da teoria *Birther* (30% afirmando que Obama havia nascido em outro país e 29% afirmando não saber)¹⁵⁹². No entanto, o caráter paranoico do movimento representa apenas uma de suas vertentes. Alan Abramowitz apresentou outra variável para explicar o *Tea Party movement*, a própria imagem de Barack Obama. Abramowitz aponta que:

A herança racial mista de Obama, a sua ambiciosa agenda política e a coligação extraordinariamente diversificada de liberais, jovens e minorias raciais que o apoiaram em 2008 contribuíram para uma poderosa reação negativa por parte de muitos conservadores econômicos e sociais alinhados com o Partido Republicano. e talvez entre os brancos que estavam simplesmente chateados por ter um homem negro na Casa Branca¹⁵⁹³.

De fato, o movimento apresentou, em diversas manifestações, uma série de pautas racistas e xenofóbicas. Em 2010, no Texas, um manifestante foi fotografado empunhando um cartaz com os dizeres “Congresso = Donos de Escravos. Contribuintes = Pretos”. No mesmo ano, ativistas foram acusados, em Washington, de proferirem ofensas raciais a congressistas que caminhavam em direção ao Capitólio¹⁵⁹⁴. O organizador do *Tea Party* em Springboro, Ohio, publicou o seguinte texto em sua página pessoal no Twitter: “Hoje em todo o lado há

¹⁵⁹¹ KIM, Richard. Roots of The Tea Party's Conspiracy Mania. CBS News. March 26, 2010. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/roots-of-the-tea-party-conspiracy-mania/>>. Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁵⁹² CONDON, Stephanie. Poll: "Birther" Myth Persists Among Tea Partiers, All Americans. CBS News. April 14, 2010. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/poll-birther-myth-persists-among-tea-partiers-all-americans/>>. Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁵⁹³ ABRAMOWITZ, Alan. Partisan polarization and the rise of the Tea Party movement. *APSA 2011 Annual Meeting Paper*. American Political Science Association. 2011.

¹⁵⁹⁴ CBS. Tea Party, Dems Row Over N-Word Video "Evidence". CBS News. April 13, 2010. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/tea-party-dems-row-over-n-word-video-evidence/>>. Acesso em 07 mar. 2024.

ilegais! Tantas coisas me fazem sentir como um grão. Grr. Onde está minha arma!?”¹⁵⁹⁵. Lloyd Marcus, membro negro do *Tea Party*, acusou os democratas de estarem “concentrados em manter os Negros pensando que são vítimas e dependentes do bem-estar social”¹⁵⁹⁶. Mark Williams, o porta-voz nacional do *Tea Party Express*, declarou que “eles [Democratas] ganham mais dinheiro com raça do que qualquer comércio de escravos já feito”¹⁵⁹⁷. Como resume Clarence Walker, para muitos dos membros do movimento, “muito se fala sobre raça na América e que as políticas seguidas pela administração Obama promovem os interesses dos negros pobres em detrimento dos da classe média branca”¹⁵⁹⁸. Aproximadamente dois terços (62,8%) de membros brancos do *Tea Party* diziam que “fomos longe demais na promoção da igualdade de direitos neste país”.¹⁵⁹⁹

Em suma, o *Tea Party Movement*, já no início dos anos 2010 apresentava em seu cerne uma série de argumentos e posturas que, poucos anos depois, formariam a bandeira da Direita Alternativa. A sua “contraparte democrata”, o *Occupy*, embora tenha se desmantelado também mobilizou grupos e levantou questões que podem ser interpretadas como pensamento conspiratório. Ou seja, os dois grandes movimentos sociais e políticos de indignação dos anos 2010 carregaram em suas fileiras argumentos e visões de mundo conspiratórios.

Castells qualificou estes movimentos sociais emergidos entre os anos de 2009 e 2013 como resultantes das “Redes de Indignação e Esperança”¹⁶⁰⁰. No entanto, com o avançar da década as “redes de indignação” pareceram prosperar mais que as de esperança. E o contexto de crise foi fecundo para que a “ala conspiratória” reafirma-se e sobrepujasse as instituições da “direita religiosa” e dos “defensores do livre mercado”. Ou seja, todas as instituições que legitimam o conhecimento – “elaboradoras” da ordem do conhecimento – foram sistematicamente colocadas em questão.

¹⁵⁹⁵ BUDD, Lawrence. Racial slur by Tea Party leader hits home. *Dayton Daily News*. April 12, 2010. Disponível em: <<https://www.daytondailynews.com/news/national-govtpolitics/racial-slur-tea-party-leader-hits-home/nF9asMRHahWHqXF0CIGP0K/>>. Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁵⁹⁶ Ibid.

¹⁵⁹⁷ ZESKIND, Leonard. *Op. Cit.* 2012, p. 7

¹⁵⁹⁸ WALKER, Clarence. ‘We’re Losing Our Country’: Barack Obama, Race & the Tea Party. *Daedalus*, v. 140, n. 1, 2011, p. 125–2130.

¹⁵⁹⁹ DIANE D. BLAIR CENTER OF SOUTHERN POLITICS & SOCIETY. *Tea Party Distinguished by Racial Views and Fear of the Future*. Blair Center-Clinton School Poll. Diane D. Blair Center of Southern Politics & Society. 2010. <https://blaircenter.uark.edu/polling-data-reports/2010-poll/tea-party/>>. Acesso em 07 mar. 2024.

¹⁶⁰⁰ CASTELLS, Manuel *Op. Cit.* 2017.

6. A BREVE CONSTRUÇÃO DA DESORDEM DO CONHECIMENTO NOS ESTADOS UNIDOS

E janeiro de 2002, um homem vestindo uma máscara de caveira invadiu um tradicional encontro anual de homens de negócios na *Bohemian Grove*, na Califórnia. O homem, autointitulado Patriota Fantasma (*Phantom Patriot*), estava fortemente armado. Ele foi preso e ninguém foi ferido. Identificado como Richard McCaslin, em sua defesa, o homem alegou ter invadido o local para pôr um fim nos sacrifícios humanos satânicos que aconteceriam nos encontros, expondo-os ao público. As armas eram apenas para defender-se: “Eu estava esperando resistência armada e teria revidado se fosse atacado”¹⁶⁰¹, disse em entrevista. McCaslin foi um ex-militar do corpo de fuzileiros. Foi também acrobata num show temático no qual vestia-se de Batman e membro ativo do *Real-life Superhero* (grupo que de indivíduos que praticam serviços comunitários vestidos de super-heróis) até sua morte, em 2018. Em meados dos anos 80, McCaslin adotou várias outras personas e, em 2001, desenvolveu a do Patriota Fantasma para protestar contra a “Nova Ordem Mundial”¹⁶⁰². A ideia de invadir o encontro nasceu após assistir a um documentário *Segredos Sombrios: Por dentro do Bohemian Grove* (*Dark Secrets: Inside Bohemian Grove*) produzido por Alex Jones, na TV de acesso público. Ou seja, McCaslin se armou e invadiu uma propriedade privada para salvar as vítimas dos horrendos rituais satânicos realizados no clube dos homens mais poderosos dos Estados Unidos – políticos, empresários, atores e mais – que comandavam o país¹⁶⁰³, dos quais ouviu falar na TV.

Em 2008, Jim Adkisson atacou uma igreja no Tennessee, deixando sete feridos. Adkisson posteriormente afirmou: “Ultimamente, tenho me sentido impotente em nossa guerra contra o terrorismo. Mas percebi que poderia enfrentar os aliados terroristas aqui na América. Os melhores aliados que eles têm – os democratas”¹⁶⁰⁴. Em 2013, Paul Ciancia

¹⁶⁰¹ FIRMITE, Peter. Masked man enters, attacks Bohemian Grove / 'Phantom' expected armed resistance. *Sfgate*. jan 24, 2002. Disponível em: < <https://www.sfgate.com/bayarea/article/masked-man-enters-attacks-bohemian-grove-2881742.php> >. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁶⁰² KRULOS, Tea. *Heroes in the Night: Inside the Real Life Superhero Movement*. Chicago, Illinois: Chicago Review Press, 2013, p. 56

¹⁶⁰³ Ibid., p. 58.

¹⁶⁰⁴ HALE, Teagan. *A Discursive Analysis of Far-Right Justifications for Violence: The Permeance of 'War on Terror' Discourses in Civilian Spaces*, 2021, p. 42.

praticou um ataque ao Aeroporto Internacional de Los Angeles, deixando dois mortos e três feridos. Alegou: “Não houve um ataque terrorista em 1º de novembro. Houve um patriota irritado tentando regar a árvore da liberdade”¹⁶⁰⁵. Eric Frain, que em 2014 atacou o quartel da Polícia Estadual da Pensilvânia deixando dois mortos, afirmou: “Nossa nação está longe do que é e do que deveria ser [...] Há tanta coisa errada e em tantos níveis, apenas passar por outra revolução pode nos trazer de volta as liberdades que um dia tivemos.”¹⁶⁰⁶. No mesmo ano Jared Miller, com a ajuda de sua esposa, deixou sete mortos em Las Vegas. Miller afirmou: “Que os melhores homens de nossa amada nação resistam e lutem contra a tirania, sem medo e sem arrependimento [...]. Não podemos falhar neste esforço da Liberdade [...]. Eu, no entanto, prefiro morrer lutando pela liberdade, do que viver de joelhos como um escravo”¹⁶⁰⁷.

Por fim, no dia 15 de junho de 2015, o jovem Dyllan Roof invadiu a Igreja *Emanuel African Methodist Episcopal Church* de Charleston, Carolina do Sul, e disparou contra quem encontrou. Roof deixou um total de nove vítimas, todos negros. Autodeclarado supremacista branco e neonazista, Roof exibia a bandeira confederada em diversas fotos. Quando questionado sobre os motivos do ataque e escolha dos alvos, Roof foi enfático: “Não gosto do que os negros fazem” e “gosto de Charleston [...], simplesmente sabia que havia uma igreja metodista africana histórica [...]. Eu não iria para outra igreja porque poderia haver pessoas brancas lá”¹⁶⁰⁸. No dia seguinte, Donald Trump anunciou sua candidatura à presidência.

Como salienta David Neiwert, não há nenhuma relação direta entre a candidatura de Trump e o ataque na igreja em Charleston. Roof não era (ao menos publicamente) um apoiador de Donald Trump, e tampouco Trump tinha qualquer conhecimento da existência de Roof¹⁶⁰⁹. No mesmo sentido, McCaslin mais de uma década antes, também não tinha relação direta. Esses eventos não estão ligados através de uma rede coordenada, mas ainda assim

¹⁶⁰⁵ HAMILTON, Matt. LAX shooter’s plea agreement reveals he did not consider himself a terrorist, but a ‘patriot’. *Los Angeles Times*. Sept. 1, 2016. Disponível em: < <https://www.latimes.com/local/lanow/la-me-ln-lax-shooter-guilty-plea-20160901-snap-story.html> > Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁶⁰⁶ ASSOCIATED PRESS. 2014)

¹⁶⁰⁷ LAS VEGAS SUN. A look inside the lives of shooters Jerad Miller, Amanda Miller. *Las Vegas Sun*. June 9, 2014. Disponível em: < <https://lasvegassun.com/news/2014/jun/09/look/> >. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁶⁰⁸ ABC. Accused Charleston Church Shooter Dylann Roof Laughed When Admitting to Shooting in Video ‘Confession’ Played in Court. *ABC News*. December 9, 2016. Disponível em: < <https://abcnews.go.com/US/accused-charleston-church-shooter-dylann-roofs-video-confession/story?id=44070131> >. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁶⁰⁹ NEIWERT, David. *Alt-America: The rise of the radical right in the age of Trump*. Verso Books, 2017, p. 8.

estão conectados. São todos frutos de um contexto de crise epistêmica e da “conquistada indignação”.

6.1 *Make America Paranoid Again*

Como discutido ao longo do capítulo anterior, os anos 2000 e 2010 foram marcados pela emergência da crise de confiança nas instituições que fundamentam o Estado Moderno. Nos Estados Unidos, as notícias e contradições mantidas pelo Estado durante as guerras do Afeganistão e do Iraque alimentaram a desconfiança no Estado. A crise financeira, iniciada em 2008, promoveu uma onda de desconfiança no sistema financeiro e na capacidade do Estado em regê-lo. Por fim, a emergência de novas tecnologias de comunicação facilitou a divulgação de notícias falsas e teorias da conspiração.

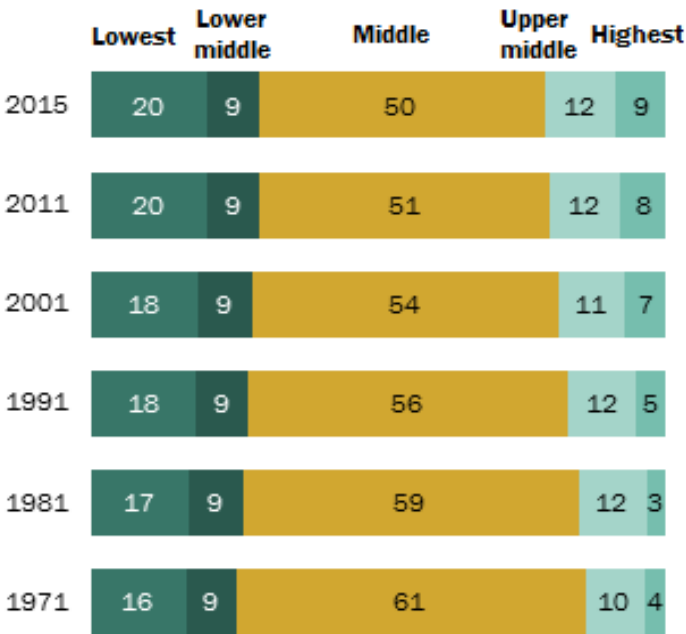
As “alas” que tradicionalmente compunham o conservadorismo estadunidense – sem a unidade do anticomunismo dos anos da Guerra Fria – reagiram de formas distintas às crises. Os “defensores do livre mercado” defenderam as guerras do Afeganistão e do Iraque (em diferentes grandezas), manifestando diferenças relevantes apenas nos finais dos conflitos. E, no tocante à crise financeira, atacaram o governo (em especial o AEI). Já a “ala conspiratória” dedicou-se a culpabilizar o Estado pelos ataques terroristas e pelas guerras; quanto à crise financeira, acusou o governo de esquerda de causá-la. Por fim, a “ala religiosa” dedicou-se a promover agendas anticientíficas (como impedir as pesquisas de células troco) e a atacar diretamente a imagem de Barack Obama. O trumpismo, na prática, reuniu politicamente diversas visões políticas, agindo como um “ímã” para os anti-*establishment*. A candidatura à presidência de Donald Trump foi inicialmente tomada como motivo de piada. Mas Trump foi, ao mesmo tempo, sintoma e resultado deste contexto social e político.

6.1.1 As mudanças do legado Obama

Conforme afirma Tatiana Poggi, a posição trumpista se alimentou do medo, desespero, do orgulho ferido e da perda de lugar social de determinada parcela da classe trabalhadora branca estadunidense¹⁶¹⁰ em razão da crise financeira e, em especial, do avanço de pautas sociais identitárias.

¹⁶¹⁰ POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. *Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx*, v. 6, n. 11, p. 326-354, 2018.

Entre 2000 e 2014, lares com renda baixa subiram 1% (de 28% para 29%) nos Estados Unidos. Lares com renda alta subiram 3% (de 17% para 20%). E, por fim, lares de média renda caíram 4% (de 55% para 51%)¹⁶¹¹. O encolhimento apresenta-se como tendência desde a década de 1970, mas enfrentou um aceleração ao início dos anos 2000. Em 2015, a “classe média” igualou-se à soma da “baixa” e “alta”. Além do encolhimento, houve a perda de poder monetário. Em 2014, o rendimento médio de uma família de “classe média” era 4% inferior que em 2000, e os ativos caíram cerca de 28% em razão da crise financeira¹⁶¹².



Fonte: PEW RESEARCH CENTER. *America's Shrinking Middle Class: A Close Look at Changes Within Metropolitan Areas*. Report. May 11, 2016. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/05/11/americas-shrinking-middle-class-a-close-look-at-changes-within-metropolitan-areas/>. Acesso em 18 de abr. 2024.

¹⁶¹¹ PEW RESEARCH CENTER. *America's Shrinking Middle Class: A Close Look at Changes Within Metropolitan Areas*. Report. may 11, 2016. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/05/11/americas-shrinking-middle-class-a-close-look-at-changes-within-metropolitan-areas/>. Acesso em 18 de abr. 2024.

¹⁶¹² PEW RESEARCH CENTER. *The American Middle Class Is Losing Ground*. Report. December 9, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2015/12/09/the-american-middle-class-is-losing-ground/>. Acesso em 18 de abr. 2024.

Ou seja, a “classe média” não só ficou menor, como era tendência, mas ficou mais pobre. Esta “erosão” foi, conforme o relatório da *Pew Research Center*, proporcionada pela redução do rendimento familiar na maioria das áreas metropolitanas dos Estados Unidos: “O declínio foi generalizado, com os rendimentos médios a cair em 190 das 229 áreas metropolitanas examinadas”¹⁶¹³. Em outros termos, a década e meia entre 2000 e 2015 foram tempos de concentração de renda.

Essa mudança no poder de compra foi simultânea com uma mudança geracional. Estimou-se que, em novembro de 2016, adultos com idade entre 20 e 35 anos (nascidos entre 1981 e 1996) somavam 62 milhões de cidadãos votantes, ultrapassando os 57 milhões daqueles com idade entre 36 e 51 (nascidos entre 1965 e 1980) e aproximando-se dos 70 milhões dos maiores de 52 anos (nascidos antes de 1964)¹⁶¹⁴. Além disso, o Partido Republicano (que mantinha uma juventude mais ativa, em comparação ao Partido Democrata) envelheceu rapidamente desde os anos 1990¹⁶¹⁵. Em 1992, maiores de 50 anos compunham cerca de 38% do eleitorado republicano; em 2016 esse índice subiu para 58%, registrando um crescimento de 20%. Entre os democratas, a taxa de envelhecimento foi inferior: de apenas 4% (de 42% de apoiadores maiores de 50 anos em 1992, para 48% em 2016)¹⁶¹⁶. Ou seja, embora tenha havido um “rejuvenescimento” no eleitorado, com os “jovens adultos” (de 20 a 35 anos) ultrapassado os “adultos” (de 35 a 51 anos) em número de votantes, entre os filiados politicamente houve, na prática, um envelhecimento¹⁶¹⁷.

Esse envelhecimento do eleitorado partidário, por sua vez, acompanhava a tendência de queda da confiança no governo. Desde 2001, quando atingiu um pico de 54%, a confiança no governo dos Estados Unidos atingiu um fosso de 17% em 2011, seguido de uma subida leve para 20% em 2014 e estacionando em 19% em 2015-2016¹⁶¹⁸. O sentimento de declínio que o

¹⁶¹³ PEW RESEARCH CENTER. Op. Cit. 2016. *America's Shrinking Middle Class*.

¹⁶¹⁴ Ibid.

¹⁶¹⁵ PEW RESEARCH CENTER. *The Parties on the Eve of the 2016 Election: Two Coalitions, Moving Further Apart*. Report. September 13, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/09/13/the-parties-on-the-eve-of-the-2016-election-two-coalitions-moving-further-apart/>>. Acesso em 18 de abr. 2024.

¹⁶¹⁶ Ibid.

¹⁶¹⁷ Ibid.

¹⁶¹⁸ PEW RESEARCH CENTER. *Public Trust in Government: 1958-2023*. Feature. September 13, 2023. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2023/09/19/public-trust-in-government-1958-2023/>>. Acesso em 18 de abr. 2024.

estadunidense sentia desde os anos 2010¹⁶¹⁹ intensificou-se na medida em que a população, em grande parte, efetivamente perdia poder de compra.

Outra mudança substancial na “era Obama” relativa ao eleitorado foi a percepção sobre políticas públicas voltadas para minorias e, em especial, a questão racial. A negritude de Barack Obama foi questionada e colocada em perspectiva, como visto, em diferentes contextos. O AEI chegou a alegar que a vitória do democrata se daria por isso. O fato é que apenas a eleição de Obama já promovia um impacto na percepção pública sobre o racismo nos Estados Unidos. Christopher Parker apontou para como, logo ao início do governo, 20% dos brancos estadunidenses acreditavam que as políticas do governo beneficiariam os negros, fazendo com que as políticas de promoção de desigualdade comessem a perder apoio¹⁶²⁰. Segundo o autor, “é provável que, com a eleição de Obama, [...] tenham sentido que o tempo para políticas destinadas a alcançar a justiça social já passou. É claro que isto não está totalmente alheio à crença de que as políticas de Obama beneficiariam os negros à custa dos brancos”¹⁶²¹.

Ou seja, este “efeito Obama”, como define Parker, apresentou duas frentes. Por um lado, foi positivo na afirmação da identidade negra, apresentando um “potencial de libertá-los de se verem sob a mesma luz pouco lisonjeira sob a qual muitos brancos os veem.”¹⁶²² Por outro, foi usada por grupos conservadores como símbolo de que “a discriminação contra os negros é uma coisa do passado”¹⁶²³. Em alguns casos, chegando a ser prova de que o racismo nos Estados Unidos não era um problema real, inferindo que “as alegações de más relações entre as raças eram exageradas”¹⁶²⁴.

Na prática, ao final do mandato, em 2016, a população negra apresentou um forte ceticismo quanto ao alcance da igualdade racial. Não só apenas 8% reconhecia que o país tinha feito políticas relevantes para diminuir a desigualdade racial, como 43% afirmava que o

¹⁶¹⁹ Como discutido no tópico 5.2.1- “*The End of the Free Market?*”: *A crise e os movimentos políticos*

¹⁶²⁰ PARKER, Christopher Sebastian. Race and Politics in the Age of Obama. *Annual Review of Sociology*, v. 42, 2016, p. 223.

¹⁶²¹ Ibid.

¹⁶²² Ibid., p. 220.

¹⁶²³ Ibid.

¹⁶²⁴ Ibid.

país jamais faria as mudanças necessárias¹⁶²⁵. Mas as percepções dos impactos das ações do presidente nessa questão variavam consideravelmente conforme o público.

Do público geral, 34% reconheceu que Obama conseguiu efetivamente promover políticas para diminuir a desigualdade racial. Porém, a percepção de que o objetivo não foi alcançado foi maior (61% da população geral). Destes, 28% reconheceram que o presidente tentou, mas falhou; 8% afirmaram que o presidente nem tentou e 25% afirmaram que Obama piorou a desigualdade racial nos Estados Unidos¹⁶²⁶.

Entre os negros, a percepção negativa foi menor. Dentre eles, 48% reconheceram que o presidente tentou, mas falhou. Apenas 5% alegaram que as condições de desigualdade racial pioraram. Mas entre os brancos, 65% reconheceram a falha da administração Obama no assunto, enquanto 32% reconheceram que a questão na verdade piorou¹⁶²⁷.

Tabela 5: Visão estadunidense sobre as políticas de combate à desigualdade racial (2016)

	Visão positiva		Visão negativa	
	Progresso foi alcançado	Houve tentativa, sem sucesso	Não houve tentativa	Houve piora
Público geral	34%	28%	8%	25%
Brancos	28%	24%	9%	32%
Negros	51%	34%	9%	5%

Fonte: Adaptado de PEW RESEARCH CENTER. *On Views of Race and Inequality, Blacks and Whites Are Worlds Apart*. Report. June 24, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/06/27/on-views-of-race-and-inequality-blacks-and-whites-are-worlds-apart/>>. Acesso em 18 de abr. 2024.

A percepção sobre a atenção dada para assuntos raciais pela política também variou. Entre os negros, 22% reconheceram que a atenção empregada em questões raciais foi “demais”, enquanto 58% reconheceram que foi “muito pequena”. Entre os brancos esses índices se inverteram: foram de 41% e 27%¹⁶²⁸. Mas, essa separação na percepção foi, antes de tudo, uma noção política partidária. Entre os brancos democratas, 49% disseram que a atenção gasta com a desigualdade racial foi “muito pequena”, ao passo que para 28% foi

¹⁶²⁵ PEW RESEARCH CENTER. *On Views of Race and Inequality, Blacks and Whites Are Worlds Apart*. Report. June 24, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/06/27/on-views-of-race-and-inequality-blacks-and-whites-are-worlds-apart/>>. Acesso em 18 de abr. 2024.

¹⁶²⁶ Ibid.

¹⁶²⁷ Ibid.

¹⁶²⁸ Ibid.

“demais”. Já entre os brancos republicanos, 11% disseram “muito pequena” e 59% disseram “demais”¹⁶²⁹. Ou seja, como resume Parker, a percepção sobre o racismo no governo Obama estende-se para fatores “extra-raciais”¹⁶³⁰.

Por fim, outra mudança significativa que impactou a população estadunidense foi a educação e, em especial, a educação superior. Embora o conservadorismo levantasse, desde os anos 1930, que a academia e os campus universitários eram “monopólio da esquerda”, como foi discutido nos capítulos anteriores, na prática, em 1992, os republicanos contavam com mais apoiadores com ensino superior (somando 56% de seu eleitorado com alguma experiência universitária, contra 46% democrata)¹⁶³¹. Porém, os democratas testemunharam um gradual crescimento no número de apoiadores com experiência universitária, chegando a superar os republicanos em 2016.

Tabela 6: Percentual de republicanos e democratas com ensino superior (1992 – 2016)

	Republicano	Democrata
1992	56%	46%
1996	58%	49%
2000	63%	53%
2004	64%	57%
2008	63%	59%
2012	66%	65%
2016	66%	68%

Fonte: Adaptado de PEW RESEARCH CENTER. *The Parties on the Eve of the 2016 Election: Two Coalitions, Moving Further Apart*. Report. September 13, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/09/13/the-parties-on-the-eve-of-the-2016-election-two-coalitions-moving-further-apart/>>. Acesso em 18 de abr. 2024.

Desde o início dos anos 1990, o nível médio de escolaridade do cidadão estadunidense subiu. Em 1992, metade do eleitorado não possuía nenhuma experiência universitária, e o índice de graduados era de apenas 23%. Em 2016, 66% do eleitorado possuía alguma

¹⁶²⁹ Ibid.

¹⁶³⁰ PARKER, Christopher. *Op. Cit.*, 2016, p. 220.

¹⁶³¹ PEW RESEARCH CENTER. *Op. Cit.* 2016. *The Parties on the Eve of the 2016 Election*

experiência universitária, tendo 33% um diploma de graduação¹⁶³². Isso foi fruto, sobretudo, de um intenso e crescente investimento federal na educação superior.

Na década de 1980, a média anual de investimentos diretos do governo federal na educação superior foi de 7,86 milhões de dólares (com um pico de 10,4 em 1989 e um fosso de 6,5 em 1980). Na década seguinte, a média anual subiu para 11,69 milhões (com um pico de 14,3 milhões em 1993 e um fosso de 7,7 no ano seguinte). Já na década de 2000, a média foi de 22,11 milhões (com um pico de 50,7 em 2006 e um fosso de -3,1 em 2009). Além dos investimentos diretos, os indiretos (subsídios para governos estaduais e locais destinados à educação superior) também cresceram consideravelmente. Na década de 1980, a média foi de 80,5 milhões de dólares por ano; já na década de 1990, foi de 95,8 e, no decênio seguinte, de 455,1 milhões de dólares por ano¹⁶³³. No entanto, deve-se destacar que o interesse político estadunidense na educação superior esteve alinhado à agenda neoliberal, como discutem Sheila Slaughter e Gary Rhoades.

As universidades estadunidenses, como tratado no capítulo inicial deste trabalho, estiveram inerentemente conectadas com figuras da igreja e do comércio ao longo dos séculos XVII e XVIII. Seus currículos, funções e estruturas legais eram montadas a partir dessas conexões, e os objetivos miravam a formação, sobretudo, de pastores e funcionários públicos. A ciência e produção de conhecimento, por outro lado, eram desenvolvidas em instituições privadas e associações. Esse cenário começou a mudar ao longo do século XIX, com a emergência da figura do professor pesquisador e da noção de “conhecimento útil”. Portanto, as universidades são, faz bastante tempo, instituições (de ensino e, a partir do século XIX, de pesquisa) com laços atados aos seus doadores e administradores. Laços esses que chegaram a exigir a perseguição a professores e pesquisadores em alguns casos¹⁶³⁴. A grande distinção que a visão neoliberal implicou na universidade, ao final do século XX, foi menos na gestão e mais na forma como o aluno e a pesquisa eram reconhecidos. No contexto dessa visão, a pesquisa acadêmica foi redefinida primariamente como uma fonte de receita para a

¹⁶³² Ibid.

¹⁶³³ GOVINFO. *Historical Tables, Budget of the United States Government, Fiscal Year 2022*. GovInfo may 28, 2021. Disponível em: < <https://www.govinfo.gov/app/details/BUDGET-2022-TAB/context>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶³⁴ Como abordado no tópico 2.2.2 *Podando o conhecimento: do evangelho da riqueza ao o medo vermelho*

instituição, fomentando a promoção de pesquisas comercialmente relevantes, priorizando a colocação de “produtos no mercado do que o conhecimento no domínio público”¹⁶³⁵.

Atuando na lógica de “capitalismo acadêmico”, a própria produção acadêmica sofreu o impacto. De acordo com Bok, a partir dos anos 2000 as editoras universitárias estadunidenses passaram a publicar mais de 10.000 títulos por ano¹⁶³⁶, fora as obras de professores e pesquisadores publicadas por editoras comerciais. Bok aponta que parte do crescimento do volume de produção está no próprio crescimento no volume de pesquisadores e o crescimento de universidades exigindo produção substancial como modo de avaliação para contratação e promoção. Conforme Bok, “de 1969 a 1997, a percentagem de docentes que afirmaram que ‘é difícil ser nomeado ou promovido na minha universidade sem um forte histórico de pesquisa’ aumentou de 40 para 65 por cento”¹⁶³⁷. Em 2007, a pesquisa *Report of the MLA Task Force on Evaluating Scholarship for Tenure and Promotion*, elaborada pela *Modern Language Association of America* (MLA), apontou que, para 62% dos departamentos de língua e literatura das universidades estadunidense, a publicação tornou-se o fator mais relevante na escolha de pessoal para promoções. Considerando apenas os chefes de departamento, a importância da publicação em detrimento do ensino subiu de 35%, em 1968, para 75%, em 2005¹⁶³⁸.

A necessidade pela publicação para avançar na carreira foi também acompanhada pelo crescimento de periódicos predatórios. Termo originalmente cunhado em 2010 pelo professor e bibliotecário Jefferey Bell, da Universidade do Colorado, para descrever periódicos pretensamente “científicos” que atuam de forma agressiva na busca de pesquisadores para publicar, essas “entidades atacam os estudiosos [...] para obter lucro financeiro por meio de taxas de processamento de acesso aberto”¹⁶³⁹. No entanto, a maioria não atende aos padrões de publicação acadêmica. Como resumem Lisa Cranley e Maher El-Masri, periódicos predatórios têm suas motivações na exploração monetária da “pressão institucional para

¹⁶³⁵ SLAUGHTER, Sheila; RHOADS, Gary. The Neo-Liberal University. *New Labor Forum*, n. 6, 2000, pp. 73-79.

¹⁶³⁶ BOK, Derek. *Higher education in America*. Princeton University Press, 2015.

¹⁶³⁷ MLA TASK FORCE ON EVALUATING SCHOLARSHIP FOR TENURE AND PROMOTION. Report on Evaluating Scholarship for Tenure and Promotion. Modern language association. 2007. Disponível em: <<https://www.mla.org/Resources/Guidelines-and-Data/Reports-and-Professional-Guidelines/Report-on-Evaluating-Scholarship-for-Tenure-and-Promotion>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶³⁸ Ibid.

¹⁶³⁹ SARFRAZ, Zouina et al. Predatory journals: A literature review. *Pakistan Journal of Surgery and Medicine*, v. 1, n. 1, p. 42-51, 2020.

publicar”¹⁶⁴⁰, oferecendo uma publicação rápida, em padrões internacionais, numa “forma fácil de ser publicado”¹⁶⁴¹. No entanto, “os periódicos predatórios prestam pouca atenção ao rigor científico”¹⁶⁴².

Nesse sentido, como define Slaughter e Rhoades, o capitalismo acadêmico, “como acontece com o capitalismo em geral, reduz o cálculo do interesse público à saúde econômica das empresas capitalistas”¹⁶⁴³. A universidade neoliberal dos anos 1990 passou a compreender sua missão não era mais de “criar conhecimento, principalmente para o domínio público”, como sustentava anteriormente, mas de servir ao “interesse público, transferindo esse conhecimento para o mercado privado, para benefício econômico das instituições de ensino superior e das empresas privadas”¹⁶⁴⁴. Assim, o volume de publicação dos professores, o acúmulo de prestígio que o acadêmico agrega com seu trabalho (o Capital Científico), passou a ser primariamente chamariz de investimentos. E os estudantes passaram a ser vistos como *commodities*, ou simples fontes de receita. Nas palavras de Slaughter e Rhoades:

As universidades enfatizam que apoiam a competitividade empresarial através do seu papel importante na economia global baseada no conhecimento. Enfatizam seu papel na formação de estudantes avançados para posições profissionais próximas ao núcleo da tecnociência das economias do conhecimento, na promoção de pesquisas que criam produtos e processos de alta tecnologia para as empresas, e na preparação de estudantes de graduação e de faculdades comunitárias para serem trabalhadores maleáveis que se encaixarão em (e ser treinado novamente para) novos empregos e locais de trabalho baseados em informação. No processo, os papéis sociais fundamentais do ensino superior público, incluindo o fornecimento de maior mobilidade ascendente para populações desfavorecidas, foram substituídos pelo papel econômico de servir a competitividade global das empresas¹⁶⁴⁵.

Embora as universidades costumam apresentar os alunos como seus clientes, Slaughter e Rhoades argumentam que, na visão neoliberal da universidade, os alunos são o produto¹⁶⁴⁶. Os verdadeiros clientes seriam as organizações e instituições que empregariam os produtos gerados pela universidade, seja diretamente (financiando uma pesquisa), ou indiretamente ao empregar um graduado. Os estudantes seriam, portanto “os ‘insumos’ ou matérias-primas da

¹⁶⁴⁰ CRANLEY, Lisa; EL-MASRI, Maher. O Crescente Desafio Do Periódico Predatório: um chamado à ação. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 32, p. e2023E004, 2023.

¹⁶⁴¹ SLAUGHTER, Sheila; RHOADS, Gary. *Op. Cit.*, 2000, p. 76.

¹⁶⁴² *Ibid.*

¹⁶⁴³ *Ibid.*, p. 77.

¹⁶⁴⁴ *Ibid.*

¹⁶⁴⁵ *Ibid.* p. 75.

¹⁶⁴⁶ *Ibid.* p. 78.

indústria educacional, que são transformados em ‘produtos’ adquiridos pelos empregadores corporativos.”¹⁶⁴⁷.

Nessa tendência, a população universitária estadunidense cresceu proporcionalmente aos investimentos partir de 1980. Em 1990, o número de novas matrículas em universidades foi de 13,81 milhões (sendo 2,97 dessas em instituições privadas). Em 1995, foi de 14,26 (3,17 em privadas). Em 2000, subiu para 15,31 (com 3,56 em privadas); chegando a 17,49 em 2005 (com 4,47 em instituições privadas) e a 21,02 em 2010 (com 5,88 em instituições privadas)¹⁶⁴⁸. Por outro lado, a dívida estudantil também subiu. Em 2007, a média de débito por empréstimo estudantil era de 18.230 dólares por aluno. Subindo quase mil dólares ao ano, a média da dívida em 2014 foi de 27.760 dólares (equivalentes a 36.390, em 2023). Mas, o agravante nesse cenário foi a perda de poder monetário do estadunidense. Em 2007, a dívida estudantil representava cerca de 40% do valor bruto que o recém-formado recebia após a graduação¹⁶⁴⁹. Em 2014, esse índice subiu para 58%. Ou seja, a dívida estudantil representava quase três quintos do rendimento bruto de um recém-graduado.

Em 2016, registrou-se ainda um distanciamento ideológico no eleitorado estadunidense baseado no nível de escolaridade. Com base nas opiniões sobre o papel do Estado, sobre questões sociais e ambientais, concluiu-se que adultos com diploma universitário apresentaram uma tendência maior em apoiar visões de mundo e reconhecidas como “de esquerda” (44%). A diferença foi ainda maior entre pós-graduados, chegando a alcançar 54%¹⁶⁵⁰. Em contraste, a maioria dos adultos sem diploma universitário apresentaram uma tendência menor em apoiar essas mesmas visões de mundo¹⁶⁵¹.

Ou seja, na década de 1990 houve um crescimento na comunidade acadêmica. A aplicação da lógica do “capitalismo acadêmico” reformulou e fragilizou o campo, exigindo mais produção na expectativa de investimento e maior captação de alunos. Ao mesmo tempo houve um crescimento de pessoas com ensino superior na base democrata. E, ao avançar dos

¹⁶⁴⁷ Ibid.

¹⁶⁴⁸ STATISTA. *College enrollment in the United States from 1965 to 2022 and projections up to 2031 for public and private colleges*. Statista. 2024. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/183995/us-college-enrollment-and-projections-in-public-and-private-institutions/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁴⁹ HANSON, Melanie. *Average Student Loan Debt by Year*. Education Data Initiative. October 25, 2023. Disponível em: <<https://educationdata.org/average-student-loan-debt-by-year>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁵⁰ PEW RESEARCH CENTER. *A Wider Ideological Gap Between More and Less Educated Adults*. Report. April 26, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/04/26/a-wider-ideological-gap-between-more-and-less-educated-adults/>>. Acesso em abr. 2024.

¹⁶⁵¹ Ibid.

anos 2010, a comunidade acadêmica identificou-se abertamente mais “à esquerda” e, embora a proporção da base republicana com ensino superior seja equiparada com a democrata (já nos anos 2010), houve uma tendência dos “sem diploma” a se alinhar mais “à direita”. Ou seja, na prática a base democrata e republicanas com ensino superior apenas se igualaram. Mas esse crescimento foi o suficiente para que a velha noção de que “a universidade é um antro comunista”, hino entoado desde os anos 1930, ganhasse folego. Assim como na economia, na academia, os anos entre 1990 – 2010 foram anos de polarização.

Ao longo dos anos 2010, os campi universitários estadunidenses tornaram-se locais disputados entre grupos para discursos e comícios controversos, que com frequência acabaram em confrontos. Em janeiro de 2017, um encontro promovido pela *University of Whashington College Republicans* com a controversa personalidade da internet, Milo Yiannopoulos, terminou num conflito violento. Menos de duas semanas depois, milhares de manifestantes protestaram contra a participação de Yiannopoulos num evento na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Embora tenha começado pacificamente, manifestantes mascarados deram início a confrontos com as barricadas policiais¹⁶⁵².

Em setembro de 2017, um estudante de jornalismo foi agredido na Universidade do Texas, durante uma manifestação causada pela legislação de imigração pendente. A vítima entrevistava um contra-manifestante. Em novembro, a polícia deteve no campus uma estudante da *Joliet Junior College* por distribuir panfletos que diziam “Abaixo o Capitalismo”. Em fevereiro de 2018, um confronto violento foi desencadeado durante o evento “Rally da liberdade”, organizado pelo *University of Whashington College Republicans*. Cinco indivíduos foram presos. Somado a isso, a crença de que há no ambiente universitário uma resistência às visões conservadoras – criado já na década de 1930 e reforçado pelos conservadores desde então – gerou uma série de manifestações. Em 2016, foi lançado o portal *Professor Watchlist*, com a missão de “expor e documentar professores universitários que discriminam estudantes conservadores e promovem propaganda esquerdista na sala de aula”¹⁶⁵³.

¹⁶⁵² SCHOLARS AT RISK. *Free to Think 2017*: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. September 2017.

¹⁶⁵³ SCHOLARS AT RISK. *Free to Think 2018*: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. September 2018.

O site *Canary Mission* foi ao ar em 2014 com o intuito de publicar perfis on-line de professores e alunos – incluindo fotografias, vídeos, afiliação institucionais, links pessoais e de amigos e mais – acusados de promoverem ódio aos Estados Unidos, Israel e aos judeus nos campi universitários. A organização definiu como “promotor de ódio” qualquer um que defendesse o BDS (movimento por Boicote, Desinvestimento e Sanções ao Estado de Israel). Segundo a organização, sua missão seria de “garantir que os radicais de hoje não sejam funcionários de amanhã”, os perfis eram encaminhados para possíveis empregadores¹⁶⁵⁴.

Embora a primeira emenda da constituição estadunidense sustente a liberdade de expressão, o que abrange também a comunidade acadêmica, a liberdade acadêmica não tem força de lei, mas sustenta-se na doutrina adotada pela *American Association of University Professors* (AAUP)¹⁶⁵⁵ fundada em 1915 exatamente para defender a liberdade de ensino e pesquisa dos professores universitário¹⁶⁵⁶. No entanto, a liberdade acadêmica não protege os professores que “se envolvem em longas arengas sobre assuntos polêmicos e alheios à matéria de seu curso”¹⁶⁵⁷. O que, em certo sentido, abre brecha para a censura prévia ou mesmo perseguição.

Entre 1995 e 2004, apenas 9 das mais 4.000 universidades e faculdades dos Estados Unidos foram listadas pela AAUP como violadoras de liberdade acadêmica. Além disso, 16 foram removidas da lista por não merecerem mais a condenação¹⁶⁵⁸. No entanto, a sensação dos docentes sobre sua própria liberdade acadêmica decaiu. O percentual de professores universitários que entendiam que a administração de suas instituições “de alguma forma” ou “fortemente” apoiavam a liberdade acadêmica foi de 76,1%, em 1969, para 55,3%, em 1997, chegando a 41%¹⁶⁵⁹, em 2007. Como resume Bok:

Em 2007, quando questionados sobre o quanto sentiam que a sua própria liberdade acadêmica tinha sido ameaçada durante os últimos anos, 28 por cento dos professores responderam “alguns” ou “muito”, um grau de preocupação ainda maior do que o nível registado na era McCarthy, quando membros do Congresso realizaram audiências para expor professores com ligações comunistas e o Conselho de Regentes da Universidade da Califórnia insistiu que todos os professores

¹⁶⁵⁴ Ibid.

¹⁶⁵⁵ BOK, Derek. *Op. Cit.*, 2015, p. 428.

¹⁶⁵⁶ Conforme discutido no tópico 2.2.2 – *Podando o conhecimento: do evangelho da riqueza ao o medo vermelho*.

¹⁶⁵⁷ BOK, Derek. *Op. Cit.*, 2015, p. 430.

¹⁶⁵⁸ Ibid.

¹⁶⁵⁹ Ibid., p. 430.

assinassem um juramento de lealdade.¹⁶⁶⁰

Assim, seja por ação do governo (ou de seus opositores, como será abordado adiante), o legado da administração Obama para o público estadunidense foi de perda de poder de compra e concentração de renda; ceticismo político e desconfiança institucional; acirramento das tensões raciais; e, por fim, de escala na polarização política. Todas estas, tendências presentes desde os anos 1980, mas potencializadas ao longo dos anos 2000 e 2010. Obama, como figura de mudança e esperança, foi desmantelado na visão de boa parte do público votante estadunidense. Para aqueles que já se opunham, na prática, os anos Obama foram o auge da decadência, fazendo das eleições de 2016 um verdadeiro momento de mudança.

6.1.2 O momento trumpista

Pelo Partido Democrata, os favoritos à corrida eleitoral eram Hillary Clinton, Joe Biden e Elizabeth Warren. Uma pesquisa preliminar entre os democratas revelou que 59% dos eleitores estavam inclinados a votar em Clinton nas primárias. Biden e Warren apareciam na sequência com apenas 22% e 21%, respectivamente. Bernie Sanders aparecia em quarto., com 8%¹⁶⁶¹. Dentre os que demonstraram intenção de votar em Clinton, 62% eram mulheres; 74% negros; e 61% de pessoas acima dos cinquenta anos. Segundo Castells, Bernie Sanders teria um resultado melhor nas urnas que Clinton. O senador representaria o movimento *anti-establishment* da esquerda, enquanto Hillary, representando uma candidatura associada a *Wall Street*, afastou os votos dos mais jovens¹⁶⁶². Mas confirmando as projeções, o partido escolheu Clinton que, no dia 13 de junho anunciou campanha:

Estar do outro lado da margem da sede das Nações Unidas, onde representei nosso país muitas vezes [...]. Estar aqui neste belo parque dedicado à duradoura visão de Franklin Roosevelt para a América, a nação que queremos ser. [...]. Você sabe, as Quatro Liberdades do presidente Roosevelt são um testemunho das aspirações incomparáveis de nossa nação e um lembrete de nosso trabalho inacabado em casa e no exterior. Seu legado levantou uma nação e inspirou os presidentes que o seguiram. Um é o homem para quem servi como Secretária de Estado, Barack

¹⁶⁶⁰ Ibid.

¹⁶⁶¹ KILEY, Jocelyn. *A Clinton candidacy: Voters' early impressions*. Pew Research Center Short Reads. April 10, 2015. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2015/04/10/a-clinton-candidacy-voters-early-impressions/>> Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁶² CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2019, p. 33.

Obama, e o outro é meu marido, Bill Clinton. [...] Ele [Roosevelt] disse que não há mistério sobre o que é necessário para construir uma América forte e próspera: “Igualdade de oportunidades... Empregos para aqueles que podem trabalhar... Segurança para aqueles que precisam... O fim do privilégio especial para poucos... A preservação das liberdades civis para todos ... um padrão de vida mais amplo e em constante aumento”. É a barganha básica da América. Se você fizer a sua parte, deverá ser capaz de progredir. [...] Quando o presidente Clinton honrou a barganha, tivemos a maior expansão em tempos de paz da história [...]. Quando o presidente Obama honrou a barganha, deixamos de estar à beira da depressão [...]. Mas não é 1941, 1993, ou mesmo 2009. Enfrentamos novos desafios [...] A prosperidade não pode ser apenas para CEOs e gestores de fundos de hedge. A democracia não pode ser apenas para bilionários e corporações. Prosperidade e democracia também fazem parte de sua barganha básica. Você trouxe nosso país de volta. Agora é a hora - sua hora de garantir os ganhos e seguir em frente. E sabe de uma coisa? A América não pode ter sucesso a menos que você tenha sucesso. [...] É por isso que estou concorrendo à presidência dos Estados Unidos¹⁶⁶³.

Em seu discurso, Clinton fez uso da religião civil ao evocar a imagem do presidente Roosevelt e o discurso das quatro liberdades, entregue por Roosevelt, no início de 1941, meses antes dos Estados Unidos declarar guerra ao Japão. Para combater a ameaça potencial do fascismo, vindo da Europa, Roosevelt sugeriu um “aumento na produção de armamento”. O presidente afirmou que estas ações, além de solucionarem problemas sociais e econômicos dos Estados Unidos, seriam vitais para preservar a democracia e as “quatro liberdades humanas essenciais”, que seriam: liberdade de expressão; liberdade religiosa; liberdade de viver sem penúria (ou seja, ter direito a um nível de vida adequado); e liberdade de viver sem medo¹⁶⁶⁴. Ao recorrer a este discurso especialmente, Hillary não só fez uso da religião civil exaltando o presidente, como colocava-se igualmente na posição de opositora do fascismo. O discurso de Hillary, além disso, ligou-se diretamente aos ex-presidentes, Clinton e Obama, e direcionou os problemas econômicos e políticos para a concentração de renda. Clinton arrecadou 1 bilhão para sua campanha, o dobro de Trump. E ainda duplicou o número de escritórios de campanha em relação ao seu adversário. Porém, havia diferenças fundamentais nas posturas (e discursos) dos candidatos que desbalancearam a disputa para o lado republicano.

¹⁶⁶³ FRIZELL, Sam. Transcript: Read the Full Text of Hillary Clinton’s Campaign Launch Speech. *Time*. June 13, 2015. Disponível em: <<https://time.com/3920332/transcript-full-text-hillary-clinton-campaign-launch/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁶⁴ ROOSEVELT, Franklin. January 6, 1941: State of the Union (Four Freedoms). Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-6-1941-state-union-four-freedoms>>. Acesso em 20 abr. 2024.

Já a construção retórica do discurso que Donald Trump entregou ao lançar sua candidatura foi montada de forma que: 1) o problema fosse apresentado e sentimentos em volta dele fossem explorados; 2) o inimigo, o causador do problema, fosse identificado; e por fim, 3) ele mesmo fosse apresentado como alternativa. A começar com a imagem do derrotado que agrediria o sentimento de orgulho do estadunidense:

Nosso país está com sérios problemas. Não temos mais vitórias. Costumávamos ter vitórias, mas não as temos. Quando foi a última vez que alguém nos viu derrotando, digamos, a China em um acordo comercial? Eles nos matam. Eu venci a China o tempo todo. [...] Quando vencemos o Japão em alguma coisa? [...] Quando derrotamos o México na fronteira? Eles estão rindo de nós, de nossa estupidez [...] Os Estados Unidos se tornaram uma lixeira para os problemas de todos¹⁶⁶⁵.

Essa postura era alinhada com a crescente perda de confiança estadunidense em acordos multilaterais, principalmente entre republicanos. Em 2009, 57% dos republicanos viam acordos de livre comércio como positivos; já em 2014, esse índice caiu 24%. A diferença entre aqueles (republicanos) que sustentavam uma visão negativa sobre esses tipos de acordo subiu ainda mais, indo de 31% em 2009, para 68% em 2016¹⁶⁶⁶. Ou seja, a rejeição subiu em índice mais acentuado que a aprovação decaiu.

Trump apontou os efeitos da globalização como responsáveis pelos problemas do povo. Imigração, terceirização da mão de obra, guerras e intervenções militares no exterior, e mesmo a elite financeira de *Wall Street*. Segundo Castells, o discurso trumpista “aproximou-se paradoxalmente do discurso tradicional da esquerda: antiglobalização e antiguerra”¹⁶⁶⁷. Nas palavras do então candidato Trump:

Gastamos 2 trilhões no Iraque, 2 trilhões. Perdemos milhares de vidas, milhares no Iraque. Temos soldados feridos, eu os amo, amo, eles são ótimos. Por todo o lugar, milhares e milhares de soldados feridos. E não temos nada. Não podemos nem ir lá [...] E nosso desemprego real é de 18 a 20 por cento. Não acredite no 5.6. Não acredite. Isso mesmo. Muita gente lá em cima não consegue emprego. Eles não conseguem empregos, porque não há empregos, porque a China tem nossos empregos e o México tem nossos empregos. Todos eles têm empregos. Mas o número real, o número real está em qualquer lugar de 18 a 19 e talvez até 21 por cento, e ninguém fala sobre isso¹⁶⁶⁸.

¹⁶⁶⁵ TIME. Here's Donald Trump's Presidential Announcement Speech. *Time* June 16, 2015. Disponível em: <<https://time.com/3923128/donald-trump-announcement-speech/>> Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁶⁶ PEW RESEARCH CENTER. *As Election Nears, Voters Divided Over Democracy and 'Respect'*. Report october 27, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/10/27/as-election-nears-voters-divided-over-democracy-and-respect/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁶⁷ CASTELLS, Manuel. *Op. Cit.*, 2019. p. 32.

¹⁶⁶⁸ TIME. *Op. Cit.*, 2015. *Here's Donald Trump's Presidential Announcement Speech*.

E, seguindo a argumentação do então candidato, os responsáveis foram os políticos e suas conexões com lobistas e empresários:

Os políticos são só conversa, nenhuma ação. Nada vai ser feito. Eles não vão nos trazer - acredite em mim - para a terra prometida. [...] Eu assisto os discursos dessas pessoas, e eles dizem que o sol vai nascer, a lua vai se pôr, todos tipos de coisas maravilhosas vão acontecer. E as pessoas estão dizendo: “O que está acontecendo? Eu só quero um emprego. Arranja-me um emprego. Eu não preciso de retórica. Eu quero um emprego.” [...] Eles nunca farão da América grande novamente. Eles nem mesmo têm uma chance. Eles são totalmente controlados - são totalmente controlados pelos lobistas, pelos doadores e pelos interesses especiais, totalmente. [...] quer dizer, você viu o [Jeb] Bush, demorou cinco dias para ele responder a pergunta sobre o Iraque. Ele não sabia responder à pergunta. Ele não sabia. Eu disse: “Ele é inteligente?” Então olhei para o Rubio. Ele não conseguiu responder à pergunta: o Iraque é uma coisa boa ou ruim? Ele não sabia. [...] Como essas pessoas vão nos conduzir? Como vamos— como vamos voltar e torná-lo ótimo de novo? Nós não podemos. Eles não têm a menor ideia. Eles não podem nos liderar. Eles não podem. Eles nem conseguem responder a perguntas simples. Foi terrível. [...] Temos todas as cartas, mas não sabemos como usá-las. Nem mesmo sabemos que temos as cartas, porque nossos líderes não entendem o jogo.¹⁶⁶⁹

Como foi discutido, o descrédito das instituições (tanto políticas quanto acadêmicas) cresceu em diferentes níveis ao longo dos anos 2000 e 2010. E, desacreditando o *establishment*, Trump apresentou-se como um homem de negócios que, apesar de conhecer a política, não tinha relações de interesses com o governo. Para isso, recorreu ao seu próprio mito de *self-made man*, citando seu pai:

Precisamos de um líder que possa trazer de volta nossos empregos, possa trazer de volta nossa manufatura, possa trazer de volta nossos militares, possa cuidar de nossos veteranos. Nossos veteranos foram abandonados. [...] Vou trazer nossos empregos da China, do México, do Japão, de tantos lugares. Vou trazer de volta nossos empregos e vou trazer de volta nosso dinheiro. [...] Comecei em um pequeno escritório com meu pai no Brooklyn e Queens [...] ele costumava dizer: “Donald, não vá para Manhattan. Essas são as grandes ligas. Não sabemos nada sobre isso. Não faça isso”. Eu disse: “Tenho que ir para Manhattan. Tenho que construir aquele grande edifício”. [...] Fiz muitos negócios excelentes, e os fiz cedo e jovem. E agora estou construindo em todo o mundo e amo o que estou fazendo¹⁶⁷⁰.

As afirmações trazidas por Trump não visavam apresentar propostas concretas de reversão dos quadros apresentados como negativos. Nas palavras de Poggi, “em verdade, ele

¹⁶⁶⁹ Ibid.

¹⁶⁷⁰ Ibid.

aprofunda ainda mais a crise, alimentando-a com ódio e intolerância, jogando os grupos sociais uns contra os outros”¹⁶⁷¹.

Em suma, enquanto Hillary Clinton usou, de referência histórica, suas filiações e experiências políticas para fundamentar sua autoridade, Donald Trump fez o caminho oposto. Se Clinton falou em tradição e continuidade (mesmo que adaptada a novas necessidades), Trump falou em ruptura. Mas além da mensagem, a estrutura argumentativa em si mostrou a diferença entre os dois candidatos.

Analisando e comparando os dois discursos de anúncio de campanha, Marta Degani observou como o discurso de Trump, embora consideravelmente maior, foi mais simples. Trump usou 6.489 palavras, 671 frases e apenas 501 palavras complexas¹⁶⁷² (7,72%), numa média de 9,67 palavras por frase. Clinton, por outro lado, usou 4.752 palavras, 298 frases e 571 palavras complexas (12,02%), numa média de 15,95 palavras por frase. Em síntese, o discurso de Trump foi menos complexo, mais fácil de ser lido e compreendido no inglês coloquial. Pelas projeções da Degani, a fala de Trump estaria no nível de entendimento de uma criança de 10 a 11 anos, enquanto o de Clinton estaria no nível de um jovem de 14 a 15¹⁶⁷³. Para a autora, essa propensão em simplificar o discurso exemplifica como o anti-intelectualismo tornou-se quase um traço característico dos discursos políticos estadunidenses.

De acordo com Elvin Lim, a presença de uma postura anti-intelectual no discurso presidencial revelou-se uma tradição¹⁶⁷⁴. De fato, como demonstrado em capítulos anteriores, o ataque aos “intelectuais” tornou-se uma espécie de espantalho na retórica presidencial estadunidense desde, pelo menos, os anos 1930. O presidente Herbert Hoover (1929 – 1933), durante a crise dos anos 1930, dizia: “Eu não poderia pedir ajuda aos chamados intelectuais com seu registro ininterrupto de total abstinência de alegria construtiva ao longo de toda a história nacional”¹⁶⁷⁵. Nos anos 1950, o presidente Dwight Eisenhower (1953 – 1961)

¹⁶⁷¹ POGGI, Tatiana. *Op. Cit.*, 2018, p. 327.

¹⁶⁷² São consideradas “palavras complexas” aquelas polissilábicas, com três ou mais sílabas.

¹⁶⁷³ DEGANI, Marta. Endangered intellect: a case study of Clinton vs Trump campaign discourse. *Iperstoria*, n. 8, 2016.

¹⁶⁷⁴ LIM, Elvin T. *The anti-intellectual presidency: The decline of presidential rhetoric from George Washington to George W. Bush*. Oxford University Press, 2008.

¹⁶⁷⁵ HOOVER, Herbert. *Address to the Gridiron Club. April 09, 1932*. The American Presidency Project.

Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-gridiron-club-5>>. Acesso em 18 abr. 2024.

afirmou: “Ouvi uma definição de intelectual que achei muito interessante: um homem que usa mais palavras do que o necessário para dizer mais do que sabe.”¹⁶⁷⁶ O presidente Lyndon Johnson (1963-1969) mencionava que os intelectuais estavam preocupados demais com as aparências: “Eles estão mais preocupados com o estilo do que com argamassa, tijolo e concreto. Eles estão mais preocupados com as trivialidades e o superficial do que com as coisas que realmente construíram a América”¹⁶⁷⁷. Aram Bakshian, redator de discursos de Richard Nixon (1969 – 1974), revelou em entrevista: “Receio que a qualidade do debate público não esteja melhorando. As pessoas não estão recebendo um argumento mais esclarecido sendo apresentado a elas. [...] acho que o tempo de atenção do americano está ficando mais curto.”¹⁶⁷⁸. Nos anos 1980, Ronald Reagan baseou sua campanha na Califórnia (tradicionalmente democrata) explorando o “abismo entre a comunidade universitária e o público geral, chamando professores e alunos de encrenqueiros e ‘esnobes auto-indulgentes’”¹⁶⁷⁹.

Submetendo o discurso do anúncio da campanha pela presidência de Bush, em 1999, aos mesmos testes usados por Marta Degani para analisar os discursos de Clinton e Trump em 2016¹⁶⁸⁰, verificamos que Bush usou 2.054 palavras, 183 frases e 241 palavras complexas (11,73%), numa média de 11,2 palavras por frase. O nível de entendimento estaria nivelado a uma criança de 12 a 13 anos. No entanto, se analisarmos o discurso de inauguração de mandato, de 20 de janeiro de 2001, verificamos uma diferença substancial. Com 1.586 palavras, 97 frases e 211 palavras complexas (13,30%), numa média de 16,35 palavras por frase, o discurso de abertura de mandato de Bush é consideravelmente mais complexo que o discurso de campanha. O nível de entendimento deste estaria nivelado a um jovem de 14 e 15 anos.

¹⁶⁷⁶ EISENHOWER, Dwight. *Remarks at the Breakfast in Los Angeles Given by Republican Groups of Southern California, september 24, 1945*. The American Presidency Projects. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-breakfast-los-angeles-given-republican-groups-southern-california>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁷⁷ JOHNSON, Lyndon B. *Remarks in San Antonio at the Signing of the Medicare Extension Bill April 08, 1966*. The American Presidency Project. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-san-antonio-the-signing-the-medicare-extension-bill>>. Acesso em 18 abr. 2024

¹⁶⁷⁸ CHAPEL, Gage William. Speechwriting in the Nixon administration. *Journal of Communication*, v. 26, n. 2, 1976. p. 71.

¹⁶⁷⁹ LIM, Elvin. Op. Cit. 2008. p. 29.

¹⁶⁸⁰ Os *Flesch Kincaid Reading Ease*, *Flesch Kincaid Grade Level*, *Coleman Liau Index* e o *Automated Readability Index*

Comparando os discursos de anúncio de candidatura das eleições de Bill Clinton, George W. Bush, Barack Obama e Donald Trump verifica-se que: 1) embora o percentual de palavras complexas seja parecido, os discursos de Bill Clinton e de George W. Bush apresentam uma diferença substancial no tamanho. O uso de frases mais curtas e diretas tornaram o republicano mais simples. 2) Barack Obama apresenta um percentual de palavras complexas menores que a de seus antecessores, no entanto, usa mais palavras por frases, quase o dobro de Bush. E, 3) Trump apresenta o discurso mais longo, no entanto, com menor percentual de palavras complexas e menor média de palavras por frase. Por fim, verifica-se que o nível de entendimento dos discursos dos candidatos republicanos tende a ser menor que o dos democratas.

Conforme Lim, o uso de um discurso mais simples, com palavras curtas e diretas, não implica dizer que o político em si seja um “anti-intelectual”¹⁶⁸¹. Mas a “supersimplificação” e a rejeição às “ruminações ‘pomposas’ do intelectual” apresenta, sim, um indício do uso político da negação ao intelectual e uma propensão ao populismo¹⁶⁸². De mesma forma, o uso de um discurso mais simples, com palavras curtas e diretas, não implica dizer que o político em si seja um “anti-intelectual”¹⁶⁸³. Mas a “supersimplificação” e a rejeição às “ruminações ‘pomposas’ do intelectual” apresenta, sim, um indício do uso político da negação ao intelectual e uma propensão ao populismo¹⁶⁸⁴.

Tabela 7: Comparativo entre os discursos de anúncio de candidatura dos presidentes entre 1992 e 2016

	Bill Clinton	George W. Bush	Barack Obama	Donald Trump
Nº de frases	177	183	111	671
Nº de palavras	3142	2054	2428	6489
Nº de palavras complexas	368	241	229	501
Porcentagem de palavras complexas	11,71%	11,73%	9,43%	7,72%

¹⁶⁸¹LIM, Elvin. *Op. Cit.* 2008. p. 32.

¹⁶⁸²Ibid.

¹⁶⁸³Ibid.

¹⁶⁸⁴Ibid.

Média de palavras por frase	17.75	11.2	21.87	9.67
Nível de entendimento	14 ~ 15 anos	12 ~ 13 anos	15 ~ 16 anos	10 ~ 11 anos

Fonte: Dados do trabalho

O populismo de Donald Trump pode ser compreendido pelos mesmos moldes que Tyler Branson empregou para investigar o *Tea Party Movement*. Como apresentado anteriormente, Branson enquadrou a retórica populista em 4 características: 1) O “homem comum” como força coletiva; 2) a existência de um “inimigo comum”; 3) a defesa dos “valores tradicionais” contra a “corrupção do sistema”; e 4) o confronto “apocalíptico” como única solução¹⁶⁸⁵. Como resume Poggi, “o populismo de direita seria, então, derivado do descontentamento em relação a uma situação de opressão e canalizado contra minorias, transformadas em bodes expiatórios e responsabilizadas pelo infortúnio do grupo majoritário”¹⁶⁸⁶. Ou seja, o populismo trumpista manipulou os sentimentos de medo e insegurança causados pelas crises políticas, econômicas e a crise epistêmica (que promove o anti-intelectualismo).

Em seu discurso de inauguração, Obama afirmou “restaurar a ciência ao seu devido lugar”¹⁶⁸⁷, associando os avanços tecnológicos com qualidade de vida e fazendo referência a serviços de saúde, educação universitária, fontes de energia renováveis, entre outros. Conforme Chris Mooney, o primeiro trabalho de Obama na presidência seria de reconquistar o prestígio intelectual do governo, de tornar o “intelecto” parte dos “valores americanos”, isto é, “defini-lo como central para quem os americanos são como pessoas”¹⁶⁸⁸. No entanto, como visto, a presidência de Obama foi atropelada pela crise econômica e pelos movimentos de protestos e a ciência e acadêmica engolida pelo capitalismo acadêmico. E junto da crise de confiança no Estado, ergueu-se uma crise de confiança na ciência e nas instituições do conhecimento. Conforme Mooney:

¹⁶⁸⁵ BRANSON, Tyler S. *Steeped in rhetoric: digital populism and the tea party movement*. Tese de Doutorado. University of Kansas, 2011.

¹⁶⁸⁶ POGGI, Tatiana. *Op. Cit.*, 2018, p. 330.

¹⁶⁸⁷ OBAMA, Barack. *Inaugural Address january 20, 2009*. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-2009-inaugural-address>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁸⁸ MOONEY, Chris. Comment: Hail to the intellectual president. *New Scientist*. 6 may, 2009. Disponível em: <https://www.newscientist.com/article/mg20227076-000-comment-hail-to-the-intellectual-president/>. Acesso em 18 abr. 2024.

Em uma sociedade saudável com níveis robustos de confiança, as pessoas presumem que os outros cumprirão suas metas no contrato social, são menos propensas a ouvir reivindicações que causam divisões e são mais propensas a permitir espaço para mudanças. Resolver problemas difíceis e complexos na sociedade requer confiança robusta entre governados e governantes, onde os primeiros estão dispostos a abrir mão de algo agora em troca da promessa de um benefício posterior. Neste momento (e possivelmente desde meados dos anos 2000), a maioria dos americanos não confia nas elites políticas para honrar suas promessas¹⁶⁸⁹.

Em 2014 a *Pew Research Center* elaborou uma pesquisa junto da *American Association for the Advancement of Science* (AAAS) para delimitar o nível da confiança do cidadão estadunidense na ciência. A pesquisa concluiu que 79% dos adultos diziam que a ciência havia melhorado ou tornado a vida mais fácil para as pessoas, tendo uma opinião positiva do impacto e qualidade da ciência na saúde, alimentação e meio ambiente. 72% diziam que os investimentos governamentais em tecnologia e engenharia compensam a longo prazo. 61% afirmaram que o investimento estatal é essencial para o progresso científico e apenas 34% diziam que o investimento privado seria o suficiente¹⁶⁹⁰. Ou seja, à primeira vista, verificou-se que o cidadão estadunidense não tinha uma visão propriamente negativa da ciência, muito menos questionava os investimentos em pesquisas. No entanto, observando as opiniões acerca de temas específicos, envolvendo a ciência e a produção científica, verificamos que embora o estadunidense dissesse ter confiança “na ciência”, exprimia uma desconfiança “no cientista”.

Quando questionados sobre a obrigatoriedade de vacinação infantil – para doenças como sarampo, caxumba, rubéola (MMR) e poliomielite – 68% dos estadunidenses disseram que todas as crianças deveriam ser vacinadas e apenas 30% disse que a decisão deveria recair sobre os pais. Entre os cientistas a obrigatoriedade foi defendida por 86%¹⁶⁹¹. Sobre a ingestão de produtos transgênicos, embora 88% dos cientistas afirmassem não haver risco para a saúde, apenas 37% dos estadunidenses concordaram. De fato, 67% da população nem mesmo acreditava que os cientistas tinham entendimento dos efeitos da plantação de alimentos geneticamente modificados¹⁶⁹². Por fim, sobre o aquecimento global, 87% dos cientistas defendiam que o fenômeno estava sendo acelerado pela atividade humana. Apenas 50% dos

¹⁶⁸⁹ Ibid.

¹⁶⁹⁰ PEW RESEARCH CENTER. *Public and Scientists views on science and society*. Report. January 29, 2015. Disponível em : < <https://www.pewresearch.org/science/2015/01/29/public-and-scientists-views-on-science-and-society/> >. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁹¹ Ibid.

¹⁶⁹² Ibid.

estadunidenses concordavam, 25% afirmavam que não havia evidências para afirmar que a ação humana interferiria no fenômeno e 23% defendiam que o fenômeno seria acelerado por causas naturais¹⁶⁹³.

Ou seja, conforme a tendência dos anos 2000, no qual o Capital Científico foi usado para legitimar agendas anticientíficas, os anos 2010 coroaram a descrevibilidade das instituições do conhecimento. A ciência, quanto método, não foi necessariamente atacada, mas o Capital Científico (que o pesquisador acumula, seja com funções ou por atividades profissionais), esse foi amplamente desacreditado.

Quando o já presidente Trump anunciou que sairia do Acordo de Paris, em 2017, mais de mil membros da *National Academy of Sciences* assinaram uma declaração criticando a decisão do governo¹⁶⁹⁴. Em entrevista ao *Associated Press*, em outubro de 2018, Donald Trump reconheceu as mudanças climáticas, mas questionou a sua relação com a ação humana. Quando perguntado sobre as descobertas científicas que relacionavam o aquecimento global e as mudanças climáticas Trump respondeu: “Você teria que me mostrar os cientistas porque eles têm uma agenda política muito grande”¹⁶⁹⁵. E concluiu: “Alguns dizem isso e alguns dizem diferente, quero dizer que você tem cientistas de ambos os lados”¹⁶⁹⁶. Meses após estas declarações, diante das mais de 1.600 páginas do relatório *National Climate Assessment*, o presidente apenas declarou “eu não acredito”¹⁶⁹⁷. Enquanto Bush usou de um argumento pragmático/econômico para justificar a retirada do país do Protocolo de Kioto (mesmo que com doses de conspiracionismo), Trump usou primeiramente do anti-intelectualismo e da negação científica.

A postura anti-intelectual presidencial nos Estados Unidos apresentou uma peculiaridade com Trump. As constantes gafes e brigas com a língua inglesa de George W. Bush (bem como sua relação com a comunidade científica) tornaram ainda mais evidente a

¹⁶⁹³ Ibid.

¹⁶⁹⁴ DAVENPORT, C. In the Trump Administration, Science Is Unwelcome. So Is Advice. *The New York Times*. Jun. 9 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/09/climate/trump-administration-science.htm>> Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁹⁵ KIGGINS, Steve. Trump on '60 Minutes:' 5 takeaways from Sunday's televised interview. *Us Today*. Oct. 15, 2018. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/2018/10/14/trump-60-minutes-cbs-takeaways/1645388002/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁹⁶ CUMMINGS, William. 'I have a natural instinct for science,' President Trump says in newly released interview. *US Today*. Oct. 18, 2018. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/onpolitics/2018/10/17/donald-trump-natural-instinct-science/1674336002/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁹⁷ BBC. Trump on climate change report: 'I don't believe it'. *BBC*, 26 november 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-46351940>> Acesso em 18 abr. 2024.

diferença entre Bush e Obama. Enquanto um apresentava-se como um aluno no C de *Yale*, o outro se apresentava como primeiro presidente negro da *Harvard Law Review* (tradicional revista acadêmica de direito editada por alunos da Escola de Direito de *Harvard*) e ex-professor de direito constitucional na Escola de Direito da Universidade de Chicago. Porém, Bush utilizava-se de um “anti-intelectualismo passivo”, disfarçado na postura de “homem simples”, fazia piada pública de seus erros. Mas no caso de Donald Trump, houve uma peculiaridade paradoxal.

Ao mesmo passo em que Trump se apresentava como um “homem simples que cresceu na vida”, alimentando o mito de *self made-man*, o empresário alimentava também uma imagem de excepcionalidade. Em certos aspectos, Trump personalizou os princípios da “eu-pistemologia” descritos por Zoonen. Não só o candidato concentrou nos outros as culpas das mazelas (fundamentando, entre outras coisas, a xenofobia, concretizada na promessa de construir um muro da divisa com o México), como se postulou como principal fonte de referência. O “eu” foi a principal referência do candidato Trump. Como foi discutido acima, a retórica eleitoral de Trump modelou-se de tal forma a apresentar um problema e propor a si mesmo como única solução viável. Em seu discurso após aceitar a nomeação para concorrer às primárias, Trump diz diversas vezes:

Quando eu prestar juramento no próximo ano, restaurarei a lei e a ordem em nosso país [...]. Eu vou transformar nossos maus acordos comerciais em grandes acordos [...]. Eu vou trazer nossos empregos de volta [...]. Eu sou sua voz. [...] Eu vou lutar por você e eu vou vencer por você. [...] Eu faço esta promessa: Tornaremos a América forte novamente¹⁶⁹⁸.

Em determinado momento foi categórico: “Ninguém conhece o sistema melhor do que eu, e é por isso que só eu posso consertá-lo”¹⁶⁹⁹. Em certa medida, Trump rompe com aspectos tradicionais da Religião Civil. Como chama atenção Yoni Appelbaum, em 1968, Nixon afirmou que “sem a ajuda de Deus e a sua ajuda, certamente fracassaremos; mas com a ajuda

¹⁶⁹⁸ POLITICO. Full text: Donald Trump 2016 RNC draft speech transcript. *Politico*. Jul 21, 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁶⁹⁹ JACKSON, David. Donald Trump accepts GOP nomination, says 'I alone can fix' system. *USA Today*. Jul 21, 2016. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/elections/2016/07/21/donald-trump-republican-convention-acceptance-speech/87385658/>>. Acesso em 18 abr. 2024

de Deus e a sua ajuda, certamente teremos sucesso.”¹⁷⁰⁰ Na década de 1980, Reagan pediu aos eleitores que: “não simplesmente ‘Confie em mim’ [...] mas que confie nos seus valores – os nossos valores – e me considere responsável por viver de acordo com eles”¹⁷⁰¹; Por fim, George W. Bush disse: “Sei que a presidência é um cargo que transforma o orgulho em oração [...] estou ansioso para iniciar o trabalho que temos pela frente”¹⁷⁰². Appelbaum aponta para o fato de que Trump não pediu para que os estadunidenses confiassem uns nos outros, em seus valores ou mesmo em Deus, mas que confiassem em Donald Trump¹⁷⁰³.

Sobre sua imagem de anti-intelectual, em dezembro de 2015, afirmou:

Acho que a imprensa me torna mais incivilizado do que sou [...]. Você sabe, as pessoas não entendem. Frequentei uma faculdade da *Ivy League* [...]. Eu era um bom aluno. Eu me saí muito bem. Sou uma pessoa muito inteligente. Você sabe, o fato é que eu realmente acredito, acho que a imprensa cria uma imagem de Donald Trump diferente da pessoa real. Acho que, até certo ponto, talvez possa culpar a mídia. Mas a política é um negócio difícil¹⁷⁰⁴.

Comentando a administração Obama, disse: “Eu costumava usar a palavra ‘incompetente’. Sou muito educado [...]. Conheço palavras. Eu tenho as melhores palavras, mas não há palavra melhor do que ‘estúpido’, certo? Não há nenhum. Não há nenhum.”¹⁷⁰⁵. Ou seja, enquanto Obama apresentou-se em 2008 como o candidato da mudança, esperança e conciliação, entoando um chamado coletivo pela ação no seu slogan de “nós podemos”; Trump foi o oposto. Colocou-se como o candidato não da “mudança”, mas da ruptura. Enquanto Obama falavam em “nós”, Trump falou em “eu”.

Além de tons populista e *anti-establishment*, Trump catalisou essa desconfiança no cientista e endossou teorias conspiratórias como a de que o aquecimento global não existe e que o presidente Obama não tinha nascido nos Estados Unidos. No aspecto social e religioso, grande parte do que definia o político Donald Trump estava em seus adversários. Com frequência, mesmo depois de eleito, atacou Hillary Clinton, Obama, agências de inteligência,

¹⁷⁰⁰ APPELBAUM, Yoni. ‘I Alone Can Fix It’. The Atlantic. July 21, 2016. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/07/trump-rnc-speech-alone-fix-it/492557/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

¹⁷⁰¹ Ibid.

¹⁷⁰² Ibid.

¹⁷⁰³ Ibid.

¹⁷⁰⁴ MCCASKILL, Nolan. Trump boasts of his Ivy League education to defend image. *Político*, 25 oct. 2017. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2017/10/25/trump-intelligence-ivy-league-education-media-false-image-244167>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁰⁵ Ibid.

o judiciário, a imprensa e a comunidade científica. Parecendo sempre “à procura de um inimigo ou bode expiatório, insultando imigrantes, muçulmanos, mulheres e afro-americanos”¹⁷⁰⁶. Seu slogan *Make America Great Again* remontava, portanto, aos anos dourados antes dos movimentos pelos direitos civis, dos direitos LGBT, do *Black Lives Matters*. Movimentos que – como discutido anteriormente – foram compreendidos por movimentos conservadores como elementos que roubam a América dos americanos, que representaram uma degradação moral da atual geração, reeditando o sentimento de “despossuídos”.

A presença desse sentimento entre os conservadores foi observada pelo jornalista e conservador influente, Daniel Bell, nos anos 1960. Bell teorizou que o movimento conservador dos anos 1960 (que se mobilizou para eleger Goldwater) só foi possível pois estes acreditavam que perderiam a América para o comunismo, e que os tradicionais valores da América (tanto religiosos quanto de mercado) estavam sob ataque¹⁷⁰⁷. Donald Trump, contudo, foi em campanha um crítico das políticas neoconservadoras. O então candidato culpou os neoconservadores pela Guerra do Iraque. Algumas das vozes mais proeminentes dentre os neoconservadores não se sentiram adequados ao modo Trump de fazer política. Max Boot afirmou em 2018:

Para mim, conservadorismo significa políticas prudentes baseadas em estudos empíricos; apoio à liderança americana global e aos aliados americanos; uma defesa forte e uma vontade em opor-se aos inimigos da liberdade; respeito ao caráter, comunidade, virtudes pessoais, e família; governo limitado e prudência fiscal [...]. Julgando pelas palavras e ações, Trump não entende ou acredita em nenhum destes princípios. Ainda assim ele permanece popular entre republicanos e conservadores.¹⁷⁰⁸

Em alguns aspectos, Trump também representou o roubo da “verdadeira América”, fazendo com que Boot se sentisse igualmente “despossuído”:

A guerra de Trump contra os imigrantes está fazendo com que eu não me sinta um americano “de verdade”. Cada vez mais eu me sinto como um judeu, um imigrante, um russo – qualquer coisa menos um americano normal. Essa talvez seja precisamente o que Trump e seus mais fervorosos apoiadores pretendam. Eles estão

¹⁷⁰⁶ MICHIKO, Kakutani. *A Morte da Verdade*. Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2018. p. 191.

¹⁷⁰⁷ Como discutido no Capítulo 3. Tópico *3.1.1- Os bazares de ideias: o anti-intelectualismo e o combustível para think tanks conservadores*

¹⁷⁰⁸ BOOT, Max. *The Corrosion of Conservatism: Why I Left the Right*. Liveright Publishing. 2018.

redefinindo o que significa ser americano¹⁷⁰⁹.

Entretanto, em sua política de “nós” contra “eles”, Trump reafirmou uma antiga antipatia da direita americana contra o “globalismo”. Mesmo que tenha abandonado a retórica pela luta pela liberdade, agiu “como muitos no espectro neconservador fazem há muito tempo, posicionando os Estados Unidos contra um mundo cruel e fetichizando a força bruta como resposta”¹⁷¹⁰. A retórica de Trump foi de colocar os Estados Unidos acima do mundo, o que é compatível com o projeto político-militar neoconservador. Consequentemente promoveu-se uma cisão. Se uma parcela dos neoconservadores reconheceu elementos totalitários em Trump e o negou devido suas crenças (como fez Max Boot), outra viu no espírito antiglobalista Trumpista “um veículo para o poder”¹⁷¹¹. Assim,

A velha guarda republicana está dividida entre trumpistas recentemente convertidos; indecisos que aguardam e acreditam que, se esperarem o suficiente, o pesadelo acabará; e uma facção subterrânea que aceitou sua impotência e está nela principalmente pelos contracheques¹⁷¹².

Trump venceu as primárias e tornou-se o candidato republicano e, em 16 de junho, anunciou sua campanha com um discurso em que afirmava: “Agora, nosso país precisa de um líder verdadeiramente grande, e precisamos de um líder verdadeiramente grande agora. Precisamos de um líder que escreveu ‘*The Art of the Deal*’”¹⁷¹³, fazendo referência ao seu próprio livro. O “momento trumpista” portanto, não deve ser reduzido ao seu período eleitoral e pré-eleitoral, mas deve sim ser compreendido como resultado (um “ato”, no sentido teatral) de uma crise (economia, política e epistêmica) há décadas em construção, na qual cada um dos “atores” (os defensores do livre mercado, os conspiracionistas, a direita religiosa, os partidos Republicano e Democrata, etc.) performaram seus papéis.

¹⁷⁰⁹ Ibid.

¹⁷¹⁰ WERTHEIM, Stephen. Return of the Neocons. *NYR Daily*. January 2, 2019. Disponível em <<https://www.nybooks.com/daily/2019/01/02/return-of-the-neocons/?printpage=true>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷¹¹ Ibid.

¹⁷¹² SHENK, Timothy. Right Privilege Conservatism in the Age of Trump. *Dissent*, Volume 66, number 1, Winter. 2019. pp. 104 – 117. p. 104. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/714313>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷¹³ TRUMP, Donald. Annoucement Speech. *Times*. June 16, 2015. Disponível em: <<https://time.com/3923128/donald-trump-annoucement-speech/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

6.2 A Direita Unida

Leonard Zeskind chama atenção para as semelhanças entre o *Tea Party Movement* e a campanha presidencial de Barry Goldwater, em 1964¹⁷¹⁴, uma vez que ambos se sustentaram no sentimento de “despossuídos”. De fato, várias das características que definem o *Tea Party* encontram paralelos com o movimento dos anos 1960. Pelo aspecto racial, ambos articularam o “vitimismo branco”, alegando existir muitas políticas de apoio a minorias¹⁷¹⁵ que colocaria a “América branca” em condição de desvantagem. Pelo aspecto econômico, ambos movimentos alegavam que as políticas democratas de “Estado grande” eram prejudiciais para a saúde da economia e para os valores tradicionais do capitalismo estadunidense. Porém, o anticomunismo conspiracionista, a “ala” que exerceu a função de “cola” no movimento dos anos 1960, passou por substanciais modificações ao final dos anos 1990.

Em um contexto de Guerra Fria, o comunismo apresentava uma ameaça que era tanto interna quanto externa, ao mesmo tempo em que era real e imaginada. A ameaça interna real manifestava-se na presença de espões soviéticos inseridos em diferentes posições políticas. Por outro lado, a ameaça interna imaginada exagerava a inserção dos espões comunistas, chegando a alegar que líderes eleitos e agências inteiras tinham por plano desfazer o capitalismo estadunidense. Além disso, como discutido no terceiro capítulo desta tese, nas décadas de 1950 e 1960, os conservadores adotaram a retórica elaborada ao longo dos anos 1930 de que a academia e a universidade como um todo eram, essencialmente, dominadas por comunistas. Esse princípio justificou a reformulação do AEI ao longo dos anos 1950 para criar um “mercado de ideias” e concorrer contra o “monopólio da esquerda”. Sendo assim, embora o movimento dos anos 1960 tenha se fortalecido no populismo, exercido um anti-intelectualismo, promovendo perseguição a professores e intelectuais, e usado o anticomunismo como fator de união (por vezes exagerando o poder dos comunistas), o movimento também contou com ativa participação de suas próprias instituições de conhecimento, como os *think tanks* AEI e a *Hoover Institution*. E, embora derrotado nas urnas, o movimento reformulou-se dando origem ao que depois foi denominado como

¹⁷¹⁴ ZESKIND, Leonard. A nation dispossessed: The Tea Party movement and race. *Critical Sociology*, v. 38, n. 4, p. 495-509, 2012.

¹⁷¹⁵ Ibid.

‘neoconservadorismo’”, dando relevância para novos teóricos como Irvil Kristol e o próprio Daniel Bell.

Por outro lado, em um contexto de pós-Guerra Fria, marcado pela globalização e neoliberalismo, as retóricas de medo e a eleição dos inimigos se deram de formas distintas, mesmo que semelhantes. O inimigo tornou-se essencialmente interno. Como observa Ritchie Savage, o *Tea Party* sustentava-se em uma ideologia de desmembramento do Estado. O comunismo, nessa lógica, era representado pela noção de “Estado Grande”. Nas palavras de Savage, “o *Tea Party* apresentou-se pela primeira vez como um movimento popular que equiparava Obama e o ‘*ObamaCare*’ com o ‘socialismo’ e reinterpretaram retroativamente a crise econômica, já em pleno vigor, à luz desses fracassos percebidos”¹⁷¹⁶. Por outro lado, a ameaça externa era representada por imigrantes, pelo islamismo ou por minorias em geral¹⁷¹⁷.

Com a crise financeira e suas respostas populares, os teóricos da conspiração reconheceram uma ferramenta do governo federal para instaurar um “governo grande”. Os teóricos alinhados ao conservadorismo (como Limbaugh e Jones), em especial, acusaram tanto a crise, quanto o movimento *Occupy* de serem orquestrados. Além disso, apoiaram o *Tea Party* como única alternativa. O movimento *Occupy*, apesar do volume, não deixou marcas diretas e relevantes no sistema político, flertando, ainda, com o pensamento conspiratório em sua fundamentação. As redes de comunicação e a imagem do especialista e intelectual saíram “feridas” da crise e o *Tea Party movement*, apesar de não angariar grande vitória política imediata, consolidou-se como forma de ver a política estadunidense.

Portanto, considerada as devidas proporções, pode-se compreender que o *Tea Party Movement* teve para a direita dos anos 2010 a mesma função fusionista que a *National Review* exerceu nos anos 1950 e 1960: uniram os defensores do livre mercado, os conspiradores e a direita religiosa, sob um pensamento conspiratório “anticomunista”, adaptado para o novo contexto de *anti-establishment*. Porém, novamente, considerando as devidas proporções, deve-se considerar três modificações relevantes: 1) a adoção de novas tecnologias de comunicação; 2) diretamente relacionado com a primeira, a emergência da direita alternativa; e 3) o fato de que Donald Trump triunfou onde Goldwater fracassou.

¹⁷¹⁶ SAVAGE, Ritchie. From McCarthyism to the Tea Party: Interpreting anti-Leftist forms of US populism in comparative perspective. *New Political Science*, v. 34, n. 4, p. 564-584, 2012.

¹⁷¹⁷ Ibid.

Assim como o movimento por Goldwater começou alheio ao Partido Republicano, sendo adotado no decorrer da campanha, o trumpismo não nasceu da agremiação política. Porém, enquanto o movimento dos anos 1960 foi construído em parceria de intelectuais conservadores, liberais e empresários, a campanha de Trump, como veremos, não recebeu esse apoio tão cedo. Pouco antes do início das campanhas pelas primárias, governadores ou congressistas em geral não expressavam apoio a Trump. Ted Cruz, Marco Rubio e Jeb Bush eram os favoritos dos republicanos. Mesmo o *Tea Party Movement*, que em linhas gerais apresentava as mesmas perspectivas políticas e visões de mundo de Trump, apoiava Rubio. Mas Trump, colocando-se acima do *establishment* político, voltou-se diretamente para o povo e incorporou um discurso que atacava diretamente a imigração, simbolizando a xenofobia na promessa de campanha de construir um muro na fronteira com o México. O apoio inicial de Trump veio do que se formalizou como a Direita Alternativa, a grande “cola” também se modernizou e aproximou as diferentes “alas”.

6.2.1 “Onward, Christian Soldiers”: Reações dos religiosos

Em setembro de 2016, meses antes da eleição, a *Pew Research Center* publicou uma pesquisa apontando que “muitos evangélicos favorecem Trump porque ele não é Clinton”¹⁷¹⁸.

Desde sua formalização nos anos Reagan, a Direita Religiosa estadunidense (em diferentes graus) dedicou-se a defender os valores cristãos reconhecidos como tradicionais dos Estados Unidos. Como foi discutido, durante os anos da Guerra Fria, a Direita Religiosa e suas organizações exerceram papel importante na consolidação do conservadorismo, em especial na defesa dos “bons costumes” e na contraposição ao comunismo “satânico”. Além disso, inflamou a “ala conspiratória” do conservadorismo ao endossar a vertente religiosa da teoria da “Nova Ordem Mundial”, associando o comunismo ao satanismo. No entanto, assim como para as demais “alas” que compunham o conservadorismo desde os anos 1950, a Direita Religiosa encontrou-se desamparada sem a União Soviética ao fim da Guerra Fria.

Enquanto os “defensores do livre mercado” discutiam o que fazer com a abertura de novos comércios e com a globalização e na medida em que os conspiracionistas requestavam

¹⁷¹⁸ SMITH, Gregory. *Many evangelicals favor Trump because he is not Clinton*. Pew Research Center Short Reads. September 23, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/09/23/many-evangelicals-favor-trump-because-he-is-not-clinton/>>. Acesso em 20. abr. 2024.

a teoria do “globalismo” e da “nova ordem mundial”, a direita religiosa adotou a retórica da “decadência moral” da cultura do país¹⁷¹⁹. No final da década de 1980, o ativista Randall Terry fundou a organização *Operation Save America*. Em 1987, levou trezentas pessoas para protestar na entrada de uma clínica de aborto. Ao todo, 211 pessoas acabaram presas, mas Terry proclamou: “nenhuma criança morreu”. No ano seguinte, durante a Convenção dos Democratas em Atlanta, Terry organizou 1300 pessoas para bloquear clínicas de aborto na região. Jerry Falwell declarou, em 1992, que a eleição de Clinton deixaria Satã solto pelos Estados Unidos, e que o presidente destruiria os militares ao permitir que os “gays subissem ao poder”¹⁷²⁰. Por fim, a virada dos anos 1980 para 1990 também presenciou a emergência do Reconstrucionismo. Fundado por Greg Bahnsen, Rousas John Rushdoony e Gary North, o Reconstrucionismo baseou-se numa preocupação com a soberania divina. Nas palavras de Armstrong, para os reconstrucionistas:

É preciso implantar uma civilização cristã que derrote o diabo e inaugure o Reino de Mil anos. O conceito-chave do movimento é domínio. Deus confia a Adão, depois a Noé a missão de dominar o mundo. Os cristãos herdaram essa missão e cabe-lhes a responsabilidade de instituir o reinado de Jesus antes de sua Segunda Vinda. No entanto, não terão que fazer nada nesse sentido, pois o próprio Deus destruirá o Estado moderno numa terrível catástrofe [...] Quando o reino vier não haverá mais separação entre Igreja e Estado¹⁷²¹

No reino de Deus, segundo os Reconstrucionistas, as leis serão estritamente bíblicas. Ocorrerá o reestabelecimento da escravidão; haverá um restrito controle de natalidade; homossexuais, adúlteros, astrólogos, blasfemo, entre outros, serão executados; filhos desobedientes serão apedrejados. O regime será estritamente capitalista e socialistas, em geral, são tomados como pecadores. Em suma, como resume Armstrong, o domínio imaginado por North e Rushdoony é explicitamente totalitário¹⁷²². E, enquanto aguardam a volta de Jesus, os cristãos devem “preparar-se para reconstruir a sociedade em conformidade com o pano divino e apoiar políticas governamentais que se aproximem dessas normas bíblicas”¹⁷²³.

¹⁷¹⁹ DE SOUZA, Marco Aurelio Dias. A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense. *Mundo e Desenvolvimento*: Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais, v. 1, n. 1, 2018, p. 19.

¹⁷²⁰ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 478-481.

¹⁷²¹ Ibid., p. 480

¹⁷²² Ibid.

¹⁷²³ Ibid.

Porém, como discute Marco de Souza, embora tenha encontrado apoio nas políticas de George W. Bush, a Direita Religiosa como um todo perdeu força política ao longo dos anos 2000. A estratégia radicalizada dos anos 1990, em curto prazo, foi abraçada pelo Partido Republicano para pressionar Clinton. Porém, a longo prazo, representantes ligados à Direita Religiosa passaram a concentrar suas atuações em medidas políticas restritas aos seus interesses. Isto é, apresentaram a tendência a rejeitar propostas bipartidárias ou mesmo republicanas se estivessem fora da agenda da Direita Religiosa¹⁷²⁴. Um exemplo foi o malabarismo (tanto jurídico quanto retórico) que Bush precisou fazer para autorizar as pesquisas com células-tronco.

Além disso, líderes e proeminentes membros de organizações da Direita Religiosa passaram a ser duramente criticados por democratas. Como pontua Armstrong, as fortunas controladas por grandes redes evangelistas não combinavam com os desprendimentos da riqueza material empregado pelo evangelho¹⁷²⁵. Na década de 1980, nomes como de Jim e Tommy Bakker (da rede *Praise The Lord and People That Love*), “convidavam os espectadores a fazer sacrifícios e ajudar os necessitados, mas segundo o *Charlotte Observer*, gastaram 375 mil dólares num condomínio de frente para o mar”¹⁷²⁶.

No final dos anos 1990, o “debate moralizador sustentado pelo Partido Republicano começou a ser condenado pela opinião pública, que via candidatos que se colocavam como guardiões da moral serem constantemente desmascarados”¹⁷²⁷. Marco de Souza apresenta dois fatores para explicar o “esfalecimento” da Direita Religiosa. O primeiro seria uma mudança geracional, com a emergência de novos líderes que não compactuavam com a postura moralista das lideranças anteriores. O segundo fator seria a morte ou distanciamento político de importantes nomes do movimento, como a morte de Jerry Falwell, em 2007, e de Pat Robertson¹⁷²⁸.

Em muitos aspectos, a Direita Religiosa também incorporou a noção de “despossuídos” como parte da estratégia que Robert Jones denominou de “*White Cristian Strategy*”. Que seria, nas palavras do autor:

¹⁷²⁴ DE SOUZA, Marco Aurelio Dias. *Op. Cit.*, 2018, p. 21.

¹⁷²⁵ ARMSTRONG, Karen. *Op. Cit.*, 2009, p. 473.

¹⁷²⁶ *Ibid.*, p. 473

¹⁷²⁷ *Ibid.*

¹⁷²⁸ *Ibid.*, p. 474.

uma consequência da Estratégia do Sul, uma tática desenvolvida pelos conservadores políticos e pelo Partido Republicano em meados da década de 1960 para apelar aos eleitores brancos do sul que estavam irritados com o Partido Democrata pelo seu apoio aos direitos civis¹⁷²⁹

Dois momentos de virada são apontados como relevantes para a construção da “*White Cristian Strategy*”: uma nos anos 1960 e outra na década de 1980. A primeira refere-se ao Movimento Goldwater de 1964, quando o republicano levantou abertamente a bandeira contra os direitos civis¹⁷³⁰, o que, como visto, aproximou do Partido Republicano aquilo que viria a ser a Direita Religiosa. Já a segunda, refere-se ao contexto que efetivamente estruturou a Direita Religiosa, com o surgimento das grandes organizações cristãs (como a *Moral Majority*) e dos televangelistas. Em ambos momentos, o que caracterizou a “virada” foi a oposição a políticas sociais. Em 1976, Jerry Falwell lançou uma série de comícios intitulados “Eu amo a América”, que ligavam o cristianismo diretamente à oposição ao feminismo, à homossexualidade e à pornografia. Nas palavras de Robert Jones, “as multidões que se aglomeraram em seus comícios eram uma evidência tangível de que Falwell havia atingido um ponto sensível”¹⁷³¹.

Sendo assim, como os líderes evangélicos tomaram a oposição a determinadas pautas sociais como principal bandeira de sua identidade política, o avanço dessas pautas representou a perda de poder político desses grupos. Segundo Jones, “nenhuma questão capta melhor a perda de poder cultural da América Cristã Branca do que o rápido aumento do apoio público ao casamento entre pessoas do mesmo sexo”¹⁷³². Durante as eleições de 2004, emendas constitucionais contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo foram aprovadas em treze estados. No final do mesmo ano, dezesseis estados possuíam proibições constitucionais ao casamento homoafetivo e outros vinte e nove possuíam proibições legais. Em 2006, o estado de Nova Jersey aprovou uma lei permitindo a união civil entre pessoas do mesmo sexo e o Arizona rejeitou a proibição constitucional sobre o casamento homoafetivo. No ano seguinte, New Hampshire tornou-se o segundo estado a legalizar a união civil. Em 2008, Connecticut também legalizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Já em 2009, Vermont e Iowa legalizaram o casamento homoafetivo. New Hampshire (que já havia legalizado a união civil)

¹⁷²⁹ JONES, Robert. *The end of white Christian America*. Nova York: Simon and Schuster, 2016, p. 70.

¹⁷³⁰ Ibid.

¹⁷³¹ Ibid. p. 71.

¹⁷³² Ibid. p. 95.

e Washington D.C legalizaram o casamento homoafetivo em 2010. Nova York os seguiu em 2011. Por fim, em 2012, Obama tornou-se oficialmente o primeiro presidente (ainda em exercício) a expressar-se publicamente pela aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo¹⁷³³.

Em 2014, Russell Moore (na época chefe da *Southern Baptist Convention's Ethics and Religious Liberty Commission*), publicou em seu blog o artigo *Same-Sex Marriage and the Future*, afirmando que:

Acima de tudo, devemos preparar as pessoas para o que o futuro reserva, quando as crenças cristãs sobre o casamento e a sexualidade não fazem parte do consenso cultural, mas são vistas como estranhas, bizarras e até subversivas. Se o nosso povo assumir que tudo voltará ao normal com o Presidente certo e uma rápida alteração constitucional, não estará a ser equipado para um mundo que vê os protestantes evangélicos [...] como fanáticos ou malucos. [...] Jesus nos disse que teríamos momentos difíceis¹⁷³⁴.

Moore sustentou a ideia de que os valores cristãos eventualmente deixarão de ser tomados universalmente e que os “Cristão” se tornarão os “Estranhos”. Embora não o faça explicitamente, Moore inverte um dos tradicionais mitos da fundação dos Estados Unidos, o Pacto do Mayflower¹⁷³⁵.

No entanto, como argumenta Jones, Moore não faz um apelo aos cristãos para se distanciarem da “cultura americana”, mas “em vez disso, ele exortou os cristãos a renunciarem ao seu estatuto de defensores de um consenso perdido e, em vez disso, a abraçarem o seu estatuto de ‘estranhos’”¹⁷³⁶. Mas que isso, exortou que se tornassem baluartes de defesa: “A revolução do casamento que nos rodeia significa que devemos fazer um

¹⁷³³ Ibid.

¹⁷³⁴ MOORE, Russel, Same-Sex Marriage and the Future. *Sexuality and Gender, Russell Moore*. April 15, 2014. Disponível em: <<https://www.russellmoore.com/2014/04/15/same-sex-marriage-and-the-future/>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

¹⁷³⁵ Em 1620 desembarcou em Massachusetts um grupo que veio a ser conhecido como “os Pais peregrinos” (pilgrim fathers). No entanto, sabendo que construir um novo assentamento do zero sem trazer outras pessoas com as habilidades necessárias era impraticável, os peregrinos levaram consigo indivíduos que não faziam parte da comunidade religiosa. A parte religiosa do grupo se autodenominou *Saints* (santos) e nomeou os demais de *Strangers* (estranhos). A bordo do navio Mayflower, o capitão detinha o comando, mas, conforme a viagem se aproximava do fim, a falta de uma unidade entre os “Santos” e os “Estranhos” começou a significar uma preocupação mútua. Elaborou-se assim um documento. Embora dedique-se e exaltar a soberania do rei James, o Pacto do Mayflower é frequentemente resgatado na historiografia estadunidense como o princípio da liberdade do país e o primeiro tratado a consolidar um governo na América. ERNST, Julia. L. The Mayflower Compact: Celebrating Four Hundred Years of Influence on US Democracy. *NDL Rev.*, v. 95, p. 1, 2020.

¹⁷³⁶ JONES, Robert. *Op. Cit.*, 2016, p. 113.

trabalho melhor articulando uma teologia do casamento ao nosso povo [...], devemos começar a ensinar os nossos filhos sobre o casamento ‘desde o início’”¹⁷³⁷.

Ou seja, se para a Direita Religiosa essa pauta (assim como a luta contra a pesquisa em células-tronco e o aborto) era uma luta pela “moralidade da América”, as seguintes “derrotas” eram evidências do declínio moral do país. Em outras palavras, a Direita Religiosa, no conservadorismo estadunidense, ganhou apoio ao exaltar as “virtudes de uma era passada e ordenada”¹⁷³⁸, na qual as crenças e as instituições cristãs (protestantes e brancas) eram inquestionavelmente dominantes, em uma época em que “havia papéis claramente definidos para brancos e não-brancos, homens e mulheres”¹⁷³⁹. Ou seja, em certos aspectos, incorporou o princípio jeremiada de exaltação das gerações passadas como exemplo e da degradação moral da atual geral como culpada da decadência da fé.

Conforme Jones, a eleição de Obama foi “indiscutivelmente o fim da presidência cristã branca”. Porém, não foi o fim da *White Cristian Strategy*¹⁷⁴⁰, mas o início de seu refortalecimento. Como sustentou Jones, apesar das afirmações oficiais caracterizarem o *Tea Party Moviment* como uma organização primariamente libertária, o movimento “longe de representar uma nova linhagem de populismo libertário, foi, na verdade, outro renascimento da América Cristã Branca”¹⁷⁴¹. Em 2013, pesquisa do *Public Religion Research Institute* revelou que os membros do *Tea Party Moviment* tinham maior identificação com a Direita Religiosa do que com o libertarianismo: 52% dos membros do movimento se identificavam como parte da Direita Religiosa, enquanto apenas 26% se identificavam como libertários (embora 30% apresentassem posturas libertárias, mesmo não se denominando como tal)¹⁷⁴².

O *Tea Party*, como visto, alimentou-se de uma narrativa de perda cultural, associada ao conspiracionismo. Isso é, sustentou-se na percepção de que a “comunidade branca” estava perdendo espaço por conta das agendas sociais associadas à esquerda. De acordo com Jones, essa característica o permitiu servir como uma “continuação da ‘*White Christian Strategy*’”¹⁷⁴³,

¹⁷³⁷ Ibid.

¹⁷³⁸ Ibid., p. 72.

¹⁷³⁹ Ibid., p. 72.

¹⁷⁴⁰ Ibid., p. 63.

¹⁷⁴¹ Ibid., p. 75.

¹⁷⁴² COX, Daniel; NAVARRO-RIVEIRA, Juhem; JONES, Robert. *In Search of Libertarians in America*. Public. ReligionResearchInstitute. 29 oct. 2013. Disponível em: < <https://www.prri.org/research/2013-american-values-survey/> >. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁴³ JONES, Robert. *Op. Cit.*, 2016, p. 122.

fazendo do movimento um “receptáculo natural de muitas preocupações da direita cristã”¹⁷⁴⁴. E, embora Trump não tenha sido a primeira escolha do *Tea Party*, sua escolha para vice-presidente agradou a Direita Religiosa.

Em junho de 2016, Mike Pence foi nomeado como vice da chapa de Donald Trump. Pence havia sido presidente da *Republican Study Committee* (2005 – 2007). Além disso, foi governador do estado de Indiana (2011), sendo ativo na restrição de abortos. No entanto, as leis foram consideradas inconstitucionais e não foram promulgadas. Pence ainda assinou a *Religious Freedom Restoration Act* (RFRA) para permitir que empresas usassem argumentos religiosos em defesas judiciais. A lei encontrou resistência da comunidade LGBT e mesmo de membros moderados do Partido Republicano. Nas palavras de Marco de Souza, a indicação de Pence para vice de Trump foi uma escolha para aproximar a chapa do eleitorado cristão¹⁷⁴⁵. Trump, desde já, aproximava-se do eleitorado cristão nas políticas relacionadas aos costumes, em especial à condenação do aborto. O que teria atraído para seu apoio nomes relevantes da Direita Religiosa, como Ralph Reed Jr., James Robinson e Jerry Falwell Jr.

Em outubro, Trump foi convidado para discursar em evento realizado na *Liberty University*. Como mencionado anteriormente, a *Liberty University* foi fundada em 1971 por Jerry Falwell. Jerry Falwell Jr. (presidente da universidade na ocasião) e Ralph Reed Jr “saíram profundamente encantados e satisfeitos com o discurso e com os compromissos selados por Trump”¹⁷⁴⁶. Em seu programa *Family Talk Radio*, James Dobson apresentou os motivos que o levaram a apoiar Trump: 1) a santidade da vida humana; 2) as garantias constitucionais à liberdade religiosa; e 3) a possibilidade de Trump indicar um juiz pró-vida para a Suprema Corte¹⁷⁴⁷.

No entanto, esta aliança não foi unânime. Pastores “moderados” como Denny Burk, Max Lucado e Erick Erickson se mobilizaram contra o apoio a Donald Trump, principalmente por se oporem aos posicionamentos xenófobos do empresário¹⁷⁴⁸. Um grupo de alunos imobilizou-se após o discurso de Trump na *Liberty University* e elaborou um abaixo-assinado repudiando o apoio da universidade ao candidato. Falwell Jr. retrucou em nota oficial:

¹⁷⁴⁴ Ibid.

¹⁷⁴⁵ DE SOUZA, Marco Aurelio Dias, 2018, p. 22.

¹⁷⁴⁶ Ibid., p. 22.

¹⁷⁴⁷ Ibid., p. 23.

¹⁷⁴⁸ Ibid., p. 23.

Estou orgulhoso desses poucos alunos por falarem o que pensam. É uma prova do facto de a *Liberty University* promover a livre expressão de ideias, ao contrário de muitas grandes universidades onde o politicamente correto impede os estudantes conservadores de se manifestarem. No entanto, receio que a afirmação seja falsa em vários aspectos. Primeiro, a declaração afirma que a “maioria” do corpo docente, funcionários e estudantes da *Liberty* não apoia Donald Trump. [...] quando Mike Pence falou ontem a muitos milhares de estudantes em *Liberty*, foi aplaudido quando falou da importância de apoiar Donald Trump para presidente. Na verdade, ele recebeu cinco ovações de pé durante seu discurso. O grupo de estudantes que agora se manifesta contra Trump representa uma percentagem muito pequena do corpo discente do *Liberty*, [...] O grupo (liderado por um ativista que nunca foi Trump, segundo me disseram) afirma ter entre 200 e 1.200 assinaturas em uma petição, mas admite que muitos desses signatários não são estudantes do *Liberty*. A declaração do estudante também afirma falsamente que estou “viajando pelo país” e associando a *Liberty University* a Trump. O facto é que viajei com a campanha de Trump apenas um fim de semana em janeiro e sempre deixo claro aos meios de comunicação que o meu endosso a Trump é apenas o meu endosso pessoal e que não estou a falar em nome da *Liberty University*, dos seus alunos, professores ou funcionários. Estou apenas cumprindo a minha obrigação como cidadão de “dar a César o que é de César”, expressando a minha opinião pessoal sobre quem acredito ser mais adequado para liderar a nossa nação num tempo de crise¹⁷⁴⁹.

Marco de Souza aponta ainda para o aumento de pastores não brancos. Não só a influência teria distanciado os jovens religiosos da radicalização dos anos 1990, como seria em si fruto das transformações sociais da última década¹⁷⁵⁰. Somando a isso, uma pesquisa da *Pew Research Center*, de 2014, demonstrou que não só a religião era menos importante para brancos que para negros e hispânicos, como apontou que estes dois grupos acreditam mais em Deus que o primeiro.

Além disso, o estadunidense como um todo demonstrou perda de interesse em associar-se a instituições religiosas. Entre 2007 e 2014, o percentual de adultos filiados a organizações religiosas caiu de 83% para 77%. Por outro lado, os que se autodeclaravam religiosos sem filiações subiu de 16% para 23%¹⁷⁵¹. A importância da religião foi ainda menor entre os jovens. Apenas 38% dos nascidos entre 1990 e 1996 responderam positivamente sobre a importância da religião em suas vidas. Esse índice aumentava conforme gerações. Entre os nascidos no período de 1981 a 1989, o índice de respostas positivas foi de 44%. Para os nascidos entre 1965 e 1980, foi de 53%. Entre os nascidos no período de 1946 a 1964, o

¹⁷⁴⁹ FALWELL JR, Jerry. Statement from Liberty University President Jerry Falwell, Jr. *Liberty University*. 13 oct. 2013. Disponível em: <<https://www.liberty.edu/news/2016/10/13/statement-from-liberty-university-president-jerry-falwell-jr/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁵⁰ DE SOUZA, Marco Aurelio Dias. 2018, p. 24.

¹⁷⁵¹ PEW RESEARCH CENTER. *U.S. Public Becoming Less Religious*. Report. november 3, 2015. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/religion/2015/11/03/u-s-public-becoming-less-religious/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

índice foi de 59%. Por fim, entre os nascidos entre 1928 e 1945, a religião foi definida como muito importante para 67%.¹⁷⁵². Ou seja, a Direita Religiosa viu ao avançar dos anos 2000 uma sequência de “derrotas” em pautas sociais, perdeu líderes históricos e relevância política. Além disso, organizações religiosas como um todo perderam filiados, o “cristianismo branco”, em especial.

Tabela 8: Religiosidade nos Estados Unidos, por grupo étnico (2014)

Pergunta	Respostas positivas (percentual)		
	Brancos	Negros	Hispânicos
A religião é importante?	49	75	59
Acredita em Deus?	61	83	59
Acredita no Paraíso?	70	86	75
Acredita no Inferno?	55	73	61
As escrituras sagradas são a palavra de Deus?	57	77	65

Fonte: Adaptado de: PEW RESEARCH CENTER. *U.S. Public Becoming Less Religious*. Report. november 3, 2015. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/religion/2015/11/03/u-s-public-becoming-less-religious/> > Acesso em 20 abr. 2024.

Poucos meses antes das eleições a *Pew Research* pediu para que apoiadores de Trump explicassem as razões pelas quais apoiavam Trump e se opunham a Clinton, a maioria dos entrevistados (33%) tenham respondido “ele não é Clinton”.

Entre os autodeclarados religiosos, “Ele não é Clinton” ainda figurou como resposta mais frequente, porém houve uma mudança sutil. “É um *outsider*” (37%) foi a segunda resposta mais recorrente entre protestantes, seguida por “suas posições políticas” (21%) e “sua personalidade” (19%). Já para evangélicos, “suas posições políticas” (34%) foram mais relevantes. Seguida por “é um *outsider*” (26%) e “sua personalidade” (19%). Por fim, entre os católicos, “é um *outsider*” (24%), manteve-se como mais frequente, seguido por “suas posições políticas” (22%) e “sua personalidade” (16%).

A predominância de respostas como “Ele não é Clinton” e “É um *outsider*” pode ser compreendida como resultado da desconfiança para com os partidos e o descrédito destes diante do público (vide que apenas 4% do total respondeu apoiar Trump por este “ser republicano”). Por fim, vale ressaltar que “Ele defende os valores americanos” figurou em

¹⁷⁵² Ibid.

baixa em todos os grupos, com apenas 9%, 8% e 6% entre evangélicos, católicos e protestantes¹⁷⁵³, respectivamente.

Tabela 9: Motivos para apoiar Trump, segundo seus apoiadores (2016)

Motivos para apoiar Trump	Percentual de respostas	Religiosos		
		Evangélicos	Protestantes	Católicos
Ele não é Clinton	33	35	38	30
É um <i>outsider</i> / trará mudanças	27	26	37	24
Suas posições políticas	26	34	21	22
Sua personalidade	19	19	19	16
Ele defense o povo e valores da América	10	9	6	8
Ele é republicano	4	4	5	3

Fonte: adaptado de SMITH, Gregory. *Many evangelicals favor Trump because he is not Clinton*. Pew Research Center Short Reads. September 23, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/09/23/many-evangelicals-favor-trump-because-he-is-not-clinton/>> Acesso em 20. abr. 2024.

Como resumiu Marco de Souza, o eleitorado religioso estadunidense, nas vésperas das eleições de 2016, deixou de buscar “valores morais” como argumento principal de escolha de um candidato, substituindo-os por “preocupações mais pragmáticas” como rejeição aos imigrantes¹⁷⁵⁴. Como resume Warren Goldstein, para a Direita Cristã, Trump tornou-se uma figura “messiânica”. O próprio Trump endossou essa visão¹⁷⁵⁵. Como foi discutido acima, a retórica eleitoral de Trump modelou-se de tal forma a apresentar um problema e propor a si mesmo como única solução viável. Em seu discurso após aceitar a nomeação para concorrer às primárias, Trump diz diversas vezes:

Quando eu prestar juramento no próximo ano, restaurarei a lei e a ordem em nosso país [...]. Eu vou transformar nossos maus acordos comerciais em grandes acordos [...]. Eu vou trazer nossos empregos de volta [...]. Ninguém conhece o sistema melhor do que eu, e é por isso que só eu posso consertá-lo. [...] Eu sou sua voz. [...] Eu vou lutar por você e eu vou vencer por você. [...] Eu faço esta promessa: Tornaremos a América forte novamente¹⁷⁵⁶.

¹⁷⁵³ SMITH, Gregory. *Op. Cit.*, 2016.

¹⁷⁵⁴ DE SOUZA, Marco Aurelio Dias. *Op. Cit.*, 2018, p. 9.

¹⁷⁵⁵ GOLDSTEIN, Warren S. Trump, the religious right, and the spectre of fascism. *Critical Research on Religion*, v. 9, n. 1, p. 3-7, 2021.

¹⁷⁵⁶ POLITICO. *Op. Cit.*, 2016.

Goldstein argumenta que, para muitos cristãos, Trump tornou-se um “enviado por Deus”. Seu slogan evocava uma “Idade de Ouro imaginada no passado que é projetada no futuro”¹⁷⁵⁷. O abraço da Direita Religiosa ao Trumpismo não teria sido, para o autor, “diferente da incapacidade dos literalistas bíblicos de distinguir entre mito e história”, mas sim, fruto de uma “incapacidade de se envolver num exame crítico das fontes de informação (seja a Bíblia, os seus pastores ou a *Fox News*)”¹⁷⁵⁸. No entanto, como já indicamos, as relações da Direita Religiosa com o Trumpismo eram bem mais complexas.

O fator oportunista dos líderes da Direita Religiosa não deve ser desconsiderado. Na manhã da inauguração de mandato de Trump, uma cerimônia religiosa privada foi conduzida na tradicional Igreja Episcopal de St. John, com as presenças de James Dobson, Tony Perkins e James Robinson, além do presidente e vice-presidente recém-eleitos. Logo após Dobson abençoar Mike Pence, a congregação contou “*Onward, Christian Soldiers*” e Robinson pediu para que Donald Trump ficasse de pé. Robinson qualificou a nova Casa Branca como tendo “o melhor gabinete que já vi”, dizendo que Trump era “de fato, uma resposta à oração”¹⁷⁵⁹. No entanto, o apoio da Direita Religiosa à Donald Trump não deve ser resumido a isso, afinal, como visto, havia discordâncias internas e uma gradual perda de relevância (em especial de líderes das congregações brancas).

As respostas às demandas sociais por parte dos religiosos conservadores também representaram importante fatia dos apoiadores religiosos de Donald Trump. A participação ativa desse grupo no *Tea Party* era a evidência do engajamento político que estas pautas – já tradicionais – promovem. Além disso, a luta contra políticas sociais encabeçou as reivindicações da Direita Religiosa desde os anos 1960, no que Jones chamou de “*White Christian Strategy*”. Sendo assim, o apoio de parte da Direita Religiosa ao Trumpismo – através do *Tea Party* – foi quase “natural” na medida que ambos apoiavam uma mesma agenda. Porém, o casamento entre o Trumpismo e a Direita Religiosa não deve ser resumido ao racismo ou homofobia de grupos religiosos. Uma pesquisa da *Pew Research*, de 2014, apontou que 44% dos cristãos estadunidenses eram a favor do casamento entre pessoas do

¹⁷⁵⁷ GOLDSTEIN, Warren. *OP. Cit.* 2021 p. 5.

¹⁷⁵⁸ *Ibid.* p. 6.

¹⁷⁵⁹ PETERS, Jeremy. For religious conservatives, success and access at the trump white house. *The New York Times*. Feb 13, 2017. Disponível Em: <https://www.nytimes.com/2017/02/13/us/politics/trump-religious-conservatives.html?_r=0>. Acesso em 20 abr. 2024.

mesmo sexo¹⁷⁶⁰. Embora esse número tenha sido consideravelmente menor entre evangélicos (28%) que entre católicos (57%) ou ortodoxos (54%), essa pauta – mesmo sendo uma das pontas de lança do movimento por décadas – não era apoiada com unanimidade.

Por fim, a noção de “despossuídos” e o pensamento conspiratório jeremiada também ajudam a compreender o apoio da Direita Religiosa a Donald Trump. De fato, como o anticomunismo ajudou na união do conservadorismo nas décadas de 1950 e 1960, a retórica de que a degradação moral da atual geração (pós-Guerra Fria) afastou o “americano” dos verdadeiros “valores americanos”, ajuda os religiosos a racionalizar a emergência de uma série de problemas de ordem política (como o Onze de Setembro, as Guerras do Afeganistão e Iraque, a Crise *subprime* a mais). Somava-se a isso, a crise de legitimidade e desconfiança generalizada nas instituições, promovidas pela ineficiência do Estado em lidar com essas crises e Donald Trump (como um *outsider* promovido na retórica personalista do “só eu posso”), apresentou-se como um candidato perfeito, um herói, um mito, ou – como Dobson deu a entender – um “soldado de cristo”.

6.2.1 “*Is There a Real Alternative to the Ideas of Trumpism?*”: reações dos “defensores do livre mercado”

Embora a Direita Religiosa tenha tido uma aproximação natural à candidatura de Trump – seja pela nomeação do Vice-presidente, pela ação dos líderes religiosos ou pelo *Tea Party* – os Defensores do Livre Mercado, que desde os anos 1980 tinham forte aproximação com o gabinete presidencial (alternando seus atores, mas sempre presente), não.

Em março de 2015 a *National Review* publicou o artigo *Jeb Bush Is Not the GOP’s Ideal ‘change’ Candidate*, por Jonah Goldberg. Fundador e editor da *National Review Online*, e membro do AEI, Golberg é autor do livro *Liberal Fascism* (2008)¹⁷⁶¹ no qual acusa a esquerda estadunidense de ter, em sua essência, uma postura fascista. A obra apresenta uma longa lista de nomes em seus agradecimentos como: Richard Lowry, editor-chefe da *National Review* desde 1992, tendo sido apontado para o cargo diretamente por William Buckley Jr;

¹⁷⁶⁰ PEW RESEARCH CENTER. Op. Cit. 2015. *U.S. Public Becoming Less Religious*.

¹⁷⁶¹ GOLDBERG, Jonah. Jeb Bush Is Not The Gop’s Ideal ‘Change’ Candidate. *American Enterprise Institute, Article*. March 13, 2015. Disponível Em: <<https://www.aei.org/articles/jeb-bush-is-not-the-gops-ideal-change-candidate/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

Ramesh Ponnuru, membro do AEI e do Instituto de Política da Universidade de Chicago; Kate O'Beirne, ex-presidente do *National Review Institute* e editora da *National Review* em Washington; Kathryn Lopez, editor geral da *National Review Online* e ex-funcionária na *Heritage Foundation*; Michael Potemra, ex-assessor do presidente Reagan e editor literário da *National Review*; John Derbyshire, na época membro da *National Review*, demitido em 2012 por escrever um artigo amplamente visto como racista para a *Taki's Magazine*. Em 2012, Derbyshire começou a escrever para o site nacionalista branco *VDARE*; Jay Nordlinger, editor sênior da *National Review* e membro do *National Review Institute*; Mark Steyn, apresentador convidado do *Rush Limbaugh Show*; Byron York, principal correspondente político do *The Washington Examiner*, ex-correspondente na Casa Branca da *National Review*; entre outros.

Em seu artigo de março de 2015, Goldberg não apresenta a postura conspiratória e acusatória de seu livro. O texto traz uma livre e direta defesa da candidatura de Jeb Bush, categorizando-o como um “bom homem” que daria um “bom presidente”. Goldberg argumenta que se a escolha para presidente acabasse entre um novo Bush ou um novo Clinton, Jeb Bush seria vitorioso: “Essa é apenas a minha opinião, mas considero tão óbvia quanto notar que a água está molhada”¹⁷⁶². Porém, apesar de ser uma escolha óbvia aos olhos de Goldberg, Jeb Bush estava empatado nas pesquisas de opinião com Scott Walker:

Uma sondagem recente do *Wall Street Journal/NBC News* concluiu que 42 por cento dos republicanos “não conseguiam ver” a si próprios a apoiar Bush. Esse não é exatamente o território de Donald Trump (74% dos republicanos disseram que não poderiam apoiá-lo), mas quando quase metade dos eleitores nas primárias dizem que não conseguem imaginar apoiá-lo, não é um começo auspicioso¹⁷⁶³.

Já em junho de 2015, dessa vez pelo *Los Angeles Times*, Goldberg publicou o artigo *The False Populism of George Pataki*, no qual criticava a candidatura do governador de Nova York às primárias do Partido Republicano. Em determinado ponto do texto, Goldberg comenta (em tom de chacota) a candidatura de Trump:

Estou me esforçando para não descartar prematuramente ninguém no campo do Partido Republicano. Até agora, apenas Donald Trump tem sido uma tarefa demasiado pesada. Trump vê a corrida presidencial como uma oportunidade de marketing pessoal, uma forma de prolongar a sua carreira como estrela de reality shows. Ele é um candidato mais plausível do que, digamos, Honey Boo Boo, mas

¹⁷⁶² Ibid.

¹⁷⁶³ Ibid.

isso se deve principalmente aos limites constitucionais de idade¹⁷⁶⁴.

Ainda em junho, Karlyn Bowman publicou o texto *You're Fired! The Polls and Donald Trump*, pelo AEI. No artigo Bowman apontou, usando de pesquisas de opinião efetuada na Universidade de Monmouth, que 56% dos republicanos tinham uma visão desfavorável de Donald Trump e apenas 28% tinham uma visão favorável¹⁷⁶⁵. Mencionando um exercício elaborado pelo *Washington Post*, Bowman satiriza afirmando que “o Exterminador do Futuro, Darth Vader, o tubarão de Tubarão e Voldemort, todos pesquisam mais favoravelmente do que Donald Trump”¹⁷⁶⁶.

Já no mês seguinte Goldberg voltou a escrever, dessa vez mirando diretamente em Donald Trump. Em *Trump Is a Bad Deal for the GOP*, para o *Los Angeles Times*, Goldberg argumentava diretamente que “Não era para ser assim”, que Trump deixou-se levar por bajuladores que não o informaram que “os ‘birthers’, adoradores de celebridades e devotos de ‘O Aprendiz’ não são uma amostra estatisticamente significativa do eleitorado”¹⁷⁶⁷. Goldberg ainda acusa “muitos dos meus colegas da direita” de tentarem fazer algum sentido das bravatas de Trump. Além disso, observou como essa noção de “cavaleiro solitário” em seu “terno de 10 mil dólares e a sua coragem, abordando sem rodeios questões que outros políticos temem abordar”, e na verdade “um ponto delicado numa acusação à classe política profissional”¹⁷⁶⁸, mas não deveria ser uma defesa de Trump. Goldberg é categórico ao afirmar que “ele não tem chance de se tornar presidente, mas tem um enorme potencial para negar ao seu suposto partido uma vitória na Casa Branca em 2016”¹⁷⁶⁹.

Em julho, Goldberg seguiu desacreditando na vitória de Trump nas primárias. Após um comício do candidato em Phenix, Arizona, Goldberg escreveu ao *Los Angeles Times* o texto *The Trump Lesson That Bush and Clinton Should Heed* no qual afirmava que Trump nunca

¹⁷⁶⁴ GOLDBERG, Johnah. Column: The false populism of George Pataki. *Los Angeles Times*, June 2, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-0602-goldberg-pataki-2016-20150602-column.html>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁶⁵ BOWMAN, Karlyn; SIMS, Heather. You're Fired! The Polls and Donald Trump. *American Enterprise Institute, AEIdeas*. June 10, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/politics-and-public-opinion/polls/youre-fired-the-polls-and-donald-trump/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁶⁶ Ibid.

¹⁷⁶⁷ GOLDBERG, Johnah. Column: Trump is a bad deal for the GOP. *Los Angeles Times*, June 7, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-0707-goldberg-trump-infamy-20150707-column.html>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁶⁸ Ibid.

¹⁷⁶⁹ Ibid.

admitiria derrota, pois uma postura derrotista conflitaria com a sua imagem de vencedor. “Trump”, escreve o jornalista, “não pode tolerar a ideia de que os seus críticos tenham qualquer legitimidade”¹⁷⁷⁰, por isso ataca seus adversários de todas as formas, chegando a desqualificar o status de herói de guerra de John McCain. Goldberg sentencia: “A tempestade de Trump não acabou, infelizmente. Mas é, no entanto, óbvio que algum dia, em breve, olharemos para trás e consideraremos isto o início do fim da Trumpmania.”¹⁷⁷¹. No entanto, Goldberg admite que Trump tem um triunfo sobre os demais candidatos, ele soube transformar seu nome em uma marca de forma mais efetiva e, “Quando há uma competição entre duas marcas, a melhor marca tende a vencer”¹⁷⁷².

Ao mesmo tempo, apesar de o empresário começar a liderar as pesquisas de opinião, o mercado de apostas não acreditava na vitória nas primárias. Em *The ‘Trump Bump’: Markets Aren’t Really Buying It*, Kyle Hauptman (que viria a se tornar vice-presidente da *National Credit Union Administration* na administração Trump) apontou como Trump tinha apenas 5% de probabilidade de vitória. Hauptman ironiza: “Para um cara cujo discurso é parcialmente baseado no fato de que ele é ‘muito rico’, é um pouco irônico que, quando há dinheiro em jogo, as chances de Trump pareçam muito pequenas”¹⁷⁷³.

Em agosto de 2015, seis meses antes do início das eleições primárias, Ramesh Ponnuru apontou, em *Republicans Deserve Trump*, que o sucesso de Trump em pesquisas se deu, sobretudo, devido à queda da popularidade do Partido Republicano:

Os republicanos estão em pânico [...]. A popularidade do partido caiu, em grande parte porque os eleitores republicanos estão descontentes com ele. [...] A amargura entre os grupos conservadores e a liderança republicana do Senado está no auge, com os primeiros a dizer que os últimos estão demasiado dedicados a manter vivos os programas de bem-estar empresarial, como o Banco de Exportação e Importação, e insuficientemente empenhados em retirar o financiamento da *Planned Parenthood*¹⁷⁷⁴.

¹⁷⁷⁰ GOLDBERG, Johnah. Column: The Trump lesson that Bush and Clinton should heed. *Los Angeles Times*. July 15, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-goldberg-personality-trumps-brand-in-politics-20150721-column.html>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁷¹ Ibid.

¹⁷⁷² Ibid.

¹⁷⁷³ HAUPTMAN, Kyle. The ‘Trump Bump’: Markets Aren’t Really Buying It. *American Enterprise Institute AEIdeas*. July 23, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/politics-and-public-opinion/the-trump-bump-markets-arent-really-buying-it/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁷⁴ PONNURU, Ramesh. Republicans Deserve Trump. *American Enterprise Institute Article*. August 5, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/republicans-deserve-trump/>>. Acesso em 20. abr. 2015.

Considerando este cenário, Ponnuru conclui que não era surpresa um quinto do eleitorado republicano “migrar para Trump”, pois esse seria ao menos, “um candidato que promete mudanças grandes e não muito específicas – mas parece que pode estar a falar a sério”¹⁷⁷⁵. No entanto, apesar de reconhecer a presença de Trump, no final de agosto Ponnuru voltou a escrever, dessa vez para o *Bloomberg View*, qualificando Trump como um “incomodo”, mas não como um “pesadelo”. No texto Ponnuru afirma:

Trump não vencerá as primárias. Como eu sei? Porque os partidos não escolhem candidatos que nunca tenham concorrido a nada antes, a menos que tenham sido o vitorioso Comandante Supremo das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial [...]. Porque os grandes partidos não sucumbem a aquisições hostis repentinas. [...] Porque muitos dos seus apoiantes estão apenas a registando descontentamento antes de tomarem uma decisão real daqui a vários meses [...]. Porque os republicanos não vão escolher um candidato que queira aumentar os impostos sobre os ricos. [...] Porque as autoridades eleitas republicanas se consolidariam em torno de uma escolha consensual se Trump começasse a ganhar delegados. [...] Porque os eleitores decisivos das primárias presidenciais republicanas são um grupo bastante sóbrio¹⁷⁷⁶.

Alguns dias antes, Michael Barone publicou, pelo *Washington Examiner*, o artigo *Two Impossible Things That Could Happen in 2016*, no qual afirmou ser impossível: 1) que Hillary Clinton deixar de ser a favorita à nomeação presidencial democrata.; e 2) uma vasta expansão do eleitorado republicano nas primárias, impulsionada, não necessariamente de forma permanente, por Donald Trump¹⁷⁷⁷.

Em linhas gerais, as críticas do AEI ao Donald Trump focavam-se, sobretudo, na postura do candidato, muitas vezes tratando sua candidatura como piada. Mesmo quando o nome de Trump começou a liderar as pesquisas. As primeiras críticas diretas a um esboço do que poderia ser uma plataforma trumpista só tomaram forma no final de 2015, com o artigo *Donald Trump's Hypocrisy on Trade: He Outsources and Invests Globally, but Doesn't Want Ford to Do the Same?*. Na ocasião, Mark Perry comentava uma das afirmações recorrentes de Trump a favor de um “protecionismo econômico”. Desde seu anúncio de campanha, Trump prometia “trazer os empregos de volta para os Estados Unidos”, alegando que países como

¹⁷⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁷⁶ Idem. Trump Is a Nuisance, Not a Nightmare. *American Enterprise Insitutte, Article*. august 28, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trump-is-a-nuisance-not-a-nightmare/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁷⁷ BARONE, Michael. Two Impossible Things That Could Happen in 2016. *American Enterprise Institute, Article*, August 26, 2015. Disponível Em: <<https://www.aei.org/articles/two-impossible-things-that-could-happen-in-2016/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

México e China estariam “roubando” investimentos que poderiam ser dos Estados Unidos. Em seu anúncio de candidatura Trump discursou:

Agora, a Ford anunciou há algumas semanas que vai construir uma fábrica de automóveis, caminhões e peças de US\$ 2,5 bilhões no México. US\$ 2,5 bilhões, será um dos maiores do mundo. Ford. [...] eu ligaria para o chefe da Ford, que eu conheço. Se eu fosse presidente, diria: “Parabéns. Eu entendo que você está construindo uma bela fábrica de automóveis de US\$ 2,5 bilhões no México e que vai pegar seus carros e vendê-los aos Estados Unidos com imposto zero, apenas transportá-los através da fronteira.” [...] Então eu diria: “Parabéns. Essa é a boa notícia”. Deixe-me dar-lhe as más notícias. Cada carro, cada caminhão e cada peça fabricada nesta fábrica que cruzar a fronteira, cobraremos um imposto de 35%. [...] Agora, é isso que vai acontecer [...] O chefe da Ford vai me ligar de volta, eu diria uma hora depois de eu ter contado a má notícia. [...] E ele vai dizer: “Por favor, por favor, por favor”. Ele implorará um pouco e eu direi: “Sem interesse”. Então ele ligará para todos os tipos de políticos e eu direi: “Desculpe, pessoal. Sem juro”, porque não preciso do dinheiro de ninguém. [...] Ele vai dizer: “Sr. Presidente, decidimos transferir a fábrica de volta para os Estados Unidos e não vamos construí-la no México.” É isso. Eles não têm escolha. Eles não têm escolha¹⁷⁷⁸.

Sobre o assunto, Perry foi categórico: “Quando se trata de hipocrisia política e inconsistência intelectual, Donald Trump merece uma medalha de ouro”¹⁷⁷⁹, e seguiu apontando como diversas empresas de Trump produzem em países como México e China.

Em dezembro, para o *Bloomberg View*, Ponnuru abriu o artigo *The Upside to Trump’s Latest Terrible Idea* com a afirmação: “Donald Trump vence novamente. Ah, ele ainda não será presidente”¹⁷⁸⁰. O texto critica a postura de Donald Trump referente à comunidade muçulmana, o candidato havia sugerido a proibição da imigração de pessoas oriundas de países islâmicos. Ponnuru menciona que muitos líderes republicanos defendem a separação entre “islâmicos radicais” e muçulmanos. E finaliza o texto afirmando que a imigração é “parte de como a América se tornou uma grande nação. Nosso próximo presidente, que não será Trump, deveria se esforçar para nos manter assim.”¹⁷⁸¹.

¹⁷⁷⁸ TIME. Op. Cit. 2015. *Here’s Donald Trump’s Presidential Announcement Speech...*

¹⁷⁷⁹ PERRY, Mark. Donald Trump’s Hypocrisy on Trade: He Outsources and Invests Globally, but Doesn’t Want Ford to Do the Same?. *American Enterprise Institute, AEIdeas*. August 17, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/carpe-diem/donald-trumps-hypocrisy-on-trade-he-outsources-and-invests-globally-but-doesnt-want-ford-to-do-the-same/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁸⁰ PONNURU, Ramesh. The Upside to Trump’s Latest Terrible Idea. *American Enterprise Institute. Article*. December 9, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-upside-to-trumps-latest-terrible-idea/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁸¹ Ibid.

Foi só no final de dezembro que o AEI começou a expressar seriedade quanto à campanha de Trump. Em *Is There a Real Alternative to the Ideas of Trumpism?* James Pethokoukis propôs: “Vamos postular que o poder eleitoral de Donald Trump – particularmente entre os eleitores brancos da classe trabalhadora – reflete principalmente os problemas econômicos e as ansiedades desse grupo sobre o futuro. Que tipo de agenda economicamente sólida pode ter repercussão entre estes eleitores?”¹⁷⁸². Reconhecendo que a postura de Trump havia capturado uma parcela do eleitorado que precisava ser recuperada.

No início de janeiro Norman Ornstein e Sarah Gustafson escreveram – em *The Eight Causes of Trumpism* – que a maior história da eleição não seria a campanha de Trump, mas sim a reação dos especialistas a ela:

o consenso dos especialistas era que Trump estava a um único dia ou a uma declaração inflamada da autodestruição, que o seu limite máximo de apoio era de 25% dos republicanos, no máximo, e mesmo isso era transitório. Outro tema foi que, uma vez que os eleitores republicanos nas primárias e nos caucus perceberam que Trump era tudo menos um verdadeiro conservador¹⁷⁸³

Os autores pontuam que o “tribalismo político” promoveu uma sensação de que o adversário é uma “ameaça ao país, o inimigo, e não apenas um adversário”. O que levou à criação de um conjugado no qual “um partido tornou-se esmagadoramente branco, o outro em grande parte não-branco”¹⁷⁸⁴. Por fim, Ornstein e Gustafson apontam para como o “populismo furioso; cultura grosseira; política amarga e cheia de injúrias; demagogia e nativismo dentro e fora do mundo político; mídia partidária; e um entrelaçamento de raça e política”¹⁷⁸⁵ não são elementos novos na sociedade estadunidense, mas que foram, nos últimos anos, potencializados pela internet.

Já no final de janeiro, semanas antes do início das primárias, Pethokoukis acusou o trumpismo de hipnotizar o Partido Republicano. Em *Donald Trump Is Hypnotizing the GOP. Literally*, questiona como Trump atingiu a liderança nas pesquisas e conseguiu angariar apoio

¹⁷⁸² PETHOKOUKIS, James. *Is There a Real Alternative to the Ideas of Trumpism?*. American Enterprise Institute, AEIdeas. December 28, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/pethokoukis/is-there-a-real-alternative-to-the-ideas-of-trumpism/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁸³ ORNSTEIN, Norman; GUSTAFSON, Sarah. *The Eight Causes of Trumpism*. American Enterprise Institute, Article. January 4, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-eight-causes-of-trumpism/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁸⁴ Ibid.

¹⁷⁸⁵ Ibid.

estratégico entre líderes religiosos. Pethokoukis comenta duas teorias vigentes que explicariam o crescimento de Trump na proximidade das eleições primárias: 1) o fato dele ser um *outsider*; 2) a existência de uma “classe média branca vazia e desesperada há muito ansiava por um cavaleiro branco para lutar por ela contra a elite econômica global”¹⁷⁸⁶. No entanto, o autor sugere uma terceira explicação que complementaria as duas anteriores: a de Trump ser um exímio vendedor:

Consideremos a possibilidade de Trump – um empresário bilionário com um MBA da *Ivy League* e um autor de *best-sellers* sobre negociações – não ser um idiota descarado que deixa escapar disparates populistas. Em vez disso, talvez Trump esteja a usar deliberadamente técnicas de influência e negociação testadas e comprovadas [...] para literalmente hipnotizar o Partido Republicano¹⁷⁸⁷.

Pethokoukis faz uma ressalva que esta leitura dos fatos poderia dar a Trump mais mérito do que ele efetivamente merecia, que, no final, o sucesso do candidato poderia ser apenas fruto da sorte. Porém, o autor afirma que Trump estava intencionalmente jogando um “jogo diferente do dos seus rivais, com os seus cansados anúncios de 30 segundos e as agendas políticas aprovadas por think tanks”¹⁷⁸⁸. No final de fevereiro, com as eleições já em curso, Pethokoukis voltou a escrever afirmando que Trump havia derrubado o Partido Republicano. O acusou o partido de não ter aprendido com a derrota presidencial em 2012:

Apesar dos resultados de 2012, os aspirantes a republicanos de 2016 decidiram – mais uma vez – oferecer planos econômicos centrados em enormes reduções de impostos para pessoas e empresas ricas. E embora alguns, como Marco Rubio e o agora falecido Jeb Bush, tenham oferecido planos detalhados para a faculdade e cuidados de saúde, respectivamente, poucos eleitores os conhecem. Um esforço genuíno, sustentado e plausível para se conectar com os ansiosos 99% poderia ter reprimido o trumpismo.¹⁷⁸⁹

Aqui, repete-se a fórmula usada para justificar a vitória de Obama em 2009. Nesta argumentação, Trump sairia vitorioso nas primárias não por mérito próprio, mais sim pela falha do Partido Republicano em ler adequadamente as necessidades do eleitorado.

¹⁷⁸⁶ PETHOKOUKIS, James. Donald Trump Is Hypnotizing the GOP. Literally. *American Enterprise Institute, Article*. January 22, 2016. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/donald-trump-is-hypnotizing-the-gop-literally/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁸⁷ Ibid.

¹⁷⁸⁸ Ibid.

¹⁷⁸⁹ Idem. Trump Has Upended the Republican Party. *American Enterprise Institute, Article*. February 23 2016. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/trump-has-upended-the-republican-party/>> Acesso em 20 abr. 2024.

Em suma, a cobertura do AEI da candidatura de Trump foi pautada inicialmente por ataques diretos às competências do candidato e sua postura pública. Apesar do crescimento da popularidade de Trump, o AEI manteve um ceticismo quanto ao sucesso do empresário. Críticas aprofundadas ou elaboradas sobre as propostas foram virtualmente insistentes. A postura do think tanks para com o candidato só começou a mudar na véspera das eleições primárias. Mas, ainda contendo fortes críticas e descrença quanto ao sucesso de Trump. Porém, após a vitória de Trump nas primárias, houve uma mudança de postura nas publicações.

Em maio de 2016 (um mês antes do fim das primárias), Marc Thiessen publicou o artigo *Trump Gives up GOP's Historic Advantage on Foreign Policy*. O texto argumentava que os republicanos possuíam uma vantagem histórica, aos olhos do eleitorado, quanto a assuntos de política externa. Porém, essa vantagem estaria em risco com Donald Trump. Thiessen argumentou que a postura isolacionista do candidato, na prática, era uma tentativa de conquistar votos da “extrema esquerda”¹⁷⁹⁰. Em junho, Thiessen voltou ao assunto. Em *Trump's Left-leaning Gamble on Foreign Policy*, o autor afirmou que “Clinton faz campanha como internacionalista de centro-direita, enquanto Trump faz campanha a partir da esquerda isolacionista.”¹⁷⁹¹

No mesmo mês, lançando mão do relatório *The Macroeconomic Consequences of Mr. Trump's Economic Policies*, da *Moody's Analytics*, James Pethokoukis publicou o *Analysis: Trump Economic Plan Would Cause a Boom ... Then a Terrible Bust*. No texto, Pethokoukis faz uma crítica à plataforma econômica de Trump:

O plano econômico de Donald Trump tal como está (a versão que entusiasmou a ala do lado da oferta do Partido Republicano): cortes de impostos, imigração, política comercial e tudo mais. Bem, 2017 parece bom! [...]. Mas então ‘os impactos negativos das taxas de juro mais elevadas, causadas pelos grandes défices, tomam conta’ [a partir de 2018]. Recorde-se que mesmos resultados dinâmicos dos cortes fiscais de Trump revelam 1 bilhão de dólares por ano em défices orçamentais¹⁷⁹².

¹⁷⁹⁰ THIESSEN, Marc. Trump Gives up GOP's Historic Advantage on Foreign Policy. *American Enterprise Institute, AEIdeas*, may 24, 2016. Disponível em: < <https://www.aei.org/politics-and-public-opinion/trump-gives-up-gops-advantage-foreign-policy/> > Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁹¹ Idem. Trump's Left-leaning Gamble on Foreign Policy. *American Enterprise Institute*. Article. June 7, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trumps-left-leaning-gamble-on-foreign-policy/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁹² PETHOKOUKIS, James. Analysis: Trump Economic Plan Would Cause a Boom ... Then a Terrible Bust. *American Enterprise Institute. AEIdeas*. June 20, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/economics/analysis-trump-plan-boom-then-bust/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

A proposta econômica de Trump ainda foi abordada por Derek Scissors, em junho, e por Ramesh Ponnuru, em julho. Scissors discutiu em *What Trump's 'America First' Means for Trade* que a proposta de “America first” de Trump, em si, “não é uma má abordagem econômica”, desde que signifique “que a prioridade deve ser a melhoria das políticas internas.”¹⁷⁹³ Em outros termos, Scissors argumentou que o sistema fiscal estadunidense precisava “urgentemente” de uma reforma, mas não em direção ao “paternalismo”:

A melhor política fiscal evita o paternalismo: não tenta forçar as empresas ou as pessoas a comportarem-se de determinada forma. Qualquer política fiscal que incentive efectivamente algumas empresas a abandonar o país é surpreendentemente imprudente e a abordagem desta questão deveria ser uma prioridade para a próxima administração¹⁷⁹⁴.

Já Ponnuru debateu em *The High Cost of US Protectionism* que o protecionismo econômico “tem sido caro e alcançado pouco”. A proposta de Trump, segundo Ponnuru, mudaria as tradições de política econômica de 4 formas: 1) fazendo uso agressivo de leis que autorizam a proteção contra importações; 2) revertendo acordos comerciais vigentes; 3) fazendo apenas acordos bilaterais, não ais multilaterais; 4) relegando a “liberalização do comércio” para segundo plano¹⁷⁹⁵. Tais mudanças não são tidas por Ponnuru como positivas, porém, pondera: “‘Assistir à margem’ à perda de empregos não parece uma política muito atraente. Mas poderia ter sido melhor do que o que o nosso governo realmente fez, e o que Trump gostaria que o nosso governo fizesse mais”¹⁷⁹⁶.

Observa-se que, após a vitória nas primárias, a postura das publicações do AEI para com Donald Trump mudou. Embora não apoiassem o candidato, as publicações passaram a efetivamente considerar os impactos das propostas políticas no caso da vitória no pleito. O artigo que melhor simboliza essa mudança é o *Trump Pivoting Away from New York Tabloid-style Campaigning*, por Michael Barone.

¹⁷⁹³ SCISSORS, Derek. What Trump's 'America First' Means for Trade. *American Enterprise Institute*. Article June 23, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/what-trumps-america-first-means-for-trade/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁹⁴ Ibid.

¹⁷⁹⁵ PONNURU, Ramesh. The high cost of us protectionism. *American Enterprise Institute*. Article. July, 1, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-high-cost-of-us-protectionism/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁹⁶ Ibid.

Barone, que em agosto do ano anterior rotulou a vitória de Trump nas primárias como impossível, escreveu em junho de 2016 que: “Donald Trump é a mais recente prova do ditado de que a campanha reflete sempre o candidato e a percepção de que o candidato é um produto da sua experiência ao longo dos anos”. O texto faz um histórico de Trump e sua família, apontando para o fato de que Fred Trump, pai de Donald, havia gozado da amizade com políticos para conseguir zoneamento para obras no Queens e Brookling: “A política fazia parte dos negócios da família.” e que Trump havia aprendido a fazer política através da guerra de tabloides. Porém: “ele parece ter decidido que a política de guerra dos tabloides atualizada para a Internet, suficiente nas primárias, não é suficiente para as eleições gerais”¹⁷⁹⁷.

Em linhas gerais, a nomeação de Trump foi frustrante para o AEI. Timothy Carney explicitamente lamentou. Em *Trump Rips Hillary Effectively, Making Trump Nomination More Regrettable*, de junho de 2016, o autor cita o discurso de Trump anti-Clinton concordando e ampliando com as críticas de que “Clinton é inadequada para o cargo e muito vulnerável, teoricamente, em uma eleição geral”. Acusa Hillary de esconder “ilegalmente os seus e-mails do Departamento de Estado num servidor privado”¹⁷⁹⁸ para encobrir seus negócios corruptos. Uma vitória sobre Hillary, segundo Carney, seria fácil, o que os republicanos em breve perceberiam que “Trump equivalia a desperdiçar uma oportunidade de ouro para ganhar a Casa Branca”¹⁷⁹⁹.

Porém, a postura ambivalente diante de Trump (não necessariamente o atacando, mas também não o defendendo) não se aplicou à candidata Democrata. Só em julho de 2016 o AEI publicou: *On Hillary, Let the Voters Decide*¹⁸⁰⁰, no qual Robert Delahunty comenta o escândalo dos e-mails de Hillary Clinton, afirmando: “O povo, e não os promotores, deveria decidir se Hillary infringiu a lei”. E defendendo que o teor dos e-mails deveriam ser revelados, caso contrário, o “povo americano não será capaz de chegar a um julgamento

¹⁷⁹⁷ BARONE, Michael. Trump Pivoting Away from New York Tabloid-style Campaigning. *American Enterprise Institute. Article*. June 23, 2016. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/trump-pivoting-away-from-new-york-tabloid-style-campaigning/> > Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁹⁸ CARNEY, Timothy. Trump Rips Hillary Effectively, Making Trump Nomination More Regrettable. *American Enterprise Institute. Article*, June 22, 2016. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/trump-rips-hillary-effectively-making-trump-nomination-more-regrettable/> > Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁷⁹⁹ Ibid.

¹⁸⁰⁰ YOO, John; DELAHUNTY, Robert. On Hillary, Let the Voters Decide. *American Enterprise Institute. Article*. July 6, 2016. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/on-hillary-let-the-voters-decide/> > Acesso em 20 abr. 2024.

ponderado sobre a culpabilidade de Clinton neste mês de novembro”¹⁸⁰¹ (data da eleição); *Hillary Clinton’s Non-indictment May Not Help Her*, no qual Michale Barone afirma que Clinton e seus assessores “conspiraram para fazer coisas que violavam a lei”, e que o não indiciamento da candidata se voltaria contra ela, já que “A desonestidade de Clinton pode já ser avaliada pelo eleitorado, com 60 por cento ou mais dos eleitores a considerarem desonesta e indigna de confiança”; *Hillary Clinton Tacks Left on Higher Ed*, com o qual Andrew Kelly acusa Clinton de adotar uma política de Faculdade Gratuita pois “Clinton não está nem um pouco preocupada com Donald Trump e agora se sente livre para avançar numa direção muito mais progressista do que se estivesse a enfrentar um adversário sério.”¹⁸⁰²; entre outros.

O pleito entre Hillary Clinton e Donald Trump foi, para o AEI, uma corrida sem possibilidade de vitória. James Glassman expressou em *It’s Not Too Late: How to Give Americans a Choice for President They Really Want*, pouco antes do final das primárias, que “os dois principais partidos escolherão no final deste mês os candidatos mais odiados em, pelo menos, três décadas como seus indicados”¹⁸⁰³, e que ambos os candidatos tinham rejeições maiores que apoios. Citando o *Associated Press*, Glassman pinta um quadro de desesperança para a eleição: “Por uma margem de 55 a 42 por cento, os eleitores americanos concordaram que se sentiam ‘desamparados’ em relação às eleições de 2016”¹⁸⁰⁴.

O *Council on Foreign Relations* tampouco expressou apoio à candidatura do empresário. No relatório de 2016 (que compreende as atividades do período entre julho de 2015 e junho de 2016), é apresentado como um dos pontos altos do ano o encontro promovido pelo CFR em Washington com os candidatos presidenciais. Os convidados foram: Jeb Bush, Chris Christie, Hillary Clinton, John Kasich, Marco Rubio e Jim Webb. Ou seja, Trump não esteve presente.

Na *Foreign Affairs*, o nome de Trump começou a circular apenas em dezembro de 2015, com a publicação do texto *Trumping History: The Donald in Context*, por Michael Kazin¹⁸⁰⁵.

¹⁸⁰¹ Ibid.

¹⁸⁰² KELLY, Andrew. *Hillary Clinton Tacks Left on Higher Ed*. American Enterprise Institute. Article. July 7, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/hillary-clinton-tacks-left-on-higher-ed/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁰³ GLASSMAN, James. *It’s Not Too Late: How to Give Americans a Choice for President They Really Want*. American Enterprise Institute. Article. JULY 15, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/its-not-too-late-how-to-give-americans-a-choice-for-president-they-really-want/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁰⁴ Ibid.

¹⁸⁰⁵ KAZIN, Michael. *Trumping History: The Donald in Context*. *Foreign Affairs Snapshot*. December 10, 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/donald-trump-history-kazin>> Acesso em

O texto é catalogado como *Snapshot*, não sendo, portanto, um *Essey* (textos mais longos de destaque na revista.) De fato, os *Snapshots* configuraram apenas no site da revista e não integram a edição impressa. A primeira menção a Donald Trump como candidato eleitoral na revista impressa do CFR foi na edição de maio/junho de 2016, no artigo *The Once and Future Superpower: Why China Won't Overtake the United States* por Stephen Brooks e William Wohlforth. No artigo, os autores discutem os papéis da China e dos Estados Unidos no cenário econômico mundial. Argumentam que, “desde o desaparecimento da União Soviética, a dramática vantagem de poder dos Estados Unidos sobre outros Estados tem sido acompanhada pelo risco de ferimentos auto-infligidos, como ocorreu no Iraque”¹⁸⁰⁶. Porém, o “escorregão econômico”, como os autores denominam, pode ter sido benéfico, pois redirecionou o foco dos governantes para problemas internos, os impedindo de “serem sugados para confusos conflitos periféricos”¹⁸⁰⁷. Nesse sentido os autores argumentam que manter uma política externa belicosa e duradoura, em um contexto de crise econômica, colocaria em teste a capacidade de contenção dos Estados Unidos. O país, conforme Brooks e Wohlforth, possui diversos aliados que são – de diferentes formas – dependentes do governo de Washington. A menção ao candidato Donald Trump surge neste contexto:

Os aliados dos EUA dependem de Washington de muitas maneiras, e apoiar-se neles para fornecer favores em troca - seja aprovando políticas controversas dos EUA, abstendo-se de atividades às quais os Estados Unidos se opõem, ou concordando com termos desiguais em acordos mutuamente benéficos - parece algo apenas um idiota desistiria. (Pense nas frequentes afirmações do candidato presidencial republicano Donald Trump de que os Estados Unidos perdem sempre nas suas relações com estrangeiros, incluindo aliados cruciais, e que ele restauraria a capacidade de vitória do país.)¹⁸⁰⁸

Trump só veio a ser mencionado novamente na edição de julho/agosto de 2016. No artigo *The Case for Offshore Balancing: A Superior U.S. Grand Strategy*, por John Mearsheimer e Stephen Walt. No texto, os autores apontam para o fato do público estadunidense ter aparentemente perdido o interesse em “promover a democracia, subsidiar a defesa dos aliados e intervir militarmente” em países. E que, tanto Trump quanto Bernie

20 abr. 2024.

¹⁸⁰⁶ BROOKS, Stephen; WOHLFORTH, William. *The Once and Future Superpower*. *Foreign Affairs*. Volume 95, Number 3. May/June 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-04-13/once-and-future-superpower>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁰⁷ Ibid.

¹⁸⁰⁸ Ibid.

Sanders encontraram apoio ao criticarem essa postura de política externa. Mearsheimer e Walt apontam que, embora essa política bélica tenha favorecido os Estados Unidos no passado, a alternativa para o futuro seria de uma “*offshore balancing*”, uma política na qual a “os Estados Unidos calibrariam a sua postura militar de acordo com a distribuição do poder nas três regiões-chave”¹⁸⁰⁹, sendo elas: a Europa, o nordeste da Ásia e o Golfo Pérsico. Em suma, a estratégia proposta no artigo é definida como “nascida da confiança nas principais tradições dos Estados Unidos”.

Na prática, embora não utilizem essa expressão, os artigos de Brooks e Wohlforth e Mearsheimer e Walt criticam indiretamente as tendências isolacionistas e protecionistas das relações internacionais expressas nas falas de Donald Trump. Quase uma década após a defesa da postura de “imperialista relutante”, o CFR ainda defendia a necessidade dos Estados Unidos em manter um poder tanto militar quanto econômico em determinadas regiões do globo, em especial no oriente médio. O que, por essência, conflitaria com as propostas de Trump.

Ainda na edição de julho/agosto de 2016 foi publicado o artigo *American Political Decay or Renewal? The Meaning of the 2016 Election*, por Francis Fukuyama. No artigo, Fukuyama afirma que o “outrora orgulhoso Partido Republicano”¹⁸¹⁰ perdeu controle das nomeações ao ser tomado de assalto por Donald Trump, o que causou divisões internas. Já no Partido Democrata, a “ultra-insider Hillary Clinton” enfrentou concorrência do “autoproclamado socialista democrático” Bernie Sanders. E, no fim das costas, para “um grande número de eleitores, de ambos os lados do espectro, insurgiu-se contra o que consideram um sistema corrupto e egoísta”¹⁸¹¹. Fukuyama culpa as sequentes crises pela deterioração do processo político estadunidense:

A verdadeira história destas eleições é que, após várias décadas, a democracia americana está finalmente a responder ao aumento da desigualdade e à estagnação económica vivida pela maior parte da população. A classe social está agora de volta ao centro da política americana, superando outras clivagens – raça, etnia, gênero,

¹⁸⁰⁹ MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. The Case for Offshore Balancing. *Foreign Affairs*. Volume 95, Number 4. July/August 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-06-13/case-offshore-balancing>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸¹⁰ FUKUYAMA, Francis. American Political Decay or Renewal?. *Foreign Affairs*. Volume 95, Number 4. July/August 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-06-13/american-political-decay-or-renewal>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸¹¹ Ibid.

orientação sexual, geografia – que dominaram a discussão nas eleições recentes. [...] Portanto, agora que as elites ficaram chocadas com a sua complacência presunçosa, chegou o momento de conceberem soluções mais viáveis para os problemas que já não podem negar ou ignorar¹⁸¹².

Sobre a tendência ao populismo e à retórica *anti-establishment*, Fukuyama afirma: “dada a enormidade da mudança social que ocorreu, a verdadeira questão não é por que os Estados Unidos têm populismo em 2016, mas por que a explosão não ocorreu muito antes”¹⁸¹³. Enquanto o Partido Republicano, continua o autor, consolidou-se como uma “coligação incomoda de elites empresariais e conservadores sociais”, fornecendo dinheiro, defendendo os princípios do liberalismo econômico e do livre comércio; o Partido Democrata distanciou-se de sua tradicional imagem de “defensores do homem comum” e perdeu apoio de bases sindicais. Desde Bill Clinton, Fukuyama argumenta, as “elites do Partido Democrata abraçaram o consenso pós-Reagan sobre os benefícios do livre comércio” e, mais recentemente, “o partido abraçou a política de identidade como o seu valor central”¹⁸¹⁴. O ponto que o autor defende ao salientar as mudanças dos partidos é o de que ambos se distanciaram da “classe trabalhadora”, em especial a “classe trabalhadora branca”:

A classe trabalhadora branca começou a votar nos republicanos na década de 1980 sobre questões culturais como o patriotismo, o direito às armas, o aborto e a religião. Clinton reconquistou um número suficiente deles na década de 1990 para ser eleito duas vezes (com pluralidades em cada vez), mas desde então, eles têm sido um eleitorado mais confiável para o Partido Republicano, apesar do fato de as políticas econômicas da elite republicana estarem em desacordo com seus interesses econômicos¹⁸¹⁵.

Portanto, na argumentação de Fukuyama, haveria uma rejeição da “classe trabalhadora branca” ao partido republicano, visto como cada vez mais voltado para a “elite”; ao mesmo passo em que haveria uma rejeição ao Partido Democrata, visto como tomado por pautas identitárias:

É por isso que, numa pesquisa da Universidade Quinnipiac divulgado em abril, 80 por cento dos apoiantes de Trump entrevistados disseram sentir que “o governo foi longe demais na ajuda aos grupos minoritários”, e 85 por cento concordaram que “a

¹⁸¹² Ibid.

¹⁸¹³ Ibid.

¹⁸¹⁴ Ibid.

¹⁸¹⁵ Ibid.

América perdeu a sua identidade.”¹⁸¹⁶

Por fim, Fukuyama define a candidatura de Trump como uma oportunidade. Na visão do autor, “apesar de todas as suas falhas”, Trump representou um rompimento com a ortodoxia republicana de impostos baixos e benefícios para empresas, prevalecente desde Reagan. Por fim, afirma que “populismo” nada mais é que um “o rótulo que as elites políticas atribuem às políticas apoiadas por cidadãos comuns das quais não gostam”¹⁸¹⁷. Diferente dos demais, o artigo de Fukuyama (que além de membro do CFR também era membro do AEI) aborda as eleições de forma direta e, apesar de não expressar aprovação ou rejeição direta ao candidato, enxerga nele méritos.

Em suma, a grande distinção do “movimento Trump” para o “movimento Goldwater” repousa no fato de que a candidatura da década de 1960 foi construído pelo empresariado e pelos think tanks. Já em Trump “união” a direita por outra ala. Trump não gozou do apoio dos defensores do livre mercado. A retórica trumpista de “nós” contra “eles” não estava balizada em visões conservadoras, como dos republicanos antecessores, mas sim na visão de mundo da “ala conspiratória” do conservadorismo na emergência de um novo ator nessa dinâmica, a Direita Alternativa.

6.2.3 “Is Trump Our Last Chance?”: reações dos conspiracionistas

Conforme Jim Acosta, após a vitória de Donald Trump no pleito de 2016 havia um sentimento de que o “enorme peso” da responsabilidade do cargo transformaria o “executivo de Nova York” em um “líder que todo americano pudesse admirar”¹⁸¹⁸. Em certa medida, havia a crença de que ocorreria com Trump o mesmo movimento que havia ocorrido com Bush, de um “incauto” ou “inepto” cercar-se de profissionais competentes. No entanto, como discutido acima, o anti-intelectualismo de Bush e de Trump fundamentavam-se em posturas distintas. Além, Bush contou com apoio dos “tanques de ideias” dos “Defensores do livre mercado”, já o apoio primário de Trump veio da Direita Religiosa, do *Tea Party* e do que veio a ser denominado “Direita Alternativa”.

¹⁸¹⁶ Ibid.

¹⁸¹⁷ Ibid.

¹⁸¹⁸ ACOSTA, Jim. *O inimigo do povo*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019, p. 20.

Foi Richard Spencer quem, ainda em 2008, popularizou o termo “direita alternativa”¹⁸¹⁹. Graduado em Literatura Inglesa pela *University of Virginia* e mestre em Humanidades pela *University of Chicago*, Spencer começou seu doutorado em História Intelectual Europeia Moderna em 2005, na *Duke University*. Filiou-se ao *Duke Conservative Union* (grupo de estudantes mobilizado para defender o conservadorismo no campus da universidade), onde conheceu Stephen Miller. Largando o doutorado em 2007, Spencer tornou-se editor-assistente da *The American Conservative*, revista fundada em 2002 por Pat Buchanan¹⁸²⁰ da qual, anos depois, foi demitido por suas “opiniões extremistas”¹⁸²¹. Em 2010, fundou o site *www.AlternativeRight.com*, que definia como “uma revista online de tradicionalismo radical [que] marca uma tentativa de forjar uma direita intelectual que é independente e está fora do *establishment* conservador americano”¹⁸²². O sucesso do site abriu portas, Spencer recebeu o cargo de presidente e diretor da *National Policy Institute* (INP), um autodenominado *think tank* dedicado à “herança, identidade e futuro das pessoas de ascendência europeia nos Estados Unidos e em todo o mundo”¹⁸²³. Além disso, tornou-se diretor executivo da *Washington Summit Publishers*, uma editora nacionalista e supremacista branca, fundada em 2006. Em 2017, lançou o site *www.Alt-Right.com*, um autodeclarado *think tank* “acadêmico” com objetivo de “fornecer uma plataforma para opiniões dissidentes dentro da direita” e “promover a informação e o discurso em apoio à civilização ocidental e chamar a atenção para a iminente ameaça demográfica da imigração em massa que está em vias de apagar completamente as culturas e os povos únicos do Ocidente”¹⁸²⁴. Autodeclarado um “nacionalista branco”, Spencer defendia a visão de um país de apenas brancos, afirmando: “a América Europeia está a ser despojada demograficamente [e, portanto] estamos a perder a nossa cultura [e] o nosso sentido de ser”¹⁸²⁵.

Spencer integra um movimento que se autodenomina “identitário”, chegando a publicar um artigo intitulado *Why I’m An Identitarian* no qual – de acordo com Ryan Summer – apoia

¹⁸¹⁹ MAY, Rob; FELDMAN, Mathew. Understanding the Alt-Right. Ideologues, ‘Lulz’ and Hiding in Plain Sight. in: FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick. *Post-Cultures of the Far Right*. transcript Verlag. 2018. p. 29

¹⁸²⁰ Ibid. p. 30.

¹⁸²¹ Ibid.

¹⁸²² Ibid. p. 31.

¹⁸²³ Ibid. p. 31.

¹⁸²⁴ Ibid.

¹⁸²⁵ Ibid. p. 30

o isolacionismo e se opõe firmemente ao multiculturalismo¹⁸²⁶. Summer chama atenção para como Spencer foi hábil na construção de uma rede de comunicação, as conexões do *AlternativeRight.com* com sites parceiros (com *VDARE.com*, *American Renaissance*, *The Occidental Quarterly* e *Counter Currents Publishing*) aumentaram o “alcance da ideologia etno-estatal branca”¹⁸²⁷.

Como observa Luigi Esposito, muitas das organizações citadas acima discordavam entre si em vários pontos, mas todos convergiam em um, a ridicularização do conservadorismo. Alegam que os conservadores “fizerem muitas concessões aos progressistas e se recusarem a defender os interesses brancos”¹⁸²⁸. Além disso, distanciam-se também da Direita Religiosa. Muitos adeptos da Direita Alternativa professavam-se agnósticos, pagãos ou ateus. Stephen McNallen, da *AlternativeRight.com*, alegou ser pagão pois “as melhores coisas da nossa civilização vêm da Europa pré-cristã”¹⁸²⁹. De acordo com Summer, parte dessa rejeição ao cristianismo se deu justamente pela busca de uma identidade. Nas palavras do autor “o movimento está mais focado nas políticas de identidade em torno da raça branca e nos valores ocidentais que estão profundamente arraigados no movimento”¹⁸³⁰. O cristianismo seria, portanto, um ponto problemático. Se por um lado tenha sido um meio pelo qual o conjunto de valores e crenças tenha se perpetuado, por outro, falhou em manter intacta as linhagens sanguíneas ao longo do tempo¹⁸³¹.

Entre os anos de 2010 e 2014, o movimento da Direita Alternativa cresceu na internet. Conforme Esposito, a disseminação das ideias da Direita Alternativa (especialmente entre os jovens) só foi possível através de uma subcultura *underground* da internet 2.0. Através de fóruns como *4Chan*, indivíduos passaram a se reunir para publicarem e discutir não só assuntos como nacionalismo branco, mas antifeminismo, neo-reacionarismo, neo-monarquismo e teorias da conspiração. O movimento, em particular “floresceu neste meio da

¹⁸²⁶ SUMMERS, Ryan. The Rise of the Alt-Right Movement. *Media and Communication Studies Summer Fellows*. 2017. p. 11. Disponível em: < https://digitalcommons.ursinus.edu/media_com_sum/11/> Acesso 20 abr. 2024.

¹⁸²⁷ Ibid.

¹⁸²⁸ ESPOSITO, Luigi. The Alt-Right as a revolt against neoliberalism and political correctness: The role of collective action frames. *Perspectives on Global Development and Technology*, v. 18, n. 1-2, p. 93-110, 2019.

¹⁸²⁹ SUMMER, Ryan. Op. Cit. 2017, p. 9.

¹⁸³⁰ Ibid.

¹⁸³¹ Ibid.

Internet a partir de 2013, quando agitadores da Direita Alternativa empregaram habilmente uma série de *memes* para defender a causa do nacionalismo branco”¹⁸³².

Ou seja, a Direita Alternativa caracterizou-se como um movimento original da internet (não muito diferente dos *Tea Party* ou do *Occupy*); de explícita posição supremacista branca; e de resistência ao cristianismo e ao conservadorismo. Portanto, distanciou-se tanto dos “Defensores do Livre Mercado”, entendidos como parte do *establishment*; como da “Direita Religiosa”. O ponto de encontro que a Direita Alternativa teve com as “alas” que tradicionalmente compunham o conservadorismo, foi a teoria da conspiração.

Como discutem Nicholas Michelsen e Pablo de Orellana, o argumento central da Direita Alternativa é de que a “cultura americana” se baseia em qualidades herdadas inerentes de origem étnica branca. A discussão é associada diretamente a sobrevivência da “cultura branca”. Fundamentando-se no “medo de que os brancos se tornem a minoria na progressão desta ‘revolução racial’”¹⁸³³. O site *American Renaissance* sustenta a seguinte posição:

A raça é um aspecto importante da identidade individual e de grupo. De todas as divisões que dividem a sociedade – língua, religião, classe, ideologia – esta é a mais proeminente e divisiva. [...] O progresso requer o estudo de todos os aspectos da raça, sejam eles históricos, culturais ou biológicos. Essa abordagem é conhecida como realismo racial. [...] Acreditamos também que os brancos, como todos os grupos raciais, têm interesses legítimos que devem ser defendidos. A defesa desses interesses é a defesa dos brancos. Procuramos promover apenas os interesses que reconhecemos e que defenderíamos para todos os outros grupos raciais¹⁸³⁴.

Faz-se uso de teorias pseudocientíficas para sustentar determinadas categorias de “raça” e “identidade”. Conforme Michelsen e Orellana, na retórica da Direita Alternativa, valores culturais, sociais e éticos são biologicamente fundamentados. Assim, estabelece-se um “darwinismo” pelo qual as “raças” lutam por sobrevivência. Nesse cenário, “as qualidades inatas da Europa-América branca são enquadradas como necessitando de defesa contra a dissolução ou corrupção pela mistura cultural e biológica”¹⁸³⁵.

Em 2013 uma petição foi encaminhada à Casa Branca: “PARE O GENOCÍDIO BRANCO: Detenha a imigração MASSIVA do terceiro mundo e a assimilação FORÇADA

¹⁸³² ESPOSITO, Luigi. *Op. Cit.* 2019, p. 95.

¹⁸³³ MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. Discourses of resilience in the US alt-right. *Resilience*, v. 7, n. 3, p. 271-287, 2019.

¹⁸³⁴ AMERICAN RENAISSANCE. *About Us*. Disponível em: <<https://www.amren.com/about/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸³⁵ MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. *Op. Cit.*, 2019, p. 278.

nos países brancos!”¹⁸³⁶. O autor afirmou: “Os países brancos estão a ser inundados com não-brancos do terceiro mundo, e os brancos são obrigados por lei a integrar-se com eles, de modo a ‘assimilarem-se’, ou seja, casar-se entre si e deixar de existir. [...] Apoiar o Genocídio Branco não é anti-racista. É anti-branco!”¹⁸³⁷. O “Genocídio Branco” trata-se de uma teoria da conspiração que professa a existência de um plano internacional (encabeçado pela “elite global”) para promover a miscigenação dos povos. De acordo com Anthony Moses, a provável noção de “genocídio branco” se originou na obra *White Genocide Manifesto* de David Lane, publicado em 1988. Neonazista, Lane argumentava que judeus governavam todas as “civilizações ocidentais” encorajando a miscigenação. Consciente de que sua hipótese não tinha respaldo acadêmico, Lane acusou o ensino superior de ser tomado por “poluição cerebral”, que fazia parte de um “sistema corrupto, destrutivo e tirânico”¹⁸³⁸. Com relação ao conteúdo, a teoria do Genocídio Branco, na prática, trata-se de um braço da teoria da Nova Ordem Mundial, com ênfase no aspecto antisemita.

Em 2014 o *The New American* publicou o texto *The Genocide of Dead White Males*, por Selwyn Duke. O texto questiona o fim do programa de humanidades da *University of California*. Duke reproduz fala de uma suposta aluna da universidade de Colúmbia sobre o currículo de seu curso:

Por que eu tive que ouvir esse Mozart nas humanidades musicais?” [...] Meu problema com o núcleo é que ele defende as premissas da supremacia branca e do racismo. É um núcleo racista. Quem é esse Mozart, esse Haydn, esses homens brancos superiores? Não há mulheres, nem pessoas de cor.¹⁸³⁹

Duke usa essa fala para sustentar a existência de um movimento que seria contra a “civilização ocidental”, mas sim “anticivilizatório”¹⁸⁴⁰. Ou seja, pautas identitárias e afins seriam, na verdade, artimanhas de uma elite institucionalizada (nesse caso, na academia) para deliberadamente desfazer as bases dos valores da “civilização ocidental”. Lembramos que

¹⁸³⁶ CAPEHART, Jonathan. A Petition to 'stop white genocide'? *The New York Times*. January 18, 2013. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/blogs/post-partisan/wp/2013/01/18/petition-stop-white-genocide/>> Acesso em 20abr. 2024.

¹⁸³⁷ MOSES, Dirk. “White genocide” and the ethics of public analysis. *Journal of Genocide Research*, v. 21, n. 2, p. 201-213, 2019.

¹⁸³⁸ Ibid. p. 208.

¹⁸³⁹ DUKE, Selwyn. The Genocide of Dead White Males. *New American*, January 7, 2014. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/opinion/the-genocide-of-dead-white-males/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁴⁰ Ibid.

essa postura não é nova na “ala conspiratória” da direita estadunidense¹⁸⁴¹, na década de 1960 os debates sobre direitos civis foram apontados como parte da agenda iluminati para promover o comunismo. O escritor e roteirista Myron Fagan chegou a indicar que havia em Hollywood uma tendência em escalar atores negros para papéis que “só os Brancos poderiam representar adequadamente”¹⁸⁴², numa tentativa de promover uma agenda “contra brancos”. Nos anos 1990, os currículos universitários também foram acusados de serem “antipatrióticos”. Rush Limbaugh queixou-se em seu livro sobre como a academia passou a pintar a história americana como “essencialmente maligna”, o capítulo no qual apresenta essa questão é intitulado *Dead White Guy*¹⁸⁴³. Portanto, essa visão de mundo não é, de forma alguma, original do século XXI. No entanto, popularizou-se junto às direitas estadunidenses (aproximando de todas as “alas”) devido seu contexto. As políticas sociais de integração e promoção de igualdades (que, como discutido anteriormente, foram reconhecidas pelos membros do *Tea Party* como “indo longe demais”), no contexto da eleição de Barak Obama e das privações e declínio financeiro e político de determinada parcela da população, foram munição ideológica para sustentar essa visão. Além, os problemas (e, por vezes, as soluções) globais como terrorismo e imigração foram igualmente usadas como combustível.

Em 2017, Alex Jones apresentou em seu programa um vídeo do vice-presidente da União Europeia negando que impediriam a imigração de islâmicos para países do bloco econômico. Jones usa o vídeo para afirmar que havia uma “islamização” da Europa em ação e que: “uma vez introduzidos, os muçulmanos podem estuprar porque é a cultura deles, e é preciso aceitar essa cultura se quisermos sobreviver numa Europa diversificada”¹⁸⁴⁴. Em 2020 o *InfoWars* publicou o texto *U.S. Census Bureau: Whites Under the Age of 16 Now a Minority in America*, por Paul Joseph Watson, no qual – usando números do senso – Watson afirma categoricamente que os brancos estão se tornando minoria nos Estados Unidos e que: “a mídia enquadraram qualquer pessoa que discuta o declínio demográfico das pessoas brancas em

¹⁸⁴¹ Como foi discutido no tópico 3.2.2 - *Globalização: Nova desordem mundial?*

¹⁸⁴² FAGAN, Myron. *Civil Rights: Most Sinister Tool Of The Great Conspiracy*. CPA Book publisher. [s.d].

¹⁸⁴³ LIMBAUGH, Rush H.; HARTLEY-MARGOLIN, David. *See, I told you so*. New York: Pocket Books, 1993. p. 66.

¹⁸⁴⁴ THE ALEX JONES SHOW. EU Vice President Admits To White Genocide Plan. *InfoWars*. September 4, 2017. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/eu-vice-president-admits-to-white-genocide-plan/>> Acesso em 20 abr. 2024.

qualquer outra coisa que não termos efusivamente positivos como um racista que está a promover a ‘teoria da conspiração’ do ‘genocídio branco’”¹⁸⁴⁵.

Diferente das outras “alas” da direita (os “Defensores do Livre Mercado”, o *Tea Party* e mesmo da Direita Religiosas), a Direita Alternativa apoiou Trump na primeira oportunidade. As políticas de imigração propostas por Trump no início de campanha foram importantes pontos de interesse para a Direita Alternativa. Em julho de 2015 Patrick Buchanan, cofundador da *The American Conservative*, escreveu *GOP Border War—Trump vs Jeb, Rick and Marco*, no qual comenta a declaração de Trump de que:

Quando o México envia o seu povo, não está a enviar o seu melhor. Eles não estão enviando você. Eles não estão enviando você. Eles estão enviando pessoas que têm muitos problemas e estão trazendo esses problemas conosco. Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo o crime. Eles são estupradores¹⁸⁴⁶.

Sobre a declaração, Buchanan comenta: “Politicamente incorreto? Pode apostar. No entanto, Trump não está levantando uma questão válida? Não há verdade no que ele disse?”¹⁸⁴⁷. Buchanan aponta que, ao levar a questão da imigração para a pauta, Trump estava atacando outras alas do partido republicano e que o empresário iria longe (caso passasse das primárias), pois atacava a imigração ilegal e questões comerciais, tópicos nos quais, segundo o autor: “a maioria dos americanos de classe média se opõe às elites”¹⁸⁴⁸.

Em agosto do mesmo ano Jared Taylor, do *American Renaissance*, publicou *Is Trump Our Last Chance?* No texto Taylor afirma que “as próximas eleições são uma combinação de circunstâncias que nunca se repetirão”, pois Trump seria um “rosto totalmente novo” justamente em um momento no qual desconfiança do público no governo “está perto de um nível recorde”¹⁸⁴⁹. Nesse cenário, Trump seria a melhor escolha. Primeiro, para Taylor, o

¹⁸⁴⁵ WATSON, Joseph. U.S. Census Bureau: Whites Under the Age of 16 Now a Minority in America. *InfoWars*. June 25, 2020. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/u-s-census-bureau-whites-under-the-age-of-16-now-a-minority-in-america/> > Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁴⁶ PHILLIPS, Amber. ‘They’re rapists.’ President Trump’s campaign launch speech two years later, annotated. *The New York Times*. June 16, 2017. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/06/16/theyre-rapists-presidents-trump-campaign-launch-speech-two-years-later-annotated/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁴⁷ BUCHANAN, Patrick. *GOP Border War—Trump vs Jeb, Rick And Marco*. *V.Dare.com*. 7 June 2015. Disponível em: <https://vdare.com/articles/gop-border-war-trump-vs-jeb-rick-and-marco> > Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁴⁸ Ibid.

¹⁸⁴⁹ TAYLOR, Jared. *Is Trump Our Last Chance?*. *American Renaissance*, August 20, 2015. Disponível em: <<https://www.amren.com/features/2015/08/is-trump-our-last-chance/>> Acesso em 20 abr. 2024.

empresário não seria o tipo de político que “entusiasma os apoiadores com algumas ideias sensatas e depois os trai”¹⁸⁵⁰. Segundo, Caracterizando Trump como “facilmente o melhor candidato sobre segurança fronteiriça e imigração desde Pat Buchanan”:

As posições do Sr. Trump sobre a imigração baseiam-se em três princípios: 1. Uma nação sem fronteiras não é uma nação. 2. Uma nação sem leis não é uma nação. 3. Uma nação que não serve os seus próprios cidadãos não é uma nação. É surpreendente ouvir um político falar sobre o que define “uma nação”, muito menos acertar mais ou menos. A ideia de que a imigração deveria beneficiar os americanos e não os estrangeiros é revolucionária para os padrões atuais¹⁸⁵¹.

Além, a posição anti-establishment também é apontada como fator decisivo. Afirmando que Trump estava disposto a investir bilhões de seu próprio dinheiro em sua campanha, e que havia negado bilhões de investimento de lobistas pois “não queria dever ninguém”, Tylor aponta o empresário como “a última oportunidade que os brancos têm de votar num presidente que possa realmente fazer algo útil para eles e para o seu país.”¹⁸⁵².

Em novembro de 2015, Peter Brimelow, do *VDARE*, publicou o artigo *GOP Should “Thank Heaven Fasting” for Trump But Instead Plans to Shoot Self in Testicles*, no qual reproduz falas de diferentes comunicadores da direita (incluindo Limbaugh) para alegar que Trump “move multidões”, mas que a mídia deixou de comunicar. Por fim, Brimelow compara Trump com Reagan.

Tenho idade suficiente para me lembrar da agora esquecida, mas muito semelhante incredulidade, horror e pânico do establishment republicano à medida que 1979 avançava e a nomeação de Ronald Reagan [...] parecia cada vez mais provável. [...] Mas Reagan venceu com uma vitória esmagadora. Meu palpite é que Trump também poderia. [...] Então, nem é preciso dizer que o *Stupid Party establishment* (instigado pelos consultores parasitas que nos trouxeram o presidente Romney) é preparando-se para destruir Trump [...] O Partido Republicano está se preparando para dar um tiro em si mesmo, não no pé, mas nos testículos¹⁸⁵³.

Ou seja, enquanto os “Defensores do Livre Mercado” ridicularizaram a campanha de Trump e tomaram sua nomeação como um “desperdício”; a Direita Alternativa o cultuou. Em

¹⁸⁵⁰ Ibid.

¹⁸⁵¹ Ibid.

¹⁸⁵² Ibid.

¹⁸⁵³ BRIMELOW, Peter. *GOP Should “Thank Heaven Fasting” For Trump But Instead Plans To Shoot Self In Testicles*. *V.Daver.com*. 22 november 2015. Disponível em: <<https://vdare.com/articles/gop-should-thank-heaven-fasting-for-trump-but-instead-plans-to-shoot-self-in-testicles>> Acesso em 20 abr. 2024. Ibid.

Julho de 2016, quando Trump venceu as primárias, Jared Taylor disse no *American Renaissance*: “Caro Sr. Trump, goste ou não, você é um porta-voz dos brancos”¹⁸⁵⁴.

No entanto, apesar do sucesso do movimento em consolidar uma rede de cooperação e popularizar-se online, segundo pesquisa *Pew Research Center*, ao final de 2016 54% dos estadunidenses disseram nunca ter ouvido falar da Direita Alternativa. 28% disseram ter ouvido “um pouco”, enquanto 17% disseram ter ouvido “bastante”¹⁸⁵⁵. E, apenas 34% daqueles que responderam ter conhecimento do movimento, o associaram a supremacismo branco, apensar de este ser um ponto central do movimento. Entre Democratas 47% reconheceram o movimento como supremacista, mas entre os Republicanos, esse índice foi de apenas 17%.

Além disso, apenas 8% dos republicanos (e menos de 1% dos democratas) reconheceram a Direita Alternativa como integrante do movimento conservador. No entanto, apesar de seu explícito antagonismo com as demais “alas” que tradicionalmente compõem o conservadorismo estadunidense, a Direita Alternativa nutria em sua essência um elemento que permeava as demais “alas”: o pensamento conspiratório.

Tabela 10: Percepção do público sobre a Direita Alternativa (2016)

Qual sua impressão sobre a Direita Alternativa?	Geral	Republicanos	Democratas
Supremacistas Branco	34	17	47
Racistas	14	10	18
Conservadores	3	8	x
Valores religiosos	2	1	3

Fonte: Adaptado de GRAMLICH, John. *Most Americans haven't heard of the 'alt-right'*. Pew Research Center. Short Reads. December 12, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/12/12/most-americans-havent-heard-of-the-alt-right/> > Acesso em 20 abr. 2024.

Como discutido, parte essencial da identidade da Direita Alternativa repousa na crença de que as políticas públicas para promover uma menor desigualdade social (de políticas afirmativas à redistribuição de renda) estavam colocando o branco em lugar de minoria. O

¹⁸⁵⁴ TAYLOR, Jared. Dear Mr. Trump. *American Renaissance*, June 17, 2016. Disponível em: <<https://www.amren.com/features/2016/06/dear-mr-trump/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁵⁵ GRAMLICH, John. *Most Americans haven't heard of the 'alt-right'*. Pew Research Center. Short Reads. December 12, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/12/12/most-americans-havent-heard-of-the-alt-right/> > Acesso em 20 abr. 2024.

conspiracionismo racionaliza essa sensação através da teoria do Genocídio Branco. Ou seja, parte essencial é o sentimento de estar sob ataque, de sentir-se vítima.

Michelsen e Orellana sistematizam o discurso da Direita Alternativa em duas estruturas discursivas, ambas baseadas num sentimento de resiliência.: 1) A primeira manifesta-se na argumentação de que o politicamente correto da esquerda funciona contra as necessidades étnicas e culturais da “América branca nativa”; 2) a segunda enquadra a “esquerda cultural” como hegemônica, levando o desafio de “resistência” para o âmbito pessoal. Nasce aqui a dificuldade em “tomar a pílula vermelha” e romper com a ilusão que o senso comum “da esquerda” vende como “realidade” ou “correto”¹⁸⁵⁶ (fazendo uma alusão ao filme *Matrix*).

Essas estruturas argumentativas remontam e expandem a já estabelecida noção de que a esquerda exerce uma hegemonia nas instituições de conhecimento, em especial nas universidades. Essa visão, esteve no cerne da reorganização dos think tanks “defensores do livre mercado” na década de 1950, como o AEI e a *Hoover Institution*. Além, na década de 1970 Patrick Buchanan já professava essa suposta “hegemonia da esquerda” na academia e na imprensa em seu *Media Memorandum For The President*, endereçado à Nixon¹⁸⁵⁷.

Ou seja, embora a Direita Alternativa sustente-se como “anti-conservadora” e, embora o público não o associe com o conservadorismo, os teóricos da Direita Alternativa sustentam argumentos e visões de mundo que são construções extrapoladas de argumentos originários do movimento conservador das décadas de 1950 – 1970. Além, adotam também visões de mundo tradicionalmente professadas pela Direita Religiosa, como as noções de gênero e família. Nas palavras de Michelsen e Orellan: “A alt-right inclui várias comunidades antifeministas, a ‘manosfera’, que se enquadram como representantes de um senso comum previamente estabelecido, corroído pela esquerda e unidas por uma aversão ao que chamam de ‘ideologia de gênero’, ‘feminazi’”¹⁸⁵⁸.

Em maio de 2014 o jovem Elliot Rodger, de 22 anos, matou seis pessoas em um ataque em Isla Vista, na Califórnia. Momentos antes de cometer o ataque, Rodger enviou um longo documento (140 páginas) para diversos conhecidos e carregou um vídeo em seu canal no youtube. O jovem descreveu-se como um “perfeito cavalheiro” que não compreendia o

¹⁸⁵⁶ MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. Op. Cit. 2019. p. 283.

¹⁸⁵⁷ Ver capítulo 2, tópico *2.1.3- A batalha dos laboratórios: Os tanques de ideias, pela guerra e pela política*, e capítulo 3, tópico *3.1.2- Projeto para os anos 1980: O império do mal*

¹⁸⁵⁸ MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. Op. Cit. 2019. p. 280.

motivo de não conseguir se relacionar. Nomeando o dia do ataque como “o dia da retribuição”, Rodger afirmou que teria sua vingança contra a sociedade que o negou amor e carinho. No final do documento o rapaz afirma “Eu sou a verdadeira vítima de tudo isso. Eu sou o mocinho”¹⁸⁵⁹. Rodger não era, por excelência, um membro da Direita Alternativa. Seu manifesto não culpa a esquerda pela sua solidão, mas carrega alta dose de misoginia:

O maior mal por trás da sexualidade é a fêmea humana. [...] Há algo muito distorcido e errado com a forma como seus cérebros estão programados [...]. As mulheres são incapazes de ter moral ou de pensar racionalmente. [...] Se as mulheres continuarem a ter direitos, elas apenas impedirão o avanço da raça humana ao procriarem com homens degenerados e criarem descendentes estúpidos e degenerados [...]. Não há criatura mais má e depravada do que a fêmea humana¹⁸⁶⁰.

Embora não tivesse nenhuma ligação direta com a Direita Alternativa, os argumentos de Rodger apontam argumentos em comum, como a necessidade de proteger a raça humana e a diminuição de direitos para minorias, que foram longe demais (neste caso, as mulheres). Conforme Michelsen e Orellana, Rodger tornou-se uma figura, chegou-se a criar uma *subreddit* (uma comunidade online específica sobre um determinado tema, sediado no site *Reddit*) com o título de “Cavaleiro Perfeito” no qual discutia-se que as ações do jovem eram uma “rebelião *incel*” (do inglês, celibatário involuntário)¹⁸⁶¹. Segundo Michelsen e Orellana: “Rodgers e os seus apoiantes são extremistas, mesmo para os padrões da Direita Alternativa, mas o impulso para desenvolver resiliência contra as normas esquerdistas de igualdade de gênero é partilhado pela grande maioria da direita alternativa”¹⁸⁶². Essa misoginia e antifeminismo encontram pontos de contato com a Direita Religiosa, em especial, nas campanhas antimovimentos de igualdades de gênero e casamentos homoafetivos discutidos anteriormente.

Outro argumento que alimenta o discurso de vítima é a defesa da liberdade de expressão. Em uma resenha do livro *Viral Hate: Containing Its Spread on the Internet*, no qual Christopher Wolf discute formas de combater a promoção de discurso de ódio na

¹⁸⁵⁹ BBC. Elliot Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'. BBC. 25 April 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶⁰ JOHNSON, Lauren. Elliot Rodger Manifesto: My Twisted World. NY Daily News. s/d. Disponível em: <<https://www.documentcloud.org/documents/1173808-elliott-rodger-manifesto>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶¹ MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. Op. Cit. 2019. p. 278.

¹⁸⁶² Ibid.

internet, Henry Wolff, escreveu o artigo *Censorship, American Style* ao *American Renaissance* já em 2013. No texto Wolff conclui:

A perspectiva de educar as crianças de “formas adequadas” para responder ao “ódio” é igualmente perturbadora. Presumivelmente, isso seria como o programa “Um Mundo de Diferença” da Liga Anti-difamação [...] que gira em torno de palavras como “diversidade”, “anti-preconceito”, “igualdade” e “inclusividade”, até que o cérebro das crianças fique dormente. Essa politização aberta não pertence às salas de aula e não deveria fazer parte dos termos de serviço de um megasite da Internet¹⁸⁶³.

Em 2015, Kevin Truong, no *Christian Science Monitor*, publicou o texto intitulado *Is free speech on campus under threat in age of 'empathetic correctness'?* O artigo discute o caso ocorrido na *Northwestern University*, no qual uma professora respondeu a um processo disciplinar após ser acusada de discriminação sexual. A acusação foi decorrida de um artigo publicado pela professora. Com o título de *Sexual Paranoia Strikes Academe*, o artigo diz: Quando eu estava na faculdade, ficar com professores fazia mais ou menos parte do currículo”. Apesar de a professora explicitar seu tom sarcástico antes da afirmação, dizendo “Perdoe meu tom levemente zombeteiro”, sua fala foi recebida como ofensiva. Truong questiona que “as sensibilidades culturais podem ter ido longe demais no campus”¹⁸⁶⁴. O artigo foi reproduzido em partes no *American Renaissance*. Defender a liberdade de expressão é parte da estratégia argumentativa do combate contra a suposta hegemonia da esquerda, predominante na cultura.

Por fim, outro elemento que liga a Direita Alternativa com as “alas” do conservadorismo, é a defesa dos valores morais da sociedade. Como foi discutido, desde os anos 1990 a família Clinton foi alvo de diversas teorias da conspiração, e depois do caso Lewinsky, a moralidade da presidência foi amplamente discutida pelos conservadores. A Direita Alternativa (o que viria ser) também se apropriou dessa pauta.

Em junho de 2014 o jornalista Josh Rogin publicou o artigo *'Hillary Clinton Took Me Through Hell,' Rape Victim Says* em que discute um caso de abuso sexual no qual Hillary Clinton trabalhou na década de 1970. Comentando uma entrevista da vítima, Rogin resume

¹⁸⁶³ HOLFF, Henry. *Censorship, American Style*. *American Renaissance*, June 28, 2013. Disponível em: <<https://www.amren.com/news/2013/06/censorship-american-style/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶⁴ RUONG, Kevin. *Is free speech on campus under threat in age of 'empathetic correctness'?* *The Christian Science Monitor*. July 30, 2015. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/USA/Education/2015/0730/Is-free-speech-on-campus-under-threat-in-age-of-empathetic-correctness>> Acesso em 20 abr. 2015.

que Clinton mentiu “intencionalmente sobre ela [a vítima] em documentos judiciais, fazendo de tudo para desacreditar as evidências do estupro e, mais tarde, reconhecendo e rindo insensivelmente da culpa de seus agressores nas gravações”¹⁸⁶⁵. O texto foi parcialmente reproduzido pelo *Infowars*¹⁸⁶⁶. Em 2016 o assunto voltou a ser comentado. Selwyn Duke publicou pelo *New American* o artigo *Rape Victim: “Hillary Clinton Is a Cold-hearted Liar”*, no qual, comentando mesmo caso, desqualifica a campanha de Hillary Clinton por representatividade feminina na política. Duke questiona: “Então, ‘O que Hillary representa?’ Ela defende a si mesma – e contra qualquer pessoa e qualquer coisa que impeça sua busca exaustiva por poder”¹⁸⁶⁷.

As conexões entre Jeffrey Epstein e a família Clinton foram especialmente abordadas. Desde 2005 Epstein, financista, enfrentou e foi condenado (chegando a se declarar culpado) por diferentes acusações de prostituição de menores. Famoso por suas conexões, Epstein tinha em sua lista de conhecidos e clientes nomes como Donald Trump, Bill Clinton, Hillary Clinton, Stephen Hawking, Noam Chomsky, Al Gore e mais¹⁸⁶⁸. Além, fora membro do *Council on Foreign Relations* e membro do conselho administrativo da *Rockefeller University*¹⁸⁶⁹.

Em janeiro de 2015 o *Infowars* reproduziu trechos de um artigo do Michael Snyder, pesquisador de *Yale*, com o título de *Bill Clinton And The Pedophile: The Sex Scandal That Could Destroy Hillary’s Presidential Ambitions*. O texto questiona: “porque é que Clinton voou em ‘múltiplas ocasiões’ para a ilha privada das Caraíbas onde Epstein realizava regularmente orgias sexuais selvagens?”¹⁸⁷⁰. Em novembro de 2015, Oliver Stone – consultor

¹⁸⁶⁵ ROGIN, Josh. Exclusive: 'Hillary Clinton Took Me Through Hell,' Rape Victim Says. *Daily Beast*. June 20, 2014. Disponível em: < <https://www.thedailybeast.com/exclusive-hillary-clinton-took-me-through-hell-rape-victim-says>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶⁶ Idem. 'Hillary Clinton Took Me Through Hell,' Rape Victim Says. *InfoWars*. June 20, 2014. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/hillary-clinton-took-me-through-hell-rape-victim-says/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶⁷ DUKE, Selwyn. Rape victim: “hillary clinton is a cold-hearted liar”. *New American*. october 12, 2016. disponível em: < <https://thenewamerican.com/us/politics/rape-victim-hillary-clinton-is-a-cold-hearted-liar/>> acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶⁸ BHAT, Ejaz. Epstein Files: Full List Of High-Profile People Named In Unsealed Docs. *World News*. January 6, 2024. Disponível em: <https://www.ndtv.com/world-news/jeffrey-epstein-epstein-files-full-list-of-high-profile-people-named-in-unsealed-court-docs-4810003>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁶⁹ THOMAS Jr. Landon. Jeffrey Epstein: International Moneyman of Mystery; *New York Magazine*. October 28, 2002. Disponível em: < https://nymag.com/nymetro/news/people/n_7912/> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁷⁰ SNYDER, Michael. Bill Clinton And The Pedophile: The Sex Scandal That Could Destroy Hillary’s Presidential Ambitions. *InfoWars*. January 6, 2015. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/bill-clinton-and-the-pedophile-the-sex-scandal-that-could-destroy-hillarys-presidential-ambitions/>> Acesso em 20 abr. 2024.

político e lobbista que havia trabalhado nas campanhas de Nixon, Reagan, Geroge H. W. Bush e outros republicanos, tendo ainda trabalhado no início da campanha de Trump – lançou o livro *Clintons War on Women* pelo qual expunha as supostas atividades criminosas de Bill e Hillary Clinton. Steve Byas, para o *The New American* comentou o livro no artigo *New Book Reminds Us Why We Don't Want Clintons Back in White House*. No texto, Byas observa que o título do livro não condiz com seu conteúdo, uma vez que mais da metade da obra se dedica a outros assuntos e não aos “maus tratos de Bill e Hillary às mulheres usadas - e depois eliminadas - por Bill”¹⁸⁷¹, embora, Byas ressalve, o tópico seja bem abordado. A obra, conforme explicita o resenhista, na prática lista uma série de mulheres que teriam sido abusadas pela família Clinton, e como, para se defenderem, recorrem uma série de mentiras e outros crimes. Em linhas gerais, o livro endossa a teoria do *Clinton Body Count*. Porém, Byan observa que a obra não é “não é apenas uma denúncia republicana partidária”, mas que trazia também as associações da família Clinton com a família Bush, o que, segundo o autor “ajuda a sublinhar a razão pela qual os republicanos estão a rejeitar a candidatura de Jeb Bush como candidato do Partido Republicano em 2016”¹⁸⁷². Já em maio de 2016, Selwyn Duke publicou pelo *The New American* o texto *Time for #NeverClinton? Trump Raises Issue of Accused Rapist Bill* no qual afirma que os escândalos sexuais envolvendo Bill Clinton são um problema para Hillary por dois motivos: 1) Por ele ser parte ativa da campanha; e 2) porque “ela tem trabalhado arduamente para tornar as suas vítimas invisíveis”¹⁸⁷³.

As conexões entre Epstein e Trump, por outro lado, foram negligenciadas. Em 2002, em entrevista à revista *New York*, Trump afirmou “Conheço Jeff há 15 anos. Cara incrível”¹⁸⁷⁴. Em outubro de 2016, quando um áudio de Trump confessando um ato de importunação sexual, Trump em sua defesa afirmou:

Nunca disse que sou uma pessoa perfeita, nem fingi ser alguém que não sou. Já disse e fiz coisas das quais me arrependo [...]. Quem me conhece sabe que essas palavras

¹⁸⁷¹ BYAS, Steve. New Book Reminds Us Why We Don't Want Clintons Back in White House. *New American*, November 12, 2015. Disponível em: < <https://thenewamerican.com/opinion/book-reviews/new-book-reminds-us-why-we-don-t-want-clintons-back-in-white-house/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁷² Ibid.

¹⁸⁷³ DUKE, Selwyn. Time for #NeverClinton? Trump Raises Issue of Accused Rapist Bill. *New American*. May 19, 2016. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/us/politics/time-for-neverclinton-trump-raises-issue-of-impeached-accused-rapist-bill/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁷⁴ THE NEW YORK TIMES, Transcrip: Donald Trump's taped comments about woman. *The New York Times*, october 8, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/10/08/us/donald-trump-tape-transcript.html>> Acesso em 20 abr. 2024.

não refletem quem eu sou. Eu disse que estava errado e peço desculpas. [...] já falei algumas bobagens, mas há uma grande diferença entre as palavras e as ações das outras pessoas. Na verdade, Bill Clinton abusou de mulheres e Hillary intimidou, atacou, envergonhou e intimidou as suas vítimas¹⁸⁷⁵.

O vídeo, originalmente publicado na página do Facebook do então candidato, foi reproduzido pelo site do *InfoWars*¹⁸⁷⁶. No entanto, nem este site, o *The New American* ou o *American Renaissance* comentaram a declaração original.

Em linhas gerais, o sentimento de vitimismo, de reconhecer-se sob ataque, é presente por toda a campanha da Direita Alternativa (e pela extrema-direita como um todo) para Donald Trump. Em março de 2016 Pat Buchanan escreveu ao *VDARE* o artigo *Anti-Trump Violence Will Make America Turn Right, As It Did in '68*. O texto comenta a invasão de um comício de Trump, em Chicago, que foi interrompido para evitar a escala de violência. Todos os republicanos culpam Trump pelo ocorrido, comentando o estilo “perigoso estilo de liderança”¹⁸⁷⁷ do empresário. Buchanan finaliza:

A América mudou em relação à terra onde crescemos. Mas ela ainda não está pronta para permitir que multidões feias gritando obscenidades contra Trump e seu povo, dentro e fora daquele salão em Chicago, ou seus exemplos como o senador socialista Bernie Sanders, tomem o país¹⁸⁷⁸.

Ainda em março Buchanan voltou a escrever ao *VDARE* com o artigo *Attacks On Trump Driven By An Establishment in Panic*, no qual afirma que as críticas pessoais a Trump (sobre sua conduta e postura) eram, na verdade, resultantes de um medo do *establishment*. Tanto o partido republicano quanto a imprensa foram acusadas de serem tendenciosas:

Quem estabeleceu este mandato moral? O Santo Padre em Roma? A voz que se apresenta como a consciência da América é o *The Washington Post*, que defende o aborto sob demanda e não endossou, na memória deste escritor, nenhum republicano para presidente [...]. Que as elites de Beltway, cuja voz é o *Post*, odiar e temer Trump não é apenas inegável, é compreensível. [...] O *Post* tocou os tambores das

¹⁸⁷⁵ HUNTER, Derek. Trump Apologizes, Says Bill ‘Actually Abused Women’ [VIDEO]. *Daily Caller*, October 8, 2016. Disponível em: <<https://dailycaller.com/2016/10/08/trump-apologizes-says-bill-actually-abused-women-hillary-bullied-attacked-shamed-and-intimidated-victims-video/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁷⁶ DAILY CALLER, Trump Apologizes, Says Bill ‘Actually Abused Women’ [VIDEO]. *InfoWars*. October 8, 2016. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/trump-apologizes-says-bill-actually-abused-women-video/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁷⁷ BUCHANAN, Patrick. Brownshirts & Republican Wimps: Anti-Trump Violence Will Make America Turn Right, As It Did In '68. *VDare*. 14 march 2016. Disponível em: <<https://vdare.com/articles/brownshirts-republican-wimps-anti-trump-violence-will-make-america-turn-right-as-it-did-in-68>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁷⁸ Ibid.

intermináveis guerras no Oriente Médio [...] Trump não iniciará outra. [...] O *Post* saúda as fronteiras abertas que trazem milhões para continuar a expansão sem fim do estado de bem-estar social¹⁸⁷⁹

Buchanan afirma: “O *establishment* está apaixonado por Rubio”¹⁸⁸⁰, e por isso ataca Trump em todas formas possíveis. Em agosto do mesmo ano, Will Estrada, ao *Conservative HQ*, escreveu o artigo *Up Close Report: The Donald Trump the Media Won't Tell You About* no qual relatava sua experiência em uma manifestação pró-Trump. Estrada comenta que Trump havia feito uma piada com uma mãe presente, com um bebê que não parava de chorar:

Trump apoiou muito a mãe chamando ela e seu bebê de “lindos” e “maravilhosos”, e então, quando o bebê continuou chorando, ele transformou isso em uma piada. Todo mundo estava rindo e foi realmente muito cativante e engraçado. [...] Mas depois de ler toda a cobertura noticiosa dizendo “Trump odeia mães e bebês!!!” Comecei a duvidar de mim mesmo. Eu realmente perdi uma grande história bem na minha frente? Comecei a perguntar a outras pessoas que estavam lá, incluindo marido e mulher com filhos pequenos. E todos na sala disseram a mesma coisa: não tinha história aqui. [...] Minha conclusão é que a mídia está nos vendendo uma narrativa. Seja muito cético em relação ao que a mídia está lhe dizendo¹⁸⁸¹.

Por fim, Jarad Tylor escreveu ao *American Renaissance*, em 2016, o artigo *Trump and the “Atmosphere of Hate”* no qual acusa a “mídia de esquerda” de odiar, detestar e temer Trump. Mas, além da imprensa, outros setores também estariam comprometidos:

O veneno é amplo e profundo. [...] Robert Kagan, do *Brookings Institute*, diz que a presidência de Trump levaria ao “fascismo ao estilo americano” [...] O ex-secretário do Trabalho, Robert Reich, compara-o a Hitler e Mussolini e o chama de “um profundo perigo para o futuro da América e do mundo.” [...] de acordo com o *New York Times*, Hillary concorda: ela acha que Donald Trump é “uma ameaça existencial [!] à democracia americana”. [...] O que torna o Sr. Trump uma “ameaça à democracia?” Ele é o candidato republicano porque os eleitores gostaram mais dele do que dos outros 16 candidatos. Isso não é democracia?¹⁸⁸²

De acordo com Tylor, essa “preocupação” com a democracia supostamente apresentada pelos opositores de Donald Trump, na prática, seria uma reação antidemocrática. Afinal estes

¹⁸⁷⁹ Idem. Attacks On Trump Driven By An Establishment in Panic. *V.Dare*. arch 3, 2016. Disponível em: <<https://vdare.com/articles/attacks-on-trump-driven-by-an-establishment-in-panic>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁸⁰ Ibid.

¹⁸⁸¹ ESTRADA, Will. Up Close Report: The Donald Trump the Media Won't Tell You About. *American Renaissance*. August 3, 2016. Disponível em: <<https://www.amren.com/news/2016/08/up-close-report-the-donald-trump-the-media-wont-tell-you-about/>> Acesso em 20 abr. 2024.

¹⁸⁸² TAYLOR, Jared. TRump and the "Atmosphere of Hate". *American Renaissance*, August 12, 2016. Disponível Em: <<https://www.amren.com/news/2016/08/trump-and-the-atmosphere-of-hate/>> Acesso em 20 abr. 2024.

estariam não só se opondo a um candidato escolhido por voto, mas fariam apenas para defender “os seus dogmas surrados que estão ameaçado”¹⁸⁸³.

Em suma, o discurso da Direita Alternativa, sobre a democracia, fundamenta-se na resiliência diante das notícias políticas e conhecimento disseminado através da mídia tradicional, reconhecida como dominada pela “esquerda”. Trump, quando em campanha, esteve no programa *Infowars* e descreveu a reputação de Jones como “incrível”¹⁸⁸⁴

Em 2 de dezembro de 2015, Trump apareceu ao vivo no programa de Alex Jones, onde falou, entre outras coisas, sobre seus comentários sobre as celebrações islâmicas radicais na América, e implicou que Jones e ele próprio são o mesmo tipo de pessoa [...]. Mais tarde, Jones afirmou em várias ocasiões ter tido em contato com Trump, como uma conversa cara a cara sobre as supostas manipulações eleitorais. Trump, por sua vez, citou alegações feitas no *Infowars* em diversas ocasiões durante sua campanha presidencial, como a teoria de que o ISIS foi fundado por Hillary Clinton e Barack Obama [...] Jones influenciou tanto Trump que durante sua campanha, o então candidato incluiu links para *Infowars* em um e-mail para seus apoiadores¹⁸⁸⁵.

A oposição fundamental é baseada, portanto, na insatisfação com um sistema traidor e entregue à “hegemonia da esquerda” que: no campo político, é dominado por uma série de políticas democratas corruptas; no campo social, dominado por subsequentes políticas de integração – entre outras coisas – que colocam o homem branco e hétero (para alguns grupos, cristão) em posição de minoria; no campo cultural, é promotor de uma agenda e visão de mundo que desqualifica a “tradição ocidental”; e, por fim, no campo econômico, ataca aos valores tradicionais do capitalismo estadunidense. A democracia, nessa visão, precisa, portanto, ser resgatada ou mesmo refeita a partir de valores “pré-esquerda”¹⁸⁸⁶ e “globalista”.

É neste senti que, como resumem Michelsen e Orellana, a Direita Alternativa tornou-se muito maior do que foi inicialmente idealizada por Spencer ainda no início dos anos 2000¹⁸⁸⁷. Tronou-se, na prática um conjunto de ideias vinculadas por temas e suposições comuns¹⁸⁸⁸. Um conjunto de atores políticos – teóricos conspiratórios, movimentos sociais, grupos violentos, supremacistas raciais e mais – unidos por uma lógica política conspiratória e

¹⁸⁸³ Ibid.

¹⁸⁸⁴ D'ANCONA, Mathew. *Pos-Verdade*. Barueri: Faro Editorial. 2018. p. 63.

¹⁸⁸⁵ EVIN, Šimon. *Alex Jones vs. the Globalists: Conspiracy Discourse in America Today*. Master's Diploma Thesis. Masaryk University Faculty of Arts. p. 2018. p. 30.

¹⁸⁸⁶ MICHELSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. Op. Cit. 2019.p. 282.

¹⁸⁸⁷ Ibid.

¹⁸⁸⁸ Ibid. p. 273.

fantasiosa baseada na resiliência em defender os “verdadeiros valores americanos e ocidentais” supostamente em risco.

Essa visão, salvando as devidas proporções, ecoa o anti-intelectualismo e anticomunismo dos anos 1930 – 1940 que inicialmente associou a intelectualidade, e em especial a acadêmica, com o comunismo. Além, foi na consolidação dessa crença nos anos 1950 – 1970 que diversos *think tanks* conservadores se modelaram, como o AEI e a *Hoover Institution*. Portanto, embora o alvo da vez seja essencialmente novo (como o “politicamente correto” e as políticas afirmativas), essa visão de mundo é historicamente e estruturalmente bem fundamentada. Por isso a Direita Alternativa, mesmo apresentando-se como antagonista do conservadorismo, carrega em sua visão de mundo elementos que não só são comuns com as “alas” do conservadorismo, como tradicionais. Portanto, embora apresente-se como um “novo movimento” é, na prática, o resultado contextualizado para o século XXI de um movimento tradicional do conservadorismo estadunidense.

CONCLUSÕES

Em março de 2017, ou seja, um ano após a posse de Trump, a *Foreign Affairs* lançou um dossiê “Trump Time”. A capa trazia os dizeres “Como a América virou-se contra os *experts*”. No artigo que deu título à edição, Tom Nichols concluiu: “As teorias da conspiração são atraentes para pessoas que têm dificuldade em entender uma explicação de porque coisas terríveis acontecem”¹⁸⁸⁹. A ascensão da direita alternativa nos Estados Unidos está inserida em um contexto de popularização de teorias da conspiração voltadas para a explicação da crise da democracia – observada em nível global –, potencializada por elementos culturais tradicionais estadunidenses. Atacando os especialistas e promovendo teorias da conspiração, as direitas estadunidenses (em especial a Religiosa e a que veio a ser a Direita Alternativa) também atacaram ao Estado; na mesma medida em que, atacando o Estado, atacaram as instituições legitimadoras de conhecimento. A relação entre as estruturas política, religiosa e epistêmica nos Estados Unidos uniu desde cedo as suas instituições legitimadoras, fazendo uma sustentar a outra. E, embora tenham se aproximado e distanciado ao longo dos séculos – construindo suas próprias dinâmicas, práticas e hábitos, exercendo certo grau de autonomia –, a crise de confiança nas instituições políticas, inevitavelmente, “respingou” nas demais instituições, em especial nas que ao mesmo tempo legitimam e são legitimadas pelo Estado – como universidades, institutos de pesquisa e a imprensa.

Nessa leitura, a crise da democracia estadunidense contemporânea (uma crise política) está relacionada não só à crise econômica mas também à epistêmica. A construção da estrutura epistêmica estadunidense remonta ao período colonial, no qual as bases das instituições religiosas, epistêmicas e políticas encontravam-se unidas. Em tempos pré-independência, as autoridades políticas (tanto institucionais quanto pessoais, isso é, tanto as organizações como os atores) eram, ao mesmo tempo, as autoridades religiosas e acadêmicas. Ou seja, política, educação e religião (bem como suas instituições) eram todas instâncias de uma mesma visão de mundo e projeto político (religioso) nacional, originário do pensamento puritano. Além disso, desde já essa “elite” política, epistêmica e religiosa fomentava uma visão de mundo conspiratória em sua essência.

¹⁸⁸⁹ NICHOLS, Tom. How America Lost Faith in Expertise. *Foreign Affairs*. Volume 96, Number 2. March/April 2017. Disponível em: < <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-02-13/how-america-lost-faith-expertise>>. Acesso em 2 jun. 2024.

O projeto político/religioso colonial professava uma lógica de interpretação de mundo voltada para o controle social e promoção do medo. Princípio este que também “sobrou” nas outras estruturas. A educação foi promovida neste sentido. Mesmo que não clerical, procurava promover uma série de valores (de origem religiosos), fundamentando a política através de uma “homogenização”. Foi através desse princípio que as primeiras universidades estadunidenses foram instauradas, como a *Harvard University* (1636) e a *Yale University* (1701). A visão de mundo jeremiada, que enxergava a “América” como terra prometida e os colonos como “povo eleito”, sustentava uma noção de que a “falha em cumprir a missão” era resultado da pouca fé dos cidadãos ou do trabalho arduo de um inimigo.

A inserção do republicanismo iluminista no cenário intelectual estadunidense pode ser reconhecida, desde o século XVII, como o início do movimento de ruptura destas estruturas. No entanto, embora eventos históricos possam impactar as sociedades (em seus diferentes aspectos) rapidamente, as mudanças estruturais tendem a ser mais lentas. Muitos rituais políticos e civis, instaurados no evento da independência dos Estados Unidos, carregaram forte simbolismo religioso. Alguns desses rituais perduram até os tempos atuais. O uso da Bíblia no juramento presidencial é um exemplo. Embora não seja uma obrigação legal, é adotado como tradição. O mesmo pode ser dito dos dizeres “*In God We Trust*” na nota de dólar e das referências religiosas em discursos presidenciais. Porém, além, verifica-se uma construção de uma imagem, estabelecendo mitos, heróis e memórias balizando-as em imagens religiosas. Os mitos de fundação nacional estadunidenses elaboraram paralelos entre os “Pais fundadores” e o livro bíblico do Êxodo; a Constituição recebeu reverência como uma “escritura sagrada”; no período pós-guerra civil, a imagem de Lincoln foi consolidada como mártir; a própria guerra tomou imagem de “guerra pela liberdade”, e afins.

Ou seja, os mitos de fundação da nação foram elaborados e tomados em referência às imagens religiosas. A Religião Civil, nos Estados Unidos, mais que conjunto de rituais, representa toda uma forma de nacionalismo. No entanto, na mesma medida em que a identidade política tomou as imagens religiosas e construiu mitos políticos quase sagrados, também incorporou a visão de mundo paranoica e conspiratória. Em outros termos, no momento da consolidação dos Estados Unidos como nação, o pensamento conspiratório ajudou a forjar as figuras e mitos nacionais, portanto, o pensamento conspiratório pode ser compreendido como elemento da identidade nacional estadunidense. Em outros termos, pode-

se encontrar traços de pensamento conspiratório em diferentes instituições e agentes não só das estruturas políticas, religiosas e econômicas, mas também epistêmicas.

A “evolução” dessas estruturas, em contextos em que seus respectivos agentes disputavam espaço e procuravam estabelecer seus campus, levou a uma dinâmica específica. Ao avançar do século XVIII e XIX as estruturas epistêmica, religiosa e política já gozavam de relativa autonomia entre si, com suas respectivas instituições formalizando suas normas e hábitos. A promoção do iluminismo e do cientificismo levou a uma reformulação no campo universitário estadunidense, dando início aos ritos e práticas que viriam a caracterizar o campo para o século XX. O período da “Era Progressista” foi amplamente marcado – entre outras coisas – pelo surgimento de organizações que viriam a se tornar os think tanks modernos. Além, a introdução da noção de “conhecimento útil” na academia levou a uma reformulação no sistema universitário, tanto curricular quanto administrativo. Universidades tradicionais, como Harvard e Yale, passaram a oferecer cursos em áreas de ciências aplicadas, como química e engenharia. Além, universidades de caráter mais técnicas se consolidaram, como a *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) em 1861, ou a *California Institute of Technology* (CalTech) em 1919. Duas das missões bem definidas das universidades, o ensino e a pesquisa, começaram a ser efetivamente delimitados neste período. Pode-se argumentar, portanto, que foi ao longo do século XIX que a estrutura epistêmica estadunidense efetivamente a descolou-se da estrutura religiosa, mantendo-se, porém, intrinsecamente ligada aos interesses de empresários e conglomerados industriais. Por outro lado, embora a promoção do “conhecimento útil” tenha levado a uma série de investimentos em universidades e laboratórios de pesquisa – como a *Chicago University* (1890), a *Carnegie Foundation* (1905), a *Carnegie Institute of Technology* (1900) e a *Rockefeller Institute for Medical Research* (1901) –, esse “ímpeto pelo progresso”, professado pelos filantropos e empresários desse contexto, era atravessado não só por interesses comerciais – no sentido de investir em tecnologias que beneficiariam suas empresas – como por valores originários da estrutura religiosa. Tem-se aqui a formalização de uma racionalização do mundo social que veio a cristalizar o individualismo e a meritocracia nos Estados Unidos anos depois.

Ou seja, embora essas instituições tenham conseguido acumular certa autonomia – conseguindo estabelecer suas próprias regras, normas, habitus e mais – nunca gozaram de efetiva independência visto que estiveram sempre atreladas a outras instituições ou agentes de

outros campos. E essa relação entre agentes e instituições de diferentes campos se desenvolveu de tal forma que muitos valores que seriam reconhecidos como típicos de um, encontram-se em outros, mesmo que metamorfozados ou diluídos. Como exemplos podemos citar: o pensamento jeremiáda, em sua união de pensamento conspiratório (Epistêmico) com controle moralista puritano (Religioso); a Religião Civil, que une parte do pensamento jeremiáda (Religioso) com um “nacionalismo republicano” iluminista (Político); o Evangelho da Riqueza, num misto de ética protestante (Econômico / Religioso) e liberalismo clássico (Político); o mito do *Self Made Man*, que une o individualismo do liberalismo clássico (Político) com a moralidade do capitalismo protestante (Econômico / Religioso); ou, mais adiante nos movimentos das direitas como o fusionismo, o neoconservadorismo e outros. E foi justamente do poder dos movimentos conservadores dos anos 1940 a diante de confluir essas visões de mundo em uma só corrente que fundamentou o conservadorismo estadunidense moderno.

Dessa forma, uma análise das ações de agentes políticos estadunidenses, como, por exemplo, a Guerra do Iraque, sem considerar as influências de agentes da estrutura epistêmica (como o AEI ou o CFR), o impacto de valores religiosos nas filosofias políticas (como o neoconservadorismo) ou das intenções e inserções de agentes da estrutura econômica na política (que financiam não só políticos e lobistas, mas instituições do conhecimento como think tanks), torna-se uma leitura restrita. Nesse sentido, fazer uma leitura da ascensão de Donald Trump à Casa Branca sem considerar como os agentes e instituições das estruturas religiosas, epistêmicas e políticas vinham perdendo credibilidade fazia décadas, torna-se também uma leitura episódica. A ascensão dessa extrema direita em meados dos anos 2010 não deve ser lida como um episódio, mas como o resultado de uma “meta-crise” institucional em construção desde de meados do século XX.

O “Breve século XX”, usando a expressão de Hobsbawm¹⁸⁹⁰, seja na “era da catástrofe” ou na “era de ouro” foi um período de gradual degradação das instituições religiosas, políticas e epistêmicas nos Estados Unidos. Só o período entre 1914 e 1960 abarca três grandes eventos que abalaram consideravelmente as estruturas religiosas, políticas e epistêmicas estadunidenses e que foram essenciais para a formulação do que veio a ser o conservadorismo

¹⁸⁹⁰ HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995. APA p .15

estadunidense: a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1916), a crise dos anos 1930 e a formalização do movimento conservador nos anos 1950 – 1960.

No primeiro, a instauração do *National Research Council* (NRC), em 1916, marca o momento em que a academia foi efetivamente cooptada pelas organizações do Estado. No entanto, se por um lado os acadêmicos – e as universidades que receberam verbas e tiveram seus laboratórios renovados a fim de promover pesquisas em nome da guerra – lucraram (tanto financeiramente quanto intelectualmente) com o investimento e o interesse estatal em suas pesquisas e campos, sofreram com a perda de autonomia que a injeção de verba exigia. Ao final do conflito, embora o NRC não tenha sido dissolvido (é atuante até os dias atuais) a postura das universidades e dos acadêmicos diante da atuação conjunta com o Estado ficou abalada. A cooperação foi consideravelmente bem-vista, mas as intervenções políticas não. Em resultado os administradores das universidades ataram ainda mais seus laços com instituições privadas na procura de investimento. Considerando a relação entre instituições do conhecimento com instituições da política, os usos políticos dos acadêmicos no início do século XX abraçaram uma perspectiva tecnicista na qual o pesquisador, como “servente da ciência” e do “conhecimento útil”, elabora sua pesquisa de forma independente e imparcial. A fundação do *Council on Foreign Relations* (CFR) remonta este período. Na década de 1920, o surgimento do think tanks foi resultado do ímpeto de empresários, acadêmicos e políticos de produzir uma instituição capaz de usar dos prestígios dos atores, acumulados em seus respectivos campos, para influenciar tanto o público quanto os “tomadores de decisões”. Esta característica “academicista” e “elitista” definiu o CFR.

No segundo, a instauração do *Brain Trust*, por Franklin D. Roosevelt, marca a ascensão do professor/pesquisador como ator político. Com a popularidade do grupo formado por professores da *Columbia University*, os acadêmicos passaram também a ocupar o espaço dos “tomadores de decisões”, chegando a assumir efetivos cargos políticos. Porém, os opositores do *New Deal* conseguiram, com relativo sucesso, associar as políticas democratas – e seus “mentores acadêmicos” – ao comunismo. Uma instituição que marca a emergência dessa estratégia dos opositores do *New Deal* e a *American Liberty League* (ALL), de 1934. Em certa medida os opositores do *New Deal* remontavam o “Evangelho da Riqueza” uma vez que se opunham a qualquer assistencialismo, acusando-o de: 1) ser nocivo ao comércio e economia estadunidense; e 2) ser contra os valores de individualismo estadunidenses. Tem-se, neste

contexto, um dos primeiros registros da instrumentalização do anti-intelectualismo pela defesa do livre mercado. Ou seja, os anos 1930 podem ser reconhecidos como o momento no qual a ciência e a academia (bem como seus agentes) foram amplamente consagrados politicamente. Porém, na mesma medida em que o acúmulo de Capital Científico passou a ser efetivamente utilizado nos campos políticos e sociais, também foi utilizada a negação científica e a perseguição ao acadêmico. Ou seja, a aproximação das instituições do conhecimento com as da estrutura política novamente fragilizou a autonomia das instituições de conhecimento estadunidenses. Em suma, não foi o medo de uma efetiva revolução que motivou a perseguição aos acadêmicos (fortemente associados ao comunismo), mas sim a defesa das frequentes alegações (promovidas pelas direitas) de que o governo federal em si era comunista.

E, por fim, no terceiro, o movimento fusionista dos anos 1950, liderados pela revista *National Review*, marca como esses “opositores do New Deal”, relativamente dispersos, encontraram um ponto em comum entre as “alas” e instituíram o conservadorismo junto ao partido republicano a partir de três princípios: 1) defesa do livre mercado; 2) defesa dos valores religiosos; 3) e luta contra o comunismo. Cada um desses princípios foi promovido como relativo ao outro. Ou seja, ao defender os valores do livre mercado, defender-se-ia também os valores religiosos. E, como dito acima, foi o poder dos agentes do conservadorismo em criar uma miscelânea de valores originais das estruturas religiosas, políticas, econômicas e epistêmicas que fundamentou o movimento conservador dos anos 1950. Pautas que antes eram fonte de contenta entre diferentes movimentos das direitas, foram unificados, reorganizados e readaptados conforme as demandas sociais e políticas de cada contexto. De fato, analisando o histórico da “institucionalização das direitas estadunidenses”¹⁸⁹¹ verifica-se como cada “ala” formalizou suas instituições em períodos específicos.

Na década de 1920, por exemplo, encontra-se uma proeminência de instituições alinhadas primariamente com os defensores do livre mercado. O *Council on Foreign Relations* (1921), a *American Liberty League* (1934) são exemplos. Mas foi ao longo dos anos 1940 – ou seja, após o reconhecimento de acadêmicos como agentes políticos, nos anos 1930 – que ganhou peso. O *American Enterprise Association* (1938), a *Foudation for Economic*

¹⁸⁹¹ Ver Apêndice A

Education (1946) e a *Mount Pelerim Society* (1947) são exemplos de organizações fundadas por e para acadêmicos e empresários promoverem ideias em defesa do livre mercado. E, após o movimento fusionista, os defensores do livre mercado mantiveram certa proeminência na paisagem institucional da estrutura epistêmica, em relação às outras “alas” das direitas, com a emergência das *National Review* (1955), do *Young Americans for Freedom* (1960), do *Conservative Book Club* (1964), do *The Firing Line* (1966 – 1999), da *Public Interest* (1965) e mais. Além da reformulação da *Hoover War Library* na *Hoover Institution* (1959) e do AEA em *American Enterprise Institute* (1962).

Já entre os anticomunistas – embora o medo vermelho tenha sido o grande fator de união das “alas” das direitas estadunidenses, e ter uma presença oficial de Estado nos anos 1930 e 1950 –, poucas instituições emergiram. A mais notória foi a *John Birch Society* (1958). Apesar de ter sido mais reconhecido em movimentos associados com as direitas (devido à tendência ao nacionalismo exacerbado desses grupos ou suas aproximações com grupos religiosos), o conspiracionismo não deve ser reconhecido como uma artimanha política amplamente aceita pelas direitas dos anos 1960. De fato, nos anos 1950 e 1960 o projeto fusionista da *National Review* entrou em confronto com o conspiracionismo da *John Birch Society*. Durante o movimento Goldwater, de 1964, William Buckley Jr (*National Review*) tentou articular com William Baroody Sr. e Russell Kirk (ambos do *American Enterprise Insitute*) a expulsão de Robert W. Welch Jr (JBS) do movimento¹⁸⁹². No entanto, assim como as estruturas política, epistêmica e religiosa são essencialmente interligadas, também são as “alas” e instituições das direitas estadunidenses. A *Hoover Institution* tornou-se efetivamente um think tank para promover os valores do livre mercado, mas apresentou em sua justificativa uma retórica anticomunista. O mesmo pode ser dito do AEA tornando-se AEI sob a tutela de William Baroody Sr. e sua cruzada contra o “monopólio da esquerda na indústria das ideias”.

Já a Direita Religiosa efetivamente institucionalizou-se na década de 1970. Entre os marcos institucionais encontram-se: a criação da *Trinity Broadcasting Network* (1973), com a recém-popularizada TV a cabo; a fundação a *Liberty University* (1971), por Jerry Falwell Sr; e da *Christian Voice* (1978), sediada na *Heritage Foundation* até os finais da década 1980; E, por fim, com a criação da *Moral Majority* (1979). De fato, a institucionalização da Direita

¹⁸⁹² FELZENBERG, Alvin. The Inside Story of William F. Buckley Jr. 's Crusade against the John Birch Society. *National Review*. jun 20, 2017. Disponível em <<https://www.nationalreview.com/2017/06/william-f-buckley-john-birch-society-history-conflict-robert-welch/>>. Acesso em 2 jun. 2024.

Religiosa, situada aqui na criação da *Moral Majority*, encontra-se numa conversão de interesses dos Defensores do Livre Mercado e dos Religiosos, pois foi através dos esforços de Paul Weyrich (*Heritage Foudation*) e Richard Viguerie (*Young Americans for Freedom*), em conjunto de Jerry Falwell Sr (*The Old-Time Gospel Hour*) que a *Moral Majority* ganhou força para unir os votos dos evangélicos e eleger Ronald Reagan. E, apesar de não abraçar o conspiracionismo ou o anti-intelectualismo de forma explícita, (como fazia, por exemplo a JBS), a agenda desta “nova direita” baseava-se em uma visão de mundo essencialmente conspiratória e paranoica.

Ou seja, embora o conservadorismo como um todo manifestasse posturas conspiratórias, a principal “ala” das direitas estadunidenses a institucionalizar-se junto a instituições do conhecimento no século XX foi a dos defensores do livre mercado. Porém, reconhecer a predominância das instituições dos defensores do livre mercado não significa reconhecer que as demais “alas” não possuíam suas instituições de conhecimento. Por exemplo, décadas antes da formalização da Direita Religiosa (nos anos 1970), os movimentos religiosos junto às direitas já haviam se institucionalizado. Já em 1924 a *Dallas Theological Seminary* deu início à institucionalização de visões de mundo religiosas (em especial fundamentalistas) em relação à política, formando agentes que, anos depois, assumiriam protagonismo junto à Direita Religiosa. Um exemplo é o de Hal Lindsey que, na década de 1980, tornou-se reconhecido televangelista. Pode-se citar ainda a *The Ethics & Religious Liberty Commission* (ERLC), de 1947, o braço político da Convenção Batista do Sul, a segunda maior denominação cristã nos Estados Unidos; a *The Billy Graham Evangelistic Association* (BGEA), em 1950; e o programa de TV *The Old-Time Gospel Hour*, de 1956, apresentado por Jerry Falwell Sr, que nas décadas seguintes fundou uma das principais instituições de conhecimento da Direita Religiosa, o *Moral Majority*, de 1979.

Ou seja, o conservadorismo estadunidense do século XX – devido ativo trabalho de suas instituições do conhecimento – tornou-se um guarda-chuva ideológico atraindo religiosos, reacionários, liberais, libertários, tradicionalistas, anticomunistas e mais. E foi com esse misto de religião, livre mercado e conspiracionismo que ganhou fôlego na década de 1970, chegando na Casa Branca na década seguinte.

O final do século XX conta com dois grandes eventos que modificaram a dinâmica entre as instituições das estruturas religiosas, epistêmicas e políticas: 1) A ascensão de Ronald Reagan, e 2) o Fim da União Soviética.

No âmbito doméstico o conspiracionismo religioso da “Nova Direita” viu na educação seu campo de batalha. Reagan, desde governador da Califórnia, falava abertamente sobre o ensino do criacionismo nas escolas, de fato, em ocasiões – como em seu discurso aos alunos da universidade de Fudan, na China, em 1984 –, chegou a vincular “educação” com “valores morais”, afirmando que na universidade os alunos tendiam a abandonar “valores que foram testados ao longo do tempo”. Mas o elemento que melhor caracterizou o anti-intelectualismo “ativo” da administração Reagan foi a ênfase no utilitarismo da educação. Resumida no relatório *A Nation at Risk* (1983), a política para a educação resumia-se a adequação desta para o mercado, chegando a definir “educação” como “matéria-prima”. Em outros termos, na década de 1980 a universidade ganhou um novo “velho inimigo”, o mercado.

Já na política externa, a política do Império do Mal ilustra a convergência das agendas. Na Nicarágua, por exemplo, a luta contra o comunismo foi embalada na justificativa moral de que a promoção da democracia e liberdade seria responsabilidade dos Estados Unidos, e de que a inação levaria riscos aos valores estadunidenses. É neste contexto que se tem a organização do que depois veio a ser identificado como a retórica republicana de guerra. Dividida em seis etapas (1, Causa e motivo; 2, identificação do inimigo genérico; 3, demonização; 4, personificação do inimigo em uma pessoa ou grupo; justificativa da guerra, e; 6, conexão com o próximo inimigo) essa construção narrativa ajuda a estabelecer uma política de guerra permanente e pode-se reconhecer tentativas de empregá-la nas décadas 1980, 1990 e 2000.

Nos anos 1980, embora o confronto direto com os comunistas (personificados na União Soviética) fosse impensável, a ameaça foi tratada tanto ideológica quanto física. A simples existência do comunismo como sistema político foi tratado como perigo mortal aos valores estadunidenses. Mas o inimigo genericamente identificado no comunismo, e devidamente (e literalmente) demonizado ao ser caracterizado como contrário aos valores estadunidenses, precisava ainda ser personificado para ser confrontado. A revolução Sandinista cumpriu esse papel. Nessa perspectiva: A Revolução Sandinista, em curso, promove o comunismo na América do Sul (Causa). A presença comunista (inimigo genérico) na América do sul precisa

ser controlada. O comunismo é uma ideologia nefasta, oposta aos valores americanos (demonização). O regime ditatorial da Nicarágua (inimigo personificado, e, ao mesmo tempo, demonizado), promove perseguição política e outros crimes contra seus opositores. Por fim, não agir pode espalhar o comunismo na América do sul.

No entanto, o fim da União Soviética apresentou um dilema para essa visão de mundo e proposta de política. Uma tentativa de manter a postura foi feita com a promoção da Guerra às drogas. Com o apoio de *think tanks* como o *Heritage Foundation* (que já vinha ajudando a vender a guerra ao terrorismo na Nicarágua), ao início dos anos 1990 triplicou-se a população carcerária pela aplicação de novas leis antidrogas. Mas, apesar de cumprir boa parte dos elementos da retórica republicana de guerra (tem uma suposta causa, no crescimento de uso drogas no país; e um inimigo genérico e personificado, no cartel de Medellin), a guerra às drogas não foi a empreitada que melhor configurou a adoção dessa retórica pela administração G. H. W. Bush, mas sim a Guerra do Golfo. Fazendo-se uso da retórica republicana da guerra. Racionalizou-se da seguinte forma: a invasão do Kuwait (causa), foi promovida por um ditador e tirano (inimigo genérico), violador dos direitos humanos (demonização): Saddam Hussein (inimigo personificado). O inimigo, portador de armas de destruição em massa, recusa-se a deixar o Kuwait, invadido ilegalmente. Deixar essa ação impune compromete a “paz” da “nova ordem mundial” (justificativa). A Guerra do golfo, portanto, apresentou alegações essencialmente semelhantes as apresentadas pela administração anterior para agir na Nicarágua: 1) A ação é obrigação moral dos Estados Unidos, e 2) o preço da inação pode ser alto demais. No entanto, tem-se a ausência do principal fator de união das direitas desde a década de 1950, o comunismo.

Ou seja, como já mencionado, para a Direita Religiosa as décadas de 1970 e 1980 foram de consolidação. Entre os marcos podemos apontar as já citadas *Trinity Broadcasting Network* (1973), *Christian Voice* (1978) e *Moral Majority* (1979), mas também a *Family Research Council* (1980). Já para os “Defensores do Livre mercado”, os anos 1970 presenciaram a emergência da *Heritage Foundation* (1973), da *Free Congress Research and Education Foundation* (1977), e do *George C. Marshall Institute* (1984) na década seguinte. Além disso, a *Heritage* gozou de forte prestígio e inserção política naquela década.

No entanto, os anos 1980 foi palco também da emergência de instituições associadas à “ala conspiratória” das direitas estadunidenses. Em 1984 foi ao ar o *Rush Limbaugh Show*, no

ano seguinte, a *The New American* chegou às bancas de jornal e, em 1988, fundou-se o *Center for Security Policy*. De fato, se a primeira metade do século XX a predominância foi dos Defensores do livre mercado, e na segunda metade a da Direita Religiosa, o início do século XXI presenciou um crescimento nas instituições da “ala” conspiratória.

Já a primeira década do século XXI empilha uma sequência de eventos que efetivaram diferentes reações dos agentes e das instituições tanto do conhecimento, como da religião e da política. O primeiro ano do século é encerrado pelo Onze de Setembro. Logo em seguida a década empilha a Guerra do Afeganistão (2001 – 2011) e do Iraque (2003 – 2011) e a Crise *Subprime* (2008) e a eleição de Obama (2009).

Ainda na década de 1990 a “ala” conspiracionista das direitas formalizou várias instituições. O programa de Limbaugh chegou na TV; o Ao mesmo tempo, Milton William Cooper, e suas superconspirações envolvendo o CFR, o “estado profundo” e a “Nova Ordem Mundial” ganhou as rádios com *Hour Of The Time* (1992). A *American Renaissance* teve sua primeira edição em 1994; e já no final da década a *Vdare* e o *InfoWars* saíram do papel (ambos de 1999). Mesmo a principal instituição dos “Defensores do livre mercado” criada nesse contexto – o *Project for a New American Century* (1997) – carregava em seu DNA neoconservador uma postura herdada da retórica republicana de guerra com fortes tendências conspiracionistas. A de que: 1) A ação [no Oriente médio] é obrigação moral dos Estados Unidos, e 2) o preço da inação pode ser alto demais.

Mas foi em resposta ao evento do Onze de Setembro que o pensamento conspiratório popularizou-se. O caráter excepcional que os eventos dessa década tomaram foram racionalizados no pensamento conspiratório, ligando os ataques com as já tradicionais Teorias da Nova Ordem Mundial. Além disso, as subsequentes políticas (guerra no exterior e vigilância na doméstica) foram usadas como justificativas e evidências para as narrativas de que os ataques haviam sido premeditados. Não só agentes já atuantes (como o *Hour Of The Time*, de Milton William Coope; ou a *Infowars* de Alex Jones) racionalizaram os eventos por esse prisma, como novas instituições dedicadas especialmente a isso foram instauradas, como a *9/11truth.org* (2003). No entanto, a teoria do *Truther* encontrou um aliado que a muito tentava se distanciar da “ala conspiratória”, a academia. A teoria da conspiração encontrou apoio em acadêmicos que fundaram suas próprias instituições. O *Journal of 9/11 Studies* (2006), *Scholars for 9/11 Truth* (2006), e o *Architects & Engineers for 9/11 Truth* (2007) são

exemplos. Além de se alinharem com as narrativas da “ala conspiratória”, os impactos dos ataques do Onze de Setembro foram perfeitamente compatíveis com os planos dos “defensores do livre mercado” que advogavam pela política externa unilateral. Encaixando-se na retórica republicana de guerra. De um dia para o outro, a política externa de Bush, que até então se apresentava modesta (em um “internacionalismo diferenciado”), encontrou o inimigo e a justificativa ideal.

As guerras do Afeganistão e do Iraque receberam apoio das principais instituições das “alas” das direitas estadunidenses, mas não de todas. Para os “Defensores do livre mercado”, reaqueceu o internacionalismo unilateral. Mesmo o CFR, que defendia uma posição de liderança, não de imposição, passou a defender um “imperialismo relutante”. Para a “Direita Religiosa”, ecoou na visão de mundo apocalíptica. Mas para os “conspiratórios”, representou uma guinada ao plano de dominação da Nova Ordem Mundial.

Já as reações sobre as eleições presidenciais de 2008 e a Crise Subprime empilharam as insatisfações e desconfiças. A figura de esperança a qual Barack Obama representava foi engolida pela crise. Para os “Defensores do livre mercado”, a decisão sobre o Iraque não foi unânime. Os alinhados com o unilateralismo, ainda embebidos no nacionalismo marcial extraído no pós-onze de setembro (como o AEI), advogavam pela manutenção da guerra. As justificativas iam desde de inferências práticas (manter o controle no Oriente Médio) e moralistas (promover a democracia e a liberdade). Mas, os tradicionais alinhados com a tese da “nova ordem mundial” se distanciaram do princípio intervencionista, defendendo uma “retirada estratégica”. O apoio a Obama apresentou o mesmo padrão, com os primeiros enxergando um desafio no democrata, e os segundos, enxergando uma oportunidade. Mas para a “ala conspiratória” a eleição, mais uma vez, foi uma conta de soma zero. Tanto os Republicanos como os Democratas foram identificados como uma continuidade da “agende globalista”, uma tendência entre os conspiracionistas desde a eleição de G. H. W. Bush. A negação à eleição de Obama foi manifestada na popularização da teoria da conspiração *Birther*.

Já entre a “Direita Religiosa”, a velha “antipatia” com o Islã, aquecida pelos anos de “Guerra ao Terror”, encontrou combustível na teoria da conspiração *Birther* com a hipótese de Obama ser muçulmano. Ou seja, no pensamento conspiratório da “Direita Religiosa”, a demonização de Obama percorreu um círculo de reafirmação: 1) Obama é Democrata; 2) os

Democratas são comunista, ideal defendido desde os anos 1930; 3) os comunistas são satânicos, ideal popularizado ao longo da Guerra fria; 4) o Islã é satânico, ideal defendido desde os tempos coloniais, e popularizado nos anos 1950; e 5) Obama é muçulmano. Além disso, o posicionamento do então presidente a respeito de políticas sociais como o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecido como um ataque aos valores tradicionais de “família”.

A crise Subprime foi racionalizada pelo mesmo prisma. Entre os “Defensores do livre mercado”, a crise ou foi apresentada como culpa dos democratas, ou as respostas democratas foram encaradas como desastrosas. Entre os Defensores do livre mercado, discutiu-se os impactos da crise. Já entre os conspiratórios, o governo foi acusado de arquitetar a crise para reafirmar as políticas de vigilância estabelecidas no período da Guerra ao Terror e avançar na implementação da “Nova Ordem Mundial”. Porém, foi nesse período que se verificou o embrião de uma nova coligação entre as três “alas”. O *Tea Party Movement* emergiu apresentando-se como uma oposição ao partido democrata, não se alinhando abertamente ao partido republicano. Porém, com considerável apoio de agentes da “ala conspiratória” (como Alex Jones, Rush Limbaugh e Glenn Beck), o *Tea Party Movement* apresentou em suas posturas, pautas e mesma estrutura descentralizada, um forte alinhamento com agendas alinhadas tanto aos Defensores do Livre mercado, quanto da Direita Religiosa e Conspiracionista. Tem-se, nesse contexto, o princípio de um “reaquecimento” do anticomunista fusionista da década de 1950, agora reconfigurado como simples “*anti-establishment*”.

Mas seria um erro atribuir o crescimento do pensamento conspiratório apenas à “excepcionalidade” dos eventos da virada do século ou à emergência de novas tecnologias de comunicação. Não só as instituições da “ala” conspiratória estavam numa crescente desde os anos 1980, como se observa o surgimento de organização que não faziam referência direta a esses eventos. Em 2002 Pat Buchanan fundou a *The American Conservative*; em 2005 foi instaurado o “think tank” supremacista branco *National Policy Institute*; o *The Glenn Beck Program* foi ao ar em 2006; e o *Freedom Workers*, que cresceu no período da crise *subprime*, foi fundado em 2004, ou seja, anos antes.

Por outro lado, reconhecer a predominância de organizações pautadas no conspiracionismo não implica desconsiderar a ação das outras “alas”. Não só as instituições

da Direita Religiosa e dos Defensores do Livre Mercado seguiram ativas nesses contextos como se encontra o surgimento de organizações conservadores que não tinham o conspiracionismo como principal motor, como: *Maine Policy Institute* (2002); *Association of Mature American Citizens* (2007) ou o *American Principles Project* (2009).

O que deve ser considerado é que nos Estados Unidos (e em partes da Europa e no Brasil), os anos 2010 foram de acentuação da concentração de renda, depreciação da qualidade de vida e diminuição da classe média, além de disputas sobre avanços em pautas sociais e identitárias (como igualdade racial e de gênero). E, ao mesmo tempo, identificou-se um crescimento das instituições alinhadas com a “ala conspiratória”. Além dos já mencionado *Tea Party Movement* (e associados, como *Tea Party Express* e *Tea Party Patriots*), de 2009; tem-se o *Turning Point USA* (2012), o *Professor Watchlist* (2016); a *Canary Mission* (2014); além do *Washington Summit Publishers* (2008) e *AlternativeRight.com* (2010) e mais.

A perpetuação da ideia de que as eleições eram inúteis, simples mecanismos de manutenção do poder, uma vez que, desde os finais dos anos 1980, eram disputadas entre dois membros da “elite global”, ajudou a reforçar – junto aos conspiracionistas – a necessidade de um campeão externo ao *establishment*. Já entre os religiosos, as sequentes “derrotas” de agendas contra direitos sociais e civis (como o aborto, casamento homoafetivo, legalização de entorpecentes e afins), foi racionalizada no princípio jeremiada de derrota pela pouca fé da atual geração. O que, por sua vez, também favoreceu a imagem do ídolo, líder e salvador externo ao *establishment*. O chamado por mudança de Obama, não atendido pelo pensamento conspiratório nas direitas (na Religiosa, na Conspiratória, mas também em parte dos Defensores do livre mercado), construiu para as eleições de 2016 a verdadeira “hora da verdade”, a “verdadeira mudança”. Donald Trump, o “candidato anti-establishment”, apresentou-se como um ponto focal no qual as direitas Religiosa e Conspiratória (agora sistematizada na Direita Alternativa) pudesse se alinhar.

Nesse sentido a Direita Alternativa, em seu misto de racismo e paranoia, apesar de apresentar-se contrária tanto aos Defensores do livre mercado e à Direita religiosa, trouxe em seus princípios narrativas e visões de mundo semelhantes. A já tradicional noção jeremiada da falta de fé da atual geração foi readaptada no masculinismo em oposição ao feminismo. As bandeiras identitárias e de representatividade, levantadas por grupos negros e LGBTQIA+ a décadas, foram confrontadas pela bandeira “identitária branca ocidental”. Políticas de

reparação histórica para diminuir desigualdade racial foram recebidas, por esses grupos, como um ataque direto ao “homem branco”. A Direita alternativa, reeditando a paranoia dos anos 1960, encontrou uma conspiração para identificar-se como vítima. E essa “reedição” engloba não somente os libertários, anarcocapitalistas, religiosos, tradicionalistas e anticomunistas, (na já tradicional tríade “Defensores do livre Mercado, Direita Religiosa e Conspiracionistas”) como também os supremacistas raciais, antifeministas, e mais.

A narrativa da Direita Alternativa reorganiza a retórica republicana da guerra de forma a atender todos esses grupos. Nessa visão o Estado como um todo foi sequestrado pela esquerda, de G. H. W. Bush até Obama. O avanço da esquerda, além de deteriorar a economia (o que apela aos libertários e afins) afeta também a cultura. Os avanços políticos de pautas referente aos direitos de grupos minoritários foram reconhecidos como derrotas do “grupo majoritário”. Já em 2013 levantava-se a bandeira do Genocídio Branco. A antiga teoria dos anos 1960 de que Hollywood empregaria negros em papais “de brancos” como forma de promover o comunismo, foi readaptado como crítica a “cultura woke”. Como apontam Karen Middleton e Sarah Turnbull, a pressão da opinião coletiva de consumidores força marcas e instituições a mudarem suas lógicas. Assim, empresas e marcas começaram a orientar seus produtos e publicidades de forma a atender essa demanda, logo, diversos produtos (incluindo produtos culturais) passaram a integrar elementos que referenciam pessoas negras, gays e mais, em posições não tradicionais¹⁸⁹³. No entanto, teóricos da conspiração enxergaram esse movimento não como um movimento de mercado, explorando o potencial econômico dessas pautas, mas sim como um grande cavalo de troia. Essa pauta é, portanto, abraçada tanto pela “ala conspiratória” tradicional, como também é apelativa a grupos racistas, religiosos e homofóbicos como um todo. Na retórica da guerra tem-se aqui a causa.

Já o Estado, ou seja, o “*establishment*”, conquistado pelo socialismo e globalismo, foi responsabilizado pelas derrotas (tanto econômicas, com o encolhimento da classe média; como morais, com o avanço de pautas raciais e de gênero). Readaptando os princípios dos teóricos da conspiração do período logo fim da Guerra Fria, o medo não seria da dominação dos comunistas, mas do domínio pelos comunistas. Ou seja, o Estado precisaria ser recuperado dos inimigos. Aqui também se apela aos religiosos e conspiracionistas, mas

¹⁸⁹³ MIDDLETON, Karen; TURNBULL, Sarah. How advertising got ‘woke’: The institutional role of advertising in the emergence of gender progressive market logics and practices. *Marketing Theory*, v. 21, n. 4, p. 561-578, 2021.

principalmente, apela-se ao trabalhador que viu seu poder de compra decair e à classe média que encolheu ao longo da década. Na retórica republicana da guerra, tem-se aqui uma definição genérica do inimigo. Simultaneamente, a “esquerda” foi constantemente pintada como demoníaca, Alex Jones, de forma literal: “Hillary Clinton e Barack Obama são atormentados por enxames de moscas onde quer que vão. Por quê? Porque eles cheiram a enxofre. Por quê? Porque eles são possuídos por demônios”¹⁸⁹⁴ (demonização).

Obama, Hillary Clinton, os democratas, os liberais, mesmo os neoconservadores. Todos que compuseram o “*establishment*” desde, pelo menos, os anos 1980 foram identificados como inimigos específicos. Portanto, as eleições não seriam rituais políticos (democráticos ou não), mas uma guerra. Nesse sentido, a defesa da nação, dos valores tradicionais e mesmo da “raça branca”, se daria através da guerra (justificativa da guerra).

A ascensão de Donald Trump veio como um chamado de guerra que ecoou diferentemente para diferentes grupos.

Nesse sentido pode-se considerar que a “América virou-se contra os *experts*”, usando a expressão de Nichols, pois as instituições (políticas e epistêmicas) encontravam-se consideravelmente fragilizadas. E essa fragilidade se deu não só por uma sequência de “fracassos” governamentais diante de sequentes crises, mas também pela ação de grupos que, na promoção de seus interesses, manipularam o Capital Científico (tanto puro, quanto institucional) de seus associados acadêmicos, desvalorizando-o não só mediante a campo político, mas também ao social.

Desde os anos 1930 a imagem social e política do cientista nos Estados Unidos encontra-se em uma disputa, vezes visto como legítimo agente político na busca por um avanço social e econômico (como foram os casos dos anos 1920, com o CFR, nos anos 1930 com o *Brain Trust*, ou nos anos 1940 com o AEI, o FEE, a MPS e afins); vezes apontado como inimigo do povo, comunistas ou desconexos da realidade (como nos anos 1950 e 1980 a diante). Embora, como visto, o número de republicanos com ensino superior tenha sido historicamente maior que o de democratas, as acusações de que os campus universitários e as salas de aulas eram verdadeiras câmaras de conversão, treinadas para produzir novos “esquerdistas”, nunca deixou de ser efetivamente desfeita. De fato, nas décadas de 1960 e 1970 houve uma

¹⁸⁹⁴ GORSKI, Philip. Why evangelicals voted for Trump: A critical cultural sociology. *American Journal of Cultural Sociology*. July 2017.

iniciativa do empresariado em “endireitar” o ensino superior e, nos anos 1980 e 1990, com a vitória da agenda neoliberal a própria “função” das universidades foi modificada na medida em que o “Capitalismo Acadêmico” avançou nos anos 1990, impactando desde a forma como as instituições produziam suas pesquisas ou angariava alunos. Não por coincidência as décadas de 1980 e 1990 são as de maior crescimento de instituições associadas à “ala conspiratória” das direitas estadunidense.

Na complexa economia de capitais (Político, Social, Econômico, Cultural e afins) dos agentes econômicos, políticos, religiosos e científicos dos Estados Unidos (isso é, partidos políticos, administrações presidenciais, empresários, think tanks, universidades e afins), o Capital Científico foi massivamente desvalorizado, seja por seu uso “indevido” (como na defesa de agendas anticientíficas) ou seja pelas mudanças nas instituições do conhecimento. Somado isso à desvalorização das instituições do Estado devido às crises, a negação ao *expert* se deu na racionalização de que este é ao mesmo tempo culpado por levar às crises; por não evitá-la; ou, já na crise, por não conseguir remediá-la. Nesse contexto, os grupos que já professavam posturas anti-intelectuais ou conspiratórias triunfaram e conquistaram espaços que antes lhes eram negados ou, ao menos, dificultados.

Verifica-se que a ordem do conhecimento nos Estados Unidos obedece a um padrão histórico de luta entre atores associados à instituições políticas. O pensamento conspiratório (ou mesmo agentes dessa “ala” conspiratória) foi instrumentalizado diversas vezes na história dos Estados Unidos, mas quase sempre, alinhado com os Defensores do livre mercado. No entanto, ao avançar do século XXI, a “ala conspiratória” que tradicionalmente ocupava um papel de coadjuvante, conquistou o protagonismo. Dessa forma, a ascensão do pensamento conspiratório como principal fonte de união de movimentos políticos (em especial na direita), já tendo precedente (como na década de 1950 e 1960), pode ser compreendido não como um evento resultante de novas tecnologias de comunicação, ou pela ascensão de uma figura política carismática (embora esses sejam fatores relevantes), mas sim como o resultado de um “desordem do conhecimento” nos Estados Unidos no qual as instituições legitimadoras, sem poder de legitimar perderam relevância.

FONTES PRIMÁRIAS

DOCUMENTOS OFICIAIS

- **Arquivo Nacional dos Estados Unidos**

NATIONAL ARCHIVES. Declaration of Independence: A Transcription. Disponível em: <<https://www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript>> Acesso em 22 jun. 2022.

NATIONAL ARCHIVES. Founder Online. To George Washington from G. W. Snyder, 22 August 1798. Disponível em: <https://founders.archives.gov/documents/Washington/06-02-02-0435>> Acesso em 10 out. 2022.

NATIONAL ARCHIVES. *The Bill of Rights*: A Transcription. Disponível em: <<https://www.archives.gov/founding-docs/bill-of-rights-transcript>>. Disponível em: 05 jul. 2022.

- **Casa Branca**

BUCHANAN, Patrick. *Media Memorandum for the President*. May 21, 1970. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjR0J601936AhWMGbkGHSVmDWAQFnoECAoQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.nixonlibrary.gov%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Fvirtuallibrary%2Fdocuments%2Fjan10%2F025.pdf&usg=AOvVaw2kCBhOjQydKp9iUsKDVYev>> Acesso em 10 out 2022.

OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE WASHINGTON DC. *Defense Strategy for the 1990's: The Regional Defense Strategy*. Washington: US Department of Defense. January 1993.

UNITED STATES OF AMERICA. *Alien Registration Act of 1940*, p. 1. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwia2qP3lcT4AhVvq5UCHXrbB1EQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Floveman.sdsu.edu%2Fdocs%2F1940AlienRegistrationAct.pdf&usg=AOvVaw3qhFAI5Yju9yzaAN8EWWBm>>. Acesso em: 20 jul. 2022..

THE WHITE HOUSE. Backgrounder: the president's quotes on islam . *The White House President George W. Bush*. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/ramadan/islam.html>> Acesso em 05 mar. 2024.

THE WHITE HOUSE. Executive Order 13237. Creation of The President's Council on Bioethics, The White House. November 28, 2001. Disponível em: <<https://bioethicsarchive.georgetown.edu/pcbe/about/executive.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

THE WHITE HOUSE. White House Faith-based and community initiative. The White House. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/government/fbci/president-initiative.html>> Acesso em 20 nov.. 2023

- **Congresso Nacional dos Estados Unidos**

ABRAHAM, Spencer. *Christianity in public life today*. Congressional Record Vol. 143, No. 149.

Senate - October 30, 1997. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-143/issue-149/senate-section/article/S11487-2>> Acesso em 20 nov.. 2023.

FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. March 12, 1937 Vol. 81, Part 2 — Bound Edition 75th Congress - 1st Session. p.2183. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1937/03/12/house-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22Hamilton%22%2C%22fish%22%2C%22Armstrong%5C%22%22%5D%7D&s=5&r=34>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

HATCH, Orrin. *National biotechnology month*; Congressional Record Vol. 146, No. 5. Senate. January 31, 2000. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-146/issue-5/senate-section/article/S144-2?q=%7B>> Acesso em 20 nov. 2023.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. June 8, 1950, vol. 96, part 6 - Bound Edition, p. 8339. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1950/06/08/house-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22american+enterprise+association%5C%22%22%2C%22%5C%22american%22%2C%22enterprise%22%2C%22association%5C%22%22%5D%7D&s=6&r=4>>. Acesso em 05 jun. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Address by his excellency, binyamin netanyahu, prime minister of israel. July 10, 1996 - Issue: Vol. 142, No. 101 — Daily Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-142/issue-101/house-section/article/H7160-1?q={>> Acesso em 10 out. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. June 28, 1972 Vol. 118, Part 18 . Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1972/06/28/extensions-of-remarks-section?p=0>> Acesso em 10 out 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. September 29, 1993 Vol. 139, Part 16 — Bound Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1993/09/29/extensions-of-remarks-section?p=0>> Acesso em 10 out. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. . Disponível em: <<https://www.congress.gov>> Acesso em 10 out. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. Extensions of Remarks. June 19, 1972 Vol. 118, Part 17. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1972/06/19/extensions-of-remarks-section?p=0>> Acesso 10 out 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. June 11, 1943, vol. 89, part 4 - Bound Edition, p. 5691. Disponível: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1943/06/11/senate-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22Committee+for+Economic+Development%5C%22%22%2C%22%5C%22Committee%22%2C%22for%22%2C%22Economic%22%2C%22Development%5C%22%22%5D%7D&s=1&r=3>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. The contribution of the fulbright program. September 29, 1995 - Issue: Vol. 141, No. 154 — Daily Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/congressional-record/volume-141/issue-154/senate-section/article/S14698-3?q={>> Acesso em 10 out. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Congressional Record*. December 16, 1940 Vol. 86, Part 12 — Bound Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1940/12/16/senate-section?q=%7B%22search%22%3A%5B%22%5C%22Hamilton+fish+Armstrong%5C%22%22%2C%22%5C%22Hamilton%22%2C%22fish%22%2C%22Armstrong%5C%22%22%5D%7D&s=5&r=33>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

U.S. FEDERAL LEGISLATIVE INFORMATION. *Senate Pages*. July 28, 1993 Vol. 139, Part 12 — Bound Edition. Disponível em: <<https://www.congress.gov/bound-congressional-record/1993/07/28/senate-section?p=0>> Acesso em 10 out. 2022.

- **Relatórios especiais e de comissões**

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. Comprehensive Report of the Special Advisor to the DCI on Iraq's WMD, with Addendums (Duelfer Report). Central Intelligence Agency. April 25, 2005. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/app/details/GPO-DUELFERREPORT>> Acesso em 05 de nov. 2023.

COUNCIL OF ECONOMIC ADVISERS. *The Economic Impact Of The American Recovery And Reinvestment Act Five Years Later Final Report To Congress*. Executive Office Of The President. February 2014. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/administration/eop/cea/factsheets-reports>> Acesso em 05 mar. 2024.

COMMISSION ON THE INTELLIGENCE CAPABILITIES OF THE UNITED STATES REGARDING WEAPONS OF MASS DESTRUCTION. *Unclassified. Version of the Report*

of the Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction. Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction. March 31, 2005. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/app/details/GPO-WMD>> Acesso em 05 de nov. 2023.

GARDNER, David P. et al. *A Nation At Risk: The Imperative For Educational Reform.* An Open Letter to the American People. A Report to the Nation and the Secretary of Education. 1983.

POWELL Jr., Lewis. *Attack on American Free Enterprise System.* August 23. 1971. Disponível em: <<https://scholarlycommons.law.wlu.edu/powellmemo/1/>> Acesso em 10 out 2022.

RECENT SOCIAL TRENDS IN THE UNITED STATES: Report of the President's Research Committee on Social Trends. McGraw-hill book company: New York and London. 1933. p. XI-XIII.

THE IRAQ STUDY GROUP. *The Iraq Study Group Report.* Washington: United States Institute of Peace, December 6, 2006.

THE NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. *Complete 9/11 Commission Report.* The National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States. August 21, 2004. Disponível em: <<https://9-11commission.gov/report/>> Acesso em 20 nov. 2023.

DISCURSOS

- **Osama Bin Laden**

LADEN, Osama Ben. *Messages to the world: The statements of Osama bin Laden.* Verso, 2005. p. 23-31

- **George H. W. Bush**

BUSH, George H. W. *Presidential Address on National Drug Policy.* September 5, 1989. Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?8921-1/president-bush-address-national-drug-policy >> Acesso em 10 out 2022.

BUSH, George Herbert Walker. *Address Before a Joint Session of Congress.* September 11, 1990. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-11-1990-address-joint-session-congress>> Acesso em 10 out 2022.

BUSH, George Herbert Walker. *State of the Union Address*. January 29, 1991. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-29-1991-state-union-address>> Acesso em 10 out 2022.

- **George W. Bush**

BUSH, George W. *Address at the Citadel*. in: _____. *Selected Speeches of President George W. Bush 2001 – 2008*. National Archives, 2011.

BUSH, George W. *Address to the nation on operations in afghanistan* in: _____. *Selected Speeches of President George W. Bush 2001 – 2008*. National Archives, 2011.

BUSH, George W. *Adress To the nation on military operations in iraq.* in: _____. *Selected Speeches of President George W. Bush 2001 – 2008*. National Archives, 2011.

BUSH, George W. *First inaugural adress january 20, 2001*. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-2001-first-inaugural-address#dp-expandable-text>> Acesso em 20 nov.. 2023.

BUSH, George W. *Letter from the President to Senators Hagel, Helms, Craig, and Roberts*. The White House. March 13, 2001. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/03/20010314.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

BUSH, George W. *President George W. Bush Speaks at AEI's Annual Dinner*. American Enterprise Institute. Speech. February 28, 2003. Disponível em: <<https://www.aei.org/research-products/speech/president-george-w-bush-speaks-at-aeis-annual-dinner/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

BUSH, George W. *Remarks at the UN General Assembly*. September 12, 2002. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-12-2002-remarks-un-general-assembly>> Acesso em 20 nov.. 2023.

BUSH, George W. *Remarks on the future of iraq*. in: _____. *Selected Speeches of President George W. Bush 2001 – 2008*. National Archives, 2011.

BUSH, George W. *State of the Union Address*. January 28, 2003. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-28-2003-state-union-address>> Acesso em 20 nov. 2023.

BUSH, George W. *Transcript of President Speech*. *CNN.com*. May 02, 2003. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2003/US/05/01/bush.transcript/>> Acesso em 04. mar. 2024.

BUSH, George Walker. *Address to the Nation on the Terrorist Attacks*, September 11, 2001. Miller Center. Disponível em: < <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-11-2001-address-nation-terrorist-attacks>> Acesso em 20 nov.. 2023.

BUSH, George W. Presidente Discusses Stem Cell Research. The White House. August 9, 2001. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/08/20010809-2.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

THE NEW YORK TIMES. Full text of Bush's acceptance speech. *The New York Times*. August 4, 2000. Disponível em: <<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/library/politics/camp/080400wh-bush-speech.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

THE NEW YORK TIMES. Text: Bush's Speech on Iraq. *The New York Times*. March 2003. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2003/03/18/politics/text-bushs-speech-on-iraq.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

THE WASHINGTON POST. Text: Presidente Bush Addresses the Nation. September 20, 2001. *The Washington Post*. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials/attacked/transcripts/bushaddress_092001.html> Acesso em 20 nov. 2023.

THE WASHINGTON POST. Text: Presidente Bush speaks at Yale graduation. On Politic. Washington Post. May 21, 2001. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/bushtext052101.htm>> Acesso em 20 nov.

- **Dwight Eisenhower**

EISENHOWER, Dwight D. *First Inaugural Address*. January 20, 1953. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-1953-first-inaugural-address>> Acesso em 10 out 2022.

EISENHOWER, Dwight D. *Remarks at the Breakfast in Los Angeles* Given by Republican Groups of Southern California. September 24, 1954. Disponível em <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-the-breakfast-los-angeles-given-republican-groups-southern-california>> Acesso em 10 out 2022.

- **Barry Goldwater**

GOLDWATER, Barry. Acceptance Speech. 1964. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/daily/may98/goldwaterspeech.htm>> acesso em 10 out 2022.

- **Herbert Hoover**

HOOVER, Herbert. Inaugural Address. March 4, 1929. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1929-inaugural-address>>. Acesso em: 16 mar 2022.

HOOVER, Herbert. *Address to the Gridiron Club*. April 09, 1932. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-gridiron-club-5>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

- **Thomas Jefferson**

JEFFERSON, Thomas. *Second Inaugural Address*. March 4, 1805. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1805-second-inaugural-address>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

- **Abraham Lincoln**

LINCOLN, Abraham. *A House Divided Speech*. June, 16, 1858. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/june-16-1858-house-divided-speech>>. Acesso em: 10 jul. /2022.

- **Barack Obama**

OBAMA, Barack. Inaugural Address January 20, 2009. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-20-2009-inaugural-address>> Acesso em 05 de mar. 2024.

OBAMA, Barack. Address Before a Joint Session of Congress February 24, 2009. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/february-24-2009-address-joint-session-congress>> Acesso em 05 mar. 2024.

OBAMA, Barack. *President Obama's Speech in Cairo: A New Beginning*: Washington. The White House, January 4, 2009. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/NewBeginning/transcripts>> Acesso em 05 mar. 2024

OBAMA, Barack. Victory Speech. *NPR election 2008*. Transcript Of Barack Obama's Victory Speech. November 5, 2008. Disponível em: <<https://www.npr.org/2008/11/05/96624326/transcript-of-barack-obamas-victory-speech>> Acesso em 05 mar. 2024.

- **Ronald Reagan**

REAGAN, Ronald. *A time for Choosing*. October 27. 1964. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/october-27-1964-time-choosing>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald. *Address to the Nation on Iran-Contra*. March 4, 1987. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1987-address-nation-iran-contra>> Acesso em 05 de nov. de 2023.

REAGAN, Ronald. *Address to the Nation on Iran-Contra*. March 4, 1987. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1987-address-nation-iran-contra>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald. *Address to the Nation on National Security*. Miller Center. March 23, 1983. Disponível em <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-23-1983-address-nation-national-security>> Acesso em 05 de nov. 2023.

REAGAN, Ronald. *Debate with Walter Mondale* (Domestic Issues). October 7, 1984. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/october-7-1984-debate-walter-mondale-domestic-issues>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald. Remarks in a Fudan University Classroom. April 30, 1984. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-30-1984-remarks-fudan-university-classroom>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald. Speech to the Nation on Air Strikes Against Libya. April 14, 1986. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-14-1986-speech-nation-air-strikes-against-libya>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald. *Speech to the Nation on the Campaign Against Drug Abuse*. September 14, 1986. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/september-14-1986-speech-nation-campaign-against-drug-abuse>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald. *State of the Union Address*. February 6, 1985. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/february-6-1985-state-union-address>> Acesso em 10 out 2022.

REAGAN, Ronald.. *"Evil Empire" Speech*. Miller Center. March 8, 1983. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-8-1983-evil-empire-speech>> Acesso em 05 de nov. 2023.

REAGAN, Ronald.. *Address on Central America*. April 27, 1983. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-27-1983-address-central-america>> Acesso em 05 de nov. de 2023.

REAGAN, Ronald.. *Address to the Nation on National Security*. Miller Center. March 23, 1983. Disponível em <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-23-1983-address-nation-national-security>> Acesso em 05 de nov. 2023.

- **Frankling Roosevelt**

ROOSEVELT, Franklin. *Address to Congress Requesting a Declaration of War*. December 8, 1941. Disponível em:

<<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/december-8-1941-address-congress-requesting-declaration-war>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

ROOSEVELT, Franklin. January 6, 1941: *State of the Union* (Four Freedoms). Miller Center. Disponível em: < <https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-6-1941-state-union-four-freedoms>> Acesso em 20 abr. 2024

ROOSEVELT. Franklin. *Address at the Democratic State Convention*, Syracuse, N.Y. September 29, 1936. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-democratic-state-convention-syracuse-ny>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

ROOSEVELT. Franklin. Fireside Chat 19: On the War with Japan. December 9, 1941. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/december-9-1941-fireside-chat-19-war-japan>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ROOSEVELT. Franklin. First Inaugural Address. March 4, 1933. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-4-1933-first-inaugural-address>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

- **Adlai Stevenson**

STEVENSON. Adlai. *Speech Accepting the Democratic Presidential Nomination*. delivered 26 July 1952 Chicago, Disponível em:<<https://www.americanrhetoric.com/speeches/adlaistevenson1952dnc.html>> Acesso em 10 out 2022.

- **Henry Truman**

TRUMAN, Harry. Statement by the President Announcing the Use of the A-Bomb at Hiroshima. August 6, 1945. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/august-6-1945-statement-president-announcing-use-bomb>> Acesso em 10 mai. 2022.

- **Donald Trump**

POLITICO. Full text: Donald Trump 2016 RNC draft speech transcript. *Politico*. Jul 21, 2016. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974>> Acesso em 18 abr. 2024.

TRUMP, Donald. Annoucement Speech. *Times*. June 16, 2015. Disponível em: <<https://time.com/3923128/donald-trump-annoucement-speech/>> Acesso em 20 abr. 2024.

TIME. Here's Donald Trump's Presidential Announcement Speech. *Time* June 16, 2015. Disponível em: <<https://time.com/3923128/donald-trump-announcement-speech/>> Acesso em 18 abr. 2024.

- **George Washington**

WASHINGTON. George. First Inaugural Address. April 30, 1789. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-30-1789-first-inaugural-address>>. Acesso em: 22 jun 2022.

WASHINGTON. George. Thanksgiving Proclamation. October 3, 1789. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/october-3-1789-thanksgiving-proclamation>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

- **Woodrow Wilson**

WILSON. Woodrow Address to Congress Requesting a Declaration of War Against Germany". April 22, 1917. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/april-2-1917-address-congress-requesting-declaration-war>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

WILSON. Woodrow. "*A World League for Peace*". Speech. January 22, 1917. Disponível em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/january-22-1917-world-league-peace-speech>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

- **Lyndon Johnson**

JOHNSON, Lyndon B. *Remarks in San Antonio at the Signing of the Medicare Extension Bill April 08, 1966*. The American Presidency Project. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/remarks-san-antonio-the-signing-the-medicare-extension-bill>> Acesso em 18 abr. 2024

- **Colin Powell**

THE WASHINGTON POST. Text: Powell on U. S. Response to Attacks. The Washinton Post. Spتمبر 12, 2001. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/transcripts/powelltext_091201.html> Acesso em 20 nov.. 2023.

PUBLICAÇÕES DE THINK TANKS

- *American Enterprise Institute*

Relatórios anuais

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *2010 annual report*. Washington: American Enterprise Institute. 2010. <<https://www.aei.org/about/annual-report/>> Acesso em 05 mar. 2024.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *2012 annual report*. Washington: American Enterprise Institute. 2012. <<https://www.aei.org/about/annual-report/>> Acesso em 05 mar. 2024.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *2013 annual report*. Washington: American Enterprise Institute. 2013. <<https://www.aei.org/about/annual-report/>> Acesso em 05 mar. 2024.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. *2014 annual report*. Washington: American Enterprise Institute. 2014. <<https://www.aei.org/about/annual-report/>> Acesso em 05 mar. 2024.

Site oficial

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE, The. *History of AEI*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090708195505/http://www.aei.org/history>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. \$100 Billion: For Reform . . . or to Subsidize the Status Quo?. American Enterprise Institute Press. Jun 23, 2009. Disponível em: <<https://www.aei.org/press/100-billion-for-reform-or-to-subsidize-the-status-quo/>> Acesso 05 mar. 2024.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. John W. Snow Latest Work. *American Enterprise Institute*. Disponível em: <<https://www.aei.org/profile/john-w-snow/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Kenneth Polack. American Enterprise Institute. Scholars. Disponível em: <<https://www.aei.org/profile/kenneth-pollack/>> Acesso em 05 de nov. 2023.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Leon R. Kass. AEI, Scholars. Disponível em: <<https://www.aei.org/profile/leon-r-kass/>> Acesso em 2 nov. 2024

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. The AEI-Brookings Joint Center for Regulatory Studies. *AEI article*. November 01, 1998. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-aei-brookings-joint-center-for-regulatory-studies/>> Acesso em 04 mar. 2024.

Publicações

APPLEBAUM, Anne. America Wants to Kiss and Make Up. *American Enterprise Institute* Article. February 03, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/america-wants-to-kiss-and-make-up/>> Acesso em 05 mar. 2024.

BARONE, Michael. Mistaken Assumptions. *American Enterprise Institute* Article. January 01, 2010. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/mistaken-assumptions/>> Acesso em 05 mar. 2024.

BARONE, Michael. Trump Pivoting Away from New York Tabloid-style Campaigning. *American Enterprise Institute*. Article. June 23, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trump-pivoting-away-from-new-york-tabloid-style-campaigning/>> Acesso em 20 abr. 2024.

BARONE, Michael. Two Impossible Things That Could Happen in 2016. *American Enterprise Institute*, Article, August 26, 2015. Disponível Em: <<https://www.aei.org/articles/two-impossible-things-that-could-happen-in-2016/>> Acesso em 20 abr. 2024.

BOWMAN, Karlyn; SIMS, Heather. You're Fired! The Polls and Donald Trump. *American Enterprise Institute, AEIdeas*. June 10, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/politics-and-public-opinion/polls/youre-fired-the-polls-and-donald-trump/>> Acesso em 20 abr. 2024.

BOWMAN, Karlyn. A Year After Iraq War, Most Americans Say Stay the Course. *AEI article*. March 24, 2004. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/a-year-after-iraq-war-most-americans-say-stay-the-course/>> Acesso em 04 mar. 2024

BOWMAN. Karlyn. *Milton Friedman and AEI*. *AEIdeas*. July 31, 2012. Disponível em: <<https://www.aei.org/society-and-culture/free-enterprise/milton-friedman-and-aei/>> Acesso em 10 out 2022.

CARNEY, Timothy. Trump Rips Hillary Effectively, Making Trump Nomination More Regrettable. *American Enterprise Institute*. Article, June 22, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trump-rips-hillary-effectively-making-trump-nomination-more-regrettable/>> Acesso em 20 abr. 2024.

GLASSMAN, James; BALIUNAS, Sallie. *Bush Is Right on Global Warming*. *The Weekly Standard*. *American Enterprise Institute* Article. Jun 25, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/bush-is-right-on-global-warming/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

GLASSMAN, James. He Should Just Go. *American Enterprise Institute*, Article. January 05, 1999. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/he-should-just-go/>> Acesso em 20 nov. 2023.

GLASSMAN, James. It's Not Too Late: How to Give Americans a Choice for President They Really Want. *American Enterprise Institute*. Article. JULY 15, 2016. Disponível em:

<<https://www.aei.org/articles/its-not-too-late-how-to-give-americans-a-choice-for-president-they-really-want/>> Acesso em 20 abr. 2024.

GLASSMAN, James. Not Terrorism, but War. American Enterprise Insitute, article September 12, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/not-terrorism-but-war/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

GOLDBERG, Johnah. Column: The Trump lesson that Bush and Clinton should heed. *Los Angeles Times*. July 15, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-goldberg-personality-trumps-brand-in-politics-20150721-column.html> > Acesso em 20 abr. 2024.

GOLDBERG, Johnah. Column: Trump is a bad deal for the GOP. *Los Angeles Times*, june 7, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-0707-goldberg-trump-infamy-20150707-column.html>> Acesso em 20 abr. 2024.

GOLDBERG, Johnah. Column:The false populism of George Pataki. *Los Angeles Times*, june 2, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-0602-goldberg-pataki-2016-20150602-column.html>> Acesso em 20 abr. 2024.

GOLDBERG, Jonah. Jeb Bush Is Not The Gop's Ideal 'Change' Candidate. *American Enterprise Institute, Article*. March 13, 2015. Disponível Em: <<https://www.aei.org/articles/jeb-bush-is-not-the-gops-ideal-change-candidate/>> Acesso em 20 abr. 2024.

HASSETT, Kevin. Regulations Are at the Root of U.S. Housing Mess. *American Enterprise Institute Article*. Arch 17, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/regulations-are-at-the-root-of-u-s-housing-mess/>> Acesso em 05 mar. 2024.

HAUPTMAN, Kyle. The 'Trump Bump': Markets Aren't Really Buying It. *American Enterprise Institute AEIdeas*. july 23, 2015. Disponível em: < <https://www.aei.org/politics-and-public-opinion/the-trump-bump-markets-arent-really-buying-it/>> Acesso em 20 abr. 2024.

HESS, Frederick. What's the Best Use of Stimulus Money?. *American Enterprise Institute Article*. June 30, 2009. Disponível em < <https://www.aei.org/articles/whats-the-best-use-of-stimulus-money/>> Acesso em 05 mar. 2024

HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations*. American Enterprise Institute. Event, October 19, 1992. Disponível em: <<https://www.aei.org/events/the-clash-of-civilizations/>> Acesso em 10 out. 2022.

KELLY, Andrew. Hillary Clinton Tacks Left on Higher Ed . American Enterprise Institute. Article. July 7, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/hillary-clinton-tacks-left-on-higher-ed/>> Acesso em 20 abr. 2024.

LEDEEN, Michael. *The Real Threat*. American Enterprise Institute. Article. September 18, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-real-threat/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

LINDSEY, Lawrence. What We Want in a President. *American Enterprise Institute. article*. January 02, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/what-we-want-in-a-president-2/>> Acesso em 05 mar. 2024.

MELTZER, Allan. Why the Crisis? *American Enterprise Institute article*. February 20, 2008. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/why-the-crisis-2/>> Acesso em 05 mar. 2024

MYLROIE, Laurie. . *The Iraq Connection*. American Enterprise Institute. Article. September 13, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-iraqi-connection/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

NOVAK, Michael. *The principle's the things*. American Enterprise Institute. Article. August 10, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-principles-the-thing/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

ORNSTEIN, Norman; GUSTAFSON, Sarah. The Eight Causes of Trumpism. American Enterprise Institute, Article. January 4, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-eight-causes-of-trumpism/>> Acesso em 20 abr. 2024.

ORNSTEIN, Norman. Can't aim high? Aim below the belt. USA Today. American Enterprise Institute. January 14, 199. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/cant-aim-high-aim-below-the-belt/>> Acesso em 20 nov. 2023

PERLE, Richard. *Should Iraq be Next?*. American Enterprise Institute. Article. December 16, 2001. Disponível: <<https://www.aei.org/articles/should-iraq-be-next/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

PERLE, Richard. *The United States Must Strike at Saddam Hussein*. American Enterprise Institute. Article. January 01, 2002. Disponível em: < <https://www.aei.org/articles/the-united-states-must-strike-at-saddam-hussein/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

PERLE. Richard. *State Sponsors of Terrorism Should Be Wiped Out, Too*. American Enterprise Institute. Article. September 18, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/state-sponsors-of-terrorism-should-be-wiped-out-too/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

PERRY, Mark. Donald Trump's Hypocrisy on Trade: He Outsources and Invests Globally, but Doesn't Want Ford to Do the Same?. *American Enterprise Institute, AEIdeas*. August 17, 2015. Disponível em: < <https://www.aei.org/carpe-diem/donald-trumps-hypocrisy-on-trade-he-outsources-and-invests-globally-but-doesnt-want-ford-to-do-the-same/>> Acesso em 20 abr. 2024

PETHOKOUKIS, James. Analysis: Trump Economic Plan Would Cause a Boom ... Then a Terrible Bust. American Enterprise Institute. AEIdeas. June 20, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/economics/analysis-trump-plan-boom-then-bust/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PETHOKOUKIS, James. Donald Trump Is Hypnotizing the GOP. Literally. *American Enterprise Institute, Article*. January 22, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/donald-trump-is-hypnotizing-the-gop-literally/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PETHOKOUKIS, James. Is There a Real Alternative to the Ideas of Trumpism?. *American Enterprise Institute, AEIdeas*. December 28, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/pethokoukis/is-there-a-real-alternative-to-the-ideas-of-trumpism/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PETHOKOUKIS, James.. Trump Has Upended the Republican Party. *American Enterprise Institute. Article*. February 23 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trump-has-upended-the-republican-party/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PONNURU, Ramesh. Republicans Deserve Trump. *American Enterprise Institute Article*. August 5, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/republicans-deserve-trump/>> Acesso em 20. abr. 2015.

PONNURU, Ramesh. The high cost of us protectionism. *American Enterprise Institute. Article*. July, 1, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-high-cost-of-us-protectionism/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PONNURU, Ramesh. The Upside to Trump's Latest Terrible Idea. *American Enterprise Institute. Article*. December 9, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/the-upside-to-trumps-latest-terrible-idea/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PONNURU, Ramesh. Trump Is a Nuisance, Not a Nightmare. *American Enterprise Insitutte, Article*. August 28, 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trump-is-a-nuisance-not-a-nightmare/>> Acesso em 20 abr. 2024

RUBIN, Michael. We Must Not Leave Iraq. *AEi article*. December 08, 2006. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/we-must-not-leave-iraq/>> Acesso em 04 mar. 2024.

SCHNEIDER, William. Where were you? American Enterprise Institute. article. September 15, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/where-were-you/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

SCISSORS, Derek. What Trump's 'America First' Means for Trade. *American Enterprise Institute. Article* June 23, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/what-trumps-america-first-means-for-trade/>> Acesso em 20 abr. 2024.

THIESSEN, Marc. Trump Gives up GOP's Historic Advantage on Foreign Policy. *American Enterprise Institute, AEIdeas*, may 24, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/politics-and-public-opinion/trump-gives-up-gops-advantage-foreign-policy/>> Acesso em 20 abr. 2024.

THIESSEN, Marc.. Trump's Left-leaning Gamble on Foreign Policy. *American Enterprise Institute*. Article. June 7, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/trumps-left-leaning-gamble-on-foreign-policy/>> Acesso em 20 abr. 2024.

WALLISON, Peter. Is the War Lost? AEI article. July 27, 2007. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/is-the-war-lost/>> Acesso em 04 mar. 2024.

WALLSTEN, Scott; KOSEC, Katrina. The economic costs of the war in Iraq. *AEI-Brookings Joint Center Working Paper*, n. 05-19, 2005.

WATTENBERG. Ben. *Not a Comparison*. American Enterprise Institute. Article. August 16, 2001. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/not-a-comparison/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

YOO, John; DELAHUNTY, Robert. On Hillary, Let the Voters Decide. *American Enterprise Institute*. Article. July 6, 2016. Disponível em: <<https://www.aei.org/articles/on-hillary-let-the-voters-decide/>> Acesso em 20 abr. 2024.

- ***Council on Foreign Relations***

Relatórios anuais

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 1997*. July 1, 1996–June 30, 1997. New York: Council on Foreign Relations. 1997. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 20 nov. 2023.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2001*. July 1, 2000 –June 30, 2001. New York: Council on Foreign Relations. 2002.p. 91. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 20 nov.. 2023.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2002*. July 1, 2001 –June 30, 2002. New York: Council on Foreign Relations. 2002. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>>

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2004*. July 1, 2003–June 30, 2004. New York: Council on Foreign Relations. 1997. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 20 nov.. 2023.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2006*. July 1, 2005 –June 30, 2006. New York: Council on Foreign Relations. 2006. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 05 nov. 2023.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2006. July 1, 2005–June 30, 2006. New York: Council on Foreign Relations. 2006. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 04 mar. 2024.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2007. July 1, 2006–June 30, 2007. New York: Council on Foreign Relations. 2007. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 04 mar. 2024.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2009. July 1, 2009–June 30, 2010. New York: Council on Foreign Relations. 2010. p. 10. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 05 mar. 2024

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. *Annual Report 2010*. July 1, 2009–June 30, 2010. New York: Council on Foreign Relations. 2010. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> acesso 10 set. 2023.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Annual Report 2014. July 1, 2014–June 30, 2015. New York: Council on Foreign Relations. 2015. p. 10. Disponível em: <<https://www.cfr.org/annual-report-archive>> Acesso em 05 mar. 2024.

Publicações

ALTMAN, Roger. Globalization in Retreat. *Foreign Affairs*. Vol 88. n. 4. July/August 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/world/globalization-retreat>> Acesso em 05 mar. 2024.

ALTMAN, Roger. The Great Crash, 2008. *Foreign Affairs* Vol 88, n 1. January/February 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2009-01-01/great-crash-2008>> Acesso em 05 mar. 2024.

BREMMER, Ian. State Capitalism Comes of Age. *Foreign Affairs*. Vol 88. n. 3. May/June 2009. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2009-05-01/state-capitalism-comes-age>> Acesso em 05 mar. 2024.

BROOKS, Stephen; WOHLFORTH, William. The Once and Future Superpower. *Foreign Affairs*. Volume 95, Number 3. May/June 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-04-13/once-and-future-superpower>> Acesso em 20 abr. 2024.

FOREIGN AFFAIRS. *The Clash of Civilizations: The Debate*. New York: The Council on Foreign Relations. 2001.

FUKUYAMA, Francis. American Political Decay or Renewal?. *Foreign Affairs*. Volume 95, Number 4. July/August 2016. Disponível em:

<<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-06-13/american-political-decay-or-renewal>> Acesso em 20 abr. 2024.

HOLBROOKE, Richard. The Next President. *Foreign Affairs*.. Volume 87, Number 5. september/october 2008. Disponível em <<https://www.foreignaffairs.com/united-states/next-president>> Acesso 05 mar. 2024.

KAZIN, Michael. Thumping History. The Donald in Context. *Foreign Affairs Snapshot*. December 10, 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/donald-trump-history-kazin>> Acesso em 20 abr. 2024.

MALLABY, Sebastian. The reluctant imperialist: terrorism, failed States and the case for American empire. *Foreign Affairs*. v. 81, n. 2, March/April 2002.

MEARSHEIMER, John; WALTZ, Stephen. The Case for Offshore Balancing. *Foreign Affairs*. Volume 95, Number 4. July/August 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-06-13/case-offshore-balancing>> Acesso em 20 abr. 2024.

MOISI, Dominique. The Land of Hope Again?. *Foreign Affairs*, Volume 87, Number 5. september/october 2008. p 14. Disponível <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2008-09-01/land-hope-again>> Acesso em 05 mar. 2024.

NICHOLS, Tom. How America Lost Faith in Expertise. *Foreign Affairs*. Volume 96, Number 2. March/April 2017. Disponível em: < <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-02-13/how-america-lost-faith-expertise>> Acesso em 2 jun. 2024.

NYE, Joseph S. What new world order?. *Foreign Affairs*, v. 71, n. 2, p. 83-96, 1992. p. 84.

OBAMA, Barack. Renewing American Leadership. *Foreign Affairs*, Vol. 86, No. 4 Jul. - Aug. 2007. pp. 2-16.

POLLACK, Kenneth. Next Stop Baghdad. *Foreign Affairs*,. v. 81, n. 8, March/April 2002.

RICE, Condoleezza. Promoting the national interest. *Foreign Affairs*, p. 45-62, 2000.

ROOT, Elihu. A requisite for the success of popular diplomacy. *Foreign Affairs*, vol. 1, n. 1, September, 1922.

- *The Heritage Foundation*

Relatórios Anuais

HERITAGE FOUNDATION. *2010 annual report*. Washington: The Heritage Foundation. 2010.

HERITAGE FOUNDATION. *2012 annual report*. Washington: The Heritage Foundation. 2012.

HERITAGE FOUNDATION. *2014 annual report*. Washington: The Heritage Foundation. 2014. Disponível em : <<https://www.heritage.org/financial>> Acesso em 05 mar. 2024.

Publicações

EISENACH, Jeffrey A. *Why America Is Losing the Drug War*. The Heritage Foundation Backraunder. N 656. June 9, 1988. Disponível em: <<https://www.heritage.org/civil-society/report/why-america-losing-the-drug-war>> Acesso em 10 ut 2022.

EISENACH, Jeffrey. *Drug Legalization: Myths vs. Reality*. The Heritage Foundation Backraunder. Update. N 122. January 25, 1990. Disponível em: <<https://www.heritage.org/crime-and-justice/report/drug-legalization-myths-vs-reality>> Acesso em 10 out 2022.

EISENACH, Jeffrey. *Winning the war on drugs*. The Heritage Foundation Backraunder. Update. July 7. 1989. Disponível em: ><https://www.heritage.org/public-health/report/winning-the-drug-war-what-the-states-can-do>< Acesso em 10 out 2022.

HOLMES, Kim. *The New World Disorder* The Heritage Lectures. The Heritage Foundation. October 30, 1992. Disponível em: <<https://www.heritage.org/europe/report/the-new-world-disorder>> Acesso em 10 out 2022.

KRISTOL. Irving. *The Capitalist Future*. The Heritage Foundation. Speech. December 04, 1991. Disponível em: <<https://www.aei.org/research-products/speech/the-capitalist-future/>> Acesso em 10 out. 2022.

- ***Hoover Institution***

Relatórios Anuais

HOOVER INSTITUTION. *2008 Report*. Hoover Institution, Stenford University. 2008. Disponível em: <<https://www.hoover.org/about/reports>> Acesso em 05 mar. 2024.

HOOVER INSTITUTION. *2010 Report*. Hoover Institution, Stenford University. 2010. Disponível em: <<https://www.hoover.org/about/reports>> Acesso em 15 abr. 2024.

HOOVER INSTITUTION. *2014 Report*. Hoover Institution, Stenford University. 2008. Disponível em: <<https://www.hoover.org/about/reports>> Acesso em 03 mar. 2024.

Site Oficial

HOOVER INSTITUTION. William J. Perry. About. Disponível em: <<https://www.hoover.org/profiles/william-j-perry>> Acesso 04 mar. 2024.

HOOVER INSTITUTION. *Our Fellows*. Disponível em: <<https://www.hoover.org/fellows?query=Chuck-Robb>> Acesso 05 mar. 2024.

- ***Mont Pelerin Society***

Publicações

THE MONT PELERIN SOCIETY. *Statement of Aims*. Disponível em: <<https://www.montpelerin.org/event/429dba23-fc64-4838-aca3-b847011022a4/websitePage:6950c74b-5d9b-41cc-8da1-3e1991c14ac5>> Acesso 10 out 2022.

- ***Project for the New American Century***

Publicações

PROJECT FOR THE NEW AMERICAN CENTURY. *Letter to President Clinton on Iraq*, January 26, 1998. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20050203005542/http://www.newamericancentury.org/iraqclintonletter.htm>> Acesso em 20 nov. 2023.

PROJECT FOR THE NEW AMERICAN CENTURY.. *Statement of Principles*. June 3, 1997. Disponível em : <<https://web.archive.org/web/20050203004656/http://www.newamericancentury.org/statementofprinciples.htm>> Acesso em 20 nov. 2023.

- ***RAND Corporation***

Publicações

RAND CORPORATION. *Statement about Paul H. O'neil*, News Releases. April 18, 2020. Disponível em: <<https://www.rand.org/news/press/2020/04/18.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

RAND CORPORATION. *The Carluccis Support RAND's Commitment to Follow the Research Wherever It Leads*. RAND Corporation. Donor Profile. Franl and Marcia Carlucci.

Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180419041009/https://www.rand.org/giving/donor-profiles/carlucci.html>> Acesso em 20 nov.. 2023.

PUBLICAÇÕES E SITES DE UNIVERSIDADES

- **American Association of University Professors**

AMERICAN ASSOCIATION OF UNIVERSITY PROFESSORS. *Declaration of Principles on Academic Freedom and Academic Tenure*. American Association of University Professors. 1915. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjFprOUkMT4AhXBqpUCHXmjAMQQFnoECAgQAw&url=https%3A%2F%2Fwww.aaup.org%2FNR%2Frdonlyres%2FA6520A9D-0A9A-47B3-B550-C006B5B224E7%2F0%2F1915Declaration.pdf&usg=AOvVaw1n8bpW32R8Htkco1Z4d5ur>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

- **Harvard University**

Documentos Oficiais

THE GENERAL COURT OF THE COMMONWEALTH OF MASSACHUSETTS. Massachusetts Constitution. Disponível em: <<https://malegislature.gov/laws/constitution#chapterVSectionI>>. Acesso em: 13/08/2022.

Relatórios

HARVARD UNIVERSITY. Admission and Scholarship Committee. in: Harvard University. Report of the President of Harvard College and reports of departments. 1967-1968. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268820\\$109i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268820$109i)> Acesso em 10 out 2022.

HARVARD UNIVERSITY. Admission and Scholarship Committee. in: Harvard University. Report of the President of Harvard College and reports of departments. 1969-1970. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824\\$99i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824$99i)> Acesso em 10 out 2022.

HARVARD UNIVERSITY. *Financial Report: Fiscal Year 2010*. Massachusetts: Harvard. 2010.

HARVARD UNIVERSITY. *Report of the President and the Treasurer of Harvard College* 1968 – 1969. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268822\\$7i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268822$7i)> Acesso em 10 out 2022.

HARVARD UNIVERSITY. *Report of the President and the Treasurer of Harvard College* 1970 – 1971. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824\\$59i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427268824$59i)> Acesso em 10 out 2022.

HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1905-1906. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018311\\$353i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018311$353i)>. Acesso em: 14 de mar 2022

HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1909-1910. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018383\\$281i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018383$281i)>. Acesso em: 14 mar. 2022

HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1914-1915. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018508\\$1i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018508$1i)>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1916-1917. Harvard University. Disponível: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018586\\$1i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018586$1i)>. Acesso em: 22 abr. 2022.

HARVARD UNIVERSITY. Reports of the President and the Treasurer of Harvard College 1918-1919. Harvard University. Disponível em: <[https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018612\\$262i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427018612$262i)>. Acesso em: 23 abr. 2022.

- ***Massachusetts Institute of Technology***

MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY. *People Firectory*. Disponível em: <<https://web.mit.edu/search/?redirect-origin=legacy>> Acesso em 04 abr.. 2024.

MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY. John M. Douth. Biografia. Disponível em: <<http://web.mit.edu/chemistry/deutch/biography.html>> Acesso em 04 mar. 2024.

- **Yale University**

Documentos oficiais

YALE UNIVERSITY. Act for liberty to erect a collegiate school, 1701. In: *The Yale Corporation charter and legislation*. Published by the University New Haven. 1976.

YALE UNIVERSITY. *The Yale Corporation: Charter and Legislation*. Published by the University New Haven. 1938.

YALE UNIVERSITY. *University policies applicable to the faculty of arts and science*. Published by the University New Haven. 1953.

Publicações

LEISEROWITZ, A., MAIBACH, E., ROSER-RENOUF, C. *Climate change in the American Mind: Americans' global warming beliefs and attitudes in January 2010*. Yale University and George Mason University. New Haven, CT: Yale Project on Climate Change. 2010.

- ***Liberty University.***

FALWELL JR, Jerry. Statement from Liberty University President Jerry Falwell, Jr. *Liberty University*. 13 oct. 2013. Disponível em: <<https://www.liberty.edu/news/2016/10/13/statement-from-liberty-university-president-jerry-falwell-jr/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PUBLICAÇÕES E SITES DE TEÓRICOS DA CONSPIRAÇÃO

- ***9/11truth.org***

911 TRUTH.ORG. *Scamming America: The 9/11 Cover-Up Guide*. New York: NY 9/11truth. 2004.

911TRUTH.ORG. Dr. David Ray Griffin. 911truth.org. Disponível em: <<https://911truth.org/author/drg/page/2/>> Acesso em 05 de nov. 2023.

911TRUTH.ORG. History of the 9-11 Truth Movement. *911truth.org*. may 1, 2004. Disponível em: <<https://911truth.org/history-911-truth-movement/>> Acesso em 05 de nov. 2023.

911TRUTH.ORG. Occupy Participation: #SomeThingsAreBiggerThanAnyOfUs. *911Truth.org*. october 31, 2011. Disponível em: < <https://911truth.org/occupy-participation-somethingsarebiggerthananyofus/>> Acesso em 05 mar. 2024.

911TRUTH.ORG. Our Mission. *911truth.org*. disponível em: <<https://911truth.org/mission/>> Acesso em 05 de nov. 2023.

COLLINS, Michael. This Beat Down is for Your Health – the Money Party Must Stop Occupy Movements. *911Trith.org*. November 14, 2011. Disponível em:

<<https://911truth.org/this-beat-down-is-for-your-health-the-money-party-must-stop-occupy-movements/>> Acesso em 05 mar. 2024.

SCAHILL, Jeremy. This is Change? 20 Hawks, Clintonites and Neocons to Watch for in Obama's White House. *911Truth.org*. november 20, 2008. Disponível em: <<https://911truth.org/this-is-change-20-hawks-clintonites-and-neocons-to-watch-for-in-obamas-white-house/>> Acesso em 05 mar. 2024.

SHAW, Charles. Gatekeepers of the So-Called Left. *911truth.org*. May 3, 2005. Disponível em: <<https://911truth.org/gatekeepers-so-called-left/>> Acesso em 05 de nov. de 2023

WEBSTER, Stephen. Watch: 'Occupy Oakland' protester shot by rubber bullet while filming cops. *911Truth.org*. November 7, 2011. Disponível em: <<https://911truth.org/occupy-protester-shot-rubber-bullet-filming-cops/>> Acesso em 05 mar. 2024.

- ***American Renaissance***

AMERICAN RENAISSANCE. *About Us*. Disponível em: <<https://www.amren.com/about/>> Acesso em 20 abr. 2024.

ESTRADA, Will. Up Close Report: The Donald Trump the Media Won't Tell You About. *American Renaissance*. August 3, 2016. Disponível em: <<https://www.amren.com/news/2016/08/up-close-report-the-donald-trump-the-media-wont-tell-you-about/>> Acesso em 20 abr. 2024.

HOLFF, Henry. Censorship, American Style. *American Renaissance*, june 28. 2013. Disponível em: <<https://www.amren.com/news/2013/06/censorship-american-style/>> Acesso em 20 abr. 2024.

TAYLOR, Jared. Dear Mr. Trump. *American Renaissance*, June 17, 2016. Disponível em: <<https://www.amren.com/features/2016/06/dear-mr-trump/>> Acesso em 20 abr. 2024.

TAYLOR, Jared. Is Trump Our Last Chance?. *American Renaissance*, Agoust 20, 2015. Disponível em: <<https://www.amren.com/features/2015/08/is-trump-our-last-chance/>> Acesso em 20 abr. 2024.

TAYLOR, Jared. Trump and the "Atmosphere of Hate". *American Renaissance*, August 12, 2016. Disponível Em: <<https://www.amren.com/news/2016/08/trump-and-the-atmosphere-of-hate/>> Acesso em 20 abr. 2024.

- ***Architects & Engineers for 9/11 Truth***

ARCHITECTS AND ENGINEERS FOR 9/11 TRUTH. Our mission. *Architects & Engineers for 9/11 Truth*. Disponível em: <<https://www.ae911truth.org/mission>> Acesso em 05 de nov. 2023.

- ***InfoWars***

DAILY CALLER, Trump Apologizes, Says Bill ‘Actually Abused Women’ [VIDEO]. *InfoWars*. October 8, 2016. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/trump-apologizes-says-bill-actually-abused-women-video/>> Acesso em 20 abr. 2024.

HENNINGSEN, Patrick. Robin Hood Tax: Occupy Movement now marching straight into the globalist trap. *Infowars*. October 25, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/robin-hood-tax-occupy-movement-now-marching-straight-into-the-globalist-trap/>> Acesso em 05 mar. 2024.

JONES, Alex. On Occupy Wall Street. *Infowars* November 15, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y_JS49S6aLY> Acesso em 05 mar. 2024.

ROGER, Brian. A Few Thoughts On The Occupy Wall Street Movement. *Infowars*. October 15, 2011. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/a-few-thoughts-on-the-occupy-wall-street-movement/>> Acesso em 05 mar. 2024.

ROGIN, Josh. ‘Hillary Clinton Took Me Through Hell,’ Rape Victim Says. *InfoWars*. June 20, 2014. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/hillary-clinton-took-me-through-hell-rape-victim-says/>> Acesso em 20 abr. 2024.

SNYDER, Michael. Bill Clinton And The Pedophile: The Sex Scandal That Could Destroy Hillary’s Presidential Ambitions. *InfoWars*. January 6, 2015. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/bill-clinton-and-the-pedophile-the-sex-scandal-that-could-destroy-hillarys-presidential-ambitions/>> Acesso em 20 abr. 2024.

THE ALEX JONES SHOW. EU Vice President Admits To White Genocide Plan. *InfoWars*. September 4, 2017. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/eu-vice-president-admits-to-white-genocide-plan/>> Acesso em 20 abr. 2024.

THE AMERICAN DREAM. Solid Evidence That Occupy Wall Street Is A Communist Movement Run By Socialists. *Infowars*. October 18, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/solid-evidence-that-occupy-wall-street-is-a-communist-movement-run-by-socialists-who-wish-to-bring-down-the-free-enterprise-system/>> Acesso em 05 mar. 2024.

THE ECONOMIC COLLAPSE. The Police State Vs. Occupy Wall Street: This Is Not Going To End Well For Any Of Us. *Infowars*, november 17, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/the-police-state-vs-occupy-wall-street-this-is-not-going-to-end-well-for-any-of-us/>> Acesso em 05 mar. 2024.

WATSON, Joseph. U.S. Census Bureau: Whites Under the Age of 16 Now a Minority in America. *InfoWars*. June 25, 2020. Disponível em: < <https://archives.infowars.com/u-s-census-bureau-whites-under-the-age-of-16-now-a-minority-in-america/>> Acesso em 20 abr. 2024

WATSON, Paul Joseph. 'Occupy' Forms Alliance With Obama Lobby Group. *Infowars*. October 10, 2011. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/occupy-forms-alliance-with-obama-lobby-group/>> Acesso em 05 mar. 2024.

WATSON, Paul Joseph. Homeland Security Feared 'Occupy Wall Street' Violence. *Infowars* february 29, 2012. Disponível em: <<https://archives.infowars.com/homeland-security-feared-occupy-wall-street-violence/>> Acesso em 05 mar. 2024.

- ***Journal of 9/11 Studies***

JOURNAL OF 9/11 STUDIES. About. *Journal of 9/11 Studies*. Disponível em: <www.journalof911studies.com> Acesso em 05 de nov. de 2023.

- ***The New American***

BYAS, Steve. New Book Reminds Us Why We Don't Want Clintons Back in White House. *New American*, November 12, 2015. Disponível em: < <https://thenewamerican.com/opinion/book-reviews/new-book-reminds-us-why-we-don-t-want-clintons-back-in-white-house/>> Acesso em 20 abr. 2024.

CLABOUGH, Raven. Occupy Wall Street: A Drive for One-World Gov't?. *The New American*. October 20, 2011. Disponível em: < <https://thenewamerican.com/us/politics/occupy-wall-street-a-drive-for-one-world-govt/>> Acesso em 05 mar. 2024.

DUKE, Selwyn. The Genocide of Dead White Males. *New American*, January 7, 2014. Disponível em: < <https://thenewamerican.com/opinion/the-genocide-of-dead-white-males/>> Acesso em 20 abr. 2024.

DUKE, Selwyn. Time for #NeverClinton? Trump Raises Issue of Accused Rapist Bill. *New American*. May 19, 2016. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/us/politics/time-for-neverclinton-trump-raises-issue-of-impeached-accused-rapist-bill/>> Acesso em 20 abr. 2024.

DUKE, Selwyn. Rape victim: "hillary clinton is a cold-hearted liar". *New American*. october 12, 2016. disponível em: < <https://thenewamerican.com/us/politics/rape-victim-hillary-clinton-is-a-cold-hearted-liar/>> acesso em 20 abr. 2024.

JASPER, William. Occupy Wall Street: Lawlessness & Communist Revolution. *The New American*. November 18, 2011. Disponível em:

<<https://thenewamerican.com/us/politics/occupy-wall-street-lawlessness-communist-revolution/>> Acesso em 05 mar. 2024.

NEWMAN, Alex. Unions, Socialists Join Forces to “Occupy Wall Street”. *The New American*. September 30, 2011. Disponível em: <<https://thenewamerican.com/us/politics/unions-socialists-join-forces-to-occupy-wall-street/>> Acesso em 05 mar. 2024.

- ***Project for a New American Citizen***

PROJECT FOR A NEW AMERICAN CITIZEN. Events, Rebuilding America's Sense. *Project for a New American Citizen*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070901063540/http://www.pnacitizen.org/41407event.php>> Acesso em 5 nov. 2023

PROJECT FOR A NEW AMERICAN CITIZEN. PNAC Documentary Film Categories. *Project for a new american citizen*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070829093439/http://pnacitizen.org/pnac_documentary_films.php> Acesso em 05 de nov. De 2023.

PROJECT FOR A NEW AMERICAN CITIZEN. What is A Project for a New AMERICAN Citizen? *Project for a New American Citizen*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070830034957/http://pnacitizen.org/what_is_pnac.php> Acesso em 05 nov. De 2023.

- ***The Rush Limbaugh Show***

LIMBAUGH, Rush. *Example: How Class Warfare Works*. The Rush Limbaugh Show. Oct 11, 2011. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2011/10/11/example_how_class_warfare_works/> Acesso em 05 mar. 2024.

LIMBAUGH, Rush. *Idiot Wall Street Protestors are Tools of Unions, Democrats*. The Rush Limbaugh Show. Oct 3, 2011. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2011/10/03/idiot_wall_street_protestors_are_tools_of_unions_democrats/> Acesso em 05 mar. 2024.

LIMBAUGH, Rush. *Obama's Assault on Middle Class*. The Rush Limbaugh Show. mar 22, 2010. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2010/03/22/obama_s_assault_on_middle_class/> Acesso em 05 mar. 2024.

LIMBAUGH, Rush. *Obama's Recession Continues*. The Rush Limbaugh Show. Abr 12, 2010. Disponível em

<https://www.rushlimbaugh.com/daily/2010/04/12/the_obama_recession_continues/> Acesso em 05 mar. 2024.

LIMBAUGH, Rush. *The Democrats Envy the Tea Party, So They Created a Bad Imitation*. The Rush Limbaugh Show. Oct 7, 2011. Disponível em: <https://www.rushlimbaugh.com/daily/2011/10/07/the_democrats_envy_the_tea_party_so_they_created_a_bad_imitation/> Acesso em 05 mar. 2024.

- ***Scholars for 9/11 Truth & Justice***

SCHOLARS FOR 9/11 TRUTH AND JUSTICE. Scholars for 9/11 Truth & Justice: Frequently Asked Questions.. *Scholars for 9/11 Truth & Justice*. Disponível em: <<http://stj911.org/faq.html>> Acesso em 05 de nov. de 2023.

- **Tea Party Express**

TEA PARTY EXPRESS. *Mission Statement*. Disponível em: <<https://teapartyexpress.org/mission>> Acesso em 15 abr. 2024.

- **V.Dare**

BRIMELOW, Peter. GOP Should "Thank Heaven Fasting" For Trump But Instead Plans To Shoot Self In Testicles. *V.Dare.com*. 22 november 2015. Disponível em: <<https://vdare.com/articles/gop-should-thank-heaven-fasting-for-trump-but-instead-plans-to-shoot-self-in-testicles>> Acesso em 20 abr. 2024.

BUCHANAN, Patrick. Brownshirts & Republican Wimps: Anti-Trump Violence Will Make America Turn Right, As It Did In '68. *V.Dare*. 14 march 2016. Disponível em: <<https://vdare.com/articles/brownshirts-republican-wimps-anti-trump-violence-will-make-america-turn-right-as-it-did-in-68>> Acesso em 20 abr. 2024.

BUCHANAN, Patrick. GOP Border War—Trump vs Jeb, Rick And Marco. *V.Dare.com*. 7 june 2015. Disponível em: <https://vdare.com/articles/gop-border-war-trump-vs-jeb-rick-and-marco>> Acesso em 20 abr. 2024

BUCHANAN, Patrick.. Attacks On Trump Driven By An Establishment in Panic. *V.Dare*. arch 3, 2016. Disponível em: <<https://vdare.com/articles/attacks-on-trump-driven-by-an-establishment-in-panic>> Acesso em 20 abr. 2024.

RELATÓRIOS E PÁGINAS DE INSTITUIÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

AMERICAN CONSERVATIVE UNION. *Who We Are*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20161019202226/http://conservative.org/who-we-are/>> Acesso em 10 out 2022.

CHRISTIAN VOICE. About us. Christian Voice. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100108141928/http://www.christianvoiceonline.com/about/>> Acesso em 05 de nov. de 2023.

CONSERVATIVE BOOK CLUB. *What is CBC?*. Disponível em: <<https://www.conservativebookclub.com/what-is-cbc>> Acesso 10 out 2022

GRAMLICH, John. Most Americans haven't heard of the 'alt-right'. Pew Research Center. Short Reads. DEcember 12, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/12/12/most-americans-havent-heard-of-the-alt-right/>> Acesso em 20 abr. 2024.

GREGG II, Gary. George W. Bush: campaigns and elections. Miller Center. Disponível em: <<https://millercenter.org/president/gwbush/campaigns-and-elections>> Acesso em 20 nov. 2023.

GREGG, Gary. George W. Bush: Domestic Affairs. Miller Center. U.S Presidents. Disponível em: < <https://millercenter.org/president/gwbush/domestic-affairs>> Acesso em 20 nov.. 2023.,

HANSON, Melanie. *Average Student Loan Debt by Year*. Education Data Initiative. October 25, 2023. Disponível em: < <https://educationdata.org/average-student-loan-debt-by-year>> Acesso em 18 abr. 2024.

HEIMLICH, Russel. *Public Shows Wariness About Wall Street*. Pew Research Center. October 13, 2011. Disponível em: <. <https://www.pewresearch.org/short-reads/2011/10/13/public-shows-wariness-about-wall-street/>> Acesso em 05 mar. 2024.

INDEPENDENT INSTITUTE. Gale A. Norton. *Independent Institute. Personal Detail*. Disponível em: <https://www.independent.org/aboutus/person_detail.asp?id=4014> Acesso em 20 nov.. 2023.

INTERNATIONAL CRISES GROUP. Carla A. Hills. International Crises Group. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090912061727/http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=4235>> Acesso em 20 nov.. 2023

KILEY, Jocelyn. *A Clinton candidacy: Voters' early impressions*. Pew Research Center Short Reads. April 10, 2015. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2015/04/10/a-clinton-candidacy-voters-early-impressions/>> Acesso em 18 abr. 2024.

MILLER CENTER. John W. Snow (2003 – 2006). *Miller Center*, U.S Presidents. Disponível em: <<https://millercenter.org/president/gwbush/essays/snow-2003-secretary-of-the-treasury>> Acesso em 20 nov.. 2023.

MLA TASK FORCE ON EVALUATING SCHOLARSHIP FOR TENURE AND PROMOTION. Report on Evaluating Scholarship for Tenure and Promotion. Modern language association. 2007. Disponível em: <<https://www.mla.org/Resources/Guidelines-and-Data/Reports-and-Professional-Guidelines/Report-on-Evaluating-Scholarship-for-Tenure-and-Promotion>> Acesso em 18 abr. 2024.

NOTRE DAME INTERNATIONAL SECURITY CENTER. NDISC's Michael Desch Named to Council on Foreign Relations Study Group on U.S.-China Relations. October 13, 2021. Disponível em: <<https://ndisc.nd.edu/news-events/news/ndiscs-michael-desch-named-to-council-on-foreign-relations-study-group-on-u-s-china-relations/>> Acesso em 10 out. 2022.

OPEN TO DEBATE. Richard k. Vedder. Disponível em: <<https://opentodebate.org/debaters/richard-k-vedder/>> Acesso em 10 set. 2023.

PAULCRAIGROBERTS.ORG. Paul Craig Roberts. home page. Disponível em: <<https://www.paulcraigroberts.org>> Acesso em 05 de nov. 2023.

PENN ARTS AND SCIENCES. John Dilulio. Penn Arts and Sciences, Political Science Deartment. Stading Faculty. Disponível em: <<https://live-sas-www-polisci.pantheon.sas.upenn.edu/people/standing-faculty/john-diulio>> Acesso 20 nov.. 2023.

PEW RESEACRH CENTER. *U.S. Seen as Among the Greatest Nations, But Not Superior to All Others*. Pew Research Center Report. Jun 30, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2011/06/30/u-s-seen-as-among-the-greatest-nations-but-not-superior-to-all-others/>> Acesso em 05 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *A Wider Ideological Gap Between More and Less Educated Adults*. Report. April 26, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/04/26/a-wider-ideological-gap-between-more-and-less-educated-adults/>> Acesso em abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *America's Shrinking Middle Class: A Close Look at Changes Within Metropolitan Areas*. Report. may 11, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/05/11/americas-shrinking-middle-class-a-close-look-at-changes-within-metropolitan-areas/>> acesso em 18 de abr 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Americans Favor Force in Iraq, Somalia, Sudan and...* Pew Research Center. Report. January 22, 2002. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2002/01/22/other-important-findings-2/>> Acesso em 20 nov.. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. *As Election Nears, Voters Divided Over Democracy and 'Respect'*. Report october 27, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/10/27/as-election-nears-voters-divided-over-democracy-and-respect/>> Acesso em 18 abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Bush's Intelligence*. Pew Research Center. Report July 27, 2000. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/journalism/2000/07/27/bushs-intelligence/>> Acesso em 20 nov. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. *Frustration with Congress Could Hurt Republican Incumbents*. Pew Research Center Report. December 15, 2011. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2011/12/15/frustration-with-congress-could-hurt-republican-incumbents/>> Acesso em 05 mar. 2011.

PEW RESEARCH CENTER. *Gop. Image Improves, but congressional race remains close*. Pew Research Center, September 10, 1998. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/1998/09/10/gop-image-improves-but-congressional-race-remains-close/>> Acesso em 20 nov. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. *How the News Media Covered Religion in the 2008 General Election*. Report. November 20, 2008. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/journalism/2008/11/20/how-the-news-media-covered-religion-in-the-2008-general-election/>> Acesso em 04 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Obama at 100 Days: Strong Job Approval, Even Higher Personal Ratings*. Report. April 23, 2009. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/politics/2009/04/23/obama-at-100-days-strong-job-approval-even-higher-personal-ratings/>> Acesso em 05 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *On Views of Race and Inequality, Blacks and Whites Are Worlds Apart*. Report. June 24, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/06/27/on-views-of-race-and-inequality-blacks-and-whites-are-worlds-apart/>> Acesso em 18 de abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *On Views of Race and Inequality, Blacks and Whites Are Worlds Apart*. Report. June 24, 2016. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/social-trends/2016/06/27/on-views-of-race-and-inequality-blacks-and-whites-are-worlds-apart/>> Acesso em 18 de abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Public and Scientists views on science and society*. Report. January 29, 2015. Disponível em : <<https://www.pewresearch.org/science/2015/01/29/public-and-scientists-views-on-science-and-society/>> Acesso em 18 abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Public Divided Over Occupy Wall Street Movement*. Pew Research Center Report. October 24, 2011. Disponível em: < <https://www.pewresearch.org/politics/2011/10/24/public-divided-over-occupy-wall-street-movement/>> Acesso em 05 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Public Trust in Government: 1958-2023*. Feature. September 13, 2023. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2023/09/19/public-trust-in-government-1958-2023/>> Acesso em 18 de abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Public Trust in Government: 1958-2023*. Pew Research Center Feature. September 19, 2023. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2023/09/19/public-trust-in-government-1958-2023/>> Acesso 05 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *The American Middle Class Is Losing Ground*. Report. December 9, 2015. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/social-trends/2015/12/09/the-american-middle-class-is-losing-ground/>> acesso em 18 de abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *The Dabert Effect*. Pew Research Center. Report. October 27, 2004. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2004/10/27/the-debate-effect/>> Acesso em 04 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *The first 100 days*. Pew Research center report. April 30, 2001. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/journalism/2001/04/30/the-first-100-days/>> Acesso em 20 nov. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. *The Parties on the Eve of the 2016 Election: Two Coalitions, Moving Further Apart*. Report. September 13, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/09/13/the-parties-on-the-eve-of-the-2016-election-two-coalitions-moving-further-apart/>> Acesso em 18 de abr. 2024

PEW RESEARCH CENTER. *The Parties on the Eve of the 2016 Election: Two Coalitions, Moving Further Apart*. Report. September 13, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2016/09/13/the-parties-on-the-eve-of-the-2016-election-two-coalitions-moving-further-apart/>> Acesso em 18 de abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *U.S. Public Becoming Less Religious*. Report. november 3, 2015. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/religion/2015/11/03/u-s-public-becoming-less-religious/>> Acesso em 20 abr. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *Voters Liked Campaign 2004, But Too Much 'Mud-Slinging'*. Pew Research Center, Report. November 11, 2004. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2004/11/11/voters-liked-campaign-2004-but-too-much-mud-slinging/>> Acesso em 04 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. *What the World thinks in 2002*. Pew Research Center. Report. December 4, 2002. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2002/12/04/what-the-world-thinks-in-2002/>> Acesso em 05de nov.. de 2023.

PRINCETON UNIVERSITY. Robert O. Keohane Bio. Disponível em: <<https://scholar.princeton.edu/rkeohane>> Acesso em 10 out 2022.

PRINCIPLES OF SOLIDARITY. Occupy wall street movment. September 17, 2011. Disponível em: <<https://declarationproject.org/?p=487>> Acesso em 05 mar. 2024.

PURDUE UNIVERSITY. Mitchel E. Daniels Jr. Purdua University office of the president. Disponível em: <<https://www.purdue.edu/president/mitch-daniels/about/biography.php>> Acesso em 20 nov.. 2023.

RAINIE, Lee. Internet Election News Audience Seeks Convenience, Familiar Names. *Pew Research Center*. December 3, 2000. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/internet/2000/12/03/internet-election-news-audience-seeks-convenience-familiar-names/>> Acesso em 20 nov. 2023.

SCHOLARS AT RISK. *Free to Think 2017*: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project.. September 2017.

SCHOLARS AT RISK. *Free to Think 2018*: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project.. September 2018.

SMITH, Gregory. *Many evangelicals favor Trump because he is not Clinton*. Pew Research Center Short Reads. September 23, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/09/23/many-evangelicals-favor-trump-because-he-is-not-clinton/>> Acesso em 20. abr. 2024

SMITH, Gregory. *Many evangelicals favor Trump because he is not Clinton*. Pew Research Center Short Reads. September 23, 2016. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/09/23/many-evangelicals-favor-trump-because-he-is-not-clinton/>> Acesso em 20. abr. 2024.

STATISTA. *College enrollment in the United States from 1965 to 2022 and projections up to 2031 for public and private colleges*. Statista. 2024. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/183995/us-college-enrollment-and-projections-in-public-and-private-institutions/>> Acesso em 18 abr. 2024

TAYLOR, Paul et al. *Is college worth it?*. Washington: Pew Social and Demographic trends, 2011.

THE BUSINESS COUNCIL. Our Group. Disponível em: <<https://businesscouncil.com/about-us/>> Acesso em 10 out 2022.

THE NATIONAL BUREAU OF ECONOMIC RESEARCH. History. Disponível em: <<https://www.nber.org/about-nber/history>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

THE NOBEL PRIZE. *The Nobel Peace Prize 2009*. Disponível em:
<<https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2009/summary/>> Acesso em 05 mar 2024.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS, TESES E DISSERTAÇÕES:

- ACOSTA, Jim. *O inimigo do povo*. Rio de Janeiro: Harper Collins. 2019.
- AGAR, Herbert; TATE, Allen. *Who owns America: A new declaration of independence*. Houghton Mifflin and company, Boston, 1936.
- ALLEN, Gary; ABRAHAM, Larry. *Política, ideologia e conspirações*. Barueri-SP: Faro Editorial, 2017.
- ALVAREZ, Rodrigo. *No país de Obama*. Nova Fronteira, 2009.
- BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- BARBER, Benjamin. *Jihad X Mcmundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARKUN, Michael. *A culture of conspiracy: Apocalyptic visions in contemporary America*. Univ of California Press, 2013.
- BELL, Daniel. (Ed.). *The radical right*. Routledge, 2017.
- BERLET, Chip; LYONS, Matthew N. *Right-wing populism in America: Too close for comfort*. Guilford Publications, 2018.
- BLOCH, Marc. *Apologia a história* ou O Ofício do historiador. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 2001.
- BOBBIO, Norberto. *Estado Governo e Sociedade*, por uma teoria geral da política. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra. 2004.
- BOK, Derek Curtis. *Beyond the Ivory Tower*. Harvard University Press, 1982.
- _____. *Higher education in America*. Princeton University Press, 2015.
- _____. *Our Underachieving Colleges*. Princeton University Press, 2009.
- BOOT, Max. *The Corrosion of Conservatism: Why I Left the Right*. Liveright Publishing. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, v. 116, 1996.
- _____. *Campo del poder y campo intelectual*. Montresor. 2002.
- _____. *Homo Academicus*. Florianópolis: Editora UFSC. 2017.
- _____. *Os Usos Sociais da Ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70. 2004.

- _____. *Razões práticas*, sobre a teoria da ação. Campinas, SP. Papyrus, 1996.
- BOYER, Paul. *Salem possessed*. Harvard University Press, 1976.
- BRANSON, Tyler S. *Steeped in rhetoric: digital populism and the tea party movement*. Tese de Doutorado. University of Kansas. 2011.
- BRIGHTMAN, Carol. *Insegurança Total: o mito da onipotência americana*. 2006.
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 2001.
- _____. *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- _____. *Uma história Social do Conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot* -Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BUTTER, Michael. *Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. Routledge, 2020.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *A cidade-estado antiga*. Editora Ática, 1985.
- _____. *O Egito antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARR, Edward. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. *O poder da identidade*. A era da informação. Economia sociedade e cultura v.2. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- _____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.
- _____. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.
- CHAN, Gerald. *Research University in Today's Society*. UCL Press, 2017.
- CHOMSKY, Noam. *9/11*. New York: Seven Stories. 2001.
- _____. *Contendo a democracia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. *Mídia: propaganda política e manipulação*. WWF Martins Fontes, 2015.
- _____. *Necessary illusions: Thought control in democratic societies*. House of Anansi, 1995.
- _____. *Estados Fracassados*. São Paulo: Bertrand. 2009.
- COOPER, William. *Behold a pale Horse*. Light Technology Publishing, 1991.
- D'ANCONA. Mathew. *Pos-Verdade*. Barueri: Faro Editorial. 2018.

DRAHOS, Peter; BRAITHWAITE, John. *Information feudalism: Who owns the knowledge economy?* Routledge, 2017

DREIFUSS, René. *A internacional capitalista*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

EVANS, Medford Stanton. *Revolt on the Campus*. Greenwood Press, 1961.

EVIN, Šimon. *Alex Jones vs. the Globalists: Conspiracy Discourse in America Today*. Master's Diploma Thesis. Masaryk University Faculty of Arts. p. 2018.

FITZSGERALD, Ian. *Estado Profundo*. Brasil: Pé da Letra, p. 2021.

FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. EDUSC, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

FRM, David. *The Right Man: The Surprise Presidency of George W. Bush*. New York: Random House, 2003.

FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *American Conservatism: An Encyclopedia*. Open Road Media, 2014.

FRUM, David. *The right man: The surprise presidency of George W. Bush*. Random House, 2003.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GAVRILIS, George. *The Council on Foreign Relations: A Short History*. The Council on Foreign Relations: New York, 2021.

GEIGER, Roger L. *The History of American Higher Education*. Princeton University Press, 2014.

_____. *Research & Relevant Knowledge: american research universities since World War II*. New York: Oxford University Press, 1993.

GOLDWATER, Barry M. *The Conscience of a Conservative*. Princeton University Press, 2021.

GOULD-WARTOFSKY, Michael A. *The occupiers: The making of the 99 percent movement*. Oxford University Press, 2015.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GROSE, Peter. *Continuing the Inquiry. the Council on Foreign Relations from 1921 to 1996*. New York: Council on Foreign Relations, 2006.

- HALE, Teagan. *A Discursive Analysis of Far-Right Justifications for Violence: The Permeance of 'War on Terror' Discourses in Civilian Spaces*. 2021.
- HATFIELD, Jeremy R. *For God and Country: The Religious Right, the Reagan Administration, and the Cold War*. Ohio University, 2013.
- HEILBRUN, Margaret. *Tower stories: An oral history of 9/11*. California: Santa Monica Press. 2007.
- HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. São Paulo: Marins Fontes, 2003.
- HOBBS, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- HOFSTADTER, Richard. *Anti-intellectualism in American Life*. Vintage, 1963.
- _____. *The Paranoid Style in American Politics, and others Essays*. Harvard University Press, 1964.
- _____. *The paranoid style in American politics*. Vintage, 2012.
- HUNTINGTON, Samuel. *O Choque de Civilizações e a recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- JASPER, William. *Global Tyranny-Step by Step: The United Nations and the Emerging New World Order*. Aware Journalism, 1992.
- JONES, Alex. *9-11: Descent Into Tyranny*. Hearthstone Publishing: Oklahoma, 2002
- JONES, Robert. *The end of white Christian America*. Nova York: Simon and Schuster, 2016.
- KARNAL, Leandro, et. al. (org.). *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- KEEN, Andrew. *O culto ao amador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- KIDD, Thomas. *Islam in Apocalyptic Perspective*. Center for Christian Ethics at Baylor University, 2010
- KNIGHT, Peter (org.). *Conspiracy Theories in American History An Encyclopedia*, vol. 1, A–L. ABC CLIO, 2003.
- KOSSELÉCK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- _____. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ, 2006.

- KRISTOL, Irving. *The Neoconservative persuasion: selected essays, 1942-2009*. Hachette UK, 2011.
- KRULOS, Tea. *Heroes in the Night: Inside the Real Life Superhero Movement*. Chicago, Illinois: Chicago Review Press. 2013.
- LIM, Elvin T. *The anti-intellectual presidency: The decline of presidential rhetoric from George Washington to George W. Bush*. Oxford University Press, 2008.
- LIMBAUGH, Rush H. *The way things ought to be*. New York: Pocket Books. 1992.
- _____. *See, I told you so*. New York: Pocket Books, 1993.
- LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal: Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- LINDSEY, Hal; CARLSON, Carole. *The late great planet earth*. Zondervan, 1970.
- LIPPMANN, Walter; CURTIS, Michael. *Public opinion*. Londres: Routledge, 2017.
- LOFGREN, Mike. *The deep state: The fall of the constitution and the rise of a shadow government*. Penguin, 2016.
- MAYER, Jane. *Dark money: The hidden history of the billionaires behind the rise of the radical right*. Anchor, 2017.
- MCGANN, J.; WEAVER, R (Org.). *Think tanks and civil societies: catalysts for ideas and action*. New Brunswick/ Londres: Transactions Publishers, 2002
- MCGANN, James G. 2020. *Global Go To Think Tank Index Report*. University of Pennsylvania, 2021.
- _____. *Think Tanks and Policy Advice in the United States*. New York: Routledge, 2007.
- _____. *Think tanks and policy advice*. The US. Foreign Policy. Pennsylvania: Research Institute, 2005.
- MEDVETZ, Thomas. *Think tanks as an emergent field*. New York: Social Science Research Council, 2008.
- MICHAELS, David. *The triumph of doubt: dark money and the science of deception*. Oxford University Press, 2020.
- MICHAELS, Jonathan. *McCarthyism: the realities, delusions and politics behind the 1950s red scare*. Routledge, 2017.

MICHELSSEN, Nicholas; DE ORELLANA, Pablo. Discourses of resilience in the US alt-right. *Resilience*, v. 7, n. 3, p. 271-287, 2019.

MICHIKO, Kakutani. *A Morte da Verdade*. Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2018.

MILLER, John Jos. *A gift of freedom: How the John M. Olin Foundation changed America*. Encounter Books, 2022.

MOONEY, Chris. *The Republican war on science*. Hachette UK, 2007.

NASH, George H. *The conservative intellectual movement in America since 1945*. Open Road Media, 2014.

NEIER, Aryeh. *Taking liberties: four decades in the struggle for rights*. PublicAffairs, 2003.

NEIWERT, David. *Alt-America: The rise of the radical right in the age of Trump*. Verso Books, 2017.

NEWTON, Michael. *The encyclopedia of conspiracies and conspiracy theories*. Checkmark books, 2006.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

PERLOFF, James. *The Shadow Of Power: The Council On Foreign Relations And The American Decline*. Western Island Publisher: Winsconsin. 1990.

PHILLIPS-FEIN, Kim. *Invisible hands: the businessmen's crusade against the new deal*. WW Norton & Company, 2010.

PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. Editora Intrínseca, 2014.

POCOCK, John. *O momento maquiaveliano: o pensamento político florentino e a tradição republicana atlântica*. Niterói.: Eduff, 2021.

POGGI, Tatiana Silva. *Neofascismo em cena: o avanço conservador norte-americano e o caso da National Alliance*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

RESENDE, Erica. *Americanidade, puritanismo e política externa: a reprodução da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

ROCKEFELLER, John D. *Random reminiscences of men and events*. The Minerva Group, Inc., 2003.

RODRIGUES, Victor Emanuel. *Independência, Constituição E Emendas Constitucionais Nos Estados Unidos: aspectos institucionais e sociais do processo revolucionário*. Dissertação (Mestrado em Direito), Universidade de Lisboa, 2019.

ROTHBARD, Murray Newton. *Ludwig von Mises: Scholar, creator, hero*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1988.

ROUNTREE, Clarke. *George W. Bush: A Biography*. Bloomsbury Publishing USA, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *O Contrato Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHRECKER, Ellen W. *No ivory tower: McCarthyism and the universities*. Oxford University Press, 200 Madison Avenue, New York, NY 10016, 1986.

_____. *Many are the crimes: McCarthyism in America*. Princeton University Press, 1999.

SCHULZINGER. Robert D, *The Wise Men of Foreign Affairs*. New York: Columbia University Press, 1984.

SCHURMAN, Franz. *The Logic Power: an into the currents, and contradictions politics*. Nova York: Pantheon Books, 1974

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIRVENT, Roberto; HAIPHONG, Danny. *American Exceptionalism and American Innocence: A People's History of Fake News—From the Revolutionary War to the War on Terror*. Simon and Schuster, 2019.

SHILS, Edward. *Order of learning: essays on the contemporary university*. Abingdon: Routledge, 2018.

SHOUP, Laurence. MINTER, William. *Imperial Brain Trust*. The Council on Foreign Relations & United States Foreign Policy. New York: Monthly Review Press, 1987.

_____. *Wall Street's think tank: the Council on Foreign Relations and the empire of neoliberal geopolitics 1976–2014*. Nova York: Monthly Review Press, 2015.

SILVERSTEIN, Ken. *Pay-to-Play Think Tanks: Institutional Corruption and the Industry of Ideas*. Safra Center for Ethics at Harvard University. 2014.

SLAUGHTER, Sheila; LESLIE, Larry L. *Academic capitalism: Politics, policies, and the entrepreneurial university*. Baltimore: Johns Hopkins University Press 1997.

SMITH, James A. *Idea brokers: think tanks and the rise of the new policy elite*. Simon and Schuster, 1993.

- SOROS, George. *O novo paradigma para os mercados financeiros*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- SPYER, Juliano. *Conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- STAHL, Jason. *Right moves: The conservative think tank in American political culture since 1945*. UNC Press Books, 2016. p.31.
- SUNSTAIN, Cass. *A era do radicalismo*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- TEIXEIRA, Tatiana. *Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Viagens aos Estados Unidos*. São Paulo: Hedra, 2010.
- TOTA, Antonio. *Os americanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- TUCKER, Robert; HENDRICKSON, David. *The imperial temptation: the new world order and America's purpose*. Nova York: Council on Foreign Relations Press, 1992.
- TUFEKCI, Zeynep. *Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest*. Yale University Press, 2017.
- VAN SPANCKEREN, Kathryn. *Perfil da literatura americana*. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, 1994.
- VAYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- VEDDER, Richard K. *Going broke by degree: why college costs too much*. Washington, D.C: The AEI Press. 2004
- VISENTINI, Paulo. *O caótico século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- WEBER. Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editorial, 1967.
- WEINBERGER, Eliot. *Crônicas da Era Bush*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WIARDA, Howard J. *Conservative brain trust: the rise, fall, and rise again of the American Enterprise Institute*. Lexington Books, 2009.
- WINTER-BERGER, Robert. *Corrupção em Washington*. Editora Artenova, 1973.
- WOODWARD, Bob. *Bush em Guerra*. São Paulo: Arx, 2003.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS, CAPÍTULOS DE LIVROS E ANAIS DE EVENTOS:

ABELSON, Donald E. Old world, new world: the evolution and influence of foreign affairs think-tanks. *International Affairs*, v. 90, n. 1, p. 125-142, 2014.

ABRAMOWITZ, Alan. Partisan polarization and the rise of the Tea Party movement. In: *APSA 2011 Annual Meeting Paper*. American Political Science Association. 2011.

ÁGOAS, Frederico. História das ideias, história das ciências humanas e sociologia do conhecimento. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 24, n. 2, p. 465-482, 2017.

AISTROPE, Tim. Conspiracy discourse and the Occupy Movement. *Global Change, Peace & Security*, v. 25, n. 1, p. 113-118, 2013.

ANTES JR. Ricardo. Apresentação in: DOWBOR, Ladislau; Ianni, Octavio; Antas J., Ricardo Mendes: *Estados Unidos: A supremacia contestada*. São Paulo: Cortez Editora. 2003.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 13-29, jan./abr. 2021.

ARCENEUX, Kevin; NICHOLSON, Stephen P. Who wants to have a tea party? The who, what, and why of the Tea Party movement. *PS: Political Science & Politics*, v. 45, n. 4, pp. 700-710, 2012.

ASQUINO, Gianfranco. Crise. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1998.

ASSMANN, Hugo. Como se interpenetram o Conselho de Relações Exteriores, o Circulo Bilderberg e a Comissão Trilateral. In: ASSMAN, Hugo (org.). *A Trilateral*, nova fase do capitalismo mundial. Petrópolis: Vozes, 1986.

BATES, Ralph S. The American Academy of Arts and Sciences. *The Scientific Monthly*, v. 54, n. 3, p. 265-268, 1942.

BEER, Andreas. Just (ice) Smiling? Masks and Masking in the Occupy-Wall Street Protests. *European journal of American studies*, n. 13-4, 2018.

BELLAH, Robert. Civil religion in America. *Dædalus*, Fall, 2005.

BENSON, Krystina. The Committee on Public Information: A transmedia war propaganda campaign. *Cultural Science Journal*, vOL. 5, n. 2, Pp. 62-86, 2012

BOBBIO, Norberto. Pluralismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília/Linha Gráfica, 1991.

BRESSER-PEREIRA, Luiz CarLos et al. A crise financeira de 2008. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 29, n. 1, p. 133-149, 2009.

BRUCE, Kyle; SMITH, Adam. Scientific management and the American planning experience of WWI: The case of the War Industries Board. *History of Economics Review*, vol. 23, n. 1, pp. 37-60, 1995.

BURKE, Peter. Escrevendo a história do conhecimento no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.3, jul.-set. 2018. p. 2 Disponível em: <<http://www.scielo.br/hcsm>>.

BUTTER, Michael. The birthers' new world order: conspiracy theories about Barack Obama. In: CHRIST, Birte; OLSON, Greta. *Obama and the Paradigm Shift: Measuring Change*. Universitätsverlag Winter, 2012.

CADY, Erin. The John M. Olin Fellowships and the Advancement of Conservatism in Legal Academia. *Harv. JL & Pub. Pol'y*, v. 39, p. 917, 2016.

CAMPBELL, James E. Why Bush won the presidential election of 2004: Incumbency, ideology, terrorism, and turnout. *Political Science Quarterly*, v. 120, n. 2, p. 219-241, 2005.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação in: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

CARNEGIE, Andrew. The gospel of wealth. *The North American Review*, vol. 183, n. 599, 1906, p. 526-527.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. En libro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

CAVANAGH, Sheila M.; HAHN, Robert W.; STAVINS, Robert N. *National environmental policy during the Clinton years*. Nota di Lavoro, 2002.

CHAPEL, Gage William. Speechwriting in the Nixon administration. *Journal of Communication*, v. 26, n. 2, p. 65-72, 1976.

CHOMSKY, Noam. Verdades e mitos sobre a invasão do Iraque. *Socialist Register*, p. 161-174, 2004.

- CLABAUGH, Gary K. The educational legacy of Ronald Reagan. *Educational Horizons*, v. 82, n. 4, p. 256-259, 2004.
- COE, Kevin; DOMKE, David. Petitioners or prophets? Presidential discourse, God, and the ascendancy of religious conservatives. *Journal of Communication*, v. 56, n. 2, p. 309-330, 2006.
- COX, Daniel; NAVARRO-RIVEIRA, Juhem; JONES, Robert. *In Search of Libertarians in America*. Public. ReligionResearchInstitute. 29 oct. 2013. Disponível em: <<https://www.prri.org/research/2013-american-values-survey/>>. Acesso em 20 abr. 2024.
- CRANLEY, Lisa; EL-MASRI, Maher. O Crescente Desafio Do Periódico Predatório: Um Chamado À Ação. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 32, p. e2023E004, 2023.
- DA SILVA, Juremir Machado. Pierre Bourdieu: os mandamentos do intelectual. *Revista FAMECOS*, v. 6, n. 10, 1999.
- DARNTON, Robert. An Early Information Society: News and the Media in Eighteenth-Century Paris. *American Historical Review*. February 2000.
- DAWSON, Bill. The Beat: The Roots of Conservatives' Environmental View. *Society of Enviromental Jouurnalists*. November 15, 2008. Disponível em: <<https://www.sej.org/publications/sejournal/the-beat-the-roots-conservatives-environmental-view>>. Acesso em 20 nov. 2023.
- DE SOUZA, Marco Aurelio Dias. A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense. *Mundo e Desenvolvimento: Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais*, v. 1, n. 1, p. 6-38, 2018.
- DEGANI, Marta. Endangered intellect: a case study of Clinton vs Trump campaign discourse. *Iperstoria*, n. 8, 2016.
- DELGADO, Richard. Why Obama: An interest convergence explanation of the nation's first Black president. *Law & Ineq.*, v. 33, 2015.
- DENSLOW, Neil. Iran-Contra. In: KNIGHT, Peter (Ed.). *Conspiracy theories in American history: An encyclopedia*. Abc-clio, 2003.
- DIANE D. BLAIR CENTER OF SOUTHERN POLITICS & SOCIETY. *Tea Party Distinguished by Racial Views and Fear of the Future*. Blair Center-Clinton School Poll. Diane D. Blair Center of Southern Politics & Society. 2010.

<https://blaircenter.uark.edu/polling-data-reports/2010-poll/tea-party/>>. Acesso em 07 mar. 2024.

DOMHOFF, William. The Council on Foreign Relations and the Grand Area: case studies on the origins of the IMF and the Vietnam War. *Class, Race and Corporate Power*, vol. 2, article 1, 2014.

DOWBOR, Ladislau. EUA: Novos Rumos. In: DOWBOR, Ladislau; Ianni, Octavio; Antas J., Ricardo Mendes: *Estados Unidos: A supremacia contestada*. São Paulo: Cortez Editora. 2003.

ESPOSITO, Luigi. The Alt-Right as a revolt against neoliberalism and political correctness: The role of collective action frames. *Perspectives on Global Development and Technology*, v. 18, n. 1-2, pp. 93-110, 2019.

FAGAN, Myron C. *The Illuminati and the Counsel on Foreign Relations*. [s.d]. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK_Ewjlsv_xpe_6AhVDIbkGHcB_DEEQFnoECBYQAQ&url=https%3A%2F%2Fhighlanderjua.com%2Fwp-content%2Fuploads%2F2019%2F03%2FMyron-Fagan-The-Illuminati-and-the-Council-on-Foreign-Relations-1.pdf&usg=AOvVaw30Ja3zNiMQ_1xp0-iTHU_s>.

Acesso em 10 out 2022.

FAGAN, Myron. *Civil Rights: Most Sinister Tool Of The Great Conspiracy*. CPA Book publisher. [s.d].

FAVA-DE-MORAES, Flavio. Universidade, inovação e impacto socioeconômico. *São Paulo em Perspectiva*, vol. 14, pp. 8-11, 2000.

FELDSTEIN, Martin S. *Housing, credit markets and the business cycle*. National Bureau of Economic Research. October 2007.

FERREIRA, Ruberval. 11 de setembro: a nomeação pela data e a mistificação dos conceitos de terrorismo e guerra como estratégia de constituição do discurso midiático-oficial. *ANTARES: Letras e Humanidades*, v. 4, n. 7, p. 108-129, 2012.

FRELON, Deen; WELLS, Chris. Disinformation as Political Communication, *Political Communication*, 37:2, pp. 145-156. 2020

FUNK, Clayton. The Committee on Public Information and the mobilization of public opinion in the United States during World War I: The effects on education and artists. *Journal of Social Theory in Art Education*, vol. 14, n. 1., 1994.

- GERSTLE, Gary. The rise and fall (?) of America's neoliberal order. *Transactions of the Royal Historical Society*, v. 28, p. 241-264, 2018.
- GIMENES, Éder Rodrigo. Teoria das elites e as elites do poder: considerações sobre a relevância dos teóricos clássicos e de Wright Mills aos estudos de cultura política e democracia. *Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR*. v. 2, n. 2, 2001.
- GOLDSTEIN, Warren S. Trump, the religious right, and the spectre of fascism. *Critical Research on Religion*, v. 9, n. 1, p. 3-7, 2021.
- GOOD, Curtis J. A nation at risk: Committee members speak their mind. *American Educational History Journal*, v. 37, n. 1/2, p. 367, 2010.
- GOODMAN, Roy E. Benjamin Franklin's Legacy: Printed Materials from Before 1870 Relating to Chinese Culture, Geography, Language, and Science at the American Philosophical Society in Philadelphia. *Journal of East Asian Libraries*, v. 1986, n. 80, 1986.
- GORSKI, Philip. Why evangelicals voted for Trump: A critical cultural sociology. *American Journal of Cultural Sociology*. July 2017.
- GREENSPAN, Alan; KENNEDY, James E. Estimates of home mortgage originations, repayments, and debt on one-to-four-family residences. *FEDS Paper*, n. 2005-41, 2005.
- GREGG, Heather S. Reagan and Terrorism. In: JOHNS, Andrew L. (Ed.). *A Companion to Ronald Reagan*. John Wiley & Sons, 2015.
- GRYNSZPAN, Mario. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 41. jan./jun. 1996.
- GUESS, Andrew M.; LYONS, Benjamin A. Misinformation, disinformation, and online propaganda. *Social media and democracy: the state of the field, prospects for reform*, p. 10-33, 2020.
- GUIMARÃES, Cesar. A política externa dos Estados Unidos, da primazia ao extremismo. *Estudos Avançados*, v. 16, n. 46, 2002.
- HAAR, Robert. Explaining George W. Bush's adoption of the neoconservative agenda after 9/11. *Politics & Policy*, v. 38, n. 5, p. 965-990, 2010.
- HAUCK, Juliana Cristina Rosa. What are 'think tanks'? Revisiting the dilemma of the definition. *Brazilian Political Science Review*, v. 11, 2017.
- HAYEK, Friedrich A. The Defense of Our Civilization Against Intellectual Error. *Freeman-new series-foundation for economic education-*, v. 54, p. 8-9, 2004.

- HEWA, Soma. The Protestant Personality and Higher Education: American Philanthropy beyond the Progressive Era. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, vol. 12, n. 1, 1998.
- HICKS, Gloria. American Liberty League. In: CARLISLE, Rodney P. *Encyclopedia of politics*. Sage, 2005, vol. 2.
- HORWITZ, Robert B. Trump and the “deep state”. In: *The Trump Administration*. Routledge, 2022.
- HUNT, Lynn. Introdução: História, Cultura e Texto. In: _____. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IANNI, Octavio. Sociologia do terrorismo. in: DOWBOR, Ladislau; Ianni, Octavio; Antas J., Ricardo Mendes: *Estados Unidos: A supremacia contestada*. São Pualo: Cortez Editora. 2003.
- IMHOLT, Robert J. Timothy Dwight, Federalist Pope of Connecticut. *The New England Quarterly*, vol. 73, n. 3, 2000.
- JAMISON, Fredric. Globalização e estratégia política. In: SADER, Emir. *Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000*, 2001.
- JASMIN, Marcelo Gantus. História dos Conceitos e Teoria Política e Social. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 20, nº 57, fevereiro, 2005.
- JUTEL, Olivier. The liberal field of journalism and the political—The New York Times, Fox News and the Tea Party. *Journalism*, v. 17, n. 8, p. 1129-1145, 2016.
- KAHN, Greg. The fate of the Kyoto Protocol under the Bush Administration. *Berkeley J. Int'l L.*, v. 21, pp. 548, 2003.
- KARPOWITZ, Christopher F. et al. Tea time in America? The impact of the Tea Party movement on the 2010 midterm elections. *PS: Political Science & Politics*, v. 44, n. 2, pp. 303-309, 2011.
- KEELEY, Brian. Of Conspiracy Theorie. *The Journal Of Philosophy* Volume XCVI, No. 3, New York. March 1999.
- KEKES, John. Academic Corruption. *The Monist*, Volume 79, Issue 4, 1 October 1996, Pages 564–576. 1996
- KESSLER, Bart R. *Bush's New World Order: The Meaning Behind the Words*. Air command and staff coll maxwell afb al, 1997.

- KIDD, Thomas. "Is It Worse to Follow Mahomet than the Devil?" Early American Uses of Islam. *Church history*, v. 72, n. 4, p. 766-790, 2003.
- KIM, Jin Woo; KIM, Eunji. Identifying the effect of political rumor diffusion using variations in survey timing. *Quarterly Journal of Political Science*: Vol. 14: No. 3, pp 293-311, 2018.
- KOČNEROVÁ, mária; grigelová, petra; d'ureje, michal. Analysis of the idiolect of barack obama. *European journal of transformation studies*, Vol. 11, n. 1, 2023.
- KOVARIK, William. Ethyl-leaded gasoline: how a classic occupational disease became an international public health disaster. *International journal of occupational and environmental health*, v. 11, n. 4, p. 384-397, 2005.
- KRISTOL, Irving. Forty good years. *Public Interest*, n. 159, 2005.
- KUMAR, Deepa. War propaganda and the (ab) uses of women: Media constructions of the Jessica Lynch story. *Feminist media studies*, v. 4, n. 3, p. 297-313, 2004.
- KUZMAROV, Jeremy. The Reagan Revolution and the war on drugs. In: KENDALL, John George. A Companion to Ronald Reagan. *Reference Reviews*, 2015.
- LARSON, Mary Strom. Rush Limbaugh broadcast demagogue. *Journal of Radio Studies*, 4:1, 189-202. 1997.
- LÄSSIG, Simone. The history of knowledge and the expansion of the historical research agenda. *Bulletin of the GHI Washington*, Issue 59, Fall. 2016.
- LAWRENCE, Regina G.; BENNETT, W. Lance. Rethinking media politics and public opinion: Reactions to the Clinton-Lewinsky scandal. *Political Science Quarterly*, v. 116, n. 3, p. 425-446, 2001.
- LE MOS, André. Cultura da Mobilidade. Revista *FAMECOS*. Porto Alegre. Nº 40. dezembro de 2009.
- LEWANDOWSKY, Stephan et al. Misinformation, disinformation, and violent conflict: From Iraq and the "War on Terror" to future threats to peace. *American psychologist*, v. 68, n. 7, p. 487, 2013.
- LINDSAY, James M. George W. Bush, Barack Obama and the future of US global leadership. *International Affairs*, v. 87, n. 4, p. 765-779, 2011.
- LÖWY, Michael. Negatividade e utopia do movimento altermundialista. *Lutas sociais*, n. 19/20, p. 32-38, 2008.

- MACKENZIE, Doug. Rush Limbaugh. in: FROHNEN, Bruce; BEER, Jeremy; JEFFREY, Nelson O. *American Conservatism: An Encyclopedia*. Open Road Media, 2014.
- MADESTAM, Andreas et al. Do political protests matter? evidence from the tea party movement. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 128, n. 4, p. 1633-1685, 2013.
- MARLETTI, Carlo. Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de Política*. v. 2. Brasília: UnB, 1998.
- MARSDEN, Lee. Bush, Obama and a faith-based US foreign policy. *International Affairs*, v. 88, n. 5, p. 953-974, 2012.
- MATON. Karl. Habitus. In: GRELFELL, Michael. *Pierre Bourdieu Key Concepts*. Acumen Publishing Limited. Stocksfield. 2008.
- MAY, Rob; FELDMAN, Mathew. Understanding the Alt-Right. Ideologues, ‘Lulz’ and Hiding in Plain Sight. in: FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick. *Post-Cultures of the Far Right*. transcript Verlag. 2018.
- MCBRIDE. David; LIPPMANN, Walter. In: CARLISLE, Rodney P. *Encyclopedia of politics*. Sage, 2005.
- _____. In: CARLISLE, Rodney P. *Encyclopedia of politics*. Sage. 2005.
- MCKCRISTEN, Trevor. Ten Years on Obama's War on Terrorism in rhetoric and practice. *International Affairs*, v. 87, n. 4, 2011.
- MEDVETZ. Thomas. Think Tanks. In: RITZER, George (Ed). *Blackwell encyclopedia of sociology*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2007.
- MIDDLETON, Karen; TURNBULL, Sarah. How advertising got ‘woke’: The institutional role of advertising in the emergence of gender progressive market logics and practices. *Marketing Theory*, v. 21, n. 4, p. 561-578, 2021.
- MILLS, Sefanie. The Belief in Evil and Its Redefinition during the Salem Witch Trials. In: ZANINI, Claudio; BHUIYAN, Lima (orgS.) *This Thing of Darkness: Shedding Light on Evil*. Inter-Disciplinary Press, 2016.
- MORRIS, Graig. 9/11truth. In: KNIGHT, Peter. *The encyclopedia of conspiracies and conspiracy theories*. Checkmark books, 2006.
- MORRIS, Jonathan S. The Fox news factor. *Harvard international journal of press/politics*, v. 10, n. 3, p. 56-79, 2005.

- MOSES, Dirk. "White genocide" and the ethics of public analysis. *Journal of Genocide Research*, v. 21, n. 2, p. 201-213, 2019.
- MOTZKIN, Gabriel. A intuição de Koselleck acerca do tempo na história. in: JASMIN. Marcelo Gantus; FERES JUNIOR. João. (org.) *História dos Conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: editora PUC-Rio, Edições Loyola. 2006.
- MULLIN, Corinna. The US discourse on political Islam: is Obama's a truly post-'war on terror' administration?, *Critical Studies on Terrorism*, 4:2, pp. 263-281. 2011.
- O'CONNELL, Aaron B. Saving Private Lynch: A hyperreal hero in an age of postmodern warfare. *War, Literature and the Arts*, v. 17. 2005
- OLIVER, J. Eric; WOOD, Thomas J. Conspiracy Theories and the Paranoid Style(s) of Mass Opinion. *American Journal of Political Science*, Vol. 58, No. 4, Pp. 952–966. October 2014.
- PARKER, Christopher Sebastian. Race and Politics in the Age of Obama. *Annual Review of Sociology*, v. 42, p. 217-230, 2016.
- PARMAR, Inderjeet. The issue of state power: the council on foreign relations as a case study. *Journal of American Studies*, v. 29, n. 1, p. 73-95, 1995.
- PAULA, Maria de Fátima de. A Formação Universitária No Brasil: Concepções e Influências. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 1, p. 71-84, mar. 2009.
- PECEQUILO, Cristina. A era George W. Bush (2001/2007): os EUA e o Sistema Internacional. *II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional - o Brasil e o mundo que vem aí*. Rio de Janeiro, 2007.
- PECEQUILO, Cristina. Estados Unidos da América, política externa. In: KOCHER, Bernardo (org.). *Globalização: atores, ideais e instituições*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011,
- PECEQUILO, Cristina. Obama, semana I: now we will. *Meridiano 47*, v. 10, n. 102, 2009.
- PHILLIPS-FEIN. Kim. Business Conservatives and the Mont Pèlerin Society In MIROWSKI. Philip: *The Road from Mont Pèlerin*. Harvard University Press, 2009.
- POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. *Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx*, v. 6, n. 11, p. 326-354, 2018.
- _____. Os opositores conservadores do New Deal. *Revista Eletrônica da Anphlac*, n. 7, 2008.
- QUIGLEY, John. The Afghanistan War and Self-Defense. *Val. UL Rev.*, v. 37. 2002.

- REYES-RODRÍGUEZ, Antonio. Speeches and declarations: a war of words. *Revista alicantina de estudios ingleses*, No. 19. pp. 365-386, 2006.
- ROZELL, Mark J. GRUPTA, Debasree Das. The “Values Vote”? Moral Issues and the 2004 Elections. in: GREEN, John C.; ROZELL, Mark J.; WILCOX, Clyde (Ed.). *The values campaign?: The christian right and the 2004 elections*. Georgetown University Press, 2006.
- RUONG, Kevin. Is free speech on campus under threat in age of 'empathetic correctness'?. *The Christian Science Monitor*. July 30, 2015. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/USA/Education/2015/0730/Is-free-speech-on-campus-under-threat-in-age-of-empathetic-correctness>>. Acesso em 20 abr. 2015.
- SÁFRANY, Beáta. 9/11 Conspiracy Theories. *Hungarian Journal of English and American Studies* (HJEAS), Vol. 19, No. 1. pp. 11-30. Spring, 2013
- SAMUEL, Robert. Conservative intellectuals and the Reagan–Gorbachev summits. *Cold war history*, v. 12, n. 1, p. 135-157, 2012.
- SANTOS, Milton. *O retorno do território*. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SARFRAZ, Zouina et al. Predatory journals: A literature review. *Pakistan Journal of Surgery and Medicine*, v. 1, n. 1, p. 42-51, 2020.
- SAVAGE, Ritchie. From McCarthyism to the Tea Party: Interpreting anti-Leftist forms of US populism in comparative perspective. *New Political Science*, v. 34, n. 4, p. 564-584, 2012.
- SCHLESENER, A. H. A crítica de Gramsci à Teoria das Elites: Pareto, Mosca e Michels e a democracia burguesa. In: *V Colóquio Internacional Marx Engels*. Campinas, 2007.
- SCHMIDT, Brian C.; WILLIAMS, Michael C. The Bush doctrine and the Iraq War: Neoconservatives versus realists. *Security Studies*, v. 17, n. 2, p. 191-220, 2008.
- SIVEK, Susan Currie. Editing conservatism: How National Review magazine framed and mobilized a political movement. *Mass Communication and Society*, v. 11, n. 3, p. 248-274, 2008.
- SLAUGHTER, Sheila; RHOADS, Gary. The Neo-Liberal University. *New Labor Forum*, no. 6, pp. 73-79. 2000.
- SMIT, Johanna Wilhelmina. A informação na Ciência da Informação. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*. v. 3., n. 2. pp. 84-101, 2012.

SMITH, Rogers M. Religious rhetoric and the ethics of public discourse: the case of George W. Bush. *Political Theory*, v. 36, n. 2, pp. 272-300, 2008.

SOLOWAY, Mollie. Measuring Environmental Justice: Analysis of Progress under Presidents Bush, Obama, and Trump. *Envtl. L. Rep.*, v. 51, 2021.

SOUZA, José Carlos Lima. Movimento Zapatista. in: KOCHER, Bernardo (org.). *Globalização: atores, ideais e instituições*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

STONE, Diana. Recycling Bins, Garbage Cans or Think Tanks? Three Myths Regarding Policy Analysis Institutes. New York: *Public Administration*, v. 85, Issue 2. Pages 259–568. 2007.

STONE, Diane. Think tank transnationalisation and non-profit analysis, advice and advocacy. *Global Society*, vol. 14, n. 2, pp. 153-172, 2000.

STONE, Geoffrey. The Second Great Awakening: a Christian Nation. *Ga. St. UL Rev.*, vol. 26, 2009.

STUDENT ACTION. Why a Strike? Student Action. *Student League for Industrial Democracy*. March 25, 1935.

SUMMERS, Lawrence H. Responding to an Historic Economic Crisis: The Obama Program. *Speech at the Brookings Institution*, 2009.

SUMMERS, Ryan. The Rise of the Alt-Right Movement. *Media and Communication Studies Summer Fellows*. 2017. p. 11. Disponível em: < https://digitalcommons.ursinus.edu/media_com_sum/11/> Acesso 20 abr. 2024.

TEIXEIRA, Tatiana. A influência dos think tanks no governo Bush e no início da era Obama. *II Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa San Tiago Dantas*. São Paulo, 2009.

TONRY, Michael. Race and the War on Drugs. *U. Chi. Legal F.*, 1994.

TRANDAHL, Jeff. “Statistics of the Congressional Election of November 5, 2002. *Compiled from Official Sources by Jeff Trandahl, Clerk of the House of Representatives. Corrected to May*, v. 1, p. 2003, 2003.

URRUTIA, Oliveira. The role of think tanks in the definition and application of defense policies and strategies. *Revista del Instituto Español de Estudios Estratégicos*, n. 2. 2013

- USCINSKI, Joseph E.; DEWITT, Darin; ATKINSON, Matthew D. A web of conspiracy? internet and conspiracy theory. In: *Handbook of conspiracy theory and contemporary religion*. Brill, pp. 106-130. 2018.
- USCINSKI, Joseph. The Study of Conspiracy Theories. *Argumenta*. University of Sassari. 2017.
- VAN ZOONEN, Liesbet. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*, v. 27, n. 1, pp. 56-67, 2012.
- VANDERLEI, Silvia Kalina; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo. Ed. Contexto, 2009.
- VEDDER, Richard. Twelve inconvenient truths about American higher education. *Center for College Affordability and Productivity*, 2012.
- VIDAL, Camila Feix; WIETCHIKOSKI, Luciana. Revisitando os think tanks na ascensão do conservadorismo estadunidense: American Enterprise Institute e Heritage Foundation. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 54, 2019.
- VITZ, Paul. The Future Of The University: From Postmodern To Transmodern. In: JEFFREY, David Lyle; MANGANIELLO, Dominic (org). *Rethinking the Future of the University*. University of Ottawa Press. 1998.
- WALKER, Clarence. ‘We’re Losing Our Country’: Barack Obama, Race & the Tea Party. *Daedalus*, vol. 140, no. 1, 2011, pp. 125–30.
- WEBER, Max. Parlamentarismo E Governo Numa Alemanha Reconstruída. In: *Os Economistas*. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1997. p. 39
- WIGGINS, Rosalind; PIONTEK, Thomas; METRICK, Andrew. The Lehman brothers bankruptcy a: overview. *Yale program on financial stability case study*, 2014.
- WILLIAMS, Bruce; DELLI CARPINI, Michael. Unchained reaction: The collapse of media gatekeeping and the Clinton–Lewinsky scandal. *Journalism*, v. 1, n. 1, p. 61-85, 2000.
- WOLFF, Wendy. *The Senate 1789-1989: Classic Speeches 1830-1993*. U.S. Government Printing Office, pp. 83-116.
- ZESKIND, Leonard. A nation dispossessed: The Tea Party movement and race. *Critical Sociology*, v. 38, n. 4, p. 495-509, 2012.

JORNAIS, REVISTAS E BLOGS:

ABC. Accused Charleston Church Shooter Dylann Roof Laughed When Admitting to Shooting in Video 'Confession' Played in Court. ABC News. December 9, 2016. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/US/accused-charleston-church-shooter-dylann-roofs-video-confession/story?id=44070131>> Acesso em 20 abr. 2024.

APPELBAUM, Yoni. 'I Alone Can Fix It'. *The Atlantic*. July 21, 2016. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/07/trump-rnc-speech-alone-fix-it/492557/>> Acesso em 18 abr. 2024.

BBC NEWS. Fall in home building in the US. *BBC*. 30 november 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7121320.stm>> Acesso em 05 mar. 2024

BBC NEWS. US house prices continue to slide. *BBC*. 27 November 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7115392.stm>> Acesso em 05 mar. 2024

BBC NEWS. US shares slump on wor worries. *BBC*. 4 January 2008. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/7171728.stm>> Acesso em 05 mar. 2024

BBC. Elliot Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'. *BBC*. 25 April 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189>> Acesso em 20 abr. 2024.

BBC. Trump on climate change report: 'I don't believe it'. *BBC*, 26 november 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-46351940>> Acesso em 18 abr. 2024.

BHAT, Ejaz. Epstein Files: Full List Of High-Profile People Named In Unsealed Docs. *World News*. January 6, 2024. Disponível em: <https://www.ndtv.com/world-news/jeffrey-epstein-epstein-files-full-list-of-high-profile-people-named-in-unsealed-court-docs-4810003>> Acesso em 20 abr. 2024.

BUDD, Lawrence. Racial slur by Tea Party leader hits home. *Dayton Daily News*. April 12, 2010. Disponível em: <<https://www.daytondailynews.com/news/national-govtpolitics/racial-slur-tea-party-leader-hits-home/nF9asMRHahWHqXF0CIGP0K/>> Acesso em 07 mar. 2024.

BUELER, Tim. CNN poll on Obama: 6 of 10 doubt U.S. birth story. *KLTv*. august 5, 2010. Disponível em: < <https://www.kltv.com/story/12932570/cnn-poll-on-obama-6-of-10-doubt-us-birth-story/>> Acesso em 05 mar. 2024.

BURKE, Minyvonne. Vernon Jordan, civil rights icon and former Clinton adviser, dies at 85. *NBC News*. march 2, 2021. Disponível em: <

<https://www.nbcnews.com/news/us-news/vernon-jordan-civil-rights-icon-former-clinton-adviser-dies-85-n1259265>> Acesso em 04 mar. 2024.

BYRNES, Malcolm. The Iran-Contra Affair 30 Years Later: A Milestone in Post-Truth Politics. *National Security Archives*. Nov 25, 2016. Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/iran/2016-11-25/iran-contra-affair-30-years-later-milestone-post-truth-politics>> Acesso em 05 de nov.. 2023.

CAIR. Frank Graham claims Islam is “a Very Evil and Wicked Religion”. *CAIR*. November 19, 2001. Disponível em: <https://www.cair.com/press_releases/frank-graham-claims-islam-is-a-very-evil-and-wicked-religion/> Acesso em: 05 de nov. de 2023.

CAPEHART, Jonathan. A Petition to 'stop white genocide'? *The New York Times*. January 18, 2013. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/blogs/post-partisan/wp/2013/01/18/petition-stop-white-genocide/>> Acesso em 20abr. 2024.

CBS. Tea Party, Dems Row Over N-Word Video "Evidence". *CBS News*. April 13, 2010. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/tea-party-dems-row-over-n-word-video-evidence/>> Acesso em 07 mar. 2024.

CNN. 1993 World Trade Center Bombing Fast Facts. *CNN*. June 13, 2023. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2013/11/05/us/1993-world-trade-center-bombing-fast-facts/index.html>> Acesso em 20 nov.. 2023.

CNN. Falwell apologizes to gays, feminists, lesbians. *CNN*. September 14, 2001. Disponível em:<<https://web.archive.org/web/20130401182609/http://archives.cnn.com/2001/US/09/14/Falwell.apology/>> Acesso em 05 de nov. de 2023.

COOPER, William. *Who Benefits?* The question no one dares to ask!. Disponível em: <<https://www.islamawareness.net/Terrorist/Wtc/benefit.html>> Acesso em 05 de nov. 2023.

CONDON, Stephanie. Poll: "Birther" Myth Persists Among Tea Partiers, All Americans. *CBS News*. April 14, 2010. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/poll-birther-myth-persists-among-tea-partiers-all-americans/>> Acesso em 07 mar. 2024.

COWELL, Alan. On Arab TV Network, Obama Urges Dialogue. New York: *The New York Times*, January 27, 2009. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/01/28/world/middleeast/28arabiya.html>>. Acesso em 05 nov. 2023

CUMMINGS, William. 'I have a natural instinct for science,' President Trump says in newly released interview. *US Today*. Oct. 18, 2018. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/onpolitics/2018/10/17/donald-trump-natural-instinct-science/1674336002/>> Acesso em 18 abr. 2024.

DAVENPORT, C. In the Trump Administration, Science Is Unwelcome. So Is Advice. *The New York Times*. Jun. 9 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/09/climate/trump-administration-science.htm>> Acesso em 18 abr. 2024.

ECONOMIC SOCIOLOGY & POLITICAL ECONOMY. The original email that started Occupy Wall Street. *Economic Sociology & Political Economy*. December 27. 2014. Disponível em: <<https://economicsociology.org/2014/12/27/the-original-email-that-started-occupy-wall-street/>> Acesso em 05 mar. 2024.

EDWARDS, Lee; EDWARDS, Anne. How Publishers (and Readers) Learned to Love Conservative Books. *The Daily Signal*. April 13, 2015. Disponível em: <<https://www.dailysignal.com/2015/04/13/how-publishers-and-readers-learned-to-love-conservative-books/>> Acesso em 10 out 2022.

FAHRENTHOLD, David. Trump said he'd give away \$5 million — or maybe \$50 million — for proof Obama was born in the U.S. Will he pay it? *The New York Times*. September 16. 2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/09/16/trump-said-hed-give-away-5-million-or-maybe-50-million-for-proof-obama-was-born-in-the-u-s-will-he-pay-it/>>. Acesso em 05 mar. 2024.

FELZENBERG, Alvin. The Inside Story of William F. Buckley Jr.'s Crusade against the John Birch Society. *National Review*. jun 20, 2017. Disponível em <<https://www.nationalreview.com/2017/06/william-f-buckley-john-birch-society-history-conflict-robert-welch/>> Acesso em 2 jun. 2024.

FEUER, Alan. 500 Conspiracy Buffs Meet to Seek the Truth of 9/11. *The New York Times*. June 5, 2006. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2006/06/05/us/05conspiracy.html>> Acesso em 05 de nov. De 2023.

FILKINS, Dexter. The Deep State. *The New Yorker*. March 4, 2012. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2012/03/12/the-deep-state>> Acesso em 07 mar. 2024.

FIRMITE, Peter. Masked man enters, attacks Bohemian Grove / 'Phantom' expected armed resistance. *Sfgate*. jan 24, 2002. Disponível em: < <https://www.sfgate.com/bayarea/article/masked-man-enters-attacks-bohemian-grove-2881742.php>>. Acesso em 20 abr. 2024.

FRANK, Thomas. From John Birches to Birthers. *The Wall Street Journal*. oct, 20, 2009. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB10001424052748704500604574485453143755952>> Acesso em 07 mar. 2024.

FRIZELL, Sam. Transcript: Read the Full Text of Hillary Clinton's Campaign Launch Speech. *Time*. June 13, 2015. Disponível em: < <https://time.com/3920332/transcript-full-text-hillary-clinton-campaign-launch/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

GANGEL, Jamei. et al. Vernon Jordan, civil rights leader and close ally of Bill Clinton, dies. *CNN*. march 2, 2021. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2021/03/02/politics/vernon-jordan-dies/index.html>> Acesso em 04 mar. 2024.

GOVINFO. *Historical Tables, Budget of the United States Government, Fiscal Year 2022*. GovInfo may 28, 2021. Disponível em: < <https://www.govinfo.gov/app/details/BUDGET-2022-TAB/context>> Acesso em 18 abr. 2024.

HAMILTON, Matt. LAX shooter's plea agreement reveals he did not consider himself a terrorist, but a 'patriot'. *Los Angeles Times*. Sept. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.latimes.com/local/lanow/la-me-ln-lax-shooter-guilty-plea-20160901-snap-story.html>> Acesso em 20 abr. 2024

HUNTER, Derek Trump Apologizes, Says Bill 'Actually Abused Women' [VIDEO]. *Daily Caller*, October 8, 2016. Disponível em: <<https://dailycaller.com/2016/10/08/trump-apologizes-says-bill-actually-abused-women-hillary-bullied-attacked-shamed-and-intimidated-victims-video/>> Acesso em 20 abr. 2024.

JACKSON, David. Donald Trump accepts GOP nomination, says 'I alone can fix' system. *USA Today*. Jul 21, 2016. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/elections/2016/07/21/donald-trump-republican-convention-acceptance-speech/87385658/>> Acesso em 18 abr. 2024

JOHNSON, Lauren. Elliot Rodger Manifesto: My Twisted World. *NY Deily News*. s/d. Disponível em: <<https://www.documentcloud.org/documents/1173808-elliott-rodger-manifesto>> Acesso em 20 abr. 2024.

KAMPFNER, John. The Truth about Jessica. *The Guardian*. 15 may 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2003/may/15/iraq.usa2>> Acesso em 05 de nov. 2023.

KELLY, Mary. 'I'm Just Trying To Make Myself Laugh': 'New Yorker' Artist Shares His Cover Stories. *NPR*. Author interviews. October 20, 2017. Disponível em: <<https://www.npr.org/2017/10/20/558777025/im-just-trying-to-make-myself-laugh-new-yorker-artist-shares-his-cover-stories>> Acesso em 5 de mar. 2024.

KENWORTHY, Tom. Activist ex-aide to gore tapped to direct epa. *The Washington Post*. December 23, 1992. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1992/12/12/activist-ex-aide-to-gore-tapped-to-direct-epa/c53baf94-c10b-4773-8a99-acbe12fc830a/>> Acesso em 20 nov. 2023.

KIGGINS, Steve. Trump on '60 Minutes:' 5 takeaways from Sunday's televised interview. *Us Today*. Oct. 15, 2018. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/politics/2018/10/14/trump-60-minutes-cbs-takeaways/1645388002/>> Acesso em 18 abr. 2024.

KIM, Richard. Roots of The Tea Party's Conspiracy Mania. *CBS News*. March 26, 2010. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/roots-of-the-tea-partys-conspiracy-mania/>> Acesso em 07 mar. 2024.

KSL.COM. BYU Professor on Paid Leave for 9-11 Theory. *KSL.com*. september 8, 2006. Disponível em: <<https://www.ksl.com/article/476951/byu-professor-on-paid-leave-for-9-11-theory>> Acesso em 05 de nov. 2023.

LAS VEGAS SUN. A look inside the lives of shooters Jerad Miller, Amanda Miller. *Las Vegas Sun*. June 9, 2014. Disponível em: <<https://lasvegassun.com/news/2014/jun/09/look/>>. Acesso em 20 abr. 2024.

LOBOSCO, Kate. Americans are moving to Europe for free college degrees . *CNN*. February, 23. 2016. Disponível em: <<https://money.cnn.com/2016/02/23/pf/college/free-college-europe/index.html>,> Acesso em 09 fev. 2023.

LYNN. Kenneth. Versions of Walter Lippmann. *Commentary*. October 1980. Disponível em: <<https://www.commentary.org/articles/kenneth-lynn/versions-of-walter-lippmann/>>. Acesso em: 12 mai. 2022.U.S.

MATIN, Amy; CERABONE, Ron. How September 11 impacted and changed media and pop culture. *The New York Times*. september 11, 2021. Disponível em:

<<https://www.canberratimes.com.au/story/7414061/after-911-the-imprint-left-on-pop-culture/>> Acesso em 05 de nov. 2023

MCCASKILL, Nolan. Trump boasts of his Ivy League education to defend image. *Politico*, 25 oct. 2017. Disponível em: <<https://www.politico.com/story/2017/10/25/trump-intelligence-ivy-league-education-media-false-image-244167>> Acesso em 20 abr. 2024.

MOONEY, Chris. Comment: Hail to the intellectual president. *New Scientist*. 6 may, 2009. Disponível em: <<https://www.newscientist.com/article/mg20227076-000-comment-hail-to-the-intellectual-president/>>. Acesso em 18 abr. 2024.

MOORE, Russel, Same-Sex Marriage and the Future. *Sexuality and Gender*, Russell Moore. April 15, 2014. Disponível em: <<https://www.russellmoore.com/2014/04/15/same-sex-marriage-and-the-future/>> Acesso em: 20 abr. 2024.

MYLROIE, Laurie. The World Trade Center Bomb: who is Ramzi Yousef? and why it matters. *The National Interest*. Winter 1995/1996. Disponível em: <<https://irp.fas.org/world/iraq/956-tni.htm>>. Acesso em 20 nov., 2023.

NEW YORK TIMES, 29 de abril de 1934. Seção: watch-tower. 'Parties come to grips over emergency's end'. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1934/04/29/archives/parties-come-to-grips-over-emergencys-end-republicans-insisting-it.html>>. Acesso em 15 mar. 2022.

NEW YORK TIMES, 29 de setembro de 1934. 'Platform adopted by the Republicans at their State convention in Rochester'. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1934/09/29/archives/platform-adopted-by-the-republicans-at-their-state-convention-in.html>> Acesso em 15 mar. 2022.

NEW YORK TIMES, Transcrip: Donald Trump's taped comments about woman. *The New York Times*, october 8, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/10/08/us/donald-trump-tape-transcript.html>> Acesso em 20 abr. 2024.

NEW YORK TIMES. 'The Republicans face a great decision'. 20 de junho de 1937. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1937/06/20/archives/the-republicans-face-a-great-decision-shall-the-party-carry-on-and.html>> Acesso em 18 mar. 2022.

NPR. 'New Yorker' Editor Defends Obama Cover. *NPR media*. july 14, 2008. Disponível em: <<https://www.npr.org/2008/07/14/92529393/new-yorker-editor-defends-obama-cover>>. Acesso em 05 mar. 2024.

PETERS, Jeremy. For religious conservatives, success and access at the trump white house. *The New York Times*. Feb 13, 2017. Disponível Em: <https://www.nytimes.com/2017/02/13/us/politics/trump-religious-conservatives.html?_r=0>. Acesso em 20 abr. 2024.

PETER DALE SCOTT. *home page*. Disponível em: <<https://www.peterdalescott.net>> Acesso em 05 de nov. 2023.

PHILLIPS, Amber. ‘They’re rapists.’ President Trump’s campaign launch speech two years later, annotated. *The New York Times*. june 16, 2017. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/06/16/theyre-rapists-presidents-trump-campaign-launch-speech-two-years-later-annotated/>> Acesso em 20 abr. 2024

REILEY, Peter. Declaration of the Occupation of New York City - Thomas Jefferson is Tough Act to Follow. *Forber*. October 05, 2011. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/peterjreilly/2011/10/05/declaration-of-the-occupation-of-new-york-city-thomas-jefferson-is-tough-act-to-follow/?sh=4a678eab210f>> Acesso em 05 mar. 2024.

RILEY, Michael. Backers hail 9/11 theorist’s speech. *The Denver Post*. October 29, 2006. Disponível em: <<https://www.denverpost.com/2006/10/29/backers-hail-911-theorists-speech/>> Acesso em 05 de nov. de 2023.

ROSENBAUM, David. G.O.P Says it Ignores Critical poll on inquiry. *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1998/09/27/us/gop-says-it-ignores-critical-polls-on-inquiry.html>> Acesso em 20 nov. 2023.

SHENK, Timothy. Right Privilege Conservatism in the Age of Trump. *Dissent*, Volume 66, number 1, Winter. 2019. pp. 104 – 117. p. 104. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/714313>> Acesso em 20 abr. 2024.

SORKIN, Andrew. Occupy Wall Street: A Frenzy That Fizzled. *The New York Times*. September 17, 2012. Disponível em: <<https://archive.nytimes.com/dealbook.nytimes.com/2012/09/17/occupy-wall-street-a-frenzy-that-fizzled/>> Acesso em 07 mar. 2024.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. Conspiracy Theorist Slain in Police Shootout. SPLC. March 05, 2002. Disponível em: <<https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2002/conspiracy-theorist-slain-police-shootout>> Acesso em 05 de nov. 2023.

TESICH, Steve. A government of lies (political ethics). *The Nation*, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992. Disponível em: <<https://www.thefreelibrary.com/A+government+of+lies.-a011665982>>. Acesso em: 24 mai 2023.

THOMAS, Dave. The 9/11 Truth Movement: The Top Conspiracy Theory, a Decade Later. *Skeptical Inquirer*. Volume 35. No. 4. 2011. Disponível em: <<https://skepticalinquirer.org/2011/07/the-911-truth-movement-the-top-conspiracy-theory-a-decade-later/>> Acesso em 05 de nov. 2023.

THOMAS Jr. Landon. Jeffrey Epstein: International Moneyman of Mystery; *New York Magazine*. October 28, 2002. Disponível em: < https://nymag.com/nymetro/news/people/n_7912/> Acesso em 20 abr. 2024.

TYLER, Patrick. U.S. strategy plan calls for insuring no rivals develop. *The New York Times*. New York, March, 8 1992.

WERTHEIM, Stephen. Return of the Neocons. *NYR Daily*. January 2, 2019. Disponível em <<https://www.nybooks.com/daily/2019/01/02/return-of-the-neocons/?printpage=true>> Acesso em 20 abr. 2024.

WILSON CENTER. Howard J Wiarda. Página de pessoal. Disponível em <<https://www.wilsoncenter.org/person/howard-j-wiarda>>. Acesso em 10 set. 2023.

WOLF, Naomi. The shocking truth about the crackdown on Occupy. *The Guardian*. 25 november, 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/nov/25/shocking-truth-about-crackdown-occupy>> Acesso em 07 mar. 2024.

Apêndice A

Linha do tempo da institucionalização das correntes das direitas estadunidenses

- 1919 – 1959 [Hoover Library](#)
- 1921 [Council on Foreign Relations](#)
- 1922 [Foreign Affairs](#) (Revista)
- 1924 [Dallas Theological Seminary](#)
- 1929 [Consumers' Research](#)
- 1931 [Young Republican National Federation](#)
- 1934 – 1940 [American Liberty League](#)
- 1938 [American Enterprise Association](#)
- 1946 [Foudation for Economic Education](#)
- 1947 [Ethics & Religious Liberty Commission](#)
- 1947 [Mont Pelerin Society](#)
- 1950 [Billy Graham Evangelistic Association](#)
- 1953 – 2005 [John M. Olin Foundation](#)
- 1955 [National Review](#) (Revista)
- 1956 – 2007 [Old Time Gospel Hour](#) (Programa de Tv)
- 1957 [John Birch Society](#)
- 1959 [Hoover Institution](#)
- 1960 [Young Americans for Freedom](#)
- 1960 [Christian Broadcasting Network](#)
- 1961 [Hudson Institute](#)
- 1962 [American Enterprise Institute](#)
- 1962 [Center for Strategic and International Studies](#)
- 1964 [American Conservative Union](#)
- 1964 The Conservative Book Club
- 1965 [Public Interest](#) (Revista)
- 1966 – 1999 [The Firing Line](#) (Programa de Tv)
- 1970 [Foreign Policy](#) (Revista)
- 1971 Americans United for Life

- 1971 – 1976 [Lynchburg Baptist College](#)
- 1972 [Eagle Forum](#)
- 1973 [Trinity Broadcasting Network](#)
- 1973 [The Heritage Foundation](#)
- 1974 [Conservative Political Action Conference](#) (Evento)
- 1976 [Moral Majority](#)
- 1977 [Free Congress Research and Education Foundation](#)
- 1977 Cato Institute
- 1977 [American Family Association](#)
- 1977 [Regent University](#)
- 1977 [Focus on the Family](#)
- 1976 – 1984 [Liberty Baptist College](#)
- 1978 – 2012 [Christian Voice](#)
- 1978 [Manhattan Institute for Policy Research](#)
- 1979 [The Claremont Institute](#)
- 1981 Committee for the Free World
- 1981 [Council for National Policy](#)
- 1982 Mises Institute
- 1983 [Family Research Council](#)
- 1984 – 2021 [The Rush Limbaugh Show](#) (Programa de rádio)
- 1984 – 2015 [George C. Marshall Institute](#)
- 1984 Citizens Against Government Waste
- 1985 [The National Interest](#) (Revista)
- 1985 [The New American](#) (Revista)
- 1985 [Liberty University](#)
- 1986 Operation Save America
- 1987 James Madison Institute
- 1987 [Christian Coalition of America](#)
- 1987 Media Research Center
- 1988 Center for Security Policy
- 1990 American Center for Law & Justice

- 1990 [American Renaissance](#) (Revista)
- 1991 [National Review Institute](#)
- 1992 – 1996 [The Rush Limbaugh Show](#) (Programa de Tv)
- 1992 – 2001 The Hour of the Time (Programa de rádio)
- 1993 Susan B. Anthony Pro-Life America
- 1994 [New Century Foundation](#)
- 1994 Alliance Defending Freedom
- 1994 [American Renaissance](#) (Web-site)
- 1994 [Nixon Center for Peace and Freedom](#)
- 1995 [Center for Equal Opportunity](#)
- 1997 – 2006 [Project for the New American Century](#)
- 1998 [The Nixon Center](#)
- 1998 Family Forum
- 1999 [InfoWars](#) (Web-site)
- 1999 [V.DARE](#) (Web-site)
- 2002 [The American Conservative](#) (Revista)
- 2002 Maine Policy Institute
- 2003 [911Truth.org](#) (Web-site)
- 2004 – 2024 [FreedomWorks](#) (Web-site)
- 2005 – 2013 [Washington Examiner](#) (Jornal)
- 2005 [National Policy Institute](#)
- 2006 [The Glenn Beck Program](#) (Programa de Tv)
- 2006 [Journal of 9/11 Studies](#) (Revista)
- 2006 [Scholars for 9/11 Truth](#)
- 2007 [Scholars for 9/11 Truth & Justice](#)
- 2007 [Architects & Engineers for 9/11 Truth](#)
- 2007 – 2008 Project for the New American Citizen (Web-site)
- 2007 [Association of Mature American Citizens](#)
- 2007 Coalition for a Prosperous America
- 2008 [Washington Summit Publishers](#) (Editora)
- 2009 [Tea Party Movement](#)

- 2009 [Tea Party Express](#)
- 2009 [Tea Party Patriots](#)
- 2009 American Principles Project
- 2010 [AlternativeRight.com](#) (Website)
- 2011 [Center for the National Interest](#)
- 2012 [Turning Point USA](#)
- 2021 R Street Institute
- 2013 [Washington Examiner](#) (Revista)
- 2014 [Canary Mission](#) (Web-site)
- 2016 [Professor Watchlist](#) (Web-site)
- 2016 Center for a Secure Free Society
- 2017 Conservative Partnership Institute
- 2020 American Moment
- 2021 Center for Renewing America
- 2021 [Consumers First Initiative](#)
- 2021 Defense of Freedom Institute for Policy Studies

Apêndice B

Lista “quem é quem institucional”, com perfil, histórico e lista de membros mencionados no trabalho

911Truth.org

Organização formada após os ataques de 11 de setembro de 2001, com o objetivo de investigar e divulgar informações sobre os eventos daquele dia. Fundada em 2004, a organização é uma das principais vozes do movimento “9/11 Truth”, que questiona a versão oficial dos acontecimentos divulgada pelo governo dos Estados Unidos. A atuação do 911Truth.org e do movimento “9/11 Truth” em geral tem sido controversa. Críticos argumentam que muitas das suas teorias carecem de base científica e são alimentadas por desinformação, enquanto apoiadores defendem a necessidade de questionar narrativas oficiais e buscar a verdade sobre eventos históricos significativos.

Criação: 2004

Período de atividade: 2004 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Roberts, Paul Craig](#) (Colaborador)

[Gage, Richard](#)

[Griffin, David Ray](#)

Alliance Defending Freedom (ADF)

Organização cristã dedicada à defesa da liberdade religiosa, da “santidade da vida”, do casamento e da família conforme as normas morais religiosas. A instituição alega proteger o direito de indivíduos e instituições de viverem conforme suas crenças religiosas. Além de oferecer representação legal em casos que envolvem liberdade religiosa, a ADF promove programas educacionais e de treinamento para advogados, líderes comunitários e outros indivíduos interessados em defender os valores. Em linhas gerais a ADF caracteriza-se tanto como uma instituição de ativismo político, como educacional, que tem sido alvo de críticas (em especial de grupos progressistas e de direitos civis) devido suas posições e ações sobre questões como casamento entre pessoas do mesmo sexo e direitos LGBTQIA+, reconhecidas como discriminatórias.

Criação: 1994

Período de atividade: 1994 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Dobson Jr., James Clayton](#) (Fundador)

AlternativeRight.com

Site de mídia e blog fundado em 2010, que se tornou um ponto focal para o movimento Direita Alternativa nos Estados Unidos. O site era associado a ideologias nacionalistas brancas e supremacistas brancas, e sua influência cresceu notavelmente durante a década de 2010. Foi fundado em 2010 e permaneceu ativo até cerca de 2013, quando Richard Spencer deixou o site para se concentrar em outras plataformas, como o National Policy Institute. No entanto, o termo “alt-right” continuou a ser usado e ganhou notoriedade durante a campanha presidencial de 2016. Enquanto ativo, o AlternativeRight.com publicou artigos, ensaios, e blogs que promoviam diferentes visões nacionalistas brancas, anti-imigração e anti-

multiculturalistas, tornando o site um agregador de escritores e pensadores alinhados com a alt-right, criando uma rede de indivíduos que promoviam ideias semelhantes.

Criação: 2010

Período de atividade: 2010 – 2013

Principais nomes envolvidos:

[Spencer, Richard Bertrand](#) (Fundador)

[Brimelow, Peter](#) (Editor)

American Center for Law & Justice (ACLJ)

Organização conservadora de defesa legal e advocacia com foco na “defesa da liberdade religiosa”, dos direitos constitucionais e dos “valores familiares”, conforme as normas morais religiosas cristãs. A ACLJ atua principalmente através de litigação estratégica com figuras de poder, lobbismo e campanhas de conscientização pública. A instituição trabalha para influenciar a legislação e as políticas públicas, defendendo uma agenda que prioriza o que compreende como “liberdade religiosa”. Além de oferecer apoio jurídico a interessados, a ACLJ produz materiais bibliográficos como artigos, relatórios e guias legais sobre questões que considera relevante para sua missão de “proteger a liberdade religiosa”.

Criação: 1990

Período de atividade: 1990 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Robertson, Marion Gordon \[Pat\]](#) (Fundador)

American Conservative [The] (TAC)

Revista de opinião política e cultural, fundada em 2002. A revista apresenta uma perspectiva conservadora tradicional, frequentemente contrastando com o conservadorismo neoconservador dominante em outras publicações conservadoras. A revista publica artigos, ensaios e colunas de diversos escritores e comentaristas, abordando temas como política interna, política externa, cultura e sociedade, sempre a partir de uma perspectiva conservadora, com frequentes críticas ao neoconservadorismo, especialmente em relação à política externa intervencionista dos Estados Unidos. A TAC dedica-se a promoção de valores do conservadorismo relacionados à defesa do livre mercado, o governo limitado, federalismo, respeito às tradições culturais e cívicas, e o ceticismo em relação à globalização. Além, organiza eventos e conferências que reúnem escritores, acadêmicos e leitores para discutir e debater ideias conservadoras. Ao longo dos anos 2010 a revista estabeleceu uma presença online, publicando artigos diários, blogs e podcasts que alcançam uma audiência global, transformando seu site em uma plataforma para discussões e debates sobre política e cultura.

Criação: 2002

Período de atividade: 2002 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Buchanan, Patrick \[Pat\] Joseph](#) (Fundador)

[Spencer, Richard Bertrand](#) (Editor)

American Conservative Union (ACU)

Uma das mais antigas e influentes organizações conservadoras nos Estados Unidos. Fundada em 1964 tem estado ativa desde a sua fundação, continuando a ser uma força influente na política estadunidense até os dias atuais. A ACU se dedica à defesa e promoção de princípios

conservadores, incluindo governo limitado, livre mercado, fortes valores familiares e uma política externa de força. Entre suas principais atividades está o **Conservative Political Action Conference (CPAC)**. Realizada anualmente, a conferência reúne milhares de conservadores, incluindo políticos, ativistas e membros da mídia, para discutir políticas e estratégias conservadoras. A CPAC se tornou um evento fundamental para aspirantes a líderes conservadores e um local onde importantes discursos e declarações políticas são feitas. Além, a ACU publica anualmente um relatório de avaliações legislativas que classifica membros do Congresso dos Estados Unidos com base em seus votos em questões-chave para os conservadores.

Criação: 1964

Período de atividade: 1964 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Rusher, William Allen](#) (Fundador)

[Crane, Philip Miller](#) (Presidente)

[Evans, Medford Stanton](#)

American Enterprise Association (AEA) / American Enterprise Institute (AEI)

Uma das mais proeminentes organizações de pesquisa e política pública nos Estados Unidos, o **American Enterprise Institute** é um think tank dedicado a promover a liberdade individual, livre mercado, democracia e uma política externa robusta. A organização é reconhecida por sua pesquisa em economia, política social, política externa e governança. Fundado em 1938, sob o nome de **American Enterprise Association**, o AEI adotou o novo nome em 1962, após reformulação encabeçada por [William Baroody Sr.](#) Desde os anos 1940, o AEI tornou-se uma das principais vozes da direita estadunidense, principalmente através de suas pesquisas e publicações em áreas como economia, política social, política externa e educação. Seus estudos e relatórios foram amplamente utilizados por formuladores de políticas, acadêmicos e jornalistas. Além, seus especialistas frequentemente prestam consultoria a legisladores e testemunham perante comitês do Congresso, oferecendo análises e recomendações baseadas em suas pesquisas. Embora tenha perdido relevância ao longo dos anos 1980 – com a emergência de outras organizações, como a Heritage Foundation – o AEI voltou a ter protagonismo nos anos 2000, junto ao governo George W. Bush.

Criação: 1938 / 1962

Período de atividade: 1938 – 1962 / 1962 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Baroody Jr., William Jr.](#) (Presidente)

[Baroody Jr., William Jr.](#)

[Butcher, Willard \[Bill\]](#) (Presidente do Conselho administrativo)

[Madden, Richard \[Dick\]](#)

[Packard, David](#)

[Huntington, Samuel Phillips](#) (Membro do Conselho De Consultores Acadêmicos)

[Campbell, W. Glenn](#) (Diretor de Pesquisa)

[Abshire, David M.](#)

[Hassett, Kevin Allen](#)

[Hess, Frederick M.](#)

[Smarick, Andy](#)

[Hauptman, Kyle S.](#) (Gerente Sênior)

[Applebaum, Anne](#) (Membro)
[Bowman, Karlyn](#)
[Eisenach, Jeffrey](#)
[Frum, David](#)
[Goldberg, Jonah Jacob](#)
[Kass, Leon Richard](#)
[Ledeem, Michael A.](#)
[Lindsey, Lawrence B.](#)
[Novak, Michael](#)
[Ornstein, Norman J.](#)
[Perry, Mark Joseph](#)
[Ponnuru, Ramesh](#)
[Rubin, Michael](#)
[Schneider, William \[Bill\]](#)
[Snow, John W.](#)
[Thernstrom, Samuel](#)
[Carney, Timothy P.](#)
[Cheney, Richard \[Dick\] Bruce](#)
[Friedberg, Aaron Louis](#)
[Glassman, James Kenneth](#)
[Kelly, Andrew P.](#)
[Kristol, Irving](#)
[Wattenberg, Benjamin Joseph](#)

American Family Association (AFA)

Organização cristã conservadora nos Estados Unidos, conhecida por suas campanhas em defesa de valores familiares tradicionais e por suas posições contra o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, e a pornografia. A organização tem sede em Tupelo, Mississippi, e se descreve como comprometida com a “restauração da moralidade” na sociedade americana. A AFA tornou-se conhecida por organizar boicotes que geralmente visam empresas que apoiam direitos LGBTQ+, produzem conteúdo considerado imoral ou vendem produtos considerados ofensivos. Segundo a organização, essas empresas promovem valores contrários aos da família cristã. AFA produz uma variedade de publicações, incluindo a revista “AFA Journal”, e mantém um site que oferece notícias, comentários, e recursos sobre questões sociais e políticas.

Criação: 1977

Período de atividade: 1977 – Atual

American Liberty League (ALL)

Organização política criada nos Estados Unidos durante a década de 1930 com o objetivo de se opor às políticas do New Deal. A liga produziu uma série de panfletos, livros e artigos que argumentavam contra o New Deal e promoviam a ideia de governo limitado. Além, formou alianças com empresários proeminentes e políticos que compartilhavam de suas preocupações sobre a expansão do governo federal. Foi um dos principais agentes na associação do New Deal ao “comunismo”. A influência da ALL diminuiu significativamente após as eleições presidenciais de 1936, quando Franklin D. Roosevelt foi reeleito. A liga foi vista como

defensora dos interesses das elites empresariais, sendo dissolvida oficialmente em 1940. Embora tenha tido uma vida curta, seu impacto foi significativo em termos de organizar e articular a oposição conservadora às políticas do New Deal. A organização é frequentemente lembrada como um exemplo de resistência organizada às expansões do governo federal e como um precursor de movimentos conservadores posteriores nos Estados Unidos

Criação: 1934

Período de atividade: 1934 – 1940

Principais nomes envolvidos:

[Pew, Howard](#) (Financiador)

American Principles Project (APP)

Organização conservadora americana fundada em 2009, que se dedica a promover políticas públicas baseadas em princípios conservadores e cristãos, focando em questões como a defesa da família tradicional, proteção da vida (anti-aborto), liberdade religiosa, e integridade eleitoral. O APP trabalha para influenciar a legislação e as políticas públicas em nível federal e estadual, promovendo leis que reforcem a família tradicional. A organização participa ativamente de campanhas eleitorais, apoiando candidatos que compartilham seus valores e princípios além de produzir anúncios políticos e materiais de campanha para influenciar a opinião pública e os resultados eleitorais.

Criação: 2009

Período de atividade: 2009 – Atual

American Renaissance

Publicação online amplamente conhecida por suas visões controversas sobre raça e é associada ao movimento nacionalista branco. Fundada em 1990 por Jared Taylor, American Renaissance promove a ideia de que as diferenças raciais são significativas e que as políticas devem refletir essas diferenças, algo que é amplamente criticado como racismo e supremacia branca. Além de publicações de artigos, ensaios e relatórios que promovem suas visões sobre raça e política, a instituição organização realiza conferências anuais que reúnem palestrantes e participantes que compartilham suas visões sobre raça e identidade. A publicação e seus associados frequentemente colaboram com outras organizações e indivíduos da extrema direita e do movimento nacionalista branco, tornando-se uma das mais proeminentes no movimento da Direita Alternativa.

Criação: 1990

Período de atividade: 1990 – Atual

Principais nomes envolvidos:

[Taylor, Samuel Jared](#) (Fundador)

[Derbyshire, John](#) (Colaborador)

[Spencer, Richard Bertrand](#)

[Yiannopoulos, Milo](#)

Americans United for Life (AUL)

Organização jurídica e educativa dedicada à defesa do direito à vida, desde a concepção até a morte natural. Fundada em 1971, é a mais antiga organização pró-vida dos Estados Unidos. A AUL tornou-se conhecida por redigir leis modelo pró-vida que abordam uma variedade de questões, incluindo restrições ao aborto, requisitos de consentimento informado, e

regulamentos sobre clínicas de aborto. A organização participa de litígios e fornece assistência jurídica em casos relacionados ao aborto e à eutanásia, atuando como *amicus curiae* em vários casos importantes na Suprema Corte dos Estados Unidos. Além disso, a organização publica relatórios e estudos detalhados sobre questões pró-vida (incluindo seu conhecido relatório anual “*Defending Life*”, que avalia o status das leis pró-vida em cada estado), e oferece programas educacionais e de treinamento para advogados, legisladores e o público em geral sobre questões pró-vida.

Criação: 1971

Período de atividade: 1971 – Atual

Architects & Engineers for 9/11 Truth (AE911Truth)

Organização sem fins lucrativos fundada em 2006, composta por arquitetos, engenheiros e outros profissionais do setor de construção que questionam a narrativa oficial dos eventos de 11 de setembro de 2001, particularmente o colapso das Torres Gêmeas e do Edifício 7 do World Trade Center. A AE911Truth publica relatórios técnicos, vídeos e outros materiais que detalham suas teorias sobre o colapso dos edifícios. A organização tem sido ativa em peticionar por novas investigações independentes sobre o colapso dos edifícios, argumentando que as investigações oficiais (como o Relatório da Comissão de 11 de setembro e os estudos do *National Institute of Standards and Technology*, foram inadequados ou falhos). Além, a organização conduz campanhas para aumentar a conscientização pública sobre suas teorias, distribuindo de materiais educativos e aparições na mídia e seus membros frequentemente fornecem testemunhos e declarações públicas em audiências governamentais, fóruns e outras plataformas, argumentando que as evidências suportam a necessidade de uma nova investigação sobre os eventos de 11 de setembro.

Criação: 2006

Período de atividade: 2006 – Atual

Principais nomes associados:

[Gage, Richard](#) (Fundador)

[Jones, Steven Earl](#)

[Griffin, David Ray](#) (Colaborador)

Association of Mature American Citizens (AMAC)

Organização conservadora, fundada em 2007, como alternativa à AARP (antiga *American Association of Retired Persons*). A AMAC posiciona-se como uma organização associativa que defende valores conservadores e tradicionais, concentrando-se particularmente em questões relevantes para os americanos mais velhos. Envolvendo-se em esforços para influenciar a legislação e as políticas públicas em questões como saúde, seguridade social, tributação e benefícios para veteranos, a organização, na prática, frequentemente defende um “governo menor”, impostos mais baixos e soluções voltadas ao livre mercado. Além de oferecer vários benefícios e serviços aos seus membros, incluindo programas de seguros, descontos em viagens e acesso a recursos educacionais, a AMAC publica uma revista e fornece atualizações regulares sobre questões legislativas e notícias que afetam os idosos através do seu website e boletins informativos, e endossa candidatos políticos que se alinham com seus valores conservadores, organizando e promovendo o envolvimento de seus membros por meio de eventos e oportunidades de voluntariado.

Criação: 2007

Período de atividade: 2007 – Atual

Billy Graham Evangelistic Association (BGEA)

Organização cristã evangélica fundada por Billy Graham em 1950 com a missão de espalhar a mensagem cristã ao redor do mundo, utilizando meios de comunicação e eventos. A BGEA utiliza rádio, televisão, cinema, publicações impressas e, mais recentemente, plataformas digitais e redes sociais para disseminar suas mensagens. A organização oferece programas de treinamento e capacitação para evangelistas e líderes cristãos e possui equipes de capelania que respondem a desastres e crises, oferecendo apoio espiritual e emocional às vítimas e se envolvendo em projetos humanitários, fornecendo assistência em áreas necessitadas.

Criação: 1950

Período de atividade: 1950 – Atual

Principais nomes associados:

[Graham Jr., William Franklin](#) (Fundador)

[Graham III, William Franklin](#) (Presidente)

Canary Mission

Organização, fundada em 2015, que se dedica a documentar pessoas e organizações que alega serem antisemitas, focando principalmente em ativistas pró-palestinos, acadêmicos e estudantes universitários. As atividades, discursos e postagens nas redes sociais de indivíduos e organizações são então publicados em seu site, com perfis detalhados de cada pessoa ou grupo. A organização concentra grande parte de seus esforços em monitorar o ambiente acadêmico nas universidades norte-americanas, focando em grupos e movimentos estudantis. Além, a Canary Mission realiza campanhas para sensibilizar a opinião pública sobre as atividades dos indivíduos e grupos que documenta. Os fundadores da Canary Mission permanecem anônimos. A organização alega que a anonimidade é necessária para proteger seus membros de retaliações.

Criação: 2015

Período de atividade: 2015 – Atual

Center for a Secure Free Society (SFS)

Think tank de segurança nacional e política pública com sede nos Estados Unidos, dedicado a promover a liberdade econômica, segurança e governança democrática. Suas pesquisas versam, sobre tudo, sobre temas de segurança nacional, política externa, terrorismo, crime organizado e outras ameaças à segurança global, com um foco particular na América Latina. O centro organiza eventos, conferências e seminários; oferece serviços de consultoria para governos, organizações internacionais e empresas e se envolve em programas educacionais e de treinamento para desenvolver a próxima geração de líderes em segurança nacional e política pública.

Criação: 2004

Período de atividade: 2004 – Atual

Center for Equal Opportunity (CEO)

Organização de pesquisa e advocacia sem fins lucrativos nos Estados Unidos, focada em questões de raça e etnia nas políticas públicas dedicada a defender a promoção de oportunidades iguais para todos, independentemente de raça ou etnia, se opondo a políticas de

ação afirmativa e preferências raciais. A CEO realiza pesquisas e publica relatórios sobre a aplicação de políticas de ação afirmativa e preferências raciais em universidades, empregos e outras áreas da vida pública. A organização realiza eventos, conferências e seminários trabalha para educar o público sobre os efeitos e implicações das políticas de ação afirmativa e preferências raciais.

Criação: 1995

Período de atividade: 1995 – Atual

Christian Broadcasting Network (CBN)

Organização de mídia cristã, dedicada a promover valores cristãos através de programação televisiva, rádio, internet e outras formas de comunicação. Fundada em 1960, a CBN tornou-se uma das principais vozes no meio de comunicação cristão, alcançando audiências em todo o mundo. A organização possui uma divisão de notícias que fornece cobertura de eventos atuais do ponto de vista cristão. CBN News produz reportagens, análises e comentários sobre questões nacionais e internacionais. Através da sua iniciativa “Operation Blessing”, a CBN se envolve em trabalhos humanitários, fornecendo assistência em desastres, programas de alimentação, cuidados de saúde e outras formas de ajuda a comunidades, além de recursos educacionais e programas de ensino bíblico para ajudar indivíduos a aprofundar sua fé. A CBN é mais conhecida pelo seu programa de televisão, *The 700 Club* (apresentado por Pat Robertson), que apresenta notícias, entrevistas, histórias de vida, e mensagens cristãs, alcançando uma audiência ampla nos Estados Unidos.

Criação: 1960

Período de atividades: 1960 – Atual

Principais nomes associados:

[Robertson, Marion Gordon \[Pat\]](#)

(Fundador)

[Bakker, James Orsen](#)

(Funcionário)

Christian Coalition of America

Organização política conservadora que apresenta a missão de mobilizar os cristãos evangélicos para se envolverem na política, promovendo uma agenda baseada em “valores cristãos tradicionais”. A Christian Coalition atua distribuindo guias de eleitores em igrejas e comunidades cristãs, fornecendo informações sobre as posições dos candidatos em relação a questões importantes para os cristãos conservadores, trabalhando ativamente para influenciar a legislação em áreas como direitos ao aborto, definição de casamento, educação baseada na fé, e liberdade religiosa. A organização cresceu ao longo da década de 1990, sob a liderança de Ralph Reed.

Criação: 1989

Período de atividades: 1989 – Atual

Principais nomes associado:

[Robertson, Marion Gordon \[Pat\]](#)

(Fundador)

[Reed Jr., Ralph Eugene](#)

(Diretor)

[Perkins, Anthony Richard](#)

(Membro)

Christian Voice

Organização política e social conservadora que atua para promover valores cristãos na sociedade e influenciar a legislação em conformidade com esses valores. Fundada nos 1970, a

organização desempenhou um papel na mobilização de eleitores cristãos conservadores, fundamentando a Direita Religiosa. A Christian Voice publicava “índices de votação” que avaliavam os legisladores com base em suas posições em relação a questões morais e sociais, ajudando a informar os eleitores sobre como seus representantes se posicionavam em relação aos valores cristãos. Além de organizar campanhas e eventos para aumentar a conscientização sobre questões morais e políticas. A Christian Voice foi fundada em 1978 e permaneceu ativa principalmente nas décadas de 1970 e 1980, consolidando-se como uma voz relevante no movimento conservador dos anos 1980.

Criação: 1978

Período de atividades: 1978 – Atual

Principais nomes associado:

[Grant, Robert G.](#)

(Fundador)

[Robertson, Marion Gordon \[Pat\]](#)

[Lindsey, Harold Lee](#)

(Membro do Conselho Executivo)

Citizens Against Government Waste (CAGW)

Organização sem fins lucrativos fundada em 1984, dedicada a promover o ideal de eficiência, responsabilidade e transparência no governo e com objetivo de expor e combater o desperdício, a fraude, a corrupção e o abuso nos programas e políticas governamentais. CAGW publica anualmente o relatório Congressional Pig Book que identifica e detalha os projetos de gastos considerados como “pork-barrel”, isso é, despesas governamentais que reconhecidas como beneficiárias a um pequeno grupo de pessoas, frequentemente financiadas sem a devida transparência ou justificativa. A organização trabalha para influenciar a legislação e as políticas públicas, defendendo medidas que promovam a responsabilidade fiscal e a eficiência no uso dos recursos públicos. Eles se envolvem em campanhas de lobbying junto a legisladores e autoridades governamentais.

Criação: 1984

Período de atividades: 1984 – Atual

Claremont Institute [The]

Think tank conservador, fundado em 1979, dedicado ao estudo e promoção dos princípios da Declaração de Independência e da Constituição dos Estados Unidos. O Claremont Institute busca influenciar a política e formar líderes comprometidos com os “valores fundadores dos Estados Unidos”. A instituição publica várias revistas e artigos acadêmicos, sendo a mais notável a revista *Claremont Review of Books*. Além, oferece bolsas e programas de formação para estudantes, acadêmicos e profissionais em início de carreira. Em sua missão de promover os “valores americanos”, o Claremont Institute acaba por promover uma visão rígida e idealizada dos princípios fundadores dos Estados Unidos, que não necessariamente reflete a complexidade das questões políticas contemporâneas.

Criação: 1979

Período de atividades: 1979 –

Principais nomes associados:

[Lopez, Kathryn Jean](#)

(Membro)

[Rusher, William Allen](#)

[O'beirne, Kate Walsh](#)

Committee for Economic Development (CED)

Think tank de pesquisa e política pública, focada em promover políticas econômicas sólidas e sustentáveis para os Estados Unidos. O CED realiza pesquisas sobre questões econômicas e sociais, incluindo educação, inovação, competitividade global, políticas fiscais e de saúde. Os resultados dessas pesquisas são publicados em relatórios, livros brancos e artigos acadêmicos. Além, realiza conferências, seminários e workshops que reúnem líderes empresariais, formuladores de políticas, acadêmicos e outras partes interessadas para discutir e debater questões econômicas críticas.

Criação: 1942

Período de atividades: 1942 – Atual

Conservative Partnership Institute (CPI)

Think tanks dedicado a apoiar e capacitar conservadores no governo dos Estados Unidos. Fundado em 2017, por Jim DeMint, o CPI oferece programas de treinamento e desenvolvimento de liderança para legisladores conservadores e seus funcionários; fornece suporte logístico e administrativo para legisladores conservadores, ajudando-os a navegar pelo processo legislativo. Além, a organização realiza pesquisas sobre questões políticas, desenvolvendo recomendações de políticas baseadas nos princípios de governo limitado, livre mercado e liberdade individual.

Criação: 2017

Período de atividades: 2017 – Atual

Consumers First Initiative (CFI)

Iniciativa da Consumers' Research, criada em 2021, para denunciar empresas que (segundo a organização) optaram por colocar a “política woke” acima dos interesses dos consumidores. Diversas empresas foram alvos de denúncias e boicotes promovidos pela iniciativa, como: Bank of America, American Airlines, Coca Cola, American Express, Uber e Nike.

Criação: 2021

Período de atividades: 2021 – Atual

Consumers' Research

Organização dedicada a promover a educação e proteção dos consumidores nos Estados Unidos, a mais antiga do país focada em questões de consumo. Consumers' Research realiza testes e avaliações de produtos para determinar sua qualidade, segurança e desempenho. Além, defende políticas e regulamentos que protejam os direitos dos consumidores, promovendo maior transparência, segurança de mercado. Através de seu site e outras plataformas digitais, *Consumers' Research* oferece uma vasta gama de recursos, incluindo relatórios de pesquisa, artigos informativos e guias de compra para ajudar os consumidores a navegar no mercado. A partir dos anos 2020, alinhada a grupos conservadores, a organização passou a dedicar-se a denunciar empresas que promovessem a “cultura woke”. A ação mais reconhecida é a Consumers First Initiative (CFI), de 2021.

Criação: 1929

Período de atividades: 1929 – Atual

Council for National Policy (CNP)

Organização “guarda-chuva” de políticas conservadoras, que se reúne periodicamente para discutir estratégias e políticas públicas. A instituição é de caráter privado, mantendo restrito o conhecimento de sua lista de membros, no entanto, sabe-se que a CNP é composta principalmente por líderes conservadores e influentes. O CNP organiza encontros regulares, onde membros discutem e planejam ações e estratégias políticas. O propósito é de facilitar a formação de alianças e coalizões entre diferentes grupos conservadores, fortalecendo o movimento através da colaboração e do compartilhamento de recursos e conhecimentos.

Criação: 1981

Período de atividades: 1981 – Atual

Principais nomes associados:

[Feulner Jr. Edwin John](#)

(Diretor)

[Meese III, Edwin](#)

(Presidente)

[Perkins, Anthony Richard](#)

[Robertson, Marion Gordon \[Pat\]](#)

(Membro)

Council on Foreign Relations (CFR)

Think tank fundado em 1921, com sede em Nova York, dedicada ao estudo e análise das relações internacionais e da política externa dos Estados Unidos. O CFR publica a revista Foreign Affairs, uma das mais respeitadas revistas de política internacional. Além de organizar eventos, produzir relatórios, livros, e artigos sobre uma ampla gama de questões globais. O Council ainda oferece programas de bolsas e estágios para jovens profissionais e acadêmicos. Os “cérebros” do CFR são os variados Task forces (e comissões) criadas para estudar questões específicas e fornecer recomendações de políticas. Esses grupos são compostos por especialistas de várias disciplinas e origens. Apesar de seu prestígio, o CFR é frequentemente acusado de ser elitista e de promover uma agenda de política externa intervencionista que pode não refletir os interesses do público americano em geral. Além disso, há teorias da conspiração que sugerem que o CFR exerce uma influência excessiva e secreta sobre a política mundial.

Criação: 1921

Período de atividades: 1921 – Atual

Principais nomes associados:

[Gay, Edwin Francis](#)

(Fundador)

[Root, Elihu](#)

[Gelb, Leslie \[Les\] Howard](#)

(Presidente)

[Haass, Richard Nathan](#)

[Manning, Bayless Andrew](#)

[Peterson, Peter George](#)

[Rockefeller, David](#)

[Tarnoff, Peter](#)

[Hills, Carla](#)

(co-presidente)

[Douglas, Lewis Williams](#)

(Membro do Conselho consultivo)

[Nye Jr., Joseph Samuel](#)

(Membro do Conselho administrativo)

[Powell, Colin Luther](#)

[Zakaria, Fareed Rafiq](#)

[Zoellick, Robert Bruce](#)

[Albright, Madeleine](#) (Diretor)

[Bundy, William Putnam](#)

[Bush, George Herbert Walker](#)

[Cheney, Richard \[Dick\] Bruce](#)

[Deutch, John Mark](#)

[Dobriansky, Paula Jon](#)

[Dulles, Allen Welsh](#)

[Holbrooke, Richard](#)

[Kissinger, Henry Alfred](#)

[Miscik, Judith A. \[Jami\]](#)

[Pollack, Kenneth Michael](#)

[Weber, John Vincent](#)

[Abrams, Elliott](#) (Membro)

[Abshire, David M.](#)

[Altman, Roger Charles](#)

[Applebaum, Anne](#)

[Baker III, James A](#)

[Bremmer, Ian Arthur](#)

[Carlucci III, Frank Charles](#)

[Chao, Elaine L](#)

[Clinton, William \[Bill\] Jefferson](#)

[Cogan, Charles \[Chuck\] G](#)

[Cutler, Lloyd Norton](#)

[Daalder, Ivo H.](#)

[Daniels Jr., Mitchell Elias](#)

[Desch, Michael C](#)

[Donilon, Thomas \[Tom\] Edward](#)

[Duelfer Charles A](#)

[Eagleburger, Lawrence Sidney](#)

[Flournoy, Michèle Angélique](#)

[Friedberg, Aaron Louis](#)

[Fukuyama, Francis Yoshihiro](#)

[Gates, Robert Michael](#)

[Hagel, Charles \[Chuck\] Timothy](#)

[Hamilton, Lee Herbert](#)

[Hendrickson, David C](#)

[Holmes, Kim R](#)

[Huntington, Samuel Phillips](#)

[Iklé, Fred Charles](#)

[Indyk, Martin](#)

[Jordan Jr., Vernon Eulion](#)

[Kean, Thomas H.](#)

[Keohane, Robert Owen](#)

[Kerry, John Forbes](#)

[Khalilzad, Zalmay Mamozy](#)

[Krauthammer, Charles](#)

[Kristol, Irving](#)
[Libby, Irve Lewis \[Scooter\]](#)
[Mallaby, Sebastian Christopher Peter](#)
[Marshall, Andrew W](#)
[Mccain III, John Sidney](#)
[Mearsheimer, John Joseph](#)
[Miller, Judith](#)
[Moynihan, Daniel Patrick](#)
[Ornstein, Norman J.](#)
[Pachios, Harold](#)
[Perry, William James](#)
[Rice, Condoleezza](#)
[Rice, Susan Elizabeth](#)
[Richardson II, William \[Bill\] Blaine](#)
[Robb, Charles Spittal](#)
[Rubin, Michael](#)
[Rumsfeld, Donald Henry](#)
[Sandel, Michael J.](#)
[Schneider, William \[Bill\]](#)
[Seitz, Frederick](#)
[Sewall, Sarah](#)
[Sharp, Walter Rice](#)
[Sherman, Wendy Ruth](#)
[Silberman, Laurence Hirsch](#)
[Sorkin, Andrew Ross](#)
[Stimson, Henry L.](#)
[Studeman, William Oliver](#)
[Telhami, Shibley](#)
[Tenet, George John](#)
[Thompson, James Ja.](#)
[Tucker, Warren Charles](#)
[Wallison, Peter J](#)
[Walt, Stephen Martin](#)
[Wattenberg, Benjamin Joseph](#)
[Whitman, Christine Todd](#)
[Wolfowitz, Paul Dundes](#)
[Wohlforth, William Curti](#)
[Zelikow, Philip](#)

Counter-Currents Publishing

Editora e site de conteúdo que se especializa em literatura e teoria da extrema-direita, conhecida por suas ligações com o movimento nacionalista branco e a chamada "alt-right". A editora publica livros e artigos de autores que promovem ideologias de extrema-direita. Esses trabalhos frequentemente abordam temas como identidade racial, etnonacionalismo, crítica ao multiculturalismo e defesa de uma “Europa branca”. Além, o site é uma plataforma central para a comunidade da extrema-direita, fornecendo um espaço para discussão e

desenvolvimento de suas ideologias. Por fim a Counter-Currents também produz programas de rádio e podcasts onde discute temas relacionados às suas ideologias.

Criação: 2010

Período de atividades: 2010 – Atual

Dallas Theological Seminary (DTS)

Instituição teológica evangélica cristã localizada em Dallas, Texas. É conhecido por seu enfoque no dispensacionalismo, uma abordagem à interpretação bíblica que divide a história bíblica em diferentes períodos ou dispensações. O DTS é altamente respeitado entre muitas denominações evangélicas por seu compromisso com a formação de líderes ministeriais e acadêmicos. O DTS oferece programas acadêmicos, incluindo diplomas de bacharelado, mestrado e doutorado em teologia, estudos bíblicos, ministério pastoral, aconselhamento e outras áreas relacionadas. Os programas são projetados para preparar os estudantes para várias formas de ministério cristão e pesquisa teológica. Além, a organização promove conferências, workshops e seminários

Criação: 1924

Período de atividades: 1924 – Atual

Principais nomes associados:

[Walvoord, John Flipse](#) (Presidente)

[Walvoord, John Flipse](#) (Professor)

[Lindsey, Harold Lee](#) (Aluno)

Eagle Forum

Organização fundada em 1972, por Phyllis Schlafly, conhecida por sua defesa de valores conservadores tradicionais, oposição ao feminismo radical, e ativismo em questões sociais e políticas. O Eagle Forum desempenhou um papel significativo na política conservadora dos Estados Unidos, especialmente durante os anos 1970 e 1980. A organização publica boletins informativos, livros, e artigos para disseminar suas visões e influenciar a opinião pública. Além, o Eagle Forum se envolve em atividades de lobby para influenciar a legislação em vários níveis governamentais

Criação: 1972

Período de atividades: 1972 – Atual

Ethics and Religious Liberty Commission (ERLC)

Organização afiliada à *Southern Baptist Convention*. Fundada em 1947, originalmente como Christian Life Commission, a ERLC dedica-se à defesa de “valores cristãos tradicionais”, e engajamento em questões de ética e moralidade pública, como direito à vida, casamento tradicional, justiça social, e ética biomédica. A ERLC organiza conferências e eventos para discutir questões contemporâneas de ética e liberdade religiosa. Além de fornecer orientação e assistência a igrejas e indivíduos enfrentando desafios legais relacionados à liberdade religiosa e outras questões éticas. A ERLC é por vezes criticada por se concentra demais em questões políticas e sociais, em detrimento de outras prioridades ministeriais. Já outros críticos externos à comunidade religiosa acusam a instituição de promover uma agenda conservadora que pode ser vista como discriminatória ou excludente.

Criação: 1947

Período de atividades: 1947 – Atual

Principais nomes associados:

[Moore, Russell D](#) (Presidente)

Family Research Council (FRC)

Organização dedicada a promoção de políticas públicas baseadas em valores cristãos conservadores. Concentrando-se em questões como casamento e família tradicional, direito à vida, liberdade religiosa e moralidade pública. A organização trabalha para influenciar a legislação e as políticas públicas nos níveis federal, estadual e local através da publicação de relatórios, artigos, e estudos que promovem suas visões conservadoras sobre família e moralidade. Essas publicações são usadas para informar legisladores, a mídia e o público. Além, através de programas educativos e de treinamento, o FRC capacita ativistas e líderes comunitários para defender valores conservadores em suas comunidades. Organizações de direitos civis, como a Southern Poverty Law Center (SPLC), designaram o FRC como um grupo de ódio devido às suas posições contra os direitos LGBTQ+

Criação: 1983

Período de atividades: 1983 – Atual

Principais nomes associados:

[Dobson Jr., James Clayton](#) (Fundador)

[Bauer, Gary Lee](#) (Presidente)

[Perkins, Anthony Richard](#)

[Brownback, Samuel Dale](#) (Associado)

Firing Line

Programa de entrevistas e debates políticos criado e originalmente apresentado por William Buckley Jr. Um dos programas de entrevistas de maior duração da televisão estadunidense, ao ar de 1966 até 1999. Buckley, um proeminente intelectual conservador, recebia figuras públicas, políticos, acadêmicos e outros pensadores para discussões detalhadas sobre política, economia, cultura e filosofia. O *Firing Line* foi um fórum onde ideias conservadoras e liberais eram debatidas de maneira robusta e intelectual, recebendo figuras como Ronald Reagan, Margaret Thatcher e Milton Friedman. Pode-se dizer que o *Firing Line* ajudou a educar o público estadunidense sobre uma ampla gama de tópicos, tornando-se uma plataforma para o conservadorismo. Em 2018, o programa foi revivido com uma nova apresentadora, Margaret Hoover.

Criação: 1966

Período de atividades: 1966 – 1999 / 2018 – Atual

Principais nomes associados:

[Buckley Jr., William Frank](#) (Fundador)

Focus on the Family

Organização cristã evangélica fundada em 1977 com a missão de promover “valores familiares tradicionais” e apoiar famílias através de uma variedade de programas educacionais e de aconselhamento. Fundada em 1977 por James Dobson, a organização expandiu suas operações ao longo das décadas de 1980 e 1990, ampliando seus programas de rádio, publicações e serviços de aconselhamento. A *Focus on the Family* alega trabalhar para “defender a importância do casamento tradicional” e da vida familiar segundo princípios bíblicos, fornecendo recursos educacionais e de aconselhamento para ajudar famílias;

publicando livros, revistas, e artigos sobre casamento, criação de filhos, vida familiar e valores cristãos; e mantendo um programa de rádio diário que aborda diversos temas relacionados à família e à fé cristã. Ao final dos anos 2000 a organização passou a produzir podcasts, vídeos, e conteúdo digital para alcançar um público mais amplo.

Criação: 1977

Período de atividades: 1977 –

Principais nomes associados:

[Dobson Jr., James Clayton](#)

(Fundador)

Foreign Affairs (revista)

Revista bimestral de política internacional e economia, publicada pelo [Council on Foreign Relations](#) (CFR). Amplamente considerada uma das publicações mais influentes no campo das relações internacionais, a revista publica artigos analíticos e ensaios sobre tópicos relacionados a relações internacionais, política externa, economia global, e segurança. Devido à sua reputação e ao calibre de seus colaboradores, os artigos e ensaios publicados na *Foreign Affairs* frequentemente influenciam debates políticos. Embora não se concentre em publicar intelectuais filiados ao CFR, as discussões levantadas e feitas nas páginas da revista ajudam a iluminar a visão sobre as ações da organização.

Criação: 1922

Período de atividades: 1922 – Atual

Principais nomes associados:

[Gay, Edwin Francis](#)

(Fundador)

[Mearsheimer, John Joseph](#)

(Membro do Conselho Consultivo)

[Armstrong, Hamilton Fish](#)

(Editor)

[Bundy, William Putnam](#)

[Coolidge, Archibald Cary](#)

[Zakaria, Fareed Rafiq](#)

Foreign Policy (revista)

Revista especializada em relações internacionais, política externa e economia global. Fundada em 1970 por Samuel Huntington e Warren Demian Manshel, a revista busca oferecer análises e comentários sobre questões globais, influenciando debates e decisões de políticas públicas. Desde sua fundação, a revista é publicada bimestralmente em formato impresso e atualizada regularmente online. Além de artigos escritos por especialistas, a revista publica ensaios e opiniões curtas sobre eventos atuais. Entre as atividades da Foreign Policy destacam-se seus relatórios especiais e rankings anuais, como o *Global Thinkers*, que destaca os intelectuais mais influentes no campo das relações internacionais. Foreign Policy recebeu diversos prêmios por excelência em jornalismo, incluindo prêmios da National Magazine Awards e é comumente reconhecida como principal “rival” da Foreign Affairs.

Criação: 1970

Período de atividades: 1970 – Atual

Principais nomes associados:

[Huntington, Samuel Phillips](#)

(Fundador)

[Manshel, Warren Demian](#)

[Nye Jr., Joseph Samuel](#)

(Membro do Conselho Editorial)

[Walt, Stephen Martin](#)

[Holbrooke, Richard](#)
[Huntington, Samuel Phillips](#)
[Manshel, Warren Demian](#)

(Editor)

Foundation for Economic Education (FEE)

Think tank “educativa” dedicado à promoção dos princípios da liberdade econômica, governo limitado, livre mercado e empreendedorismo. Fundada em 1946 por [Leonard E. Read](#), a FEE é uma das mais antigas instituições de educação econômica e liberal nos Estados Unidos, comumente considerada o primeiro think tank liberal. A instituição publica artigos, livros e panfletos que abordam temas relacionados à economia, liberdade individual e políticas públicas. Entre as publicações mais notáveis estão a revista “*The Freeman*”. Além, organiza seminários, workshops e conferências para estudantes, educadores e o público em geral.

Criação: 1946

Período de atividades: 1946 – Atual

Principais nomes associados:

[Pew, Howard](#) (Fundador)

[Read, Leonard](#)

[North, Gary Kilgore](#) (Membro)

Free American (revista)

Revista focada em temas como liberdade individual, direitos constitucionais e teorias de conspiração. Fundada por Clayton Douglas, a revista é conhecida por suas abordagens controversas e suas ligações com movimentos de milícia e extrema-direita nos Estados Unidos. Além de artigos, a revista apresenta entrevistas com figuras influentes no movimento de milícia, ativistas de direitos constitucionais e outros indivíduos que compartilham suas visões sobre a erosão das liberdades civis. Pode-se dizer que a revista desempenha um papel na mobilização e disseminação de ideias dentro do movimento de milícia da extrema direita, influenciando atitudes e crenças entre seus membros e na promoção de teorias da conspiração.

Criação: 1946

Período de atividades: 1946 – Atual

Free Congress Research and Education Foundation (FCR&E)

Organização conservadora dedicada a promover valores e políticas conservadoras através de pesquisa, educação e defesa pública. Fundada por [Paul Weyrich](#), a fundação desempenhou um papel significativo na formação de estratégias políticas e na mobilização da base conservadora nos Estados Unidos. A FCR&E publica pesquisas e relatórios sobre temas como reforma eleitoral, políticas de transporte, mídia, cultura e governança; organiza seminários, workshops e programas de treinamento para ativistas, líderes comunitários e funcionários eleitos, com o objetivo de promover políticas conservadoras. Na prática a organização atua praticando um lobbismo a favor de pautas associadas com os movimentos conservadores, chegando a promover teorias da conspiração dedicando-se ao combate do “marxismo cultural”.

Criação: 1977

Período de atividades: 1977 – Atual

Principais nomes associados:

[Coors, Joseph](#) (Fundador)

[Weyrich, Paul Michael](#)

FreedomWorks

Organização conservadora e libertária americana dedicada a promover políticas públicas baseadas nos princípios de governo limitado e livre mercado. Fundada em 1984 como Citizens for a Sound Economy (CSE), a organização se renomeou como FreedomWorks em 2004 após uma fusão com outra organização. FreedomWorks trabalha ativamente, praticando lobismo para influenciar a legislação em áreas como redução de impostos, desregulamentação e reforma do sistema de saúde. A organização oferece recursos educacionais, incluindo publicações e workshops, para informar o público sobre questões políticas e econômicas, além de realizar eventos e conferências para treinar ativistas. FreedomWorks desempenhou um papel central no crescimento do [Tea Party Movement](#), ajudando a eleger vários candidatos conservadores ao Congresso no início da década de 2010. Porém, a ligação da organização os irmãos Koch foi objeto de críticas, com alegações de que a FreedomWorks serve aos interesses de grandes corporações e não a dos cidadãos comuns.

Criação: 1984

Período de atividades: 1984 – 2004 (CSE) / 2004 – Atual

Principais nomes associados:

[Forbes Jr, \[Steve\] Malcolm Stevenson](#)

(Membro do Conselho Administrativo)

George C. Marshall Institute

Think tank fundado inicialmente com o objetivo de promover análises técnicas e científicas sobre questões de segurança nacional. No entanto, com o tempo, o instituto passou a promover uma série de estudos sobre mudanças climáticas, muitas vezes contradizendo o consenso científico. O instituto foi fundado em 1984 por três cientistas proeminentes: [Frederick Seitz](#), [Robert Jastrow](#) e [William Nierenberg](#). Esses fundadores eram físicos reconhecidos e tinham uma forte ênfase em assuntos de segurança nacional e ciência, porém, o instituto começou a se envolver em debates sobre políticas climáticas e ambientais no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. O George C. Marshall Institute atuava através da publicação de relatórios e análises técnicas, bem como de livros e artigos acadêmicos. Além de instituir e organizar e participar de conferências e seminários para discutir e promover suas ideias, trabalhando com outros think tanks, organizações políticas e entidades governamentais para promover suas posições e influenciar políticas públicas. O Marshall Institute desempenhou um papel influente no debate sobre políticas climáticas nos Estados Unidos, em especial ao longo dos anos 1990 e 2000, ajudando a moldar a resistência contra a regulamentação de emissões de carbono. Em 2015, o George C. Marshall Institute foi dissolvido, mas suas atividades foram transferidas para uma nova organização denominado CO2 Coalition.

Criação: 1984

Período de atividades: 1984 – 2015

Principais nomes associados:

[Jastrow, Robert](#)

(Fundador)

[Nierenberg, William Aaron](#)

[Seitz, Frederick](#)

[Baliunas, Sallie Louise](#)

(Presidente)

Glenn Beck Show [The]

Programa de rádio e televisão apresentado por Glenn Beck, figura proeminente na mídia conservadora estadunidense. O programa é conhecido por sua forte retórica política, discussões sobre teoria da conspiração e análise de eventos atuais a partir de uma perspectiva conservadora. Beck começou seu show no rádio em 1999, em 2006 uma versão televisiva de seu programa foi ao ar na HLN (anteriormente conhecida como CNN Headline News). Em 2009 o programa mudou-se para a Fox News Channel, onde Glenn Beck se tornou conhecido por suas emocionantes monólogos e uso de quadros de desenho para explicar suas ideias e teorias. Em 2011 Beck deixou a Fox News e fundou seu próprio empreendimento de mídia, TheBlaze. O The Glenn Beck Program continuou a ser transmitido através do TheBlaze. Grande parte do programa é dedicada ao comentário político, onde Beck oferece suas opiniões sobre eventos atuais e promove teorias da conspiração, como a do Estado Profundo e do Globalismo. Beck enfatiza a importância do patriotismo e frequentemente discute a história americana, destacando figuras e eventos que ele vê como essenciais para a identidade nacional.

Criação: 1999

Período de atividades: 1999 – (Rádio) / 2006 – 2009 (CNN) / 2009 – 2011 (Fox News) / 2011 - TheBlaze

Heritage Foundation

Think tank conservador fundado em 1973. Fundada por [Paul Weyrich](#), [Edwin Feulner](#), [Joseph Coors](#) e outras figuras proeminentes do movimento conservador, a Heritage Foundation começou com o objetivo de promover políticas de livre mercado, governo limitado e valores tradicionais. Ao longo dos anos 1970 – 1980, a Heritage Foundation cresceu significativamente, tornando-se um centro de pesquisa com ampla influência na formulação de políticas conservadoras nos Estados Unidos. A Heritage atua através da publicação da promoção de pesquisas e publicações que incluem relatórios, análises políticas, estudos de caso e livros. Estas publicações frequentemente são usadas como base para propostas legislativas. Além de atuar como lobista, a instituição oferece programas educacionais e de treinamento para futuros políticos, acadêmicos e cidadãos interessados em políticas públicas conservadoras, que incluem estágios, workshops e seminários. A Heritage Foundation desempenhou um papel proeminente na definição da agenda política conservadora nos Estados Unidos, especialmente na década de 1980, em áreas como reforma tributária, políticas de saúde, segurança nacional e direitos sociais.

Criação: 1973

Período de atividades: 1973 – Atual

Principais nomes associados:

[Coors, Joseph](#)

(Fundador)

[Feulner Jr. Edin John](#)

[Weyrich, Paul Michael](#)

[Feulner Jr. Edwin John](#)

(Presidente)

[Holmes, Kim R.](#)

(Vice-presidente)

[Bush, John Ellis \[Jeb\]](#)

(Membro do Conselho Administrativo)

[Decter, Midge](#)

[Forbes Jr, \[Steve\] Malcolm Stevenson](#)

[Middendorf II, John William](#)

O'beirne, Kate Walsh	(Vice-diretor de estudos)
Bennett, William John	(Membro)
Chao, Elaine L	
Lind, Michael	
Scissors, Derek	
Baliunas, Sallie Louise	
Eisenach, Jeffrey	
Harries, Owen	
Lopez, Kathryn Jean	
Meese III, Edwin	
Pence, Michael [Mike] Richard	

Hoover Institution on War, Revolution, and Peace

Think tank conservadora localizado na Universidade de Stanford. A Hoover Institution foi fundada por Herbert Hoover, antes de se tornar o 31º presidente dos Estados Unidos, em 1919. Inicialmente estabelecida como uma biblioteca e um arquivo para documentar a Primeira Guerra Mundial, a instituição começou a expandir suas coleções para incluir materiais sobre a Revolução Russa e outros eventos significativos da história mundial ao longo dos anos 1930. Em meio ao movimento conservador da década de 1950, a biblioteca – a pedido do próprio Herbert Hoover – ampliou suas atividades de pesquisa, a fim de atrair acadêmicos e políticos renomados para discutir e desenvolver políticas públicas voltadas ao livre mercado, governo limitado e anticomunismo, efetivando-se como um think tank conservador.

Criação: 1919

Período de atividades: 1919 – 1951 / 1951 – Atual

Principais nomes associados:

Campbell, W. Glenn	(Diretor)
Rice, Condoleezza	
Abraham, Edward Spencer	(Membro)
Baliunas, Sallie Louise	
Feulner Jr. Edwin John	
Hassett, Kevin Allen	
Meltzer, Allan H.	
Norton, Gale Ann	
Perry, William James	
Roberts, Paul Craig	
Rowen, Henry Stanislaus	
Thiessen, Marc Alexander	
Wohlforth, William Curti	
Meese III, Edwin	
Friedman, Milton	
Hess, Frederick M	
Rumsfeld, Donald Henry	
Shultz, George Pratt	

Hudson Institute

Think tank conservador dedicado à promoção de políticas públicas voltadas para a segurança, a liberdade e a prosperidade dos Estados Unidos. O Hudson Institute foi fundado nos anos 1960, no auge da Guerra Fria, e desde então realiza pesquisas e análises em áreas relacionadas a segurança nacional, economia, tecnologia, saúde e relações internacionais, sempre com perspectivas relacionadas ao conservadorismo. Atua, principalmente através de conferências, seminários e eventos que reúnem especialistas, formuladores de políticas e líderes. Além disso, oferece programas de bolsas para acadêmicos e profissionais, permitindo-lhes conduzir pesquisas e colaborar em projetos que avançam os objetivos do instituto. Politicamente, o instituto se envolve em atividades de advocacia para promover políticas públicas que reflitam seus valores e prioridades. Isso inclui o trabalho com legisladores e outros formuladores de políticas para influenciar a legislação e as políticas governamentais.

Criação: 1961

Período de atividades: 1961 – Atual

Principais nomes associados:

[Daniels Jr., Mitchell Elias](#)

(Presidente)

[Libby, Irve Lewis \[Scooter\]](#)

(Vice-Presidente)

[Dobriansky, Paula Jon](#)

(Membro do Conselho Consultivo)

[Quayle, James Danforth](#)

(Membro do Conselho Administrativo)

[Chao, Elaine L](#)

(Membro)

[Eisenach, Jeffrey](#)

[Podhoretz, Norman](#)

[Rosen, Stephen Peter](#)

[Shulsky, Abram](#)

[Wattenberg, Benjamin Joseph](#)

InfoWars

Plataforma de mídia dedicada a promoção de teorias da conspiração. Fundada e dirigida por Alex Jones. O InfoWars aborda uma ampla variedade de temas, incluindo políticas governamentais, eventos globais, saúde e liberdades civis, frequentemente de uma perspectiva conspiratória. Fundada inicialmente como um programa de rádio e um site, ao longo dos anos 2000 o Infowars expandiu suas operações, aumentando sua presença online com vídeos, artigos e transmissões ao vivo. O site ganhou notoriedade por cobrir eventos como os ataques de 11 de setembro de 2001 e a Guerra do Iraque de uma perspectiva que desafiava as narrativas oficiais. O site pode ser compreendido como uma das instituições da ‘ala conspiratória’ associada às direitas estadunidenses ao se firmar como um legítimo organizador de campanhas que mobilizam seus seguidores em torno de questões como direitos de armas, vigilância governamental e saúde pública e afins. A plataforma firmou-se como o ponto de referência para conspiracionistas que desconfiam da mídia tradicional e das narrativas oficiais, o que deu ao InfoWars uma base de seguidores dedicada e engajada.

Criação: 1999

Período de atividades: 1999 – Atual

Principais nomes associados:

[Jones, Alexander \[Alex\] Emerick](#)

(Fundador)

[Watson, Paul Joseph](#)

(Editor)

[Roberts, Paul Craig](#)

(Colaborador)

John Birch Society (JBS)

Organização política conservadora e anticomunista fundada em 1958 por [Robert Welch](#). A sociedade foi nomeada em homenagem a John Birch, um missionário cristão e oficial militar dos Estados Unidos que foi morto na China em 1945, reconhecido pelo fundador como a primeira vítima do comunismo. A JBS é conhecida por suas fortes posições (conspiracionistas) contra o comunismo, a centralização do poder governamental e a perda de soberania nacional. Ao longo dos anos 1960 a instituição ganhou notoriedade, atraindo membros preocupados com a influência comunista e a centralização do poder federal. No entanto, sua postura anticomunista exacerbada levantou críticas do próprio movimento conservador das décadas de 1960 e 1970. A Sociedade realizou campanhas intensivas para alertar o público sobre a ameaça do comunismo, além de publicar uma série de livros, panfletos e a sua revista [The New American](#). A John Birch Society é uma das mais antigas instituições da “ala conspiratória” do conservadorismo estadunidense, dedicando-se a promover as teorias da conspiração do Estado Profundo, Globalismos e da Nova Ordem Mundial.

Criação: 1958

Período de atividades: 1958 – Atual

Principais nomes associados:

[Koch, Fred Chase](#) (Fundador)

[Welch, Robert](#)

[Welch, Robert](#) (Presidente)

[Jasper, William F](#) (Pesquisador)

[Kohlberg, Alfred](#) (Membro)

[Schmtiz, John George](#)

John M. Olin Foundation

Organização filantrópica estabelecida em 1953 por John Merrill Olin. A fundação dedicava-se especialmente na promoção de causas conservadoras nos Estados Unidos, financiando uma variedade de instituições acadêmicas, think tanks e iniciativas políticas. Em especial a partir dos anos 1960, a fundação começou a concentrar seus recursos na promoção de ideias conservadoras e no fortalecimento da infraestrutura intelectual e política do movimento conservador, mirando a academia. Reconhecendo uma predominância de ideias de esquerda na academia – entre os alunos – a Olin Foundation passou a estabelecer uma série de bolsas de pesquisa e programas voltados a assuntos relacionados aos valores conservadores estadunidenses, como a defesa do livre mercado e o anticomunismo. Entre as universidades que receberam programas e verbas estão Harvard, Yale, Chicago University e outras. Entre os think tanks apoiados pela Olin Foundation encontram-se a [Heritage Foundation](#) e o [American Enterprise Institute](#). A fundação foi dissolvida em 2005, conforme solicitação do próprio John Olin de gastar seu capital dentro de um período específico, maximizando o impacto de seus recursos. Porém, os programas, cátedras e bolsas continuam a levar o nome Olin, o que demonstra o poder que esta organização efetuou na promoção de um ‘conservadorismo acadêmico’ e na luta contra a “hegemonia da esquerda” na universidade.

Criação: 1953

Período de atividades: 1953 – 2005

Journal of 9/11 Studies

Revista “acadêmica” revisada por pares dedicada a publicação de pesquisas e análises sobre os eventos de 11 de setembro de 2001. A revista tem foco no exame crítico das explicações oficiais e à promoção de investigações independentes sobre o que aconteceu naquele dia. A Journal of 9/11 Studies foi fundada com o objetivo de proporcionar uma plataforma acadêmica para a análise e discussão dos eventos de 11 de setembro. Além de publicações de acesso aberto, a organização promove eventos para discutir novas pesquisas e teorias, reunindo acadêmicos, pesquisadores independentes e o público interessado. Apesar dos seus organizadores não promoverem abertamente a ideia de que o governo foi responsável pelos ataques, a revista promove a Teoria da Conspiração 9/11truth, questionando a narrativa oficial e dando ainda mais uma cara de legítima à teoria.

Criação: 2006

Período de atividades: 2006

Principais nomes associados:

[Jones, Steven Earl](#) (Colaborador)

Liberty University

Universidade cristã reconhecida por sua forte orientação evangélica e conservadora. Fundada em 1971 (sob o nome de Lynchburg Baptist College) pelo reverendo [Jerry Falwell Sr.](#), a universidade foi criada com a missão de proporcionar uma educação cristã de qualidade. Ao longo dos anos 1980 e 1990, a universidade expandiu suas instalações, programas acadêmicos e população estudantil, estabelecendo-se como uma instituição respeitada no ensino superior cristão. Já a partir dos anos 2000, sob a liderança de [Jerry Falwell Jr.](#), lançou programas de educação a distância, alcançando ainda mais alunos. A Liberty University oferece mais de 600 programas acadêmicos, incluindo cursos de graduação, mestrado e doutorado, em áreas como negócios, educação, engenharia, direito, ciências da saúde e teologia. Devido seu sucesso em estabelecer-se como referência, a universidade conta hoje com uma vasta rede de ex-alunos que se destacam em várias áreas, incluindo ministério, negócios e política.

Criação: 1971

Período de atividades: 1971 – 1976 (Lynchburg Baptist College) / 1976 – 1984 (Liberty Baptist College) / 1984 – Atual

Principais nomes associados:

[Falwell Sr. Jerry Laymon](#) (Fundador)

[Falwell Jr., Jerry Lamon](#) (Presidente)

[Falwell Jr., Jerry Lamon](#) (Aluno)

[Perkins, Anthony Richard](#)

Manhattan Institute for Policy Research

Think tank conservador fundado em 1977 por Antony Fisher e William J. Casey, dedicado a promoção de políticas de defesa do livre mercado, reformas urbanas e educação. O instituto ganhou notoriedade ao longo dos anos 1980 ao influenciar políticas de impacto, como a reforma das políticas de bem-estar social e o combate ao crime, especialmente em Nova York. Tornando-se uma voz relevante na promoção de ideias conservadoras e da defesa do livre mercado. O instituto atua principalmente na publicação de estudos e relatórios, além de sua revista City Journal, fundada em 1990.

Criação: 1977

Período de atividades: 1977 – Atual

Principais nomes associados:

[Feulner Jr. Edwin John](#) (Vice-Presidente)

[Dilulio Jr., John J](#) (Pesquisador)

[Smarick, Andy](#)

[Miller, Judith](#) (Membro)

Media Research Center (MRC)

Organização conservadora fundada em 1987 por Brent Bozell. Com a missão de expor o que considera ser “viés esquerdista na mídia” e promover uma cobertura de notícias mais equilibrada. O MRC dedica-se a monitorar a mídia, publicar análises e realizar campanhas para influenciar a cobertura de notícias. A organização expandiu suas atividades ao longo dos anos 1990 para incluir divisões especializadas em cobrir aspectos da mídia, como televisão, rádio e mídia digital. Apesar de atuar em nome da imparcialidade midiática, o MRC é frequentemente criticado por sua própria parcialidade ideológica. Na prática o MRC não só exerce uma ativa promoção de valores conservadores, como abre espaço para uma perseguição a opositores.

Criação: 1987

Período de atividades: 1987 – Atual

Mont Pelerin Society (MPS)

Associação internacional de economistas, filósofos, acadêmicos e escritores que defendem o liberalismo clássico e o livre mercado. Fundada em 1947 por [Friedrich Hayek](#), [Milton Friedman](#) e outros proeminentes intelectuais, a sociedade visava a criação uma rede de intelectuais para debater e promover os princípios do liberalismo clássico e promover a defesa dos Livre Mercado e dos princípios da liberdade individual e governo limitado. Nos Estados Unidos, em meio ao movimento conservador de 1950 e 1960, a MPS cresceu significativamente, atraindo economistas, filósofos e escritores de todo o mundo. Além de seus encontros anuais a sociedade publica a revista *The Mont Pelerin Society Journal* e apoia a publicação de obras de membros e outros autores que contribuem para o desenvolvimento e a disseminação das ideias liberais. A MPS ainda oferece bolsas de estudo, prêmios e apoio a programas educacionais que promovam pesquisas em economia, filosofia e ciências sociais, com ênfase no liberalismo.

Criação: 1947

Período de atividades: 1947 – Atual

Principais nomes associados:

[Feulner Jr. Edwin John](#) (Presidente)

[Meltzer, Allan H.](#)

[Friedman, Milton](#) (Membro Fundador)

[Mises, Ludwig Heinrich Edler Von](#)

[Hayek, Friedrich August Von](#)

Moral Majority

Organização política fundada em 1979, pelo pastor evangélico [Jerry Falwell Sr.](#), com o propósito de mobilizar a direita religiosa na promoção de uma agenda conservadora. A Moral Majority rapidamente se tornou uma potência na política estadunidense, apoiando candidatos

conservadores e promovendo uma agenda baseada em “valores tradicionais e cristãos”. A organização foi especialmente relevante na eleição de Ronald Reagan em 1980. Pode ser compreendida como a principal instituição da Direita Religiosa na virada dos anos 1970 para os anos 1980. A organização atuava realizando campanhas de lobbying para influenciar legisladores; organizando conferências, eventos e seminários para educar e mobilizar seus membros; e promovia seus valores através de programas de televisão, rádio e publicações impressas. Na prática, a *Moral Majority* formou alianças com outras organizações conservadoras e religiosas para fortalecer sua influência e alcance. Na década de 1990, a influência da *Moral Majority* começou a declinar, e a organização foi oficialmente dissolvida em 1989.

Criação: 1979

Período de atividades: 1979 – 1989

Principais nomes associados:

[Falwell Sr. Jerry Laymon](#) (Fundador)

[Weyrich, Paul Michael](#)

National Interest

Revista bimestral de política externa e relações internacionais fundada em 1985 por Irving Kristol. Publicada pelo *Center for the National Interest*, a revista é reconhecida por elaborar análises de política externa que frequentemente “desafiam o pensamento convencional” e promovem uma abordagem realista nas relações internacionais. Ao longo dos anos 1980 a revista estabeleceu-se como uma das principais publicações em política externa, tornando-se uma voz importante entre os representantes da “ala” defensora do livre mercado, da direita estadunidense. Ao longo dos anos 2000 a revista adaptou-se ao formato digital, oferecendo webinários e palestras online para alcançar um público mais amplo.

Criação: 1985

Período de atividades: 1985 – Atual

Principais nomes associados:

[Harries, Owen](#) (Fundador)

[Kristol, Irving](#)

[Harries, Owen](#) (Editor)

[Lind, Michael](#)

[Pollack, Kenneth Michael](#)

[Tucker, Warren Charles](#)

[Khalilzad, Zalmay Mamozy](#) (Membro do Conselho Editorial)

[Bakshian Jr, Aram](#) (Colaborador)

National Policy Institute (NPI)

Organização de extrema-direita fundado em 2005 por William Regnery II. O NPI dedica-se a promover uma agenda supremacista branca, etnonacionalista e racista. A organização ganhou notoriedade sob a liderança de Richard Spencer, que popularizou o termo "alt-right" e defendeu abertamente políticas de segregação racial e etnoestado branco. O NPI ficou particularmente notório após a eleição de Donald Trump, quando Spencer realizou uma conferência em Washington, D.C., onde fez um discurso infame saudando Trump com um gesto que muitos associaram a saudações nazistas, dizendo “Hail Trump, hail our people, hail victory!”. O NPI atua através da publicação de relatórios, ensaios e artigos promovendo suas

ideias, criticando a diversidade racial e o multiculturalismo e promovendo teorias da conspiração. Além, organiza conferências anuais que reúnem nacionalistas brancos e outros extremistas de direita para discutir e promover suas ideias. Além, membros da organização frequentemente dão palestras em universidades e outros locais públicos. Embora não tenha sido efetivamente dissolvida, a NPI encontra-se praticamente inoperante desde 2020.

Criação: 2005

Período de atividades: 2005 – Atual

Principais nomes associados:

[Miller, Stephen](#) (Presidente)

[Spencer, Richard Bertrand](#)

[Taylor, Samuel Jared](#) (Diretor)

National Review

Revista conservadora fundada em 1955 por [William Buckley Jr.](#) Tornou-se uma das publicações mais influentes da direita americana, conhecida por sua defesa do conservadorismo clássico. A *National Review* marca o nascimento do movimento fusionista dos anos 1950 que buscava a união de diferentes correntes da direita em uma unidade coerente, fazendo assim força contra a política democrata em altas desde os anos 1930. A revista rapidamente se destacou por ser um “fórum” no qual agentes da direita podiam discutir suas visões sobre a liberdade econômica, o anticomunismo e o antiestatismo. Figuras intelectuais importantes, como Russell Kirk, Whittaker Chambers e Frank Meyer, assinaram ensaios e artigos para a revista. Ainda sob a liderança de Buckley, a *National Review* tornou-se um pilar do movimento conservador americano ao longo dos anos 1970 e 1980, ajudando a moldar e promover a ascensão de Ronald Reagan. Além da publicação em si, a revista realiza conferências e eventos que reúnem líderes conservadores, acadêmicos e ativistas para discutir e organiza debates e painéis sobre temas contemporâneos. A *National Review*, portanto, não se trata apenas de uma importante voz no cenário conservador estadunidense, mas também de uma pedra basilar do conservadorismo estadunidense moderno.

Criação: 1955

Período de atividades: 1955 – Atual

Principais nomes associados:

[Buckley Jr., William Frank](#) (Fundador)

[Brimelow, Peter](#) (Editor)

[Derbyshire, John](#)

[Evans, Medford Stanton](#)

[Goldberg, Jonah Jacob](#)

[Hess, Frederick M](#)

[Ledeen, Michael A](#)

[Lopez, Kathryn Jean](#)

[Lowry, Richard](#)

[O'beirne, Kate Walsh](#)

[Ponnuru, Ramesh](#)

[Potemra, Michael](#)

[Rodman, Peter Warren](#)

[Rusher, William Allen](#)

[Will, George Frederick](#)

[Bennett, William John](#)

(Colaborador)

[Bloom, Allan David](#)

[Decter, Midge](#)

[Frum, David](#)

[Hassett, Kevin Allen](#)

[Moley, Raymond Charles](#)

[Read, Leonard](#)

[York, Byron](#)

National Review Institute (NRI)

Think tank fundado em 1991 dedicado a promover o conservadorismo e apoiar a revista National Review. O National Review Institute foi fundado (também por Buckley Jr) como uma extensão da revista National Review, com o objetivo de educar o público e promover o conservadorismo através de iniciativas adicionais. O instituto atua através da concessão de bolsas de estudos, organização de conferências e financiamento de pesquisas sobre questões políticas e culturais a partir do prisma conservador. Além disso, através do programa **NRI On Campus**, o instituto leva palestrantes conservadores a universidades para promover as ideias conservadoras.

Criação: 1991

Período de atividades: 1991 – Atual

Principais nomes associados:

[Buckley Jr., William Frank](#)

(Fundador)

[O'beirne, Kate Walsh](#)

(Presidente)

[Goldberg, Jonah Jacob](#)

(Membro)

New American [The]

Revista publicada pela John Birch Society (JBS), conhecida por suas posições conservadoras e frequentemente antiglobalistas conspiracionista. Fundada em 1985, a revista ganhou notoriedade ao abordar temas como o anticomunismo, a oposição ao globalismo e críticas ao governo federal e suas políticas. Na década seguinte continuou a expandir sua cobertura, incluindo uma forte ênfase em temas como a soberania nacional, o constitucionalismo, com especiais críticas às organizações internacionais como a ONU, reconhecida como uma “agente do governo global”. Embora alegue defender os princípios do conservadorismo, a revista na prática dedica-se a promover teorias da conspiração.

Criação: 1985

Período de atividades: 1985 – Atual

Principais nomes associados:

[Jasper, William F](#)

(Editor)

[Newman, Alex](#)

[Byas, Steven](#)

(Colaborador)

New Century Foundation

Organização fundada por Jared Taylor em 1994 conhecida pela publicação da revista American Renaissance. Além, a fundação dedica-se a promover discussões sobre raça e inteligência, imigração e políticas de identidade racial, promovendo teorias da conspiração e

racismo. Através da revista a fundação ganhou notoriedade e passou a produzir vídeos e podcasts para a internet, ganhando presença ativa online através de seu site e perfis em redes sociais. A *New Century Foundation* e a [American Renaissance](#) tornaram-se referências na promoção dos ideais da Direita alternativa, firmando-se como um representante da “ala” conspiratória” das direitas estadunidenses.

Criação: 1994

Período de atividades: 1994 –

Principais nomes associados:

[Taylor, Samuel Jared](#) (Fundador)

Old Time Gospel Hour

Programa de rádio e televisão cristão que teve grande popularidade nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 a 1980. Fundado e apresentado pelo pastor Jerry Falwell, o programa desempenhou um papel relevante na promoção do evangelicalismo conservador e na fundação de várias instituições cristãs, configurando-se como uma importante voz na formação do que veio a ser a Direita Religiosa estadunidense. Em 1957 o programa começou como um programa de rádio local em Lynchburg, Virgínia, e rapidamente ganhou audiência, expandindo-se para uma programação nacional. Ao longo da década de 1970, sob a liderança de Jerry Falwell, o programa se tornou um dos programas religiosos mais assistidos e influentes da TV cristã. Embora alega-se ser um programa estritamente religioso, com objetivo principal de proclamar o evangelho cristão, na prática o programa servia de promotor de uma agenda conservadora. Junto da [Liberty University](#) e [Moral Majority](#) (todas igualmente fundadas por Falwell), o Old Time Gospel Hour integrou parte da rede de instituições do conhecimento conservadora dos anos 1950 – 1970.

Criação: 1956

Período de atividades: 1956 – 2007

Principais nomes associados:

[Falwell Sr. Jerry Lamon](#) (Apresentador)

Professor Watchlist

Iniciativa online para identificar e destacar professores universitários que, segundo seus organizadores, promovem ideologias políticas e culturais consideradas prejudiciais ou controversas. A iniciativa é associada a grupos conservadores e de direita, mirando em professores, acusando-os de serem alinhados com uma “agenda de esquerda” ou com a “agenda woke”. Portanto, afirma lutar contra a censura e a “doutrinação ideológica” nas universidades. A Professor Watchlist foi lançado pelo grupo [Turning Point USA](#) (TPUSA), uma organização de jovens conservadores fundada por Charlie Kirk.

Criação: 2016

Período de atividades: 2016 – Atual

Project for the New American Century (PNAC)

Think tank neoconservador fundado em 1997 com considerável impacto nas políticas de defesa e relações exteriores dos Estados Unidos, especialmente durante a administração de George W. Bush. Seu objetivo principal – declarado – era assegurar a liderança global

americana no século XXI, reconhecida por seus membros como em risco pela má gestão internacional do pós-Guerra Fria. Portanto o think tank advogava pela promoção da liderança global estadunidense através do fortalecimento militar e de políticas exteriores assertivas. Durante seu período ativo, o PNAC publicou várias cartas abertas, relatórios e declarações políticas. Dentre os mais notórios estão a “Carta aberta ao presidente [Bill Clinton](#)” (1998) alertando sobre a necessidade de uma invasão ao Iraque, para assegurar a presença estadunidense na região e “controlar” o poder de Saddam Hussein; e o *Rebuilding America's Defenses* (2000), no qual o think tanks delineou sua visão para a supremacia militar dos Estados Unidos, argumentando pela necessidade de um aumento significativo nas capacidades militares americanas. O PNAC foi um dos principais defensores da invasão do Iraque em 2003, argumentando que o regime de Saddam Hussein representava uma ameaça significativa e que sua remoção era crucial para a segurança e os interesses dos Estados Unidos. De fato, pode-se argumentar o PNAC foi a “planta” do plano da guerra ainda na década de 1990. Vários membros do think tanks ocuparam posições influentes na administração de [George W. Bush](#), incluindo [Dick Cheney](#), [Donald Rumsfeld](#) e [Paul Wolfowitz](#). Em 2006 o PNAC foi efetivamente dissolvido, porém muitos de seus membros continuaram a influenciar a política através de outros think tanks e posições políticas.

Criação: 1997

Período de atividades: 1997 – 2006

Principais nomes associados:

[Abrams, Elliott](#)

(Fundador)

[Bauer, Gary Lee](#)

[Bennett, William John](#)

[Cohen, Eliot Asher](#)

[Cheney, Richard \[Dick\] Bruce](#)

[Decter, Midge](#)

[Dobriansky, Paula Jon](#)

[Forbes Jr, \[Steve\] Malcolm Stevenson](#)

[Friedberg, Aaron Louis](#)

[Iklé, Fred Charles](#)

[Kagan, Donald](#)

[Perle, Richard Norman](#)

[Podhoretz, Norman](#)

[Rosen, Stephen Peter](#)

[Rowen, Henry Stanislaus](#)

[Rumsfeld, Donald Henry](#)

[Weber, John Vincent](#)

[Weigel, George](#)

[Carlucci III, Frank Charles](#)

(Membro)

[Fukuyama, Francis Yoshihiro](#)

Public Interest

Revista trimestral focada em política pública, cultura e sociedade. Teve grande influência no pensamento neoconservador e nas discussões sobre políticas públicas ao longo de suas quatro décadas de publicação. Fundada por [Irving Kristol](#) e [Daniel Bell](#), a revista surgiu em meio ao movimento conservador dos anos 1960, sendo concebida como um fórum para análises sobre

questões sociais, econômicas e políticas, voltando-se para um prisma conservador. Publicada quatro vezes por ano, cada edição apresentava uma coleção de artigos e ensaios sobre temas relevantes de políticas públicas, com análises de programas de bem-estar, educação e políticas urbanas. Ao longo dos anos 1970 a revista firmou-se como uma das vozes mais influentes no cenário conservador e neoconservador dos Estados Unidos. A *Public Interest* encerrou suas atividades em 2005, após 40 anos de atividade.

Criação: 1956

Período de atividades: 1956 – 2005

Principais nomes associados:

[Kristol, Irving](#)

(Fundador)

[Manshel, Warren Demian](#)

[Bell, Daniel](#)

(Editor)

[Moynihan, Daniel Patrick](#)

(Colaborador)

Regent University

Universidade cristã fundada em 1977 pelo televangelista [Pat Robertson](#). A universidade dedica-se na promoção de uma educação baseada em valores cristãos, oferecendo diversos programas de graduação e pós-graduação. A universidade foi fundada como Christian Broadcasting Network University, recebendo o nome de Regent University em 1989 para “refletir” sua missão de formar “regentes” que serviriam a Deus e à sociedade. Além da educação e desenvolvimento de líderes que atuem com foco nos valores religiosos cristãos, a universidade dedica-se também promove a pesquisa com foco em questões contemporâneas de ética e políticas públicas. A universidade foi uma das pioneiras na educação online, proporcionando flexibilidade para estudantes que desejam obter um diploma à distância.

Criação: 1977

Período de atividades: 1977 – Atual

Principais nomes associados:

[Robertson, Marion Gordon \[Pat\]](#)

(Fundador)

Rush Limbaugh Show [The]

Programa de rádio conservador apresentado por Rush Limbaugh. O show foi amplamente conhecido por seu estilo polêmico, críticas às políticas de esquerda e influências na política conservadora nos Estados Unidos. Rush Limbaugh começou a ganhar notoriedade no rádio ao início da década de 1980, quando passou a apresentar um talk show em Sacramento, Califórnia. Porém, o The Rush Limbaugh Show estreou em nível nacional através da EIB Network (Excellence in Broadcasting Network) em 1988. Em uma mistura de comentários políticos com entretenimento, Limbaugh usava humor e sátiras para engajar os ouvintes e promover uma agenda conservadora, frequentemente efetivando ataques diretos a opositores políticos. O show chegou a ter três horas de duração, transmitido ao vivo em estações de rádio em todo o país, contendo longos monólogos de Limbaugh sobre eventos atuais, entrevistas com convidados e chamadas de ouvintes. Em seu anti-intelectualismo quase belicoso, o programa com frequência se sustentava em teorias da conspiração para atacar as políticas do partido democrata. O programa chegou a receber uma versão para a televisão, indo ao ar entre 1992 e 1996.

Criação: 1984

Período de atividades: 1984 – 1988 (rádio local) / 1988 – 202x (nacionalmente)

Principais nomes associados:

[Limbaugh III, Rush Hudson](#)

(Apresentador)

Scholars for 9/11 Truth (S9/11T)

Grupo de pesquisadores e acadêmicos formado para questionar a narrativa oficial dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Fundado em 2005, pelo professor de filosofia James Fetzer e pelo físico Steven E. Jones, o grupo defende que há inconsistências e elementos não explicados na versão oficial dos eventos, sugerindo a necessidade de novas investigações e colocando-se como um a “plataforma de debates” a fim de esclarecer os fatos. Entre suas atividades o grupo promove investigações independentes e mais abrangente dos eventos de 11 de setembro, compila e divulga informações e evidências que desafiem a versão oficial dos ataques, participa e promove eventos para fomentar o debate acadêmico e público sobre as possíveis inconsistências, além de produzir documentários. Embora não argumente abertamente que o governo dos Estados Unidos tenha efetuado o ataque, o grupo representa uma “academização” da teoria da conspiração 9/11 truth.

Criação: 2005

Período de atividades: 2005 – Atual

Principais nomes associados:

[Fetzer, James Henry](#)

(Fundador)

[Jones, Steven Earl](#)

Scholars for 9/11 Truth & Justice (STJ)

Grupo de acadêmicos, profissionais e pesquisadores, formado por membros dissidentes do grupo original Scholars for 9/11 Truth (incluindo Steven E. Jones). Este grupo coloca uma ênfase mais forte na busca de uma nova investigação e na promoção da justiça para as vítimas dos ataques. Os objetivos e táticas, no entanto, são essencialmente as mesmas.

Criação: 2006

Período de atividades: 2006 – Atual

Principais nomes associados:

[Jones, Steven Earl](#)

(Membro)

Tea Party Express

Organização política surgida como parte do movimento Tea Party, movimento conservador que ganhou destaque em 2009. O movimento é conhecido por seu forte foco em políticas fiscais conservadoras, redução de impostos, e um governo menor. O *Tea Party Express* foi fundado pela Our Country Deserves Better PAC (Comitê de Ação Política) e tornou-se uma das principais forças impulsionadoras do movimento Tea Party, que começou oficialmente como uma reação contra as políticas fiscais e de gastos do governo do presidente Barack Obama. Entre 2009 e 2010 o *Tea Party Express* organizou uma série de turnês de ônibus e comícios por todo o país, mobilizando conservadores em torno de uma agenda voltada para a defesa do livre comércio. Em setembro de 2009, por exemplo, o comício Taxpayer March on Washington atraiu dezenas de milhares de participantes e recebeu considerável cobertura da mídia.

Criação: 2009

Período de atividades: 2009 – Atual

Principais nomes associados:

Tea Party Movement

Movimento político e social conservador emergido nos Estados Unidos em 2009 e nomeado em referência ao Boston Tea Party de 1773. O movimento Tea Party começou como uma série de protestos locais e nacionais contra a aprovação do pacote de estímulo econômico e outras políticas do presidente Barack Obama. O comentarista financeiro Rick Santelli é frequentemente creditado por acender a faísca do movimento com seu discurso inflamado em fevereiro de 2009. Composto por diversas pequenas organizações (como [Tea Party Patriots](#), [FreedomWorks](#), e [Tea Party Express](#)), o movimento caracteriza-se como um movimento de base do conservadorismo no início dos anos 2010, tendo um impacto considerável nas eleições de meio de mandato de 2010, ajudando a eleger candidatos conservadores. No entanto, apesar de afirmar ser um movimento que advogava pela manutenção do livre mercado e fim do intervencionismo na economia, entre as pautas reconhecidas entre membros do movimento encontravam-se pautas defendidas pela Direita Religiosa, como a proibição do aborto ou do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Criação: 2009

Período de atividades: 2009 – Atual

Tea Party Patriots

Organização componente do [Tea Party movement](#). Fundada em 2009, a organização se dedica a promover princípios de governo limitado, responsabilidade fiscal e livre mercado, alinhados com os objetivos gerais do movimento Tea Party. O *Tea Party Patriots* foi fundado por Jenny Beth Martin, Mark Meckler e Amy Kremer como uma resposta às políticas fiscais do governo Obama, especialmente em relação ao pacote de estímulo econômico. A organização foi a principal responsável pelo comício Taxpayer March on Washington, em setembro de 2009, um dos maiores protestos do movimento Tea Party. Mas, além de comício, o Tea Party Patriots tem trabalhado para influenciar a legislação, pressionando por cortes de gastos e reformas fiscais, e apoiando candidatos alinhados com sua agenda em eleições locais, estaduais e federais, ajudando a eleger vários representantes ao Congresso.

Criação: 2009

Período de atividades: 2009 – Atual

Trinity Broadcasting Network (TBN)

Rede de televisão cristã, fundada em 1973 por Paul e Jan Crouch. A rede é conhecida por sua programação variada que inclui sermões, programas de adoração, filmes cristãos, talk shows, música gospel, e conteúdo educativo religioso. A TBN tem uma significativa presença global. A rede foi fundada no início da década de 1970 sob a justificativa de criar uma plataforma para transmitir mensagens cristãs e conteúdos religiosos a um público mais amplo, mas rapidamente tornou-se hospedeira de uma série de programas e agentes da direita religiosa que, na prática, dedicavam-se a promover uma agenda conservadora. Nas décadas de 1980 e 1990, a TBN experimentou um crescimento substancial, adquirindo estações de televisão em todo os Estados Unidos e expandindo sua programação.

Criação: 1973

Período de atividades: 1973 – Atual

Principais nomes associados

[Bakker, James Orsen](#)
[Lindsey, Harold Lee](#)

(Fundador)
(Funcionário)

Turning Point USA (TPUSA)

Organização conservadora fundada em 2012 com foco em promover os princípios de livre mercado, governo limitado e responsabilidade fiscal entre estudantes universitários e do ensino médio nos Estados Unidos. TPUSA realiza campanhas de conscientização sobre questões políticas e sociais, utilizando materiais impressos, mídias sociais e outras plataformas para disseminar suas mensagens (como campanhas contra o socialismo, a favor da “liberdade de expressão”, reconhecida sob ataque da “agenda woke”). A organização tem uma forte presença nas redes sociais, utilizando plataformas como Twitter, Facebook, Instagram e YouTube para alcançar e engajar um público jovem. Eles produzem vídeos, memes, podcasts e outros conteúdos digitais para espalhar sua mensagem. Fora da internet, organiza grandes conferências, como a Student Action Summit e a Young Women's Leadership Summit, que reúnem estudantes, líderes conservadores, palestrantes e personalidades da mídia para discutir e promover ideias conservadoras. Além disso, a organização se envolve em atividades de advocacia e lobbying para promover políticas públicas alinhadas com seus princípios, tanto em nível federal quanto estadual. Eles também incentivam os estudantes a se envolverem politicamente e a votarem em candidatos conservadores. Por fim, ainda fomenta a criação de células em universidades e escolas. Na prática a **Turning Point** caracteriza-se por ser um movimento de base, com caráter anticomunista conspiratório.

Criação: 2012

Período de atividades: 2012 – Atual

VDARE

Site de extrema direita conhecido por suas posições anti-imigração e por publicações promotoras de visões xenófobas e nacionalistas. Fundado em 1999, o site é nomeado em homenagem a Virginia Dare, a primeira criança inglesa nascida na América do Norte. VDARE publica artigos, ensaios e colunas de vários escritores, abordando temas como imigração, identidade nacional, políticas raciais e outras questões sociopolíticas. Além, organiza eventos e conferências que reúnem palestrantes e apoiadores para discutir estas questões, e se envolve em atividades de advocacia para promover políticas de imigração mais restritivas e influenciar o debate público sobre imigração e identidade nacional nos Estados Unidos. Com forte teor racista, a VDARE mantém uma presença online ativa, utilizando seu site e plataformas de mídia social para disseminar seus conteúdos e alcançar um público mais amplo. Sendo uma voz proeminente na Direita Alternativa.

Criação: 1999

Período de atividades: 1999 –

Principais nomes associados:

[Brimelow, Peter](#)

(Fundador)

[Derbyshire, John](#)

(Colaborador)

[Roberts, Paul Craig](#)

Washington Examiner

Publicação de notícias e comentários políticos. Fundado em 2005, o jornal oferece cobertura de notícias, análises políticas e opiniões sobre eventos atuais, com um foco particular em questões relacionadas ao governo federal e à política dos Estados Unidos. A publicação tem uma perspectiva editorial conservadora explícita, apoiando políticas de governo limitado, livre mercado, defesa nacional forte e valores tradicionais. E frequentemente apoia candidatos e políticas do Partido Republicano e critica figuras e políticas do Partido Democrata. Além, o Washington Examiner também se envolve em investigações jornalísticas alegando a exposição de corrupção, ineficiência governamental e outras questões de interesse público. Ao longo da década de 2010, expandiu-se para uma orte presença online, utilizando seu site e plataformas de mídia social para disseminar notícias e análises, alcançando um público mais amplo. Mas, além do site de notícias, o Washington Examiner publica uma revista semanal que oferece análises aprofundadas, entrevistas e artigos de opinião sobre os principais eventos e tendências da semana.

Criação: 2005

Período de atividades: 2005 – Atual

Principais nomes associados:

[Carney, Timothy P](#) (Editor)

[Barone, Michael D](#) (Redator)

[York, Byron](#)

Washington Summit Publishers (WSP)

Editora americana dedicada a publicar livros que exploram temas relacionados à raça, identidade e cultura. Embora não expresse oficialmente, a editora é associada a ideologias de extrema direita e é conhecida por promover trabalhos racistas e pseudocientíficos que promovem a superioridade racial branca e critica a diversidade multicultural, além de promover teorias da conspiração (como a Genocídio Branco e a Nova Ordem Mundial). A WSP participa e organiza conferências e eventos que reúnem figuras proeminentes da Direita Alternativa. Na prática a WSP promove ideologias associadas ao nacionalismo branco, supremacia branca e outras formas de extremismo de direita.

Criação: 2000

Período de atividades: 2000 – Atual

Principais nomes associados:

[Spencer, Richard Bertrand](#) (Editor)

Young Americans for Freedom (YAF)

Organização conservadora fundada em 1960, dedicada a promover os princípios de liberdade individual, governo limitado, livre mercado e forte defesa nacional entre os jovens. YAF foi fundada por um grupo de jovens conservadores que se reuniram em Sharon, Connecticut, na casa da família Buckley, e redigiram a Declaração de Sharon (documento fundacional da YAF) que delineou os princípios básicos da organização, enfatizando seu compromisso na defesa do livre mercado, de valores morais (cristão) e defesa nacional. A organização incentivou a criação de células em diferentes universidades e, logo na década de 1960, desempenhou um papel importante na mobilização dos jovens conservadores tornando-se uma plataforma para futuros líderes conservadores construírem conexões relevantes para uma futura carreira política. Essas células promovem eventos, palestras e atividades para promover

ideias conservadoras. Além da atividade de mobilização estudantil, a YAF publica materiais educacionais, boletins informativos e utiliza plataformas de mídia social para disseminar suas ideias e se envolve em atividades de advocacia para promover políticas públicas alinhadas com seus princípios. A YAF é, portanto, uma das primeiras iniciativas do movimento conservador na captação e instrumentalização de jovens nas universidades.

Criação: 1960

Período de atividades: 1960 – Atual

Principais nomes associados:

[Buckley Jr., William Frank](#)

(Fundador)

[Evans, Medford Stanton](#)

[Viguerie, Richard Art](#)

(Secretário executivo)

[Buchanan, Patrick \[Pat\] Joseph](#)

(Membro)

Young Republican National Federation (YRNF)

Organização política, afiliada ao Partido Republicano, que serve como uma plataforma para jovens republicanos entre 18 e 40 anos. Fundada em 1931, a YRNF busca envolver e mobilizar jovens eleitores em apoio a candidatos e políticas republicanas. A organização oferece programas de treinamento e desenvolvimento de liderança para capacitar jovens republicanos com as habilidades necessárias para participar efetivamente da política e das campanhas eleitorais. Além, realiza conferências e convenções regulares, incluindo sua convenção nacional bienal, que reúne jovens republicanos de todo o país para discutir políticas, ouvir palestrantes e coordenar estratégias eleitorais. Na prática a YRNF proporciona oportunidades de networking para jovens republicanos, conectando-os com líderes políticos. Embora tenha um “público alvo” e atividades semelhantes aos da *Young Americans for Freedom*, a YRNF não se dedica exclusivamente ao ambiente universitário ou escolar. Embora ofereça programas educacionais e recursos para aumentar a compreensão dos jovens sobre o processo político, a missão principal da organização é de é recrutar, treinar e apoiar a próxima geração de líderes republicanos, e não necessariamente de promover os ideais nos campi universitários.

Criação: 1931

Período de atividades: 1931 – Atual

Principais nomes associados:

[Rusher, William Allen](#)

(Fundador de célula)

[Clinton, Hillary Diane Rodham](#)

(Presidente de célula)

[Wallison, Peter J](#)

[Gates, Robert Michael](#)

(Membro)

[Weyrich, Paul Michael](#)

Apêndice C

Lista “Quem é Quem”, ressaltando as filiações acadêmicas, políticas, empresariais, profissionais e interpessoais dos principais agentes mencionados no trabalho

Abraham, Edward Spencer (1952 –)

Político

Graduado pela Michigan State University (1974)

Doutor pela Harvard Law School (1978)

Cofundador da Harvard Journal of Law and Public Policy. (197x)

Professor na Thomas M. Cooley Law School (197x)

Presidente (Chairman) da Michigan Republican Party (1983 – 1990)

Vice–Chefe de Gabinete do Vice–Presidente Dan Quayle (1990 – 1991)

Co–Presidente (Co–Chairman) do National Republican Congressional Committee (1991 – 1993)

Senador dos Estados Unidos pelo Estado do Michigan (1995 – 2001)

Secretário de Energia dos Estados Unidos (2001 – 2005) nomeado por [George W. Bush](#)

Pesquisador (Distinguished Visiting Fellow) da [Hoover Institution](#) (2005 – 2007)

Membro do Conselho de Administrativo da California Institute of Technology. (2016)

Abrams, Elliott (1948 –)

Político

Graduado pela Harvard University (1969)

Mestre pela London School of Economics (1970)

Doutor pela Harvard Law School (1973)

Advogado na Breed, Abbott & Morgan (1973 – 1975)

Conselheiro Assistente do Senate Permanent Subcommittee On Investigations (1975)

Chefe de Gabinete do Senador Daniel Moynihan (1977 – 1979)

Advogado na Verner, Liipfert, Bernhard, Mcpherson And Hand (1979 – 1981)

Secretário de Estado Adjunto para Assuntos de Organizações Internacionais (1981), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Secretário de Estado Adjunto dos Direitos Humanos e Assuntos Humanitários (1981), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Envolvido no Caso Ira–Contra

Assistant Secretary of State For Inter–American Affairs (1985 – 1989)

Recebeu o perdão Presidencial (1992) dado por [George H. W. Bush](#)

Membro fundador do [Project for the New American Century](#) (1997)

Assinou a carta do [Project for the New American Century](#) ao presidente [Bill Clinton](#) (1998)

Assistente Especial do Presidente (2001), nomeado por [George W. Bush](#)

Diretor Sênior para Democracia e Direitos Humanos (2001), nomeado por [George W. Bush](#)

Conselheiro Adjunto de Segurança Nacional dos Estados Unidos (2005 – 2009), nomeado por [George W. Bush](#)

Representante Especial dos Estados Unidos para a Venezuela (2019 – 2021)

Representante Especial dos Estados Unidos para o Irã (2020 – 2021)

Membro da Comissão Consultiva dos Estados Unidos sobre Diplomacia Pública (2023), nomeado por [Joe Biden](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Genro de [Midge Decter](#)

Genro de [Norman Podhoretz](#)

Abshire, David M. (1926 – 2014)

Político

Cadete do Exército Estadunidense (1946 – 1951)

Graduado pela U.S. Military Academy (1951)

Oficial do Exército Estadunidense (1951 – 1955)

Doutor pela Georgetown University (1959)

Diretor de Projetos Especiais do [American Enterprise Institute](#) (1961 – 1962)

Fundador da Center for Strategic And International Studies, da Georgetown University (1962)

Professor Adjunto na Georgetown University (1970 – 1973)

Membro do Comitê do Congresso sobre Organização do Governo para a Conduta da Política Externa (1974 – 1976)

Presidente da (Chairman) U.S. Board for International Broadcasting, (1974 – 1977)

Membro da President's Foreign Intelligence Advisory Board (1981–1982), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Representante permanente dos Estados Unidos no Conselho do Atlântico Norte (1983 – 1987), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Albright, Madeleine (1937 – 2022)

Política / Acadêmica

Graduada pela Wellesley College (1959)

Mestre Columbia University (1968)

Doutora Columbia University (1976)

Jornalista do Los Angeles Times (1976 – 1978)

Contato do Conselho de Segurança Nacional com o Congresso Nacional (1978 – 1981)

Professora (research professor) na Georgetown University (1982 – 1993)

Professora (Mortara Distinguished Professor) na Georgetown University (1984)

Presidente (Chair) do National Democratic Institute for Strategic and International Affairs (1984)

Presidente (President) do Center for National Policy (1989 – 1992)

Membro do gabinete de [Bill Clinton](#) (1992 – 1993)

Embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas (1993 – 1997)

Secretário de Estado dos Estados Unidos (1997 – 2001), nomeada por [Bill Clinton](#) e tendo [Martin Indyk](#) no gabinete.

Membro da American Academy of Arts and Sciences (2001)

Co-Presidente do Independent Task Force on U.S. Policy Toward Reform in the Arab World, do [Council on Foreign Relations](#) (200x), Com John Weber

Diretora do [Council on Foreign Relations](#) (2004 – 2022)

Cofundadora da Albright Group (2009), com [Carol Browner](#)

Apoiou publicamente a campanha presidencial de [Hillary Clinton](#) (2016)

Altman, Roger Charles (1946 –)

Empresário

Graduado pela Georgetown University (1967)

Mestre pela University of Chicago Booth School of Business (1969)

Funcionário da Lehman Brothers (197x – 1974), trabalhando com [Peter Peterson](#)

Sócio da Lehman Brothers (1974)

Secretário Adjunto de Finanças Internas do Tesouro dos Estados Unidos (1977 – 1981)

Co-diretor de banco de investimento do Lehman Brothers (1981)

Professor adjunto na Yale University (198x)

Vice presidente (vice-chairman) da Blackstone Group (1987)

Vice-Secretário do Tesouro dos Estados Unidos (1993 – 1994)

Co-fundador da Evercore (1995)

Membro do conselho administrativo do New York-Presbyterian Hospital (2006 –)

Conselheiro de campanha de [Hillary Clinton](#) (2008)

Vice presidente (vice Chairman) do conselho administrativo do American Museum of Natural History

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Applebaum, Anne. (1964 –)

Acadêmica

Graduado pela Yale University (1986)

Mestre pela London School of Economics (1987)

Correspondente para o Jornal The Independent (1988 – 1990)

Editora do The Economist (1988 – 1992)

Editora do The Spectator (1993 – 1996)

Colunista do The Daily Telegraph (1994)

Editora do The Evening Standard (1996 – 1997)

Membro do Conselho Editorial do The Washington Post (2002–2006)

Colunista do The Washington Post (2002 –)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2004 –)

Diretora do Transitions Forum, do Legatum Institute (2011 – 2016)

Professor na London School of Economics (2017 –)

Pesquisadora (Associate Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (2004 – 2009)

Pesquisadora (Senior Fellow) da Johns Hopkins University (2019 –)

Armstrong, Hamilton Fish (1893 – 1973)

Acadêmico / Diplomata

Graduado pela Princeton University (1916)

Assistente de Archibald Cary Coolidge (1922 – 1928)

Editor da revista [Foreign Affairs](#) (1928 – 1972)

Membro da American Philosophical Society (1940)

Amigo de [Walter Lippmann](#)

Baker III, James A. (1930 –)

Político

Graduado pela Princeton University (1952)

Graduado pela University of Texas (1957)
Advogado na Andrews, Kurth, Campbell & Jones (1957 – 1981)
Subsecretário do Departamento de Comércio Dos Estados Unidos (1975 – 1976)
Presidente (Chairman) do Comitê Presidencial de Gerald Ford (1976)
Presidente de Campanha de [George H. W. Bush](#) (1979 – 1980)
Chefe de Gabinete da Campanha Presidencial de Reagan (198x) Com [Edwin Meese](#)
Chefe de Gabinete da Casa Branca (1981 – 1985)
Secretário do Departamento do Tesouro Dos Estados Unidos (1985 – 1988), com [Robert Zoellick](#) como Conselheiro
Secretário do Departamento de Estado dos Estados Unidos (1989 – 1992), tendo [Lawrence Eagleburger](#) como Vice-Secretário
Professor na Rice University (1993)
Trabalhou Com [Philip Zelikow](#) no Conselho de Segurança Nacional (199x)
Presidente (Chair) do Iraq Study Group (2006)
Cofundador do Climate Leadership Council (2017), com [George Shultz](#)
Amigo de [George H. W. Bush](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Baker, William Oliver (1915 – 2005)

Acadêmico
Graduado pela Washington College (193x)
Doutor pela Princeton University (1939)
Membro do Pessoal Técnico da Bell Telephone Laboratories (1939 – 1948)
Chefe da Polymer Research And Development Department da Bell Telephone Laboratories (1948 – 1955)
Vice-Presidente de Pesquisa da Bell Telephone Laboratories (1955 – 1973)
Membro da National Academy of Sciences (1961)
Membro da American Philosophical Society (1963)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts And Sciences (1965)
Chefe da Bell Telephone Laboratories (1973 – 1979)
Membro da Nation At Risk (1983), Encomendado por [Ronald Reagan](#), junto de [Glen Seaborg](#), [Bartlett Giamatti](#), [Gerald Holton](#) e [David Gardner](#)
Ganhador da National Medal of Science (1988)

Bakker, James Orsen (1940 –)

Televangelista
Graduação incompleta pela North Central University (196x)
Apresentador do programa Come On Over, na Christian Broadcasting Network (197x), de [Pat Robertson](#)
Apresentador do talk show [The 700 Club](#) (1973) a mando de [Pat Robertson](#)
Cofundador da [Trinity Broadcasting Network](#) (197x)
Apresentador do programa Praise The Lord (1974 – 1987), sendo substituído por Jerry Falwell Jr após responder judicialmente por “má conduta sexual” e, depois, fraude.
Apresentador do The Jim Bakker Show (2003)

Bakshian Jr, Aram (1944 – 2022)

Político

Assistente do congressista Bill Brock (1966 – 1970)

Assistente e redator de discursos do senador Bob Dole (1971), na época presidente do Comitê Nacional Republicano

Membro da equipe de redação de discursos do presidente [Richard Nixon](#) (1969 – 1974)

Membro da equipe de redação de discursos do presidente Gerald Ford (1974 – 1975)

Consultor sênior do secretário do Tesouro William E. Simon (1976 – 1977)

Professor (lecture) na Harvard University (197x)

Assistente especial do Presidente para Artes, Humanidades, Educação/Academia e Assuntos Internacionais (1981), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Diretor do Escritório de Redação de Discursos da Casa Branca (1981 – 1983), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Membro do National Council on the Humanities (1987 – 1992), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Editor-chefe do American Speaker (1992 – 2009).

Contribuinte da The [National Interest](#) (2014 – 2022)

Baliunas, Sallie Louise (1953 –)

Acadêmica

Mestre pela Harvard University (1975)

Doutora pela Harvard University (1980)

Astrofísica do Harvard-Smithsonian Center For Astrophysics (1989)

Diretora do Programa Científico da Mount Wilson Observatory (1991 – 2002)

Professora Adjunto da Tennessee State University (199x)

Pesquisadora (Fellow) da [Hoover Institution](#) (1993–1994)

Pesquisadora (Fellow) na Stanford University (1993 – 1994)

Consultora Científica da Série de Televisão “Gene Roddenberry’s Earth: Final Conflict” (1997 – 2000)

“Conselheira Científica” da Greening Earth Society (1998 – 2001)

Cientista Sênior [George C. Marshall Institute](#) (20xx)

Presidente (Chair) do Conselho Científico da [George C. Marshall Institute](#) (20xx – 2012)

Contribuiu para a [Heritage Foundation](#)

Bannon, Stephen Kevin (1953 –)

Empresário

Graduado pela Virginia Tech College of Architecture and Urban Studies (1976)

Mestre pela Georgetown University (1983)

Mestre pela Harvard Business School (1985)

Oficial da Marinha dos Estados Unidos (1977 – 1983)

Banqueiro de investimentos da Goldman Sachs (198x)

Fundador da Bannon & Co (1990)

Diretor do projeto de pesquisa em ciências da terra da University of Arizona Biosphere 2 (1993 – 1995)

Fundador do Breitbart News (2007)

Presidente executivo da Breitbart News LLC (2012)

Estrategista-chefe da Casa Branca (2017), de [Donald Trump](#)

Conselheiro Sênior do Presidente (2017) [Donald Trump](#)
Apresentador do programa Bannon's War Room (2019 –)

Barone, Michael D. (1944 –)

Acadêmico

Graduado pela Harvard University (1966)

Editor da Yale Law Journal (196x)

Graduado pela Yale Law School (1969)

Secretário no Tribunal de Apelações dos Estados Unidos para o Sexto Circuito (1969 – 1971)

Vice-presidente do Hart Research Associates (1974 – 1981)

Membro do conselho editorial do Washington Post (1981– 1988)

Redator sênior da US News & World Report (1989 – 1996)

Editor sênior da Reader's Digest (1996 – 1998)

Redator sênior da US News & World Report (1998 – 2009)

Colaborador da Fox News Channel (2001 – 2016)

Analista sênior para política do [Washington Examiner](#) (2009 –)

Membro (senior fellow emeritus) do [American Enterprise Institute](#)

Baroody Jr., William J. (1937 – 1996)

Empresário / Acadêmico

Graduado Pelo College of The Holy Cross Em Worcester (s/d)

Serviu na Marinha dos Estados Unidos (1959 – 1961)

Ingressou na Equipe do Senador [Melvin Laird](#) (1961) Onde Trabalhou Com [Edwin Feulner](#)

Diretor do Gabinete de Ligação Pública da Casa Branca (1973 – 1977)

Assistente do Presidente Gerald Ford (1974 – 1977)

Assistente Especial E Consultor Especial do Presidente [Richard Nixon](#) (197x)

Presidente do [American Enterprise Institute](#) (1978 – 1986)

Presidente do Woodrow Wilson International Center For Scholars (1981 – 1994)

Filho de [William Baroody Sr.](#)

Baroody Sr., William J. (1916 – 1980)

Empresário / Acadêmico

Graduado pela St. Anselm College (1936)

Membro do no Comitê de Finanças de Guerra de New Hampshire (194x)

Tenente da Marinha dos Estados Unidos (194x -1950)

Oficial da Câmara de Comércio Dos Estados Unidos (1950 – 1953)

Vice-Presidente Executivo da [American Enterprise Association](#) (1954 – 1962)

Presidente do [American Enterprise Institute](#) (1962 – 1978)

Conselheiro político na campanha eleitoral de [Barry Goldwater](#) (1964)

Amigo de [Richard Nixon](#) e Gerald Ford

Pai de [William Baroody Jr.](#)

Bauer, Gary Lee (1946 –)

Ativista

Graduado pela Georgetown College (1968)

Diretor de Opposition Research no Republican National Committee (1969 – 1973)

Doutor pela Georgetown University (1973)
Diretor de Relações Governamentais da Direct Mail Marketing Association (1973 – 1980)
Subsecretário Adjunto de Planejamento E Orçamento do Departamento de Educação Dos Estados Unidos (1982 – 1987)
Conselheiro Em Política Interna do Departamento de Educação Dos Estados Unidos (1987 – 1988)
Presidente do [Family Research Council](#) (1988 – 1999)
Fundador da Campaign For Working Families (1996)
Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
Conselheiro Executivo do Christians United For Israel (199x)
Membro da United States Commission On International Religious Freedom (2018 – 2021),
Apontado por [Donald Trump](#)

Bell, Daniel (1919 – 2011)

Acadêmico
Graduado pela Columbia University (1939)
Doutor pela Columbia University (1961)
Editor da revista The New Leader (1941–1945)
Editor da revista Fortune (1948–1958)
Membro do Conselho Consultivo da revista Antioch Review (195x)
Professor (instructor) no College da Universidade de Chicago (194x)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts And Sciences (1964)
Membro da Comissão Presidencial de Tecnologia (1964–1965)
Co-Editor da revista The [Public Interest](#) (1965–1973), com [Irving Kristol](#).
Professor na Universidade de Columbia (1959–1969)
Professor na Harvard University (196x – 1990)
Membro da American Philosophical Society (1978)
Professor Visitante na University of Cambridge (1987)
Membro da Comissão Presidencial Sobre a Agenda Nacional da Década de 1980 (1979)

Bell, Terrel Howard (1921 – 1996)

Político
Mestre pela University of Idaho (1954)
Comissário de Educação Superior do estado de Utah (1958 – 1962)
Doutor pela University of Utah (1961)
Comissário de Educação Dos Estados Unidos (1974 – 1976)
Comissário de Educação Dos Estados Unidos (1981 – 1984), Substituído por [Bill Bennet](#)

Bennett, William [Bill] John (1943 –)

Político
Membro da Sociedade Estudantil Kappa Alpha Society (196x)
Graduado pela Williams College (1965)
Doutor pela University of Texas At Austin (1970)
Doutor pela Harvard Law School (1971)
Reitor (Dean) da College of Liberal Arts, da Boston University From (1971 – 1972)
Professor Assistente na Boston University (1972 – 1976)

Diretor da National Humanities Center (197x)
Presidente (Chair) da National Endowment For The Humanities (1981 – 1985), apontado por [Ronald Reagan](#)
Secretário de Educação Dos Estados Unidos (1985 – 1988), apontado por [Ronald Reagan](#)
Advogado na Dannels, Duvall, Bennett, And Porter (1988 – 1989)
Diretor da Office of National Drug Control Policy (1989 – 1990), Apontado por [George H. W. Bush](#)
Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
Signatário da Carta do [Project for the New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#) (1998)
Apresentador do Programa de Rádio Morning In America (2004 – 2016)
Apresentador do Programa de Tv Beyond The Politics (2008 – 2013), da CNN
Apresentador do Programa de Tv The Wise Guys (2018), na Fox News
Contribuiu para a [National Review](#)
Pesquisador (Distinguished Fellow) na [Heritage Foundation](#)

Berle Jr. Adolf Augustus (1895 – 1971)

Acadêmico / Diplomata
Graduado pela Harvard University (1916)
Professor na Columbia University (1927 – 1964)
Membro do Brain Trust de Roosevelt (1932), junto de Rexford Tugwell E Raymond Moley
Secretário de Estado Adjunto (1938 – 1944)
Membro da American Academy of Arts And Sciences (1944)
Embaixador dos Estados Unidos no Brasil (1945 – 1946)
Durante Seu Mandato Como Secretário de Estado Adjunto, Recebeu de Whittaker Chambers a Denúncia de que vários altos funcionários do governo, incluindo [Alger Hiss](#), eram Membros de Uma União Soviética.

Biden Jr, Joseph [Joe] Robinette (1942 –)

Político
Graduado pela University of Delaware (1965)
Doutor pela Syracuse University College of Law (1968)
Senador dos Estados Unidos pelo estado de Delaware (1973 – 2009)
Professor adjunto na Widener University School of Law (1991 – 2008)
Membro da Comissão de Relações Exteriores do Senado (200x – 2006), com [Richard Lugar](#) e [Barack Obama](#)
Vice-presidente dos Estados Unidos (2009 – 2017)
Presidente dos Estados Unidos (2021 –)

Bloom, Allan David (1930 – 1992)

Acadêmico
Graduado pela University of Chicago (195x)
Doutor pela University of Chicago (1955)
Professor (Lecturer) na University of Chicago (1955 – 1960)
Professor Assistente (Visiting Assistant Professor) na Yale University (1962 – 1963)
Professor Assistente (Assistant/Associate Professor) na Cornell University (1963 – 1970)

Professor na University of Toronto (1970 – 1979)
Professor na University of Chicago (1979 – 1992)
Contribuiu para revista a [National Review](#) (198x)
Foi Orientando de [Leo Strauss](#)
Foi Professor de [Francis Fukuyama](#)
Foi Professor de [Paul Wolfowitz](#) na Chicago University
Convidou [Francis Fukuyama](#) para discursar sobre o “Fim da História” no John [Olin](#) Center

Bowman, Karlyn (S/D)

Acadêmica

Graduada pela University of Wisconsin (S/D)
Editora da revista Public Opinion (1979 – 1990)
Pesquisadora (Fellow) da Harvard University (1985)
Pesquisadora (Resident Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (1992 – 2007)
Pesquisadora (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (2007 – 2021)
Colunista da Forbes.Com (2008 –)
Pesquisadora (Distinguished Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (2022 –)

Bremmer, Ian Arthur (1969 –)

Acadêmico

Graduado pela Tulane University (1989)
Mestre pela Stanford University (1991)
Doutor pela Stanford University (1994)
Fundador da Eurasia Group (1998)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2005 –)
Professor (Global Research Professor) na New York University (2013)
Professor na Columbia University (2019)
Fundador da Eurasia Group Foundation (2016)

Brimelow, Peter (1947 –)

Teórico da Conspiração

Graduado pela University of Sussex (1970)
Mestre pela Stanford Graduate School of Business (1972)
Editor da Financial Post (197x)
Assessor do senador Orrin Hatch (1978 – 1980)
Editor da Forbes (1986 – 2002)
Editor da [National Review](#) (1993 – 1998)
Fundador do website [VDARE](#) (1999)
Editor da [VDARE](#) (1999 –)
Fundador da Center for American Unity (1999)
Membro da Pacific Research Institute (2002)
Editor colaborador sênior da [AlternativeRight](#) (201x)
Supremacista Branco
Defensor da Teoria do Genocídio Branco

Brownback, Samuel Dale (1956 –)

Político

Graduado pela Kansas State University (1978)

Doutor pela University of Kansas School of Law (1982)

Secretário de Agricultura do Estado do Kansas (1986 – 1993)

Bolsista White House Fellow (1990)

Membro da Câmara Dos Representantes Dos Estados Unidos Pelo Kansas (1995 – 1996)

Senador Dos Estados Unidos Pelo Kansas (1996 – 2011)

Governador do Estado do Kansas (2011 – 2018)

Embaixador Geral Dos Estados Unidos para a Liberdade Religiosa Internacional (2018 – 2021), nomeado por [Donald Trump](#)

Associado Ao [Family Research Council](#) (201x)

Browner, Carol Martha (1955 –)

Política

Graduada pela University of Florida (1977)

Doutora pela University of Florida (1979)

Conselheiro Geral do Comitê de Operações Governamentais da Câmara Dos Representantes da Flórida (1980 –1981)

Diretora Associada do Citizen Action Group (1983)

Chief Legislative Assistant do Partido Democrata (1986 – 1988)

Consultora Jurídica da Comissão de Energia e Recursos Naturais do Senado. (1989)

Legislative Director do Senador [Al Gore](#) (1989 – 1991)

Admisnitradora do Environmental Protection Agency (1993 – 2001), Nomeada por [Bill Clinton](#)

Co-Fundadora do Albright Group (2001), com [Madeleine Albright](#)

Membro da National Audubon Society (2001)

Presidente (Chair) da National Audubon Society (2003 – 2008)

Membro do Alliance For Climate Protection (2006)

Conselheira Consultivo do Projeto de Transição [Barack Obama](#) (2008)

Assistant To The President For Energy And Climate Change (2008)

Membro do Presidential Task Force On The Auto Industry (2009)

Distinguished Senior Fellow da Center For American Progress (2011)

Membro do Conselho de Administração do Bunge Limited (2013)

Membro da Global Ocean Commission (2014)

Presidente (Chair) do Conselho Administrativo da League of Conservation Voters (2014)

Consultora de Sustentabilidade da Empresa Lime (2019)

Membro do Escritório de Advocacia Covington & Burling (2021)

Buchanan, Patrick [Pat] Joseph (1938 –)

Político / Comentarista Político

Graduado pela Georgetown University (1960)

Mestre pela Columbia University (1962)

Membro do St. Louis Globe–Democrat (1963)

Membro Dos [Young Americans For Freedom](#) (196x)

Editor Assistente da Página Editorial do St. Louis Globe–Democrat (1964)

Conselheiro de Campanha Presidencial de [Richard Nixon](#) (1965)
Assistente da Casa Branca E Redator de Discursos (1969 – 1974)
Co–Apresentador O Programa de Rádio do Programa Buchanan–Braden (1978 – 1984)
Comentarista Político do The McLaughlin Group (198x)
Comentarista Político do Crossfire da Cnn (198x)
Comentarista Político da The Capital Gang (198x)
Diretor de Comunicações da Casa Branca (1985 – 1987)
Concorreu Às Primárias do Partido Republicano Contra [George W. H. Bush](#) (1992)
Concorreu Às Primárias do Partido Republicano Contra Bob Dole (1996)
Concorreu Às Primárias do Partido Reform Contra John Hagelin e, brevemente, [Donald Trump](#) (2000)
Apresentador do Buchanan And Press, pela Msnbc (2002 – 2003)
Fundador da revista The [American Conservative](#) (2002)

Buckley Jr., William Frank. (1925 – 2008)

Empresário
Graduado pela National Autonomous University of Mexico (1943)
Membro da Skull And Bones Society (194x)
Membro da Conservative Party da Yale Political Union (194x)
Presidente (Chairman) da Yale Daily News (194x)
Professor (Instructor) na Yale University (1947 – 1951)
Graduado pela Yale University (1950)
Funcionário da revista The American Mercury (1952)
Fundador da revista [National Review](#) (1955)
Cofundou a [Young Americans For Freedom](#) (1960)
Apresentador do Programa Firing Line (1966–1999)
Membro da Comissão Consultiva United States Information Agency (1969 – 1972)
Delegado Dos Estados Unidos na Assembleia Geral Das Nações Unidas (1973)
Fundador do [National Review Institute](#) (1991)
Recebeu a Presidential Medal of Freedom (1991), Dada por [George H. W. Bush](#)

Bundy, William Putnam (1917 –2000)

Político
Presidente (President) da Yale Political Union (S/D)
Membro da Skull And Bones (S/D)
Graduado pela Yale University (S/D)
Graduado pela Harvard University Law School (1947)
Membro da Covington And Burling (194x), Pparticipou da defesa de [Alger Hiss](#)
Analista E Chefe de Gabinete do Office of National Estimates da Central Intelligence Agency (195x)
Diretor de Equipe da Commission On National Goals (196x) de [Dwight Eisenhower](#)
Secretário de Defesa para Segurança Internacional (1963)
Secretário de Estado Adjunto para Assuntos do Leste Asiático e Pacífico (1964 – 1969)
Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1964 – 1974)
Professor da Princeton University (1972 – 2000)
Editor da revista [Foreign Affairs](#) (1972 – 1984)

Bush, George Herbert Walker (1924 – 2018)

Político

Aviador Naval na Marinha dos Estados Unidos (1942 – 1945)

Membro da Skull And Bones (194x)

Graduado pela Yale University (1948)

Vendedor de Equipamentos para Campos de Petróleo da Dresser Industries (1948 – 1950)

Voluntário na Campanha de [Dwight Eisenhower](#) (1950)

Fundador Bush–Overbey Oil Development Company (1951)

Cofundador da Zapata Petroleum Corporation (1953)

Presidente (President) da Zapata Offshore Company (1954)

Presidente (Chairman) da Harris County Republican Party (1963)

Apoiador Público da Campanha Presidencial de [Barry Goldwater](#) (1964)

Congressista Pelo Estado do Texas (1967 – 1971)

Embaixador Nas Nações Unidas (1971 – 1973)

Presidente (Chair) do Republican National Committee (1973 – 1974)

Chefe (Chief) da U.S. Liaison's Office na China (1974 – 1975)

Diretor da Central Intelligence Agency (1976 – 1977)

Presidente (Chairman) do Comitê Executivo do First International Bank In Houston (1977)

Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1977 – 1979)

Professor (Part–Time Professor) na Rice University (1978)

Vice–Presidente Dos Estados Unidos (1981 – 1989), sob a presidência de [Ronald Reagan](#)

Presidente Dos Estados Unidos (1989 – 1993)

Presidente (President) do Conselho de Visitantes do Medical Anderson Cancer Center da Universidade do Texas (2002)

Amigo de James Baker [III](#)

Pai de [George W. Bush](#)

Pai de [Jeb Bush](#)

Bush, George Walker (1946 –)

Político

Membro da Sociedade Skull And Bones (196x)

Graduado pela Yale University (1968)

Piloto de Caça da Guarda Aérea Nacional do Texas (1968 – 1970)

Mestre Harvard Business School (1975)

Fundador E CEO da Bush Exploration (1975 – 1986)

Presidente (Chairman) da Spectrum 7 Energy Corp. (1980 – 1986)

Diretor da Harken Energy Corp (1985 – 1986)

Conselheiro de Campanha E Contato Com a Mídia para a Campanha Presidencial de George H. W. Bush (1988)

Sócio–Gerente Geral do Texas Rangers (1989 – 1994)

Governador do Estado do Texas (1994 – 2000)

Presidente Dos Estados Unidos (2001 – 2009), Tendo [George Shultz](#), [Rafael Cruz](#) e depois [Kevin Hassett](#) como Conselheiros de Campanha; Tendo [Philip Zelikow](#) e [Zalmay Khalilzad](#) na Equipe de Transição; Tendo [Colin Powell](#) e depois [Condoleezza Rice](#) como Secretários de

Estado; Tendo [John Marburger](#) como Conselheiro Científico; Tendo [Elliott Abrams](#) como Conselheiro Adjunto de Segurança Nacional; E Tendo [Dick Cheney](#) Como Vice.

Irmão de [Jeb Bush](#)

Filho de [George H. W. Bush](#)

Bush, John Ellis [Jeb] (1953 –)

Político

Graduado pela University of Texas (1973)

Funcionário da Texas Commerce Bank (1974)

Vice-Presidente da Filial Venezuelana do Texas Commerce Bank (1977)

Presidente (Chairman) do Partido Republicano do Dade County (198x)

Secretário de Comércio do Estado da Flórida (1987 – 1988)

Membro do Conselho Administrativo da The [Heritage Foundation](#) (1994)

Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)

Governador do Estado da Florida (1999 – 2007)

Fundador da Foundation For Excellence In Education (2007)

Co-Presidente (Co-Chair) da Barbara Bush Foundation For Family Literacy (2012 –2015)

Derrotado por Donald Trump Nas Primárias Republicanas de 2015

Filho de [George H. W. Bush](#)

Irmão de [George W. Bush](#)

Butcher, Willard [Bill] (1926 – 2012)

Empresário

Membro da Phi Beta Kappa (194x)

Graduado pela Brown University, (1947)

Funcionário da Chase National Bank (1947)

Funcionário do Departamento Internacional do Chase National Bank (1969)

Presidente E Diretor de Operações do Chase Bank (1972), Reportando-Se a [David Rockefeller](#)

Presidente (CEO) da JP Morgan-Chase (1980 – 1991), substituindo [David Rockefeller](#)

Presidente (Chairman) do Conselho Administrativo do American Enterprise Institute (1986 – 1990)

Teve Papel Ativo na Mudança de Presidentes no [American Enterprise Institute](#) (198x), na Saída de [William Baroody Jr](#)

Byas, Steven (S/D)

Acadêmico / Teórico da Conspiração

Graduado pela University of Central Oklahoma (S/D)

Professor na Randall University (S/D –)

Colaborador da [New American](#) (S/D)

Defensor da Teoria da Conspiração “Cultura Woke”

Campbell, W. Glenn (1924 – 2001)

Empresário / Acadêmico

Graduado pela University of Western Ontario (1944)

Doutor pela Harvard University (s/d)

Economista da Câmara de Comércio Dos Estados Unidos (s/d)
Diretor de Pesquisa da [American Enterprise Association](#) (195x)
Diretor da [Hoover Institution](#) (1960 – 1989)
Assessor Sênior na Campanha do Senador [Barry Goldwater](#) (1964)
Reitor (Dean) e da Universidade da Califórnia (1968)
Membro da Comissão do Presidente Sobre Membros da Casa Branca de [Richard Nixon](#)
Membro da Comissão do Presidente Sobre Membros da Casa Branca de Gerald Ford
Presidente do Conselho de Supervisão de Inteligência do Presidente (1980 – 1990)
Membro do Conselho Consultivo de Inteligência Estrangeira do Presidente (1980 – 1990)
Presidente da Comissão de Amizade Japão–Estados Unidos (1983 – 1989)

Carlucci III, Frank Charles (1930 – 2018)

Político / Acadêmico
Graduado pela Princeton University (1952)
Oficial da Marinha dos Estados Unidos (1952 – 1954)
Mestre pela Harvard Business School (1955)
Segundo Secretário da Embaixada Dos Estados Unidos no Congo (1961)
Diretor do Office of Economic Opportunity (1971 – 1972)
Embaixador Dos Estados Unidos Em Portugal (1974 – 1977)
Vice–Diretor da Central Intelligence Agency (1978 – 1981)
Vice–Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (1981 – 1983)
Membro do Conselho Administrativo da Rand Corporation (1983 – 2008)
Conselheiro de Segurança Nacional Dos Estados Unidos (1986 – 1987), tendo [Colin Powell](#)
Como Vice–Conselheiro de Segurança Nacional
Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (1987 – 1989)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Filiado Ao [Project for the New American Century](#) (199x)
Foi Colega de Quarto de [Donald Rumsfeld](#) em Princeton

Carney, Timothy P. (S/D)

Jornalista
Graduado pela St. John's College (S/D)
Editor da Human Events (2000 – 2001)
Editor da Evans–Novak Political Report (2008 – 20019)
Editor da Regnery Publishing (2006 – 2009)
Pesquisador (Distinguished Visiting Fellow) da Hillsdale College (2012)
Colunista da [Washington Examiner](#) (2006 – 2009)
Editor da [Washington Examiner](#) (2009 – 2019)
Colunista Sênior da [Washington Examiner](#) (2020 –)
Membro (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#)

Casey, William Joseph (1913 – 1987)

Político
Graduado pela Fordham University (1934)
Graduado pela St. John's University School of Law (1937)
Sócio In The New York–Based Buckner, Casey, Doran And Siegel (1938 – 1942)

Presidente (Chairman) do Conselho de Editores do Research Institute of America (1938–1949)
Chefe da Secret Intelligence Branch In Europe do Office of Strategic Services (194x – 1944)
Conselheiro Especial do Senado Dos Estados Unidos (1947–1948)
Conselheiro Geral Associado do Point Four Program (1948)
Professor (Lecturer) na New York University School of Law (1948 – 1962)
Fundador do Institute For Business Planning (1950)
Sócio da Hall, Casey, Dickler & Howley (1957 – 1971)
Presidente (Chairman) da Securities And Exchange Commission (1971 – 1973)
Serviu Como Under Secretary of State For Economic Affairs (1973–1974)
Presidente (Chairman) da Export–Import Bank of The United States (1974–1976)
Membro da President's Foreign Intelligence Advisory Board (1975–1976)
Gerente de Campanha de [Ronald Reagan](#) (1980)
Diretor da Central Intelligence Agency (1981 – 1987), tendo [Robert Gates](#) e [Frank Carlucci](#) entre seus funcionários
Responsabilizado Pelo Escândalo Irã–Contra

Chao, Elaine L. (1953 –)

Acadêmica / Empresária
Graduada pela Mount Holyoke College (1975)
Mestre pela Harvard Business School (1979)
Diretor Sênior de Empréstimos do Citibank (1979 – 1983)
Bolsista (White House Fellows) na Casa Branca (1983 – 1984)
Vice–Presidente de Consórcios da Bankamerica Capital Markets Group (1984 – 1986)
Vice–Administradora da Federal Maritime Administration (1986 – 1988)
Presidente (Chair) da Federal Maritime Administration (1988 – 1989)
Vice–Secretário de Transportes Dos Estados Unidos (1989 – 1991)
Diretora da Peace Corps (1991 – 1992)
Presidente da United Way of America (1992 – 1996)
Membro (Distinguished Fellow) da [Heritage Foundation](#) (1996 – 2001)
Presidente (Chair) da Sian Studies Center Advisory Council (1998 –2001) da [Heritage Foundation](#)
Editora Sênior da Policy Review (1998 – 2001)
Secretário do Trabalho Dos Estados Unidos (2001 – 2009), Nomeada por [George W. Bush](#)
Secretário de Transportes Dos Estados Unidos (2017 – 2021), Nomeada por [Donald Trump](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Membro (Distinguished Fellow) da [Hudson Institute](#)

Cheney, Richard [Dick] Bruce (1941 –)

Político
Graduação Incompleta pela Yale University (196x)
Graduado pela University of Wyoming (196x)
Mestre pela University of Wyoming (196x)
Doutoramento Incompleto pela University of Wisconsin (1966)
Membro do American Political Science Association (1968)
Estagiário do Congressista William A. Steiger (1969)

Membro da Equipe de Donald Rumsfeld no Office of Economic Opportunity (1969 – 1970)
 Assistente de Equipe da Casa Branca (1971)
 Diretor Assistente do Cost of Living Council (1971 – 1973), da Casa Branca
 Assistente Adjunto do Presidente Gerald Ford (1974 – 1975)
 Vice–Chefe de Gabinete da Casa Branca (1974 – 1975)
 White House Chief of Staff (1975 – 1977)
 Membro da Câmara Dos Representantes Dos Estados Unidos Pelo Distrito de Wyoming (1979 – 1989)
 Presidente (Chairman) do Republican Policy Committee (1981 – 1987)
 Presidente (Chairman) da House Republican Conference (1987)
 Membro do Comitê Investigado da Câmara para O Caso Irã–Contra (1987)
 Membro do Conselho Administrativo do Council on Foreign Relations (1987 – 1989)
 Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (1989 – 1993), tendo [Paul Wolfowitz](#) como Subsecretário de Defesa para Política
 Recebeu a Presidential Medal of Freedom (1991) Dada por [George H. W. Bush](#)
 Membro do [American Enterprise Institute](#) (1993)
 Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1993 – 1995)
 Presidente do Conselho Administrativo da Halliburton Company (1995 – 2000)
 Diretor Executivo da Halliburton Company (1995 – 2000)
 Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)
 Membro do Vulcans, Grupo de Mentores Políticos de [George W. Bush](#), junto de [Condoleezza Rice](#), [Scooter Libby](#), [George Shultz](#) e [Robert Zoellick](#) (2000)
 Vice–Presidente Dos Estados Unidos (2001 – 2009), tendo [Scooter Libby](#) como Chefe de Pessoal
 Apoiou publicamente [Donald Trump](#) na campanha presidencial de 2016
 Casado com Lynne Cheney, pesquisadora (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#)

Clabough, Raven (S/D)

Acadêmica / Teórica da Conspiração
 Graduada pela University of Albany (S/D)
 Mestre pela University of Albany (S/D)
 Colaboradora da [New American](#) (2010 –)
 Professora da Hillsborough Community College (201x)
 Defensora da Teoria da Conspiração do Estado Profundo

Clinton, Hillary Diane Rodham (1947 –)

Político
 Presidente do [Young Republicans](#), da Wellesley College (1965)
 Presidente da Wellesley College Government Association (1968 – 1969)
 Graduada pela Wellesley College (1969)
 Membro do Conselho Editorial da Yale Review of Law And Social Action (197x)
 Doutorado pela Yale University Law School (1973)
 Advogada do Children's Defense Fund (1974)
 Consultora no Carnegie Council On Children (1974)
 Membro da Equipe de Investigação de Impeachment, Assessorou House Committee On The Judiciary Durante O Caso Watergate (1974)

Professora na University of Arkansas (1974)
 Diretora da Clínica de Assistência Jurídica da University of Arkansas (197x)
 Advogada na Rose Law Firm (1977)
 Co-Fundadora da Arkansas Advocates For Children And Families (1977)
 Membro do Conselho de Administração da Legal Services Corporation (1978 – 1981)
 Presidente do Conselho de Administração da Legal Services Corporation (1978 – 1980)
 Sócia da Rose Law Firm (1979)
 Membro do Conselho Administrativo da New World Foundation (1982 – 1988)
 Membro do Conselho Administrativo da CBY (1985 – 1992)
 Membro do Conselho Administrativo Wal-Mart Stores (1986 – 1992)
 Presidente (Chairman) do Conselho Administrativo do Children's Defense Fund (1988 – 1992)
 Membro do Conselho Admsinitrativo da Lafarge (1990 – 1992)
 Presidente (Chair) da Task Force On National Health Care Reform (1993)
 Senadora Pelo Estado de Nova York (2001 – 2009)
 Membro do Committee On Budget (2001 – 2002), do Senado
 Membro do Committee On Armed Services (2003– 2009), do Senado
 Membro do Committee On Environment And Public Works (2001– 2009), do Senado
 Membro do Committee On Health, Education, Labor And Pensions (2001– 2009), do Senado
 Membro do Commission On Security And Cooperation In Europe (2001– 2009), do Senado
 Secretário de Estado (2009 – 2013), de [Barack Obama](#)
 Casada Com [Bill Clinton](#)

Clinton, William [Bill] Jefferson (1946 –)

Político
 Funcionário no Gabinete do Senador J. William Fulbright, do Estado de Arkansas (1964 – 1967)
 Graduado pela Georgetown University (1968)
 Bolsista Rhodes Scholarship na Oxford University (1969)
 Doutor pela Yale University (1973)
 Professor na University of Arkansas (1974)
 Procurador-Geral do Estado de Arkansas (1977 – 1979)
 Governador do Estado de Arkansas (1979 – 1981)
 Governador do Estado de Arkansas (1983 – 1992)
 Presidente Dos Estados Unidos (1993 – 2001), com [Al Gore](#) como Vice-Presidente e [Madeleine Albright](#) como Secretária de Estado
 Fundador da Clinton Foundation (2001)
 Recebeu a Presidential Medal of Freedom (2013), Dada por [Barack Obama](#)
 Casado Com [Hillary Clinton](#)
 Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Cogan, Charles [Chuck] G. (1928 – 2017)

Acadêmico
 Graduado pela Harvard University (S/D)
 Serviu ao Exército dos Estados Unidos (S/D)
 Diretoria de Operações da Central Intelligence Agency, (1979–1984)

Paris Station Chief da Central Intelligence Agency (1984–1989)
Doutor pela Harvard University (1992)
Pesquisador Afiliado Ao [John M. Olin Institute For Strategic Studies](#), da Harvard University (S/D)
Professor Associado na Harvard University (2006 – 2017)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Cohen, Eliot Asher (1956 –)

Acadêmico / Político
Graduado pela Harvard University (1977)
Doutor pela Harvard University (1982)
Professor Assistente na Harvard University (1982 – 1985)
Professor na Naval War College (1986 – 1990)
Professor na Paul H. Nitze School of Advanced International Studies (1993) da Johns Hopkins University
Diretor da Gulf War Air Power Survey (1991 – 1993)
Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
Conselheiro do Departamento de Estado Dos Estados Unidos (2007 – 2009), nomeado por [Condoleezza Rice](#)
Trabalhou com [Paul Wolfowitz](#) na Paul H. Nitze School of Advanced International Studies

Coolidge, Archibald Cary (1866 – 1928)

Acadêmico / Diplomata
Graduado pela Harvard College (1887)
Doutor pela University of Freiburg (1892)
Professor (Assistente) na Harvard College (1899)
Professor na Harvard College (1908)
Diretor da Biblioteca da Universidade de Harvard (1910 – 1928), reconhecida por transformar a Harvard College Library em Uma instituição de Pesquisa.
Editor–Chefe da revista [Foreign Affairs](#) (1922 – 1928).

Cooper, Milton William [Bill] (1943 – 2001)

Radialista / Teórico da Conspiração
Fundador E Apresentador do The Hour of The Time (1992 – 2001)
Defensor da Teoria da Conspiração da Nova Ordem Mundial

Coors, Joseph (1917 – 2003)

Empresário
Graduado pela Cornell University (1939)
Membro da Kappa Alpha Society (193x)
Membro da Quill And Dagger Society (193x)
Mestre pela Cornell University (1940)
Trabalhou na Coors Porcelain Co (194x)
Membro do Conselho Administrativo da University of Colorado (1967 – 1972)
Fundador da The Heritage Foundation (1973), com [Paul Weyrich](#) e [Edwin Feulner](#).
Fundador da Television News Inc (1975)

Presidente da Coors Brewing Company (1977 – 1985)
Fundador da Mountain States Legal Foundation (1977)
Fundador da Free Congress Research And Education Foundation (1977), com [Paul Weyrich](#)
Diretor de Operações da Coors Brewing Company (1980 – 1988)
Fundador do National Policy Council (1981), com [Paul Weyrich](#)
Doou para comprar um avião de carga leve para o esforço dos contras, na Nicarágua (198x). a doação se deu através de Oliver north.

Crane, Philip Miller (1930 – 2014)

Político
Graduado pela University of Vienna (195x)
Doutor pela University of Viennaa (1961)
Professor da Indiana University (196x)
Professor da Bradley University (196x)
Membro da equipe do Comitê Nacional Republicano (1964)
Diretor de Pesquisa da Campanha Presidencial de [Barry Goldwater](#) (1964)
Membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos Pelo Estado de Illinois (1969 – 2005), tendo [Edwin Feulner Jr](#) como assistente
Presidente do Comitê de Estudo Republicano (1973 – 1989)
Presidente da [American Conservative Union](#) (1977 – 1979)

Cruz, Rafael Edward (1970 –)

Político
Graduado pela Princeton University (1992)
Editor da Harvard Law Review (199x)
Editor do Harvard Journal of Law And Public Policy (199x)
Fundador da Harvard Latino Law Review (199x)
Doutor pela Harvard Law School (1995), Com Uma Bolsa John M. [Olin](#) Fellow In Law And Economics
Assistente Jurídico do Juiz J. Michael Luttig do Tribunal de Apelações do Quarto Circuito dos Estados Unidos (1995 – 1996)
Assistente Jurídico do Chefe de Justiça William Rehnquist da Suprema Corte dos Estados Unidos (1996 – 1997)
Advogado na Cooper, Carvin & Rosenthal (1997 – 1998)
Conselheiro de Política Interna para a Campanha Presidencial de [George W. Bush](#) (1999)
Procurador–Geral do Estado do Texas (2003 – 2008)
Advogado na Morgan, Lewis & Bockius (2008)
Senador Dos Estados Unidos Pelo Estado do Texas (2013), concorrendo sob a alcunha de “O Candidato do Tea Party [Movement](#)”
Palestrante da [Conservative Political Action Conference](#) (2013)

Cutler, Lloyd Norton (1917 – 2005)

Acadêmico / Político
Graduado pela Yale University (1936)
Editor–Chefe do Yale Law Journal (193x)
Graduado pela Yale Law School (1939)

Analista de Inteligência (Criptoanalista) do U.S. Army (194x)
Co-Fundador da Wilmer Cutler & Pickering (1946)
Co-Presidente (Co-Chair) da Lawyers' Committee For Civil Rights Under Law (1963),
Instaurada por John F. Kennedy
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (197x – 2005)
Conselheiro do Presidente Jimmy Carter (1979–1981)
Conselheiro do Presidente [Bill Clinton](#) (1994 – 1994)
Membro do Conselho Consultivo do Pentágono Sobre Antiterrorismo (2003)
Membro do Iraq Intelligence Commission (2004), Instaurado por [George W. Bush](#)
Membro da Commission on The Intelligence Capabilities of The United States Regarding
Weapons of Mass Destruction. (2004), Instaurado por [George W. Bush](#)
Membro do Conselho Administrativo da Brookings Institution
Membro da American Academy of Arts And Sciences

Daalder, Ivo H. (1960 –)

Político

Graduado pela University of Kent At Canterbury (1982)
Mestre pela Georgetown University (1982)
Mestre pela Nuffield College, da Oxford University (1984)
Doutor pela Massachusetts Institute of Technology (1989)
Pesquisador (Predoctoral Fellow) na Harvard University (1985 – 1987)
Pesquisador Associado do International Institute For Strategic Studies (1987 – 1988)
Pesquisador (Senior Research Fellow) no International Institute For Strategic Studies (1988 – 1989)
Diretor de Assuntos Globais do Conselho de Segurança Nacional (1995 – 1996)
Diretor para Assuntos Europeus do Conselho de Segurança Nacional (1996 – 1997)
Pesquisador (Research Fellow) do Center For International And Security Studies, da
University of Maryland (1989 – 1991)
Membro do Project On Arms Control da Rand Corporation (1990 – 1993)
Diretor de Pesquisa do Center For International And Security Studies, da University of
Maryland (1991 – 1998)
Professor Adjunto na University of Maryland (1991)
Professor Visitante Assistente na University of Maryland (1991 – 1993)
Professo Assistente na University of Maryland (1993 – 1995)
Pesquisador (Senior Fellow) do Brookings Institution (1997 – 2009)
Diretor de Assuntos Europeus da Equipe do Conselho de Segurança Nacional (1995 – 1997),
nomeado por [Bill Clinton](#)
Consultor do Gabinete do Conselho Nacional de Inteligência para a Europa (1997)
Embaixador Dos Estados Unidos na Otan (2009 – 2013) nomeado por [Barack Obama](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Daniels Jr., Mitchell Elias (1949 –)

Acadêmico / Político

Graduado pela Princeton University (1971)
Doutor pela Georgetown University Law Center (197x)
Chefe de Gabinete do Senador [Richard Lugar](#) (1977 – 1982)

Diretor Executivo do National Republican Senatorial Committee, 1983 – 1984)
Conselheiro Político do Presidente [Ronald Reagan](#) (1985)
Diretor do Assuntos Intergovernamentais da Casa Branca (1985)
Diretor de Assuntos Políticos e Intergovernamentais da Casa Branca (1985 – 1987)
Presidente da [Hudson Institute](#) (1987 – 1990)
Presidente de Operações na América do Norte da Eli Lilly And Company (1993 – 1997)
Vice-Presidente de Estratégia E Política Corporativa, da Eli Lilly And Company (1997–2001)
Diretor do Gabinete de Gestão E Orçamento (2001 – 2003), nomeado por [George W. Bush](#)
Governador do Estado de Indiana (2005 – 2013)
Presidente do Purdue University System (2013 – 2022)
Membro do Conselho Administrativo da Energy Systems Network (2013)
Co-Presidente do Task Force on Noncommunicable Disease, do [Council on Foreign Relations](#) (2014 – 2015), com [Thomas Donilon](#)
Co-Presidente (Co-Chair) do Committee For a Responsible Federal Budget (2015)

Decter, Midge (1927 – 2022)

Jornalista

Graduação Incompleta pela Jewish Theological Seminary of America (1948)

Graduação Incompleta pela New York University (194x)

Editora Assistente da revista Midstream (1950)

Editor Executivo da Harper's Magazine (1968 – 1971)

Editor na Editora Basic Books (1971 – 1980)

Co-Presidente (Co-Chair) do Committee For The Free World (198x), com [Donald Rumsfeld](#)

Fundadora do Independent Women's Forum (1992)

Signatária do [Project for the New American Century](#) (1997)

Membro do Conselho Administrativo da [Heritage Foundation](#) (1981– 2015)

Contribuiu para a [National Review](#)

Esposa de [Norman Podhoretz](#)

Sogra de [Elliott Abrams](#)

Derbyshire, John (1945 –)

Jornalista

Graduado pela University of London (S/D)

Redator da [National Review](#) (S/D)

Editor da [National Review](#) (200x – 2012), demitido por Posicionamentos Racistas

Colaborador da [VDARE](#) (2012 –)

Colaborador do [American Renaissance](#) (201x)

Supremacista Branco

Desch, Michael C. (S/D)

Acadêmico

Graduado pela Marquette University (1982)

Mestre pela University of Chicago (1984)

Doutor pela University of Chicago (1988)

Pesquisador (Fellow) da John M. [Olin](#) Institute For Strategic Studies, na Harvard University (1988 – 1990)

Pesquisador Visitante na University of Southern California (1990 – 1991)
 Professor Assistente na University of California (1991 – 1996)
 Diretor Assistente na John M. [Olin](#) Institute For Strategic Studies, da Harvard University (1993 – 1998)
 Professor Associado na University of Kentucky (1998 – 2002)
 Diretor Associado da Patterson School of Diplomacy And International Commerce, da University of Kentucky (1998 – 2003)
 Professor na University of Kentucky (2002 – 2004)
 Diretor da Patterson School of Diplomacy and International Commerce, da University of Kentucky (2003 – 2004)
 Professor Catedrático na Texas A&M University (2004 – 2008)
 Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2006)
 Professor na University of Notre Dame (2008 –)
 Pesquisador na Joan B. Kroc Institute For International Peace Studies (2008 –)
 Chefe do Departamento de Ciência Política da University of Notre Dame (2009 – 2015)

Deutch, John Mark (1938 –)

Acadêmico
 Graduado pela Amherst College (S/D)
 Mestre pela Massachusetts Institute of Technology (1961)
 Doutor pela Massachusetts Institute of Technology (1966)
 Analista de Sistemas na Secretaria de Defesa (196x)
 Professor Assistente na Princeton University (1967 – 1970)
 Professor no Massachusetts Institute of Technology (1970 – 198x)
 Vice-Secretário de Defesa (1994 – 1995)
 Diretor da Central Intelligence Agency (1995 – 1996), nomeado por [Bill Clinton](#)
 Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1999 – 2004)
 Presidente do Task Force On Energy And U.S. Foreign Policy, do Council on Foreign Relations (2006)
 Membro da American Philosophical Society (2007)
 Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Dilulio Jr., John J. (1958 –)

Acadêmico
 Graduado pela University of Pennsylvania (1980)
 Mestre pela University of Pennsylvania (1980)
 Mestre pela Harvard University (1982)
 Doutor pela Harvard University (1986)
 Professor Assistente na Princeton University (1986 – 1989)
 Professor Associado na Princeton University (1989 – 1991)
 Professor na Princeton University (1991 – 1999)
 Pesquisador (Nonresident Senior Fellow) na Brookings Institution (1992 – 2000)
 Pesquisador (Senior Fellow) do [Manhattan Institute](#) (1995–2000)
 Pesquisador (Senior Fellow) da Brookings Institution (1996 – 1998)
 Diretor da Partnership For Research on Religion And At-Risk Youth (1996–1999)
 Professor da University of Pennsylvania (1999 –)

Pesquisador (Nonresident Senior Fellow) na Brookings Institution (2001– 2006)
Assistente do Presidente dos Estados Unidos (2001), de [George W. Bush](#)
Diretor da Office of Faith-Based And Community Initiatives (2001) da Casa Branca

Dobriansky, Paula Jon (1955 –)

Diplomata / Política
Graduada Pela Georgetown University (S/D)
Mestre pela Harvard University (S/D)
Doutora pela Harvard University (S/D)
Membro do Conselho de Segurança Nacional (1980 – 1987)
Vice-Secretário de Estado Adjunto para Direitos Humanos e Assuntos Humanitários (1987 – 1990)
Diretor Associado do Bureau of Policy And Programs At The United States Information Agency (1990)
Vice-Presidente Sênior e Diretora do Escritório de Washington do [Council on Foreign Relations](#) (1997 – 2001)
Signatária do [Project for the New American Century](#) (1997)
Signatária da Carta do [Project for the New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#) (1998)
Representante Republicana do U.S. Advisory Commission on Public Diplomacy (1997–2001)
Subsecretário de Estado para Assuntos Globais (2001 – 2009), sob o comando de [Condoleezza Rice](#)
Enviado Especial dos Estados Unidos para a Irlanda do Norte (2007 – 2009), nomeada por [George W. Bush](#)
Pesquisadora (Senior Fellow) na Harvard University (2009)
Membro do Conselho Administrativo do Victims of Communism Memorial Foundation
Membro do Conselho Consultivo do China Center, do [Hudson Institute](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Dobson Jr., James Clayton (1936 –)

Pastor / Ativista
Graduado pela Pasadena College (S/D) Hoje Point Loma Nazarene University
Doutor pela University of Southern California (1967)
Professor Associado da Pediatrics at The University of Southern California School of Medicine (1967 – 1981)
Membro da Equipe do Children's Hospital of Los Angeles (196x – 1976)
Fundador da Focus on The Family (1977)
Co-Fundador da [Family Research Council](#) (1981)
Fundador da Alliance Defending Freedom (1994)
Antagonizou publicamente a presidência de [Barack Obama](#), a quem chamou de “O Presidente do Aborto”
Apoiou publicamente Ted Cruz na campanha pelas Primárias Republicanas (2016)
Apoiou publicamente a campanha presidencial de [Donald Trump](#) (2016)

Donilon, Thomas [Tom] Edward (1955 –)

Político / Empresário

Graduado pela Catholic University of America (1977)
 Membro do Conselho Editorial da Virginia Law Review (198x)
 Gerente da 1980 Democratic Convention (1980)
 Professor (Lecturer) na Catholic University (1981)
 Coordenador de Campanha Nacional de Walter Mondale (1983)
 Doutor pela University of Virginia School of Law (1985)
 Advogado pela O'melveny & Myers By Warren Christopher (198x –)
 Chefe de preparação de debate de [Bill Clinton](#) (1992)
 Conselheiro dos Diretores da Equipe de Transição de [Bill Clinton](#) (1992)
 Secretário de Estado Adjunto dos Assuntos Públicos (1993 – 1996), nomeado por [Bill Clinton](#)
 Vice-Presidente Executivo de Direito e Política da Fannie Mae (1999 – 2005)
 Chefe de preparação de debate de [Barack Obama](#) (2008)
 Chefe de Equipe de Transição Presidencial de Obama (2008), Trabalhando com [Wendy Sherman](#)
 Conselheiro Adjunto de Segurança Nacional dos Estados Unidos (2009 – 2010), nomeado por [Barack Obama](#)
 Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos (2010 – 2013)
 Membro (Distinguished Fellow) do [Council on Foreign Relations](#) (2013 –)
 Co-Presidente do Task Force on Noncommunicable Disease, do [Council on Foreign Relations](#) (2014 – 2015), com [Mitch Daniels](#)
 Presidente (Chair) da Comissão para o Reforço da Segurança Cibernética Nacional (2016), nomeado por [Barack Obama](#)
 Presidente (Chairman) do Blackrock Investment Institute (2017)

Douglas, Lewis Williams (1894 – 1974)

Político / Diplomata / Empresário
 Graduado pela no Massachusetts Institute of Technology (S/D)
 Primeiro Tenente do Exército Dos Estados Unidos (1917–1919)
 Membro da Câmara Dos Representantes pelo Distrito Geral do Arizona (1927 – 1933)
 Presidência da Mutual of New York Life Insurance Company (1939)
 Membro do Comitê Executivo da Rockefeller Foundation (1936–1939)
 Membro do Comitê Executivo da Rockefeller Foundation (1942–1947)
 Membro do Conselho Administrativo da Rockefeller Foundation (1947)
 Embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido (1947 – 1950)
 Membro do Conselho Administrativo da General Motors Corporation (S/D)
 Membro do Conselho Administrativo [Council on Foreign Relations](#)
 Apoiou publicamente a campanha de [Barry Goldwater](#) em 1964.

Duelfer Charles A. (S/D)

Acadêmico / Político
 Graduado pela University of Connecticut (S/D)
 Mestre Pelo Massachusetts Institute of Technology (S/D)
 Vice-Secretário de Estado Adjunto para Controle de Armas e Assuntos de Defesa Multilateral (1990 – 1992)
 Diretor do Task Force In Support of Operation Desert Storm, do Departamento de Estado (1991)

Vice-Presidente Executivo da Comissão Especial da ONU Sobre o Iraque (1993 – 2000)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2001 –)
Vice-Chefe da Equipe de Inspeções de Armas das Nações Unidas de (2003 – 2005)
Diretor do Iraq Survey Group (2004)
Presidente (CEO) da Transformational Space, Inc (2005 – 2008)

Dulles, Allen Welsh (1893 – 1969)

Político
Graduado pela George Washington University (1926)
Graduado pela Princeton University (s/d)
Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1927)
Diretor de Central Intelligence Agency (1953–1961)
Colaborou com [Hamilton Armstrong](#) em dois livros (1936 E 1939)

Eagleburger, Lawrence Sidney (1930 – 2011)

Político
Graduado pela University of Wisconsin (S/D)
Mestre pela University of Wisconsin (S/D)
Membro do Exército dos Estados Unidos (1952 – 1954)
Funcionário da Embaixada dos Estados Unidos na Iugoslávia (1961 – 1965)
Assistente do Conselheiro de Segurança Nacional [Henry Kissinger](#) (1969)
Embaixador dos Estados Unidos na Iugoslávia (1977 – 1981)
Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos (1981 – 198x), nomeado por Ronald Regan
Vice-Secretário de Estado dos Estados Unidos (1989 – 1992), nomeado por [George H. W. Bush](#)
Secretário de Estado dos Estados Unidos (1992 – 1993)
Membro do Quadro de Visitantes da College of William & Mary (1996 – 2000)
Membro do Quadro de Visitantes da College of William & Mary (2002 – 2006)
Membro do Iraq Study Group (2006)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Eisenach, Jeffrey (1957 –)

Acadêmico
Mestre pela Claremont Mckenna College (197x)
Doutor pela University of Virginia (197x)
Pesquisador (Research Associate) no American Enterprise Institute (1979 – 1981)
Membro da Federal Trade Commission da Equipe de Transição de George H. W. Bush (1980)
Professor (Instructor) na University of Virginia (1983 – 1984)
Membro da Bureau of Economics, da Federal Trade Commission (1983 – 1984)
Conselheiro Especial do Gabinete do Presidente da Federal Trade Commission (1984 – 1985)
Assistente Executivo do Diretor, do Office of Management And Budget,(1985 – 1986), da Casa Branca
Professor (Adjunct Professor) da Virginia Polytechnic Institute And State University (1985)
Diretor de Pesquisa da Pete Du Pont For President Inc.(1986 – 1988)
Professor (Adjunct Professor) da Virginia Polytechnic Institute And State University (1988)
Professor (Adjunct Professor) da George Mason University (1989)

Presidente (President) da Washington Policy Group Inc. (1988 – 1991)
Diretor Executivo da Global Organization of Parliamentarians Against Corruption (1991 – 1993)
Presidente (President) da Progress & Freedom Foundation (1993 –2003)
Professor (Adjunct Lecturer) na Harvard University (1995 – 1999)
Professor (Adjunct Professor) na George Mason University (2000 –)
Vice-Presidente Executivo da Capanalysis Group Llc (2003 – 2005)
Presidente (Chairman) da Capanalysis Group Llc (2005 – 2008)
Vice-Presidente do Economic Club of Washington (2011–)
Membro da Federal Communications Commission da Equipe de Transição de [Donald Trump](#) (2016)
Membro (no-Resident Fellow)do [American Enterprise Institute](#)
Membro do [Heritage Foundation](#)
Membro do [Hudson Institute](#)

Eisenhower, Dwight D. (1890 – 1969)

Militar / Político

Graduado pela United States Military Academy West Point (1915)
Tenente-Coronel Brevet do Exército Nacional. (1918)
Major do Exército dos Estados Unidos (1919)
Graduação Army War College (1928)
Oficial Executivo do General George V. Moseley, Secretário Adjunto da Guerra (1929 – 1933)
Graduado Pelo Army Industrial College (1933)
Como Conselheiro Militar ao Governo Filipino (1935)
Estado-Maior em Washington (1941 – 1942)
Comandante Supremo da Força Expedicionária Aliada do Teatro de Operações do Norte da África (Natousa) (1942)
Comandante Supremo Aliado da Força Expedicionária Aliada (1943 – 1945)
General do Exército dos Estados Unidos (1944)
Presidente (President) da Columbia University (1948 – 1952)
Presidente do Task Force on Aid To Europe, do [Council on Foreign Relations](#) (1948–1951)
Comandante Supremo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Nato) (1950)
Cofundador do Institute of War And Peace Studies (1951)
Presidente dos Estados Unidos (1953 – 1961)
Criou a Nasa como agência espacial civil (1958)

Evans, Medford Stanton (1934 – 2015)

Acadêmico

Editor do Yale Daily News (195x)
Membro da Sociedade Phi Beta Kappa (S/D)
Graduado pela Yale University (1955)
Trabalhou na University of Nova York Com Ludwig Von Mises (S/D)
Redator Editorial principal do The Indianapolis News (1959 – 1974)
Redator da Carta de Fundação da [Young Americans for Freedom](#) (1960)
Editor da [National Review](#) (1960 – 1973)
Editor-Chefe de Jornal Human Events (196x – 2015)

Comentarista da CBS Television And Radio Network (1971 – 1980)
Presidente (Chairman) da [American Conservative Union](#) (1971 – 1977)
Colunista do The Los Angeles Times (1974)
Fundou O National Journalism Center (1977)
Diretor do National Journalism Center (1977 – 2002)
Editor da revista [Consumers' Research](#) (1981 – 2002)

Falwell Jr., Jerry Lamon (1962 –)

Pastor / Ativista Político
Graduado pela [Liberty University](#) (1984)
Doutor pela University of Virginia School of Law (1987)
Advogado para a [Liberty University](#) (1987 – 2004)
Membro do Conselho Administrativo da [Liberty University](#) (2000 –)
Presidente (President) da [Liberty University](#) (2007 – 2020)
Apoiou publicamente a campanha presidencial de [Donald Trump](#) (2016)
Filho de [Jerry Falwell Sr](#)

Falwell Sr. Jerry Laymon (1933 – 2007)

Evangelista / Ativista Político
Graduado pela Baptist Bible College (1956)
Fundador da Igreja Batista Thomas Road (1956)
Apresentador do programa The [Old Time Gospel Hour](#) (1956 – 2007)
Fundou a [Lynchburg Christian Academy](#) (1967 – 1971), que tornou-se Lynchburg Baptist College (1971–1976), depois Liberty Bible College (1976–1984), depois Liberty University (1984 –)
Fundador da [Moral Majority](#) (1979)
Pai de [Jerry Falwell Jr](#)

Fetzer, James Henry (1940 –)

Acadêmico / Teórico da Conspiração
Graduado pela Princeton University (1962)
Segundo-Tenente do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (196x)
Sapitão do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (1966)
Mestre pela Indiana University (S/D)
Doutor pela Indiana University (1970)
Professor Assistente na University of Kentucky (1970)
Professor Visitante na University of Virginia
Professor Visitante na University of Cincinnati
Professor Visitante na University of North Carolina
Professor Visitante na University of South Florida
Professor na University of Minnesota Duluth (1987 – 2006)
Fundador da [Scholars For 9/11 Truth](#) (2006), com [Steven E Jones](#)
Afirma que a eleição presidencial de 2020 foi “roubada” de [Donald Trump](#)
Defensor da Teoria da Conspiração do 9/11truth

Feulner Jr. Edwin John (1941 –)

Empresário

Graduado pela Regis University (1963)

Pesquisador (Richard Weaver Fellow) na London School of Economics (1965)

Pesquisador do Center For Strategic and International Studies (1965 – 1967)

Pesquisador (Public Relations Fellow) na [Hoover Institution](#) (1965 – 1968)

Análise de Pesquisa na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos (1968 – 1969)

Assistente Confidencial do Secretário de Defesa [Melvin Laird](#) (1969 – 1970)

Assistente Administrativo do Representante Philip Crane (1970 – 1974)

Fundou a [Heritage Foundation](#) (1973), Com [Joseph Coors](#) e [Paul Weyrich](#)

Membro do Conselho Administrativo da [Heritage Foundation](#) (1973 –)

Mestre pela University of Pennsylvania Business School (1974)

Diretor Executivo do Republican Study Committee (1974 – 1977)

Presidente (President) do Institute For European Defense And Strategic Studies (1977 – 1996)

Membro do Conselho Administrativo e Vice-Presidente do [Manhattan Institute](#) (1977 – 1986)

Presidente (President) da [Heritage Foundation](#) (1977 – 2013)

Tesoureiro da [Mont Pelerin Society](#) (1979 – 1996 E 2000)

Fundador do Francisco Marroquin Institute For Research In Economics And Taxation (1980 – 1987)

Doutorado pela University of Edinburg (1981)

Presidente da [Mont Pelerin Society](#) (1996 – 1998)

Vice-Presidente Sênior da [Mont Pelerin Society](#) (1998 – 2000)

Presidente (President) da [Heritage Foundation](#) (2017 – 2018)

Diretor da Council for National Policy

Flournoy, Michèle Angélique (1960 –)

Política / Acadêmica

Graduada pela Harvard University (1983)

Mestre pela Oxford University (1986)

Analista de Pesquisas no Center For Defense Information (1986)

Funcionária da Arms Control Association (1989)

Pesquisadora (Research Fellow) na Harvard University (1989 – 1993)

Subsecretário Adjunto de Defesa para Estratégia E Redução de Ameaças (1996 – 2000)

Vice-Secretário Adjunto de Defesa para Estratégia (1996 – 2000)

Professora Pesquisadora na National Defense University (200x)

Consultora Sênior no Center For Strategic And International Studies (200x)

Fundadora do Center for a New American Security (2007)

Presidente da New American Security (2007 – 2009)

Subsecretário de Defesa para Política (2009 – 2012), trabalhando com [Robert Gates](#), nomeado por [Barack Obama](#)

Consultora Sênior da Boston Consulting Group (2012)

Membro do Conselho da Atlantic Council (2014)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Forbes Jr, [Steve] Malcolm Stevenson (1947 –)

Empresário

Fundador da revista Estudantil Business Today (1968)

Graduado pela Princeton University (1970)

Presidente (Head) da Board of International Broadcasting (1985 – 1993), nomeado por [Ronald Reagan](#) e, depois, [George H. W. Bush](#)

Presidente da Forbes Inc. (1990 –)

Presidente do Conselho de Administração da Empower America (1993 – 1996), que em 2004 fundiu-se com a [Freedomworks](#)

Presidente (Chairman) Honorário da Americans for Hope, Growth And Opportunity (1996 – 1999)

Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)

Membro do Conselho Administrativo da [Heritage Foundation](#) (2001 – 2022)

Membro do Conselho Administrativo da [Freedomworks](#) (2006)

Frankfurter, Felix (1882 – 1965)

Acadêmico

Graduado pela New York City College (1902)

Graduado pela Harvard Law School (S/D)

Editor da Harvard Law Review (S/D)

Advogado no Hornblower, Byrne, Miller & Potter (1906)

Assistente de Henry Stimson (1906), Procurador Dos Estados Unidos para o distrito Sul de Nova York

Oficial de Lei do Bureau of Insular Affairs (1911)

Membro do Institute For Government Research (1916)

Co-Fundador da American Civil Liberties Union (1920)

Juiz Associado da Suprema Corte dos Estados Unidos (1939 – 1962)

Amigo de [Walter Lippmann](#)

Professor de [Alger Hiss](#)

Friedberg, Aaron Louis (1956 –)

Acadêmico

Graduado pela Harvard University (1978)

Bolsista John M. Olin Foundation Pre-Doctoral Fellow (1983 – 1985)

Doutor pela Harvard University (1986)

Bolsista Ford Foundation Post-Doctoral Fellow na European Society and Western Security (1986 – 1987)

Professor Assistente na Princeton University (1987 – 1993)

Pesquisador (Faculty Fellow) da John M. [Olin](#) Foundation (1989 – 1990)

Pesquisador (Fellow) do [Council on Foreign Relations](#) (1990 – 1991)

Professor Associado na Princeton University (1993 – 1999)

Signatário do [Project For The](#) New American Century (1997)

Professor na Princeton University (1999 –)

Assistente Adjunto para Assuntos de Segurança Nacional do gabinete do Vice-Presidente (2003 – 2005), sob o serviço de [Dick Cheney](#)

Membro do National Intelligence Council (2005 – 2008)

Presidente (Chair) da Mesa de Conselheiros da National Bureau of Asian Research Pyle Center for Northeast Asian Studie (2006 –)
Membro da Defense Policy Board (2007 – 2008)
Fundador da Alexander Hamilton Society (2010)
Presidente (President) da Alexander Hamilton Society (2010 –)
Membro do [American Enterprise Institute](#) (2011 –)

Friedman, Milton (1912 – 2006)

Acadêmico

Bolsista de Estudos para a Rutgers University (193x)

Graduado pela Rutgers University (1932)

Doutor pela Columbia University (1934)

Assistente de Pesquisa de Henry Schultz na University of Chicago (1934–1935)

Membro do National Resources Planning Board (1935)

Membro do National Bureau of Economic Research (1937)

Conselheiro de Altos Funcionários do Departamento do Tesouro Dos Estados Unidos (1941 – 1943)

Professor na University of Chicago (1946 – 1977)

Membro da [Mont Pelerin Society](#) (1947)

Pesquisador (Fulbright Visiting Fellow) no Gonville And Caius College de Cambridge (1954–1955)

Pesquisador Visitante no Federal Reserve Bank of San Francisco (1977)

Membro da [Hoover Institution](#) (1977)

Frum, David (1960 –)

Acadêmico / Jornalista

Graduado pela Yale University (19xx)

Mestre pela Yale University (1982)

Professor (Visiting Lecture) na Yale University (1986)

Doutor pela Harvard Law School (1987)

Redator de Discursos do Presidente [George W. Bush](#) (2001– 2002)

Pesquisador Visitante (Visiting Fellow) no [American Enterprise Institute](#) (2002 – 2010)

Coautor do Livro An End To Evil com [Richard Perle](#) (2003)

Editor Sênior da The Atlantic (2014)

Contribuiu para a [National Review](#)

Colunista da [National Review](#) Online

Fukuyama, Francis Yoshihiro (1952 –)

Acadêmico

Graduado pela Cornell University (1974)

Doutor pela Harvard University (1981)

Estagiário na Agência de Controle de Armas E Desarmamento dos Estados Unidos (1976)

Consultor na Pan Heuristics, Inc. (1978 – 1979)

Pesquisador (Associate Social Scientist) na Rand Corporation (1979 – 1981)

Membro da Equipe de Planejamento de Políticas, do Departamento de Estado (1981 – 1982)

Membro Sênior do Departamento de Ciência Política da Rand Corporation (1983 – 1989)

Professor (Visiting Lecturer) na University of California (1986)
 Professor (Visiting Lecturer) na University of California (1989)
 Vice-Diretor de Equipe de Planejamento de Políticas, Departamento de Estado dos Estados Unidos (1989 – 1990)
 Consultor na Rand Corporation (1990 – 1994)
 Cientista Sênior da Rand Corporation (1995 – 1995)
 Diretor do International Commerce And Policy Program, da George Mason University. (1997 – 2000)
 Membro do [Project for the New American Century](#) (1997)
 Membro da President's Council On Bioethics (2001 – 2004) Instaurado por [George W. Bush](#)
 Reitor da Johns Hopkins University School of Advanced International Studies (2002 – 2004)
 Diretor da International Development Program da Johns Hopkins University School of Advanced International Studies (2005 – 2010)
 Cofundador da American Interest (2005)
 Diretor da Center on Democracy, Development and the Rule of Law, da Stanford University (2015 – 2021)
 Diretor da Ford Dorsey Masters In International Policy, da Stanford University (2019 –)
 Membro da American Political Science Association.
 Membro do [Council on Foreign Relations](#)
 Membro do Conselho Administrativo da Rand Corporation
 Pesquisador (Non-Resident Fellow) da Carnegie Endowment For International Peace
 Convidado por Nathan Tarcov para discursar sobre o “Fim da História” no John [Olin](#) Center
 Convidado por [Allan Bloom](#) para discursar sobre o “Fim da História” no John [Olin](#) Center

Gaffney Jr., Frank J. (1953 –)

Acadêmico / Teórico da Conspiração
 Graduado pela Georgetown University (1975)
 Mestre pela Johns Hopkins University (1978)
 Funcionário do Gabinete do Senador Henry M. Jackson, com [Richard Perle](#) (197x)
 Vice-Acretário Adjunto de Defesa (1983 – 1987), sob o comando de [Caspar Weinberger](#)
 Secretário Adjunto de Defesa para Assuntos de Segurança Internacional (1987)
 Fundador do Center For Security Policy (1988)
 Presidente (President) do Center For Security Policy 1988 – 2023)
 Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)
 Colunista do Jornal Jewish World Review (2000 – 2013)
 Banido de Participar da [Conservative Political Action Conference](#) (2011), pela [American Conservative Union](#)
 Colunista do The Washington Times (2012 – 2016)

Gage, Richard (S/D)

Arquiteto / Teórico da Conspiração
 Membro da American Institute of Architects (S/D)
 Fundador da [Architects & Engineers For 9/11 Truth](#) (2006)
 Presidente (CEO) da [Architects & Engineers for 9/11 Truth](#) (2006 –)
 Roteirista do Documentário 9/11: Blueprint For Truth – The Architecture of Destruction (2008)

Roteirista do Documentário 9/11: Explosive Evidence – Experts Speak Out (2012)

Colaborador para [9/11Truthorg](#)

Defensor da Teoria da Conspiração do 9/11truth

Gardner, David Pierpont (1933 – 2024)

Acadêmico

Graduado pela Brigham Young University (1955)

Mestre pela University of California (1959)

Doutor pela University of California (1966)

Professor na University of California (1967 – 1971)

Reitor de Extensão Universitária da University of California (1971)

Vice-Presidente de Programas Acadêmicos Estendidos e de Serviço Público da University of California (1972)

Presidente da University of Utah (1973 – 1983)

Presidente da University of California (1983 – 1991)

Membro (Fellow) da National Academy of Public Administration (1983)

Membro da Nation At Risk (1983), encomendado por [Ronald Reagan](#), junto de [Glen Seaborg](#), [Bartlett Giamatti](#), [Gerald Holton](#) e [William Baker](#)

Membro da American Academy of Arts And Sciences (1986)

Membro da American Philosophical Society (1989)

Presidente da William and Flora Hewlett Foundation (1993 – 1999)

Professor na University of Utah (2001)

Gates, Robert Michael (1943 –)

Político / Acadêmico

Graduado pela College of William & Mary (1965)

Membro da Young Republicans (196x)

Mestre pela Indiana University Bloomington (1966)

Segundo Tenente na Força Aérea dos Estados Unidos (1967)

Oficial de Inteligência da Strategic Air Command (1967 – 1969)

Doutor pela Georgetown University (1974)

Membro do Conselho de Segurança Nacional (1974)

Vice Diretor da Central Intelligence Agency (1986 – 1989), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Conselheiro Adjunto de Segurança Nacional Dos Estados Unidos (1989 – 1991), nomeado por [George H. W. Bush](#)

Diretor da Central Intelligence Agency (1991 – 1993), nomeado por [George H. W. Bush](#)

Professor (Lecturer) na University of Washington (1993)

Professor (Lecturer) na Harvard University (199x)

Professor (Lecturer) na Yale University (199x)

Professor (Lecturer) na Johns Hopkins University (199x)

Professor (Lecturer) na College of William & Mary (199x)

Reitor (Dean) da Bush School of Government And Public Service da Texas A&M University (1999 – 2001)

Presidente da Texas A&M University (2001 – 2006)

Co-Presidente (Co-Chaired) do Task Force On U.S. Relations Towards Iran, do [Council on Foreign Relations](#) (2004)

Membro do Iraq Study Group (2006)
Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (2006 – 2011), nomeado por [George W. Bush](#)
Mantido por [Barack Obama](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Gay, Edwin Francis (1867 – 1946)

Acadêmico
Graduado pela University of Michigan (1809)
Doutor pela University of Berlin (1902)
Professor (Instructor) na Harvard University (1902 – 1906)
Reitor (Dean) da Harvard Business School (1908 – 1919)
Fundador da National Bureau of Economic Research (1920)
Fundador do [Council on Foreign Relations](#) (1921)
Secretário de Tesouro do [Council on Foreign Relations](#) (1921 – 1933)
Vice-Presidente do [Council on Foreign Relations](#) (1933 – 1944)
Idealizador da revista [Foreign Affairs](#)

Gelb, Leslie [Les] Howard (1937 – 2019)

Acadêmico
Graduado pela Tufts University (1959)
Mestre pela Harvard University (1961)
Doutor pela Harvard University (1964)
Professor Assistente na Wesleyan University (1964 – 1967)
Assistente Executivo do Senador Jacob Javits (1966 – 1967)
Diretor do Policy Planning and Arms Control for International Security Affairs (1967 – 1969), no Departamento de Defesa
Correspondente diplomático do The New York Times (1973 – 1977)
Secretário de Estado Adjunto dos Assuntos Político-Militar (1977 – 1979), de Jimmy Carter
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1979 – 1988)
Membro (Senior Associate) do Carnegie Endowment For International Peace (1980 – 1981)
Produtor na ABC (1983)
Vencedor do Emmy (1984) pelo documentário The Crisis Game
Presidente do [Council on Foreign Relations](#) (1993 – 2003)
Presidente Emérito do [Council on Foreign Relations](#) (2003 – 2019)

Giamatti, Angelo Bartlett [Bart] (1938 – 1989)

Acadêmico
Membro da Delta Kappa Epsilon (195x)
Membro da Scroll And Key (195x)
Graduado pela Yale College (1960)
Doutor pela Yale University (1964)
Professor na Yale University (196x – 1972)
Presidente (President) da Yale University (1978 – 1986)
Membro do Conselho Administrativos da Mount Holyoke College (198x)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts And Sciences (1980)
Membro da American Philosophical Society (1982)

Membro da Nation At Risk (1983), encomendado por [Ronald Reagan](#), junto de [Glen Seaborg](#), [Gerald Holton](#), [William Baker](#) e [David Gardner](#)

Giuliani, Rudolph [Rudy] William Louis (1944 –)

Político

Graduado pela Manhattan College (1965)

Doutor pela New York University Law School (1968)

Advogado Assistente no Tribunal Distrital de Nova York (1970 – 1973),

Assistente Executivo do Procurador Dos Estados Unidos (1973 – 1975)

Procurador-Geral Adjunto Associado Dos Estados Unidos (1975 – 1977)

Procurador-Geral Associado Dos Estados Unidos (1981 – 1983)

Prefeito da Cidade de Nova York (1994 – 2001)

Presidente (Chairman) da Giuliani Partners (2002 –)

Membro do Iraq Study Group (2006)

Apoiou Publicamente a Candidatura a Presidência de [Donald Trump](#)

Conselheiro de [Donald Trump](#)

Glassman, James Kenneth (1947 –)

Acadêmico

Editor-Chefe (Managing) da The Harvard Crimson (196x)

Graduado pela Harvard University (1969)

Editor da revista The Advocate (1971)

Fundador do Jornal Figaro (1972)

Editor Executivo The Washingtonian Magazine (1979 – 1981)

Editor da The New Republic (1981)

Presidente (President) da The Atlantic Monthly (1981)

Vice-Presidente Executivo do Us News & World Report (1984 – 1986)

Sócio e editor do Jornal Roll Call (1987 – 1993)

Moderador no Programa Capital Gang Sunday, da CNN (1995 – 1998)

Membro (Sênior Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (1996 – 2008)

Fundador da revista online Tech Central Station (2000)

Editor-Chefe da The American (2005 – 2007)

Presidente (Chairman) da Broadcasting Board of Governors (2007 – 2008)

Subsecretário de Estado para Diplomacia Pública e Assuntos Públicos (2008 – 2009), nomeado por [George W. Bush](#)

Diretor Executivo do George W. Bush Institute (2009 –)

Presidente (President) da Empresa Public Affairs Engagement (2013 – 2016)

Fundador da Empresa Glassman Enterprises (2016)

Presidente (Chairman) da Strategic Health Diplomacy (2020 –)

Goldberg, Jonah Jacob (1969 –)

Acadêmico

Co-editor do The Quindecim (198x)

Graduado pela Goucher College (1991)

Pesquisador (Research Assistant) no [American Enterprise Institute](#) (1992 – 1994)

Produtor Sênior do programa Think Tank With Ben Wattenberg (1994 – 1998), Com [Ben](#)

Wattenberg

Editor Sênior da [National Review](#) (1998 – 2019)

Editor-Fundador da [National Review](#) Online (1998 – 2013)

Colunista da [National Review](#) (1999 – 2019)

Membro (Senior Fellow) do [National Review Institute](#) (2014 – 2023)

Cofundador do Dispatch (2019 –)

Apresentado do programa The Remnant With Jonah Goldberg

Membro do [American Enterprise Institute](#)

Goldwater, Barry Morris (1909 – 1998)

Político

Graduado pela University of Arizona (1929)

Membro da Força Aérea dos Estados Unidos (1944)

Membro do Conselho Municipal de Fênix (1950 - 52)

Senador pelo Estado do Arizona (1953–1965)

Candidato do Partido Republicano para presidente dos Estados Unidos em 1964

Teve [W. Glenn Campbell](#) como Assessor Sênior de Campanha.

Teve [William Baroody Sr](#) como principal Conselheiro de Campanha.

Senador pelo Estado do Arizona (1969–1987)

Amigo de [Herbert Hoover](#)

Gore Jr., Albert [Al] Arnold (1948 –)

Político

Graduado pela Harvard University (1969)

Soldado do Exército dos Estados Unidos (1969 – 1971)

Frequentou a Vanderbilt University Divinity School (1971–72), com bolsa da Rockefeller Foundation

Repórter no Jornal The Tennessean (1971 – 1974)

Graduação Incompleta pela Vanderbilt University Law School (1974 – 1976)

Membro da Câmara dos Representantes, Pelo Estado do Tennessee (1977 – 1985)

Senador Pelo Estado do Tennessee (1985 – 1993)

Membro do Energy and Commerce Committee (198x)

Presidente (Chair) do Science And Technology Committee (198x)

Membro do Homeland Security And Governmental Affairs Committee (198x)

Membro do Rules And Administration Committee (198x)

Membro do Armed Services Committee (198x)

Vice-Presidente Dos Estados Unidos (1993 – 2001), sob a presidência de [Bill Clinton](#)

Candidato a presidência (2000), tendo Naomi Wolf como consultora para a campanha presidencial; derrotado por [George W. Bush](#)

Fundador da Generation Investment Management (2004)

Presidente (Chair) da Generation Investment Management (2004)

Fundador da Alliance For Climate Protection (2006)

Vencedor do Prêmio Nobel (2007)

Membro da American Philosophical Society (2008)

Graham III, William [Billy] Franklin (1952 –)

Pastor

Graduado pela Montreat–Anderson College (1974)

Graduado pela Appalachian State University (1978)

Presidente da Samaritan's Purse (1995 –)

Vice–Presidente da [Billy Graham Evangelistic Association](#) (1995 – 2000)

Presidente da [Billy Graham Evangelistic Association](#) (2000)

Apoiou publicamente a Presidência de [Donald Trump](#)

Filho de [William Graham Jr](#)

Graham Jr., William [Billy] Franklin (1918 – 2018)

Pastor

Graduado pela Florida Bible Institute (1940)

Graduado pela Wheaton College (1943)

Presidente (President) da Northwestern College (1948 – 1952)

Fundador da [Billy Graham Evangelistic Association](#) (1950)

Fundador da revista Christianity Today (1956)

Administrador da International Mission Board (195x)

Administrador da Radio And Television Commission da SBC (196x)

Recusou–Se a Integrar a [Moral Majority](#)

Amigo de Lyndon B. Johnson

Amigo de [Richard Nixon](#)

Grant, Robert G. (1936 –)

Pastor / Ativista

Graduado pela Wheaton College (S/D)

Graduado pela Fuller Theological Seminary (S/D)

Mestre pela Fuller Theological Seminary (S/D)

Doutor pela California Graduate School of Theology (S/D)

Fundador da American Christian Cause (1974)

Fundador da [Christian Voice](#) (1978)

Fundador da American Freedom Coalition (1987)

Griffin, David Ray (1939 – 2022)

Acadêmico / Teórico da Conspiração

Graduado pela Northwest Christian College (1962)

Mestre pela University of Oregon (1963)

Doutor pela Claremont Graduate University (1968)

Professor Assistente University of Dayton (1968 – 1973)

Professor Associado na Claremont Graduate University (1973 – 2004)

Codiretor do Center For Process Studies (2004)

Colaborador da [9/11truth.org](#) (2004 –)

Colaborador da [Architects & Engineers For 9/11 Truth](#)

Defensor da Teoria da Conspiração do 9/11truth

Haass, Richard Nathan (1951 –)

Acadêmico

Graduado pela Oberlin College (1973)

Mestre pela Oxford University (1978)

Membro do Pessoal do Departamento de Defesa (1979 – 1980)

Membro do Pessoal do Departamento de Estado (1981 – 1985)

Assistente Especial do Presidente [George H. W. Bush](#) (1989 – 1993)

Diretor Sênior do Near East And South Asian Affairs do Conselho de Segurança Nacional (1989 – 1993)

Diretor de Planejamento Político do Departamento de Estado (2001 – 2003), trabalhando para [Colin Powell](#)

Enviado Especial Dos Estados Unidos para a Irlanda do Norte (2001 – 2003)

Presidente do [Council on Foreign Relations](#) (2003 –)

Diretor de Estudos de Política Externa da Brookings Institution (200x)

Hagel, Charles [Chuck] Timothy (1946 –)

Político

Sargento do Exército dos Estados Unidos (1967 – 1968)

Graduado pela University of Nebraska (1971)

Membro do Gabinete do Congressista John Y. Mccollister (1971 – 1977)

Organizador da Campanha de [Ronald Reagan](#) para Governador da Califórnia (197x)

Lobista da Firestone Tire And Rubber Company (1977 – 1980)

Vice-Administrador da Veterans Administration (1981 – 1982)

Senador Pelo Estado de Nebraska (1997 – 2009)

Professor (Distinguished Professor) na Georgetown University (2009 – 2013)

Presidente (Chairman) do Atlantic Council (2009 – 2013)

Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (2013 – 2015)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Hamilton, Lee Herbert (1931 –)

Acadêmico

Graduado pela Depauw University (1952)

Doutor pela Maurer School of Law, Indiana University (1956)

Congressista Dos Estados Unidos pelo Distrito de Indiana (1965 – 1999)

Presidente (President) da Woodrow Wilson Center For International Scholars (1999 – 2010)

Vice-Presidente National Commission On Terrorist Attacks Upon The United States (2002 – 2004)

Membro da Homeland Security Advisory Council (2004)

Copresidente do Iraq Study Group (2006)

Recebeu a Presidential Medal of Freedom (2015), concedida por [Barack Obama](#)

Membro do Conselho Administrativo do Albright Stonebridge Group

Apoiou Publicamente a Eleição Presidencial de [Barack Obama](#) em 2008

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Harries, Owen (1930 – 2020)

Acadêmico

Graduado pela Oxford University (S/D)
Oficial Piloto Força Aérea Real (1952 – 1954)
Professor na Universities of Sydney (1956 – 1975)
Chefe de Planejamento Político no Australian Department of Foreign Affairs (1976 – 1983)
Presidente (Chairman) do Committee On Australia's Relations With the third World (1978 – 1979)
Membro (Senior Fellow) da [Heritage Foundation](#) (1983 – 1985)
Co-Fundador da revista [National Interest](#) (1985) junto de [Irving Kristol](#)
Editor-Chefe da [National Interest](#) (1985 – 2001)

Hassett, Kevin Allen (1962 –)

Acadêmico
Graduado pela Swarthmore College (S/D)
Doutor pela University of Pennsylvania (S/D)
Professor Assistente na Columbia University (1989 – 1993)
Economista da Divisão de Pesquisa e Estatística do Conselho Administrativo da Federal Reserve (1992 – 1997)
Professor Associado na Columbia University (1993 – 1994)
Consultor para O Departamento do Tesouro Dos Estados Unidos (198x – 199x)
Pesquisador (Resident Scholar) do [American Enterprise Institute](#) (1997)
Diretos de Estudos Econômicos do [American Enterprise Institute](#) (2003)
Conselheiro de Campanha de [George W. Bush](#) para Assuntos de Econômica (2004)
Presidente (Chair) do Council of Economic Advisers (2017 – 2019), nomeado por [Donald Trump](#)
Conselheiro Sênior do Presidente para Questões Econômicas (2020 – 2020), nomeado por [Donald Trump](#)
Vice-Presidente do Lindsey Group
Pesquisador (Distinguished Visiting Fellow) da [Hoover Institution](#)
Colunista da [National Review](#)

Hauptman, Kyle S. (S/D)

Político
Graduado pela University of California (S/D)
Vice-Presidente Sênior da Jefferies & Co (S/D)
Corretor de Títulos da Lehman Brothers (200x – 2008)
Conselheiro de Política Econômica Durante a Campanha Presidencial de 2012 do Senador Mitt Romney
Gerente Sênior de Desenvolvimento no [American Enterprise Institute](#) (2014 – 2015)
Membro da Equipe de Transição do Presidente [Donald Trump](#) (2016)
Vice-Presidente da National Credit Union Administration (2020 –) nomeado por [Donald Trump](#)

Hayek, Friedrich August Von (1899 – 1992)

Acadêmico
Doutor pela University of Vienna (1921)
Doutor pela University of Vienna (1923)

Assistente de Pesquisa do Professor Jeremiah Jenks da New York University (1923 – 1924)
Fundador E Diretor do Austrian Institute For Business Cycle Research (192x)
Professor da London School of Economics (1931 – 1950)
Membro (Fellow) da Econometric Society (1947)
Fundador da [Mont Pelerin Society](#) (1947)
Professor Visitante na University of Arkansas (1949–1950)
Professorado na University of Chicago (195x)
Professor na University of Freiburg (1962 – 1968)
Professor Visitante na University of California (1969)
Professor na University of Salzburg (1969 – 1977)
Prêmio Nobel de Economia (1974)
Foi Aluno de [Ludwig Von Mises](#) na University of Vienna

Hendrickson, David C. (1953 –)

Acadêmico
Graduado pela Colorado Colleg (1976)
Doutor pela Johns Hopkins University (1982)
Professor na Colorado College (1983 – 2020)
Bolsista (Whitney Shephardson Fellow) do [Council on Foreign Relations](#) (1991 – 1992)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1995 – 2020)
Presidente (Chair) do Departamento de Ciências Política da Colorado College (2000 – 2003)
Presidente (Chair) do Departamento de Ciências Política da Colorado College (2017– 2018)
Presidente (President) da John Quincy Adams Society

Hess, Frederick M. (S/D)

Acadêmico
Graduado pela Brandeis University (1989)
Mestre pela Harvard University (1994)
Doutor pela Harvard University (1997)
Professor Assistente na University of Virginia (1997 – 2002)
Pesquisador (Research Associate) na Harvard University (1998 –)
Membro da Ford Foundation (1988 – 1989)
Editor Executivo da Education Next (2001 –)
Diretor de Estudos de Políticas Educacionais E Acadêmico Residente, [American Enterprise Institute](#) (2001 –)
Membro da Koret Task Force Young Scholar, da [Hoover Institution](#) (2002 – 2003)
Professor Adjunto na Georgetown University (2005)
Pesquisador (Visiting Scholar) na Rice University (2008 – 2017)
Professor (Adjunct Lecturer) na University of Pennsylvania (2008 – 2020)
Editor da Harvard Education Press (2008 –)
Professor (Lecturer) na Johns Hopkins University (2017 – 2021)
Reitor (Dean) da Harvard Graduate School of Education (2013 – 2021)
Membro (Senior Founding Fellow) da Public Education Foundation (2012 –)
Membro da Ford Foundation (1988 – 1989)
Editor Colaborador da [National Review](#)

Hills, Carla (1934—)

Acadêmica

Graduada pela Stanford University (1955)

Graduada pela Yale University Law School (1958)

Cofundadora da Munger, Tolles, Hills & Rickershauser (1926)

Membro do Conselho Consultivo da California Council on Criminal Justice (1969 – 1971)

Procuradora-Geral Adjunta Dos Estados Unidos para a Divisão Civil (1973 – 1975)

Secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano dos Estados Unidos (1975 – 1977),

Nomeada por Gerald Ford

Presidente da American Bar Association (1982 – 1983)

Sócia Co-Gerente de Weil, Gotshal E Manges (1986)

Presidente (Chair) of The American Bar Association (1982 – 1983)

Presidente (Chairwoman) do Conselho Administrativo da Urban Institute (1983 – 1988)

Representante de Comércio Dos Estados Unidos (1989 – 1993), nomeado por [George H. W. Bush](#)

Co-Fundadora da Hills' and Company (1993)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1994 –)

Copresidente (Co-Chair) do [Council on Foreign Relations](#) (2007 – 2017)

Hiss, Alger (1904 – 1996)

Político

Graduado pela Harvard College (1929)

Serviu no Justice Department como Assistente do Senate's Nye Committee (1934 – 1935)

Membro do Time Liderado por Jerome Frank na Defesa do Agricultural Adjustment Administration (193x)

Diretor do Office of Special Political Affairs (1944)

Secretário-Geral da Conferência Das Nações Unidas Sobre Organização Internacional (1945)

Presidente (President) da Carnegie Endowment For International Peace (1946)

Doutor Honorário pela Johns Hopkins University (1947)

Acusado por Whittaker Chambers, junto Ao House Un-American Activities Committee de ser um espião comunista (1948)

Defendido por [William Bundy](#); Adlai Stevenson; [Felix Frankfurter](#)

Foi aluno de [Felix Frankfurter](#) em Harvard

Holbrooke, Richard (1941– 2010)

Acadêmico

Graduado pela Brown University (1962)

Representante Civil da Agência para O Desenvolvimento Internacional, do Programa de Pacificação Rural no Vietnã do Sul (1964 – 1970)

Membro Júnior da Delegação Dos Estados Unidos Às Negociações de Paz de Paris (1968 – 1969)

Diretor da Peace Corps Em Marrocos (1970 – 1972)

Editora da revista [Foreign Policy](#) (1972 – 1977)

Diretor de Publicações do Carnegie Endowment for Peace (197x)

Secretário de Estado Adjunto para Assuntos do Leste Asiático e Pacífico. (1977), nomeado por Jimmy Carter

Consultor Sênior da Lehman Brothers (1981 – 1985)
Diretor Administrativo do Lehman Brothers (1985 – 1993)
Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1991 – 1993)
Embaixador dos Estados Unidos na Alemanha (1993 – 1994)
Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Europeus e Canadenses (1994 – 1995)
Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1996 – 1999)
Embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas (1999 – 2001), nomeado por [Bill Clinton](#)
Membro do Conselho de Administrativo do American International Group.(2001 – 2008)
Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (2001 – 2009)
Representante Especial Dos Estados Unidos para o Afeganistão e o Paquistão (2009 – 2010), nomeado por Barack Obama
Amigo de [Anthony Lake](#)

Holmes, Kim R. (1952 –)

Acadêmico / Político
Graduado pela University of Central Florida (S/D)
Mestre pela Georgetown University (S/D)
Doutor pela Georgetown University (S/D)
Pesquisador (Fellow) no Institute For European History (S/D)
Professor Adjunto na Georgetown University (S/D)
Membro da [Heritage Foundation](#) (1985 – 2002)
Vice-Presidente da [Heritage Foundation](#) (1991 – 2002)
Vice-Presidente de Foreign And Defense Policy Studies da [Heritage Foundation](#) (1991 – 2001)
Editor Fundador da Index of Economic Freedom (1995 – 2002) da [Heritage Foundation](#)
Secretário de Estado Adjunto para Assuntos de Organizações Internacionais (2002 – 2005), sob Comando de [Colin Powell](#)
Membro da [Heritage Foundation](#) (2005)
Editor da Index of Economic Freedom (2005 – 2012)
Vice-Presidente de Foreign and Defense Policy Studies (2005 – 2012), da [Heritage Foundation](#)
Membro do Conselho de Diretores da Center For International Private Enterprise (2019)
Vice-Presidente (Vice-Chairman) do Conselho de Diretores da Center For International Private Enterprise (2020)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Holton, Gerald James Holton (1922 –)

Acadêmico
Graduado pela School of Technology of Oxford (1940)
Graduado pela Wesleyan University (1941)
Mestre pela Wesleyan University (1942)
Membro da Electric-Acoustic Laboratory (194x – 1945)
Doutor pela Harvard University (1947)
Professor Assistente na Harvard University (1947 – 1952)
Professor na Harvard University (1952)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts And Sciences (1956)

Membro do Conselho Administrativo do Boston Museum of Science (1965 – 1967)
Membro do Conselho Administrativo da Wesleyan University (1975 – 1989)
Professor Visitante no Massachusetts Institute of Technology (1976 – 1982)
Membro do Department of State's U.S. Committee On Science na Unesco (1977 –1980)
Membro Fundador do Program On Science, Technology And Society do Mit. (198x)
Membro da Nation At Risk (1983), encomendado por [Ronald Reagan](#), junto de [Glen Seaborg](#), [Bartlett Giamatti](#), [William Baker](#) e [David Gardner](#)

Hoover, Herbert Clark (1874 – 1964)

Político (Republicano)
Graduado pela Stanford University (1895)
Secretário de Comércio Dos Estados Unidos (1921 – 1928)
Presidente dos Estados Unidos (1929 – 1933)
Promoveu o President's Research Committee on Social Trends (1929 – 1933)
Fundador da [Hoover War Library](#) (1919)

House, Edward Mandell (1858 – 1938)

Diplomata
Graduação Incompleta na Cornell University (Abandono Em 1880)
Membro da Fraternidade Alpha Delta Phi (187x)
Conselheiro de uma série de políticos do Texas (1892 – 1902)
Fundador da Trinity And Brazos Valley Railroad (1902)
Negociador–Chefe de Woodrow Wilson na Europa durante as negociações para a Paz (1917–1919)
Vice–Chefe de Wilson na Conferência de Paz de Paris (1919 – 1920)
Montou o [The Inquiry](#), com [Archibald Coolidge](#), [Walter Lippmann](#) e Mais

Huntington, Samuel Phillips (1927 – 2008)

Acadêmico
Graduado pela Yale University (1945)
Serviu no Exército Dos Estados Unidos (1946 – 1947)
Mestre pela University of Chicago (194x)
Doutor pela Harvard University (1950)
Professor Associado na Columbia University (1959 – 1962)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts and Sciences (1965)
Diretor Associado do Institute For War And Peace Studies (196x)
Conselheiro de Política Externa do Vice–Presidente Hubert Humphrey (196x)
Professor na Harvard University (1963 – 2008)
Consultor do Departamento de Estado (1967)
Cofundador da revista [Foreign Policy](#) (1970)
Membro do Conselho de Consultores Acadêmicos do [American Enterprise Institute](#) (197x – 2008)
Coeditor da revista [Foreign Policy](#) (1977)
Coordenador do Security Planning do Conselho de Segurança Nacional (1977 – 1981)
Diretor do John M. [Olin](#) Institute For Strategic Studies, em Harvard (1989 – 2000)
Instrutor no Seminário XXI do Massachusetts Institute of Technology (19xx – 2007)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Professor de [Fareed Zakaria](#) em Harvard

Hyland, William George Hyland (1929 – 2008)

Acadêmico

Graduado pela The Washington University In St. Louis (194x)
Serviu no Exército dos Estados Unidos (1950 – 1953)
Graduado pela University of Missouri–Kansas City (1954)
Agente da Central Intelligence Agency, Sediado Em Berlim (195x)
Agente da Central Intelligence Agency, Sediado Em Moscou (196x)
Membro do United States Conselho de Segurança Nacional (1969)
Diretor do Bureau of Intelligence And Research (1974 – 1975), nomeado por [Richard Nixon](#)
Conselheiro Adjunto de Segurança Nacional (1975 – 1977)
Editor da revista [Foreign Affairs](#) (1984 – 1992)
Membro do President's Foreign Intelligence Advisory Board de [George H. W. Bush](#) (1989 – 1993)

Iklé, Fred Charles (1924 – 2011)

Acadêmico

Graduado pela University of Zurich (1948)
Doutor pela University of Chicago (1950)
Pesquisador Associado na Columbia University (1950 – 1954)
Bolsinhas da Rockefeller Foundation (1953)
Pesquisador na Rand Corporation (1955 – 1961)
Pesquisador Associado na Harvard University (1962 – 1963)
Professor na Massachusetts Institute of Technology (1964 – 1967)
Chefe (Head) do Departamento de Ciências Sociais da Rand Corporation (1968 – 1972)
Diretor da U.S. Arms Control And Disarmament Agency (1973 – 1977)
Presidente (Chairman) do Conselho Consultivo Sobre Segurança Internacional do Comitê Nacional Republicano (1977 – 1979)
Subsecretário de Política do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (1981 – 1988)
Pesquisador (Distinguished Scholar) do Center For International And Strategic Studies (1988 — 2011)
Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Indyk, Martin (1951–)

Político

Graduado pela University of Sydney (1972)
Doutor Plea Australian National University (1977)
Conselheiro para o Serviço Secreto Australiano (1978)
Vice–Diretor de Pesquisa na American Israel Public Affairs Committee (1982)
Fundador da Washington Institute for Near East Policy (1985)
Diretor da Washington Institute for Near East Policy (1985 – 1990)
Professor Adjunto na Johns Hopkins School of Advanced International Studies (199x)
Professor na Columbia University (199x)

Professor na Tel Aviv University (199x)
Assistente Especial do Presidente [Bill Clinton](#) (199x)
Diretor Sênior de Assuntos do Oriente Próximo e do Sul da Ásia no Conselho de Segurança Nacional (199x)
Embaixador dos Estados Unidos Em Israel (1995 – 1997)
Secretário Adjunto para O Oriente Médio no Departamento de Estado de [Madeleine Albright](#) (1997 – 1999)
Embaixador Dos Estados Unidos em Israel (1999–2001)
Pesquisador (Sênior Fellow) do Brookings Institution (2001 – 2015)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2002 –)
Enviado Especial para o Oriente Médio (2013), nomeado por [Barack Obama](#)
Vice-Presidente Executivo da Brookings Institution (2015 – 2018)

Jasper, William F. (S/D)

Jornalista / Teórico da Conspiração
Graduado pela University of Idaho (S/D)
Pesquisador na [John Birch Society](#) (1976)
Colaborador da revista The [New American](#) (1986 – 1990), da [John Birch Society](#)
Editor Sênior da revista The [New American](#) (1990), da [John Birch Society](#)
Defensor da Teoria da Conspiração da Nova Ordem Mundial

Jastrow, Robert (1925 – 2008)

Acadêmico
Graduado pela Columbia University (1945)
Doutor pela Columbia University (1948)
Professor Assistente na Yale University (194x)
Pesquisador na National Aeronautics And Space Administration (Nasa) (1958)
Presidente (Chairman) da Lunar Exploration Committee (1959 – 1961) da Nasa
Fundador da Goddard Institute For Space Studies (1961), da Nasa
Diretor da Goddard Institute For Space Studies (1961 – 1981)
Professor na Dartmouth College (1981)
Diretor da Mount Wilson Institute (1992)
Presidente (Chairman) da Mount Wilson Institute (1992)
Fundador do [George C. Marshall Institute](#) (1984) com [Frederick Seitz](#) e [William Nierenberg](#)

Jones, Alexander [Alex] Emerick (1974 –)

Radialista / Teórico da Conspiração
Graduação Incompleta pela Austin Community College (S/D)
Apresentado do Programa de rádio The Final Edition (1996)
Fundador do [Infowars](#) (1999)
Apresentado do Programa de Rádio [The Alex Jones Show](#) (2000 –)
Apresentado de Tv [The Alex Jones Show](#) (2018 –)
Apoiou Publicamente a Candidatura Presidencial de [Donald Trump](#)
Defensor da Teoria da Conspiração 9/11 truth
Defensor da Teoria da Conspiração Birther

Jones, Steven Earl (1949 –)

Acadêmico / Teórico da Conspiração

Graduado pela Brigham Young University (1973)

Doutor pela Vanderbilt University (1978)

Pesquisador (Post–Doctoral Research) na Cornell University (197x)

Especialista Sênior Em Engenharia na Idaho National Laboratory (1979 – 1985)

Pesquisador no Departamento de Energia dos Estados Unidos(1982 – 1993)

Pesquisador na Brigham Young University (198x – 2006)

Fundador da [Scholars For 9/11 Truth](#) (2006), com [James Fetzer](#)

Fundador da [Architects & Engineers For 9/11 Truth](#) (2006)

Membro do [Scholars For 9/11 Truth & Justice](#)

Contribuiu para O [Journal of 9/11 Studies](#)

Defensor da Teoria da Conspiração do 9/11truth

Jordan Jr., Vernon Eulion (1935 – 2021)

Empresário

Graduado pela Depauw University (1957)

Doutor pela Howard University School of Law (1960)

Diretor Executivo do United Negro College Fund (1970)

Presidente (President) da National Urban League (1971 – 1981)

Consultor Jurídico na Akin Gump Strauss Hauer & Feld. (1981)

Conselheiro Político de [Bill Clinton](#) (199x)

Diretor Administrativo Sênior da Lazard Freres & Co. Llc, (2000)

Membro do Iraq Study Group (2006)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Amigo de [Bill Clinton](#)

Kagan, Donald (1932 – 2021)

Acadêmico

Graduado pela Brooklyn College (1954)

Mestre pela Brown University (1955)

Professor (Part–Time Instructor) na Capital University (1957 – 1958)

Doutor pela Ohio State University (1958)

Professor (Instructor) na Pennsylvania State University (1959 – 1960)

Professor Assistente na Cornell University (1960 – 1963)

Professor Associado na Cornell University (1964 – 1967)

Professor na Cornell University (1967 – 1969)

Professor na Yale University (1969 – 1978)

Presidente (Chairman) do departamento de estudos clássicos na Yale University (1972 – 1975)

Reitor (Dean) da Yale College (1989 – 2013)

Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)

Kass, Leon Richard (1939 –)

Acadêmico

Graduado pela University of Chicago's Medical School (1962)

Pesquisador (Postdoctoral Fellow) National Institutes of Health (1963 – 1967)
Doutor pela Harvard University (1967)
Pesquisador (Fellow) na National Institutes of Health (1967 – 1970)
Secretário–Executivo da Committee On The Life Sciences And Social Policy (1970 – 1972)
da National Research Council
Professor (Tutor) na St. John's College (1972 – 1976)
Bolsista da National Endowment for the Humanities (1973 – 1974)
Professor na Kennedy Institute of Ethics (1974 – 1976)
Professor na University of Chicago (1976 – 2010)
Co–Fundador do programa Fundamentals: Issues and Texts (1983), na University of Chicago,
com [Allan Bloom](#)
Membro do [American Enterprise Institute](#) (1991 – 1992)
Pesquisador (Distinguished Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (1998 – 1999)
Presidente do President's Council On Bioethics (2001 – 2005), instaurado por [George W. Bush](#)
Membro do [American Enterprise Institute](#) (2010 – 2018)

Kean, Thomas H. (1935 –)

Político
Graduado pela Princeton University (1957)
Mestre pela Columbia University (1964)
Membro da Assembleia do Estado de Nova Jersey (1968 – 1977)
Governador do Estado de Nova Jersey (1982 – 1990)
Presidente (President) da Drew University (1990 – 2005)
Colunista do Jornal The Star–Ledger (1995 – 2018)
Chefe (Head) da National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States (2002),
Instaurada por [George W. Bush](#)
Presidente (President) da Carnegie Corporation of New York (2021 – 2023)
Presidente (Chairman) da Robert Wood Johnson Foundation
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Kelly, Andrew P. (S/D)

Acadêmico
Graduado pela Dartmouth College (S/D)
Mestre pela University of California (S/D)
Doutor pela University of California (S/D)
Pesquisador (Research Assistant) no [American Enterprise Institute](#) (200x)
Pesquisador (Resident Scholar) no [American Enterprise Institute](#) (201x –)

Keohane, Robert Owen (1941 –)

Acadêmico
Graduado pela Shimer College (1961)
Mestre pela Harvard University (1966)
Professor Associado na Swarthmore College (196x – 1973)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1968 – 1969)
Professor na Stanford University (1973 – 1981)

Chefe do Departamento de Ciência Política da Stanford University (1980 – 1981)
Professor na Brandeis University (1981 – 1985)
Professor na Harvard University (1985 – 1996)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts And Sciences (1983)
Professor na Duke University (1996 – 2005)
Membro da National Academy of Sciences (2005)
Membro da American Academy of Political And Social Science (2006)
Membro da American Philosophical Society (2007)
Professor de [Fareed Zakaria](#) em Harvard

Kerry, John Forbes (1943 –)

Político

Graduado pela Yale University (1966)
Serviu no Exército dos Estados Unidos (1966 – 1970)
Doutor pela Boston College Law School (1976)
Promotor Público Assistente (1976 – 1979)
Sócio na Kerry & Sragow (1979 – 1982)
Vice-Governador do Estado de Massachusetts (1982 – 1984)
Senador Dos Estados Unidos Pelo Estado de Massachusetts (1984 – 2013)
Presidente do Comitê Seletor do Senado sobre Assuntos Pow/Mia (1991 – 1993)
Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado (2009 – 2013), após a saída de [Joe Biden](#)
Secretária de Estado dos Estados Unidos (2013 – 2017), nomeado por [Barack Obama](#), e tendo [Wendy Sherman](#) como Vice
Enviado Presidencial Especial Dos Estados Unidos para o Clima (2021 – 2024), nomeado por [Joe Biden](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Khalilzad, Zalmay Mamozy (1951 –)

Acadêmico

Graduado pela American University of Beirut (1972)
Mestre pela American University of Beirut (1974)
Professor Assistente na Columbia University (1979 – 1989)
Doutor pela University of Chicago (1980)
Membro (Fellowship) do [Council on Foreign Relations](#) (1984)
Membro da equipe de planejamento de políticas e conselheiro especial para o Afeganistão (1985 – 1989), do subsecretário de Estado
Membro da Equipe de Planejamento de Políticas E Conselheiro Especial do Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos (1987 – 1989), no Departamento de Defesa
Professor Visitante na University of California (1989 – 1991)
Pesquisador Sênior na Rand Corporation (1989 – 1991)
Subsecretário Adjunto de Defesa para Planejamento de Políticas, no Departamento de Defesa (1991 – 1992)
Diretor do Strategy, Doctrine, And Force Structure, da Rand Corporation (1993 – 2000)
Fundador da Center For Middle East Public Policy, da Rand Corporation (1994 – 1995)

Coautor do Defense Planning Guidance (1994–1999) junto de [Paul Wolfowitz](#), [Lewis Libby](#) e [Andrew Marshall](#)

Signatária da Carta do [Project for the New American Century](#) (1998) Ao Presidente [Bill Clinton](#)

Líder da Equipe de Transição do Departamento de Defesa (2000 – 2001), de [George W. Bush](#)
Conselheiro do Secretário de Defesa [Donald Rumsfeld](#) (2001)

Assistente Especial do Presidente, no Conselho de Segurança Nacional (2001 – 2003)

Enviado Presidencial Especial ao Afeganistão (2001 – 2005)

Embaixador dos Estados Unidos no Afeganistão (2003 – 2005)

Embaixador dos Estados Unidos no Iraque (2005 – 2007)

Embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas (2007 – 2009)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Membro do Conselho Editorial da revista [National Interest](#)

Kissinger, Henry Alfred (1923 – 2023)

Diplomata / Acadêmico

Graduação Incompleta no City College of New York (1943)

Convocado para O Exército Dos Estados Unidos (1943)

Agente Especial do Counter Intelligence Corps (194x)

Professor na European Command Intelligence School, em Camp King (1946)

Graduado pela Harvard College (1950)

Mestrado na Harvard University (1951)

Diretor do Harvard International Seminar (1951 – 1971)

Doutor pela Harvard University (1954)

Consultor do Conselho de Segurança Nacional Operations Coordination Board (1955)

Diretor do Nuclear Weapons And Foreign Policy Studies do [Council on Foreign Relations](#) (1955 – 1956)

Diretor do Special Studies Project do Rockefeller Brothers Fund (1956 – 1958)

Diretor do Harvard Defense Studies Program (1958 – 1971)

Co-Fundador do Center for International Affairs (1958)

Assessor Político das Campanhas Presidenciais de Nelson Rockefeller (1960 – 1968)

Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos (1969 – 1975), tendo [Lawrence Eagleburger](#) como assistente

Secretário de Estado dos Estados Unidos (1973 – 1977)

Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1977 – 1981)

Professor do Center For Strategic And International Studies, da Georgetown University (1977)

Fundador da Kissinger Associates (1982)

Presidente da Kissinger Associates (1982 – 2023)

Chanceler do College of William and Mary (2000 – 2005)

Presidente do Conselho de Administração da Eisenhower Fellowships (2000 – 2006)

Presidente da 9/11 Commission (2002)

Koch, Fred Chase (1900 – 1967)

Empresario

Graduado Pelo Massachusetts Institute of Technology (1922)

Engenheiro–Chefe da Medway Oil & Storage Company (192x)
Fundador da Winkler–Koch Engineering Company (1925)
Fundador da Wood River Oil and Refining Company (1940), depois renomeada Koch Industries.
Co–Fundador da [John Birch Society](#) (1958), com [Robert Welch](#)

Kohlberg, Alfred (1887 – 1960)

Empresário
Membro do Institute For Pacific Relations (194x – 1944)
Diretor da American Bureau for Medical Aid for China (1941 – 1943)
Juntou–se à American China Policy Association (1946)
Fundador a revista Plain Talk (1946)
Participou da fundação do [Foundation for Economic Education](#) (1946)
Fundador do boletim informativo Counterattack (1947)
Cofundador da American Jewish League Against Communism (1950)
Membro do Conselho Nacional original da [John Birch Society](#) (1958)
Aliado do Senador de Wisconsin Joseph Mccarthy
Amigo e conselheiro de [Robert Welch](#)

Krauthammer, Charles (1950 – 2018)

Acadêmico
Graduado pela McGill University (1970)
Graduado pela Harvard Medical School (1975)
Residente no Massachusetts General Hospital (1975 – 1978)
Editor da The New Republic (1979)
Redator de Discursos para O Vice–Presidente Walter Mondale (1980)
Serviu President's Council On Bioethic (2001 – 2006), instaurado por [George W. Bush](#) e liderado por [Leon Kass](#)
Palestrante do Programa Inside Washington (1990 – 2013), da PBS
Presidente (President) da The Krauthammer Foundation
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Teve [Rich Lowry](#) como Pesquisador Assistente

Kristol, Irving (1920 – 2009)

Acadêmico / Empresário
Graduado pela City College de Nova York (1940)
Membro da Young People's Socialist League (Grupo de Anti–Soviéticos Trotskistas)
Serviu na 12ª Divisão Blindada Como Soldado de Infantaria de Combate (194x)
Filiado ao Congress for Cultural Freedom (194x)
Escreveu na revista Commentary (1947 – 1952)
Co–Fundador e Colaborador da revista Britânica Encounter (1953 – 1958)
Editor da revista The Reporter (1959 – 1960)
Co–Fundador e Co–Editor da revista [Public Interest](#) (1965 – 2002), com [Daniel Bell](#)
Filiado ao [American Enterprise Institute](#) (1972 – 1977)
Membro do Conselho de Colaboradores do Wall Street Journal, contribuiu com uma coluna mensal (1972 – 1997)

Membro Sênior do [American Enterprise Institute](#) (1977 – 1988)
Fundador e Editor da revista [National Interest](#) (1985 – 2002)
Membro (John M. [Olin](#) Distinguished Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (1988 – 1999)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Membro da American Academy of Arts And Sciences
Foi Apelidado de “Padrinho do Neoconservadorismo”

Laird Jr. Melvin Robert (1922 – 2016)

Político

Graduado Peloo Carleton College (1944)
Serviu na Marinha Dos Estados Unidos (1944 – 1946)
Senador do Estado de Wisconsin (1947 – 1953)
Membro da Câmara dos Representantes pelo 7º Distrito de Wisconsin (1953 – 1969), Com [William Baroody Jr](#) na equipe
Presidente do Comitê da Plataforma Republicana (1964), para o qual [Barry Goldwater](#) foi indicado
Presidente da Conferência Republicana da Câmara (1965 – 1969)
Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (1969 – 1973), tendo [David Packard](#) como subordinado, e [Edwin Feulner Jr](#) como assistente.
Conselheiro do Presidente [Richard Nixon](#) para Assuntos Internos (1973)
Conselheiro da revista Readers Digest (1974)

Lake, William Anthony Kirsopp (1939 –)

Político

Graduado pela Harvard College (1961)
Oficial de serviço estrangeiro do Departamento de Estado (1962 – 1970)
Doutor pela Princeton University (1974)
Pesquisador do Carnegie Endowment (197x)
Diretor de Planejamento de Políticas de Jimmy Carter (1977–1981)
Professor na Five College, em Massachusetts (1981–1992)
Professor na Mount Holyoke College (1984 – 1993)
Conselheiros de Política Externa de [Bill Clinton](#) (1992)
Conselheiro de Segurança Nacional (1993 – 1997)
Enviado Especial da Casa Branca (1998–2000)
Cofundador da Intellibridge Corporation (2000)
Membro do Conselho Administrativo da Mount Holyoke College (2005 – 2010)
Diretor Executivo da Unicef (2010 – 2017)
Amigo de [Richard Holbrooke](#)

Ledeon, Michael A. (1941–)

Acadêmico

Graduado pela Pomona College (1962)
Mestre pela University of Wisconsin (S/D)
Doutor pela University of Wisconsin (1969)
Professor Assistente na Washington University (1967 – 1973)
Professor Visitante na University of Rome (1973 – 1977)

Assessor Especial do Secretário de Estado (1981 – 1982)
Consultor do Gabinete do Secretário de Defesa [Caspar Weinberger](#) (1982 – 1986)
Pesquisador (Resident Scholar) do [American Enterprise Institute](#) (198x)
Editor Colaborador da [National Review](#)

Levin, Richard Charles (1947 –)

Acadêmico
Graduado pela Stanford University (1968)
Doutor pela Yale University (1974)
Professor Assistente na Yale University (1974 – 1979)
Professor Associado na Yale University (1979 – 1982)
Professor na Yale University (1982 –)
Presidente do Departamento de Economia da Yale School of Management (198x)
Reitor (Dean) da Yale's Graduate School of Arts And Sciences (198x)
Presidente (Presdident) da Yale University (1993 – 2013)
Membro da Iraq Intelligence Commission (2004), Instaurado por [George W. Bush](#)
Membro da Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004), Instaurado por [George W. Bush](#)
Presidente (CEO) da empresa Coursera (2014 – 2017)
Membro da American Academy of Arts And Sciences
Membro da American Economic Association

Libby, Irve Lewis [Scooter] (1950 –)

Político / Acadêmico
Vice-Presidente do Yale College Democrats (196x)
Graduado pela Yale University (1972)
Doutor pela Columbia Law School (1975)
Funcionário da Schnader, Harrison, Segal & Lewis LLP (1975 – 1981)
Membro da Equipe de Planejamento de Políticas do Departamento de Estado dos Estados Unidos (1981 – 1985), convidado por [Paul Wolfowitz](#)
Coautor do Defense Planning Guidance (1994–1999) junto de [Paul Wolfowitz](#), [Zalmay Khalilzad](#) e [Andrew Marshall](#)
Funcionário da Dickstein, Shapiro & Morin (1985)
Sócio da Dickstein, Shapiro & Morin (1986 – 1989)
Funcionário do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (1989 – 1993), convidado por [Paul Wolfowitz](#)
Sócio-Gerente do Escritório Mudge, Rose, Guthrie, Alexander & Ferdon (1993 – 2001)
Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)
Signatário da Carta do [Project For The New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#) (1998)
Membro do Vulcans, Grupo de Mentores Políticos de [George W. Bush](#), junto de [Condoleezza Rice](#), [Dick Cheney](#), [George Shultz](#) e [Robert Zoellick](#) (2000)
Principal Conselheiro do Vice-Presidente [Dick Cheney](#) em Segurança Nacional (2001 – 2005)
Assistente do Presidente dos Estados Unidos (2001 – 2005)
Vice-presidente para Assuntos de Segurança Nacional (2001 – 2005)

Membro do [Hudson Institute](#) (20xx – 2007)
Vice-Presidente Sênior do [Hudson Institute](#) (20xx – 2010)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Foi Aluno de [Paul Wolfowitz](#) em Yale

Limbaugh III, Rush Hudson (1951 – 2021)

Radialista / Teórico da Conspiração
Dj na Rádio Wixz (1971 – 1973)
Funcionário na Rádio Kqv (1974)
Apresentador na Rádio Kudl (1975 – 1977)
Apresentador na Rádio Kfix (1977)
Funcionário na Rádio Kmbz (1983 – 1984)
Apresentador do [The Rush Limbaugh Show](#), na Rádio Kfbk (1984 – 1988)
Apresentador do [The Rush Limbaugh Show](#), na Rádio Nacional Wabc (1988 – 2013)
Apresentador do [The Rush Limbaugh Program](#), na Rede de Tv (1992 – 1996)
Apoiou [Pat Buchanan](#) nas Prévias Republicanas de 1992
Apoiou Publicamente Donald Trump Nas Eleições de 2015
Defensor da Teoria da Conspiração da Nova Ordem Mundial
Defensor da Teoria da Conspiração do Globalismo

Lind, Michael (1962 –)

Acadêmico
Graduado pela University of Texas (1982)
Mestre pela Yale University (1985)
Doutor pela University of Texas Law School (1988)
Pesquisador do State Department Assessment Project, da [Heritage Foundation](#) (1988 – 1990)
Assistente do Diretor do Center For The Study of Foreign Affairs, do Departamento de Estado (1990 – 1991)
Editor Executivo da revista [National Interest](#) (1991 – 1994)
Editor da revista Harper's Magazine (1994 – 1995)
Editor Sênior da revista The New Republic (1995 – 1996)
Redator do The New Yorker (1996 – 1997)
Cofundador da New America Foundation (1999)
Membro (Senior Fellow) da New America (1999 – 2017)
Professor na University of Texas (2017 –)

Lindsey, Harold Lee (1929 –)

Pastor / Romancista
Graduado pela Dallas Theological Seminary (S/D)
Trabalhou Com a Campus Crusade For Christ (196x – 1969)
Doutor pela California Graduate School of Theology (1994)
Apresentador do Programa International Intelligence Briefing, da [Trinity Broadcasting Network](#)
Membro do Conselho Executivo da [Christian Voice](#)
Apresentador do The Hal Lindsey Report (2007)

Lindsey, Lawrence B. (1954 –)

Acadêmico

Graduado pela Bowdoin College (1976)

Assistente de Pesquisa no National Bureau of Economic Research (1978 – 1981)

Mestre pela Harvard University (1981)

Membro do Council of Economic Advisers (1981)

Doutor pela Harvard University (1985)

Professor (Teaching Fellow) na Harvard University (1978 – 1981)

Pesquisador (Faculty Research Fellow) na National Bureau of Economic Research (1984 – 1989)

Professor (Instructor) na Harvard University (1984 – 1985)

Professor Assistente na Harvard University (1985 – 1988)

Professor Associado na Harvard University (1989 – 1990)

Diretor Associado de Política Econômica Interna da Casa Branca (1989 – 1990)

Assistente Especial do Presidente para Desenvolvimento de Políticas (1991), de [George H. W. Bush](#)

Membro do Conselho de Administradores da Federal Reserve (1991 – 1997), nomeado por [George H. W. Bush](#)

Pesquisador (Resident Scholar) do [American Enterprise Institute](#) (1997 – 2001)

Lippmann, Walter (1889 – 1974)

Acadêmico

Escreveu para The Harvard Crimson

Graduado pela Harvard University (1910)

Cofundador da League For Industrial Democracy (LID) (1905)

Chefe de Pesquisa para [The Inquiry](#) (1917), de Woodrow Wilson

Amigo de [Hamilton Armstrong](#)

Amigo de [Felix Frankfurter](#)

Lopez, Kathryn Jean (1976 –)

Jornalista

Graduada pela Catholic University of America (S/D)

Membro da [Heritage Foundation](#) (S/D)

Colunista da Newsweekly, do [National Review Institute](#) (S/D)

Editora da [National Review](#) (S/D)

Editora do [NationalReview.Com](#) (1997 –)

Membro da Comissão Pró-Vida da Arquidiocese de Nova York

Presidente (Chair) do Pro-Life Commission, do Cardeal Timothy Dolan, Em Nova York (S/D)

Membro (Fellow) do The [Claremont Institute](#) (S/D)

Lowry, Richard (1968 –)

Acadêmico

Graduado pela University of Virginia (S/D)

Pesquisador Assistente de Charles Krauthammer

Redator da [National Review](#) (1992)

Editor de Artigos da [National Review](#) (1994)
Editor da National Review (1997 –), Escolhido Pessoalmente por [William Buckley Jr.](#)

Lugar, Richard Green (1932 – 2019)

Político

Graduado pela Denison University (1954)

Mestre pela Oxford University (1956)

Serviu A United States Navy (1956 – 1960)

Serviu Ao Indianapolis Board of School Commissioners From (1964 – 1967)

Prefeito da Cidade de Indianapolis (1968 – 1976)

Senador Pelo Estado de Indiana (1977 – 2013), Tendo [Mitch Daniels](#) como Assistente

Presidente (Chair) do Senate Agriculture Committee (1995 – 2001)

Presidente (Chair) da Comissão de Relações Exteriores do Senado (2003 – 2007), com [Barack Obama](#) e [Joe Biden](#)

Fundador da The Lugar Center (2013)

Recebeu a Presidential Medal of Freedom (2013), Dada por [Barack Obama](#)

Madden, Richard [Dick] (1929 — 2016)

Empresário

Graduado pela Princeton University (1951)

Serviu no Exército dos Estados Unidos (1951 – 1954)

Graduado pela University of Michigan (195x)

Graduado pela New York University (195x)

Presidente (President) da Mobil Plastics Business (196x)

Fundador da Hefty Bags (1965)

Chefe da Virginia Carolina Chemical Corp (196x)

Tesoureiro Assistente da Mobil Oil (196x)

Presidente (President) da Mobil Oil Estates (196x)

Presidente (President) da Potlatch Corporation (1970 – 1977)

Presidente (CEO) da Potlatch Corporation (1977 – 1994)

Membro do Conselho Administrativo do [American Enterprise Institute](#) (1972 – 2016)

Membro do Conselho Administrativo da San Francisco Opera (198x)

Membro do Conselho Administrativo da Fine Arts Museums (198x)

Membro do Conselho Administrativo da San Francisco Foundation (198x)

Mallaby, Sebastian Christopher Peter (1964 –)

Acadêmico

Graduado pela Oxford University (1986)

Correspondente na África para o The Economist (1987 – 1991)

Correspondente Financeiro para o The Economist (1991 – 1992)

Correspondente no Japão para o The Economist (1992 – 1996)

Correspondente Nos Estados Unidos para O The Economist (1996 – 1999)

Chefe da Sucursal do Economist Em Washington (1997 – 1999)

Colunista do Washington Post (1999–)

Membro (Paul A. Volcker Senior Fellow For International Economics) do [Council on Foreign Relations](#) (2003 –)

Manning, Bayless Andrew (1923 – 2011)

Acadêmico

Editor da Yale Law Journal (194x)

Graduado pela Yale Law School (1949)

Professor na Yale University (1955 – 1964)

Membro do President's Advisory Panel On Ethics And Conflicts of Interest In Government (196x)

Reitor (Dean) da Stanford Law School (1964 – 1971)

Presidente do [Council on Foreign Relations](#) (1971 – 1977), indicado diretamente por David Rockefeller

Manshel, Warren Demian (1924 – 1990)

Banqueiro / Diplomata

Graduado pela Harvard College (S/D)

Mestre pela Harvard University (S/D)

Doutor pela Harvard University (1952)

Professor na Harvard College (S/D)

Diretor (Chief Administrative Officer) do Council For Cultural Freedom (1954 – 1955)

Membro da Coleman & Company (1955 – 1977)

Cofundador da revista [Public Interest](#) (1965), com [Irving Kristol](#)

Lançou a revista Foreign Policy (1970), com [Samuel Huntington](#)

Contratou [Richard Holbrooke](#) como Primeiro Editor da revista [Foreign Policy](#) (1970)

Cofundador da European Options Exchange, Belgica (1978)

Membro do Conselho Administrativo da Harvard University (197x)

Embaixador Dos Estados Unidos na Dinamarca (1978 – 1981)

Membro do Conselho Consultivo do Journal of International Affairs, da Columbia University (1983 – 1990)

Amigo de [Henry Kissinger](#)

Amigo de [Samuel Huntington](#)

Marburger, John (1941 – 2011)

Acadêmico

Graduado pela Princeton University (1962)

Pesquisador na National Aeronautics And Space Administration (1962 – 1963)

Professor Assistente na University of Southern California (1966 – 1969)

Doutor pela Stanford University (1967)

Professor Associado na University of Southern California (1969 – 1975)

Membro do Conselho de Diretores da Coleman Chamber Music Association (1969 – 1980)

Chefe (Chair) do Departamento de Física da University of Southern California (1972 – 1975)

Consultor na Lawrence Livermore National Laboratory (1972 – 1976)

Professor na University of Southern California (1975 – 1980)

Reitor (Dean) da College of Letters Arts And Sciences, da University of Southern California (1976 – 1980)

Professor na State University of New York (1980 – 2011)

Membro do Conselho de Superintendentes da Rockefeller Institute of Government (1983 –

1994)
Membro do Conselho Administrativo da Princeton University (1985 – 1989)
Presidente da Association of Colleges And Universities of The State of New York. (1988 – 1990)
Presidente (Chair) do Conselho de Administrativo da Universities Research Association (1988 – 1996)
Membro do Conselho de Administrativo da Universities Research Association (1988 – 1996)
Membro do Conselho de Diretores da State University of New York Research Foundation. (1990 – 1994)
Diretor da Brookhaven National Laboratory. (1997 – 2001)
Conselheiro Científico do Presidente (2001 – 2009), nomeado por [George W. Bush](#)
Membro da American Physical Society (2001)

Marshall, Andrew W. (1921 – 2019)

Político
Graduado pela University of Chicago (1945)
Membro da Rand Corporation (1949)
Mestre pela University of Chicago (1950)
Diretor da Office of Net Assessment (1973 – 2015)
Consultor na elaboração Defense Planning Guidance (1992), elaborado por [Scooter Libby](#), [Zalmay Khalilzad](#), e [Paul Wolfowitz](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Mccain III, John Sidney (1936 – 2018)

Político
Graduado pela United States Naval Academy (1958)
Piloto Naval da Marinha dos Estados Unidos (1960 – 197x)
Comandante de um Esquadrão de Treinamento da Marinha dos Estados Unidos (1976 – 1981)
Membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos pelo Estado do Arizona (1983 – 1987)
Senador dos Estados Unidos pelo Estado do Arizona (1987 – 2018)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1997 – 2018)
Membro da Commission on The Intelligence Capabilities of The United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004) Instaurado por [George W. Bush](#)
Candidato da presidência derrotado (2008), derrotado por [Barack Obama](#)

Mccollum Jr, Ira William [Bill] (1944 –)

Político
Graduado pela University of Florida (S/D)
Membro da Judge Advocate General's Corps (1969 – 1972), da Marinha dos Estados Unidos
Membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos Pel Estado da Flórida (1981 – 2001)
Membro do Comitê Investigado da Câmara para O Caso Irã–Contra (1987)
Vice–Presidente (Vice–Chair) da Conferência Republicana da Câmara (1989 – 1995)
Direto da James Madison Institute (2002–2010)

Procurador-Geral da Flórida (2007 – 2011)

Mearsheimer, John Joseph (1947 –)

Acadêmico

Graduado pela West Point (1970)

Oficial da Força Aérea Dos Estados Unidos (1970 – 1975)

Mestre pela University of Southern California (1974)

Mestre pela Cornell University (1978)

Estagiário na Agência de Controle de Armas e Desarmamento (1978)

Pesquisador (Research Fellow) na Brookings Institution (1979 – 1980)

Pesquisador (Research Associate) na Harvard University (1980 – 1982)

Doutor pela Cornell University (1981)

Professor Assistente na University of Chicago (1982 – 1984)

Professor Associado na University of Chicago (1984 – 1987)

Pesquisador (Senior Fellow) do John M. [Olin](#) Center for Inquiry into the Theory and Practice of Democracy, da University of Chicago, (1984 – 2005)

Professor na University of Chicago (1987 – 1995)

Professor (Harrison Chair) na University of Chicago (1996 –)

Chefe de Departamento na University of Chicago (1989 – 1992)

Pesquisador (Visiting Scholar) no [Olin](#) Institute For Strategic Studies, da Harvard University (1992 – 1993)

Membro do Conselho Consultivo da [Foreign Affairs](#) (1998 – 2012)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Meese III, Edwin (1931 –)

Advogado / Acadêmico

Presidente da Yale Political Union (194x)

Presidente (Chairman) da Yale Debate Association (194x)

Membro da Sociedade Spade And Grave (194x)

Graduado pela Yale University (1953)

Segundo Tenente da Reserve Officers' Training Corps (1953 – 1956)

Graduado Berkeley School of Law, da University of California (1958)

Colaborador Convidado da [Hoover Institution](#) (1966 – 1988)

Assistente Executivo e Chefe de Gabinete do Governador [Ronald Reagan](#) (1969 – 1974)

Vice-Presidente de Administração da Rohr Industries (1975 – 1976)

Bolsista da Fundação Sarah Scaife (197x)

Professor de Direito na Universidade de San Diego (1977 – 1981)

Vice-Presidente (Vice-Chairman) da California's Organized Crime Control Commission (1977 – 1981)

Chefe de Gabinete da Campanha Presidencial de Reagan (198x), com [James Baker III](#)

Conselheiro do Presidente (1981 – 1985)

Membro (Fellow) da National Academy of Public Administration (1982)

Procurador-Geral dos Estados Unidos (1985 – 1988)

Membro da [Heritage Foundation](#) (1988 –)

Presidente do Comitê Executivo do [Council for National Policy](#) (1994)

Presidente (President) do [Council for National Policy](#) (1996)

Membro do Conselho de Visitantes da George Mason University (1996 – 2004)
Presidente (Chairman) do Conselho de Visitantes da George Mason University (1998 – 2004)
Presidente (Chairman) da Heritage's Center For Legal And Judicial Studies (2001 – 2013), da [Heritage Foundation](#)
Foi Investigado Pelo Caso Irã–Contra (199x)
Membro do Iraq Study Group (2006)

Meltzer, Allan H. (1928 – 2017)

Acadêmico

Graduado pela Duke University (1948)

Mestre pela University of California (1955)

Doutor pela University of California (1958)

Professor (Lecturer) na University of Pennsylvania (1956 – 1957)

Professor Assistente na Carnegie–Mellon University (1957 – 1961)

Chefe do Departamento de Gestão Industrial da Carnegie–Mellon University (1960 – 1961)

Consultor na Joint Economic Committee (1960 – 1961), do Congresso Dos Estados Unidos

Professor Associado na Carnegie–Mellon University (1961 – 1964)

Chefe do Departamento de Gestão Industrial da Carnegie–Mellon University (1963 – 1964)

Professor na Carnegie–Mellon University (1964 – 1969)

Professor Visitante na University of Chicago (1964 – 1965)

Professor Visitante na Harvard University (1967 – 1968)

Professor (Ford Distinguished Research Professor) na Carnegie–Mellon University (1969 – 1970)

Professor (Maurice Falk Professor of Economic And Social Science) na Carnegie–Mellon University (1970 – 1980)

Reitor (Dean) da Graduate School of Industrial Administration, da Carnegie–Mellon University (1972 – 1973)

Professor Visitante na Fundação Getúlio Vargas (1976 – 1979)

Pesquisador (Visiting Fellow) na [Hoover Institution](#) (1977 – 1978)

Professor (John M. [Olin](#) Professor of Political Economy And Public Policy) na Carnegie–Mellon University (1980 – 1992)

Membro do Conselho Administrativo da Carnegie–Mellon University (1981)

Membro do President's Council of Economic Advisors (1988 – 1989) de [Ronald Reagan](#)

Professor na Carnegie–Mellon University (1991 – 1997)

Presidente (Chairman) da Comissão Consultiva do International Financial Institution (1999 – 2000)

Presidente (President) do [Mont Pelerin Society](#) (2012 – 2014)

Pesquisador (Visiting Scholar) do [American Enterprise Institute](#)

Middendorf II, John William (1924 –)

Diplomata / Empresário

Graduado pela College of The Holy Cross (1945)

Oficial Engenheiro da Marinha Dos Estados Unidos (1944 – 1946)

Mestre pela School of Business Administration, da New York University (1954)

Cofundador do Banco de Investimento Colgate And Company (1963)

Tesoureiro da Campanha Presidencial de [Barry Goldwater](#) (1964)

Tesoureiro do Republican National Committee (1965–1969)
Embaixador Dos Estados Unidos na Holanda (1969 – 1973)
Secretário da Marinha Dos Estados Unidos (1974 – 1977)
Embaixador Dos Estados Unidos na Organização Dos Estados Americanos (1981 – 1985)
Embaixador Dos Estados Unidos na União Europeia (1985 – 1987)
Membro do Conselho Administrativo da [Heritage Foundation](#) (1988 – 2022)

Miller, Judith (1948 –)

Jornalista
Graduada pela Columbia University (1969)
Mestre pela Princeton University (S/D)
Repórter da New York Times (199x – 2005)
Comentarista da Fox News (2008 –)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2008 –)
Membro (Adjunct Fellow) do [Manhattan Institute](#)
Co–Autora do livro Saddam Hussein & The Crisis in The Gulf (1990) Com [Laurie Mylroie](#)

Miller, Stephen (1985 –)

Político
Presidente da Horowitz's Students For Academic Freedom da Duke University (200x)
Graduado pela Duke University (2007)
Secretário de Imprensa da Congressista Michele Bachmann (200x)
Membro da Equipe do Senador Jeff Sessions (2009)
Conselheiro Político Sênior da Campanha Presidencial de [Donald Trump](#) (2016)
Diretor de Redação de Discursos da Casa Branca (2017 – 2021)
Conselheiro Sênior do Presidente (2017 – 2021) [Donald Trump](#)
Presidente da [National Policy Institute](#)
Amigo de [Richard Spencer](#)

Miscik, Judith A. [Jami] (1958 –)

Política
Graduada pela Pepperdine University (1980)
Mestre pela University of Denver (1982)
Analista Econômica da Central Intelligence Agency (1983)
Diretora do Programa de Inteligência do Conselho de Segurança Nacional (1995 – 1996)
Assistente Executiva do Diretor da Central Intelligence Agency, George Tenet (1996 – 1997)
Vice–Diretora da Central Intelligence Agency (2002 – 2005)
Chefe Global de Risco Soberano, do Lehman Brothers (2005 – 2008)
Diretora do [Council on Foreign Relations](#) (2007 –)
Presidente (Chair) President's Intelligence Advisory Board (2014 – 2017), nomeada por [Barack Obama](#)

Mises, Ludwig Heinrich Edler Von (1881 – 1973)

Acadêmico
Doutor pela University of Vienna (1906)
Professor na University of Vienna (1913 – 1938)

Conselheiro Econômico do Governo Austríaco (1909 – 1934)
Oficial de Linha de Frente na Artilharia Austro-Húngara (191x)
Conselheiro Econômico do Departamento de Guerra (191x)
Economista–Chefe da Câmara de Comércio Austríaca (192x)
Conselheiro Econômico de Engelbert Dollfuss (192x)
Foi para os Estados Unidos com bolsa da Rockefeller Foundation (1940)
Professor Visitante na New York University (1945 – 1969)
Membro Fundador da [Mont Pelerin Society](#) (1947)
Recebeu a Austrian Decoration For Science And Art For Political Economy (1962)
Foi Mentor de [Friedrich Hayek](#) na University of Vienna

Moley, Raymond Charles (1886 – 1975)

Acadêmico

Doutor pela Columbia University (1918)
Professor Assistente de Política na Western Reserve University (1918)
Diretor de Trabalho de Americanização do Conselho de Defesa do Estado de Ohio (1918–1919)
Diretor da Cleveland Foundation (1919)
Professor na Columbia University (1928–1954)
Membro do Brain Trust de Roosevelt (1932), junto de [Rexford Tugwell](#) e [Adolf Augustus Berle Jr](#)
Escreveu a maior parte do primeiro discurso de posse de Roosevelt.
Escreveu uma coluna para a revista Newsweek (1937 – 1968);
Contribuiu para a revista Free Market (S/D)
Contribuiu para a revista [The Freeman](#) (S/D)
Contribuiu para a revista [National Review](#) (S/D)
Foi Decisivo para a Nomeação de [Glenn Campbell](#) para a [Hoover Institution](#)
Premiado com a Medalha Presidencial da Liberdade por [Richard Nixon](#) (1970)

Moore, Russell D. (1971 –)

Pastor

Graduado pela University of Southern Mississippi (S/D)
Mestre pela New Orleans Baptist Theological Seminary (S/D)
Doutor pela [Southern Baptist Theological Seminary](#) (S/D)
Pastor Associado na Bay Vista Baptist Church (199x)
Professor na [Southern Baptist Theological Seminary](#) (2001)
Diretor Executivo da Carl F. H. Henry Institute For Evangelical Engagement (2001 – 2009)
Reitor (Dean) da School of Theology da Southern Baptist Theological Seminary (2004)
Vice-Presidente de Administração Acadêmica da Southern Baptist Theological Seminary (2004)
Editor Executivo da Southern Baptist Theological Seminary (200x)
Presidente (Chairman) do Conselho Consultivo da Concil On Biblical Manhood And Womanhood (200x)
Pastor da Highview Baptist Church (2008 – 2012)
Presidente (President) da [Ethics & Religious Liberty Commission](#) (2013 – 2021)
Redator da Christianity Today (2021)

Editor-Chefe da Christianity Today (2022 –)

Moynihan, Daniel Patrick (1927 – 2003)

Político (Republicano)

Serviu na Marinha dos Estados Unidos(1944 – 1945)

Graduado pela Tufts University (1946)

Graduado pela Tufts University (1948)

Mestre pela Tufts University (1949)

Bolsista Fulbright na London School of Economics (1950 – 1953)

Professor (Lecturer) na Russell Sage College (1957–1958)

Professor (Lecturer) na Cornell University (1959)

Professor na Syracuse University (1959–1961)

Professor Assistente na Tufts University (1961)

Doutor pela Tufts University (1961)

Assistente Especial do Secretário de Trabalho Arthur J. Goldberg (1961–1962)

Assistente Executivo do Secretário de Trabalho W. Willard Wirtz (1962–1963)

Secretário Adjunto do Trabalho para Política, Planejamento e Pesquisa (1963 – 1965)

Pesquisador (Fellow) da Wesleyan University (1964 – 1967)

Diretor da The Harvard–Mit Joint Center For Urban Studies (1966 – 1969)

Membro da American Academy of Arts And Sciences (1966)

Membro da American Philosophical Society (1968)

Assistente do Presidente para Política Interna (1969 – 1970), para [Richard Nixon](#)

Embaixador Dos Estados Unidos na Índia (1973 – 1975)

Embaixador Dos Estados Unidos Nas Nações Unidas (1975 – 1976)

Presidente (Chair) da Comissão de Meio Ambiente do Senado (1992 – 1993)

Presidente (Chair) da Comissão de Finanças do Senado (1993 – 1995)

Recebeu a Presidential Medal of Freedom (2000), dada por [Bill Clinton](#)

Senador Pelo Estado de Nova York (1997 – 2001)

Contribuiu Regularmente para a [Public Interest](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Myloie, Laurie (1953 –)

Política

Graduada pela Cornell University (S/D)

Doutora pela Harvard University (S/D)

Professora Assistente na Harvard University (1985 – 1990)

Pesquisadora Residente do Center For Middle Eastern Studies, da Harvard University (1990 – 1991)

Professora Associada na U.S. Naval War College (1991 – 1992)

Pesquisadora (Fellow In Arab Politics) do Washington Institute For Near East Policy (1992 –)

Membro do [American Enterprise Institute](#)

Co–Autora do Livro Saddam Hussein & The Crisis In The Gulf, Com Judith Miller (1990)

Newman, Alex (S/D)

Jornalista / Teórico da Conspiração

Graduado pela University of Florida (S/D)
Graduado pela Miami–Dade College (S/D)
Editor Sênior da [New American](#) (S/D)
Redator da Freedomproject Media (S/D)
Apresentador do Prograna Behind The Deep State, da New American (S/D)
Presidente (President) da Liberty Sentinel Media (S/D)
Defensor da Teoria da Conspiração do Estado Profundo

Nierenberg, William Aaron (1919 – 2000)

Acadêmico

Graduado pela City College of New York (1942), Bolsista William Lowell Putnam
Professor Assistente na University of Michiga (1948)
Professor Associado na University of California (1950 – 1965)
Diretor da Hudson Labs (1953 – 1954), da Columbia University
Secretário–Geral Adjunto da North Atlantic Treaty Organization (1960 – 1962)
Diretor da Scripps Institution of Oceanography (1962 – 1983)
Membro da American Academy of Arts And Sciences (1965)
Membro da National Academy of Sciences (1971)
Presdiente (Chairman) da National Academy of Sciences National Advisory Committee On Oceans And Atmosphere (1971 – 1977)
Membro da National Science Board (1972 – 1978)
Fundador da World Cultural Council (1981)
Membro da National Science Board (1982 – 1988)
Fundador do [George C. Marshall Institute](#) (1984) com [Frederick Seitz](#) e [Robert Jastrow](#)

Nixon, Richard Milhous (1913 – 1994)

Político (Republicano)

Graduado Em História no Whittier College (1934)
Graduado na Duke University School of Law (1937)
Presidente da Duke Bar Association (193x)
Ingressou no Office of Price Administration (1942)
Ingressou na Marinha Dos Estados Unidos (1942)
Assessor do Comandante da Estação Aérea Naval Ottumwa em Iowa (1942 – 1943)
Transferido para O Escritório do Bureau of Aeronautics na Filadélfia. Promovido a Tenente–Comandante (1945)
Membro do House Un–American Activities Committee (1947)
Congressista Dos Estados Unidos pelo Estado da Califórnia (1947–1950)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (195x – 196x)
Senador da Pelo Estado da Califórnia (1950 – 1953)
Vice–Presidente Dos Estados Unidos (1953 – 1961)
Presidente Dos Estados Unidos (1969 – 1974), tendo: [Pat Buchanan](#) como conselheiro de campanha presidencial; [Aram Bakshian Jr](#) na Equipe de redação de discursos; [Melvin Laird](#) como conselheiro de assuntos internos; [Peter Peterson](#) como assistente presidencial para assuntos econômicos internacionais; [Donald Rumsfeld](#) como conselheiro e [Henry Kissinger](#) como conselheiro de segurança nacional e Secretário de Estado.
Amigo de [William Graham Jr](#)

Amigo de [William Baroody Sr](#)

North, Gary Kilgore (1942 – 2022)

Acadêmico / Ativista Político–Religioso

Graduado pela University of California (196x)

Colaborador para a [The Freeman](#) (196x)

Membro do [Foundation For Economic Education](#) (1971)

Diretor de Seminários da [Foundation For Economic Education](#) (197x)

Doutor pela University of California (1972)

Membro do Rushdoony's Chalcedon Foundation (1973)

Fundador do Institute For Christian Economics (197x)

Pesquisador (Research Assistant) para o congressista Ron Paul (1976)

Pesquisador (Associated Scholar) do Mises Institute

Fundador do Institute For Christian Economics

Norton, Gale Ann (1954 –)

Empresária / Política/ Acadêmica

Graduada pela University of Denver (1975)

Doutora pela Sturm College of Law, da University of Denver (1978)

Advogada na Mountain States Legal Foundation (1979 – 1983)

Pesquisadora (National Fellow) na [Hoover Institution](#) (1983 – 1984)

Advogada Associada do Departamento do Interior Dos Estados Unidos (1985 – 1990)

Procuradora–Geral do Estado do Colorado (1991 – 1999)

Consultor Sênior da Brownstein, Hyatt & Farber (1999 – 2001)

Secretário do Interior Dos Estados Unidos (2001 – 2006), Nomeada por [George W. Bush](#)

Conselheiro Geral da Royal Dutch Shell Unconventional Oil (2007 – 2010)

Consultor Sênior da Clean Range Ventures (2012)

Membro do Conselho Administrativo da Federalist Society

Novak, Michael (1933 – 2017)

Acadêmico

Graduado pela Stonehill College (1956)

Graduado pela Gregorian University (1958)

Mestre pela Harvard University (1965)

Professor Assistente na Stanford University (1965 – 1968)

Professor Visitante na Union Theological Seminary (1966)

Professor Associado na State University of New York (1968 – 1973)

Membro (Fellow) do Institute For Society, Ethics And The Life Sciences (1969)

Conselheiro Dos Programas de Medicina E Ética da Joseph P. Kennedy Jr. Foundation (1971)

Professor Visitante na University of California (1972)

Diretor Associado da Rockefeller Foundation (1973 – 1974)

Fundador da Ethnic Millions Political Action Committee (1974)

Membro do Conselho Administrativo da Ethnic Millions Political Action Committee (1974)

Professor (Distinguished Professor) na Syracuse University (1977 – 1979)

Membro da Presidential Commission On Cultural Diversity (1978 – 1984)

Pesquisador do [American Enterprise Institute](#) (1978 – 2017)

Professor Visitante na University of Notre Dame (1987 – 1988)

Nye Jr, Joseph Samuel (1937 -)

Acadêmico

Membro da Fraternidade Phi Beta Kappa (195x)

Colunista da Daily Princetonian (195x)

Graduado pela Princeton University (1958)

Doutor pela Harvard University (1964)

Professor na Harvard University (1964 – 1991)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1970)

Membro do Conselho Editorial da revista [Foreign Policy](#) (1970 – 1976)

Conselheiro Consultivo do Departamento de Estado (1979 – 1992)

Membro do Conselho Editorial da revista [Foreign Policy](#) (1979 – 2010)

Coordenador do 1980'S Project (1983) do [Council on Foreign Relations](#)

Diretor da Center For Science And International Affairs, da Harvard University (1985– 1990)

Reitor Associado (Associated Dean) de International Affairs da Harvard University (1989 – 1992)

Diretor do Center for International Affairs da Harvard University (1989 – 1993)

Presidente (Chair) da National Intelligence Council (1993 – 1994)

Secretário Adjunto de Defesa para Assuntos de Segurança Internacional (1994 – 1995)

Reitor da John F. Kennedy School of Government da Harvard University (1995– 2004)

Membro do Conselho Administrativo do [Council on Foreign Relations](#) (2004 – 2012)

Presidente (Chairman) da Filial Norte–Americana da Comissão Trilateral

Membro do Center For Strategic And International Studies

Membro da American Academy of Arts And Sciences

O'beirne, Kate Walsh (1949 – 2017)

Jornalista

Graduada pela Good Counsel College (S/D)

Graduada pela St. John's University School of Law (1976)

Vice–Secretário Adjunto de Legislação do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos (1986 – 1988)

Vice–Diretor de Estudos de Política Interna da The [Heritage Foundation](#) (1988)

Editora Colaboradora da [National Review](#) (198x)

Membro da Presidential Commission on Women in the Armed Forces (1992), Nomeada por [George H. W. Bush](#)

Editora da [National Review](#) (199x)

Presidente (President) do [National Review Institute](#)

Membro do [Claremont Institute](#)

O'Neill, Paul Henry (1935 – 2020)

Empresário / Político

Graduado pela California State University (195x)

Mestre pela Indiana University. (196x)

Analista de Sistemas no United States Department of Veterans Affairs (1961 – 1966)

Membro do United States Office of Management And Budget (1967)

Diretor do United States Office of Management And Budget (1974 – 1977)
Vice-Presidente da International Paper (1977 – 1985)
Presidente da International Paper (1985 – 1987)
Presidente (CEO) da Empresa Alcoa (1987 – 1999)
Membro do Conselho Administrativo da Rand Corporation (1988 – 1997)
Presidente do Conselho Administrativo da Rand Corporation (1997 – 2001)
Secretário do Tesouro dos Estados Unidos (2001 – 2002), nomeado por [George W. Bush](#)
Membro do Conselho Administrativo da Rand Corporation (2003)

Obama II, Barack Hussein (1961 –)

Político

Graduado pela Columbia University (1983)
Presidente da revista Harvard Law Review (1990)
Doutor pela Harvard Law School (1991)
Professor (Lecturer) na University of Chicago Law School (1991 – 2004)
Advogado na Miner, Barnhill And Galland (1993 – 2004)
Membro do Senado Estadual de Illinois (1997 – 2004)
Senador Dos Estados Unidos Pelo Estado de Illinois (2005 – 2008)
Membro da Comissão de Relações Exteriores do Senado (200x – 2006), Com [Richard Lugar](#) e [Joe Biden](#)
Membro da Comissão do Ambiente E Obras Públicas do Senado (200x – 2006)
Membro do Comitê Veterans' Affairs do Senado (200x – 2006)
Membro do Comitê de Saúde, Educação, Trabalho E Pensões do Senado (2007 – 2008)
Membro do Comitê Segurança Interna E Assuntos Governamentais do Senado (2007 – 2008)
Presidente Dos Estados Unidos (2009 – 2017), Tendo: [Susan Rice](#) como conselheira Sênior de Política Externa em campanha; [Thomas Donilon](#) como Chefe de Preparação de Debate; [Joe Biden](#) como Vice-Presidente e [Hillary Clinton](#) como Secretária de Estado

Ornstein, Norman J. (1948 –)

Acadêmico

Graduado pela University of Minnesota (1967)
Mestre pela University of Michigan (1968)
Professor (Instructor) na Eastern Michigan University (1971)
Professor Assistente na Johns Hopkins School of Advanced International Studies (1971 – 1972)
Doutor pela University of Michigan (1972)
Professor Assistente na Catholic University of America (1972 – 1976)
Professor Associado na Catholic University of America (1976 – 1984)
Pesquisador (Resident Scholar) do [American Enterprise Institute](#) (1977 – 1978)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1978 – 1979)
Membro da Carnegie Endowment For International Peace (1978 – 1979)
Analista Eleitoral da CBS News (1982 —)
Codiretor do Renewing Congress Project (1992 – 1996)
Diretor do Transition to Governing Project (2000 – 2003)
Membro da American Academy of Arts and Sciences (2004)
Membro da American Political Science Association

Membro da Academy of Political Science

Pachios, Harold (S/D)

Acadêmico / Político

Graduado pela Princeton University (1959)

Tenente da Marinha dos Estados Unidos (196x)

Graduado pela Georgetown University (196x)

Secretário Associado de Imprensa da Casa Branca (1965 – 1967)

Advogado-Assessor do Secretário Departamento de Transportes (1967)

Presidente (Chairman) do Conselho Administrativo da University of Maine School of Law

Membro da U.S. Advisory Commission on Public Diplomacy (1993), nomeado por [Bill Clinton](#)

Presidente (Chairman) da U.S. Advisory Commission on Public Diplomacy (1999), nomeado por [Bill Clinton](#)

Presidente (Chairman) da U.S. Advisory Commission on Public Diplomacy (2003), nomeado por [George W. Bush](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2003 –)

Membro do U.S. Government's Advisory Board On Public Diplomacy in the Arab and Muslim World (2003)

Packard, David (1912 – 1996)

Acadêmico

Membro da Phi Beta Kappa Society (193x)

Graduado pela Stanford University (1934)

Mestre pela Stanford University (1938)

Fundador da Hewlett-Packard (Hp) (1939)

Presidente (President) da Hp Incorporated (1947 – 1964)

Diretor Executivo da Hp Incorporated (194x – 1968)

Presidente (Chairman) do Conselho da Hp Incorporated (194x – 1968)

Presidente da David And Lucile Packard Foundation (1964 – 1996)

Vice-Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (1969 – 1971), Subordinado ao Secretário de Defesa [Melvin Laird](#)

Presidente (Chairman) do Conselho da Hp Incorporated (1972 – 1993)

Vice-Presidente Fundador da California Round Table (1972)

Membro da Comissão Trilateral (1973 – 1981)

Curador da Herbert Hoover Foundation (198x)

Membro do Conselho Administrativo do [American Enterprise Institute](#) (198x)

Membro do Conselho Administrativo da [Hoover Institution](#) (198x)

Vice-Presidente da California Nature Conservancy (1983)

Diretor da Wolf Trap Foundation (1983 – 1989)

Vencedor do Prêmio Vannevar Bush (1987), do National Science Board

Medalha Nacional de Tecnologia E Inovação (1988) Dada por [Ronald Reagan](#)

Membro da American Academy of Arts And Sciences (1988)

Membro da American Philosophical Society (1989)

Membro do Presidential Council of Advisors On Science And Technology (1990 – 1992)

Pence, Michael [Mike] Richard (1959 –)

Político

Graduado pela Hanover College (1981)

Doutor pela Robert H. McKinney School of Law, da Indiana University (1986)

Apresentador do Programa de Rádio Washington Update With Mike Pence (1988)

Presidente da Indiana Policy Review Foundation (1991)

Membro da State Policy Network (1991 –1993)

Apresentador do Talk Show The Mike Pence Show (1992)

Membro da Câmara Dos Representantes Dos Estados Unidos Pelo Estado da Indiana (2001 – 2013)

Presidente (Chairman) da Republican Study Committee (2005 – 2007)

Presidente (Chairman) da Republican Conference (2009)

Governador do Estado da Indiana (2013 – 2017)

Vice-Presidente Dos Estados Unidos (2017 – 2021), Sob a presidência de [Donald Trump](#)

Presidente (Chair) da National Space Council (2017)

Presidente (Chair) da White House Coronavirus Task Force (2020)

Membro (Distinguished Visiting Fellow) da [Heritage Foundation](#) (2021 –)

Membro da [Young America's Foundation](#)

Perkins, Anthony Richard (1963)

Político / Pastor / Teórico da Conspiração

Graduado pela Liberty University (S/D)

Mestre pela Louisiana State University (S/D)

Instrutor de Negociação de Reféns para o U.S. State Department's Anti-Terrorism Assistance Program (S/D)

Membro da Câmara Dos Representantes do Estado da Louisiana (1996 – 2004)

Fundador da Louisiana Family Forum (1998)

Presidente da [Family Research Council](#) (2003 –)

Apoiou Publicamente Ted Cruz na Campanha pelas Primárias Republicanas (2016)

Presidente (Chair) da United States Commission on International Religious Freedom (2019 – 2020)

Presidente (President) da [Council for National Policy](#)

Membro da [Christian Coalition](#)

Defensor da Teoria da Conspiração Birther

Perle, Richard Norman (1941–)

Político

Graduado pela University of Southern California (1964)

Mestre pela Princeton University (1967)

Membro do Gabinete do Senador Henry M. Jackson From (1969 – 1980), Com [Frank Gaffney](#)
Secretário Adjunto de Defesa para Assuntos Estratégicos Globais (1981 – 1987), Tendo
[Abraham Shulsky](#) no quadro de pessoal

Membro do Conselho de Política de Defesa do Pentágono (1987 – 2004)

Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)

Signatário da Carta do [Project for the New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#) (1998)

Presidente (Chairman) do Defense Policy Board Advisory Committee (2001 – 2003)
Conselheiro do Secretário de Defesa [Donald Rumsfeld](#) (2001 – 2006)
Coautor do Livro An End To Evil com [David Frum](#) (2003)

Perry, Mark Joseph (1966 –)

Acadêmico

Graduado pela George Mason University (S/D)

Mestre pela University of Minnesota (S/D)

Doutor pela George Mason University (S/D)

Professor na University of Michigan (1996 –)

Pesquisador (Senior Fellow) na [American Enterprise Institute](#) (2009 –)

Editor do Blog Carpe Diem.

Perry, William James (1927 –)

Político / Acadêmico

Membro do Exército dos Estados Unidos (1946 – 1947)

Graduado pela Stanford University (1949)

Mestre pela Stanford University (1950)

Doutor pela Pennsylvania State University (1957)

Diretor da Electronic Defense Laboratories da Sylvania/GTE (1954 – 1964)

Presidente (President) Electromagnetic Systems Laboratory Incorporated (1964 – 1977)

Consultor Técnico do Departamento de Defesa (1967)

Subsecretário de Defesa para Pesquisa e Engenharia (1977 – 1981)

Membro da President's Commission on Strategic Forces (1983), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Subsecretário de Defesa (1993 – 1994), nomeado por [Bill Clinton](#)

Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (1994 – 1997), nomeado por [Bill Clinton](#) tendo [John Deutch](#) como Vice-Secretário

Professor na Stanford University (199x)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2000 –)

Membro do Iraq Study Group (2006)

Pesquisador Sênior da [Hoover Institution](#)

Peterson, Peter George (1926 – 2018)

Acadêmico

Expulso do Massachusetts Institute of Technology por Plágio (194x)

Graduado pela Northwestern University (1947)

Mestre pela University of Chicago Graduate School of Business (1951)

Funcionário da Mccann Erickson (1953)

Vice-Presidente Executivo da Bell And Howell Corporation (1958)

Vencedor do Golden Plate Award da The American Academy of Achievement (1962)

Presidente (CEO) da Bell And Howell Corporation (1963 – 1971)

Presidente (Chair) da Commission On Foundations And Private Philanthropy (1969),

Convidado por John D. Rockefeller III

Assistente Presidencial para Assuntos Econômicos Internacionais de [Richard Nixon](#) (1971)

Secretário de Comércio dos Estados Unidos (1972–73)

Presidente (Chairman) do Lehman Brothers (1973 – 1977), Trabalhando com [Roger Altman](#)

Presidente (Chairman) do [Council on Foreign Relations](#) (1985 – 2007)
Membro do Bipartisan Commission On Entitlement And Tax Reform (1994), nomeado por [Bill Clinton](#)
Co-Presidente da Conference Board Commission on Public Trust and Private Enterprises (199x)
Presidente (Chairman) do Federal Reserve Bank of New York (2000 – 2004)
Membro do American Academy of Arts And Sciences (2006)
Fundador do Peter Peterson Foundation (2008)
Fundador do Site The Fiscal Times (2010)

Pethokoukis, James (S/D)

Jornalista
Graduado pela Northwestern University
Mestre pela Medill School of Journalism da Northwestern University
Editor da Us News & World Repor (1997 – 2009)
Colunista da Thomson Reuters (2009 – 2011)
Pesquisador do [American Enterprise Institute](#)

Pew, Howard (1882–1971)

Empresário
Graduado pela Shady Side Academy, Grove City College (S/D)
Graduado Pelo Massachusetts Institute of Technology (S/D)
Supervisor na Refinaria Marcus Hook da Sun Oil Company (S/D)
Vice-Presidente E Membro do Conselho de Administração da Sun Oil Company (1906 – 1912)
Presidente da Sun Oil Company (1912 – 1947)
Membro do Conselho de Administração da National Association of Manufacturers(S/D)
Serviu no National Petroleum War Service Committee (1915–1918)
Fundador do American Petroleum Institute (1919)
Cofundador do The Pew Charitable Trusts (1948)
Financiador do Seminário Teológico Gordon–Conwell Em Massachusetts (S/D)
Financiador da [Foundation For Economic Education](#)
Financiador da [American Liberty League](#)
Financiador da Campanha Presidencial de [Barry Goldwater](#) (1964)
Administrador da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana (S/D)

Podhoretz, Norman (1930 –)

Jornalista
Graduado pela Columbia University (1950)
Graduado pela Jewish Theological Seminary (1950)
Graduado pela Cambridge University (1952)
Editor Assistente da Commentary Magazine (1955)
Editor Associado da Commentary Magazine (1956 – 1958)
Mestre pela Cambridge University (1957)
Membro University Seminar of American Civilization, da Columbia University (1958)
Editor-Chefe da Looking Glass Library (1958 – 1960)

Editor-Chefe da Commentary Magazine (1960 – 1995)
Presidente (Chairman) do Directions Advisory Committee da U.S. Information Agency (1981 – 1987)
Pesquisador Sênior (Senior Fellow) da [Hudson Institute](#) (1995 –)
Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
Recebeu a Presidential Medal of Freedom (2004), Dada por [George W. Bush](#)
Marido de [Midge Decter](#)
Sogro de [Elliott Abrams](#)

Pollack, Kenneth Michael (1966–)

Acadêmico
Graduado pela Yale University (1988)
Analista de Política do Oriente Médio para a Central Intelligence Agency (1988 – 1995)
Diretor para Assuntos do Oriente Próximo E Sul da Ásia, do Conselho de Segurança Nacional (1995 – 1996)
Doutor pela Massachusetts Institute of Technology (1996)
Diretor para Assuntos do Golfo Pérsico, do Conselho de Segurança Nacional (1999 – 2001)
Diretor de Estudos de Segurança do [Council on Foreign Relations](#) (2001 – 2002)
Professor Pesquisador da National Defense University (1998 – 2000)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2001 – 2002)
Diretor do National Security Studies, do [Council on Foreign Relations](#) (2001 – 2002)
Membro (Senior Fellow) da Brookings Institution (2002 – 2015)
Diretor de Pesquisa da Saban Center For Middle East Policy, da Brookings Institution (2002 – 2009)
Professor na Georgetown University (2004 –)
Conselheiro Sênior do Albright Stonebridge Group (2006 –)
Diretor da Saban Center For Middle East Policy, da Brookings Institution (2009 – 2012)
Editor Colaborador da [National Interest](#) (2010 –)
Consultor para O Gerson Lehrman Group (2010 –)
Membro (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#)

Ponnuru, Ramesh (1974)

Jornalista / Comentarista Político
Graduado pela Princeton University (1995)
Editor Sênior do [National Review](#) (1999 – 2021)
Colaborador CBS News (2017 – 2020)
Colaborador CNN (2021 – 2022)
Colunista da Bloomberg Opinion (2011 – 2023)
Pesquisador (Visiting Fellow) no [American Enterprise Institute](#) (2012 – 2021)
Membro (Nonresident Senior Fellow) no [American Enterprise Institute](#) (2021 –)
Editor do [National Review](#) (2022 –)
Colunista do Washington Post (2023 –)

Potemra, Michael (1964 – 2018)

Jornalista
Graduado pela Catholic University of America (S/D)

Assistente de Pesquisa no Escritório de Redação de Discursos da Casa Branca de [Ronald Reagan](#) (198x)

Membro do Citizens For America (198x), de [Ronald Reagan](#)

Redator de Discursos do Senador Bob Kasten (198x)

Redator de Discursos do David Durenberger (198x)

Redator de Discursos do Mike Dewine (199x)

Redator da [National Review](#) (1999)

Editor Literário da [National Review](#) (2001 – 2018)

Powell, Colin Luther (1937 – 2021)

Político / Militar

Graduado pela City College of New York (1958)

Membro da Reserve Officers' Training Corps (195x)

Segundo-Tenente do Exército dos Estados Unidos (1958 –)

Conselheiro Militar do South Vietnamese Army (1962 – 1963)

Oficial de Operações da Divisão, South Vietnamese Army (1968 – 1969)

Mestre pela George Washington University (1971)

Assistente do Diretor Adjunto do Office of Management and Budget (1972 – 1973)

Comandante de Batalhão na Coreia do Sul (1973)

Comandante da Segunda Brigada da 101ª Divisão Aerotransportada (1976 – 1977)

Assistente Executivo do Secretário de Energia (1979)

Assistente Militar Sênior do Vice-Secretário de Defesa [Caspar Weinberger](#) (1979 – 1981)

Comandante Assistente da Quarta Divisão de Infantaria (1981 – 1983)

Vice-Comandante do Fort Leavenworth (1983)

Assistente Militar do Secretário de Defesa [Caspar Weinberger](#) (1983 – 1986)

Comandante Geral do Fifth Corps (1986 – 1987)

Vice-Conselheiro de Segurança Nacional (1986 – 1987), Subordinado a [Frank Carlucci](#)

Assistente do Presidente para Assuntos de Segurança Nacional, (1987 – 1989), sob comando de [Ronald Reagan](#)

Promovido ao Posto de General (1989)

Presidente (Chairman) do Joint Chiefs of Staff (1989 – 1993)

Membro da American Philosophical Society (1998)

Secretário de Estado, (2001 – 2005) Sob presidência de [George W. Bush](#); tendo [Richard Haass](#) como Conselheiro; e [Kim Holmes](#) como subordinado

Membro do Conselho Administrativo da Empresa Revolution Health (2007)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Membro do Conselho Administrativo do [Council on Foreign Relations](#) (2006 – 2016)

Presidente (Chairman) da Mesa de Conselheiros da Eisenhower Fellowships (2006)

Membro da American Academy of Arts And Sciences (2009)

Nomeado para o Conselho Nacional de Conselheiros da High Point University (2016)

Quayle, James Danforth (1947 –)

Político

Graduado pela Depauw University (1969)

Sargento na Indiana National Guard (1969 – 1975)

Pesquisador da Consumer Protection Division do Gabinete do Procurador-Geral de Indiana

(1971)

Diretor da Inheritance Tax Division, do Departamento de Receita de Indiana (1973 – 1974)

Doutor pela Indiana University Robert H. McKinney School of Law (1974)

Membro da Câmara dos Representantes pelo Estado de Indiana (1977 – 1981)

Vice-Presidente dos Estados Unidos (1989 – 1993), Tendo [Spencer Abraham](#) como Chefe de Gabinete

Membro do Conselho Administrativo da [Hudson Institute](#) (1993)

Professor Visitante (Distinguished Visiting) na Thunderbird School of Global Management (1997 – 1998)

Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)

Read, Leonard (1898–1983)

Empresário

Gerente da Filial de Los Angeles da Câmara de Comércio dos Estados Unidos (1939)

Membro do Conselho da Primeira Igreja Congregacional de Los Angeles (194x)

Vice-Presidente do National Industrial Conference Board (Nicc) (1945)

Cofundador da [Foundation For Economic Education](#) (1946)

Membro do Conselho de Administração de [The Freeman](#) (1950)

Escrevia para a [National Review](#)

Doutor Honoris Causa pela Universidad Francisco Marroquín (1976)

Reagan, Ronald Wilson (1911 – 2004)

Político / Ator

Graduado pela Eureka College (1932)

Locutor esportivo de rádio em Iowa (1932 – 1937)

Ator (1937 – 1965)

Capitão do Exército dos Estados Unidos (1942 – 1945)

Apoiou publicamente a campanha presidencial de Dwight D. Eisenhower (1950)

Presidente do Screen Actors Guild (1947 – 1960)

Apoiou publicamente a campanha presidencial de Richard Nixon (1960)

Apresentador do programa de televisão da MCA General Electric Theatre (196x)

Apoiou publicamente a campanha presidencial de Barry Goldwater (1964)

Apresentador do programa de televisão da MCA, Death Valley Days (1965)

Governador da Califórnia (1967 – 1975), tendo Chuck Hagel como Organizador de Campanha; Laurence Silberman como Co-Presidente dos Conselheiros de Política Externa; e Edwin Meese III como Assistente Executivo e Chefe de Gabinete

Presidente dos Estados Unidos da América (1981 – 1989), tendo: William Casey como Gerente de Campanha; George H. W. Bush como Vice-Presidente; Elliott Abrams como Secretário de Estado Adjunto para Assuntos de Organizações Internacionais; Aram Bakshian Jr como Assistente especial do Presidente para Artes, Humanidades, Educação/Academia e Assuntos Internacionais e Diretor do Escritório de Redação de Discursos da Casa Branca; Michael Potemra Assistente de Pesquisa no Escritório de Redação de Discursos; William Perry como Membro da President's Commission on Strategic Forces; Paul Roberts como Secretário Adjunto do Tesouro para Política Econômica; Bill Bennett como Secretário de Educação; Mitchell Daniels Jr. como Conselheiro Político; Robert Gates como Vice Diretor da Central Intelligence Agency; Allan Meltzer como Membro do President's Council of

Economic Advisors; Colin Powell como Assistente do Presidente para Assuntos de Segurança Nacional; e Peter Rodman como Conselheiro de Segurança Nacional
Tinha forte relacionamento com a Heritage Foundation

Reed Jr., Ralph Eugene (1961 –)

Lobista

Editor do Jornal The Red & Black (198x – 1983), Demitido por Plágio

Estagiário no College Republican National Committee (1981)

Fundador da Students For America (198x)

Graduado pela University of Georgia (1985)

Diretor Executivo da [Christian Coalition](#) (198x – 1997), contratado por [Pat Robertson](#)

Doutor pela Emory University (1991)

Cofundou Century Strategies (1997)

Presidente (Chair) da Georgia Republican Party (2001 – 2003)

Fundador da Faith And Freedom Coalition (2009)

Presidente (Chairman) da Faith And Freedom Coalition (2009 –)

Rice, Condoleezza (1954 –)

Política / Acadêmica

Graduada pela University of Denver (1974)

Mestre pela University of Notre Dame (1975)

Estagiária no Departamento de Estado Dos Estados Unidos (1977)

Estagiária na Rand Corporation (1980)

Doutora University of Denver (1981)

Professora Assistente na Stanford University (1981 – 1989)

Pesquisadora (Fellow) do [Hoover Institution](#) (1985 – 1986)

Professora Associada na Stanford University (1991– 1993)

Reitora (Provost) na Stanford University (1993 – 1999)

Diretora do Soviet and East European Affairs (1989 – 1991) do Conselho de Segurança Nacional

Consultora de Segurança Nacional para a Campanha Presidencial de [George W. Bush](#) (2000)

Membro do Vulcans, Grupo de Mentores Políticos de [George W. Bush](#), junto de [George Shultz](#), [Dick Cheney](#), [Paul Wolfowitz](#) e [Robert Zoellick](#) (2000)

Conselheira de Segurança Nacional, do Conselho de Segurança Nacional (2001 – 2005)

Nomeada por [George W. Bush](#)

Secretário de Estado (2005 – 2009), Nomeada por [George W. Bush](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Diretora da [Hoover Institution](#) (2020)

Rice, Susan Elizabeth (1964 –)

Política / Acadêmica

Graduada pela Stanford University (1986)

Mestre pela Oxford University (1988)

Doutora pela Oxford University (1990)

Diretora de Organizações Internacionais e Manutenção da Paz do Conselho de Segurança Nacional (1993 – 1995)

Assistente Especial do Presidente [Bill Clinton](#) (1995 – 1997)
Diretora Sênior para Assuntos Africanos da Casa Branca (1995 – 1997)
Secretário de Estado Adjunto para os Assuntos Africanos (1997 – 2001), Nomeada por [Bill Clinton](#), com indicação de [Madeleine Albright](#)
Diretora Administrativa da Intellibridge (2001 – 2002)
Pesquisadora (Senior Fellow) da Brookings Institution (2002 – 2009)
Conselheira Sênior de Política Externa de [Barack Obama](#) em sua campanha presidencial (2007 – 2008)
Membro do Conselho Consultivo da Equipe de Transição de [Barack Obama](#) (2008)
Embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas (2009 – 2013) nomeado por [Barack Obama](#)
Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos (2013 – 2017), nomeado por [Barack Obama](#)
Diretora Administrativa da Netflix (2018)
Diretora do Domestic Policy Council (2021 – 2023), Nomeada por [Joe Biden](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Richardson II, William [Bill] Blaine (1947 – 2023)

Político / Acadêmico
Graduado pela Tufts University (1970)
Mestre pela Tufts University (1971)
Membro da Equipe da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos (1971 – 1973)
Membro da Câmara dos Representantes pelo Novo México (1983 – 1997)
Membro da Equipe do Escritório de Relações com o Congresso, do Departamento de Estado (1973 – 1976)
Membro do Comissão de Relações Exteriores do Senado (1976 – 1978)
Executivo do Comitê Democrático do Novo México (1978 – 1982)
Embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas (1997 – 1999), nomeado por [Bill Clinton](#)
Secretário no Departamento de Energia dos Estados Unidos (1999 – 2000), nomeado por [Bill Clinton](#)
Professor (Instructor) na Harvard University (2001 – 2002)
Professor (Instructor) na United World College (2001– 2002)
Governador do Estado do Novo México (2003 – 2011)
Membro do Conselho do Apco Worldwide (2011)
Membro do Conselho Administrativo da Grow Energy And Refugees International (2012)
Presidente (Chairman) do Conselho de Diretores da Car Charging Group (2012)
Membro do Conselho de Consultivo da Fuel Freedom Foundation (2013)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Robb, Charles Spittal (1939 –)

Político
Graduado pela University of Wisconsin–Madison (1961)
Doutor pela University of Virginia Law School (1973)
Comandante da Companhia I do 3º Batalhão, 7º Fuzileiros Navais (197x)
Vice–Governador do Estado da Virgínia (1978–1982)
Governador do Estado da Virgínia (1982 – 1986)

Senador pelo Estado da Virgínia (1989 – 2001)
Professor na George Mason University (2001 –)
Co-Presidente da Iraq Intelligence Commission (2004)
Membro do U.S. President's Intelligence Advisory Board (2006), de [George W. Bush](#)
Serviu no Iraq Study Group (2006)
Membro da Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004), Instaurado por [George W. Bush](#)
Co-Líder do National Security Project, no Bipartisan Policy Center (200x)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Genro do Presidente Lyndon B. Johnson

Roberts, Paul Craig (1939 –)

Acadêmico / Teórico da Conspiração
Graduado pela Georgia Institute of Technology (195x)
Doutor pela University of Virginia (196x)
Pesquisador na University of Oxford (196x)
Professor na University of New Mexico (S/D)
Professor na Stanford University (S/D)
Professor na Tulane University (S/D)
Professor na George Mason University (S/D)
Professor Visitante na Georgetown University (197x)
Conselheiro de Economia do congressista Jack Kemp (1975 – 1978)
Colunista da Harper's Magazine (S/D)
Colunista do New York Times (S/D)
Editor Associado da página de opinião do Wall Street Journal (S/D)
Secretário Adjunto do Tesouro para Política Econômica (1981), nomeado por [Ronald Reagan](#)
Pesquisador Sênior da [Hoover Institution](#) (S/D)
Pesquisador do Center For Strategic And International Studies (1983 – 1993)
Pesquisador (Distinguished Fellow) do Cato Institute (1993 – 1996)
Contribuiu para a [9/11truthorg](#) (2004 –)
Contribuiu para o [Infowars](#) (20xx –)
Parte do Coletivo Editorial da [VDARE](#) (2008)
Defensor da Teoria da Conspiração 9/11truth

Robertson, Marion Gordon [Pat] (1930 – 2023)

Pastor
Graduado pela Washington And Lee University (194x)
Primeiro Tenente do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos (1952)
Graduado pela Yale Law School (1955)
Mestre pela The Biblical Seminary in New York (1959)
Fundador da [Christian Broadcasting Network](#) (1960)
Co-Apresentador do Programa [The 700 Club](#) (1966 – 2021)
Fundador da Regent University (1977)
Participou da Fundação da [Christian Voice](#) (1978)
Membro da Victims of Crime Task Force (1982) nomeado por [Ronald Reagan](#)
Membro do [Council for National Policy](#) (198x – 1998)

Membro do Conselho Administrativo do [Council for National Policy](#) (1982)
Presidente do Comitê Executivo do [Council for National Policy](#) (1985 – 1986)
Fundador da [Christian Coalition of America](#) (1987)
Fundador da American Center For Law & Justice (1990)

Rockefeller, David (1915 — 2017)

Economista / Banqueiro de Investimentos
Editor da The Harvard Crimson (193x)
Estudou por um ano em Harvard e depois por um ano na London School of Economics, com [Friedrich Von Hayek](#) (193x)
Graduado Em Harvard University (1936)
Doutor pela University of Chicago (1940)
Diretor Regional Assistente do United States Office of Defense, Health And Welfare Services (1941 – 1942)
Alistado no Exército dos Estados Unidos (1943)
Promovido a Capitão do Exército dos Estados Unidos (1945)
Serviu como Adido Militar Assistente na Embaixada Americana em Paris (1945)
Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (1945 – 1985)
Ingressou na Equipe do Chase National Bank (1946)
Gerente Assistente no Departamento de Relações Exteriores do JP Morgan Chase (194x – 1960)
Vice-Presidente do [Council on Foreign Relations](#) (1950 – 1970)
Presidente (Chairman) do JP Morgan Chase (1960)
Fundador do International Executive Service Corps (1964)
Presidente E Executivo–Chefe do Chase Manhattan (1969 – 1980)
Presidente do [Council on Foreign Relations](#) (1970 – 1985)
Presidente (Chairman) Honorário do [Council on Foreign Relations](#) (1985 – 2017)
Irmão de Nelson [Rockefeller](#)

Rockefeller, Nelson (1908 – 1979)

Político / Empresário
Graduado pela Dartmouth College (1930)
Trabalhou no Chase National Bank (1931)
Membro do Conselho Administrativo da Rockefeller Center, Inc (1931)
Membro da Westchester County Board of Health (1933 – 1953)
Presidente (President) da Rockefeller Center, Inc (1938 – 1945) E (1948 – 1951)
Secretário de Estado Adjunto para Assuntos da República Americana (1944 – 1945)
Presidente (Chairman) da Rockefeller Center, Inc (1945–1953) E (1956–1958)
Subsecretário de Saúde, Educação E Previdência (1953 – 1954)
Governador de Nova York (1959 – 1973)
Vice-Presidente Dos Estados Unidos (1974 – 1977), Tendo [Peter Wallison](#) como Assistente
Irmão de [David Rockefeller](#)

Rodman, Peter Warren (1943 – 2008)

Político / Acadêmico
Graduado pela Harvard College (19xx)

Mestre pela Worcester College, da Oxford University (19xx)
Doutor pela Harvard Law School (19xx)
Membro da Equipe do Conselho de Segurança Nacional (1969 – 1977), servindo de Assistente de [Henry Kissinger](#)
Membro do Center For Strategic And International Studies (1977 – 1983)
Diretor de Planejamento de Políticas (1984 – 1986)
Conselheiro de Segurança Nacional (1986 – 1987) do Presidente [Ronald Reagan](#)
Assistente Especial do Presidente para Assuntos de Segurança Nacional (1987 – 1990)
Conselheiro do Conselho de Segurança Nacional (1987 – 1990)
Signatário da Carta do [Project For The New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#) (1998)
Editor Sênior da revista [National Review](#) (1991 – 1999)
Secretário Adjunto de Defesa para Assuntos de Segurança Internacional (2001 – 2007)
Pesquisador (Senior Fellow) na Brookings Institution (2007)

Root, Elihu (1845 – 1937)

Político
Graduado pela New York University School of Law (1867)
Secretário de Estado (1905 – 1909)
Senador do Estado de Nova York (1909 – 1915)
Presidente da Carnegie Endowment For International Peace (1910 – 1925)
Vencedor do Prêmio Nobel da Paz (1912)
Fundador do [Council on Foreign Relations](#) (1918)

Rosen, Stephen Peter (S/D)

Acadêmico
Graduado pela Harvard University (1974)
Doutor pela Harvard University (S/D)
Pós-Doutor na Harvard University (S/D)
Pesquisador na [Hudson Institute](#) (1973 – 1974)
Membro do Office of Net Assessment, no Gabinete do Secretário de Defesa (1981 – 1984)
Diretor de Assuntos Político-Militar do Quadro de Pessoal do Conselho de Segurança Nacional (1984 – 1985)
Professor na Naval War College (1986 – 1990)
Diretor Associado da John M. [Olin](#) Institute For Strategic Studies, em Harvard (1990 – 1996)
Vencedor do Edgar S. Furniss Book Award (1992)
Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
Membro da Equipe de Assessoria de Política Externa do candidato presidencial do Partido Republicano [Rudy Giuliani](#) (2007)
Trabalhou com [Samuel Huntington](#) na construção da [Olin](#) Institute For Strategic Studies, em Harvard

Ross, Dennis (1948 –)

Político / Acadêmico
Doutor pela University of California (1970)
Membro da Equipe do [Paul Wolfowitz](#) no Pentágono (197x)

Vice-Diretor do Office of Net Assessment (1982 – 1984)
 Diretor Executivo da Berkeley–Stanford Program on Soviet International Behavior (1984 – 1986)
 Diretor da Near East and South Asian Affairs, do Conselho de Segurança Nacional (1986 – 1988)
 Diretor de Planejamento Político do Departamento de Estado dos Estados Unidos (1988 – 1992)
 Enviado Dos Estados Unidos Ao Oriente Médio (1993), nomeado por [Bill Clinton](#)
 Pesquisador (Distinguished Fellow) do Washington Institute For Near East Policy (199x)
 Professor na Marquette University (199x – 200x)
 Professor Brandeis University (199x – 200x)
 Professor Harvard University (199x – 200x)
 Professor Georgetown University (199x – 200x)
 Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)
 Conselheiro Especial para o Golfo Pérsico e Sudoeste Asiático da Secretária de Estado [Hillary Clinton](#) (2009)
 Pesquisador (Distinguished Fellow) do Washington Institute (2011)
 Cofundador do Against Nuclear Iran (2008), Com [Richard Holbrooke](#)
 Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Rowen, Henry Stanislaus (1925 – 2015)

Acadêmico
 Graduado Pelo Massachusetts Institute of Technology (1949)
 Mestre pela Oxford University (1955)
 Pesquisador da Rand Corporation (1950 – 1953)
 Pesquisador da Rand Corporation (1955 – 1960)
 Diretor Assistente no U.S. Bureau of The Budget (1965 – 1962)
 Presidente (President) da Rand Corporation (1967 – 1972)
 Presidente (Chairman) do National Intelligence Council (1981 – 1983)
 Pesquisador (Senior Fellow) da [Hoover Institution](#) (1983)
 Assistant Secretary of Defense For International Security Affairs, do U.S. Department of Defense (1989 – 1991), Subordinado a [Dick Cheney](#)
 Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)
 Membro do Secretary of Defense Policy Advisory Board (2001 – 2004)
 Membro da Commission On Intelligence Capabilities of The United States Regarding Weapons of Mass Destruction (2004 – 2005), Instaurado por [George W. Bush](#)

Rubin, Michael (1971 –)

Acadêmico
 Graduado pela Yale University (1994)
 Mestre pela Yale University (1996)
 Doutor pela Yale University (1999)
 Professor (Lecturer) na Yale University (1999 – 2000)
 Professor Visitante (Visiting Lecturer) na Universities of Sulaymani (2000 – 2001)
 Pesquisador (Fellow) da Carnegie Council on Ethics And International Affair (2000 – 2001)
 Pesquisador (International Affairs Fellow) do [Council on Foreign Relations](#) (2002 – 2003)

Pesquisador (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (2004 –)
Professor (Senior Lecturer) na Naval Postgraduate School (2007 – 2021)
Professor (Lecturer) na Johns Hopkins University (2010)

Rumsfeld, Donald Henry (1932 – 2021)

Político

Graduado pela Princeton University (1954), Com bolsa parcial da Naval Reserve Officers Training Corps

Graduação Incompleta pela Case Western Reserve University School of Law (195x)

Graduação Incompleta pela Georgetown University Law Center (195x)

Aviador Naval Marinha dos Estados Unidos (1954 – 1957)

Assistente Administrativo do Senador David S. Dennison Jr. (1957)

Assistente de Pessoal do Congressista Robert Griffin (1959)

Membro da Câmara dos Representantes Dos Estados Unidos, pelo Estado de Illinois (1963 – 1969)

Diretor da United States Office of Economic Opportunity (1969 – 1970), nomeado por [Richard Nixon](#)

Conselheiro do Presidente (1970 – 1971), do Presidente [Richard Nixon](#)

Embaixador Dos Estados Unidos na Organização do Tratado do Atlântico Norte (1973 – 1974)

Chefe de Gabinete da Casa Branca (1974 – 1975), nomeado por Gerald Ford

Secretário de Defesa dos Estados Unidos (1975 – 1977)

Professor (Lecture) na Woodrow Wilson School da Princeton University (1977)

Presidente (President) da G. D. Searle & Company (1977 – 1985)

Membro do Conselho Administrativo da Gerald R. Ford Foundation (1982 – 2020)

Membro do President's General Advisory Committee On Arms Control (1982–1986)

Enviado Especial para O Law of The Sea Treaty (1982–1983) nomeado por [Ronald Reagan](#)

Enviado Especial ao Médio Oriente (1983) nomeado por [Ronald Reagan](#)

Conselheiro Sênior President Panel On Strategic Systems (1983–1984)

Membro do National Economic Commission (1988–1989)

Presidente (CEO) da General Instrument (1990 – 1993)

Membro do High Definition Television Advisory Committee (1992–1993), da Federal Communications Commission

Presidente (Chairman) da Gilead Sciences, Inc. (1997 – 2001)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2000)

Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)

Secretário de Defesa Dos Estados Unidos (2001– 2006), Tendo [Paul Wolfowitz](#) como Vice-Secretário

Vencedor do Prêmio James H. Doolittle Award (2003), Dado pelo [Hudson Institute](#)

Membro (Distinguished Visiting Fellow) do [Hoover Institution](#) (2007)

Fundador da Rumsfeld Foundation (2007)

Vencedor do Prêmio Defender of The Constitution Award (2011), Dado pelo [Conservative Political Action Conference](#)

Amigo de [Frank Carlucci](#), em Princeton

Rusher, William Allen (1923 – 2011)

Advogado

Graduado pela Princeton University (1943)

Fundou o Harvard [Young Republicans](#) (194x)

Graduado Harvard Law School (1948)

Advogado na Shearman, Sterling & Wright (194x – 1956)

Editor da [National Review](#) (1957 – 1988), contratado por [William Buckley Jr](#)

Co-Fundador do Partido Conservador do Estado de Nova York (1961)

Co-Fundador da [American Conservative Union](#) (1964)

Membro do Draft Goldwater Committee (1961 – 1964)

Co-Presidentes da Associação de Assuntos Americano-Africanos (1966)

Principal representante conservador em um programa de debate da televisão PBS, The Advocates (197x)

Comentarista do Programa Good Morning America da Abc-Tv (197x)

Membro Ilustre (Distinguished Fellow) do [Claremont Institute](#) (1989 – 2011)

Membro do Conselho da California Political Review (199x)

Sandel, Michael J. (1953 –)

Acadêmico

Graduado pela Brandeis University (1975)

Doutor pela Oxford University (1981)

Professor (Instructor) Harvard University (1980 – 1999)

Professor Visitante (Visiting Lecturer) na Oxford University (1998)

Professor Harvard University (1999 –)

Professor Visitante na Sorbonne University (2001)

Membro do President's Council On Bioethics (2002 – 2005), Instaurado por [George W. Bush](#) e presidido por [Leon Kass](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Schmitz, John George (1930 – 2001)

Político

Graduado pela Marquette University (1952)

Piloto de Caça a Jato e Helicóptero do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados (1952 – 1960)

Mestre pela California State University (1960)

Tenente-Coronel da Reserva do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (1960 – 1983)

Professor (Instructor) no Santa Ana College (196x)

Membro da [John Birch Society](#) (196x)

Membro do Senado do Estado da Califórnia (1965 – 1970)

Membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos pelo Estado da Califórnia (1970 – 1973)

Schneider, William [Bill] (S/D)

Acadêmico

Graduado pela Brandeis University (S/D)

Doutor pela Harvard University (S/D)

Membro do [American Enterprise Institute](#) (1988 – 1991)
Analista Político da CNN (1990 – 2009)
Professor Visitante na Boston College (1990 – 1995)
Pesquisador (Resident Scholar) do [American Enterprise Institute](#) (1997 – 1998)
Professor Visitante Califórnia University (S/D)
Professor Visitante na Brandeis University (2002)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Professor na George Mason University (2009 – 2021)

Scissors, Derek (S/D)

Acadêmico

Graduado pela Stanford University (S/D)

Mestre pela University of Chicago (S/D)

Doutor pela University of Michigan (S/D)

Oficial de Ação em Economia Internacional e Energia no Departamento de Defesa dos Estados Unidos (1989 – 1990)

Professor (Lecturer) na Lingnan University (1994 – 1997)

Pesquisador (China Economist) na Intelligence Research Ltd (1998 – 2008)

Pesquisador (Senior Research Fellow) na [Heritage Foundation](#) (2008 – 2013)

Professor Adjunto na George Washington University (2001 – 2015)

Economista Chefe da China Beige Book (2013 –)

Membro da Comissão de Revisão Econômica e de Segurança Estados Unidos–China (2021 – 2022)

Membro (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#)

Scott, Peter Dale (1929 –)

Político / Teórico da Conspiração

Graduado pela McGill University (1949)

Doutor pela McGill University (1955)

Membro da Canadian Social Sciences Research Council (1956 – 1957)

Professor (Lecturer) na McGill University (1957–1961)

Embaixador do Canadá na Polónia (1959 – 1961)

Professor (Lecturer) na University of California (1961)

Professor Assistente na University of Californiar (1962 – 1968)

Professor Associado na University of Californiar (1968 – 1980)

Professor University of Californiar (1980 – 1994)

Contribuiu para o [9/11truthorg](#) (2004 –)

Defensor da Teoria da Conspiração do Estado Profundo

Defensor da Teoria da Conspiração do 9/11truth

Seaborg, Glenn Theodore (1912 – 1999)

Acadêmico

Assistente de Laboratório na Firestone Tire And Rubber Company (193x)

Graduado pela University of California (1933)

Doutor pela University of California (1937)

Professor (Instructor) na University of California (1939 – 1941)

Professor Assistente na University of California (1941 – 1945)
 Professor (Full Professor) na University of California (1945)
 Membro da United States National Academy of Sciences (1948)
 Prêmio Nobel de Química (1951)
 Membro da American Philosophical Society (1952)
 Membro do President's Science Advisory Committee (1953 – 1961)
 Membro da American Academy of Arts And Sciences (1958)
 Chanceler da University of California (1958 – 1961)
 Presidente (Chairman) da Atomic Energy Commission (1961 – 1971)
 Membro da Royal Swedish Academy of Sciences (1972)
 Fundador da World Cultural Council (1981)
 Membro da Nation At Risk (1983), Encomendado por [Ronald Reagan](#), junto de [Bartlett Giamatti](#), [Gerald Holton](#), [William Baker](#) e [David Gardner](#)

Seitz, Frederick (1911 – 2008)

Acadêmico / Lobbista
 Graduado pela Stanford University (1932)
 Doutor pela Princeton University (1934)
 Professor na University of Rochester (1935 – 1937)
 Pesquisador na General Electric Laboratories (1937 – 1939)
 Pesquisador na University of Pennsylvania (1939–1942)
 Pesquisador na Carnegie Institute of Technology (1942 – 1949)
 Diretor do Programa de Treinamento em Energia Atômica da Oak Ridge National Laboratory (1946 – 1947)
 Membro da American Philosophical Society (1946)
 Professor na University of Illinois (1949)
 Presidente (Chairman) do departamento de física da University of Illinois (1957)
 Membro da American Academy of Arts And Sciences (1962)
 Reitor (Dean) da Faculdade de Física da University of Illinois (1964)
 Presidente da United States National Academy of Sciences (1962 – 1969)
 Presidente da Rockefeller University (1968 – 1978)
 Diretor da Texas Instruments (1971–1982)
 Recebeu a National Medal of Science (1973)
 Diretor da Akzona Corporation (1973–1982)
 Presidente (Chair) da John Simon Guggenheim Memorial Foundation (1976–1983)
 Consultor para a R.J. Reynolds Tobacco Company (1979 – 1988)
 Membro fundador do World Cultural Council (1981)
 Fundador da [George C Marshall Institute](#) (1984), Com [William Nierenberg](#) e [Robert Jastrow](#)
 Presidente (Chairman) da [George C. Marshall Institute](#) (1984 – 2001)
 Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Seitz, Russell (1947 –)

Acadêmico
 Graduado pela Harvard University (1974)
 Pesquisador da Divisão de Geofísica do C.S.Draper Laboratory do Massachusetts Institute of Technology (1975 – 1977)

Diretor de campo do Mesoamerican Jade Project do Harvard Peabody Museum (1975 – 1979)
Consultor para Dependência Tecnológica dos Estados Unidos do Institute for Foreign Policy Analysis (1980 – 1984)
Pesquisador Visitante (Visiting Scholar) na Harvard University (1985 – 1987)
Pesquisador Associado (Associate Scholar) na Harvard University (1987 – 1989)
Pesquisador Afiliado ao John M. [Olin](#) Institute for Strategic Studies, da Harvard University (1991 – 1999)
Pesquisador Visitante (Visiting Scholar) no American Museum of Natural History (2001)
Pesquisador da Nasa Deep Impact Experiment (2005 – 2008)
Membro (Fellow) do Departamento de Física da Harvard University (2009)

Sewall, Sarah (1961 –)

Política / Acadêmica

Graduada pela Harvard University (S/D)

Doutora pela Oxford University (S/D)

Analista Militar do House Democratic Study Group (198x)

Conselheira de Política Externa do Senador George J. Miitchell (1987 – 1993)

Membro do Senate Arms Control Observer Group (198x)

Vice-Secretário Adjunto de Defesa para a Política de Manutenção da Paz e Aplicação da Paz (1993)

Professor na Harvard University (200x – 201x)

Subsecretário de Estado para Segurança Civil, Democracia e Direitos Humanos (2014 – 2017), Nomeada por [Barack Obama](#)

Vice-Presidente Executivo de Políticas da In-Q-Tel

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Sharp, Walter Rice (1896 – 1977)

Acadêmico

Graduado pela Wabash College (1917)

Graduado pela Yale University (1920)

Doutor pela London School of Economics (1922)

Professor Assistente na Washington And Lee University (1922 – 1923)

Professor (Instructor) na University of Wisconsin (1923 – 1924)

Professor Assistente na University of Wisconsin (1924 – 1927)

Professor Associado na University of Wisconsin (1927 – 1932)

Professor na University of Wisconsin (1932 – 1939)

Professor (Visiting Lecturer) na Harvard University (1934 – 1935)

Membro do War And Peace Studies, do [Council on Foreign Relations](#) (1939 – 1945)

Professor na City College of New York (194x)

Professor na Yale University (194x – 1964)

Chefe da Organization Planning para a Food And Agriculture Organization (1943 – 1945)

Assistente Administrativo Sênior da World Health Organization (1946 – 1948)

Chefe da Divisão de Cooperação Internacional da Unesco (1948 – 1950)

Sherman, Wendy Ruth (1949 –)

Política

Graduada pela Boston University (1971)
Mestre pela University of Maryland (1976)
Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Legislativos (1993 – 1996)
Presidente (President) da Fannie Mae Foundation (1996 – 1997)
Conselheira do Departamento de Estado dos Estados Unidos (1997 – 2001)
Membro da Commission On The Prevention of Weapons of Mass Destruction, Proliferation And Terrorism (2008), Indicada pelo Congresso
Conselheira de [Hillary Clinton](#) na Corrida Eleitoral (2008)
Líder de Revisão de Agência para o Departamento de Estado, da Equipe de Transição Presidencial de [BarackObama](#) (2008), Trabalhando com [Thomas Donilon](#)
Vice-Presidente (Vice Chair) do Albright Stonebridge Group (2009)
Subsecretária de Estado para Assuntos Políticos (2011 – 2015) Sob comando de [Hillary Clinton](#) e [John Kerry](#)
Vice-Secretário de Estado Dos Estados Unidos (2021 – 2023), Nomeada por [Joe Biden](#)
Presidente do Conselho de Diretores da Oxfam America.
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Shulsky, Abram (1942 –)

Político
Graduado pela Cornell University (S/D)
Doutor pela University of Chicago (1972)
Integrou a Senate Intelligence Committee (198x)
Funcionário do Secretário Adjunto de Defesa [Richard Perle](#) (1981 – 1987)
Consultor para o Consultant For The Office of Net Assessment (199x)
Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)
Signatário da carta do [Project For The New American Century](#) ao presidente [Bill Clinton](#) (1998)
Diretor do Office of Special Plans (S/D)
Membro (Senior Fellow) do [Hudson Institute](#) (2010)
Foi orientando de [Leo Strauss](#) na University of Chicago
Foi colega de quarto de [Paul Wolfowitz](#) na University of Chicago

Shultz, George Pratt (1920 – 2021)

Acadêmico
Graduado pela Princeton University (1942)
Doutor pelo Massachusetts Institute of Technology (1949)
Professor no Massachusetts Institute of Technology (1949 – 1957)
Membro do Council of Economic Advisers de [Dwight Eisenhower](#) (1955)
Professor na University of Chicago (1957)
Reitor da Graduate School of Business da University of Chicago (1962 – 1968)
Secretário do Trabalho (1969 – 1970) nomeado por [Richard Nixon](#)
Diretor do Office of Management And Budget (1970 – 1972)
Membro (Fellow) da American Academy of Arts And Sciences (1970)
Secretário do Tesouro (1972–1974)
Vice-Presidente Executivo do Bechtel Group (1974)

Secretário de Estado dos Estados Unidos (1982 – 1989), Tendo [Philip Zelikow](#) na Equipe de Secretariado
Peça Central no Caso Irã–Contra (1985 – 1987)
Professor na Stanford University (1989)
Conselheiro Informal para a Campanha Presidencial de [George W. Bush](#) (2000)
Membro do Vulcans, Grupo de Mentores Políticos de [George W. Bush](#), junto de [Condoleezza Rice](#), [Dick Cheney](#), [Paul Wolfowitz](#) e [Robert Zoellick](#) (2000)
Membro (Distinguished Fellow) da Hoover Institution (2001)
Presidente (Chairman) da Jpmorgan Chase's International Advisory Council (200x)
Membro (Distinguished Fellow) da American Economic Association (2004)
Cofundador do Climate Leadership Council (2017), Com [James Baker III](#)

Silberman, Laurence Hirsch (1935 – 2022)

Acadêmico / Político

Graduado pela Dartmouth College (1957)
Graduado pela Harvard Law School (1961)
Professor (Lecturer) na University of Hawai (1962 – 1963)
Vice–Presidente Executivo do Crocker National Bank (196x)
Procurador do Trabalho Dos Estados Unidos (1969 – 1970)
Subsecretário do Trabalho de (1970 – 1973)
Procurador–Geral Adjunto Dos Estados Unidos (1974 – 1975) nomeado por [Richard Nixon](#)
Procurador–Geral Em Exercício Durante a Crise de Watergate.
Embaixador Dos Estados Unidos da Iugoslávia (1975 – 1976)
Co–Presidente dos Conselheiros de Política Externa da candidatura de [Ronald Reagan](#) (1980)
Membro do Comitê Consultivo Geral sobre Controle de Armas e Desarmamento do Conselho de Política de Defesa (1981 – 1985)
Juiz do Tribunal de Apelações dos Estados Unidos para o circuito do distrito de Columbia (1985 – 2000), nomeado por Ronald Regan
Professor Adjunto na Georgetown University (1987 – 1994)
Figura importante na condenação de Oliver North no Caso Irã–Contra
Professor na New York University (1995 – 1996)
Professor Adjunto na Georgetown University (1997 – 1999)
Professor na Harvard University (1998)
Juiz Sênior do Tribunal de Apelações dos Estados Unidos para o circuito do distrito de Columbia (2000 – 2022)
Co–Presidente da Iraq Intelligence Commission (2004)
Membro da Commission on the Intelligence Capabilities of the United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004) Instaurado por [George W. Bush](#)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Smarick, Andy (S/D)

Acadêmico

Graduado pela University of Maryland (S/D)
Mestre pela University of Maryland (S/D)
Vice–Comissário de Educação de Estado de Nova Jersey (S/D)
Vice–Secretário Adjunto do Departamento de Educação Dos Estados Unidos (S/D)

Assistente Legislativo da Câmara Dos Representantes Dos Estados Unidos (S/D)
Pesquisador (Morgridge Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (S/D)
Diretor do Education Stimulus Watch, do [American Enterprise Institute](#) (2009)
Pesquisador (Fellow) do R Street Institute (S/D)
Pesquisador (Senior Fellow) do [Manhattan Institute](#) (S/D)
Presidente (President) do Maryland State Board of Education (S/D)
Presidente (Chair) da Maryland Higher Education Commission (S/D)
Membro do Conselho de Regentes da University of Maryland (2021 –)

Snow, John W. (1939 –)

Empresário / Acadêmico / Político
Graduado pela University of Toledo (1962)
Doutor pela University of Virginia (1965)
Professor Assistente na University of Maryland (1965 – 1968)
Doutor pela George Washington University Law School (1967)
Advogado na Wheeler & Wheeler (1967 – 1972)
Professor Assistente na George Washington University (1972 – 1975)
Conselheiro Assistente Geral do Departamento de Transportes (1972 – 1973)
Vice-Secretário Adjunto de Políticas, Planos e Assuntos Internacionais (1973 – 1974), no Departamento de Transportes.
Secretário Adjunto para Assuntos Governamentais (1974 – 1975), no Departamento de Transportes.
Administrador do National Highway Traffic Safety Administration (1976 – 1977)
Professor Visitante na University of Virginia (1977)
Pesquisador (Visiting Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (1977)
Vice-Presidente de Assuntos Governamentais da Chessie System Inc., (1977 – 1980)
Membro (Distinguished Fellow) da Yale School of Management (1978 – 1980)
Vice-Presidente Sênior da Csx Corp. (1980)
Presidente da CSX Corp. (1987 – 1991)
Presidente (Cairman) da Business Roundtable (1994 – 1996)
Secretário do Tesouro dos Estados Unidos (2003 – 2006), nomeado por [George W. Bush](#)
Presidente (Chairman) da Cerberus Capital Management (2006)

Sorkin, Andrew Ross (1977 –)

Jornalista
Redator do New York Times (1991 –)
Graduado pela Cornell University (1999)
Repórter Europeu de Fusões e Aquisições do New York Times (1999)
Repórter-Chefe de Fusões e Aquisições do New York Times (2000)
Fundador do Dealbook (2001)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2008 –)
Co-Âncora do programa de Tv Squawk Box (2011) da CNBC

Spencer, Richard Bertrand (1978 –)

Teórico da Conspiração
Graduado pela University of Chicago (2003)

Doutoramento Incompleto pela Duke University (2005)
Editor Assistente da [American Conservative](#) (2007)
Editor Executivo da Taki's Magazine (2008 – 2009)
Fundador do Website [AlternativeRight](#) (2010)
Diretor Executivo da [Washington Summit Publishers](#) (2011 –)
Presidente (President) do [National Policy Institute](#) (2011 –)
Apoiou Publicamente a Campanha Presidencial de [Donald Trump](#) (2016)
Expulso da [Conservative Political Action Conference](#) (2017)
Fundador da [Altright Corporation](#) (2017)
Colaborador do [American Renaissance](#)
Autodeclarado Neonazista
Supremacista Branco
Promotor da Teoria da Conspiração Genocídio Branco
Amigo de [Stephen Miller](#)

Stimson, Henry L. (1867 – 1950)

Político
Graduado na Harvard University(1890)
Advogado na Root And Clark (1891), de [Elihu Root](#)
Sócio da Root And Clark (1893)
Procurador dos Estados Unidos para o Distrito Sul de Nova York (1906 – 1909)
Secretário de Guerra Dos Estados Unidos (1911 – 1913) Tendo [Felix Frankfurter](#) como Assistente.
Secretário de Estado Dos Estados Unidos (1929 – 1933)
Secretário de Guerra Dos Estados Unidos (1940 – 1945)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)
Teve Controle Direto E Pessoal de Todo O Projeto da Bomba Atômica

Strauss, Leo (1899 – 1973)

Acadêmico
Graduado pela University of Marburg (1917)
Serviu no Exército Alemão (1917 – 1918)
Doutorado pela University of Hamburg (1921)
nomeado para a Berlin's Academy of Jewish Research (1925)
Recebeu Uma Bolsa Rockefeller (Fellowship) Em Ciências Sociais para Estudar Em Paris (1932)
Pesquisador (Research Fellow) na Columbia University (1937)
Professor na New School For Social Research (1937 – 1948)
Editor Associado da Social Research (1941 – 1948)
Professor de Filosofia Política na University of Chicago (1949 – 1968)
Professor (Robert Maynard Hutchins Distinguished Service Professor) da University of Chicago (1960)
Professor Visitante na University of California (1953)
Professor Visitante na Universidade de Jerusalém (1954 – 1955)
Doutor Honorário pela University of Hamburg (1965)

Pesquisador (Scott Buchanan Distinguished Scholar) Residente no St. John's College Em Annapolis, Maryland (1965 – 1973)

Orientador de [Allan Bloom](#)

Orientador de [Abram Shulsky](#)

Studeman, William Oliver (1940 –)

Político

Graduado pela University of The South (1962)

Mestre pela George Washington University (1973)

Diretor da Naval Intelligence (1985 – 1988)

Diretor da National Security Agency (1988 – 1993)

Vice-Diretor da Central Intelligence Agency (1989 – 2001)

Membro do Iraq Intelligence Commission (2004)

Membro da Commission on the Intelligence Capabilities of The United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004) Instaurado por [George W. Bush](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Tarcov, Nathan (1948 –)

Acadêmico

Graduado pela Cornell University (1968)

Doutor pela Harvard University (1975)

Professor (Instructor) na Harvard University (1974 – 1975)

Professor Assistente na Harvard University (1975 – 1977)

Professor Assistente na University of Chicago (1978 – 1981)

Professor (Associate Professor) na University of Chicago (1982 – 1992)

Professor (Full Professor) na University of Chicago (1992 –)

Co-Diretor da John M. [Olin](#) Center, Em Chicago, (1983 – 1992)

Diretor da John M. [Olin](#) Center, Em Chicago, (1992 –)

Convidou [Francis Fukuyama](#) para discursar sobre o “Fim da História” no John [Olin](#) Center

Tarnoff, Peter (1937 – 2023)

Acadêmico / Diplomata

Graduado pela Colgate University (1958)

Pós-Graduado pela University of Chicago (196x)

Pós-Graduado pela University of Paris (196x)

Analista no Bureau of Intelligence And Research (1966 – 1967)

Diretor do Office of Research And Analysis for Western Europe (1975–1976)

Secretário-Executivo do Distrito de Columbia (1977 – 1981)

Professor (Lecturer) na Stanford University (1982 – 1983)

Professor (Lecturer) Georgetown University (1982 – 1983)

Presidente (President) do [Council on Foreign Relations](#) (1986 – 1993)

Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos, do Distrito de Columbia (1993 –1997)

Taylor, Samuel Jared (1951 –)

Teórico da Conspiração

Graduado pela Yale University (1973)

Mestre pela Paris Institute of Political Studies (1978)
Diretor de Empréstimos Internacionais da Manufacturers Hanover Corporation de (1978 – 1981)
Editor da Pc Magazine (1983 – 1988)
Fundador da [American Renaissance](#) (1990), Ainda como boletim informativo
Fundador da [New Century Foundation](#) (1994)
Fundador da [American Renaissance](#) (1994)
Diretor da [National Policy Institute](#) (200x)
Apoiou Publicamente a Campanha Eleitoral de [Donald Trump](#) (2016)
Defensor da Teoria da Conspiração do Genocídio Branco
Supremacista Branco

Telhami, Shibley (1951 –)

Acadêmico

Graduado pela City University of New York (1974)
Mestre pela University of California (1978)
Doutor pela University of California (1986)
Professor (Lecture) na Princeton University (1983 – 1984)
Professor (Lecture) na Swarthmore College (1984 – 1985)
Professor Assistente na University of Southern California (1985 – 1987)
Professos Assistente na Ohio State University (1984 – 1989)
Professor Visitante na Johns Hopkins University (1990)
Conselheiro da Representante Lee Hamilton (1990)
Conselheiro da Missão Dos Estados Unidos Nas Nações Unidas (1990 – 1991)
Professor Visitante na Columbia University (1990 – 1991)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1990 –)
Membro (Visiting Fellow) do Brookings Institution (1995)
Membro (Guest Scholar) do Woodrow Wilson Center (1996)
Professor Associado da Cornell University (1991 – 1997)
Membro (Non-Resident Senior Fellow) do Brookings Institution (1997 –)
Conselheiro Sênior Externo do United States Special Middle East Envoy, George Mitchell (2009 – 2011)
Professor Efetivo da University of Maryland (1997 –)
Membro do U.S. Government's Advisory Board On Public Diplomacy in the Arab And Muslim World (2003), nomeado por [George W. Bush](#)
Diretor do Department of Government And Politics, da College Park, University of Maryland (2016 –)

Tenet, George John (1953 –)

Político

Graduado pela Georgetown University (1976)
Mestre pela Columbia University (1978)
Diretor de Pesquisa do American Hellenic Institute (1978 – 1979)
Diretor Legislativo do Senador H. John Heinz III (1982 – 1985)
Membro da Equipe do Senate Select Committee On Intelligence (1985 – 1988)
Diretor de Equipe do Senate Select Committee On Intelligence (1988 – 1993)

Membro da Equipe de Transição de Segurança Nacional do Presidente [Bill Clinton](#) (1992)
Diretor Sênior da Intelligence Programs do Conselho de Segurança Nacional (1993 – 1995), nomeado por [Bill Clinton](#)
Vice–Diretor da Central Intelligence Agency (1995 – 1997), Tendo [Jami Miscik](#) como Assistente Executiva
Diretor da Central Intelligence Agency (1996 – 2004)
Membro do [Council on Foreign Relations](#) (1999 –)
Testemunhou Perante Uma Audiência Pública da 9/11 Commission (2003)

Terry, Randall Allen (1959 –)

Político / Ativista Político
Graduado pela Whitfield College (1995)
Fundador da Operation Rescue (1987)
Líder da Operation Rescue (1987 – 1991)
Fundador da Society For Truth And Justice (2003)
Graduado pela State University of New York (2006)
Concorrente a Presidência Pelo Partido da Constituição (2024)

Thernstrom, Samuel (S/D –)

Acadêmico
Graduado pela Harvard University (19xx)
Secretário de Imprensa do Departamento de Conservação Ambiental do Estado de Nova York (1996 – 1999)
Redator de Discursos para O Governado George E. Pataki (1999 – 2001)
Redator–Chefe de Discursos do Departamento do Trabalho dos EUA (2001)
Diretor de Comunicações do Conselho do Council On Environmental Quality, da Casa Branca (2001– 2003)
Pesquisador do (Resident Fellow) do [American Enterprise Institute](#) (2003 – 2010)
Consultor Político Sênior da Geoengineering Task Force, Promovido pela Bipartisan Policy Center (2010 – 2011)
Fundador da Innovation Reform Action Project (2013)
Diretor Executivo da Energy Innovation Reform Project (2013 –)
Pesquisador (Senior Fellow) da Center For The National Interest

Thiessen, Marc Alexander (1967 –)

Jornalista
Graduado pela Vassar College (1989)
Secretário de Imprensa da Campanha para O Senado de Michael Huffington (1994)
Porta–Voz e Conselheiro Político Sênior do Senador Jesse Helms (1995 – 2001)
Redator–Chefe de discursos do Secretário de Defesa [Donald Rumsfeld](#) (2001 – 2004)
Redator–Chefe de discursos da Casa Branca (2004 – 2009), Escrevendo para [George W. Bush](#)
Pesquisador (Visiting Fellow) do [Hoover Institution](#) (2009 – 2010)
Cofundador do Oval Office Writers (2009 –)
Colunista do The Washington Post (2010 –)
Colaborador do Fox News (2014 –)
Membro (Senior Fellow) do [American Enterprise Institute](#)

Thompson, James Ja. (S/D –)

Empresário

Graduado pela University of New Hampshire (1967)

Doutor pela Purdue University (1972)

Pesquisador na University of Wisconsin–Madison (1972–1974)

Funcionário do Office of The Secretary of Defense (1974 – 1977)

Membro do Conselho de Segurança Nacional (1977 – 1981)

Diretor da Rand Corporation's (198x – 1989)

Diretor Executivo da Rand Corporation's (1989)

Presidente Honorário da Rand Corporation's

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Trump, Donald John (1946 –)

Empresário/ Político / Teórico da Conspiração

Graduado pela University of Pennsylvania (1968)

Presidente (President) da The Trump Organization (1971 – 2017)

Fundador da Donald Trump Foundation (1988)

Produtor do programa de Tv The Apprentice (2004 – 2015)

Apresentador do programa de Tv The Apprentice (2004 – 2015)

Presidente Dos Estados Unidos (2017 – 2021), Tendo: [Jeffrey Eisenach](#) e [Kyle Hauptman](#) na Equipe de Transição; [Rudy Giuliani](#) como Conselheiro; e [Mike Pence](#) como Vice-Presidente

Dono da The Trump Organization (2021 –)

Promotor da Teoria da Conspiração Birther

Tucker, Warren Charles (1924 –)

Acadêmico

Graduado pela United States Naval Academy (1945)

Doutor pela University of California (1949)

Coeditor do The [National Interest](#) (1985 – 1990)

Presidente (President) do Lehrman Institute (1982 – 1987)

Professor Emérito da Johns Hopkins University

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Tugwell, Rexford (1891 – 1979)

Acadêmico

Graduado pela Wharton School of The University of Pennsylvania (S/D)

Doutor pela Columbia University (S/D)

Professor na Columbia University (1920 – 1930)

Membro do Brain Trust de Roosevelt (1932), Junto de [Adolf Augustus Berle Jr](#) e [Raymond Moley](#)

Governador de Porto Rico (1941 – 1946)

Subsecretário do Departamento de Agricultura Dos Estados Unidos (1943)

Fundador e Diretor da Agricultural Adjustment Administration

Turner, Harold [Hal] Charles (1962 –)

Radialista / Teórico da Conspiração

Coordenador da Campanha Presidencial de [Pat Buchanan](#) (1992), na Nova Jersey

Apresentador do programa de Rádio The Right Perspective (200x – 2002)

Apresentador do programa Turner Radio Network (2001 – 2008)

Fundador do blog Turner Radio Network (2002 – 2008)

Apresentador do programa Turner Radio Network (2009)

Apresentador do programa Hal Turner Radio Show (2015 –)

Defensor da Teoria da Conspiração 9/11truth

Vest, Charles [Chuck] Marsteller (1941 – 2013)

Acadêmico

Graduado pela West Virginia University (1963)

Mestre pela University of Michigan (1964)

Doutor pela University of Michigan (1967)

Professor Associado da University of Michigan (1972 – 1977)

Professor da University of Michigan (1977 – 1986)

Reitor (Dean) Dae College of Engineering, da University of Michigan (1986 – 1989)

Reitor (Provost) da University of Michigan (1989 – 1990)

Presidente do Massachusetts Institute of Technology (1990 – 2004)

Membro da Iraq Intelligence Commission (2004)

Membro da Commission On The Intelligence Capabilities of The United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004) Instaurado por [George W. Bush](#)

Presidente da The National Academy of Engineering (2007 – 2013)

Membro da American Academy of Arts & Sciences

Viguerie. Richard Art (1933 –)

Escritor / Ativista Político

Voluntário Nas Campanhas Presidenciais de Dwight Eisenhower (1952 – 1956)

Graduado pela University of Houston (1957)

Gerente de Campanha da John Tower (1960)

Secretário-Executivo do Young Americans For Freedom (1961), Quando se relacionou com [William Buckley Jr](#) e [William A. Rusher](#)

Fundador da revista Conservative Digest (1975)

Wald, Patricia McGowan (1928—)

Política

Graduada pela Connecticut College For Women In New London (1948)

Doutora pela Yale Law School (1951)

Secretária do Juiz do Tribunal de Apelações do Circuito Dos Estados Unidos (1951–1952)

Advogada na Arnold, Fortas & Porter, Washington (1952–1953)

Membro da Comissão Criminal de Washington Capital (1964–65)

Codiretora do Project Drug Abuse, da Ford Foundation (1970)

Advogada no Center for Law And Social Policy (1971 – 1972)

Membro do Conselho Administrativo da Ford Foundation (1971)

Procurador–Geral Assistente para ssuntos Legislativos, do Departamento de Justiça (1977–

1979)

Juíza do Tribunal de Apelações dos Estados Unidos Circuito do Distrito de Colúmbia (1979 – 1999)

Juiz Chefe do Tribunal de Apelações dos Estados Unidos para O Circuito do Distrito de Colúmbia (1986 – 1991)

Juiz do Tribunal Penal Internacional para a Ex-Iugoslávia (1999 – 2001)

Presidente do Conselho de Administração Open Society Justice Initiative (2003 – 2005)

Co-Presidente da Iraq Intelligence Commission (2004), Instaurado por [George W. Bush](#)

Membro da Commission On The Intelligence Capabilities of The United States Regarding Weapons of Mass Destruction. (2004) Instaurado por [George W. Bush](#)

Wallison, Peter J. (1941 –)

Acadêmico

Graduado pela Harvard University (1963)

Presidente da [Young Republicans](#) (196x)

Graduado pela Harvard Law School (1966)

Advogado na Rogers & Wells (1966–1971)

Assistente Especial do Vice-Presidente [Nelson Rockefeller](#) (1972 – 1976)

Conselheiro Geral do Departamento do Tesouro Dos Estados Unidos (1981 – 1985)

Membro do [American Enterprise Institute](#)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Walt, Stephen Martin (1955 –)

Acadêmico

Graduado pela Stanford University (1977)

Mestre pela University of California (1978)

Doutor pela University of California (1983)

Pesquisador (Research Fellow) na Harvard University (1981 – 1984)

Pesquisador (Resident Associate) na Carnegie Endowment For International Peace (1986 – 1987)

Pesquisador (Guest Scholar) na Brookings Institution (1988)

Professor Assistente na Princeton University (1984 – 1989)

Professor Associado na University of Chicago (1989 – 1995)

Professor na University of Chicago (1995 – 1999)

Membro do Conselho Editorial da Foreign Policy (1997 –)

Reitor Acadêmico (Academic Dean) da John F. Kennedy School of Government, da Harvard University (2002 – 2006)

Membro do [Council on Foreign Relations](#) (2002 –)

Membro do Task Force on Transatlantic Relations, do [Council on Foreign Relations](#) (2003 – 2004)

Vencedor do Prêmio Arthur Ross Book Award, dado pelo [Council on Foreign Relations](#) (2004)

Vencedor do Prêmio Arthur Ross Book Award, dado pelo [Council on Foreign Relations](#) (2005)

Walvoord, John Flipse (1910 – 2002)

Pastor

Graduado pela Wheaton College (S/D)

Mestre pela Texas Christian University (S/D)

Doutor pela [Dallas Theological Seminary](#) (1936)

Professor na [Dallas Theological Seminary](#) (1936 – 2001)

Presidente da [Dallas Theological Seminary](#) (1952 – 1986)

Watson, Paul Joseph (1982 –)

Teórico da Conspiração

Editor do [Infowars](#) (2002 –)

Colaborador do [The Alex Jones Show](#) (S/D)

Co-Apresentador do [The Alex Jones Show](#) (S/D) Com [Alex Jones](#)

Apresentador no Canal do Youtube Prisonplanetlive (S/D)

Apoiou Publicamente a Campanha Eleitoral de [Donald Trump](#) (2016)

Defensor da Teoria da Conspiração da Nova Ordem Mundial

Defensor da Teoria da Conspiração da Cultura Woke

Wattenberg, Benjamin Joseph (1933 – 2015)

Acadêmico

Graduado pela Hobart College (1955)

Membro da Força Aérea dos Estados Unidos (1955 – 1957)

Redator de Discursos para O Presidente Lyndon B. Johnson (1966 – 1968)

Membro do Presidential Advisory Board (197x), do Presidente Jimmy Carter

Membro do Board of Radio Free Europe And Radio Liberty (1981 – 1991), nomeado Pelo

Presidente [Ronald Reagan](#)

Membro do Task Force on U.S. Government International Broadcasting (1991), nomeado

Pelo Presidente [George H. W. Bush](#)

Apresentador do Programa Think Tank With [Ben Wattenberg](#) (1994 – 2001), Com [Jonah Goldberg](#)

Membro Sênior do Membro do [American Enterprise Institute](#) (2001)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Membro (Adjunct Fellow) da [Hudson Institute](#)

Weber, John Vincent (1952 –)

Político / Lobista

Graduado pela University of Minnesota (1974)

Secretário do representante Tom Hagedorn (1974 – 1975)

Assessor Sênior do Senador Rudy Boschwitz (1977 – 1980)

Presidente (President) da Weber Publishing Compan (1976 – 1978)

Membro da Câmara Dos Representantes Dos Estados Unidos Pelo Estado de Minnesota (1981 – 1993)

Diretor do [Council on Foreign Relations](#) (199x –)

Fundador da Agência Lobista Clark & Weinstock (1994)

Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)

Signatário da Carta do [Project for the New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#)

(1998)

Conselheiro Eleitoral de Robert Dole (1996)

Co-Presidente do Independent Task Force on U.S. Policy Toward Reform in the Arab World, do [Council on Foreign Relations](#) (200x), Com [Madeleine Albright](#)

Conselheiro Eleitoral de [George W. Bush](#) (2004)

Conselheiro Eleitoral de Willard Romney (2008)

Presidente (Chairman) da National Endowment For Democracy

Pesquisador (Senior Fellow) na Humphrey Institute, da University of Minnesota (2007)

Weigel, George (1951 –)

Acadêmico

Graduado pela St. Mary's Seminary And University (1973)

Professor (Lecturer) na Christian Brothers College (1974 – 1975)

Mestre pela University of St. Michael's College (1975)

Professor Assistente na St. Thomas Seminary (1975 – 1977)

Reitor Assistente da St. Thomas Seminary (1975 – 1977)

Professor (Instructor) na Religious Education Center (1975 – 1978)

Fundador da Cathedral Fellowships In World Affairs (1980)

Diretor da Cathedral Fellowships In World Affairs (1980 – 1984)

Co-Diretor da American Initiatives Project (1981 – 1984)

Pesquisador (Research Fellow) na Woodrow Wilson International Center for Scholars (1984 – 1985)

Presidente (President) da James Madison Foundation (1985 – 1989)

Editor da American Purpose (1987 –)

Presidente (President) Ethics And Public Policy Center (1989 – 1996)

Pesquisador (Senior Fellow,) da Ethics And Public Policy Center (1996 –)

Signatário do [Project for the New American Century](#) (1997)

Weinberger, Caspar Willard (1917 – 2006)

Político

Graduado pela Harvard Law School (1941)

Cadete do Exército dos Estados Unidos (1942 – 1945)

Secretário Jurídico de William Edwin Orr (1945 – 1947)

Membro da Assembleia do Estado da Califórnia (1953 – 1959)

Presidente (Chair) do Partido Republicano da Califórnia (1962 – 1964)

Presidente (Chairman) da Commission On California State Government Organization And Economy (1967), nomeado por [Ronald Reagan](#)

Diretor do Departamento de Finanças da Califórnia (1968 – 1969)

Presidente (Chairman) da Federal Trade Commission (1970)

Vice-Diretor do Office of Management And Budget (1970–1972), nomeado por [Richard Nixon](#)

Diretor do Office of Management And Budget (1972 – 1973), Tendo [Colin Powell](#) como Assistente

Secretário de Saúde, Educação e Bem-Estar (1973–1975)

Vice-Presidente E Conselheiro Geral da Bechtel Corporation (1975 – 1980)

Secretário de Defesa (1981 – 1987), Tendo [Colin Powell](#) como Assistente Militar Sênior e [Michael Ledeen](#) como Consultor
Envolvido no Caso Irã–Contra (1981 – 1986)

Weisbach, David A. (S/D –)

Acadêmico

Graduado pela University of Michigan (1985)

Mestre pela Cambridge University (1986)

Doutor pela Harvard Law School (1989), Com Bolsa John M. [Olin](#) Fellow

Advogado–Assessor do Conselho Legislativo Tributário da Secretaria da Fazenda (1992)

Professor Associado na Georgetown Law Center (1996 – 1998)

Professor na University Of Chicago (2004 –)

Pesquisador (Fellow) da Saïd School of Business, da Oxford University (2006 –)

Pesquisador Visitante (Visiting Scholar) na American Enterprise [Institute](#) (2007 – 2015)

Professor Visitante na Yale University (2009)

Pesquisador (Senior Fellow) no Computation Institute and Argonne National Laboratories, da University of Chicago (2011 – 2018)

Membro da American Academy of Arts & Sciences (2012)

Welch, Robert (1899 – 1985)

Empresário

Graduação Incompleta na Academia Naval Dos Estados Unidos (S/D)

Graduação Incompleta na Harvard Law School (S/D)

Fundou a Oxford Candy Company (192x)

Diretor de Vendas e Publicidade da James O. Welch Company (193x)

Diretor das Câmaras de Comércio de Boston E Cambridge (193x)

Diretor da Câmara de Comércio dos Estados Unidos. (S/D)

Fundador da One Man's Opinion Magazine (1956), Mais tarde renomeada American Opinion

Fundou a [John Birch Society](#) (1958)

Presidente da [John Birch Society](#) (1958 – 1983)

Editor da revista American Opinion (196x)

Editor da revista The Review of The News (196x)

Weyrich, Paul Michael (1942 – 2008)

Ativista Político

Frequentou a University of Wisconsin (196x)

Membro da Young Republicans do Condado de Racine (1961 – 1963)

Repórter Político do Jornal Milwaukee Sentinel (196x)

Repórter Político e Âncora de Fim de Semana da Wisn–Tv (196x)

Secretário de Imprensa do Senador Gordon L. Allott (1966)

Fundou a Analysis And Research Inc. (1971)

Fundou a [Heritage Foundation](#) (1973), Com [Joseph Coors](#) e [Edwin Feulner](#)

Fundador do American Legislative Exchange Council (1973)

Fundou a [Free Congress Research And Education Foundation](#) (1977), Com [Joseph Coors](#)

Fundador da [Moral Majority](#) (1979) com [Jerry Falwell Sr.](#)

Fundador do National Policy Council (1981) Com [Joseph Coors](#)

Co-Editor da revista Conservative Digest (198x)

Whitman, Christine Todd (1946 –)

Política (Republicana)

Graduada pela Wheaton College (1968)

Trabalhou para Nelson Rockefeller Durante Sua Campanha Presidencial (1968)

Serviu Ao U.S. Office of Economic Opportunity (197x)

Membro do Somerset County Board of Chosen Freeholders (1983 – 1988)

Presidente (President) da New Jersey Board of Public Utilities (1988 – 1990)

Ajudou a Fundar O Committee For Responsible Government (1993)

Governadora do Estado de Nova Jersey (1994 – 2001)

Presidente (Administrator) da United States Environmental Protection Agency (2001 – 2003),

Nomeada por [George W. Bush](#)

Membro do Conselho Administrativo da Texas Instruments (2008)

Membro do Conselho Administrativo do Americans Elect (2011)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Will, George Frederick (1941 –)

Jornalista

Graduado pela Trinity College (1962)

Doutor pela Princeton University (1968)

Funcionário do Senador Gordon Allott (1970 – 1972)

Professor na Michigan State University (197x)

Editor da [National Review](#) (1972 – 1978)

Colunista do Washington Post (1974 – 2014)

Vencedor do Pulitzer Prize For Commentary (1977)

Colaborador do Programa Agronsky & Company From (1977 – 1984)

Fundador do Programa Abc's This Week With David Brinkley (1981)

Colaborador para a Fox News (2013 – 2017)

Willett, Don [Donny] Ray (1966 –)

Acadêmico / Político

Graduado pela Baylor University (1988)

Membro da Baylor Chamber of Commerce (198x)

Pesquisador Assistente na Duke University (1989 – 1992)

Mestre pela Duke University (1992)

Editor da Law & Contemporary Problems (199x)

Doutor pela Duke University School of Law (1992)

Pesquisador (Senior Fellow) na Texas Public Policy Foundation (1993 – 1996)

Diretor de Pesquisa E Projetos Especiais do Estado do Texas (1996 – 2000), no Governo

[George W. Bush](#)

Conselheiro Especial para Política Interna E Projetos Especiais da Equipe de Transação de [George W. Bush](#) (2000 – 2001)

Diretor de Direito E Política do White House Office of Faith-Based And Community Initiatives (2001), nomeado por [George W. Bush](#)

Procurador-Geral Adjunto do Office of Legal Policy do Departamento de Justiça Dos Estados

Unidos (2002)

Consultor Jurídico–Chefe do Gabinete do Procurador–Geral do Texas (2003 – 2005)

Pesquisador (Non–Resident Fellow) no Program For Research On Religion And Urban Civil Society da University of Pennsylvania (2003 – 2005)

Juiz da Suprema Corte do Texas (2005 – 2018)

Juiz do Tribunal de Apelações do Quinto Circuito dos Estados Unidos (2018 –), nomeado por [Donald Trump](#)

Williams, Mark (S/D)

Radialista / Ativista Político

Representante Comercial da Rádio Wpep

Produtor Executivo na Rádio Wrko Am

Vencedor do Prêmio Mark Twain Award, da Associated Press Radio And Television Association (200x)

Vencedor do Prêmio Greater Bay Area Journalism Awards. (200x)

Porta–Voz do [Tea Party Express](#) (200x – 2010)

Wohlforth, William Curti (1959 –)

Acadêmico

Graduado pela Beloit College (1982)

Mestre pela Yale University (1984)

Doutor pela Yale University (1989)

Pesquisador (Foreign Policy Fellow) [Hoover Institution](#) (1992)

Professor Assistente na Princeton University (1989 – 1996)

Pesquisador ([Olin](#) Fellow In International Security Studies) na Yale University (1996 – 1998)

Professor Assistente na Georgetown University (1989 – 2000)

Professor Associado na Dartmouth College (2000 – 2005)

Professor na Dartmouth College (2005 –)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Wolf, Naomi (1962 –)

Jornalista / Teórica da Conspiração

Graduada pela Yale University (1984)

Consultora para a Campanha Presidencial de [Al Gore](#) (2000)

Contribuinte para o Jornal The Nation (200x)

Contribuinte para o Jornal The New Republic (200x)

Contribuinte para o Jornal The Guardian (200x)

Contribuinte para o Jornal Huffington Post. (200x)

Pesquisador do Barnard College

Pesquisadora University of Oxford

Doutora pela Oxford University (2015)

Endossou o Movimento Anti–Vacina (2020)

Wolfowitz, Paul Dundes (1943 –)

Político / Acadêmico

Graduado pela Cornell University (1965)

Professor na Yale University (1970 – 1972)
 Doutor pela University of Chicago (1972)
 Membro da Strategic Arms Limitation Talks (1973 –1977)
 Vice-Secretário Adjunto de Defesa (1977 – 1980)
 Diretor de Planejamento de políticas no Departamento de Estado dos Estados Unidos (1981)
 Secretário de Estado Adjunto para Assuntos do Leste Asiático e Pacífico (1982), Apontado por [George Shultz](#)
 Embaixador na Indonésia (1986 – 1989)
 Subsecretário de Defesa para Política (1989 – 1993), Sob Comando de [Dick Cheney](#)
 Professor na National War College (1993)
 Coautor do Defense Planning Guidance (1994–1999) Junto de [Scooter Libby](#), [Zalmay Khalilzad](#) e [Andrew Marshall](#)
 Reitor da School of Advanced International Studies da Johns Hopkins University (1994–2001)
 Signatário do [Project For The New American Century](#) (1997)
 Signatário da Carta do [Project For The New American Century](#) ao presidente [Bill Clinton](#) (1998)
 Membro do Vulcans, Grupo de Mentores Políticos de [George W. Bush](#), junto de [Condoleezza Rice](#), [Dick Cheney](#), [Scooter Libby](#), [George Shultz](#) e [Robert Zoellick](#) (2000)
 Vice-Secretário de Defesa dos Estados UNidos (2001 – 2005), Subordinado a Donald Rumsfeld
 Presidente do The World Bank (2005 – 2007)
 Conselheiro Presidencial de [Jeb Bush](#) (2015)
 Foi Aluno de [Allan Bloom](#) em Cornell University
 Foi Colega de Quarto de [Abram Shulsky](#) na University of Chicago
 Foi Professor de [Scooter Libby](#) em Yale University
 Membro do [Council On Foreign Relations](#)

Yiannopoulos, Milo (1984 –)

Ativista Político
 Graduação Incompleta pela University of Mancheste (200x)
 Jornalista no The Catholic Herald (200x)
 Jornalista no The Daily Telegraph. (2009)
 Cofundador do The Kernel (2011)
 Editor do Breitbart News (2014 – 2017)
 Colaborava Com Devin Saucier, do [American Renaissance](#), para ideias e Histórias para Reportagens (2017)
 Convidado para Discursar no Conservative Political Action Conference (2017), Porém, Foi Cancelado Após Denúncias de Pedofilia
 Estagiário da Política Republicana Marjorie Taylor Greene (2022)

York, Byron (1955 –)

Jornalista
 Graduado pela University of Alabama (S/D)
 Mestre pela University of Chicago (S/D)
 Repórter no The American Spectator (199x)

Produtor de notícias na CNN Headline News (199x)
Correspondente da Casa Branca para a [National Review](#) (2002)
Correspondente Político da The [Washington Examiner](#) (2009 –)

Zakaria, Fareed Rafiq (1964 –)

Acadêmico
Graduado pela Yale University (1986)
Editor da revista Foreign Affairs (1992)
Doutor pela Harvard University (1993)
Professor Adjunto na Columbia University (199x)
Colunista da revista Newsweek (2000 – 2010)
Membro do Conselho Administrativo do [Council on Foreign Relations](#) (2004 – 2014)
Apresentador do Programa Foreign Exchange (2005–2007)
Editor E Colunista da revista Time (2010 – 2014)
Apresentador do Fareed Zakaria Gps (2008 –)
Membro do Conselho Administrativo do [Council on Foreign Relations](#) (2017 –)
Aluno de Samuel Huntington Em Harvard University
Aluno de Robert Keohane Em Harvard University

Zelikow, Philip. (1954 –)

Acadêmico / Político
Graduado pela University of Redlands (S/D)
Doutor pela University of Houston Law Center (S/D)
Doutor pela Tufts University (S/D)
Advogado Informativo no Tribunal de Apelações Criminais do Texas (1979)
Advogado da David Berg And Associates (1980 – 1983), Hoje Berg & Androphy
Membro da Equipe de Secretariado do Secretário de Estado [George Shultz](#) (1982 – 1989)
Professor na Naval Postgraduate School (1984 – 1985)
Diretor da European Security Affairs, do Conselho de Segurança Nacional (1989 – 1991)
Trabalhou Com [James Baker III](#) no Conselho de Segurança Nacional (199x)
Professor Associado na Harvard University (1991– 1998)
Professor na University of Virginia (1998 –)
Diretor do Miller Center of Public Affairs, da University of Virginia (1998 –)
Membro da Equipe de Transição de [George W. Bush](#) (2000 – 2001)
Diretor Executivo da 9/11 Commission (2003)
Conselheiro do Departamento de Estado dos Estados Unidos (2005 – 2007)
Membro do [Council on Foreign Relations](#)

Zoellick, Robert Bruce (1953–)

Político
Graduado pela Swarthmore College (1975)
Doutor pela Harvard Law School (1981)
Assistente Jurídico da Juíza Patricia Wald (1982 – 1983)
Conselheiro do Secretário de Tesouro [James Baker III](#) (1985)
Secretário–Executivo no Departamento de Tesouro (198x)
Subsecretário Adjunto de Política de Instituições Financeiras (198x) do Departamento de

Tesouro

Subsecretário de Estado dos Assuntos Econômicos e Agrícolas (1991 – 1992)

Vice–Chefe de Gabinete da Casa Branca (1992 – 1993), nomeado por [George H. W. Bush](#)

Vice–Presidente Executivo da Federal National Mortgage Association (1993 – 1997)

Vice–Presidente Executivo E Conselheiro Geral da Fannie Mae. (1993 – 1997)

Membro do Conselho Administrativo do [Council on Foreign Relations](#) (1994 – 2001)

Diretor da Aspen Strategy Group (1996 – 1999)

Professor na U.S. Naval Academy (1997 – 1998)

Signatário da Carta do [Project for the New American Century](#) ao Presidente [Bill Clinton](#) (1998)

Membro do Vulcans, Grupo de Mentores Políticos de [George W. Bush](#), junto de [George Shultz](#), [Dick Cheney](#) e [Paul Wolfowitz](#) (2000)

Representante Comercial Dos Estados Unidos (2001 – 2005), nomeado por [George W. Bush](#)

Vice–Secretário de Estado Dos Estados Unidos (2005 – 2006), nomeado por [George W. Bush](#)

Presidente do World Bank Group (2007 – 2012), nomeado por [George W. Bush](#)

Membro (Fellow) da Harvard Kennedy School's Belfer Center For Science And International Affairs (2012 –)

Membro do [Council on Foreign Relations](#)